

STEPHEN KING

O TALISMĂ

PETER STRAUB





STEPHEN KING
PETER STRAUB

O TALISMĂ



Copyright © Stephen King e Peter Straub, 1984
Publicado mediante acordo com o autor através de The Lotts Agency Ltd.
Proibida a venda em Portugal, Angola e Moçambique

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
The Talisman

Capa
Adaptação de Rodrigo Rodrigues sobre design original de Rex Bonomelli

Imagem de Capa
Jody Doyle/Getty Images

Tradutor
Mário Molina

Copidesque
Regiane Winarski

Revisão
Michele Paiva
Raquel Correa
Juliana Santana

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64t

King, Stephen

O talismã [recurso eletrônico] / Stephen King e Peter Straub ; tradução de Mário Molina.
- Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.

recurso digital

Tradução de: *The Talisman*

Formato: ePub

Requisitos do sistema:

Modo de acesso:

752p. ISBN 978-85-8105-162-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Straub, Peter. II. Molina, Mário. III. Título.

10-5425.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

PRIMEIRA PARTE – Jack Atravessa

Capítulo Um

A Pousada dos Jardins do Alhambra

Capítulo Dois

O Funil se Abre

Capítulo Três

Speedy Parker

Capítulo Quatro

A Passagem

Capítulo Cinco

Jack e Lily

INTERLÚDIO

Sloat Neste Mundo (I)

SEGUNDA PARTE – O Caminho das Provas

Capítulo Seis

O Pavilhão da Rainha

Capítulo Sete

Farren

Capítulo Oito

O Túnel de Oatley

Capítulo Nove

Jack na Planta Carnívora

Capítulo Dez

Elroy

Capítulo Onze

A Morte de Jerry Bledsoe

Capítulo Doze

Jack Vai ao Mercado

Capítulo Treze

Os Homens no Céu

Capítulo Quatorze

Buddy Parkins

Capítulo Quinze

A Canção do Bola de Neve

Capítulo Dezesseis

Lobo

INTERLÚDIO

Sloat Neste Mundo (II)

Capítulo Dezesete

Lobo e o Rebanho

Capítulo Dezoito

Lobo Vai ao Cinema

Capítulo Dezenove

Transformação

TERCEIRA PARTE – Uma Colisão de Mundos

Capítulo Vinte

Sob o Jugo da Lei

Capítulo Vinte e Um

A Casa Sunlight

Capítulo Vinte e Dois

O Sermão

Capítulo Vinte e Três

Ferd Janklow

Capítulo Vinte e Quatro

Jack dá Nome aos Planetas

Capítulo Vinte e Cinco

Jack e Lobo Descem ao Inferno

Capítulo Vinte e Seis

Lobo na Caixa

Capítulo Vinte e Sete

Jack Escapa Outra Vez

Capítulo Vinte e Oito

O Sonho de Jack

Capítulo Vinte e Nove

Richard no Colégio

Capítulo Trinta

O Colégio Fica Estranho

Capítulo Trinta e Um

O Colégio Desce ao Inferno

Capítulo Trinta e Dois

“Entregue o Viajante!”

Capítulo Trinta e Três

Richard na Escuridão

INTERLÚDIO

Sloat Neste Mundo/Orris nos Territórios (III)

QUARTA PARTE – O Talismã

Capítulo Trinta e Quatro

Anders

INTERLÚDIO

Sloat Neste Mundo (IV)

Capítulo Trinta e Cinco

As Terras Secas

Capítulo Trinta e Seis

Jack e Richard Vão à Guerra

Capítulo Trinta e Sete

Richard se Lembra

Capítulo Trinta e Oito

O Fim da Estrada

Capítulo Trinta e Nove

[Point Venuti](#)

[Capítulo Quarenta](#)

[Speedy na Praia](#)

[INTERLÚDIO](#)

[Sloat Neste Mundo \(V\)](#)

[Capítulo Quarenta e Um](#)

[O Hotel Negro](#)

[Capítulo Quarenta e Dois](#)

[Jack e o Talismã](#)

[Capítulo Quarenta e Três](#)

[Notícias de Toda Parte](#)

[Capítulo Quarenta e Quatro](#)

[O Terremoto](#)

[Capítulo Quarenta e Cinco](#)

[No Qual Muitas Coisas São Resolvidas na Praia](#)

[Capítulo Quarenta e Seis](#)

[Outra Jornada](#)

[Capítulo Quarenta e Sete](#)

[O Fim da Jornada](#)

EPÍLOGO

CONCLUSÃO

A maioria dos personagens

Este livro é dedicado a
RUTH KING
ELVENA STRAUB

Bem, quando eu e Tom chegamos ao topo da colina, contemplamos a vila lá embaixo e vimos três ou quatro luzes piscando, onde talvez houvesse gente doente; as estrelas sobre nós cintilavam como nunca, e junto à vila ficava o rio, um quilômetro e meio de largura, terrivelmente quieto e majestoso.

MARK TWAIN, *Huckleberry Finn*

Minhas roupas novas estavam todas ensebadas, cheias de barro, e eu estava morto de cansaço.

MARK TWAIN, *Huckleberry Finn*

PRIMEIRA PARTE

Jack Atravessa

Capítulo Um

A Pousada dos Jardins do Alhambra

1

EM 15 DE SETEMBRO DE 1981, um menino chamado Jack Sawyer estava onde a terra e o mar se encontram, mãos nos bolsos do jeans, contemplando o inabalável Atlântico. Tinha 12 anos e era alto para a idade. A brisa marinha fazia voar o cabelo castanho, provavelmente comprido demais, da testa lisa e delicada. Permanecia ali, a cabeça cheia das confusas e dolorosas emoções

com que aprendera a conviver nos últimos três meses — desde o momento em que a mãe fechara a casa onde moravam na Rodeo Drive em Los Angeles e, numa balbúrdia de mobília, cheques e imobiliárias, alugara um apartamento no Central Park West. Foi desse apartamento que fugiram para aquele tranquilo local de veraneio na pequena costa de New Hampshire. Ordem e rotina desapareceram do mundo de Jack. Sua vida parecia tão tumultuada, tão sem controle quanto a água agitada diante dele. Sua mãe o levava pelo mundo, mudando-o de um lugar para outro; mas o que fazia a mãe mudar?

A mãe estava fugindo, fugindo.

Jack olhou em volta, contemplou a praia deserta, primeiro à esquerda, depois à direita. À esquerda ficava o Arcadia Funworld, um parque de diversões que vivia sempre cheio de gente e barulho de fins de maio a inícios de setembro. Agora estava quieto e vazio, como um coração entre duas batidas. A montanha-russa era um conjunto de andaimes contra a monotonia nublada do céu; os pilares de sustentação, as cantoneiras de ferro pareciam pinceladas de carvão. Lá embaixo estava seu novo amigo, Speedy Parker, mas agora o menino não podia pensar em Speedy Parker. À direita ficava a Pousada dos Jardins do Alhambra, e era para lá que os pensamentos implacáveis o levavam. No dia da chegada, Jack pensou ter visto um arco-íris sobre as águas-furtadas do telhado holandês. Uma espécie de sinal, promessa de coisas boas. Mas não havia arco-íris. Um cata-vento, preso num vento cruzado, girava da direita para a esquerda, da esquerda para a direita. Ele saltara do carro alugado, ignorando o desejo mudo da mãe para que tomasse alguma providência com relação à bagagem, e erguera os olhos. Acima do galo de latão do cata-vento havia apenas um céu esbranquiçado.

— Abra a mala e pegue a bagagem, filhinho — a mãe gritara. — Esta velha e cansada atriz quer entrar logo no hotel e procurar alguma coisa para beber.

— Um martíni seco — Jack dissera.

— “Você não é tão velha”, é isso que devia dizer.

Ela se ergueu com esforço do assento do carro.

— Você não é tão velha.

A mãe assumiu um ar luminoso — um lampejo da velha e arrogante Lily Cavanaugh (Sawyer), rainha, durante duas décadas, das produções classe B do cinema. Ela empinou as costas.

— Aqui vai ser muito bom, Jacky — ela dissera. — Tudo vai ser muito bom aqui. É um ótimo lugar.

Uma gaivota esvoaçou pelo telhado do hotel e, por um segundo, Jack teve a inquietante sensação de que o cata-vento alçara voo.

— Vamos ficar livres dos telefonemas por algum tempo, certo?

— Claro — Jack dissera. Ela queria se esconder do tio Morgan, não queria mais brigas com o sócio do falecido marido, queria se arrastar para a cama com um martíni seco e cobrir a cabeça com o cobertor...

Mamãe, o que está havendo com você?

Havia muita morte, a morte ocupava metade do mundo. A gaivota gritou lá em cima.

— Vamos lá, rapaz, vamos lá — a mãe dissera. — Vamos entrar no Reino das Maravilhas.

Então, Jack pensou: *Pelo menos, se as coisas ficarem realmente pretas, há sempre o tio Tommy para ajudar.*

Mas o tio Tommy já tinha morrido; só que a notícia ainda estava na outra ponta de um monte de fios de telefone.

O ALHAMBRA SE INCLINAVA sobre as águas, uma grande massa vitoriana apoiada em gigantescos blocos de granito que, quase imperceptivelmente, pareciam se fundir com um raso promontório — uma clavícula saliente de granito nos poucos e parcos quilômetros da costa de New Hampshire. Os jardins simétricos naquele pedaço de terra mal eram visíveis do ponto da praia onde Jack se encontrava — uma ponta verde-escura de cerca de fícus, mais nada. O galo de latão continuava contra o céu, hesitando entre o vento do oeste e o do noroeste. No saguão, uma placa anunciava que fora lá, em 1838, que a Conferência Metodista do Norte realizara a primeira das grandes manifestações abolicionistas da Nova Inglaterra. Daniel Webster fizera um discurso inspirado, apaixonado. Segundo a placa, Webster disse: “De hoje em diante, saibam que a escravidão como instituição americana começou a definhar, e logo deve morrer em todos os nossos estados e territórios.”

3

ASSIM CHEGARAM ELES, naquele dia da semana anterior que dera fim ao tumulto dos meses que passaram em Nova York. Em Arcadia Beach não havia advogados empregados por Morgan Sloat pulando de automóveis e sacudindo papéis que tinham de ser assinados, *tinham* de ser encaminhados, sra. Sawyer. Em Arcadia Beach, os telefones não tocavam sem parar do meio-dia às três da manhã (tio Morgan parecia esquecer que quem morava no Central Park West não partilhava do horário da Califórnia). De fato, em Arcadia Beach os telefones jamais tocavam.

Entrando na pequena cidade de veraneio, a mãe dirigindo com dupla concentração, Jack vira apenas uma pessoa nas ruas — um velho louco empurrando aleatoriamente um carrinho de mercado vazio por uma calçada. Acima deles havia aquele céu cinza e vazio, um céu incômodo. Em total contraste com Nova York, naquele lugar só havia o barulho contínuo do vento. O vento soprava por ruas desertas que, sem tráfego para ocupá-las, pareciam largas demais. E havia lojas vazias com tabuletas nas janelas: SÓ ABRE NOS FINS DE SEMANA ou, pior ainda, VOLTO EM JUNHO! Havia uma centena de lugares vazios para estacionar diante do Alhambra; havia mesas vazias no Arcadia Tea and Jam Shoppe, que ficava ao lado do hotel.

E pobres velhos loucos empurrando carrinhos de mercado por ruas desertas.

— Passei as três semanas mais felizes da minha vida neste lugarzinho engraçado — disse Lily, ultrapassando o velho (que virou a cabeça, Jack notou, para olhá-los por trás com atemorizada desconfiança — ele estava falando alguma coisa, mas Jack não saberia dizer o quê). Sacolejando, o carro seguiu o caminho sinuoso que atravessava os jardins na frente do hotel.

Foi para chegar ali que tinham enfiado todas as coisas sem as quais não podiam viver em malas, valises e sacos de compras de plástico, depois virado a chave na fechadura da porta do apartamento (ignorando o toque estridente do telefone, que pareceu atravessar o buraco da fechadura e persegui-los pelo corredor). Foi para chegar ali que tinham enchido o bagageiro e o banco traseiro do carro alugado com todas as sacolas e malas transbordando de coisas, que gastaram horas se arrastando para o norte pela rodovia Henry Hudson, depois horas e mais horas avançando pela estrada I-95 — porque, certa vez, Lily Cavanaugh Sawyer fora feliz ali. Em 1968, o ano anterior ao do nascimento de Jack, Lily fora indicada para um prêmio da Academia por seu desempenho num filme chamado *Labareda*. *Labareda* era melhor do que a maioria dos filmes em que Lily tinha trabalhado, e nele ela fora capaz de

demonstrar um talento bem maior do que tinha revelado em seus habituais papéis de moça má. Ninguém esperava que Lily vencesse, muito menos ela; mas para Lily o surrado clichê de que a verdadeira honra está na indicação, não na vitória, era mesmo verdade. Ela se sentia profunda e sinceramente orgulhosa, e para comemorar aquele momento de real reconhecimento profissional, Phil Sawyer tomara a sábia decisão de levá-la para três semanas de férias na Pousada dos Jardins do Alhambra, do outro lado do continente. Ali viram a festa do Oscar pela televisão, tomando champanhe na cama. (Se Jack fosse mais velho e já tivesse tido ocasião de pensar nisso, talvez fizesse as contas e descobrisse que o Alhambra era o lugar onde ele fora concebido.)

Segundo uma lenda de família, quando foram lidas as indicações para melhor atriz coadjuvante, Lily resmungara para Phil:

— Se eu ganhar esta coisa sem estar lá, vou enfiar aqueles *saltinhos afiados do meu sapato* no seu peito.

Mas quando Ruth venceu Lily comentou:

— Certo, ela merece, é uma grande garota — e imediatamente cutucou o peito do marido, acrescentando: — Mas é melhor você me arranjar outro papel como aquele, poderoso empresário.

Não houve mais papéis como aquele. O último papel de Lily, dois anos depois da morte de Phil, foi o de uma cínica ex-prostituta num filme chamado *Maníacos de motocicleta*.

Era essa ocasião que Lily estava comemorando agora, Jack sabia disso enquanto tirava a bagagem da mala e do banco traseiro. Uma sacola D'Agostino rasgara de cima a baixo depois do grande D'Ag e uma misturada de meias enroladas, fotos soltas, peças e tabuleiro de xadrez e quadrinhos se espalhou por todo canto. Jack conseguiu enfiar a maior parte das coisas dentro de outros sacos. Lily ia subindo devagar a escada do hotel, apoiando-se no corrimão como uma velha.

— Vou chamar um empregado do hotel — disse ela sem se virar para trás.

Jack se empinou entre as bolsas e olhou de novo para o céu, onde tinha certeza de ter visto um arco-íris. Não havia arco-íris, só aquele céu incômodo e incerto.

Então:

— Venha até aqui — disse alguém atrás dele numa voz baixa mas perfeitamente audível.

— O quê? — ele perguntou, olhando em volta. Os jardins vazios e a estrada estendiam-se à frente dele.

— Falou comigo? — a mãe perguntou. Parecia estar com câibra nas costas, curvada sobre a maçaneta da grande porta de madeira.

— Não — disse ele. Não havia voz nem arco-íris. Esqueceu as duas coisas e olhou para a mãe, que lutava com a enorme porta. — Espere, vou ajudar — ele gritou e correu pelos degraus, carregando desajeitadamente uma grande maleta e uma sacola de papel abarrotada de suéteres.

ATÉ O ENCONTRO com Speedy Parker, Jack atravessou os dias no hotel tão inconsciente da passagem do tempo quanto um cachorro dormindo. Toda a sua vida lhe pareceu quase um sonho durante aqueles dias, um sonho cheio de sombras e inexplicáveis transições. Mesmo a terrível notícia sobre o tio Tommy que chegara pelos fios do telefone na noite anterior não conseguira despertá-lo inteiramente, por mais chocante que tivesse sido. Se Jack fosse um místico, podia ter achado que forças desconhecidas tinham se

apoderado dele e estavam manipulando sua vida e a de sua mãe. Afinal, Jack Sawyer, um menino de 12 anos, precisava de coisas com que se ocupar, e a mansidão silenciosa desses dias, após o tumulto de Manhattan, tinha-o desconcertado e afetado de alguma maneira fundamental.

Jack se descobrira de pé na praia sem qualquer lembrança de ter ido até lá, absolutamente nenhuma ideia do que estava fazendo lá. Achava que estava sentindo a morte do tio Tommy, mas era como se sua mente tivesse ido dormir, deixando que o corpo se virasse sozinho. Não conseguia se concentrar o bastante para entender o enredo dos seriados que ele e Lily viam à noite na TV, muito menos guardar na cabeça as nuances das histórias.

— Você está cansado de todo este movimento — dizia a mãe, tragando profundamente o cigarro e espreitando-o através da fumaça. — O que você precisa, Jack, é descansar um pouco. Este é um bom lugar. Vamos desfrutá-lo o máximo que pudermos.

Bob Newhart, num tom ligeiramente vermelho na tela de TV, olhava estupidamente para o sapato que segurava na mão direita.

— É isso o que estou fazendo, Jacky. — Ela sorriu. — Relaxando e aproveitando.

Ele deu uma espiada no relógio. Já estavam sentados há duas horas diante da televisão e ele não conseguia se lembrar de nada que acontecera antes daquele programa.

Estava se levantando para ir dormir quando o telefone tocou. Será que o velho tio Morgan Sloat havia descoberto onde estavam? As notícias do tio Morgan nunca eram muito boas, mas aquela sem dúvida devia ser uma bomba e tanto, mesmo pelos padrões do tio Morgan. Jack parou no meio do quarto, vendo o rosto da mãe ir ficando pálido, mais pálido, palidíssimo. Ela levou a mão à garganta, onde nos últimos meses tinham aparecido novas rugas, e fez uma leve pressão. Praticamente não falou nada até o fim da conversa, quando então sussurrou “Obrigada, Morgan”, e desligou. Depois se virou para Jack, parecendo mais velha e angustiada que nunca.

— Você vai ter de ser forte, Jacky, tudo bem?

Ele não se sentia forte.

Ela pegou a mão dele e contou:

— O tio Tommy morreu atropelado hoje à tarde, Jack.

Jack ofegou, como se o ar tivesse sido arrancado de dentro dele.

— Estava atravessando o bulevar La Cienega quando foi atingido por uma van. A van fugiu. Uma testemunha disse que era preto e tinha as palavras CRIANÇA REBELDE escritas do lado, mas foi só... só isso.

Lily começou a chorar. Pouco depois, quase surpreso, Jack também começou a chorar. Tudo isso tinha acontecido três dias atrás, e para Jack parecia uma eternidade.

5

No dia 15 DE SETEMBRO DE 1981, um menino chamado Jack Sawyer estava contemplando o inabalável mar numa praia desconhecida, em frente a um hotel que parecia um castelo tirado de um romance de sir Walter Scott. Queria chorar, mas não conseguia soltar as lágrimas. Estava cercado pela morte, a morte ocupava metade do mundo, e não existiam arco-íris. A van CRIANÇA REBELDE tirara tio Tommy do mundo. Tio Tommy, morto em Los Angeles, longe demais da costa leste, onde mesmo um garoto como Jack sabia que era o lugar dele. Um homem que punha uma gravata para comer um sanduíche de rosbife no Arby's não tinha nada de ir para a costa oeste.

O pai de Jack morrera, tio Tommy morrera, a mãe podia estar morrendo. Jack sentia a morte também ali, em Arcadia Beach, onde

ela falava pelos telefones com a voz do tio Morgan. Não era uma coisa tão corriqueira ou óbvia quanto a sensação de melancolia de um lugar de veraneio fora da estação, onde não se para de tropeçar nos fantasmas de verões passados; a morte parecia estar na textura das coisas, um cheiro na brisa do oceano. Ele tinha medo... e já tinha medo há muito tempo. No meio da calma de Arcadia Beach, ele começara a perceber esse medo... E começara a achar que talvez a morte tivesse subido toda a estrada I-95 com eles, desde Nova York, espreitando através da fumaça de cigarro e pedindo-lhe que achasse alguma música boa no rádio do carro.

Podia lembrar — vagamente — do pai dizendo que ele já era um homem feito, mas não era assim que se sentia agora. Agora Jack se sentia muito criança. *Com medo*, ele pensou. *Estou com um medo terrível. Este lugar é o fim do mundo, certo?*

Gaivotas cruzaram o ar cinzento. O silêncio era tão cinzento quanto o ar — tão sinistro quanto os círculos cada vez maiores embaixo dos olhos dela.

6

QUANDO, DEPOIS DE não saber mais há quantos dias vagava entorpecido pelo tempo, Jack caminhou até o parque de diversões Funworld e encontrou Lester Speedy Parker, e aquela inerte sensação de estar *em suspenso* o abandonou um pouco. Lester era um homem negro com cabelo grisalho crespo, e sulcos profundos cortando-lhe o rosto. Não tinha absolutamente nada de notável apesar do que pudesse ter feito no passado, quando era músico de blues e não parava de viajar. Também não dissera qualquer coisa fora do comum. Contudo, assim que Jack entrou por acaso no pátio

do Funworld e se deparou com os olhos pálidos de Speedy, sentiu o entorpecimento abandoná-lo. Voltara a ser ele mesmo. Era como se uma energia mágica tivesse passado diretamente do velho para Jack. Speedy sorria e dissera:

— Bem, parece que vou ter um pouco de companhia. O pequeno viajante acabou de chegar.

Era verdade, Jack não estava mais *em suspenso*: um segundo antes, sentia-se envolvido numa nuvem de algodão-doce e penugem meio úmida, mas agora se libertara dela. Um halo prateado pareceu girar um instante em volta do velho, uma fina auréola de luz que desapareceu assim que Jack piscou. Pela primeira vez, Jack percebeu que o homem estava segurando o cabo de uma grande e pesada vassoura.

— Tudo bem com você, filho? — O homem pôs a mão nos rins e esticou as costas. — O mundo acabou de ficar pior ou melhor?

— Hã, melhor — disse Jack.

— Então eu diria que você chegou ao lugar certo. Como se chama?

Pequeno viajante, fora assim que Speedy o chamara naquele primeiro dia, *Jack viajante*. Ele apoiara o corpo alto e anguloso contra a máquina de Skee-ball e passara os braços em volta do cabo da vassoura como se pegasse uma moça para dançar. *O sujeito que você está vendo se chama Lester Speedy Parker, que antigamente também era um viajante, filho... Oh, Speedy conhecia a estrada, conhecia todas as estradas... Mas isto foi nos bons tempos. Eu tinha uma banda, Jack viajante, e tocava blues. Blues em guitarra. Também gravei alguns discos, rapaz, mas não vou deixá-lo encabulado perguntando se já ouviu algum.* Cada sílaba de Speedy tinha sua própria cadência rítmica, cada frase uma melodia e sonoridade próprias; Speedy Parker carregava uma vassoura em vez da guitarra, mas ainda era músico. Nos primeiros cinco segundos da conversa, Jack percebeu que seu pai, amante do jazz, teria gostado muito da companhia daquele homem.

Durante três ou quatro dias, andara quase todo o tempo atrás de Speedy, vendo-o trabalhar e ajudando-o quando podia. Speedy deixou-o martelar pregos, lixar alguma estaca que precisasse ser pintada; essas tarefas simples, feitas sob a supervisão de Speedy, eram a única coisa de que podia se ocupar, mas o faziam se sentir melhor. Agora Jack via seus primeiros dias em Arcadia Beach como um período de angústia contínua, da qual fora resgatado por aquele novo amigo. Pois Speedy Parker era um amigo, isso era certo — tão certo que havia uma certa dose de mistério nisso. Desde que Jack se livrara do seu atordoamento (ou desde que Speedy o libertara, dispersando a nuvem sombria com um lampejo dos olhos claros), Speedy Parker se tornara mais íntimo dele do que qualquer outro amigo, com a possível exceção de Richard Sloat, que Jack conhecia praticamente desde o berço. E agora, para contrabalançar o terror com a perda do tio Tommy e o medo de que a mãe também estivesse morrendo, Jack sentia a força da presença esperta e calorosa de Speedy ali, na mesma rua.

Mas de novo, e incomodamente, Jack experimentava a velha sensação de *estar sendo dirigido*, de estar sendo manipulado: como se um fio invisível o tivesse puxado junto com a mãe para aquele lugar abandonado na beira do mar.

Eles, quem quer que fossem, o queriam ali.

Ou será que isso era apenas loucura? Em sua visão interior, ele via um velho curvado, evidentemente meio maluco, falando sozinho e empurrando um carrinho de compras vazio pela calçada.

No ar, uma gaivota gritou, e Jack prometeu a si mesmo que se *obrigaria* a falar sobre alguns de seus sentimentos a Speedy Parker. Mesmo que Speedy ficasse achando que ele não estava regulando bem; mesmo que risse na cara dele. Mas, no fundo, Jack sabia que ele não ia rir. Eram amigos do peito e uma das coisas que Jack compreendia do velho zelador do parque era que podia contar a ele quase tudo o que lhe viesse à cabeça.

Só que ainda não estava preparado para uma conversa dessas. Tudo era muito doido, e ele não entendia muito bem o que estava acontecendo. Quase com relutância, virou as costas para o parque Funworld e avançou penosamente pela areia em direção ao hotel.

Capítulo Dois

O Funil se Abre

1

MAIS UM DIA se passou, mas Jack Sawyer não estava mais sábio. À noite, porém, *tivera* um dos maiores pesadelos de toda a sua vida. No sonho, uma criatura terrível vinha avançando para sua mãe, uma monstruosidade atarracada, com olhos no lugar errado e pele podre, furada como queijo. “*Sua mãe está quase morta, Jack! Não quer dizer aleluia?*”, rosnara o monstro, e Jack sabia — do modo como se

sabe das coisas nos sonhos — que o monstro era radioativo, que se o tocasse também iria morrer. Acordara com o corpo encharcado de suor, à beira de um grito estridente. Foi pelas pancadas constantes da rebentação das ondas que voltou a saber onde estava, mas levou horas para conseguir dormir de novo.

De manhã, teve vontade de contar o sonho à mãe, mas Lily tinha se levantado amarga e pouco comunicativa, escondida numa nuvem de fumaça de cigarro. Só quando saiu da cafeteria do hotel num passo enganosamente firme é que lhe dispensou um sorriso.

— Vá pensando no que quer comer esta noite.

— Qualquer coisa?

— É. Menos sanduíches. Não fiz toda essa caminhada de Los Angeles a New Hampshire para me envenenar com cachorros-quentes.

— Por que não vamos a um daqueles restaurantes de frutos do mar na praia Hampton? — Jack perguntou.

— Boa ideia. Agora vá brincar.

Agora vá brincar, Jack pensou com uma amargura que não lhe era habitual. *Oh, sim, mamãe, muito bem. Legal. Vá brincar. Mas com quem? Mamãe, por que você está aqui? Por que nós estamos aqui? Você está doente? Por que não me fala mais do tio Tommy? O que o tio Morgan anda fazendo? O que...*

Perguntas, perguntas. E nenhuma delas valia um caracol, pois não havia ninguém para respondê-las.

A não ser que Speedy...

Mas isso era ridículo; como podia um negro velho que ele acabara de conhecer resolver algum de seus problemas?

Contudo, a imagem de Speedy Parker dançava em sua mente quando ele trotava pela calçada da praia e descia para a areia deprimentemente vazia.

AQUI É O fim do mundo, certo?, Jack pensou outra vez.

Gaivotas cruzavam o ar cinzento. O calendário dizia que ainda era verão, mas em Arcadia Beach o verão terminava no início de setembro. O silêncio era cinzento como o ar.

Jack olhou para os tênis e viu que havia uma substância preta e pegajosa grudada neles. *Lama da praia*, pensou. *Alguma espécie de poluição*. Mas não tinha a menor ideia de onde sujara o sapato daquela maneira e, meio inquieto, saiu da beira d'água.

As gaivotas rodavam no ar, mergulhando e gritando. Uma delas piou em cima de sua cabeça e Jack ouviu um estalo sonoro, quase metálico. Virou-se a tempo de vê-la completar um voo desajeitado e aterrissar num monte de pedras. A ave virou a cabeça em movimentos rápidos, quase robóticos, como se quisesse se certificar de que estava sozinha. Depois pulou para a areia lisa e um tanto úmida, onde jazia o marisco que havia pegado. O marisco rachara como um ovo, e Jack viu carne crua dentro dele ainda se contorcendo. Ou talvez fosse apenas sua imaginação.

Não quero ver isto.

Mas antes que pudesse dar meia-volta, o bico amarelo e curvo já estava puxando a carne, esticando-a como um elástico. Foi como se uma escorregadia mão lhe apertasse o estômago. Pôde ouvir na cabeça o grito do tecido sendo distendido — nada coerente, só um pedaço estúpido de carne gritando de dor.

Novamente tentou desviar os olhos da gaivota e não conseguiu. O bico se abriu, proporcionando uma breve visão da goela rosada e suja. O marisco se contraiu na concha rachada e de repente a gaivota virou-se para Jack, uma escuridão mortal nos olhos confirmando a horrível verdade: os pais morrem, as mães morrem, os tios também morrem, mesmo se estudaram em Yale, mesmo se parecem tão sólidos quanto paredes de banco e usam elegantes ternos e coletes Savile Row. As crianças talvez também

morram. No final das contas, talvez só reste um estúpido grito irracional de tecido vivo.

— Ei! — disse Jack em voz alta, inconsciente de estar fazendo qualquer coisa além de pensar dentro de sua cabeça. — Ei, para com isso!

A gaivota subiu em cima da presa, contemplando Jack com os olhos negros e líquidos. Então começou de novo a escavar a carne. *Quer um pedaço, Jack? Ainda está se mexendo! Meu Deus, está tão fresca que é capaz de nem saber que morreu!*

O forte bico amarelo curvou-se de novo sobre a carne e puxou. *Esticaaaaaaaaaando...*

A carne se soltou. A gaivota ergueu a cabeça para o nublado céu de setembro e pôs a garganta para funcionar. E de novo pareceu virar-se para Jack, do modo como os olhos de certas gravuras parecem sempre nos contemplar, por mais que nos desloquemos diante deles. E os olhos... Ele conhecia aqueles olhos.

De repente, Jack queria a mãe, os profundos olhos azuis da mãe. Não se lembrava de ter ansiado tão desesperadamente por ela desde que era muito, muito pequeno. *La-ra-lá*, ele a ouvia cantar dentro da cabeça, e a voz dela era a voz do vento, do vento que estava ali e que logo estaria também em outro lugar. *Boi, boi, boi; boi da cara preta; leva esse menino que tem medo de careta. E toda essa coisa...* Lembranças de ser embalado, a mãe fumando um Herbert Tareyton atrás do outro, dando talvez uma olhada num script... Páginas melancólicas, ela dizia. Ele se lembrava disso: páginas melancólicas. *La-ra-lá, tudo em paz, Jacky meu bem. Mamãe ama você, Jacky. Shhh... durma. La-ra-la-rá...*

A gaivota estava olhando para ele.

Com um súbito horror, que lhe entupiu a garganta como água salgada e quente, Jack percebeu que a ave *estava realmente olhando para ele*. Aqueles olhos negros (olhos de quem?) o estavam vendo. E ele conhecia aquele olhar.

Um pedaço de carne crua ainda pendia do bico. A gaivota sorveu-o. O bico se abriu num estranho mas inequívoco sorriso.

Então Jack se virou, abaixou a cabeça e correu, olhos fechados contra as lágrimas de sal quente, os tênis afundando a areia. Se houvesse um jeito de subir, subir e subir para o olhar de alguma gaivota, só Jack, só as pegadas de Jack quebrariam a sombra daquele dia; Speedy Parker esquecido, Jack Sawyer, 12 anos e sozinho, voltando às pressas para a pousada, a voz quase perdida nas lágrimas e no vento gritando sem parar: *não, não e não*.

3

SEM FÔLEGO, ELE PAROU na ponta da praia. Uma pontada de dor, vinda do meio das costelas, subiu-lhe pelo lado esquerdo até o fundo do sovaco. Sentou-se num dos bancos que a prefeitura instalara para os idosos e tirou o cabelo dos olhos.

Controle-se, Se o Sargento Fúria entrar na Seção Oito, quem vai ser escolhido para chefiar os Comandos Relâmpagos?

Ele sorriu e de fato se sentiu um pouco melhor. De onde estava, a quase 20 metros da água, as coisas pareciam melhores. Talvez por causa da mudança de pressão barométrica, alguma coisa desse tipo. O que acontecera ao tio Tommy era horrível, mas ele teria de superar aquilo, tinha de aceitar o fato. Pelo menos, fora o que a mãe dissera. Ultimamente as notícias trazidas pelo telefone eram as piores possíveis... Bem, o telefone *sempre* fora uma peste.

E quanto à mãe... Aquela era a grande pergunta, não era?

Na realidade, ele pensou, sentado no banco e cavando com o dedo do pé a areia junto à calçada, na realidade podia estar tudo bem com a mãe. *Podia* estar tudo bem, sem dúvida era *possível*.

Afinal, não tinha aparecido ninguém *dizendo* que era o grande C, certo? Não. Se ela estivesse com câncer, não o teria levado para Arcadia Beach, teria? Era muito mais provável que estivessem na Suíça, a mãe tomando banhos frios de água mineral, comendo coisas horríveis, algo do gênero. É o que ela faria, claro.

Então, talvez...

Um som murmurante, baixo e seco, introduziu-se em sua consciência. Ele baixou o olhar e os olhos se arregalaram. A areia começara a se mover junto à ponta do sapato do pé esquerdo. Os grãos brancos e finos iam deslizando num pequeno círculo, com talvez um dedo de diâmetro. A areia ia sumindo no meio do círculo, formando uma cavidade de uns 5 centímetros de profundidade. As paredes da cavidade continuavam em movimento: rodando, e rodando com rapidez no sentido contrário aos ponteiros do relógio.

Não é real, ele disse imediatamente para si mesmo, mas o coração começou a disparar. A respiração também se acelerou. *Não é real, é um daqueles sonhos de olhos abertos, só isso. Talvez seja um caranguejo, um bicho qualquer...*

Mas não era um caranguejo e não era um dos sonhos de olhos abertos — ali não era o outro lugar, o lugar que sua cabeça imaginava quando as coisas estavam chatas ou um tanto assustadoras. E, sem a menor sombra de dúvida, não era um caranguejo.

A areia começou a rodopiar mais depressa, fazendo um barulho árido, seco, fazendo Jack pensar em eletricidade estática, a eletricidade de uma experiência que fizera no ano anterior na escola com uma garrafa de Leyden. Mais que árido e seco, o som diminuto parecia um longo e profundo suspiro, a respiração final de um homem morrendo.

Mais areia desmoronava e começava a rodopiar. Agora já não era uma cova; era um funil na areia, uma espécie de redemoinho. O amarelo brilhante de uma embalagem de goma de mascar apareceu, sumiu, apareceu, sumiu, apareceu de novo... A cada vez

que a embalagem aparecia (e o funil se alargava), Jack ia conseguindo ler a embalagem. JU, depois JUI, depois JUICY F. O funil aumentava e a areia ia saindo de cima da embalagem. Era um movimento tão rápido e tão rude quanto o de um braço irritado atirando ao chão as cobertas de uma cama feita. JUICY FRUIT era o que estava escrito. Então a embalagem veio vindo à tona.

A areia girava cada vez mais depressa, numa fúria sibilante. *Hhhhhhhaaaaahhhhhhh* era o som que a areia fazia. Jack não desviava os olhos, a princípio fascinado, depois apavorado. A areia ia se abrindo como um grande olho negro: era o olho da gaivota que derrubara o marisco e depois puxara a carne viva de dentro dele como um elástico.

Hhhhhhhaaaaahhhhh, zombava o esguicho da areia numa voz seca, fria. Não era uma voz gentil. E por mais que Jack quisesse que ela só existisse na sua cabeça, era uma voz de verdade.

A dentadura dele voou, Jack, quando ele foi atropelado pela CRIANÇA REBELDE; a dentadura voou longe, foi chocalhando longe! Com ou sem Yale, quando o velho caminhão CRIANÇA REBELDE aparece e põe a nocaute seus dentes postiços, você tem de ir junto, Jacky. E sua mãe...

Então Jack estava correndo de novo, às cegas, sem olhar para trás, o cabelo pulando da testa, os olhos arregalados, apavorados.

JACK CRUZOU O mais rápido que pôde o escuro saguão do hotel. A atmosfera do lugar o impedia de correr; tudo era silencioso como uma biblioteca e a luz sombria que se filtrava pelos painéis das janelas altas suavizava e borrava os tapetes, já desbotados por si

só. Mas Jack irrompeu num trote acelerado depois de ultrapassar o balcão da recepção, e o recepcionista do dia, de ombros curvos e pele cinza, escolheu justamente aquele momento para emergir do arco de madeira de um corredor. O recepcionista não disse nada, mas sua carranca permanente puxou os cantos da boca um pouco mais para baixo. Era como ser apanhado correndo dentro de uma igreja. Jack limpou a testa com a manga da camisa e se obrigou a concluir o resto do caminho para os elevadores andando. Apertou um botão, sentindo o olhar feio do recepcionista lhe queimar as costas. Durante toda a semana, a única vez que Jack vira o empregado sorrir foi quando ele reconheceu sua mãe. E mesmo assim o sorriso pareceu atender apenas às exigências mínimas de uma recepção amável.

— Imagino como uma pessoa tem de ser velha para se lembrar de Lily Cavanaugh — a mãe comentou assim que se viu sozinha com Jack.

Houve uma época, e não há muito tempo, em que ser identificada, reconhecida por algum espectador dos cinquenta filmes que fizera nos anos 1950 e 1960 (“Rainha das Produções B”, costumavam chamá-la; e ela mesma dizia: “Sou a pérola dos filmes de *drive-in*”), fosse um motorista de táxi, um garçom ou a mulher que vendia blusas na Saks do Wilshire Boulevard, levantava-lhe horas a fio o moral. Agora, mesmo esse pequeno prazer perdera toda a graça para Lily.

Jack andava de um lado para o outro diante da porta imóvel do elevador, ouvindo uma voz fantástica e familiar sair de um funil rodopiante de areia. Por um instante, viu Thomas Woodbine, o solidamente familiar tio Tommy Woodbine (que devia ter sido um de seus protetores, um sólido muro contra problemas e confusão), atropelado e morto no bulevar La Cienega, os dentes espalhados como pipoca sete metros à frente, na sarjeta. Apertou outra vez o botão.

Anda logo!

Então viu uma coisa pior: a mãe arrastada para um carro por dois homens de rosto impassível.

De repente, Jack teve vontade de urinar e achatou a palma da mão contra o botão. O homem cinza e torto atrás do balcão proferiu um catarrento som de desagrado. Jack apertou com a ponta da outra mão aquele lugar mágico logo abaixo do estômago que diminuía a pressão na bexiga. Agora podia ouvir o zumbido lento do elevador descendo. Fechou os olhos, apertou uma perna contra a outra. Sua mãe parecia vacilante, perdida, confusa. E os homens a forçaram a entrar no carro tão facilmente quanto se ela fosse um cachorrinho collie cansado. Mas aquilo não estava realmente acontecendo, ele sabia; era uma lembrança — parte da coisa deve ter acontecido num dos sonhos de olhos abertos, e por certo acontecera não à mãe, mas a ele.

As portas de mogno do elevador deslizaram para revelar um interior sombrio, e ele se deparou com o próprio rosto num espelho manchado, descascado. Então a imagem de quando tinha sete anos envolveu-o brutalmente. Viu os olhos de um dos homens ficarem amarelos, e a mão do outro se transformou numa espécie de garra, feroz e inumana... Jack pulou no elevador como se tivesse sido espetado por um garfo.

Não era possível: os sonhos de olhos abertos eram impossíveis, ele *não* vira os olhos de um homem passando de azul a amarelo e tudo sempre esteve bem, ótimo, com a mãe. Não havia nada a temer, ninguém estava morrendo e só havia perigo para a presa da gaivota. Fechou os olhos e o elevador subiu lentamente.

Aquela coisa na areia tinha rido dele.

Jack se espremeu pela fresta assim que a porta começou a abrir. Passou correndo pelas bocas fechadas de outros elevadores, virou à direita para o corredor de madeira, atravessou em disparada os candelabros das paredes e os quadros. Correr ali não parecia um sacrilégio. Ocupavam o 407 e o 408, um conjunto formado por uma pequena cozinha, dois quartos e uma sala de estar que davam para

o contorno longo e suave da praia e a vastidão do oceano. A mãe conseguira flores em algum lugar, arrumara as flores em jarros e colocara a pequena coleção de porta-retratos junto delas. Jack aos 5 anos, Jack aos 11 anos, Jack quando bebê nos braços do pai. O pai, Philip Sawyer, no volante do velho DeSoto em que tinha ido para a Califórnia junto com Morgan Sloat, naquela época (inimaginável) em que eram pobres e frequentemente tiveram de dormir no carro durante a viagem.

Quando Jack escancarou a porta do 408, a porta da sala de estar, gritou:

— Mamãe! Mamãe!

As flores o receberam, as fotografias sorriam; não houve resposta.

— Mamãe!

A porta bateu atrás dele. Jack sentiu um frio no estômago. Disparou pela sala de estar em direção ao grande quarto à direita.

— *Mamãe!*

Outro jarro de flores compridas e brilhantes. A cama vazia parecia engomada e passada a ferro, tão esticada que uma moeda quicaria sobre a colcha. Na mesa de cabeceira havia um grande sortimento de vidros marrons com vitaminas e outros comprimidos. Jack recuou. A janela da mãe mostrava ondas negras rolando em sua direção.

Dois homens nebulosos, saltando de um carro nebuloso, avançavam para ela...

— Mamãe! — ele gritou.

— Já ouvi você, Jack! — A voz da mãe veio pela porta do banheiro. — Que diabo...?

— Ah — ele exclamou e sentiu todos os músculos relaxarem. — Desculpe. Eu não sabia onde você estava.

— Tomando banho — disse ela. — Estou me aprontando para o jantar. Não tenho esse direito?

Jack percebeu que não precisava mais ir ao banheiro. Deixou-se cair numa das poltronas e cerrou os olhos de alívio. Ela ainda estava bem...

Por ora ainda está bem, uma voz sombria sussurrou, e ele viu se abrir de novo em sua mente o funil de areia. Rodopiando.

5

SUBINDO 12 OU 13 quilômetros a estrada da costa, logo na saída do município de Hampton, encontraram um restaurante chamado The Lobster Chateau. Jack fizera um relatório bastante incompleto de seu dia. Contudo, já estava dominando o que sentira na praia; o terror ia diminuindo em sua memória. Um garçom de paletó vermelho com uma lagosta amarela desenhada nas costas indicou uma mesa junto de uma janela comprida e manchada.

— Gostaria de beber alguma coisa, senhora?

O garçom tinha um rosto inexpressivo e indiferente, típico da Nova Inglaterra. Pressentindo atrás de seus lacrimosos olhos azuis uma indignação por não estar usando um bonito casaco esporte Ralph Lauren como o dele e por ter de servir uma mulher que trajava com negligência um vestido esporte da Halston, Jack sentiu a alfinetada de um terror mais familiar: simples saudades de casa. *Mamãe, se você não está realmente doente, que diabo estamos fazendo aqui? O lugar está vazio! É de dar calafrios! Meu Deus!*

— Pode me trazer um martíni elementar — ela disse.

O garçom levantou as sobrancelhas.

— Como, senhora?

— Gelo no copo — disse ela. — Azeitona no gelo. Gim Tanqueray sobre a azeitona. Depois... Está anotando o que estou

dizendo?

Mamãe, pelo amor de Deus, não está vendo os olhos dele? Você acha que está sendo encantadora; ele acha que está debochando dele! Não está vendo os olhos?

Não. Ela não estava. E aquela falta de percepção, quando fora sempre tão sensível aos sentimentos das outras pessoas, era uma pedra atirada no coração de Jack. A mãe estava definhando... em todos os sentidos.

— Sim, senhora.

— Depois — ela continuou — pegue uma garrafa de vermute, qualquer marca, e vire uma dose no copo. Aí guarde o vermute na prateleira e me traga o copo. Ok?

— Sim, senhora.

Olhos frios e lacrimosos da Nova Inglaterra fitavam sua mãe sem qualquer simpatia. *Nós dois estamos sozinhos aqui*, Jack pensou, percebendo isso pela primeira vez. *Meu Deus, só nós dois!*

— Alguma coisa, meu jovem?

— Eu queria uma Coca — disse Jack, angustiado.

O garçom se afastou. Lily revirou a bolsa e pegou um maço de Herbert Tarrytoons (desde que Jack era bebê, era assim que Lily chamava os cigarros Herbert Tareyton; “Traga os meus Tarrytoons, Jacky!”, dizia ela. “Estão aí na prateleira!” Jack não conseguiria imaginar cigarros com qualquer outro nome). Acendeu um deles. Tossiu a fumaça em três ásperas explosões.

Era mais uma pedra contra o coração de Jack. Dois anos atrás, a mãe parara totalmente de fumar. Jack tinha esperado a recaída com aquele estranho fatalismo que é o lado irreverente da credulidade e inocência infantis. A mãe sempre fumara, logo, voltaria a fumar. Mas não tinha voltado... Não até três meses atrás, em Nova York. Carltons. Rodando pela sala de estar do apartamento no Central Park West, tirando baforadas como uma locomotiva, se acorando diante do aparelho de som, remexendo

nos velhos discos de rock ou nos velhos discos de jazz do falecido marido.

— Está fumando de novo, mamãe? — ele perguntou.

— É, estou fumando folhas de repolho — ela respondeu.

— Queria que não fumasse.

— Por que não liga a TV? — ela perguntou, virando-se para o filho com uma aspereza que não lhe era própria, lábios contraídos.

— Talvez veja Jimmy Swaggart ou o reverendo Ike. Fique cantando aleluia com eles e dizendo amém com as beatas.

— Desculpe — ele murmurou.

Bem... era apenas Carlton. Folhas de repolho. Mas ali estavam os Herbert Tarrytoons, o mesmo antiquado maço azul e branco, as ponteiros que pareciam filtros mas não eram. Lembrava-se vagamente de ter ouvido o pai comentar com alguém que ele fumava Winstons, mas a mulher fumava Black Lungers.

— Alguma coisa errada, Jack? — ela perguntou, os olhos muito brilhantes fixos nele, o cigarro na velha e ligeiramente excêntrica posição entre o segundo e o terceiro dedos da mão direita. Ai dele se dissesse alguma coisa! Que se atrevesse a dizer: “Mamãe, vejo que voltou a fumar Herbert Tarrytoons. Acha então que não tem mais nada a perder?”

— Não — ele respondeu. Aquela angustiante, desnorteante saudade de casa envolveu-o de novo. Teve vontade de chorar. — O problema é este lugar. É um pouco estranho.

Ela olhou ao redor e sorriu. Dois outros garçons, um gordo e um magro, ambos de paletó vermelho com uma lagosta dourada atrás, permaneciam ao lado da porta de vaivém que dava para a cozinha. Conversavam baixo. Havia uma corda de veludo na entrada de uma enorme sala de jantar depois da área onde Jack e a mãe estavam. As cadeiras estavam viradas em formas piramidais sobre as mesas. O salão parecia uma gruta sombria. Lá no fundo, uma enorme janela panorâmica mostrava uma vista para o mar que fez Jack se lembrar da *Noiva da morte*, um filme em que a mãe

trabalhara. Fazia o papel de uma jovem cheia de dinheiro que, contra a vontade dos pais, tinha se casado com um bonito e sinistro estrangeiro. O bonito e sinistro estrangeiro levou-a para uma grande casa perto do oceano e tentou enlouquecê-la. *Noiva da morte* fora um filme mais ou menos típico da carreira de Lily Cavanaugh; Lily fizera um grande número de filmes em preto-e-branco onde atores bonitos, mas logo esquecidos, andavam de chapéu em Fords conversíveis.

A tabuleta pendurada na corda de veludo impedia o acesso à gruta sombria com uma ordem ridiculamente atenuada: CIRCULAÇÃO RESTRITA.

— É um tanto desagradável, não é? — disse ela.

— É como em *Além da Imaginação* — ele respondeu, e Lily explodiu num riso estridente, contagiante, gostoso até certo ponto.

— Isso mesmo, Jacky, Jacky querido! — disse ela, inclinándose sorridente para alisar-lhe o cabelo comprido demais.

Jack empurrou-lhe a mão, também sorrindo (mas oh, os dedos dela pareciam ossos, não é? *Ela está quase morta, Jack...*).

— Não me despenteie.

— De jeito nenhum.

— Você ainda está muito em forma, mamãe!

— Oh, rapaz, já está querendo que eu lhe dê o dinheiro do cinema desta semana, não é?

— É.

Os dois sorriram e Jack não se lembrava de jamais ter tido uma necessidade tão forte de chorar. Também não se lembrava de ter sentido tanto amor pela mãe. Havia em Lily uma espécie de resistência desesperada... Voltar aos Black Lungers fazia parte disso.

As bebidas chegaram. Lily bateu seu copo contra o de Jack.

— À nossa.

— Ok.

Beberam. O garçom trouxe o cardápio.

— Acha que dei trabalho demais com o martíni, Jacky?

— Um pouco — disse ele.

Lily pensou um instante, depois deu de ombros.

— O que vai querer?

— Um linguado, eu acho.

— Peça para nós dois.

Ele chamou o garçom e fez o pedido, sem jeito, encabulado, mas sabendo que era isso que a mãe esperava. E quando o garçom foi embora, pôde ver nos olhos dela que não desempenhara mal o papel. Parte do êxito era obra do tio Tommy. Após uma ida ao Hardee's, tio Tommy dissera:

— Acho que ainda podemos ter esperanças com você, Jack, mas precisamos curar essa sua revoltante obsessão por queijo amarelo processado.

A comida veio. Jack atacou vorazmente o linguado, que estava apimentado, gostoso e com bastante limão. Lily apenas mexeu os talheres, comeu algumas ervilhas, mudou as coisas de lugar no prato.

— As aulas já começaram há duas semanas — Jack anunciou no meio da refeição. Ver os grandes ônibus amarelos com ESCOLA DO DISTRITO DE ARCADIA escrito do lado fizera-o se sentir culpado; provavelmente qualquer culpa seria absurda naquelas circunstâncias, mas aconteceu. Estava matando aula.

Lily o contemplou com um ar interrogativo. Ela pedira e já acabara de tomar um segundo drinque; agora o garçom servia o terceiro.

Jack sacudiu os ombros.

— Falei por falar.

— Quer voltar à escola?

— Eu? Não! Não aqui!

— Que bom — disse ela. — Não tenho seus malditos atestados de vacinação. Não vão deixá-lo entrar na escola sem

esse pedigree, companheiro.

— Não me chame de companheiro — Jack reclamou, mas Lily não abriu um sorriso para a antiga piada.

Rapaz, por que você não está na escola?

Ele piscou como se a voz tivesse falado alto e não apenas em sua mente.

— O que foi? — Lily perguntou.

— Nada... Bem... Há um sujeito no parque de diversões Funworld. É zelador, porteiro, qualquer coisa assim. Um negro velho. Me perguntou por que eu não estava na escola.

Ela inclinou a cabeça, o rosto sem humor, a expressão quase assustadoramente severa.

— O que você contou a ele?

Jack balançou os ombros.

— Eu disse que estava me recuperando de mononucleose. Está lembrada de quando o Richard teve isso? O médico disse ao tio Morgan que Richard tinha de ficar seis semanas sem ir à escola, mas que podia sair, passear e tudo. — Jack sorriu. — Fiquei com inveja da sorte dele.

Lily relaxou um pouco.

— Não gosto que fale com estranhos, Jack.

— Mamãe, ele é apenas um...

— Não me interessa *quem* ele é. Não quero que fale com estranhos.

Jack pensou no negro, os fios duros de lã do cabelo grisalho, os sulcos profundos no rosto, os estranhos olhos claros. Empurrava uma vassoura no grande fliperama sobre o píer — o fliperama era a única parte do Arcadia Funworld que ficava aberta o ano todo, mas que estava deserto exceto por Jack, o negro e dois outros velhos lá no fundo. Esses dois jogavam Skee-ball num silêncio impassível.

Mas agora, sentado naquele restaurante um tanto horripilante com a mãe, não era o homem negro quem fazia a pergunta: era ele

mesmo.

Por que eu não estou na escola?

Foi como ela explicou, filho. Se não tem comprovante de vacina, não tem pedigree. E será que ela trouxe sua certidão de nascimento? Será que ela trouxe? Ela está fugindo, rapaz, e você está fugindo junto com ela. Você...

— Soube alguma coisa do Richard? — ela o interrompeu, e quando ela falou, ele de repente soube. A certeza pareceu explodir dentro dele. Suas mãos se contorceram e o copo caiu da mesa; se espatifou no chão.

Ela está quase morta, Jack.

A voz do funil de areia que rodopiava. A voz que ele escutara dentro da cabeça.

Fora a voz do tio Morgan. Não havia dúvida nem talvez, não fora apenas uma voz parecida. Fora uma voz *real*. A voz do pai de Richard.

6

NO CARRO, a caminho do hotel, ela perguntou:

— O que houve com você no restaurante, Jack?

— Nada. Foi alguma coisa dentro do meu corpo, uma espécie de jazz. — Deu umas batidas no painel do carro para demonstrar. — Umas pancadas desse tipo pelas minhas veias, como naquela cena de *General Hospital*.

— Não invente coisas, Jacky!

Ela parecia pálida e desfigurada no brilho que vinha do painel do carro. Um cigarro ardia lentamente entre o segundo e o terceiro dedos da mão direita. Dirigia muito devagar (jamais passando dos

60), como costumava fazer quando bebia demais. Pusera o banco na vertical e, na ponta do vestido levantado, os joelhos flutuavam, meio vacilantes, de ambos os lados da coluna de direção. O queixo estava caído sobre o volante. Por um instante, ela pareceu uma bruxa, e Jack desviou rapidamente os olhos.

— Não estou — ele murmurou.

— O quê?

— Não estou inventando — disse ele. — Foi como se eu tivesse tido uma convulsão, foi isso. Sinto muito.

— Tudo bem — disse a mãe. — Pensei que fosse alguma coisa sobre Richard Sloat.

— Não.

O pai dele falou comigo de um buraco na areia da praia, foi só isso. Falou comigo dentro da minha cabeça, como num filme onde se ouve uma voz. Disse que você estava quase morta.

— Tem saudades dele, Jack?

— De quem, de Richard?

— Não, de Spiro Agnew. De Richard, é claro.

— Às vezes.

Agora Richard Sloat estudava em uma escola em Illinois — uma daquelas escolas particulares onde era obrigatório rezar na capela e ninguém tinha acne.

— Você vai vê-lo de novo.

Ela passou a mão em seu cabelo.

— Mãe, você está bem?

As palavras explodiram de dentro de Jack. Ele podia sentir seus dedos agarrando e apertando as coxas.

— Sim — ela respondeu, acendendo outro cigarro (para fazê-lo, diminuiu a velocidade para menos de 40; um velho utilitário passou voando por eles, tocando a buzina). — Nunca estive melhor.

— Quantos quilos você emagreceu?

— Jacky, nunca se está magro demais nem rico demais.

Lily fez uma pausa e sorriu. Era um sorriso cansado e magoado que dizia toda a verdade que ele precisava saber.

— Mãe...

— Não fale mais — disse ela. — Está tudo bem. Palavra de honra. Veja se consegue achar um *be-bop* no rádio FM.

— Mas...

— Ache a música, Jacky, e fique de boca fechada.

Ele encontrou jazz numa estação de Boston — o solo de um saxofone repetindo *All the Things You Are*. Mas sob ele, num contraponto incessante e absurdo, ouvia-se o oceano. E daí a pouco Jack pôde ver o grande esqueleto da montanha-russa contra o céu. E os contornos vagos da Pousada dos Jardins do Alhambra. Se aquilo era um lar, já estavam em casa.

Capítulo Três

Speedy Parker

1

NO DIA SEGUINTE, o sol voltou — um sol forte e brilhante que se estendeu como tinta sobre a areia da praia e sobre as telhas vermelhas de uma faixa inclinada de telhado que Jack podia ver da janela do quarto. Uma onda fraca e comprida, lá longe no mar, pareceu crescer sob a luz e atirar uma flecha de brilho bem na direção de seus olhos. Para Jack, aquele sol era diferente do sol da

Califórnia. Parecia um pouco mais débil, mais frio, menos capaz de nutrir. A onda no oceano escuro se desmanchou, depois se elevou de novo e um ofuscante raio de luz dourado saltou sobre ela. Jack se afastou da janela. Já tomara banho, já se vestira e o relógio biológico o informava de que estava na hora de se pôr a caminho para pegar o ônibus escolar. Sete e quinze. Mas evidentemente não teria de ir à escola, nada mais era normal, ele e a mãe apenas perambulariam como fantasmas por outras 12 horas de luz do sol. Nem horários, nem responsabilidades, nem deveres de casa, nem obrigações de qualquer espécie, exceto a obrigação de comer na hora das refeições.

Mas será mesmo que era um dia de escola? Jack parou ao lado da cama, sentindo um ligeiro início de pânico. Seu mundo se tornara demasiado vago... *Achava* que não era sábado. Contou para trás até o primeiro dia que a memória podia identificar com segurança, isto é, o domingo anterior. Contando depois para a frente dava quinta-feira. Às quintas-feiras ele tinha aula de informática com o sr. Balgo e aula de educação física logo cedo. Pelo menos era o que acontecia quando sua vida era normal, uma época que agora, embora só tivesse chegado ao fim poucos meses atrás, parecia irremediavelmente perdida.

Passou do quarto para a sala de estar. Quando puxou o cordão das cortinas, o sol forte e brilhante inundou o aposento, esbranquiçou a mobília. Então apertou o botão da televisão e deixou-se cair num sofá um tanto duro. A mãe ia demorar pelo menos 15 minutos para acordar. Talvez mais, levando-se em conta que tomara três drinques no jantar da noite anterior.

Jack olhou para a porta do quarto dela.

Vinte minutos depois, ele bateu devagar.

— Mãe?

Um resmungo rouco foi a resposta. Jack abriu uma fresta da porta e deu uma espiada. Ela estava levantando a cabeça do travesseiro e espreitando por olhos semicerrados.

— Jacky. Bom dia? Que horas são?

— Umas oito.

— Deus. Está com fome?

Lily sentou-se na cama e apertou os olhos com as palmas das mãos.

— Mais ou menos. Mas estou cansado de ficar sentado aqui. Eu não sabia a que horas você ia acordar.

— De preferência o mais tarde possível, Jack. Se não se importa, desça até o salão e tome o seu café. Depois vá passear na praia, está bem? Sua mãe será muito mais agradável à tarde se você deixá-la ficar mais uma hora na cama.

— Tudo bem — disse ele. — Pode ficar. Vejo você mais tarde.

A cabeça de Lily já mergulhara no travesseiro.

Jack desligou a televisão e, após certificar-se de que sua chave estava no bolso do jeans, saiu do apartamento.

O elevador tinha cheiro de cânfora e amônia (uma empregada derramara uma garrafa de desinfetante de um carrinho de limpeza). A porta se abriu, e o porteiro cinzento atrás do balcão da recepção franziu a testa e virou ostensivamente as costas. Ser filho de uma estrela de cinema não o torna nada especial por aqui, rapaz... E por que não está na escola? Jack virou no corredor do arco de madeira e foi para uma sala de jantar chamada *The Saddle of the Lamb*. Viu filas e filas de mesas vazias numa vastidão sombria. Talvez houvesse seis mesas postas. Uma garçonete de blusa branca e saia vermelha amarrotada viu-o chegar e desviou os olhos. Dois velhos de aparência exausta sentavam-se frente a frente no fundo da sala. Não havia mais ninguém. Quando Jack levantou os olhos, o velho inclinou-se sobre a mesa e, sem qualquer inibição, cortou o ovo estrelado da esposa em quatro partes.

— Café para um?

A mulher encarregada do *The Saddle of the Lamb* durante o dia se materializara a seu lado e já puxara um dos cardápios empilhados numa mesa de serviço.

— Desculpe, mudei de ideia.

Jack escapou.

A cafeteria do Alhambra, The Beachcomber Lounge, ficava do outro lado do saguão, ao fim de um longo e triste corredor cheio de vitrines vazias. Jack perdeu a fome ao se imaginar sentado sozinho no balcão, contemplando o cozinheiro entediado fritar fatias de bacon numa grelha chamuscada. Ia esperar a mãe acordar; ou melhor, ia sair e procurar uma rosquinha e um copo de leite numa das lojas da rua que ia dar na cidade.

Empurrou a pesada porta da frente do hotel e saiu para o sol. Por um instante, o brilho repentino lhe ofuscou os olhos — o mundo era apenas um clarão indistinto. Jack apertou os olhos, desejando não ter esquecido os óculos escuros. Atravessou o pequeno pátio de pedras vermelhas e desceu os quatro degraus redondos que levavam ao caminho central do jardim do Alhambra.

O que ia acontecer se a mãe morresse?

O que ia acontecer a ele? Para onde iria, quem ia tomar conta dele se a pior coisa do mundo acontecesse, se ela morresse, se morresse *para sempre* lá em cima naquele quarto?

Jack sacudiu a cabeça, tentando afastar o terrível pensamento antes que um pânico incontrollável pulasse dos bem-tratados jardins do Alhambra e o soterrasse. Não, não ia chorar, não ia deixar que aquilo acontecesse... E não ia mais pensar nos Tarrytoons, nos quilos que a mãe perdera, nem na sensação que ele às vezes tinha de que a mãe estava completamente desamparada e desnorteada. Já estava andando depressa e, com as mãos nos bolsos, percorreu num instante o caminho sinuoso que cortava o jardim do hotel e levava à rua. *Ela está fugindo, filho, e você está fugindo com ela.* Mas fugindo de quem? E para onde? Para cá? Para este lugar abandonado?

Alcançou a estrada que ia até a cidade acompanhando a costa e achou que a paisagem desolada que se abria diante dele não passava de um redemoinho capaz de sugá-lo e cuspi-lo num lugar

muito escuro, onde nunca havia paz ou segurança. Uma gaivota sobrevoou a estrada deserta, fazendo uma curva bem aberta e depois mergulhando em direção ao mar. Jack viu a ave se afastar, diminuindo cada vez mais, até se transformar num pontinho branco sobre o confuso contorno da montanha-russa.

Lester Speedy Parker, um homem negro com grandes rugas cortando-lhe o rosto e cabelo grisalho e crespo, estava lá embaixo, em algum lugar do Funworld. Speedy era a pessoa que ele tinha de ver. Para Jack, isto era tão claro quanto fora clara a lembrança repentina da voz do pai de seu amigo Richard.

Uma gaivota grasnou, uma onda atirou um raio dourado em sua direção e ele viu o tio Morgan e o novo amigo Speedy como figuras quase alegoricamente opostas, estátuas do DIA e da NOITE espetadas em suas bases, estátuas do SOL e da LUA — a luz e a escuridão. O que Jack compreendeu assim que se deu conta de que o pai teria gostado de conhecer Speedy Parker foi que o ex-músico de blues não tinha nenhuma maldade dentro dele. O tio Morgan, porém... Bem, era um tipo de pessoa completamente diferente. O tio Morgan vivia para os negócios, para negociar e vencer todos os obstáculos; era tão ambicioso que questionava cada jogada duvidosa numa partida de tênis, tão ambicioso que roubava nos jogos de cartas com o filho, e ainda tentava convencê-lo a se juntar a ele. Pelo menos, Jack *achava* que o tio Morgan tivesse roubado algumas vezes nos jogos deles... Não era um homem que soubesse perder com esportividade.

NOITE e DIA, LUA e SOL, ESCURIDÃO e LUZ. O homem negro era a luz nessas polaridades. Quando a mente de Jack se convenceu disso, todo aquele pânico que conseguira afugentar no cuidado jardim do hotel avançou de novo para ele. Jack pôs os pés em movimento e correu.

QUANDO ELE VIU SPEEDY ajoelhado do lado de fora da sombria e descascada construção onde ficava o fliperama (passando uma fita isolante em volta de um fio elétrico, os duros caracóis de lã do cabelo quase encostando no chão, as nádegas magras escapando do gasto pano verde das calças, as solas empoeiradas das botas como duas pranchas de surfe na vertical), Jack percebeu que ainda não tinha ideia do que pretendia lhe dizer, nem se pretendia mesmo dizer alguma coisa. Speedy passou mais uma vez o rolo de fita isolante em volta do fio, balançou a cabeça num gesto satisfeito, tirou um velho canivete Palmer do bolso da camisa e cortou a ponta da fita com uma precisão cirúrgica. Se pudesse, Jack também teria corrido dali; afinal, estava atrapalhando o trabalho do homem e, sem dúvida, era maluquice achar que Speedy poderia ajudá-lo de alguma forma. Que espécie de ajuda poderia obter do velho zelador de um parque de diversões deserto?

Então Speedy virou a cabeça e registrou a presença do garoto com uma expressão de irrestritas e calorosas boas-vindas (não era bem um sorriso, antes um aprofundamento de todas as grandes rugas do rosto). Jack viu que pelo menos não estava atrapalhando.

— Jack Viajante — disse Speedy. — Já estava com medo que nunca mais viesse conversar comigo. E justamente quando começávamos a fazer amizade! É uma satisfação vê-lo de novo, filho!

— Oi — disse Jack. — Para mim também é uma satisfação.

Speedy guardou o canivete no bolso da camisa e levantou os ossos do corpo com tanta facilidade, num gesto tão elástico, que pareceu uma pessoa sem peso aos olhos de Jack.

— Isto aqui está precisando de muitas reformas — disse ele. — Faço um pouquinho de cada vez, mas é o bastante para que tudo funcione mais ou menos como devia. — Fez uma pausa e deu uma boa olhada no rosto de Jack. — Parece que as coisas não estão

andando muito bem aí por fora, não é? Jack Viajante parece curvado sob um fardo de preocupações. Acertei?

— É, acho que sim — Jack começou, mas ainda não tinha ideia de como ia expressar as coisas que o perturbavam. Elas não podiam ser colocadas em frases comuns, pois frases comuns fazem tudo parecer racional. Um... dois... um... dois...: o mundo de Jack não marchava mais numa linha tão reta. Mas tudo o que não conseguia dizer pesava em seu peito.

Jack olhou angustiado para o homem alto e magro à sua frente. Speedy enfiara as mãos nos bolsos; as sobrelhas grossas e grisalhas voltaram-se para o profundo sulco vertical que havia entre elas. Os olhos de Speedy, tão claros que pareciam quase desprovidos de cor, deslocaram-se da tinta fina do píer e encontraram os de Jack. E de repente Jack voltou a se sentir melhor. Não entendia bem por que, mas Speedy parecia capaz de lhe comunicar facilmente emoções: era como se já se conhecessem há anos, não apenas há uma semana; como se já tivessem trocado bem mais que algumas palavras no fliperama de um parque de diversões.

— Bem, agora chega de trabalhar — disse Speedy, erguendo os olhos na direção do Alhambra. — Se insistir, vou estragar o que já fiz. Acho que ainda não viu meu escritório, não é?

Jack balançou a cabeça.

— É hora de refrescar a cabeça, rapaz! É a *hora certa*.

Ele se afastou pelo píer com seu passo largo e Jack correu atrás. Quando desceram os degraus do píer e começaram a atravessar o gramado ralo e o chão de barro marrom na direção das construções do outro lado do parque, Speedy surpreendeu Jack com uma canção:

*Jack Viajante,
Jack sempre a viajar,*

*Ir é um longo caminho,
Mais longo ainda é voltar.*

Ele não estava exatamente cantando, Jack pensou. Era algo a meio caminho entre cantar e falar. Se não fosse pela letra, Jack teria gostado de ouvir a voz rude e confiante de Speedy:

*Um longo, longo caminho vai o rapaz avançar.
Mais longo ainda é voltar.*

Speedy lançou-lhe por cima do ombro um olhar quase cintilante.

— Por que você me chama desse jeito? — Jack perguntou. — Por que Jack Viajante? Porque sou da Califórnia?

Tinham atingido a barraca azul-clara no cercado de entrada da montanha-russa. Ali eram vendidos os ingressos. Speedy enfiou de novo as mãos nos bolsos da calça verde e folgada, girou nos calcanhares e se encostou no cercado. A precisão e a rapidez de seus movimentos tinham uma característica quase teatral, como se soubesse de antemão que naquele momento a pergunta seria exatamente aquela.

*Diz que vem da Califórnia,
Por certo ele sabe que tem de voltar...*

O rosto compacto, de traços bem marcados, estava cheio de uma emoção que pareceu quase relutante a Jack.

*Vejam o caminho por onde vem,
Pobre Jack Viajante,
De voltar ele tem...*

— O quê? — disse Jack. — Voltar? Eu acho que minha mãe até já vendeu a casa... Ou alugou, sei lá... Não sei que diabo você está tentando dizer, Speedy.

Ele se sentiu aliviado quando Speedy não lhe respondeu com sua cantilena monótona e ritmada, mas disse numa voz normal:

— Aposto que você não se lembra de ter me encontrado antes, Jack. Estou certo ou não?

— Já ter encontrado você? Onde foi isso?

— Na Califórnia... pelo menos, *acho* que nos encontramos lá. Não é de admirar que não se lembre, Jack Viajante. Foram apenas alguns minutos agitados, em... deixe-me ver... foi há cerca de quatro ou cinco anos. Foi em 1976.

Jack o fitou com uma expressão atordoada. 1976? Teria então 7 anos.

— Vamos dar uma olhada no meu escritório — disse Speedy, e se afastou da bilheteria com a mesma agilidade sem peso.

Jack foi atrás dele, serpenteando entre os altos suportes da montanha-russa — sombras negras como grades de jogo-da-velha cobriam o chão empoeirado, onde velhas latas de cerveja e embalagens de doce ainda salpicavam aqui e ali. Os trilhos da montanha-russa pendiam sobre eles como um edifício inacabado. Speedy se movia, Jack percebeu, com a flexibilidade de um jogador de basquete, a cabeça empinada, os braços balançando. A curva de seu corpo, sua postura na escuridão axadrezada sob os suportes eram as de um jovem — Speedy tinha a aparência de um rapaz de 20 anos.

Então o zelador despontou de novo na áspera luz do sol e cinquenta anos extras tingiram-lhe o cabelo e mancharam-lhe a nuca. Jack parou ao atingir a última fileira de pilastras. Teve a sensação de que o ilusório rejuvenescimento de Speedy Parker podia indicar que não estava longe de um sonho de olhos abertos. Talvez alguma coisa já estivesse flutuando à sua volta.

1976? Califórnia? Jack foi andando atrás de Speedy, que agora se dirigia para um pequeno barracão de madeira, pintado de vermelho, junto à cerca de arame no fim do parque de diversões. Tinha certeza de nunca ter encontrado Speedy na Califórnia... mas a quase visível presença de suas fantasias ali ao redor tinha lhe trazido uma lembrança específica daquele tempo, as visões e sensações de um fim de tarde quando tinha 6 anos, brincando com um táxi preto de brinquedo atrás da poltrona do escritório do pai... E, inesperadamente, magicamente, ouviu o pai falando com o tio Morgan a respeito dos sonhos de olhos abertos.

Eles têm magos como nós temos físicos, certo? Uma monarquia agrária, usando a magia em vez da ciência. Mas já imaginou a porra do choque que íamos provocar se déssemos a eletricidade a eles? Se levássemos armas modernas para alguns membros da tribo? Tem ideia do que isso significaria?

Vá com calma, Morgan! Consigo ver um monte de coisas que você não é capaz de enxergar...

Jack quase podia ouvir a voz do pai, e o estranho e inquieto reino dos sonhos de olhos abertos pareceu se agitar no deserto sombrio sob a montanha-russa. Começou de novo a correr atrás de Speedy, que abrira a porta do pequeno barracão vermelho e se encostara junto à entrada, sorrindo sem sorrir.

— Você está com alguma coisa na cabeça, Jack Viajante. Alguma coisa zumbindo aí dentro como uma abelha. Entre na suíte executiva e me diga o que há.

Se o sorriso tivesse sido mais largo, mais óbvio, Jack poderia ter virado as costas e corrido: o espectro do ridículo pairava humilhanamente perto. Mas toda a figura de Speedy parecia expressar um interesse saudável (era esta a mensagem de todos aqueles sulcos profundos no rosto dele). Jack cruzou a porta e entrou no barracão.

O “escritório” de Speedy era um pequeno cômodo retangular — o mesmo vermelho que no exterior —, sem uma escrivaninha ou

um telefone. Dois engradados alaranjados estavam encostados na parede ao lado de um aquecedor elétrico que lembrava a frente de um Pontiac dos anos 50. No meio da sala, uma cadeira escolar com encosto redondo de madeira fazia companhia a uma poltrona de forro desbotado, cinzento.

Os braços da poltrona pareciam ter sido arranhados pelas garras de várias gerações de gatos: punhados sujos do enchimento saltavam como mechas de cabelo. Nas costas da cadeira havia uma complexa teia de iniciais rabiscadas. A mobília era um traste. Num dos cantos viam-se duas pilhas de livros, noutro a tampa corroída de um toca-discos barato. Speedy esticou a cabeça para o aquecedor e disse:

— Se vier aqui em janeiro ou fevereiro, rapaz, vai ver por que tenho isso. Frio? Um verdadeiro gelo!

Mas Jack olhava agora para as gravuras coladas na parede sobre o aquecedor e os engradados laranja.

Com exceção de uma, todas eram nus tirados de revistas masculinas. Mulheres com seios tão grandes quanto as cabeças, reclinadas em cascos de árvores, poses sinuosas, pernas estendidas. Para Jack, aquelas mulheres tinham rostos ao mesmo tempo fascinantes e vorazes — como se essas bocas fossem arrancar pedaços de pele depois de beijarem alguém. Algumas não eram mais jovens que a mãe, outras só pareciam alguns anos mais velhas que ele. Os olhos de Jack roçaram por aquelas carnes; todas elas, jovens e velhas, rosadas, cor de chocolate ou de mel, pareciam ansiar pelo seu toque, mas ele estava consciente demais da presença de Speedy Parker a seu lado. Então viu a paisagem no meio daqueles nus fotográficos. E por um segundo deve ter se esquecido de respirar.

Era também uma foto, e também parecia chamá-lo de alguma forma, até mesmo tocá-lo, como se fosse tridimensional. Uma longa planície cheia de relva estendendo-se até uma pequena cadeia de montanhas. Sobre a planície e as montanhas via-se um céu

extremamente límpido. Jack quase podia cheirar o frescor do panorama. Conhecia aquele lugar. Sem dúvida nunca estivera lá, mas conhecia o lugar. Era um dos lugares dos sonhos de olhos abertos.

— Não se pode tirar os olhos daí, não é? — perguntou Speedy, e Jack se lembrou de onde estava. Uma mulher asiática inclinava para a câmera um traseiro em forma de coração e sorria por sobre os ombros. Sim, Jack pensou.

— É realmente um lugar muito bonito — disse Speedy. — Essa quem colou fui eu. Todas as outras já estavam aqui quando eu mudei. Não tive coragem de rasgá-las. Elas me fazem lembrar dos bons tempos quando eu andava por este mundo afora.

Jack olhou assustado para Speedy, e o velho pestanejou.

— Você conhece esse lugar, Speedy? — Jack perguntou. — Quero dizer... sabe onde ele fica?

— Talvez sim, talvez não. Pode ser a África... Algum lugar no Quênia. Ou pode ser que minha memória não ande muito boa. Sente-se aqui, Jack Viajante. Aproveite a poltrona.

Jack virou a poltrona para poder contemplar a gravura do lugar dos sonhos de olhos abertos.

— Isso é a *África*?

— Talvez seja um pouco mais perto. Talvez seja um lugar aonde se pode ir... aonde se pode ir a qualquer hora. Pelo menos se quisermos muito conhecê-lo.

E de repente Jack percebeu que estava tremendo, que já estava tremendo há algum tempo. Seus punhos se fecharam formando duas bolas e ele sentiu o tremor se transferir para o estômago.

Não tinha certeza de que queria ver o lugar dos sonhos de olhos abertos, mas olhou interrogativamente para Speedy, que tinha se empoleirado na carteira escolar.

— Não é um lugar da África, é?

— Bem, eu não sei. Talvez seja. Eu lhe dei um nome especial, filho. Chamo isto aí de “Os Territórios”.

Jack tornou a olhar para a foto — a comprida e ondulada planície, as pequenas montanhas marrons. Os Territórios. Estava bem; era esse o nome.

Eles têm magos como nós temos físicos, certo? Uma monarquia agrária... armas modernas para alguns membros da tribo... tio Morgan tramando. O pai respondendo, pisando um pouco no freio: Temos de penetrar lá com muito cuidado, parceiro... Lembre-se, temos obrigações com eles. E isto é sério: temos realmente obrigações com eles.

— Os Territórios... — ele disse para Speedy, seus lábios saboreando o nome ao mesmo tempo em que faziam uma pergunta.

— Ar puro como o melhor vinho na adega de um homem rico. Chuva suave. Esse é o lugar, rapaz!

— Você já esteve lá, Speedy? — Jack perguntou, esperando ardentemente uma resposta direta.

Mas Speedy o frustrou, como Jack tinha quase certeza que aconteceria. O zelador sorriu; dessa vez era um sorriso de verdade, não apenas um brilho subliminar de simpatia.

E após um instante, Speedy falou:

— Diabo, eu nunca saí dos Estados Unidos, Jack Viajante. Nem mesmo durante a guerra. Nunca passei do Texas e do Alabama.

— E como sabe sobre... Os Territórios?

O nome estava começando a se ajustar à sua boca.

— Um homem como eu ouve histórias de todo tipo. Histórias de papagaios de duas cabeças, de homens que têm asas e voam, de homens que se transformam em lobos, histórias sobre rainhas. Rainhas doentes.

... magos como nós temos físicos, certo?

Anjos e lobisomens.

— Já ouvi histórias sobre lobisomens — disse Jack. — Já vi até em desenhos animados. Isso não quer dizer nada, Speedy.

— Provavelmente não. Mas já ouvi dizer que se alguém tira um rabanete da terra, uma pessoa a quase um quilômetro de distância pode sentir o cheiro do rabanete... o ar for doce e puro.

— Mas anjos...

— Homens com asas.

— E rainhas doentes — disse Jack, falando como se fizesse uma piada: *ei, jôquei de vassoura, que lugar idiota você inventou*. Mas no instante exato em que falou, sentiu-se um tanto enjoado. Tinha se lembrado do olho negro de uma gaivota observando-o com sua própria mortalidade enquanto arrancava um marisco da concha; e podia ouvir o agitado, afobado tio Morgan perguntando se ele seria capaz de fazer a Rainha Lily andar na linha.

Rainha das produções B. Rainha Lily Cavanaugh.

— Sim — disse Speedy em voz baixa. — Há problemas por toda parte, filho. Uma rainha doente... talvez morrendo. *Morrendo*, rapaz. E alguma coisa esperando lá fora, esperando para ver se alguém é capaz de salvá-la.

Jack o encarou de boca aberta, sentindo-se mais ou menos como se o zelador tivesse lhe dado um chute no estômago. Salvá-la? Salvar sua mãe? O pânico começou a inundá-lo mais uma vez. Como poderia *e/ele* salvá-la? E será que toda aquela conversa maluca queria sugerir que ela estava realmente morrendo, morrendo lá embaixo naquele quarto?

— Você tem uma tarefa, Jack Viajante — disse Speedy. — Uma tarefa que ninguém pode fazer em seu lugar e que é a verdade do Senhor. Eu gostaria que não fosse assim...

— Não estou entendendo o que você está falando — disse Jack. Sua respiração parecia ter sido comprimida num pequenino bolso quente situado na base do pescoço. Olhou para outro canto do pequeno quarto vermelho e, na penumbra, viu um velho violão

encostado na parede. Ao lado dele havia um colchão fino e bem enrolado. Speedy dormia perto do violão.

— Não sei não — disse Speedy — Tem horas, sabe, em que você sabe mais do que pensa que sabe. Muito e muito mais.

— Mas eu não... — Jack começou e então se levantou de repente. Acabara de se lembrar de alguma coisa. Agora estava ainda mais assustado; outro pedaço do passado se arremessara contra ele, exigindo sua atenção. Subitamente estava coberto de suor e a pele parecia muito fria, como se o jato fino de uma mangueira o tivesse molhado. Fora esta lembrança que tentara reprimir ontem de manhã, de pé na porta do elevador, fingindo que a bexiga não estava à beira de explodir.

— Eu não disse que era hora de refrescar a cabeça? — Speedy perguntou, abaixando-se para empurrar uma tábuia solta do assoalho.

Jack viu outra vez dois homens de aparência comum empurrando a mãe para dentro de um automóvel. Uma árvore enorme estendia as copas frondosas sobre o teto do carro.

Speedy tirou suavemente uma garrafa de meio litro de uma fenda entre as tábuas do assoalho. A garrafa era verde-escura, e o líquido lá dentro parecia negro.

— Isto vai ajudá-lo, filho. Só precisa tomar um golinho... Isto vai enviá-lo a alguns lugares que ainda não conhece, vai ajudá-lo a começar a tarefa que eu disse que terá de enfrentar.

— Não posso ficar mais tempo, Speedy — Jack falou de repente, agora desesperadamente apressado para voltar ao Alhambra. Speedy tentou disfarçar a surpresa no rosto e tornou a colocar a garrafa sob a tábuia solta. Jack já estava de pé. — Estou preocupado — disse.

— Com sua mãe?

Jack assentiu com a cabeça, recuando em direção à porta aberta.

— Então é melhor ir ver como ela anda. Mas pode voltar aqui quando quiser, Jack Viajante.

— Tudo bem — disse o menino, e só hesitou um segundo antes de caminhar para a porta. — Acho... acho que estou me lembrando de quando nos encontramos antes.

— Não, não, foi uma confusão dos meus miolos — disse o velho balançando a cabeça e sacudindo as mãos. — Você estava certo. Só nos conhecemos na semana passada. Volte para junto de sua mãe e procure se tranquilizar.

Jack saiu do barracão e atravessou correndo o espaço ensolarado e amplo até o arco que levava à rua. Em cima dele, pôde ler o letreiro DLROWNUF AIDACRA contra o céu (à noite, lâmpadas coloridas espalhariam o nome do parque em ambas as direções). Seus tênis levantavam poeira. Jack fez pressão nos músculos, forçando-os a correrem mais rápido e mais firme. Quando passou embaixo do arco, era como se estivesse voando.

Mil novecentos e setenta e seis. Jack estava subindo a Rodeo Drive numa tarde de junho... Ou seria julho? De qualquer modo, era uma tarde na estação seca, mas antes daquele período do ano em que todo mundo começava a se preocupar com incêndios nos morros. Não conseguia se lembrar aonde estava indo. À casa de um amigo? Não estava com pressa naquela tarde. Tinha alcançado um estágio onde já não ficava mais pensando no pai a cada segundo livre do seu tempo (por muitos meses após a morte de Philip Sawyer num acidente de caça, a sombra, a perda dele continuara correndo atrás de Jack, emparelhando-se com ele sempre que o garoto estava menos preparado para encontrá-la). Jack tinha apenas 7 anos, mas sabia que uma parte da infância lhe fora roubada (seu modo de ser aos 6 anos já lhe parecia extremamente ingênuo e tolo). Aprendera, no entanto, a confiar na força da mãe. Ameaças disformes e selvagens não mais se escondiam nos cantos escuros, nas portas entreabertas dos armários, nas ruas sombrias, nos quartos vazios.

Os acontecimentos daquela absurda tarde do verão de 1976 eliminaram essa paz temporária. Depois do que houve, Jack dormiu por seis meses de luz acesa; pesadelos agitavam-lhe o sono.

O carro surgiu na rua poucas casas acima da casa colonial de três andares e paredes brancas onde moravam os Sawyer. Era um carro verde, e a única coisa que Jack sabia além disso é que não era um Mercedes (o Mercedes era o único automóvel que reconhecia). O homem na direção tinha aberto a janela e sorria para ele. Seu primeiro pensamento foi que já tinha visto aquele homem — por certo era um velho conhecido do pai que queria apenas lhe dar um alô. No sorriso do homem havia alguma coisa espontânea, natural, familiar. Ao lado dele ia um sujeito que inclinou a cabeça e o examinou por trás de óculos de cego: redondos e tão escuros que pareciam quase totalmente negros. Esse segundo homem estava usando um terno muito branco.

Por algum tempo o motorista falou apenas com o sorriso; depois perguntou:

— Filho, sabe como se chega ao Beverly Hills Hotel?

Bem, afinal era um desconhecido. Jack experimentou um estranho lampejo de desapontamento. Apontou para cima da rua. O hotel ficava bem lá no alto, tão perto que o pai às vezes caminhava até lá para reuniões tomando o café-da-manhã no Loggia.

— Bem em frente? — o motorista perguntou, ainda sorrindo.

Jack confirmou balançando a cabeça.

— Você é um garotão muito inteligente — disse o homem, e o outro começou a rir. — Fica muito lá em cima?

Jack fez que não com a cabeça.

— Só algumas quadras, talvez?

— É.

Estava começando a se sentir mal. O motorista ainda sorria, mas agora o sorriso parecia brilhante demais, duro e vazio. A risadinha do outro se tornava ofegante, era uma espécie de chiado, como se o sujeito estivesse sugando alguma coisa molhada.

— Cinco quadras, talvez? Seis? O que me diz?

— Cinco ou seis, eu acho — disse Jack, recuando um passo.

— Bem, tenho mesmo de agradecer a você, garotão — disse o motorista. — Aposto que gosta de doce, não é? — Ele estendeu um punho fechado pela janela, virou a palma da mão para cima e abriu os dedos: era um chocolate. — É seu. Pegue.

Com relutância, Jack deu um passo à frente, ouvindo em sua cabeça as palavras de mil advertências contra gente desconhecida e doces. Mas o homem continuava dentro do carro; se tentasse alguma coisa, Jack podia estar a meio quarteirão de distância antes que ele conseguisse abrir a porta. E não apanhar o doce seria até falta de educação. Jack deu mais um passo à frente. Fitou os olhos do homem, que eram azuis e tão duros e brilhantes quanto o sorriso. Os instintos de Jack disseram-lhe para recuar a mão e correr. Mas acabou deixando que ela avançasse mais alguns centímetros na direção do chocolate. Seus dedos fizeram um pequeno gancho para agarrar o doce.

Então a mão do motorista cravou-se sobre a dele e o sujeito com óculos de cego riu em voz alta. Atônito, Jack olhou dentro dos olhos do homem que lhe agarrara o braço e os viu começarem a passar (*pensou* tê-los visto começarem a passar) do azul ao amarelo.

Mas depois eles estavam amarelos.

O homem no outro banco abriu uma porta e avançou pela traseira do carro. Usava uma pequena cruz dourada na lapela da jaqueta de seda. Jack tentou freneticamente se soltar, mas o motorista deu mais um sorriso muito brilhante, muito vazio e segurou-o com força.

— NÃO! — Jack gritou. — SOCORRO!

O homem de óculos escuros abriu a porta traseira ao lado de Jack.

— SOCORRO! — Jack gritou.

O homem pegou-o e começou a espremê-lo de forma que ele pudesse passar pela porta do carro. Jack dava pontapés, sempre gritando, mas o homem o apertava cada vez mais. Jack agarrou-lhe as mãos, tentando soltá-las de seu corpo. E com horror percebeu que o que estava sentindo sob os dedos não era pele. Torceu a cabeça e viu que aquilo que o segurava e se projetava da manga escura era uma coisa dura, metálica, que lembrava uma garra ou uma mão mecânica. Jack gritou outra vez.

De cima da rua veio uma voz:

— Ei, deixem esse menino em paz! Vocês! Larguem o garoto!

Jack arquejou de alívio e se contorceu o quanto pôde nos braços do homem. Correndo do fim da quadra vinha um negro alto e magro, sempre gritando. O homem jogou-o na calçada e de novo fez a volta pela traseira do carro. A porta da frente de uma das casas atrás de Jack se escancarou: outra testemunha.

— Vamos embora, *embora* — disse o motorista, já pisando no acelerador.

O Paletó Branco pulou rapidamente para seu banco, as rodas giraram e o carro saiu em diagonal, guinchando pela Rodeo Drive, quase batendo num comprido Clenet branco dirigido por um homem bronzeado, com roupa de jogar tênis. A buzina do Clenet soou.

Jack se levantou da calçada. Estava meio tonto. Um homem careca de jaqueta de safári apareceu ao seu lado e perguntou:

— Quem eram eles? Ficou sabendo o nome deles?

Jack balançou a cabeça.

— Como está se sentindo? Devíamos chamar a polícia.

— Só quero me sentar — disse Jack, e o homem recuou um passo.

— Quer que eu chame a polícia? — disse ele; Jack não quis.

— Não posso acreditar no que vi — disse o homem. — Mora por aqui? Já vi você antes, não foi?

— Eu me chamo Jack Sawyer. Minha casa fica bem ali.

— A casa branca — disse o homem balançando a cabeça. — Você é o menino de Lily Cavanaugh. Se quiser, posso levá-lo em casa.

— Onde está aquele homem? — Jack perguntou. — O negro, o homem que estava gritando?

Num passo incerto, Jack se afastou do homem de jaqueta de safári. Fora os dois, a rua estava vazia.

Lester Speedy Parker fora a pessoa que correria para socorrê-lo. Speedy lhe salvara a vida naquela ocasião, Jack percebia agora... E correu ainda mais depressa para o hotel.

3

— TOMOU SEU CAFÉ? — a mãe perguntou, soltando uma nuvem de fumaça no ar. O lenço que usava na cabeça parecia um turbante e, com o cabelo assim escondido, o rosto se tornara esquelético, muito vulnerável aos olhos de Jack. Um centímetro e meio de cigarro ardia entre o segundo e o terceiro dedos. Quando Lily viu o filho olhando para o toco, apagou-o no cinzeiro sobre a penteadeira.

— Ah, não, não de verdade — disse ele, hesitando na porta do quarto.

— Diga-me claramente sim ou não — disse Lily, virando-se para o espelho. — A ambiguidade está me matando!

O punho no espelho e a mão no espelho, aplicando a maquiagem no rosto de Lily, pareciam magros como um palito.

— Não — disse ele.

— Bem, espere um segundo e quando sua mãe estiver mais bonita vai levá-lo até lá embaixo e pedir o que você tiver vontade de comer.

— Tudo bem — disse ele. — Achei muito deprimente ficar ali sozinho.

— Juro que não entendo. Por que tinha de se sentir deprimido? — Inclinou-se para a frente e examinou o rosto no espelho. — Você se importaria de esperar na sala, Jacky? Gosto de fazer isto sozinha. Segredos da tribo.

Jack virou-se em silêncio e foi para a sala.

Quando o telefone tocou, ele deu um pequeno salto.

— Atendo? — gritou.

— Claro, Jack — respondeu a voz fria da mãe.

Jack pegou o fone e disse alô.

— Ei, garoto, finalmente o peguei — disse o tio Morgan Sloat. — Pelo amor de *Deus*, o que está se passando na cabeça de sua mãe? Podíamos estar enfrentando problemas muito sérios se eu não estivesse aqui para cuidar de certos detalhes. Ela está, Jack? Diga que tem de falar comigo. Não importa o que ela acha, mas tem de falar comigo. Confie em mim, garoto!

Jack deixou o telefone ficar pendurado na mão. Teve vontade de desligar, entrar no carro com a mãe e ir com ela para outro hotel em outro estado. Mas não desligou.

— Mãe, tio Morgan está no telefone. Diz que você tem de falar com ele.

Ela continuou um momento em silêncio; Jack gostaria de estar vendo o rosto dela.

— Vou atender aqui, Jacky — ela disse por fim.

Jack já sabia o que ia ter que fazer. A mãe fechou a porta do quarto; ele a ouviu caminhar para a penteadeira. Lily atendeu ao telefone.

— Pronto, Jacky — ela gritou do outro lado da porta.

— Tá — ele respondeu.

Então, tornou a pôr o fone no ouvido e, para que ninguém o ouvisse respirar, tapou o bocal com a mão.

— Que show, Lily — disse o tio Morgan. — Fantástico. Se ainda estivesse fazendo filmes, talvez pudéssemos tirar algum dinheiro disso. Algo do tipo “Por que desapareceu a atriz?”. Mas não acha que já está na hora de agir como uma pessoa racional?

— Como me encontrou?

— Acha que é difícil encontrá-la? Me dá um tempo, Lily! Quero que volte para Nova York. Já está na hora de parar de fugir.

— É isso que estou fazendo, Morgan?

— Você não tem exatamente todo o tempo do mundo, Lily, e eu não tenho tempo para ficar procurando você por toda a Nova Inglaterra. Ei, seu filho não desligou a extensão!

— Claro que desligou.

O coração de Jack parara completamente de bater.

— Saia da linha, garoto — disse a voz do tio Morgan Sloat.

— Não seja ridículo, Sloat — disse a mãe.

— Vou lhe dizer o que é ridículo, minha senhora... Esconder-se no fim do mundo quando devia estar no hospital, *isto* é ridículo. Deus, não sabe que temos mais de um bilhão de assuntos a resolver? Também estou preocupado com a escola do garoto, e tenho toda a razão. Você parece ter desistido disso.

— Não quero mais falar com você — Lily falou.

— Não quer, mas tem de falar. Vou até aí e, se for preciso, coloco você à força num hospital. Temos de fazer certos *acertos*, Lily. Você é dona de metade da companhia que tento administrar... E Jack vai ficar com a sua metade quando você se for. Quero ter certeza de que ele vai ser bem cuidado. Se você pensa que está cuidando bem de Jack nesse maldito New Hampshire, então está muito mais doente do que imagina.

— O que você quer, Sloat? — Lily perguntou numa voz cansada.

— Você sabe o que eu quero. Quero que todo mundo esteja seguro. Quero o que é justo. Vou tomar conta de Jack, Lily. Posso lhe dar 50 mil dólares por ano... Pense nisso, Lily. Farei com que ele

vá para uma boa universidade. Você não consegue sequer mantê-lo na escola.

— Que nobre, Sloat — disse a mãe.

— Acha que isso é resposta? Lily, você precisa de ajuda e sou o único a lhe oferecer isso.

— O que você ganha com isso, Sloat? — a mãe perguntou.

— Você sabe muito bem. Quero o que é justo. Quero a sua parte, suas ações na Sawyer and Sloat. Dei até a última gota do meu sangue por essa empresa, e ela deve ser minha. Podemos resolver a papelada numa única manhã, Lily... E depois podemos nos concentrar em cuidar de você.

— Como cuidaram de Tommy Woodbine — disse ela. — Às vezes penso que você e Phil tiveram êxito *demais*, Morgan. A Sawyer and Sloat era mais fácil de ser administrada antes de vocês entrarem nos investimentos imobiliários e nos grandes contratos de produção. Lembra-se de quando seus únicos clientes eram alguns comicos apagados e meia dúzia de atores e roteiristas esperançosos? Eu achava a vida melhor antes da fortuna.

— Administrada? Deve estar brincando! — gritou o tio Morgan. — Não consegue sequer administrar a si mesma! — Fez um esforço para se controlar. — E vou esquecer que mencionou Tom Woodbine. Isso foi mais baixo até mesmo do que você, Lily.

— Vou desligar, Sloat. Fique longe daqui. E fique longe de Jack.

— Você vai para um hospital, Lily, e essas andanças vão...

A mãe desligou no meio da frase do tio Morgan; Jack pousou delicadamente o fone no gancho. Depois se aproximou um pouco da janela, como se não quisesse ser visto perto do telefone. Do quarto fechado só vinha o silêncio.

— Mãe? — disse ele.

— Sim, Jacky?

Jack percebeu um ligeiro tremor na voz dela.

— Você está bem? Está tudo bem?

— Eu? Claro.

Os passos de Lily se aproximaram suavemente da porta que, com um estalo, começou a se abrir. Os olhos dos dois se encontraram, azul contra azul. Lily acabou de abrir a porta. Por um momento de desagradável intensidade, os olhos se encontraram de novo.

— É claro que está tudo bem. Por que não haveria de estar?

Os olhares se separaram. Uma espécie de conhecimento se comunicara entre os dois, mas o quê? Jack se perguntou se a mãe suspeitava de que ele tinha ouvido a conversa; então achou que o conhecimento que tinham acabado de compartilhar era, pela primeira vez, o fato de que ela estava doente.

— Bem... — disse ele, um tanto constrangido. A doença da mãe, aquele grande assunto que não podia ser mencionado, cresceu obscenamente aos olhos dos dois. — Eu não sei exatamente. Tio Morgan parecia...

Ele sacudiu os ombros. Lily estremeceu, e Jack chegou a outra conclusão. A mãe estava com medo; pelo menos com tanto medo quanto ele.

Lily enfiou um cigarro nos lábios e abriu com um estalo o isqueiro. Outro olhar fulminante de seus olhos profundos.

— Não dê importância a essa peste, Jack. Só estou um pouco irritada porque parece que nunca vou conseguir me livrar dele. Seu tio Morgan gosta de me atormentar. — Soltou uma fumaça cinzenta. — Acho que já perdi meu apetite para o café. Por que não desce e dessa vez faz um verdadeiro desjejum?

— Venha comigo — pediu ele.

— Gostaria de ficar um pouco sozinha, Jack. Tente compreender.

Tente compreender.

Confie em mim.

Essas coisas que dizem os adultos, significando algo completamente diferente.

— Estarei mais sociável quando você voltar — disse ela. — Prometo.

E o que ela estava realmente dizendo era: *Quero gritar, não posso suportar mais isto, saia, saia!*

— Quer que eu traga alguma coisa?

Ela balançou a cabeça, atirando-lhe um sorriso duro. Jack saiu do apartamento, embora também já não tivesse mais vontade de tomar o desjejum. Desceu o corredor até os elevadores. De novo, só havia um lugar aonde podia ir, mas dessa vez sabia disso antes mesmo de ter atingido o saguão sombrio e a cara cinzenta e reprovadora do homem da recepção.

4

SPEEDY PARKER NÃO estava no pequeno barracão vermelho que era seu escritório; não estava no longo píer, no fliperama onde os dois outros velhos jogavam Skee-ball como se fosse uma guerra que ambos sabiam que iam perder; também não estava no espaço empoeirado sob a montanha-russa. Jack Sawyer ficou meio desnorteado naquele sol forte, contemplando os caminhos vazios, os pátios desertos do parque. O medo de Jack comprimia-o até a garganta. E se tivesse acontecido alguma coisa a Speedy? Era impossível, mas e se o tio Morgan tivesse descoberto sobre Speedy (mas descoberto o quê?) e tivesse... Mentalmente, Jack viu a van CRIANÇA REBELDE virando uma esquina, as engrenagens rangendo e fazendo-a ganhar velocidade.

Pôs-se bruscamente em movimento, sem saber muito bem para onde pretendia ir. No pânico que lhe envolvera a alma, viu o tio Morgan atravessar uma fileira de espelhos que o transformaram

numa série de figuras monstruosas e deformadas. Nasceram chifres na testa calva, surgiu uma corcunda entre os ombros gordos, os dedos enormes viraram pás. De repente, Jack guinou para a direita e, quando deu por si, estava caminhando para uma estranha construção quase redonda, feita de tábuas brancas.

De dentro dela vinha um *tap tap tap* ritmado. O menino correu para o som: uma chave inglesa batendo num cano, um martelo numa bigorna, um barulho de trabalho. No meio das tábuas, encontrou a maçaneta e abriu uma frágil porta de madeira.

Jack avançou pela escuridão e o som ficou mais alto. A escuridão alterava as formas em volta dele, modificava as dimensões. Estendeu os braços e as mãos tocaram uma lona. A lona deslizou; imediatamente, uma brilhante luz amarela caiu sobre ele.

— Jack Viajante — disse a voz de Speedy.

Jack se virou para a voz e viu o zelador sentado no chão, ao lado de um carrossel parcialmente desmontado. Tinha uma chave inglesa na mão e, junto dele, empalado da sela à barriga por uma comprida estaca prateada, havia um cavalo branco. A crina parecia espuma. Speedy colocou a chave inglesa no chão.

— Está pronto para falar agora, filho?

Capítulo Quatro

A Passagem

1

— SIM, ESTOU PRONTO — Jack respondeu numa voz perfeitamente calma e, então, explodiu em lágrimas.

— Vamos lá, Jack Viajante — disse Speedy, largando a chave inglesa e se aproximando dele. — Vamos lá, filho, se acalme, se acalme...

Mas Jack não conseguia se acalmar. De repente era demais, aquilo era demais, e se não chorasse ia submergir numa grande onda de escuridão; uma onda que nenhum raio dourado, por mais brilhante que fosse, seria capaz de iluminar. As lágrimas doíam, mas ele sentia que o terror o destruiria se ele não o botasse para fora.

— Chorar faz bem, Jack Viajante — disse Speedy pondo os braços em volta dele. Jack encostou o rosto quente e inchado na camisa fina de Speedy. O cheiro dele era meio que de Old Spice, meio que de canela, meio que de livros que há muito tempo ninguém tirava da biblioteca. Cheiros bons, cheiros agradáveis. Seus braços tatearam e também abraçaram Speedy; as palmas das mãos sentiram os ossos das costas do negro, próximos à superfície, cobertos por uma camada muito reduzida de carne.

— Chore se isso faz você se sentir melhor — disse Speedy embalando-o nos braços. — Às vezes acontece. Eu sei. Speedy sabe como você já esteve longe, Jack Viajante, e o quanto ainda tem de caminhar. Speedy sabe como está cansado. Chore se isso faz você se sentir melhor, rapaz.

Jack quase não entendeu as palavras, mas percebeu os sons que elas fizeram — suaves e tranquilizadores.

— Minha mãe está mesmo doente — disse ele por fim, encostado no peito de Speedy. — Acho que ela veio pra cá para fugir do velho sócio do meu pai, o Sr. Morgan Sloat.

Jack fungou com força, se afastou de Speedy, recuou um passo e esfregou os olhos vermelhos com as costas da mão. Ficou surpreso com sua falta de constrangimento; antes, as lágrimas sempre o envergonhavam e amarguravam... Era quase como molhar as calças. Será que reagia assim porque a mãe fora sempre tão dura? Achava que tinha alguma coisa a ver com isso; Lily Cavanaugh não gostava muito de lágrimas.

— Mas não foi só por isso que ela veio pra cá, foi?

— Não — disse Jack em voz baixa. — Acho... que ela veio para morrer. — O timbre se tornou bem mais agudo na última

palavra, como o ranger de uma dobradiça sem óleo.

— Pode ser — disse Speedy olhando com firmeza para Jack.
— E pode ser que você esteja aqui para salvá-la. Ela... e uma mulher igual a ela.

— Quem? — Jack perguntou entre lábios dormentes. Ele sabia quem era. Não sabia o nome, mas sabia quem era.

— A rainha — disse Speedy. — O nome dela é Laura DeLoessian. É a rainha dos Territórios.

2

— ME AJUDE — SPEEDY pediu. — Suspenda a velha Dama Prateada por baixo da cauda. Sei que é um pouco de abuso, mas tenho de colocá-la no lugar certo. Acho que ela não vai se importar se você ajudar.

— É assim que a chama? Dama Prateada?

— Sim, rapaz — disse Speedy sorrindo, mostrando talvez uma dúzia de dentes em cima e embaixo. — Todos os cavalos do carrossel têm um nome, não sabia? Suspenda, Jack Viajante!

Jack pôs as mãos sob a cauda de madeira do cavalo branco e entrelaçou os dedos. Grunhindo um pouco, Speedy colocou as grandes mãos negras em volta das patas dianteiras da Dama. Juntos, transportaram o cavalo de pau para o respectivo disco do carrossel, a ponta do mastro (desagradavelmente lambuzadas de óleo lubrificante) virada para baixo.

— Um pouco mais para a esquerda — disse Speedy com voz ofegante. — Bom... Agora é só enfiar, Jack! Com força!

Fixaram o cavalo e recuaram um pouco, Jack ofegando, Speedy sorrindo e respirando ruidosamente. O negro limpou o suor

da testa e dirigiu um sorriso para Jack.

— Não somos bons?

— Se você acha — Jack respondeu sorridente.

— Eu acho! Claro que sim!

Speedy levou a mão ao bolso traseiro e puxou a garrafa verde-escura de meio litro. Tirou a tampa, tomou um gole e, por um momento, Jack teve uma estranha certeza: podia ver através de Speedy. Speedy se tornara transparente, tão fantasmagórico quanto os espíritos dos filmes de terror de um dos canais de TV de Los Angeles. Speedy estava desaparecendo. *Desaparecendo*, Jack pensou, *ou indo para algum outro lugar?* Mas era uma ideia maluca; não fazia qualquer sentido.

Então Speedy voltou a ficar sólido como antes. Fora apenas uma peça que seus olhos lhe tinham pregado, uma momentânea...

Não. Não foi. Por um segundo ele quase desapareceu!

... alucinação.

Agora Speedy o fitava com ar inteligente. Começou a aproximar a garrafa de Jack, mas acabou balançando os ombros. Voltou a tampá-la e colocou-a outra vez no bolso de trás. Virou-se para contemplar a Dama Prateada, de novo ajustada no carrossel, só precisando de um apertão nos pinos do mastro. Abriu um sorriso.

— Não podia estar melhor, Jack Viajante.

— Speedy...

— Todos eles têm nome — disse Speedy, caminhando lentamente em volta do disco do carrossel, os passos ecoando dentro do cercado. Lá em cima, perto do xadrez sombrio das vigas do teto, algumas andorinhas arrulhavam suavemente. Jack foi atrás de Speedy.

— Dama Prateada... Meia-Noite... Este pampa aqui é o Escoteiro... Esta égua é a Ella Speed.

O negro jogou a cabeça para trás e começou a cantar, alvoroçando as andorinhas e fazendo-as esvoaçar:

— *Ella Speed tinha um namorado engraçado... Vou contar o que fez o velho Bill Martin...* Ei! Jack! Olhe as andorinhas voando!

Ele riu, mas, quando se virou para Jack, estava sério de novo.

— Não quer tentar salvar a vida de sua mãe, Jack? A vida dela e a vida daquela outra mulher de quem lhe falei?

— Mas... — *não sei como*, ele pretendia dizer; então, uma voz interior (vinda daquele mesmo quarto trancado que de manhã revelara a memória dos dois homens e a tentativa de sequestro) ergueu-se vigorosamente: *Você sabe! Você pode precisar de um empurrão inicial do Speedy, mas você sabe como, Jack. Você sabe!*

Ele conhecia bem essa voz. Era a voz do pai.

— Vou tentar, se me disser como — disse Jack, sua voz aumentando e diminuindo ao pronunciar a frase.

Speedy caminhou para a parede mais distante do cercado — uma grande forma circular feita de pequenas tábuas de madeira, onde havia um primitivo mas extremamente expressivo mural de cavalos correndo. Para Jack, a parede parecia a tampa da escrivaninha do pai (a escrivaninha estava no escritório de Morgan Sloat da última vez que ele e a mãe estiveram lá, Jack se lembrou de repente; o pensamento lhe despertou uma leve e confusa sensação de raiva).

Speedy pegou uma gigantesca argola de chaves, remexeu-as com ar pensativo, encontrou a que queria e encaixou-a num cadeado. Girou a chave e o cadeado estalou. Depois guardou a chave num dos bolsos da frente e fez toda a parede recuar sobre um trilho. O brilho magnífico do sol se derramou pelo cercado, obrigando Jack a fechar os olhos. Os reflexos das ondas dançaram agradavelmente pelo teto. Junto ao carrossel do Arcadia Funworld, eles puderam se defrontar com uma magnífica vista do oceano. Se montassem nos cavalos e os pusessem em marcha, veriam a encosta em movimento sempre que a Dama Prateada, o Meia-Noite e o Escoteiro girassem por aquele lado do cercado. Uma leve brisa marinha suspendia o cabelo da testa de Jack.

— É melhor ter a luz do sol se vamos conversar sobre estas coisas — disse Speedy. — Venha até aqui, Jack Viajante. Vou lhe contar o que puder... que não é tudo que sei. Espero que você nunca precise saber de tudo.

3

SPEEDY FALAVA EM voz baixa. Para Jack, era um tom tão macio e agradável quanto um sapato velho de couro. Jack ouvia, às vezes franzindo a testa, às vezes abrindo a boca.

— Sabe essas coisas que você chama de sonhos de olhos abertos?

Jack assentiu com a cabeça.

— Essas coisas não são sonhos, Jack Viajante. Nem sonhos de olhos abertos, nem sonhos de qualquer espécie. O lugar onde elas se passam é um lugar real. Bastante real, mesmo. É um lugar diferente daqui, mas é real.

— Speedy, minha mãe diz...

— Isso agora não importa. Ela não conhece os Territórios... Mas, em certo sentido, *sabe* da existência deles. Porque seu pai, Jack, *seu pai* sabia. E esse outro homem...

— Morgan Sloat?

— É, acho que sim. Ele também sabe. — Então, de forma enigmática, Speedy acrescentou: — Sei muito bem quem é ele nos Territórios. Sei muito bem, não é?

— A gravura em seu escritório... Não é a África?

— Não é a África.

— Não é um truque?

— Não é um truque.

— E meu pai foi a esse lugar? — Jack perguntou, mas seu coração já conhecia a resposta. Era uma resposta lógica demais para não ser verdadeira. Mas, verdade ou não, Jack não sabia até que ponto queria *acreditar* naquilo. Terras mágicas? Rainhas doentes? A ideia o deixava inquieto. A ideia o deixava confuso sobre o que estaria disposto a fazer. E afinal, quando ele era pequeno, a mãe não o advertira vezes sem conta para não confundir os sonhos de olhos abertos com o que existia de verdade? Sempre fora muito severa a esse respeito e chegara a assustá-lo um pouco. Talvez, Jack agora pensava, ela mesma estivesse um pouco assustada. Poderia ter vivido tanto tempo com seu pai sem saber de *alguma coisa*? Essa não era a opinião de Jack. *Talvez, ele pensou, mamãe não saiba de muita coisa... mas sabe o bastante para ficar com medo.*

Ficando malucas. Era isso que ela dizia. Pessoas que não conseguem ver a diferença entre coisas reais e coisas de faz-de-conta estão ficando malucas.

Mas o pai tinha conhecido uma verdade diferente, não tinha? Sim. Ele e Morgan Sloat.

Eles têm magos como nós temos físicos, certo?

— Seu pai foi muitas vezes a esse lugar. E esse outro homem, Groat...

— Sloat...

— Sim, rapaz! Ele mesmo. Ele também foi. Só que seu pai, Jacky, ia para ver e aprender. Mas o outro sujeito... bem, ele ia apenas com a intenção de conseguir uma enorme fortuna.

— Foi Morgan Sloat quem matou meu tio Tommy? — Jack perguntou.

— Não sei nada a respeito disso. Procure apenas me ouvir, Jack Viajante. Porque o tempo é curto. E se você acha mesmo que esse tal de Sloat vai aparecer por aqui...

— Ele parecia furioso — disse Jack. O simples pensamento do tio Morgan chegando a Arcadia Beach deixava-o nervoso.

— ... então o tempo é mais curto que nunca. Porque ele talvez não se importe nem um pouco que sua mãe morra. E o Duplo dele está sem dúvida esperando que a rainha Laura morra.

— Duplo?

— Há pessoas neste mundo que têm Duplos nos Territórios — disse Speedy. — Não muitas, porque lá há muito menos gente. Talvez uma pessoa para cada 100 mil daqui. Mas os Duplos podem ir e vir com a maior facilidade.

— Esta rainha... é minha mãe? O Duplo dela?

— É, parece que sim.

— Mas minha mãe nunca...

— Nunca. Nunca foi até lá. Não havia motivo.

— Meu pai teve um... Duplo?

— Teve sim. Um ótimo sujeito.

Jack molhou os lábios. Que conversa maluca! Duplos e Territórios!

— E quando meu pai morreu aqui, seu Duplo também morreu nos Territórios?

— Sim. Não exatamente ao mesmo tempo, mas quase.

— Speedy?

— Hã?

— Eu tenho um Duplo? Nos Territórios?

Speedy o encarou com uma expressão tão grave que Jack sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha.

— Você não, filho. Você é único. E especial... E esse tal de Smoot...

— Sloat — disse Jack, sorrindo um pouco.

— Sim, não importa o nome, ele sabe disso. Essa é uma das razões que muito em breve devem trazê-lo pra cá. E uma das razões pelas quais você tem de se mexer.

— *Por quê?* — Jack explodiu. — De que vai adiantar se ela estiver com câncer? Se é mesmo câncer e ela está aqui em vez de ter ido para uma clínica, é porque não há mais *saída*. Se ela está

aqui, veja bem, isto significa que... — As lágrimas o ameaçaram de novo, mas Jack as engoliu freneticamente. — Isto significa que não tem mais jeito.

Ela não tem mais jeito. Sim. Essa era outra verdade que seu coração sabia: a verdade da acelerada perda de peso da mãe, a verdade das olheiras fundas sob os olhos. *Ela não tem mais jeito*, mas pelo amor de Deus, ei Deus, por favor, cara, ela é minha *mãe*...

— O que não entendo — ele concluiu numa voz rouca — é o que esse lugar dos sonhos de olhos abertos pode fazer de bom.

— Acho que por ora já tagarelamos bastante — disse Speedy. — Só quero que acredite no seguinte, Jack Viajante: eu jamais lhe pediria que fosse, se isso não servisse de nada para sua mãe.

— Mas...

— Fique tranquilo, Jack. Não adianta mais falar antes de você ver alguma coisa com seus próprios olhos. Seria inútil. Venha comigo.

Speedy pôs o braço em volta dos ombros de Jack e contornou com ele o disco do carrossel. Saíram pelo outro lado do cercado e desceram um dos caminhos desertos do parque de diversões. À esquerda ficava o trem fantasma, agora fechado, com as persianas abaixadas. À direita, havia uma série de barracas, todas fechadas: o jogo de argolas, o bar Famous Pier Pizza & Dough-Boys, o tiro ao alvo (nas tábuas do tiro ao alvo saltitavam figuras desbotadas de animais selvagens: leões, tigres, ursos, oh Deus!).

Chegaram ao largo caminho central, que era chamado Boardwalk Avenue, numa vaga imitação de Atlantic City (Arcadia Funworld tinha um píer, não um verdadeiro cais). O fliperama estava agora 100 metros à esquerda deles e o arco que marcava a entrada do Arcadia Funworld cerca de 200 metros à direita. Jack podia ouvir o chiado, o ronco contínuo das ondas quebrando na praia e os gritos solitários das gaivotas.

Ele se virou para Speedy, querendo perguntar quando poderia ir aos Territórios ou se tudo não passava de uma piada de mau

gosto... Mas não disse coisa alguma. Speedy estava lhe oferecendo a garrafa verde.

— Mas isso... — Jack começou.

— Leva você até lá — disse Speedy. — A maioria das pessoas que visitam o lugar não precisa de nada desse tipo, mas há muito tempo você não vai lá, não é, Jack?

— É.

Quando abrira pela última vez os olhos no mundo mágico dos sonhos de olhos abertos, aquele mundo de cheiros exuberantes e agradáveis, de céu profundo e transparente? No ano passado? Não. Antes disso... na Califórnia... depois da morte do pai. Teria então...

Os olhos de Jack se arregalaram. Nove anos? Foi há tanto tempo assim? Há três *anos*?

Era assustador pensar com que modéstia, com que discrição aqueles sonhos, às vezes doces, às vezes sombriamente inquietantes, tinham escapulado — como se uma boa parte de sua imaginação, sem aviso e de modo indolor, tivesse se dissipado.

Tirou rapidamente a garrafa das mãos de Speedy, quase deixando-a cair. Sentiu um ligeiro início de pânico. Alguns sonhos de olhos abertos tinham sido perturbadores, e as advertências cuidadosamente dosadas da mãe para que ele não misturasse realidade e fantasia (*em outras palavras: não vá ficar maluco, Jacky, cuidado com essa cabecinha, OK?*) tinham sido um pouco assustadoras. Mas Jack percebia agora que realmente não estava disposto a perder esse mundo.

Olhou nos olhos de Speedy e pensou: *Ele sabe disso, também. Sabe de tudo que eu penso. Quem é você, Speedy?*

— Quando a pessoa fica muito tempo sem ir aos Territórios, acaba esquecendo como se faz para chegar lá — disse Speedy, e inclinou a cabeça para a garrafa. — É por isso que trago sempre comigo este suco mágico. É uma coisa *especial*.

Speedy falou a última palavra quase num tom de veneração.

— Isto vem de lá? Dos Territórios?

— Não. Também temos *alguma* magia por aqui, Jack Viajante. Não muita, mas um pouco. Este suco mágico veio da Califórnia.

Jack fitou-o com ar incrédulo.

— Vamos lá. Tome um pequeno gole e aposto que a travessia vai começar. — Speedy sorriu. — Se beber bastante deste suco, poderá ir praticamente a qualquer lugar que deseje. Está olhando para alguém que conhece o assunto.

— Nossa, Speedy, mas...

Ele começou a sentir um certo medo. A boca ressecara, o sol parecia brilhante demais, podia sentir a pulsação disparando nas têmporas. E tinha um gosto de cobre na língua. *É assim*, Jack pensou, *que deve ser o gosto do “suco mágico”: horrível!*

— Se ficar com medo e quiser voltar, basta tomar outro gole — disse Speedy.

— A garrafa vai junto comigo? Promete?

A ideia de ficar preso por lá, naquele outro lugar místico, com a mãe doente e o inoportuno Sloat por aqui, era terrível.

— Prometo.

— Tudo bem.

Levou a garrafa aos lábios... e então afastou-a um pouco. O cheiro era penetrante, horroroso, rançoso.

— Não quero tomar, Speedy — ele murmurou.

Lester Parker encarou-o. Os lábios estavam sorrindo, mas não havia sorriso nos olhos; os olhos pareciam severos... intransigentes... assustadores. Jack se lembrou de muitos olhos negros: olhos de gaivota, olhos de redemoinhos. Foi tomado pelo terror.

Esticou a garrafa para Speedy.

— Não pode pegá-la de volta? — ele perguntou, e concluiu num murmúrio fraco: — Por favor...

Speedy não deu resposta. Não lembrou a Jack que a mãe estava morrendo ou que Morgan Sloat estava chegando. Não chamou-o de covarde, embora Jack nunca tenha se sentido tão

covarde, nem mesmo no dia em que recuou do trampolim da piscina de uma colônia de férias e foi vaiado por alguns garotos. Speedy simplesmente lhe virou as costas e começou a assobiar com ar distraído.

Agora a solidão juntou-se ao terror, deslizando irremediavelmente pelo seu corpo. Speedy se afastava dele; Speedy tinha lhe virado as costas.

— Tudo bem — disse Jack bruscamente. — Tudo bem, se é isso que você precisa que eu faça.

Ergueu de novo a garrafa e, antes de ter tempo para pensar, bebeu.

O gosto era pior do que qualquer coisa que se pudesse imaginar. Já bebera vinho antes, já chegara até mesmo a gostar de vinho (principalmente dos vinhos brancos e secos que a mãe servia com carne ou peixes, como o linguado ou o espadarte). Aquilo tinha alguma coisa a ver com vinho, mas ao mesmo tempo era uma piada comparado a todos os vinhos que tomara. O sabor era muito forte, doce, podre. Não era um gosto de uvas frescas, mas de uvas mortas cuja vida não fora nada boa.

Quando sua boca se encheu daquele horrível sabor pastoso e adocicado, ele pôde realmente ver essas uvas: sem brilho, poeirentas, obesas, grosseiras, fermentando uma goma suja, um xarope gorduroso, expostas ao enxame barulhento de muitas moscas quebrando o silêncio do sol.

Engoliu o líquido e uma trilha serpenteante de fogo desceu-lhe pela garganta.

Fechou os olhos com uma careta, a garganta ameaçando reagir. Não vomitou, mas achou que teria vomitado se tivesse comido qualquer coisa no desjejum.

— Speedy...

Abriu os olhos e as palavras foram sufocadas. Esqueceu o enjoo daquela horrível paródia de vinho. Esqueceu-se da mãe, do tio Morgan, do pai e de quase qualquer outra coisa.

Speedy tinha desaparecido. Os graciosos arcos da montanha-russa contra o céu tinham desaparecido. Boardwalk Avenue tinha desaparecido.

Estava em algum outro lugar. Estava...

— Nos Territórios — Jack sussurrou, o corpo inteiro formigando com uma mistura maluca de terror e alegria. Podia sentir o cabelo se arrepiando na base da nuca, podia sentir um sorriso estúpido repuxando os cantos da boca.

— Speedy, estou aqui, meu Deus, estou nos Territórios! Eu...

Mas o espanto fez com que se calasse. Levou a mão à boca e girou lentamente, completando um círculo, apreciando o lugar para onde o “suco mágico” de Speedy o transportara.

4

O OCEANO AINDA estava lá, mas tinha uma cor mais forte, um azul mais exuberante, o azul mais autêntico que Jack já vira. Por um instante, ficou paralisado, a brisa do mar lhe agitando o cabelo, os olhos fixos na linha do horizonte, onde aquele oceano índigo se unia ao algodão desbotado do céu.

A linha do horizonte mostrava uma débil, mas inequívoca curvatura.

Ele balançou a cabeça, franzindo a testa, e virou-se para outro lado. Plantas marinhas, altas, selvagens, emaranhadas, espalhavam-se pelo promontório onde, um minuto antes, erguia-se o cercado do carrossel. O píer também desaparecera; em seu lugar, uma série de rochas de granito corriam para o oceano. As ondas atingiam a base das rochas e penetravam em fendas e grutas

circulares com um enorme e cavernoso estrondo. Uma espuma branca como chantilly erguia-se no ar e era sopradas pelo vento.

Bruscamente, Jack apertou a face esquerda entre o polegar e o indicador. Beliscou com força. Seus olhos ficaram marejados, mas nada se alterou.

— É de verdade — ele sussurrou, enquanto uma onda, levantando enormes labaredas de espuma, estourava sobre o promontório.

Então Jack percebeu que, de uma certa maneira, a Boardwalk Avenue *ainda estava* lá... Um rústico caminho de carro de bois descia do topo do promontório (onde terminava a Boardwalk Avenue, na entrada do fliperama, no que sua mente insistia em chamar de “mundo real”). O caminho passava perto dele e seguia para o norte, exatamente como a Boardwalk Avenue corria para o norte, onde, depois de ultrapassar os limites do Funworld, se transformava na Arcadia Avenue. Plantas marinhas cresciam ao longo da trilha, mas bastou um olhar mais calmo e atento para Jack perceber que aquele caminho ainda era usado, pelo menos de vez em quando.

Começou a andar para o norte, mantendo a garrafa verde na mão direita. Achou que, em algum lugar, num outro mundo, Speedy ainda estaria segurando a tampa dessa garrafa.

Será que desapareci bem na frente dele? Acho que sim. Meu Deus!

Depois de uns quarenta passos pelo caminho, chegou a um emaranhado de amoreiras silvestres. No meio dos espinhos havia as amoras mais gordas, escuras e suculentas que ele já tinha visto. Sem dúvida por causa do efeito maléfico daquele “suco mágico”, seu estômago fazia um barulho alto de coisa *roncando*.

Amoras silvestres? Em setembro?

Não importava. Depois de tudo o que acontecera naquele dia (e ainda nem eram dez horas), deparar-se com amoras silvestres

em setembro era mais ou menos como não querer tomar uma aspirina depois de ter engolido uma maçaneta.

Jack estendeu a mão, pegou um punhado de amoras e atirou-as na boca. Eram extremamente doces; extremamente gostosas. Sorrindo (seus lábios tinham adquirido um nítido aspecto azulado), achando bem possível que estivesse fora de si, pegou outro punhado de amoras... e depois um terceiro. Nunca provara nada tão bom — embora, ele pensou mais tarde, não se tratasse apenas das amoras; parte de sua satisfação vinha da incrível limpidez do ar.

Arranhou-se algumas vezes quando pegava uma quarta porção. Era como se os arbustos estivessem lhe dizendo para não amolar, já comera demais, já chega! Sugou o sangue do arranhão maior, debaixo do polegar, e continuou andando para o norte entre os sulcos paralelos da trilha. Caminhava devagar, querendo ver tudo de uma vez.

Parou um pouco à frente das amoras silvestres para olhar para o sol, que parecia um tanto menor, ainda que mais ardente que no outro mundo. E não tinha uma aparência ligeiramente alaranjada, como naquelas velhas gravuras medievais? Jack pensou que sim. Então...

Um grito, áspero e enervante como um prego enferrujado sendo lentamente arrancado de uma tábua, assomou à sua direita e dispersou-lhe os pensamentos. Jack virou-se na direção do grito, os ombros se empinando, os olhos se alargando.

Era uma gaivota, e seu tamanho era desconcertante, quase inacreditável (mas a ave era sólida como pedra, real como uma casa). De fato, tinha o tamanho de uma águia. A cabeça lisa, branca e redonda inclinava-se para um dos lados. O bico em anzol abria e fechava. O agitar das grandes asas encrespava as plantas marinhas.

E então, aparentemente sem medo, ela começou a saltitar para perto de Jack.

Em surdina, Jack ouviu o som límpido e metálico de um conjunto de cornetas tocando ao mesmo tempo. Sem nenhuma razão lógica, pensou na mãe.

Atraído pelo som, olhou momentaneamente para o norte, na direção que estava seguindo. O som o encheu de um estranho sentimento de urgência. Era, ele pensou (quando havia *tempo* para pensar), como ter fome de *alguma coisa* específica que há muito não se come: sorvete, batatas fritas, quem sabe um *taco*... Até se ver a coisa (e até se comê-la), existe apenas uma necessidade sem nome, que deixa a pessoa inquieta, nervosa.

Recortados contra o céu, viu bandeirolas e a cúpula do que poderia ser uma grande tenda, um pavilhão.

É lá que fica o Alhambra, ele pensou, e então a gaivota grasnou. Jack se virou e ficou alarmado ao vê-la a menos de 2 metros de distância. O bico se abriu, mostrando aquela boca rosada suja, fazendo com que ele se lembrasse da véspera, da gaivota que derrubara o marisco perto da rocha e que o fitara com o mesmo olhar terrível com que aquela outra ave o estava observando. Mas, apesar do olhar, a gaivota sorria para ele; tinha certeza disso. Quando a ave chegou ainda mais perto, Jack pôde sentir um mau cheiro desagradável, repugnante: cheiro de peixe morto e algas apodrecidas.

A gaivota silvou e agitou as asas.

— Vá embora — disse Jack em voz alta. O coração martelava rapidamente no seu peito e a boca parecia ressecada, mas ele não pretendia se deixar intimidar por uma gaivota, mesmo daquele tamanho. — Fora!

A gaivota abriu novamente o bico... E então, numa série de terríveis pulsações pela garganta aberta, ela falou (ou pareceu falar):

— *Mãiiii morrrrenunn, Ack... Mãiiii morrrrenunn...*
Mãe morrendo, Jack...

A gaivota deu mais alguns passos trôpegos em sua direção, pés escamosos se agarrando na relva do chão, bico abrindo e fechando, olhos negros fixos nos de Jack. Quase inconsciente do que estava fazendo, Jack ergueu a garrafa verde e bebeu.

De novo aquele gosto horrível fez com que fechasse os olhos... E quando voltou a abri-los, estava olhando estupidamente para a tabuleta amarela que mostrava as silhuetas de duas crianças correndo: um menino e uma menina. CUIDADO — CRIANÇAS, dizia a tabuleta. Uma gaivota — esta de um tamanho perfeitamente normal — deu um guincho e esvoaçou, sem dúvida assustada pela repentina aparição de Jack.

Olhou em volta e se sentiu totalmente desorientado. O estômago, cheio de amoras silvestres e do repugnante “suco mágico” de Speedy, estava embrulhado e roncava. Os músculos das pernas começaram a fraquejar, e ele logo se sentou no meio-fio da calçada, bem embaixo da tabuleta. Sentara-se com tamanho baque que o impacto lhe subiu pela espinha e fez os dentes rangerem.

Num movimento brusco, curvou a cabeça entre os joelhos e abriu bastante a boca, certo de que ia vomitar tudo o que tinha no corpo. Em vez disso, soluçou duas vezes, deu um pequeno arroto e sentiu o estômago ir lentamente se relaxando.

Foram as amoras, ele pensou. Se não tivessem sido as amoras, eu teria sem dúvida vomitado.

Levantou os olhos e sentiu a irrealidade envolvê-lo de novo. Não caminhara mais de sessenta passos pelo caminho de carro de bois do mundo dos Territórios. Tinha certeza disso. Digamos que seu passo fosse de 60 centímetros, ou melhor, 80 (para não fazer uma estimativa exagerada). Isto significava que não teria andado mais de 50 metros. No entanto...

Jack olhou para trás e viu o arco, com as grandes letras vermelhas: ARCADIA FUNWORLD. Embora sua visão fosse de 100%, a tabuleta estava agora tão longe que ele mal conseguia ler. À direita

ficavam as alas irregulares do Alhambra, os cuidados jardins na frente e o oceano do lado.

No mundo dos Territórios, ele caminhara 50 metros.

Ali, andara quase um quilômetro.

— Meu Deus — murmurou Jack Sawyer, e cobriu os olhos com as mãos.

5

— JACK! EI, RAPAIZ! Jack Viajante!

A voz de Speedy conseguia se sobrepôr ao ronco de máquina de lavar de um velho caminhão de seis cilindros. Jack ergueu os olhos (a cabeça parecia absurdamente pesada, os membros vacilavam numa fraqueza extrema) e viu um velhíssimo caminhão International Harvester rolando devagar em sua direção. As escoras do bagageiro eram improvisadas e, à medida que o caminhão avançava, jogavam de um lado para outro como dentes frouxos. A carroceria foi pintada num horrível tom azul-turquesa. Speedy estava ao volante.

Encostou no meio-fio, deu uma última acelerada (*uhup! uhup! uhup-uhup-uhup!*) e desligou o motor (*hahhhhhhhh...*). Saltou rapidamente.

— Tudo bem com você, Jack?

Jack passou a garrafa para Speedy.

— Seu suco mágico é realmente horroroso, Speedy — disse com uma expressão abatida.

Speedy pareceu magoado, mas acabou sorrindo.

— Já ouviu alguém dizer que tomou um remédio gostoso, Jack Viajante?

— Acho que não.

Jack sentia que sua energia estava voltando, aos poucos, ao mesmo tempo que o sentimento de desorientação ia se dissipando.

— Agora acredita, Jack?

Jack assentiu com a cabeça.

— Não — disse Speedy. — Assim não serve. Diga em voz alta.

— Os Territórios... — disse Jack. — Eles existem mesmo. São reais. Eu vi um pássaro...

O menino parou e estremeceu.

— Que espécie de pássaro? — Speedy perguntou num tom de grande interesse.

— Uma gaivota. A maior gaivota que já vi em toda a minha vida. — Jack balançou a cabeça. — Você não acreditaria. — Pensou um pouco e acrescentou: — Não, acho que só você ia acreditar. Ninguém mais, mas *você* sim.

— Ela falou alguma coisa? Muitos pássaros dos Territórios falam. A maioria só fala bobagens. Mas alguns conseguem dizer uma ou duas palavras que fazem sentido... Mesmo que seja um sentido meio maluco ou a mais deslavada mentira.

Jack concordava com a cabeça. O simples fato de ouvir Speedy falar daquelas coisas, como se elas correspondessem a fatos racionais, dignos de uma conversa lúcida, já o fazia se sentir melhor.

— Acho que falou. Mas era como... — Ele fez força para pensar. — Na escola de Los Angeles em que eu e o Richard estudávamos, havia um garoto chamado Brandon Lewis. Ele tinha um problema de fala e quando abria a boca era muito difícil entender o que queria dizer. O pássaro era desse jeito. Mas eu sei o que ele disse. Disse que minha mãe estava morrendo.

Speedy pôs os braços em volta dos ombros de Jack e sentou-se com ele no meio-fio. O empregado da recepção do Alhambra, com aparência pálida e esquelética e olhando com desconfiança para todas as coisas vivas do universo, saiu com uma grande pilha de

correspondências. Speedy e Jack viram-no encaminhar-se para uma esquina da estrada da praia e depositar a correspondência na caixa do correio. Ele deu meia-volta, registrando com olhos um tanto rasos os vultos de Jack e Speedy, e entrou no caminho de acesso ao saguão do hotel. O topo de sua cabeça mal despontava sobre o topo dos arbustos decorativos.

O som da grande porta do Alhambra abrindo e fechando foi nitidamente audível, e Jack foi atingido pela terrível sensação da desolação do outono naquele lugar. Ruas largas e desertas. A praia comprida com dunas desertas, brancas como açúcar. O parque de diversões vazio, com os carros da montanha-russa encostados num desvio e cobertos com lonas. Todas as bilheterias fechadas a cadeado. Ocorreu-lhe que o lugar para onde a mãe o levava parecia-se muito com o fim do mundo.

Speedy inclinou a cabeça para trás e cantou num tom suave e uniforme:

— Fiquei por aí... E brinquei por aí... Nessa velha cidade por muito tempo... O verão já quase foi, oh, o inverno já manda aviso... O inverno já manda aviso, e eu tenho vontade De por aí viajar...

Parou e se virou para Jack.

— Sente que precisa viajar, Jack Viajante?

Um terror debilitante moveu-se furtivamente pelos ossos do garoto.

— Acho que sim — disse ele. — Se isso puder ajudá-la. Ajudar minha mãe. Posso mesmo ajudar minha mãe, Speedy?

— Pode — Speedy respondeu num tom de gravidade.

— Mas...

— Oh, há um excesso de *mas* em sua boca — disse Speedy.

— Um *trem carregado de mas e mas*, Jack Viajante. Não prometo que vai ser moleza. Não prometo que vai ser bem-sucedido. Não prometo que vai voltar vivo, ou que, se voltar, virá com a cabeça no lugar.

“Vai ter que andar muito pelos Territórios. Os Territórios são muito menores. Notou isso?”

— Notei.

— Achei que sim. Porque você viu muita coisa pelo caminho, não viu?

Uma outra pergunta ocorreu a Jack. Ele tinha de saber, mesmo que tivesse de mudar de assunto:

— Eu desapareci, Speedy? Você me viu desaparecer?

— Você se foi — disse Speedy, batendo palmas num gesto vigoroso — bem *assim*.

Jack sentiu um sorriso vagaroso e relutante lhe repuxando os lábios... Speedy também sorriu.

— Eu queria fazer alguma coisa desse tipo na aula de informática do Sr. Balgo — disse Jack, e Speedy riu como uma criança. Jack também começou a rir, e as risadas foram ficando gostosas, quase tão gostosas quanto as amoras.

Pouco depois, Speedy parou de rir.

— Você tem uma boa razão — disse ele — para ir até os Territórios, Jack. Há uma coisa que você tem de pegar. Algo extremamente poderoso.

— E está lá?

— Sim, rapaz.

— E isso vai ajudar minha mãe?

— Ela... e a outra.

— A rainha?

Speedy confirmou com um gesto de cabeça.

— Mas o que é? Onde está? Quando eu...

— Espere aí! Calma! — Speedy exclamou levantando a mão. Seus lábios estavam sorrindo, mas os olhos pareciam graves, quase pesarosos. — Uma coisa de cada vez. E, Jack, eu não posso lhe dizer o que não sei... ou o que não tenho permissão de contar.

— Permissão? — Jack indagou, desconcertado. — Quem...

— Lá vem você de novo — disse Speedy. — Escute, Jack Viajante... Você precisa partir o mais breve possível, antes que esse tal de Bloat apareça por aqui e reprima você.

— *Sloat*.

— Sim, ele. Você tem de ir antes que ele chegue.

— Mas ele vai deixar minha mãe maluca — disse Jack, sem saber se estava dizendo isso porque era verdade ou porque era uma desculpa para se esquivar da viagem que, como uma refeição que podia muito bem estar envenenada, Speedy colocava na sua frente. — Você não o conhece! Ele...

— Eu o conheço — disse Speedy em voz baixa. — Já o conheço há muito tempo, Jack Viajante. E ele também me conhece. Tem minhas marcas no corpo. Elas estão escondidas, mas estão nele. Sua mãe pode cuidar de si mesma. Pelo menos por algum tempo terá de se virar sozinha. Pois você tem de ir.

— Para onde?

— Para o oeste — disse Speedy. — Deste oceano para o outro.

— *O quê!* — Jack gritou, aterrado pelo pensamento de tamanha distância. E então se lembrou de um comercial que vira há uns três dias na TV: um homem escolhendo comida no carrinho de uma comissária a 10 mil metros de altura, na maior tranquilidade. Jack viajara de avião de costa a costa mais de duas dúzias de vezes com a mãe e ficava deliciado pelo fato de que, quando se voa de Nova York a Los Angeles, tem-se 16 horas de luz do sol. Era como enganar o tempo. E era fácil.

— Posso ir voando? — ele perguntou a Speedy.

— *Não!* — Speedy quase gritou, seus olhos se alargando com uma certa irritação. Apertou o ombro de Jack com força. — Não deixe que *nada* o leve para os ares! Não se atreva! Se acontecer de você ir para os Territórios quando estiver no ar...

Não disse mais nada; não precisava. Repentina e assustadoramente, Jack se viu desabando daquele céu sem

nuvens, muito claro... Um garoto-projétil gritando, de jeans, com uma camisa de listras vermelhas e brancas, mergulhando sem paraquedas.

— Apenas *ande* — disse Speedy. — Peça até carona se puder... Mas não deixe de ter cuidado, porque há estranhos por aí. Alguns não passam de malucos, maricas que gostariam de passar a mão em você ou bandidos que gostariam de roubá-lo. Mas há verdadeiros estranhos, Jack Viajante. Pessoas com um pé em cada mundo, que olham para esse mundo e para aquele como uma maldita cabeça de Jano. Acho que não vão demorar muito tempo para saber de sua chegada. E estarão à espreita.

— Eles são... — Jack hesitou — Duplos?

— Alguns são. Outros não. Por ora não posso lhe dizer mais nada. Mas tente atravessar. Tente atravessar para o outro oceano. Viaje pelos Territórios quando puder e vai se deslocar bem mais rápido que aqui. Tome um pouco do suco...

— Eu detesto!

— Não importa o que você detesta — disse Speedy com ar severo. — Você vai atravessar e encontrará um lugar... outro Alhambra. Tem de ir até lá. É um lugar um tanto assustador, um lugar ruim. Mas você tem de entrar.

— Como vou encontrá-lo?

— Ele vai chamá-lo. Você o ouvirá em alto e bom som, filho.

— Por quê? — Jack perguntou, molhando os lábios. — Por que tenho de ir lá, se é um lugar tão ruim?

— Porque é onde está o talismã. — disse Speedy. — Em alguma parte desse outro Alhambra.

— Não entendo o que você está dizendo!

— Vai entender — disse Speedy.

Ele se levantou e pegou a mão de Jack, que também se levantou. Os dois ficaram frente a frente, o velho negro e o jovem menino branco.

— Escute — disse Speedy, e sua voz adquiriu uma cadência lenta, rítmica. — O talismã deve chegar às suas mãos, Jack Viajante. Não é grande demais; também não é pequeno demais. É parecido com uma bola de cristal. Ouça bem, Jack Viajante. Você irá até a Califórnia para buscá-lo. Mas aqui é que está a cruz mais pesada, o fardo maior: se deixá-lo cair, tudo estará perdido!

— Ainda não entendo o que está dizendo — Jack repetiu com uma obstinação assustada. — Você tem de...

— Não — disse Speedy, num tom gentil. — Esta manhã tenho de concluir meu trabalho naquele carrossel, Jack, é o que tenho de fazer. Não há tempo para mais conversa mole. Preciso voltar ao parque e você tem de seguir adiante. Por ora não posso lhe dizer mais nada. Mas acho que, de certa forma, estarei velando por você. Aqui... ou do outro lado.

— Mas eu não sei o que *fazer*! — disse Jack quando Speedy subiu na cabine do velho caminhão.

— Já sabe o bastante para pôr os pés no caminho — disse Speedy. — Você chegará ao talismã, Jack. Ele vai atraí-lo.

— Eu nem sei o que é um talismã!

Speedy riu e ligou a ignição. O motor do caminhão entrou em movimento soltando uma fumaceira azulada pelo cano de descarga.

— Dê uma olhada no dicionário! — ele gritou e engatou a marcha a ré.

O caminhão recuou, depois foi à frente e completou a curva. Logo estava chocalhando para o Arcadia Funworld. Jack continuou junto ao meio-fio, vendo o veículo se afastar. Nunca se sentira tão sozinho em toda a sua vida.

Capítulo Cinco

Jack e Lily

1

QUANDO O CAMINHÃO de Speedy saiu da estrada e desapareceu sob o arco do Funworld, Jack começou a caminhar para o hotel. Um talismã. Em outro Alhambra. Na margem de outro oceano. Seu coração tinha uma sensação de vazio. Sem Speedy do lado, a tarefa parecia impossível, gigantesca; muito vaga também. Ouvindo Speedy falar, Jack tivera a impressão de estar *quase*

compreendendo aquela salada de sugestões, advertências e instruções. Agora a salada perdera todo o tempero. Os Territórios, porém, eram reais. Esta certeza não o abandonava e, ao mesmo tempo que o encorajava, lhe dava calafrios. Era um lugar de verdade e ele ia lá outra vez. Mesmo se ainda não entendesse muito bem por que — mesmo como um peregrino ignorante — ele iria. Sem dúvida estava disposto a ir. Agora tudo o que tinha a fazer era tentar convencer sua mãe. “Talismã”, repetiu consigo mesmo, usando a palavra como tal. Atravessou a deserta Boardwalk Avenue e subiu os degraus que levavam ao caminho entre as cercas de fícus. A escuridão do interior do Alhambra, assim que a grande porta de entrada se fechou, não deixou de sobressaltá-lo. O saguão era uma caverna funda; seria preciso uma lamparina para dispersar as sombras. O pálido recepcionista mexeu-se atrás do balcão, cravando uns olhos esbranquiçados em Jack. Havia uma mensagem naquele olhar: sim. Jack engoliu em seco e virou o rosto. A mensagem fez com que se sentisse mais forte, deu-lhe coragem, embora fosse apenas uma mensagem de desprezo.

Caminhou para os elevadores com o corpo empinado e o passo lento. *Andando por aí com negros, não é? Deixando que ponham a mão em seu ombro, hein?* O elevador zumbiu como uma grande e pesada ave, as portas deslizaram e Jack entrou. Levantou o braço para apertar o botão onde brilhava um 4. O recepcionista continuava como um espectro atrás do balcão e a mensagem ecoava. *Anda com negros, anda com negros, anda com negros (então é assim, hein, guri? Gosta da macacada, não é?).* Felizmente as portas fecharam. Jack sentiu o estômago cair para os pés e o elevador guinou para cima.

O rancor do recepcionista ia ficando lá embaixo no saguão: o próprio ar dentro do elevador ficara melhor assim que o térreo foi ultrapassado. Agora, tudo o que Jack tinha a fazer era dizer à mãe que precisava ir sozinho para a Califórnia.

Não deixe tio Morgan assinar papel nenhum para você...

Quando saiu do elevador, Jack se perguntou pela primeira vez na vida se Richard Sloat sabia que tipo de homem era o seu pai.

2

DEPOIS DE UMA fileira de candelabros de parede e gravuras de pequenos barcos navegando por mares encapelados de espuma, a porta do 408 deslizou a um simples toque, revelando um pedaço de carpete da suíte. O sol que vertia das janelas da sala formava um grande retângulo numa das paredes internas.

— Ei, mãe! — Jack entrou falando. — Você não fechou a porta! Que falta de cuidado... — ele se viu sozinho na sala — ... é essa?

Só a mobília o ouviu.

— Mãe?

O aposento destilava uma certa desordem: um cinzeiro cheio até a borda, um copo com água pela metade esquecido na mesa de cabeceira.

Dessa vez, prometeu Jack a si mesmo, não entraria em pânico.

Virou-se num círculo lento. A porta do quarto da mãe estava aberta; o quarto parecia tão escuro quanto o saguão, porque Lily nunca abria as cortinas.

— Ei, eu sei que você está aqui — disse ele e, depois de cruzar o quarto vazio, bateu na porta do banheiro.

Nenhuma resposta. Jack abriu a porta e viu uma escova de dente cor-de-rosa ao lado da pia e uma escova de cabelo abandonada num toucador — cerdas enroscadas com alguns fios de cabelo claro. *Laura DeLoessian*, anunciou uma voz na cabeça de

Jack, e ele foi saindo do pequeno banheiro; aquele nome o deixou aflito.

“Oh, não de novo”, disse para si mesmo. “Aonde ela terá *ido*?”

Jack já estava vendo o que tinha acontecido.

Viu o que tinha acontecido quando entrou em seu próprio quarto e contemplou a cama por fazer, a mochila, a pequena pilha de livros de bolso, o par de meias enrolado sobre a cômoda. Viu a coisa quando olhou em seu próprio banheiro, com toalhas esparramadas por todo lado numa desorganização total: no chão, nos bancos de fórmica, do lado da banheira...

Morgan Sloat atravessando a porta, agarrando os braços da mãe, arrastando-a para baixo...

Jack voltou correndo à sala e dessa vez procurou atrás do sofá.

... arrancando-a do hotel por uma porta lateral, empurrando-a para um carro, os olhos dele ficando amarelos...

Pegou o telefone e ligou para a portaria.

— Aqui é, hã, Jack Sawyer e estou no, hã, quarto 408. Minha mãe deixou algum recado pra mim? Ela devia estar aqui e... e por alguma razão... hã...

— Vou verificar — disse a telefonista, e Jack ficou apertando com extrema ansiedade o fone. Finalmente a moça voltou: — Nenhum recado para o 408, sinto muito.

— E para o 407?

— É o mesmo escaninho — disse a moça.

— Ah... Sabe se ela recebeu alguma visita na última meia hora? Alguém veio esta manhã? Alguém veio vê-la?

— Só a recepção poderia informar — disse a moça. — Eu não sei. Quer que eu verifique?

— Por favor — disse Jack.

— Oh, felizmente tenho alguma coisa para fazer neste necrotério — disse ela. — Fique na linha!

Outra espera terrível. De repente a voz dela voltou:

— Não houve visitas. Talvez sua mãe tenha deixado um bilhete aí mesmo na suíte.

— É, vou procurar — disse Jack num tom angustiado, e desligou. Será que o homem da recepção diria a verdade? Ou será que Morgan Sloat teria apertado a mão dele segurando uma nota de 20 dólares dobrada do tamanho de um selo? Isso Jack também podia imaginar.

Deixou-se cair no sofá, sufocando um desejo irracional de olhar embaixo das almofadas. Era evidente que o tio Morgan não poderia ter vindo pessoalmente sequestrá-la; ele ainda estava na Califórnia. Mas podia ter mandado alguém fazer o serviço. Uma daquelas pessoas que Speedy mencionou, os estranhos que tinham um pé em cada mundo.

Então Jack percebeu que não ia conseguir mais ficar na suíte. Pulou do sofá e voltou para o corredor, fechando a porta atrás de si. Depois de já ter avançado alguns passos, deu meia-volta, voltou e tornou a abrir a porta com sua chave. Deixou uma fresta de porta aberta e retomou o caminho dos elevadores. Era ainda possível que ela tivesse saído sem levar a chave. Quem sabe não teria ido à loja do saguão para comprar alguma coisa, uma revista, um jornal?

Pois sim. Ele não via a mãe abrir um jornal desde o início do verão. Ouvia pelo rádio todas as notícias que podiam interessá-la.

Quem sabe, então, não teria saído para dar um passeio?

Sim, fazer algum exercício e respirar ar puro. Correr na praia, talvez. Talvez Lily Cavanaugh tivesse resolvido dar uma pequena corrida de 100 metros rasos. Ela colocaria alguns obstáculos na areia para treinar para as próximas olimpíadas...

Quando o elevador despejou-o no saguão, ele olhou para a loja. Atrás do balcão, uma loura idosa espreitou-o por cima das bordas dos óculos. Animais empalhados, uma pequena pilha de jornais, um suporte com vários tipos de protetor labial. Enfiadas em bolsos de couro pendurados nas paredes viam-se algumas revistas: *People*, *Us*, *New Hampshire Magazine*.

— Desculpe... — disse Jack, e virou as costas.

Quando deu outra vez por si estava fitando uma placa de bronze ao lado de uma enorme e abatida samambaia... *começou a definhar e logo deve morrer.*

A mulher da loja pigarreou. Jack achou que devia estar contemplando as palavras de Daniel Webster há muitos minutos.

— Quer alguma coisa? — a mulher perguntou atrás dele.

— Desculpe — disse Jack, e foi para o centro do saguão

O recepcionista detestável ergueu uma sobrancelha, depois se virou de lado e passou a fitar uma escada deserta. Jack obrigou-se a se aproximar do sujeito.

— Senhor — disse, parando defronte à recepção. O homem murmurava algo, fingindo tentar se lembrar da capital da Carolina do Norte ou do principal produto de exportação do Peru. — Senhor. — O homem fez cara feia: estava quase lembrando, não podia ser distraído.

Aquilo não passava de teatro, Jack sabia, e por isso insistiu:

— Será que não podia me ajudar?

Finalmente o homem se dignou a encará-lo.

— Depende do tipo de ajuda que precisa, filho.

Deliberadamente, Jack decidiu ignorar o sorriso disfarçado de zombaria.

— O senhor viu minha mãe sair ainda há pouco?

— O que significa ainda há pouco?

Agora o riso era quase visível.

— Viu-a sair? É só o que estou perguntando.

— Está com medo de que ela tenha visto você lá embaixo de mãos dadas com seu namorado?

— Meu Deus, você é um idiota. — Jack chegou a se espantar ao dizer aquilo. — Não, não tenho medo disso. Só estou querendo saber se ela saiu do hotel, e se você não fosse tão idiota, iria me dizer.

O rosto de Jack ficou vermelho e ele percebeu que tinha cerrado os punhos.

— Bem, está bem, ela saiu — disse o homem, virando-se para a estante de escaninhos atrás do balcão. — Mas é melhor ter cuidado com a língua, rapaz. É melhor se desculpar, meu caro pequeno Sawyer. Eu também tenho olhos. Sei de certas coisas.

— Você cuida da sua boca e eu cuido da minha vida — disse Jack, tirando a frase de um dos velhos discos do pai. Talvez ela não se ajustasse inteiramente à situação, mas o fez se sentir bem, e o recepcionista piscou satisfatoriamente.

— Talvez sua mãe esteja nos jardins, eu não sei — disse num tom sombrio, mas Jack já estava a caminho da porta.

Ele percebeu de imediato que a musa dos *drive-ins* e rainha das produções B não estava em parte alguma do jardim. Se estivesse por lá, ele a teria visto quando entrou no hotel. Além do mais, Lily Cavanaugh não gostava de perambular por jardins: isso se ajustava tão pouco a ela quanto corridas de obstáculos na areia.

Alguns carros rolavam pela Boardwalk Avenue. Uma gaivota grasnou lá no alto e o garoto sentiu um aperto no coração.

Jack passou os dedos pelo cabelo e examinou de cima a baixo a rua iluminada de sol. Talvez ela tivesse ficado curiosa com relação a Speedy. Talvez quisesse conhecer aquele novo e singular colega do filho e tivesse ido dar uma caminhada até o parque de diversões. Mas era tão difícil imaginá-la no Arcadia Funworld quanto passeando pitorescamente nos jardins. Então Jack virou-se na direção do que lhe era menos familiar: o comércio da cidade.

Separado dos terrenos do Alhambra por uma alta e grossa cerca de fícus, o Arcadia Tea and Jam Shoppe iniciava uma fileira de lojas com fachadas vistosamente coloridas. Ele e a Farmácia New England eram os únicos estabelecimentos que, mesmo depois de setembro, permaneciam abertos naquele terraço à beira-mar. Jack hesitou um momento na calçada cheia de rachaduras. Seria extremamente improvável encontrar a musa dos *drive-ins* numa

mistura de cafeteria com restaurante. Mas como era o lugar mais à mão, decidiu caminhar alguns passos e dar uma espiada.

Uma mulher de penteado alto fumava diante da caixa registradora. Na parede oposta havia uma garçonete de vestido cor-de-rosa de raíom. A princípio, Jack não viu fregueses, mas observando melhor reparou que, numa das mesas da ponta da loja que ficava mais perto do Alhambra, uma mulher velha erguia uma xícara de chá. Estava sozinha. Jack viu-a pousar delicadamente a xícara no pires e tirar um cigarro da bolsa. Com um tremor de surpresa, percebeu que era sua mãe. E, quase no mesmo instante, a impressão de estar vendo uma velha desapareceu.

Mas ele podia se recordar da sensação. Por um momento foi como se a estivesse vendo através de estranhas lentes bifocais. Lily Cavanaugh Sawyer e aquela frágil e velha mulher estavam no mesmo corpo.

Jack abriu vagarosamente a porta, mas ainda assim os sinos de recepção (que ele *sabia* que estavam ali) não deixaram de tocar. A loura da caixa registradora convidou-o a entrar balançando a cabeça e sorrindo. A garçonete esticou o corpo e alisou a frente do vestido. A mãe olhou para o filho com um autêntico ar de espanto, mas logo lhe abriu um largo sorriso.

— Ora, Jack Andarilho, você está tão alto que parecia seu pai quando atravessou aquela porta — disse ela. — Às vezes eu chego a esquecer que você só tem 12 anos.

3

— VOCÊ ME CHAMOU de “Jack Andarilho”? — disse ele, puxando uma cadeira e sentando-se ao lado da mãe.

O rosto de Lily estava muito pálido e as manchas sob seus olhos pareciam quase contusões.

— Seu pai não o chamava assim? Falei por acaso... Afinal, você esteve toda a manhã passeando.

— Ele me chamava de Jack Andarilho?

— Ou alguma coisa desse tipo... Por certo que chamava. Quando você era pequenino... Jack *Viajante* — ela disse com convicção. — Era isso. Ele costumava chamá-lo de Jack Viajante. Oh, você andava aos trambolhões pelo gramado. Era engraçado, eu acho... Escute, eu deixei a porta da suíte aberta. Fiquei com medo que tivesse se esquecido de levar sua chave.

— Eu vi — disse ele, ainda formigando com a nova informação que a mãe casualmente lhe passara.

— Quer comer alguma coisa? Não pude suportar a ideia de fazer outra refeição naquele hotel.

A garçonete aparecera ao lado deles.

— Meu jovem? — a moça perguntou erguendo um bloco de notas.

— Como sabia que eu ia encontrá-la aqui?

— Aonde mais eu poderia ir? — a mãe perguntou com uma certa lógica, e virou-se para a garçonete: — Traga o desjejum três estrelas. Este menino está crescendo um palmo por dia.

Jack recostou-se na cadeira. Como poderia abordar o assunto?

A mãe o fitou com ar curioso, e ele começou, tinha de começar agora:

— Mamãe, se eu tivesse de ir pra longe por algum tempo, ficaria tudo bem com você?

— O que quer dizer com tudo bem? E o que significa ir pra longe por algum tempo?

— Você seria capaz de... Ah, você teria problemas com o tio Morgan?

— Eu sei lidar com o velho Sloat — disse Lily com um sorriso tenso. — Pelo menos por enquanto ainda posso lidar muito bem com ele. Do que se trata isso tudo, Jacky? Você não vai a lugar algum.

— Tenho de ir — disse ele. — Verdade mesmo.

Então percebeu que estava parecendo uma criança implorando um brinquedo. Felizmente, a garçonete chegou com uma bandeja de torradas e um grande copo de suco de tomate. Ele se virou um instante para o lado, e quando seus olhos voltaram à mesa, a mãe tirava geleia de um pote e lambuzava um pedaço de torrada.

— Tenho de ir — disse ele. A mãe passou-lhe a torrada; algum pensamento atravessou-lhe o rosto, mas ela não disse nada.

— Talvez você não me veja durante algum tempo, mamãe — disse ele. — Vou tentar ajudá-la. É por isso que tenho de ir.

— Me ajudar? — ela perguntou, e seu ar de incredulidade, Jack avaliou, era 75% autêntico.

— Quero tentar salvar sua vida — disse ele.

— É mesmo?

— Vou conseguir.

— Vai conseguir salvar minha vida. Isto é muito divertido, rapaz. Faria sucesso na televisão. Por que não tenta uma das redes de TV?

Ela pousara a faca com manchas de geleia vermelha, e os olhos se alargaram com uma expressão de troça. Mas sob aquele jeito de se fazer de desentendida, Jack viu duas coisas: um lampejo de seu terror e uma débil, quase imperceptível esperança de que ele fosse mesmo capaz de fazer alguma coisa.

— Mesmo se você disser que não posso tentar, eu vou de qualquer maneira. Por isso bem que você podia me dar sua permissão.

— Oh, mas que proposta maravilhosa. Ainda mais maravilhosa porque não tenho a menor ideia do que você está falando.

— Acho que não é bem assim, mamãe... Acho que você faz alguma ideia do que estou dizendo. Porque papai saberia exatamente do que se trata.

O rosto de Lily ficou vermelho; os lábios se apertaram.

— Isto não é justo. É uma atitude baixa, Jacky. Você não pode usar o que Philip pode ter sabido como uma arma contra mim.

— O que ele sabia, não o que ele pode ter sabido.

— Não está falando coisa com coisa, filho.

A garçonete pousou na frente de Jack uma bandeja de ovos mexidos, batatas fritas e salsichas e respirou fundo.

Depois que ela se afastou, Lily sacudiu os ombros.

— Parece que não consigo encontrar o *tom* certo para falar com os empregados dos estabelecimentos daqui. Mas, como dizia Gertrude Stein, acho que, quando se abre a boca para dizer besteira, sai merda em qualquer idioma.

— Vou salvar sua vida, mamãe — ele repetiu. — Mas para isso tenho de fazer uma viagem e me apoderar de uma coisa. E é isso o que vou fazer.

— Gostaria muito de entender o que está dizendo.

Não passava de uma conversa como qualquer outra, Jack pensou. Era como pedir permissão para passar uma ou duas noites na casa de um amigo. Cortou uma salsicha ao meio e pôs um dos pedaços na boca. Ela o fitava atentamente. Depois de mastigar e engolir a salsicha, Jack pegou uma garfada dos ovos mexidos. A garrafa de Speedy no bolso da calça era como uma pedra em sua nádega.

— Eu também gostaria que jamais se esquecesse dos meus conselhos, por mais estranhos que eles possam parecer.

Jack devorou os ovos impassível e colocou algumas batatas salgadas na boca.

Lily colocou as mãos no colo. Quanto mais ele ficasse em silêncio, mais sua mãe lhe daria atenção quando falasse. Fingiu se concentrar no desjejum, ovos salsichas batatas, salsichas batatas

ovos, batatas ovos salsichas, até sentir que Lily estava prestes a gritar.

Meu pai me chamava de Jack Viajante, ele pensou. E é isso mesmo; não poderia ter sido mais adequado.

— Jack...

— Mamãe — disse ele —, às vezes papai não telefonava de um lugar muito longe quando você achava que ele tinha de estar na cidade?

A mãe ergueu as sobrancelhas.

— E às vezes você não, hã, não entrava no quarto porque achava que ele estava lá, talvez até *soubesse* que ele estava lá... e ele não estava?

A mãe ruminou a coisa.

— Não — disse Lily.

Os dois deixaram a negativa se enfraquecer.

— Muito raramente.

— Mamãe, isso chegou até a acontecer *comigo* — disse Jack.

— Havia sempre uma explicação, você sabe que havia.

— Meu pai (isto é o que *você* sabe) nunca se saía muito mal quando tentava explicar as coisas. Principalmente as coisas que não podiam ser explicadas. Era muito bom nisso. E é por esse motivo que foi um empresário tão bem-sucedido.

Ela ficou em silêncio.

— Bem, eu sei aonde ele ia — disse Jack. — Eu também estive lá. Fui lá hoje de manhã. E, se voltar, posso tentar salvar sua vida.

— *Minha vida não precisa ser salva por você, não precisa ser salva por ninguém* — a mãe sibilou.

Jack baixou os olhos para o prato vazio e resmungou alguma coisa.

— O que você falou? — Lily sondou o garoto.

— Eu acho que precisa, eu disse. Seus olhos encontraram os da mãe.

— Vamos supor que eu lhe pergunte como pretende salvar minha vida, como você diz.

— Não posso responder. Porque ainda não entendo muito bem a coisa. Mamãe, eu não estou mesmo na escola... Me dê uma chance. Talvez eu só demore uma semana.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Posso demorar um pouco mais — ele admitiu.

— Acho que está louco — disse a mãe. Mas Jack percebeu que uma parte dela queria acreditar em alguma coisa e as palavras que disse a seguir deixaram isso bem claro. — Se... se... eu fosse suficientemente louca para deixá-lo partir nessa andança misteriosa, teria de ter certeza de que você não correria nenhum perigo.

— O papai sempre voltou — disse Jack.

— Eu antes preferia arriscar minha vida à sua — disse ela, e por algum tempo essa verdade pairou pesadamente entre os dois.

— Me comunico com você sempre que puder. Mas não fique preocupada se eu passar uma ou duas semanas sem dar notícias. Eu vou voltar, exatamente como o papai.

— Isto é uma conversa de doidos — disse ela. — E eu no meio. Como pretende chegar a esse lugar aonde quer ir? Onde ele fica? Tem dinheiro que chegue?

— Tenho tudo do que vou precisar — disse ele, esperando ardentemente que a mãe não comesse a enchê-lo de perguntas. O silêncio se prolongou mais e mais. Ele disse, por fim: — Acho que será basicamente uma caminhada. Mas não posso falar muito sobre isso, mamãe.

— Jack Viajante — disse a mãe. — Estou quase acreditando...

— Sim — disse Jack. — *Sim.* — Ele estava sacudindo a cabeça. *E talvez, pensou, você até saiba alguma coisa do que ela, a rainha verdadeira, sabe. É por isso que está encarando a coisa com tanta naturalidade.* — É isso, mãe. Eu também acredito. É por isso que não posso deixar de ir.

— Bem... Como desde o início você me avisou que iria de qualquer jeito...

— Vou mesmo.

— Nesse caso, pouco importa o que eu ache ou deixe de achar. — Ela o fitou com uma expressão de coragem. — Mas para mim importa. Quero que volte o mais depressa possível, filho. Você não vai imediatamente, vai?

— Tenho que ir. — Ele respirou profundamente. — Tenho que ir já. Logo que nos separarmos.

— Estou quase acreditando nesse monte de bobagens. Você é mesmo filho de Phil Sawyer. Você não encontrou alguma mocinha no lugar para onde quer ir, encontrou? — Ela o fitou com grande interesse. — Não. Nada de garotas. Tudo bem. Então salve minha vida. Sinal verde.

A mãe balançou a cabeça e Jack pensou ter visto um brilho em seus olhos.

— Se tem de ir, vá logo, Jacky. Mas telefone amanhã.

— Se eu puder.

Ele se levantou.

— Se puder, é claro. Desculpe a distração.

Ela olhou para o nada e o menino observou que os olhos dela estavam embaçados. Manchas vermelhas lhe ardiam nas faces.

Jack se inclinou e beijou-a, mas Lily acenou para que ele fosse logo. A garçonete contemplava os dois como se assistisse a uma peça de teatro. Apesar do que a mãe dissera, Jack achou que conseguira reduzir sua descrença a uns 50%; o que significava que ela não sabia mais no que acreditar.

Por um instante, Lily voltou a concentrar os olhos no filho e Jack viu de novo uma luminosidade febril ardendo naquele olhar. Raiva, lágrimas?

— Tome cuidado — disse ela, e fez sinal para a garçonete.

— Amo você — disse Jack.

— Nunca se despeça com uma fala dessas. — Agora ela estava quase sorrindo. — Parta para sua viagem, Jack. Vá depressa antes que eu perceba a loucura que estou fazendo.

— Já fui — disse ele, virando as costas e saindo do pequeno restaurante. Sentia uma pressão na cabeça, como se os ossos do crânio tivessem ficado grandes demais para seu envoltório de carne. A desolada luz amarela do sol atacou-lhe os olhos. Jack ouviu a porta do Arcadia Tea and Jam Shoppe fechar um segundo depois de os sininhos tocarem. Pestanejou. Atravessou correndo a Boardwalk Avenue sem olhar para os lados. Quando atingiu a outra calçada, descobriu que tinha de voltar à suíte para pegar algumas roupas. A mãe ainda não saíra do Arcadia quando Jack abriu a grande porta da frente do hotel.

O homem da recepção deu um passo atrás e fitou-o com ar sombrio. Jack sentiu uma espécie de emoção exalando do homem, mas por um instante não pôde entender por que o sujeito reagia com tanta veemência à sua presença. A conversa com a mãe — de fato muito mais breve do que ele imaginara — parecia ter durado dias. Lembrou-se de que, antes do vasto fosso de tempo que passara no Tea and Jam Shoppe, havia chamado o empregado de idiota. Devia se desculpar? Já até se esquecera do que provocara sua ira contra o homem.

A mãe tinha concordado com a viagem; dera-lhe permissão para empreender a jornada. Quando Jack atravessou o fogo cruzado do olhar do recepcionista, finalmente entendeu por quê. Ele não mencionara o talismã, pelo menos não explicitamente, mas mesmo que o tivesse feito (se tivesse tido a coragem de abordar o aspecto mais lunático de sua missão), ela também teria concordado. E se tivesse dito que ia buscar uma borboleta de quase meio metro para assá-la no forno, ela também concordaria em comer a borboleta assada. Em qualquer hipótese, haveria sempre uma concordância irônica, mas efetiva. Isto comprovava que o medo de

Lily era tão profundo que ela seria capaz de se agarrar a qualquer migalha de salvação.

Mas ela o fazia porque, em certo sentido, sabia que talvez se tratasse de um verdadeiro bote salva-vidas. A mãe lhe dera permissão para ir porque uma parte dela sabia dos Territórios.

Será que alguma vez acordara no meio da noite com aquele nome, *Laura DeLoessian*, ecoando na mente?

Jack subiu ao 407-408 e atirou algumas roupas na mochila. A escolha foi quase aleatória. Seus dedos puxaram o que encontraram numa ou noutra gaveta: camisas, meias, um suéter, cuecas. Enrolou dois jeans desbotados e comprimiu-os sobre as outras peças. Então percebeu que o fardo se tornara incomodamente pesado, e tirou de lá a maioria das camisas e meias. O suéter também saiu. No último momento, lembrou-se da escova de dente. Por fim, acomodou as correias nos ombros e testou o peso nas costas: não parecia excessivo. Seria capaz de andar um dia inteiro carregando aqueles poucos quilos. Então ficou um momento imóvel no meio da sala. Sentia — uma sensação inesperadamente intensa — a ausência de qualquer pessoa ou coisa a que pudesse dizer adeus. A mãe só voltaria à suíte quando já tivesse certeza de que o filho partira: se o visse agora, não poderia deixar de lhe ordenar que ficasse. Jack não podia dizer adeus àqueles três cômodos: não eram como uma casa que tivesse amado. Quartos de hotel aceitam partidas sem qualquer emoção. No último minuto, resolveu pegar o bloco de notas (que estampava uma gravura do Alhambra num papel fino e frágil) e, com um lápis pequeno e rombudo, escreveu em três linhas o máximo que podia dizer:

*Obrigado.
Amo você
e vou voltar.*

JACK DESCEU A Boardwalk Avenue sob o fraco sol setentrional. Não sabia muito bem onde devia... “passar”. Era a palavra exata. E não seria bom falar mais uma vez com Speedy antes de “passar” para os Territórios? Era como se *precisasse* conversar de novo com Speedy, pois sabia muito pouco sobre o lugar para onde ia, quem poderia encontrar, o que exatamente estava procurando... *É parecido com uma bola de cristal*. Seria apenas isso que Speedy lhe podia dizer sobre o talismã? Isso e a advertência para não deixá-lo cair? Jack não se sentia muito à vontade com essa falta de preparação; era como se tivesse de prestar um exame final sobre uma matéria que nunca tinha estudado.

Achava que podia “passar” ali mesmo onde estava. Sentia-se impaciente para começar, para se mexer, para pôr os pés no caminho. O *mais urgente era estar de novo nos Territórios*, ele compreendeu com toda a clareza; no tumulto de suas emoções, no meio de sua ansiedade, brilhava esse raio de lucidez. Queria respirar aquele ar; ansiava por aquele ar. Os Territórios, as vastas planícies e cadeias de pequenas serras, estavam chamando por ele; os campos de relva alta e os regatos que cintilavam também. Todo o seu corpo suspirava por essa paisagem. E ele teria tirado ali mesmo a garrafa do bolso e enfiado goela abaixo o pavoroso suco se não tivesse acabado de ver o antigo dono da poção. Speedy estava acorado junto de uma árvore, o traseiro nos calcanhares, as mãos entrelaçadas em volta dos joelhos. Ao lado dele, havia uma sacola marrom de supermercado, e no alto da sacola despontava um enorme sanduíche que parecia ser de linguiça e cebola.

— Então está de partida — disse Speedy, abrindo um sorriso.
— Vai seguir seu caminho, estou vendo. Fez suas despedidas? Sua mãe sabe que ficará algum tempo longe de casa?

Jack assentiu com a cabeça e Speedy pegou o sanduíche.

— Não está com fome? Isto é muito pra mim.

— Acabei de comer agora — disse o garoto. — Mas estou contente de poder me despedir de você.

— E estou vendo que o velho Jack está impaciente, louco para ir embora — disse Speedy, jogando para o lado a cabeça comprida. — E está mesmo em tempo!

— Speedy?

— Mas não quero que vá sem umas coisinhas que trouxe para você. Estão aqui na sacola, quer ver?

— Speedy?

Da base da árvore, Speedy lançou um olhar enviesado a Jack.

— Você sabia que meu pai costumava me chamar de Jack Viajante?

— Oh, posso ter ouvido isso em algum lugar — disse Speedy, abrindo um sorriso. — Venha ver o que eu trouxe. E acho que tenho de lhe dizer aonde deve ir em primeiro lugar, certo?

Aliviado, Jack se aproximou da árvore. O velho pôs o sanduíche no colo e puxou a sacola.

— Feliz Natal — disse Speedy, e tirou da bolsa um grande e velho livro. Era, Jack logo descobriu, um mapa rodoviário antigo.

— Obrigado — disse Jack, recebendo o livro da mão estendida de Speedy.

— Lá não existem mapas, mas tente se guiar pelos caminhos deste atlas antigo. Vai conseguir chegar aonde quer.

— Ok — disse Jack, e tirou a mochila dos ombros para acomodar o atlas dentro dela.

— A próxima coisa que vou lhe dar não precisa ir nesse pedaço de lona que você tem nas costas — disse Speedy. Pôs de novo o sanduíche na sacola e se levantou com um movimento suave, lento. — Pode levá-la no bolso.

Speedy enfiou os dedos no bolso esquerdo da camisa. O que saiu de lá, preso entre o dedo indicador e o médio como um dos cigarros de Lily, foi um objeto branco e triangular. Jack demorou um pouco para reconhecer uma palheta de violão.

— Pegue e leve com você. Vai querer mostrá-la a um homem. Ele o ajudará.

Jack virou a palheta nos dedos. Nunca vira nenhuma como aquela: marfim ornado de filigranas e arabescos, linhas curvas serpenteando ao redor como uma espécie de escrita de outro mundo. Bonita em suas formas abstratas, parecia pesada demais para ser manuseada com facilidade.

— Quem é o homem? — Jack perguntou, guardando a palheta num dos bolsos da calça.

— Ele tem uma grande cicatriz no rosto. Você o verá pouco depois de chegar aos Territórios. É um guarda. Na realidade, é capitão dos Guardas do Exterior e o conduzirá a um lugar onde você vai ver uma determinada dama. Uma dama que você não pode deixar de conhecer. Então ficará a par da razão pela qual está se arriscando. Esse meu amigo lá do outro lado vai perceber o que você está fazendo nos Territórios. E vai descobrir um meio de levá-lo até a senhora.

— Essa senhora... — Jack começou.

— Sim — disse Speedy. — Você já entendeu.

— É a rainha.

— Dê uma boa olhada nela, Jack. Você vai ter uma visão. Vai ver o que ela é, compreende? Depois siga seu caminho para o oeste.

Speedy o contemplou com um ar solene, como se não tivesse muita certeza de que ia encontrá-lo outra vez. As rugas de seu rosto se contraíram.

— Cuidado com o velho Bloat. Fique atento aos movimentos dele: dele e de seu Duplo. Se não for cuidadoso, Bloat poderá descobrir aonde foi e, se ele descobrir, correrá atrás de você como uma raposa atrás de um ganso.

O velho pôs as mãos nos bolsos e contemplou Jack outra vez, como se quisesse dizer mais alguma coisa.

— Pegue o talismã, filho. Pegue o talismã e traga-o em segurança. Vai ser um fardo pesado, mas você tem de ser mais forte que ele.

Jack estava tão concentrado nas palavras de Speedy que chegava a contrair as pupilas diante dos sulcos profundos do rosto do velho. Um homem com uma cicatriz, esse tal capitão dos Guardas do Exterior. A rainha. E Morgan Sloat, atrás dele como um predador. Um lugar perigoso do outro lado do país. Um fardo pesado.

— Tudo bem — disse ele, desejando de repente estar ainda do lado da mãe no Tea and Jam Shoppe.

Speedy abriu um sorriso caloroso, dentes à mostra.

— Isso mesmo, rapaz. Sempre soube que Jack Viajante era um sujeito e tanto. — O sorriso ficou mais profundo. — E não acha que já está na hora de tomar um golinho desse suco especial, hã?

— Acho que sim — disse Jack.

Ele tirou a garrafa escura do bolso de trás e abriu a tampa. Olhou de novo para Speedy, cujos olhos pálidos cravaram-se nos seus.

— Speedy o ajudará sempre que puder.

Jack agradeceu com a cabeça, piscou e levou o gargalo à boca. O cheiro podre e adocicado que saltou da garrafa fez sua garganta se contrair num espasmo involuntário. Inclinou a garrafa e o sabor do mau cheiro invadiu-lhe a boca. Sentiu um aperto no estômago. Engoliu. Um líquido pastoso, que ardia como fogo, escorreu-lhe pela goela.

Bem antes de abrir os olhos, pela exuberância e limpidez dos aromas à sua volta, Jack soube que passara para os Territórios. Cavalos, relva, um odor vertiginoso de carne crua, terra, ar puro.

INTERLÚDIO

Sloat Neste Mundo (I)

— SEI QUE TRABALHO demais — disse Morgan Sloat a seu filho Richard naquela noite.

Estavam falando ao telefone, Richard no aparelho público do corredor do andar de baixo de seu dormitório e o pai na escrivaninha da cobertura de um dos primeiros e mais bem-sucedidos investimentos imobiliários da Sawyer & Sloat em Beverly Hills.

— Mas eu lhe digo, garoto, muitas vezes temos de fazer pessoalmente as coisas para que elas fiquem bem-feitas. Principalmente quando são assuntos que envolvem a família de meu falecido sócio. É apenas uma pequena viagem, eu espero. Provavelmente vou ter tudo sob controle naquele maldito New Hampshire em menos de uma semana. Quando tudo estiver arranjado, lhe telefono de novo. Talvez façamos uma viagem de trem à Califórnia, como nos velhos tempos. Temos todo o direito a isso. Confie no seu velho pai.

A negociação do prédio de Beverly Hills fora particularmente favorável à empresa graças à habilidade de Sloat para resolver as coisas a seu modo. Primeiro, ele e Sawyer negociaram um curto contrato de arrendamento; depois (após uma batalha judicial), um contrato a longo prazo; por fim, fixaram suas próprias taxas de sublocação por metro quadrado, fizeram as alterações necessárias e publicaram anúncios à procura de novos inquilinos. O único inquilino antigo era o restaurante chinês do térreo, que pagava um aluguel equivalente a um terço do que a área valia. Sloat tentara uma conversa amigável com os proprietários, mas quando os chineses perceberam que ele estava mesmo disposto a extrair um aluguel maior, perderam subitamente a capacidade de falar ou entender inglês.

As tentativas de negociação de Sloat ficaram em banho-maria durante alguns dias. Foi então que ele viu por acaso um dos empregados da cozinha do restaurante saindo por uma porta traseira com uma tina de gordura. Já se sentindo um pouco melhor, seguiu o sujeito até um beco escuro e estreito, onde o viu despejar a gordura numa lata de lixo. Não precisava mais que isso. No dia seguinte, uma corrente separava o beco do restaurante e, dois dias depois, um fiscal da Secretaria de Saúde apresentou-se no restaurante com uma queixa e uma intimação. Agora o servente tinha de passar com todo o lixo da cozinha, inclusive a gordura, pelo salão de jantar e depositá-la na calçada fronteiria ao

estabelecimento. Os negócios decaíram: os fregueses sentiam os desagradáveis e penetrantes odores que vinham do lixo próximo. Os donos do restaurante reaprenderam o idioma inglês e se dispuseram a dobrar o aluguel. Com uma sorridente cortesia, Sloat recusou a proposta. E naquela noite, tendo se regalado com três doses de martíni, foi até o restaurante, tirou um bastão de beisebol da mala do carro e deixou em pedaços a comprida vitrine, que já proporcionara uma agradável vista da rua, mas dava agora para um corredor cercado de latas de lixo e correntes de ferro.

Ele fez essas coisas... Mas, afinal, estava um tanto fora de si.

Na manhã seguinte, os chineses pediram para ter mais uma conversa e dessa vez ofereceram o quádruplo do aluguel original.

— Agora estão fazendo uma proposta decente! — disse Sloat encarando o rosto metálico dos chineses. — E tem mais! Para provar que jogamos todos do mesmo lado, estou disposto a pagar metade do custo da nova vitrine.

Nove meses depois de a Sawyer & Sloat ter adquirido todo o edifício, os aluguéis tinham aumentado significativamente e as projeções iniciais de custos e lucro começaram a parecer incrivelmente pessimistas. Naquele momento, o prédio representava um dos mais modestos empreendimentos da Sawyer & Sloat, mas Morgan Sloat tinha tanto orgulho dele quanto das novas e sólidas estruturas que possuía no centro da cidade. Toda manhã, quando passava em frente ao restaurante a caminho do escritório, lembrava-se do quanto contribuía para a grandeza da empresa que fundara com Sawyer. Sem dúvida, suas reivindicações eram mais que justas!

Esse senso da justiça de suas pretensões lhe ardia no peito enquanto ele falava com Richard. Afinal, era por causa de Richard que queria se apoderar da parte de Phil Sawyer na companhia. Richard, em certo sentido, representava a sua imortalidade. O filho frequentaria as melhores escolas de Administração e se formaria em Direito antes de entrar na companhia. E com esse nível de preparo,

Richard Sloat faria todo o complexo e delicado mecanismo da Sawyer & Sloat entrar brilhantemente no novo século. A ridícula ambição do rapaz de se tornar químico não sobreviveria muito tempo à determinação paterna em sufocá-la. Richard era suficientemente inteligente para ver que o trabalho do pai era muitíssimo mais interessante, e financeiramente muito mais compensador, do que lidar com tubos de ensaio aquecidos a bicos de Bunsen. Essa mania de “experiência química” se dissiparia num piscar de olhos quando o rapaz desse uma olhada no mundo real. E se Richard passasse a se preocupar com o destino de Jack Sawyer, não seria difícil convencê-lo de que 50 mil dólares por ano e a garantia de uma educação universitária era não apenas justo, mas magnânimo. Principesco. Além do mais, quem podia saber se Jack ia querer uma parte do negócio ou se revelaria algum talento empresarial?

E, sem dúvida, acidentes acontecem. Quem podia garantir que Jack Sawyer iria passar dos 20 anos?

— Bem, é apenas uma questão de colocar em ordem alguns títulos de propriedade, acertar uma papelada — Sloat disse ao filho. — Há muito tempo Lily vem se escondendo de mim. A cabeça dela não anda funcionando muito bem, pode acreditar. Provavelmente tem menos de um ano de vida. Se eu não for atrás dela agora que sei onde ela está, ela pode enrolar tempo o bastante para pôr tudo em risco. Ou em um fundo fiduciário. Acho que a mãe de seu amigo não me deixaria administrá-lo livremente... Bem, não quero entediá-lo com meus problemas. Só telefonei para dizer que ficarei alguns dias fora de casa. Se quiser, me mande uma carta ou coisa parecida. E vá pensando na viagem de trem, ok? Temos de fazê-la outra vez.

O rapaz prometeu escrever, estudar bastante e não se preocupar com o pai, nem com Jack, nem com Lily Cavanaugh.

E um dia, quando aquele filho obediente estivesse, digamos, no último ano de Stanford ou Yale, Sloat o apresentaria aos

Territórios. Richard seria então seis ou sete anos mais jovem do que ele era quando Phil Sawyer, doidão de fumar maconha no primeiro escritório da firma na zona norte de Hollywood, o havia deixado primeiro confuso, depois enfurecido (porque Sloat tinha certeza de que Phil estava zombando dele), mas por fim conseguira lhe despertar o interesse (pois sem dúvida Phil estava doidão demais para inventar toda aquela trama de ficção científica sobre um outro mundo). Quando Richard visse os Territórios teria a maior emoção de sua vida. Se ainda fosse preciso, os Territórios modificariam completamente sua maneira de pensar. Mesmo uma pequena espiada nos Territórios minaria a confiança de qualquer um na onisciência dos cientistas.

Sloat passou a palma da mão sobre o brilhante cocuruto da cabeça e depois acariciou com volúpia o bigode. De uma forma suave e sutil, a voz do filho o consolara. Atrás dele havia Richard, por isso tudo estava muito, muito bem; o curso que as coisas seguiam era bom. Já era noite em Springfield, no Illinois. Na ala Nelson do Colégio Thayer, Richard Sloat seguia um corredor verde de volta a seu alojamento, talvez pensando nos bons momentos que passou e tornaria a passar ao lado do pai, nas horas felizes a bordo de um trem nas costas da Califórnia. Já estaria dormindo quando o jato do pai rompesse a resistência do ar bem lá no alto, centenas de quilômetros ao norte. Mas Morgan Sloat puxaria a cortina de sua poltrona de primeira classe e daria uma espiada lá fora, procurando a lua e uma abertura entre as nuvens.

Queria voltar imediatamente para casa (que ficava a trinta minutos do escritório), queria mudar de roupa e pôr alguma coisa no estômago, nem que fosse apenas um gole de Coca-Cola antes de ir para o aeroporto. Mas o problema é que ainda tinha de dar uma boa acelerada por uma longa rodovia para se encontrar com um cliente que estava metido em encrencas e à beira da ruína. Depois teria de enfrentar uma multidão de imbecis clamando que o projeto da

Sawyer & Sloat em Marina del Rey estava poluindo a praia. Essas coisas não podiam ser adiadas. Mas Sloat prometera a si mesmo que, assim que tivesse resolvido o caso de Lily Cavanaugh e seu filho, começaria a tirar alguns clientes da sua atual lista. Afinal, tinha coisas bem maiores com que se preocupar. Agora haveria mundos inteiros para explorar, e por certo sua parte nos bolos não se limitaria mais a 10%. Revendo o passado, Sloat não entendia muito bem como conseguira tolerar Phil Sawyer por tanto tempo. O sócio nunca jogara realmente para vencer, não seriamente; fora um homem demasiadamente tolhido por noções sentimentais de lealdade e honra, acreditando nas histórias que os pais contam aos filhos para mantê-los semicivilizados antes que chegue a hora de lhes arrancarem decididamente a venda dos olhos. Por mais mundano que pudesse parecer à luz do tanto pelo qual ele jogava agora, ele não esquecia que os Sawyer lhe deviam muita coisa. E enquanto calculava o quanto deviam ao velho Morgan, a indigestão lhe apertou o peito como um ataque de coração. Antes de ter atingido o carro estacionado numa vaga ainda ensolarada, já enfiara a mão no bolso do paletó e tirara de lá um pacote amassado de sal de frutas.

Phil Sawyer o subestimara, e isso ainda o amargurava. Phil o considerava uma espécie de cascavel domesticada que só podia ser deixada fora da jaula sob vigilância. Outros também o tinham olhado com um certo desprezo.

O guardador de carros, um caipira com um chapéu de caubói amassado, viu-o andar em volta do pequeno carro, procurando arranhões. O sal de frutas começava a dissolver a bola que lhe ardia no peito. Mas Sloat sentia o colarinho pegajoso de suor. O guardador sabia que devia ficar na dele: há algumas semanas, Sloat tinha tirado a pele do homem verbalmente após descobrir um pequeno arranhão na porta do BMW. No meio de sua arenga, vira a violência começar a escurecer os olhos verdes do caipira. Num impulso repentino, cambaleou na direção do homem, continuando a

lhe soltar os cachorros, quase esperando levar um soco. Mas de repente o guardador pareceu perder todo o ânimo; debilmente, num tom de desculpas, sugeriu que talvez o arranhãozinho *de nada* tivesse acontecido em outro lugar. Quem sabe não tivesse acontecido no estacionamento de um restaurante? Aqueles sujeitos não têm o menor cuidado com os carros, o senhor sabe... E à noite, sem muita luz...

— Cale a porra da boca — gritara Sloat. — Este arranhãozinho de nada, como diz você, vai me custar cerca de duas vezes o que você ganha numa semana. Eu devia despedi-lo agora mesmo, caubói, e só não vou fazer isso porque há 2% de possibilidade de que possa ter razão. Quando saí do Chasen's, ontem à noite, talvez não tenha olhado sob a maçaneta da porta: talvez TENHA e talvez NÃO TENHA. Mas se alguma vez voltar a abrir essa boca para dizer alguma coisa, se disser uma palavra além de “Como vai, sr. Sloat” ou “Boa noite, sr. Sloat”, pode ter certeza de que vou despedi-lo tão depressa que você nem vai saber o que aconteceu.

O caipira, então, via-o inspecionar o carro, sabendo que, se Sloat encontrasse qualquer imperfeição, ele seria posto no olho da rua. Tinha medo até de chegar perto o bastante para dizer o costumeiro adeus. Às vezes, da janela que dava para o estacionamento, Sloat observava o guardador tirando freneticamente um cisco, um cocô de passarinho ou um respingo de lama da carroceria do BMW. E tudo isso era fruto de sua competência gerencial.

Quando ia retirando o carro da vaga, deu uma olhada no retrovisor e viu no rosto do caipira uma expressão muito semelhante à cara de Phil Sawyer em seus últimos momentos de vida, lá nos confins de Utah. Subiu sorrindo a rampa do estacionamento e pegou a estrada.

Phil Sawyer subestimara Morgan Sloat desde o primeiro encontro dos dois, quando eram calouros em Yale. Naquela época,

Sloat refletiu, talvez fosse um tanto fácil subestimá-lo. Afinal, ele era apenas um rapaz gorducho de 18 anos vindo de Akron, um sujeito sem graça, carregado de ansiedades e ambições, que tinha saído de Ohio pela primeira vez na vida. Diante da fluência com que os colegas de classe falavam de Nova York, do 21 e do Stork Club, de terem visto Brubeck na rua Basin e Erroll Garner no Vanguard, tinha de suar um bocado para esconder sua ignorância.

— Eu gosto muito do centro comercial — ele falou o mais descontraidamente possível. Palmas das mãos suadas, dedos se cravando nelas. (Frequentemente Sloat encontrava nas mãos arranhões feitos pelas próprias unhas.)

— Que centro comercial, Morgan? — Tom Woodbine perguntou. Os outros riram.

— Você sabe, a Broadway e o Village. Por ali.

Novas risadas, mais fortes. Ele não era atraente e não se vestia bem; seu guarda-roupa consistia em dois ternos, ambos cinza-escuro e aparentemente feitos sob medida para um homem com ombros de espantalho. Começara a perder cabelo já nos últimos anos do colégio e um ponto rosado aumentava cada vez mais no meio do penteado curto e grudado na cabeça.

Não, Sloat nunca fora bonito, e isso também o incomodava. Os outros sempre o fizeram se sentir muito mal: os arranhões que via de manhã na palma das mãos não passavam de fotos sombrias dos punhos fechados de sua alma. Os demais rapazes, interessados em teatro como ele e Phil Sawyer, possuíam bonitos perfis, barrigas nada salientes, modos descontraídos e elegantes. Espalhavam-se pelas espreguiçadeiras de Davenport enquanto Sloat, suando dos pés à cabeça, preocupava-se em evitar rugas nas calças dos ternos e assim poder usá-los por mais alguns dias antes de lavá-los. Às vezes os colegas, suéteres de casemira jogados sobre os ombros como o velocino de ouro, lembravam muito uma reunião de jovens deuses. Estavam em vias de se tornar atores, dramaturgos, compositores. Sloat gostava de se imaginar como diretor:

enredando a todos numa teia de intrigas e planos que só ele saberia desemaranhar.

Sawyer e Tom Woobdine, rapazes que pareciam fantasticamente ricos aos olhos de Sloat, eram companheiros de quarto. Woodbine tinha apenas um fraco interesse pelo teatro e só completava sua oficina de dramaturgia para fazer companhia a Phil. Menino dourado vindo de escola particular, Thomas Woodbine diferia dos outros porque era bem mais sério e bem mais direto. Queria se tornar advogado e parecia ter a probidade e a imparcialidade de um juiz. (De fato, a maioria dos amigos de Woodbine já o imaginava na Suprema Corte, o que deixava o rapaz um tanto encabulado.) Woodbine não possuía o tipo de ambição de Sloat, pois estava muito mais interessado em viver corretamente do que em viver bem. Naturalmente, ele já tinha de tudo, e se por acaso lhe faltasse alguma coisa, haveria sempre quem preenchesse a lacuna num piscar de olhos. Como então poderia ele, tão favorecido pelo nascimento e com tantas amizades, ser um homem ambicioso? Quase inconscientemente, Sloat detestava Woodbine, e nunca conseguira chamá-lo com naturalidade de “Tommy”.

Sloat dirigiu duas peças de teatro durante seus quatro anos em Yale: *Sem saída*, que o jornal estudantil rotulou de “uma furiosa confusão”, e *Volpone*. Esta foi descrita como “tumultuada, cínica, sinistra e quase inacreditavelmente caótica”. Sloat foi apontado como o responsável pela maior parte dessas qualidades. Talvez, afinal, não tivesse talento para ser diretor: seu mundo era intenso e desordenado demais.

Mas as ambições não se extinguíram, apenas mudaram de alvo. Se não estava destinado a ficar atrás de um palco ou de uma câmera, podia estar atrás das pessoas que ficavam na frente das câmeras. Phil Sawyer também começava a pensar da mesma forma. Phil nunca tivera certeza de aonde seu amor pelo teatro poderia levá-lo, e achou que talvez tivesse talento para ser agente de atores e escritores.

— Vamos abrir uma agência em Los Angeles — Phil lhe disse no último ano da universidade. — Vai ser uma loucura e nossos pais vão nos odiar por isso, mas talvez a coisa funcione. Mesmo que tenhamos de passar fome por alguns anos!

Já nos tempos de calouro, Sloat ficara sabendo que, afinal, Phil Sawyer não era filho de família rica. Apenas *parecia* rico.

— E quando tivermos dinheiro suficiente, contrataremos Tommy para ser nosso advogado. Até lá, ele já vai ter se formado em Direito.

— Tudo bem — disse Sloat, achando que seria melhor esperar uma hora melhor para afastar Tommy do negócio. — Que nome vamos dar à firma?

— Você escolhe. Sloat and Sawyer? Ou devíamos seguir a ordem alfabética?

— Sawyer and Sloat, sem dúvida. Em ordem alfabética — disse Sloat, furioso no íntimo porque imaginava que o futuro sócio pretendia deixá-lo para trás para sempre, sugerindo que Sloat seria secundário a Sawyer.

Como Phil previra, os pais dos dois abominaram a ideia, mas os sócios da futura agência de talentos foram para Los Angeles no velho DeSoto (carro de Morgan; outra demonstração do quanto Sawyer devia a ele), abriram um escritório num prédio da zona norte de Hollywood (onde havia uma turbulenta população de ratos e pulgas) e começaram a rondar pelos clubes, passando de mão em mão seus novos cartões de visitas. Nada. Quase quatro meses de total fracasso. Tiveram um cômico que tinha de se embebedar para ser engraçado, um escritor que não conseguia escrever, uma moça que fazia *strip-tease* e exigia que a pagassem em dinheiro para enganar os agentes. Mas num fim de tarde, com maconha e uísque na cabeça, Phil Sawyer falara rindo a Sloat sobre os Territórios.

— *Sabe o que eu sei fazer, seu mestre da ambição? Oh, eu sei viajar, parceiro! Longe!*

Pouco depois, ambos já viajando com frequência para os Territórios, Phil Sawyer encontrou uma promissora e jovem atriz numa festa de estúdio. Daí a uma hora, tinham sua primeira cliente importante. E três amigas dela também não estavam satisfeitas com seus agentes. Uma dessas amigas tinha um namorado que escrevera um bom roteiro cinematográfico e precisava de um agente, e o namorado tinha outro amigo... Antes do fim do terceiro ano, Sloat e Sawyer já possuíam um novo escritório, novos apartamentos, uma fatia, em suma, da torta de Hollywood. De uma forma que Sloat aceitara, mas nunca compreendera, os Territórios tinham-nos abençoado.

Sawyer lidava com os clientes; Sloat com o dinheiro, os investimentos e a parte financeira da agência. Sawyer gastava dinheiro (almoços, passagens aéreas), Sloat poupava. E essa era a justificativa de que precisava para, sem remorsos, deslizar para o bolso um pouco do creme do doce. E foi Sloat quem os empurrou para novas áreas: loteamentos, imóveis, comércio. Quando Tommy Woodbine chegou a Los Angeles, a Sawyer & Sloat já era um negócio de cinco milhões de dólares.

Mas Sloat logo descobriu que ainda detestava o velho companheiro de universidade; Tommy Woodbine engordara 15 quilos, e no terno de três peças azul parecia e agia mais que nunca como um juiz. Suas faces estavam sempre ligeiramente avermelhadas (seria alcoólatra?, Sloat se perguntava), seus modos continuavam gentis e um tanto excessivamente formais. A vida já lhe deixara algumas marcas no rosto: pequenas rugas nos cantos dos olhos e os próprios olhos infinitamente mais cautelosos que os do filhinho de papai de Yale. Sloat percebeu quase de imediato, e sabia que Phil Sawyer jamais notaria qualquer coisa a não ser que o informassem, que Tommy Woodbine vivia com um enorme segredo: fosse qual fosse sua personalidade quando era rapaz, Tommy era agora homossexual. Provavelmente, ele próprio se chamaria de gay.

E isso tornava tudo mais fácil. Sem dúvida, seria muito mais fácil livrar-se de Tommy.

Porque bichas estão sempre sendo mortas, não é? E será que alguém ia querer que um veado de 100 quilos fosse responsável pela educação de um adolescente? Podia-se dizer que Sloat estava apenas poupando a Phil Sawyer as futuras consequências negativas de um sério erro de julgamento. Se Sawyer tivesse nomeado Sloat seu executor testamentário e tutor do filho, não haveria problemas. Mas do jeito que as coisas estavam, os assassinos dos Territórios — aquela dupla que tentara sequestrar o garoto — tinham forçado passagem através de um sinal vermelho e quase foram presos antes de conseguirem voltar para casa.

Tudo teria sido bem mais simples, Sloat refletiu pela milésima vez, se Phil Sawyer não tivesse se casado. Se não existisse Lily, não existiria Jack, e sem Jack, não haveria problemas. Talvez Phil nem mesmo tivesse dado uma olhada no relatório sobre o passado de Lily Cavanaugh que Sloat tinha encomendado: elas revelavam onde, com que frequência e com quem, e teriam dado o golpe de misericórdia naquele romance com a mesma presteza do caminhão negro que transformou Tommy Woodbine numa massa de carne no meio da rua. E se Sawyer se preocupou em ler o meticuloso relatório, sem dúvida (e surpreendentemente) não se deixou afetar. Quis se casar com Lily Cavanaugh e foi o que fez. Da mesma forma como o amaldiçoado Duplo de Sawyer se casara com a rainha Laura. Mais uma subestimação. E pago na mesma moeda, o que parecia bastante justo.

Isso significava, pensou Sloat com uma certa dose de satisfação, que após o acerto de alguns detalhes, tudo entraria finalmente nos eixos. Depois de tantos anos... Quando voltasse de Arcadia Beach, teria toda a Sawyer & Sloat no bolso. E nos Territórios, tudo estava do *mesmo* jeito: pairando na corda, pronto a cair em suas mãos. Assim que a rainha morresse, o ex-ajudante do consorte dela governaria o país, pronto a introduzir todas as

pequenas e interessantes novidades que ele e Sloat desejavam. Depois era ver o dinheiro rolar, pensou Sloat deixando a estrada e pegando o acesso para Marina del Rey. Depois era ver *tudo* rolar!

Seu cliente, Asher Dondorf, morava no térreo de um novo prédio numa das estreitas ruas de Marina del Rey, alamedas que iam dar na praia. Dondorf era um velho ator coadjuvante que obtivera um surpreendente nível de respeitabilidade e celebridade no fim dos anos 70 graças a um seriado de TV; fazia o papel de senhorio do jovem casal — detetives particulares, ambos tão engraçadinhos quanto bichinhos de pelúcia — que era a estrela da série. Dondorf recebeu tantas cartas por suas poucas aparições nos primeiros episódios que os roteiristas aumentaram-lhe o papel, transformando-o num pai não-oficial dos jovens detetives, deixando-o resolver um ou dois assassinatos, colocando-o em situações de perigo e etc. Seu salário dobrou, triplicou, quadruplicou e, quando seis anos mais tarde a série foi cancelada, ele voltou para longas-metragem. Foi então que surgiram os problemas. Dondorf se julgava uma estrela, mas os estúdios e os produtores ainda o viam como ator coadjuvante: popular, sem dúvida, mas de maneira alguma um grande trunfo para um projeto. Dondorf queria flores no camarim, queria seu próprio cabeleireiro e um auxiliar na memorização dos diálogos, queria mais dinheiro, mais respeito, mais amor, mais tudo. Na realidade, Dondorf era muito fútil.

Ao parar o carro na vaga do estacionamento e se esgueirar com cuidado por uma fresta da porta para não arranhar a pintura nos tijolos do prédio, Sloat chegou a uma conclusão: se nos próximos dias viesse a saber ou suspeitar que Jack Sawyer descobrira a existência dos Territórios, o mataria. A entrada de Jack nos Territórios seria um risco inaceitável.

Sloat sorriu consigo mesmo, pondo outro antiácido na boca, e bateu na porta do apartamento. Já sabia o que ia acontecer: Asher Dondorf ia se matar. Faria isso na sala de estar, para criar a maior confusão possível. Um tolo temperamental como seu futuro ex-

cliente ia achar que um suicídio realmente chocante seria uma vingança adequada contra o banco que ameaçava executar sua hipoteca. Quando um pálido e trêmulo Dondorf abriu a porta, o calor do cumprimento de Sloat pareceu inteiramente sincero.

SEGUNDA PARTE

O Caminho das Provas

Capítulo Seis

O Pavilhão da Rainha

1

OS RECORTES DENTEADOS das folhas da relva bem na frente de Jack pareciam compridos e afiados como sabres. Em vez de se curvar ao vento, cortavam-no. Jack gemeu ao levantar a cabeça. Ele não possuía tanta dignidade. Seu estômago ainda parecia ameaçadoramente líquido, a testa e os olhos ardiam. Ficou de joelhos e depois se obrigou a ficar de pé. Uma carroça comprida,

puxada a cavalo, movia-se ruidosamente em sua direção pela poeira da estrada. O condutor, um homem barbado de rosto vermelho, mais ou menos da mesma forma e tamanho dos barris de madeira chacoalhando atrás dele, não tirava os olhos de Jack. Jack cumprimentou-o com a cabeça, esforçando-se ao máximo para observar o homem e, ao mesmo tempo, manter uma aparência de menino vadio que tivesse acabado de tirar uma soneca na beira do caminho. Depois que se levantou, não se sentiu mais enjoado; sentia-se, de fato, melhor do que nunca desde que deixara Los Angeles, não apenas saudável, mas em perfeita harmonia, misteriosamente sintonizado com seu corpo. O ar quente dos Territórios, agitado pela brisa, acarinhava-lhe o rosto com o mais doce e perfumado dos toques. Um delicado aroma de flores podia ser nitidamente percebido sob o forte odor de carne crua que o vento carregava. Jack passou as mãos pelo rosto e deu uma olhada no condutor da carroça, o primeiro exemplar que encontrava de um habitante dos Territórios.

Se o condutor se dirigisse a ele, como deveria responder? Será que ao menos falavam inglês por ali? E seria o mesmo tipo de inglês falado por ele? Por um instante, Jack se imaginou tentando passar despercebido num mundo onde as pessoas falassem inglês arcaico. Achou que nesse caso o melhor que tinha a fazer era se fingir de mudo.

O condutor finalmente tirou os olhos de Jack e cacarejou alguma coisa para os cavalos, sons que não correspondiam de forma alguma ao inglês americano de 1980. Mas quem sabe talvez fosse apenas um jeito de falar com os animais.

— *Slusha, slusha!*

Jack recuou um pouco para a grama, achando que devia ter se levantado alguns segundos antes. O homem olhou-o de novo e surpreendeu-o com um aceno de cabeça — um gesto nem amistoso nem hostil, uma simples comunicação entre duas pessoas. *Ficarei feliz quando essa jornada de trabalho terminar, irmão.* Jack devolveu

o aceno, tentou pôr as mãos nos bolsos e, por um momento, seu assombro deve tê-lo deixado com um ar um tanto imbecil. O condutor riu, e não foi um riso desagradável.

As roupas de Jack tinham se modificado. Ele usava agora uma pesada e grossa calça de lã em vez de calça de veludo fino. Cobria-lhe o peito com uma jaqueta bem justa, de fazenda azul e macia. Mas, em vez de botões, a jaqueta (um gibão?, ele especulou) tinha uma fileira de ganchinhos. Como as calças, era nitidamente feita à mão. Também os tênis tinham desaparecido, sendo substituídos por sandálias de couro. A mochila se metamorfoseara num saco de couro seguro em seu ombro por uma fina correia. O condutor da carroça usava uma roupa quase exatamente igual à sua, mas o gibão era de couro muito manchado, anéis dentro de anéis de manchas, como o coração de uma velha árvore.

Fazendo muito barulho e levantando pó, a carroça passou por Jack. Os barris exalavam um odor fermentado de cerveja. Atrás dos barris, havia três pilhas do que, irrefletidamente, Jack tomou por pneus de caminhão. Sentiu o cheiro dos “pneus” e percebeu de imediato que eles eram absolutamente carecas. Tinham um aroma cremoso, que enchia o paladar de sugestões de prazeres sutis. Instantaneamente, sentiu fome. Aquilo era queijo, um queijo diferente do tipo que estava acostumado a comer. E atrás das imensas rodas de queijo, na traseira da carroça, havia um monte de carne crua: grandes pedaços de bife que pareciam sem gordura, grandes quartos de alcatra (além de um punhado de miúdos pegajosos, que ele não sabia bem o que era, e que deslizavam sob um brilhante enxame de moscas). O cheiro penetrante da carne crua atingiu Jack, tirando-lhe o apetite despertado pelo queijo. Ele foi para o meio da trilha e contemplou o carro sacolejar para a crista de uma pequena elevação. E então começou a caminhar para o norte, seguindo o mesmo caminho da carroça.

Cobrira a metade da distância até o topo da colina quando viu de novo o pico da grande tenda, rígida no meio de uma fileira de

pequenas bandeiras que flutuavam. Aquele, presumiu, seria o seu destino. Alguns metros depois das amoreiras silvestres onde parara da última vez (lembrando-se de como as frutas eram gostosas, colocou duas enormes na boca), pôde ver toda a tenda. Na realidade, era um grande e sólido pavilhão, com alas compridas de ambos os lados, com portões e um pátio. Como o Alhambra, aquela estrutura excêntrica (um palácio de verão, disseram os instintos de Jack) ficava bem acima do oceano. Pequenos grupos de pessoas entravam, saíam e perambulavam pelo grande pavilhão, aparentemente impelidos por forças tão poderosas e invisíveis quanto o efeito de um ímã. Os pequenos grupos se encontravam, se dividiam, juntavam-se de novo.

Alguns homens usavam roupas brilhantes, de aspecto vistoso, embora muitos parecessem se vestir como Jack. Algumas mulheres, de longos e brilhantes vestidos ou túnicas brancas, caminhavam através do pátio, decididas como generais. Do lado de fora dos portões, havia um aglomerado de tendas menores e cabanas de madeira cuja construção ainda não parecia concluída; também ali havia gente em atividade, comendo, fazendo compras ou conversando, embora mais à vontade, mais descontraidamente que os outros. Lá, no meio daquela agitada multidão, Jack teria de encontrar um homem com uma cicatriz.

Mas antes ele olhou para trás, ao longo dos sulcos da estrada, para ver o que acontecera ao Funworld.

A uns 50 metros de distância, viu dois pequenos cavalos negros puxando arados, e achou que o parque de diversões tinha se transformado numa fazenda, mas então notou a multidão fitando do alto do campo o desempenho dos animais. Tratava-se de uma competição. Depois seu olhar foi atraído pelo espetáculo de um enorme ruivo, nu até a cintura, girando velozmente em torno de si mesmo. As mãos estendidas seguravam um objeto comprido e pesado. De repente, o homem parou de rodar e soltou o objeto, que percorreu um longo caminho antes de cair com um baque na relva.

Jack descobriu que era um martelo. Funworld, então, se transformara numa feira, não numa fazenda. Havia mesas cheias de comida e crianças nos ombros dos pais.

E no centro da feira, certificando-se de que cada correia, de que cada arreio estava no lugar, de que cada forno estava bem abastecido de lenha, haveria um Speedy Parker? Jack esperava que sim.

E será que sua mãe ainda estava sentada sozinha no Tea and Jam Shoppe, sem entender muito bem por que deixara o filho partir?

Jack se virou para trás e viu a barulhenta carroça atravessar os portões do palácio de verão e guinar para a esquerda, abrindo caminho entre as pessoas como um automóvel virando na Quinta Avenida separa fluxos de pedestres junto aos sinais de tráfego. Um instante depois, Jack saía no rastro da carroça.

2

JACK TEVE MEDO DE que todas as pessoas nas imediações do pavilhão fossem arregalar os olhos em sua direção, percebendo de imediato que ele era diferente. Procurou, então, cautelosamente, manter os olhos baixos, fingindo ser um garoto com uma missão complicada: tinha sido mandado comprar um certo número de coisas; o franzido no rosto mostrava a força que fazia para se lembrar de tudo. *Uma pá, duas picaretas, um rolo de barbante, uma lata de banha...* Mas, aos poucos, foi tomando consciência de que nenhum dos adultos que rodeavam o palácio lhe dispensava qualquer atenção. Andavam de um lado para o outro, paravam, examinavam as mercadorias — tapetes, potes de ferro, braceletes — expostas em pequenas tendas, bebiam de canecões de madeira,

puxavam a manga de alguém para fazer um comentário ou entabular conversa, discutiam com os guardas do portão. Todos, em suma, pareciam totalmente absorvidos por seus próprios afazeres. O disfarce que Jack tentava simular era tão desnecessário que chegava a ser ridículo. Então ele empinou a cabeça e começou a andar com passo mais firme, movendo-se num semicírculo em direção ao portão.

Mas quase de imediato percebeu que não seria fácil atravessá-lo. Os dois guardas postados de cada lado paravam e interrogavam quase todo mundo que se dirigia para o interior do palácio. Os homens tinham de exibir certas credenciais, distintivos ou selos para terem acesso ao pavilhão real. Jack só possuía a palheta de violão que Speedy Parker lhe dera, e não achava que ela fosse de alguma utilidade diante da vigilância dos guardas.

Exatamente naquele momento, um homem se aproximou do portão exibindo um distintivo redondo de prata e os guardas o deixaram prosseguir. O sujeito que ia atrás dele foi barrado e começou a discutir com um dos guardas. De repente, sua argumentação se tornou mais enfática e Jack percebeu que, na realidade, ele estava implorando. O guarda balançou a cabeça e lhe ordenou que se afastasse.

— Os homens *dele* entram com a maior facilidade — disse alguém à direita de Jack, instantaneamente resolvendo o problema do idioma dos Territórios. Jack virou a cabeça para ver se a pessoa estava falando com ele.

Mas o sujeito de meia-idade a seu lado conversava com um companheiro, ambos vestidos com a roupa simples, modesta, da maioria dos homens e mulheres fora dos domínios do palácio.

— Estão agindo muito mal — respondeu o companheiro. — Ele já está a caminho. Deve chegar hoje mesmo, eu acho.

Jack postou-se atrás dos dois e seguiu-os até o portão.

Os guardas deram um passo à frente quando os homens se aproximaram. A dupla foi em direção a um dos guardas, e o outro

gesticulou para o homem que estava mais perto dele. Jack ficou atrás. Ainda não vira ninguém com uma cicatriz, nem qualquer oficial. Os guardas eram os únicos soldados que havia por ali, ambos jovens e rústicos. Com os rostos muito vermelhos saindo de uniformes de pregas cuidadosamente engomadas, pareciam agricultores com fantasias de carnaval. Os dois sujeitos que Jack seguira deviam ter passado pela prova dos guardas, porque após alguns momentos de conversa os camponeses de uniforme retrocederam e lhes deram passagem. Então um dos soldados olhou atentamente para Jack. Ele desviou a cabeça e recuou.

A não ser que encontrasse o capitão com a cicatriz, jamais conseguiria entrar no palácio.

Um grupo de homens se aproximou do guarda que olhara para Jack e começou imediatamente a discutir. Tinham um compromisso, era crucial que os deixassem entrar, havia muito dinheiro envolvido, embora, lamentavelmente, não tivessem credenciais. O guarda balançou a cabeça, coçando o queixo que despontava da gola franzida do uniforme. Enquanto Jack assistia à cena, ainda sem saber como encontraria o capitão, o líder do grupo agitou os braços e deu um soco na palma da própria mão. Seu rosto se tornara tão vermelho quanto o do guarda. Finalmente começou a espetar o indicador no peito do guarda. Então, o outro soldado juntou-se ao colega: ambos pareciam entediados e hostis.

Um homem alto com um uniforme ligeiramente diferente do uniforme dos guardas (podia ser o modo como ele portava o uniforme, pois o traje dava a impressão de poder servir numa batalha ou num camarote de opereta) aproximou-se discretamente. Não usava gola franzida e, Jack notou um segundo depois, o chapéu era bicudo e não de três pontas. Conversou com os guardas e depois se voltou para o líder do pequeno grupo. Não houve mais gritos nem ameaças. O homem falava num tom calmo. Jack viu a hostilidade do grupo refluir. O líder começou a deslocar os pés num gesto de descontração e os ombros dos outros se abaixaram. Por

fim, o grupo começou a se afastar. O oficial contemplou a retirada; depois disse mais alguma coisa aos guardas.

Por um momento enquanto o oficial ficou com o rosto virado na direção de Jack, afugentando de vez o grupo de homens com sua atitude, o menino viu uma comprida e pálida cicatriz em forma de relâmpago que descia em ziguezague do olho direito quase até o queixo.

O oficial inclinou a cabeça para os guardas e começou a se distanciar num passo rápido. Sem olhar para lado nenhum, Jack forçou caminho através do aglomerado de gente que agora, aparentemente, se dirigia para a lateral do palácio, e correu atrás dele.

— Senhor! — gritou, mas o soldado continuou marchando entre o lento rastejar da multidão.

Jack contornou correndo um grupo de homens e mulheres que carregava um porco para uma das pequenas tendas, passou por uma brecha entre dois grupos de pessoas que se aproximavam do portão e, por fim, conseguiu se aproximar o suficiente do oficial para estender o braço e tocar-lhe o cotovelo.

— Capitão?

O oficial deu meia-volta, fazendo Jack congelar no lugar onde estava. De mais perto, a cicatriz parecia mais nítida, mais grossa, uma criatura viva cavalgando no rosto do homem. Mesmo sem cicatriz, Jack pensou, aquele rosto expressaria uma vigorosa impaciência.

— O que há, rapaz? — perguntou o soldado.

— Capitão, tenho de falar com o senhor. Preciso ver a Senhora, mas acho que não me deixarão entrar no palácio. Oh, o senhor precisa ver isto.

Enfiou a mão no largo bolso da calça rústica que usava e pegou um objeto triangular.

Quando mostrou a palma da mão aberta, sentiu um choque profundo atravessar-lhe o corpo. O que havia em sua mão não era

mais uma palheta, mas um dente comprido, talvez de tubarão, incrustado com um serpenteante e intrincado arabesco dourado.

Jack levantou os olhos para o rosto do capitão, quase com medo de levar um soco. Mas o que viu foi apenas um eco do mesmo choque que ele sentira. A impaciência, que parecia tão típica do homem, desaparecera por completo. Incerteza e até mesmo temor distorciam os traços marcantes do rosto do capitão. O oficial ergueu a mão na direção de Jack, e o garoto achou que ele pretendia pegar o dente adornado: Jack o teria entregue, mas o homem limitou-se a dobrar-lhe os dedos sobre o estranho objeto.

— Venha comigo — disse.

Circundaram o pavilhão e o garoto foi levado para trás de uma grande aba que, embora lembrasse a vela de um navio, era apenas a entrada de um resistente abrigo de lona. Na semi-obscuridade da tenda, as feições do soldado pareciam ter sido reforçadas com lápis cera.

— Este objeto — disse, procurando conservar a voz calma. — Onde o conseguiu?

— Foi Speedy Parker quem me deu. Mandou que eu falasse com o senhor e lhe mostrasse a coisa.

O homem sacudiu a cabeça.

— Não estou reconhecendo o nome. Quero que me dê o que tem na mão. Agora.

Agarrou com firmeza o pulso de Jack. — Passe-o para mim e diga de onde o roubou.

— Mas estou dizendo a verdade — Jack protestou. — Ganhei-o de Lester Speedy Parker. Ele trabalha no Funworld... Só que não era um dente quando ele me deu. Era uma palheta de violão.

— Acho que ainda não entendeu bem o que vai lhe acontecer, garoto.

— O senhor *conhece* Speedy — Jack insistiu. — Ele o descreveu... Disse que era capitão dos Guardas do Exterior. Speedy *me mandou* procurá-lo.

O capitão sacudiu a cabeça e agarrou com mais força o punho de Jack.

— Descreva esse sujeito. Vou descobrir agora mesmo se está dizendo a verdade ou não. Por isso, no seu lugar, eu procuraria ser bastante preciso.

— Speedy é velho — disse Jack. — Antigamente era músico...

O menino julgou captar um lampejo de reconhecimento nos olhos do homem.

— É negro — Jack continuou —, um homem negro. Tem cabelos brancos e muitas rugas no rosto. É bem magro, mas muito mais forte do que aparenta.

— Um homem negro... Você quer dizer um homem *pardo*?

— Bem, os negros não são realmente negros. Como os brancos não são realmente brancos.

— Um homem pardo chamado Parker.

Num movimento lento, o capitão libertou o pulso de Jack.

— Aqui ele é chamado de Parkus. Portanto, você veio... — Ele inclinou a cabeça para algum ponto distante e invisível do horizonte.

— É isso — disse Jack.

— E Parkus... Parker... mandou-o se encontrar com nossa rainha.

— Ele me disse para ir ver a Senhora. E disse que o senhor podia me levar até ela.

— Isto terá de ser feito com rapidez — disse o capitão. — Acho que sei o que fazer, mas não temos tempo a perder.

Tomara sua decisão com uma firmeza militar.

— Agora, escute. Temos muitos bastardos rondando por aqui, por isso vamos fingir que você é um filho ilegítimo que tive. Você me desobedeceu numa coisinha qualquer e eu fiquei furioso. *Acho* que ninguém poderá nos deter se representarmos nosso papel de forma convincente. Pelo menos vou conseguir introduzi-lo no palácio, mas é lá dentro que as coisas serão mais delicadas. Vai conseguir fazer isso? Convencer as pessoas de que é meu filho?

— Minha mãe é atriz — disse Jack, sentindo-se orgulhoso dela.

— Bom, então vamos ver como vai se sair — disse o capitão, surpreendendo Jack com uma piscada de olho. — Vou tentar agir de modo a não lhe machucar. — Estendeu de novo o braço e cravou a mão com uma força de garra no braço do garoto. — Vamos — disse ele, e saiu marchando do abrigo de lona, quase arrastando Jack atrás de si.

— Quando eu mandá-lo lavar o chão atrás da cozinha, deve obedecer prontamente — disse o capitão em voz alta, mas sem olhá-lo. — Entendeu bem? Vai fazer o *que eu mandar*. E se não fizer, será castigado.

— Mas lavei alguns ladrilhos... — Jack resmungou.

— Não mandei lavar *alguns* ladrilhos! — gritou o capitão, carregando Jack com ele. As pessoas abriram caminho para deixar o oficial passar. Algumas sorriam solidárias para Jack.

— Eu ia fazer tudo, é verdade, eu ia voltar daqui a pouco...

O capitão puxou Jack para o portão do palácio sem nem ao menos olhar para os guardas e o empurrou para dentro.

— Não, papai! — Jack berrou. — Está me machucando!

— Pode estar certo de que *ainda vou* machucá-lo mais — disse o capitão e transportou-o através do amplo pátio que o menino vira da trilha da carroça.

Na extremidade do pátio, o soldado obrigou-o a subir os degraus de madeira e a penetrar no interior do grande palácio.

— Agora sua atuação tem que ser boa — o homem sussurrou e imediatamente saiu andando por um longo corredor, apertando o braço de Jack com força suficiente para deixar marcas.

— Prometo que vou obedecer ao senhor! — Jack gritava.

O homem arrastou-o para outro corredor mais estreito. Jack reparou que o interior do palácio não se assemelhava nem um pouco ao interior de uma tenda. Possuía um confuso labirinto de

galerias e pequenas salas, e por toda parte havia cheiro de fumaça e gordura.

— Prometa! — vociferou o capitão.

— Prometo, juro!

Ao emergirem de um terceiro corredor, depararam-se com um grupo de homens requintadamente vestidos, alguns apoiados nas paredes, outros recostados em divãs. Eles viravam as cabeças para ver a dupla barulhenta. Um deles, que se divertia dando ordens a duas mulheres que transportavam pilhas de lençóis dobrados nos braços, olhou com desconfiança para Jack e o oficial.

— E eu prometo lhe dar uma boa surra! — disse em voz alta o capitão.

Alguns homens riram. Usavam chapéus macios com grandes abas adornadas de pele e as botas eram de veludo. Tinham rostos vorazes e expressão estúpida. O homem que falava com as criadas, que parecia ser o chefe, era esqueleticamente magro e alto. O rosto tenso e ambicioso acompanhou o garoto e o soldado quando os dois passaram por ele.

— Por favor, não! — Jack gemia. — Por favor!

— Cada *por favor* vai ser outra correada! — o soldado rosnou, e os homens riram de novo. O sujeito magro acabou se permitindo um sorriso, frio como lâmina de faca. Depois voltou-se de novo para as criadas.

O capitão puxou o garoto para uma sala vazia, onde havia uma mobília de madeira cheia de pó. Então, soltou o braço dolorido de Jack.

— Aqueles são os homens *dele* — cochichou. — Como será a vida quando...?

Ele sacudiu a cabeça e, por um momento, pareceu esquecer toda a pressa.

— Diz no *Livro da boa lavoura* que os dóceis herdarão a terra, mas ninguém é dócil ou pacífico entre esses sujeitos. A única coisa que querem é pôr as mãos em tudo. Querem riqueza, querem... —

Ergueu os olhos para o teto, sem vontade ou incapaz de dizer o que mais aqueles homens poderiam cobiçar. Depois voltou a encarar o garoto. — Temos de agir com rapidez, mas ainda existem alguns segredos no palácio que esses homens não conseguiram descobrir.

Ele inclinou a cabeça para um dos lados, indicando uma parede de madeira sem cor.

Quando o capitão se pôs de novo em movimento, Jack o seguiu. Entendeu logo por que o homem empurrou dois cravos marrons na extremidade de uma tábua empoeirada do revestimento perto do rodapé. Uma das almofadas da parede descorada se deslocou, revelando um estreito e escuro corredor, não mais alto que um caixão na vertical.

— Você apenas vai dar uma olhada nela, mas acho que é tudo o que você precisa. E, além do mais, é tudo o que pode conseguir.

O garoto obedeceu à ordem silenciosa para se introduzir na passagem.

— Vá sempre em frente até eu mandá-lo parar — o capitão sussurrou.

Depois que o oficial também entrou e fechou o painel atrás deles, Jack começou a avançar lentamente através de uma escuridão absoluta.

A galeria seguia uma trajetória sinuosa, ocasionalmente iluminada pela débil claridade de uma fresta de porta ou de uma claraboia. Jack logo perdeu todo o senso de direção e limitou-se a acompanhar cegamente as instruções do capitão. Num determinado trecho, seu nariz captou um aroma delicioso de carne assada; mais adiante, porém, havia um indisfarçável fedor de esgoto.

— Pare — disse finalmente o capitão. — Agora terei de suspendê-lo. Levante os braços.

— Vou ver alguma coisa?

— Saberá num segundo — respondeu o capitão e, pondo as mãos sob as axilas de Jack, ergueu-o com energia.

— Há um alçapão bem na sua frente — murmurou. — Puxe-o para a esquerda.

Às cegas, Jack estendeu o braço e tocou uma superfície lisa de madeira. Ela deslizou facilmente, enchendo a galeria de uma luminosidade fraca que foi suficiente para que ele visse uma enorme aranha avançando até o teto, Jack pôde ver um aposento do tamanho de um saguão de hotel. Estava repleto de mulheres vestidas de branco e equipado com um mobiliário tão requintado que lembrou ao menino os museus que ele visitara com os pais. No centro da sala, numa cama imensa, havia uma mulher adormecida ou inconsciente, apenas a cabeça e os ombros visíveis sobre o lençol.

E então Jack quase gritou sob o impacto do choque e do terror. A mulher deitada na cama era sua mãe. Era sua mãe que estava ali, e ela estava morrendo.

—Você a viu — murmurou o capitão, apertando-o com mais força sob as axilas.

De boca aberta, Jack continuava contemplando a mãe. Estava morrendo, não havia mais dúvida alguma; mesmo a pele parecia doentia, esbranquiçada, e o cabelo perdera todas as nuances de cor. As enfermeiras corriam de um lado para o outro, ajeitando os lençóis ou arrumando livros numa mesa de cabeceira. Estavam assim agitadas por não saberem mais o que fazer pela paciente. Sabiam que já não era possível prestar-lhe qualquer tipo de ajuda. Se conseguissem afugentar a morte por mais um mês, ou mais uma semana, já seria um milagre.

Jack se concentrou de novo na face virada para cima como uma máscara de cera e enfim percebeu que a mulher deitada na cama não era sua mãe. O queixo parecia mais redondo, a forma do nariz era ligeiramente mais clássica. A mulher que agonizava era o Duplo de sua mãe; era Laura DeLoessian. Se Speedy esperava que ele visse mais alguma coisa, estava redondamente enganado:

aquele rosto branco e imóvel nada lhe revelava sobre a mulher atrás dele.

— Está bem — murmurou fechando o alçapão, e o oficial o colocou no chão.

Na galeria novamente escura, Jack perguntou:

— O que está havendo com ela?

— Ninguém descobriu ainda — disse a voz acima de sua cabeça. — A rainha não consegue mais enxergar, nem falar, nem andar...

Houve um momento de silêncio. Então o capitão tocou a mão do garoto.

— Temos de voltar — disse.

Em silêncio, foram emergindo da escuridão da passagem até a sala vazia e empoeirada. O capitão sacudiu pegajosas teias de aranha da frente do uniforme. Sua cabeça pendeu para um dos lados e ele observou Jack por um tempo, a preocupação estampada no rosto.

— Quero que responda a uma pergunta — disse.

— Sim.

— Foi mandado aqui para salvá-la? Para salvar a rainha?

Jack balançou a cabeça.

— Acho que sim... Acho que isso faz parte. Mas me diga uma coisa. — Ele hesitou. — Por que aqueles canalhas lá fora não assumem tudo? Ela com certeza não pode impedi-los.

O capitão sorriu. Não havia humor naquele sorriso.

— Eu — ele disse. — Meus homens... Nós os deteríamos. Mas não sei o que eles podem estar tramando em outros destacamentos militares, onde os laços de lealdade são mais fracos... Aqui, porém, ainda garantimos o trono da rainha.

Na face onde não havia cicatriz, um músculo logo abaixo do olho saltou como um peixe. Ele apertava as mãos, palma contra palma.

— Suas instruções, suas ordens, a orientação que recebeu, em suma, são para... *hã, ir* para oeste, certo?

Jack podia praticamente sentir a vibração do homem; sua crescente agitação era mantida sob controle graças a um longo hábito de autodisciplina.

— Isso mesmo — Jack respondeu. — Devo ir para o oeste. Não é isso? Não tenho de ir para o oeste? Para o outro Alhambra?

— Não sei, não sei... — o capitão falou bruscamente, recuando um passo. — Mas tenho de tirá-lo daqui agora. Não posso lhe dizer o que fazer.

De repente ele parecia ter perdido até mesmo a coragem de olhar para Jack, o garoto percebeu.

— Não pode ficar aqui nem mais um minuto... Vamos, *hã...* Vamos ver se consigo fazê-lo escapar antes da chegada de Morgan.

— Morgan? — Jack perguntou, achando que seus ouvidos o tinham enganado. — Morgan Sloat? Ele está vindo para cá?

Capítulo Sete

Farren

1

O CAPITÃO PARECEU NÃO ter ouvido a pergunta de Jack. Seu olhar estava fixo num canto daquele quarto estranhamente vazio como se houvesse alguma coisa para ver ali. Procurava pensar profundamente, intensamente e depressa; Jack percebeu isso. E tio Tommy lhe ensinara que interromper um adulto que estava

meditando era tão deseducado quanto interromper um adulto que estivesse falando. Mas...

Fique longe do velho Bloat. Cuidado com ele. Com ele e com seu Duplo... Ele vai correr atrás de você como uma raposa atrás de um ganso.

Fora o que Speedy dissera, e Jack ficara tão preocupado com o talismã que quase se esquecera da advertência. Agora as palavras lhe voltaram à mente com extrema brutalidade. Era como levar um soco na nuca.

— Como ele é? — perguntou ansioso ao capitão.

— Morgan? — replicou o capitão, como se alguém o tivesse acordado bruscamente de um sonho interior.

— Ele é gordo? É gordo e está ficando careca? E quando fica furioso, faz uma cara assim? — Jack empregou seu dom inato de imitar as pessoas (uma aptidão que fazia o pai morrer de rir, mesmo quando estava cansado ou abatido) e imitou a cara de um Morgan enfurecido. Seu rosto pareceu envelhecer quando repuxou a testa para reproduzir os sulcos da raiva do tio Morgan. Simultaneamente, encolheu as bochechas e inclinou a cabeça para criar uma dobra no queixo. Os lábios formaram um beijo de desdém e as sobrancelhas começaram a se sacudir com rapidez para cima e para baixo. — É assim que ele fica?

— Não — disse o capitão, mas alguma coisa lampejou nos olhos dele, o mesmo lampejo que Jack observara quando lhe contou que Speedy Parker era um velho. — Morgan é alto. E usa cabelos compridos. — Levantou a mão até a altura do ombro direito para mostrar a Jack o comprimento. — Ele manca um pouco. Tem um pé deformado. Usa uma bota especial mas...

O capitão balançou os ombros.

— O senhor deve ter identificado algum traço dele quando o imitei! O senhor...

— *Shhh!* Não precisa falar tão alto, rapaz!

Jack abaixou a voz.

— Acho que conheço muito bem esse tal de Morgan — disse ele e, pela primeira vez, sentiu um medo estranho, um medo palpável... alguma coisa que podia quase pegar (muito mais do que podia “pegar”, “apalpar” aquele mundo). *Tio Morgan ali? Jesus!*

— Morgan é simplesmente Morgan. Alguém com quem não se deve brincar, rapaz. Venha. Vamos sair daqui.

Suas mãos apertaram de novo o braço de Jack. Ele fez uma careta, mas resistiu.

Parker se transformara em Parkus. E Morgan... Era coincidência demais.

— Espere um pouco — disse ele. Outra pergunta lhe ocorrera. — Ela tem um filho?

— A rainha?

— É.

— Ela teve um filho — o capitão respondeu com relutância. — Olhe, rapaz, não podemos nos demorar aqui dentro. Temos...

— Conte-me alguma coisa sobre ele!

— Não há nada para contar — respondeu o capitão. — Morreu quando ainda era bebê. Tinha menos de um mês e meio. Chegaram a comentar que um dos homens de Morgan (Osmond, talvez) sufocou o garoto. Mas não se pode dar muito crédito a boatos desse gênero. Não sinto qualquer simpatia por Morgan de Orris, mas todos sabem que uma entre 12 crianças morre no berço. Ninguém sabe por quê; morrem misteriosamente, sem qualquer causa aparente. Existe um ditado: “Os desígnios de Deus são insondáveis.” Nem mesmo um bebê real constitui exceção aos olhos do Carpinteiro do Mundo. Ei... rapaz!? Você está bem?

Jack sentiu tudo escurecer à sua volta. Cambaleou um pouco e, quando voltou a sentir as mãos do capitão, seu aperto pareceu tão macio quanto um travesseiro de penas.

Ele quase morrera quando bebê.

A mãe tinha lhe contado a história. Como o encontrara imóvel e aparentemente já sem vida no berço, os lábios azulados, as faces

do tom que assumem as velas de funeral quando são apagadas e tiradas dos castiçais. A mãe contara como atravessara, gritando, a sala com ele nos braços. O pai e Sloat estavam sentados no chão, doidões de vinho e maconha, e estavam assistindo a uma luta livre na TV. O pai o arrebatara dos braços de Lily e apertara as narinas dele brutalmente com a mão esquerda. (*Um mês depois ainda se viam as marcas, Jacky*, dissera-lhe a mãe com um riso nervoso.) Depois Phil Sawyer aplicou os lábios contra a boquinha de Jack, enquanto Morgan gritava: *Acho que não vai adiantar nada, Phil! Acho que não vai adiantar nada!*

(*Tio Morgan era engraçado, não era, mamãe?*, Jack tinha dito. *Sim, muito engraçado, Jack*, a mãe respondera. E depois abrira um estranho e amargo sorriso, e acendera outro Herbert Tarrytoon com o toco do que acabara de jogar no cinzeiro.)

— Ei, garoto! — o capitão murmurou, sacudindo-o com tanta força que a cabeça frouxa de Jack chegou a bater no pescoço. — Maldito garoto! Se desmaiar aqui...

— Já estou bem — disse Jack. Sua voz parecia vir de muito longe; como a voz de um locutor de rádio ecoando distante, no meio de um sonho. — Pode me largar, mas me deixe respirar um instante.

O capitão parou de sacudi-lo, mas fitou-o com apreensão.

— Tudo bem — Jack repetiu e, abruptamente, deu um tapa bem forte no próprio rosto. — *Ai...!* — Mas tudo foi entrando de novo perfeitamente em foco.

Ele quase morrera quando era bebê. No apartamento em que moravam naquela época, do qual ele mal se lembrava, que a mãe costumava chamar de Palácio do Sonho em Tecnicolor devido a vista espetacular das colinas de Hollywood que tinham da sala. Ele quase morrera quando era bebê. O pai estava bebendo vinho com Morgan Sloat, e quando se bebe muito vinho, é preciso ir ao banheiro toda hora. Apesar da distância no tempo, ele conseguia lembrar que era fácil ir da sala do Palácio do Sonho em Tecnicolor

para um lavabo, passando pelo quarto que ele ocupava quando era bebê.

Via muito bem a coisa: Morgan Sloat se levantando, rindo num tom bem à vontade, fazendo algum comentário tipo *Aguente a mão que só vou passar um recado, Phil*; o pai mal dando conta do que se movia ao seu redor, pois Haystack Calhoun podia estar dando a chave de braço decisiva no infeliz oponente; Morgan se afastando da tela brilhante da TV, atravessando a sala para a cinzenta obscuridade do quarto do bebê (onde o pequeno Jacky Sawyer dormia com seu pijama do Ursinho Pooh, quente sob a coberta e confortável na secura da fralda). Viu o tio Morgan olhando furtivamente para trás, espreitando uma ponta da sala pelo quadrado da porta, a cabeça calva debruçando-se sobre as grades do berço, os lábios se franzindo como a superfície friorenta de um lago. Viu o tio Morgan pegar um travesseiro numa cadeira; viu-o aplicar suave mas firmemente o travesseiro contra a cabeça do bebê, apertar o travesseiro com uma das mãos, suspender um pouco as costas do bebê com a outra. Quando não houve mais movimento algum, viu ainda o tio Morgan pôr de novo o travesseiro na cadeira onde Lily costumava se sentar para amamentar e depois ir mesmo urinar no banheiro.

Se a mãe não viesse quase imediatamente ver como ele estava...

Um suor frio percorreu-lhe o corpo inteiro.

Fora desse jeito? Podia ter sido. Seu coração lhe dizia que *tinha* sido. A coincidência era excessivamente perfeita, sem mácula, completa.

Com um mês e meio de idade, o filho de Laura DeLoessian, rainha dos Territórios, morrera no berço.

Com um mês e meio de idade, o filho de Phil e Lily Sawyer *quase* morrera no berço... e *Morgan Sloat estava por perto*.

Sua mãe sempre concluía a história com um gracejo: Phil Sawyer quase destroçara o Chrysler contra um poste quando corria

para um hospital depois de Jacky ter voltado a respirar.
Muito engraçado, mesmo. De verdade.

2

— AGORA VAMOS! — disse o capitão.

— Tudo bem — disse Jack. Ele ainda se sentia fraco, atordoado. — Tudo bem, vamos em...

— *Shhhh!*

O capitão olhou assustado em volta. Vozes se aproximavam. A parede da direita não era de madeira, mas de uma lona pesada e resistente. Acabava a uns 10 centímetros do chão e, pela fenda, Jack viu botas passando do outro lado. Cinco pares. Botas de soldados.

Entre o burburinho, uma voz se destacou:

— Eu não sabia que ele *tinha* um filho.

— Bem — respondeu uma segunda voz —, bastardos engendram bastardos... Um fato que você devia saber muito bem, Simon.

Houve um rugido alto e brutal de risos; o tipo de riso que Jack ouvia dos garotos maiores na escola, os que fumavam maconha atrás da oficina de carpintaria e chamavam a meninada mais nova de nomes misteriosos (e um tanto assustadores): *veado*, *fodido*, *babaca*. Cada um desses termos um tanto sujos era seguido por um áspero eco de riso, exatamente como aquele.

— Engulam a língua! Fechem a porra da boca! — disse uma terceira voz. — Se *e/le* os ouvir, serão mandados para um posto de fronteira antes de verem trinta sóis nascerem!

Murmúrios.

Um ronco de riso abafado.

Outra piada, dessa vez ininteligível. Mais risos enquanto cruzavam o outro lado da lona.

Jack olhou para o capitão, que com os lábios repuxados até as gengivas, dentes à mostra, olhava atônito para o encerado. Não havia dúvida de sobre quem estavam falando. E assim como eles estavam falando, alguém podia estar ouvindo... Talvez a pessoa errada. Alguém que começasse a ficar curioso sobre quem realmente poderia ser aquele novo bastardo filho do velho bastardo. Mesmo um menino como Jack sabia que havia esse risco.

— Percebeu o perigo? — disse o capitão. — Temos de *ir andando!*

Talvez tenha tido vontade de sacudir Jack outra vez... Mas não se atreveu a fazê-lo.

Suas instruções, suas ordens, a orientação que recebeu, em suma, são para... hã, ir para oeste, certo?

Ele mudou, Jack pensou. Ele mudou duas vezes.

Uma, quando Jack mostrou o dente de tubarão que fora uma palheta de violão ornada de filigranas no mundo onde o que circulava nas estradas eram caminhões de entrega e não carroças puxadas a cavalos. E mudara de novo quando Jack confirmou que estava indo para o oeste. Passara de uma atitude de ameaça a uma disposição de ajudar, e depois passara a... O quê?

Não sei... Não posso lhe dizer como terá de agir.

A alguma coisa como um temor religioso... ou um terror religioso.

Ele quer sair logo daqui porque tem medo de que sejamos apanhados, Jack pensou. Mas há mais que isso, não é? Ele está com medo de mim. Com medo de...

— Vamos — disse o capitão. — Vamos *embora*, pelo amor de Jason!

— Pelo amor de *quem?* — Jack perguntou espantado, mas o capitão já o carregava pelos labirintos do palácio. Puxava Jack com

força, quase o arrastava por um corredor que tinha uma parede de madeira de um dos lados e uma lona forte, com cheiro de mofo, do outro.

— Não foi por este caminho que viemos — Jack sussurrou.

— Não quero passar de novo por aqueles sujeitos que vimos quando entramos — o capitão respondeu. — São homens de Morgan. Viu aquele cara alto? Tão esquelético que é quase transparente?

— Sim. — Jack recordou o sorriso amarelo e os olhos que não sorriram. Os outros pareciam mais brandos. Mas a expressão do magro era dura. Uma expressão enlouquecida. E mais uma coisa: aquele rosto parecia ligeiramente familiar.

— É Osmond — disse o capitão, agora puxando Jack para a direita.

O cheiro de carne assada se tornava cada vez mais forte, ia impregnando todo o ar. Jamais um cheiro de carne lhe dera tamanho apetite. Estava assustado, estava mental e emocionalmente por um fio, talvez já beirasse as raías da loucura... Mas estava com água, muita água na boca.

— Osmond é o braço direito de Morgan — rosnou o capitão. — Ele enxerga longe, rapaz, e não seria nada bom que o visse *duas* vezes!

— O que quer dizer?

— *Psssiu!*

O capitão puxou com mais força ainda o braço dolorido de Jack. Estavam se aproximando de uma grande cortina que pendia do umbral de uma porta. Para Jack, parecia uma cortina de chuveiro: a única diferença era a fazenda um pouco mais grossa, com uma textura de rede trançada; além disso, os anéis que a sustentavam eram de osso, não de plástico ou ferro.

— Agora *chore* — o capitão soprou com um hálito quente no ouvido de Jack.

Puxou a cortina e introduziu o garoto numa enorme cozinha impregnada dos mais exuberantes aromas (embora o cheiro de carne assada ainda predominasse). Ondas de vapor subiam por todo canto. Jack viu de relance alguns braseiros, uma grande chaminé de pedra e rostos de mulheres sob grandes lenços brancos de cabeça que lhe trouxeram à memória toucas de freiras. Algumas se enfileiravam junto a uma comprida tina de ferro apoiada sobre cavaletes, os rostos vermelhos gotejando de suor. Lavavam vasilhas e utensílios de cozinha. Outras encontravam-se junto a um balcão que se estendia por toda a extensão do aposento, fatiando, picando, tirando sementes e descascando. Outra carregava um engradado de ferro cheio de tortas para assar. Todas olharam para Jack e o capitão quando os dois entraram.

— Nunca mais faça isso! — gritou o capitão para Jack, sacudindo-o como um gato sacode um rato e continuando a puxá-lo rapidamente na direção das portas de vaivém na extremidade da cozinha. — Nunca mais faça isso, está me ouvindo? Da próxima vez que tentar me fazer de bobo, vou lhe arrancar o couro! Descasco você como uma batata, está entendendo?

E, a meia-voz, o capitão sibilou:

— Todas elas vão se lembrar do que viram. Vão dar com a língua nos dentes! Portanto, comece logo a *chorar*, desgraçado!

E agora, enquanto o capitão com a cicatriz no rosto arrastava-o pela enfumaçada cozinha agarrando-o pela nuca e apertando-lhe um braço já dolorido, Jack deliberadamente evocou a imagem terrível de sua mãe num caixão. Viu-a num vestido branco com pregas de organdi: era o vestido de noiva que usara num de seus filmes, *Ao correr das paixões*, produzido em 1953 pela RKO. O rosto se tornava cada vez mais nítido na mente de Jack, uma perfeita efígie de cera. Reparou que ela estava usando os pequenos brincos de cruz, aqueles que Jack lhe dera no Natal de dois anos atrás... Então, o rosto se transformou. O queixo ficou mais redondo, o nariz mais reto e nobre. O cabelo se tornou um tanto mais grosso e mais

descorado. Agora era Laura DeLoessian quem ele via no caixão. E o próprio caixão não era mais um ataúde anônimo encomendado numa funerária, mas algo que aparentava ter sido talhado furiosa e rudemente a partir de um velho tronco: um esquife digno dos *vikings*, se é que eles se preocupavam com essas coisas. Era mais fácil imaginar este caixão sendo queimado sobre uma fogueira de troncos do que sendo depositado pelos coveiros na terra fria. Era Laura DeLoessian, rainha dos Territórios, mas nessa fantasia que se tornara tão clara quanto uma visão, a rainha estava usando o vestido de casamento de *Ao correr das paixões* e os brincos de cruz que o tio Tommy o ajudara a comprar no Sharp's, de Beverly Hills. De repente, as lágrimas começaram a brotar num fluxo quente, abrasador — não lágrimas de mentira, mas lágrimas de verdade; não apenas pela mãe, mas por ambas as mulheres que estavam morrendo em universos distintos, que não tinham mais salvação, atadas pela mesma corda invisível que podia apodrecer, mas jamais se romperia — pelo menos, até que ambas tivessem morrido.

Através das lágrimas, viu um gigantesco homem de gola franzida atravessar correndo a cozinha na direção deles. Na cabeça, tinha uma bandana vermelha em vez de um gorro branco de mestrecuca, mas Jack percebeu que o propósito era o mesmo: identificar quem mandava na cozinha. Brandia na mão um garfo de madeira com três pontas afiadas.

— Saiam *já!* — ele gritou, e a voz que emergira da enorme caixa torácica era absurdamente estridente; a voz de um homossexual magro dando uma bronca em um vendedor de sapatos. Mas o garfo nada possuía de absurdo; era pura e simplesmente mortal.

As mulheres se alvoroçaram como pássaros. Uma torta caiu do engradado que uma delas transportava. Ela emitiu um grito agudo de desespero quando ela se desmanchou em pedaços nas tábuas do assoalho. Recheio de morango escorreu pelo chão: vermelho, fresco e brilhante como sangue arterial.

— SAIAM JÁ DA MINHA COZINHA, SEUS SAFADOS! ISTO NÃO É UM PÁTIO DE QUARTEL! ISTO NÃO É UMA ESPELUNCA DE TABERNA! ISTO É A MINHA COZINHA, E SE NÃO FICAREM BEM CONVENCIDOS DISSO, PODEM TER CERTEZA DE QUE NÃO VÃO ESCAPAR DE UMA BOA ESPETADELA NO TRASEIRO!

Ele apontou o garfo para os dois, ao mesmo tempo em que balançava a cabeça e semicerrava os olhos, como se, a despeito de toda a explosão, a ideia de sangue quente jorrando não lhe parecesse das mais *elegantes*. O capitão removeu a mão que segurava a nuca de Jack e impeliu-a à frente (quase sem querer, Jack pensou). Um instante depois, o mestre-cuca jazia no chão, o corpo estatelado em toda a extensão dos seus dois metros. O garfo de cortar carne resvalara para uma poça de recheio de morango com pedaços de massa esbranquiçada e crua. O mestre-cuca guinou de um lado para o outro no assoalho, agarrando o punho direito quebrado e gritando naquela voz alta e cortante. As palavras que espalhava pela cozinha eram bastante pessimistas: que estava à morte, que sem dúvida o capitão o assassinara. O estranho sotaque quase teutônico do mestre espalhava-se aos quatro ventos. Oh, estava no mínimo aleijado. O cruel e desalmado capitão dos Guardas do Exterior destruíra-lhe a mão direita e a própria existência, garantindo-lhe uma vida miserável de mendigo pelo resto de seus dias. O capitão lhe causara ferimentos terríveis, dores indescritíveis, dores insuportáveis...

— *Cale a boca!* — berrou o capitão, e o mestre-cuca obedeceu. Imediatamente. Continuou estirado no chão como um enorme bebê, a mão direita enroscada no peito, a bandana vermelha torta de modo a exhibir uma orelha (havia uma pequena pérola negra no centro do lóbulo). As bochechas gordas tremiam. As mulheres da cozinha ofegaram e deram risinhos abafados quando o capitão se curvou sobre o temido ogro da enfumaçada caverna onde elas passavam seus dias e noites. Jack, ainda chorando, vislumbrou um rapaz negro (um rapaz *pardo*, sua mente corrigiu). Estava numa

das pontas do braseiro maior. Tinha a boca aberta e a surpresa que estampava no rosto lembrava a careta de um comediante. Mas continuava girando a manivela, e o pernil suspenso sobre a brasa dos carvões continuava girando.

— Agora, escute bem! Vou lhe dar um conselho que não encontrará no *Livro da boa lavoura* — disse o capitão.

Curvou-se sobre o mestre-cuca até seus narizes quase se tocarem (a força paralisante com que apertava o braço de Jack, que já começava a ficar irremediavelmente dormente, não se afrouxou um só momento).

— Nunca mais... *nunca mais*... ameace um homem com uma faca... ou um garfo... ou um arpão... ou mesmo com uma maldita *farpa* a não ser que pretenda realmente matá-lo. É justo esperar que os mestres-cucas sejam temperamentais, mas não se pode admitir que cheguem a ameaçar a integridade física do capitão dos Guardas do Exterior. Entendeu bem o que eu disse?

O mestre gemeu um resmungo que ainda parecia um tanto desafiante. Jack não compreendeu o que ele disse. O insólito sotaque do homem e a voz pastosa tornaram isso impossível. Mas teve algo a ver com a mãe do capitão e os vira-latas do lado de fora do pavilhão.

— Pode até ser verdade — disse o capitão. — Afinal, eu nunca a conheci. Mas isso não responde à minha pergunta.

Cutucou o mestre com a ponta empoeirada e arranhada da bota. Foi um toque bastante suave, mas o mestre berrou como se o capitão o tivesse chutado com toda a força dos pés. As mulheres abafaram de novo algumas risadinhas.

— Compreendeu ou não o problema da relação entre mestres-cucas, armas e capitães? Porque se a coisa ainda não ficou clara, posso perfeitamente dar mais algumas explicações.

— Ficou tudo claro! — o mestre arfou. — Claro! Absolutamente claro! Mais do que...

— Bom. É bom que isso esteja resolvido, porque hoje ainda tenho de dar algumas lições a mais alguém... — Sacudiu Jack pela nuca. — Não é mesmo, rapaz? — Sacudiu-o de novo e Jack deu um gemido que nada teve de simulado. — Bem... Acho que isso é tudo o que ele tem a dizer. O menino é um perfeito idiota. Puxou à mãe.

O capitão atirou um olhar agudo e cintilante ao redor da cozinha.

— Tenham um bom dia, senhoras. Que as bênçãos da rainha caiam sobre este lugar.

— E também sobre o senhor, capitão — respondeu a mais velha das cozinheiras, inclinando a cabeça numa cortesia sem graça e sem jeito. As outras repetiram a medida.

O capitão arrastou Jack para fora da cozinha. O quadril do menino bateu com uma força brutal na beira da tina de lavar e ele gemeu de novo. Água muito quente jorrou. Gotas enfumaçadas atingiram as bordas e correram, assobiando, entre elas. *Essas mulheres estavam com as mãos nessa água*, Jack pensou. *Como aguentam?* Então o capitão, que agora já estava quase levando o garoto no colo, impeliu-o através de uma cortina de estopa que se abriu para um corredor.

— Arre! — disse o capitão em voz baixa. — Não gosto nada do que está acontecendo, isto me cheira mal.

À esquerda, à direita, depois de novo à direita. Jack começou a pressentir que estavam se aproximando das paredes externas do pavilhão. Não pôde deixar de se perguntar como o palácio podia parecia muito maior por dentro do que por fora. Então o capitão o fez atravessar uma aba de lona e Jack se viu de novo em plena luz do dia. Após a semi-obscuridade do pavilhão, o sol do início da tarde parecia tão brilhante que Jack sentiu as pupilas doerem e teve de fechar os olhos.

O capitão não hesitou. No solo havia lama amassada, barro. O ar tinha um cheiro de feno, cavalos e estrume. Jack tornou a abrir os olhos e viu que estava atravessando o que parecia ser um estábulo,

um curral ou, talvez, apenas um celeiro. Viu uma tenda de aba levantada e ouviu galinhas cacarejando perto dali. Um homem muito magro, trajando apenas um calção encardido e sandálias com tiras de couro, carregava feno para uma cocheira, manejando com habilidade um forcado de madeira. Dentro da cocheira, um cavalo pouco maior que um pônei conservava uma atitude de total indiferença.

Já haviam ultrapassado a cocheira quando a mente de Jack foi finalmente capaz de aceitar o que seus olhos viram: o cavalo tinha duas cabeças.

— Ei! — gritou. — Posso dar uma olhada naquela cocheira? Vi...

— Não temos tempo.

— Mas aquele cavalo tinha...

— Não temos tempo, já disse. — O capitão levantou a voz e gritou: — E se eu o pegar vadiando por aí quando há tanto trabalho para ser feito, vou lhe dar uma lição *dupla*!

— Juro que não faço mais! — Jack gritou (na realidade, achava que a encenação já estava ficando bastante cansativa). — Juro que não! Já disse que vou me portar muito bem!

Bem à frente deles, altos portões de madeira surgiram num muro tosco, feito de ripas cheias de farpas — era quase como um cercado de curral num velho filme de faroeste (a mãe também fizera alguns deles). Pesadas correntes estendiam-se pelo portão, mas as trancas que essas correntes deviam fixar não estavam no lugar. Tinham sido encostadas contra uma ripa à esquerda dos portões, fortes e grossas como dormentes de estrada de ferro. Havia uma abertura de uns 15 centímetros. Um confuso senso de direção na cabeça de Jack sugeria que tinham circundado completamente o pavilhão e estavam agora num celeiro dos fundos.

— Graças a Deus — disse o capitão num tom mais calmo. — Agora...

— Capitão — uma voz gritou atrás dele. A voz era baixa, mas o tom não parecia nada tranquilo. O capitão parou de imediato. A voz chamara no momento exato em que estava prestes a encostar a mão no portão para tentar abri-lo um pouco mais. Foi como se o dono da voz estivesse vigiando, esperando o momento exato de interferir.

— Talvez eu esteja à altura de conhecer seu... hã... filho.

O capitão se virou com Jack na direção do homem. No meio do celeiro, parecendo absolutamente deslocado naquele fundo de palácio, postava-se o cortesão esquelético que o capitão tanto temia: Osmond. Fitava-os com olhos sombrios e melancólicos. Jack viu alguma coisa se agitar naqueles olhos, algo profundamente desagradável. Seu medo cresceu de repente, tornou-se afiado, uma lâmina que ameaçava apunhalá-lo. *Esse homem está enlouquecido*, foi a intuição que saltou espontaneamente em sua mente. *Está maluco, inteiramente fora de órbita*.

Osmond deu dois passos na direção deles. Segurava na mão esquerda a parte do meio de um chicote comprido, de couro cru. O cabo se estreitava ligeiramente numa tira escura e flexível que estava enrolada três vezes ao redor do ombro dele. A parte central do chicote parecia grossa como o corpo de uma cascavel. Perto das pontas, a parte central do chicote se abria em uma dúzia de pequenas ramificações, cada uma de couro cru e trançado, e cada uma com uma rude e brilhante espora de metal.

Osmond apertou o cabo do chicote e os guizos das esporas chocalharam com um ruído seco. Sacudiu o cabo e as pontas dos arreios roçaram suavemente sobre a camada de barro que cobria o chão.

— É seu filho? — Osmond repetiu, e deu mais um passo na direção deles.

Jack, então, compreendeu de repente por que aquele homem lhe parecera tão familiar quando o vira pela primeira vez na sala do

palácio. No dia em que fora quase sequestrado... naquele dia... não era ele o sujeito de paletó branco?

Jack achou que podia ser.

3

O CAPITÃO FEZ uma espécie de continência, tocando a testa com o punho fechado, e inclinou a cabeça para a frente. Após um instante de hesitação, Jack fez o mesmo.

— É meu filho Lewis. — disse o capitão num tom formal. Sua cabeça continuava um tanto inclinada, Jack percebeu, e os olhos tentavam se desviar dos olhos do outro. Jack permaneceu também um pouco curvado, o coração saltando no peito.

— Obrigado, capitão. Obrigado, Lewis. Que as bênçãos da rainha caiam sobre vocês.

Quando o homem o tocou com o cabo do chicote, Jack quase gritou. Mas conseguiu sufocar o grito e empinar o corpo.

Agora Osmond estava apenas a dois passos de distância. Fitava Jack com a melancolia daqueles olhos loucos. Usava uma jaqueta de couro com botões que pareciam diamantes. A camisa era franzida de modo extravagante. Um bracelete cheio de argolas retinha com ostentação no pulso direito (pelo modo como ele segurava o chicote, Jack suspeitou que ele era canhoto). O cabelo estava puxado para trás e amarrado com uma grande fita, que parecia de cetim branco. Dois odores o cercavam. O primeiro era o cheiro que sua mãe chamava de “perfume de todos os homens”; loção de barba, água-de-colônia, ou alguma coisa do gênero. O cheiro que envolvia Osmond era denso, vaporizado. Jack lembrou-se de velhos filmes britânicos em preto-e-branco onde algum pobre

coitado era levado a julgamento na Corte de Londres. Os juízes e advogados desses filmes usavam sempre perucas, e Jack achou que as caixas de onde aquelas perucas saíam deviam cheirar exatamente como Osmond — aroma seco, adocicado, farelento como o farelo da mais velha rosquinha do mundo.

Mas sob esse, porém, havia um cheiro mais fundamental, e ainda menos agradável: um cheiro que parecia pulsar por todo o seu corpo. Era o odor de camadas de suor e de camadas de sujeira, cheiro de um homem que raramente tomava banho, se é que tomava.

Sim. Ali estava uma das criaturas que tentara sequestrá-lo naquele dia.

Seu estômago deu um nó e se liquefez.

— Não sabia que tinha um filho, capitão Farren — disse Osmond.

Embora falasse com o capitão, seus olhos não se afastavam de Jack. *Lewis*, ele pensou, *meu nome é Lewis, não posso esquecer...*

— Preferia não ter — respondeu o capitão, olhando para Jack com raiva e desprezo. — Dei-lhe a honra de trazê-lo para o grande pavilhão e ele se comportou como um animal. Peguei-o brincando no...

— Sim, sim — disse Osmond, com um sorriso distante.

Ele não está acreditando numa palavra, Jack pensou ansiosamente, sentindo sua mente dar mais um passo trôpego em direção ao pânico. *Numa só palavra!*

— Crianças são assim mesmo. Não há garoto que não seja levado. É inevitável.

Deu uma pancadinha no punho de Jack com o cabo do chicote. Jack, os nervos à flor da pele, não se conteve e gritou... E ficou imediatamente vermelho de vergonha.

Osmond deu uma risada.

— Levados, oh, sim, é inevitável. Todos os garotos são levados. *Eu* também fui; e aposto que você também, capitão Farren. É ou não é? Vai dizer que não fazia as suas travessuras?

— Fazia, Osmond — disse o capitão.

— Muitas travessuras? — Osmond perguntou. Insolitamente, ele começara a saltitar no barro. Contudo, nada havia de muito estranho nisso. Osmond era quase gracioso e delicado, mas Jack não percebia nele qualquer verdadeira homossexualidade; a enfática afetação que lhe rodeava as palavras nada parecia indicar. Não, o que despontava mais claramente era o impulso maligno... e a loucura. — *Muitas* travessuras? Travessuras *terríveis*?

— Sim, Osmond — o capitão Farren respondeu secamente. A cicatriz brilhava na luz da tarde, agora mais vermelha que rosada.

Osmond cessou sua pequena e improvisada dança tão bruscamente quanto a iniciara. Atirou um olhar frio ao capitão.

— *Ninguém* sabia que tinha um filho, capitão.

— É ilegítimo — disse o capitão. — E é muito simplório. Agora, ainda por cima, revelou-se um preguiçoso.

Farren girou de repente e deu uma bofetada em Jack. Não houve muita força no golpe, mas a mão do capitão era pesada como tijolo. Jack gritou e caiu no barro, segurando a orelha.

— *Muitas* travessuras, travessuras *terríveis* — disse Osmond, mas agora seu rosto assumira um aspecto terrivelmente pálido, embaçado, dissimulado. — Levante-se, mau menino. Meninos levados que desobedecem aos pais devem ser castigados. E, além disso, devem ser interrogados para explicar direitinho o que fizeram...

Osmond deu um estalo com o chicote. Um ruído seco. A mente oscilante de Jack estabeleceu outra estranha ligação, uma ligação com alguma coisa que se passara em seu lar. O som do chicote de Osmond era como o estalo da espingarda de ar comprimido que o pai lhe dera quando ele fez oito anos. Ele e Richard Sloat tinham espingardas iguais.

Osmond estendeu a mão e agarrou o braço enlameado de Jack. A mão era branca e parecia uma garra. Puxou Jack para perto de si, para aqueles cheiros: farelo de rosquinha velha e sujeira rançosa. Os misteriosos olhos castanhos espreitaram solenemente dentro dos olhos azuis do garoto. Jack sentiu a bexiga ficar mais pesada; teve de lutar para não molhar as calças.

— Quem é você? — Osmond perguntou.

4

AS PALAVRAS FICARAM pairando no ar entre os três.

Jack estava consciente do capitão olhando para ele com uma expressão severa, mas que não conseguia disfarçar inteiramente seu desespero. Ouviu galinhas cacarejando, um cachorro latindo, o barulho de uma grande carroça se aproximando.

Conte-me a verdade; vou saber se for mentira, dizia o olhar de Osmond. *Você é muito parecido com um certo menino mau que encontrei na Califórnia... É ou não é o mesmo garoto?*

E por um instante tudo tremeu nos lábios de Jack:

Jack, meu nome é Jack Sawyer. Sou o mesmo garoto da Califórnia, a rainha deste mundo era minha mãe, só que eu morri. Conheço seu patrão, conheço Morgan — tio Morgan — e vou lhe dizer tudo o que quiser saber se parar de me olhar com esses olhos monstruosos. Vou falar porque sou apenas um menino; e é isso que os meninos fazem. Eles contam, eles contam tudo...

Então ouviu a voz de sua mãe, dura, quase num tom de zombaria:

Vai dar o serviço a este sujeito, Jack? Logo a ESTE sujeito? Ele tem cheiro de um balcão de águas-de-colônia em liquidação e

parece uma versão medieval de Charles Manson... Mas faça o que quiser. Pode muito bem enganá-lo, quanto a isso não há dúvida. Mas faça o que bem entender.

— Quem é você? — Osmond perguntou de novo, chegando mais perto. Jack viu em seu rosto uma segurança absoluta. Por certo estava acostumado a arrancar as respostas que queria de todas as pessoas, não apenas de meninos de 12 anos.

Tremendo, Jack respirou profundamente (*se você deseja o máximo volume, se quer que sua voz seja ouvida na última fila do teatro, tem de trabalhar o diafragma, Jacky. Tem de saber puxar todo o ar pela caixa torácica*) e gritou:

— EU ESTAVA VOLTANDO PRA CASA! JURO POR DEUS!

Osmond, que se inclinara ainda mais esperando um sussurro engasgado e sem energia, recuou como se o menino tivesse levantado o braço para esbofeteá-lo. No susto, pisou nas pontas das correias do chicote; por pouco não se enroscou nelas.

— Você, seu garoto infernal...

— EU ESTAVA VOLTANDO! POR FAVOR, NÃO ME BATA COM O CHICOTE, OSMOND! EU ESTAVA VOLTANDO! NUNCA QUIS VIR AQUI! NUNCA, NUNCA, NUNCA...!

O capitão Farren investiu contra Jack e derrubou-o no chão. Jack se esparramou em cheio na lama, sempre gritando.

— É um idiota, está vendo? — Ele ouviu o capitão dizer. — Peço que me desculpe, Osmond, pode ter certeza de que saberei dar uma surra exemplar nesse garoto, uma surra da qual ele nunca vai esquecer. Esse guri...

— *Mas, afinal, o que ele estava fazendo aqui?* — Osmond guinchou. Foi a voz alta e estridente de uma vendedora de peixe. — O que veio fazer aqui esse bastardo do inferno? Não me diga que vai mostrar a autorização dele! Sei perfeitamente bem que ele não tinha autorização para vir ao pavilhão! Você o introduziu no palácio para deixá-lo pegar algumas migalhas da mesa da rainha, hã? E

quem sabe ele não resolveu roubar a prata da rainha, o que me diz disso? É um menino mau. Basta olhá-lo para descobrir de imediato que é intoleravelmente, insuportavelmente *mau*!

O chicote estalou de novo, não com o pipocar suave de uma espingarda de ar comprimido, mas com o estouro forte de um 22. Jack teve tempo para pensar: *Eu sei o que vai acontecer*. E então uma correia febril atingiu-o por trás. A dor pareceu lhe abrasar o corpo inteiro, uma dor que, em vez de diminuir, aumentava. Uma dor de enlouquecer. Gritou e se contorceu na lama.

— *Mau!* Extremamente *mau!* Intoleravelmente *mau!*

E cada “mau” era pontuado por um novo estalar do chicote, uma nova correada, um novo grito de Jack. Suas costas ardiam. Ele não sabia mais por quanto tempo aquilo poderia durar. A raiva de Osmond se tornava mais frenética a cada golpe.

Foi então que uma voz desconhecida gritou:

— Osmond! Osmond! Finalmente o encontrei! Graças a Deus!
Uma agitação de passos correndo.

A voz de Osmond, furiosa e ligeiramente sem fôlego, perguntou:

— Bem? E daí? O que houve?

Uma mão agarrou o cotovelo de Jack e ajudou-o a se levantar. Quando o menino cambaleou, o braço ligado à mão agarrou-o pela cintura para não deixar que ele caísse. Era difícil acreditar que o capitão, tão duro e áspero durante o giro atordoante pelo pavilhão, soubesse se comportar de maneira tão gentil.

Jack cambaleou. O mundo continuava saindo um pouco de foco. Filetes de sangue quente escorriam pelas suas costas. Ele fitava Osmond com um ódio cada vez maior. E era bom sentir aquele ódio. Servia como antídoto para o medo e a confusão.

Você fez isso. Você me bateu, me cortou com a correia. Mas, escute aqui, seu safado, na primeira oportunidade que eu tiver, vou lhe dar o troco.

— Você está bem? — o capitão cochichou.

— Estou.

— *O quê?* — Osmond gritou para os dois homens que tinham interrompido a sessão de chicotadas.

O primeiro era um dos dândis que Jack e o capitão tinham visto ao se dirigirem para a galeria secreta. O outro lembrava um pouco o carroceiro que o menino encontrara quase imediatamente após sua reentrada nos Territórios. O homem parecia extremamente assustado e estava ferido: o sangue que escorria de um corte no lado esquerdo da cabeça cobria boa parte do rosto dele. O braço esquerdo estava arranhado, o gibão rasgado.

— *O que aconteceu com você, imbecil?*

— Minha carroça virou numa curva na entrada da aldeia de All-Hands — respondeu o carroceiro. Falava no tom vagaroso, atordoado, de alguém sob profunda comoção. — Meu filho morreu, senhor. Ele ficou esmagado sob os barris. Fez 16 anos no Dia da Lavoura de maio passado. A mãe dele...

— *O quê!* — Osmond gritou de novo. — Barris? Cerveja? Não foi da Kingsland, foi? *Ou está mesmo querendo dizer que derrubou uma carroça cheia de cerveja Kingsland, seu estúpido filho de uma puta? É isso que veio me contar, seeeeeuuuuuuuu...*

A voz de Osmond cresceu na última palavra como o tom de um homem imitando uma diva da ópera. A voz tremeu, gorjeou. Ao mesmo tempo, ele começou de novo a dançar, mas dessa vez era de raiva. A atitude foi tão insólita que Jack teve de levantar as duas mãos para esconder um riso involuntário. O movimento fez com que a camisa roçasse nas costas feridas, e isto fez com que se acalmasse antes mesmo que o capitão murmurasse uma palavra de advertência.

Pacientemente, como se Osmond tivesse se esquecido do único fato que tinha realmente importância (é o que ele deve ter achado), o carroceiro começou de novo:

— Ele tinha feito 16 anos no Dia da Lavoura de maio passado. Minha mulher não queria deixar que ele viesse comigo. Não sei

como...

Osmond ergueu o chicote e brandiu-o com uma força inesperada e cega. Num momento o cabo estava frouxo na mão dele, o chicote com as pontas apoiadas na lama; no momento seguinte, houve um estalo, não como o som de um 22, mas como a espoleta de um revólver de brinquedo. O carroceiro se desequilibrou, berrando, as mãos protegendo o rosto. Sangue recente escorreu-lhe por entre os dedos encardidos. Caiu no chão, gritando, gargarejando num tom abafado:

— *Meu senhor! Meu senhor! Meu senhor!*

Jack gemeu:

— Vamos sair daqui. Rápido!

— Espere — disse o capitão. O ar severo de seu rosto parecia ter afrouxado um pouco. Era como se a esperança tivesse renascido em seus olhos.

Osmond rodopiou para o dândi que recuara um passo, abrindo uma boca muito vermelha.

— Era mesmo a Kingsland? — Osmond ofegou.

— Osmond, você não devia ficar tão...

Osmond levantou rapidamente o pulso esquerdo; dessa vez as esporas de metal das correias do chicote atingiram as botas do cortesão. Ele recuou mais um passo.

— Não me diga o que devo ou não devo fazer — gritou Osmond. — Limite-se a responder àquilo que lhe for perguntado. Estou amargurado, Stephen, estou insuportavelmente, intoleravelmente amargurado. Era mesmo a Kingsland?

— Sim — Stephen respondeu. — Lamento dizer isso, mas...

— Foi na estrada do Posto de Fronteira?

— Osmond...

— *Na estrada do Posto de Fronteira, seu filho de uma égua?*

— Sim — Stephen respondeu engolindo em seco.

— É claro — disse Osmond, e em seu rosto esquelético se abriu um hediondo sorriso branco. — Afinal, a aldeia de All-Hands

fica na estrada do Posto de Fronteira. Uma aldeia, não pode voar, não é, Stephen? Uma aldeia não pode passar de uma estrada para outra, não é, Stephen? É verdade ou não?

— É verdade, Osmond, é claro que não pode.

— Não pode. Portanto, há barris espalhados por toda a estrada do Posto de Fronteira, certo? Seria correto presumir que a estrada está bloqueada por barris e uma carroça virada? E que a melhor cerveja dos Territórios está encharcando o chão para prazer e glória das minhocas? É correto isso?

— Sim... sim. Mas...

— *Morgan está chegando pela estrada do Posto de Fronteira!*

— Osmond gritou. — *Morgan está chegando e você sabe como ele guia seus cavalos!* Se a diligência der com todos esses trastes depois de uma curva, o cocheiro poderá não ter tempo de parar! *A diligência poderá virar! Ele poderá morrer!*

— Deus nos livre! — Stephen exclamou como se fosse uma palavra só. A palidez de seu rosto ficou duas vezes maior.

Osmond balançou lentamente a cabeça.

— Acho que, se a diligência de Morgan virar, é preferível rezar para ele morrer a rezar para ele ficar bom.

— Mas... Mas...

Osmond se afastou de Stephen e quase correu para onde estavam o capitão dos Guardas do Exterior e seu “filho”. Atrás de Osmond, o infeliz carroceiro ainda se contorcia na lama, balbuciando clemência ao seu senhor.

Os olhos de Osmond tocaram os de Jack e depois se dirigiram para longe, como se o menino não mais estivesse ali.

— Capitão Farren — disse ele. — Prestou atenção aos eventos dos últimos cinco minutos?

— Sim, Osmond.

— Prestou bastante atenção? Conseguiu verdadeiramente *captá-los*? Conseguiu absorvê-los minuciosamente?

— Sim, acho que sim.

— Acha que sim? Que excelente capitão é você! Ainda teremos oportunidade de analisar como um capitão tão excepcional foi capaz de engendrar um filho digno de um testículo de rã.

Seus olhos resvalaram brevemente, friamente, pelo rosto de Jack.

— Mas agora não temos tempo pra conversa fiada, não é? Não. Sugiro que convoque uma dúzia de seus melhores homens e que os coloque em marcha acelerada... não, em marcha *duplamente reforçada* para a estrada do Posto de Fronteira. Aposto que será capaz de farejar o ponto onde aconteceu o acidente, certo, capitão?

— Certo, Osmond.

Osmond olhou rapidamente para o céu.

— Morgan deve chegar às seis horas. Talvez um pouco antes. Agora são duas. Aposto que são duas horas. O que acha, capitão?

— Acho que são duas.

— E o que você acha, seu pedacinho de merda? Seriam 13? Vinte e três horas? Oitenta e uma horas?

Jack abriu a boca de espanto. Osmond fez uma careta de desdém e Jack sentiu a maré de sua raiva se erguer outra vez.

Você me machucou, e se eu tiver uma oportunidade...!

Osmond olhou de novo para o capitão.

— Sugiro que até as cinco horas se esforce ao máximo para salvar o maior número possível de barris. Depois das cinco, sugiro que limpe a estrada com rapidez e presteza absolutas. Está claro?

— Está claro, Osmond.

— Mexa-se, então.

Farren levou o punho à testa e completou a continência inclinando a cabeça. Ofegando intensamente, com a raiva que sentia de Osmond pulsando nos miolos, Jack fez o mesmo. Mas Osmond virara as costas antes que as saudações fossem sequer esboçadas. Afastava-se em passo largo para o carroceiro, bramindo

o chicote, provocando aquele estalo de espingarda de ar comprimido.

O carroceiro viu Osmond se aproximar e começou a gritar.

— Vamos sair daqui — disse o capitão, puxando o braço de Jack pela última vez. — Você não vai gostar de ver isso.

— Não — Jack concordou. — Por Deus que não.

Mas quando o capitão Farren abriu o lado direito do portão e enfim conseguiu sair com o menino do terreiro, Jack ouviu os gritos (e os ouviria nos sonhos daquela noite): correias num assobio incessante e cada assobio seguido por um guincho do infeliz carroceiro.

Havia também um ruído que vinha de Osmond. Osmond resfolegava, perdia o fôlego, mas era difícil, sem se virar para lhe ver o rosto (coisa que Jack não queria fazer), dizer exatamente o que era aquele som.

Mas, ainda assim, Jack teve certeza quase absoluta de que não estava enganado.

Osmond estava rindo.

5

TINHAM ATINGIDO a área pública que rodeava o pavilhão. Os passantes olhavam o capitão Farren com o canto dos olhos... e mantinham-se à distância. O capitão caminhava com rapidez, o rosto contraído, carregado de sombrias reflexões. Jack tinha quase de correr para acompanhá-lo.

— Tivemos muita sorte — disse de repente o capitão Farren. — Realmente muita sorte. Acho que ele pretendia matá-lo.

Jack arregalou uma boca seca e quente.

— Ele é maluco, você sabe. Maluco como aquele homem que correu atrás do bolo.

Jack não entendeu o que Farren queria dizer, mas concordou que Osmond era maluco.

— Por que...?

— Espere — disse o capitão. Tinham chegado à porta da pequena tenda onde Farren interrogara Jack após ver em sua mão o dente do tubarão. — Fique aqui e espere por mim. Não fale com ninguém.

O capitão entrou na tenda. Jack ficou vigiando e esperando. Um malabarista passou diante dele, olhando-o de relance mas sem perder o ritmo com que formava um complexo padrão aéreo com meia dúzia de bolas. Atrás dele, como o bando que seguiu o Flautista de Hamelin, vinha um grupo de crianças sujas. Uma jovem, com um bebê encardido sugando um seio enorme, disse que poderia ensinar algumas coisas interessantes a Jack sobre o que fazer com o rapazinho além de xixi em troca de uma ou duas moedas. Jack se sentiu constrangido, e seu rosto foi ficando vermelho.

A moça soltou um riso de cacarejo.

— *Ho-ho-ho! Como este juvenzinho é TÍMIDO! Venha até aqui, benzinho! Venha...*

— Saia daqui, sua vagabunda, ou vai terminar o dia no calabouço.

Era o capitão. Saía da tenda acompanhado de outro homem. O sujeito era velho e gordo, mas compartilhava uma das características de Farren: parecia um soldado de verdade, não um personagem de Gilbert and Sullivan. Tentava abotoar a frente do uniforme sobre a barriga saliente e segurava uma trompa curva ao mesmo tempo.

A jovem com o bebê encardido zarpou sem olhar uma segunda vez para Jack. O capitão segurou a trompa do homem gordo para que ele pudesse acabar de se abotoar e cochichou-lhe alguma

coisa. O gordo assentiu com a cabeça, prendeu o último botão, pegou a trompa, deu um passo à frente e soprou-a. Não se parecia com o som de corneta que Jack ouvira na sua primeira incursão pelos Territórios. Daquela primeira vez, além de serem muitas cornetas, o som era bem mais pomposo: um som de arautos. Aquilo lembrava apenas um apito de fábrica, anunciando o início do trabalho.

O capitão virou-se para Jack.

— Venha comigo — disse ele.

— Para onde?

— Para a estrada do Posto de Fronteira — disse Farren, atirando um olhar pensativo, quase temeroso, a Jack Sawyer. — A estrada que o pai de meu pai chamava Caminho do Oeste. Corre para o oriente através de aldeias cada vez menores até alcançar as Fronteiras. Depois das Fronteiras, ela segue para lugar nenhum... ou para o inferno. Se quer mesmo ir para oeste, que Deus o acompanhe. Embora se diga que nem mesmo Ele se aventura a cruzar as Fronteiras. Venha.

Perguntas se amontoavam na cabeça de Jack — milhões de perguntas —, mas o capitão andava num passo veloz, e o garoto não tinha fôlego para perguntar nada. Subiram uma elevação ao sul do grande pavilhão e Jack passou pelo lugar onde “saltara” pela primeira vez dos Territórios. A feira rústica estava agora bem próxima. Jack podia ouvir um homem convidando os passantes a tentar a sorte em Wonder, o Asno Demoníaco: quem ficasse dois minutos sem cair ganharia um belo prêmio, garantia ele. A brisa do mar conduzia com absoluta perfeição não apenas as nuances de sua voz, como também um cheiro de comida de dar água na boca: era espiga de milho e carne assada. O estômago de Jack roncava. Agora, a uma distância segura de Osmond (o Grande e Terrível), sentia-se faminto.

Mas antes de atingirem a feira, os dois viraram à direita numa estrada muito maior do que aquela que levava ao grande pavilhão.

A estrada do Posto de Fronteira, Jack pensou. E então, com um ligeiro calafrio de medo e ansiedade lhe cruzando a barriga, ele se corrigiu: *Não... é a estrada do Oeste. O caminho para o talismã.*

Logo estava correndo atrás do capitão Farren.

6

OSMOND TINHA RAZÃO: dava para farejar o local do acidente. Estavam ainda a um quilômetro e meio da aldeia com aquele nome estranho quando o primeiro aroma ácido de cerveja penetrou em seus narizes.

Na estrada havia um pesado tráfego no sentido leste. Em geral, de carroças puxadas por pares de cavalos com crinas enormes (mas nenhum com duas cabeças). As carroças, Jack supôs, eram os Mercedes, Fords e Chevrolets daquele mundo. Algumas vinham apinhadas de sacos, fardos, pacotes; outras de carne crua; outras ainda de barulhentos engradados de galinhas. Nos arredores da aldeia de All-Hands, uma carreta cheia de mulheres passou por eles numa velocidade alarmante. As mulheres davam gritinhos e riam. Apesar da pressa, Jack observou que uma delas levantou a saia até a virilha cabeluda e deu uma gingada obscena. Teria caído do carro e mergulhado numa vala (provavelmente quebrando o pescoço), se uma das colegas não a tivesse puxado pelo vestido com força para o meio do veículo.

Jack ficou de novo vermelho. Lembrou-se da moça de grandes seios brancos, os mamilos avidamente sugados por um bebê encardido: *Ho-ho-ho! Como este juvenzinho é TÍMIDO!*

— Deus do céu! — Farren murmurou, acelerando ainda mais o passo. — Todas elas estão bêbadas! Embriagadas com Kingsland!

As putas e o condutor do carro! O carro é capaz de se arrebentar numa curva da estrada ou perder a direção num penhasco e mergulhar no mar. Se bem que não será uma grande perda... Vagabundas infectas!

— Pelo menos — falou Jack com voz ofegante — a estrada não deve estar assim tão obstruída, se todo este tráfego consegue circular. Não acha?

Estavam agora na aldeia de All-Hands. Ali, a larga estrada do Oeste fora molhada com óleo e havia menos poeira. Carroças iam e vinham, grupos de pessoas passavam de uma margem à outra, todos falando muito alto. Jack viu dois homens discutindo do lado de fora do que parecia ser um restaurante. Subitamente, um deles deu um soco no outro. Logo depois, ambos rolavam engalfinhados no chão. *Não foram só aquelas putas que beberam a Kingsland*, Jack pensou. *Acho que todo mundo da aldeia tomou o seu gole.*

— Mas ainda não vimos nenhuma carroça grande vindo de lá — disse o capitão Farren. — É claro que os carros pequenos devem poder atravessar, mas a diligência de Morgan não tem nada de pequena, rapaz.

— Morgan...

— Bem, esqueça Morgan.

O cheiro da cerveja ia se tornando mais forte à medida que atravessavam o centro da aldeia e chegavam ao outro lado. As pernas de Jack estavam doloridas pela força que faziam para acompanhar o passo do capitão. Ele calculou que já tivessem andado uns 5 quilômetros. *A que distância aquilo corresponderia em seu mundo?*, Jack se perguntou, e o pensamento fez com que se lembrasse do suco mágico de Speedy. Revirou freneticamente o gibão, convencido de que a garrafa não estaria mais lá — mas estava, estava guardada em segurança no interior da roupa de baixo que substituíra sua cueca ao entrar nos Territórios.

Quando alcançaram o outro lado da aldeia, o lado oeste, o tráfego de carroças diminuiu, mas o fluxo de pedestres se dirigindo

para o leste aumentou extraordinariamente. A maioria deles ia cambaleando, esbarrando, rindo. Todos cheiravam a cerveja. As roupas de alguns gotejavam, como se tivessem mergulhado de cabeça nas poças da Kingsland e bebido como cães. Jack achava que tinham feito isso. Um homem sorridente carregava pela mão um menino também sorridente de uns 8 anos. O sujeito se parecia tremendamente com o abominável empregado da portaria do Alhambra, e Jack intuiu, com absoluta clareza, que aquele era o Duplo do homem do hotel. Tanto ele quanto o menino estavam bêbados, e quando Jack virou a cabeça para olhá-los mais uma vez, o guri tinha começado a vomitar. O pai (Jack supunha que fosse o pai) puxou-o com força pelo braço quando o garoto começou a andar para o mato da beira da estrada — onde poderia continuar vomitando em relativa privacidade. A criança voltou para perto do pai como um vira-lata preso numa coleira curta, esparramando vômito num senhor idoso que caíra na margem da estrada e ali roncava.

O rosto do capitão Farren se tornava cada vez mais sombrio.

— Que vão todos para o diabo — disse.

Mesmo os mais embriagados conservavam-se bem longe do capitão. Já nas imediações do pavilhão, Jack observara que Farren prendeu na cintura uma pequena e prática bainha de couro. E presumia (com muita lógica) que ali dentro devia haver uma pequena e prática espada. Quando algum bebereão se aproximava demais, Farren encostava a mão na espada e o sujeito se afastava com absoluta presteza.

Dez minutos depois — quando Jack começava a suspeitar que não ia mais conseguir acompanhar o passo do capitão —, chegaram ao local do acidente. O carroceiro vinha fazendo uma curva fechada quando a carroça perdeu o equilíbrio e virou. Como resultado, havia barris espalhados por toda a estrada. Muitos estavam destrocados, e tudo no raio de uns 7 metros se transformara num lamaçal. Um dos cavalos morrera sob a carroça, e só a garupa era visível. Outro

jazia na sarjeta, a cabeça esmagada por uma trave de barril. Jack não achava que aquilo tivesse acontecido por acaso. Na certa o animal estava sofrendo muito e alguém lhe dera um fim misericordioso com o instrumento que encontrou mais à mão. Não havia mais cavalos à vista.

Entre o cavalo sob a carroça e o da sarjeta estendia-se o corpo do filho do carroceiro, braços e pernas abertos no meio da estrada. Metade de seu rosto arregalava um olho para o brilhante azul do céu dos Territórios numa expressão de estúpido assombro. No lugar da outra metade só restara uma polpa avermelhada e lascas brancas de osso saltando como pedaços de estuque.

Jack reparou que tinham revirado os bolsos do rapaz.

Vagando pela cena do acidente havia talvez uma dúzia de pessoas. Caminhavam devagar, às vezes se curvando com as mãos em concha para tirar cerveja de um buraco feito pela pata de um cavalo ou para enfiar um lenço ou um pano qualquer numa poça. A maioria cambaleava. Vozes se erguiam rindo ou em gritos de altercação. Após boa dose de insistência, a mãe de Jack o deixara ir junto com Richard a uma sessão noturna de um dos cinemas de Westwood. Era uma sessão dupla: *A Noite dos Mortos-vivos* e *O Despertar dos Mortos*. Aquela gente embriagada arrastando os pés lhe trouxe à memória os zumbis daqueles dois filmes.

O capitão Farren puxou a espada. Era curta e prática como Jack imaginara, a própria antítese de uma espada de cinema. Lembrava pouco mais que uma faca comprida de açougueiro: pontuda, lascada e arranhada, o cabo revestido de couro velho, cheio de manchas de suor. A própria lâmina era escura... Com exceção, é claro, do gume. Parecia brilhante, afiado e *muito* cortante.

— Fiquem longe daqui! — Farren gritou. — Fiquem longe da cerveja da rainha, filhos do inferno! Levem a pança de vocês pra casa! Vão embora!

Rosnados de insatisfação foram ouvidos, mas todos obedeceram à ordem do capitão Farren. Todos, exceto um homem enorme com pequenos tufos de cabelo crescendo nos pontos mais díspares de uma cabeça quase calva. Jack estimou-lhe o peso em 150 quilos e a altura em mais de dois metros.

— Gosta da ideia de encarar todos nós, soldado? — o peso-pesado perguntou e fez um sinal em direção aos aldeões que já iam se afastando do pântano de cerveja e dos barris conforme Farren ordenara.

— Claro — Farren respondeu arreganhando os dentes para o gigante. — Gosto da ideia, desde que você seja o primeiro, sua poça embriagada de merda.

O sorriso de Farren se alargou, e o homem hesitou diante do poder perigoso dele.

— Venha me encarar, se quiser. Enfiar minha espada nessa barriga seria a primeira coisa boa que eu faria desde a hora que acordei.

Resmungando, de ombros caídos, o gigante bêbado foi se distanciando.

— Agora, escutem todos vocês! — Farren gritou. — Afastem-se! Uma dúzia dos meus homens está vindo do pavilhão da rainha! Não ficarão nada satisfeitos com o serviço que terão que fazer, e não posso culpá-los e nem ser responsável pelo que venham a fazer! Acho que vocês ainda têm tempo de voltar para a aldeia e se esconder em seus porões antes que eles cheguem! Seria muito prudente fazerem o que estou mandando! Afastem-se deste lugar!

Todos já se dirigiam num fluxo compacto para a aldeia de All-Hands, o homem corpulento que desafiara o capitão na frente da coluna. Farren resmungou alguma coisa e virou-se para a cena do acidente. Tirou sua jaqueta e cobriu o rosto do filho do carroceiro.

— Gostaria de saber quem revirou os bolsos do rapaz quando ele já estava morto ou ainda agonizante na estrada — disse Farren

num tom meditativo. — Se soubesse, faria com que fosse pendurado numa cruz antes do anoitecer.

Jack ficou em silêncio.

O capitão continuou olhando um bom tempo para o corpo do rapaz, coçando com uma das mãos a carne macia e enrugada da cicatriz do rosto. Quando se virou para Jack, era como se tivesse acabado de voltar a si.

— Agora você tem que ir, rapaz. Agora mesmo. Antes que Osmond decida investigar mais a fundo o idiota do meu filho.

— Isso vai dar muito problema para o senhor? — perguntou Jack.

O capitão sorriu ligeiramente.

— Se você não estiver aqui, não haverá problemas. Posso dizer que o mandei de volta para sua mãe. Ou que fiquei tão louco de raiva que o espanquei com um pedaço de pau e você morreu. Osmond acreditaria em qualquer coisa desse tipo. Ele não está com a cabeça no lugar. Nenhum deles. Estão esperando a morte da rainha. Isso acontecerá em breve. A não ser que...

Ele não concluiu.

—Vá — disse Farren. — Já está mais que na hora. E quando ouvir a diligência de Morgan se aproximando, saia da estrada e se esconda nos bosques. Fique *bem* escondido. Ou ele sentirá seu cheiro como um gato sente o cheiro de um rato. Morgan tem a capacidade de pressentir instantaneamente se alguma coisa está fora de ordem. Da ordem *dele*. É um verdadeiro demônio.

— Vou ouvi-lo chegar? Vou ouvir a diligência? — Jack perguntou timidamente. Contemplou a estrada que se estendia além da balbúrdia dos barris. A trilha se elevava, em direção à margem de uma floresta de pinheiros. Seria bem escuro naquele bosque, ele pensou... e Morgan estaria chegando pelo outro lado. Medo e solidão se combinaram na mais intensa, na mais desencorajadora onda de tristeza que ele já sentira. *Speedy, eu não vou conseguir! Será que você não percebe? Sou apenas uma criança!*

— A diligência de Morgan é puxada por seis pares de cavalos e um 13º animal no comando — disse Farren. — A pleno galope, esse carro do inferno faz um barulho de trovão rolando pela terra. Você vai escutá-lo à distância, não tenha dúvida. E vai ter bastante tempo para se esconder. Só não deixe de fazer isso.

Jack murmurou alguma coisa.

— O quê? — Farren perguntou num tom agudo.

— Estou dizendo que não quero ir — disse Jack, num fio de voz apenas um pouco mais alto. As lágrimas estavam próximas e ele sabia que, assim que comesçassem a cair, a coragem que lhe restava iria por água abaixo; descontrolado, pediria ao capitão Farren para ajudá-lo a sair daquela enrascada, para protegê-lo, para fazer *alguma coisa*...

— Acho que é tarde demais para sua vontade influenciar no seu destino — disse Farren. — Não conheço sua história, garoto, nem quero conhecer. Não quero sequer saber seu nome.

Jack continuou parado, fitando o oficial, os ombros caídos, os olhos ardendo, um tremor nos lábios.

— Endireite esses ombros! — Farren ordenou com súbita ferocidade. — Quem você vai salvar? Para onde você vai? Nem 3 metros, se continuar assim! Sem dúvida você é novo demais para ser um homem, mas pode pelo menos *fingir*, não pode? Está parecendo um vira-lata que levou um chute!

Ferido no seu orgulho, Jack aprumou os ombros e conteve as lágrimas. Seus olhos caíram no corpo do filho do carroceiro e ele pensou: *Pelo menos não estou assim, ainda. Ele tem razão. Não posso me dar ao luxo de ter pena de mim mesmo.* Era verdade. Apesar disso, não pôde deixar de sentir uma certa raiva daquele soldado de cicatriz no rosto que, com tanta facilidade, soubera atingir todos os seus pontos fracos.

— Assim está melhor — disse Farren num tom seco. — Não muito, mas um pouco melhor.

— Obrigado — Jack respondeu sarcasticamente.

— Não adianta chorar, garoto. Osmond está atrás de você. Morgan logo estará atrás de você também. E talvez... talvez também tenha de enfrentar problemas graves no lugar de onde veio. Mas ouça o que eu digo. Se Parkus o mandou falar comigo, é porque queria que eu lhe desse isto aqui... Pegue e ponha os pés no caminho.

Farren estava segurando uma moeda. Jack hesitou, mas acabou pegando. Era do tamanho de uma moeda de 50 centavos de dólar, mas muito mais pesada — como se fosse de ouro, embora tivesse toda a aparência de prata escura. A moeda estampava o perfil de Laura DeLoessian. No primeiro instante, Jack tornou a ficar extremamente impressionado com a semelhança entre a rainha e sua mãe. Não, não se tratava apenas de semelhança... Apesar de certas diferenças físicas (como o nariz mais fino e o queixo mais redondo), ela *era* sua mãe. Jack sabia disso. Virou a moeda e viu um animal com cabeça e asas de águia e corpo de leão. Parecia estar olhando para ele. Isto o deixou um pouco nervoso e ele guardou a moeda no gibão, ao lado da garrafa do suco mágico de Speedy.

— Para que serve a moeda? — perguntou ao capitão.

— Você saberá quando chegar a hora — Farren respondeu. — Ou talvez não saiba. De um modo ou de outro, cumpri meu dever. Diga isso ao Parkus quando estiver com ele.

Jack sentiu uma estranha sensação de irreabilidade envolvê-lo de novo.

— Vá agora, filho — disse Farren. Seu tom de voz foi mais baixo, porém não necessariamente mais gentil. — Faça o que tem a fazer... Ou pelo menos faça o máximo que puder.

Em última instância, foi essa sensação de irreabilidade (o vago sentimento de ser apenas um fragmento de alucinação de alguma outra pessoa) que o pôs em movimento. Pé esquerdo, pé direito, corpo empinado, cabeça em pé. Chutou uma ripa de barril de cerveja, saltou sobre as lascas de uma roda quebrada, rodeou a

ponta da carroça sem se deixar impressionar pelas poças de sangue ou pelos enxames de moscas. Afinal, que importância tinham enxames de moscas ou poças de sangue num sonho?

Ultrapassou o trecho mais lamacento da estrada, o atoleiro de cerveja, a barafunda dos barris. Então virou-se para trás... mas o capitão Farren já dera meia-volta, talvez para procurar os homens do seu regimento, talvez para não ter de olhar de novo para Jack. De qualquer forma, Jack supunha, dava no mesmo. Alguém de costas era alguém de costas. Nada para se olhar.

Pôs a mão dentro do gibão, bateu pela moeda que Farren lhe dera e apertou-a com força. O gesto fez com que se sentisse um pouco mais confiante. Segurando a moeda como um tostão que tivesse ganhado do pai para comprar uma bala na loja da esquina, Jack seguiu adiante.

7

TALVEZ NÃO SE tivessem passado mais de duas horas quando Jack ouviu o som descrito pelo capitão Farren como “um trovão rolando sobre a terra”; mas também não era impossível que já se tivessem passado quatro horas. Como o sol se deslocava abaixo da orla oriental da floresta (e começara a seguir essa trajetória pouco depois de Jack ter penetrado nela), era difícil calcular com precisão o tempo.

De vez em quando, passavam veículos vindos do oeste, provavelmente rumando para o pavilhão da rainha. Os veículos podiam ser ouvidos a longa distância ali; a clareza com que o som chegava aos ouvidos de Jack lembrava ao menino o que Speedy falara sobre um homem tirando um rabanete da terra e outro

sentindo o seu cheiro a quase um quilômetro. Cada vez que ouvia o barulho de um carro, Jack pensava em Morgan, atravessava as valas na margem da estrada, subia a encosta e entrava no bosque. Não *gostava* de se ver no meio da escuridão dos pinheiros, nem mesmo perto das árvores do contorno, onde podia se esconder atrás de um tronco e espreitar a estrada. Não acalmava seus nervos, mas ele gostava menos ainda da ideia de que tio Morgan (que ele acreditava ser o patrão de Osmond, apesar do que Farren tinha dito) pudesse dar de cara com ele na estrada.

Assim, sempre que ouvia uma carroça ou carruagem se aproximando, fugia da trilha e só voltava a andar quando o veículo passava. Numa dessas vezes em que cruzava a vala enlameada e a encosta na margem da estrada alguma coisa correu (ou deslizou) pelos seus pés. Jack gritou.

A passagem de cada veículo lhe dava algum trabalho, e não o estava ajudando em nada a seguir rapidamente, mas não deixava de ser um tanto reconfortante perceber que, pelo menos, não estava de todo sozinho naquela região.

Na realidade, já começava a se sentir um tanto farto dos Territórios.

O suco mágico de Speedy foi a pior coisa que bebera em toda a sua vida, mas ele teria tomado um gole de encher a boca se alguém — Speedy, por exemplo — aparecesse na sua frente para lhe assegurar que, depois que ele abrisse os olhos novamente, a primeira coisa que veria seriam os arcos dourados do McDonald's, o que a mãe dele chamava de As Grandes Tetas da América. Um sentimento opressivo de risco ia tomando vulto dentro dele; uma sensação de que a floresta era realmente perigosa, que havia nela coisas conscientes de seus movimentos, que talvez a floresta *em si mesma* tivesse consciência de sua passagem por ali. As árvores iam se aproximando cada vez mais do leito da estrada, não iam? Sim. Antes, elas se detinham junto às valas. Agora, elas as ocupavam também. Antes, a floresta parecia constituída apenas de

pinheiros e alguns abetos. Agora outros gêneros de árvores começavam a se insinuar aqui e ali, algumas com troncos que se contorciam como nós apodrecidos de cordas, outras lembrando estranhas formas híbridas de abetos e samambaias. E essas novas árvores possuíam raízes cinzentas de aspecto maligno, raízes que se agarravam ao solo como dedos esqueléticos. *Será o nosso rapaz?*, aquelas coisas más pareciam sussurrar dentro da cabeça de Jack. *Será o NOSSO rapaz?*

Tudo é fruto da sua imaginação, Jack-O. Está apenas dando asas às suas fantasias.

Mas ele não acreditava muito nisso.

As árvores *estavam* se transformando. Aquela sensação de opressão no ar (uma sensação de estar sendo *vigiado*) era absolutamente real. Ele começava a suspeitar que o progressivo apego de sua mente aos mais monstruosos pensamentos lhe estava sendo imposto pela desagradável vibração que a floresta emitia... como se as árvores estivessem irradiando algum terrível feixe de ondas curtas.

Mas a garrafa do suco mágico de Speedy estava pela metade. Isso tinha que durar por toda a sua caminhada pelos Estados Unidos. Acabaria antes que atravessasse a fronteira da Nova Inglaterra se tomasse um gole cada vez que se sentisse nervoso.

Também não se esquecia da espantosa distância que viajara em seu mundo quando voltara dos Territórios pela primeira vez. Cinquenta metros nos Territórios correspondiam a quase um quilômetro no mundo de onde viera. Mantida essa proporção (a não ser que a proporção entre distâncias percorridas fosse variável, uma possibilidade que Jack não podia desprezar), não precisaria caminhar mais de 15 quilômetros para alcançar a divisa de New Hampshire. Era como usar botas de 7 léguas.

Mas as árvores... aquelas raízes cinzentas, esqueléticas.

Quando começar a ficar realmente escuro, quando o céu passar de azul a roxo, vou cair fora dos Territórios. É isso, isso é

tudo que eu sei. Não vou ficar andando no meio desses bosques depois do anoitecer. E se acabar o suco mágico em Indiana ou em outro estado qualquer, posso pedir ao velho Speedy para me mandar outra garrafa pelo correio.

Pensando assim, e pensando em como ter um plano o fazia se sentir melhor (mesmo que o plano só englobasse as próximas duas horas mais ou menos), Jack ouviu subitamente o barulho de outro veículo se aproximando, um veículo com muitos cavalos.

Esticou a cabeça e parou no meio da estrada. Arregalou os olhos, e duas memórias desenrolaram-se diante dele com velocidade assustadora: o grande carro de Beverly Hills com dois homens dentro dele — o carro que não era Mercedes — e o caminhão CRIANÇA REBELDE fugindo do corpo estendido do tio Tommy, o sangue ainda gotejando entre os aros do para-choque. Viu as mãos no volante do caminhão... mas não eram mãos. Eram estranhas garras ou mãos mecânicas.

A pleno galope, esse carro do inferno faz um barulho de trovão rolando pela terra.

Agora, ouvindo aquilo (o som ainda distante, mas perfeitamente claro na limpidez do ar), Jack achou um absurdo ter receado que as outras carruagens fossem a diligência de Morgan. Jamais cometeria esse erro de novo. O barulho que estava ouvindo agora era radicalmente sinistro, exalando um enorme potencial de maldade. O barulho de um carro do inferno, sem dúvida, um carro do inferno conduzido por um demônio.

Ficou paralisado no meio da estrada, quase hipnotizado, como um coelho se deixa hipnotizar por faróis de automóvel. O som ia se tornando cada vez mais alto: trovão de rodas e cascos, estalos de chicote e de arreios. Já podia ouvir a voz do condutor:

— Ei-aaá! Ei-aaá! EEEEE-AAAAÁ!

Permanecia na estrada, permanecia ali, a cabeça retumbando de horror.

Não consigo me mexer, oh Deus!, oh Cristo!, não consigo me mexer! Mãe!, mãe!, mããããããeeeeeee...

Jack estava petrificado na estrada e o olho de sua imaginação viu uma enorme coisa preta parecida com uma carruagem na estrada. Vinha puxada por animais negros mais parecidos com pumas do que com cavalos. Viu cortinas negras balançando nas janelas da carruagem. Viu o condutor de pé no estribo, o cabelo soprado pelo vento, os olhos frenéticos, enfurecidos, como os de louco com um canivete.

Viu a coisa avançando em sua direção sem diminuir a velocidade.

Viu a coisa atropelá-lo.

E foi isso que quebrou sua paralisia. Correu para a direita, resvalando pela encosta da estrada, prendendo o pé numa daquelas raízes retorcidas, caindo no chão, rolando. Suas costas, relativamente indolores durante as últimas horas, lampejaram em novas pontadas. Jack repuxou os lábios numa enorme careta.

Depois ficou de pé e disparou para o meio do bosque, as costas curvadas.

Primeiro deslizou para trás de uma das árvores mais negras, mas o toque nodoso do tronco (lembrando um pouco os bambus que ele vira no Havaí, nas férias do ano anterior) foi oleoso, incômodo. Pulou então para a esquerda e escondeu-se atrás de um tronco de pinheiro.

O trovão da carruagem ficava cada vez mais alto. Jack esperava a qualquer momento ver o carro do inferno passar chispando por ele em direção à aldeia de All-Hands. Os dedos de Jack apertavam a casca viscosa do pinheiro. Os dentes mordiam os lábios.

Bem à sua frente, folhas desconhecidas, samambaias e ramos de pinheiro formavam um túnel que lhe proporcionava uma estreita mas boa visão da estrada. E quando Jack já começava a pensar que a comitiva de Morgan jamais chegaria, uma dúzia de soldados a

cavalo passou a galope a caminho do leste. O que ia na frente conduzia uma bandeira, mas Jack não pôde ver o emblema (talvez tenha até gostado de não ver). Então a diligência faiscou pelo túnel de vegetação.

Foi breve o momento de sua passagem (não mais que um segundo, talvez menos), mas Jack jamais o esqueceria pelo resto da vida.

A diligência era um veículo gigantesco, de uns 4 metros de altura. Os fardos e baús amarrados com cordas bem grossas no bagageiro acrescentavam mais um metro. Cada cavalo tinha um penacho negro na cabeça (os penachos se achatavam contra as crinas no vento gerado pela velocidade). Jack pensou mais tarde que Morgan devia recorrer a novas parejas de cavalos para cada viagem, pois aqueles já pareciam à beira da exaustão. Baba e sangue escorriam dos freios que lhes prendiam as bocas; os olhos oscilavam doidamente, revelando arcos imensos de brancura.

Como em sua imaginação — ou em sua visão —, cortinas negras tremiam, esvoaçavam nas janelas sem vidro. E de súbito, um rosto branco apareceu entre as dobras do tecido escuro. Um rosto branco de feições estranhas, duras, distorcidas. A repentina aparição daquele rosto não foi menos chocante que a face de um fantasma na janela arruinada de uma casa mal-assombrada. Não era o rosto de Morgan Sloat... Mas, ao mesmo tempo, *era*.

E o dono daquele rosto sabia que Jack — ou algum outro perigo, algum outro odioso risco *pessoal* — estava por perto. Jack viu isto no alargar dos olhos e na brusca e repelente contorção da boca.

O capitão Farren tinha dito: *Ele sentirá seu cheiro como um gato sente o cheiro de um rato*, e agora Jack tirava as mais pessimistas conclusões: *Ele já deve ter sentido o meu cheiro. Já sabe que estou aqui. O que vai acontecer agora? Aposto que ele vai parar toda a comitiva e mandar os soldados entrarem nos bosques para virem me pegar.*

Outro grupo de soldados (esses protegendo a retaguarda da diligência) disparou pela estrada. Jack ficou imóvel, as mãos agarradas à casca do pinheiro, certo de que Morgan Sloat daria ordens para a caravana parar.

Mas isso não aconteceu. Logo o forte trovão da diligência e dos batedores começava a diminuir na distância.

Os olhos. São os mesmos olhos. Aqueles olhos negros naquele rosto branco. E...

É o nosso rapaz? SIMMM!

Alguma coisa deslizou em seu pé e subiu pela sua canela. Jack gritou e recuou tropeçando, achando que devia ser uma cobra. Mas quando olhou para baixo viu que era uma daquelas raízes cinzentas. Ela estava escalando a barriga de sua perna.

Impossível!, pensou estupefato. *Raízes não se movem...*

Deu um salto para trás, conseguindo arrancar a perna da algema cinzenta que a raiz formara. A dor foi tão abrasadora como uma chicotada.

Ergueu os olhos e sentiu um medo terrível crescendo dentro dele. Achava que sabia agora por que Morgan o farejara e não tomara qualquer providência. Morgan sabia que andar por aquela floresta era como nadar num rio de uma selva tropical infestado de piranhas.

Mas por que o capitão Farren não o avisara daqueles perigos? A única hipótese concebível era que o capitão de cicatriz no rosto os ignorasse por completo; afinal, era bem possível que nunca tivesse se aventurado até aquele ponto da estrada do Oeste.

Agora, todas as raízes cinzentas daquelas formas híbridas de abetos e samambaias estavam se movendo: subindo, descendo, rastejando em sua direção por entre os gravetos do solo. *Ents e entesposas*, Jack pensou loucamente. *Ents e entesposas MALVADOS.*

Uma raiz particularmente grossa, os 10 centímetros da ponta cobertos de terra e lodo, ergueu-se e ondulou diante dele como uma cobra encantada por uma flauta de faquir.

O rapaz é NOSSO! SIMM!

A coisa avançou em sua direção e Jack retrocedeu, consciente de que as raízes iam formando uma verdadeira barreira entre ele e a segurança do leito da estrada. Bateu de costas numa árvore, mas logo se desviou dela, gritando. O tronco começara a ondular, a se encrespar contra suas costas — fora como sentir um músculo tendo espasmos frenéticos. Jack olhou ao redor e viu uma daquelas árvores pretas com troncos cheios de nós. Agora o tronco estava se mexendo, se retorcendo. E as torções dos nós pareciam formar uma espécie de rosto terrivelmente enrugado, deformado, um olho arregalado, aberto numa escuridão vazia, outro repuxando um piscar hediondo. A árvore se abriu mais para baixo com um apavorante som de romper, de fender, de triturar. Uma seiva ligeiramente amarela começou a correr.

Ele é NOSSO! Oh, simmmmm!

Raízes que pareciam dedos deslizaram entre o braço e a costela de Jack, como se quisessem fazer cócegas.

O garoto desvencilhou-se delas e, aproveitando a última centelha de razão que, a poder de grande força de vontade, conseguia manter acesa, revirou o gibão à procura da garrafa de Speedy. Percebia, confusamente, gigantescos sons de rasgar. Julgou que as árvores estivessem se arrancando do solo. Nos livros de Tolkien, nunca foi assim.

Pegou a garrafa pelo gargalo, mas ao tentar destampá-la, uma das raízes cinzentas enroscou-se no seu pescoço. O aperto foi tão forte quanto um laço de força.

A respiração de Jack cessou. A garrafa caiu-lhe da mão quando ele agarrou a coisa que tentava estrangulá-lo. Conseguiu enfiar os dedos sob a raiz. Não era fria e dura, mas quente e macia como carne humana. Lutou com a planta, ouvindo o gargarejo de agonia que já lhe brotava da garganta e sentindo a saliva descer-lhe pelo queixo.

Num desesperado e último esforço, ele conseguiu livrar o pescoço da raiz. Então ela tentou enroscar-se em seu pulso, e Jack puxou o braço com um grito. Olhou para o chão e viu a garrafa aos trancos e barrancos com uma das raízes cinzentas enroscada no gargalo.

Jack deu um salto na direção dela. As raízes agarraram-lhe as pernas para imobilizá-lo. Ele caiu no chão, debatendo-se, contorcendo-se, as pontas dos dedos cavando o duro e negro solo da floresta para tentar avançar alguns centímetros...

Por fim conseguiu tocar a superfície esverdeada e escorregadia da garrafa... e agarrou-a. Puxou-a com toda a sua força, percebendo que as raízes já se enrolavam pelas suas pernas todas, formando laços em ziguezague, procurando dominá-lo de uma vez por todas.

Ele destampou a garrafa. Outra raiz se aproximou, branca como uma teia de aranha, e tentou tirar a garrafa dele. Jack conseguiu afastá-la e levou a garrafa aos lábios. Aquele cheiro doentio de fruto podre pareceu envolver toda a atmosfera como uma membrana viva.

Speedy, faça com que isto funcione!

Novas raízes subiam-lhe pelas costas, rodeavam-lhe a cintura, jogavam-no de um lado para o outro. Então Jack bebeu, esparramando respingos daquele vinho barato pelas bochechas. Engoliu o suco gemendo, implorando a Deus... Aquilo não ia adiantar, *aquilo não ia funcionar*, seus olhos ainda estavam fechados, mas podia sentir as raízes enredando seus braços e pernas, podia sentir

A ÁGUA ENCHARCANDO-LHE o jeans e a camisa, podia sentir um cheiro

Água?

de lodo e neblina, podia ouvir

Jeans? Camisa?

o contínuo coachar de rãs e

Jack abriu os olhos e viu a luz alaranjada do sol poente refletida num rio enorme. Uma imensa floresta estendia-se na margem leste do rio. No lado oeste, o lado onde ele se encontrava, uma grande campina, agora parcialmente obscurecida pela névoa do anoitecer, estendia-se até a beira da água. O solo era úmido, fofo. Jack estava estendido na margem do rio, na área mais pantanosa. Grandes ervas daninhas cresciam ali (as fortes geadas que as destruiriam ainda estavam a pelo menos um mês de distância). Jack se enrolara nelas como uma pessoa pode despertar de um pesadelo enrolada nos lençóis.

Ainda meio atordoado, conseguiu ficar de pé, o corpo úmido, coberto do cheiro penetrante do lodo, as correias da mochila sob os braços. Tirou com horror dos braços e do rosto algumas pequenas folhas de relva e começou a se afastar da água. Então se virou bruscamente para trás e viu a garrafa de Speedy jogada no lodo, a rolha ao lado dela. Uma parte do “suco mágico” estaria derramado ali ou teria se perdido durante a luta com as malignas árvores dos Territórios. Agora a garrafa só continha um terço de líquido.

Ficou um instante imóvel, os tênis cheios de lama afundados no barro. Contemplava o rio. Aquele era seu verdadeiro mundo; estava de novo nos Estados Unidos da América. Não via os arcos dourados que desejara. Também não via nenhum arranha-céu nem a lua cintilando no céu que ia escurecendo. Mas sabia onde estava tanto quanto sabia como se chamava. Chegou até a se perguntar se estivera mesmo em algum outro mundo.

Percorreu com os olhos o contorno do rio. Não conhecia aquele rio nem a campina que o cercava. Ao longe, ouviu um

brando mugido de bois.

Está num lugar que não conhece, Jack, disse para si mesmo. Sem dúvida isto não tem nada a ver com Arcadia Beach.

Não, não tinha nada a ver com Arcadia Beach, mas Jack não conhecia a área que cercava Arcadia Beach bem o bastante para ter certeza de que não estava a 6 ou 7 quilômetros do Alhambra, só para dentro do continente o bastante para não sentir o cheiro do Atlântico.

Era como se tivesse acordado de um sonho. E, afinal, não seria possível que tivesse sido apenas um pesadelo, desde o carroceiro transportando fardos de carne cercados de moscas até as árvores vivas? Uma espécie de sonho ruim de olhos abertos, durante o qual saía caminhando como um sonâmbulo? Não deixava de fazer sentido. Sua mãe estava morrendo; ele agora percebia que há muito tempo tinha certeza disso. Não era de hoje que os sinais eram os mais evidentes. Desde o início seu subconsciente soubera tirar as devidas conclusões, embora a mente consciente tenha se recusado a aceitá-las. O conflito mental que vinha experimentando nos últimos tempos engendrara uma atmosfera perfeita para a auto-hipnose, e aquele maluco Speedy Parker contribuíra bastante para desencadear o processo. É claro. Tudo se encaixava.

E o tio Morgan teria adorado.

Então Jack tremeu e engoliu em seco. A garganta doeu quando ele engoliu. Não do modo como dói uma garganta inflamada, mas do modo como doem músculos que foram comprimidos.

Levantou a mão esquerda, a que não estava segurando a garrafa, e apalpou a garganta. Por um momento, pareceu uma mulher tentando descobrir rugas ou papadas no pescoço. Encontrou uma contusão logo acima do pomo-de-adão. Não tinha sangrado muito, mas doeu ao ser tocada. A raiz que se enroscara em sua garganta tinha feito aquilo.

—Verdade — Jack murmurou, fitando a água alaranjada, ouvindo o coaxar das enormes rãs e o mugido distante dos bois. — Tudo verdade.

9

JACK COMEÇOU a subir a encosta do campo, deixando o rio — e o leste — para trás. Depois de ter andado quase um quilômetro, o balanço contínuo da mochila em suas costas doloridas (os golpes que Osmond lhe aplicara ainda estavam lá, como a mochila o fazia lembrar) despertou-lhe uma lembrança. Ele recusara o enorme sanduíche de Speedy, mas será que ele não o teria colocado em sua mochila enquanto ele examinava a palheta do violão?

Seu estômago retumbou com a ideia.

Tirou a mochila das costas. Havia uma névoa rasteira muito densa, apesar da noite estrelada. Soltou uma das correias e viu o sanduíche. Não apenas um pedaço ou metade do sanduíche, mas o sanduíche inteiro, bem embrulhado numa folha de jornal. Os olhos do garoto encheram-se com o calor das lágrimas. Ele teve vontade de ver Speedy na sua frente e lhe dar um grande abraço.

Dez minutos atrás, você estava dizendo que ele era um velho maluco.

Seu rosto ficou vermelho ao se lembrar disso, mas a vergonha não o impediu de devorar o sanduíche em meia dúzia de grandes mordidas. Depois tornou a prender a correia da mochila e a colocá-la nas costas.

Continuou seu caminho, sentindo-se bem melhor. Livre daquele buraco que roncara tanto tempo em seu estômago, sentia-se novamente senhor de si.

Não muito depois, viu luzes piscando na escuridão crescente. Era uma fazenda. Um cão começou a latir: o latido forte de um cachorro realmente bem grande. Jack parou.

Deve estar dentro de casa, argumentou consigo mesmo. *Ou então numa corrente. Eu espero.*

Virou à direita e, pouco depois, o cachorro parou de latir. Guiando-se pelas luzes da fazenda, logo chegou a uma estradinha estreita, asfaltada. Parou e ficou olhando para os lados, sem saber que caminho tomar.

Ei, pessoal, aqui está Jack Sawyer, a meio caminho entre cansado e morto, molhado até os ossos e com os tênis cheios de lama. Muito bem, Jack!

A solidão e as saudades de casa começaram de novo a crescer em seu peito. Mas Jack afugentou-as. Depois deixou cair uma gota de cuspe no dedo indicador da mão esquerda e deu uma palmada na gota. A maior das duas metades caiu do lado direito (ou pelo menos foi o que lhe pareceu). Decidiu então rumar naquele sentido. Quarenta minutos depois, caindo de fraqueza (e ainda por cima faminto de novo, o que era pior que o cansaço), viu um caminho de cascalho com uma espécie de galpão ao fim de uma estradinha com uma corrente bloqueando a passagem.

Jack se abaixou para cruzar a corrente e encaminhou-se para o galpão. A porta estava trancada a cadeado, mas ele notou que a terra sofrera um grande processo de erosão junto a uma das paredes. Não demorou mais que um minuto para tirar a mochila das costas e esgueirar-se por uma fresta. Depois puxou a mochila para dentro. Na realidade, a tranca na porta fez com que se sentisse mais seguro.

Examinou o ambiente e viu que estava rodeado de ferramentas bastante velhas. Sem dúvida, aquele lugar já não era usado há muito tempo, e isso o deixou ainda mais tranquilo.

Ficou nu em pelo, livrando-se do desagradável contato das roupas pegajosas e enlameadas. Apalpou num dos bolsos da calça

a moeda que ganhara do capitão Farren. Lá estava ela, destacando-se como um gigante entre as outras moedas comuns. Jack tirou-a do bolso e reparou que a moeda de Farren, com o perfil da rainha numa das faces e o leão de asas na outra, se transformara num dólar de prata de 1921. Por alguns segundos, observou fixamente o perfil da Estátua da Liberdade no grande dólar de prata; depois, tornou a colocar a moeda no bolso do jeans.

Tirou roupas limpas da mochila. De manhã guardaria as que estavam sujas (até lá ficariam secas) e talvez conseguisse lavá-las ao longo do caminho, quem sabe numa lavanderia automática ou mesmo num córrego pelo qual passasse.

Ao procurar meias limpas, sua mão encontrou alguma coisa comprida e dura. Jack puxou e viu que era a escova de dente. De imediato, imagens do lar, da segurança e racionalidade (todas as coisas que uma escova de dente é capaz de evocar) dominaram-no por completo. Dessa vez não houve meio de reprimir ou afugentar essas emoções. Uma escova de dente destinava-se a ser utilizada num banheiro bem iluminado, era uma coisa a ser usada com pijamas de algodão no corpo e chinelos confortáveis nos pés. Não devia estar no fundo de uma mochila, num frio e escuro depósito de ferramentas, no fim de uma estradinha de cascalho, nos confins de um lugarejo rural deserto cujo nome ele nem sabia.

A solidão atirou-se com fúria contra ele; agora ele percebia com nitidez absoluta sua situação de desgarrado. E começou a chorar. Não era o pranto histérico e estridente das pessoas que sufocam raiva com lágrimas; chorou com o soluçar contínuo de alguém que descobre que está sozinho e que, por muito tempo ainda, terá de continuar sozinho. Chorou porque toda a segurança e lógica das coisas pareciam ter desaparecido do mundo. A solidão estava ali, era uma realidade; e naquela situação a insanidade também não deixava de estar um pouco presente.

Jack adormeceu antes que os soluços tivessem cessado de todo. Dormiu enroscado na mochila, vestido apenas com uma cueca

e meias limpas. As lágrimas tinham aberto sulcos nítidos no rosto encardido, e ele segurava frouxamente a escova de dente com uma das mãos.

Capítulo Oito

O Túnel de Oatley

1

SEIS DIAS DEPOIS, Jack já conseguira superar quase inteiramente seu desespero. Ao término dos primeiros dias na estrada, ele parecia ter passado da infância à adolescência, e da adolescência à idade adulta, até se tornar capaz. Era verdade que ainda não voltara aos Territórios desde que despertara na margem oriental daquele rio, mas podia justificar a lentidão da jornada alegando que estava

poupando o suco de Speedy para quando precisasse realmente dele.

E além do mais, Speedy não o advertira para viajar principalmente nas estradas de seu mundo verdadeiro? Estava apenas cumprindo instruções.

Quando o sol estava a pino, seu estômago cheio e os automóveis passavam por ele a 80 ou 100 quilômetros por hora na direção do oeste, os Territórios se tornavam inacreditavelmente distantes e irreais: como um pedaço de filme que ele já começava a esquecer; uma fantasia temporária. Às vezes, quando se encostava no banco de algum carro que lhe dava carona e respondia às habituais perguntas sobre sua História, chegava a esquecer completamente da existência dos Territórios. Aquele outro mundo se apagava da sua cabeça e ele voltava a ser o mesmo (ou quase o mesmo) garoto que passeava pela praia no início do verão.

Nas grandes rodovias federais, quando um motorista o largava num trecho perto de uma saída, bastava esperar dez ou 15 minutos com o polegar em pé para que outro carro se aproximasse e lhe abrisse a porta. Estava agora perto de Batavia, no trecho oriental do Estado de Nova York, andando de costas ao longo da pista lenta pela rodovia I-90, o polegar esticado novamente, dessa vez querendo seguir para Buffalo. Depois de Buffalo, faria um pequeno contorno pelo sul. *Era apenas uma questão, Jack pensou, de descobrir a melhor forma de chegar a seu destino e colocá-la em prática.* Rand McNally e a História o tinham levado até ali; só precisava agora de um pouco de sorte para encontrar um motorista que fosse até Chicago ou Denver (ou mesmo Los Angeles, se é para sonhar com ter sorte, Jack-baby). Pretendia cumprir sua missão com rapidez e voltar para casa antes de meados de outubro.

Estava queimado de sol, tinha 15 dólares no bolso (fruto de seu último trabalho como lavador de pratos no Golden Spoon Diner em Auburn) e sentia os músculos fortes e rijos. Embora às vezes tivesse vontade de chorar, vinha reprimindo as lágrimas desde

aquela primeira noite infeliz. Agora era mais senhor de si; esta era a diferença. Agora que sabia como proceder, que tinha descoberto com tanto custo, estava no controle do que acontecia consigo mesmo; achava que conseguia ver concretamente o fim da jornada, mesmo que ele ainda estivesse um pouco distante. Viajando quase o tempo todo neste mundo, como Speedy lhe aconselhara, poderia mover-se com a rapidez necessária e estar de volta a New Hampshire com o talismã num período de tempo bastante razoável. A coisa ia funcionar; teria muito menos problemas do que imaginara a princípio.

Pelo menos era assim que pensava Jack Sawyer quando um empoeirado Ford Fairlane azul se desviou para o acostamento e esperou que ele completasse uma pequena corrida apertando os olhos contra o sol ofuscante. *Vou avançar mais uns 50, 60 quilômetros*, Jack pensou. Visualizou a página do mapa rodoviário Rand McNally que estudara naquela manhã e decidiu: *Oatley*. Parecia sem graça, pequeno e seguro. Estava no caminho certo e nada poderia feri-lo agora.

2

O GAROTO CURVOU a cabeça e olhou dentro do carro antes de abrir a porta. Havia muitos livros e folhetos espalhados no assento de trás e duas grandes malas ao lado do motorista.

O homem de cabelos pretos, ligeiramente barrigudo, que quase pareceu imitar a postura de Jack quando se curvou sobre o volante para espreitar o guri pela janela aberta, era um vendedor. O paletó de seu terno azul estava pendurado num cabide atrás dele; o laço da gravata estava frouxo, as mangas da camisa arregaçadas.

Um vendedor no meio da faixa dos 30, cobrindo confortavelmente sua área. Gostaria muito de ter alguém para conversar, como todos os vendedores. Sorriu para Jack e pegou primeiro uma das grandes maletas, jogando-a sobre o amontoado de papéis no assento de trás; depois fez o mesmo com a outra.

— Vamos abrir um pouco de espaço aqui — disse.

Jack sabia que a primeira coisa que o sujeito ia lhe perguntar era por que não estava na escola.

— Obrigado — disse ele, abrindo a porta e entrando no carro.

— Vai pra muito longe? — o vendedor perguntou, deslizando pelo acostamento e olhando pelo retrovisor para voltar ao leito da estrada.

— Vou para Oatley — Jack respondeu. — Acho que fica a menos de 50 quilômetros.

— Acabou de ser reprovado em geografia — disse o vendedor. — Oatley fica a mais de 70 quilômetros.

Virou a cabeça para Jack e surpreendeu o garoto com uma piscadela.

— Não se sinta ofendido — disse ele —, mas detesto ver garotos de sua idade pedindo carona. Por isso é que sempre os apanho. Pelo menos sei que estarão mais seguros em minha companhia. Não correrão riscos, percebe o que quero dizer? Há muitos malucos rodando por aqui, garoto. Não lê os jornais? Estou falando dos predadores. De repente, você pode virar uma espécie em extinção.

— Acho que tem razão — disse Jack. — Mas procuro sempre ter muito cuidado.

— Mora perto daqui?

O homem continuava olhando muito para ele, não dando mais que breves espiadas na estrada à sua frente. Jack revirou ávido a memória em busca do nome de alguma cidade nas proximidades.

— Palmyra. Moro em Palmyra.

O vendedor sacudiu a cabeça.

— É um bonito lugar — disse, voltando-se mais atentamente para a estrada. Jack relaxou um pouco no confortável encosto do assento. — Não está matando aula, está? — o homem finalmente perguntou.

Estava outra vez na hora de Jack contar sua história.

Já a repetira tantas vezes (mudando, é claro, os nomes das cidades à medida que avançava para o oeste), que aquilo saiu como um monólogo dos mais fluentes:

— Não, senhor. O problema é que tenho de morar algum tempo em Oatley, com minha tia Helen, Helen Vaughan, sabe? É irmã de minha mãe. Ela é professora. Meu pai morreu no inverno, e as coisas ficaram muito difíceis para nós. Então, há duas semanas, a tosse da minha mãe piorou muito e ela quase nem consegue mais subir uma escada. O médico disse que terá de ficar um bom tempo de cama. Então ela telefonou para a irmã e perguntou se eu não poderia passar algumas semanas com ela. Como tia Helen é professora, acho que vou continuar tendo aulas na escola de Oatley. Tia Helen jamais deixaria um sobrinho dela fora da escola, pode apostar.

— Está dizendo que sua mãe mandou-o ir de Palmyra a *Oatley* pedindo carona? — o homem perguntou.

— Ah, não. De jeito nenhum! Ela nunca faria isso. Me deu o dinheiro do ônibus, mas eu resolvi economizá-lo. Acho que não vou receber muito dinheiro lá de casa e a situação da tia Helen também não é das melhores. Minha mãe ia ficar furiosa se soubesse que estou indo de carona. Mas pagar a passagem de ônibus me pareceu jogar dinheiro fora. Afinal, cinco dólares são cinco dólares. Por que entregar tudo isso num guichê da rodoviária?

O homem lançou-lhe um olhar enviesado.

— Quanto tempo acha que vai ficar em Oatley?

— É difícil dizer. Mas espero que minha mãe fique logo boa.

— Bem, na volta não pegue carona, ok?

— Perdemos até o carro — disse Jack, fazendo novos acréscimos à história. Já estava começando a achar a coisa divertida. — O senhor nem pode imaginar o que aconteceu! Vieram no meio da noite e nos tiraram o carro. Não passam de uns covardes. Sabiam que todos estavam dormindo. Vieram de madrugada e o tiraram da garagem. Ah, o senhor nem pode imaginar como eu teria lutado para defender aquele carro... E não apenas para poder ir de carro para a casa da minha tia. Agora, quando minha mãe vai ao médico, tem de descer toda a ladeira e depois andar mais cinco quadras para chegar ao ponto de ônibus. Não deviam ter feito isso, o senhor não acha? Vir devagarzinho e roubar o automóvel! Assim que pudéssemos, íamos pagar de novo as prestações. Não acha que o que eles fizeram não deixa de ser um roubo?

— Se isso tivesse acontecido comigo, também ia achar que tinha sido um roubo — disse o homem. — Bem, espero que sua mãe se recupere o mais breve possível.

— Eu também espero — disse Jack, com absoluta sinceridade.

E a conversa os levou até as primeiras placas indicando a entrada de Oatley. O vendedor parou no acostamento pouco depois do acesso da direita, sorriu de novo e se despediu:

— Boa sorte, garoto.

Jack agradeceu com a cabeça e abriu a porta.

— Espero que não precise passar muito tempo em Oatley.

Jack olhou-o inquisitivamente.

— Bem, você conhece o lugar, não é mesmo? — o vendedor perguntou.

— Um pouco. Muito pouco.

— Ah, é um buraco. É o tipo de cidade onde comem o que eles mesmos atropelam na estrada. Uma espécie de Vila dos Gorilas. Você bebe a cerveja e depois come o vidro do copo. Algo desse gênero, sabe?

— Obrigado pelo aviso — disse Jack saindo do carro.

O vendedor acenou e dirigiu de novo o Fairlane para o leito da estrada. Momentos depois, o carro não passava de uma forma escura, em disparada para o sol poente e alaranjado.

3

POR UM QUILÔMETRO ou dois, a estrada conduziu o garoto pela monotonia de uma campina. Ao longe, Jack viu pequenas casas de madeira de dois andares empoleiradas em pequenas elevações. O campo era cinza, despido de vegetação, e as casas não eram sítios nem fazendas. Bem separadas umas das outras, debruçavam-se sobre a desolação da campina, cuja morna imobilidade e o silêncio só eram quebrados pelo longínquo fluxo do tráfego correndo pela rodovia I-90. Não havia mugido de bois, nem relinchar de cavalos... Por ali não havia animais, nem máquinas agrícolas. Do lado de fora de uma das pequenas casas, Jack observou meia dúzia de carros velhos e enferrujados. Pareciam casas de pessoas que não gostavam muito de companhia. Talvez já achassem o próprio lugarejo de Oatley povoado demais. Por sorte os campos vazios lhes proporcionavam fossos indispensáveis à solidão de seus despojados castelos de madeira.

Jack alcançou uma encruzilhada. Parecia uma daquelas encruzilhadas de desenho animado, duas estradas vazias e estreitas cruzando-se em lugar nenhum e se prolongando para outra espécie de lugar nenhum. Ele começava a se sentir inseguro quanto a seu senso de direção. Firmou as correias da mochila e aproximou-se de um alto poste de ferro, onde retângulos negros de ferrugem indicavam alguma coisa. Não deveria ter virado à esquerda em vez de direita quando saiu da estrada?

A placa da encruzilhada apontando o caminho que seguia paralelo à rodovia indicava: DOGTOWN ROAD. Cidade dos Cães? Jack estendeu o olhar pela estrada e viu apenas uma planura interminável, campos cheios de mato rasteiro e uma tira negra de asfalto rolando pelo meio. Segundo a tabuleta, aquela tira de asfalto tinha um segundo nome: MILL ROAD.

Depois de caminhar algumas centenas de metros, ele percebeu que não se tratava apenas de planura e mato rasteiro. Dois quilômetros à frente, o caminho indicado pela seta penetrava num túnel formado por árvores inclinadas e cercado de uma curiosa esteira de hera. Havia uma tabuleta branca apoiada na vegetação. As letras eram muito pequenas; não se podia ler nada daquela distância. Jack pôs a mão no bolso e apertou a moeda que ganhara do capitão Farren.

Seu estômago protestava. Logo estaria louco por um jantar. Tinha de acelerar o passo e encontrar um povoado qualquer onde lhe dessem alguma coisa para comer. Já que entrara na Mill Road, valia a pena atravessar aquele túnel e sondar o que havia do outro lado.

Jack logo atingiu a boca do túnel. A escura abertura entre as árvores pareceu se alargar.

Frio, úmido, com cheiro de barro, o túnel deu-lhe a sensação de ter se aberto um pouco mais apenas para o devorar, pois agora a vegetação parecia fechar-se ao seu redor. Por um instante o menino achou que estava seguindo um declive, que o túnel o conduziria para algum nível abaixo do solo (não via à sua frente nenhum círculo de luz indicando o fim do túnel). Então, observando com mais cuidado, percebeu que o asfalto era plano.

Ao entrar no túnel, conseguira ler as letras miúdas da tabuleta entre a vegetação: LIGUE AS LUZES, dizia ela. Jack esbarrou numa parede de tijolo e sentiu uma parte do reboco fragmentar-se em suas mãos.

“As luzes”, repetiu para si mesmo, desejando ardentemente ter uma que pudesse ligar. O túnel devia fazer uma curva... Era por isso

que não via a saída e foi por isso que, apesar de toda a cautela e do passo vagaroso, acabou se chocando com a parede (por sorte já tinha começado a andar com as mãos estendidas, como fazem os cegos). Foi tateando ao longo do muro. (Quando o coioe faz isso no desenho do Papa-Léguas, geralmente acaba esmagado na frente de um enorme caminhão.)

De repente alguma coisa roçou pelo chão do túnel e Jack parou assustado.

Bem, podia ser um rato. Ou quem sabe um coelho cortando caminho por ali.

O problema é que a coisa parecia um tanto maior que um rato ou um coelho.

Tornou a ouvir o mesmo som, mais ao longe no escuro, e deu mais um passo cego à frente. À frente dele, apenas uma vez, escutou uma espécie de inspiração e parou de novo. *Seria um animal?* Com as pontas dos dedos agarradas na úmida parede de tijolo, esperou outra emanação de ar. Aquilo não soara como a respiração de um animal (e sem a menor dúvida nenhum rato ou coelho respiravam tão profundamente). Jack arrastou-se mais alguns centímetros, quase determinado a não admitir que havia alguma coisa ali, alguma coisa que o estava enchendo de medo.

Parou de novo, ouvindo um som breve, abafado. Como um cacarejo ligeiramente áspero saltando da escuridão. E logo depois sentiu um cheiro familiar, mas de difícil identificação: um cheiro forte, grosseiro, penetrante, que parecia deslizar pelo interior do túnel.

Olhou para trás. Agora só metade da entrada era visível, semi-encoberta pela curvatura da parede. Parecia muito distante, do tamanho de uma toca de coelho.

— Quem está aí? — ele gritou. — Ei! Tem alguém aqui? Tem alguém?

Julgou ter ouvido alguma coisa resmungar bem no fundo do túnel.

Não estava nos Territórios, sabia muito bem disso. O máximo que podia haver ali era um cachorro tolo que tivesse penetrado na escuridão do túnel para tirar uma soneca. Neste caso, ele salvaria a vida do cachorro despertando-o antes que viesse um carro.

— Ei, cachorro! — ele gritou. — *Cachorro!*

E foi instantaneamente recompensado pelo som de patas trotando pelo túnel. Mas estavam aquelas patas... entrando ou saindo? Era impossível dizer! *Plot, plot, plot*, uma retirada ou um avanço abafado. Impossível saber se o animal fugia ou se aproximava.

Então lhe ocorreu que talvez o barulho estivesse vindo por trás. Ele virou a cabeça e percebeu que já se distanciara o suficiente para não conseguir ver mais a entrada.

— Onde você está, cachorro? — perguntou.

Alguma coisa arranhou o solo meio centímetro atrás dele. Jack deu um salto e seu ombro bateu com força na curva da parede.

Percebeu uma forma (talvez o cachorro) na escuridão. Deu um passo à frente e viu-se paralisado por um sentimento tão intenso de irreabilidade que era como se tivesse voltado aos Territórios. O túnel estava impregnado de um forte e penetrante odor de zoológico. Mas aquilo que se aproximava dele não era um cachorro.

Foi atingido por uma rajada de ar frio cheirando a álcool e gordura. Jack sentiu a forma chegando mais perto.

E só por uma fração de segundo teve um vislumbre da face pendendo na escuridão: uma face brilhante, como se possuísse alguma débil e mortiça luminosidade interior; uma face comprida, áspera, jovem e velha ao mesmo tempo. Suor, gordura, um fedor de álcool na respiração que a coisa exalava. Jack se espremeu contra a parede e levantou os punhos fechados. Mas a face continuava sumida no escuro.

No meio do seu terror, julgou ouvir passos abafados, cruzando rapidamente o solo na direção da entrada do túnel. Virou o rosto do quadrado de escuridão onde vira a coisa e olhou para trás. Escuro,

no meio de um vasto pátio de estacionamento (seria uma fábrica, Jack pensou) e se transformava numa avenida estreita, cheia de agências de carros usados (com bandeiras sacudindo), lanchonetes de fast food (as Grandes Tetras da América), um boliche com uma enorme tabuleta de néon (BOWL-A-RAMA!), mercearias e postos de gasolina. Depois de tudo isso, a Mill Road cortava as cinco ou seis quadras do verdadeiro centro de Oatley. Ali havia sobrados de dois andares com carros estacionados na frente.

A outra rua alojava flagrantemente as casas das pessoas mais importantes da cidade: grandes construções de madeira com varandas e jardins. No cruzamento das duas vias, um sinal de trânsito piscava o olho vermelho naquele fim de tarde. Outro sinal, talvez oito quadras acima, mudou para o verde diante de um prédio encardido e alto, com muitas janelas, parecido com um hospital psiquiátrico (era bastante provável que fosse um colégio). Muitas quadras de ambas as ruas estavam cobertas de uma miscelânea de pequenas casas, e entre as pequenas casas havia sobrados cinzentos, cercados de altas grades de arame.

A fábrica no meio do pátio de estacionamento tinha várias janelas quebradas, e muitas janelas da parte central da cidade não passavam de um amontoado de tábuas e pregos. Certos terrenos estavam cheios de lixo de cozinha e folhas amassadas de jornais. Mesmo nas casas mais importantes reinava total negligência, com varandas despencando e paredes desbotadas. Os carros usados de Oatley pareciam ter saído do cemitério de automóveis.

Por um instante Jack pensou em abandonar aquele povoado em ruínas e ir para a Dogtown (embora não fizesse a menor ideia do tipo de lugar que isso poderia ser). Mas virar as costas para Oatley significava ter de atravessar outra vez o túnel da Mill Road.

De repente, defronte a uma fileira de lojas, a buzina de um carro tocou e o barulho encheu os ouvidos de Jack de um inexprimível sentimento de solidão e de nostalgia. Só conseguiu relaxar perto da fábrica bem longe do túnel da Mill Road. Quase um

terço das janelas na fachada de tijolos tinha sido quebrado, e a maioria das outras estava vedada por quadrados de papelão marrom. Mesmo dos limites da área de estacionamento, Jack pôde sentir um cheiro de óleo lubrificante, graxa, borracha queimada. Ouviu também o ruído metálico de engrenagens.

Pôs as mãos nos bolsos e desceu o mais rápido que pôde para a parte central de Oatley.

5

VISTA DE PERTO, a cidade era ainda mais deprimente do que parecera da colina. Os vendedores das agências de carros debruçavam-se nas janelas de seus escritórios, entediados demais para saírem dali. As bandeiras tremulavam rasgadas e sem vida, e os cartazes espalhados pelos para-brisas revelavam os únicos indícios de otimismo: UM SÓ PROPRIETÁRIO! VERDADEIRA JOIA! O CARRO DA SEMANA! A tinta havia descorado e quase se apagara totalmente em certas tabuletas, como se elas tivessem ficado expostas a alguma chuva forte.

A circulação de pessoas nas ruas era ínfima. Quando Jack se dirigia para o centro da cidade, viu um velho com faces encovadas e pele cinzenta puxando um carrinho vazio de supermercado pela beira da calçada. Quando o garoto se aproximou, o velho gritou alguma coisa hostil. Arreganhou os dentes com ar assustado e mostrou gengivas escuras como as de um cão policial. Achava que Jack ia roubar-lhe o carrinho!

— Desculpe — disse Jack, o coração disparando no peito.

O velho tentou envolver todo o carro com os braços para protegê-lo melhor. E, enquanto isso, não parava de arreganhar as

gengivas negras para o inimigo.

— Desculpe — Jack repetiu. — Eu só estava indo...

— Saaaia daquiii! Saaaia jáá daquiii! — o velho berrou e as lágrimas começaram a descer pelas rugas do rosto.

Jack saiu correndo.

Vinte anos atrás, nos anos 1960, Oatley devia ter sido uma próspera cidadezinha. O bom traçado da Mill Road era fruto dessa era, quando havia gado nos campos dos arredores, a gasolina era barata e ninguém ouvira falar em “racionalização dos gastos” (pois havia muito dinheiro para gastar).

As pessoas aplicaram suas economias em franquias e pequenas lojas. Puderam, durante algum tempo, escapar de grandes sufocos. Algumas construções de Oatley ainda conservavam traços dessa prosperidade. Mas agora, nas lanchonetes franqueadas, viam-se apenas alguns adolescentes sentados com ar de tédio diante de copos de coca-cola. E nas vitrines de muitas lojinhas, tabuletas descoradas como as das agências de carros usados anunciavam: VOCÊ NÃO PODE PERDER! QUEIMA DE ESTOQUES PARA FECHAMENTO DAS PORTAS! Jack não viu qualquer tabuleta oferecendo trabalho, e continuou andando.

O desbotar das cores felizes dos anos 60 mostrava toda a realidade do centro de Oatley. À medida que Jack se arrastava ao longo daqueles quarteirões de prédios e sobrados sujos, sua mochila parecia se tornar mais pesada, os pés mais relutantes. Talvez fosse mesmo melhor caminhar até Dogtown...

O problema é que suas pernas já pareciam bem fracas, e o receio de atravessar de novo o túnel da Mill Road era muito grande. Claro, não haveria qualquer uivante homem-lobo emboscado na escuridão lá dentro (ele agora tinha certeza absoluta disso). Ninguém tinha falado com ele no túnel. Os Territórios tinham mexido com ele. Primeiro a visão da rainha, depois aquele rapaz morto sob a carroça, metade do rosto esmagado. Em seguida, Morgan. E, por fim, as árvores... Mas isso tinha acontecido *lá*, onde tais coisas

podiam acontecer (talvez fosse até normal que acontecessem). *Aqui*, porém, a vida cotidiana não admitia coisas desse gênero.

Ele alcançou uma grande e suja vitrine. DEPÓSITO DE MÓVEIS, dizia um letreiro quase ilegível na alvenaria de tijolos. Pôs a mão em forma de concha sobre os olhos e deu uma espiada lá dentro. Um sofá e uma cadeira, ambos cobertos por lençóis brancos, repousavam a 5 metros um do outro no amplo assoalho de madeira. Jack afastou-se do depósito, desconfiando que teria de implorar a alguém um prato de comida.

Um pouco abaixo, na frente de uma loja fechada do quarteirão seguinte, havia quatro homens dentro de um carro. Jack demorou um pouco para notar que o carro, um DeSoto preto, tão velho que poderia ter pertencido a Broderick Crawford, não tinha pneus. No para-brisa havia um cartaz amarelo: CLUBE DOS AMIGOS DA ESQUINA. Os homens lá dentro, dois na frente e dois atrás, estavam jogando cartas. Jack aproximou-se de uma das janelas da frente.

— Desculpe — disse, e o jogador mais próximo lançou-lhe um sombrio olhar de peixe morto. — O senhor podia me dizer onde...

— Vá embora — disse o homem.

Sua voz parecia abafada e catarrenta, como se não estivesse muito acostumada ao ato de falar. O rosto que tinha se virado um pouco para Jack era profundamente salpicado de cicatrizes de acne e parecia estranhamente achatado, como se alguém o tivesse pisado quando o sujeito era criança.

— Só estou perguntando se o senhor sabe onde posso conseguir um trabalho temporário.

— Tente o Texas — disse o homem que estava na frente do volante, e a dupla do assento de trás deu uma gargalhada, respingando cerveja nos leques de cartas.

— Eu já lhe disse, garoto, vá embora! — repetiu o homem de olho de peixe morto e rosto achatado. — Porque, se não for, pode ter certeza que vou me levantar daqui e lhe dar um pescoção.

E não era mentira, Jack percebeu. Se continuasse ali por mais um instante, a raiva do homem ia ferver. Ele ia sair do carro para espancá-lo sem dó. Depois voltaria tranquilamente para o velho DeSoto e abriria outra cerveja. Latas vazias de Rolling Rock cobriam o chão, as latas abertas espalhadas de qualquer jeito, as latas ainda por abrir presas no suporte de plástico branco. Jack recuou. O olho de peixe morto se afastou de seu rosto.

— Acho que vou mesmo tentar o Texas.

Ao dizer aquilo, Jack acreditou que a porta do DeSoto fosse se abrir de repente, mas só o que estalou foi outra lata da Rolling Rock.

Crack! Hisssss!

Ele continuou andando.

Chegou ao fim do quarteirão e, na outra rua da cidade, viu um jardim semi-abandonado, cheio de hastes de mato amarelo. No meio do mato, espreitavam estátuas de fibra de vidro. Eram personagens de Disney. Um vulto velho de mulher, segurando um mata-moscas, olhava-o de uma sacada de varanda.

Jack desviou a cabeça do desconfiado olhar da velha e se deparou com a última das inertes construções de tijolos da Mill Road. Três degraus de cimento levavam a uma porta de tela aberta. Uma grande e sombria vitrine estampava uma tabuleta cintilante onde se lia BUDWEISER. Poucos centímetros à direita, havia um letreiro pintado no vidro: UPDIKE'S OATLEY TAP. E, como se não bastasse, cerca de meio metro mais abaixo, escritas à mão num cartaz amarelo (idêntico ao que Jack tinha visto no para-brisa do DeSoto), liam-se as milagrosas palavras: PROCURA-SE AUXILIAR.

Jack Sawyer tirou a mochila das costas, colocou-a sob um dos braços e subiu os degraus. Por não mais que um instante, passando da mortífera luz do sol para a escuridão do bar, lembrou-se do passo fatal que o fez cruzar a densa fímbria de hera e penetrar no túnel de Oatley.

Capítulo Nove

Jack na Planta Carnívora

1

MENOS DE sessenta horas depois, num estado de espírito muito diferente daquele que o fizera se aventurar pelo túnel da Mill Road na quarta-feira anterior, Jack Sawyer estava na friorenta despensa da Oatley Tap, escondendo a mochila atrás dos barris de cerveja Busch que, como traves de alumínio de um boliche de gigantes, enfileiravam-se no fundo da galeria. Daí a menos de duas horas,

quando a taberna finalmente cerrasse as portas, Jack pretendia fugir dali. Era exatamente assim que imaginava a coisa: não se tratava de *sair*, nem de *ir andando*, mas realmente de *fugir* dali. Isso mostrava até que ponto se sentia numa situação desesperadora.

Eu tinha seis, seis, John B. Sawyer tinha seis, Jacky tinha seis. Seis.

Esse pensamento, aparentemente sem qualquer sentido, caía naquela noite em sua mente e passara a se repetir de modo incessante. Ele não duvidava que uma ideia fixa daquele tipo mostrava como seus nervos estavam à flor da pele, como as coisas voltavam a fechar um cerco em torno dele. Não sabia o que aquele pensamento significava; as palavras simplesmente giravam sem parar em sua cabeça como um cavalo de pau num eixo de carrossel.

Seis. Eu tinha seis. Jack Sawyer tinha seis.

A coisa se repetia infinitamente, rodava, rodava; não lhe dava trégua.

Uma das paredes da despensa dava para o salão da taberna e, naquela noite, a parede trepidava com o barulho; vibrava realmente como couro de tambor. Até vinte minutos atrás, ainda era noite de sexta-feira, e tanto a Oatley Textiles quanto a Weaving and Dogtown Custom Rubber pagavam às sextas-feiras. Agora a Oatley Tap estava cheia até o teto. E além do teto. Um grande cartaz à esquerda do bar dizia: ULTRAPASSAR A LOTAÇÃO MÁXIMA DE 220 PESSOAS CONSTITUI INFRAÇÃO DO ARTIGO 331, REFERENTE ÀS NORMAS MUNICIPAIS DE PREVENÇÃO DE INCÊNDIOS. Ao que tudo indicava, o artigo 331 não se aplicava aos fins de semana, pois Jack calculava que houvesse mais de trezentas pessoas ali, sapateando ao som de uma banda de música country chamada *The Genny Valley Boys*. Era uma banda horrível, mas tinha uma boa guitarra elétrica.

— Tem gente por aqui que foderia com uma guitarra elétrica, Jack — dissera Smokey.

— *Jack!* — Lori gritou sobre a barreira de som.

Lori era a mulher de Smokey. Jack ainda não sabia qual era o sobrenome dela. Mal conseguiu ouvi-la sobre o ronco da vitrola automática. A vitrola ficava tocando em último volume enquanto a banda descansava. Os cinco integrantes estavam lá no fundo do bar, Jack sabia, abastecendo o estômago com vodca barata.

Lori espichou a cabeça pela porta da despensa. O fosco cabelo louro, repuxado num rabo-de-cavalo com infantis prendedores de plástico branco, brilhava sob a luz fluorescente do teto.

— Jack, se não trouxer correndo esta barrica, ele vai lhe torcer o pescoço.

— OK. Diga que já estou indo.

Jack sentiu um arrepio nos braços, e o calafrio não veio inteiramente do frio úmido que havia na despensa. Smokey Updike não era homem de brincadeiras. Smokey, que usava chapéus de papel tipo mestre-cuca na cabeça estreita um atrás do outro; Smokey, com a enorme dentadura de plástico comprada pelo correio, horrorosa e algo fúnebre em sua uniformidade absoluta; Smokey, com a violência dos olhos castanhos, um amarelo encardido, sujo nas córneas. Aquele Smokey Updike que, em certo sentido, ainda era um desconhecido para Jack (talvez por isso mesmo fosse ainda mais assustador) conseguira de alguma forma transformá-lo num prisioneiro.

A vitrola automática ficou momentaneamente silenciosa, mas o contínuo rugir da multidão aumentou um ponto para compensar. Algum vaqueiro do lago Ontário soltou a voz num grande, embriagado “Yeeeeee-HAW!”. Uma mulher gritou. Um copo foi quebrado. Então a vitrola voltou a funcionar, lembrando um pouco um foguete Saturno atingindo a velocidade de escape.

O tipo de cidade onde comem o que eles mesmos atropelam na estrada.

Cru.

Jack se curvou sobre um dos barris de alumínio e arrastou-o cerca de 3 metros, a boca se repuxando numa dolorosa contorção, as costas protestando, o suor lhe escorrendo pela testa apesar do frio ar refrigerado. O barril rangeu e guinchou no chão liso de cimento. Ele fez uma pausa, ofegante, as orelhas zumbindo.

Empurrou a plataforma rolante para perto do barril e pôs o cabo na vertical. Depois conseguiu suspender o barril de cerveja e dar um ou dois passos para a plataforma. Quando começou a pousá-lo, não aguentou mais o peso (o barril não tinha muitos quilos a menos que o próprio Jack). A barrica caiu com força e de lado na plataforma. A sorte é que o metal tinha sido forrado com uma sobra de tapete para amortecer aterrissagens desse tipo. Jack procurou colocá-lo na vertical e livrar a mão esquerda a tempo. Não conseguiu. A barrica imprensou-lhe os dedos contra o cabo. A pancada foi dilacerante, mas por algum milagre conseguiu soltar os dedos latejantes. Então, pôs esses dedos na boca e sugou-os com força, as lágrimas brotando dos olhos.

Pior do que ter esmagado os dedos era o que estava ouvindo. Um lento suspirar de gases escapando por um orifício da tampa. Se Smokey encaixasse o barril no engradado do balcão e visse espuma saindo... Ou, pior ainda, se ao abri-lo a cerveja pulasse como um jato em seu rosto...

Melhor não pensar nessas coisas.

Na noite anterior, a noite de quinta-feira, quando Jack tentava “levar a barrica de Smokey”, a barrica caíra de lado e rolara pelo chão. A tampa se soltara. Espuma branca e dourada de cerveja inundara o chão da despensa e correria para o ralo como um grande rio. Jack ficou paralisado de medo, coberto de náusea, desligado até mesmo dos gritos de Smokey. Não era a cerveja Busch; era a Kingsland. Não era uma cerveja comum, mas a divina cerveja de Sua Majestade.

Foi então que Smokey lhe bateu pela primeira vez: um rápido e sibilante golpe que jogou Jack contra uma das ásperas paredes da

despensa.

— Hoje, a paga que você merece é só essa — dissera Smokey. — E ai do dia em que me fizer isso de novo.

O que mais assustava Jack na frase “E ai do dia em que me fizer isso de novo” era a suposição implícita que havia nela de que ele, Jack Sawyer, ainda teria dias de oportunidade para voltar a fazer aquilo. Como se Smokey Updike contasse com sua presença ali por muito, muito tempo.

— *Jack, traga isso já!*

— *Já estou indo!* — Jack resfolegou.

Puxou a plataforma rolante até a porta da despensa, bateu em busca da maçaneta, girou-a e escancarou a porta. Esta bateu em alguma coisa grande, mole e macia.

— Ei! Olhe por onde anda!

— Opa! Desculpe!

— Vá bater no traseiro da sua mãe! — disse a voz.

Jack esperou até o freguês se afastar da porta da despensa e levou o barril para o corredor.

O corredor era estreito, com paredes de um verde bilioso. Tinha cheiro de mijo e cocô e desinfetante. O reboco era só buracos que, em alguns pontos, quase atravessavam a parede. Por toda parte, rabiscadas a lápis ou à tinta, havia palavras ou rimas de sujeitos embriagados esperando a vez de urinar. A maior das inscrições parecia ter sido feita com lápis-cera preto e revelava a fúria cega e sem objetivo da atmosfera de Oatley: MANDEM TODOS OS CRIoulos E JUDEUS AMERICANOS PARA O IRÃ!

O barulho do salão da taberna já fazia trepidar a despensa, mas o corredor parecia uma grande onda sonora em contínua arrebatção. Pela ponta do barril inclinado na plataforma, Jack deu mais uma olhada no fundo da despensa. Queria certificar-se de que a mochila estava bem escondida.

Tinha de fugir. Sem a *menor* dúvida, tinha de fugir. O telefone mudo que tinha finalmente funcionado, parecendo circundá-lo numa

cápsula de gelo escuro... Isso tinha sido ruim. Mas Randolph Scott era pior. O sujeito não era *realmente* Randolph Scott; apenas lembrava o jeito de Scott nos filmes dos anos 50.

Smokey Updike talvez fosse pior ainda... embora Jack já não tivesse tanta certeza. Não desde que viu (ou pensou ter visto) os olhos do homem que lembrava Randolph Scott mudarem de cor.

Mas que o povoado de Oatley era o pior de tudo... disso ele tinha certeza.

Oculto no fundo do condado de Genny, Oatley parecia agora uma horrível armadilha que lhe tinham preparado, uma espécie de planta carnívora municipal. Sem dúvida, uma das maravilhas da natureza, as plantas carnívoras. Fácil cair dentro delas. Quase impossível sair.

2

UM HOMEM ALTO, com uma grande barriga pendurada à frente, continuava esperando para usar o banheiro. Fazia um palito de plástico passar de um a outro canto da boca e não tirava os olhos de Jack. Jack achou que a coisa mole e macia onde a porta batera fora a grande barriga do homem.

— Imbecil — disse o sujeito gordo.

Então a porta do banheiro se abriu. Um homem saiu de lá. Por um momento de congelar o sangue, os olhos de Jack Sawyer encontraram os dele. Era o homem que parecia Randolph Scott, mas o sujeito não era um astro de cinema. Não passava de um dos habitantes de Oatley tomando seu porre de fim de semana. Quando saísse da taberna, ia pousar o traseiro num carro de segunda mão com metade das prestações pagas ou numa motocicleta com três

quartos das prestações pagas. Provavelmente, uma velha Harley com um adesivo escrito COMPRE PRODUTOS AMERICANOS colado na lataria.

Os olhos dele ficaram amarelos.

Não, é apenas sua imaginação, Jack. É apenas sua imaginação. Ele só...

...era um caipira que estava olhando para você por ser novo na cidade. Devia ter estudado na escola daqui, jogado futebol americano, engravidado uma líder de torcida católica e se casado com ela. Depois a líder de torcida começou a engordar comendo chocolates e alimentos congelados da Stouffer. É só mais um idiota de Oatley, só...

Mas os olhos dele ficaram amarelos.

Pare com isso! Não ficaram!

Contudo, havia alguma coisa nele que fez Jack pensar no que acontecera quando estava chegando à cidade... O que acontecera na escuridão.

O homem gordo que tinha chamado Jack de imbecil se encolheu ao ver o sujeito magro, de calça Levi's e camiseta branca limpa. Randolph Scott começou a andar na direção de Jack. Tinha mãos enormes com veias azuis, que ele balançava ao caminhar.

Os olhos faiscavam um azul gélido... e então começaram a se modificar, a oscilar e clarear.

— Garoto — disse ele.

Jack saiu correndo numa pressa desajeitada, empurrando a porta com o traseiro, sem se importar com quem estivesse pela frente.

O barulho do salão inundou-lhe os ouvidos. Kenny Rogers berrava um canto de glória country para alguém chamado Reuben

James.

— *Você virou sua outra FACE* — Kenny cantou para este aposento cheio de bêbados mal-humorados — e disse que há um mundo melhor esperando os DÓCEIS!

Jack não via ninguém de aparência dócil. Os Genny Valley Boys estavam indo para o palco e pegando de novo os instrumentos. Com exceção do guitarrista que tocava a guitarra elétrica, todos os outros pareciam muito tontos e bêbados... Talvez nem soubessem muito bem onde estavam. Mas o guitarrista parecia apenas entediado.

À esquerda de Jack, uma mulher falava com veemência no telefone público que havia na taberna — um telefone no qual Jack jamais tocaria de novo se pudesse escolher, nem por mil dólares. Enquanto ela falava, o companheiro embriagado dela apalpava-lhe os peitos dentro da camisa de vaqueiro aberta. Na grande pista de dança, uns setenta casais se agarravam e se empurravam, indiferentes ao compasso rápido da música, espremendo-se, sorrindo, mãos em nádegas, lábios juntos, suor escorrendo nos rostos e formando grandes círculos debaixo dos braços.

— Oh, graças a *Deus*! — disse Lori com seu sotaque caipira, abrindo uma porta de vaivém para Jack passar com o barril. Smokey estava perto do balcão, abastecendo a bandeja de Glória com gim-tônica, vodka sour e a única coisa que competia com a cerveja local: Black Russians.

Jack viu Randolph Scott atravessar a porta de vaivém. Na confrontação, os olhos azuis captaram imediatamente os de Jack. Ele balançou ligeiramente a cabeça, como para dizer: *Conversaremos. Sim, senhor. Talvez conversemos sobre o que pode ou não haver no túnel de Oatley. Ou sobre chicotes. Ou sobre mães doentes. Talvez possamos falar sobre como você vai ficar tanto tempo no condado de Genny... Talvez até se transformar num velho maluco chorando por causa de um carrinho vazio de supermercado. O que acha disso, Jacky?*

Jack tremeu.

Randolph Scott sorriu, como se tivesse visto (ou pressentido) o tremor. Depois sumiu no meio da multidão e do ar enfumaçado.

Foi então que os dedos magros porém fortes de Smokey afundaram no ombro de Jack, procurando o lugar mais sensível e, como sempre, conseguiram achar. Eram dedos experientes, habilidosos em localizar certas nervuras.

— Jack, você tem de ser mais rápido — disse Smokey.

A voz era quase simpática, mas os dedos cutucavam, sondavam-lhe os nervos dos ombros, moviam-se neles. O hálito cheirava aos drops rosados de menta que ele praticamente não tirava da boca. A dentadura postiça que veio pelo correio estalava. Às vezes ele fazia um som obsceno de chupar quando a dentadura escorregava um pouco e Smokey precisava sugá-la para o lugar certo.

— Ou você anda mais depressa ou te sento de bunda numa fogueira. Entendeu bem o que estou dizendo?

— Entendi — disse Jack, procurando não gemer.

— Tudo bem. Melhor assim.

Por um torturante momento, os dedos de Smokey fizeram um gancho mais fundo, agarrando com amargo entusiasmo uma delicada teia de nervos. Jack teve de gemer. Smokey gostou da reação e soltou.

— Ajude-me a suspender este barril, Jack. E vamos fazer isso rápido. As pessoas têm de beber sexta-feira à noite.

— Sábado de madrugada — Jack corrigiu um tanto atordoado.

— Tanto faz. Vamos com isso.

De alguma forma Jack conseguiu ajudá-lo a encaixar o barril no compartimento quadrado embaixo do balcão. Os músculos fortes de Smokey incharam e se contorceram sob a camiseta com a estampa da taberna. O chapéu de papel tipo mestre-cuca não caiu da cabeça de fuinha. Em nítido desafio às leis da gravidade, uma

das pontas continuava se equilibrando pouco acima da sobrancelha esquerda.

Prendendo a respiração, Jack viu Smokey girar a tampa de plástico vermelho. A barrica assobiou mais ruidosamente do que devia ter feito... mas não espumou. O ar saiu dos pulmões de Jack numa golfada silenciosa.

Smokey fez o barril vazio rodar na direção do garoto.

— Leve isso para a despensa. Depois dê uma limpada no banheiro. Lembre-se do que eu lhe disse hoje à tarde.

Jack se lembrava. Às três da tarde, uma chaminé de fábrica deixara escapar um violento apito de ar comprimido. Jack quase pulou de susto. Lori riu e disse: — *Olhe o Jack, Smokey! Ele quase se borrou!*

Smokey dirigiu à mulher um olhar enviesado e frio. Depois chamou Jack com um aceno. Disse ao garoto que aquele era o apito da sexta-feira, dia de pagamento, na Oatley T & W. Disse ao garoto que um apito muito semelhante estava soando na Dogtown Rubber, uma companhia que fabricava boias de praia, bonecos infláveis e camisinhas com nomes como “Ponto das Delícias”. Daí a pouco, ele disse, a Taberna Oatley começaria a encher.

— Eu, você, Lori e Gloria vamos ter de trabalhar mais rápido que relâmpago — disse Smokey. — Quando chega sexta-feira, temos que compensar o que não arrecadamos aos domingos, segundas, terças, quartas e quintas. Quando eu mandar você me trazer correndo uma barrica, ela tem de estar na minha frente antes que eu acabe de gritar. E de meia em meia hora passe um pano no chão do banheiro dos homens. Nas sextas-feiras, mais ou menos de 15 em 15 minutos um cara vomita.

— O banheiro das mulheres fica por minha conta — disse Lori se aproximando. Tinha um cabelo ralo, ligeiramente ondulado e dourado. A pele era branca como o rosto de um vampiro de revista de terror. Se não estava resfriada, sem dúvida cheirava cocaína, pois não parava de fungar. Mas Jack achava que devia ser

resfriado. Dificilmente uma pessoa em Oatley poderia se dar ao luxo de ser viciada em cocaína.

— Felizmente as mulheres são menos sujas que os homens. A diferença é pequena, mas existe.

— Cale a boca, Lori — disse Smokey.

— Cale a sua — ela respondeu.

O braço de Smokey cintilou como um raio. Houve um estalo e, de repente, a marca da palma da mão avermelhara como tatuagem plástica uma das faces pálidas de Lori. Ela começou a choramingar, mas Jack ficou surpreso e enojado ao ver em seus olhos uma expressão de quase felicidade. Era a expressão de uma mulher que acreditava que um tratamento daquele tipo era sinal de carinho.

— Trabalhe direito e não teremos problemas — disse Smokey.

— Corra quando eu mandá-lo trazer uma barrica. E não se esqueça de ir de meia em meia hora ao banheiro dos homens para limpar o vômito.

Então Jack disse novamente a Smokey que queria ir embora, e Smokey reiterou sua falsa promessa de que o deixaria partir domingo à tarde...

Mas o que adiantava pensar nisso agora? A gritaria ia se tornando cada vez mais alta e havia fortes explosões de riso. Houve um barulho de cadeira quebrando e um gemido ondulante de dor. Houve uma briga (a terceira da noite) na pista de danças. Smokey soltou um palavrão e deu um empurrão em Jack.

— Livre-se do barril — ele gritou.

Jack pôs o barril vazio na plataforma e a fez rodar na direção da porta de vaivém. Olhava ansiosamente em volta à procura de Randolph Scott. Viu-o de pé, no meio da multidão que assistia à briga. Relaxou um pouco.

Na despensa, colocou o barril vazio junto com os outros num canto. (Os fregueses da Updike's Oatley Tap já haviam consumido seis barricas naquela noite.) Feito isso, foi novamente verificar se a mochila estava bem guardada.

Por um instante de pânico, achou que ela tinha sumido. O coração começou a martelar. O suco mágico estava lá dentro, além da moeda dos Territórios, que neste mundo se transformou num dólar de prata. Jack foi para a direita, o suor encharcando-lhe a testa, e procurou entre dois outros barris. Lá estava! Pôde até sentir o contorno da garrafa de Speedy através do náilon verde. O coração voltou a bater mais devagar, mas ele estava trêmulo e de pernas bambas, como fica uma pessoa depois de escapar por um triz de algum perigo.

O banheiro dos homens tinha um aspecto terrível. No início da noite, Jack quase juntava ao vômito que encontrava o seu próprio, mas já parecia estar se acostumando ao fedor. E, de certa forma, isso era o pior de tudo: habituar-se ao fedor! Jogou água quente, depois derramou desinfetante e começou a esfregar o pano na indescritível sujeira do chão. Sua mente iniciou um balanço dos últimos dias, concentrando-se neles como o animal que caiu na armadilha concentra sua ação na perna ferida.

3

A OATLEY TAP parecia escura, sombria, sem vitalidade quando Jack atravessou pela primeira vez o umbral da porta. Os fios da vitrola automática, da máquina de fliperama e do jogo Space Invaders estavam fora das tomadas. A única luz que havia no salão vinha do anúncio da cerveja Busch sobre o balcão: um relógio digital entre dois picos de montanha, parecendo o mais estranho OVNI jamais imaginado.

Com um leve sorriso nos lábios, Jack caminhou para o balcão. Estava quase lá quando ouviu uma voz atrás dele:

— Isto é uma taberna. Menores não podem entrar. Você é burro? Caia fora.

Jack quase pulou de susto. Estava com a mão no dinheiro que ainda havia em seu bolso, pensando que ele iria embora do mesmo jeito que tinha acontecido no Golden Spoon: ele se sentaria num banco, pediria alguma coisa e depois perguntaria se precisavam de algum ajudante. Evidentemente, era ilegal empregar menores como ele (principalmente sem autorização dos pais ou responsáveis), o que significava que, a pretexto de compensar o risco, lhe pagariam menos que um salário mínimo. Bem menos. Então as negociações começariam, normalmente começando com a história número 2: Jack e o padrasto malvado.

Deu meia-volta e viu um homem sentado sozinho num dos compartimentos. Fitava-o com um ar assustador de alerta e desdém. O sujeito era magro, mas uma boa musculatura movia-se sob a camiseta branca e dos lados do pescoço. As calças eram brancas e muito largas, como as calças dos cozinheiros. Um gorro de papel caía sobre a sobrelanceira esquerda. A cabeça parecia de fuinha, estreita e pontuda. O cabelo, muito curto, começava a ficar grisalho. E entre suas mãos enormes havia uma pilha de faturas e uma calculadora.

— Vi o anúncio procurando um auxiliar — disse Jack, sem muita esperança. Aquele cara não ia lhe dar trabalho, e ele também já não estava com vontade de trabalhar ali. O homem tinha toda a pinta de um mau-caráter.

— Viu o anúncio, é? Deve ter aprendido a ler num dos raros dias em que não esteve matando aula.

Havia uma caixa de charutos Phillies Cheroots em cima da mesa. O homem pegou um deles.

— Bem, eu não reparei que isto era uma taberna — disse Jack recuando um passo em direção à porta. A luz do sol atravessava a vitrine empoeirada e assumia um brilho estranho no assoalho, como se a Oatley Tap estivesse situada numa dimensão ligeiramente

diferente. — Pensei que fosse... o senhor sabe... uma espécie de bar e restaurante. Algo assim. Bem, vou indo então.

— Venha cá.

Agora os olhos castanhos do homem olhavam-no com firmeza.

— Não, não, tudo bem — disse Jack meio nervoso. — Vou...

— Venha cá. Sente-se aqui.

O sujeito acendeu um fósforo com um piparote da unha do polegar. Depois acendeu o charuto. Uma mosca que lhe rodeava o gorro de papel desapareceu zumbindo na escuridão. Os olhos do homem não saíam do rosto de Jack.

— Não vou mordê-lo — disse ele.

Jack se aproximou vagarosamente do compartimento e, após um instante de hesitação, resvalou para uma cadeira e cruzou os braços.

Sessenta horas mais tarde, à meia-noite e meia da madrugada de sábado, passando um pano de chão no banheiro dos homens, o cabelo suado caindo nos olhos, Jack achou — isto é, teve *certeza* — que sem a estúpida confiança que depositara em si mesmo não teria deixado que o alçapão da armadilha caísse sobre ele (aquele alçapão que se fechou no momento exato em que se sentou diante de Smokey Updike, apesar de naquele momento ele não saber).

A dioneia é capaz de se fechar sobre os insetos infelizes que lhe caem nas garras. Com seu aroma delicioso e a suavidade cristalina e fatal de suas pétalas, a planta carnívora limita-se a esperar que algum inseto estúpido voe para dentro dela... O inseto acabará se afogando na água da chuva que a planta coleta. Em Oatley, em vez de água da chuva, a planta estava cheia de cerveja: esta era a única diferença.

Se tivesse corrido...

Mas ele não correu. Fez força para enfrentar os frios olhos castanhos de Smokey e achou que podia conseguir algum trabalho ali. Minette Banberry, proprietária e gerente do Golden Spoon, em Auburn, tinha simpatizado com ele. Chegara a lhe dar um abraço,

um beijo e três enormes sanduíches quando ele partiu, mas ele não era tolo. Simpatia e mesmo uma dose remota de afetividade não excluem um frio interesse em lucros nem uma ambição por ganhos maiores.

O salário mínimo em Nova York era de três dólares e quarenta centavos por hora. Em cumprimento de uma lei municipal, esta informação estava afixada na cozinha do Golden Spoon, num bonito quadrado de cartolina alaranjada, quase do tamanho de um pôster de filme. Mas o chefe da cozinha era um haitiano que mal falava inglês e parecia ter entrado ilegalmente no país. O sujeito cozinhava bem, nunca deixando que uma batata frita torrasse demais ou que um bife passasse do ponto. A garçonete que ajudava a sra. Banberry era bonita, mas participava de um programa de treinamento profissional para excepcionais. No caso dela, a tabela do sindicato também não se aplicava. Tímida e retardada, a mocinha confessou a Jack, com absoluta ingenuidade, que estava ganhando um dólar e 25 centavos *por hora*; e o dinheiro era *todo para ela*.

Jack ganhava um dólar e cinquenta centavos. Tinha negociado para conseguir esse valor, e sabia que só tinha conseguido isso porque o velho lavador de pratos fora embora naquela manhã — tinha saído no intervalo e não voltou mais. Se a sra. Banberry não estivesse enfrentando problemas graves na cozinha, jamais teria se deixado dobrar. “Pegue o dólar e 25, garoto, ou ponha o pé na estrada”, ela se limitaria a dizer. “Estamos num país livre.”

Agora, pensou ele com o desconhecido cinismo que começava a fazer parte de seu novo sentimento de autoconfiança, ali estava outra sra. Banberry. Dessa vez, numa versão masculina, um jeito esguio e musculoso em vez de gordo e maternal, a cara feia em vez dos sorrisos. Mas, sem dúvida, outra sra. Banberry em tudo o que havia de essencial.

— Procurando trabalho, é?

O homem de calça branca e gorro de papel pousara o charuto num velho cinzeiro de metal com a palavra CAMELS impressa no fundo. A mosca levantou voo.

— Sim senhor, mas como o senhor disse, isto é uma taberna e...

Uma espécie de mal-estar percorreu o corpo de Jack. Aqueles olhos castanhos e córneas amareladas começavam a perturbá-lo: era o olhar de um velho gato caçador, um gato que já pegara outros camundongos errantes antes dele.

— Sim, esta é a minha taberna — disse o homem. — Smokey Updike.

Ele estendeu a mão. Surpreso, Jack ofereceu a sua. E o aperto que sentiu foi imediato, cruel, atingindo quase o estágio da dor. Depois o aperto relaxou... mas Smokey não soltou a mão dele.

— E então? — disse Smokey.

— Hã? — Jack respondeu, consciente de que estava parecendo estúpido e assustado. E de fato se *sentia* estúpido e um tanto assustado. Queria que Updike largasse sua mão.

— Ninguém o ensinou a dizer o nome às pessoas?

A pergunta foi tão inesperada que Jack quase deixou escapar seu verdadeiro nome, em vez daquele que usou no Golden Spoon e que dava aos motoristas com quem pegava carona. Este nome, que ele estava começando a considerar seu “nome de estrada”, era Lewis Farren.

— Jack Saw... ah... Sawtelle — disse ele.

Updike prendeu-lhe mais um pouco a mão, os olhos castanhos imóveis. Por fim, deixou-a escapar.

— Jack Saw-ah-Sawtelle — disse Smokey. — Deve ser o nome mais comprido na porra da lista telefônica, hein, garoto?

Jack ficou vermelho, mas não disse nada.

— Você ainda é muito pequeno — disse Updike. — Acha que vai conseguir levantar uma barrica de 40 quilos e empurrá-la numa plataforma rolante?

— Acho que sim — disse Jack, sem saber se conseguiria ou não. De qualquer modo, a coisa não o deixou muito preocupado. Num lugar tão desolado quanto Oatley, as barricadas de uma taberna não se esvaziariam com grande rapidez.

Como se lesse seus pensamentos, Updike disse:

— Olhe, agora não há ninguém aqui. Mas temos um bom movimento lá pelas quatro, cinco horas. E nos fins de semana, isto enche até o teto. É nesses dias que vai trabalhar para ganhar seu dinheiro, Jack.

— Bem, eu não sei... — disse Jack. — De quanto é o salário?

— Um dólar por hora — respondeu Updike. — Seria bom se eu pudesse pagar um pouco melhor, mas...

O taberneiro sacudiu os ombros e bateu na pilha de faturas. Chegou até a esboçar um sorriso, como se dissesse: *Você sabe como é, garoto. Tudo em Oatley está parado. Como um relógio velho cujo dono se esqueceu de dar corda. Desde 1971, nada mais se movimenta.* Mas os olhos dele não sorriram. Os olhos vigiavam a expressão de Jack com a imóvel concentração de um gato diante de sua presa.

— Puxa, é mesmo muito pouco — disse Jack. Falava devagar, mas procurava pensar o mais depressa possível.

A Oatley Tap parecia uma tumba; não havia sequer um velho chocando uma cerveja no balcão e vendo *General Hospital* na tela de TV. Em Oatley, as pessoas bebiam num carro sem pneus que chamavam de “clube”. Um dólar e 50 por hora era um péssimo salário quando se tem de suar o dia inteiro lavando pratos; mas num lugar como Oatley, quem sabe a pasmaceira da freguesia não transformaria um dólar numa remuneração bastante razoável?

— Sem dúvida é pouco — Updike concordou, voltando à calculadora. A voz dele dizia que Jack podia pegar ou largar; não haveria negociação.

— Então acho que está bem — disse Jack.

— Ótimo — exclamou Updike. — Mas quero que você me explique um pequeno detalhe. De quem está fugindo? Quem anda atrás de você? — Os olhos castanhos tinham voltado ao rosto de Jack e pareciam perfurá-lo. — Se tem alguém te perseguindo, não quero que ele foda minha vida.

Isso não abalou muito a segurança de Jack. Talvez não fosse o garoto mais brilhante do mundo, mas era suficientemente esperto para saber que não conseguiria sobreviver com a mochila nas costas sem uma historinha apropriada para possíveis patrões. Era a história número dois: O Padrasto Malvado.

— Sou de uma pequena cidade do estado de Vermont — disse ele. — Fenderville. Minha mãe se divorciou do meu pai há dois anos. Papai quis ficar com a guarda, mas o juiz me entregou à minha mãe. Na maioria das vezes eles agem assim.

— E é a maior merda que fazem.

Smokey voltara às suas contas e estava tão curvado sobre a calculadora que o nariz quase encostava nas teclas. Mas Jack achava que ele estava prestando atenção mesmo assim.

— Bem, meu pai foi para Chicago e conseguiu trabalho numa fábrica de lá. Ele me escreve praticamente toda semana, mas desde que Aubrey lhe deu uma surra, nunca mais veio nos visitar. Aubrey é o...

— Seu padrasto — disse Updike, e por um breve momento os olhos de Jack se estreitaram e a sensação de mal-estar o atingiu de novo. Não havia solidariedade na voz do taberneiro. Updike parecia estar quase rindo dele, como se tivesse certeza de que toda a história não passava de uma grande trouxa de mentiras.

— Sim — disse Jack. — Minha mãe se casou de novo há um ano e meio. Meu padrasto me bate, me bate a toda hora...

— É uma história triste, Jack. Muito triste. — Updike voltou a erguer os olhos; havia neles uma sardônica expressão de descrença. — E agora está a caminho de Chicago, onde você e o papai poderão viver felizes para sempre.

— Bem, espero que sim — disse Jack e, tendo uma súbita inspiração, acrescentou: — Sem dúvida, meu pai *verdadeiro* nunca ia me pendurar pelo pescoço num gancho de armário.

Abaixou o colarinho da camiseta para Smokey ver a marca. Agora já estava meio desbotada, mas durante a temporada no Golden Spoon ainda estampava um feio e brilhante tom avermelhado, como marca de ferro em brasa. No Golden Spoon jamais tivera ocasião de exibi-la. Era, é claro, a marca deixada pela raiz que quase o estrangulara naquele outro mundo.

Ficou satisfeito vendo os olhos de Smokey Updike se arregalarem de espanto. Talvez tivesse conseguido chocá-lo. Smokey se debruçou sobre a mesa, espalhando algumas faturas alaranjadas e amarelas.

— *Jesus*, garoto! — exclamou. — Seu padrasto fez isto?

— Foi aí que eu decidi fugir.

— Você acha que ele pode aparecer por aqui? Você roubou o carro, a moto, a carteira de dinheiro ou as drogas dele?

Jack negou com um movimento de cabeça.

Smokey fitou-o por mais um instante e, então, apertou a tecla OFF da calculadora.

— Venha comigo dar uma olhada na despensa — disse ele.

— Para quê?

— Quero ver se consegue levantar um daqueles barris. Se for capaz de me trazer uma barrica de cerveja quando eu precisar, pode ter certeza de que o emprego é seu.

PARA A SATISFAÇÃO DE Smokey Updike, Jack se mostrou inteiramente capaz de pôr nas costas um dos grandes barris de alumínio e pousá-lo com suavidade na plataforma rolante. Esforçou-se para fingir que o fazia sem grande dificuldade (ninguém ia imaginar que no dia seguinte deixaria cair uma daquelas barricas, inundando a despensa de espuma).

— Tudo bem, não foi assim tão mau — disse Updike. — Você ainda não é grande o suficiente para o trabalho e não é impossível que acabe arranjando uma hérnia... Mas, de qualquer modo, a responsabilidade é sua.

Disse que Jack poderia começar ao meio-dia e trabalhar até uma hora da manhã (“Desde que aguento esse tempo todo, é claro.”). Jack seria pago diariamente, disse Updike, quando a taberna fechasse as portas. Em dinheiro vivo.

Voltaram ao salão e lá estava Lori, vestindo um short azul-marinho de basquete tão curto que a ponta da calcinha de raíom aparecia e uma blusa sem mangas, com toda a certeza comprada no Mammoth Mart, em Batavia. Prendedores de plástico puxavam num rabo-de-cavalo o cabelo louro e ralo. Lori fumava um Pall Mall, o filtro úmido, com marcas nítidas de batom. Um grande crucifixo de prata lhe pendia entre os seios.

— Este é Jack — disse Smokey. — Pode tirar da vitrine o cartaz para o auxiliar.

— Fuja, garoto — disse Lori. — Você ainda tem tempo.

— Feche a porra dessa boca.

— Me obrihue.

Updike deu-lhe um tapa nas nádegas, não de um modo carinhoso, mas com força suficiente para fazê-la bater na borda almofadada do balcão. Jack pestanejou. Lembrou-se do som do chicote de Osmond.

— Machão — disse Lori. Os olhos dela estavam marejados de lágrimas, mas pareciam contentes, como se tudo estivesse acontecendo conforme o programado.

O mal-estar inicial de Jack voltou a assaltá-lo. Dessa vez de forma mais nítida, mais intensa. Já era quase um sentimento de medo.

— Não nos deixe pegar no seu pé, garoto — disse Lori, passando perto dele para tirar a tabuleta da vitrine. — Você ficará bem.

— Ele se chama Jack, não *garoto* — Smokey disse. Voltara para o compartimento onde “entrevistara” Jack e começava a recolher as faturas. — Garoto é qualquer um. Não aprendeu isso na escola? Sirva dois hambúrgueres ao garoto. Ele tem que começar a trabalhar às quatro.

Lori removeu a plaqueta PROCURA-SE AUXILIAR da vitrine e guardou-a atrás da vitrola automática. Parecia já ter feito aquilo milhares de vezes. Passando outra vez por Jack, piscou o olho para ele.

O telefone tocou.

Todos se viraram para o aparelho, levando um susto com a campainha estridente. Para Jack, parecia uma lesma preta presa à parede. Um momento estranho, quase desprovido de tempo. Mas ele teve tempo de observar a palidez de Lori; a única coloração das faces vinha das marcas avermelhadas da acne de adolescente. Teve tempo de estudar os traços cruéis, um tanto dissimulados, do rosto de Smokey Updike e de ver como as veias saltavam nas mãos enormes. Teve tempo de ver o letreiro amarelado sobre o telefone: POR FAVOR, LIMITE SUAS CHAMADAS A TRÊS MINUTOS.

No silêncio, o telefone não parava de tocar.

Subitamente aterrorizado, Jack pensou: *É pra mim. Chamada interurbana... Chamada INTERURBANA.*

— Atenda ao telefone, Lori — disse Updike. — Você é burra?

Lori foi até o telefone.

— Oatley Tap — disse ela com uma voz fraca e trêmula. Esperou um instante. — Alô? Alô?... Oh, foda-se.

Bateu com o fone no gancho.

— Ninguém respondeu. Brincadeira de garotos. Às vezes ligam pra perguntar se temos vaselina líquida em lata. Como quer os hambúrgueres, garoto?

— *Jack!* — Updike rosnou.

— Jack, ok, ok, *Jack*. Como quer os hambúrgueres, Jack?

Jack explicou e ganhou dois hambúrgueres no ponto, cheios de mostarda escura e grandes rodela de cebola. Devorou-os num instante e bebeu um copo de leite. O sentimento de mal-estar diminuiu na mesma medida da fome. Brincadeira de garotos, Lori dissera. Mesmo assim, de vez em quando, os olhos dele deslizavam para o telefone. Estava meio intrigado.

5

LOGO ERAM QUATRO horas e, como se a total desolação da taberna fosse apenas uma encenação armada para atraí-lo (como as plantas carnívoras atraem os insetos com sua aparência inocente e cheiro agradável), a porta se abriu e uma dúzia de homens com macacões de trabalho entraram com ar animado. Lori ligou as tomadas da vitrola automática, da máquina de fliperama e do jogo dos Space Invaders. Alguns dos homens berraram cumprimentos para Smokey. Ele deixou escapar um sorriso estreito, expondo a grande fileira de dentes postiços.

A maioria pediu cerveja. Dois ou três pediram Black Russians. Apenas um (membro do Clube dos Amigos da Esquina, Jack tinha quase certeza) pôs duas moedas na vitrola automática, convocando as vozes de Mickey Gilley, Eddie Rabbit, Waylon Jennings e outros. Smokey mandou que Jack pegasse um pano de chão, um balde e o rodo dentro da despensa e desse uma boa esfregada na pista de

dança. Defronte à pista de dança havia um tablado, que, deserto, esperava pela noite de sexta-feira, pelos The Genny Valley Boys. Smokey também mandou que Jack, depois que terminasse, desse um polimento.

— Quando enxergar seus dentes se arreganhando para você, pode ter certeza de que o trabalho está bem-feito.

6

E FOI ASSIM que Jack começou a trabalhar na Updike's Oatley Tap.

Temos um bom movimento lá pelas quatro, cinco horas.

Bem, não seria justo dizer que Smokey mentira. Até o momento em que Jack acabou os hambúrgueres e começou o horário de trabalho, a taberna estava deserta. Lá pelas seis horas, porém, já havia umas cinquenta pessoas no salão e Gloria, uma forte garçonne, começou seu turno de serviço aos berros e urros de alegria de alguns clientes. Gloria juntou-se a Lori, servindo garrafas de vinho, um bom número de Black Russians e oceanos de cerveja.

Além das barricas de Busch, Jack tinha de buscar caixas e caixas de cerveja em garrafa: Budweiser, é claro, mas também cervejas da região, como Genesee, Utica Club e Rolling Rock. Suas mãos começaram a se cobrir de bolhas, as costas a doer.

Entre idas à despensa em busca de engradados de cerveja e idas à despensa em obediência a “Traga-me uma barrica, Jack” (uma frase diante da qual já começava a sentir um temor instantâneo), Jack Sawyer voltava à pista de dança com o balde e o esfregão e o desinfetante. Certa vez, uma garrafa vazia de cerveja passou raspando pela sua cabeça, errando o alvo por um ou 2 centímetros. Ele se abaixou depressa, o coração saltando pela

boca, e a garrafa se espatifou na parede. Smokey, a dentadura aberta num grande e falso sorriso de jacaré, expulsou da taberna o bêbado que estava criando problemas. Olhando pela vitrine, Jack viu o bêbado bater num parquímetro com força suficiente para fazer a bandeira vermelha se levantar.

— Venha cá, Jack! — Smokey gritou impaciente do balcão. — Ele quase o acertou, não é? Limpe essa sujeira!

Meia hora depois, Smokey mandou-o limpar o banheiro dos homens. Um sujeito de meia-idade, com cabelo muito curto e parecendo um pouco tonto, urinava com uma das mãos apoiada na parede e a outra brandindo um enorme pênis não-circuncidado. Uma poça de vômito avançava entre o couro de suas botas.

— Limpe isso aí, garoto — disse o homem, tentando cambalear para fora do banheiro e dando um tapinha nas costas de Jack que quase o derrubou no chão. — Precisamos fazer espaço pra mais do jeito que dá, certo?

Jack conseguiu esperar que o homem saísse, mas logo depois perdeu o controle da goela.

Vomitou na única privada do banheiro, onde teve de enfrentar o cheiro penetrante, intenso, das fezes de um freguês. Vomitou tudo o que comera à tarde, respirou fundo e vomitou de novo. Com a mão trêmula, procurou o botão da descarga e apertou-o. Do outro lado da parede, Waylon e Willie atacavam na vitrola automática uma monótona canção sobre Luckenbach, Texas.

De repente, viu o rosto de sua mãe na frente dele, mais bonito do que em qualquer filme — olhos grandes, escuros e tristes. Viu-a sozinha na suíte do Alhambra, o cigarro ardendo num cinzeiro. Estava chorando. Chorando por sua causa.

O coração martelou com muita força no peito de Jack e ele achou que ia morrer de saudades. Quis voltar para perto da mãe, para uma vida onde não existiam coisas emboscadas em túneis, mulheres que gostavam de ser esbofeteadas, homens que vomitavam entre as botas enquanto urinavam. Quis estar junto dela

e odiou Speedy Parker com todas as suas forças. Fora Speedy quem o fizera seguir aqueles terríveis caminhos do oeste.

Naquele momento, tudo o que ainda lhe restava de autoconfiança ruiu por terra. Ruiu de vez, de forma radical, integral. Todo o seu pensamento racional foi substituído por uma profunda, elementar, lamuriosa, infantil vontade de gritar: *Quero minha mãe! Por favor, Deus, eu quero minha MÃE!...*

Saiu do banheiro tremendo, as pernas bambas, pensando: *Fique você com esta poça de merda, Speedy, porque eu vou voltar pra casa! Mesmo que esta casa tenha de ser o Alhambra!* Naquele momento, não se preocupou mais em saber se a mãe estava morrendo. Naquele momento de dor inarticulada, tornou-se integralmente o Jack de Jack, tão instintivo quanto um animalzinho medroso: um cervo, um coelho, um esquilo, uma doninha, que qualquer carnívoro pode pegar. Naquele momento pouco se importou que a mãe morresse daquele câncer que devia estar se expandindo vorazmente do interior de seus pulmões. Só queria que ela o abraçasse, o beijasse, lhe desse boa-noite na hora de dormir, dissesse para ele não esquecer o rádio ligado na mesa-de-cabeceira nem passar metade da noite lendo com a lanterna debaixo das cobertas.

Apoiou-se na parede e, aos poucos, foi recuperando o controle. A retomada de ânimo não foi uma coisa consciente, mas uma simples reviravolta mental, algo herdado de Phil Sawyer e Lily Cavanaugh. Tinha cometido um erro, um grande erro, sim, mas já não estava disposto a voltar. Os Territórios eram reais e, portanto, o talismã também podia ser real. Não ia matar sua mãe por causa de um momento de fraqueza!

Encheu um balde d'água quente na torneira da despensa e foi limpar o banheiro.

Quando voltou ao salão, eram dez e meia da noite e a multidão de frequentadores tinha começado a se dispersar. Oatley era uma

cidade onde havia algumas fábricas, e nos dias de semana aqueles trabalhadores bebedores iam cedo para casa.

— Você está pálido como massa de pastel, Jack — disse Lori.
— Está sentindo alguma coisa?

— Será que eu podia tomar um gingerale? — ele perguntou.

Lori trouxe o refrigerante e Jack bebeu-o passando um pano de chão no assoalho. Às 23h45, Smokey mandou que ele fosse até a despensa “pegar uma barrica”. Jack trouxe a barrica com muita dificuldade. Às 00h45, Smokey começou a gritar para que as pessoas terminassem suas bebidas. Lori desligou a vitrola automática (a voz de Dick Curless se dissipou num longo, tortuoso gemido). Ainda havia alguns fregueses que deixaram escapar débeis exclamações de protesto. Gloria desligou os jogos, vestiu um suéter (tinha a mesma cor rosada dos drops de hortelã que Smokey estava sempre chupando, a mesma cor das gengivas de sua dentadura postiça) e foi embora. Smokey começou a apagar as luzes e a convencer os últimos quatro ou cinco bebedores a saírem.

— Tudo bem, Jack — disse ele quando os homens se foram.
— Você trabalhou direitinho. Ainda pode melhorar, mas para começar está bom. Pode dormir na despensa.

Em vez de pedir seu pagamento (que Smokey, aliás, não ofereceu), Jack cambaleou para a despensa, tão cansado que parecia uma versão em tamanho ligeiramente menor dos últimos bêbados a abandonar o salão.

Na despensa, viu Lori de cócoras num canto. A posição fazia o short de basquete descer a um ponto quase alarmante. Por um instante, teve medo que ela estivesse mexendo em sua mochila. Então reparou que ela apenas estendia dois cobertores sobre um amontoado de sacos de estopa. Pusera também um pequeno travesseiro de cetim ao lado dos cobertores. O travesseiro tinha alguns dizeres: FEIRA MUNDIAL DE NOVA YORK.

— Achei melhor fazer uma cama para você, garoto — disse ela.

— Obrigado — Jack respondeu. Fora um simples, quase involuntário ato de gentileza, mas Jack chegou a ter dificuldade para conter as lágrimas. Repuxando os lábios, forçou um sorriso. — Muito obrigado mesmo, Lori.

— Não se preocupe. Ficará bem instalado aqui, Jack. Smokey não é assim tão mau. Quando passar a conhecê-lo melhor, vai ver que tenho razão.

Falara com uma certa tristeza e ansiedade, como se estivesse fazendo força para acreditar no que dizia.

— Acho que sim — disse Jack, e então, num impulso, acrescentou: — Mas vou-me embora amanhã. Acho que não me adaptei muito bem a Oatley.

— Talvez vá, Jack... — disse ela. — Ou talvez decida ficar mais um pouco. Por que não decide quando acordar?

Havia alguma coisa forçada e artificial nesse pequeno discurso. Não tinha nada de genuíno como seu sorriso quando ela lhe disse: *Achei melhor fazer uma cama para você*. Jack não deixou de observar isso, mas estava cansado demais para refletir sobre o assunto.

— Bem, veremos — disse ele.

— É claro que sim — Lori concordou, caminhando para a porta. Antes de sair, atirou-lhe um beijo com a palma encardida da mão. — Durma bem, Jack.

— Boa noite.

Ele começou a tirar a camisa... mas parou pelo meio, achando que era melhor tirar apenas o tênis. A despensa era fria e úmida. Sentou-se na cama improvisada, desamarrou os cordões, tirou primeiro um pé, depois o outro.

Estava prestes a deitar no travesseiro da Feira Mundial de Nova York de Lori (e talvez conseguisse adormecer antes que sua cabeça afundasse nele) quando o telefone começou a tocar no salão, rompendo o silêncio, *arrebentando-o*, fazendo-o pensar em raízes viscosas, chicotes e pôneis de duas cabeças.

Ring, ring, ring no meio do silêncio, no meio do silêncio mortal.

Ring, ring, ring, muito tempo depois dos garotos que podiam passar um trote perguntando se tinham vaselina líquida em lata terem ido dormir. *Ring, ring, ring. Alô, Jacky aqui é Morgan e pressenti que você estava no meu bosque, seu merdinha. FAREJEI-O no MEU bosque, e como pôde acreditar que estaria seguro em seu mundo? Meus bosques também estão aí. Esta é sua última chance, Jacky. Volte pra casa ou nossas tropas irão atrás de você. Você ficará sem saída, Jacky. Você ficará...*

Jack se levantou e, de meias, atravessou correndo a despensa. Uma fina camada de suor, fria como gelo, parecia lhe envolver o corpo inteiro.

Abriu uma fresta da porta.

Ring, ring, ring, ring.

Então, finalmente:

— Alô? Oatley Tap. E é melhor que isto não seja brincadeira.

— Era a voz de Smokey. Uma pausa. — Alô? — Outra pausa. — Por que não vai se *foder*?!

Smokey bateu com o fone no gancho e Jack ouviu-o atravessar a porta interna do salão e subir os degraus para os pequenos aposentos que ocupava com Lori no andar de cima.

SEM ACREDITAR NO que via, Jack correu os olhos da folha verde de papel em sua mão esquerda para a pequena pilha de notas, todas de um dólar, e moedas à direita dele. Eram 11 horas da manhã seguinte. Manhã de quinta-feira, quando ele reclamara o pagamento.

— O que é isto? — perguntou, ainda incapaz de crer no que via.

— Você sabe ler — disse Smokey — e também sabe contar. Não é tão ligeiro quanto eu gostaria que fosse, Jack, pelo menos ainda não, mas parece bastante esperto.

Jack segurava a folha verde de papel numa das mãos e o dinheiro na outra. Uma raiva surda começava a lhe pulsar como uma veia no meio da testa. DESPESAS, dizia a folha verde. Era exatamente o mesmo modelo que a sra. Banberry usara no Golden Spoon. Enumerava:

1 hambúrguer	\$ 1.35
1 hambúrguer	\$ 1.35
1 copo grande de leite	\$ 0.55
1 ginger ale	\$ 0.55
Serviço	\$0.30

Embaixo de tudo, a cifra \$ 4.10 fora escrita em grandes algarismos e circundada por um risco à tinta. Jack ganhara nove dólares por seu turno de quatro da tarde à uma da manhã. Smokey reembolsara quase a metade; na mão direita de Jack Sawyer restavam apenas 4,90 dólares.

Ele levantou os olhos, furioso. Primeiro para Lori, que desviou a cabeça como se estivesse ligeiramente constrangida, depois para Smokey, que nem piscou.

— É um roubo — disse com voz trêmula.

— Jack, não é verdade. Dê uma olhada nos preços do cardápio...

— O senhor sabe muito bem que não é isso o que estou querendo dizer!

Lori contraiu um pouco o rosto, como se esperasse que Smokey desse uma bofetada nele... Mas o taberneiro limitou-se a encarar Jack com uma espécie de assustadora paciência.

— Não cobreí a cama em que dormiu, *cobreí*?

— Cama! — Jack gritou, sentindo a fervura do sangue subir-lhe à cabeça. — Chama aquilo de *cama*?! Sacos de estopa sobre um chão de cimento? Chama aquilo de *cama*?! Queria ver se teria coragem de me cobrar por aquela coisa, seu *ladrão* sujo!

Lori deu um gemido de medo e dirigiu um olhar a Smokey... Mas Smokey limitou-se a encarar Jack do outro lado do compartimento, a densa fumaça azul de um charuto rodopiando no ar. Um novo gorro de papel caía sobre a cabeça estreita de Smokey.

— Você me perguntou se podia dormir na despensa — disse Smokey. — Perguntou se era parte do trabalho. Eu respondi que sim. Mas esquecemos de conversar sobre suas refeições. Se o problema tivesse sido levantado na hora, talvez pudéssemos ter dado um jeito... Ou talvez não. O fato é que você não falou sobre isso, e agora tem que aceitar.

Jack estremeceu, e lágrimas de raiva ondularam em seus olhos. Tentou dizer mais alguma coisa, mas só conseguiu extrair da garganta um gemido estrangulado. Estava, literalmente, furioso demais para conseguir falar.

— Mas se quiser falar sobre desconto nas refeições para empregados agora...

— Vá para o *inferno*! — Jack conseguiu enfim articular, pegando as quatro notas e as parcas moedas. — Ensine ao próximo otário que passar por aqui como negociar um salário com você! Eu vou *embora*!

Cruzou o salão em direção à porta mas, apesar da ira, sabia muito bem (não apenas desconfiava, mas sabia *muito bem*) que não chegaria à calçada.

— Jack.

Jack pôs a mão na maçaneta e pensou em agarrá-la e girá-la com força. Mas o tom de ameaça que envolveu a voz de Smokey não podia ser desprezado. Jack baixou a mão, deu meia-volta e a raiva começou a se dissipar. Teve a sensação de que seu corpo se

encolhera um pouco e envelhecera. Lori fora para trás do balcão, onde começou a varrer e murmurar uma canção. Devia ter concluído que Smokey não ia destroçar Jack com os punhos, e já que nada mais importava, estava tudo bem.

— Você não vai querer me deixar na mão com a multidão do final de semana prestes a chegar.

— Quero ir embora. O senhor me roubou.

— Nada disso — disse Smokey. — Já lhe expliquei o que houve. Você é que não soube deixar as coisas em pratos limpos. Agora, se quiser, podemos discutir sobre as refeições. Cinquenta por cento pela comida, quem sabe, e talvez até refrigerantes de graça. Nunca fui tão compreensivo com os rapazes que contrato de vez em quando, mas este fim de semana vai ser especialmente cabeludo, com todos os trabalhadores temporários contratados para colher maçãs. Sabe, Jack, eu *gosto* de você. Por isso é que não o esmurrei quando levantou a voz para mim, embora devesse ter feito isso. Mas preciso que fique, ao menos até domingo.

Jack sentiu a raiva subir-lhe rapidamente à cabeça e depois se extinguir outra vez.

— E se eu preferir ir embora já? — disse ele. — Pelo menos tenho cinco dólares no bolso. E sair desta cidadezinha nojenta ia me fazer muito bem.

Encarando Jack, ainda repuxando o sorriso estreito, Smokey falou:

— Lembra-se de ontem à noite, quando foi ao banheiro dos homens limpar a imundície de um sujeito que pôs as tripas pelas goelas?

Jack balançou a cabeça.

— Lembra-se dele?

— Tinha cabelo curto. Usava calça cáqui. Sei lá!

— Chamam-no Coveiro Atwell. Seu verdadeiro nome é Carlton Atwell, mas como ele passou dez anos cuidando dos cemitérios da cidade, todos o chamam de Coveiro. Isso foi... Oh, há vinte ou trinta

anos. Depois, na época em que Nixon foi eleito presidente, ele passou a fazer parte da força policial de Oatley. Agora é o nosso chefe de polícia.

Smokey pôs o charuto na boca, soltou uma baforada e voltou-se de novo para Jack.

— Eu e o Coveiro Atwell somos muito amigos — disse Smokey. — E se sair agora por aquela porta, Jack, será impossível jurar que não vai ter problemas com a polícia. Pode acabar sendo mandado à força para casa. Pode acabar sendo obrigado a colher maçãs nas chácaras da cidade. Oh, algumas delas têm 40 acres de árvores carregadinhas... Pode acabar também levando uma surra. Rapaz, o velho Coveiro tem uma predileção toda especial por crianças que encontra vadiando na estrada. Principalmente pelos garotos.

Jack se lembrou daquele pênis do tamanho de um cassetete. Sentiu náusea e frio por dentro.

— Aqui, em certo sentido, você está sob minha proteção — disse Smokey. — Mas, depois de cruzar aquela porta, só Deus sabe o que pode acontecer. O Coveiro é capaz de estar fazendo uma ronda pelo quarteirão, não é? Sem dúvida há uma possibilidade de que consiga chegar são e salvo aos limites da cidade. Mas é muito mais provável que o Coveiro encoste aquele Plymouth enorme que ele dirige do seu lado... O Coveiro Atwell não é particularmente inteligente, mas tem um faro de fazer inveja a qualquer um. Além do mais, alguém pode lhe dar um telefonema...

Atrás do balcão, Lori acabou de lavar os pratos. Enxugou as mãos numa toalha, ligou o rádio e começou a acompanhar em voz alta uma velha canção de Steppenwolf.

— Vou dizer uma coisa — falou Smokey. — É melhor ficar aqui, Jack. Trabalhe direitinho no fim de semana. Depois eu mesmo coloco você na minha picape e o tiro da cidade. Estamos combinados? Pode ir embora domingo ao meio-dia. E vai sair com quase 30 dólares no bolso! Um dinheiro que não tinha quando

entrou aqui. Quando tiver tempo de pensar com mais calma, vai descobrir que Oatley não é um lugar assim tão ruim. Então? O que me diz da ideia?

Jack encarou aqueles olhos castanhos. Observou o amarelado das córneas e algumas pintas vermelhas. Inspeccionou o sorriso largo de Smokey, repleto de dentes falsos. Chegou a notar, com uma estranha e apavorante sensação de *déjà vu*, que uma mosca passeava calmamente no gorro de papel de mestre-cuca, limpando e alisando patinhas finas como fios de cabelo.

Desconfiou que Smokey *sabia* que *ele* sabia que tudo que Smokey Updike dissera não passava da mais deslavada mentira. Mas isso não o preocupou. Após trabalhar até sábado de manhã, e depois até domingo de manhã, ia dormir pelo menos até as duas da tarde. Smokey ia dizer que não poderia tirá-lo da cidade porque ele acordara tarde. Estaria muito ocupado vendo pela TV um jogo entre os Colts e os Patriots. E Jack estaria não apenas cansado demais para andar, mas morrendo de medo que Smokey, perdendo subitamente o interesse pela partida, resolvesse dar um telefonema para seu bom amigo Coveiro Atwell. Poderia dizer, por exemplo:

— Ele está descendo a Mill Road agora, meu velho! Por que não aproveita a oportunidade? Depois dê uma passada por aqui. Podemos ver juntos o segundo tempo. A cerveja fica por minha conta, é claro! Mas não vá vomitar no meu banheiro antes de me devolver o garoto, está bem?

Essa seria uma das possibilidades. Podia pensar em outras, cada uma um pouco diferente, mas todas com o mesmo pano de fundo.

O sorriso de Smokey Updike se alargou.

Capítulo Dez

Elroy

1

QUANDO EU TINHA seis...

A taberna, que a essas horas já começara a perder o fôlego nas duas noites anteriores, continuava rugindo como se toda a clientela quisesse saudar o amanhecer. Jack viu que duas mesas tinham desaparecido, vítimas da briga que irrompera pouco antes de

sua última expedição ao banheiro. Agora, no lugar das mesas, as pessoas dançavam.

— Já era hora — disse Smokey quando Jack passou em ziguezague para o lado de dentro do balcão e pousou o engradado de cerveja perto do grande refrigerador. — Arrume isto aí e vá apanhar a caixa de Bud. A porra da Bud devia ter vindo primeiro.

— Lori disse...

Uma dor ardente, abrasadora, explodiu no pé de Jack quando Smokey lhe pisou no tênis. O garoto soltou um grito abafado e sentiu as lágrimas lhe enchendo os olhos.

— Cale a boca — disse Smokey. — Lori não sabe merda nenhuma e você é suficientemente esperto para já ter desconfiado disso. Volte e me traga correndo uma caixa de Bud.

Ele voltou à despensa, mancando com o pé que Smokey pisara, achando que os ossos de algum dedo deviam estar quebrados. Parecia ser bem possível. Sua cabeça transbordava de fumaça, de barulho e do ritmo forte e sincopado dos The Genny Valley Boys (dois deles já visivelmente cambaleando). Mas um pensamento despontou com nitidez: talvez não fosse possível esperar até o fechamento da taberna. Talvez não conseguisse aguentar tanto tempo. Se Oatley era uma prisão e a Oatley Tap era a cela dele, não havia dúvida de que a exaustão seria sua carcereira, tanto quanto Smokey Updike — talvez até mais.

Apesar dos temores sobre como poderiam ser os Territórios naquele lugar, o suco mágico começava a lhe parecer a única esperança de salvação. Podia tomar um gole e atravessar... Depois de caminhar um ou 2 quilômetros nos Territórios, três no máximo, podia beber um pouco mais e num instante estaria de volta aos Estados Unidos, mas bem longe daquele lugarzinho horroroso, talvez bem mais para o oeste, nos arredores de Bushville ou mesmo Pembroke.

Quando eu tinha seis, quando Jack-O tinha seis, quando...

Pegou o engradado da Bud e oscilou de novo pela porta aberta... Mas o caubói alto e magro, de mãos enormes, aquele parecido com Randolph Scott, estava ali de pé, os olhos cravados nele.

— Oi, Jack — disse o homem, e Jack viu com crescente terror que as pupilas daqueles olhos eram amarelas como pés de galinha. — Ninguém falou para você ir embora? Você não ouve muito bem, ouve?

Jack parou com a caixa de cerveja apoiada nos braços, sempre fitando os olhos amarelos. E de repente uma ideia horripilante bateu em sua cabeça: fora *e/le* a coisa emboscada no túnel, fora aquele homem-coisa com seus olhos amarelos mortos.

— Deixe-me em paz — disse Jack. As palavras saíram num sussurro abafado.

O homem foi se aproximando.

— Você tinha que *sumir*.

Jack procurou recuar... mas agora já estava contra a parede, e quando o caubói que parecia Randolph Scott se inclinou em sua direção, Jack Sawyer pôde sentir cheiro de carne crua no hálito dele.

2

NA QUINTA-FEIRA, entre o meio-dia, quando Jack começou a trabalhar, e às quatro da tarde, quando a habitual multidão que frequentava a taberna começou a chegar, o telefone público com a tabuleta POR FAVOR LIMITE SUAS CHAMADAS A TRÊS MINUTOS tocou duas vezes.

Da primeira vez, Jack não sentiu qualquer espécie de medo. Era apenas uma senhora pedindo contribuições para instituições de caridade.

Duas horas mais tarde, quando Jack estava arrumando as últimas garrafas da noite anterior, o telefone voltou a tocar com enorme estridência. Dessa vez ele esticou a cabeça como um animal que sente cheiro de fogo numa floresta seca... Só que não era uma sensação de fogo, mas de gelo. Virou-se para o aparelho, a apenas um metro do ponto onde se encontrava, e ouviu os tendões do pescoço estalarem. Achava que veria o telefone coberto de gelo, gelo que escorria pela caixa de plástico negro, vazava pelos buracos do fone em linhas azuladas, finas como pontas de lápis. Gelo que se insinuava como pequenas barbatanas entre os números do disco, se introduzia furtivamente na tampinha por onde eram devolvidas as moedas.

Mas era apenas um telefone comum. A sensação de frio e morte devia estar dentro dele.

Mesmo assim, como se estivesse hipnotizado, não tirava os olhos do aparelho.

— Jack! — Smokey gritou. — Atenda esse maldito telefone! Pra que estou lhe pagando, porra?!

Jack olhou para Smokey, desesperado como um animal acuado... Mas Smokey o encarou com lábios apertados e uma expressão de paciência esgotada como a que lhe cobria o rosto quando se dispunha a dar uma bofetada em Lori. Jack começou a se aproximar do aparelho, quase inconsciente do movimento dos próprios pés. Avançava cada vez mais na direção daquela cápsula de gelo, um calafrio lhe percorrendo os braços, sentindo a umidade no nariz.

Estendeu o braço e agarrou o fone. Suas mãos ficaram dormentes.

Pôs o fone no ouvido. O ouvido ficou dormente.

— Oatley Tap — disse para a terrível escuridão, e sua boca ficou dormente.

A voz que escapou do fone era o grasnido seco e rascante de alguma coisa há muito tempo morta, uma criatura que jamais poderia ser vista pelos vivos. A visão levaria a pessoa à insanidade ou à morte, uma morte com gelo nos lábios e olhos cegos, arregalados de cataratas de neve.

— *Jack* — a voz escabrosa e rangente soprou pelo fone. O rosto de Jack ficou dormente, como se ele tivesse acabado de sair da cadeira do dentista depois dele ter exagerado na anestesia. — *Volte para casa, Jack.*

De muito longe, uma distância de anos-luz, ele teve a impressão de ouvir sua própria voz se repetindo:

— Oatley Tap. Quem fala? Alô... Alô...

Tudo frio, muito frio.

A garganta estava dormente. Respirou fundo e os pulmões pareceram congelar. Logo as veias do coração ficariam congeladas e ele cairia morto.

A voz gélida murmurou:

— *Coisas muito ruins podem acontecer a um garoto que viaja sozinho, Jack. Pode perguntar a quem quiser.*

Num gesto trôpego e veloz, bateu com o fone no gancho. Puxou rapidamente a mão e ficou parado, fitando o aparelho.

— Era aquele babaca, Jack? — Lori perguntou, e a voz dela era distante... mas um pouco mais próxima que sua própria voz alguns momentos atrás. O mundo ia voltando ao lugar. Podia ver no fone, esboçada contra uma brilhante superfície coberta de gelo, a marca de sua mão. Mas o gelo já começava a derreter pelo plástico negro.

FOI NAQUELA NOITE, a noite de quinta-feira, que Jack viu pela primeira vez o sócio de Randolph Scott no condado de Genny. A multidão era um pouco menor que na noite anterior, clientela típica de véspera de pagamento. Mesmo assim, havia gente suficiente para ocupar todo o balcão e se espalhar pelas mesas e compartimentos.

Era gente de uma área rural onde provavelmente os arados já estavam enferrujados, esquecidos em velhos galpões; eram homens que talvez quisessem ser fazendeiros, mas não sabiam como fazer isso. Havia muitos bonés da John Deere, mas Jack achava que a maioria jamais tinha se aproximado de um trator. Usavam calças de brim: cinza, marrons ou verdes, e tinham seus nomes estampados em camisas azuis com letras douradas. Usavam botas Dingo com frente quadrada ou sapatos de sola de borracha. Carregavam os chaveiros nos cintos e suas rugas não eram sulcos provocados por risos frequentes: as bocas pareciam tristes.

Aqueles homens usavam chapéu de caubói, e quando Jack contemplou da extremidade do balcão uma fileira de oito beberões, achou que todos se pareciam com Charlie Daniels dos anúncios de tabaco para mascar. Mas eles não mascavam tabaco; eles fumavam cigarros, e muitos.

Jack limpava o vidro da vitrola automática quando o Coveiro Atwell entrou. A vitrola estava desligada porque um jogo dos Yankees na TV atraía a atenção de todos. Na noite passada, Atwell usara a versão masculina de roupa esporte predominante em Oatley: calça de brim, camisa cáqui com um monte de canetas num dos grandes bolsos e botas de couro com ponteiros de metal. Agora vestia um uniforme azul da polícia. Uma grande pistola com cabo de madeira pendia de um coldre num rangente cinto de couro.

Olhou para Jack, que se lembrou das palavras de Smokey: *Rapaz, o velho Coveiro tem uma predileção toda especial por*

crianças que encontra vadiando na estrada. Principalmente pelos garotos.

A lembrança fez Jack Sawyer se encolher, como se fosse culpado de algum crime. O Coveiro Atwell abriu um sorriso largo, vagaroso.

— Então decidiu ficar algum tempo em Oatley, rapaz?

— Sim, senhor — Jack murmurou, esfregando com mais força o vidro da vitrola, embora fosse impossível deixá-lo mais reluzente.

Esperou que Atwell se afastasse. Jack virou-se a tempo de ver o forte policial sentar-se num banco defronte à TV. E foi então que um outro sujeito virou a cabeça.

Randolph Scott, Jack pensou de imediato. *É a cara de Randolph Scott.*

Mas, apesar do aspecto vago e cínico de seu rosto, o verdadeiro Randolph Scott tinha um inegável ar de heroísmo; e mesmo que alguns traços de suas feições fossem duros, era um homem capaz de sorrir. A face que Jack via no balcão parecia ao mesmo tempo entediada e enlouquecida.

E com um medo real, Jack percebeu que o homem estava olhando para ele, para *Jack*. Não tinha virado casualmente a cabeça durante o comercial para ver se havia algum conhecido na taberna. Tinha virado a cabeça para olhar para Jack. Jack teve certeza disso.

O telefone. O telefone tocando.

Com um esforço sobre-humano, Jack desviou o olhar. Mas defrontou-se com o vidro reluzente da vitrola automática, onde seu próprio rosto, como um fantasma assustado, pairava sobre os escaninhos de fitas.

O telefone começou a tocar.

O homem na ponta esquerda do balcão deu uma espiada no aparelho... e tornou a se virar para Jack, que congelara ao lado da vitrola com um vidro de limpa-vidros numa das mãos, a flanela na outra e o cabelo arrepiado, a pele congelando.

— Se for aquele babaca de novo, vou comprar um apito bem forte para soprar no fone, Smokey — Lori dizia enquanto se aproximava do aparelho. — Juro por Deus.

Parecia uma atriz numa peça, e todos os fregueses não passavam de figurantes recebendo o cachê de 35 dólares por dia, conforme a tabela do sindicato. Os únicos personagens reais eram Jack e aquele temível caubói de mãos enormes e olhos que não podiam ser... inteiramente... vistos.

De repente, de forma brutal, o caubói esboçou algumas palavras: *Volte para casa*. E piscou o olho.

O telefone parou de tocar assim que Lori estendeu o braço para pegá-lo.

Randolph Scott olhou em volta, esvaziou o copo e gritou:

— Mais uma espumosa, está bem?

— Maldição! — disse Lori. — Acho que esse telefone está mal-assombrado!

4

MAIS TARDE, NA despensa, Jack perguntou a Lori quem era o sujeito parecido com Randolph Scott.

— Parecido com *quem*? — ela exclamou.

— Um velho ator de filmes de faroeste. Estava sentado na ponta do balcão.

Ela sacudiu os ombros.

— Para mim, Jack, todos têm a mesma cara. Um punhado de gente querendo se divertir um pouco. Nas noites de quinta, costumam pagar com o dinheiro do bingo da mulher.

— “Mais uma espumosa”, foi assim que ele pediu a cerveja.

Os olhos de Lori se acenderam.

— Ah, sim! Ele. Tem cara de mau.

Disse aquilo como se fosse um elogio, uma apreciação positiva sobre o traçado de um nariz ou a brancura de um sorriso.

— Quem é?

— Não sei como se chama — disse Lori. — Apareceu aqui pela primeira vez há uma ou duas semanas. O moinho deve estar de novo empregando gente. Esteve...

— *Pelo amor de Deus, Jack! Não mandei você me trazer um barril?*

Jack conversava com Lori tentando acomodar na plataforma rolante um dos grandes barris de cerveja Busch. Como o barril era quase mais pesado que ele, aquele ato exigia uma boa dose de equilíbrio e atenção. Quando Smokey berrou do umbral da porta, Lori gritou de susto e Jack oscilou, perdendo inteiramente o controle do barril. O barril caiu de lado e rolou, a tampa saltando como uma rolha de champanhe, a cerveja pulando num jato branco e dourado. Smokey continuava berrando, mas Jack não conseguia mais tirar os olhos da cerveja. Ficou petrificado... até que Smokey arremeteu contra ele.

Vinte minutos depois, quando Jack voltou ao salão, segurando um lenço de papel sobre o nariz inchado, Randolph Scott já tinha ido embora.

EU TENHO SEIS.

John Benjamin Sawyer tem seis.

Seis...

Jack sacudiu a cabeça tentando afastar aquele pensamento incessante, repetitivo enquanto o alto e magro trabalhador do moinho que não era trabalhador do moinho se aproximava cada vez mais. Os olhos do homem... amarelos e um tanto escamosos. Ele — *a coisa* — tinha piscado. Uma piscadela rápida, leitosa, oscilante. Jack notou estranhas membranas sobre o globo ocular.

— Você tinha que *sumir* — a coisa tinha murmurado de novo antes de avançar para Jack com mãos que começavam a se retorcer, a se tornar metálicas, perigosas.

A porta se abriu com estrondo, deixando entrar uma áspera enchente de som da vitrola automática. Smokey apareceu atrás de Randolph Scott.

— Jack, se não parar de andar com a cabeça nas nuvens, vou lhe dar uma lição que nunca mais vai esquecer.

Scott recuou um passo. Agora as mãos não estavam mais se transformando em cascos metálicos, eram apenas mãos... grandes e fortes, permeadas de uma cordilheira de veias salientes. Houve mais uma piscadela, leitosa e rodopiante, mas que, estranhamente, não exigiu qualquer movimento de pálpebra. E de súbito os olhos do homem não estavam mais amarelos, porém ligeiramente azuis. Scott lançou a Jack um último olhar e continuou seu caminho para o banheiro.

Smokey se aproximou, o gorro de papel caído sobre a testa, a cabeça de fuinha um tanto inclinada, os lábios se abrindo para revelar dentes de jacaré.

— Não vou mais repetir o que eu disse — Smokey gritou. — É o último aviso que estou lhe dando. E pode ter certeza de que estou falando sério!

Como acontecera quando teve de enfrentar Osmond, a fúria de Jack veio bruscamente à tona. Esse tipo de raiva, sempre relacionada ao sentimento de estar sendo vítima de terrível injustiça, jamais é tão forte quanto aos 12 anos. Às vezes universitários acham que sentem a mesma ira, mas não é bem assim; geralmente

o que sentem é pouco mais que uma espécie de ressonância intelectual.

Desta vez, a explosão foi incontrolável.

— Não sou seu cachorro, portanto não me trate assim — disse Jack, avançando um passo para Smokey Updike, com as pernas ainda tremendo de medo.

Surpreso, talvez até um tanto confuso pela ira totalmente imprevista de Jack, Smokey recuou.

— Jack, estou avisando...

— Não, cara. *Eu* estou avisando — Jack se surpreendeu dizendo. — Não me confunda com Lori. Não gosto que me batam. E se encostar a mão em mim, pode ter certeza de que vai ter volta.

O espanto de Smokey Updike foi apenas momentâneo. Sem a menor dúvida, o garoto não tinha noção do que podia lhe acontecer (não era de Oatley, não podia saber). Talvez *achasse* que tinha. Às vezes, a segurança é o bastante.

Smokey estendeu o braço para agarrar o colarinho de Jack.

— Não tente bancar o engraçadinho comigo, Jack — disse ele, puxando-lhe a camisa. — Enquanto estiver em Oatley, vai ser exatamente um cachorrinho pra mim. Enquanto estiver em Oatley, vou lhe passar a mão na cabeça quando tiver vontade e vou lhe dar uma boa sova quando precisar.

Sacudiu com força o pescoço de Jack. Ele mordeu a língua e gritou.

Agora, manchas febris de raiva brilhavam como blush no rosto pálido de Smokey.

— Pode ter certeza, Jack, que as coisas não são como você pensa! Enquanto estiver em Oatley, não vai passar de um cachorro meu. E só vai embora quando eu deixar. E agora vou ajudá-lo a guardar bem direitinho na cabeça o que estou lhe dizendo.

Fechando o punho, Smokey fez uma das mãos recuar. Por um instante, as três lâmpadas de 60 *watts* que pendiam no estreito corredor brilharam de maneira ofuscante no diamante do anel em

forma de ferradura que Smokey usava. Então o punho se arremessou à frente e esmurrou uma das faces de Jack. Ele foi impelido para trás, contra uma parede coberta de riscos e inscrições. Primeiro o rosto se abrasou de dor; depois foi ficando dormente. Jack sentiu na boca o gosto do próprio sangue.

Smokey o encarava — o mesquinho olhar de avaliação de alguém que examina um novilho ou um número de loteria. Talvez não tenha visto a expressão que esperava ver nos olhos de Jack, pois tornou a agarrar o garoto, possivelmente para assestar-lhe um segundo soco.

Nesse momento, porém, veio da taberna um grito agudo de mulher:

— *Não, Glen! Não!*

Houve um berreiro de vozes masculinas, em geral alarmadas. Outra mulher gritou — um som alto, estridente. Depois, houve um tiro de revólver.

— Mas que *merda* é esta? — Smokey gritou, pronunciando cada palavra tão cuidadosamente quanto um ator num palco da Broadway. Arremessou novamente Jack contra a parede, deu meia-volta e foi como um raio para o salão. O revólver disparou outra vez e houve um grito de dor.

Jack só tinha certeza de uma coisa: estava na hora de escapar. Não quando a taberna fechasse hoje, nem quando fechasse amanhã, nem na manhã de domingo quando ele acordasse. *Agora*.

A barulheira parecia estar diminuindo um pouco. Não havia sirenes, talvez ninguém tivesse ficado ferido... mas, Jack se lembrou com um frio no estômago, o sujeito que parecia Randolph Scott ainda estava no banheiro.

Na despensa friorenta, impregnada de cheiro de cerveja, Jack se ajoelhou perto dos barris e procurou a mochila. Enquanto seus dedos encontravam apenas vento e o chão encardido de cimento, teve de novo aquele pressentimento sufocante de que alguém —

Smokey ou Lori — vira-o esconder a mochila e a pegara. Seria o método mais seguro para não deixá-lo sair de Oatley. Então veio o alívio, quase tão sufocante quanto o medo, ao sentir os dedos no náilon.

Jack abraçou a mochila e olhou ansiosamente para a porta nos fundos da despensa.. Preferia usar aquela porta a sair pela porta de incêndio no fim do corredor. Ficava perto demais do banheiro dos homens. O problema é que, se abrisse aquela porta de carga e descarga, uma luz vermelha se acenderia no balcão. Mesmo que Smokey ainda estivesse tentando controlar o tumulto, Lori veria a luz e não deixaria de alertá-lo.

Portanto...

Foi até a porta que dava para o corredor. Abriu uma fresta e deu uma espiada com um olho. O corredor estava vazio. Tudo bem, isso era bom. Por certo, enquanto Jack procurava a mochila, Randolph Scott resolvera seu problema no banheiro e voltara para onde a ação estava mais interessante. Ótimo.

Só que talvez ele ainda estivesse lá dentro. Quer encontrá-lo no corredor, Jacky? Quer ver os olhos dele ficarem de novo amarelos? Espere até ter certeza.

Mas não podia esperar. Smokey logo ia descobrir que ele não estava no salão ajudando Lori e Gloria a limpar as mesas; nem atrás do balcão, cuidando da louça suja. Voltaria num minuto à despensa para acabar de ensinar a Jack qual era o seu lugar no grande esquema das coisas.

E então? Vamos logo, rapaz!

Talvez ele esteja à sua espera na ponta do corredor, Jacky... Talvez salte sobre você como um grande e malvado boneco de molas...

A bela ou a fera? Smokey ou Randolph Scott? Jack hesitou numa agonia de indecisão. Que o homem de olhos amarelos ainda estivesse no banheiro era sem dúvida uma possibilidade; que Smokey viria procurá-lo era uma certeza.

Jack abriu a porta e saiu no estreito corredor. A mochila que colocara nas costas parecia ter aumentado de peso — uma eloquente acusação da fuga planejada para qualquer um que o visse. Começou a descer o corredor. Movia-se grotescamente na ponta dos pés, apesar do trovão da música e do berreiro da multidão. O coração martelava em seu peito.

Eu tinha seis, Jacky tinha seis.

Por que isso? Por que essas frases não lhe saíam da cabeça?

Seis.

O corredor parecia mais comprido. Era como caminhar numa esteira. Só com uma exasperante lentidão a porta de incêndio parecia ir ficando um pouco mais perto. O suor lhe escorria pela testa e pelo lábio superior. Seu olhar continuava espreitando a porta à direita. Havia o tosco desenho de um cachorro rabiscado nela. Sob o desenho, liam-se as palavras: cães. E no fim do corredor havia uma porta pintada de vermelho, descorada, descascada. A tabuleta dizia: SÓ USE EM CASO DE EMERGÊNCIA! O ALARME SOARÁ! Na verdade, a campainha de alarme já estava quebrada havia dois anos. Fora o que Lori lhe tinha dito quando ele vacilou em abri-la para levar o lixo para fora.

Enfim estava quase lá. Afastando-se cada vez mais dos CÃES.

Ele está lá dentro, eu sei disso... E se pular em cima de mim eu vou gritar... Eu... Eu vou...

Jack estendeu sua trêmula mão direita e a encostou na tranca da porta. Sentiu um frio agradável quando a tocou. Por um instante realmente acreditou que conseguiria saltar da barriga da planta carnívora e voar para a noite... livre!

Então, bruscamente, a porta *atrás* dele se escancarou, a porta das CADELAS, e uma mão agarrou-lhe a mochila. Jack deixou escapar o guincho alto, desesperado, de um animal que caiu numa armadilha. Num impulso, investiu contra a porta, esquecido da mochila e do suco mágico que havia dentro dela. Se as correias tivessem arrebitado, Jack teria disparado como um raio pelo

terreno baldio, cheio de lixo e mato, que havia atrás da taberna. Não pensaria em mais nada.

Mas as correias eram resistentes e não se romperam. A porta se abriu um pouco, revelando uma ponta escura de noite, e depois se fechou outra vez. Jack foi arrastado para o banheiro das mulheres, sacudido para todos os lados e depois empurrado de costas. Se tivesse batido contra a parede, a garrafa de suco mágico se teria espatifado dentro da mochila, impregnado suas roupas e o velho guia Rand McNally com o cheiro de uvas podres. Por sorte, bateu apenas com a lombar na beira da pia. A dor foi gigantesca, torturante.

Randolph Scott foi se aproximando lentamente, puxando o jeans para cima com mãos que tinham começado a se contorcer e a engrossar.

— Já devia ter desaparecido, garoto — disse ele, a voz ficando rouca, cada vez mais parecida com o rosnado de um animal.

Jack começou a se esquivar para a esquerda, os olhos fixos na cara do homem. Os olhos pareciam agora quase transparentes, não apenas amarelos, mas iluminados por dentro... Olhos de uma horripilante abóbora do Dia das Bruxas.

— Mas pode confiar no velho Elroy — disse a coisa que parecia um caubói, agora sorrindo, revelando um punhado de grandes dentes curvos, alguns quebrados e afiados, outros negros de podridão. Jack gritou. — Oh, pode confiar em Elroy — disse a voz que parecia um rosnado de cão. — Ele não vai machucá-lo *muito*. Você vai ficar bem.

A coisa continuava rosnando e se aproximando.

— Vai ficar bem, é claro que vai...

A coisa continuava a falar, mas Jack não entendia mais o que ela dizia. Era apenas um rosnado.

O pé de Jack bateu na lata de lixo alta que havia junto da porta. Quando a coisa-caubói se decidiu a pegá-lo com o casco de suas mãos, Jack pegou a lata e atirou-a com força. A lata bateu no

peito da coisa-Elroy. Jack escancarou a porta do banheiro e arremeteu para a esquerda, para a porta de emergência. Puxou com força a tranca de ferro, consciente da presença de Elroy atrás de si. Então saltou para a escuridão atrás da Oatley Tap.

À direita da porta havia uma fileira de latas abarrotadas de lixo. Jack derrubou algumas quando passou. Ouviu-as rolar, chocalhar. E depois um uivo de fúria de Elroy tropeçando e caindo sobre elas.

Virou a cabeça a tempo de ver a coisa rolando pelo chão. Teve mesmo uma fração de segundo para pensar: *Oh, Deus, uma cauda! Ele tem alguma coisa que parece uma cauda!* Elroy assumira quase inteiramente a forma de um animal. Uma luminosidade dourada fluía de seus olhos em raios estranhos, como uma luz brilhante jorrando por dois buracos de fechadura.

Jack foi se afastando, tirando a mochila das costas, tentando desamarrar as correias com dedos que pareciam pedaços de pau. Uma tremenda confusão rugia em sua mente.

Jacky tinha seis Deus me ajude Speedy Jacky tinha SEIS Deus por favor...

Pensamentos e apelos incoerentes. A coisa rosnava e se debatia entre as latas de lixo. Jack viu o casco de uma das mãos se levantar e depois descer assobiando, rasgando a lateral de uma lata de lixo de metal. A coisa se levantou de novo, trôpega, quase desabando. E voltou a se atirar na direção de Jack. O rosto se contorcia, guinchava, encolhendo-se contra o peito. E de alguma forma, entre aqueles rosnados de quem muito em breve poderia começar a latir, Jack foi capaz de entender o que Elroy estava dizendo:

— Agora não vou apenas te furar, seu merdinha. Agora vou te matar... *depois*.

Teria ouvido com seus *ouvidos*? Ou dentro de sua *cabeça*?

Tanto fazia. A distância entre este mundo e aquele tinha se reduzido a uma simples membrana.

A coisa-Elroy se aproximava rosnando, em passos oscilantes e desajeitados nas patas traseiras, as roupas escorregando para todos os lugares errados do corpo, a língua pendendo de uma boca cheia de caninos. Ali estava o terreno baldio nos fundos da Smokey Updike's Oatley Tap, sim, Ali estava finalmente, repleta de mato e lixo espalhado — aqui uma armação enferrujada de cama; mais adiante, a grade de um Ford 57. Uma fantasmagórica lua em forma de foice, lasca de osso no céu, transformava cada estilhaço de vidro quebrado num olho atento e fatal. E tudo isso não começara em New Hampshire, certo? Não. Não tinha começado quando a mãe ficou doente, nem com o aparecimento de Lester Parker. Tinha começado quando...

Jacky tinha seis anos. Quando todos moravam na Califórnia, e ninguém morava em nenhum outro lugar, e Jacky tinha...

Lutou contra as correias da mochila.

E a coisa veio outra vez, quase executando uma dança, fazendo Jack pensar em algum personagem de Disney sob a fraca luz da lua. Jack começou a rir. E então a coisa rosnou e pulou em sua direção.

O golpe daquelas pesadas garras mais uma vez passou perto, não acertando por centímetros, enquanto ele dançou pelo mato e pelo lixo. A coisa-Elroy caiu sobre as molas da armação da cama e acabou ficando presa entre os arames. Uivando, soprando uma espuma branca, a besta se retorceu, se repuxou, investindo para todos os lados, uma das patas profundamente enterrada entre as espirais enferrujadas das molas.

Jack procurou a garrafa dentro da mochila. Remexeu entre meias, cuecas sujas e um embolado e malcheiroso jeans. Conseguiu encontrar o gargalo da garrafa e o puxou.

A coisa-Elroy se debateu com uivos de cólera e finalmente conseguiu se livrar das molas da cama.

Jack deitou no chão e rolou entre o mato e o lixo, com os dois dedos menores da mão esquerda segurando uma das correias da

mochila, enquanto a mão direita segurava a garrafa. Fez força para tirar a rolha com o indicador e o polegar da mão esquerda. A mochila oscilou, balançou no ar, mas a rolha saiu.

Será que esta besta pode me seguir?, ele se perguntou incoerentemente, levando a garrafa aos lábios. *Será que quando atravesso perfuro algum buraco pelo meio das coisas? Será que a besta pode vir atrás de mim e me pegar do outro lado?*

A boca de Jack se encheu daquele gosto nauseante de uvas podres. Teve ânsia de vômito e sentiu a garganta fechando, como se pretendesse expelir o líquido. Então o cheiro terrível envolveu-lhe as narinas e as suas vias nasais. Ele deixou escapar um profundo gemido. Agora podia ouvir a coisa-Elroy gritando, mas o grito parecia muito distante, como se a besta estivesse numa das bocas do túnel de Oatley e ele, Jack, resvalasse com rapidez para a outra saída. E dessa vez *havia* uma sensação de queda. Ele pensou: *Oh, meu Deus, e se eu chegar aos Territórios rolando por um penhasco ou pela encosta de uma enorme montanha?*

Agarrou-se com força à mochila e à garrafa, os olhos desesperadamente fechados, esperando o que ia acontecer: A coisa-Elroy ou nada da coisa-Elroy, os Territórios ou uma espécie de nada absoluto. As ideias fixas que o assombravam naquela noite tornaram a assaltá-lo, giraram como um cavalo de carrossel: Dama Prateada, ou talvez Ella Speed. Entrou num torvelinho, submergindo na nuvem do cheiro terrível do suco, esperando pelo que aconteceria a seguir, sentindo as roupas se transformarem em seu corpo.

Seis oh sim quando todos nós éramos seis e ninguém era qualquer outra coisa e estávamos na Califórnia quem toca aquele sax papai é Dexter Gordon ou talvez seja o que a mamãe quer dizer quando fala que estamos vivendo à beira de um precipício e aonde aonde oh aonde você vai papai você e o tio Morgan oh papai às vezes ele olha para você como oh como se houvesse um precipício

na cabeça dele e um terremoto acontecendo detrás dos olhos dele e você está morrendo no meio do terremoto oh papai!

Caindo, se contorcendo, girando para o centro de um limbo, no meio de um cheiro que era como uma nuvem arroxeadada, Jack Sawyer, John Benjamin Sawyer, Jacky, Jacky

... tinha seis anos quando tudo começou a acontecer, e quem tocava aquele sax, papai? Quem tocava quando eu tinha seis anos, quando Jacky tinha seis, quando Jacky...

Capítulo Onze

A Morte de Jerry Bledsoe

1

TINHA SEIS ANOS... quando tudo realmente começou, papai, quando os motores que finalmente o levariam a Oatley e além começaram a funcionar. Havia uma música alta de saxofone. *Seis. Jacky tinha seis anos.* De início sua atenção estivera toda concentrada no presente que o pai lhe dera: uma miniatura de um táxi londrino. O carro de brinquedo pesava como tijolo e, na madeira

lisa dos tacos do novo escritório, era preciso um forte impulso para fazer o táxi correr chocalhando até a outra parede. Era fim de tarde, o primeiro ano do ensino fundamental chegaria só depois daquele mês de agosto, e Jack tinha um novo e bonito carrinho que rolava como um tanque no chão atrás do sofá. Havia um sentimento de satisfação, de relaxamento no ar-condicionado do escritório... Não havia mais trabalho a fazer, não havia mais telefonemas que não podiam esperar até o dia seguinte. Jack impelia o pesado táxi de brinquedo pela faixa sem tapete do assoalho, quase não ouvindo o rumor dos sólidos pneuzinhos de borracha por causa do solo do saxofone. O carro negro bateu numa das pernas do sofá, deu uma guinada para o outro lado e parou. Jack engatinhou atrás do brinquedo. O pai tinha esticado os pés na escrivaninha e o tio Morgan se instalara numa das poltronas do outro lado do sofá. Estavam bebendo alguma coisa; logo pousariam os copos na mesa, desligariam o toca-discos, o amplificador, e desceriam para seus carros.

quando todos nós éramos seis, e ninguém era qualquer outra coisa e era a Califórnia

— Quem está tocando sax? — ele ouviu o tio Morgan perguntar e, como num devaneio, percebeu aquela voz familiar sob um tom diferente. Alguma coisa sussurrante e dissimulada na voz de Morgan Sloat filtrou-se para os ouvidos de Jacky. Ele encostou a mão na capota do táxi e seus dedos ficaram frios como se o carro fosse feito de neve, não de ferro inglês.

— É Dexter Gordon quem está solando — o pai respondeu. Como sempre, sua voz estava preguiçosa e cordial, e Jack passou a mão em volta do pesado táxi.

— Um disco muito bom.

— *Daddy Plays the Horn*. É uma gravação antiga, mas muito bonita, não acha?

— Vou ver se ainda consigo encontrá-la em alguma loja.

E então Jack achou que sabia o que toda aquela estranheza na voz do tio Morgan queria dizer. Na realidade, o tio Morgan não gostava absolutamente de jazz, apenas fingia gostar quando estava diante do seu pai. Há muito tempo Jack descobrira aquele segredo de Morgan Sloat, e não entendia por que o pai não conseguia notar o que era tão evidente. Tio Morgan jamais iria procurar em alguma loja um disco chamado *Daddy Plays the Horn*. Estava apenas querendo agradar Phil Sawyer — e talvez Phil Sawyer não percebesse porque, como todo mundo, nunca dava grande atenção a Morgan Sloat. Esperto e ambicioso (“Esperto como uma raposa, furtivo como um advogado num tribunal”, dizia Lily), o velho tio Morgan escapava de qualquer exame mais atento. Os olhares sempre passavam direto por ele. Jacky apostava que quando o tio era menino os professores deviam ter tido muita dificuldade para se lembrar do nome dele.

— Imagine o que esse cara seria lá — disse o tio Morgan, agora despertando plenamente a atenção de Jack. Aquela falsidade ainda bulia em sua voz, mas não foi a hipocrisia de Sloat que fez Jacky levantar a cabeça e apertar os dedinhos em volta do táxi de brinquedo. Foi a palavra *lá* que adquiriu em seu cérebro uma ressonância de carrilhão. Porque *lá* era o país dos sonhos de olhos abertos. Ele percebeu de imediato isso. O pai e o tio Morgan tinham esquecido que ele estava atrás do sofá e iam conversar sobre os sonhos de olhos abertos.

O pai sabia do país dos sonhos. Jack nunca poderia mencionar os sonhos de olhos abertos nem para o pai nem para a mãe, mas o pai sabia dos sonhos de olhos abertos porque ele tinha que saber. Era simples assim. E a outra certeza que perpassou as emoções de Jack, mais pressentida do que conscientemente expressa, foi que o pai ajudava a manter a terra dos sonhos em segurança.

Mas, por alguma razão, igualmente difícil de traduzir da emoção para a linguagem, a conjunção de Morgan Sloat com os

sonhos de olhos abertos deixou o menino inquieto.

— Ei? — disse o tio Morgan. — Este cara realmente os deixaria transtornados, não acha? Possivelmente o transformariam em Duque das Terras Secas ou coisa parecida.

— Provavelmente não — disse Phil Sawyer. — Não se gostassem dele tanto quanto nós.

Mas, papai! Tio Morgan não gosta dele!, Jack pensou, tendo a súbita certeza de que aquilo era importante. *O tio não gosta nada dele, acha a música alta demais, acha que tira alguma coisa dele...*

— Oh, você sabe muito mais sobre isso do que eu — disse o tio Morgan numa voz que parecia à vontade e relaxada.

— Bem, estive lá com mais frequência. Mas você está pegando a coisa com muita rapidez.

Jacky percebeu que o pai sorria.

— Oh, aprendi algumas coisas, Phil. Você sabe... Vou lhe agradecer a vida toda por ter me mostrado tudo aquilo.

As quatro sílabas de *agradecer* vieram cheias de fumaça e do barulho de vidro quebrado.

Mas todas aquelas pequenas sensações negativas não conseguiram eliminar a intensa, quase exultante satisfação de Jack. Estavam falando sobre os sonhos de olhos abertos. Era inacreditável que uma coisa assim fosse possível. O que os dois diziam estava além de sua compreensão, os termos e o vocabulário eram adultos demais, mas o Jack de 6 anos de idade experimentava de novo o sentimento de espanto e de alegria que sempre acompanhava os sonhos de olhos abertos. Além disso, já tinha idade suficiente para entender pelo menos o sentido geral da conversa. Os sonhos eram reais e, de certa forma, Jacky os compartilhava com o pai. Isto constituía metade de sua alegria.

— DEIXE-ME TENTAR COLOCAR algumas coisas em ordem — disse o tio Morgan, e Jacky imaginou as palavras *em ordem* como duas cordas amarradas uma na outra, como cobras. — Eles têm magos como nós temos físicos, certo? Trata-se de uma monarquia agrária, usando a magia em vez da ciência.

— Exato — disse Phil Sawyer.

— E com toda a certeza vivem assim há séculos. Suas vidas nunca se modificaram muito.

— Exceto por reviravoltas políticas, sim, é isso mesmo.

Então a voz do tio Morgan ficou tensa, e a empolgação que ele tentava ocultar estalou como chicote entre as consoantes.

— Bem, vamos deixar de lado os problemas políticos. Pensemos em nós para variar. Você vai dizer, e eu não poderia deixar de concordar, Phil, que temos nos saído muito bem fora dos Territórios, e que teríamos de ser muito cautelosos ao tentar introduzir mudanças. Não me é difícil aceitar esta posição. Vejo as coisas do mesmo modo.

Jack pôde sentir o silêncio do pai.

— OK — Sloat continuou. — Vamos admitir que, numa situação vantajosa para nós, possamos estender os benefícios a todos que estiverem do nosso lado. Não abriremos mão de certas vantagens, mas não teremos grandes ambições sobre os lucros que elas possam trazer. Temos um débito com aquelas pessoas, Phil. Olhe o que elas fizeram por nós. Acho que poderíamos realmente colaborar muito com elas. Nossa energia pode se combinar com a energia delas... Alcançaremos resultados jamais concebidos antes, Phil. E acabarão nos achando generosos... O que de fato somos, mas isso não vai nos fazer mal.

O tio Morgan estaria franzindo a testa e inclinando a cabeça. As mãos estariam entrelaçadas, as palmas comprimidas.

— É claro que não temos uma visão global da situação, você sabe disso. Para dizer a verdade, acho que só a sinergia já compensa. Mas, Phil, já imaginou a porra do choque que íamos provocar se lhes déssemos a eletricidade? Se levássemos armas modernas para os caras certos do lado de lá? Tem ideia do que isso significaria? Seria um impacto assombroso! *Assombroso!*

Houve um som úmido, abafado, das palmas das mãos do tio Morgan batendo uma na outra.

— Não quero colocar a carroça na frente dos bois, mas está na hora de começar a ver as coisas sob este prisma. Talvez devêssemos aumentar nosso envolvimento nos Territórios.

Phil Sawyer continuava em silêncio. Tio Morgan bateu de novo as palmas das mãos. Finalmente o pai de Jack falou num tom evasivo:

— Acha que devemos aumentar nosso envolvimento.

— Acho que esta é a hora certa. Nem preciso lhe dizer em detalhes o que tenho na cabeça. Você provavelmente se lembra tão bem quanto eu como era antes de começarmos a ir lá. Talvez tivéssemos conseguido vencer por conta própria, mas eu me sinto muito agradecido por não estar representando mais strippers falidas e o Pequeno Timmy Tiptoe.

— Espere aí — disse o pai de Jack.

— Aviões — disse o tio Morgan. — Pense nos aviões.

— Espere aí, Morgan. Consigo ver um monte de coisas que você não é capaz de enxergar.

— Estou sempre receptivo a novas ideias — disse Morgan, e sua voz pareceu de novo estranhamente dissimulada.

— Certo. Acho que temos ter muito cuidado com o que fazemos lá, parceiro. Acho que qualquer coisa de vulto, qualquer modificação radical que viéssemos a provocar, poderia voltar-se inteiramente contra nós. Tudo tem consequências, e algumas dessas consequências poderiam ser perigosas.

— Como por exemplo...? — perguntou o tio Morgan.

— Como a guerra.

— Isto é loucura, Phil. Nunca vimos nada... A não ser que esteja pensando em Bledsoe...

— E estou pensando em Bledsoe. Foi coincidência?

Bledsoe?, Jack se perguntou. Já ouvira aquele nome antes; mas era uma lembrança muito vaga.

— Bem, isso está muito longe de uma guerra. E não vejo relação entre...

— Tudo bem. Não se lembra de ter ouvido dizer que, há muito tempo, um estrangeiro assassinou o velho rei de lá? Já deve ter ouvido a história...

— É, acho que sim — disse o tio Morgan, e Jack percebeu de novo o tom de falsidade na voz dele.

A cadeira do pai rangeu; estava tirando os pés da escrivaninha, inclinando o corpo para a frente.

— O assassinato deu início a uma pequena guerra. Os que apoiavam o velho rei tiveram de debelar uma rebelião conduzida por alguns nobres descontentes. Os rebeldes queriam se apoderar do governo pela força: açambarcar as terras, requisitar propriedades, atirar os inimigos na prisão, tornar-se homens ricos.

— Ei, seja justo — Morgan interrompeu. — Também ouvi falar sobre isso. Queriam também dar uma nova ordenação política a um sistema extremamente ineficaz. Às vezes é preciso ser duro para começar as reformas. Pelo menos é a minha opinião.

— Bem, não nos cabe fazer julgamentos sobre a política deles, concordo. Mas onde quero chegar é que essa pequena guerra ou revolta se prolongou por cerca de três semanas. Talvez umas cem pessoas tenham morrido até o final dela. Ou pouco menos que isso. Alguém lhe contou quando a rebelião começou? Em que ano foi? Em que dia?

— Não — o tio Morgan murmurou num tom sombrio.

— Foi a 1º de setembro de 1939. Correspondia aqui ao dia em que a Alemanha invadiu a Polônia.

O pai parou de falar e Jacky, segurando o táxi de brinquedo atrás do sofá, bocejou silenciosamente (mas foi uma boca enorme).

— Isso é loucura — falou finalmente o tio Morgan. — A guerra *deles* deu início à *nossa*? É uma ideia maluca. Acredita mesmo nisso?

— Acredito — disse o pai de Jack. — Acredito que uma rebelião de três semanas lá desencadeou aqui uma guerra que durou seis anos e matou milhões de pessoas. Acredito, sim.

— Bem... — disse o tio Morgan, e Jack pôde sentir sua irritação, seu esforço para controlar a raiva.

— E tem mais. Conversei com muita gente lá sobre isso. A sensação que tive é de que o estrangeiro que assassinou o rei era um *verdadeiro* estrangeiro... Entende o que eu quero dizer? Os que o viram achavam que ele não estava à vontade vestindo as roupas dos Territórios. Agia como se estivesse inseguro dos costumes locais. Não conhecia a moeda corrente.

— Ah!

— Sim. Se não o tivessem destruído logo após ele ter apunhalado o rei, talvez possuíssemos ter certeza disso. Quanto a mim, não tenho dúvidas de que se tratava...

— De gente como nós.

— Como nós. Exatamente. Um visitante. Morgan, acho que não podemos nos intrometer muito na vida de lá. Não sabemos quais poderão ser os efeitos. Para dizer a verdade, acho que somos continuamente afetados pelas coisas que se passam nos Territórios. E será que está disposto a ouvir outra suposição maluca?

— Por que não? — Sloat respondeu.

— Aquele não é o único outro mundo que existe.

— BESTEIRA — DISSE SLOAT.

— Não acho. Quando estava lá, tive uma ou duas vezes a sensação de que me encontrava perto de alguma *outra* região: uma espécie de Territórios dos Territórios.

Sim, Jack pensou, era isso mesmo: os sonhos de olhos abertos dos sonhos de olhos abertos, um lugar ainda mais bonito. E do outro lado ficavam os sonhos de olhos abertos dos sonhos de olhos abertos dos sonhos de olhos abertos. Mais um lugar, mais um mundo. E ainda mais bonito! Então Jack percebeu que estava ficando com sono.

Os sonhos de olhos abertos dos sonhos de olhos abertos.

Adormeceu quase de imediato, com o táxi preto no colo, o corpo pesado de sono, desabando pelos tacos do assoalho e, ao mesmo tempo, extraordinariamente leve.

A conversa deve ter continuado; Jack deve ter perdido muita coisa. Ele ondulava, pesado e leve, pela continuação do disco *Daddy Plays the Horn*. Durante esse tempo, Morgan Sloat deve ter primeiro tentado argumentar (gentilmente, mas com que apertões nos punhos, com que contorções da testa!) a favor de seus planos; depois deve ter fingido que continuava receptivo aos pontos de vista do sócio e, em seguida, deve ter fingido que se deixara persuadir pelas dúvidas de Phil. No fim da conversa, que voltava à memória de um Jacky Sawyer com 12 anos de idade na perigosa fronteira entre Oatley e uma desconhecida aldeia dos Territórios, Morgan Sloat fingira parecer não apenas *convencido*, mas positivamente agradecido pelas lições que aprendera de Phil. Quando Jack despertou, a primeira coisa que ouviu foi a pergunta do pai:

— Ei, Jack desapareceu?

E a segunda coisa foi o que disse o tio Morgan:

— Diabo. Acho que você tem razão, Phil. Você consegue chegar ao âmago das questões com uma lucidez que é difícil de

encontrar por aí.

— Ora, mas onde está Jack? — o pai tornou a perguntar, e Jack se mexeu atrás do sofá, agora realmente acordando. O táxi preto caiu no chão.

— Aha! — disse o tio Morgan. — Perninhas curtas, mas antenas ligadas, aposto!

— Então você estava aí atrás, filhote? — disse o pai. Ruídos de cadeiras sendo arrastadas no chão, ruídos dos dois se levantando.

— *Oooh* — murmurou o pequeno Jack e, num gesto lento, tornou a pôr o táxi no colo. Sentia as pernas duras, dormentes. Quando ficasse de pé, elas formigariam.

O pai riu. Passos se aproximaram do menino. O rosto vermelho e obeso de Morgan Sloat apareceu sobre o sofá. Jack bocejou e encostou os joelhos nas costas do sofá. O rosto do pai apareceu ao lado do rosto de Sloat. O pai estava sorrindo. Por um momento, as duas grandes cabeças de adultos pareceram estar flutuando sobre a borda do sofá.

— Já vamos para casa, dorminhoco — disse o pai.

Quando o garoto olhou para o rosto do tio Morgan, viu cálculo e dissimulação nos olhos dele, uma falsidade que deslizava sob as bochechas sorridentes e rechonchudas como cobra sob pedra. E, de repente, ele tornou a ser apenas o pai de Richard Sloat, o bom tio Morgan que no Natal e no dia de seu aniversário sempre lhe dava presentes incríveis. O velho e bom tio Morgan de rosto gordo e suado, que passava despercebido tão facilmente.

Mas o que ele parecera antes? *Um terremoto humano, um homem desabando pelo precipício atrás dos olhos, um homem ocultando alguma coisa presa por uma mola no fundo de uma caixa, pronta para explodir a qualquer momento...*

— Que tal um sorvetezinho a caminho de casa, Jack? — perguntou o tio Morgan. — Não é uma boa ideia?

— Uh! — Jack exclamou.

— Podemos parar na sorveteria do térreo — disse o pai.

— Que delícia! — murmurou o tio Morgan. — Agora estamos realmente falando sobre sinergia! — E sorriu mais uma vez para Jack.

Tudo isto aconteceu quando Jack tinha 6 anos, e no meio de sua queda sem peso através do limbo, a coisa se repetia. O gosto horrível do suco arroxeadado de Speedy voltou-lhe labiosa boca, às suas vias nasais, e tudo o que aconteceu naquela tarde sonolenta há seis anos se desenrolava outra vez em sua mente. Como se o suco mágico pudesse trazer uma recordação integral de certos fatos, e de um modo tão concentrado e veloz que ele reviveu toda aquela tarde nos poucos segundos em que achou que ia vomitar.

Os olhos do tio Morgan pairando como fumaça e, dentro de Jack, uma questão que também pairava, repetindo sempre as mesmas perguntas e chegando por fim a...

Quem executou

Quais mudanças quais mudanças

Quem executa essas mudanças, papai?

Quem

matou Jerry Bledsoe? O suco introduzia-se à força pelos recantos da boca, filetes nauseantes aferroando as paredes do nariz. Assim que sentiu terra fofa nas mãos, Jack parou de bancar o valente e vomitou para não morrer sufocado. O *que* matou Jerry Bledsoe? A coisa fétida e roxa que saiu da boca de Jack causou-lhe enorme repugnância. Ele recuou bruscamente, esbarrando com pernas e pés num mato alto e duro. Depois, apoiou-se nas mãos e nos joelhos e conseguiu esticar o corpo. Paciente como uma mula, esperou o que ia acontecer. A boca aberta tinha os lábios frouxos, preparados para um segundo jato. O estômago se contraiu e ele não teve tempo nem de gemer. Um novo fluxo do suco fedorento veio ardendo-lhe pelo peito e pela garganta até salpicar sua boca. Filetes viscosos de saliva pendiam dos seus lábios, e Jack os

esfregou num gesto frenético. Depois limpou as mãos nas calças. Jerry Bledsoe, sim. *Jerry...* que sempre tivera o nome estampado na camisa, como um empregado de posto de gasolina. Jerry, que morrera quando...

Jack balançou a cabeça e esfregou outra vez a boca com as mãos. Cuspiu num monte áspero de mato que parecia germinar da terra cinzenta como um buquê de casamento de gigante.

Algun obscuro instinto animal que ele não compreendia o fez cobrir de terra a poça arroxçada de vômito. Outro reflexo levou-o a esfregar mais uma vez as palmas das mãos nas pernas da calça. Finalmente, levantou a cabeça.

Estava de joelhos, num final de crepúsculo, na margem de uma trilha de cascalho. Nenhuma horrível coisa-Elroy o perseguia. Teve consciência imediata disso. Cachorros presos num cercado de madeira que parecia uma jaula latiam e rosnavam para ele, enfiando os focinhos por entre as tábuas. Do outro lado do cercado, havia uma feia estrutura de madeira de onde ruídos igualmente caninos pareciam uivar para a imensidão do céu. Sem a menor dúvida, lembravam bastante os sons que Jack ouvia do outro lado da parede da despensa da Oatley Tap: uma barulheira tremenda de homens embriagados urrando para todos os lados. Outra taberna? Parecia mais uma hospedaria, uma estalagem. Agora que já não sentia a náusea do suco de Speedy, ele era capaz de identificar os odores penetrantes, os odores difusos de vinho e cerveja. Não podia deixar que os frequentadores daquela outra taberna soubessem de sua chegada.

Por um instante, imaginou-se correndo de todos aqueles cães uivando e rosnando pelas fendas do cercado. Foi então que se levantou. O céu parecia curvado sobre sua cabeça, cada vez mais escuro. E lá? Lá em *seu* mundo... O que estaria acontecendo? Algun desastrezinho no meio de Oatley? Quem sabe uma bela enchente, um belo incêndio? Jack foi se afastando em silêncio da estalagem, caminhando entre o matagal. A uns 60 metros de

distância, velas muito grossas ardiam nas janelas de outra casa, a única que ele podia ver além da estalagem. De algum lugar não muito distante à sua direita, vinha um cheiro de porcos.

Quando cobriu metade da distância entre a estalagem e a casa, os cães pararam de rosnar e de latir. Lentamente, então, Jack deu início a uma nova caminhada para a estrada do Oeste. A noite era escura e sem lua.

Jerry Bledsoe.

4

HAVIA OUTRAS CASAS, que ele só conseguiu distinguir quando já se encontrava bem próximo delas. Excluindo os barulhentos bebedores da estalagem que ia ficando para trás, ali, nos campos dos Territórios, as pessoas dormiam quando o sol se punha. As velas não ardiam mais naquelas pequenas janelas quadradas. De forma simples e melancólica, as casas nas margens da estrada do Oeste mantinham-se num insólito isolamento. Alguma coisa estava errada, como num jogo visual de uma revista infantil, mas Jack não conseguia identificar o que era. Não havia nada de cabeça para baixo, nada estava em chamas, nada parecia extravagantemente fora de lugar. A maioria das casas possuía telhados grandes, espessos, telhados que lembravam montes de feno aparados à escovinha. Jack presumia que fossem telhados de sapê. Já ouvira falar deles, mas era a primeira vez que os via.

Morgan, ele pensou com uma repentina sensação de pânico. *Morgan de Orris*. E viu os dois, o homem de cabelos longos e botas de couro e o colega do pai viciado em trabalho de rosto suado. Por um momento os dois chegaram a se embaralhar em sua cabeça. O

olho de sua mente viu Morgan Sloat com um comprido cabelo de pirata e mancando ao caminhar. Mas Morgan, o Morgan deste mundo, não era o que havia de errado naquela imagem.

Jack passava agora por uma cabana pequena e atarracada. Escorada em traves de madeira em forma de xis, parecia uma enorme gaiola de coelhos. Um grosso telhado de sapê cobria esta cabana também. Se estivesse saindo de Oatley (correndo de Oatley seria mais exato), o que esperaria ver na escuridão da única janela daquela vivenda para coelhos gigantes? É claro! A cintilação de uma tela de TV. Mas, obviamente, nos Territórios as casas não tinham aparelhos de televisão. O que o confundia, porém, não era a ausência daquela cintilação colorida. Era alguma outra coisa, uma coisa tão necessária que sua inexistência deixava um buraco na paisagem. A pessoa era capaz de notar o buraco mesmo que não conseguisse identificar o que estava faltando.

Televisão, aparelhos de televisão... Jack ultrapassou a pequena casa semiconstruída e viu diante dele outra pequena e estranha habitação, a porta da frente a poucos centímetros da margem da estrada. Aquela parecia ter um telhado de tijolos primitivos, não de sapê, e Jack sorriu consigo mesmo. O lugarejo que atravessava o fez lembrar-se de Hobbiton. Seria possível que um instalador de TV a cabo Hobbit estacionasse ali em frente e dissesse a uma senhora na janela da... cabana?... canil? Será que ele diria: “Senhora, estamos instalando televisões a cabo nesta área, e por uma pequena taxa mensal, a senhora terá ao seu dispor 15 novos canais, *Midnight Blue*, todos os canais de esporte e de previsão do tempo. Posso instalar agora mesmo. A senhora poderá ver...”?

E então ele se deu conta. Na frente daquelas casas não havia postes. Nem fios! Nem antenas de TV complicando a visão do céu. Ao longo da estrada do Oeste não havia postes de madeira porque não havia eletricidade nos Territórios. Aquele era o elemento cuja

ausência parecera tão difícil de identificar. E quanto a Jerry Bledsoe...

Jerry fora, pelo menos durante muito tempo, eletricista e auxiliar geral da Sawyer & Sloat.

5

QUANDO SEU PAI e Morgan Sloat citaram aquele nome, *Bledsoe*, ele achou que nunca o ouvira antes. Talvez já tivesse ouvido falar uma ou duas vezes no eletricista, mas Jerry Bledsoe era quase sempre apenas *Jerry*, como aliás estava escrito no bolso de seu macacão. “Será que o Jerry não pode dar um jeito no ar-condicionado?” “Mande o Jerry lubrificar as dobradiças daquela porta. Este lugar está parecendo mal-assombrado.” E o Jerry logo comparecia, o macacão limpo e muito bem passado, o cabelo avermelhado rareando, os óculos de aros redondos dando-lhe ao rosto um certo ar de austeridade. Em silêncio, consertava o que estava enguiçado. Havia uma sra. Jerry, que tirava as manchas de graxa e fazia muito bem o vinco nas roupas do marido. Havia ainda inúmeros pequenos Jerrys, de quem a Sawyer & Sloat invariavelmente se lembrava por ocasião do Natal. Na época, Jack era muito criança e associara o nome *Jerry* com o eterno adversário do gato Tom. Às vezes imaginava o eletricista morando com a sra. Jerry e os pequenos Jerrys numa gigantesca casa de rato, acessível apenas por um buraco redondo cavado num rodapé.

Mas quem matara Jerry Bledsoe? Seu pai e Morgan Sloat, sempre tão carinhosos com os filhos dele na época do Natal?

Jack continuou seguindo a escuridão da estrada do Oeste, desejando ter esquecido completamente o eletricista da Sawyer &

Sloat, que tivesse adormecido assim que engatinhou para trás do sofá. Dormir era o que ele queria agora, bem mais do que ter os incômodos pensamentos que aqueles fatos de seis anos atrás despertavam dentro dele. Prometeu a si mesmo que, assim que se distanciasse pelo menos 3 quilômetros da última casa, buscaria algum lugar para dormir. Um trecho de relva, até uma vala serviria. Suas pernas não queriam mais avançar; e todos os músculos, até mesmo os ossos, pareciam pesar o dobro.

Foi logo depois de uma daquelas vezes em que Jack foi atrás do pai em algum lugar fechado e descobriu simplesmente que Phil Sawyer desaparecera. Com o correr do tempo, o pai começou a se evaporar do quarto, da sala de jantar, da sala de reuniões da Sawyer & Sloat. Nesta ocasião, ele executou seu truque de mágico na garagem da casa da Rodeo Drive.

Sentado sozinho numa pequena elevação que era a coisa mais próxima de uma colina que havia naquela parte de Beverly Hills, Jack viu o pai sair de casa pela porta da frente, atravessar o gramado revirando os bolsos à procura de dinheiro ou das chaves e entrar na garagem pela porta lateral. A grande porta branca por onde o carro saía devia ter se levantado segundos depois, mas ela continuou obstinadamente fechada. Então Jack percebeu que o carro estava onde o pai o deixara no início daquela manhã de sábado: ou seja, no meio-fio, bem em frente à casa. O carro da mãe já se fora. Enfiando um cigarro entre os lábios, Lily anunciou que assistir a uma exibição de *Vereda sombria*, o último filme do diretor de *Noiva da morte*, e que ninguém tentasse impedi-la. Portanto, a garagem estava vazia. Durante alguns minutos, Jack esperou que alguma coisa acontecesse. Mas nem a porta lateral nem a grande porta da frente se abriram. Finalmente, ele escorregou do monte de grama, foi até a garagem e entrou. Aquele amplo espaço, que conhecia tão bem, estava inteiramente deserto. Manchas de óleo escureciam o chão de cimento; as ferramentas continuavam presas nos ganchos da parede. Jack deixou escapar uma exclamação de

espanto e chamou: “Papai?”. Depois olhou de novo ao redor, apenas para ter certeza. Dessa vez viu um grilo saltar para a sombra de uma parede e, por uma fração de segundo, *quase* chegou a acreditar que bruxarias existiam mesmo, que algum feiticeiro malvado estivera escondido na garagem e... O grilo deu um novo salto e sumiu por algum buraco. Não, o pai não tinha se transformado num grilo. É claro que não. “Ei!”, chamou o garoto... Mas foi como se falasse consigo mesmo. Caminhou para a porta lateral e saiu da garagem. O sol banhava os exuberantes gramados de primavera da Rodeo Drive. Teve vontade de ligar para alguém, mas quem? A polícia? *Meu pai entrou na garagem. E como não consigo encontrá-lo lá dentro, estou assustado...*

Duas horas mais tarde, Phil Sawyer veio andando da esquina da Beverly Wilshire. Trazia o paletó no ombro e tinha afrouxado o laço da gravata. Aos olhos de Jack, parecia um homem retornando de uma viagem de volta ao mundo.

Ansioso, Jack saltou da elevação do jardim e correu para o pai.

—Você é um corredor e tanto! — disse o pai sorrindo e, por um instante, Jack se agarrou às pernas dele. — Achei que estava tirando uma soneca, Jack Viajante.

Quando subiam o caminho do jardim, ouviram o telefone tocar, e algum instinto (talvez o instinto de manter o pai perto dele) fez Jack rezar para que o telefone já tivesse tocado mais de uma dúzia de vezes e para que a pessoa desligasse antes que chegassem à porta da sala. Mas com a mão grande e quente, o pai tirou o cabelo da testa e da nuca, foi correndo até a porta e se aproximou do telefone em cinco longas passadas.

— Sim, Morgan — Jacky ouviu o pai dizer. — Oh? Más notícias? É melhor contar de uma vez, rapaz...

Após um longo momento de silêncio em que o menino pôde ouvir o som abafado e rangente da voz de Morgan Sloat escapando pelo fio, o pai respondeu:

— Oh, Jerry. Meu Deus. Pobre Jerry. Já estou indo para aí!

Então o pai olhou em sua direção, sem sorrir, sem piscar, sem fazer nada além de observá-lo.

— Não vou demorar, Morgan. Tenho de levar Jack, mas ele pode ficar esperando no carro.

Jack sentiu os músculos relaxarem. Foi um tamanho sentimento de alívio que nem se preocupou em perguntar por que ia ficar esperando no carro, como faria em qualquer outra ocasião.

Phil dirigiu o carro pela Rodeo Drive até o Hotel Beverly Hills, virou à esquerda na rua Sunset e foi direto para o prédio de escritórios. Não falou nada.

Ziguezagueando por um tráfego intenso, Phil Sawyer parou o carro numa vaga do estacionamento ao lado do edifício. No local, já havia dois carros da polícia, um carro de bombeiros, o pequeno Mercedes conversível branco do tio Morgan e um velho e enferrujado Plymouth de duas portas. Era o carro do eletricitista. Logo na entrada do prédio, o tio Morgan falava com um policial. O policial balançava lentamente a cabeça, com um evidente ar de simpatia. O braço direito de Morgan Sloat apertava os ombros de uma mulher jovem e pequena. Ela usava um vestido muito largo e tinha o rosto apoiado sobre o peito dele. A sra. Jerry, Jack soube de imediato, observando que a maior parte de seu rosto permanecia oculta por um lenço branco apertado contra os olhos. Um bombeiro de chapéu e capa impermeável carregava metal e plástico retorcidos, cinzas e lascas de vidro, colocando-os numa espécie de trouxa depositada no chão do vestíbulo.

— Só vai ter de esperar um minutinho, está bem, Jacky? — disse Phil correndo para a entrada.

Junto a um pilar de concreto nos limites da área de estacionamento, uma jovem chinesa conversava com um policial. Ao lado dela havia a ponta de alguma coisa que Jack demorou um pouco para identificar como uma bicicleta. Respirando mais fundo, sentiu um cheiro amargo de fumaça.

Vinte minutos depois, o pai saiu do edifício com o tio Morgan. Sempre abraçando a sra. Jerry, o tio Morgan deu adeus para os Sawyer. Depois, abriu a porta do Mercedes conversível para a mulher de Jerry entrar. Phil Sawyer fez uma manobra no estacionamento e voltou para o trânsito da rua Sunset.

— Aconteceu alguma coisa com o Jerry? — Jack perguntou.

— Um acidente terrível, filho — disse o pai. — Um curto-circuito. Todo o edifício podia ter pegado fogo.

— E aconteceu alguma coisa com o Jerry? — o menino repetiu.

— O pobre-coitado ficou tão machucado que acabou morrendo — o pai respondeu.

Jack e Richard Sloat levaram dois meses para conseguir compor toda a história a partir das conversas que ouviam. A mãe de Jack e a governanta de Richard forneceram alguns detalhes (os mais sangrentos couberam à governanta).

Jerry Bledsoe fora até o escritório num sábado. Tinha de resolver alguns problemas do sistema de segurança do prédio. Se tivesse escolhido um dia de semana para trabalhar com o delicado sistema, sem dúvida assustaria ou irritaria as pessoas com a barulheira dos alarmes que, vez por outra, teriam de ser testados. O sistema de segurança estava conectado ao sistema elétrico central do edifício, oculto atrás de dois enormes painéis de madeira do andar térreo. Jerry colocou as ferramentas no chão e retirou as portas dos painéis depois de ter verificado que o prédio estava vazio e ninguém ia levar um susto quando o alarme soasse. Depois foi até o telefone em seu pequeno escritório no subsolo para pedir à delegacia policial do bairro que ignorasse qualquer alarme da Sawyer & Sloat até que ele telefonasse outra vez. Quando voltou ao andar térreo para desligar as conexões dos fios do vestíbulo, uma moça de 23 anos chamada Lorette Chang pedalava sua bicicleta em direção à área de estacionamento. Ela estava distribuindo folhetos

com o anúncio de um restaurante que seria inaugurado na rua daí a 15 dias.

Mais tarde a srta. Chang contou à polícia que deu uma espiada pelo vidro da porta da frente e viu um homem de macacão entrar no vestíbulo, vindo do subsolo. Assim que o homem pegou a chave de fenda e tocou no painel elétrico, ela teve a sensação de que todo o pátio de estacionamento estava tremendo. Era, ela pensou, um miniterremoto. Morando há muito tempo em Los Angeles, Lorette Chang não se deixava mais perturbar pelos pequenos abalos sísmicos que não derrubavam nada no chão. Viu Jerry Bledsoe firmar os pés (então ele também tinha sentido o tremor, embora ninguém mais na cidade o tivesse notado), sacudir a cabeça e introduzir suavemente a ponta da chave de fenda numa colmeia de fios.

E foi nesse momento que o saguão e o grande corredor do prédio da Sawyer & Sloat se transformaram num holocausto.

Todo o painel elétrico converteu-se instantaneamente num sólido e retangular corpo de fogo; relâmpagos em forma de arcos amarelos atingiram e envolveram as roupas de Jerry. Sirenes eletrônicas começaram a gemer sem parar: UAM-UAM-UAM-UAM-UAMMMM! UAM-UAM-UAM-UAM-UAMMMM! Uma bola de fogo com 2 metros de altura subiu pela parede, sacudiu o corpo já sem vida de Jerry e investiu para o corredor. A porta da frente explodiu numa torrente de estilhaços de vidro, fumaça, pedaços retorcidos da armação de ferro.

Lorette Chang largou a bicicleta e correu para o telefone público do outro lado da rua. Quando forneceu aos bombeiros o endereço do prédio e viu sua bicicleta toda retorcida por causa da força da explosão da porta, o cadáver carbonizado de Jerry Bledsoe ainda era sacudido para todos os lados pela voltagem do painel. Milhares de volts atravessavam-lhe o corpo, contorciam-no em súbitos safanões, faziam-no oscilar para trás e para a frente num ritmo quase regular. Os cabelos do corpo do eletricista e a maior

parte de suas roupas foram verdadeiramente fritados, a pele se transformou numa pasta cinzenta, cozida à exaustão. E os óculos viraram um sólido tablete de plástico marrom, cobrindo-lhe o nariz como um cataplasma.

Jerry Bledsoe. *Quem executa essas mudanças, papai?* Jack fez seus pés se arrastarem por meia hora sem ver mais nenhuma das pequenas choupanas com telhados de sapê. Estrelas que ele não conhecia, formando padrões que não lhe eram familiares, enchiam todo o céu — como mensagens escritas numa língua que ele não soubesse ler.

Capítulo Doze

Jack Vai ao Mercado

1

NAQUELA NOITE, JACK DORMIU num monte de feno suavemente perfumado dos Territórios. Primeiro cavou um túnel no feno, depois se virou para aproveitar o ar fresco da noite. Ficou apreensivamente atento a pequenos sons rasteiros; ouvira ou lera em algum lugar que certos ratos gostavam muito de frequentar os montes de feno. Mas se houvesse algum por ali, certamente um camundongo bem maior

que eles chamado Jack Sawyer deixara-os bastante assustados, reduzindo-os a um silêncio absoluto. Aos poucos foi relaxando, a mão esquerda sentindo o contorno da garrafa de Speedy. Tinha fechado a garrafa com um punhado de musgo seco, encontrado na margem de um pequeno córrego onde parara para beber água. Achava muito provável que um pouco do musgo acabasse caindo, ou já tivesse caído, dentro da garrafa. Que pena, estragaria o sabor picante e o delicado aroma.

Enquanto estava deitado lá, finalmente aquecido, sonolento, a sensação que estava mais evidente era de alívio... como se estivesse carregando uma mochila de uma tonelada nas costas e alguma alma caridosa soltasse as correias para que a mochila caísse no chão. Estava de novo nos Territórios, lar de gente encantadora como Morgan de Orris, Osmond, o Chicoteador e Elroy, o Espantoso Homem-Bode. Os Territórios, onde tudo podia acontecer.

Mas os Territórios também podiam ser generosos. Sabia disso desde que era muito criança, quando todo mundo morava na Califórnia e ninguém morava em nenhuma outra parte. Os Territórios podiam ser bons, e naquele momento, ele era capaz de sentir essa bondade à sua volta. Uma benevolência calma, doce como o perfume do feno, límpida como o cheiro do ar daquele lugar.

Será que uma mosca ou uma joaninha sentiam a mesma dose de alívio quando uma inesperada rajada de vento subjugava de tal forma a planta carnívora que ela se via obrigada a abrir suas garras para deixar o inseto escapar? Jack não sabia... Mas sabia como se sentia bem por estar longe de Oatley, longe do Clube dos Amigos da Esquina, de velhos que choravam para defender carrinhos vazios de supermercado, longe do cheiro de cerveja e do cheiro de vômito... E, principalmente, longe de Smokey Updike e da Oatley Tap.

Achou que, ao menos por algum tempo, viajaria pelos Territórios.

E, pensando assim, adormeceu.

NA MANHÃ SEGUINTE, já havia andado 3 ou 4 quilômetros pela estrada do Oeste desfrutando o sol e o gostoso cheiro de campos quase prontos para a colheita do fim do verão quando uma carroça se aproximou e um camponês barbudo, vestindo uma espécie de toga sobre um calção largo, gritou:

— Está indo para o mercado da cidade, garoto?

Jack ficou olhando para ele de boca aberta, meio em pânico, percebendo que o homem não estava falando inglês. Não era um inglês arcaico, não era *absolutamente* inglês de espécie alguma.

Na carroça, ao lado do camponês barbudo, havia uma mulher num volumoso vestido. Tinha no colo um menino de uns 3 anos de idade. Sorriu com simpatia para Jack e revirou os olhos para o marido.

— Ele parece meio abobado, Henry.

Não estão falando inglês... Mas, seja lá qual for essa língua, consigo entendê-la. Na realidade, estou até pensando nesse idioma... E tem mais: estou vendo as coisas na língua dos Territórios, com os nomes dessa língua, mesmo que não saiba explicar nem a mim mesmo exatamente o que estou sentindo.

Jack descobriu que acontecera a mesma coisa da última vez que estivera nos Territórios. Só que naquela primeira jornada estava confuso demais para perceber o que se passava; tudo ocorrera depressa demais, e *tudo* lhe parecera estranho.

O camponês se inclinou para a frente. Sorriu mostrando dentes absolutamente horríveis.

— Você é abobado, garoto? — ele perguntou num tom cordial.

— Não — Jack respondeu, procurando devolver o sorriso, consciente de que em vez de dizer *não* emitira algum fantástico som da língua dos Territórios que significava *não*. Percebeu que quando “atravessava”, mudava sua fala e seu modo de pensar (pelo menos seu modo de *apreender* as coisas — ele não tinha essa palavra em

seu vocabulário, mas mesmo assim compreendia o sentido geral), do mesmo modo como as roupas se transformavam em seu corpo. — Não sou bobo. Mas minha mãe me disse para ter cuidado com as pessoas que encontrasse pelo caminho.

Agora, a esposa do camponês sorriu.

— E sua mãe tem razão — disse ela. — Vai para o mercado?

— Sim — disse Jack. — Isto é, estou seguindo a estrada... na direção do oeste.

— Suba aí atrás, então — disse Henry, o camponês. — Não se pode perder a luz do dia. Quero vender o que trouxe comigo e chegar em casa antes do anoitecer. O milho não é dos melhores, mas estamos no fim da estação. Sem dúvida podemos nos dar por muito felizes por ainda termos milho no nono mês. E sempre haverá quem queira comprá-lo.

— Obrigado — disse Jack, subindo na traseira da carroça. Dúzias de espigas de milho estavam amarradas com rudes pedaços de corda e empilhadas como lenha. Se o milho não era dos melhores, então Jack não podia imaginar o que seria considerado um bom milho nos Territórios: eram as maiores espigas que já vira em toda a sua vida. Havia também pequenos montes de abóboras, abobrinhas e coisas que pareciam abóboras, mas eram vermelhas em vez de alaranjadas. Mesmo sem saber o que eram, Jack desconfiava que deviam ter um sabor excelente. Seu estômago roncava sem parar. Desde que começara a viajar, descobrira o que era fome. Não era uma sensação de fome comum, do tipo que sentimos depois da aula e que pode ser perfeitamente controlada com alguns biscoitos e um copo de leite. Era uma coisa mais profunda, que às vezes amortecia um pouco, mas nunca o abandonava totalmente.

Estava sentado de costas para a frente da carroça, os pés calçando sandálias balançando, quase tocando o barro da estrada do Oeste. Havia muito movimento naquela manhã. Jack presumiu

que a maioria das carroças e pessoas fosse para o mercado. De vez em quando, Henry berrava um cumprimento para algum conhecido.

Jack ainda estava curioso para descobrir o sabor daquelas abóboras com cor de maçã e para saber onde encontraria sua próxima refeição quando pequenas mãos lhe agarraram o cabelo e deram um forte puxão — forte o bastante para deixar seus olhos rasos d'água.

Ele virou a cabeça e viu o menino de 3 anos, descalço e de pé, um grande sorriso no rosto e alguns fios de cabelo nas mãos.

— Jason! — a mãe gritou, mas não deixava de ser um grito bastante tolerante. (*Viu como puxou o cabelo do rapaz? É incrível como está forte!*) — Jason, não faça mais isso!

Sem se deixar abalar, Jason abriu um novo sorriso. Foi um sorriso grande, luminoso e ingênuo, doce como o cheiro do feno onde Jack tinha passado a noite. Ele também sorriu e, embora não tivesse sido uma atitude calculada, percebeu que conquistara a amizade da mulher de Henry.

— Ti — Jason exclamou, jogando o corpinho de um lado para o outro num movimento inconsciente de um velho marinheiro. Ainda sorria para Jack.

— Hã?

— Bum!

— Não estou entendendo, Jason.

— Ti-bum...

— Não estou...

E então Jason, sorridente e bastante robusto para os seus 3 anos de idade, jogou-se no colo de Jack, ainda sorrindo.

Ti-BUM! Oh, sim, agora entendi, Jack pensou, sentindo uma dor lhe subir dos testículos para a boca do estômago.

— Jason, que coisa *feia!* — a mãe repreendeu de novo naquele mesmo tom macio. (*Ele não é uma graça?*) Jason, que sabia quem estava no comando da situação, limitou-se a insistir no sorriso doce, simpático, inocente.

Jack Sawyer percebeu que Jason estava molhado. Muito, extremamente, indiscutivelmente molhado.

Bem-vindo outra vez aos Territórios, Jack-O.

E, sentado ali, com o menino nos braços e uma umidade quente se filtrando pelas roupas, Jack começou a rir, o rosto levantado para o céu muito azul.

3

DAÍ A ALGUNS minutos, a mulher de Henry se aproximou de Jack e pegou o filho.

— Ooh, molhado! Mas que menino mau! — disse ela, sempre tolerante.

Ele não fica uma gracinha molhado?, Jack pensou e riu de novo. Jason também riu e a sra. Henry juntou-se aos dois.

Enquanto trocava a fralda de Jason, ela fez algumas perguntas a Jack — as mesmas que ele ouvira com tanta frequência em seu próprio mundo. Mas nos Territórios teria de ser ainda mais cuidadoso. Era um estrangeiro e seria fácil cair em alguma armadilha. Ouviu o pai conversando com Morgan... *Um verdadeiro estrangeiro, percebe o que estou querendo dizer?*

Jack viu que a mulher do camponês o ouvia atentamente. Respondeu às perguntas com uma cautelosa versão da história que contava nos Estados Unidos. Não a que contava ao se candidatar a um emprego, mas a história reservada para os motoristas que lhe davam carona.

Disse que tinha vindo da aldeia de All-Hands — a mãe de Jason tinha uma vaga lembrança de ter ouvido falar do lugar, mas isso era tudo. Vinha realmente assim de tão longe?, ela quis saber.

Jack confirmou com a cabeça. E qual era o seu destino? Ele disse (Henry escutava em silêncio) que estava a caminho da aldeia da Califórnia. Desta ela ainda não ouvira falar, nem mesmo vagamente, nem mesmo nas histórias que alguns vendedores viajantes contavam. Jack não ficou muito espantado por não conhecerem a “aldeia”, mas deu graças a Deus por nenhum deles ter dito: “Califórnia? Será que alguém já ouviu falar de uma aldeia chamada Califórnia? Quem está tentando enganar, guri?”. Nos Territórios, devia haver muitos lugares — regiões e aldeias — de que as pessoas que viviam em áreas distantes jamais tinham ouvido falar. Não havia postes nem fios. Nem eletricidade. Nem cinemas. Nem TV a cabo para informá-los das coisas maravilhosas que existiam em Malibu ou Sarasota. Não havia telefones, nem chamadas interurbanas com tarifas reduzidas nos fins de semana e depois das oito da noite. *Vivem num mundo misterioso*, ele pensou. *Quando se vive num mundo misterioso, não se duvida da existência de uma aldeia simplesmente por nunca se ter ouvido falar dela. Califórnia não soa mais estranho que um lugar chamado All-Hands.*

Eles não duvidaram de nada. Jack contou que o pai morrera há um ano, e que a mãe estava muito doente (pensou em acrescentar que os homens do serviço de reintegração de posse da rainha tinham vindo no meio da noite e levado o único jumento que possuíam, mas achou melhor omitir essa parte). Sua mãe lhe dera algum dinheiro (só que, na estranha língua dos Territórios, a palavra não era *dinheiro*, mas alguma coisa parecida com *varas*) e o mandara para a aldeia da Califórnia, onde devia morar com a tia Helen.

— Os tempos estão difíceis — disse a sra. Henry, apertando Jason, agora de fralda limpa, de encontro ao peito.

— All-Hands fica perto do palácio de verão, não é, rapaz?

Era a primeira vez que Henry falava desde que o convidara a subir.

— Sim — disse Jack. — Isto é, razoavelmente perto, eu acho...

— Você não disse do que seu pai morreu.

Henry tinha virado a cabeça. O olhar era estreito, um olhar de avaliação. A benevolência anterior desaparecera, apagada como chama de vela ao vento. Sim, havia armadilhas ali.

— Ele estava doente? — a sra. Henry perguntou. — Há tanta coisa ruim nos dias de hoje... Varíola, peste... São tempos difíceis.

Por um momento de descontrole, Jack pensou em dizer: *Não, ele não estava doente, sra. Henry. Morreu de um choque de milhares de volts. Imagine que saiu numa manhã de sábado para fazer um conserto e deixou a sra. Jerry e todos os pequenos Jerrys — inclusive a mim — em casa. Morávamos num buraco do rodapé e ninguém queria morar em outro lugar. Sabe o que aconteceu? Ele enfiou a chave de fenda num monte de fios e a sra. Feeny, a governanta da casa de Richard Sloat, ouviu o tio Morgan falando ao telefone e ele disse que houve uma explosão de eletricidade, de toda a eletricidade do prédio. O homem ficou cozido, tão bem cozido que os óculos se colaram no nariz. Só que a senhora não sabe o que são óculos porque não existem óculos por aqui. Nem óculos... nem eletricidade... nem Midnight Blue... nem aviões. Não queira acabar como a sra. Jerry, sra. Henry. Não queira...*

— Não importa se ele estava doente — disse o camponês barbudo. — Ele era *político*?

Jack virou o rosto para Henry. Sua boca se moveu, mas não emitiu qualquer som. Não sabia o que dizer. Havia armadilhas demais naquela conversa.

Henry fez um movimento de compreensão, como se Jack tivesse respondido.

— Pode saltar, rapaz. O mercado fica depois da próxima lombada. Acho que pode andar daqui até lá, não pode?

— Sim — disse Jack. — Acho que sim.

A sra. Henry parecia confusa, mas tentava agora manter Jason o mais longe possível de Jack, como se ele tivesse alguma doença contagiosa.

Olhando por cima do ombro, o camponês sorriu um tanto pesaroso e disse:

— Sinto muito. Você parece um bom rapaz, mas somos pessoas simples. O que está acontecendo perto do mar são problemas que só aos grandes senhores cabe discutir. Não sei se a rainha vai morrer ou não... E, sem dúvida, um dia terá de morrer. Mais cedo ou mais tarde, a mão de Deus alcança todo mundo. E quando gente humilde se mete nos problemas dos poderosos, sai sempre muito machucada.

— Meu pai...

— Não quero saber sobre seu pai! — disse Henry num tom áspero. A mulher se afastou ainda mais de Jack, sempre segurando Jason de encontro ao peito. — Não sei e *não quero* saber se foi um homem bom ou mau. O que sei é que é um homem morto, acho que você não mentiu sobre isso... E que o filho dele vem dormindo nas ruas e está com jeito de estar fugindo. Você não fala como se fosse daqui. Portanto, desça. Tenho um filho, como você pode ver.

Jack saltou, lamentando o medo que via no rosto da mulher; um medo que ele tinha provocado. O camponês tinha razão. Gente humilde não se mete nos assuntos dos poderosos, assim como crianças não se metem nos assuntos dos adultos. Ao menos quando são inteligentes.

Capítulo Treze

Os Homens no Céu

1

FOI UM CHOQUE descobrir que os dólares que ganhara com tanto sacrifício tinham literalmente se *convertido* em varas. E essas varas pareciam cobras de brinquedo feitas por um artesão inexperiente.

Mas o choque só durou um momento e ele acabou rindo de si mesmo. Afinal, as varas *eram* dinheiro. Quando atravessava para os Territórios, *tudo* se transformava. Dólares de prata viravam moedas

com o perfil da rainha, camisas se tornavam gibões, o inglês se transformava numa língua estranha, e a boa moeda americana em... bem, em varas. Saía dos Estados Unidos com cerca de 22 dólares e achava que devia ter uma soma equivalente na moeda dos Territórios (embora tenha contado 14 “nós” numa das “varas” e mais de vinte na outra).

O problema é que não tinha ideia do custo de vida nos Territórios. Não sabia muito bem o que era barato ou caro e, caminhando pelo mercado, sentia-se como um participante de um programa de TV chamado *Qual é o preço?* A única diferença era que ali, se errasse, não teria um animador do seu lado para lhe dar um tapinha nas costas e um prêmio de consolação. Ali, se errasse, podia... bem, não tinha certeza do que podia lhe acontecer. Podiam enganá-lo, certamente. Machucá-lo, espancá-lo? Talvez. Matá-lo? Provavelmente não, mas era impossível ter certeza absoluta. Eram pessoas simples. Não eram políticos. E ele era um estrangeiro.

Caminhava lentamente de uma ponta à outra da barulhenta e agitada multidão que enchia o mercado, lutando com o problema, que agora se concentrava principalmente no estômago: sentia uma fome terrível. Junto a uma barraca, viu Henry pechinchando com um homem que vendia bodes. A sra. Henry permanecia ao lado dele, mas um pouco atrás, abrindo espaço para os homens negociarem. Estava de costas para Jack, o bebê suspenso no colo. *Jason, um dos pequenos Henrys*, Jack pensou — e Jason o viu. O menino sacudiu uma mão gorducha para Jack, mas Jack se virou num movimento brusco, pondo o máximo de gente possível entre ele e os Henrys.

Em toda parte parecia haver cheiro de churrasco. Viu vendedores girarem lentamente pedaços de carne sobre brasas de carvão; viu meninos estenderem fatias grossas de carne de porco sobre rodela de pão caseiro e passarem os sanduíches abertos para os fregueses. Pareciam participar de um leilão. A maioria dos fregueses eram camponeses como Henry, mas escolhia as

mercadorias como se fizesse lances em um leilão: erguiam imperiosamente uma das mãos, os dedos espalmados. Jack observou de perto inúmeras transações e, em cada caso, o meio de troca foram sempre as varas marcadas de nós... Mas quantos nós seriam necessários para comprar uma coisa ou outra? Ele não sabia. Se bem que já não se preocupava muito com isso. Tinha de comer, mesmo que ao fazer alguma compra o identificassem como estrangeiro.

Passou por um grupo de saltimbancos, mas quase não os viu, embora a grande plateia ali reunida (formada principalmente de mulheres e crianças) explodisse em risos e aplausos. Encaminhou-se para uma tenda com paredes de lona onde, ao lado de uma vala escavada na terra e cheia de brasas fumegantes de carvão, havia um homem corpulento, com tatuagens nos grandes músculos do braço. Um espeto de ferro com mais de dois metros de comprimento se estendia pelas brasas. Em cada ponta do espeto havia um garoto suado e sujo. Cinco pedaços enormes de carne torravam no espeto que os garotos faziam rodar num movimento sincronizado.

— Olha a carne! — gritava o homem. — A melhor carne! A *melhor* carne! Olha a carne! A mais gostosa de todo o mercado!

De repente, o homem virou-se e disse em voz baixa para o garoto que estava mais perto.

— Rode mais depressa esse espeto, rapaz! Mais depressa!

Depois voltou à monótona gritaria de seu pregão.

Um camponês passando com uma filha adolescente ergueu a mão e apontou para o segundo pedaço de carne a contar da esquerda. Os garotos pararam de rodar o espeto e o patrão cortou uma fatia do churrasco. Depois, colocou-a sobre uma rodela de pão. O sanduíche aberto foi servido ao freguês, que tirou do bolso uma “vara” com nós. Olhando mais de perto, Jack viu-o quebrar dois nós da madeira e dá-las a um dos garotos. Quando o garoto voltou para junto da tenda, o freguês tornou a guardar no bolso o que sobrara da vara de dinheiro. Era o gesto automático, mas cuidadoso, de

alguém que guardava o troco no bolso. Depois o freguês deu uma mordida gigantesca no sanduíche e passou o resto às mãos da filha, cuja primeira dentada foi quase tão entusiástica quanto a do pai.

O estômago de Jack chiava e rangia. Já tinha visto o que queria ver. Assim esperava.

— A melhor carne! A melhor carne! Olha...

O homem se interrompeu e baixou os olhos para Jack. As sobrancelhas se franziram sobre olhos pequenos, mas não inteiramente estúpidos.

— Acho que seu estômago está roncando, amigo! Se tiver dinheiro, vou lhe dar um bom pedaço e pedir a Deus pela sua saúde quando rezar hoje à noite. Mas, se não tiver, tire sua estúpida cara de cabrito de perto de mim e vá para o diabo!

Os dois garotos do espeto riram, embora estivessem visivelmente cansados. Riram como se não tivessem controle sobre os sons que emitiam.

Mas o cheiro enlouquecedor do churrasco que assava lentamente não deixou Jack ir embora. Ele tirou do bolso a mais curta de suas varas com nós e apontou para o segundo pedaço de carne a contar da esquerda. Não falou nada. Talvez fosse melhor assim. O vendedor resmungou alguma coisa, tornou a tirar o facão afiado do cinturão de couro e cortou uma fatia. Era uma fatia menor do que a que dera ao camponês, mas o estômago de Jack não tinha mais tempo de se preocupar com esses detalhes: roncava furiosamente, numa ansiosa antecipação da comida.

O homem pôs a carne sobre a rodela de pão e entregou-a pessoalmente a Jack, dispensando qualquer ajuda dos garotos. Depois pegou a vara-dinheiro de Jack Sawyer. Em vez de dois nós, ficou com três.

Cheia de sarcasmo, a voz de Lily Cavanaugh falou dentro da cabeça do filho: *Parabéns Jack... Você acabou de ser enganado.*

O negociante o encarava, abrindo um sorriso cheio de dentes estragados e negros, desafiando-o a dizer alguma coisa, a esboçar

algum tipo de protesto: *Devia se dar por satisfeito por eu só ter tirado três nós em vez de todos os 14 que você tem nessa vara. Eu podia ter feito isso, sabe. É como se houvesse uma tabuleta pendurada no seu pescoço, rapaz! SOU ESTRANGEIRO E ESTOU SOZINHO AQUI! Então me diga, cara de cabrito: quer mesmo criar um caso por causa disso?*

O que Jack queria não importava. Obviamente, não *podia* criar nenhum caso. Mas sentiu outra vez aquela raiva difusa e impotente se erguer dentro dele.

— Vá embora — disse o vendedor, cansado de Jack. Abanou uma mão enorme na frente do rosto de Jack. Os dedos eram cheios de cicatrizes, e havia sangue sob as unhas. — Já tem sua comida. Agora suma!

Jack pensou: *Se eu lhe mostrasse uma lanterna elétrica, sairia correndo como se todos os demônios do inferno estivessem atrás de você. Se visse um avião, provavelmente iria enlouquecer. Talvez não seja tão valente quanto está pensando, amigo.*

Ele sorriu, e talvez alguma coisa em seu sorriso não tenha agradado ao vendedor de churrasco. Com um indício momentâneo de nervosismo, o homem tirou os olhos de Jack. Mas logo as sobrancelhas tornaram a se franzir.

— Vá embora, estou dizendo! — ele rosnou. — Suma daqui, vá para o diabo!

E, dessa vez, Jack foi embora.

A CARNE ESTAVA DELICIOSA. Jack devorou-a juntamente com o pão. Depois, num ato involuntário, lambeu o molho que caíra na

palma da mão. A carne *tinha* gosto de carne de porco... e, ao mesmo tempo, não tinha. Era mais suculenta, de sabor mais forte que o da carne de porco. Fosse lá o que fosse, encheu o buraco de seu estômago com absoluta eficácia. Jack não se incomodaria de levar durante mil anos sanduíches daquela carne para o lanche na escola.

Agora que conseguira acalmar um pouco a barriga (ao menos por algum tempo), sentiu-se capaz de examinar o mercado com maior interesse... E embora não percebesse isso, tinha finalmente começado a se harmonizar com a multidão. Talvez agora fosse apenas mais um caipira que saía de sua granja para fazer compras no mercado. Passeou lentamente entre as tendas e as barracas, apreciando embasbacado tudo o que via. Para os mascates era apenas mais um possível freguês entre tantos outros. Gritavam, tentavam atraí-lo com gestos quando ele passava; depois repetiam a mesma coisa para quem viesse atrás: homem, mulher ou criança. Jack arregalava os olhos para os artigos que via à sua volta, coisas ao mesmo tempo fascinantes e estranhas. Mas entre tanta gente que também abria a boca diante de tudo, deixava de ser um forasteiro. Talvez porque tivesse decidido não mais se esforçar para parecer entediado num lugar onde ninguém reagia *com indiferença*. Todos riam, discutiam, pechinchavam... mas ninguém mostrava ares de tédio.

O mercado tinha alguma coisa do pátio fronteiro ao pavilhão da rainha. Mas não havia aquele ar de tensão e imponente agitação nervosa. As semelhanças, porém, estavam na mistura de odores extremamente rica (com a predominância das carnes assadas e da gordura animal), na mesma multidão com roupas coloridas (embora até os mais bem vestidos estivessem longe da ostentação dos dândis que vira nos arredores do pavilhão), na mesma insólita mas empolgante justaposição de coisas que lhe pareciam perfeitamente normais com as mais absurdas extravagâncias.

Parou numa barraca onde um homem vendia tapetes com o rosto da rainha bordado. Jack se lembrou da mãe de Hank Scoffler e sorriu. Hank era um dos garotos com quem ele e Richard Sloat brincavam em Los Angeles. A sra. Scoffler tinha uma predileção toda especial pelos mais exóticos artigos de decoração. Ela teria adorado aqueles tapetes com a imagem de Laura DeLoessian, o cabelo preso no alto num coque de belas tranças. Eram muito mais bonitos que as pinturas em veludo de cervos do Alasca ou o cenário de cerâmica da Santa Ceia que a mãe de Hank expunha no bar que ficava na sala.

Então o rosto bordado nos tapetes pareceu se modificar enquanto ele ainda olhava para eles. A face da rainha desaparecera e o que Jack via agora era o rosto da mãe, repetido numa fileira infinita, os olhos muito negros, a pele excessivamente esbranquiçada.

A saudade assaltou-o de novo. Atravessou-lhe a mente como uma onda e ele gritou por dentro: *Mamãe! Ei, mamãe! Meu Deus, o que estou fazendo aqui? Mamãe!!* Num ímpeto de muito amor, quis saber o que ela estaria fazendo naquele momento, naquele exato momento. Estaria sentada perto da janela fumando, olhando para o mar com um livro aberto do lado? Vendo televisão? Num cinema? Dormindo? Morrendo?

Morta?, uma voz cruel acrescentou antes que ele pudesse detê-la. *Morta, Jack? Já estará morta?*

Pare com isso.

Sentiu a ardência das lágrimas.

— Por que está tão triste, rapaz?

Jack levantou os olhos, assustado, e viu o vendedor de tapetes. Era tão corpulento quanto o homem do churrasco e também tinha tatuagens no braço. Mas o sorriso era franco, jovial. Não transmitia maldade. E aquela era a grande diferença.

— Não é nada — disse Jack.

— Se pensar em nada deixa você com essa cara, devia estar sempre pensando *em alguma coisa*, garoto!

— Minha cara estava tão ruim assim? — Jack perguntou, sorrindo ligeiramente. Falara de uma forma quase involuntária e talvez por isso o vendedor não notou nada de estranho ou fora do normal no jeito dele.

— Rapaz, você parecia que só tinha um amigo deste lado da lua e que tinha acabado de ver o Grande Lobo Branco do norte devorá-lo com uma colher de prata.

Jack sorriu um pouco. O vendedor de tapetes deu meia-volta e tirou alguma coisa da pequena vitrine à direita do tapete maior: era oval e tinha cabo curto. Ele girou a coisa e o sol faiscou através dela — era um espelho. Parecia um espelho pequeno e barato, daqueles que a pessoa pode ganhar num parque de diversões ao acertar uma argola na garrafa do fundo.

— Aqui está, garoto — disse o vendedor de tapetes. — Dê uma olhada e veja se não tenho razão.

Jack olhou para o espelho e, por um momento, achou que seu coração parara de bater. Era ele, só que parecia ter saído da Ilha dos Prazeres na versão que Walt Disney fez de *Pinóquio*, onde jogar muita sinuca e fumar muito charuto transformavam meninos em jumentos. Seus olhos, normalmente muito azuis e redondos por causa da herança anglo-saxônica, haviam se tornado castanhos e amendoados. O cabelo, emaranhado e caído na testa, adquirira o aspecto exato de uma juba. Jack ergueu uma das mãos para tirar alguns cachos da testa, mas tocou apenas na pele. No espelho, os dedos pareceram sumir entre os cabelos. Ouviu o vendedor rir, divertido. O mais surpreendente de tudo, o mais espantoso, é que orelhas compridas de jumento caíam até abaixo da linha de seu queixo. Concentrando-se melhor, viu uma delas se mexer.

Pensou de repente: *Eu já TIVE um desses!*

E depois disso: *Nos sonhos de olhos abertos eu já tive um desses, mas no mundo normal ele era.. era...*

Talvez não tivesse mais de 4 anos naquela época. No mundo normal (tinha parado de pensar nele como o mundo real sem nem mesmo perceber), ganhara uma enorme bola de gude com um centro rosado. Um dia, quando estava brincando, ela foi rolando pelo caminho de cimento que havia na frente de casa e, antes que pudesse alcançá-la, ela caiu num bueiro. A bola de gude se fora — para sempre, ele pensou então, sentando no meio-fio, chorando, esfregando os olhos com as mãos encardidas. Mas não; lá estava aquele velho brinquedo, redescoberto, tão maravilhoso como quando ele tinha três ou quatro anos. Sorriu de alegria. A imagem se distorceu outra vez, e Jack, o jumento, se transformou em Jack, o gato, o focinho esperto, manhoso, engraçado. Os olhos passaram de um tom castanho ao tom esverdeado dos grandes felinos. Agora, no lugar das orelhas compridas de jumento havia duas orelhinhas de gato, atentas e cobertas de um pelo cinza.

— Melhor — disse o vendedor. — Agora está melhor. Gosto de ver um garoto contente. Um garoto contente é um garoto saudável, e um garoto saudável acaba sempre achando o caminho certo. O *Livro da boa lavoura* diz isso, mas, mesmo que não dissesse, seria a pura verdade. Vou até sublinhar o trecho no meu exemplar... Isto é, se algum dia tiver dinheiro para comprar um. Quer o espelho?

— Quero! — Jack gritou. — Claro! É incrível!

Remexeu os bolsos em busca das varas. As medidas de economia tinham sido esquecidas.

— Quanto custa?

O vendedor franziu a testa e olhou rapidamente ao redor para ver se alguém os estava observando.

— Esconda-o, filho. Esconda-o bem, é o melhor que você faz. Quem mostra o dote pode perder o lote. E o mercado está cheio de ladrões.

— O quê?

— Esqueça. O espelho não custa nada. Pode levá-lo. Metade deles se quebra na traseira de minha carroça quando os levo de

volta para o depósito. As mães trazem os filhos aqui, os filhos gostam dos espelhos, mas comprar, que é bom, ninguém compra.

— Pelo menos o senhor é sincero — disse Jack.

O vendedor olhou-o com um certo ar de espanto e depois acompanhou-o numa gargalhada.

— Um garoto contente com uma língua afiada — disse o vendedor. — Venha me visitar quando estiver coroa e careca, rapaz! Mesmo que eu já esteja usando bengala, saberei enganar você no preço com lábios de veludo.

Jack riu. O sujeito era mais engraçado que um filme de Jerry Lewis.

— Obrigado — disse ele (um grande e absurdo sorriso arreganhou a boca do gato no espelho). — Muito obrigado!

— Me recomende a Deus — disse o vendedor... Depois, como num acréscimo repentino: — E cuidado com a cauda!

Jack seguiu em frente, guardando com cuidado o espelho dentro do gibão, ao lado da garrafa de Speedy.

A toda hora, punha a mão no bolso para verificar se as varas ainda estavam lá.

Tinha mesmo de se proteger dos ladrões.

3

DUAS BARRACAS À frente da tenda do vendedor de tapetes havia um homem com uma venda num dos olhos, olhar depravado no outro e bafo de aguardente. Tentava vender um galo enorme a um camponês. Dizia que se o camponês comprasse o galo e o pusesse junto das galinhas teria um rendimento duplo de pintos nos próximos 12 meses.

Jack, porém, não teve olhos para o galo nem orelhas para a conversa fiada do vendedor. Juntou-se a uma multidão de crianças que ria e batia palmas, pois defronte à tenda do vendedor de um olho só havia uma grande gaiola de vime com um papagaio estranho. O bicho tinha quase o tamanho das crianças mais novas, e penas lisas, de um verde muito escuro, da cor das garrafas de cerveja Heineken. Os olhos eram dourados, brilhantes... todos os quatro olhos. Como o pônei que vira nos estábulos do pavilhão, o papagaio também tinha duas cabeças. Agarrava-se num poleiro com grandes pés amarelos e olhava mansamente para dois lados ao mesmo tempo, os tufo de suas duas cristas quase se tocando.

Para maior diversão, o papagaio estava falando consigo mesmo, mas Jack notou que, embora as crianças dessem grande atenção ao bicho, nem de longe pareciam tão espantadas quanto ele. Não eram como crianças vendo seu primeiro filme, estupefatas no assento do cinema, olhos muito arregalados. Lembravam antes crianças assistindo na televisão ao habitual desenho animado das tardes de sábado. Era uma coisa incrível, sim, mas não tão incrível quanto parecia a Jack. E os mais novos logo iam perdendo o interesse na exibição da ave.

— *Grouuuuk!* Que altura tem lá no alto? — perguntou a cabeça da direita.

— A mais baixa de todas! — respondeu a cabeça da esquerda, e as crianças riram.

— *Grááááá!* Qual é a verdade de um homem nobre? — perguntou de novo a cabeça da direita.

— Que um rei será rei a vida toda, mas ser cavaleiro por um dia é melhor que nada! — respondeu com animação a cabeça da esquerda.

Jack sorriu e algumas crianças riram; as menores, porém, continuavam apenas olhando.

— E o que há na cristaleira da sra. Spratt? — interrogou a cabeça da direita.

— Coisas que ninguém deve ver! — disse a cabeça da esquerda, e embora Jack não tivesse entendido, as crianças morreram de rir.

Com ar solene, o papagaio mexeu os pés no poleiro e defecou no chão de palha.

— E por que Alan Destry morreu de susto no meio da noite?

— Ele viu a mulher... *grouuuuk!*... sair do banho!

Agora o camponês ia recuando, mas o vendedor de um olho só ainda tentava lhe empurrar o galo. Por fim, virou-se furioso para as crianças:

— Saiam daqui! Saiam daqui antes que eu dê um bom chute na bunda de todos vocês!

As crianças se dispersaram. Jack foi junto com elas, lançando um último olhar de assombro ao fabuloso papagaio.

4

NOUTRA BARRACA ELE PAGOU dois nós de madeira por uma maçã e um canecão de leite, o leite mais saboroso e puro que já provara. Achou que se houvesse um leite como aquele no seu mundo, a Nestlé e a Hershey iriam à falência numa semana.

Estava acabando de tomar a caneca de leite quando viu a família Henry caminhando lentamente em sua direção. Devolveu a caneca à mulher da barraca, que a mergulhou numa grande terrina cheia d'água. Jack se afastou limpando um bigode de nata de cima do lábio e pedindo a Deus que ninguém que tivesse usado aquela caneca antes dele sofresse de tuberculose, herpes ou alguma coisa do gênero. Mas não podia acreditar que aquelas doenças terríveis existissem nos Territórios.

Atravessou de uma ponta à outra a rua principal do mercado. Passou de novo pelos saltimbancos, passou por duas mulheres gordas vendendo potes e caçarolas (*Tupperware dos Territórios*, Jack pensou sorrindo), viu de novo o espantoso papagaio de duas cabeças (seu dono caolho bebia agora pelo gargalo de um cântaro de barro, cambaleava de uma ponta à outra da barraca, pegava pelo pescoço o galo meio tonto e gritava furiosamente para os passantes; Jack reparou que o esquelético braço direito do homem estava coberto por uma espécie de estrume branco e amarelo). Finalmente chegou a uma área aberta, onde havia uma roda de camponeses. Deteve-se ali por um instante, curioso. Alguns camponeses fumavam cachimbos de barro e Jack viu também vários potes de barro, muito semelhantes ao cântaro do vendedor de um olho só. Os potes passavam de mão em mão. Num terreno cheio de relva ao fundo, homens verificavam as ferraduras de cavalos sujos, a cabeça baixa, os olhos suaves, mansos.

Jack passou pelo vendedor de tapetes. O vendedor o viu passar e acenou. Jack respondeu com um gesto e teve vontade de dizer alguma coisa engraçada, tipo: *Use, mas não abuse!* Achou melhor, porém, continuar de boca fechada.

Teve uma súbita sensação de melancolia. O sentimento de ser um forasteiro, um estrangeiro, caíra de novo sobre ele.

Chegou a uma encruzilhada no fim da feira. A estrada que corria no sentido norte-sul era pouco maior do que uma picada. A estrada do Oeste era bem mais ampla.

O velho Jack Viajante, ele pensou e tentou sorrir. Depois aprumou os ombros e ouviu a garrafa de Speedy tilintar suavemente contra o espelho. *Aí vai o velho Jack Viajante seguindo pela versão dos Territórios da estrada Federal 90! Pernas, não me deixem na mão.*

Retomou a caminhada e logo foi engolido por aquela grande terra de sonhos.

CERCA DE QUATRO horas depois, no meio da tarde, Jack sentou-se na relva da margem da estrada e viu vários homens — daquela distância pareciam pouco maiores que insetos — escalando uma torre alta, mas de aspecto frágil. Escolhera aquele lugar para descansar e comer sua maçã porque era ali que a estrada do Oeste chegava mais perto da torre. A torre ainda deveria estar a uns 5 quilômetros (talvez a muito mais que isso — a quase sobrenatural claridade do ar tornava extremamente difícil avaliar com precisão as distâncias), mas há mais de uma hora Jack a vinha observando.

Comeu a maçã, deixou os pés cansados relaxarem e se perguntou o que podia ser aquela torre, isolada no meio de um campo coberto de relva. E naturalmente ficou curioso em saber por que aqueles homens queriam escalá-la. O vento não parara de soprar desde que partira do mercado e a torre estava contra o vento. Mas nos raros momentos em que a ventania cessava, Jack podia ouvir os homens gritando uns com os outros... e rindo. Havia muito riso naquela escalada.

Cerca de 8 quilômetros a oeste do mercado, Jack atravessou uma aldeia (desde que se possa chamar de aldeia as cinco minúsculas casas e um depósito que, obviamente, há muito tempo estava fechado). Aquelas foram as últimas habitações humanas que vira. Pouco antes de vislumbrar a torre, começou a se perguntar se já não teria chegado às Fronteiras. Lembrava-se muito bem do que dissera o capitão Farren: *... a estrada que o pai de meu pai chamava Caminho do Oeste. Corre para o oriente através de aldeias cada vez menores até alcançar as Fronteiras. E continua além delas, rapaz! Ninguém sabe pra onde... Já ouvi dizer que nem o próprio Deus se aventura além das Fronteiras...*

Jack teve um ligeiro tremor.

Mas realmente não acreditava que já tivesse chegado assim tão longe. E, além disso, não estava sentindo o mal-estar que

experimentara ao se esconder entre as árvores vivas para escapar da diligência de Morgan... Aquelas árvores pareceram apenas uma terrível amostra dos maus momentos que teria de passar em Oatley.

Na realidade, a segurança que sentira desde que acordou aquecido e descansado no monte de feno até a hora em que Henry, o camponês, o convidara a subir na carroça tinha ressurgido: aquela sensação de que os Territórios, apesar de todo o mal que pudessem abrigar, eram fundamentalmente bons, de que sempre que quisesse poderia desfrutar a atmosfera daquele lugar... de que não era absolutamente um estrangeiro.

Começava a perceber que *fizera* parte dos Territórios por longos períodos de tempo. Um estranho pensamento que tomara conta dele durante a tranquila caminhada pela estrada do Oeste, um pensamento que veio metade em sua língua natal e metade no idioma dos Territórios: *Quando tenho um sonho, só SEI que estou realmente sonhando quando começo a acordar. Se estou sonhando e me acordam bruscamente (se o despertador, por exemplo, começa a tocar), sinto o maior espanto do mundo. A princípio, o mundo do despertar é que parece um sonho. E tanto nele quanto no mundo do sonho não me sinto um estrangeiro. Será exatamente isto que estou querendo dizer? Não, mas estou chegando perto. Aposto que meu pai tinha sonhos muito profundos e sonhava muito. E aposto que o tio Morgan quase nunca consegue sonhar.*

Decidiu que tomaria um gole da garrafa de Speedy assim que visse alguma coisa perigosa... mesmo que fosse algo apenas assustador. Mas, se nada acontecesse, daria preferência absoluta às caminhadas pelos Territórios. Na realidade, ficaria tentado a passar a noite nos Territórios se tivesse comido alguma coisa mais além daquela única maçã. Era uma pena que na ampla estrada do Oeste não houvesse um 7-Eleven ou um Stop-‘n-Go.

As velhas árvores que cercavam o cruzamento na saída do mercado tinham dado lugar, depois que Jack ultrapassou aquele último povoado, a uma planície coberta de relva, estendendo-se de

ambos os lados da estrada. Ele começou a ter a sensação de estar atravessando uma ponte interminável, cruzando um oceano sem limites. Viajava sozinho pela estrada do Oeste naquele dia, e o céu estava claro e ensolarado, mas o ar um pouco frio (*É final de setembro, naturalmente já começa a esfriar*, Jack pensou, só que a palavra que lhe veio à mente não foi *setembro*, mas uma expressão dos Territórios que, traduzida ao pé da letra, significava *mês nono*). Naquele trecho de estrada não havia pedestres, nem carroças, vazias ou cheias. O vento soprava sem parar, suspirando pelo oceano de relva num murmúrio baixo, que lhe trazia uma sensação de outono e mesmo de solidão. Sob aquele vento, grandes ondulações encrespavam a relva.

Se alguém perguntasse: “Como está se sentindo, Jack?”, o rapaz responderia: “Muito bem, obrigado. Animado.” *Animação* foi a palavra que se fixou em sua mente quando começou a atravessar a imensa planície (*êxtase* parecia uma palavra surrada demais por um dos sucessos do grupo de rock *Blondie*). E ele teria ficado atônito se alguém dissesse que ele chorou várias vezes enquanto estava de pé olhando as ondas umas atrás das outras indo em direção ao horizonte, absorvendo uma visão que pouquíssimas crianças americanas teriam oportunidade de desfrutar: enormes campos abertos sob um céu azul tão longo e largo que chegava a ser estonteante, e até mesmo profundo. Era um céu que não conhecia a esteira de combustível dos grandes jatos, nem colunas de fumaça indicando a presença de cidades poluídas ao longe.

Jack passava por uma experiência de extraordinário impacto sensorial. Via, ouvia, cheirava coisas que lhe eram totalmente desconhecidas. Todos os artifícios sensoriais a que fora condicionado começavam a perder boa parte de sua força. De certa forma, era um menino extremamente sofisticado, criado numa família de Los Angeles, filho de um empresário e de uma atriz de cinema. Talvez a atmosfera dos Territórios ainda lhe parecesse mais estranha se fosse uma criança ingênua. Mas o fato é que ainda era

muito novo e, sofisticadas ou não, as crianças não deixam de aproveitar de uma maneira muito própria determinadas situações... pelo menos situações como aquela. Mesmo num adulto, uma caminhada solitária através daqueles campos produziria uma sobrecarga emocional, talvez até uma vaga sensação de loucura e alucinação. Um adulto lutaria avidamente pela garrafa de Speedy (provavelmente com dedos demasiado trêmulos para conseguir se apoderar dela) uma hora depois de sair do mercado, talvez até menos.

No caso de Jack, o choque se apoderava quase de forma integral de sua mente consciente e mergulhava no subconsciente. Quando, num verdadeiro estado de graça, começou a chorar, estava inconsciente das lágrimas (percebeu-as apenas como uma perturbação momentânea da visão, que atribuiu ao suor) e limitou-se a pensar: *Puxa, como me sinto bem... Devia estar meio assombrado no meio desta campina, longe de tudo e de todos; mas não é o que está acontecendo...*

Foi assim que, avançando sozinho pela estrada do Oeste (sua sombra aos poucos se alongando atrás dele), Jack começou a encarar o estado de êxtase apenas como uma gratificante sensação de *animação*. Não lhe ocorreu que parte daquela vibração emocional podia dever-se ao fato de que, menos de 12 horas antes, ainda era prisioneiro na Smokey Updike's Oatley Tap (as manchas de sangue pisado do último barril a lhe esmagar os dedos ainda estavam frescas); não lhe ocorreu que, menos de 12 horas atrás, escapara — por um triz! — de alguma espécie de besta assassina que começava a figurar em sua mente como homem-cabra; também não lhe ocorreu que, pela primeira vez na vida, caminhava totalmente sozinho por uma estrada ampla, cercada de prados; não havia sequer um anúncio da Coca-Cola à vista, nem um outdoor da Budweiser, nem fios correndo de poste em poste ou se cruzando sobre sua cabeça (coisas que encontrara *em todas as estradas por onde passara*); não havia sequer o ruído distante de um avião, muito

menos o barulho de trovão das turbinas de um 747 se aproximando do aeroporto de Los Angeles, nada dos jatos militares que não paravam de decolar de Portsmouth e, como o chicote de Osmond, cortavam em baixa altitude as costas do Atlântico e o céu sobre o Alhambra; ouvia apenas o tranquilo fluxo e refluxo da própria respiração e o barulho de seus pés na estrada.

Puxa, como estou me sentindo bem, Jack pensou, enxugando distraidamente os olhos e definindo tudo aquilo como “animação”.

6

E AGORA LÁ ESTAVA aquela torre para lhe despertar a curiosidade.

Rapaz, nada me faria subir naquele negócio, Jack pensou. Comera a maçã até o caroço e, sem pensar no que estava fazendo nem tirar os olhos da torre, cavou com os dedos um buraco na terra fértil e primaveril, enterrando lá dentro o caroço da maçã.

A torre parecia construída de tábuas de madeira como as dos celeiros, e Jack avaliou sua altura em mais de 150 metros. Lembrava uma espécie de bloco quadrado oco, as tábuas se erguendo de todos os lados em escoras em forma de x. No topo, havia uma plataforma e, apertando os olhos, Jack pôde ver alguns homens andando lá em cima.

O vento envolveu-o numa rajada suave quando ele se sentou na margem da estrada, os joelhos no peito e os braços em volta deles. Outra daquelas ondulações de relva correu na direção da torre. Jack imaginou como aquela estrutura franzina devia balançar e sentiu um nó na garganta.

JAMAIS quero ir lá em cima, ele pensou, nem por um milhão de dólares.

E então a coisa que estava temendo que pudesse acontecer desde o momento em que observou pela primeira vez os homens na torre *de fato* aconteceu: um deles caiu.

Jack ficou de pé, no rosto a consternação e o espanto de alguém que estava num circo e, durante um número perigoso, presenciou um acidente no picadeiro: o acrobata que caiu de mau jeito sobre uma barra de ferro, o trapezista que perdeu o equilíbrio e foi lançado longe com um baque pela rede de proteção, a pirâmide humana que desabou inesperadamente esparramando uma montanha de corpos.

Oh merda, oh droga, oh...

E, de repente, os olhos de Jack se arregalaram ainda mais. Por um instante, seu queixo tremeu violentamente e caiu quase até o pescoço. Mas voltou depressa ao lugar... e a boca se alargou num assombrado sorriso de incredulidade. O homem não caíra da torre nem fora lançado no ar pelo vento. Dos lados da plataforma havia saliências que se projetavam no espaço como trampolins. O homem apenas caminhara até a beira de um desses trampolins e saltara. A meio caminho do solo, alguma coisa começou a se desenrolar — um paraquedas, Jack pensou, mas o problema é que jamais haveria tempo de abrir um paraquedas naquela altitude.

E de fato não era um paraquedas.

Eram asas.

A queda do homem se tornou mais lenta e cessou completamente quando ele chegou a uns 15 metros da relva da campina. Então a trajetória ficou sinuosa. O homem voava agora para cima e para os lados, as asas se erguiam tão alto que quase se tocavam (como as crinas e cabeças daquele papagaio maluco) e depois batiam com imensa energia, como os braços de um nadador nos metros finais de uma prova.

Oh, uau, Jack pensou, tentando dar vazão de alguma forma ao seu total, absoluto sentimento de assombro. A exclamação coroou toda a surpresa que rodopiava em sua cabeça. *Oh, uau, olhe aquilo, cara! Oh, uau!*

E um segundo homem pulou do trampolim do alto da torre; depois um terceiro; logo a seguir um quarto. Daí a 5 minutos, já havia uns cinquenta homens no ar, esvoaçando sobre a planície numa complicada, mas definida teia de padrões: depois de pular e abrir as asas, faziam uma trajetória em forma de oito, em seguida sobrevoavam a torre, repetiam o mesmo desenho do outro lado, passavam de novo pela torre e continuavam seguindo o padrão.

Rodopiavam, dançavam e se cruzavam no ar. Jack começou a rir de contentamento. Era como assistir aos balés aquáticos daqueles velhos filmes cafonas de Esther Williams. Aquelas nadadoras (em primeiro lugar a própria Esther Williams, é claro) faziam tudo parecer muito fácil, como se qualquer pessoa pudesse mergulhar daquele jeito, como se pudéssemos, com a maior tranquilidade, saltar com nossos amigos de um trampolim com diversas pranchas, numa coreografia precisa, formando uma espécie de fonte humana.

Mas havia uma diferença. Os homens que voavam sobre a campina não transmitiam qualquer impressão de “facilidade”; pareciam, ao contrário, estar empregando somas fantásticas de energia para se manterem no ar. Jack compreendeu, com súbita certeza, que a coisa doía, como certos exercícios de educação física (as flexões de braços ou os abdominais, por exemplo). *Sem dor não se consegue nada*. O treinador daria uma bronca se alguém tivesse o atrevimento de reclamar.

De repente, Jack se lembrou de mais uma coisa. Lembrou-se do dia em que a mãe o levava a um estúdio de dança no bulevar Wilshire para ver o ensaio de uma amiga dela, Myrna. Myrna era uma *verdadeira* bailarina, participava de um ótimo grupo de balé e Jack já a vira dançar algumas vezes no palco (frequentemente tinha

que ir junto com a mãe aos balés, coisa que achava tão chata quanto os cultos da igreja ou os programas infantis da rede de tevê educativa). Mas nunca vira Myrna ensaiando... Nunca a vira de tão perto. Ficara realmente impressionado, até mesmo um pouco assustado, pelo contraste entre o balé no palco, onde todo mundo parecia deslizar sem esforço nas pontas das sapatilhas, e um “balé” a um ou 2 metros de distância, com a sombria luz do sol filtrada por janelas que iam do chão até o teto e sem música: nada além do coreógrafo batendo ritmadamente as mãos e gritando asperamente. E nada de elogios; só críticas. Os rostos das bailarinas gotejavam de suor; as roupas estavam grudadas no corpo; a sala, embora larga e arejada, ficava impregnada do cheiro do suor. Músculos reluzentes tremiam, vibravam à beira da exaustão. Tendões retesados lembravam cabos de guerra. Veias salientes palpitavam nas testas e nos pescoços. Excluindo as palmas e os gritos furiosos, agressivos do coreógrafo, o único som era o *tap-tap* das sapatilhas se deslocando pelo assoalho e o arfar áspero, angustiante, em busca de ar. Jack achou que aquelas mulheres não estavam apenas ganhando a vida, estavam realmente se matando. Lembrava-se principalmente das expressões dos rostos: toda aquela concentração exausta, toda aquela dor... Mas transcendendo a dor, ou pelo menos rastejando pelas brechas da dor, havia também alegria. E foi isso que deixou Jack ainda mais assustado, porque parecia uma coisa inexplicável. Que tipo de pessoa poderia gostar de ser submetida a uma dor tão contínua, tão severa, tão exasperante?

Era também dor o que estava vendo ali nos Territórios, ele pensou. Seriam realmente homens que nasceram com asas, como os homens-pássaros dos velhos seriados do *Flash Gordon*, ou seriam asas como as de Ícaro e Dédalo, alguma coisa amarrada ao corpo? Mas Jack achou que aquilo era um detalhe que não tinha grande importância... Ao menos para ele.

Alegria.

Vivem num mistério. Essas pessoas vivem num mistério.

A alegria é que lhes dá força.

E era isso que importava. Era a alegria que lhes dava força, tivessem nascido com asas nas costas ou tivessem de amarrá-las no peito com grampos e cinturões. Porque, mesmo daquela distância, ele via o mesmo tipo de esforço que havia no estúdio de dança do bulevar Wilshire. Todo aquele pródigo investimento de energia para obter uma esplêndida, mas momentânea, reversão da lei natural. Que tal reversão exigisse tanto empenho e durasse tão pouco tempo era terrível. Mas que existisse gente capaz de se esforçar para alcançá-la era ao mesmo tempo terrível e magnífico.

E tudo não passa de um jogo, ele pensou e, de repente, teve certeza da coisa. Um jogo ou talvez nem mesmo isso, talvez apenas um treino de jogo, do mesmo modo como o suor e a exaustão nervosa daquele estúdio de dança só faziam parte de um ensaio. Ensaio para um espetáculo que só umas poucas pessoas teriam vontade de ver e que provavelmente se resumiria a meia dúzia de apresentações.

Alegria, ele pensou de novo, de pé na margem da estrada, o vento jogando o seu cabelo na testa, o rosto empenado para contemplar os homens que voavam no horizonte. Seu período de inocência infantil estava chegando rapidamente ao fim (se pressionado, o próprio Jack seria capaz de mostrar que tinha plena consciência do processo: um garoto não pode se mandar por aí por tanto tempo, não pode passar por experiências tão complicadas quanto as que ele vivera em Oatley e continuar sendo um menino ingênuo), mas, naquele momento, olhando os homens no céu, a inocência parecia envolver todas as coisas à sua volta; como o jovem pescador, durante seu breve momento de êxtase, no poema de Elizabeth Bishop, tudo era arco-íris, arco-íris, arco-íris.

Alegria... Rapaz, aquela era realmente uma palavrinha animada.

Sentindo-se bem melhor do que se sentia quando aquela aventura começou (e só Deus sabia há quanto tempo tudo aquilo havia *realmente* começado), Jack retomou a caminhada pela estrada do Oeste, o passo leve, o rosto abrindo o contorno do mesmo sorriso solto, magnífico. De vez em quando olhava para trás e dava mais uma espiada nos homens voadores. Pôde vê-los ainda durante um bom tempo. O ar dos Territórios era tão límpido que parecia quase ampliar a imagem. E mesmo quando os homens-pássaros ficaram na distância, a sensação de alegria continuou, como um arco-íris dentro de sua cabeça.

7

QUANDO O SOL começou a cair, Jack viu que estava protelando o retorno ao outro mundo — aos Territórios *americanos* —, e não apenas por causa do gosto terrível do suco mágico. Estava protelando porque não queria sair dali.

Um córrego surgira do meio da campina (onde pequenos bosques despontavam de novo aqui e ali — bosques com grandes árvores de copas estranhamente achatadas, como pés de eucalipto). Depois de uma curva sinuosa, o córrego passara a ladear a estrada. Mais adiante, à direita e um pouco ao longe, Jack viu uma enorme massa d'água. Na realidade, era *tão* grande que, até o último minuto, ele achou que fosse um trecho de céu com uma coloração ligeiramente mais azul do que o resto. Mas não era céu, era um lago. *Um grande lago*, ele pensou, sorrindo com a ideia. Achou que, no outro mundo, aquilo poderia perfeitamente ser o lago Ontário.

Sentia-se bem. Estava na direção certa — talvez um pouco excessivamente ao norte, mas não tinha dúvida de que a estrada do Oeste faria as devidas correções na trajetória. Aquela sensação de quase enlouquecida alegria (aquilo que definira como “animação”) ia cedendo espaço a um espantoso sentimento de calma e serenidade, um sentimento que parecia tão límpido quanto o ar. Só uma coisa perturbou a continuidade daquela sensação: a lembrança *(seis, tinha seis, Jack tinha seis)*

de Jerry Bledsoe. Por que lhe era tão difícil expulsar da mente aquela lembrança?

Não... não apenas uma lembrança... Na realidade, duas lembranças. Primeiro, eu e Richard ouvindo a sra. Feeny contando à irmã que a eletricidade explodiu e cozinhou o Jerry, que lhe grudou os óculos no nariz, que ela ouvira o sr. Sloat falando ao telefone e fora assim que soubera dos detalhes... Depois eu atrás do sofá, sem nenhuma vontade de ouvir a conversa dos outros ou bisbilhotar, mas escutando o pai dizer: “Tudo tem consequências, e algumas dessas consequências poderiam ser perigosas.” Certamente alguma coisa tornou Jerry Bledsoe perigoso, não foi? Mas quando os óculos dele se grudaram no nariz, isso deve ter sido uma coisa bastante incômoda, não é?

Jack parou. Ficou paralisado.

O que está tentando dizer?

Você sabe muito bem o que estou tentando dizer, Jack. Seu pai tinha desaparecido naquele dia — ele e Morgan, os dois. Eles estavam lá. Onde? Acho que estavam no exato lugar aqui onde ficava o edifício deles na Califórnia, lá nos Territórios americanos. E tinham feito alguma coisa, ou pelo menos um deles fez. Talvez uma coisa grande, ou talvez apenas uma pedra atirada na água... ou um caroço de maçã enterrado no chão. Mas a coisa ecoou de alguma forma... do outro lado. Ecoou lá na Califórnia e matou Jerry Bledsoe.

Jack estremeceu. Oh, sim, ele agora achava que sabia por que sua mente estava tendo tanta dificuldade para expulsar a lembrança: o táxi de brinquedo, o murmúrio das vozes dos adultos, Dexter Gordon e o solo de sax. A mente não queria expulsá-la porque

(quem executa essas mudanças, papai?)

ela sugeria que, só de estar ali, ele poderia provocar alguma coisa terrível no outro mundo. Dar início à Terceira Guerra Mundial? Não, provavelmente não. Não assassinara nenhum jovem ou velho rei. Mas o que teria sido preciso fazer para engendrar o eco que cozinhou Jerry Bledsoe? Teria o tio Morgan dado um tiro no Duplo de Jerry (se é que o Jerry tivera algum Duplo nos Territórios)? Teria tentado mostrar a algum manda-chuva dos Territórios a força de uma coisa nova, a eletricidade? Ou teria feito apenas uma coisinha aparentemente sem importância... algo tão tolo quanto comprar um pedaço de churrasco num mercado rural? Quem faz essas mudanças acontecerem, papai? *O que faz essas mudanças acontecerem?*

Quem sabe o início de uma bela enchente, de um bonito incêndio...

Subitamente a boca de Jack ficou seca como sal.

Aproximou-se do pequeno riacho na margem da estrada, ajoelhou-se e fez concha com uma das mãos. Então a mão ficou paralisada. O curso suave do córrego adquirira os tons do crepúsculo que avançava. Mas esses tons logo foram tingidos de vermelho, de modo que o riacho ficou parecendo mais um riacho de sangue que um riacho de água. Depois ficou negro. E por fim tornou-se transparente e Jack viu...

Um som de choramingo escapou dos lábios dele ao ver a diligência de Morgan em disparada pela estrada do Oeste, puxada pela dúzia de cavalos adornados com penas negras espumando pela boca. Viu, com um terror quase mortal, que o cocheiro sentado lá no alto, as botas de couro apoiadas no estribo, o chicote

estalando sem cessar numa das mãos, era Elroy. Mas a coisa que segurava o chicote não podia absolutamente se chamar de mão. Era uma espécie de casco. Era Elroy quem conduzia aquela carruagem de pesadelo, era Elroy quem sorria com uma boca cheia de caninos mortais, era Elroy que simplesmente não podia esperar a hora de encontrar de novo Jack Sawyer e lhe abrir a barriga e arrancar as tripas.

Jack continuou ajoelhado diante do córrego, os olhos esbugalhados, a boca tremendo de aversão e horror. E viu ainda uma última coisa, não uma coisa muito grande, não, mas algo que lhe pareceu o detalhe mais horripilante: os olhos dos cavalos pareciam brilhar. E pareciam brilhar porque estavam cheios de luz, cheios da luz do pôr-do-sol.

A diligência estava seguindo para Oeste pela mesma estrada que ele... Estava no seu encalço!

Arrastando-se, duvidando até mesmo que conseguisse ficar de pé se precisasse, Jack foi se afastando do regato, foi cambaleando para o leito da estrada. Caiu estatelado no chão, a garrafa de Speedy e o espelho que o vendedor de tapetes lhe dera fazendo pressão em seu peito. Virou a cabeça de lado e apertou a orelha e a face direitas contra o solo.

Pôde sentir um ronco incessante no leito duro e seco da estrada do Oeste. Ainda estava distante... mas ia se aproximando.

Elroy lá no alto... e Morgan lá dentro. Morgan Sloat? Morgan de Orris? Pouco importava. Ambos eram a mesma pessoa.

Com grande esforço livrou-se do efeito hipnótico daquele ronco na terra e conseguiu se levantar. Tirou do gibão a garrafa de Speedy (a mesma tanto nos Territórios como nos Estados Unidos) e puxou a rolha de mato com toda a sua força, não se preocupando com os pedaços de planta a cair na pouca quantidade de líquido que havia (agora não mais que uns 5 ou 6 centímetros). Atirou um olhar nervoso à esquerda, como se esperasse ver a qualquer momento a carruagem negra despontar no horizonte, os olhos dos cavalos

cheios da luz do crepúsculo brilhando como estranhas lanternas. Naturalmente, não viu coisa alguma. Já tinha reparado que os horizontes ficavam mais perto nos Territórios e os sons viajavam mais depressa. A diligência de Morgan ainda devia estar a 15 ou mesmo a uns 30 quilômetros a leste.

Mesmo assim, está vindo bem pra cima de mim, Jack pensou e levou a garrafa aos lábios. Mas, um segundo antes de beber, sua mente gritou: *Ei, espere um minuto! Espere um minuto, idiota. Ou será que está querendo morrer?* Seria muito engraçado, não é mesmo, desaparecer do meio da estrada do Oeste e aparecer na pista central de alguma grande rodovia americana, talvez para ser atropelado por um furgão ou uma enorme carreta.

Jack cambaleou para a margem da estrada... E depois, por medida de segurança, deu mais dez ou vinte passos por entre a relva. Então respirou profundamente, inalando pela última vez o doce aroma daquele lugar, absorvendo o doce aroma daquele lugar, procurando recuperar a sensação anterior de perfeita tranquilidade... aquela sensação de arco-íris.

Preciso tentar me lembrar como me senti, ele pensou. *Posso precisar... e talvez não volte aqui por um bom tempo.*

Contemplou de novo a planície. Ela ia sendo coberta pela noite que avançava do leste. O vento continuava a soprar, um tanto frio mas ainda perfumado, encrespando-lhe o cabelo (que, na realidade, já estava bastante desgrenhado) como encrespava a relva.

Está pronto, Jack-O?

Jack fechou os olhos e tomou coragem para enfrentar o gosto terrível e o vômito que era bem capaz de vir em seguida.

— Banzai — ele sussurrou, e bebeu.

Capítulo Quatorze

Buddy Parkins

1

VOMITOU UMA FINA saliva roxa, o rosto a poucos centímetros do mato que cobria a encosta de uma rodovia de quatro pistas. Sacudiu a cabeça, mas continuou curvado, as costas voltadas para o céu cinzento, carregado. O mundo, aquele mundo, cheirava mal. Jack arrastou-se para trás, distanciando-se um pouco dos filetes de vômito salpicados nas hastes de relva. O fedor se alterou, mas não

diminuiu. Gasolina e inúmeros outros venenos flutuavam no ar; o próprio ar tinha um cheiro de exaustão, de fadiga (mesmo os ruídos que assomavam da rodovia poluíam aquele ar mortal). Como um gigantesco vídeo de tevê, um anúncio de beira de estrada se debruçava sobre sua cabeça. Ainda meio trôpego, Jack ficou de pé. Lá embaixo, do outro lado da estrada, cintilava uma interminável massa d'água, apenas ligeiramente menos cinzenta que o céu. Uma espécie de maligna radiância faiscava na superfície. Também daquela água vinha um odor de limalha e vapor. Era o lago Ontário. E a medíocre cidadezinha na margem devia ser Olcott ou Kendall. Desviara-se mais de 150 quilômetros de seu caminho e perdera uns quatro dias e meio. Sem saber muito bem o que fazer, Jack Sawyer ergueu os olhos para as grandes letras pretas. Enxugou os lábios com a mão. ANGOLA. Angola? Que lugar era aquele? Através do ar já quase tolerável, contemplou a cidadezinha enfumaçada.

E o velho guia Rand McNally, seu companheiro inseparável, informou-o de que a massa d'água lá embaixo era o lago Erie — em vez de perder dias de viagem, ele os ganhara.

Mas antes que pudesse decidir se não seria mais conveniente voltar aos Territórios assim que se julgasse a salvo (isto é, assim que a diligência de Morgan tivesse passado), sentiu um impulso incontrolável de caminhar até a enfumaçada cidadezinha de Angola e ver se dessa vez Jack Sawyer, Jack-O, tinha provocado alguma mudança. Começou a descer a encosta, calça jeans e camisa xadrez, bastante alto para seus 12 anos, e já começando a lembrar um menor abandonado, com um excesso de preocupação no rosto.

A meio caminho do acostamento, percebeu que estava de novo pensando em inglês.

MUITOS DIAS DEPOIS, bem mais a oeste, um homem chamado Buddy Parkins, que perto de Cambridge, no estado de Ohio, dera carona a um garoto alto chamado Lewis Farren, foi capaz de reconhecer de imediato aquele ar de preocupação. Era como se a ansiedade estivesse formando sulcos eternos naquele rosto. *Anime-se, meu filho! Pelo menos para o seu próprio bem!*, Parkins teve vontade de dizer. Mas, segundo a história que ouvira, o rapaz tinha uma verdadeira montanha de problemas. Pai morto, mãe doente que o mandara para a casa de uma tia professora no lago Buckeye... Sobravam motivos de preocupação para Lewis Farren. Parecia nunca ter andado com mais de 5 dólares no bolso desde o Natal anterior. Contudo... Buddy achava que alguma coisa não estava se encaixando na história daquele tal de Lewis Farren.

Por exemplo, ele tinha cheiro de gente do campo, não da cidade. Buddy Parkins e seus irmãos tinham 300 acres de terra a cerca de 50 quilômetros a sudeste de Columbus, não muito longe de Amanda. Buddy tinha certeza de que não estava equivocado. Aquele garoto cheirava a Cambridge, e Cambridge era campo. Buddy crescera entre pastos e lavouras, entre adubo, estrume, espigas de milho e vinhas. As roupas encardidas do carona a seu lado tinham absorvido todos aqueles cheiros que lhe eram tão familiares.

E havia também o problema das roupas em si. A sra. Farren devia estar terrivelmente doente, Buddy pensou, para deixar o filho sair de casa com um jeans tão duro de sujeira que ficaria de pé fora do corpo. E os tênis! Os tênis de Lewis Farren estavam a ponto de cair dos pés, os cordões quase podres, a sola quase rompida, pronta a se abrir em meia dúzia de rombos.

— Então levaram o carro de seu pai, Lewis? — Buddy perguntou.

— Foi como eu contei ao senhor. Os covardes vieram depois da meia-noite e simplesmente roubaram o nosso carro. Acho que devia haver uma lei para proibi-los de fazer uma coisa dessas. Não deviam tirar o carro de gente trabalhadora, que ia voltar a pagar as prestações assim que pudesse. Não acha que tenho razão?

O rosto franco e bronzeado do garoto virou-se para ele como se estivesse discutindo o mais sério problema americano desde Watergate ou a baía dos Porcos. Todos os instintos de Buddy estavam propensos a concordar — não seria difícil aprovar a opinião sincera de um rapaz que tanto lhe lembrava a vida rural.

— Acho que existem sempre dois lados em cada coisa — disse Buddy Parkins, não muito sorridente.

O garoto piscou e virou de novo a cabeça para a estrada. E de novo Buddy sentiu a ansiedade dele, a nuvem de preocupação que parecia pender sobre seu rosto. Chegou quase a lamentar não ter concedido a Lewis Farren a solidariedade absoluta de que ele tanto parecia precisar.

— Sua tia ensina numa escola de ensino fundamental lá no lago Buckeye... Isso é bom, não é? — disse Buddy, tentando abrandar a angústia do garoto. Olhe para o futuro, não para o passado.

— Sim senhor. Ela ensina na escola de ensino fundamental. Chama-se Helen Vaughan.

A expressão do garoto não se alterou, mas alguma coisa retiniu nos ouvidos de Buddy. Ele não se considerava um Henry Higgins, o professor naquele musical, mas tinha certeza de que o jovem Lewis Farren não falava como alguém criado em Ohio. A voz era estranha, um tanto veloz e cheia de altos e baixos nos lugares errados. Não era um jeito de falar de Ohio. E, principalmente, não era um jeito de falar rural. Havia um sotaque

sotaque.

Seria possível que um garoto de Cambridge, em Ohio, tivesse aprendido a falar daquela maneira? E por que motivo? Buddy

achava que sim.

Além disso, o jornal que Lewis Farren prendia com o cotovelo esquerdo parecia legitimar a mais profunda e pior suspeita de Buddy Parkins: que aquele jovem cheio dos mais diversos aromas estava fugindo de alguma coisa e que cada palavra que ouvia dele não passava da mais descarada mentira. O nome do jornal, que Parkins descobrira inclinando ligeiramente a cabeça, era *The Angola Herald*. Havia aquela Angola na África, para onde muitos ingleses tinham ido como mercenários, e havia um lugar chamado Angola, no estado de Nova York — lá em cima no lago Erie. Não há muito tempo, vira fotos do lugarejo nos jornais, mas não conseguia se lembrar a propósito de quê.

— Queria lhe fazer uma pergunta, Lewis — disse ele pigarreando.

— Pode fazer — disse o garoto.

— Por que um rapaz de uma cidade de Ohio está carregando um jornal de Angola, em Nova York? Fica muito, muito longe daqui. Só estou curioso, filho.

O rapaz olhou para o jornal amassado sob o braço e imprensou-o ainda com mais força, como se temesse que fosse escapar dali.

— Oh — disse ele. — Encontrei esse jornal.

— Oh, diabos — disse Buddy Parkins.

— Foi. Num banco da rodoviária. Lá perto de casa.

— Foi até a rodoviária hoje de manhã?

— Sim. Antes de resolver economizar o dinheiro do ônibus e ir de carona. Se puder me deixar no trevo para Zanesville, só terei de andar mais um pouco. Acho que vou chegar à casa da minha tia antes do jantar.

— Pode ser — disse Buddy e, por vários quilômetros, continuou dirigindo num silêncio inquieto. Finalmente, não pôde mais suportar e, num tom de voz calmo e sem tirar os olhos da estrada, perguntou:

— Filho, você está fugindo de casa?

Lewis Farren surpreendeu-o com um sorriso: não era um sorriso forçado, não era um sorriso falso; era um sorriso normal. O garoto achou engraçada a ideia de estar fugindo de casa. Ela o divertia. Virou-se para Buddy uma fração de segundo depois dele ter se virado também. Os olhos dos dois se encontraram.

Por um segundo, por dois segundos, três... pelo tempo que aquele momento durou, Buddy Parkins viu que o garoto sujo sentado do lado dele era muito bonito. Julgara-se incapaz de usar aquela palavra para descrever qualquer ser humano do sexo masculino acima de nove meses, mas, sob o rosto encardido, Lewis Farren era bonito. Seu senso de humor pareceu dissipar momentaneamente todas as preocupações. O que cintilou para os olhos de Buddy (que tinha 52 anos e três filhos adolescentes) foi uma espécie de honesta generosidade que só podia ter se originado de uma multidão de experiências incomuns. Aquele Lewis Farren, que dizia ter 12 anos, conseguira de alguma forma ter ido mais longe e visto muito mais que Buddy Parkins. E o que vira nos caminhos por onde andara transformara-o num garoto realmente bonito.

— Não, não estou fugindo de casa, sr. Parkins — disse o garoto.

Depois piscou, as sobrancelhas se franziram de novo, os olhos perderam o brilho, a luminosidade, e ele voltou a se afundar no assento. Suspendeu um dos joelhos, apoiou-o no painel do carro e ajeitou o jornal debaixo do braço.

— É, acho que não... — disse Buddy Parkins, olhando de novo para a estrada. Sentia-se aliviado, embora não pudesse explicar muito bem por quê. — Acho mesmo que não está fugindo de casa, Lewis. Mas há alguma coisa com você.

O garoto não respondeu.

— Esteve trabalhando numa fazenda, não foi?

Lewis levantou os olhos, parecendo espantado.

— Foi. Nos últimos três dias trabalhei numa fazenda. Dois dólares por hora.

E sua mãe nem teve tempo de lavar suas roupas antes de mandá-lo para a casa da irmã, hein?, pensou Buddy. Mas o que ele disse foi:

— Lewis, gostaria que você considerasse vir comigo. Não estou dizendo que tenha feito alguma coisa errada, nada disso. Mas, se me provar que é mesmo de Cambridge, pode estar certo de que comerei este velho carro com pneus e tudo. Tenho três filhos e o mais novo, Billy, é apenas três anos mais velho que você. Sabemos muito bem cuidar de *garotos* lá em casa. Pode ficar conosco o tempo que quiser, dependendo de quantas perguntas quer responder. Eu ainda vou fazer muitas, pelo menos depois da primeira vez que compartilharmos uma refeição.

Ele passou a palma da mão no cabelo grisalho, cortado à escovinha, e olhou para o lado. Agora Lewis Farren lembrava mais uma garoto do que um mistério a ser decifrado.

— Será muito bem recebido, rapaz.

Lewis respondeu sorrindo:

— É muita gentileza, sr. Parkins, mas não posso ir. Tenho de chegar à casa da minha, hã, tia em...

— No lago Buckeye — Parkins ajudou.

O garoto engoliu em seco e olhou de novo para a frente.

— Se quiser, posso lhe dar uma ajuda — Buddy insistiu.

Lewis deu uma pancadinha no braço forte e bronzeado de Parkins.

— Esta carona já é uma grande ajuda, pode crer.

Depois do silêncio de quase 10 minutos, Buddy viu o vulto indefeso do garoto descer vagarosamente o acostamento na entrada de Zanesville. Provavelmente Emmie ficaria furiosa se o visse chegar com um garoto estranho e sujo, mas depois de algum tempo conversando com ele, seria até capaz de tirar do armário os copos e pratos que ganhara da mãe e que só costumava usar em

ocasiões especiais. Buddy Parkins não acreditava que existisse uma mulher chamada Helen Vaughan nas margens do lago Buckeye, e duvidava até que aquele misterioso Lewis Farren tivesse mãe. O garoto sugeria muito mais ser um órfão com uma grande missão. Buddy ficou vendo o rapaz desaparecer na curva do trevo e depois continuou olhando para a distância, onde se via a enorme tabuleta amarela e roxa de um shopping.

Por um instante, teve vontade de saltar do carro, correr atrás do garoto, trazê-lo de volta... E então teve um breve lampejo de uma cena cheia de tumulto e fumaça que vira no noticiário das seis. Angola, Nova York. Uma ocorrência sem grande importância, que só fora transmitida uma vez. Uma daquelas pequenas tragédias que a custo conseguem figurar numa montanha de notícias mundiais. Tudo que Buddy pôde reconstituir naquele curto e provavelmente falho momento de recordação foi uma imagem de vigas caídas como gigantescos fiapos de palha sobre carros velhos. As vigas pareciam ter saltado de um buraco fumegante no solo, um buraco que devia chegar ao inferno de tão profundo. Buddy Parkins olhou mais uma vez para o trecho vazio de estrada por onde o garoto desaparecera, pisou na embreagem de seu velho carro e engatou a primeira.

3

A MEMÓRIA DE BUDDY Parkins fora mais precisa do que ele imaginava. Se tivesse visto a primeira página do exemplar do mês anterior do *Angola Herald* que “Lewis Farren”, aquele enigmático garoto, conservava com tanto cuidado (e até mesmo temor) sob o braço, teria lido o seguinte:

LIGEIRO T REMOR DE T ERRA MATA C INCO P ESSOAS

POR JOSEPH G ARGAN, REPÓRTER DO *H*ERALD

O trabalho na Rainbird Towers, que viria a ser o mais alto e mais luxuoso condomínio da região, e cujas obras deviam estar concluídas em seis meses, foi ontem tragicamente interrompido quando um tremor de terra, sem precedentes na cidade, fez desmoronar toda a estrutura do prédio, soterrando alguns trabalhadores. Cinco corpos foram retirados dos escombros e dois homens ainda não foram encontrados, mas presume-se que estejam mortos. Os sete eram soldadores e montadores da Speiser Construction e, no momento do acidente, estavam em andaimes nos dois últimos andares da estrutura do prédio.

O abalo de ontem foi o primeiro tremor que a história registrou em Angola. Armin Van Pelt, do Departamento de Geologia da Universidade de Nova York (consultado hoje por telefone), descreveu o lamentável acontecimento como “deslocamento sísmico”. Representantes da Comissão de Segurança do Estado deram início a um exame do local, enquanto uma equipe de...

Os homens mortos eram Robert Heidel, de 23 anos; Thomas Thielke, de 34; Jerome Wild, de 48; Michael Hagen, de 29; e Bruce Davey, de 39. Os dois trabalhadores ainda não encontrados eram Arnold Schulkamp, de 54 anos, e Theodore Rasmussen, de 43. Jack não precisava mais reler a primeira página do jornal para se lembrar do nome deles. O primeiro tremor de terra na história de Angola, em Nova York, ocorrera no dia em que ele saltara da estrada do Oeste e aterrissara nos limites da cidade. Uma parte de Jack Sawyer gostaria de ter ido para a casa do bondoso Buddy Parkins, sentar-se na mesa da cozinha, jantar com a família (ensopadinho e torta de

maçã), depois acomodar-se na cama de abrir e cobrir-se até a cabeça com um grosso edredom. Durante quatro ou cinco dias, só ia sair da cama para comer. Mas outra parte do mesmo Jack Sawyer via a mesa de pinho de Buddy Parkins amontoadada de pedaços de queijo e, do outro lado da mesa, um buraco de camundongos talhado num rodapé gigante (e de buracos nos jeans dos três filhos de Parkins saíam caudas compridas e finas). Quem executa as mudanças como a que se deu com Jerry Bledsoe, papai? *Heidel, Thielke, Wild, Hagen, Davey; Schulkamp e Rasmussen*. Essas mudanças? Ele sabia quem as executava.

4

A ENORME PLACA amarela e roxa dizendo BUCKEYE MALL flutuou à frente de Jack quando ele contornou a última curva da variante, passou por trás dele e reapareceu do outro lado, quando ele pôde finalmente ver que ela ficava sobre um tripé de postes amarelos no estacionamento do shopping. O shopping era um amontoado futurístico de prédios cor de ocre que pareciam não ter janelas. Um segundo mais tarde, porém, Jack percebeu que o shopping era coberto, e o que ele via era apenas a ilusão de prédios separados. Pôs a mão no bolso e remexeu o rolo apertado de 23 notas de um dólar, que era tudo o que possuía.

Na fria luz do sol do início de uma tarde de outono, Jack cruzou a rua em direção ao estacionamento.

Sem aquela conversa com Buddy Parkins, provavelmente teria continuado na rodovia federal 40, tentando conseguir carona para avançar mais uns 70 ou 80 quilômetros. Queria chegar a Illinois, onde Richard Sloat estudava, nos próximos dois ou três dias. A ideia

de encontrar-se com o amigo Richard servira-lhe de consolo durante o período de trabalho fatigante na fazenda de Elbert Palamountain: a imagem do rosto sério e de óculos de Richard Sloat no alojamento do Colégio Thayer, em Springfield, Illinois, não o deixava menos animado que as generosas refeições da sra. Palamountain. Jack ainda queria ver Richard, e o mais breve possível. Mas o convite de Buddy Parkins conseguira deixá-lo um pouco nervoso. Não se sentia com coragem de subir em outro carro e repetir toda a história da mãe doente e da tia professora. (Por alguma razão, pensou Jack, a história parecia estar perdendo a força.) O shopping dava-lhe uma excelente oportunidade de descansar por uma ou duas horas, principalmente se houvesse um cinema lá dentro (veria qualquer coisa com prazer, mesmo uma *love story* melodramática e chata).

Mas, antes do filme (se tivesse sorte de encontrar o cinema), tinha de cuidar de duas coisas que, pelo menos há uma semana, vinham reclamando os seus cuidados. Jack vira Buddy Parkins observando-lhe os tênis, já em avançado processo de deterioração. Além da lona estar começando a rasgar, as solas, antes macias e elásticas, tinham, misteriosamente, começado a ficar duras como asfalto. Quando precisava caminhar grandes distâncias — ou quando tinha de trabalhar o dia inteiro em pé —, seus pés ardiam como se tivessem sido queimados.

A segunda tarefa, telefonar para a mãe, vinha tão carregada de culpa e emoções desagradáveis que Jack não podia se permitir pensar muito nisso. Não sabia se ia conseguir conter as lágrimas quando ouvisse a voz da mãe. E se ela soasse fraca, por exemplo, como a voz de alguém muito doente? Teria coragem de continuar seguindo o caminho do Oeste se a mãe lhe suplicasse com todas as forças que voltasse a New Hampshire? Era difícil admitir a ideia de conversar com a mãe ao telefone. Sua mente lhe fornecia uma imagem muito nítida de uma fileira de orelhões de plástico, mas ele procurou soterrá-la quase de imediato. Como se houvesse o risco

de Elroy ou alguma outra criatura dos Territórios saltar do fone e apertar-lhe a garganta com uma das mãos.

Exatamente nesse momento, três garotas, um ou dois anos mais velhas que ele, saltaram do banco de trás de um Subaru Brat que se enfiara numa vaga apertada, defronte à entrada principal do shopping. Por um segundo, Jack viu-as como modelos contorcidos em insólitas e elegantes poses de contentamento e espanto. Quando conseguiram se equilibrar em posturas mais convencionais, lançaram um olhar indiferente a Jack e começaram a ajeitar meticulosamente os cabelos. As confiantes princesas de início de ginásio tinham pernas compridas e apertadas nos jeans e, quando riam, tapavam a boca com as mãos, como se o riso em si fosse algo engraçado. Jack avançou lentamente; era como um sonâmbulo caminhando. Uma das princesas lançou-lhe mais uma olhadela e sussurrou alguma coisa para a amiga de cabelo castanho.

Estou diferente agora, Jack pensou. Não sou mais como elas. Este reconhecimento encheu-o de um sentimento de solidão.

Um rapaz louro e forte, com uma camisa azul sem mangas, pulou do assento do motorista e reuniu as mocinhas à sua volta pelo simples expediente de fingir ignorá-las. O rapaz, que já devia estar no último ano do ensino médio e talvez fosse um craque no futebol americano, deu uma olhada em Jack e apreciou a fachada do shopping.

— Timmy? — chamou a garota alta, de cabelos castanhos.

— Hã? — disse o rapaz. — Só estou querendo saber de onde vem este cheiro de merda.

Premiou as moças com um breve sorriso de superioridade. A de cabelo castanho olhou com arrogância para Jack, depois, ao lado das amigas, atravessou rebolando o asfalto. As três seguiram o corpo empinado de Timmy pela porta de vidro e entraram no shopping.

Jack esperou que Timmy e sua corte, visíveis através do vidro, se afastassem a ponto de parecerem pessoas de brinquedo no

fundo do grande shopping. Só depois pisou na placa que abria a porta.

Um frio de ar-condicionado envolveu-lhe o corpo.

De uma fonte com altura de dois andares no meio de um grande lago cercado de bancos, a água pingava. Lojas de frentes amplas e abertas se defrontavam com ela. No teto cor de ocre havia spots e curiosos candelabros de bronze. O cheiro de pipoca, que impregnara as narinas de Jack desde o momento em que as portas de vidro se fecharam atrás dele, emanava de uma antiga carrocinha de pipoqueiro. A carrocinha fora pintada de um vermelho similar ao de carros de bombeiro e fora cuidadosamente instalada à esquerda da fonte, junto a uma livraria. Jack percebeu de imediato que não havia cinema no Buckeye Mall. Timmy e suas princesas de pernas compridas estavam subindo a escada rolante na outra ponta do shopping. Dirigiam-se para uma lanchonete chamada The Captain's Table, que ficava bem no alto da escada. Jack pôs de novo a mão no bolso da calça e tocou o rolinho de notas. A palheta de violão de Speedy e a moeda do capitão Farren continuavam no fundo do bolso, junto com um punhado de moedas de dez e 25 centavos.

No andar térreo, espremida entre uma loja de biscoitos chamada Mr. Chips e uma loja de bebidas anunciando NOVOS PREÇOS BAIXOS para o bourbon Hiram Walker e o vinho Inglenook Chablis, havia uma loja de sapatos chamada Fayva com uma vitrine comprida, repleta de tênis. O caixa inclinou a cabeça e ficou espreitando Jack, evidentemente com medo de que ele tentasse roubar alguma coisa. Jack não conhecia nenhuma das marcas em exposição. Não havia Nike nem Puma; os tênis se chamavam Speedster, Bullseye ou Zooms, e os cadarços de cada par estavam bem amarrados uns nos outros. Eram tênis de passeio, não de corrida. Mas eram bons o bastante, Jack achava.

Comprou o par mais barato que havia no tamanho dele, um tênis de lona azul com um ziguezague de faixas vermelhas dos

lados. Não havia qualquer etiqueta: o tênis era praticamente idêntico à maioria dos pares da vitrine. Junto à caixa registradora, Jack contou seis notas de um dólar e disse ao homem que não ia querer uma sacola.

Sentou-se num dos bancos em volta da fonte e tirou os surrados Nike sem nem se preocupar em desamarrá-los. Quando se sentiram nos tênis novos, os pés suspiraram de gratidão. Jack se levantou do banco e jogou os velhos Nike num grande coletor de lixo onde estava escrito NÃO SUJE O QUE É SEU em letras brancas sobre fundo preto. Embaixo, em letras menores, o coletor concluía: *A Terra é nosso único lar.*

Jack começou a andar pela longa galeria do shopping. Procurava os telefones públicos. Na carrocinha de pipoca, despediu-se de uma moeda de 50 centavos em troca de um bom saco de pipoca brilhando de gordura. O homem quarentão, de chapéu-coco na cabeça, bigode pontudo e mangas arregaçadas, que lhe vendeu a pipoca, disse que os telefones públicos ficavam no andar de cima, perto da loja 31 Flavors. Com um gesto vago, indicou a escada rolante mais próxima.

Enchendo a boca de pipocas, Jack subiu atrás de duas mulheres de calças compridas, uma de vinte e poucos anos, outra mais velha, de ancas tão largas que cobriam quase toda a largura da escada.

Se Jack desaparecesse dentro do Buckeye Mall (ou mesmo a um ou 2 quilômetros dali), será que as paredes iam tremer e o teto desabar? Será que iam cair tijolos, candelabros de bronze e spots sobre todos que tivessem o azar de estar lá dentro? Será que as princesas do ginásio, o arrogante Timmy e várias outras pessoas sairiam de lá com fraturas no crânio, pernas e braços decepados, peitos dilacerados e... Por uma fração de segundo, antes de atingir o alto da escada, Jack visualizou pedaços de parede e gigantescas vigas de metal caindo pelas galerias, ouviu o estalo terrível dos

pisos dos andares superiores e os gritos: inaudíveis, era como se tivessem se congelado no ar.

Angola. The Rainbird Towers.

Jack sentiu as palmas das mãos começarem a coçar, a suar, e esfregou-as no jeans.

31 FLAVORS, anunciava uma luz incandescente e esbranquiçada à sua esquerda, e Jack seguiu a curva de um corredor. Ladrilhos marrons brilhavam nas paredes e no chão e, um pouco mais adiante, guardados sob orelhões de plástico transparente, havia três telefones. Em frente, viam-se duas portas: HOMENS e SENHORAS.

No orelhão do meio, Jack discou o DDD de Arcadia Beach e o número da Pousada dos Jardins do Alhambra.

— Pagamento? — perguntou a telefonista.

— Isto é uma chamada a cobrar para a sra. Sawyer nos apartamentos quatro zero sete e quatro zero oito. É Jack.

A telefonista transferiu a chamada para a suíte e o coração se apertou dentro do peito de Jack. O telefone tocou uma vez, duas vezes, três vezes.

Então a mãe atendeu:

— Meu Deus, rapaz! Estou feliz em ter notícias suas! Esta sua viagem não está sendo fácil pra mim. Morro de saudades quando não o tenho do meu lado para me dizer se estou agindo bem ou mal com os garçons.

— Você tem classe demais para a maioria dos garçons, esse é o problema, mamãe — disse Jack, achando que a qualquer momento começaria a chorar de alívio.

— Tudo bem, Jack? Me diga a verdade.

— Tudo ótimo, pode acreditar — disse ele. — Estou muito bem. Mas quis telefonar para saber se você... Bem, você sabe.

O telefone chiou eletronicamente, um sopro de estática que parecia areia soprando na praia.

— Estou bem — disse Lily. — Ótima. Pelo menos não piorei, se era isso o que estava preocupando você. Mas de onde está ligando, Jack?

Jack fez uma pausa e a estática chiou, assobiou outra vez.

— Estou em Ohio agora. Logo vou me encontrar com Richard.

— E quando pretende voltar para casa, Jack-O?

— Não sei. Gostaria de saber.

— Não sabe. Eu juro, rapaz, se seu pai não o chamasse daquele apelido bobo, e se você tivesse me pedido dez minutos antes ou dez minutos depois...

Uma grande onda de estática levou a voz por um instante. Jack se lembrou da mãe no pequeno restaurante ao lado do Alhambra, pálida e fraca, parecendo uma velha. Quando a estática diminuiu, ele perguntou:

— Está tendo problemas com o tio Morgan? Ele está chateando você?

— Mandei o tio Morgan pra muito longe daqui, danado da vida.

— O tio Morgan esteve aí? Foi mesmo a Arcadia Beach? Ainda está atormentando você?

— Eu me liberei do Sloat dois dias depois de você ter ido embora, querido. Não perca seu tempo se preocupando com ele.

— Ele disse para onde ia? — Jack perguntou, mas assim que as palavras lhe escaparam da boca, o telefone emitiu um torturante guincho eletrônico que pareceu explodir dentro de sua cabeça. Ele fez uma careta e afastou o fone do ouvido. O terrível ruído de estática era tão alto que poderia ser ouvido a 3 metros de distância.

— MAMÃE! — Jack gritou, aproximando um pouco o fone do ouvido. O guincho de estática aumentou ainda mais, como se houvesse um rádio ligado a pleno volume entre duas estações de ondas curtas.

E, bruscamente, a linha ficou muda. Jack apertou o fone contra a orelha e só ouviu o silêncio, um silêncio inerte e sinistro de ar.

— Ei! — disse ele, sacudindo o fone. O silêncio morto da linha pareceu fazer pressão em seu tímpano.

E, de repente, como se sacudir o fone tivesse dado resultado, o ruído de linha desocupada — um oásis de sanidade, de regularidade — voltou. Jack enfiou a mão direita no bolso, procurando outra moeda.

Ficou segurando desajeitadamente o fone com a mão esquerda enquanto remexia o bolso, e estremeceu quando o ruído de linha foi subitamente abafado.

A voz de Morgan Sloat falou tão claramente como se o velho tio Morgan estivesse no orelhão do lado.

— Volte já pra casa, Jack.

A voz de Sloat retalhava o ar como um escalpelo.

— Volte já pra casa antes que eu vá buscá-lo com minhas próprias mãos.

— Espere — disse Jack, como se precisasse de tempo para pensar: na realidade, estava excessivamente aterrorizado para ter consciência do que dizia.

— Não é possível esperar mais, garoto. Agora você é um assassino. Tenho ou não tenho razão? Você é um assassino. Por isso já não estamos dispostos a lhe dar outra chance. Volte já para New Hampshire. Neste exato minuto. Ou quer voltar para casa num saco plástico?

Jack ouviu o clique do fone no gancho. Soltou o telefone. E então o aparelho trepidou, se curvou para baixo e pulou do orelhão. Por um segundo, oscilou no meio de uma teia de fios; depois bateu com toda a força no chão.

A porta do banheiro dos homens se abriu atrás dele e uma voz gritou:

— PORRA!

Jack virou a cabeça e viu um rapaz de uns 20 anos, magro, de cabelo curto. Arregalava os olhos para os telefones. Usava um

guarda-pó branco e uma gravata-borboleta: por certo era balconista de uma das lojas.

— Eu não fiz isso — disse Jack. — Simplesmente aconteceu.

— Porra!

Por um instante, como se fosse atirar sobre ele, o balconista de cabelo curto revirou os olhos na direção de Jack. Depois olhou para o teto e pôs as mãos na cabeça.

Jack foi se afastando pelo corredor. Quando estava a meio caminho da escada, ouviu o grito do balconista:

— Sr. Olafson! O telefone, sr. Olafson!

Jack correu.

Lá fora, o tempo estava ensolarado, mas surpreendentemente úmido. Atordoado, Jack atravessou a rua e viu, nos confins do pátio de estacionamento, um carro preto-e-branco da polícia fazer a curva em direção ao shopping. Olhou para os lados e começou a descer a calçada. Alguns metros à frente, uma família de seis pessoas lutava para fazer passar uma espreguiçadeira por uma das portas estreitas do shopping. Jack diminuiu o passo e viu o marido e a mulher inclinarem a cadeira na diagonal, exasperados pelas tentativas que os filhos menores faziam de sentar na espreguiçadeira ou de ajudá-los. Por fim, mais ou menos na posição dos soldados americanos levantando a bandeira em Iwo Jima, a família conseguiu se esgueirar pela porta. O carro de polícia circundava vagarosamente a grande área do estacionamento.

A poucos metros da porta por onde a família conseguira passar a cadeira, havia um negro velho sentado num caixote. Tinha uma guitarra no colo. Ao se aproximar, Jack observou a caneca de metal ao lado dos pés dele. Seu rosto se escondia atrás de grandes óculos escuros e embaixo da aba de um chapéu de feltro coberto de manchas. As mangas da jaqueta de brim não pareciam menos enrugadas que uma tromba de elefante.

Jack se afastou para o meio-fio, abrindo espaço para as pernas esticadas do velho. Em volta do pescoço dele havia um

cartaz com uma grande e trêmula caligrafia sobre uma folha encardida de cartolina branca. Alguns passos e Jack pôde ler:

CEGO DE NASCENÇA
MAS SABE TOCAR QUALQUER COISA
DEUS O ABENÇOE

Jack já quase ultrapassara o homem com a guitarra quando ouviu a voz dele, uma espécie de murmúrio malicioso, num tom de taquara rachada:

— Ei, garoto.

Capítulo Quinze

A Canção do Bola de Neve

1

JACK VIROU-SE para o negro, o coração aos pulos.

Speedy?

O negro tateou em busca da caneca, suspendeu-a, sacudiu-a.
Algumas moedas chocalharam no fundo.

É Speedy. Atrás daqueles óculos escuros, é Speedy.

Jack teve certeza disso. Mas, um momento depois, teve a mesma certeza de que *não era* Speedy. Speedy não tinha ombros quadrados nem o peito assim tão largo; os ombros de Speedy eram arredondados, ligeiramente caídos, e conseqüentemente seu peito tinha uma aparência um tanto afundada. Mississippi John Hurt, não Ray Charles.

Mas, se ele tirasse os óculos, aí, sim! Eu teria certeza absoluta.

Abriu a boca para dizer em voz alta o nome de Speedy, mas de repente o velho começou a tocar a guitarra. Os dedos eram enrugados, escuros como uma tábua de nogueira cuidadosamente envernizada mas sem polimento. Moveram-se com graça e agilidade pelas cordas. Tocava bem, solando a melodia. E depois de um minuto, Jack reconheceu a melodia. Sempre ouvira aquela música num dos velhos discos do pai. Um LP chamado *Mississippi John Hurt Today*. Embora o cego não cantasse, Jack conhecia a letra:

*Oh, meus amigos, digam-me se não é
duro
Ver o velho amigo Lewis num novo
cemitério
Os anjos a enterrá-lo...*

O craque louro do time de futebol americano cruzou a porta principal do shopping acompanhado de suas três princesas. Cada princesa carregava uma casquinha de sorvete. Sr. América trazia um cachorro-quente na mão direita e outro na mão esquerda. O grupo caminhou vagarosamente para o trecho de calçada onde Jack se encontrava.

Jack, cuja atenção se deixara absorver totalmente pelo negro velho, nem reparou neles. Continuava obcecado pela ideia de que era Speedy, e que Speedy conseguira de alguma forma ler seus

pensamentos. De que outra forma aquele homem que teria começado a tocar uma composição de Mississippi John Hurt no momento exato em que Jack o achara parecido com Speedy? E uma canção que citava o nome que ele dava aos motoristas a quem pedia carona?

O craque louro de futebol americano transferiu os dois cachorros-quentes para a mão esquerda e, com a direita, bateu o mais forte que pôde nas costas de Jack. Os dentes de Jack se cravaram na língua como uma armadilha de urso. A dor foi brusca, torturante.

— Sacode com carinho, bafo de mijo — disse ele. As princesas riram com estridência.

Jack tropeçou e chutou sem querer a caneca do cego. Moedas se esparramaram e rolaram pela calçada. A suave melodia do blues parou de repente.

O sr. América e as três princesinhas foram se afastando. Jack encarou-os por trás e sentiu outra vez a raiva impotente que já lhe era familiar. Viver sozinho era assim, jovem o bastante para estar à mercê de qualquer um e para ser vítima de qualquer um, desde um psicótico como Osmond ou um velho e antipático luterano tipo Elbert Palamountrain, cuja noção de um bom dia de trabalho significava trabalhar 12 horas seguidas em campos pantanosos debaixo dos aguaceiros de outubro e, na hora do almoço, sentar ereto na carroceria do caminhão dele comendo sanduíches de cebola e lendo o Livro de Jó.

Jack não teve qualquer ímpeto de ir atrás deles, embora tivesse a estranha sensação de que, se quisesse, poderia perfeitamente pegá-los. Era como se tivesse adquirido uma nova espécie de força, quase como a energia de uma descarga elétrica. Às vezes achava que os outros também percebiam isso; olhavam-no estranhamente, como se desconfiassem dos processos que vinham ocorrendo dentro dele. Mas Jack não *queria* pegá-los; queria apenas ser deixado em paz. Ele...

O cego tateava em busca das moedas, as mãos atarracadas movendo-se suavemente pela calçada, quase parecendo lê-la. Ele esbarrou numa moeda de dez centavos, tornou a colocar a caneca em pé e jogou a moeda dentro dela. *Plink!*

Jack escutou a voz longínqua de uma das princesas:

— Por que o deixam ficar aqui? Ele é tão *nojento*...

E, ainda mais longe, escutou a voz da outra:

— É mesmo, *muito*!

Jack se ajoelhou. Começou a ajudar o velho a catar as moedas e a colocá-las outra vez na caneca. Ali, do lado do cego, pôde sentir-lhe o cheiro amargo do suor, do mofo das roupas, e um aroma mais brando, mais suave, que lembrava espigas de milho. Os bem-vestidos frequentadores do shopping passavam bem longe dos dois.

— Obrigado, obrigado — resmungava monotonamente o cego. Jack sentiu um odor de pimenta podre no bafo do homem. — Obrigado, que Deus o abençoe, obrigado...

Ele é Speedy.

Ele *não* é Speedy.

O que finalmente o impeliu a falar (e não parecia nada estranho tentar puxar conversa com aquele cego) foi a lembrança de que só lhe restava uma quantidade muito pequena do suco mágico. Mal daria para dois goles. Não sabia se, depois do que tinha acontecido em Angola, conseguiria ir viajar nos Territórios de novo. Mas ainda estava determinado a salvar a vida de sua mãe. E isso significava que ele teria que ir.

E, fosse lá o que fosse o talismã, talvez tivesse que ir até aquele outro mundo para pegá-lo.

— Speedy?

— Deus o abençoe, obrigado, Deus o abençoe. Não ouvi uma rolando para lá? — Ele esticou o dedo.

— *Speedy!* É Jack!

— Não há nenhum Speedy por aqui, rapaz. Nada disso!

As mãos do cego começaram a tatear pelo cimento da calçada na direção que o dedo apontara. Uma delas encontrou uma moeda de cinco centavos e jogou-a na caneca. A outra mão tocou por acaso o sapato de uma jovem bem-vestida que estava passando. O rosto bonito e fútil se contorceu numa expressão de quase dor e ela atravessou a rua.

Jack apanhou a última moeda da sarjeta. Era um dólar de prata, a grande e velha moeda com a imagem da Liberdade num dos lados.

As lágrimas começaram a escorrer de seus olhos. Manchavam-lhe a face encardida e ele as enxugava com um braço trêmulo. Chorava por Thielke, Wild, Hagen, Davey e Heidel. Pela mãe. Por Laura DeLoessian. Pelo filho do carroceiro, estendido na estrada com os bolsos virados pelo avesso. Mas chorava principalmente por ele mesmo. Estava cansado das estradas. Talvez sejam estradas de sonho quando viajamos por elas num Cadillac, mas quando se tem de levantar o polegar, pedir carona e inventar uma boa história para contar aos motoristas, quando se fica à mercê do bom ou do mau gênio das pessoas, as estradas passam a ser caminhos de duras provas. Jack sabia que passara por muito... Mas não podia parar e ficar chorando. Se fizesse isso, o câncer ia levar sua mãe, e *e*le próprio podia ser levado pelo tio Morgan.

— Acho que não vou conseguir, Speedy — ele choramingou.
— Acho que não vai dar, cara.

Agora o cego procurava tocar em Jack e não mais em moedas espalhadas. Os dedos suaves e espertos encontraram-lhe o braço e se fecharam em torno dele. Na ponta de cada dedo, Jack pôde sentir um calo duro.

O cego puxou o garoto para perto de si, para aqueles cheiros de suor, febre e pimenta velha. Jack afundou o rosto no peito de Speedy.

— Oh, rapaz! Eu não conheço nenhum Speedy, mas parece que você precisa muito dele. Você...

— Estou com saudades de minha mãe, Speedy — Jack soluçou. — E Sloat está atrás de mim. Foi ele quem falou no telefone do shopping, foi *ele*. E isso não é o pior. O pior foi em Angola... o condomínio Rainbird Towers... o tremor de terra... cinco homens... *Eu fui responsável por isso, Speedy! Matei aqueles homens quando atravessei para este mundo. Matei-os como meu pai e Morgan Sloat mataram Jerry Bledsoe!*

Agora tinha desabafado o pior. Vomitara a carga de culpa entalada na garganta, ameaçando sufocá-lo. Uma tempestade de soluços se apoderou dele. Mas dessa vez foi antes alívio que medo. Ele tinha falado. Confessado. Era um assassino.

— *Oooohhh!* — o negro velho gritou. Parecia perversamente satisfeito. Segurou Jack com um braço magro, mas forte. Sacudiu-o. — Está tentando carregar um fardo pesado demais, garoto. Por certo que está. Talvez devesse se desembaraçar de uma parte dele.

— Eu os matei — Jack sussurrou. — Thielke, Wild, Hagen, Davey...

— Bem, se seu amigo Speedy estivesse aqui — disse o negro —, seja ele *quem* for, esteja ele *onde* estiver nesta Terra grande e velha, talvez o aconselhasse a não querer carregar o mundo nas costas, filho. Não pode fazer isso. Ninguém pode. Se fizer isso, primeiro vai lhe arrebentar as costas, e depois vai lhe arrebentar o espírito.

— Eu matei...

— Encostou o revólver na cabeça deles e apertou o gatilho?

— Não... o tremor de terra... na hora em que eu atravessei...

— Não sei nada sobre *isso* — o negro falou.

Jack se distanciou um pouco e contemplou, com curiosidade e espanto, o rosto manchado. O cego virara a cabeça na direção do pátio de estacionamento. E se *era* realmente cego, teve habilidade suficiente para distinguir o barulho do motor do carro de polícia do barulho do motor dos outros automóveis, pois estava olhando exatamente na direção da patrulha.

— Mas sei muito bem — ele continuou — que essa ideia de assassinato deve ter assumido proporções enormes dentro de sua cabeça. Se algum sujeito tiver um ataque do coração e cair perto de nós, você vai achar que o matou. “Oh, veja, eu assassinei este cara porque estava sentado aqui. Oh, meu *Deeeeeeeeeus*, sou um assassino, e mais *isso* e mais *aquilo*...”

Falou *isso* e *aquilo* separando e enfatizando bastante as palavras. Depois riu, satisfeito consigo mesmo.

— Speedy...

— Não há nenhum Speedy por aqui — repetiu o velho, os dentes amarelados abrindo um sorriso torto. — É incrível como as pessoas gostam de se culpar por coisas que não puseram em ação. Talvez você esteja correndo, garoto, e talvez esteja sendo *caçado*.

O c de caçado saiu com um estranho som de *g*.

— Ou talvez só esteja um pouco *deslocado*.

Fora uma inflexão muito enfática e quase debochada, que fez Jack sorrir involuntariamente.

— Talvez tenha alguém pegando no seu pé.

De novo uma inflexão insólita. O cego pôs a guitarra de lado. No carro de polícia, dois tiras jogavam cara e coroa para decidir qual dos dois teria que empurrar o velho Bola de Neve caso ele se recusasse a entrar no carro.

— Oh, meu *Deeeeeeeeeus*. Sou um assassino!... E *isso*, e *aquilo*...

Riu de novo, como se os medos de Jack fossem a coisa mais engraçada de que já tinha ouvido falar.

— Não sei o que poderia acontecer se eu...

— Ninguém sabe o que pode acontecer quando se faz alguma coisa, sabe? — interrompeu o negro velho (que podia ser ou podia não ser Speedy Parker). — Não. Ninguém *sabe*. Se o sujeito pensasse nessas coisas, teria de ficar em casa o dia inteiro, morrendo de medo de pôr um pé na rua! Não sei quais são os seus problemas, rapaz... Nem quero saber. Aliás, toda essa conversa de

tremor de terra está me parecendo uma loucura. Mas, como me ajudou a pegar as moedas e não roubou nenhuma, pois contei o número de barulhinhos delas caindo na caneca, vou lhe dar um conselho. Certas coisas não podem ser evitadas. Às vezes algumas pessoas morrem porque alguém fez alguma coisa. Mas se esse alguém *não tivesse feito* essa coisa, muito mais gente teria morrido. Entende aonde estou querendo chegar, filho?

As lentes sujas dos óculos escuros inclinaram-se em sua direção.

Jack estremeceu, mas sentiu um alívio profundo. Entendeu direitinho. O cego estava falando sobre escolhas difíceis. Estava sugerindo que havia uma diferença entre escolhas difíceis e comportamento criminoso. E que talvez ele não fosse o verdadeiro culpado.

O verdadeiro culpado podia muito bem ter sido o homem que, cinco minutos atrás, mandara-o voltar para casa.

— É até mesmo possível — observou o cego, dessa vez com um chiado rouquenho — que tudo aconteça por vontade de Deus, como minha mãe ensinou e a sua, se foi uma boa cristã, também deve ter ensinado. Às vezes achamos que estamos fazendo uma coisa e estamos fazendo outra. O livro sagrado diz que todas as coisas, mesmo as que parecem nocivas, dão glórias ao Senhor. O que acha disso, rapaz?

— Eu não sei — Jack respondeu com franqueza. Ainda estava bastante confuso. Era só fechar os olhos e via o telefone pulando do orelhão, balançando nos fios como um estranho fantoche.

— Bem, a coisa *cheira* mal, mas às vezes tem de ser bebida.

— O quê? — Jack perguntou, atônito. Depois pensou: *Achei que Speedy era parecido com Mississippi John Hurt, e este sujeito começou a tocar um blues de John Hurt... Agora está falando sobre o suco mágico. Claro, está sendo cuidadoso, mas tenho certeza que é disso que ele está falando. Não pode ser outra coisa!*

— Você sabe ler o pensamento dos outros — Jack falou em voz baixa. — Não sabe? Aprendeu isso nos Territórios, Speedy?

— Não sei nada sobre o pensamento dos outros — o cego respondeu —, mas não enxergo vai fazer 42 anos em novembro. É tempo suficiente para deixar o nariz e os ouvidos bastante afiados. Sinto cheiro de vinho barato em você, garoto. O cheiro está *em todo o seu corpo*. É como se tivesse lavado o cabelo com ele!

Jack teve um estranho sentimento de culpa (era assim que se sentia quando o acusavam de ter feito alguma coisa da qual, na verdade, estava inocente — ou pelo menos não era muito culpado). Desde que voltara aos Estados Unidos, só encostara uma vez na garrafa quase vazia do suco mágico. Mas esse simples toque fora suficiente para enchê-lo de temor. Passara a encarar a garrafa com o mesmo respeito que um camponês do século XIV devotaria a uma lasca da Verdadeira Cruz de Cristo ou à ponta de osso de um santo. Era uma coisa mágica, sem dúvida. *Poderosamente* mágica. E podia até matar pessoas.

— Não tenho bebido, pode ter certeza — Jack conseguiu dizer. — A garrafa já está quase vazia. Eu nem mesmo *gosto* da coisa! — Seu estômago começara a se embrulhar; a simples lembrança do suco mágico provocava-lhe náuseas. — Mas tenho de conseguir mais um pouco. Só por garantia.

— Mais desse vinho barato? Para um garoto da sua idade? — O cego riu e, com uma das mãos, fez um gesto de repulsa. — Com todos os diabos, você não precisa *díisso*! Nenhum guri precisa viajar com um *veneno* desses!

— Mas...

— Olhe, vou tocar alguma coisa para lhe animar. Acho que você precisa.

Ele começou a cantar e, cantando, sua voz ficava diferente. Era profunda, enérgica, comovente, sem as cadências exóticas e preguiçosas da fala. Era, Jack pensou, a voz treinada e cultivada de um cantor de ópera divertindo-se com uma pequena canção

popular. Ouvindo aquela voz cheia, exuberante, Jack sentiu arrepios nos braços e nas costas. Na calçada defronte ao monótono tom ocre do shopping, cabeças se viravam.

“Quando o pássaro, pássaro preto passa o pardal NO AR; pulsa o pardal, palpita a canção do pardal a voar, A VOAR...”

Jack foi envolvido por um doce e assustador sentimento de familiaridade, a sensação de já ter ouvido aquela música antes ou, pelo menos, algo muito parecido com ela. E, quando o cego arreganhou o sorriso de dentes amarelos e cariados, Jack percebeu de onde vinha a sensação. Sabia por que tantas cabeças se viravam na direção deles, como se houvesse um unicórnio galopando na frente do estacionamento do shopping. Havia uma bela e estranha limpidez na voz do cego, a limpidez de um ar tão puro que se poderia sentir o cheiro de um rabanete que alguém tirasse da terra a um quilômetro de distância. Talvez fosse apenas uma velha canção americana, mas a voz era uma voz dos Territórios.

“Pule da cama seu dorminhoco... Pule, salte, solte-se livre e solto... Ame, viva, ria e diga...”

De repente, a voz e a guitarra deram uma parada brusca. Jack, que estivera febrilmente concentrado no rosto do cego (tentando, inconscientemente, espreitar o que se escondia do outro lado daqueles óculos escuros... quem sabe não estariam ali os olhos de Speedy Parker?), virou a cabeça para o lado e viu dois tiras de uniforme azul.

— Você sabe, eu não *ouço* nada — disse quase timidamente o guitarrista cego —, mas acho que *cheirei* uma espécie de sombra azul.

— Que droga, Bola de Neve! Você sabe que não deve tocar na frente do shopping! — gritou um dos policiais. — O que foi que o juiz Hallas lhe disse da última vez que esteve na cadeia? Fique no centro da cidade, entre a Center Street e a Mural Street, mas não passe daí! Será que já está ficando senil? Seu pinto já apodreceu e

caiu por causa daquela doença que sua mulher lhe passou antes de ir embora? Meu Deus, eu simplesmente não entendo...

O colega segurou-lhe no braço e inclinou a cabeça apontando para Jack, num gesto que queria dizer “cuidado com esse garoto de antenas ligadas”.

— Vá dizer à sua mãe por onde tem andado, guri! — ordenou laconicamente o primeiro tira.

Jack começou a descer a calçada. Não podia mais ficar ali. Mesmo que pudesse fazer alguma coisa pelo cego, não podia mais ficar ali. A sorte é que toda a atenção dos tiras estava concentrada no homem que chamaram de Bola de Neve. Se tivessem dado uma segunda olhadela nele, Jack não tinha dúvidas de que começariam a fazer perguntas. Excluindo os tênis novos, tudo o que trazia no corpo tinha um aspecto velho, surrado. A polícia não demora a perceber garotos que andam levantando o polegar nas estradas, e Jack era um desses dos pés à cabeça.

Ele se imaginou jogado na cadeia de Zanesville, enquanto os zelosos policiais do condado, corretos rapazes vestidos de azul que ouviam diariamente Paul Harvey e davam apoio político ao presidente Reagan, tentavam descobrir quem eram os *pais do menor*.

Não, não queria que os tiras de Zanesville lhe dispensassem mais que um olhar distraído.

Um motor, trepidando suavemente, veio se aproximando por trás dele.

Jack suspendeu um pouco as correias da mochila e concentrou os olhos nos novos tênis, como se estivesse extremamente interessado neles. Mas, pelo canto do olho, viu a patrulha passar vagarosamente a poucos metros do meio-fio.

O cego ia no assento de trás, o braço da guitarra erguido a seu lado.

Quando a patrulha dobrou numa das alamedas de saída da área do shopping, o cego virou bruscamente a cabeça e, pela janela

de trás, olhou diretamente para Jack...

... e embora Jack não pudesse enxergar através dos óculos escuros, teve plena consciência de que Lester “Speedy” Parker piscara-lhe o olho.

2

ATÉ ALCANÇAR DE novo as variantes que conduziam à estrada, Jack Sawyer procurou tirar da cabeça todos os pensamentos angustiantes. Ficou olhando as placas de sinalização, as únicas coisas que ainda pareciam claras num mundo

(mundos?)

onde tudo se transformara num sombrio e enlouquecido torvelinho. Sentiu um início voraz de depressão rodopiar à sua volta, puxá-la para a corrente irresistível, tentando lhe destruir a fibra, a determinação. Admitiu que as saudades de casa desempenhavam um certo papel nesta depressão, e esse reconhecimento fez a saudade parecer uma coisa infantil, piegas. Mas sentia-se absolutamente à deriva, sem nada de firme onde pudesse se apoiar.

Chegando à beira da estrada, contemplou a fileira de placas e o tráfego pesado em ambos os sentidos. Percebeu que estava muito perto de um gesto tresloucado de suicídio. Por algum tempo, a ideia de que ia se encontrar com Richard Sloat fora capaz de encorajá-lo (e, embora quase não admitisse ter esse pensamento, a esperança de que Richard resolvesse ir com ele até a Califórnia passou-lhe mais de uma vez pela cabeça — afinal, não seria a primeira vez que um Sawyer e um Sloat fariam juntos estranhas jornadas, certo?), mas o trabalho duro na fazenda Palamountain e os estranhos

acontecimentos do shopping Buckeye Mall tinham revestido o suposto encontro com Richard de uma auréola de ouro de tolo.

Volte para casa, Jacky, você está exausto, uma voz sussurrou. Se insistir, vão acabar lhe arrancando as tripas pela boca! Além disso, da próxima vez poderão morrer umas cinquenta pessoas. Ou quinhentas!

Rodovia federal 70 — Leste.

Rodovia federal 70 — Oeste.

De repente, resolveu pegar uma moeda no bolso — a moeda que, neste mundo, era um dólar de prata. Que os deuses decidissem de uma vez por todas o seu destino. Ele estava cansado demais para fazê-lo por si mesmo. As costas ainda lhe doíam onde o sr. América golpeará. Se desse coroa, atravessaria a pista do leste e voltaria para casa. Se desse cara, continuaria em frente, e sem olhar para trás.

Ele se pôs no meio do acostamento e atirou a moeda no frio ar de outubro. Ela subiu rodopiando, cintilando de reflexos do sol. Jack empinou a cabeça para acompanhar-lhe a trajetória.

Uma família que enchia uma velha perua parou um instante no acostamento, e alguém observou Jack com curiosidade. O homem ao volante, um funcionário público meio calvo que às vezes acordava no meio da noite achando que estava sentindo pontadas no peito e no braço esquerdo, teve uma súbita e absurda série de fantasias. Aventura! Perigo! Dedicção a uma causa nobre! Sonhos de glória e destemor! Depois balançou a cabeça como se quisesse clarear as ideias e olhou para o rapaz que via pelo retrovisor na hora em que ele abaixou a cabeça para olhar para alguma coisa. *Meu Deus!*, pensou o funcionário público meio calvo. *Tire essas ideias da cabeça, Larry! Você não é personagem de um livro juvenil de aventuras!*

Larry tornou a entrar na pista de tráfego, acelerou rapidamente a perua para 110, e esqueceu o garoto de jeans desbotado e

surrado na beira da estrada. Se conseguisse chegar em casa por volta das três, ainda veria a final dos pesos médios-ligeiros na televisão.

A moeda caiu. Jack se curvou. Era cara... mas isso não era tudo.

A dama na moeda não era a Liberdade. Era Laura DeLoessian, rainha dos Territórios. Meu Deus, mas que diferença entre o rosto na moeda e o rosto sonolento, imóvel, que, cercado de enfermeiras em franzidos uniformes brancos, ele vira por um momento no pavilhão. Aquele rosto estava alerta e consciente; era enérgico, bonito! Não era uma beleza clássica; o contorno do queixo não era suficientemente nítido e a bochecha que aparecia de perfil era um tanto suave. A beleza residia basicamente no porte régio da cabeça, sugerindo, de forma equilibrada, benevolência e competência.

E, oh!, tão parecido com o rosto da mãe dele.

Os olhos de Jack se encheram de lágrimas, mas piscaram com força para elas não começarem a cair. Não estava disposto a passar um dia inteiro chorando. Já tinha a resposta que queria e não havia por que se lamentar.

Quando abriu novamente os olhos, Laura DeLoessian desaparecera; a mulher na moeda era outra vez a Liberdade.

A resposta dos deuses permanecia a mesma.

Jack se abaixou, tirou a moeda do pó do acostamento, colocou-a no bolso e continuou seguindo pela pista oeste da rodovia federal 70.

UM DIA DEPOIS; uma atmosfera nublada que tinha gosto de chuva fria a caminho; a fronteira Ohio—Indiana a poucos minutos de carro.

Jack se encontrava numa parada rodoviária cercada de bosques, na rodovia federal 70. Tinha se escondido (e Deus queira que estivesse bem escondido) atrás das árvores, aguardando pacientemente que o homem careca e alto, de voz áspera e forte, voltasse para o seu Chevy Nova e seguisse viagem. Rezava para que ele voltasse depressa, antes que começasse a chover. Mesmo sem chuva, já fazia muito frio. De manhã, Jack acordara com o nariz pingando e a voz um tanto rouca. Achava que ia pegar um resfriado.

O homem careca e alto, de voz áspera e forte, tinha dito que se chamava Emory W. Light. Pegara Jack ao norte de Dayton, por volta das 11 horas, e quase de imediato o garoto teve uma sensação de vazio na boca do estômago. Já viajara outras vezes com Emory W. Light. Em Vermont, Light dera o nome de Tom Ferguson, e disse que era gerente de uma sapataria; na Pensilvânia, o nome era Bob Darrent (“Quase o nome daquele sujeito que canta ‘Splish-Splash’, ha-ha-ha-ha”), e o emprego dessa vez era de diretor municipal do ensino médio. Agora Light se dizia diretor-presidente do The First Mercantile Bank de Paradise Falls, uma cidade de Ohio.

Ferguson era magro e sombrio; Darrent era corpulento, corado como um bebê que acabou de sair do banho; e aquele novo Emory W. Light era alto e tinha cara de coruja, com olhos como ovos cozidos atrás dos óculos sem aro.

As diferenças, no entanto, eram apenas superficiais. Todos ouviam a história de Jack com o máximo interesse. Todos perguntavam se ele não tinha namorada. E, mais cedo ou mais tarde, Jack encontraria uma grande mão pousada na sua coxa. Quando olhasse de novo para Ferguson/Darrent/Light, veria uma expressão de semi-enlouquecida expectativa, mesclada a um semi-enlouquecido sentimento de culpa. Haveria uma tira de suor no lábio superior; no caso de Darrent, o suor brilhara através do bigode

preto, como minúsculos olhos brancos espreitando entre escassa vegetação.

Ferguson perguntou se ele gostaria de ganhar 10 dólares.

Darrent dobrou a oferta para 20 dólares.

Light, com uma voz que, apesar de áspera e forte, estalava e oscilava por vários registros, perguntou se não precisava de 50 dólares — disse que sempre trazia uma nota de 50 no calcanhar do sapato do pé esquerdo e não se importaria de oferecê-la a Lewis Farren. Havia um lugar perto de Randolph para onde podiam ir. Um celeiro vazio.

Jack não estabeleceu qualquer relação entre o desenrolar de suas aventuras e as crescentes ofertas monetárias das várias encarnações de Light; não era de natureza introspectiva e não se interessava muito pela autoanálise.

Aprendera rapidamente a lidar com sujeitos do tipo Emory W. Light. Sua primeira experiência com Light, quando Light ainda se chamava Tom Ferguson, ensinara-lhe que a descrição era de longe a melhor saída. Quando Ferguson pôs a mão em sua coxa, Jack reagiu de forma automática, sem aquela sensibilidade californiana onde os gays fazem parte do cenário normal.

— Não, senhor, obrigado. Sou estritamente heterossexual.

Já fora abordado muitas vezes, é claro. Principalmente em cinemas. Mas houve também o balconista de uma loja de artigos masculinos, na zona norte de Hollywood. Cordialmente, o homem se ofereceu para dar uma chupada nele numa das cabines (e quando Jack disse não, obrigado, o balconista respondeu apenas: “Ótimo! Então experimente esta jaqueta azul, está bem?”).

Em Los Angeles, um garoto de 12 anos e de boa aparência aprende logo a enfrentar esses contratempos, assim como uma mulher bonita aprende a lidar com os sarros no metrô. Finalmente se encontra um meio de contornar esse tipo de coisa sem estragar o nosso dia. As cantadas deliberadas, como a de Ferguson, eram um

problema bem menor do que ser apalpado inesperadamente. Elas podem simplesmente ser descartadas.

Pelo menos na Califórnia é assim. Os gays do leste — principalmente os do interior — sem dúvida encaram a rejeição de uma forma diferente.

Ferguson fez o carro parar com guinchos e derrapagens, deixando 40 metros de marcas de pneus atrás do Pontiac e levantando uma sombria nuvem de poeira.

— Está me chamando de *homossexual*? — gritou. — Está me chamando de *veado*? Eu não sou *veado*! Deus! Você dá carona à porra de um garoto e ele te chama de *veado*!

Jack ficou olhando para o homem, meio atordoado. Não contando com a freada brusca, batera com força com a cabeça no acolchoado do painel do carro. Ferguson, que um momento antes o fitara com olhos castanhos e lacrimosos, parecia disposto a matá-lo.

— *Saia!* — Ferguson gritou. — *Você é o veado, não eu! Você é o veado! SAIA DO MEU CARRO, seu veadinho de merda! Saia do meu carro! Tenho mulher! Tenho filhos! Provavelmente tenho bastardos espalhados por toda a Nova Inglaterra! Eu não sou veado! Você é o veado, não eu! Portanto, SAIA DO MEU CARRO!*

Tão assustado quanto durante o encontro que tivera com Osmond, Jack fez exatamente o que ele mandou. Delirando de raiva, Ferguson acelerou e cantou pneus, espirrando cascalho em Jack. Ele cambaleou até um pequeno muro de pedra, sentou-se e começou a rir. Os risos se transformaram em gargalhadas, e ele decidiu naquele momento que teria de desenvolver um MÉTODO, pelo menos se quisesse chegar ao fim da travessia pelos estados do interior. “Qualquer problema sério exige um MÉTODO”, o pai lhe dissera um dia. Morgan concordara vigorosamente, e, pelo menos daquela vez, Jack achou que o tio também tinha razão.

O MÉTODO dera bom resultado com Bob Darrent, e ele não tinha motivo para achar que não daria certo também com Emory Light... Mas, enquanto isso, o frio aumentava e o nariz escorria.

Desejava que Light entrasse no carro e fosse embora. De trás da árvore, Jack podia ver o homem lá embaixo, andando de um lado para o outro com as mãos nos bolsos, a cabeça calva brilhando suavemente sob as nuvens do céu. Nas pistas da estrada, grandes caminhões passavam roncando, enchendo o ar de cheiro de combustível. Ali o bosque estava bem devastado e sujo, como costumam ficar os bosques nas margens das paradas rodoviárias. Sacos de Doritos vazios. Caixas amassadas de Big Mac. Latas de Pepsi e Budweiser amassadas, com alças que iam chocalhar dentro delas se alguém as chutasse. Garrafas quebradas de Wild Irish Rose e gim Five O’Clock. Mais adiante, um par de calcinhas de náilon com o absorvente ainda grudado. Havia uma camisinha pendurada num galho quebrado.

Quanta coisa bacana. Na parede dos fundos do banheiro dos homens, inúmeras e grandes inscrições não deixavam de ter relação com um sujeito do tipo Emory W. Light: GOSTO DE CHUPAR UM PAU GROSSO. ESTEJA AQUI ÀS 4 PARA O MELHOR BOQUETE QUE VOCÊ JÁ RECEBEU. ENFIA NO MEU CU. E, mais embaixo, um poeta gay escreveu com altas aspirações: QUE TODA GENTE/ GOZE NA MINHA CARA SORRIDENTE.

Estou com saudades dos Territórios, Jack pensou, mas não se sentiu surpreso com a ideia. Lá estava ele numa parada rodoviária da rodovia federal 70, em algum lugar do oeste de Ohio, atrás de uma árvore e de dois banheiros de tijolo. Tremia num suéter surrado que comprara por um dólar e meio numa loja de roupas usadas. Queria que o homem careca e alto lá embaixo entrasse logo no carro e fosse embora.

O MÉTODO de Jack era o mais simples possível: não hostilizar um sujeito de mãos pesadas e voz áspera e forte.

Jack suspirou de alívio quando achou que sua estratégia começava a dar resultados. Uma mistura de raiva e repugnância se instalou no rosto grande e rude de Emory W. Light. Ele voltou para o

carro, entrou, deu marcha a ré com tanta rapidez que quase bateu num utilitário que ia passando (houve um breve guincho de buzina e o homem que acompanhava o motorista do utilitário xingou-o de alguma coisa) e foi embora.

Agora tratava-se apenas de voltar para perto do desvio, onde os carros que saíam da parada rodoviária tornavam a pegar o tráfego da estrada. Depois era levantar o polegar... Esperava ardentemente conseguir uma carona antes de a chuva começar a cair.

Deu mais uma olhada em volta. *Feiura, desleixo*. Essas palavras lhe vieram naturalmente à cabeça quando contemplou pela última vez a imunda desolação atrás do pequeno muro de cimento. Ocorreu-lhe que havia uma sensação de morte naquele lugar. Aliás, não apenas ali, ou nas estradas em geral, mas espalhada pelo país inteiro. Achou que aquela sensação era quase visível. Era como uma sombra no meio de uma luz mortiça, como a nuvem de fumaça deixada pelo cano de descarga de um carro muito velho.

Um novo sentimento de saudade tornou a assaltá-lo — a vontade de ir para os Territórios e ver o profundo céu azul, a ligeira curvatura nos limites do horizonte...

Mas isso faz aquelas mudanças tipo Jerry Bledsoe acontecerem.

Não sei nada sobre isso... Sei apenas que essa ideia de “assassinato” deve ter assumido proporções enormes dentro da sua cabeça...

Aproximando-se do banheiro (agora teve vontade de urinar), Jack espirrou três vezes seguidas. Engoliu em seco e fez uma careta ao sentir um arranhar quente na garganta. Estava ficando doente, oh, sim. Que ótimo. Ainda não tinha atravessado a fronteira de Indiana, a temperatura era de 10 graus, a chuva se aproximava, não tinha carona, e agora estava...

O pensamento foi subitamente interrompido. Arregalando a boca, Jack fitou o estacionamento da parada rodoviária. Por um

terrível momento, achou que ia molhar a calça. Tudo debaixo do seu peito começou a se apertar, a se comprimir.

Parado numa das vinte pequenas vagas, a pintura verde-escura coberta do pó da estrada, lá estava o BMW do tio Morgan. Nenhuma possibilidade de estar equivocado, absolutamente nenhuma. A placa da Califórnia trazia as letras MLS, iniciais de Morgan Luther Sloat. Parecia ter sido dirigido com intensidade e velocidade.

Mas se ele foi de avião até New Hampshire, como o carro pode estar aqui?, resmungou sua mente. *É uma coincidência, Jack, só...*

Então viu o homem de costas dentro da cabine telefônica e soube que não era coincidência. Usava um enorme casaco estilo militar, forrado de pele, mais adequado para um frio de 20 graus abaixo de zero do que para uma temperatura de 10 graus. Era impossível não reconhecer aqueles ombros largos, aquele corpo grande, robusto, preguiçoso.

O homem começou a se virar, imprensando o fone entre a orelha e o ombro.

Jack se escondeu atrás da parede de tijolo do banheiro.

Será que ele me viu?

Não, respondeu para si mesmo. *Não, acho que não. Mas...*

Mas o capitão Farren dissera que Morgan — aquele outro Morgan — poderia farejá-lo como um gato fareja um rato. E isso era a pura verdade! De seu esconderijo na perigosa floresta das árvores vivas, Jack vira o hediondo rosto branco contorcer o nariz na janela da diligência.

Este Morgan também saberia farejá-lo. Se tivesse tempo.

Passos no cimento se aproximando.

Com o rosto dormente e contraído de medo, Jack tentou remexer na mochila e acabou por deixá-la cair. Sabia que era tarde demais, que tinha sido lento demais. Daí a uma fração de segundo Morgan surgiria na sua frente, sorrindo, para pegá-lo pelo pescoço.

Ei, Jacky! Aleluia, rapaz! O jogo parece que terminou! Não concorda comigo, seu pequeno patife?

Um sujeito alto, com um casaco de caçador, dobrou a esquina do banheiro, lançou a Jack um olhar desatento e foi para o bebedouro.

Ia voltar. Ele ia voltar. Não havia mais sentimentos de culpa, pelo menos não agora; só aquele medo terrível, encurralado em seu peito, mas estranhamente mesclado a sensações de alívio e prazer. Abriu a mochila e remexeu dentro dela. Lá estava a garrafa de Speedy, com menos de 3 centímetros do líquido roxo

(nenhum guri precisa viajar com um veneno desses, mas eu preciso, Speedy, eu preciso!)

balançando no fundo. Pouco importava! Ele ia voltar. O coração ameaçava saltar-lhe pela boca. Um grande sorriso de noite de sábado brilhou em seu rosto, negando o dia sombrio e o medo no peito. *Voltar, oh, sim, vou voltar!*

Novos passos se aproximando, e dessa vez era mesmo o tio Morgan, não havia erro quanto ao passo de chumbo, ainda que furtivo. Mas o medo se fora. Tio Morgan tinha farejado alguma coisa, mas quando virasse a esquina do banheiro veria apenas sacos vazios de Doritos e latas amassadas de cerveja.

Jack respirou fundo. Inspirou o cheiro engordurado dos vapores diesel dos caminhões, das descargas dos automóveis, do frio ar de outono. Encostou nos lábios o gargalo da garrafa. Tomou um dos dois goles que ainda restavam. E, mesmo com os olhos fechados, franziu a testa como...

Capítulo Dezesseis

Lobo

1

... SE A LUZ forte do sol estivesse lhe atravessando as pálpebras.

Por entre o nauseante cheiro adocicado do suco mágico, pôde sentir outra coisa: o cheiro quente de animais. Pôde também ouvi-los movendo-se em volta dele.

Assustado, Jack abriu os olhos, mas a princípio não conseguiu ver nada — a diferença na luz fora demasiado brusca e repentina,

como se alguém tivesse acendido refletores de 200 watts numa sala escura.

Um lombo quente, coberto de pêlo, esbarrou nele. Não de uma forma ameaçadora (pelo menos foi a esperança de Jack), mas com um jeito de foi-um-prazer-conhecê-lo-mas-tenho-de-ir-logo-pra-casa. Jack, que começara a se levantar, baqueou de novo no chão.

— *Ei! Ei! Saia de perto dele! Saia já, vamos, vamos!*

Uma pancada forte e saudável foi seguida por um som animal de descontentamento, alguma coisa entre um mugido e um balido.

— *Pelo amor de Deus! Fique direita, vamos! Saia já de perto dele ou lhe arranco os olhos da cara!*

Agora seus olhos já tinham se adaptado ao brilho quase imaculado de um dia de outono nos Territórios e, no meio de um rebanho de animais de pêlo crespo, ele viu um jovem gigantesco, golpeando lombos, ancas e corcundas com pouca energia e muita disposição. Jack se sentou, procurando automaticamente a garrafa de Speedy com seu precioso último gole e guardando-a no gibão. Nem por um instante tirou os olhos do rapaz, que continuava de costas.

Era realmente alto, com pelo menos dois metros, Jack calculou. Os ombros eram tão largos que, mesmo levando em conta a altura, pareciam um tanto fora de esquadro. O cabelo preto comprido e oleoso chegava até as omoplatas. Os músculos salientes ondulavam enquanto ele se movia entre animais que lembravam vacas em tamanho pequeno. Mantendo-as longe de Jack, ele tentava guiá-las para a estrada do Oeste.

Mesmo visto de costas, o rapaz era uma figura espantosa, mas o que mais surpreendeu Jack foi o tipo de roupa que ele estava usando. Até então, todo mundo que vira nos Territórios (incluindo ele mesmo) usava túnicas, gibões ou calções de pano grosso.

Aquele sujeito parecia estar usando um macacão OshKosh. Então o rapaz se virou e Jack sentiu um terrível choque subir-lhe pela garganta. Levantou-se num salto.

Era a coisa-Elroy.
O pastor era a coisa-Elroy.

2

SÓ QUE NÃO era.

Talvez Jack não tivesse ficado lá para ver que não era, e tudo o que aconteceu depois — o cinema, o galpão, o inferno da Casa Sunlight — não teria ocorrido (ou, quando muito, teria ocorrido de forma completamente diferente), mas, no limite de seu terror, ele ficou totalmente paralisado depois de se levantar. Ficou tão incapaz de fugir quanto um cervo hipnotizado pela lanterna do caçador.

E, quando a figura de macacão se aproximou, ele disse para si mesmo: *Elroy não tinha essa altura nem esses ombros tão largos. E os olhos dele eram amarelos...*

Os olhos daquela criatura, no entanto, tinham um brilhante, fantástico tom alaranjado. Olhar dentro deles era como olhar nos furos de uma abóbora no Dia das Bruxas. E enquanto o sorriso de Elroy sugeria crime e loucura, o sorriso que se abria naquele rosto era inofensivo e cordial.

Os pés estavam descalços e eram enormes e espalmados, os dedos reunidos em grupos de três e dois, quase invisíveis por entre ásperos anéis de cabelo. Nada de cascos, como os de Elroy, mas apesar disso aqueles pés se pareciam muito com patas. Jack ficou um tanto atordoado por causa do espanto, por causa do medo. Mas, estranhamente, experimentou também uma crescente sensação de alegria.

Quando a distância entre ele e Jack diminuiu,
(*Gente? Bicho?*)

os olhos faiscaram num alaranjado brilhante, lembrando por um momento o tom utilizado em casacos e coletes por caçadores e trabalhadores de estrada. A coloração foi se desbotando até se transformar num tom castanho-claro. Jack percebeu que havia ao mesmo tempo surpresa e cordialidade naquele sorriso, e compreendeu mais duas coisas: primeiro, a criatura não era perigosa, não havia nela qualquer vestígio de hostilidade; segundo, a criatura era lenta. Não fraca, talvez, mas lenta.

— Lobo! — gritou o grande e peludo rapaz-animal, sorrindo. Sua língua era comprida e pontuda, e Jack pensou com um súbito calafrio que um lobo era exatamente o que ele parecia. Não um bode, mas um lobo.

Desejou ardentemente ter tirado a conclusão certa sobre a ausência de ferocidade da criatura. *Se cometi um erro de julgamento*, pensou ele, *pelo menos não terei mais de me preocupar com outros erros de julgamento no futuro... Nunca mais!*

— Lobo! Lobo!

A criatura estendeu uma das mãos e Jack observou que, assim como os pés, as mãos eram cobertas de pelos, embora ali o pelo fosse mais fino e mais exuberante: a mão, na realidade, era quase bonita. O pelo se adensava principalmente nas palmas e tinha o tom ligeiramente esbranquiçado de uma testa brilhante de cavalo.

Meu Deus! Acho que ele quer apertar minha mão!

Cautelosamente, lembrando-se de que o tio Tommy achava que nunca se deve recusar um aperto de mão, nem mesmo ao nosso pior inimigo (“Se for preciso, lute com ele até a morte, mas primeiro lhe dê um aperto de mão.”), Jack estendeu o braço, imaginando se não estaria prestes a ter a mão esmagada... Ou talvez comida.

— Lobo! Lobo! Sempre trocar um aperto de mão! — gritou, satisfeito, a coisa-rapaz de macacão. — Sempre trocar um aperto

de mão! Com o bom companheiro Lobo! Deus gosta de coisas assim! Agora e sempre! *Lobo!*

Apesar do entusiasmo, o cumprimento de Lobo foi bastante suave, amortecido pela crespia, peluda profusão de cabelo da mão. *Um grande macacão e um grande aperto de mão de uma criatura que parece um superdesenvolvido husky siberiano e tem um certo aroma de celeiro de feno depois de uma tempestade*, Jack pensou. *O que virá agora? Um convite para acompanhá-lo à igreja no domingo?*

— O Lobo é um bom companheiro, pode apostar! Um companheiro para hoje e sempre!

Lobo cruzou os braços em volta do peito enorme e riu, deliciado consigo mesmo. Depois pegou de novo a mão de Jack.

Dessa vez sua mão foi vigorosamente bombeada para cima e para baixo. Se não tomasse alguma providência, aquele simplório camponês-lobo poderia continuar lhe sacudindo a mão até o pôr do sol.

— O bom companheiro Lobo — disse ele. Parecia ser uma frase pela qual tinha particular predileção.

Lobo riu como uma criança e soltou a mão de Jack. Sem dúvida, foi um alívio. A mão não fora esmagada nem comida mas parecia um tanto dormente. O cumprimento de Lobo fora mais veloz que uma bomba hidráulica acionada, a todo o vapor.

— Estrangeiro, não é? — Lobo perguntou. Enfiou as mãos peludas nos bolsos e, inteiramente à vontade, começou a coçar o saco por dentro do macacão.

— Sim — disse Jack, sem saber qual seria o significado da palavra “estrangeiro” nos Territórios. Tinha um significado muito específico. — Sim, acho que é exatamente isso o que eu sou. Um estrangeiro.

— Não falei? Pude sentir o cheiro! Na mesma hora, rapaz! Oh, na mesma hora eu dei conta! Não é um cheiro ruim, é claro, mas é bem *engraçado*! Lobo! Lobo sou eu! Lobo! Lobo! Lobo!

Atirou a cabeça para trás e riu. De um modo desconcertante, o som acabou se transformando numa espécie de uivo.

— Jack — disse o garoto. — Jack Saw...

Lobo se apoderou outra vez da mão de Jack e bombeou-a com energia.

— Sawyer — Jack concluiu ao se ver novamente livre. Embora atordoado, como se lhe tivessem batido com um grande taco de pelúcia, Jack sorriu.

Cinco minutos atrás, estava encurralado na fria parede de tijolo de um banheiro da rodovia federal 70. Agora estava ali de pé, conversando com um jovem que parecia mais animal do que gente.

Mas a sensação de frio desaparecera por completo.

3

— O LOBO ENCONTROU JACK! Jack encontrou o Lobo! Aqui e agora! Tudo bem! Muito bem! Oh, Jason! Vacas na estrada! Mas elas não são estúpidas? Lobo! Lobo!

Berrando, Lobo galopou pela colina até a estrada, onde cerca de metade de seu rebanho se encontrava. Os animais olhavam ao redor com uma leve expressão de surpresa, como a perguntar para onde fora o pasto. Pareciam uma estranha mistura de vacas e ovelhas, e Jack se perguntou se não era aquilo que chamavam de “espécie híbrida”. A única palavra que lhe veio imediatamente à cabeça foi aberração... Mas talvez, ele pensou, a palavra ficaria mais apropriada na frase: *Lá estava o Lobo cuidando do seu rebanho de aberrações. Oh, sim. Ali e agora!*

De novo a sensação de golpe de taco de golfe de pelúcia na cabeça. Ele se sentou e começou a rir, as mãos tapando a boca

para abafar o som.

Mesmo a maior aberração não teria mais de um metro e 20 de altura. O pelo parecia lã, mas de um tom indefinido, turvo, semelhante aos olhos de Lobo (pelo menos quando os olhos de Lobo não estavam brilhando como lanternas no Dia das Bruxas). No alto da cabeça dos animais havia chifres curtos e retorcidos numa espécie de arabesco que, sem dúvida, não tinham qualquer utilidade prática. Lobo guiou-os para fora da estrada. Eles o seguiram obedientes, sem demonstrar qualquer sinal de medo. *Se uma vaca ou uma ovelha americana sentisse ao menos o cheiro desse sujeito*, Jack pensou, *acabaria se matando tentando fugir da frente dele*.

Mas Jack gostou de Lobo — gostou dele à primeira vista, assim como teve medo e não gostou de Elroy à primeira vista. E o contraste era particularmente interessante, porque era inegável que havia certas semelhanças entre os dois. A única diferença era que Elroy tinha traços caprinos, enquanto Lobo era... bem... lupino.

Jack caminhou lentamente para onde Lobo guiara o rebanho. Lembrou-se de quando caminhara na ponta dos pés pelo escuro e fedorento corredor da Oatley Tap, a saída de incêndio lá no fundo e Elroy por perto, talvez sentindo o cheiro dele, como uma vaca no mundo dele sentiria o cheiro de Lobo. Lembrou-se das mãos de Elroy começando a engrossar, a se retorcer, a nuca inchando, os dentes se transformando num punhado de caninos apodrecidos.

— Lobo?

Lobo se virou e olhou-o sorrindo. Um brilho alaranjado, simultaneamente selvagem e inteligente, cintilou em seus olhos. Depois o brilho se dissipou, dando lugar àquele castanho turvo que parecia perpetuamente atordoadado.

— Será que você... é uma espécie de lobisomem?

— É claro que sim — disse Lobo, sorrindo. — Acertou na mosca, Jack! Lobo!

Jack sentou-se numa pedra, contemplando Lobo com ar pensativo. Até pouco tempo, julgara impossível se surpreender com

mais alguma coisa; Lobo, porém, superava todas as expectativas.

— Como está seu pai, Jack? — ele perguntou naquele tom despreocupado e descontraído com que perguntamos pelos parentes dos outros. — O que Phil anda fazendo? Lobo!

4

JACK FEZ uma associação esquisita de ideias: foi como se sua mente tivesse ficado sem fôlego. Por um momento, ela ficou parada, sem pensamento algum, como uma emissora de rádio que saiu do ar. Então viu o rosto de Lobo se alterar. A expressão de felicidade e curiosidade infantil foi substituída por uma expressão de tristeza. Jack viu as narinas começando a se expandir rapidamente.

— Ele morreu, não foi? Lobo! Sinto muito, Jack. Que Deus me castigue! Sou burro! *Burro!*

Lobo bateu com a mão na testa e dessa vez *realmente* uivou. Foi um som que congelou o sangue de Jack. O rebanho de aberrações olhou em volta com ar inquieto.

— É, foi isso — disse Jack. Ouviu sua voz mais nos ouvidos que na cabeça, como se fosse outra pessoa que tivesse falado. — Mas... como você soube?

— Seu cheiro se modificou — Lobo respondeu com naturalidade. — Seu cheiro me disse que ele tinha morrido. Pobre Phil! Que ótimo sujeito! Digo-lhe isto aqui e agora, Jack! Seu pai era um ótimo sujeito! Lobo!

— Sim — disse Jack —, era um bom sujeito. Mas como o conheceu? E como soube que eu era filho dele?

Lobo olhou para Jack como se ele tivesse feito uma pergunta tão tola que nem merecia resposta.

— Eu me lembro do cheiro dele, é claro. Lobos se lembram de todos os cheiros. E você cheira como seu pai.

Pang! O taco de golfe de pelúcia bateu de novo em sua cabeça. Jack sentiu uma súbita urgência de rolar pela relva dura e primaveril, segurando a barriga e uivando. Já lhe tinham dito que tinha os olhos do pai, a boca do pai, até mesmo a habilidade do pai para desenhar, mas era a primeira vez que ouvia dizer que tinha o mesmo cheiro do pai. A ideia, porém, não deixava de ter uma certa lógica.

— Como o conheceu? — Jack perguntou outra vez.

Lobo pareceu um tanto confuso.

— Ele veio com aquele outro — disse por fim. — Aquele de Orris. Eu era pequeno. O outro era mau. Esse roubou alguns de nós. Seu pai não ficou sabendo disso — ele logo acrescentou, como se não quisesse melindrar os sentimentos de Jack. — Lobo! Não! Seu pai era um bom sujeito. Phil. Mas o outro...

Lobo balançou lentamente a cabeça. Em seu rosto brotara uma expressão extremamente ingênua. Como se recordasse algum pesadelo infantil.

— Mau — disse Lobo. — E meu pai acha que ele conseguiu arranjar um lugar nos Territórios. Na maioria das vezes, estava na pele do Duplo, mas era um homem do seu mundo. Nós sabíamos que ele era mau, tínhamos certeza disso, mas quem dá ouvidos aos Lobos? Ninguém. Seu pai sabia que ele era mau mas não podia farejar a coisa tão bem quanto nós. Sabia que o outro era mau, mas não *até que ponto*.

Lobo atirou a cabeça para trás e uivou de novo, um longo e assustador guincho de dor que ecoou pelo profundo azul do céu.

INTERLÚDIO

Sloat Neste Mundo (II)

DO BOLSO DE seu enorme casaco (ele o comprara convencido de que, depois das Montanhas Rochosas, a América se transformava, já no outono, numa terra árida e glacial — agora, no entanto, estava suando em bicas), Morgan Sloat tirou uma caixinha de aço. Sob a fechadura havia dez pequenos botões e um enfumaçado vidro amarelo com meio centímetro de altura e 5 centímetros de comprimento. Com a unha do dedinho da mão esquerda ele empurrou cuidadosamente alguns botões e uma série de números

apareceu no pequeno visor na janela. Sloat comprara aquela geringonça, que diziam ser o menor cofre do mundo, em Zurique. Segundo o homem que o vendera, nem mesmo uma semana num forno crematório seria capaz de violar sua integridade.

O cofrinho se abriu com um estalido.

Sloat puxou duas pequenas capas de veludo negro como as que revestem caixas de joias e encontrou uma coisa que vinha guardando há mais de 20 anos, muito tempo antes da detestável criança que estava causando todo aquele problema ter nascido. Era uma chave de metal, manchada e sem brilho, que outrora servira para dar corda nas costas de um soldadinho de chumbo. Sloat vira o soldadinho na vitrine de um bazar na estranha cidade de Point Venuti, na Califórnia — uma cidade na qual tinha grande interesse. Movido por uma compulsão irresistível (e não tivera, aliás, a menor intenção de resistir a ela; Morgan Sloat sempre considerara a compulsão uma virtude), entrou na loja e pagou 5 dólares pelo soldadinho amassado e enferrujado... Mas não fora exatamente o soldado o que despertara o seu interesse. A chave de dar corda é que lhe atraía a atenção, a chave é que lhe transmitira alguma coisa. Assim que saiu do bazar, tirou a chave das costas do soldado e colocou-a no bolso. Mais adiante, o soldado foi jogado numa lata de lixo defronte à livraria Dangerous Planet.

Agora, ao lado de seu carro na parada rodoviária Lewisburg, ele levantou a chave e fitou-a com atenção. Como a palheta de violão de Jack, a chave se transformava numa coisa diferente nos Territórios. Certa vez, quando voltava para casa, deixou-a cair no vestíbulo do velho prédio de escritórios. E devia ter sobrado na chave alguma força mágica dos Territórios, pois aquele idiota do Jerry Bledsoe foi inteiramente cozinhado menos de uma hora depois. Será que Jerry a pegara? Será que pisara nela? Sloat não sabia e nem se importou em saber. E nem deu a mínima para o acidente com Jerry. Considerando que o eletricitista tinha um vultoso seguro para morte acidental (o supervisor do edifício, com quem às

vezes conversava um pouco, lhe passara esta informação), Sloat imaginava que Nita Bledsoe devia ter ficado bem servida. O que deixou Morgan extremamente preocupado foi a perda da chave. A sorte é que Phil Sawyer a encontrou, devolvendo-a ao sócio com um comentário distraído: “Ei, Morg. É seu amuleto, não é? Deve ter um furo no seu bolso. Encontrei-a no vestíbulo depois que levaram o corpo do coitado do Jerry.”

Sim, no vestíbulo. No vestíbulo onde tudo cheirava como numa fornalha que, durante um bom tempo, tivesse funcionado a pleno vapor. No vestíbulo, onde tudo ficara enegrecido, retorcido, fundido.

Exceto aquela despretensiosa chavezinha.

Que, no outro mundo, virava uma estranha espécie de para-raios — e que Sloat punha agora em volta do pescoço numa fina corrente de prata.

— Estou indo atrás de você, Jacky — disse Sloat num tom de voz quase terno. — Está na hora de acabar de uma vez por todas com esse negócio ridículo.

Capítulo Dezessete

Lobo e o Rebanho

1

LOBO FALAVA DE muitas coisas, levantando-se de vez em quando para afastar o gado da estrada e uma vez para levá-lo até um riacho, cerca de um quilômetro a oeste. Quando Jack perguntou onde ele morava, Lobo limitou-se a sacudir vagamente o braço em direção ao norte. Morava, disse, com a família. Quando, alguns minutos mais tarde, Jack pediu maiores esclarecimentos, Lobo

explicou que não tinha mulher nem filhos, e que só entraria no que chamou de “grande cio lunar” daí a um ou dois anos. Mas o sorriso inocentemente sensual que se espalhou em seu rosto deixou bem claro que aguardava com ansiedade pelo “grande cio lunar”.

— Mas você disse que morava com a família.

— Oh, família! Eles! Lobo! — Lobo riu. — Por certo. *Eles!* Nós todos vivemos juntos. O rebanho tem de ser conservado, você sabe. O rebanho *dela*.

— Da rainha?

— Sim. Que ela nunca, nunca morra.

E Lobo fez uma mesura absurdamente solene, curvando-se com a mão direita e tocando a testa.

Novas perguntas deixaram as coisas mais claras na mente de Jack, ou pelo menos foi o que ele pensou. Lobo era solteiro (embora, de certa forma, esse tipo de qualificação não se adaptasse muito bem ao seu caso). A família de que falara era uma família muito extensa — literalmente, era toda a família de Lobos. Eram uma raça nômade, mas extremamente fiel a laços de lealdade. Deslocavam-se de um lado para outro pelas grandes áreas desérticas a leste das Fronteiras, mas a oeste das “colônias” (nome que Lobo usava para indicar as cidades e vilas do leste).

Os lobinos (jamais “lupinos” — quando Jack uma vez usou a palavra certa, Lobo riu até as lágrimas lhe escorrerem pelos cantos dos olhos) eram, em geral, de constituição sólida e trabalhadores dignos de toda a confiança. Seu vigor físico era lendário, sua coragem indiscutível. Alguns tinham ido para as colônias, onde serviam à rainha como guardas, soldados ou guarda-costas pessoais. Suas vidas, Lobo explicou a Jack, tinham apenas duas grandes motivações: a rainha e a família. A maioria dos Lobos, porém, servia à rainha do mesmo jeito que ele: guardando rebanhos.

As vacas-ovelhas eram para os Territórios as fontes básicas de carne, vestuário, gordura animal e óleo para lamparinas (Lobo não

falou a Jack exatamente desse modo, mas o garoto procurou tirar do que ouviu as deduções mais lógicas). Todo o gado pertencia à rainha, e a família lobina se encarregava de guardá-las desde tempos imemoriais. Era uma função estritamente deles. Jack estabeleceu um paralelo com os índios das planícies americanas e os búfalos (pelo menos até o momento em que o homem branco entrou nas terras indígenas e alterou o seu modo de vida).

— E eu vos digo, o leão deitará ao lado do cordeiro e o Lobo será companheiro das aberrações — Jack murmurou e sorriu. Estava deitado de costas, as mãos cruzadas atrás da cabeça. Fora envolvido pela mais esplêndida sensação de paz e harmonia.

— O quê, Jack?

— Nada — ele respondeu. — Lobo, você realmente se transforma num verdadeiro animal na lua cheia?

— É claro que sim! — disse Lobo. Parecia atônito, como se Jack tivesse lhe perguntado alguma coisa do tipo: *Você realmente veste de novo a calça depois de cagar?* — Os estrangeiros é que não se transformam, não é? Foi *isso* que Phil me contou.

— O... o rebanho — disse Jack. — Quando você vira bicho, o que...

— Oh, nem chegamos *perto* do rebanho quando mudamos de forma — Lobo respondeu gravemente. — Por Jason, nada disso! Íamos querer comê-lo, você não acha? E um Lobo que come do rebanho deve morrer. É o que diz o *Livro da boa lavoura*. Lobo! Lobo! Temos lugares próprios para onde ir quando é lua cheia. O rebanho também. São animais meio tolos, mas sabem que têm de fugir na época da grande lua. Lobo! É melhor que saibam, pelo bem deles!

— Mas você *come* carne, não é verdade? — Jack perguntou.

— Cheio de perguntas, exatamente como o pai — disse Lobo. — Lobo! Não me importo. Sim, nós comemos carne. É claro que sim. Afinal, somos lobinos, não é?

— Mas se não comem carne dos rebanhos, de que se alimentam?

— Sabemos nos alimentar — disse Lobo, e não tocou mais no assunto.

Como todas as outras coisas nos Territórios, Lobo era um mistério — um mistério simultaneamente fascinante e assustador. O fato de ele ter encontrado tanto o pai de Jack quanto Morgan Sloat (ou pelo menos seus Duplos, por certo mais de uma vez) contribuía para a particular aura de mistério que Lobo transmitia, mas não era suficiente para explicá-la inteiramente. Tudo o que Lobo contava instigava Jack a fazer novas perguntas, a maioria das quais Lobo não podia — ou não queria — responder.

Um exemplo foram as visitas de Philip Sawtelle e Orris. Apareceram pela primeira vez quando Lobo estava na “pequena lua” e vivia com a mãe e duas “irmãs de cria”. Aparentemente, estavam apenas passeando, como Jack parecia estar fazendo agora... Só que estavam indo para o leste, não para o oeste.

— Para dizer a verdade — Lobo confessou —, acho que você é o único humano que já encontrei por estas bandas disposto a caminhar ainda *mais* para o oeste.

De início, a companhia deles tinha sido extremamente agradável. Mais tarde, no entanto, surgiram problemas... problemas com Orris. Tudo aconteceu depois que o sócio do pai de Jack resolveu “conceder a si mesmo um lugar neste mundo”, Lobo contou e repisou para Jack, só que agora ele parecia estar falando de Sloat, usando o disfarce de Orris. Lobo disse que Morgan pegara uma de suas irmãs de cria (“Minha mãe ficou tão angustiada que, durante um mês, não parou de roer as mãos e os dedos dos pés”, Lobo disse a Jack com naturalidade) e de vez em quando levava outros Lobos. Depois abaixou a voz e, com uma expressão de temor e supersticioso respeito, contou a Jack que o “homem manco” carregou alguns desses Lobos para o outro mundo, o lugar dos estrangeiros, e os ensinou a comer da carne do rebanho.

— Isto é muito ruim para gente como você, não é? — Jack perguntou.

— Eles estão condenados — Lobo respondeu com simplicidade.

A princípio, Jack pensou que Lobo estava falando do sequestro — afinal, o verbo que usara ao se referir à irmã de cria era a versão de *roubar* na língua dos Territórios. Logo, no entanto, percebeu que não se tratara exatamente de sequestros. Com uma poesia inconsciente, Lobo tentava explicar que Morgan “sequestrara” as mentes de alguns membros da família lobina. Jack compreendeu que Lobo se referia a lobisomens que renegaram a fidelidade ancestral à coroa e ao rebanho para se tornarem vassalos de Morgan... Morgan Sloat e Morgan de Orris.

O que levou Jack a se lembrar também de Elroy.

Um Lobo que come do rebanho deve morrer.

O que levou Jack a se lembrar dos homens do carro verde que lhe perguntaram onde ficava o hotel, que lhe ofereceram um doce e tentaram sequestrá-lo. Os olhos. *Os olhos tinham se alterado.*

Eles estão condenados.

Ele resolveu conceder a si mesmo um lugar neste mundo.

Até aquele momento, Jack sentira-se ao mesmo tempo satisfeito e seguro: satisfeito por estar de volta aos Territórios, onde havia uma certa aragem fria no ar, mas nada que se pudesse comparar à umidade, ao céu cinzento que ameaçara perfurá-lo com gotas geladas a oeste de Ohio; e seguro por estar ao lado do grande e cordial Lobo, na solidão do campo, a quilômetros de qualquer coisa ou de qualquer pessoa.

Conceder a si mesmo um lugar neste mundo.

Perguntou a Lobo sobre o pai (Philip Sawtelle naquele mundo), mas Lobo limitou-se a sacudir a cabeça. Phil era um excelente sujeito, e era um Duplo (portanto, obviamente, um estrangeiro), mas isso era tudo o que Lobo parecia saber. Um Duplo, disse ele, era algo que tinha alguma coisa a ver com crias duplas de pessoas, e

sobre esses assuntos não se sentia capacitado a falar. Nem podia descrever Philip Sawtelle; não se lembrava. Só se lembrava do cheiro. Tudo o que *e/e* sabia era o seguinte: embora a princípio os dois estrangeiros *parecessem* ser boa gente, apenas Phil Sawyer tinha realmente *agido* como boa gente. Certa vez, chegou até a trazer presentes para Lobo e suas irmãs e irmãos de cria. Um dos presentes, que não se alterou na travessia do mundo dos estrangeiros, foi uma bonita coleção de macacões para Lobo.

— Eu nunca deixei de usá-los — disse Lobo. — Minha mãe queria que eu os jogasse fora, pois já tinham mais de cinco anos. Ela achava que já estavam gastos! Achava que ficavam apertados demais em mim! Lobo! Ela dizia que eram apenas remendos e mais remendos. Mas eu não queria abrir mão deles! Finalmente, ela comprou uns panos de um mercador a caminho do leste. Nem sei quanto custaram, e confesso a você que tive até medo de perguntar. Ela os tingiu de azul e me fez seis macacões iguais aos que Phil tinha me dado. Mas ainda uso os que ganhei de seu pai quando vou dormir. Lobo! Lobo! Não há travesseiros melhores, pode apostar!

Lobo sorriu tão francamente (ainda que com um certo ar de tristeza) que Jack ficou comovido e pegou a mão dele. Era uma coisa que, alguns dias atrás, jamais pensaria ter coragem de fazer, não importando em que circunstâncias. Mas, naquele momento, aquilo lhe pareceu absolutamente natural. E ficou contente ao sentir o calor da mão forte do Lobo.

— Estou muito feliz por você ter gostado do meu pai, Lobo — disse Jack.

— Eu gostava dele, gostava! Lobo! Lobo!
E então, as portas do inferno se abriram.

LOBO PAROU DE falar e olhou assustado ao redor.

— Lobo? O que há de err...

— Psssiu!

Então Jack escutou. Os ouvidos mais sensíveis de Lobo tinham captado o som primeiro, mas a coisa se avolumou de tal forma que, pouco depois, mesmo um surdo seria capaz de ouvi-la. O rebanho olhou em volta e começou a se afastar do som num passo nervoso, pesado. Era como um efeito sonoro de rádio no qual alguém lentamente rasgasse um lençol no meio. Só que o volume foi aumentando, aumentando cada vez mais, até Jack achar que o som ia deixá-lo maluco.

Lobo ficou de pé, parecendo tonto, confuso, assustado. Aquele som de coisa rasgando, aquele ronco grave e baixo continuava a aumentar. O balido do rebanho ficou mais alto. Alguns animais foram recuando para o riacho e Jack viu uma das aberrações cair dentro dele. Houve um esparramar de água, um debater de patas. O animal fora empurrado pela agitada retirada dos companheiros. Deixou escapar um guincho estridente, doloroso. Outra vaca-ovelha tropeçou e foi igualmente atirada na água pela fuga compacta do rebanho. As margens do riacho eram pantanosas, cheias de juncos e lodo. A vaca-ovelha que caiu primeiro logo ficou atolada no barro e na lama.

— *Oh, rebanho que não presta pra nada!* — Lobo gritou e disparou pela colina na direção do riacho, onde o animal atolado no barro já estava à beira da morte.

— Lobo! — Jack gritou, mas Lobo não pôde ouvi-lo. Na realidade, Jack mal podia ouvir o som da própria voz no meio daquele som de trovada. Virou os olhos para a direita e abriu a boca de espanto. Alguma coisa estava acontecendo no ar. Cerca de um metro acima do solo, havia um trecho de atmosfera se encrespando, ondulando, formando um torvelinho de contorções. Do

outro lado daquele trecho de ar, Jack pôde ver a estrada do Oeste, mas a estrada parecia borrada, fora de foco, como se vista através das ondas de ar quente de um incinerador.

Alguma coisa está rasgando o ar como uma ferida. Alguma coisa está atravessando... vindo do nosso lado? Oh, Jason, será que eu também provoco isso quando atravesso?

Mas, mesmo entre a perplexidade e o pânico, Jack sabia que não.

Fazia uma ideia muito concreta de quem poderia estar chegando daquela maneira — como um estupro, uma violação.

E começou a correr pela colina abaixo.

3

O SOM DE ALGO RASGANDO prosseguia. Lobo estava de joelhos na margem do riacho, tentando ajudar um segundo animal caído a ficar de pé. O primeiro flutuava molemente rio abaixo, o corpo arranhado, mutilado.

— Levante-se! Diabo, levante! Lobo!

Lobo sacudia e empurrava a vaca-ovelha, mas ela apenas se debatia e mugia. Então, ele pôs os braços em volta da barriga do animal e puxou-o para cima.

— LOBO! COMPANHEIRO AQUI E AGORA! — gritou.

As mangas de sua camisa se rasgaram ao longo dos bíceps, fazendo Jack se lembrar de David Banner tendo um dos acessos de cólera provocados pelos raios gama e se transformando no Incrível Hulk. Salpicando água por todo lado, Lobo conseguiu ficar em pé, um brilho alaranjado nos olhos, o macacão azul agora negro de lama. A água ainda escorria do nariz do animal, que Lobo mantinha

nos braços como se fosse um cachorrinho gigante. Os olhos da vaca-ovelha tinham se transformado num branco enevoadado.

— Lobo! — Jack gritou. — É Morgan! É...

— *O rebanho!* — Lobo também gritou. — *Lobo! Lobo! Veja o que está acontecendo com o meu rebanho, Jack! Não tente...*

O resto foi sufocado por um enorme ribombar de trovão que sacudiu a terra. Por um instante, o trovão chegou mesmo a cobrir aquele incessante e enlouquecedor som de algo rasgando. Quase tão confuso quanto o rebanho de Lobo, Jack levantou os olhos e viu um límpido céu azul, onde apenas algumas nuvens inocentes, a quilômetros de distância, manchavam o horizonte.

O trovão deu origem a um completo pânico no rebanho de Lobo. Os animais tentaram fugir, mas de uma forma absolutamente irracional, uns avançando, outros recuando. Empurraram-se de tal forma uns aos outros que começaram a cair em massa no riacho. Jack ouviu estalos de ossos quebrando e balidos de dor. Lobo berrou de raiva, largou a vaca-ovelha que estava tentando salvar e correu para o meio do riacho.

Antes que pudesse chegar lá, foi atropelado e derrubado por meia dúzia de animais. A água se esparramou, fluiu em jatos brilhantes e finos. Jack percebeu que Lobo estava correndo o risco de ser simultaneamente esmagado e afogado pelos estúpidos animais em fuga.

Jack entrou no rio, cuja superfície estava agora coberta de lodo. A correnteza ameaçava fazê-lo perder o controle de seus movimentos. Balindo, a loucura estampada nos olhos, uma vaca-ovelha passou se debatendo por ele, quase lhe dando um coice. A água respingou em cheio em seu rosto e Jack tentou tirá-la dos olhos.

Agora aquele som parecia encher o mundo inteiro: *RRRRRIIPPPP...*

Lobo! Pouco importava Morgan, ao menos por ora. Lobo estava com problemas.

A cabeça peluda e encharcada ficou momentaneamente visível à superfície da água, e então, três dos animais voaram sobre ela e Jack pôde ver apenas uma cabeluda mão se sacudindo. Tentou abrir caminho entre os animais, alguns ainda de pé, outros se debatendo e se afogando.

— *Jack!* — uma voz berrou sobre todo aquele barulho. Era uma voz que Jack conhecia. Era a voz do tio Morgan.

— *Jack!*

Houve outro ribombar de trovão, dessa vez um grande ruído surdo que rolou pelo céu como uma salva compacta de artilharia.

Ofegando, o cabelo ensopado caindo nos olhos, Jack olhou para trás... e viu a parada rodoviária da rodovia federal 70, em Ohio. Viu-a como se estivesse usando óculos vagabundos que deformavam a visão, mas *viu*. A quina da parede do banheiro despontava no lado esquerdo daquele ruidoso, ondulante trecho de ar. O capô do que lembrava um utilitário Chevrolet aparecia à direita, flutuando um metro acima do campo onde ele e Lobo, há menos de cinco minutos, estavam sentados, conversando tranquilamente. E no centro do painel, lembrando um figurante num filme sobre a conquista do Pólo Sul pelo almirante Byrd, lá estava Morgan Sloat, o rosto gordo e vermelho repuxado por uma raiva homicida. Raiva e alguma outra coisa. Triunfo? Sim. Jack pensou que havia também um ar de triunfo.

Ficou de pé no meio do rio, a água lhe chegando quase até a cintura, o rebanho passando a seu lado, mugindo e balindo. Fixou o olhar naquela janela que se abria na própria textura da realidade, os olhos arregalados, a boca muito aberta.

Ele me encontrou, oh, meu Deus, ele me encontrou.

— *Então você está aí, seu merdinha!* — Morgan berrou. Sua voz era clara, mas assumira um tom abafado e lúgubre ao se transferir da realidade daquele mundo para a realidade deste. Era como ouvir um homem gritar dentro de uma cabine telefônica — *Agora vamos nos entender, é ou não é? É ou não é?*

Morgan deu um passo à frente, o rosto ondulando como se fosse feito de plástico maleável. Jack teve tempo de ver que ele apertava alguma coisa com a mão, alguma coisa que trazia pendurada ao pescoço, uma coisa pequena e prateada.

Ficou permaneceu paralisado quando Sloat começou a transpor o buraco que se formara entre os dois universos. E, enquanto fazia isso, executava seu próprio número de lobisomem, passando de Morgan Sloat, financista, especulador imobiliário e eventualmente empresário artístico de Hollywood, a Morgan de Orris, aspirante ao trono de uma rainha às portas da morte. As bochechas caídas e coradas emagreceram, perderam completamente o colorido. O cabelo tornou a crescer, primeiro enchendo o contorno calvo da cabeça, como se algum ser invisível estivesse colorindo o crânio de um desenho, depois cobrindo-a na parte de cima. O cabelo do Duplo de Sloat era comprido, negro, ondulado, mas tinha um aspecto um tanto artificial. Fora amarrado na nuca, Jack percebeu, mas a maior parte dos fios logo se soltou.

O casaco oscilou e desapareceu. Em seu lugar, surgiu um manto com um capuz.

As botas de camurça de Morgan se transformaram em escuras botas de couro, as beiradas dobradas, e o que podia ser o cabo de uma faca aparecendo em uma.

E a coisinha prateada na mão dele transformou-se numa pequena haste com fogo azul rastejante em cima.

É um para-raios. Oh, Jesus, é um...

— Jack!

O grito foi baixo, gorgolejante, cheio de água.

Jack rodopiou desajeitadamente no meio do rio, quase caindo sobre uma vaca-ovelha que, morta na água, flutuava de lado. Viu a cabeça de Lobo afundando de novo, as mãos se debatendo. Jack se aproximou o mais depressa que pôde daquelas mãos, procurando desesperadamente se esquivar do gado. Um dos animais escoiceou com força sua cintura e ele caiu para a frente,

bebendo água. Levantou-se depressa, tossindo, engasgado, apalpando o gibão em busca da garrafa, temendo que ela pudesse ter sido arrastada pela correnteza. Ainda estava lá.

— *Ei, garoto! Vire-se e olhe para mim, rapaz!*

Não tenho tempo agora, Morgan. Sinto muito, mas não quero ser afogado pelo rebanho de Lobo antes de fugir de ser frito por esta vara. Eu...

Um fogo azul fez um arco por cima do ombro de Jack, zumbindo. Era como um arco-íris elétrico mortal. A centelha atingiu uma das vacas-ovelhas que se debatiam na margem do rio e o infeliz animal simplesmente explodiu, como se tivesse engolido dinamite. O sangue jorrou num jato contínuo. Pedacos de carne choveram ao redor de Jack.

— *Vire-se e olhe pra mim, garoto!*

Jack pôde sentir a *força* daquela ordem, agarrando-lhe a cabeça com mãos invisíveis, tentando virá-la na direção de Morgan.

Lobo conseguiu vir novamente à tona, o cabelo grudado no rosto, os olhos tentando espreitar através de uma cortina de névoa como os olhos de um English sheepdog. Tossia e cambaleava, já parecendo inconsciente de onde se encontrava.

— *Lobo!* — Jack gritou, mas o trovão explodiu de novo pelo céu azul, abafando completamente seu chamado.

Lobo curvou a cabeça e vomitou um grande e lamacento jato de água. Logo a seguir outra aterrada vaca-ovelha esbarrou nele, fazendo-o de novo submergir.

Acabou, Jack pensou desesperado. *Acabou, ele se foi, deixe-o ir e saia daqui...*

Mas, ainda assim, continuou lutando para chegar perto de Lobo, tirando do caminho um animal moribundo, que se debatia nas últimas convulsões da morte.

— *Jason!* — Morgan de Orris gritou, e Jack percebeu que Morgan não estava praguejando na gíria dos Territórios; ele o estava

chamando pelo nome. É que ali seu nome não era Jack. Ali, nos Territórios, ele era Jason.

Mas o filho da rainha morreu quando ainda era bebê. Ele...

De novo o zumbido úmido da eletricidade passando rente ao seu cabelo. De novo uma centelha atingindo a outra margem, vaporizando mais um dos animais de Lobo. Não, Jack viu, pelo menos não inteiramente. As patas ainda estavam lá, enterradas no lodo. E por uma fração de segundo ainda se debateram em quatro direções diferentes.

— *VIRE A CABEÇA E OLHE PRA MIM, MALDITO GAROTO!*

A água, por que ele não atira uma descarga elétrica na água? Poderia fritar, ao mesmo tempo, a mim, Lobo e todos esses animais.

Então, as aulas de ciências da quinta série lhe vieram à mente. Na água, a eletricidade poderia ir para qualquer parte... Poderia até mesmo voltar para a fonte geradora da corrente.

A cabeça atordoada de Lobo, flutuando sob a água, tirou essas considerações da mente acelerada de Jack. Lobo ainda estava vivo, mas parcialmente imprensado sob uma vaca-ovelha que, embora aparentemente intacta, ficara paralisada pelo pânico. As mãos de Lobo acenavam com uma patética e já fraca energia. Quando Jack deu o último passo que o separava de Lobo, uma das mãos caiu e passou simplesmente a flutuar, mole como uma planta aquática.

Sem pensar duas vezes, Jack abaixou o ombro esquerdo e deu uma pancada na vaca-ovelha como Jack Armstrong numa história infantil de esportes.

Se fosse uma vaca de verdade, em vez de um modelo compacto dos Territórios, Jack não teria conseguido tirá-la do lugar, principalmente com a corrente relativamente forte do riacho trabalhando contra ele. Mas o animal era menor que uma vaca, e Jack estava cheio de adrenalina. A vaca-ovelha mugiu quando Jack a atingiu, recuou um passo, apoiou-se brevemente na margem do rio e acabou se afastando. Jack agarrou as mãos de Lobo e puxou-o com toda a força.

Lobo voltou à superfície tão penosamente quanto um tronco de árvore encharcado: os olhos vidrados e meio cerrados, a água escorrendo das orelhas, do nariz, da boca. Os lábios estavam roxos.

Dois raios de eletricidade faiscaram à esquerda e à direita de onde estavam Jack e Lobo, parecendo uma dupla de bêbados dançando uma valsa numa piscina. Na margem direita, outra vaca-ovelha explodiu em todas as direções, a cabeça decepada ainda balindo. Fagulhas de fogo ziguezaguearam, iluminando os juncos e se dissipando na relva seca do campo onde o terreno começava de novo a se elevar.

— *Lobo!* — Jack gritou. — *Lobo, pelo amor de Deus!*

— Ouh — Lobo gemeu e vomitou uma água lamacenta pelo ombro de Jack. *Ouhhhhhhhhhh...*

Agora Jack viu Morgan de pé na outra margem, uma figura alta, de ar puritano, envolvida em seu manto preto. O capuz emoldurava-lhe o rosto pálido, vampiresco, com uma espécie de lúgubre romantismo. Jack teve tempo para pensar que a magia dos Territórios tinha agido mesmo ali, a favor do temível tio. Nos Territórios, Morgan não era um gordo e nervoso empresário com pirataria no coração e ideias homicidas na mente; nos Territórios, seu rosto se tornara mais suave e não deixava de revelar uma certa beleza masculina. Ele apontou para Jack a haste prateada como uma varinha de condão de brinquedo, e o fogo azul cortou o ar.

— *Agora chegou sua vez e a vez de seu estúpido amigo!* — Morgan gritou. Os lábios finos se abriram num sorriso de triunfo, revelando dentes tortos e amarelados que eliminaram a passageira impressão de beleza que se insinuara na mente de Jack de uma vez por todas.

Lobo gritou e se debateu nos braços doloridos do garoto. Encarava Morgan, os olhos alaranjados projetando um brilho de ódio e de medo.

— *Seu demônio!* — Lobo gritou. — *Demônio! Minha irmã! Minha irmã de cria! Lobo! Lobo! Você é um demônio!*

Jack tirou a garrafa do gibão. Havia um único gole. Não tinha forças para levantar Lobo com um braço; estava deixando-o cair, e Lobo parecia incapaz de ficar de pé sozinho. Não importava. Não podia levá-lo consigo para o outro mundo... Ou será que podia?

— *Seu demônio!* — Lobo gritava, chorando, o rosto molhado escorregando pelo braço de Jack. As costas do macacão flutuavam e inflavam na água.

Cheiro de relva queimada e animais queimados.

Trovão explodindo.

Dessa vez a trilha de fogo no ar passou tão perto de Jack que os pelos de seu nariz ficaram chamuscados, enroscados.

— *OH, SIM! VOCÊS DOIS, VOCÊS DOIS!* — Morgan berrou.
— *VOU ENSINÁ-LOS A SAIR DO MEU CAMINHO, FILHOS DA PUTA! VOU TORRAR VOCÊS DOIS! VOU ARRASAR COM VOCÊS!*

— Lobo, aguenta firme! — Jack gritou. Ele desistira de suspender o corpo de Lobo, mas agarrou-lhe a mão, apertando-a com toda a força. — Agarre-se em mim, está ouvindo?

— *Lobo!*

Ele inclinou o gargalo da garrafa e o terrível gosto de uvas podres encheu-lhe a boca pela última vez. A garrafa ficou vazia. Enquanto engolia, ouviu-a se estilhaçar sob o impacto de uma das descargas elétricas de Morgan. Mas o som do vidro quebrando foi fraco... E o zumbido da eletricidade também... Mesmo os gritos de raiva de Morgan.

Jack se sentiu como se estivesse caindo de costas num buraco. Talvez num túmulo. Então a mão de Lobo apertou com tanta força a de Jack que o fez gemer. Aquela sensação de vertigem, de queda em parafuso, começou a se dissipar. E então a luz do sol foi substituída pelo melancólico tom arroxado de um crepúsculo de outono no coração da América.

Uma chuva fria atingiu o rosto de Jack, e ele ficou cômico de que a água na qual estava de pé parecia muito mais fria que

segundos antes. De algum lugar por perto vinha o ronco familiar dos grandes caminhões na estrada... Só que o barulho parecia vir de cima dele.

Impossível, ele pensou, mas seria verdade? Os limites do impossível pareciam capazes de se estender com extrema flexibilidade. Por um momento vertiginoso, ele teve uma estranha visão de caminhões voadores dos Territórios impelidos por homens dos Territórios com grandes asas de lona amarradas nas costas.

De volta, ele pensou. De volta ao mesmo dia de outono, à mesma rodovia.

Espirrou.

Ao mesmo frio também.

Mas havia duas coisas que não eram as mesmas.

Não havia qualquer parada rodoviária. Estava no meio de um riacho sob uma ponte da estrada, com água gelada pela cintura.

E Lobo estava a seu lado. Essa era a outra diferença.

E Lobo estava berrando.

Capítulo Dezoito

Lobo Vai ao Cinema

1

EM CIMA DELE, outro caminhão retumbou pela ponte, o grande motor a diesel rugindo a pleno vapor. A ponte estremeceu. Lobo ganiu e se agarrou a Jack, quase fazendo os dois caírem de cabeça na água.

— Pare com isso! — Jack gritou. — Me solte, Lobo! É apenas um caminhão! *Me solte!*

Deu uma palmada em Lobo, por mais que lhe desagradasse fazer isso. Mas o terror de Lobo era patético. Mas, patético ou não, Lobo era quase 30 centímetros mais alto que Jack e ultrapassava o seu peso em quase 70 quilos, e se continuasse a se apoiar sobre ele, ambos afundariam naquela água congelada e iam, sem dúvida, pegar uma pneumonia.

— *Lobo! Não gosto disso! Lobo! Não gosto disso! Lobo! Lobo!*

Mas Lobo relaxou um pouco. No momento seguinte, seus braços penderam ao lado do corpo. Quando outro caminhão roncou em cima deles, Lobo se encolheu, mas conseguiu resistir ao impulso de se agarrar novamente a Jack. Mesmo assim, encarou o garoto com uma ansiedade muda e trêmula que sugeria: *Tire-me daqui, por favor, tire-me daqui! Eu preferia estar morto a estar neste mundo!*

Eu gostaria muito de voltar aos Territórios, Lobo, mas Morgan está lá. E mesmo que não estivesse, não tenho mais o suco mágico.

Jack olhou para sua mão esquerda e viu que ela ainda estava segurando o gargalo quebrado da garrafa de Speedy, como um homem pronto a entrar numa briga de bar. Tinha sido mesmo uma sorte que Lobo não tivesse se cortado quando, aterrorizado, se agarrou a ele.

Jack atirou longe o gargalo. *Splash!*

Dois caminhões dessa vez — o barulho foi duplo. Lobo uivou de pavor e tapou as orelhas com as mãos. Jack pôde ver que, na travessia, a maior parte dos pelos das mãos de Lobo tinha desaparecido; a maior parte, mas não todos. E observou também que os dois primeiros dedos de cada uma de suas mãos se tornaram exatamente do mesmo comprimento.

— Vamos lá, Lobo — disse Jack quando o rugido dos caminhões começou a se dissipar. — Vamos sair daqui. Parecemos dois caras esperando para serem batizados numa sessão para recém-convertidos.

Pegou Lobo pela mão e estremeceu quando, em pânico, os dedos dele começaram a apertá-lo. Lobo viu a expressão em seu

rosto e afrouxou... um pouco.

— Não me abandone, Jack — disse Lobo. — Por favor, por favor, não me deixe sozinho.

— Não, Lobo, não vou abandoná-lo — disse Jack. E pensou: *Como foi se meter numa situação dessas, seu cretino? Aqui está você, embaixo de um viaduto em algum lugar de Ohio segurando a mão de seu lobisomem de estimação. Como consegue? Tem treinado? E, aliás, o que está acontecendo com a lua, Jack-O? Você se lembra?*

Ele não sabia e, com aquelas nuvens cobrindo o céu e a chuva fria que não parava de cair, não havia meio de saber.

Que chances teria a seu favor? Trinta contra uma? Vinte e oito contra duas?

Mas, fosse qual fosse a proporção, podia apostar que não era das mais encorajadoras. Pelo menos não dos jeitos que as coisas estavam indo.

— Não, não vou abandoná-lo — Jack repetiu, e conduziu Lobo para a margem do rio.

Num banco de areia, os restos da boneca de alguma menina flutuavam de barriga para cima, os olhos azuis vidrados, encarando o vazio da escuridão crescente. Os músculos do braço de Jack doíam devido ao esforço que tiveram de fazer transportando Lobo para este mundo. A junta no ombro latejava como um dente a ser extraído.

Quando saíram do leito do rio e começaram a pisar no mato da margem, Jack começou a espirrar de novo.

DESSA VEZ JACK não progredira mais nos Territórios que um quilômetro para oeste — a distância que Lobo seguiu com seu rebanho até o pequeno rio onde, mais tarde, quase morreria afogado. Nos Estados Unidos, ele se descobriu a uns 15 ou 16 quilômetros para o oeste, pelo que ele podia calcular.

Lutaram para subir o declive da margem (Lobo acabou tendo de puxar Jack a maior parte do caminho) e, naquele final de crepúsculo, Jack pôde ver uma saída rodoviária cerca de 50 metros à direita da estrada. Uma placa fosforescente dizia: ARCANUM ÚLTIMA SAÍDA EM OHIO DIVISA ESTADUAL A 23 QUILOMETROS.

— Temos de pegar uma carona — disse Jack.

— Carona? — Lobo perguntou sem entender.

— Deixe-me dar uma olhada em você.

Achou que o aspecto de Lobo estava aceitável, pelo menos no escuro. Ainda usava o macacão, que tinha agora uma etiqueta oshkosh. A camisa caseira se transformara numa de produção em série de cambráia azul que lembrava um uniforme de marinheiro. Os pés, antes descalços, escondiam-se sob um enorme par de sapatos de lona e meias brancas.

O mais estranho de tudo, porém, era que no meio do grande rosto de Lobo havia um par de óculos redondos de aro fino do tipo que John Lennon usava.

— Lobo, você tinha problemas de visão lá nos Territórios?

— Eu não sabia que tinha — disse Lobo. — Mas acho que sim. Lobo! Sem dúvida estou vendo melhor aqui com estes olhos de vidro... Bem melhor, aqui e agora!

Ele se virou para o tráfego barulhento da rodovia e, por um momento, Jack percebeu o que devia estar vendo: grandes animais de aço com enormes olhos brancos e amarelos, bestas hediondas roncando pela noite em velocidades vertiginosas, patas redondas de borracha cortando a estrada.

— Vejo melhor do que gostaria de ver — Lobo concluiu num tom de desânimo.

DOIS DIAS DEPOIS, uma dupla de rapazes cansados e de pés doloridos ultrapassou mancando a placa DIVISA DE MUNICÍPIO num dos lados da auto-estrada 32 (do outro lado ficava o Restaurante 10-4). Penetravam nos subúrbios da cidade de Muncie, no estado de Indiana. Jack estava com 39 graus de febre e tossia sem parar. O rosto de Lobo estava inchado e pálido. Ele parecia um pug derrotado numa briga de cães. Na véspera, tentara colher maçãs de uma árvore ao lado de um celeiro abandonado. Estava em cima da árvore enfiando algumas maçãs mirradas no grande bolso da frente do macacão quando um enxame de vespas que tinham construído seu ninho nos beirais do telhado do velho celeiro resolveu atacá-lo. Com uma nuvem marrom zumbindo em volta da cabeça, Lobo desceu da árvore o mais depressa que pôde. Uivava e gania. E mesmo com um olho completamente fechado de inchaço e o nariz parecendo um nabo arroxeadado, ele insistiu que Jack comesse as melhores maçãs. Nenhuma delas estava muito boa: eram pequenas, azedas, já estavam meio bichadas. Jack não teve muita vontade de comê-las, mas, depois do sacrifício que Lobo fizera para apanhá-las, seria impossível recusar.

Um grande e velho Camaro, com a traseira elevada de forma que a frente apontava para baixo, passou devagar perto deles fazendo um barulho enorme.

— *Ei, babacas!* — o motorista gritou num tom de deboche e explodiu numa risada alta, regada a muita cerveja. Lobo uivou e se agarrou a Jack. Jack pensava que Lobo ia acabar superando o terror dos carros, mas agora estava realmente em dúvida.

— Tudo bem, Lobo — disse ele num fio de voz, procurando se livrar pela vigésima ou trigésima vez naquele dia de aperto do amigo. — Ele já foi.

— Uma buzina tão *alta!* — Lobo gemeu. — Lobo! Lobo! Lobo! Tão *alta*, Jack! Meus *ouvidos*, oh, meus *ouvidos*!

— Escapamento sem silenciador — disse Jack, pensando consigo mesmo: *Vai adorar as estradas da Califórnia, Lobo. Podemos ir conhecê-las se ainda estivermos viajando juntos, OK? Que tal assistir a algumas corridas de carros e motos? Você vai adorar.* — Alguns caras gostam do barulho, sabe... Eles...

Foi interrompido por outro acesso de tosse que o dobrou ao meio. Por um instante, o mundo rodopiou num torvelinho de sombras cinzentas. Devagar, muito devagar, as coisas voltaram a entrar em foco.

— *Gostam do barulho* — Lobo murmurou. — Jason! Como alguém pode *gostar* de uma coisa dessas, Jack? E os *cheiros*...

Jack sabia que para Lobo os cheiros eram o pior de tudo. Menos de quatro horas após sua “vinda” dos Territórios, começou a chamar os Estados Unidos de País do Mau Cheiro. Na primeira noite, vomitou meia dúzia de vezes, a princípio só a água lamacenta do riacho que existia no outro universo, depois só tendo ânsias de vômito. Eram os cheiros, ele explicou com um ar digno de pena. Não entendia como Jack conseguia suportá-los, como alguém podia suportá-los.

Jack sabia que, ao voltar dos Territórios, a pessoa ficava um tanto chocada com odores que quase não notava quando estava vivendo no meio deles. Gasolina, diesel, descargas de automóveis, despejos industriais, lixo, água poluída, gases químicos. Mas, em pouco tempo, o recém-chegado voltava a se adaptar aos cheiros. Se adaptava ou ficava entorpecido. Mas com Lobo isso não acontecia. Ele odiava os carros, odiava os cheiros, odiava aquele mundo. Jack acreditava piamente que ele jamais se acostumaria àquele estilo de vida. Tinha de devolvê-lo aos Territórios o mais depressa possível ou ele poderia enlouquecer de vez. *E provavelmente vai me deixar maluco também*, Jack pensou. *Não que falte muito para isso.*

Um barulhento caminhão de fazenda, cheio de engradados de galinhas, aproximou-se deles. Vinha seguindo por uma impaciente

fila de carros, alguns buzinando sem parar. Lobo quase pulou nos braços de Jack. Enfraquecido pela febre, Jack rodopiou, cambaleou e caiu sentado numa vala coberta de mato e de lixo. A queda foi tão forte que seus dentes estalaram.

— Desculpe, Jack — disse Lobo num tom angustiado. — Sou mesmo um desastre.

— Não foi culpa sua — disse Jack. — Eu caí. É hora de descansar.

Lobo se sentou ao lado de Jack, em silêncio, olhando ansioso para o amigo. Sabia que estava tornando as coisas muito difíceis para Jack, sabia que Jack estava ansioso para ir mais rápido, em parte para se afastar de Morgan, mas principalmente por alguma outra razão. Sabia que Jack chamava pela mãe enquanto dormia e às vezes chorava. Mas a única vez que chorou acordado foi ao ver que Lobo ficou aterrorizado no entroncamento de Arcanum. Foi lá que Lobo entendeu o que Jack queria dizer quando falava de “carona”. Quando Lobo disse a Jack que achava que não ia ter coragem de pegar carona, pelo menos não de imediato e talvez nunca, Jack se sentou na grade de proteção do acostamento, pôs as mãos no rosto e chorou. E, de repente, parou, o que pareceu bom, mas quando Jack tirou as mãos do rosto e olhou para Lobo, ele teve certeza de que o amigo estava disposto a deixá-lo sozinho naquele horrível País do Mau Cheiro. E, sem Jack, Lobo ficaria maluco num piscar de olhos.

TINHAM CAMINHADO PELO acostamento até a saída de Arcanum, Lobo estremecendo e se agarrando a Jack cada vez que um carro

ou um caminhão cruzava a escuridão da noite.

— Onde perderam o carro, seus veados? — gritou em disparada a voz de um motorista gozador.

Jack nem olhou para o lado e continuou seguindo em frente, puxando Lobo pela mão, não deixando que ele diminuísse o passo e se sentisse tentado a fugir para os bosques. O mais importante era sair daquele trecho de estrada, onde era proibido pedir carona, e chegar ao entroncamento das variantes de Arcanum. Alguns estados tinham legalizado as caronas nos entroncamentos (ou pelo menos fora o que contara um andarilho com quem, certa noite, Jack compartilhou um celeiro vazio). Mesmo nos estados onde levantar o polegar era tecnicamente um crime, os policiais geralmente faziam vista grossa quando a coisa era feita num entroncamento.

Então, tratava-se de chegar a um ponto onde fosse possível acenar para a boa vontade dos motoristas. E seria bom que os carros da patrulha rodoviária estivessem bem longe dali. Qual seria a reação de um patrulheiro diante da figura de Lobo Jack nem queria pensar. Por certo ia achar que pegara em flagrante uma versão dos anos 1980 de Charles Manson com óculos de John Lennon.

Alcançaram o entroncamento e postaram-se na beira da estrada. Daí a dez minutos, um velho Chrysler se aproximou. O motorista, um homem robusto, com pescoço grosso, forte, e um boné onde se lia TRATORES E FERTILIZANTES, cumprimentou-os com a cabeça. Depois inclinou o corpo e abriu a porta.

— Querem carona, rapazes? A noite está terrível aí fora, não é?

— Obrigado, senhor, está mesmo muito ruim — Jack respondeu num tom de alegria. Sua mente, no entanto, estava sobrecarregada, pensando num jeito de encaixar Lobo na história que teria de contar ao homem. Nem por um momento reparou na expressão dele.

Mas o motorista reparou.

E seu rosto endureceu.

— Está sentindo algum mau cheiro, filho?

Jack foi reconduzido bruscamente à realidade pelo tom de voz do homem, tão duro quanto sua expressão. Toda a cordialidade desaparecera. Ele parecia ter acabado de sair da Oatley Tap após tomar algumas cervejas e quebrar alguns copos.

A cabeça de Jack virou-se para Lobo.

As narinas de Lobo tinham se alargado como o nariz de um urso farejando um gambá. Os lábios não estavam apenas repuxados para trás dos dentes, estavam *enrugados, crispados*, e no lábio superior formara-se uma fileira de sulcos.

— Ele é retardado? — o homem de chapéu TRATORES E FERTILIZANTES perguntou em voz baixa.

— Não, hã, ele apenas...

Lobo começou a rosnar. Aquilo foi demais.

— Oh, Cristo! — disse o motorista com a inflexão de alguém que simplesmente não podia mais acreditar no que seus olhos viam. Pisou no acelerador e disparou como um raio por uma das saídas do entroncamento, a porta fechando com o movimento. Lá embaixo, junto a um cruzamento, as lanternas traseiras se iluminaram por um instante sob a chuva escura, salpicando de reflexos as setas vermelhas do acostamento onde Jack e Lobo tinham sido abandonados.

— Rapaz, essa foi *ótima* — disse Jack e virou-se para Lobo que, pressentindo a ira do companheiro, recuou um passo e encolheu o corpo. — Foi simplesmente *ótima*! Se o carro dele tivesse um rádio, ele teria chamado a polícia e espalhado aos quatro ventos que havia dois loucos furiosos pedindo carona na entrada de Arcanum! Jason! Ou Jesus! Ou seja lá quem for, pouco importa! Se agir assim outra vez vai nos criar problemas até a raiz dos cabelos! Tente repetir a cena e não vai escapar de boas *pauladas* nessa cabeça! Nem eu nem você! Nenhum de *nós* vai escapar!

Exausto, atordado, frustrado, quase morto de cansaço, Jack avançou para o assustado Lobo. Se quisesse, Lobo poderia lhe arrancar a cabeça dos ombros com um único golpe, mas limitou-se a recuar e se encolher ainda mais.

— Não precisa gritar, Jack — ele gemeu. — Os cheiros... que havia ali... fechados ali, oh, aqueles *cheiros*...

— Não senti cheiro *de coisa nenhuma*! — Jack gritou. Sua voz falhou, a garganta dolorida doía mais do que nunca, mas ele não pôde se conter. Tinha de berrar para não ficar doido. O cabelo molhado lhe caiu sobre os olhos. Ele o tirou da testa e deu um tapa no ombro de Lobo. A palmada fez um barulho seco e sua mão começou a doer quase de imediato. Foi como se tivesse batido numa pedra. Lobo gemeu e isso o deixou ainda mais irritado.

Mas era o fato de estar mentindo o deixava muito mais furioso. Dessa vez ficara menos de seis horas nos Territórios, mas sem dúvida o carro daquele homem fedia como a toca de um animal feroz. Odores penetrantes de café velho e cerveja (havia uma lata de cerveja Stroh's aberta entre as pernas dele), um purificador de ar pendurado no retrovisor que cheirava como pó-de-arroz nas bochechas de um cadáver. E havia mais alguma coisa, uma coisa mais desagradável, mais sombria...

— Não senti cheiro de *coisa nenhuma* — ele repetiu e o grito foi áspero, quebrado.

Bateu no outro ombro de Lobo. Lobo gemeu de novo e virou-se de costas, encolhendo o corpo como uma criança que estivesse levando uma surra do pai. Jack começou então a lhe bater nas costas, fazendo a água respingar do macacão. Cada vez que a mão de Jack descia, Lobo gemia.

— É melhor ir se *acostumando* a isso (*tap!*), porque o *próximo* carro pode ser um carro da *polícia* (*tap!*) ou pode ser o sr. Morgan Bloat em seu nojento BMW verde (*tap!*). Se você voltar a se comportar como um *bebê* gigante, vamos nos meter na porra de um *mundo de problemas!* (*Tap!*) Entendeu o que eu disse?

Lobo ficou calado. Continuou encolhido na chuva, as costas viradas para Jack, tremendo. Chorando. Jack sentiu um bolo lhe subir pela garganta, sentiu os olhos ficarem úmidos, ardentes. Mas esse sentimento só aumentou sua raiva. Uma parte dele queria desesperadamente ferir a si mesma, e sabia que magoar Lobo era um excelente meio de fazer a coisa.

— *Vire pra mim!*

Lobo obedeceu. As lágrimas não paravam de cair dos olhos castanhos e turvos atrás dos óculos redondos. O nariz pingava.

— *Entendeu bem o que eu disse?*

— Sim — Lobo gemeu. — Sim, entendi, mas eu não podia viajar na carona dele, Jack.

— Por que não? — Jack o encarou furioso, os punhos na cintura. Oh, como a cabeça lhe doía!

— Porque ele estava morrendo — disse Lobo em voz baixa.

Jack arregalou os olhos e toda a fúria se escoou.

— Jack, você não sabia? — Lobo perguntou suavemente. — Lobo! Você não sentiu o *cheiro*?

— Não — disse Jack com uma voz pequena, sibilante, sem fôlego. Porque ele também tinha pressentido o cheiro de *alguma coisa*, não tinha? Alguma coisa cujo cheiro nunca tinha sentido antes. Alguma coisa como uma mistura de...

A ideia apoderou-se dele e, de súbito, toda a sua energia pareceu se esgotar. Deixou-se cair na grade do acostamento e olhou para Lobo.

Cocô e uvas podres. Era assim aquele cheiro. Não 100% isso, mas quase, terrivelmente quase isso.

Cocô e uvas podres.

— É o pior cheiro — disse Lobo. — É o cheiro de quando as pessoas esquecem como é ser saudável. Nós chamamos a coisa, Lobo, de Doença Negra. Mas acho que ele nem sabia que tinha isso. E... os estrangeiros não conseguem sentir o cheiro, não é mesmo, Jack?

— Não conseguem — ele sussurrou. Se fosse teleportado subitamente a New Hampshire, à suíte que a mãe ocupava no Alhambra, sentiria *nela* aquele cheiro?

Sim. Sentiria o cheiro de sua mãe escoando pelos poros — um cheiro de cocô e uvas podres, a Doença Negra.

— Chamamos isso de câncer — Jack murmurou.

Chamamos de câncer e é o que tem minha mãe.

— Não sei se vou conseguir andar de carona — disse Lobo. — Se quiser, posso tentar de novo, Jack, mas os cheiros... lá dentro... Eles já são horríveis aqui fora, mas... lá... *Lobo!*

Foi dessa vez então que Jack pôs o rosto nas mãos e chorou; em parte por desespero, em parte por pura e simples exaustão. E, sim, a expressão que Lobo acreditou ter visto no rosto de Jack não fora uma ilusão de ótica; por um instante, a tentação de abandonar Lobo fora mais que uma tentação, fora uma necessidade enlouquecedora. As chances de conseguir chegar à Califórnia e encontrar o talismã (fosse o que fosse) já eram muito pequenas. Mas com Lobo agarrado no seu pé ficavam reduzidas a um pontinho no horizonte. Lobo não ia apenas lhe retardar a viagem; mais cedo ou mais tarde, faria os dois irem para a cadeia. Provavelmente bem mais cedo do que podia imaginar. E, além disso... como ia explicar a presença de Lobo ao racional Richard Sloat?

Naquele momento, o que Lobo viu no rosto de Jack foi um ar de fria especulação que lhe deixou as pernas bambas. Ele caiu de joelhos e, como o personagem de um melodrama vitoriano, suplicou de mãos postas:

— Não me deixe sozinho, Jack — ele chorou. — Não deixe o velho Lobo sozinho! Não me deixe aqui, você me trouxe pra cá, por favor, por favor, não me deixe...

Depois disso ficou sem palavras; talvez ainda quisesse repetir alguma súplica, mas só conseguia soluçar. Jack sentiu uma grande fraqueza cair sobre ele como um paletó surrado. *Não me deixe sozinho, você me trouxe pra cá...*

E era verdade. A responsabilidade era dele, não era? Sim. Oh, sem dúvida. Pegara Lobo pela mão e o trouxera dos Territórios para Ohio. Seu ombro ainda latejava para lembrá-lo da façanha. Não teve escolha, é claro. Lobo ia se afogar, e mesmo que não se afogasse, Morgan o teria cozinhado com aquele para-raios. Ele podia ter se virado para Lobo e dito: *O que você ia preferir, amigo Lobo? Estar aqui, assustado, ou morto nos Territórios?*

Podia perguntar, é claro, mas Lobo não teria resposta porque não era muito veloz em termos de massa cerebral. Mas tio Tommy gostava de citar um provérbio chinês: *Quando você salva a vida de um homem, fica responsável por ele pelo resto da vida.*

Não importava o risco, nem os problemas que teria de enfrentar, Lobo era responsabilidade dele.

— Não me deixe sozinho, Jack — Lobo voltou a suplicar. — Lobo-Lobo! Por favor, não deixe o velho Lobo... Eu posso ajudá-lo, posso ficar de guarda no meio da noite, posso fazer muitas coisas, só que eu não, eu não...

— Levante-se e pare de chorar — disse Jack num tom cordial. — Não vou abandoná-lo. Mas temos de sair logo daqui. Aquele sujeito do carro pode mandar a polícia atrás de nós. Vamos em frente.

5

— TEM IDEIA DO que vamos fazer, Jack? — Lobo perguntou timidamente. Estavam sentados na vala cheia de mato perto da divisa da cidade de Muncie há mais de meia hora.

Jack virou-se para Lobo, que ficou aliviado ao vê-lo sorrindo. Era um sorriso fraco, e Lobo não gostava nada das marcas de

cansaço sob os olhos de Jack (não gostava principalmente daquele cheiro doentio que tinha se apossado dele). Apesar de tudo, era um sorriso.

— Acho que vejo o que vamos fazer bem ali — disse Jack. — Estava pensando nisso poucos dias atrás, quando comprei meus tênis novos.

Esticou o pé e contemplou os tênis num silêncio deprimido. Os tênis estavam arranhados, surrados, sujos. A sola começara a descolar. Jack os havia comprado há... Ele franziu a testa, tentando se lembrar. A febre lhe confundia as ideias. Há três dias. Há apenas três dias ele os tirara da prateleira da sapataria do shopping. E agora já estavam velhos. Velhos.

— Bom... — Jack suspirou. Depois se alegrou. — Está vendo aquele prédio lá embaixo, Lobo?

O prédio, uma explosão de ângulos insólitos em tijolo cinza, erguia-se como uma ilha no meio de uma gigantesca área de estacionamento. Lobo pressentia qual seria o cheiro do asfalto naquele lugar: um cheiro de morte, de animais em decomposição. O cheiro quase o sufocaria e Jack mal perceberia.

— Para sua informação, aquele letreiro está dizendo: Town Line Sixplex — Jack explicou. — Parece um nome de cafeteira, mas é um cinema com seis salas. Deve haver pelo menos um filme interessante.

E, à tarde, não costuma haver muita gente na plateia. O que é ótimo, já que você chama muita atenção, Lobo.

— Vamos até lá — disse Jack, levantando-se com dificuldade.

— O que é um cinema, Jack? — Lobo perguntou.

Ele era um problema terrível para Jack, e tinha plena consciência disso. Era um problema tão terrível que hesitava em esboçar qualquer protesto, e já procurava até mesmo não deixar transparecer qualquer ar de desagrado. Mas uma terrível intuição foi tomando forma em sua mente: *ir ao cinema e pegar uma carona* deviam ser a mesma coisa. Jack chamava as barulhentas carroças

e carruagens de “carros”, “camionetas”, “caminhões” e “jamantas” (alguns desses veículos, Lobo deduzia, deviam ser como as diligências que, nos Territórios, conduziam gente de um lugar para outro). Será que também haveria carruagens rangentes e fedorentas chamadas “cinemas”? Parecia bastante possível.

— Bem — disse Jack —, é mais fácil lhe mostrar um cinema do que falar sobre ele. Acho que vai gostar. Vamos lá.

Jack tropeçou na vala e caiu de joelhos, mas logo tornou a ficar de pé.

— Você está bem? — Lobo perguntou, angustiado.

Jack disse que sim e os dois se puseram em marcha. Logo chegaram ao estacionamento, que, como Lobo havia previsto, tinha o pior cheiro do mundo.

6

JACK SAWYER AVANÇARA boa parte dos 55 quilômetros entre Arcanum, em Ohio, e Muncie, em Indiana, nas costas largas de Lobo. Lobo estava apavorado com os carros, aterrado com os caminhões, nauseado pelo cheiro de quase tudo e ganhava de angústia quando os ruídos eram muito altos. Mas, em compensação, parecia quase infatigável. *Pelo que vi até agora*, Jack pensou, *pode-se até riscar o “quase”*. *Pelo que vi até agora*, Lobo é *infatigável*.

Jack tinha procurado se afastar o mais depressa possível do entroncamento de Arcanum, forçando as pernas encharcadas e doloridas num trote acelerado. Sua cabeça latejava como se os miolos estivessem cheios de farpas, ondas de frio e calor cobriam-lhe alternadamente o corpo. Lobo movia-se lepidamente do seu lado

esquerdo. Tinha o passo tão largo que com apenas uma caminhada moderadamente rápida conseguia se manter emparelhado com ele. Jack sabia que talvez estivesse paranoico com os carros de polícia, mas o homem do boné TRATORES E FERTILIZANTES deixara-o realmente assustado. E com raiva.

Ainda não tinham andado 400 metros quando uma abrasadora pontada de dor nos rins induziu Jack a perguntar se Lobo conseguiria transportá-lo nas costas por algum tempo.

— Hã? — Lobo perguntou.

— Você sabe... — disse Jack, e fez um gesto para mostrar como era.

Um grande sorriso se espalhou no rosto de Lobo. Ali estava uma coisa que ele entendia muito bem, ali estava uma coisa que podia muito bem *fazer*.

— Você quer ir *na garupa*! — ele gritou, fascinado.

— É, acho que é isso...

— Oh, claro! Lobo! Aqui e agora! Eu carregava deste jeito meus irmãos de cria! É só pular, Jack!

Lobo se abaixou e preparou as mãos para segurar as coxas de Jack.

— Quando achar que eu estou muito pesado, é só falar e...

Antes que pudesse terminar a frase, Lobo erguera o tronco e começara a correr com ele nas costas, levando-o em segurança pela escuridão da estrada. O vento frio e chuvoso tirava o cabelo de Jack da testa febril.

— Lobo, você vai cair morto de cansaço! — Jack gritou.

— Eu não! Lobo! Lobo! Correndo aqui e agora!

Pela primeira vez desde que chegara aos Estados Unidos, Lobo parecia realmente feliz. Correu duas horas sem parar, até se afastar bastante de Arcanum. Na maior parte do tempo, seguiu um pequeno acostamento de cascalho. Jack viu um celeiro deserto no meio de um prado cheio de mato e os dois passaram a noite lá.

Lobo queria ficar bem longe da área urbana, onde o tráfego fluía num ronco incessante e o mau cheiro subia até o céu em nuvens venenosas. Pelo menos nisso, estava inteiramente de acordo com Jack, que também preferia se manter afastado das cidades. Lobo chamava muita atenção. Mas tinha se forçado a uma parada, na fronteira de Indiana, perto de Harrisville. Enquanto Lobo esperava nervoso na margem da rodovia, ganindo baixo, cavando a terra, sentando, levantando, rodando em pequenos círculos, Jack comprou um jornal e examinou atentamente a previsão do tempo. A próxima lua cheia era a de 31 de outubro, Dia das Bruxas, o que, sem dúvida, parecia estar bastante de acordo. Jack virou a primeira página para ver em que dia estavam. Era 26 de outubro.

7

EMPURRANDO UMA DAS portas de vidro, Jack penetrou no saguão do Town Line Sixplex. Olhou atentamente para Lobo, mas Lobo parecia, ao menos naquele momento, estar bem. E de fato Lobo se sentia cautelosamente otimista... ao menos por enquanto. Não gostava de estar dentro de um prédio, mas pelo menos não era um carro. Ali havia um cheiro agradável, leve, gostoso. Seria de todo satisfatório se não viesse acompanhado de um aroma um tanto amargo e rançoso. Lobo olhou para a esquerda e viu uma caixa de vidro cheia de coisas brancas. Aquela era a fonte do cheiro agradável.

— Jack — ele murmurou.

— Hã?

— Eu queria um pouco daquela coisa branca, por favor. Mas não do mijo.

— Mijo? Do que está falando?

Lobo procurou uma palavra mais formal e encontrou.

— De urina — Lobo apontou para um compartimento com uma luz que acendia e apagava. Lá se lia: AROMA DE MANTEIGA. — Aquilo é uma espécie de urina, não é? Tem de ser, o modo como isso cheira.

Jack sorriu com ar fatigado.

— Quer pipoca sem aroma artificial de manteiga, certo — disse ele. — Agora fique de boca fechada, ok?

— Claro, Jack — Lobo respondeu humildemente. — Aqui e agora.

A bilheteira estava mascando um grande chiclete com cheiro artificial de uva. De repente, parou. Olhou para Jack, depois para o enorme, gigantesco Lobo. Dentro da boca meio aberta, a goma apareceu no meio da língua como um grande tumor arroxeadado. Ela revirou os olhos para o cara atrás do balcão.

— Duas, por favor — disse Jack.

Pegou seu maço de notas, encardidas de um dólar, de orelhas dobradas, quase rasgando, com uma nota órfã de cinco dólares escondida no meio.

— Que filme? — ela perguntou, os olhos movendo-se de um lado para o outro, de um lado para o outro, de Jack para Lobo, de Lobo para Jack. Era como se assistisse a uma acelerada partida de pingue-pongue.

— Qual é o que está começando agora? — Jack perguntou.

— Bem... — Ela consultou um papel preso com fita adesiva. — Na Sala Quatro há *O dragão voador*. É um filme de kung-fu com Chuck Norris. — Seus olhos foram de um lado para o outro, de um lado para o outro, de um para outro. — Na Sala Seis há uma sessão dupla. Dois desenhos animados de Ralph Bakshi. *Os feiticeiros* e *O senhor dos anéis*.

Jack se sentiu aliviado. Lobo não passava de uma criança grande, enorme, e as crianças adoram desenhos animados. Isso podia dar certo, afinal. Talvez Lobo encontrasse pelo menos uma

coisa divertida no País do Mau Cheiro, e Jack poderia dormir calmamente por três horas.

— Vamos ver esse — disse ele. — Os desenhos.

— São quatro dólares — disse a bilheteira. — Os preços promocionais da matinê acabam às duas.

Ela apertou um botão e, de uma máquina com um barulho de engasgo mecânico, saltaram duas entradas. Lobo recuou um passo e abafou um grito.

A moça o encarou de sobrancelhas erguidas.

— Está assustado, senhor?

— Não, sou Lobo.

Lobo sorriu, mostrando uma grande fileira de dentes. Jack seria capaz de jurar que mostrou mais dentes do que tinha há um ou dois dias. A moça olhou para todos aqueles dentes. E molhou os lábios.

— Ele está bem. Ele apenas... — Jack abanou os ombros. — Não costuma sair muito do rancho, a senhora sabe como é...

Jack lhe passou a nota de cinco dólares. Ela a pegou como se desejasse ter uma pinça para fazer aquilo.

— Vamos, Lobo.

Quando se aproximaram da vitrine de doces, Jack, guardando o troco no bolso encardido do jeans, ouviu a bilheteira murmurar para o balconista:

— *Olhe o nariz dele!*

Jack virou-se para o lado e viu o nariz de Lobo se dilatando ritmadamente.

— Pare com isso — Jack sussurrou.

— Parar com o quê, Jack?

— Pare de fazer essa coisa com o nariz.

— Oh. Eu vou tentar, Jack, mas...

— *Shhh.*

— Quer alguma coisa, rapaz? — perguntou o vendedor de doces.

— Sim, por favor. Um Junior Mints, um Reese's Pieces e uma pipoca grande sem manteiga.

O balconista pegou as balas, a pipoca e entregou-as aos dois. Lobo segurou o saco de pipocas com as duas mãos e começou imediatamente a comê-las com grandes movimentos dos maxilares.

O balconista contemplou-o em silêncio.

— Ele não costuma sair muito do rancho — Jack repetiu. Já começava a se perguntar se o que o homem e a bilheteira tinham visto não era suficiente para fazê-los chamar a polícia. Pensou, não pela primeira vez, que havia uma cruel ironia em tudo aquilo. Em Los Angeles ou Nova York, provavelmente ninguém teria olhado uma segunda vez para Lobo, muito menos uma terceira. Sem dúvida, o nível de tolerância de excentricidades era muito mais baixo no interior do país. Mas, é claro, Lobo já teria enlouquecido completamente se estivesse em Los Angeles ou Nova York.

— Tenho certeza que não — disse o balconista. — São dois e oitenta.

Jack pagou com uma careta na mente, percebendo que gastara um quarto de todo o dinheiro que possuía com o cinema daquela tarde.

Lobo sorria para o balconista com a boca cheia de pipocas. Jack reconheceu isso como o Sorriso Simpático nº1 de Lobo, mas achou que o balconista não estava interpretando a coisa da mesma maneira. Havia todos aqueles dentes naquele sorriso... talvez centenas deles.

E Lobo estava dilatando de novo o nariz.

Danem-se, que chamem a polícia se tiverem vontade, Jack pensou com um ar de cansaço mais adulto que infantil. Isso não pode me atrasar mais do que já me atrasei. Lobo não pode andar nos carros novos porque não suporta o cheiro dos catalisadores e não pode viajar nos carros velhos porque eles cheiram a cano de descarga, suor, gasolina e cerveja... Provavelmente não poderia viajar em qualquer automóvel porque morreria de claustrofobia.

Admita a verdade, Jack-O, mesmo que apenas para si mesmo! Você não pode continuar achando que hoje ou amanhã Lobo vai superar esses problemas, porque é muito provável que isto jamais aconteça. E sabe o que terá de fazer? Atravessar a pé o estado de Indiana. Ou melhor, Lobo vai atravessar a pé o estado de Indiana. Eu vou montado a cavalo nele. Mas primeiro vou entrar com Lobo neste maldito cineminha e dormir até que os dois desenhos tenham terminado ou até que a polícia tenha chegado. E esse é o final da história, senhor.

— Bem, divirtam-se com o filme — disse o balconista.

— Obrigado — Jack respondeu.

Recomeçou a andar e percebeu que Lobo não estava mais do seu lado. Lobo fitava alguma coisa. Era um olhar de espanto quase religioso, pois o cartaz da reprise de *Contatos imediatos do terceiro grau*, de Steven Spielberg, movia-se lentamente num *display* giratório.

— Vamos entrar, Lobo — disse ele.

8

LOBO SOUBE QUE a coisa não ia dar certo assim que cruzou a porta da sala de projeção.

A sala era pequena, escura, úmida. Os cheiros eram terríveis. Um poeta, cheirando o que Lobo farejava naquele momento, teria chamado aquilo de fedor dos sonhos mais amargos. Lobo não era poeta. Só sabia que predominava o cheiro de pipoca com urina e que começava a sentir uma certa ânsia de vômito.

Então as luzes começaram a diminuir ainda mais, transformando a sala numa caverna negra.

— Jack — ele gemeu, agarrando-se ao braço do amigo. — Temos que sair daqui, está bem?

— Você vai gostar, Lobo — Jack murmurou, consciente da angústia do amigo, mas não de sua intensidade. Afinal, a angústia passara a ser o estado normal de Lobo. No mundo americano, a palavra *angústia* era suficiente para defini-lo. — Experimente.

— Está bem — disse Lobo. Jack ouviu a concordância, mas não percebeu que Lobo estava se agarrando com ambas as mãos ao último fio de autocontrole. Eles se sentaram, com Lobo ao lado do corredor, joelhos encolhidos numa posição de total desconforto, o saco de pipocas (que ele não se interessava mais em comer) apertado contra o peito.

Na frente deles, um fósforo ficou brevemente amarelo. Jack sentiu o cheiro da tragada de maconha, tão familiar nos cinemas que podia ser ignorada no instante seguinte.

Lobo farejou um incêndio na floresta.

— Jack...!

— *Shhh*, o filme vai começar.

E eu já estou cochilando.

Jack não poderia fazer ideia do heroísmo de Lobo nos poucos minutos que se seguiram; nem o próprio Lobo teve plena consciência de sua bravura. Soube apenas que, pelo bem de Jack, devia tentar com todas as suas forças suportar o pesadelo. *Deve estar tudo bem*, pensava ele. *Olhe, Lobo, Jack vai até dormir, vai até dormir aqui, aqui e agora. E você sabe muito bem que Jack não o traria a um lugar perigoso. Portanto, aguente firme. Espere... Lobo! Vai ficar tudo bem!*

Mas Lobo era uma criatura cíclica, e o ciclo estava se aproximando do clímax mensal. Seus instintos iam se tornando estranhamente apurados, quase incontroláveis. A mente racional lhe dizia que ficaria bem ali, que Jack não o submeteria a uma situação de risco. Mas sentia-se como um homem com comichão no nariz no meio da missa tentando não espirrar porque era falta de educação.

Na caverna escura e fedorenta, continuou sentindo o cheiro de incêndio, crispando-se quando alguma sombra passava pelo corredor, esperando, com um medo paralisante, que algo se precipitasse sobre ele da escuridão do teto.

E então, uma janela mágica se abriu na frente da caverna, os nervos se retesaram, o medo lhe escorreu em gotas de suor, os olhos se arregalaram ao máximo. E quando viu carros batendo uns nos outros e capotando, edifícios se incendiando e pessoas de cassete perseguindo outras, seu rosto se transformou numa máscara de horror.

— São os trailers — Jack murmurou. — Falei que você ia gostar...

E havia também as Vozes. Entre muitas outras coisas, diziam: *não fume, não jogue lixo no chão, sessão promoção todos os dias úteis até as quatro da tarde.*

— Lobo, fomos enganados — Jack sussurrou. Começou a dizer mais alguma coisa, mas a frase se transformou num ronco.

Uma voz final proclamou: *E agora, nossa maior atração!*

Foi então que Lobo perdeu o controle. O *Senhor dos Anéis* era em som estereofônico e, nas matinês, o operador cinematográfico tinha ordem para colocá-lo no último volume, porque era quando os fãs dos filmes iam assistir, e os fãs gostavam do som bem alto.

Houve um áspero, dissonante ruído de trompas. A janela mágica se iluminou mais intensamente e Lobo pôde ver o fogo, as chamas alaranjadas, as chamas avermelhadas.

Uivou e, puxando consigo um Jack mais adormecido que acordado, ficou de pé no corredor.

— *Jack!* — gritou. — *Vamos sair! Temos que sair daqui! Lobo! Olhe o fogo! Lobo! Lobo!*

— Ei, sai da frente! — alguém berrou.

— Cala a boca, imbecil! — gritou mais alguém.

A porta traseira da Sala Seis se abriu de repente.

— O que está acontecendo aqui?

minutos.

Cascata, Jack pensou, sentindo um raio de esperança. Não teve tempo de chamar a polícia. E se sairmos depressa, talvez... quem sabe... talvez resolva nem chamá-la.

— Já estamos indo — disse ele. — Me desculpe pelo que aconteceu. O problema é que... meu irmão mais velho é epilético e acabou de ter um ataque. Nós... nós *nos esquecemos de* trazer o remédio.

À palavra *epilético*, a bilheteira e o vendedor de doces recuaram dois passos. Foi como se Jack tivesse dito *leproso*.

— Vamos embora, Lobo.

Jack viu os olhos do gerente baixarem e os lábios se contraírem de repugnância. Seguiu o olhar e observou a grande mancha escura na frente do macacão de Lobo... Ele tinha molhado a calça.

Lobo também se deu conta. Embora tudo no mundo de Jack lhe fosse desconhecido, não deixou de sentir o que aqueles olhares de desprezo queriam dizer. Explodiu em soluços altos, ululantes, pungentes.

— *Jack, me desculpe, Lobo está tão* TRISTE!

— Tire-o daqui — disse o gerente com ar de nojo, começando a se afastar.

Jack pôs o braço em volta de Lobo e levou-o até a porta de saída.

— Vamos embora, Lobo.

Falara num tom suave, com uma ternura sincera. Nunca sentira tanto carinho por Lobo quanto naquele momento.

— Vamos embora. A culpa foi minha, não sua. Vamos.

— Desculpe. — Lobo chorava copiosamente. — Eu não presto pra nada, que Deus me castigue, não presto pra nada.

— Você presta sim — disse Jack. — Vamos.

Ele empurrou a porta de vidro e os dois saíram para o suave calor de final de outono.

A mulher com o filho estava a uns 20 metros de distância, mas quando viu Jack e Lobo, encolheu-se contra o carro dela, agarrando a criança em frente ao corpo como um gângster seguraria um refém.

— Não o deixe chegar perto de mim! — ela gritou. — Não deixe este monstro chegar perto do meu filho! Está ouvindo? *Não cheguem perto de mim!*

Jack teve vontade de dizer alguma coisa para tranquilizá-la, mas não pôde pensar em nada. Estava cansado demais.

Ele e Lobo continuaram andando, atravessando obliquamente a área do estacionamento. A meio caminho da estrada, Jack cambaleou; por um instante, o mundo ficou embaçado. Então teve a impressão de que Lobo o suspendia nos braços para carregá-lo como um bebê. E percebeu vagamente que Lobo ainda estava chorando.

— Jack, sinto muito! Por favor, não odeie o Lobo! Lobo pode ser um bom companheiro! Você vai ver...

— Não estou com raiva de você — disse Jack. — Sei que você é... é um bom...

Mas, antes de terminar a frase, caiu adormecido.

Quando despertou, era noite, e Muncie tinha ficado para trás. Lobo se afastara das rodovias e seguia por estradas de barro e terra. Longe das placas de sinalização, Lobo se sentia à vontade, seguia com passo firme entre a teia de caminhos e, com o instinto infalível de uma ave migratória, mantinha-se na direção do oeste.

Naquela noite, dormiram numa casa abandonada ao norte de Cammack. Pela manhã, Jack achou que sua febre tinha cedido um pouco.

E pouco antes do meio-dia — do meio-dia de 28 de outubro — percebeu que os pelos tinham voltado às palmas das mãos de Lobo.

Capítulo Dezenove

Transformação

1

NO FINAL DA tarde, os dois acamparam nas ruínas de uma casa incendiada, com uma vasta campina de um dos lados e um bosque do outro. Havia um rancho na extremidade da campina, mas Jack achou que estariam seguros se ficassem quietos e procurassem não se afastar da casa.

Contudo, logo depois que o sol se pôs, Lobo saiu andando na direção do bosque. Caminhava devagar, a cabeça perto do chão. Antes de perdê-lo de vista, Jack achou que ele estava parecendo um homem míope à procura dos óculos. Ficou bastante nervoso (visões de Lobo caindo numa armadilha de caçador começaram a assaltá-lo; Lobo ganindo, adquirindo um olhar feroz, roendo a própria perna para livrá-la da garra de ferro). Mas, pouco depois, Lobo estava de volta, agora caminhando quase normalmente e carregando plantas em ambas as mãos, as raízes caindo-lhe pelos punhos.

— O que você tem aí, Lobo? — Jack perguntou.

— Remédios — Lobo respondeu de mau humor. — Mas não são muito bons, Jack. *Lobo! Nada* é muito bom no seu mundo!

— Remédios? O que você está querendo dizer?

Mas Lobo não falou mais nada. Tirou dois fósforos do bolso da frente do macacão e começou a fazer uma minúscula fogueira sem fumaça. Depois perguntou se Jack podia encontrar uma lata. Jack encontrou uma lata de cerveja numa vala. Lobo cheirou-a e torceu o nariz.

— Mais mau cheiro. Eu preciso de água, Jack. Água limpa. Se estiver muito cansado, eu vou procurar.

— Lobo, quero saber o que está planejando.

— Eu vou buscar — disse Lobo. — Há um rancho bem do outro lado do campo. *Lobo!* Lá deve haver água. Você fica descansando.

Jack imaginou a mulher do dono do rancho olhando pela janela da cozinha enquanto lavava a louça do jantar e vendo Lobo rondando em volta da casa com uma lata de cerveja numa pata peluda e um monte de ervas e raízes na outra.

— *Eu* vou — disse Jack.

O rancho ficava a menos de 200 metros de onde estavam acampados; o amarelado das luzes era bem visível no fim da campina. Jack foi até lá e, sem ser visto por ninguém, encheu a lata

de cerveja na torneira de um galpão. Na volta, quando estava no meio da campina, percebeu que podia ver sua sombra e olhou para o céu.

A lua, agora quase cheia, viajava pelo horizonte oriental.

Preocupado, voltou para perto de Lobo e passou-lhe a lata cheia d'água. Lobo cheirou, torceu de novo o nariz, mas não disse nada. Pôs a lata sobre o fogo e começou a selecionar cuidadosamente pedaços das coisas que tinha colhido no bosque. Depois enfiou-os pelo buraco da lata. Daí a mais ou menos cinco minutos, um cheiro terrível, bem fedorento, começou a se evaporar da lata. Jack torceu o nariz. Não teve absolutamente qualquer dúvida de que Lobo ia querer que ele bebesse aquela coisa, e também não teve dúvida de que a coisa ia matá-lo. Provavelmente, de uma forma lenta, terrível.

Fechou os olhos e começou a fingir que roncava, bem alto e de forma dramática. Se Lobo achasse que ele estava dormindo, por certo não o incomodaria. Ninguém acorda gente doente, não é? E Jack *estava* doente; sua febre voltara com o cair da noite, formigando-lhe pelo corpo, cobrindo-o de calafrios, fazendo-o suar por todos os poros.

Olhando por entre as pálpebras, viu Lobo colocar a lata ao lado da fogueira para esfriar. Lobo se sentou no chão e olhou para o céu, as mãos peludas fechando-se em volta dos joelhos, uma certa beleza no rosto sonhador.

Ele está olhando para a lua, Jack pensou, e sentiu um princípio de medo.

Oh, nem chegamos perto do rebanho quando mudamos de forma. Por Jason, nada disso! Íamos querer comê-lo!

Lobo, me diga uma coisa... será que o rebanho agora sou eu?

Jack estremeceu.

Cinco minutos depois (Jack já quase adormecera de verdade), Lobo se inclinou sobre a lata, cheirou-a, balançou a cabeça, agarrou-a com a mão peluda e se aproximou da estaca caída,

carbonizada, que Jack forrara com uma camisa para apoiar a cabeça. Jack fechou com força os olhos e voltou a roncar.

— Vamos lá, Jack! — disse Lobo num tom jovial. — Sei muito bem que está acordado. Não pode enganar Lobo.

Jack abriu os olhos e encarou Lobo com um certo ressentimento.

— Como soube?

— As pessoas têm um cheiro quando estão dormindo e um cheiro diferente quando estão acordadas — disse Lobo. — Puxa, será que os estrangeiros não sabem disso?

— Acho que não — disse Jack.

— Bem, de qualquer modo, você vai ter de tomar isto aqui. É um remédio. Vamos lá, rapaz, beba! Aqui e agora.

— Não quero beber — disse Jack.

O cheiro que vinha da lata era pantanoso, rançoso.

— Jack — disse Lobo —, você também está com cheiro de doença.

Jack continuou olhando para ele, mas não disse nada.

— É verdade — Lobo insistiu. — E está cada vez pior. Não está muito ruim, ainda não, mas... *Lobo!* Vai *ficar* grave se não tomar um remédio.

— Lobo, tenho certeza de que você é muito bom para farejar raízes e ervas medicinais nos Territórios, mas isto é o País do Mau Cheiro, esqueceu? Pode muito bem ter cheirado as coisas erradas, ter apanhado raízes venenosas, ervas...

— Só peguei coisas boas — Lobo interrompeu. — Não tão poderosas quanto as dos Territórios, mas boas. — Assumiu um ar de reflexão. — Nem tudo cheira mal aqui, Jack. Também há cheiros bons. Mas os cheiros bons são como as plantas medicinais. Fracos. Acho que já devem ter sido mais fortes, antigamente.

Lobo contemplava de novo sonhadoramente a lua. E Jack sentiu o mesmo mal-estar de minutos atrás.

— Aposto que isto já foi um bom lugar — disse Lobo. — Limpo e cheio de força.

— Lobo? — Jack perguntou em voz baixa. — O cabelo voltou à palma de suas mãos.

Lobo se sobressaltou e encarou Jack. Por um instante (pode ter sido sua imaginação febril, e mesmo que não tenha sido, não passou de um instante), Lobo fitou-o com um ávido olhar de fome. Depois pareceu se sacudir por dentro, como se quisesse afastar um pesadelo.

— Sim — disse ele. — Mas não quero falar sobre isso e também não quero que você toque no assunto. Não importa, pelo menos ainda não. *Lobo!* Apenas beba o remédio, Jack. Isso é tudo o que você precisa fazer.

Obviamente, Lobo não ia aceitar um não como resposta; se Jack não quisesse tomar o remédio, Lobo poderia se ver obrigado a lhe abrir a boca à força e derramar-lhe a poção pela goela.

— Não esqueça, se essa coisa me matar, você ficará sozinho — disse Jack de cara feia, pegando a lata. Ela ainda estava quente.

Uma expressão de terrível angústia se espalhou pelo rosto de Lobo. Ele empurrou os óculos arredondados da ponta do nariz.

— Não tenho qualquer intenção de feri-lo, Jack. Lobo jamais iria querer feri-lo de alguma forma.

O ar de aflição era tão nítido e intenso que, se não fosse absolutamente sincero, pareceria ridículo.

Jack desistiu de lutar e bebeu o que havia na lata. Não podia ir contra aquela expressão de consternação. O gosto era pior do que imaginara... *E, por um instante, o mundo não pareceu oscilar? Como se ele estivesse prestes a voltar aos Territórios?*

— *Lobo!* — gritou. — *Lobo, segure minha mão!*

Lobo obedeceu, preocupado e animado.

— Jack? Jacky? O que está havendo?

O gosto do remédio começou a passar. Simultaneamente, uma quentura (o mesmo tipo de quentura que sentia nas raras ocasiões

em que a mãe o deixara tomar um pequeno gole de conhaque) começou a se espalhar em sua barriga. E o mundo de novo se firmou. Aquele breve oscilar podia ter sido fruto de sua imaginação... mas Jack achava que não.

Eu quase atravessei. Por um instante, os Territórios pareceram muito próximos. Talvez eu possa voltar sem o suco mágico... Talvez possa!

— Jack? O que está havendo?

— Já estou me sentindo melhor — disse ele, e conseguiu sorrir. — Já estou melhor, só isso.

E percebeu que era verdade.

— Seu cheiro também já melhorou — disse Lobo num tom alegre. — *Lobo! Lobo!*

2

JACK continuou a melhorar no dia seguinte, mas ainda estava fraco. Lobo o carregou no cangote e não avançaram muito para o oeste. No fim da tarde, começaram a procurar um lugar para passar a noite. Jack avistou um depósito de lenha ao lado de um pequeno barranco. Estava cercado de lixo e pneus carecas. Lobo concordou com um monossílabo. Passara o dia inteiro rabugento e calado.

Jack dormiu quase de imediato e acordou por volta das 11, querendo urinar. Olhou para o lado e viu que Lobo não estava lá. Deduziu que, provavelmente, ele fora procurar mais ervas para administrar uma espécie de dose de reforço. Jack torceu o nariz, mas se Lobo quisesse que ele bebesse mais um pouco da coisa, não ia opor resistência. Sem dúvida, a maldita poção o deixara muito melhor.

Foi para o lado do depósito. Era um garoto magro vestindo cueca, tênis desamarrados e a camisa aberta no peito. Durante um tempo que lhe pareceu muito longo, mijou contemplando o céu. Era uma daquelas noites que às vezes acontecem no Meio-Oeste em outubro e princípios de novembro, pouco antes da chegada do manto glacial do inverno. Fazia um calor quase tropical, e a brisa suave era como uma carícia.

Lá no alto a lua flutuava — branca, redonda, fascinante, envolvendo tudo em um brilho estranho, ilusório, que parecia, ao mesmo tempo, clarear e obscurecer. Jack não conseguia tirar os olhos dela. Sentiu que estava quase hipnotizado, mas não ligou.

Oh, nem chegamos perto do rebanho quando mudamos de forma. Por Jason, nada disso!

Será que o rebanho agora sou eu, Lobo?

Havia um rosto na lua. Jack constatou, sem grande espanto, que era o rosto de Lobo... Só que não era largo, franco, um tanto assustado, estampando uma expressão de bondade e simplicidade. Era uma fisionomia crispada, ah, sim, e sombria; sombria por causa dos pelos, mas não apenas dos pelos. Era sombria devido às intenções que revelava.

Nem chegamos perto deles. Íamos querer comê-los, íamos querer comê-los, Jack, quando mudamos de forma, nós íamos...

A face na lua, um claro-escuro gravado em osso, era a face de um animal rosnando, a cabeça empinada no instante final que precede o ataque, a boca aberta, cheia de dentes.

Íamos querer comer, íamos querer matar o rebanho, matar, matar, MATAR, MATAR

Um dedo tocou o ombro de Jack e desceu lentamente até sua cintura.

Jack continuava com o membro na mão, contemplando a lua, o prepúcio ligeiramente apertado entre o polegar e o indicador. E, de repente, um forte jato de urina esguichou.

— Assustei você — disse Lobo atrás dele. — Sinto muito, Jack. Não tive essa intenção.

Mas por um momento Jack achou que Lobo não sentia muito.

Por um momento, Lobo pareceu estar sorrindo de deboche.

E Jack teve a súbita certeza de que ia ser devorado.

Casa de tijolo?, ele pensou incoerentemente. *Não vejo sequer uma casa de palha que possa me servir de esconderijo.*

Agora o medo chegava, um terror seco nas veias, mais quente que qualquer febre.

Quem tem medo do Lobo mau, do Lobo mau, do Lobo...

— Jack?

Eu, eu tenho! Oh, meu Deus, eu tenho muito medo do Lobo mau...

Ele se virou devagar.

O rosto de Lobo, que já estava ligeiramente peludo quando os dois chegaram ao depósito de lenha, mostrava-se agora barbado quase até a testa, as bochechas cobertas de um pelo áspero, duro. E os olhos... os olhos tinham um brilho avermelhado.

— Lobo, você está bem? — Jack perguntou num murmúrio rouco, meio sufocado. Foi o tom mais alto que pôde emitir.

— Sim — disse Lobo. — Estive correndo atrás da lua. Ela parecia muito bonita e eu corria... corria... corria. Mas está tudo bem, Jack.

Lobo sorriu para mostrar o quanto estava bem e revelou um punhado de enormes dentes afiados. Jack recuou com um calafrio de horror. Era como olhar para a boca daquele Alien do cinema.

Lobo observou aquela reação e suas feições duras, rudes, cobriram-se de um ar de consternação. Mas sob a consternação — e, sem dúvida, não muito fundo — havia mais alguma coisa. Alguma coisa que cintilava nos dentes e arreganhava o sorriso. Alguma coisa que seria capaz de caçar uma presa até vê-la gemer, o sangue escorrendo pelo nariz, até que ela gemesse e implorasse.

Alguma coisa que seria capaz até mesmo de rir enquanto a pobre vítima era dilacerada.

E a coisa não deixaria de rir, mesmo se a vítima fosse *Jack*.

Principalmente se a vítima fosse Jack.

— Eu sinto muito, Jack — disse Lobo. — A época... está chegando. Teremos de tomar algumas providências. Amanhã... teremos de... teremos de...

Ele olhou para o céu e aquele ar de hipnotizado voltou a lhe cobrir o rosto.

Levantou a cabeça e uivou.

E Jack imaginou que ouvia (muito debilmente) o Lobo na lua devolver o uivo.

O horror tomava conta dele, silenciosamente. Naquela noite, não conseguiu mais dormir.

3

NO DIA SEGUINTE, Lobo estava melhor. Um pouco melhor, pois ainda se mostrava extremamente tenso. Quando começou a explicar o que Jack devia fazer, da melhor maneira que podia, um avião a jato rasgou o céu. Lobo ficou bruscamente de pé e saiu correndo, uivando para o avião, sacudindo os punhos. Os pés cabeludos estavam de novo descalços. Tinham se dilatado e rompido os sapatos de lona.

Lobo tentou dizer a Jack o que fazer, mas não sabia de muita coisa além de velhas lendas e boatos. Sabia como era a transformação em seu próprio mundo, mas achava que podia ser muito pior, mais poderosa e perigosa, na terra dos estrangeiros. Pressentia isso. Pressentia a força apoderando-se dele.

Naquela noite, quando a lua surgiu, Lobo percebeu que a força o dominaria. Mas não parou de repetir que não queria causar mal a Jack, que preferia morrer a causar algum mal a Jack.

4

DALEVILLE ERA A cidadezinha mais próxima. Jack chegou lá pouco depois do relógio do tribunal bater meio-dia e foi direto para uma loja de ferragens. Tinha uma das mãos enfiada no bolso da calça, apalpando o fino maço de notas.

— Quer alguma coisa, filho?

— Sim, senhor — disse Jack. — Preciso de um cadeado.

— Bem, venha até aqui e dê uma olhada comigo. Temos Yales, Mosslers, Lok-Tites e várias outras marcas. Que tipo de cadeado você quer?

— Um bem grande — disse Jack, fitando o vendedor com olhos sombrios e um tanto inquietos. Apesar de abatido, o rosto ainda impressionava por sua estranha beleza.

— Um bem grande — refletiu o vendedor. — Posso perguntar por que está precisando de um cadeado desses?

— Meu cachorro — Jack respondeu prontamente. Uma historinha. Queriam sempre uma historinha. Inventara aquela vindo do depósito de lenha, onde ele e Lobo tinham passado as últimas duas noites. — Tenho de deixá-lo bem trancado. Ele morde.

5

O CADEADO QUE Jack escolheu custou 10 dólares, deixando-o apenas com mais 10 dólares no bolso. Doeu-lhe gastar uma quantia tão grande e ele quase se decidiu por um artigo mais barato... Então se lembrou da aparência de Lobo na noite anterior, uivando para a lua, um fogo alaranjado saltando dos olhos.

Pagou os 10 dólares.

Levantava o polegar para todos os carros que passavam enquanto corria pela estrada de volta ao depósito de lenha, mas, naturalmente, nenhum deles parou. Talvez parecesse apavorado demais, quase fora de si. E, sem dúvida, Jack se *sentia* apavorado e fora de si. O jornal em que o vendedor da loja de ferragens o deixara dar uma olhada indicava que o pôr-do-sol seria às seis horas em ponto. Não havia referências à lua, mas Jack achava que ela ia surgir no máximo às sete. Já era uma hora da tarde e ele ainda não sabia onde Lobo poderia ser trancado.

Você tem de me trancar a cadeado, Jack, dissera Lobo. *Tem de me trancar muito bem. Porque se eu sair, vou machucar qualquer coisa que atravesse meu caminho. Mesmo você, Jack. Mesmo você. Então me deixe bem trancado, não importa o que eu faça ou o que diga. Durante três dias, Jack, até que a lua comece a minguar. Três dias... até quatro, se ainda tiver alguma dúvida.*

Sim, mas trancá-lo onde? Teria de ser em algum lugar bem afastado, para que as pessoas não ficassem sabendo da existência de Lobo se — *quando*, ele se corrigiu com relutância — Lobo começasse a uivar. E tinha de ser um lugar bem mais forte do que o depósito de lenha onde estavam dormindo. Se pusesse aquele novo e resistente cadeado de 10 dólares na porta do depósito, Lobo simplesmente daria um murro nas tábuas e sairia com a maior facilidade.

Onde?

Não sabia, e só dispunha de seis horas para achar um lugar adequado... talvez menos.

Jack começou a correr ainda mais depressa.

TINHAM PASSADO POR várias casas vazias para chegar assim tão longe, tinham até pernoitado numa, e Jack voltou de Daleville procurando indícios de casas desocupadas: janelas sem cortinas e tabuletas de À VENDA, mato crescido até o segundo degrau da varanda e a aparência de inatividade comum às casas abandonadas. Não achava, é claro, que pudesse trancar Lobo no quarto de dormir de algum agricultor durante os três dias de sua transformação, Lobo derrubaria num segundo a porta. Mas uma casa que viram no caminho tinha um porão; e um porão assim devia servir.

Havia uma sólida porta de carvalho fixada num outeiro cheio de vegetação, como uma porta de um conto de fadas. Atrás da porta, havia um aposento sem paredes nem teto: uma galeria subterrânea, uma caverna de onde nenhuma criatura conseguiria sair em menos de um mês. Esse porão seguraria Lobo, e o chão e as paredes de terra o impediriam de se ferir.

Mas a casa abandonada com o porão ficara a pelo menos 50 ou 60 quilômetros para trás. Nunca conseguiriam alcançá-la antes de a lua aparecer. E será que, tão perto da época da transformação, Lobo ainda se disporia a correr 60 quilômetros? E com a única finalidade de se deixar trancar num confinamento solitário e sem alimento?

E se já tivessem esperado demais? E se Lobo já tivesse chegado perto demais e se se recusasse a ser aprisionado? E se aquele traço sinistro e perverso de seu caráter já estivesse à flor da pele, começando a analisar o estranho e novo ambiente, farejando comida? O enorme cadeado que quase rasgava a costura do bolso de Jack seria inútil.

Jack podia dar meia-volta, é claro. Podia voltar para Daleville e continuar seguindo em frente. Num dia ou dois estaria perto de Lapel ou Cicero, e talvez pudesse trabalhar uma tarde num

armazém ou passar algumas horas numa fazenda. Podia ganhar alguns dólares e filar alguns almoços. Depois era só seguir para a fronteira de Illinois e aí seria fácil! Jack tinha certeza de que no máximo 48 horas depois de ter cruzado a divisa de Illinois conseguiria chegar a Springfield e ao Colégio Thayer.

A 500 metros do depósito de lenha, Jack hesitava. Mas como poderia explicar a presença de Lobo a Richard Sloat? Seu velho companheiro Richard, com óculos redondos, gravata-borboleta, sapatos de couro... Richard Sloat era completamente racional e, embora muito inteligente, um tanto cabeça-dura. O que ele não via com os próprios olhos, para ele simplesmente não existia. Quando criança, nunca se interessou por contos de fadas, nunca vibrou com os filmes de Disney sobre fadas-madrinhas que transformavam abóboras em carruagens e rainhas malvadas que tinham espelhos falantes. Eram conceitos absurdos demais para satisfazer a imaginação do Richard Sloat de 6, 8 ou 10 anos de idade. Em compensação, sentia-se irresistivelmente atraído por uma foto de um microscópio. O entusiasmo de Richard admitia coisas como o Cubo Mágico, que sabia solucionar em menos de noventa segundos, mas Jack apostava que ele não seria capaz de aceitar um lobisomem de 16 anos e dois metros de altura.

Por um momento Jack Sawyer quase parou na estrada; por um momento achou que conseguiria abandonar Lobo à sua própria sorte e que poderia prosseguir sozinho na jornada para Richard Sloat e depois para o talismã.

E se eu for o rebanho?, ele se perguntava.

E o que lhe veio à cabeça foi a imagem de Lobo correndo por uma colina atrás de seus pobres animais, atirando-se no riacho para salvá-los.

O DEPÓSITO DE LENHA estava vazio. Assim que viu a porta aberta, Jack soube que Lobo tinha saído. Desceu o barranco, abrindo caminho entre o lixo, incrédulo. Lobo não conseguia seguir mais do que 350 metros sozinho, mas ainda assim, era o que tinha feito.

— Voltei — Jack gritou. — Ei, Lobo? Trouxe o cadeado!

Sabia que estava falando sozinho, e uma olhada no depósito confirmou isso. Lá estava a mochila em cima de um banquinho de madeira, ao lado de uma grande pilha de revistas de 1973. Num dos cantos do depósito sem janelas, estranhos galhos de árvore tinham sido descuidadamente amontoados, como se alguém tivesse pretendido fazer um estoque de lenha para fogueira. Fora isso, o depósito estava vazio. Jack contornou a porta escancarada e inspecionou sem esperanças as encostas do barranco.

No meio da relva havia alguns velhos pneus, um pacote de panfletos políticos corroídos e desbotados, uma placa de automóvel azul e branca de Connecticut, bastante amassada, garrafas de cerveja com rótulos tão apagados que estava, brancos... mas nada de Lobo. Jack fez concha com ambas as mãos e gritou:

— Ei, Lobo! Voltei!

Como era de se esperar, não houve resposta, Lobo se fora.

— Merda! — Jack exclamou e pôs as mãos na cintura. Emoções conflitantes, exasperação, alívio e ansiedade, percorreram-lhe o corpo. Lobo fora embora para salvar-lhe a vida, só podia ser esse o significado de sua fuga. Assim que Jack partira para Daleville, o companheiro fugira. Por certo, saía correndo com aquelas pernas infatigáveis e já estaria agora a quilômetros de distância, esperando o nascimento da lua. Lobo podia ter ido agora para qualquer lugar.

Essa compreensão contribuía para aumentar a ansiedade de Jack. Lobo podia ter se enfiado nos bosques que havia nos limites

de uma longa campina nos fundos da casa. Nos bosques, poderia faltar-se de coelhos, camundongos, toupeiras, texugos, todo o elenco de *O vento no laranjal*. Isso seria ótimo. O problema é que Lobo poderia farejar a criação de alguém e se colocar numa situação de real perigo. Poderia também, Jack se deu conta, farejar o agricultor e a família dele. Ou, ainda pior, poderia se aproximar de uma das cidades ao norte. Jack não tinha certeza, mas achava que um lobisomem conseguiria massacrar pelo menos meia dúzia de pessoas antes de ser morto.

— Droga, droga, droga — disse Jack, e começou a subir o barranco. Não tinha grandes esperanças de avistar Lobo; provavelmente jamais veria Lobo outra vez. Daí a alguns dias, encontraria no jornal de alguma cidadezinha uma terrível descrição da carnificina causada por um enorme lobo que aparecera na avenida Central em busca de comida. E haveria novos nomes. Nomes como Thielke, Heidel, Hagen...

A princípio olhou para a estrada esperando ver o vulto gigantesco de Lobo se distanciando para o leste — ele não ia querer encontrar-se com Jack voltando de Daleville. A longa estrada parecia tão deserta quanto o depósito de lenha.

É claro.

O sol, um relógio tão bom quanto o que ele usava no pulso, já estava muito abaixo do meridiano.

Jack virou-se ansiosamente para a campina e os bosques ao longe. Além do mato, que uma brisa fria fazia ondular, nada mais se mexia. Continua a caça ao lobo assassino, diria, alguns dias mais tarde, uma manchete de jornal.

Então uma grande forma marrom oscilou no meio da campina e Jack percebeu que a forma era Lobo. Estava agachado, fitando Jack.

— Oh, seu grande filho da puta — disse Jack e, por entre seu sentimento de alívio, não deixou de perceber que uma parte dele ficara bastante satisfeita com a partida de Lobo.

Deu um passo à frente.

Lobo não se mexeu, mas sua postura ficou mais tensa, mais alerta. O passo seguinte de Jack exigiu mais coragem que o primeiro.

Vinte metros à frente, ele viu que a transformação continuava a se processar no corpo de Lobo. O cabelo se tornara ainda mais grosso e abundante, como se tivesse sido lavado e seco no secador; e agora a barba realmente parecia começar bem embaixo dos olhos. E, mesmo agachado, o corpo parecia maior e mais forte. Os olhos, cintilando com uma liquidez de chama, brilhavam num tom laranja de Dia das Bruxas.

Jack se obrigou a chegar mais perto. Ficou quase paralisado ao achar que as mãos de Lobo tinham se transformado em patas, mas logo depois percebeu que as mãos e os dedos estavam apenas cobertos por uma camada de pelos negros.

Lobo continuava a fitá-lo com olhos chamejantes. Jack se aproximou um pouco mais e parou de novo. Pela primeira vez, desde que se defrontara com Lobo guiando o rebanho junto a um riacho dos Territórios, não pôde entender a expressão daquele rosto. Talvez Lobo já se tivesse tornado excessivamente mudado para isso, ou talvez o rosto estivesse excessivamente oculto atrás de todo aquele pelo. Mas tinha certeza de que alguma forte emoção se apoderara de Lobo.

A três metros, Jack parou de vez e obrigou-se a olhar diretamente nos olhos do lobisomem.

— Será em breve, Jacky — disse Lobo, e a boca se abriu numa assustadora paródia de sorriso.

— Achei que tivesse fugido.

— Fiquei sentado aqui à sua espera. Lobo!

Jack não sabia que dedução tirar. Mas a imagem do Chapeuzinho Vermelho lhe veio à cabeça. Os dentes de Lobo pareciam mais numerosos, afiados e fortes.

— Trouxe o cadeado.

Jack tirou o cadeado do bolso e o mostrou a Lobo.

— Conseguiu pensar em alguma coisa enquanto fui à cidade, Lobo?

Toda a fisionomia de Lobo — olhos, dentes, tudo — cintilou para Jack.

— Agora você é o rebanho, Jacky — disse Lobo. E, levantando a cabeça, soltou um longo e forte uivo.

8

UM JACK SAWYER menos assustado poderia ter dito: “Pode calar essa boca” ou “Todos os cachorros do condado virão para cá se continuar com isso”, mas tudo isso lhe morreu na garganta. Estava assustado demais para dizer qualquer coisa.

Lobo deu seu Sorriso Simpático nº1, a boca parecendo um comercial de TV das facas Ginsu, e agilmente se pôs de pé. Os óculos de John Lennon desapareciam no meio da barba e do cabelo grosso que lhe caía sobre as têmporas. Ele realmente parecia ter crescido, ultrapassando os dois metros; e estava troncado como os barris de cerveja na despensa da Oatley Tap.

— Também existem cheiros bons neste seu mundo, Jacky — Lobo disse.

E Jacky finalmente foi capaz de identificar o estado de espírito do amigo. Lobo estava exultante. Lembrava alguém que, contra todas as expectativas, tivesse conquistado a medalha de ouro numa prova muito difícil. E, no fundo daquela triunfante emoção, insinuava-se o traço de caráter selvagem que Jack já vira antes naquele rosto.

— Cheiros bons! Lobo! Lobo!

Com medo de estar a favor do vento que trazia os cheiros para Lobo, Jack deu um leve passo atrás.

— Você nunca tinha dito nada de bom sobre este mundo antes — disse ele, um tanto incoerente.

— Antes é antes e agora é agora — disse Lobo. — Há coisas boas. Muitas coisas boas, por todo lado. Lobo vai encontrá-las, pode apostar.

Isso piorou tudo, pois agora Jack podia ver (na realidade podia quase sentir) uma estranha determinação, uma ânsia, uma fome inteiramente amoral brilhando nos olhos avermelhados. Vou devorar tudo o que conseguir pegar e matar. Pegar e matar.

— Espero que nenhuma dessas coisas boas sejam pessoas, Lobo — disse Jack em voz baixa.

Lobo empinou o queixo e proferiu uma série de ruídos borbulhantes, algo entre riso e uivo.

— Lobos precisam comer — disse ele, e o tom estava pleno de júbilo. — Oh, Jacky, como Lobos precisam comer. COMER! Lobo!

— Vou ter de colocá-lo naquele depósito — disse Jack. — Está lembrado, Lobo? Já trouxe o cadeado. Vamos ter que torcer para que ele consiga segurá-lo. Vamos para lá agora, Lobo. Você está me deixando apavorado.

Dessa vez o riso borbulhante subiu como um balão pelo peito de Lobo.

— Apavorado! Lobo sabe! Lobo sabe, Jacky! Você tem o cheiro do medo.

— E não é de admirar — disse Jack. — Vamos para aquele depósito agora, está bem?

— Oh, não vou entrar no depósito — disse Lobo, e uma língua comprida e pontuda caiu das mandíbulas. — Não, eu não, Jacky. Não Lobo. Lobo não pode entrar no depósito.

As mandíbulas se abriram e a multidão de dentes brilhou.

— Lobo está lembrando, Jacky. Lobo! Aqui e agora! Lobo se lembrou!

Jack recuou mais um passo.

— Mais cheiro de medo. Até nos seus sapatos. sapatos, Jacky! Lobo!

Sapatos com cheiro de medo eram obviamente muito engraçados.

— Você tem de entrar no depósito, é isso que você devia lembrar.

— Errado! Lobo! *Você* quem tem de entrar no depósito, Jacky! Jacky fica no depósito! Me lembrei! Lobo!

Os olhos do lobisomem passaram do brilho vermelho-alaranjado a uma ligeira sombra roxa.

— Está no *Livro da boa lavoura*, Jacky. A história do “Lobo que não ataca seu rebanho”. Lembra, Jacky? O rebanho vai para o celeiro. Está lembrado? O cadeado fica na porta. Quando o lobino pressente a vinda da transformação, o rebanho vai para o celeiro e o cadeado fica na porta. Aí ele não ataca o rebanho dele.

As mandíbulas estalaram e se abriram de novo. A língua escura e comprida enroscou-se numa imagem perfeita de deleite.

— Não! Não! Não atacar o rebanho dele. Lobo! Aqui e agora!

— Quer que eu fique três dias trancado no depósito? — Jack perguntou.

— Tenho de comer, Jacky — Lobo respondeu laconicamente, e o garoto viu alguma coisa escura, veloz, sinistra, resvalar dos olhos de Lobo. — Quando a lua me levar com ela, eu vou ter de comer. Há bons cheiros aqui. Muita comida para Lobo. Quando a lua me abandonar, Jacky poderá sair do depósito.

— O que vai acontecer se eu não quiser passar três dias trancado?

— Lobo matará Jacky. E ficará amaldiçoado.

— Tudo está escrito no *Livro da boa lavoura*, não é?

Lobo balançou a cabeça.

— Eu me lembrei a tempo, Jacky. Quando estava à sua espera.

Jack ainda tentava absorver a ideia de Lobo. Teria de ficar três dias sem comida. Lobo ficaria livre para perambular por onde bem quisesse. Ele ficaria na prisão, e Lobo teria o mundo inteiro ao seu dispor. No entanto, talvez lhe fosse impossível sobreviver de outra forma à transformação de Lobo. Se tinha de escolher entre a morte e o jejum de três dias, ficava com o jejum.

Então ocorreu a Jack que essa inversão talvez não fosse realmente uma inversão. Mesmo trancado no depósito, ele ainda estaria livre, enquanto Lobo, embora à solta no mundo, continuaria aprisionado. Sua jaula seria só maior que a de Jack.

— Então que Deus abençoe o *Livro da boa lavoura*, porque eu jamais teria essa ideia — disse Jack.

A fisionomia lupina cintilou de novo, depois se virou para o céu com um ar pálido e ansioso.

— Não vai demorar muito tempo, Jacky. Você é o rebanho. Tenho de guardá-lo.

— Está bem — disse Jack. — Acho que tem mesmo.

E isso também pareceu ser algo muito engraçado para Lobo. Enquanto dava aquela risada que parecia um uivo, jogou um braço em volta da cintura de Jack, suspendeu-o e atravessou o campo com ele no colo.

— Lobo tomará conta de você — disse ele depois de já ter rido e uivado de um jeito que pareceu virá-lo pelo avesso. Pousou suavemente o garoto no barranco defronte ao topo do barranco.

— Lobo — disse Jack.

Lobo alargou as mandíbulas e coçou a virilha.

— Você não pode matar pessoas, Lobo — disse Jack. — Lembre-se disso. Se você conseguiu se lembrar da história, pode se lembrar de não matar pessoas. Porque se matar alguém, vão caçar você. Se matar alguém, mesmo que seja uma única pessoa, muita, muita gente correrá atrás de você para matá-lo. E vão pegá-lo, Lobo. Pode ter certeza. Arrancariam seu couro.

— Não pessoas, Jacky. Animais cheiram melhor que pessoas. Nada de pessoas. Lobo!

Desceram o barranco. Jack tirou o cadeado do bolso e prendeu-o várias vezes na argola de metal, mostrando a Lobo como usar a chave.

— Depois você passa a chave por baixo da porta, está bem? — disse Jack. — Quando a transformação acabar, eu lhe passo de novo a chave.

Jack olhou para a parte de baixo da porta. Havia uma fenda de 5 centímetros entre a porta e o chão.

— Com certeza, Jacky. Você me passa de novo a chave.

— Bem, o que vamos fazer? — Jack perguntou. — Tenho de entrar agora?

— Sente-se aqui — disse Lobo, apontando para um ponto no chão do depósito a 30 centímetros da porta.

Jack lançou um olhar curioso ao amigo, depois entrou no depósito e sentou. Lobo se agachou do lado de fora da porta e, sem olhar para Jack, estendeu-lhe a mão. Jack pegou a mão de Lobo. Foi como segurar uma criatura peluda do tamanho de um coelho. Lobo apertou-a com tanta força que Jack quase gritou. Mas, mesmo que tivesse gritado, achava que Lobo não o ouviria. Estava de novo hipnotizado pelo céu: o rosto sonhador, pacífico, extasiado. Após um ou dois segundos, Jack conseguiu acomodar sua mão numa posição mais confortável dentro do apertão de Lobo.

— Vamos ficar assim por muito tempo? — ele perguntou.

Lobo demorou quase um minuto para responder.

— Até — disse Lobo, e apertou de novo a mão de Jack.

FICARAM HORAS SENTADOS ali, um de cada lado da soleira da porta, calados. Finalmente a luz começou a declinar. Lobo começara a tremer quase imperceptivelmente nos vinte minutos que precederam o início do crepúsculo e, à medida que a escuridão avançava, o tremor de sua mão aumentava. Era desse jeito, Jack pensou, que devia tremer um cavalo de corrida antes da largada, esperando o som de um tiro, esperando o portão se abrir.

— Ela está começando a me levar com ela — disse Lobo num tom suave. — Logo estaremos correndo, Jack. Gostaria muito que você pudesse nos acompanhar.

Virou a cabeça para Jack e o garoto viu que, embora Lobo pretendesse dizer apenas o que disse, havia uma significativa parte dele que estava dizendo silenciosamente: *Eu tanto podia correr do seu lado quanto atrás de você, amigo.* — Acho que agora temos de fechar a porta — disse Jack.

Tentou livrar a mão da garra lupina, mas só conseguiu libertá-la quando Lobo, quase com desprezo, recolheu o braço.

— Jacky fica trancado aí dentro! Lobo fica trancado aqui fora!

O olhos de Lobo faiscaram, tornaram-se liquidamente vermelhos, parecendo os olhos de Elroy.

— Não esqueça, você tem de manter o rebanho em segurança — disse Jack.

E recuou para o meio do depósito.

— O rebanho vai para o celeiro e o cadeado fica na porta. Não podemos atacar o rebanho.

Os olhos de Lobo pararam de faiscar e assumiram um tom alaranjado.

— Ponha o cadeado na porta.

— Oh, meu Deus, é exatamente isto o que vou fazer — disse Lobo. — Vou colocar o bendito cadeado na bendita porta, está vendo?

Ele bateu a porta, fazendo Jack mergulhar na escuridão.

— Está ouvindo isso, Jacky? É o bendito cadeado.

Jack ouviu o estalo do cadeado na argola de metal e ouviu a lingueta fechada.

— Agora a chave — disse Jack.

— A bendita chave, aqui e agora — disse Lobo, e a chave foi retirada da fechadura. Um segundo depois, era lançada pelo chão empoeirado sob a porta com força suficiente para deslizar por um bom trecho de assoalho.

— Obrigado — Jack murmurou.

Ele se curvou e seus dedos tatearam pelas tábuas do chão até encontrarem a chave. Por um instante, apertou-a com tanta força na palma da mão que quase rasgou a pele. A marca, com a forma do estado da Flórida, duraria quase cinco dias, quando na confusão de ser preso, ele não perceberia que ela tinha sumido. Depois, enfiou cuidadosamente a chave no bolso. Do lado de fora, Lobo estava arquejando em arfadas regulares, quentes, agitadas.

— Está com raiva de mim, Lobo? — ele sussurrou através da porta.

Um punho atingiu a porta com força.

— Não! Não estou com raiva! Lobo!

— Então está bem — disse Jack. — Nada de pessoas, Lobo. Não se esqueça disso. Senão vão caçá-lo até a morte.

— Nada de pessoAAUUUUUUUUUUUUHHHHHHHHHHHHHHHHH!

A palavra se transformou num longo, nítido uivo. O corpo de Lobo bateu contra a porta e os pés cobertos de pelos negros surgiram na abertura no chão. Jack percebeu que Lobo estava colado à porta.

— Nada de raiva, Jack... — Lobo murmurou, como se estivesse um tanto envergonhado do uivo. — Lobo não está com raiva, Lobo está nervoso, Jacky. Porque a coisa vai acontecer daqui a pouco. Logo-logo, oh, bendito logo!

— Eu sei — disse Jack, sentindo agora uma súbita vontade de chorar. Gostaria de ter dado um abraço em Lobo. Gostaria de ter

ficado mais dias naquela fazenda, e gostaria de estar agora do lado de fora do porão, onde Lobo estaria solidamente aprisionado.

E ocorreu-lhe o estranho, inquietante pensamento de que Lobo *estava* solidamente aprisionado.

Os pés de Lobo apareciam sob a porta, e Jack achou que os viu tornando-se mais compactos, mais compridos, mais estreitos.

Lobo rosnou, arquejou, rosnou de novo. Afastou-se da porta e emitiu um ruído um tanto insólito.

— *Aaaah...*

— Lobo? — Jack chamou.

Um uivo de furar os tímpanos sacudiu o corpo de Jack: vinha do alto do barranco.

— Tenha cuidado — disse o garoto, sabendo que Lobo não o ouviria mais, temendo que Lobo não fosse mais capaz de ouvi-lo mesmo se estivesse junto da porta.

Uma série de novos uivos seguiram-se ao primeiro — o som de uma criatura liberta ou o grito desesperado de alguém que, ao acordar, descobre que ainda está na prisão. Pungentes, ferozes e estranhamente belos, os uivos do pobre Lobo enchiam a noite enluarada como lenços brancos levados pelo vento. Jack só percebeu que estava tremendo quando cruzou os braços e sentiu-os vibrar contra o peito, um peito que também parecia vibrar.

Os uivos diminuíram, recuaram. Lobo estava correndo com a lua.

POR TRÊS DIAS e três noites Lobo se empenhou numa busca quase incessante de comida. De cada amanhecer até pouco depois

do meio-dia, dormia numa cavidade que descobrira sob o tronco caído de um carvalho. Certamente não se sentia aprisionado, a despeito das previsões de Jack. Os bosques nos limites da campina eram extensos e fartos da dieta natural de um lobo. Camundongos, coelhos, gatos, cachorros, esquilos — tudo era facilmente encontrado. Poderia dar-se por satisfeito com aqueles bosques e comer mais do que o suficiente para sustentá-lo até a próxima transformação.

Mas Lobo estava correndo com a lua, e lhe seria tão impossível ficar confinado aos bosques quanto reprimir sua metamorfose. Vagava de um ponto a outro, sempre levado pela lua, atravessando pastos e quintais, passando por isoladas casas suburbanas e estradas em construção onde máquinas de terraplenagem e gigantescos rolos de asfalto pareciam dinossauros dormindo nas margens. Metade de sua inteligência era motivada pelo sentido do olfato, e não seria exagero sugerir que o nariz de Lobo, sempre apurado, tinha agora atingido um verdadeiro status de gênio. Conseguia farejar um cercado de galinhas a mais de sete quilômetros de distância e conseguia distinguir seu cheiro dos cheiros das vacas, porcos e cavalos da mesma fazenda, mas tudo isso era simples. Porque Lobo se tornara capaz de farejar o *movimento* das galinhas; porque Lobo se tornara capaz de farejar que um dos porcos adormecidos tinha um ferimento no pé e uma das vacas do curral, uma teta esfolada.

E aquele mundo (pois não era a lua daquele mundo que o conduzia?) não tinha mais cheiro de morte e substâncias químicas. Uma forma mais antiga, mais primitiva de natureza o acompanhava naquela jornada. Lobo conseguia inalar tudo o que ainda sobrava da primitiva doçura da terra, tudo o que ainda restava das qualidades que um dia o mundo americano havia compartilhado com os Territórios. Mesmo quando se aproximava de alguma habitação humana, mesmo quando abocanhava a espinha do vira-lata da família e o dilacerava em pedaços enormes que eram engolidos

inteiros, Lobo não deixava de sentir a pureza de fontes de água fresca movendo-se sob o solo ou da neve brilhando sobre uma montanha no mais longínquo oeste. Era um lugar perfeito para um Lobo metamorfoseado, mas se matasse algum ser humano Lobo ficaria amaldiçoado para sempre.

Ele não matou pessoas.

Talvez pela simples razão de que não viu nenhuma. Mas, durante os três dias da transformação, Lobo matou e devorou representantes da maioria das outras formas de vida encontradas no leste de Indiana, incluindo um gambá e uma família inteira de lince que viviam em cavernas de calcário a dois vales de distância. Na primeira noite nos bosques, abocanhou um morcego que passava em voo rasante, arrancou-lhe a cabeça e engoliu o resto ainda se mexendo. Esquadrões inteiros de gatos domésticos e pelotões de cães desceram-lhe pela goela. Numa das noites, com uma alegria selvagem e feroz, abateu todos os porcos de um chiqueiro do tamanho de um quarteirão urbano.

Mas duas vezes Lobo se sentiu misteriosamente impedido de matar suas presas, e também isto o fez se sentir em casa no mundo por onde rondava. Foi uma questão de lugar, não de algum abstrato sentimento moral. E a primeira vista, eram lugares comuns. Um desses lugares foi uma clareira nos bosques, onde ele caçava um coelho; outro, foi o pátio de uma fazenda onde um cachorro, preso numa estaca por uma corrente, não parava de ganir. No instante exato em que pisou nesses lugares, seu pelo se eriçou e um comichão elétrico atravessou-lhe toda a extensão da espinha. Eram lugares sagrados, e num lugar sagrado um lobo não podia matar. Isso era tudo. Como todos os lugares sagrados, aquelas áreas tinham sido isoladas muito tempo atrás, há tanto tempo que a expressão “de uma época primordial” talvez pudesse ser usada para descrevê-las. Foi essa profunda sensação de tempo *remoto* que Lobo sentiu ao se aproximar do pátio da fazenda e da clareira nos

bosques: uma densa vastidão de anos concentrada num espaço pequeno, mas cheio de vibrações.

Nessas duas ocasiões, Lobo simplesmente se afastou do solo sagrado e foi para outro lugar. Como os homens-pássaros que Jack tinha visto, Lobo vivia num mistério e estava bastante acostumado a coisas desse tipo.

E Lobo também não esqueceu de seu dever para com Jack Sawyer.

11

TRANCADO NO DEPÓSITO de lenha, Jack teve oportunidade de analisar os traços fundamentais de sua mente e de seu caráter com mais argúcia do que em qualquer outra ocasião.

No depósito, havia apenas o banquinho de madeira e, para lhe servir de distração, a pilha de revistas de quase uma década atrás. O problema é que não podia ler as revistas. Como não havia janelas, tinha dificuldade até para ver as fotos, exceto no início da manhã, quando a luz escoava por sob a porta. As palavras surgiam como fileiras indecifráveis de vermes cinzentos.

Não podia imaginar como aguentaria passar três dias fechado ali. Foi até o banco, onde bateu dolorosamente com o joelho, e sentou-se para pensar.

Uma das primeiras coisas que percebeu foi que o tempo dentro do depósito era diferente do tempo lá fora. Do outro lado da porta, os segundos passavam com rapidez, confundiam-se com os minutos e os minutos confundiam-se com as horas. Dias inteiros, semanas inteiras voavam num tique-taque de metrônomo. No interior do depósito, porém, os segundos se recusavam

obstinadamente a correr, transformavam-se em monstros grotescos, de uma lentidão viscosa. Enquanto quatro ou cinco segundos se dilatavam, inchavam do lado de dentro, uma hora voava lá fora.

A segunda coisa que Jack percebeu foi que pensar sobre a lentidão do tempo só agravava a situação. Quando começava a se concentrar na passagem dos segundos, aí é que eles se recusavam a avançar um dedo.

Para afastar da mente a eternidade dos segundos que somavam três dias, começou a medir as dimensões da cela. Pondo um pé na frente do outro e contando os pequenos passos, concluiu que o depósito tinha aproximadamente sete pés por nove, isto é, cerca de 2,10 metros por 2,70. Pelo menos teria espaço suficiente para se esticar durante a noite.

Fazendo uma volta completa no depósito, andava quase 10 metros.

Se desse cem vezes aquela volta, completaria um quilômetro.

Não tinha nada para comer, mas sem dúvida podia caminhar. Tirou o relógio do pulso e colocou-o no bolso, prometendo a si mesmo que só o consultaria em caso de absoluta necessidade.

Tinha caminhado cerca de 400 metros em seu primeiro quilômetro, quando se lembrou de que não havia água no depósito. Nem comida, nem água. Mas achava que uma pessoa levava mais de três ou quatro dias para morrer de sede. Desde que Lobo voltasse para buscá-lo, estaria bem. Talvez não muito, mas pelo menos vivo. E se Lobo não voltasse? Seria obrigado a arrombar a porta.

Nesse caso, pensou, era melhor fazer isso agora, enquanto ainda tinha alguma energia.

Aproximou-se da porta e empurrou-a com as duas mãos. Empurrou com mais força e as dobradiças rangeram. A título de experiência, jogou o ombro contra a madeira da porta, no lado oposto às dobradiças. Machucou o ombro, mas achou que não tinha causado nada à porta. Bateu de novo com mais força. As

dobradiças rangeram mas não se deslocaram um milímetro. Lobo poderia ter arrancado aquela porta com uma só mão, mas Jack não conseguiria abri-la mesmo que transformasse os ombros em hambúrgueres de tanto bater nela. A única saída era esperar pela volta de Lobo.

Pelo meio da noite, Jack já tinha andado uns 10 ou 12 quilômetros; perdera a conta do número exato de cem vezes que contornara o depósito. Estava com sede e o estômago roncava. O depósito fedia a urina, pois fora forçado a mijar numa das paredes, onde uma fenda nas tábuas dava esperanças de que pelo menos uma parte da urina jorraria para fora. Embora o corpo estivesse cansado, achava que não ia conseguir dormir. De acordo com o relógio, não estava sequer há cinco horas no depósito; de acordo com o tempo do interior, porém, já se tinha passado mais de um dia. Tinha medo de deitar.

Sua mente não o deixava em paz, era assim que ele sentia. Tentara fazer listas dos livros que lera no ano anterior, dos professores que teve na escola, dos jogadores do Los Angeles Dodgers... Mas imagens perturbadoras e caóticas sempre interrompiam a contagem. Continuava vendo Morgan Sloat rasgando um buraco no ar. O rosto de Lobo flutuava sob a água e suas mãos se agitavam na superfície. Jerry Bledsoe se retorcia e tremia diante do painel elétrico, os óculos grudados no nariz. Os olhos de um homem ficavam amarelos e a mão se transformava numa espécie de garra. A dentadura do tio Tommy era atirada na sarjeta da rua Sunset. E Morgan Sloat se aproximava, a careca subitamente coberta de cabelo negro. Mas, de repente, não era dele, era de sua mãe que o tio Morgan se aproximava.

— Músicas de Fats Waller — ele disse, se obrigando a completar mais um circuito na escuridão. — “Your Feets Too Big.” “Ain’t Misbehavin.” “Jitterbug Waltz.” “Keeping Out of Mischief Now.” E então a coisa-Elroy estendeu o braço para sua mãe,

sussurrando obscenidades, colocando uma das mãos na cintura dela.

— Países da América Central: Nicarágua, Honduras, Guatemala, Costa Rica...

Mesmo quando, morrendo de cansaço, Jack se deitou e, usando a mochila como travesseiro, enroscou-se como uma bola no chão, Elroy e Morgan Sloat não pararam de lhe devastar os pensamentos. Osmond fazia o chicote estalar nas costas de Lily Cavanaugh, os olhos dançando. Lobo erguia o corpo ereto, compacto, absolutamente antihumano, e levava um tiro de rifle bem no coração.

Jack acordou com as primeiras luzes da aurora e sentiu cheiro de sangue. Todo o seu corpo suplicava por um pouco d'água, e também por comida. Jack gemeu. Seria impossível sobreviver a mais três noites naquela situação. O baixo ângulo da luz do sol lhe permitiu divisar vagamente as paredes e o teto do depósito. Tudo parecia maior que na noite anterior. Teve outra vez vontade de urinar, embora não entendesse muito bem como seu corpo ainda conseguia ter alguma coisa para despejar. Pouco depois, entendeu que o depósito só parecia maior porque ele estava deitado no chão.

E sentiu de novo o cheiro de sangue. Olhou para o lado, para a porta. O quarto traseiro de um coelho fora enfiado pela abertura da porta. A carne se espalhara nas tábuas do assoalho, gotejando sangue e cintilando. Manchas de sujeira e um profundo arranhão mostravam que fora difícil empurrar a carne por baixo da porta. Lobo estava tentando alimentá-lo.

— Oh, meu Deus — Jack resmungou.

As patas sem pelos do coelho pareciam desagradavelmente humanas. O estômago de Jack ficou embrulhado, mas, em vez de vomitar, ele riu, assaltado por uma absurda comparação. Lobo era como o animal de estimação da família que, toda manhã, presenteia os donos com um pássaro morto ou um rato de barriga aberta.

Com dois dedos, Jack Sawyer pegou delicadamente a horrível oferenda e escondeu-a embaixo do banco. Ainda sentia vontade de rir, mas seus olhos estavam úmidos. Lobo sobrevivera à primeira noite de sua transformação, e Jack também.

Na manhã seguinte, os olhos de Jack se depararam com um pedaço de carne, de forma quase ovoide, que ele não conseguiu identificar. No centro, havia um osso extremamente branco lascado nas duas pontas.

12

NA MANHÃ DO quarto dia, Jack ouviu alguém deslizar pelo barranco. Um passarinho assustado piou e, sacudindo ruidosamente as asas, fugiu do telhado. Pisadas fortes avançaram para a porta. Jack se ergueu nos cotovelos e piscou na escuridão.

Um corpanzil se apoiou do lado de fora e ficou imóvel. Através da abertura, Jack pôde ver um par de sapatos de lona.

— Lobo? — Jack perguntou num tom suave. — É você, não é?

— Me dê a chave, Jack.

Jack enfiou a mão no bolso, pegou a chave e empurrou-a bem entre os sapatos de lona. Uma grande mão bronzeada surgiu na abertura e pegou a chave.

— Trouxe água? — Jack perguntou.

Apesar do que conseguira extrair dos medonhos presentes de Lobo, estivera bem próximo de uma séria desidratação: os lábios estavam inchados e rachados; a língua parecia dormente, assada. A chave foi enfiada no cadeado e Jack ouviu a argola de metal se abrir.

Depois o cadeado foi tirado da porta.

— Um pouco — disse Lobo. — Feche os olhos, Jacky. Você não está mais acostumado à luz do dia.

Quando a porta foi aberta, Jack apertou os olhos com as mãos, mas a luz que jorrou conseguiu passar entre as fendas dos dedos para lhe perfurar os olhos. Ele gritou de dor.

— Isso já vai passar — disse Lobo, bem próximo dele. Os braços do amigo o agarraram e o suspenderam. — Olhos fechados — Lobo advertiu e saiu com ele do depósito.

Quando Jack repetiu o pedido de água e sentiu a borda enferrujada de uma caneca se aproximar de seus lábios, entendeu por que Lobo se apressara a tirá-lo do depósito. O ar lá fora parecia inacreditavelmente fresco e doce, como se tivesse sido importado diretamente dos Territórios. Os primeiros goles de água tiveram um sabor inigualável e escorreram por dentro dele como um córrego espumante, fazendo reviver tudo em que tocavam. Era como se ele estivesse sendo irrigado.

Lobo retirou a caneca de seus lábios muito antes de Jack ter saciado completamente a sede.

— Se beber mais, vai vomitar — disse Lobo. — Abra os olhos, Jack. Mas só um pouquinho.

Jack fez como Lobo mandou. Um milhão de partículas de luz precipitaram-se para seus olhos. Ele gritou.

Lobo sentou-se, embalando Jack nos braços.

— Beba mais um pouco — disse Lobo, tornando a encostar a caneca nos lábios de Jack. — E abra mais um pouco os olhos.

Agora a luz do sol doeu muito menos. Jack espreitou por entre as pestanas e, enquanto outro milagroso gole de água lhe descia pela garganta, viu um clarão fulgurante.

— Ah! — disse Jack. — O que torna a água tão gostosa?

— O vento do oeste — Lobo respondeu prontamente.

Jack abriu mais os olhos. O ofuscamento, o enxame de flechas de luz transformaram-se no marrom escorado do depósito e na

mistura cinza-esverdeado do barranco. Sua cabeça descansava no ombro de Lobo. O estômago inchado do amigo fazia pressão em seu peito.

— Tudo bem com você, Lobo? Conseguiu comer bastante?

— Lobos sempre conseguem comer bastante — respondeu Lobo com simplicidade.

Ele deu um tapinha na coxa do garoto.

— Obrigado por me trazer aqueles pedaços de carne.

— Eu prometi. Você era o rebanho. Esqueceu?

— Oh, não, eu me lembro — disse Jack. — Posso tomar mais um pouco dessa água?

Escorregou do colo enorme de Lobo e sentou-se no chão, de onde podia fitá-lo melhor.

Lobo lhe passou a caneca. Os óculos de John Lennon estavam novamente na ponta do nariz; agora a barba não passava de uma ligeira penugem cobrindo-lhe o rosto; o cabelo negro, embora ainda comprido e gorduroso, não chegava à altura dos ombros. O rosto tinha uma expressão cordial, que de tão pacífica era quase fatigada. Sobre o macacão, usava um moletom, dois números abaixo do seu tamanho, com DEPARTAMENTO DE ATLETISMO DA UNIVERSIDADE DE INDIANA escrito na frente.

Desde que ele e Jack se encontraram, Lobo nunca se parecera tanto com um ser humano comum. Embora não lembrasse um universitário médio, não era impossível que o tomassem por um craque do time de futebol da faculdade.

Jack bebeu mais um gole d'água. A mão de Lobo estava a postos perto da caneca de lata, pronto a afastá-la se Jack desse goles grandes.

— Tudo bem mesmo com você?

— Aqui e agora — disse Lobo. Esfregou a mão na barriga, agora tão inchada que esticava o tecido da barra do moletom como se ele fosse uma luva de borracha. — Apenas cansado. Tenho de dormir um pouco, Jack. Aqui e agora.

— Onde conseguiu a camiseta?

— Estava pendurada numa corda — disse Lobo. — É frio aqui, Jacky.

— Não machucou nenhuma pessoa, não foi?

— Nenhuma pessoa. Lobo! Agora beba dessa água devagar.

Por uma fração de segundo, seus olhos ainda lembraram lanternas do Dia das Bruxas, e Jack percebeu que Lobo jamais poderia ser confundido com um ser humano comum. Então Lobo abriu sua enorme boca e bocejou:

— Dormir um pouco.

Procurou uma posição confortável no barranco e deitou a cabeça. Adormeceu quase imediatamente.

TERCEIRA PARTE

Uma Colisão de Mundos

Capítulo Vinte

Sob o Jugo da Lei

1

POR VOLTA DAS duas horas daquela tarde, os dois estavam 150 quilômetros a oeste, e Jack Sawyer sentia-se como se também ele tivesse corrido com a lua, pois tudo passou muito fácil.

Apesar da fome que o devorava, Jack continuou bebendo água lentamente na caneca enferrujada e esperou Lobo acordar. Por fim

Lobo se mexeu e disse: “Estou pronto, Jack”, pôs o garoto nas costas e saiu a galope na direção de Daleville.

Com Lobo sentado no meio-fio e tentando passar despercebido, Jack entrou no Daleville Burger King. Primeiro foi até o banheiro e tirou a camisa. Mesmo ali o cheiro alucinante da carne na brasa enchia a sua boca d’água. Lavou as mãos, os braços, o peito e o rosto. Depois, enfiou a cabeça sob a torneira e lavou os cabelos com sabonete líquido. Uma atrás da outra, as toalhas de papel foram caindo no chão.

Por fim, achou que estava pronto para ir até o balcão. A moça uniformizada fitou-o atentamente enquanto ele pediu o que queria (era o cabelo molhado, Jack pensou). Enquanto esperava o pedido, a moça deu um passo atrás e se inclinou para a janela da cozinha, sempre observando-o.

Quando estava comendo o primeiro Whopper, Jack se virou para as portas de vidro. Molho lhe escorria pelo queixo. A fome era tanta que ele mal mastigava. Três enormes mordidas abocanharam a maior parte do grande sanduíche. E ele já arredondara bem a boca para devorar de uma só vez o resto quando, através do vidro, viu que Lobo atraía uma multidão de crianças. A carne se congelou em sua língua e o estômago pareceu trancado.

Saiu correndo, ainda tentando engolir o bocado de carne, pão, picles, alface, tomate e molho. Na rua, as crianças cercavam Lobo por todos os lados, fitando-o com um ar tão ostensivo quanto o da garçonete que fitara Jack. Lobo se agachara o melhor que pudera no meio-fio, curvara as costas e encolhera o pescoço como uma tartaruga. As orelhas pareciam achatadas contra a cabeça. A comida bateu na garganta de Jack como uma bola de golfe e, quando o resto do sanduíche foi convulsivamente engolido, a bola marcou outro ponto em seu estômago.

Pelo canto do olho, Lobo viu-o sair da lanchonete e ficou visivelmente mais relaxado. Um rapaz alto, de vinte e poucos anos e jeans azul, abriu a porta de uma velha picape vermelha, parado a

pouco mais de um metro da calçada. Apoiando-se na carroceria, ficou contemplando sorridente a cena.

— Coma um hambúrguer, Lobo — disse Jack o mais descontraidamente possível.

Lobo cheirou a caixa do hambúrguer que Jack entregou a ele. Depois ergueu a cabeça, deu uma enorme mordida na caixa e começou lentamente a mastigar. Atônitas e fascinadas, as crianças chegaram mais perto. Algumas começaram a rir.

— O que é ele? — perguntou uma menina de rabo-de-cavalo louro amarrado com um felpudo laço cor-de-rosa. — É um monstro?

Um menino de cabelo curto, de 7 ou 8 anos de idade, colocou-se na frente da garota e perguntou:

— Ele é o Hulk, não é? É mesmo o Hulk. Ei! Ei! Hã? Estou certo?

Lobo conseguiu extrair o hambúrguer do invólucro de cartolina e com a palma da mão pôs tudo na boca. Pedacos de alface caíram entre seus joelhos, molho e maionese escorreram pelo queixo e pelas bochechas. O resto se transformou numa polpa marrom espremida entre enormes dentes. Depois que engoliu, Lobo começou a lamber o interior da caixa.

Jack tirou suavemente a cartolina de sua mão.

— Não, ele é apenas meu primo. Não é um monstro e não é o Hulk. Por que não vão embora e nos deixam sozinhos, hein? Vamos lá. Deixem-nos em paz.

As crianças continuaram paradas, fitando Lobo que, agora, estava lambendo os dedos.

— Se continuarem olhando desse jeito, ele pode se zangar. E quando ele se zanga, tudo pode acontecer.

O menino de cabelo curto tinha visto muitas vezes a metamorfose de David Banner para ter uma ideia do efeito da raiva sobre aquele monstruoso carnívoro, comedor de hambúrgueres do Burger King. Deu um passo atrás. A maioria das outras crianças também recuou um pouco.

— Vão embora, por favor — Jack pediu, mas as crianças pareciam novamente paralisadas.

Então Lobo se ergueu como uma montanha e sacudiu os punhos.

— NÃO FIQUEM OLHANDO PRA MIM! — gritou ele. — NÃO ME FAÇAM ME SENTIR MAL! TODO MUNDO ME FAZ SENTIR MAL!

As crianças saíram correndo. Respirando forte, o rosto muito vermelho, Lobo viu-as subir toda a rua principal de Daleville e dobrar numa esquina distante. Depois que elas se foram, Lobo cruzou os braços e virou-se para Jack. Parecia envergonhado.

— Lobo não devia ter gritado — disse ele. — Eram apenas crianças.

— Um susto não faz mal a ninguém — disse uma voz, e Jack viu o rapaz da picape vermelha ainda sorrindo, encostado na carroceria. — Se bem que eu mesmo nunca tinha visto uma coisa desse gênero. Vocês são primos?

Jack balançou a cabeça com ar desconfiado.

— Desculpem, eu não quis ser intrometido nem nada.

O rapaz deu um passo à frente. Era um homem extrovertido, de cabelos pretos e colete com camisa xadrez por baixo.

— Não quero que fazer ninguém se sentir mal, sabem? — Ele fez uma pausa e levantou as mãos com as palmas estendidas. — É verdade. Só acho que vocês dois parecem que estão viajando há muito tempo.

Jack olhou para Lobo, que ainda mantinha os braços cruzados e o ar envergonhado, embora, atrás dos óculos de John Lennon, já encarasse de cara feia o rapaz.

— Eu já passei por isso — disse o homem. — Escutem só: quando acabei o ensino médio, fui e voltei de carona até o norte da Califórnia. E, olhem, se estiverem indo para oeste, posso muito bem levar vocês.

— Não posso, Jacky — Lobo falou num murmúrio trovejante.

— Até onde você vai? — Jack perguntou. — Estamos tentando chegar a Springfield. Tenho um amigo lá.

— Ótimo, então. — Ele levantou de novo as mãos. — Vou até Cayuga, perto da divisa do Illinois. Se quiserem esperar, só vou comprar um hambúrguer e já volto. É só um minuto. Daqui a uma hora e meia, talvez menos, poderei deixar vocês a meio caminho de Springfield.

— *Não posso* — Lobo tornou a resmungar.

— Só há um problema, ok? Tenho umas coisas no assento da frente. Um de vocês terá de ir lá atrás. Vai pegar um pouco de vento.

— Você nem imagina o quanto isso é ótimo — disse Jack, falando a pura verdade. — Estaremos aqui quando voltar. — Lobo começou a dançar de nervosismo. — Pode crer, estaremos à sua espera. E obrigado.

Assim que o homem entrou na lanchonete, Jack virou-se para conferenciar com Lobo.

Quando o rapaz — Bill “Buck” Thompson, este era o nome dele — voltou com as caixas de dois Whoppers, encontrou um Lobo tranquilamente ajoelhado na traseira, os braços apoiados na lateral, o nariz empinado, a boca escancarada. Jack estava no assento da frente, ao lado de uma enorme pilha de sacos plásticos, cuidadosamente fechados, grampeados e, a julgar pelo cheiro, inundados de purificador de ar. Dentro dos sacos transparentes viam-se mudas de plantas, muito verdes e de bom tamanho. Vários botões cresciam nas hastes amputadas.

— Achei que você ainda parecia com fome — disse o rapaz, e atirou outro Whopper para Lobo. Depois foi para o volante, ao lado de Jack e da pilha de sacos plásticos. — Achei que ele podia pegar com os dentes, sem querer ofender seu primo. Olhe, pegue esse. Ele já pulverizou o dele.

E viajaram 160 quilômetros na direção do oeste, Lobo delirando de alegria por sentir o vento soprando na cabeça, semi-hipnotizado pela velocidade e pela variedade dos odores que o nariz conseguia captar. Os olhos cintilavam, brilhavam, registravam cada detalhe da paisagem. Lobo pulava de um lado para o outro na carroceria, dilatando as narinas para o ar que batia em seu corpo.

Buck Thompson disse que era fazendeiro. Falou sem parar durante os setenta e cinco minutos em que manteve o pé no acelerador, e não fez qualquer pergunta a Jack. Quando entrou no acostamento de uma variante nos arredores de Cayuga e parou o carro ao lado de um imenso milharal, enfiou a mão no bolso da camisa e tirou de lá um cigarro ligeiramente torto, enrolado num papel muito fino.

— Já vi gente de olhos vermelhos — disse ele —, mas os do seu primo são fantásticos. — Ele deixou cair o cigarro nas mãos de Jack. — Faça-o fumar um pouco quando ficar muito excitado, está bem? Ordens do médico.

Com ar distraído, Jack pôs o baseado no bolso da camisa e saltou da cabine.

— Obrigado, Buck — ele falou para o motorista.

— Rapaz, cheguei a ficar mesmo impressionado quando vi seu primo comer! — disse Buck. — Como o convence a ir a certos lugares com você? Grita “*corra, cachorro*” para ele?

Assim que percebeu que o passeio terminara, Lobo pulou da traseira.

A picape vermelha saiu em disparada, deixando para trás uma longa nuvem de pó.

— Vamos fazer isso de novo! — Lobo pediu num tom vibrante. — Jacky! Vamos fazer isso de novo!

— Queria que pudéssemos — disse Jack. — Vamos lá, vamos andar um pouco. Alguém provavelmente vai aparecer.

Jack começou a achar que sua sorte tinha voltado, que logo ele e Lobo cruzariam a fronteira de Illinois. Tinha certeza de que as

coisas melhorariam assim que pudesse falar com Richard Sloat no Colégio Thayer. Mas parte de sua mente ainda estava ajustada ao passar de tempo do depósito, onde o irreal deformava e distorcia o real, e quando as coisas ruins começaram a acontecer de novo, aconteceram tão depressa que Jack foi incapaz de controlá-las. Demorou bastante para que Jack chegasse a Illinois, e durante esse tempo, ele se viu de novo no depósito.

2

A RÁPIDA E ATORDOANTE série de acontecimentos que levaram à Casa Sunlight começou dez minutos após os dois rapazes terem ultrapassado a pequena placa na estrada informando-os de que estavam entrando em Cayuga, 23.568 habitantes. Na realidade, Cayuga em si ainda não era visível. À direita deles, o imenso milharal estendia-se até o horizonte; à esquerda, uma campina de vegetação rasteira deixava visível o contorno da estrada, que fazia uma curva um pouco à frente e depois apontava em linha reta para a distância. Pouco depois de Jack ter concluído que, provavelmente, teriam de andar até a cidade para conseguir uma nova carona, um carro apareceu ao longe, correndo na direção dos dois.

— Outra carona na traseira? — Lobo gritou, agitando em delírio os braços. — Lobo vai na traseira! Aqui e agora!

— O carro está indo para o lado errado — disse Jack. — Fique calmo e deixe que passe por nós, Lobo. Abaixei os braços ou ele vai achar que você o está chamando.

Relutantemente, Lobo abaixou os braços. O carro tinha entrado na curva que o levaria a passar por Jack e Lobo.

— Mas não é outra carona na traseira? — Lobo perguntou com o rosto amuado de uma criança.

Jack abanou a cabeça. Estava olhando para um emblema oval pintado na porta empoeirada do carro. Podia ser um veículo da Comissão de Parques do Condado ou da Comissão Federal de Proteção à Caça. Podia ser qualquer coisa de um veículo do Ministério da Agricultura a uma viatura do Departamento de Saneamento de Cayuga. Mas quando o carro entrou na curva, Jack viu que se tratava de uma viatura da polícia.

— É um tira, Lobo. Um policial. Continue andando naturalmente, com ar descontraído. Não queremos que ele pare.

— O que é um tira? — A voz de Lobo tinha adquirido um timbre sombrio; ele percebia que o carro vinha diretamente em sua direção. — Um tira mata lobinos?

— Não — disse Jack —, eles nunca matam lobinos.

Mas a explicação não deve ter convencido Lobo, pois ele pegou a mão de Jack, o braço tremendo.

— Lobo, por favor, me largue — Jack implorou. — Ele vai achar isso estranho.

Lobo deixou a mão cair.

Quando o carro da polícia se aproximou, Jack deu uma espiada na figura ao volante e depois se virou e andou alguns passos de costas para observar Lobo. O que estava vendo não era nada encorajador. O policial ao volante tinha um rosto enorme, flácido, mas dominador, as bochechas pálidas, repletas de grandes dobras de gordura. E Lobo tinha o terror estampado no rosto. Os olhos e as narinas chamejavam; e ele começava a arreganhar os dentes.

— Você realmente gostou de andar na traseira daquela picape, não foi? — Jack perguntou.

Uma parte do terror desapareceu e Lobo quase conseguiu sorrir. O carro da polícia passou roncando por eles. Jack percebeu que o motorista virara a cabeça para inspecioná-los.

— Tudo bem — disse Jack. — Ele já se foi. Tudo bem, Lobo.

Tinha se virado de novo quando ouviu o carro da polícia se aproximando de novo atrás deles.

— O tira está voltando!— Na certa está voltando para Cayuga — disse Jack. — Vire-se e aja como eu. Não olhe para ele.

Lobo e Jack caminhavam um ao lado do outro, fingindo ignorar o carro, que agora parecia se arrastar no rastro dos dois. Lobo deixou escapar um som que foi algo entre gemido e ganido.

O carro da polícia passou por eles e avançou alguns metros. Então as lanternas do freio acenderam e a viatura parou em diagonal no acostamento. O policial abriu a porta e plantou os pés no chão. Depois se levantou do assento. Era aproximadamente da altura de Jack, e todo o seu peso se concentrava no rosto e no estômago. As pernas eram finas, e os braços e os ombros eram de um homem normal. A barriga saltava do uniforme marrom como um peru de Natal e projetava-se ostensivamente de ambos os lados do grande cinturão.

— Mal posso esperar — disse o tira, dobrando um dos braços e se apoiando na porta aberta. — Qual é a história de vocês? Podem falar.

Lobo se escondeu atrás de Jack e encolheu os ombros, as mãos cavando profundamente os bolsos do macacão.

— Estamos a caminho de Springfield, senhor. Estivemos pedindo carona. Acho que não devíamos.

— Você acha que não devia. Puta merda. O que é este sujeito que está tentando se esconder atrás de você? Um Wookiee?

— É meu primo.

Jack pensava freneticamente. A história tinha de incluir de alguma forma a presença de Lobo.

— Tenho de levá-lo para casa — Jack continuou. — Ele mora em Springfield, com sua tia Helen, com minha tia Helen, aquela que é professora. Em Springfield.

— O que ele fez, fugiu de algum lugar?

— Não, não, nada disso. Foi só que...

O tira olhou-o com uma expressão de neutralidade, o rosto muito vermelho.

— Nomes.

Agora o garoto se viu num dilema: sem a menor dúvida Lobo ia chamá-lo de Jack, não importa o nome que desse.

— Meu nome é Jack Parker — disse ele. — E meu primo se chama...

— Espere. Quero que o debiloide mesmo diga. Ei, você aí. Se lembra do seu nome, desmiolado?

Lobo se contorceu atrás de Jack, procurando afundar o queixo na frente do macacão. Murmurou alguma coisa.

— Não estou ouvindo nada, filho.

— Lobo — ele sussurrou.

— Lobo. Eu devia ter adivinhado. E qual é o seu primeiro nome, ou será que tem apenas um número?

Lobo tinha fechado os olhos e estava contorcendo as pernas.

— Vamos lá, Phil — disse Jack, achando que aquele era um dos poucos nomes de que Lobo conseguiria se lembrar.

Mal ele tinha acabado de dizer isso, Lobo empinou a cabeça, aprumou as costas e berrou:

— JACK! JACK! JACK LOBO!

— Às vezes o chamamos de Jack — o garoto acrescentou, sabendo que já era tarde demais. — É porque ele gosta muito de mim. Às vezes acho que sou a única pessoa no mundo que pode fazer alguma coisa por ele. Estou até mesmo pensando em ficar alguns dias em Springfield, pelo menos até me certificar de que está tudo bem.

— Já estou cansado do som de sua voz, Jack. Por que você e seu velho companheiro Phil-Jack não fazem a gentileza de entrar aqui atrás? Vamos até a cidade e deixaremos tudo em pratos limpos.

Quando Jack continuou imóvel, o policial encostou a mão na coronha do enorme revólver que lhe pendia do cinto.

— Entrem no carro. Ele primeiro. Quero descobrir por que estão a 160 quilômetros de casa num dia de aula. Entrem no carro. Já.

— Ah, sargento... — Jack começou.

— Não. Não posso — Lobo resmungou atrás dele.

— Meu primo tem um problema — disse Jack. — Sofre de claustrofobia. Espaços pequenos, especialmente o interior dos carros, o deixam maluco. Só podemos viajar em picapes, pois ele pode ir na caçamba.

— *Entrem no carro!* — disse o policial. Ele deu um passo à frente e abriu a porta traseira.

— NÃO POSSO! — Lobo gemeu. — Lobo NÃO PODE! Cheira mal, Jacky, cheira muito *mal* aqui. — Seus lábios e nariz não paravam de se contorcer.

— Se não colocá-lo no carro, vou fazê-lo entrar à força — disse o policial a Jack.

— Lobo, não será por muito tempo — disse Jack, tentando pegar a mão de Lobo.

Com muita relutância, Lobo permitiu que Jack a segurasse. Jack foi puxando-o na direção do assento de trás do carro, Lobo literalmente arrastando os pés pelo acostamento.

Por alguns segundos, pareceu que ia dar resultado. Lobo chegou suficientemente perto do carro para encostar a mão na porta.

Então, seu corpo inteiro tremeu. Ele se agarrou com ambas as mãos na capota. Foi como se estivesse disposto a rasgar o carro em duas metades, como o halterofilista do circo rasga uma lista telefônica ao meio.

— Por favor — disse Jack em voz baixa. — Precisamos entrar.

Mas Lobo estava apavorado e extremamente nauseado por tudo o que seu nariz captava. Balançou violentamente a cabeça. A

saliva escorreu-lhe da boca e caiu na capota do carro.

O policial fez a volta por trás de Jack e tirou alguma coisa do cinto. Jack só teve tempo de ver que não era o revólver quando o tira brandiu com perícia o cassete na base do crânio de Lobo. O tronco do amigo caiu sobre a capota do carro e depois escorregou graciosamente para o pó da estrada.

— Você pega de um lado e eu do outro — disse o policial, guardando o cassete no cinto. — Finalmente vamos conseguir enfiar este saco de merda na viatura.

Daí a dois ou três minutos, depois de terem enroscado o pesado e inconsciente corpo de Lobo no assento de trás, já corriam em direção a Cayuga.

— Já sei o que vai acontecer a você e a seu primo debiloide, embora eu duvide que ele seja mesmo seu primo.

No espelho retrovisor, os olhos do policial se levantaram para Jack, olhos que lembravam passas mergulhadas em alcatrão.

O sangue pareceu congelar nas veias do garoto. O coração martelava em seu peito. Acabara de se lembrar do cigarro no bolso da camisa. Encostou a mão no bolso, mas logo a deixou cair, antes que o tira pudesse notar qualquer coisa.

— Vou pôr os sapatos dele — disse Jack. — Estão caindo do pé.

— Esqueça — disse o policial, mas não fez objeções quando Jack se curvou. Fora do alcance do espelho, primeiro ele empurrou um dos sapatos rasgados para o pé de Lobo; depois tirou rapidamente o cigarro do bolso e enfiou-o na boca. Mordeu-o com força. Partículas secas e esfareladas, com um estranho gosto de ervas, espalharam-se em sua língua. Jack começou a triturá-las com os dentes. Algumas lhe caíram na glote e a garganta fez um movimento convulso. Ele pôs a mão na frente da boca e procurou tossir com os lábios fechados. Depois de limpar a garganta, engoliu bruscamente toda a maconha umedecida, já um tanto lodosa.

Finalmente passou a língua nos dentes, recolhendo os últimos resíduos.

— Você tem algumas surpresas pela frente — disse o policial. — Sua alma terá um pouco de sol.

— Sol em minha alma? — Jack perguntou, achando que o policial o tivesse visto enfiar o cigarro na boca.

— E bolhas nas suas mãos — disse o tira, os olhos brilhando de satisfação ante a imagem culpada de Jack no espelho retrovisor.

A Prefeitura Municipal de Cayuga era uma massa sombria de corredores sem luz e escadas estreitas que pareciam serpentear infinitamente através de salas igualmente estreitas. Água roncava e chiava pelos canos.

— Deixem-me explicar uma coisa a vocês, garotos — disse o policial, conduzindo-os para um último lance de escada. — Vocês não estão presos. Compreenderam bem? Estão apenas detidos para averiguações. Não quero ouvir qualquer besteira sobre dar um telefonema. Vão ficar no limbo até nos dizerem quem são e o que estão tramando — continuou o tira. — Estão me ouvindo? No limbo. Em lugar nenhum. Vão falar com o juiz Fairchild. Ele é o responsável aqui. Se não lhe disserem a verdade, vão sofrer algumas consequências. Agora, para cima. Mexam-se!

No alto dos degraus, o policial abriu uma porta. Uma mulher de meia-idade, com óculos de aro fino e um vestido preto, tirou os olhos do teclado da máquina de escrever numa mesinha da parede oposta.

— Mais dois malandros — disse o policial. — Diga a ele que estamos aqui.

Ela abanou a cabeça, pegou o telefone e falou algumas palavras.

— Podem entrar — disse a secretária, seus olhos passando de Lobo a Jack, de Jack a Lobo.

O policial empurrou os dois pela antessala e abriu a porta de um aposento duas vezes mais largo, cheio de livros numa das paredes e de certificados, diplomas e retratos emoldurados na outra. Nas janelas compridas, as persianas tinham sido baixadas. Um homem alto e magro, de paletó preto, camisa branca amassada e uma gravata estreita de estranha estamparia, ficou de pé atrás de uma velha escrivaninha de madeira com uns dois metros de comprimento. Seu rosto era um mapa em relevo de rugas, e o cabelo parecia tão negro que só podia ser tingido. O ar estava viciado da fumaça de cigarros.

— Bem, o que temos aqui, Franky?

A voz era assustadoramente grave, quase teatral.

— Garotos que encontrei na estrada French Lick, perto da casa de Thompson.

As rugas do juiz Fairchild se contorceram num sorriso quando ele encarou Jack.

— Tem documentos de identidade, filho?

— Não, senhor — disse Jack.

— Contou ao sargento Williams toda a verdade? Ele deve achar que falta alguma coisa, ou não o teria trazido aqui.

— Conte toda a verdade — disse Jack.

— Então, repita a história pra mim.

O juiz se moveu ao redor da escrivaninha, espalhando as camadas de fumaça que pairavam sobre sua cabeça e meio sentou meio se apoiou no canto mais perto de Jack. Apertando os olhos, acendeu um cigarro; Jack viu os olhos pálidos e fundos espreitarem-no por entre a fumaça e percebeu que não encontraria ali qualquer tipo de clemência.

Era de novo a planta carnívora.

Jack respirou fundo.

— Meu nome é Jack Parker. Ele é meu primo, e também se chama Jack. Jack Lobo. Mas seu verdadeiro nome é Philip. Ficou

algum tempo conosco em Daleville porque o pai morreu e a mãe ficou doente. Eu apenas o estava levando de volta a Springfield.

— Ele é retardado?

— Um pouco — disse Jack, e deu uma olhadela em Lobo. O amigo parecia semi-inconsciente.

— Como se chama sua mãe? — o juiz perguntou a Lobo. Lobo não deu qualquer resposta. Tinha os olhos bem fechados e as mãos enfiadas nos bolsos.

— Ela se chama Helen — disse Jack. — Helen Vaughan.

O juiz se levantou suavemente e se aproximou vagarosamente de Jack.

— Bebeu alguma coisa, filho? Parece um tanto ébrio.

— Não.

O juiz Fairchild se pôs a 30 centímetros de Jack e curvou a cabeça.

— Deixe-me sentir o seu hálito.

Jack abriu a boca e expirou.

— Não. Não há cheiro de bebida. — O juiz empinou novamente o corpo. — Mas isso foi a única coisa sobre a qual falou a verdade, não foi? Está tentando me enganar, garoto.

— Sinto muito. Também estivemos pedindo carona — disse Jack, ciente de que agora tinha de medir muito bem as palavras. O que ia dizer poderia determinar se ele e Lobo seriam soltos ou não. O problema é que estava sentindo alguma dificuldade para formar as palavras; tudo parecia estar acontecendo com grande lentidão. Como no interior do depósito, os segundos tinham escapado do compasso normal. — Se bem que não costumamos pedir carona, porque Lobo... isto é, Jack... detesta entrar em carros. Nunca mais voltaremos a fazer isso. Não fizemos qualquer coisa errada, senhor juiz. Esta é a pura verdade.

— Você não está entendendo, filho — disse o juiz, e seus olhos remotos tornaram a brilhar. *Ele está se divertindo com isto*, Jack percebeu. O juiz Fairchild voltou lentamente para trás da

escrivaninha. — O problema não são as caronas. O problema é que vocês são dois garotos perambulando sozinhos pelas estradas, vindo não se sabe de onde, indo não se sabe pra onde. Alvos de problemas. — O tom era meloso, sombrio. — O fato é que dispomos neste condado de ótimas instalações, aprovadas e subvencionadas pelo Estado, fundadas com o objetivo expresso de ajudar rapazes como vocês. É a Casa Evangélica Sunlight Gardener. Dá abrigo a garotos rebeldes e é dirigida pelo sr. Gardener. O sr. Gardener tem realizado verdadeiros milagres com os problemáticos jovens que hospeda. Sempre lhe mandamos casos bastante complicados, e daí a pouco tempo, os meninos estão de joelhos, pedindo perdão a Deus. Eu diria que isso é algo especial, não acha?

Jack engoliu em seco. Sentiu a boca mais seca do que no depósito.

— Oh, senhor juiz, precisamos chegar logo a Springfield. Todos vão ficar preocupados e...

— Duvido muito — disse o juiz, sorrindo com todas as rugas. — Mas, por via das dúvidas, assim que vocês dois estiverem a caminho da Casa Sunlight, vou telefonar para Springfield e tentar falar com esta tal de Helen... Lobo, não é? Ou será Helen Vaughan?

— Vaughan — disse Jack, e uma camada vermelha cobriu-lhe o rosto como um acesso de febre.

— Sim — disse o juiz.

Lobo balançou a cabeça, piscou e pôs a mão no ombro de Jack.

— Está voltando a si, filho? — disse o juiz. — Pode me dizer sua idade?

Lobo piscou de novo e olhou para Jack.

— Dezesseis — disse Jack.

— E você?

— Doze.

— Oh. Achei que eram bem mais velhos. Mais uma razão para ajudá-los, ajudá-los sem demora antes que se metam em

complicações bem mais graves. Você não acha, Franky?

— Amém — disse o policial.

— Daqui a um mês conversarão de novo comigo — disse o juiz. — Vamos ver então se a memória de algum de vocês melhorou. Por que está com os olhos tão vermelhos?

— Estou com uma sensação estranha neles — disse Jack, e o policial pareceu dar um latido. Mas fora apenas uma risada, Jack percebeu um segundo depois.

— Leve-os embora, Franky — disse o juiz. Ele já estava pegando o telefone. — Serão moços bem diferentes daqui a trinta dias. Podem apostar.

Enquanto desciam os degraus do prédio de tijolo vermelho da prefeitura, Jack perguntou a Franky Williams por que o juiz tinha perguntado a idade deles. O policial parou no último degrau e virou-se para Jack com o rosto vermelho-chama:

— O velho Sunlight costuma pegá-los aos 12 anos e soltá-los aos 19. — Ele sorriu. — Está me dizendo que nunca o ouviu no rádio? Ele é a coisa mais famosa que temos por estas bandas. Tenho absoluta certeza de que já ouviram falar do velho Sunlight Gardener até em Daleville.

Seus dentes pareciam pequenos espetos descorados, com espaços irregulares entre eles.

3

VINTE MINUTOS DEPOIS, estavam de novo no campo.

Lobo subira no assento de trás do carro de uma maneira surpreendentemente civilizada. Franky Williams tirara o cassetete do

cinturão e dissera:

— Quer experimentar isto de novo, seu merda? Quem sabe a porrada não vai lhe deixar mais esperto?

Lobo estremeceu, contraíra o nariz, mas acabou entrando docilmente no carro. Imediatamente tapou o nariz com a mão e passou a respirar pela boca.

— Vamos arranjar um meio de sair dessa, Lobo — Jack sussurrou em sua orelha. — Um ou dois dias e vamos ver como faremos isso.

— Bico calado! — veio do banco da frente.

Jack sentia-se estranhamente relaxado. Tinha certeza de que iam encontrar um meio de escapar. Recostou-se no plástico do assento, a mão de Lobo agarrando a sua. Pela janela, os campos corriam.

— Lá está ele — Franky Williams gritou do banco da frente. — O futuro lar de vocês.

Jack viu um amontoado de muros de tijolo, surrealisticamente plantados entre os campos. Eram altos demais para alguém olhar por cima deles, tinham cacos de vidro e três fileiras de arame farpado. Cercavam toda a Casa Sunlight. O carro atravessava agora campos ressecados, com cercas onde o arame comum e o arame farpado se alternavam.

— Sessenta acres a partir daqui — disse Williams. — E tudo murado ou muito bem cercado. Podem acreditar. Foram os garotos que fizeram.

Um grande portão de ferro interrompia o muro na altura em que o carro se aproximou da propriedade. E assim que o carro começou a subir uma rampa de acesso, o portão se abriu sozinho, acionado por algum sinal eletrônico.

— Câmera de tevê — o policial explicou. — Já estavam à espera dos dois novos peixinhos.

Jack esticou a cabeça e olhou pela janela. Rapazes vestindo jaquetas de brim trabalhavam em campos muito extensos: moviam

carrinhos de mão, agitavam enxadas e ancinhos.

— Vocês, seus dois merdinhas, me fizeram ganhar 20 dólares — disse Williams. — Mais outros 20 para o juiz Fairchild. Não é ótimo?

Capítulo Vinte e Um

A Casa Sunlight

1

A CASA PARECIA FEITA de cubos de brinquedo de criança, Jack pensou. Fora desordenadamente ampliada à medida que houve necessidade de mais espaço. Ele observou que inúmeras janelas tinham grades e a construção esparramada imediatamente lhe pareceu penal, e não infantil.

Quase todos os garotos que trabalhavam nos campos tinham pousado as ferramentas para contemplar a passagem do carro de polícia.

Franky Williams estacionou na extremidade ampla e arredondada da estrada. Assim que desligou o motor, um vulto alto cruzou a porta da frente e ficou parado no topo dos degraus, as mãos entrelaçadas diante do corpo. Sob cabelos fartos e longos, ondulados e brancos, o rosto parecia absurdamente jovem — como se aqueles traços fortes, nitidamente masculinos, tivessem sido criados, ou pelo menos aperfeiçoados, pelas mãos de algum cirurgião plástico. Era o rosto de um homem capaz de convencer qualquer um de qualquer coisa, em qualquer lugar. As roupas eram brancas como o cabelo: terno branco, sapatos brancos, camisa branca e um cachecol de seda branca jogado em volta do pescoço. Quando Jack e Lobo saltaram do banco traseiro do carro, o homem de branco tirou um par de esverdeados óculos escuros do bolso do paletó, colocou-os no rosto e examinou os dois rapazes. Depois sorriu; longas rugas marcaram-lhe a face. Tirou os óculos escuros e tornou a colocá-los no bolso.

— Bem — disse ele. — Bem, bem, bem. O que faríamos sem o senhor, sargento Williams?

— Boa tarde, reverendo Gardener — respondeu o policial.

— É a mesma coisa de sempre ou esses dois garotos estão realmente envolvidos em atividade criminosa?

— São vadios — disse o tira. Com as mãos na cintura, apertou os olhos, como se toda a brancura de Gardener lhe ferisse a vista. — Recusaram-se a dar a Fairchild os nomes verdadeiros. Este aqui, o grandalhão — disse ele, apontando um polegar para Lobo —, não falou absolutamente nada. E tive de lhe acertar a cabeça para ele entrar no carro.

Gardener balançou dramaticamente o rosto.

— Por que não os traz aqui para dentro para que possam se apresentar? Depois cuidaremos das formalidades legais. Há algum

motivo para os dois estarem parecendo tão, hã, como dizer, “atordoados”?

— Bem, acertei o grandalhão atrás das orelhas.

— Hummmmm...

Gardener recuou um passo, mexendo os dedos na frente do peito.

Quando Williams cutucou os rapazes pelos degraus até a comprida varanda, Gardener inclinou a cabeça e contemplou os recém-chegados. Jack e Lobo atingiram o último degrau e foram com hesitação para a superfície da varanda. Franky Williams limpou o suor da testa e postou-se ao lado deles. Gardener sorria vagamente, mas seus olhos se agitavam de um lado para o outro entre os garotos. Um segundo após alguma coisa dura, fria e familiar saltar daqueles olhos para Jack, o reverendo tirou novamente os óculos escuros do bolso e colocou-os no nariz. O sorriso se manteve vago e delicado, mas, apesar de continuar envolvido por uma estranha sensação de falsa segurança, Jack ficou paralisado por aquele olhar — porque já o tinha visto antes.

O reverendo Gardener puxou um pouco os óculos pela ponta do nariz e espreitou jocosamente por cima das lentes.

— Nomes? Nomes? Posso saber os nomes dos dois cavalheiros?

— Eu sou Jack — disse o garoto, e depois parou. Só pretendia dizer o que fosse estritamente necessário. Por um instante, a realidade pareceu se distorcer e rodopiar à sua volta: era como se tivesse voltado outra vez aos Territórios; só que agora os Territórios eram maus e ameaçadores, grandes labaredas, uma fumaça negra, gritos de corpos torturados enchiam o ar.

Uma poderosa mão segurou-o pelo cotovelo e o manteve de pé. Em vez da fumaça e das chamas, Jack farejou um forte aroma de água-de-colônia. Um par de olhos cinzentos e melancólicos estava olhando diretamente nos seus.

— E você tem sido um mau menino, Jack? Tem sido um menino muito mau?

— Não, estávamos apenas pedindo carona e...

— Acho que está um tanto doidão — disse o reverendo Gardener. — Vamos ter de lhe dispensar uma atenção especial, não é mesmo?

A mão soltou-lhe o cotovelo; Gardener se distanciou um pouco e empurrou os óculos para cima do nariz.

— Imagino que tenha um sobrenome, certo?

— Parker — disse Jack.

— Simmm.

Gardener tirou novamente os óculos, executou uma meia-volta um tanto gingada, e começou a inspecionar Lobo. Não deu qualquer indicação de ter ou não acreditado em Jack.

— Meu Deus — disse ele. — É um espécime bastante saudável, não é? Bastante robusto. Com a ajuda de Deus, não será difícil encontrar uma atividade para um rapaz tão grande e tão forte quanto você. E será que se importaria em seguir os passos de seu amigo, o sr. Jack Parker, e me dizer como se chama?

Jack olhou apreensivo para Lobo. A cabeça de Lobo estava curvada, a respiração pesada. Um filete brilhante de saliva corria do canto da sua boca até o queixo. Uma nódoa de gordura e sujeira manchava-lhe a frente do moletom do Departamento de Atletismo. Lobo balançou a cabeça, mas o gesto pareceu desprovido de conteúdo — foi como se tivesse afugentado uma mosca.

— Nome, filho? Nome? Nome? Você se chama Bill? Paul? Art? Sammy? Não. É um nome extremamente mais comum, aposto. Talvez George?

— Lobo — disse Lobo.

— Ah, isso é *ótimo*.

Gardener lançou olhares aos dois.

— Sr. Parker e sr. Lobo. Não quer fazê-los entrar, sargento Williams? É uma sorte que o sr. Bast já tenha chegado. A presença

do sr. Hector Bast, um dos nossos monitores, significa que teremos meios de prover o Lobo com trajes mais adequados.

Gardener espreitou os dois rapazes por cima dos aros dos óculos de sol.

— Uma das crenças que cultivamos em nosso lar evangélico é que os soldados do Senhor marcham melhor quando estão uniformizados. E Heck Bast é quase do tamanho de nosso amigo Lobo, jovem Jack Parker. Do ponto de vista da indumentária e da disciplina, os dois ficarão muito bem servidos. Uma sorte, não?

— Jack — disse Lobo em voz baixa.

— Sim.

— Minha cabeça está doendo, Jack. Dói muito.

— Sua cabecinha o incomoda, sr. Lobo?

O reverendo Sunlight Gardener deu um passo de dança em direção a Lobo e bateu-lhe gentilmente no braço. Lobo se esquivou bruscamente, um ar de profunda repugnância cobrindo-lhe o rosto. Era a água-de-colônia, Jack sabia. Aquele aroma que impregnava o ar cheiraria a amônia nas sensíveis narinas de Lobo.

— Tudo bem, meu filho — disse Gardener, aparentemente não se deixando ofender pelo brusco encontrão de Lobo. — O sr. Bast ou o sr. Singer, nosso outro monitor, cuidarão disso lá dentro. Frank, achei que já tinha lhe pedido para levá-los para dentro.

O sargento Williams reagiu como se tivesse sido espetado nas costas com um alfinete. Com o rosto febril, sacudiu o corpo esquisito até a porta da frente.

Sunlight Gardener piscou de novo para Jack, e o rapaz viu que toda aquela animação vaidosa era só uma espécie de estéril tentativa de gratificação íntima: por dentro, o homem de branco era frio e louco. Um pesado cordão de ouro lhe escorregou pela manga do paletó e veio pousar num dos polegares. Jack ouviu o estalar de um chicote cortando o ar e, então, reconheceu os sombrios olhos cinzentos de Gardener.

Gardener era o Duplo de Osmond.

— Podem entrar, rapazes — disse Gardener, inclinando um pouco a cabeça e indicando a porta aberta.

2

— ESTOU CURIOSO, sr. Parker... — disse Gardener assim que entraram na casa. — É possível que já nos tenhamos encontrado em algum lugar? Por algum motivo, sua expressão está me parecendo muito familiar.

— Não sei — disse Jack, observando atentamente o estranho interior da Casa Evangélica.

Encostados na parede, viam-se sofás compridos forrados de tecido azul-escuro. Havia um tapete muito verde. Duas pesadas escrivaninhas com tampo de couro tinham sido dispostas contra a parede em frente. Numa das escrivaninhas, um adolescente com o rosto cheio de espinhas olhou-os apaticamente, voltando-se logo em seguida para o vídeo à sua frente, onde um pregador de TV lançava as mais terríveis afrontas contra o rock and roll. O adolescente da mesa ao lado, porém, endireitou o corpo e fixou em Jack um olhar agressivo. Era magricela, de cabelos pretos; a cara estreita parecia mesquinha e geniosa. No bolso da suéter branca de gola alta havia uma plaqueta retangular como as usadas pelos militares: SINGER.

— Mas acho que já tivemos oportunidade de nos encontrar em outro lugar, não acha, meu rapaz? Garanto que devemos ter nos encontrado. Eu nunca esqueço, sou literalmente incapaz de esquecer o rosto de um garoto que vejo. Já estive metido em outras complicações antes, Jack?

— Nunca o vi antes — disse Jack.

Do outro lado da sala, um garoto robusto se levantara de um dos sofás azuis quase em posição de sentido. Também usava uma suéter branca de gola alta e uma plaqueta militar. Suas mãos oscilavam nervosamente para o cinto, para os bolsos da calça, para os lados do corpo. Tinha pelo menos 1,90 metro de altura e parecia pesar quase 150 quilos. As faces e a testa estavam cobertas de acne. Aquele, sem dúvida, seria Bast.

— Bem, talvez eu me lembre mais tarde — disse Sunlight Gardener. — Heck, venha até aqui e ajude nossos recém-chegados a se instalar, por favor.

Com a cara fechada, Bast deu alguns passos à frente. Fez questão de chegar bem perto de Lobo antes de desviar e passar pelo lado, franzindo ainda mais o rosto. Se Lobo tivesse aberto os olhos, coisa que não fez, veria apenas a paisagem árida da testa de Bast, os olhos pequenos, mesquinhos, como olhos de urso, saltando debaixo de sobrancelhas grossas.

— Vamos lá — murmurou Bast concentrando o olhar em Jack e indicando a escrivaninha.

— Façam o registro, depois levem-nos para a lavanderia para pegar roupas — disse Gardener num tom seco. Sorriu para Jack com um brilho de cromo. — Jack Parker — murmurou suavemente. — Eu me pergunto quem realmente é você, Jack Parker. Bast, certifique-se de que ele não fique com nada nos bolsos.

Bast sorriu.

Sunlight Gardener cruzou a sala em direção a um impaciente Franky Williams e puxou languidamente uma comprida carteira de couro do bolso do paletó. Jack observou-o contar e passar algumas notas para as mãos do policial.

— Preste atenção, malandro — disse o garoto atrás da escrivaninha e Jack virou-se bruscamente para encará-lo. O rapaz brincava com um lápis, o rosto se contorcendo num sorrisinho incapaz de disfarçar a raiva que, na opinião de Jack, lhe seria

característica, uma raiva que borbulharia sem cessar dentro dele. — Ele sabe escrever?

— Acho que não.

— Então você terá que assinar no lugar dele.

Singer lhe estendeu duas folhas de papel.

— Escreva com letra de fôrma em cima e assine na linha de baixo. Nos lugares marcados com xis.

Singer se recostou na cadeira, levou o lápis à boca e se reclinou de forma eloquente na nela. Talvez tivesse aprendido aquele truque com o reverendo Sunlight Gardener.

JACK PARKER, Jack escreveu com letra de fôrma, e rabiscou alguma coisa parecida embaixo da folha.

PHILIP JACK LOBO. Outra letra de fôrma e outro rabisco, tudo bem diferente de sua verdadeira caligrafia.

— Agora estão sob a tutela do Estado de Indiana, e assim ficarão pelos próximos trinta dias, a não ser que decidam permanecer por mais tempo. — Singer tirou as folhas de papel das mãos de Jack. — Agora vou...

— Decidam? — Jack perguntou. — O que está querendo dizer com decidir?

Um tom avermelhado assomou ligeiramente às bochechas de Singer. Ele inclinou a cabeça para o lado e pareceu sorrir.

— Acho que ainda não sabe que mais de 60% de nossos rapazes estão aqui voluntariamente. Isto é possível, sim. Vocês podem decidir muito bem permanecer aqui.

Jack procurou não revelar suas emoções.

A boca de Singer se contorceu violentamente, como se tivesse sido repuxada por um anzol.

— Aqui é um lugar muito bom e se algum dia o ouvir praguejando contra ele pode ter certeza de que vai pagar bem caro. É o melhor lugar em que já esteve, pode ter certeza disso. E vou dizer outra coisa: você não tem escolha. A Casa Sunlight deve ser objeto de todo o respeito. Está claro?

Jack assentiu com a cabeça.

— E o grandalhão? Ele entendeu? Jack virou-se para Lobo, que pestanejava lentamente e respirava pela boca.

— Acho que sim.

— Ótimo, então. Vão dormir no mesmo beliche. Nosso dia começa às cinco da manhã, quando temos o culto na capela. Depois há trabalho no campo até as sete e em seguida o café-da-manhã no refeitório. Aí vocês voltam para o campo até o meio-dia, quando temos o almoço e as leituras da Bíblia. Todos participam ativamente dessas leituras, portanto é melhor começar a pensar desde já sobre o trecho que vai ler. Nada daquela coisa sexy do Cântico dos Cânticos, a não ser que queira testar a eficiência de nossa disciplina. Depois do almoço, volta-se ao trabalho.

Ele lançou a Jack um olhar afiado.

— Ei, não pense que vai trabalhar de graça na Casa Sunlight. Parte de nosso acordo com o Estado exige que todos obtenham uma justa remuneração pelo trabalho, remuneração, é claro, da qual são deduzidas as despesas de sua manutenção aqui: roupas e alimento, eletricidade, aquecimento, coisas desse gênero. Você recebe 50 centavos por hora. Isto significa que ganha cinco dólares pela jornada diária de trabalho, 30 dólares por semana. Os domingos são passados na Capela Sunlight, exceto quando transmitimos a *Hora Evangélica de Sunlight Gardener*.

O vermelho voltou a se suavizar na superfície de seu rosto, e Jack, como não tinha alternativa, balançou servilmente a cabeça.

— Se andar na linha, se souber falar como um ser humano, o que, aliás, a maioria das pessoas não sabe, pode até se integrar a um ce, ou seja, pode ser membro do Corpo do Exterior. Temos dois esquadrões de ces: um que trabalha nas ruas em geral, vendendo flores, hinos e outros impressos do reverendo Gardener; outro que se concentra no aeroporto. De qualquer modo, temos trinta dias para despejar as montanhas de lixo que entopem a mente de vocês e fazê-los ver a sujeira, a doentia insalubridade que envolviam suas

miseráveis vidas antes de chegarem aqui. E é aqui que começamos, agora mesmo.

Singer ficou de pé, o rosto da cor de uma folha queimada de outono, e pousou delicadamente as pontas dos dedos no couro da escrivaninha.

— Esvaziem os bolsos. Agora mesmo.

— Aqui e agora — Lobo murmurou num ato reflexo.

— VIREM-NOS PELO AVESSO! — Singer gritou. — QUERO VER TUDO O QUE HÁ DENTRO DELES!

Bast aproximou-se de Lobo. Tendo levado Franky Williams até o carro, o reverendo Gardener tornara a entrar na sala e concentrava toda a sua atenção em Jack.

— Aprendemos, por experiência própria, que posses pessoais tendem a ligar excessivamente nossos garotos ao passado — Gardener falou num tom rouquenho. — Tornam-se coisas destrutivas. Isso é uma utilíssima ferramenta.

— ESVAZIEM OS BOLSOS! — Singer latiu, como se fosse explodir de cólera.

Jack foi tirando dos bolsos os detritos aleatórios de sua jornada. O lenço vermelho que a mulher de Elbert Palamoutain lhe dera quando o viu limpar o nariz na manga da camisa, duas caixas de fósforos, os poucos dólares e centavos que possuía, num total de seis dólares e 42 centavos, a chave do quarto 407 da Pousada dos Jardins do Alhambra. Fechou os dedos sobre três objetos dos quais não queria se separar.

— Acho que vão querer também minha mochila — disse.

— É claro, seu deplorável nitrato de pó de peido — Singer rosnou —, é claro que vamos querer esta mochila imunda. Mas, primeiro, queremos ver o que está guardando aí na mão. Tire já do bolso. Agora.

Com relutância, Jack tirou do bolso a palheta de violão que Speedy lhe dera, a bola de gude que fora um espelho deformante

no mercado dos Territórios e o grande dólar de prata. Colocou tudo no meio do lenço.

— São apenas talismãs para dar boa sorte.

Singer arrebanhou a palheta.

— O que é isto? O que é esta coisa?

— Uma palheta de violão.

— Ah, claro.

Singer girou-a nos dedos, cheirou-a. Se resolvesse mordê-la, Jack seria capaz de lhe dar um soco.

— Palheta de violão. Está me dizendo a verdade?

— Ganhei de um amigo meu — disse Jack e, de repente, sentiu-se mais solitário e indefeso que nunca durante essas semanas de viagem. Pensou no Bola de Neve na porta do shopping, que o olhara com os olhos de Speedy, e que, de uma forma que Jack não era capaz de compreender inteiramente, não deixava de ser o próprio Speedy Parker. Cujo sobrenome, aliás, acabara de adotar como seu.

— Aposto que a roubou — disse Singer, não se dirigindo a ninguém em particular, e deixando a palheta cair ao lado da moeda e da bola de gude. — Agora, a mochila.

Jack tirou a mochila das costas e pousou-a na escrivaninha. Singer vasculhou-a por alguns minutos com uma crescente expressão de mal-estar e frustração. O mal-estar devia-se à péssima aparência das poucas roupas que Jack ainda trazia consigo; a frustração, à relutância da mochila em revelar qualquer tipo de droga.

Speedy, onde está você agora?

—Não há nada — Singer lamentou. — Quer uma busca minuciosa pelo corpo dele?

Gardener balançou negativamente a cabeça.

—Vamos ver que o que podemos descobrir com o Sr. Lobo.

Bast se postou bem rente ao corpanzil de Lobo.

— E então? — disse Singer.

— Ele não tem nada nos bolsos — disse Jack.

— Quero ver esses bolsos VAZIOS! VAZIOS! — Singer gritou. —

TUDO EM CIMA DA MESA!

Lobo encostou o queixo no pescoço e fechou bem os olhos.

— Você não tem nada nos bolsos, tem? — Jack perguntou.

Muito devagar, Lobo balançou afirmativamente a cabeça.—Ele está escondendo o jogo! O retardado está escondendo o jogo! — Singer parecia exultante. — Vamos lá, seu animal, despeje a coisa na mesa. — Bateu palmas duas vezes. — Oh, Williams não o revistou! Fairchild muito menos! Isto é incrível. Vão fazer papel de idiotas.

Bast empinou o rosto para Lobo e rosnou:

— Se não esvaziar agora mesmo os bolsos nesta mesa, vou lhe dar um murro que nunca vai esquecer.

— Faça o que ele está mandando, Lobo — disse Jack em voz baixa.

Lobo gemeu. Então tirou do bolso do macacão sua mão em forma de bola. Esticou-se sobre a escrivaninha, estendeu a mão e abriu os dedos. Três palitos de fósforos e duas pedrinhas granuladas, raiadas e coloridas, caíram sobre o tampo de couro. E quando a outra mão também se abriu, mais duas bonitas pedrinhas rolaram ao lado das outras.

— Bolinhas! — Singer gritou arreganhando os dentes.

— Não seja idiota, Sonny — disse Gardener.

— Por sua causa, me senti uma mula — disse Singer a Jack num tom baixo, mas veemente, assim que começaram a subir as escadas para os andares de cima. Os degraus eram cobertos por um desbotado tapete com estamparia de flores. Só os principais aposentos tinham sido decorados, disfarçados. O resto da Casa Evangélica Sunlight parecia arruinado por anos de negligência. — Vai se arrepender do que fez, pode ter certeza! Neste lugar, *ninguém* faz Sonny Singer de bobo. Eu praticamente dirijo isto aqui,

seus idiotas. Meu Deus! — Ele aproximou ainda mais de Jack o rosto vermelho e crispado. — Que grande palhaçada lá embaixo, o beócio e a porra das pedrinhas coloridas! Vou ficar com você atravessado na garganta por muito tempo.

— Eu não sabia que ele tinha alguma coisa no bolso.

Andando um passo à frente dos dois, Singer parou bruscamente. Os olhos se apertaram; todo o rosto pareceu se contrair. Jack entendeu o que ia acontecer um segundo antes de a mão de Singer aferroá-lo com um tapa na cara.

— Jack? — Lobo murmurou.

— Estou bem — disse ele.

— O que você me fizer, eu lhe faço em dobro e duas vezes pior — disse Singer. — E o que me fizer na frente do reverendo Gardener, pode ter certeza de que vai receber o troco multiplicado por quatro, fui claro?

— Foi — disse Jack. — Acho que foi. Vamos ganhar alguma roupa?

Singer rodopiou e continuou a subir a escada. Por um instante, Jack continuou imóvel, contemplando as costas tensas do outro avançarem pela galeria. *Você também*, ele disse para si mesmo. *Você e Osmond. Um dia*. Então foi atrás dele, com Lobo logo atrás.

Singer parou diante de uma sala comprida, cheia de pilhas de caixas. Com impaciência, esperou que um garoto alto, com um rosto pálido inexpressivo e uma atitude de sonâmbulo, revirasse as prateleiras em busca de mudas de roupa para os recém-chegados.

— Sapatos também. Arrume sapatos do uniforme, ou terá de trabalhar um dia inteiro com a picareta — disse Singer no umbral da porta, ignorando ostensivamente o funcionário. Um desprezo cansado parecia ser uma das primeiras lições da Casa Sunlight.

Finalmente, no canto do depósito, o rapaz conseguiu localizar um par de sapatos pretos tamanho 45 e Jack calçou-os em Lobo. Depois Singer os conduziu por outro lance de degraus até o andar dos dormitórios. Ali já não havia qualquer tentativa, por menor que

fosse, de disfarçar a verdadeira natureza da Casa Sunlight. Um estreito corredor se alongava por aquele último andar. Devia ter mais de 15 metros de comprimento. Diversas portas estreitas com pequenas portinholas por onde era possível espreitar o interior enfileiravam-se de ambos os lados. Para Jack, o suposto andar-dormitório não passava de uma prisão.

Singer avançou mais alguns metros pelo estreito corredor e parou diante de uma das portas.

— No primeiro dia ninguém trabalha. Começarão a seguir o programa amanhã. Agora, entrem aí e deem uma olhada nas Bíblias ou façam alguma coisa até as cinco. Voltarei para deixá-los sair a tempo da confissão. E vistam as roupas da Casa Sunlight, não esqueçam.

— Pretende nos deixar três horas trancados aqui? — Jack perguntou.

— Quer que eu fique segurando a sua mão? — Singer explodiu, o rosto ficando de novo vermelho. — Olhe, se fossem voluntários, poderia deixá-los andar por aí, dar uma olhada no lugar. Mas como, a pedido da polícia local, foram postos judicialmente sob nossa custódia, estão quase na mesma situação de réus sentenciados. Talvez, se tiverem sorte, em trinta dias se tornem voluntários. Agora, entrem no quarto e comecem a agir como seres humanos feitos à imagem de Deus, não de um animal.

Impaciente, ele pôs a chave na fechadura, escancarou a porta e ficou de lado para os dois passarem.

— Entrem aí. Tenho muito o que fazer.

— O que vai acontecer às nossas coisas?

Singer suspirou teatralmente.

— Você acha, seu nojento, que estamos interessados em roubar as suas coisas?

Jack achou melhor não responder.

Singer suspirou outra vez.

— Ok. Guardamos tudo numa pasta com o nome dos dois. Fica tudo bem protegido lá embaixo, na sala do reverendo Gardener, até mesmo o dinheiro, que receberão de volta quando forem libertados. Está bem? Agora, entrem aí ou vou ter de acusá-los de desobediência. Estou falando sério.

Lobo e Jack entraram no pequeno quarto. Quando Singer bateu a porta, a luz do teto se acendeu automaticamente, revelando um cubículo sem janelas com um beliche de metal, uma pequena pia num canto e uma cadeira também de metal. Nada mais. Na tinta branca das paredes, marcas amareladas de fita adesiva mostravam onde os antigos habitantes do quarto tinham posto gravuras. A porta foi trancada. Jack e Lobo viraram-se para ver o rosto de Singer na pequena portinhola retangular.

— Agora, sejam bonzinhos — disse ele sorrindo, e foi embora.

— Não, Jacky — disse Lobo. O teto não ficava a mais de 2 ou 3 centímetros de sua cabeça. — Lobo não pode ficar aqui.

— É melhor você se sentar — disse Jack. — Prefere a cama de cima ou a de baixo?

— Hã?

— Fique com a de baixo e sente-se. Estamos numa enrascada.

— Lobo sabe, Jacky. Lobo sabe. Este é um lugar ruim, muito ruim. Não posso ficar.

— Por que é um lugar ruim? Isto é, como sabe disso?

Lobo sentou-se pesadamente na cama de baixo, jogou suas novas roupas no chão e pegou casualmente o livro e os dois impressos que encontrou. O livro era a Bíblia, com uma encadernação de plástico imitando seda azul; os impressos, Jack conseguiu ler olhando da cama de cima, intitulavam-se *O verdadeiro caminho para a graça eterna* e *Deus ama você!*

— Lobo sabe. Você também sabe, Jacky.

Fazendo uma careta, Lobo olhou para cima. Depois passou os olhos pelos livros que tinha nas mãos, começando a torcê-los,

quase a rasgá-los. Eram, Jack supunha, os primeiros livros que ele tinha visto.

— O homem de branco — disse Lobo tão baixo que Jack mal pôde ouvir.

— O homem de branco?

Lobo suspendeu um dos impressos. Na contracapa havia uma enorme fotografia em preto e branco de Sunlight Gardener, o bonito cabelo esvoaçando na brisa, os braços estendidos — um homem que conquistou a graça eterna, filho dileto de Deus.

— Ele — disse Lobo. — Ele mata, Jacky. Com chicotes. Este é um dos lugares *dele*. Nenhum Lobo pode ficar num dos lugares *dele*. Nenhum Jack Sawyer também. Jamais. Temos de sair daqui, Jacky.

— Vamos sair — disse Jack. — Eu lhe prometo. Nem hoje, nem amanhã, porque primeiro temos de bolar um plano. Mas em breve.

Os pés de Lobo ultrapassavam em muito a beira da cama.

— Em breve.

3

EM BREVE, Jack prometera, e Lobo precisava de uma promessa. Estava aterrorizado. Jack não sabia se Lobo já tinha visto Osmond nos Territórios, mas certamente já tinha ouvido falar dele. A reputação de Osmond nos Territórios, pelo menos entre os membros da família lobina, parecia ser ainda pior do que a de Morgan. Mas, embora tanto Lobo quanto Jack tivessem reconhecido Osmond em Sunlight Gardener, Gardener não os reconhecera, o que levantava duas possibilidades. Ou Gardener estava apenas brincando com

eles, fingindo-se de ignorante, ou era um Duplo como a mãe de Jack, profundamente vinculado a uma pessoa dos Territórios, mas inconsciente do vínculo exceto, talvez, nos níveis mais profundos da mente.

E, se isto fosse verdade, como Jack acreditava, então poderiam esperar com mais tranquilidade pelo momento adequado de escapar. Teriam tempo de observar, avaliar a situação.

Jack vestiu as novas roupas malfeitas. Os sapatos pretos pareciam pesar toneladas e serem iguais tanto no pé direito quanto no esquerdo. Com dificuldade, conseguiu persuadir Lobo a vestir o uniforme. Então os dois se deitaram. Jack ouviu o amigo começar a roncar e, após algum tempo, também adormeceu. Em seus sonhos, a mãe estava num lugar escuro, pedindo que ele a ajudasse, que a ajudasse.

Capítulo Vinte e Dois

O Sermão

1

ÀS CINCO DA tarde, uma campainha elétrica soou no corredor, um longo ruído metálico. Lobo pulou da cama, batendo com a cabeça na moldura do beliche com força suficiente para acordar Jack, que ainda estava cochilando, com um solavanco.

Cerca de 15 segundos depois, a campainha parou de guinchar; Lobo ficou de pé e, segurando a cabeça com as mãos,

cambaleou para o canto do quarto.

— *É um lugar mau, Jack!* — ele gritou. — *Aqui e agora, é um mau lugar! Temos de sair daqui! Temos de sair daqui* AQUI E AGORA!

Houve batidas na parede.

— Faça este imbecil calar a boca!

Do outro lado veio um riso estridente, um relincho de cavalo.

— Vão receber um pouco de luz nessas almas agora, garotos! E, pelo jeito desse vozeirão aí do lado, estão bem necessitados disso! O riso cacarejante, relinchante, muito parecido com um grito de horror, fez-se ouvir outra vez.

— *Muito mau, Jack! Lobo! Jason! Mau! Mau, mau...*

As portas foram se abrindo de cima a baixo do corredor. Jack pôde ouvir o rastejar de muitos pés calçando os pesados sapatos da Casa Sunlight.

Obrigando seu corpo a se mexer, deu um pulo da cama. Sentiu-se confuso com a realidade — nem totalmente acordado, nem adormecido. Atravessar o quartinho sórdido até junto de Lobo foi como cruzar uma atmosfera de Karo em vez de ar.

Agora se sentia cansado... muito cansado.

— Lobo — disse. — Lobo, pare com isso.

— Não posso, Jacky! — Lobo soluçou. Seus braços ainda seguravam a cabeça, como se quisessem impedir que ela explodisse.

— Tem que parar, Lobo. Agora temos de ir para o corredor.

— Eu não posso, Jacky — Lobo tornou a soluçar. — É um lugar ruim, tem maus cheiros....

Do corredor, alguém (Jack achou que fosse Heck Bast) gritou:

— Saiam para a confissão!

— Saiam para a confissão! — gritou uma segunda voz, e todos passaram a cantar em coro: *Saiam para a confissão! Saiam para a confissão!* Era como uma estranha torcida de futebol.

— Se quisermos sair inteiros daqui, temos de ficar de cabeça fria.

— Não posso, Jacky, não posso ficar de cabeça fria, é ruim...

A porta do quarto seria aberta num minuto e lá estariam Bast ou Sonny Singer... talvez os dois. Eles ainda não teriam “saído para a confissão”, não importa o que isso significasse, e mesmo que os recém-chegados à Casa Sunlight pudessem cometer alguns deslizes durante o período de orientação, Jack achava que as chances de escapar seriam bem maiores se eles fingissem se integrar completamente o mais rápido possível. Com Lobo, isso não ia ser fácil. *Meu Deus, lamento muito ter metido você nesta encrenca, grandalhão*, Jack pensou. *Mas a situação é o que é. E se não conseguirmos dominá-la, ela vai nos derrubar. Então, se eu for duro com você, será para o seu próprio bem.* E, angustiado, acrescentou para si mesmo: *Assim espero.*

— Lobo — ele sussurrou —, quer que Singer me bata de novo?

— Não, Jack, não...

— Então, é melhor sair agora comigo — disse Jack. — Não esqueça que a forma como Singer e Bast vão me tratar dependerá muito do que você fizer. Singer me deu um tapa por causa das pedras que você tinha.

— E alguém pode dar um tapa *nele* — disse Lobo. A voz era baixa, suave, mas os olhos tinham se apertado e adquirido um tom alaranjado. Por um instante, Jack viu um brilho de dentes brancos entre os lábios de Lobo... não como se Lobo estivesse sorrindo, mas como se os dentes tivessem crescido.

— Nem pense nisso — disse Jack severamente. — Só vai piorar as coisas.

Lobo tirou os braços da cabeça.

— Jack, eu não sei...

— Pode tentar? — Jack perguntou, virando-se para a porta com outro olhar de alarme.

— Vou tentar — Lobo murmurou num tom vacilante. Lágrimas cintilaram em seus olhos.

O CORREDOR DEVIA ESTAR banhado pela luz da tarde, mas não estava. Era como se alguma espécie de filtro vedasse as janelas das extremidades do corredor para que os rapazes só pudessem ver o lado de fora, onde a *verdadeira* luz estava, mas a luz em si não pudesse entrar . O sol lá de fora parecia morrer nos estreitos peitoris das altas janelas vitorianas.

Havia quarenta garotos em pé na frente de vinte portas, dez de cada lado. Jack e Lobo foram os últimos a aparecer, mas a demora passou despercebida. Singer, Bast e dois outros rapazes tinham encontrado alguém para atormentar e não tiveram tempo de verificar a pontualidade.

A vítima era um garoto de uns 15 anos, magro e de óculos. Estava de pé, numa deplorável imitação de posição de sentido, com a calça cáqui caída em volta dos sapatos pretos. Não usava cueca.

— Já parou? — Singer perguntou.

— Eu...

— *Cale a boca!* — gritou um dos outros rapazes que acompanhavam Singer e Bast. Os quatro usavam jeans azuis em vez de calças cáqui, e suéteres brancas de gola alta. Jack logo ficou sabendo que o sujeito que acabara de gritar chamava-se Warwick. O quarto era gordo e se chamava Casey.

— Fique de boca fechada até nós mandarmos você falar! — Warwick gritou de novo. — Ainda anda batendo punheta, Morton?

Morton estremeceu e não disse nada.

— RESPONDA AO QUE ELE PERGUNTOU! — Casey guinchou. Era um garoto atarracado, que lembrava um pouco um maligno Tweedledum.

— Não — Morton sussurrou.

— O QUÊ? FALE MAIS ALTO! — Singer gritou.

— Não — Morton gemeu.

— Se ficar uma semana sem fazer isso, vamos lhe devolver suas cuecas — disse Singer com o ar de quem concedia um grande favor a um ser desprezível. — Agora, vista a calça, menino nojento! Fungando, Morton se curvou e puxou a calça. Os garotos seguiram em frente para a confissão e o jantar.

3

A CONFISSÃO TRANSCORREU NUMA grande sala de paredes nuas do outro lado do refeitório. Cheiros estonteantes de feijão e salsichas impregnavam o ar, e Jack pôde ver as narinas de Lobo se agitando ritmadamente. Pela primeira vez naquele dia a expressão de absoluta apatia deixou os olhos dele e ele começou a mostrar algum interesse.

Jack estava mais desconfiado da “confissão” do que deixava transparecer. Deitado com a cabeça apoiada nas mãos na cama de cima do beliche, vira uma coisa preta num dos cantos do teto. Por um momento, achou que fosse alguma espécie de besouro morto ou uma carcaça. Achou que se chegasse mais perto talvez conseguisse ver a teia de aranha que aprisionara o inseto. Mas não era nada de tipo orgânico. Era um pequeno e antiquado microfone aparafusado na parede com uma trave. Um fio saía detrás dele e atravessava um buraco no reboco. Não tinham se preocupado sequer em ocultá-lo. É parte dos serviço, rapazes. Sunlight Gardener Ouve Melhor.

Depois de ter visto o microfone, depois da cena ruim com Morton no corredor, ele esperava que a confissão fosse uma cerimônia desagradável, talvez assustadora. Alguém, possivelmente o próprio Sunlight Gardener, mais provavelmente Sonny Singer ou

Hector Bast, tentaria fazê-lo admitir que usara drogas durante a viagem, que arrombara casas no meio da noite para roubar, que cuspira em todas as calçadas por onde passara e se masturbara ao término de cada dia de jornada. Pouco importa que não tivesse feito nada disso; ficariam atrás dele até fazê-lo admitir. Tentariam dobrá-lo. Jack acreditava que poderia suportar um tratamento desse tipo, mas não tinha certeza se Lobo ia conseguir.

O mais perturbador, no entanto, era a avidez com que os garotos da Casa pareciam aguardar a confissão.

O quadro de funcionários (os rapazes com as suéteres brancas de gola alta) sentou-se na frente da sala. Jack olhou ao redor e viu os outros fitando a porta aberta com uma espécie de estúpida expectativa. Achou que o motivo de toda aquela ansiedade só podia ser o jantar: o cheiro era ótimo, principalmente depois de tantas semanas passadas à base de hambúrgueres, sem qualquer tipo de acompanhamento.

Então Sunlight Gardener entrou bruscamente e Jack viu as expressões de expectativa se transformarem em expressões de satisfação. Pelo visto, não era exatamente o jantar que estavam aguardando, afinal. Morton, que há apenas 15 minutos fora humilhado no corredor com a calça nos tornozelos, parecia quase exultante.

Os garotos ficaram de pé. Lobo continuou sentado, o nariz chamejando. Parecia confuso e assustado. Jack agarrou-o pela camisa e fez com que ele se levantasse.

— Faça como os outros, Lobo — ele murmurou.

— Podem sentar, rapazes — disse Gardener, sorrindo. — Sentem-se, por favor.

Todos sentaram. Gardener usava uma calça jeans desbotada e uma camisa de seda brilhantemente branca, sem gola demarcada. Sempre sorridente, olhou-os com benevolência. Os garotos o encaravam com olhos de veneração, pelo menos a maioria deles. Jack viu um rapaz — cabelo castanho e ondulado, com um cacho

caído na sobrelha, queixo recuado, mãos pequenas, delicadas, brancas como a porcelana holandesa do tio Tommy — virar para o lado e tapar a boca para esconder um sorriso de escárnio. Isso não deixou de encorajá-lo. Pelo visto, nem todas as cabeças tinham sido afetadas pelo que estava acontecendo ali... mas muitas *tinham*. E bastante, a julgar pelo que via. O sujeito dentuço estava olhando para Sunlight Gardener com uma postura de absorta veneração.

— Vamos orar. Heck, não quer nos dar uma ajuda?

Heck ajudou. Rezou rápida e mecanicamente. Foi como ouvir um disco de orações gravado por um disléxico. Depois de pedir a Deus para favorecê-los nos dias e semanas que tinham pela frente, para perdoar seus pecados e ajudá-los a se tornarem pessoas melhores, Heck Bast concluiu bruscamente:

— Em nome de Jesus amém — e se sentou.

— Obrigado, Heck — disse Gardener.

Ele se aproximara de uma cadeira e sentara ao contrário, como um caubói num western de John Ford. Tinha uma aparência realmente fascinante, quase despojada da loucura que Jack vira pela manhã.

— Vamos ouvir uma dúzia de confissões, por favor. Não mais que isso. Quer nos ajudar, Andy?

Warwick, uma expressão de ridícula devoção no rosto, tomou o lugar de Heck.

— Obrigado, reverendo Gardener — disse ele, e depois virou-se para os garotos. — Confissão — disse. — Quem vai começar?

Houve um rumor, uma agitação... e então as mãos começaram a se erguer. Duas... seis... nove delas.

— Roy Owdersfelt — disse Warwick.

Roy Owdersfelt, um rapaz alto com uma espinha do tamanho de um tumor na ponta do nariz, se levantou, contorcendo as mãos ossudas na frente do corpo.

— No ano passado, roubei dez dólares da bolsa de minha mãe! — proclamou numa voz alta e estridente. A mão suja e com

casca de ferida aproximou-se da espinha e deu-lhe um bom beliscão. — Levei o dinheiro para o The Wizard of Odds, troquei-o em moedas e joguei até o último centavo no Pac-Man e no Laser Strike. Ela estava guardando aquele dinheiro para pagar a conta do gás e foi por isso que durante algum tempo cortaram nosso aquecimento! — Pestanejando, ele se virou para os companheiros. — E meu irmão pegou uma pneumonia e teve de ir para o hospital em Indianápolis! Tudo isso porque eu roubei aquele dinheiro! Essa é a minha confissão.

Roy Owdersfelt se sentou.

— Roy pode ser perdoado? — perguntou Sunlight Gardener.

— *Roy pode ser perdoado* — os garotos responderam numa só voz.

— Pode alguém aqui perdoá-lo?

— *Ninguém aqui pode.*

— Quem pode perdoar Roy?

— *Deus, pela intercessão de Seu filho unigênito. Jesus Cristo.*

— Vai pedir a Jesus que interceda a seu favor? — Gardener perguntou a Roy Owdersfelt.

— É claro que vou! — Roy gritou numa voz trêmula e beliscou de novo a espinha. Jack viu que Roy Owdersfelt estava chorando.

— E da próxima vez que sua mãe vier aqui, vai dizer a ela que pecou contra ela, contra seu irmãozinho e contra a face de Deus? E que lamenta de todo o coração?

— Pode ter certeza!

Sunlight Gardener balançou a cabeça para Andy Warwick.

— Confissão — disse Warwick.

Antes de a confissão ter terminado às seis da tarde, quase todos, com exceção de Jack e Lobo, tinham levantado a mão, ansiosos para relatar algum pecado à assembleia. Inúmeros confessaram pequenos furtos. Outros confessaram ter roubado bebidas e bebido até vomitar. Houve também, é claro, muitos relatos de uso de drogas.

Warwick os chamava, mas era para Sunlight Gardener que eles olhavam em busca de aprovação enquanto falavam... falavam... falavam...

Gardener faz com que o pessoal goste dos pecados, Jack pensou, transtornado. Eles o amam, eles querem sua aprovação, e acho que só a conseguem se confessam. Aposto que alguns desses tolos chegam até a inventar seus pequenos crimes.

Os cheiros que vinham do refeitório tinham ficado mais fortes. O estômago de Lobo roncava furiosamente e de modo incessante. Durante a lacrimosa confissão de um rapaz que dizia ter roubado uma revista *Penthouse* para dar uma olhada nas fotos imundas do que ele chamou de “mulheres com o sexo de fora”, o estômago de Lobo roncou tão alto que Jack teve de lhe dar uma cotovelada.

Após a última confissão da noite, Sunlight Gardener presenteou os fiéis com uma breve e melodiosa oração. Depois ficou de pé no umbral da porta, informal e magnífico no jeans azul e na camisa de seda branca. Os garotos saíram em fila. Quando Jack e Lobo passaram, ele fechou uma das mãos no pulso de Jack.

— Eu já o encontrei antes.

Confesse, exigiram os olhos de Sunlight Gardener.

E Jack sentiu uma urgência em fazer exatamente isso.

Oh, sim, já nos conhecemos, sim. Você chicoteou minhas costas até sangrar.

— Não — disse Jack.

— Oh, sim — disse Gardener. — Oh, sim. Já o encontrei antes. Na Califórnia? No Maine? Em Oklahoma? Onde?

Confesse.

— Eu não o conheço — disse Jack.

Gardener riu. Jack teve certeza de que, no íntimo, Sunlight Gardener estava sapateando, dançando, fazendo o chicote estalar.

— Foi a mesma coisa que disse Pedro quando lhe pediram para identificar Jesus Cristo — ele falou. — Mas Pedro mentiu. E você está mentindo, eu acho. Foi no Texas, Jack? Em El Paso? Foi

em Jerusalém, numa outra encarnação? Foi sobre o Gólgota, o lugar do sacrifício?

— Estou lhe dizendo que...

— Sim, sim, sei que acabamos de nos conhecer.

Outra risada. Lobo, Jack reparou, se esquivava de Sunlight Gardener o máximo que o umbral da porta permitia. Era o cheiro. O nauseante, saturante cheiro de água-de-colônia. E sob ele, o cheiro da loucura.

— Nunca me esqueço de um rosto, Jack. Nunca me esqueço de um rosto ou de um lugar. Vou lembrar onde nos encontramos.

Seus olhos passaram de Jack a Lobo — Lobo deu um ligeiro gemido e recuou — e depois voltaram a Jack.

— Faça bom proveito do seu jantar, Jack — disse ele. — Faça bom proveito do seu jantar, Lobo. A verdadeira vida de vocês na Casa Sunlight começa amanhã.

A meio caminho da escada, ele parou e olhou para trás.

— Nunca esqueço um lugar ou um rosto, Jack. Eu vou me lembrar.

Deus, espero que não, Jack pensou friamente. Pelo menos, até eu estar a três mil quilômetros da porra deste lugar...

Alguma coisa atingiu-o com força. Jack rodopiou pelo corredor, agitando os braços em busca de equilíbrio, mas acabou batendo com a cabeça no chão de cimento e vendo uma chuva de estrelas.

Ao conseguir se sentar, viu Singer e Bast, um ao lado do outro, sorrindo. Atrás deles estava Casey, a barriga repuxando a suéter branca de gola alta. Lobo fitava Singer e Bast, e alguma coisa em sua postura tensa deixou Jack alarmado.

— Não, Lobo! — ele gritou num tom agudo.

Lobo abaixou a cabeça.

— Nada disso, vá em frente, imbecil — disse Heck Bast, rindo um pouco. — Não lhe dê ouvidos. Venha e tente me acertar, se quiser. Adoro um aquecimento antes do jantar.

Singer olhou para Lobo e disse:

— Deixe este idiota em paz, Heck. Não passa de uma carcaça vazia. — Empinou a cabeça para Jack. — Ele é o *cabeça*. Ele é a *cabeça* que temos de mudar. — Curvou-se olhando para Jack, mãos nos joelhos, como um adulto dando uma ou duas palavrinhas a uma criança muito pequena. — E vamos mudá-la, sr. Jack Parker. Pode acreditar.

— Vá à merda, seu babaca valentão — Jack disse calmamente.

Singer recuou como se tivesse levado uma bofetada, um tom avermelhado subindo-lhe pela gola, pelo pescoço, cobrindo-lhe o rosto. Com um rosnado, Heck Bast avançou um passo.

Singer agarrou o braço de Bast. Sempre olhando para Jack, disse:

— Agora, não. Mais tarde.

Jack ficou de pé.

— É melhor tomar cuidado comigo — disse Jack encarando calmamente os dois, e embora Hector Bast apenas olhasse com raiva, Sonny Singer pareceu assustado. Por um momento, julgou ter visto alguma coisa no rosto de Jack Sawyer, algo muito forte e ameaçador, algo que ainda não existia naquela fisionomia há dois meses, quando um garoto muito mais jovem deu as costas para a cidadezinha litorânea de Arcadia Beach e tomou o caminho do Oeste.

JACK ACHOU QUE o tio Tommy teria descrito aquele jantar — corretamente, aliás — como “rango de fazenda americana”. Os rapazes sentaram-se em mesas compridas e foram servidos por

quatro companheiros que, depois da confissão, vestiram aventais brancos.

Depois de mais uma prece, a comida foi solenemente introduzida no refeitório. Grandes tigelas de vidro cheias de feijão foram distribuídas pelas quatro mesas, seguidas de travessas fumegantes de salsichas vermelhas baratas, terrinas com pedaços de abacaxi enlatado e leite em caixas com os dizeres ALIMENTOS DOADOS E ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DO ESTADO DE INDIANA.

Lobo comeu em sombria concentração, cabeça baixa, um pedaço de pão numa das mãos para empurrar a comida e, às vezes, servir de guardanapo. Devorou cinco salsichas e três porções dos feijões duros como bala de revólver. Lembrando-se do pequeno quarto com a janela trancada, Jack se perguntou se precisaria de uma máscara de gás. Achava que sim, mas não ia ter uma, de qualquer jeito. Com ar abatido, Jack viu o amigo colocar no prato uma quarta porção de feijão.

Ao término do jantar, os garotos se levantaram, formaram filas e tiraram as mesas. Enquanto pegava seu prato, um resto de pão e duas embalagens vazias de leite e levava tudo para a cozinha, Jack ficou de olhos bem abertos. Os rótulos nas caixas de leite tinham lhe dado uma ideia.

O lugar não era uma prisão e também não era um reformatório. Talvez o classificassem como internato ou qualquer coisa do gênero e, pela lei, esse tipo de estabelecimento devia receber visitas periódicas dos inspetores do Estado. A cozinha era um lugar onde o olho da inspeção do Estado de Indiana sem dúvida se deteria com mais frequência. Havia grades nas janelas lá em cima, é claro. Mas também haveria grades nas janelas da cozinha? Jack achava que não. Isso despertaria alguma suspeita.

A cozinha podia ser um ótimo ponto de partida para uma tentativa de fuga, por isso Jack quis examiná-la mais detidamente.

Lembrava a cozinha do refeitório de sua escola na Califórnia. O chão e as paredes eram ladrilhados, as pias e os balcões, de aço

inoxidável. Os armários eram quase do tamanho de caixotes de frutas. Numa das paredes, havia uma velha lavadora de pratos. Três rapazes operavam aquela amarelada antiguidade sob a supervisão de um homem com roupa branca de cozinheiro. O homem era magro, pálido e tinha um rosto de ratinho. Um cigarro sem filtro pendia grudado em seu lábio superior e, aos olhos de Jack, isso o identificava como possível aliado. Ele duvidava muito de que Sunlight Gardener deixasse algum membro de seu rebanho fumar.

Na parede, um certificado emoldurado anunciava que aquela cozinha pública estava de acordo com os padrões estabelecidos pelo governo do estado de Indiana e pelo governo federal.

E realmente não havia grades defronte aos vidros foscos das janelas.

O homem com rosto de ratinho levantou os olhos para Jack, desgrudou o cigarro do lábio e atirou-o numa das pias.

— Gente nova, você e seu amigo, hein? — disse ele. — Logo se tornarão gente da casa. O pessoal não demora a se adaptar devidamente à Casa Sunlight, não é, Sonny?

Sorriu com um ar de deboche para Sonny Singer. Era de todo evidente que Singer não sabia lidar com um sorriso daqueles; ficou confuso e inseguro, um garoto novamente.

— Você sabe que não deve conversar com os rapazes, Rudolph — disse ele.

—Você pode enfiar isso no rabo — disse Rudolph, olhando preguiçosamente para Singer. — Sabe disso, não é?

Singer olhou para ele, os lábios primeiro tremendo, depois se contorcendo, depois se contraindo.

E, de repente, deu meia volta.

— Já para o ofício noturno! — gritou furioso. — Para o ofício noturno, vamos, andem! Limpem as mesas e vamos andando! Já estão atrasados! Para o ofício noturno!

OS RAPAZES MARCHARAM por uma escada estreita iluminada por lâmpadas penduradas com uma armação de arame em volta. As paredes eram de gesso úmido, e Jack não gostou nada do modo como as pupilas de Lobo estavam rolando dentro dos olhos.

No fim da escada, a capela do porão foi uma surpresa. A maior parte da área subterrânea — que era bastante extensa — fora convertida num templo agradável e moderno. O ar parecia bom: nem quente, nem frio demais. E parecia saudável. Jack podia ouvir o som do sistema de ventilação em algum lugar perto dali. Havia cinco bancos separados por um corredor central. O corredor levava a um tablado com um púlpito, defronte a uma cruz de madeira num fundo de veludo roxo.

Um órgão estava sendo tocado.

Os garotos se sentaram tranquilamente nos bancos. O microfone no púlpito possuía um abafador, de tipo profissional. Jack acompanhara a mãe a muitos estúdios de som, onde costumava se sentar pacientemente numa poltrona, lendo uma revista ou mesmo fazendo os deveres de casa, enquanto, de fone nos ouvidos, ela tentava dublar em cima do som-guia, e sabia que aquele tipo de anteparo destinava-se a impedir que o locutor fizesse ruins de “estouro” ao falar no microfone. Achou estranho ver aquela coisa no templo de um internato religioso para garotos delinquentes. Havia também duas câmeras, uma de cada lado do púlpito, a primeira para captar o perfil direito de Sunlight Gardener, a outra para o perfil esquerdo. Nenhuma delas estava funcionando naquele momento. Nas paredes, viam-se pesadas cortinas roxas. À direita, cobriam toda a parede. À esquerda, porém, havia um retângulo de vidro. Jack pôde ver Casey agachado ao lado de uma mesa de som bastante sofisticada; à sua direita havia um gravador sobre um suporte. Casey pôs nos ouvidos os fones que estavam sobre a caixa.

Jack olhou para cima e viu traves de madeira se elevando numa fileira de seis arcos. Entre eles também haviam placas à prova de som. O lugar parecia uma capela, mas era uma combinação muito eficiente de estúdio de rádio e tevê. Jack lembrou-se de Jimmy Swaggart, Rex Humbard, Jack Van Impe.

Meus irmãos, coloquem as mãos sobre seus aparelhos de tevê e ficarão CURADOS!!!

De repente, teve vontade de soltar uma enorme gargalhada.

Uma pequena porta abriu-se à esquerda do tablado e Sunlight Gardener entrou no recinto. Estava vestido de branco da cabeça aos pés, e nos rostos de muitos garotos Jack viu expressões que iam da exaltação à idolatria. Teve outra vez de reprimir uma selvagem explosão de riso. A imagem branca aproximando-se do púlpito trouxe-lhe à memória certos comerciais que vira quando ainda era muito pequeno.

Achou que Sunlight Gardener parecia o “Homem da Glad”.

Lobo virou-se para ele e sussurrou num tom meio rouco:

— O que está havendo, Jack? Você tem o cheiro de quem está achando tudo isto muito engraçado.

Jack segurou a risada com tanta força que jatos de melega incolor se espalharam nos dedos dele.

Sunlight Gardener, o rosto cintilante de boa saúde, virou as páginas da grande Bíblia sobre o púlpito, aparentemente absorto na mais profunda meditação. Jack viu a assustadora, acidentada paisagem da testa de Heck Bast, a expressão desconfiada de Singer. Tentou, de imediato, parecer o mais sóbrio possível.

Casey estava sentado na cabine de vidro, contemplando atentamente os movimentos de Gardener. E quando Gardener levantou os olhos da Bíblia e fez os olhos baços, sonhadores e extremamente insanos deslizarem pela audiência, Casey apertou um botão. Os carretéis do grande gravador começaram a girar.

— *NÃO TE IRRITES contra os malfeitores* — disse Sunlight Gardener. Sua voz era baixa, musical, concentrada.

— *Nem tenhas inveja dos obreiros da iniquidade.
Pois eles serão cortados como erva daninha,
e secarão como a relva no inverno.
Confia no Senhor e sê bom;
porque assim poderás viver em seus Territórios...*

(Jack Sawyer sentiu o coração dar um enorme salto no peito.)

— *... e serás verdadeiramente alimentado.
Mas procura deliciar-te agora com o Senhor;
e ele te concederá os desejos do teu coração.
Confia-te à guarda do Senhor
e abre o caminho para a Sua casa.
Ele te levará os males...
Cessação da ira, abandono de toda cólera...
Não te deixes tentar a fazer o mal,
pois os feitores do mal serão extirpados.
Mas aqueles que confiam no Senhor
herdarão seu Território.*

Sunlight Gardener fechou o livro.

— *Possa Deus* — disse ele — trazer sua bênção à leitura de Sua Sagrada Palavra.

Baixou os olhos e por muito, muito tempo contemplou as mãos. Na cabine de vidro de Casey, os carretéis do gravador continuavam a rodar. Então, Gardener levantou outra vez a cabeça, e em sua mente Jack ouviu o grito de seu Duplo: *Não foi da*

Kingsland, foi? Ou está mesmo querendo dizer que derrubou uma carroça cheia de cerveja Kingsland, seu estúpido filho da puta? É isso que veio me contar, seeeeeeuuuuuu...?

Sunlight examinou minuciosa e avidamente a congregação de jovens. Todas as faces estavam voltadas para ele: rostos redondos, rostos magros, rostos machucados, rostos cobertos de acne, rostos dissimulados e rostos extrovertidos, cheios de encanto e jovialidade.

— O que tudo isto *significa*, rapazes? Compreenderam bem o Salmo 37? Compreenderam bem esta fascinante, fascinante canção?

Não, as faces diziam — dissimuladas ou expansivas, ingênuas, doces, com marcas de cicatrizes ou com marcas de catapora. *Não passamos do ginásio na escola, o senhor sabe. E ficamos muito tempo na vadiagem, na beira das estradas, metidos em muitos problemas... Mas diga o que significa... diga... diga...*

Subitamente, de uma forma chocante, Gardener guinchou no microfone:

— Isto significa: NÃO SE PREOCUPEM!

Lobo se encolheu, gemendo um pouco.

— Agora já sabem o que significa, certo? Já ouviram isso antes, não ouviram?

— *Sim!* — alguém gritou atrás de Jack.

— OH, SIM! — Gardener repetiu, radiante. — NÃO SE PREOCUPEM! SEM ESTRESSE! São palavras bonitas, não acham, garotos? Sem a menor dúvida, são boooooooooas palavras, oh, são!

— *São!... SÃO!*

— Este salmo diz que vocês não têm de se PREOCUPAR com os malfeitores! NÃO SE PREOCUPEM! OH, SIM! Diz que vocês não têm de se preocupar com os obreiros do pecado e da iniquidade! SEM ESTRESSE! Este salmo diz que, se vocês CAMINHAM com o Senhor e CONVERSAM com o Senhor, TUDO CORRERÁ MUITO BEM! Entenderam o

que eu disse, rapazes? Tiveram ouvidos para entender o que eu disse?

— Sim!

— *Aleluia!* — Heck Bast gritou, sorrindo divinamente.

— *Amém!* — respondeu um jovem com um grande olho meio cego atrás de óculos com lentes grossas.

Sunlight Gardener pegou o microfone com uma agilidade temperada pelo hábito e Jack se lembrou de um artista que vira em Las Vegas. Gardener começou a andar de um lado para o outro com uma rapidez saltitante, nervosa. Às vezes dava um meio passo de dança com seus sapatos de couro branco; aqui lembrava Dizzy Gillespie, ali Jerry Lee Lewis, ali Stan Kenton, ali Gene Vincent; parecia impulsionado por uma febre divina.

— *Não, você não tem de temer! Oh, não! Você não tem de temer o garoto que quer lhe mostrar revistas sujas! Você não tem de temer o garoto que diz que apenas uma tragada num cigarro de maconha não vai lhe tirar nenhum pedaço e que você será um maricas se não fizer isso! Oh, não!* PORQUE QUANDO SE TEM O SENHOR, SE ANDA COM O SENHOR, CERTO?

— SIM!!!

— OH, SIM! E QUANDO SE TEM O SENHOR, SE CONVERSA COM O SENHOR, CERTO?

— SIM!

— NÃO ESTOU OUVINDO VOCÊS; ESTOU CERTO?

— SIM!!! — gritaram a plenos pulmões, muitos se balançando para um lado e para o outro num verdadeiro frenesi.

— SE EU ESTOU CERTO, DIGAM ALELUIA!

— ALELUIA!

— SE ESTOU CERTO, DIGAM OH, SIM!

— OH, SIM!

Eles balançavam de um lado para o outro e, sem saída, Jack e Lobo balançavam também. Jack reparou que alguns garotos

estavam chorando.

— Agora me digam o seguinte — Gardener falou, olhando ardorosa e intimamente para eles. — Aqui na Casa Sunlight há lugar para malfeitores? Hã? O que vocês acham?

— *Não senhor* — gritou o rapaz magro e dentuço.

— Isso mesmo — disse Sunlight Gardener aproximando-se novamente do púlpito. Deu uma mexida rápida e profissional no microfone para tirar o fio de baixo do pé e depois o apoiou de novo no suporte. — Isso é que é! Não há lugar aqui para contadores de lorotas e obreiros da iniquidade, aleluia!

— Aleluia! — disseram os garotos.

— Amém — Sunlight Gardener acrescentou. — O Senhor diz, no Livro de Isaías, que se você se apoia no Senhor, subirá aos céus, oh, sim! Com asas de águia e a energia de dez homens. E então eu digo, pessoal: A CASA SUNLIGHT É UM NINHO DE ÁGUIAS, ALELUIA!

— ALELUIA!

Houve outra pausa. Sunlight Gardener agarrou os lados do púlpito e abaixou a cabeça como se estivesse rezando, o esplêndido cabelo branco caindo em disciplinadas ondas. Quando voltou a falar, o tom era baixo e doce. Não ergueu os olhos. Os rapazes ouviram sem respirar.

— Mas temos inimigos — disse Gardener por fim. Foi apenas um sussurro, mas o microfone captou-o e transmitiu-o com perfeição.

Os garotos suspiraram — um farfalhar de vento entre folhas de outono.

Heck Bast estava olhando truculentamente ao redor, as pupilas rolando dentro das órbitas, as espinhas adquirindo um tom muito vermelho, como se alguma doença tropical o tivesse atacado. *Mostre-me um inimigo*, dizia o rosto de Heck Bast. *Sim, vá em frente, mostre-me um inimigo e o senhor verá o que vai acontecer a ele!*

Gardener levantou a cabeça. Seus olhos insanos pareciam cheios de lágrimas.

— Sim, temos inimigos — ele repetiu. — Duas vezes o estado de Indiana tentou me fazer calar. Sabem por quê? Os humanistas radicais não podem suportar a ideia de me ver aqui na Casa Sunlight, ensinando meus meninos a amar Jesus e o país. Isso os deixa furiosos, e querem saber de uma coisa, garotos? Querem saber de um profundo e velho segredo?

Eles se inclinaram para a frente, os olhos fixos em Sunlight Gardener.

— Nós não apenas os deixamos furiosos — disse Gardener, num áspero sussurro de conspirador. — Nós os deixamos com *meeeedo!*

— Aleluia!

— Oh, sim!

— Amém.

Com um brusco movimento, Sunlight Gardener tornou a pegar o microfone e perdeu inteiramente o controle. Agitou-se para cima e para baixo, para um lado e para o outro. Às vezes ensaiava dois passos de dança como se estivesse na Nova Orleans de 1910. Queria bombear a palavra do Senhor, primeiro apontando o braço para os garotos, depois para os céus, onde presumivelmente Deus estaria sentado em Sua poltrona para ouvi-lo.

— *Nós os deixamos com medo, aleluia! Tão assustados que eles têm de recorrer a outra dose de vodca, a mais uma tragada de maconha, a mais uma fungada de cocaína! Nós os assustamos, porque mesmo os humanistas radicais mais experientes na negação de Deus e no ódio a Jesus podem farejar a virtude e o amor a Deus, e quando farejam este cheiro podem sentir também o cheiro do enxofre saindo de seus poros; e eles não gostam desse cheiro, oh, não!*

“Por isso mandam um ou dois inspetores extras para plantar lixo sob os balcões da cozinha ou colocar umas baratas na farinha!

E dão início a um monte de rumores infames dizendo que meus rapazes são espancados. *Vocês são espancados?*

— NÃO! — eles rugiram num tom indignado, e Jack ficou atônito ao ver Morton rugir a negativa tão entusiasticamente quanto os outros, embora uma marca roxa já estivesse começando a se formar na sua face.

— Vejam! Eles mandaram um punhado de repórteres espertinhos de noticiários espertinhos de humanismo radical! — Sunlight Gardener gritou numa espécie de atordoante amargor. — Eles vieram aqui e disseram: “Tudo bem, quem é que nos viemos destruir? Já fizemos isso cento e cinquenta vezes, somos experts em macular a virtude, não se preocupem com a gente. Apenas nos dê alguns cigarros de maconha, um pouco de vodca e nos mostre o caminho certo.”. Mas nós os vencemos, não é, pessoal? Houve um rumor quase perverso de concordância.

— Eles não encontram ninguém amarrado em correntes, não é? Não encontram ninguém em camisas-de-força, como dizem aqueles paranoicos da Comissão Municipal de Ensino. Não encontram ninguém com as unhas arrancadas ou o cabelo raspado à máquina zero, nem nada disso! O máximo que conseguem desencavar são alguns garotos dizendo que levaram uma palmada, e sem dúvida LEVARAM mesmo uma palmada, oh, sim, levaram uma palmada e eu posso dar testemunho dessa verdade diante do trono do Todo-Poderoso Senhor Deus, com um detector de mentiras amarrado em cada braço, porque a Palavra de Deus diz que se você POUPA a vara, a criança ESTRAGA, e se acreditam nisso, rapazes, saúdem o Senhor! Aleluia!

— ALELUIA!

— Mesmo a Secretaria de Educação do estado de Indiana, por mais que gostasse de se livrar de mim e deixar o campo livre para Satanás, mesmo eles têm de admitir que, quando alguém aqui leva

uma palmada, aplica-se tanto a lei de Deus quanto a lei do estado de Indiana: se você POUPA a vara, a criança ESTRAGA!

“O que encontraram aqui? Rapazes FELIZES! Rapazes SAUDÁVEIS! Rapazes dispostos a CAMINHAR com o Senhor, a CONVERSAR com o Senhor, oh, podem dizer aleluia?”

Eles podiam.

— Podem dizer oh, sim?

Também podiam. Sunlight Gardener voltou ao púlpito.

— O Senhor protege aqueles que O amam. O Senhor não vai deixar um punhado de humanistas radicais viciados, e admiradores de comunistas destruir este lugar de repouso para garotos cansados, confusos...

“Alguns meninos disseram mentiras feias para os assim chamados membros da imprensa. Ouvi essas mentiras repetidas no tal noticiário de tevê e, embora os rapazes que despejaram esse lodo fossem covardes demais para mostrarem os rostos no vídeo, eu reconheci, aleluia!, eu reconheci aquelas vozes. Quando você alimentou uma criança, quando você encostou ternamente a cabeça dela em seu peito, quando ela chama pela mãe durante a noite, ora!, como é possível esquecer sua voz?

“Os rapazes que nos difamaram já não estão mais conosco. Que Deus os perdoe, e espero que Ele os perdoe, aleluia!, mas Sunlight Gardener é apenas um homem.”

Deixou cair a cabeça para provar a admissão vergonhosa que acabara de fazer. Mas, quando tornou a erguê-la, seus olhos ainda estavam abrasados, faiscantes de fúria.

— Sunlight Gardener não pode perdoá-los. Por isso, Sunlight Gardener os manda de novo para as ruas. Eles foram mandados para os Territórios, mas lá eles não serão alimentados; lá as próprias árvores, como feras que caminham na noite, vão querer devorá-los.

Um silêncio aterrador caiu sobre o templo. Atrás da cabine de vidro, Casey parecia pálido, estranho.

— O Livro Sagrado diz que Deus mandou Caim para o Leste do Éden, para a terra de Nod. Ser expulso é assim, meus caros! Aqui temos um porto seguro.

Ele os inspecionou.

— Mas se vocês fraquejam... se mentem... não escaparão da desgraça! O inferno aguarda o apóstata assim como aguarda o homem ou rapaz que mergulha em seus caldeirões por livre e espontânea vontade.

“Lembrem-se disso, rapazes.

“Lembrem-se disso.

“Vamos rezar.”

Capítulo Vinte e Três

Ferd Janklow

1

JACK LEVOU MENOS de uma semana para decidir que uma possível volta aos Territórios era o único meio de escapar da Casa Sunlight. Estava disposto a tentar, mas sentiu que seria capaz de fazer qualquer coisa e correr qualquer risco para não fazer a travessia a partir da própria Casa Sunlight.

Não havia nenhuma razão concreta para isso, apenas a voz de seu subconsciente sussurrando que um lugar ruim aqui seria ainda pior nos Territórios. Aquele espaço talvez fosse ruim em todos os mundos... Como um ponto podre que cruza uma maçã até o núcleo. Sem dúvida, a Casa Sunlight já era ruim o bastante; ele não estava nem um pouco ansioso em descobrir como seria sua contrapartida nos Territórios a não ser que fosse necessário.

Mas talvez houvesse um jeito.

Lobo, Jack e os outros rapazes que não tiveram a sorte de entrar para o Corpo do Exterior (isto é, a maioria deles) passavam os dias no que os veteranos chamavam Campo de Fronteira. Ficava a cerca de 2 quilômetros e meio descendo a estrada, nos limites da propriedade de Gardener, e ali os garotos passavam os dias quebrando pedras. Não havia outro tipo de trabalho a ser feito naquela época do ano. As últimas colheitas tinham ocorrido em meados de outubro, mas, como Sunlight Gardener sublinhava a cada manhã na Capela das Devoções, era sempre época das pedras.

Todo dia, sentado na traseira de um dos dois velhos caminhões da Casa, Jack contemplava o Campo de Fronteira, enquanto Lobo, sempre a seu lado, mantinha a cabeça baixa, como se estivesse de ressaca. Era um outono chuvoso no Meio-Oeste e o Campo de Fronteira se transformara num lamaçal pegajoso, viscoso. Há dois dias, um dos garotos praguejara baixinho, chamando aquilo de “verdadeiro inferno”.

Suponhamos que tentássemos fugir..., Jack pensou pela quadragésima vez. *Suponhamos que eu dissesse a Lobo: Vamos correr, rapaz!, e puséssemos o pé na estrada. Para onde poderíamos correr? Para o norte, onde estão aquelas árvores e o paredão de rocha. São os limites da propriedade de Gardener.*

Pode haver uma cerca.

Mas nós conseguiríamos pulá-la. Se fosse necessário, Lobo poderia até me atirar para o outro lado.

Pode haver arame farpado.

Poderíamos passar rastejando por baixo dele. Ou...

Ou Lobo poderia rasgá-la com as mãos. Jack nem gostava de pensar nisso, mas sabia que a força de Lobo era muito grande... e, se ele pedisse, Lobo faria. O arame feriria as mãos do amigo, mas ele estava sendo ferido de maneiras piores atualmente.

E depois?

Atravessar, é claro. Era isso que tinham a fazer. Se conseguissem sair das terras da Casa Sunlight, murmurava sua voz interior, as possibilidades de voltar aos Territórios seriam bem maiores.

Singer e Bast (que Jack começara a ver como uma dupla de bandidos) não poderiam usar nenhum dos caminhões para atropelá-los; se um dos veículos se aproximasse do Campo de Fronteira antes das nevascas de dezembro, ficaria atolado até o capô.

A perseguição seria ser a pé, pura e simplesmente a pé. Vale a pena tentar. Melhor do que tentar aqui, na Casa. E...

E não era apenas o abatimento crescente de Lobo que o motivava; estava também angustiado por causa de Lily, que morria aos poucos, no litoral de New Hampshire, enquanto ele era obrigado a dizer “Aleluia!”, sob ameaça de espancamento.

Por que não tentar? Com o suco mágico ou sem o suco mágico. Por que não tentar?

Mas, antes de Jack se dispor verdadeiramente a tentar a fuga, Ferd Janklow tomou a iniciativa.

Grandes mentes andam sintonizadas, aleluia!

QUANDO ACONTECEU, ACONTECEU depressa. Num momento Jack estava ouvindo a habitual torrente de besteiras cínicas e engraçadas de Ferd Janklow. No momento seguinte, Ferd estava atravessando a toda a velocidade o campo lamacento na direção do paredão de rocha. Até a iniciativa de Ferd, o dia parecera tão monótono quanto qualquer outro dia na Casa Sunlight. Fazia frio, o céu continuava nublado; havia um cheiro de chuva, talvez até mesmo de neve, no ar. Jack se esticou para aliviar as costas doloridas e para ver se Sonny Singer estava por perto. Sonny gostava de atormentá-lo. A maior parte do que ele fazia era para irritar. Jack levava pisadas nos pés, empurrões nas escadas, e em três refeições sucessivas tivera o prato derrubado da mão, até que aprendeu a esquivá-lo no momento exato, e a agarrá-lo com força contra o peito.

Não sabia muito bem por que Sonny ainda não organizara uma ação em massa contra ele. Talvez porque Sunlight Gardener estivesse demasiadamente interessado no recém-chegado. Não *queria* pensar nisso, a ideia o assustava um bocado, mas não deixava de fazer sentido. Sonny Singer estava se segurando porque Gardener o mandara agir assim, e aquela era outra razão para fugir o mais depressa possível daquele lugar.

Olhou para a direita. Lobo estava a cerca de 20 metros de distância, carregando pedras com o cabelo caído no rosto. Mais perto dele, havia o rapaz magricela, dentuço — chamava-se Donald Keegan. Donny deu-lhe um sorriso admirador, mostrando os espantosos dentes proeminentes, a saliva escorrendo da ponta de sua língua. Jack desviou rapidamente os olhos.

Ferd Janklow estava à sua esquerda — o rapaz com as pequenas mãos de porcelana e o cacho de cabelo caindo até o meio das sobrancelhas. Desde que fora encarcerado na Casa Sunlight, ele e Ferd tinham se tornado bons amigos.

Ferd ria cinicamente.

— Donny está apaixonado por você — disse.

— Pare com isso — disse Jack meio envergonhado, sentindo um rubor lhe subir pelo rosto.

— Aposto que *Donny* daria qualquer coisa que você pedisse — disse Ferd. — Não daria, Donny?

Sem ter a menor ideia do que eles falavam, Donny Keegan deu uma risada rouca.

— Queria que você parasse com isso — disse Jack. Sentia-se mais constrangido que nunca.

Donny está apaixonado por você.

O problema, ele pensou, é que talvez o pobre e retardado Donny Keegan estivesse *realmente* apaixonado por ele... e talvez Donny não fosse o único. Estranhamente, Jack lembrou-se do homem que quisera levá-lo para casa e que ficou parado na margem da estrada enquanto ele descia a variante de Zanesville. *Foi ele que viu primeiro*, Jack pensou. *Seja lá o que há de novo em mim, aquele homem foi o primeiro que reparou.*

— Está ficando muito popular por aqui, Jack — disse Ferd. — Acho que até o velho Heck Bast arriaria as calças pra você.

— Isso é doentio, cara — disse Jack, tornando a ficar vermelho. — Por que não...

E de repente, Ferd largou a pedra em que trabalhava e ficou de pé. Olhou rapidamente ao redor, viu que nenhum dos garotos de suéteres de gola alta estava olhando para ele, e virou-se para Jack:

— E agora, querido, como a festa está *muito* desanimada, vou realmente puxar o carro.

Ferd fez ruídos de beijo para Jack e um sorriso de extrema radiância iluminou e ampliou seu rosto estreito, pálido. Daí a um segundo estava em plena carreira, disparando em enormes passadas de cegonha, correndo para o paredão de rocha nos limites do Campo de Fronteira.

Ele realmente pegara os guardas cochilando — pelo menos até certo ponto. Pedersen conversava sobre garotas com Warwick e um garoto de feições duras chamado Peabody, um membro do

Corpo do Exterior que, provisoriamente, fora remanejado para a Casa Sunlight. Heck Bast fora agraciado com o supremo prazer de acompanhar Sunlight Gardener a Muncie numa pequena missão. Ferd conseguiu atingir uma boa distância antes que um grito de alarme se erguesse:

— *Ei! Ei, alguém está fugindo!*

Jack ficou de boca *aberta*. Ferd já se distanciara centenas de metros numa disparada louca. Apesar de ver seu próprio plano exposto à luz do dia, Jack sentiu uma vibração de triunfo e, no íntimo, desejou que tudo corresse bem. *Vá! Corra, seu sacana de uma figa! Vá, pelo amor de Jason!*

— É Ferd Janklow — Donny Keegan balbuciou e deu sua risada rouca.

3

NAQUELA NOITE, COMO sempre, os rapazes se reuniram para a confissão na sala comunitária, mas a cerimônia foi cancelada. Andy Warwick entrou, anunciou bruscamente o cancelamento e disse-lhes que podiam ter uma hora de “camaradagem” antes do jantar. Depois saiu.

Jack achou que, sob o rígido verniz de autoridade, Warwick parecia estar assustado.

E Ferd Janklow não estava mais lá.

Depois que Warwick se retirou, Jack olhou em volta e pensou mal-humorado que, se aquilo era “camaradagem uns com os outros”, ele detestaria ver o que ia acontecer se Warwick lhes tivesse mandado ter “uma hora de repouso”. Sentados em volta da grande e comprida sala comunitária, 39 garotos, entre 9 e 17 anos,

olhavam para as mãos, cutucavam feridas, roíam nervosamente as unhas. Todos compartilhavam uma ansiedade comum: pareciam drogados despojados de sua dose. Queriam ouvir confissões; pior ainda, queriam *fazer* confissões.

Ninguém mencionou Ferd Janklow. Era como se Ferd, com suas caretas nos sermões de Sunlight Gardener e as mãos de porcelana holandesa, nunca tivesse existido.

Jack mal conseguiu resistir ao impulso de ficar em pé e gritar com eles. Mas acabou se limitando a mergulhar em seus pensamentos.

Ele não está aqui porque o mataram. Estão completamente loucos. Você acha que a loucura não é contagiosa? É só lembrar o que aconteceu naquele lugar da América do Sul, quando um homem de óculos escuros e cintilantes mandou as pessoas tomarem um vinho envenenado. Elas disseram: “Faremos tudo que o mestre mandar”, e tomaram a coisa.

Jack contemplou os rostos, rostos melancólicos, absortos, cansados, pálidos. Imaginou como se iluminariam, como ficariam radiantes se Sunlight Gardener entrasse naquele momento, aqui e agora.

Eles também fariam tudo que o mestre Sunlight Gardener mandasse. Também tomariam o veneno e depois segurariam à força a mim e a Lobo e nos entornariam a coisa pela goela. Ferd tinha razão... eles veem alguma coisa na minha cara, nos meus olhos talvez; alguma coisa que absorvi nos Territórios. E talvez gostem realmente um pouco de mim. Acho que é isso que irrita Heck Bast. O cretino não está acostumado a gostar de nada nem de ninguém. Sim... Talvez eles gostem um pouco de mim... Mas gostam muito mais de Sunlight Gardener. Fariam qualquer coisa por ele. Estão todos loucos.

Ferd podia ter contado isso a ele. E sentado a seu lado na sala comunitária, Jack achava que Ferd tinha contado.

Disse a Jack que fora levado para a Casa Sunlight pelos pais, crentes que caíam de joelhos na sala sempre que um pastor começava a fazer uma prece na televisão. Nem o pai nem a mãe compreendiam Ferd, que parecia ter nascido de outros pais. Achavam que Ferd era filho do diabo, que era um garoto de gênio ruim, com tendências comunistas e radicais. Quando ele fugiu de casa pela quarta vez e foi apanhado por nada mais, nada menos que Franky Williams, os pais foram até a Casa Sunlight — onde Ferd, é claro, tinha sido devidamente instalado — e se apaixonaram à primeira vista por Sunlight Gardener. Ali estava a resposta para todos os problemas que um filho rebelde, desobediente e brilhante lhes causava. Sunlight Gardener educaria o garoto, saberia lhe abrir o caminho para o Senhor. Sunlight Gardener mostraria o erro de seus procedimentos. Sunlight Gardener tiraria aquele pesado fardo de suas costas e afastaria o rapaz da vadiagem nas ruas.

— Leram aquela reportagem sobre a Casa Sunlight no *Sunday Report* — Ferd contou a Jack. — E me mandaram um cartão-postal dizendo que Deus castigaria os mentirosos e falsos profetas atirando-os num lago de fogo. Eu respondi a eles. Rudolph da cozinha despachou-a para mim. Dolph é ótimo sujeito. Você sabe qual é a minha definição de um ótimo sujeito, Jack?

— Não.

— Um cara que faz um preço razoável quando se precisa dele — disse Ferd com cinismo e amargura. — Dois dólares compram os serviços de carteiro de Dolph. Então eu respondi devidamente à carta dizendo que se Deus castigava os mentirosos como eles disseram, Sunlight Gardener devia arrumar um par de ceroulas de amianto no outro mundo, pois ele mente sobre o que acontece aqui com mais desenvoltura que um cavalo a galope. Tudo o que havia na reportagem do *Sunday Report*, os rumores sobre as camisas-de-força e sobre a Caixa, era tudo verdade. Oh, mas eles não podem provar. Gardener é louco, mas é um louco *esperto*. Se você

subestimar essa esperteza, pode estar certo de que vai sofrer o diabo, assim como seu amigo Phil, o Intrépido Homem-Lobo.

— Os repórteres do *Sunday Report* — disse Jack — geralmente são muito bons para pegar os vigaristas com a mão na massa. Pelo menos é o que diz minha mãe.

— Oh, ele ficou assustado. Ficou realmente morrendo de medo. Já viu Humphrey Bogart em *A Nave da Revolta*? Foi assim que ele ficou uma semana antes de os repórteres virem aqui. É claro que, quando os repórteres chegaram, Gardener fez muito charme, mostrou-se muito doce e racional, mas na semana anterior isto aqui tinha virado um inferno. O sr. Sorvete estava cagando nas calças. Foi nessa semana que ele chutou Benny Woodruff pelas escadas desde o terceiro andar porque o pegou lendo uma revista do Superman. Benny ficou desacordado por mais de três horas e até a noite não soube muito bem quem era nem onde estava.

Ferd fez uma pausa.

— Ele sabia que eles vinham. Do mesmo modo como consegue saber com antecedência quando os inspetores estaduais virão fazer uma visita de surpresa. Escondeu as camisas-de-força no sótão e fingiu que a Caixa era um abrigo de secar feno.

De novo o riso cínico e amargurado.

— Sabe o que os meus pais fizeram, Jack? Enviaram a Sunny Gardener uma xerox da minha carta. “Para o seu próprio bem”, disse meu pai na carta seguinte. E sabe o que aconteceu? Fui colocado na Caixa, por cortesia especial dos meus pais!

Outra vez o riso de amargura.

— Vou lhe dizer mais uma coisa. Ele não estava brincando naquela noite na capela. Os garotos que deram o serviço aos repórteres do *Sunday Report* realmente desapareceram. Pelo menos aqueles em que ele pôde pôr as mãos.

Do mesmo modo como o próprio Ferd tinha agora desaparecido, Jack pensou, contemplando a expressão meditativa

de Lobo do outro lado da sala. Estremeceu e sentiu um frio muito grande nas mãos.

Seu amigo Phil, o Intrépido Homem-Lobo.

Não estaria Lobo ficando mais cabeludo? Já? Certamente não. Mas a coisa viria, é claro — era tão inevitável quanto as marés.

E, por falar nisso, Jack, enquanto você está aí sentado se perguntando sobre os perigos que podem estar à sua volta, como vai sua mãe? Como vai a querida Lily, rainha das produções B? Perdendo peso? Sentindo dores? Enquanto você está enjaulado nesta prisão, estará ela finalmente começando a sentir a doença a roê-la? A roê-la com seus afiados dentinhos de rato? E Morgan, não estará atirando seus raios para dar uma mãozinha ao câncer?

Ele ficara chocado ao saber das camisas-de-força e, embora tivesse visto a Caixa — uma enorme e feia coisa de ferro nos fundos da casa como uma geladeira abandonada —, não pudera acreditar que Gardener realmente colocasse garotos lá dentro. Mas Ferd conseguiria convencê-lo, falando em voz baixa, enquanto os dois carregavam pedras no Campo de Fronteira.

— Ele tem uma estrutura muito bem montada aqui dentro — dissera Ferd. — E que funciona também como ótima fonte de renda. Seus shows religiosos são transmitidos pelo rádio para todo o Meio-Oeste e alcançam quase todo o país pela TV por cabo e horários matinais das pequenas redes. Nós somos apenas sua audiência cativa. Aparecemos muito bem no rádio e ainda melhor no vídeo da TV... pelo menos quando Roy Owdersfelt não está espremendo a porra daquela espinha na ponta do nariz. Casey funciona como uma espécie de produtor de rádio e TV. Ele filma todas as sessões diurnas e grava as noturnas da capela. Seleciona cuidadosamente o material e faz uma montagem para que Gardener fique parecido com Billy Graham e nós, como a torcida do estádio Yankee no último jogo do Campeonato Nacional. E Casey faz muito mais que isso. Ele é o gênio da casa. Viu o microfone instalado em seu quarto? É obra de Casey. Tudo vai dar numa sala de controle, e só

se pode chegar à sala passando pelo gabinete particular de Gardener. Os microfones são acionados por voz, então ele não desperdiça fita. Qualquer coisa succulenta ouvida na casa é imediatamente levada ao conhecimento de Sunlight Gardener. Soube que Casey fez um arranjo no telefone de Gardener que permite que ele fale livremente para qualquer lugar do país, e sei também que emendou uma linha na TV por cabo para pegar programas de fora. É engraçado imaginar o Sr. Sorvete recostando-se numa cadeira e assistindo à sessão da meia-noite após um duro dia de trabalho vendendo Jesus às massas. É realmente engraçado! O sujeito é tão americano quanto um Cadillac, Jack, e aqui, em Indiana, é quase tão admirado quanto um craque de basquete.

Ferd fez uma careta, sacudiu a cabeça e escarrou no chão.

— Está brincando — disse Jack.

— Ferd Janklow nunca brinca quando fala do Exército de Babacas da Casa Sunlight — disse Ferd solenemente. — Ele é rico, ele não tem que declarar coisa alguma ao imposto de renda, ele intimida o comitê municipal de ensino... O comitê tem um medo mortal do homem. Há uma mulher que praticamente *treme* quando vem aqui, parece que ela gostaria de fazer o sinal contra mau-olhado quando o vê. E como falei, ele sempre fica sabendo quando alguém da Secretaria de Educação nos fará uma visita surpresa. Aí nós limpamos a casa de cima a baixo; Bast, o Bastardo, leva os casacões de maluco para o sótão e a Caixa é devidamente enchida com feno. Quando eles chegam, estamos sempre assistindo a uma aula. Quantas aulas você teve desde que aterrisou nesta versão do *Barco do Amor* em Indiana, Jack?

— Nenhuma.

—Nenhuma! — Ferd concordou deliciado. Riu outra vez com cinismo e amargura... e esse riso dizia: *Sabe o que eu descobri quando tinha mais ou menos oito anos? Descobri que estava tendo uma vida fodida e que as coisas não iam se modificar da noite para o dia. Ou talvez jamais chegassem a se modificar. Embora isso*

tenha sido um choque, também não deixava de ter seu lado engraçado. Entende o que estou dizendo, gurizinho?

4

ERAM ESSES OS pensamentos de Jack quando dedos fortes o agarraram pelo pescoço, fazendo pressão nos pontos sensíveis sob as orelhas e levantando-o da cadeira. Ele rodopiou numa nuvem de mau hálito até a paisagem estéril do rosto de Heck Bast.

— Eu e o reverendo ainda estávamos em Muncie quando seu amiguinho criador de casos deu entrada no hospital — disse ele. Seus dedos pulsavam e apertavam, pulsavam e apertavam. A dor era excruciante. Jack gemeu e Heck sorriu. O sorriso fez o mau hálito escapar de sua boca como uma verdadeira enchente. — O reverendo ficou sabendo das novidades pelo bip. Janklow parecia uma pizza que passou 45 minutos num forno de microondas. Vai demorar um pouco até conseguirem pôr *aquele* garoto outra vez em forma.

Ele não está falando comigo, Jack pensou. Está falando para todo mundo na sala. Está querendo nos fazer acreditar que Ferd ainda está vivo.

— Você é um mentiroso sujo — disse Jack. — Ferd está...

Heck Bast bateu nele. Jack caiu esparramado no chão. Todos os outros rapazes se distanciaram dos dois. De algum lugar veio uma risada de Donny Keegan.

Então houve um rugido de raiva. Meio atordoado, Jack levantou os olhos e balançou a cabeça num esforço para clareá-la. Heck se virou e viu Lobo de pé ao lado de Jack de forma protetora,

o lábio superior repuxado, as lâmpadas do teto enviando para os óculos de lentes redondas estranhos reflexos alaranjados.

— Então o retardado finalmente quer brincar — disse Heck, começando a sorrir. — Ei, tudo bem! Eu *adoro* brincar. Vamos lá, seu nojento! Venha brincar comigo!

Ainda rosnando, a saliva escorrendo pelo lábio, Lobo deu um passo à frente. Heck moveu-se para encontrá-lo. Cadeiras arranharam o sinteco quando os garotos recuaram ainda mais para abrir espaço.

— O que está acontecendo aqui...?

Sonny Singer apareceu na porta. Mas não precisou terminar a pergunta, viu o que estava acontecendo. Entrou sorrindo, fechou a porta e se recostou nela. Ficou contemplando a cena, braços cruzados no peito estreito, o rosto sombrio agora iluminado.

Os olhos de Jack voltaram-se para Lobo e Heck.

— Lobo, tenha cuidado! — ele gritou.

— Vou ter cuidado, Jack — disse Lobo, e sua voz era pouco mais que um rosnado. — Vou...

— Vamos *brincar*, seu filho da puta — Heck Bast rosnou e deu um soco que cortou o ar com um assobio. Acertou a face direita de Lobo, fazendo-o cambalear três ou quatro passos. Donny Keegan soltou seu estridente relincho de riso que, Jack agora sabia, podia funcionar como um sinal de tristeza ou de alegria.

O soco foi um golpe muito pesado. Em outras circunstâncias, a luta poderia ter acabado ali mesmo. Infelizmente para Hector Bast, aquele foi também o único golpe que ele acertou.

Heck avançou confiante, os grandes punhos na altura do peito, e fez o braço recuar para tomar impulso. Mas dessa vez o braço de Lobo moveu-se com bastante rapidez. E segurou o punho de Heck.

A mão de Heck era grande. A mão de Lobo era maior.

O punho de Lobo engoliu o de Heck.

O punho de Lobo apertou.

Ouviu-se um som de gravetos secos. Primeiro estalando, depois quebrando.

O sorriso de confiança de Heck primeiro se contorceu, depois congelou. Em seguida, ele começou a gritar.

— Não devia ter ferido o rebanho, seu merda — Lobo sussurrou. — Não param de dizer que a Bíblia de vocês diz isso e aquilo, *Lobo!*, mas só precisam aprender seis versos do *Livro da boa lavoura para saber* que nunca...

Um osso estalando.

— ... *nunca...*

Um osso quebrando.

— NUNCA se pode ferir o rebanho.

Heck Bast caiu de joelhos, uivando, chorando. Lobo continuou segurando o punho de Heck e o braço de Heck postou-se em um ângulo para cima. Era como um fascista fazendo de joelhos a saudação *Heil Hitler!* O braço de Lobo estava rígido como pedra, mas o rosto não revelava qualquer esforço; exceto pelos olhos chamejantes, a expressão era quase serena.

O sangue começou a gotejar do punho de Lobo.

— Pare, Lobo! Já chega!

Jack olhou rapidamente ao redor e viu que Sonny fora embora, deixando a porta aberta. Agora quase todos os rapazes estavam de pé. Tinham se afastado de Lobo o máximo que as paredes da sala permitiam, o espanto e o medo estampados nos rostos. E o quadro se mantinha imóvel no centro do aposento: Heck Bast de joelhos, o braço erguido, o punho devorado pelo de Lobo, o sangue pingando no chão.

lá se amontoando gente no umbral da porta. Casey, Warwick, Sonny Singer, três outros rapazes corpulentos. E Sunlight Gardener, com um pequeno estojo preto, lembrando uma caixa de óculos, numa das mãos.

— *Já chega, eu disse!* — Jack deu uma olhada nos recém-chegados e correu para Lobo. — *Aqui e agora! Aqui e agora!*

— Tudo bem — disse Lobo em voz baixa. Soltou a mão de Heck e Jack viu uma horrível coisa amassada, semelhante a um cata-vento despedaçado. Os dedos de Heck pendiam nos mais diversos ângulos. Heck apertou contra o peito a mão ferida.

— Tudo bem, Jack.

Os seis agarraram Lobo. Ele deu meia-volta, conseguiu soltar um dos braços, e subitamente empurrou Warwick contra a parede. Alguém gritou.

— Segurem-no! — disse Gardener. — Segurem-no! Segurem-no, pelo amor de Jesus!

Ele estava abrindo o estojo negro.

— *Não, Lobo!* — Jack gritou outra vez. — *Pare!*

Por um instante, Lobo continuou lutando, mas acabou cedendo, deixando que o empurrassem contra a parede. Pareciam liliputianos agarrando-se a Gulliver. Sonny parecia bastante amedrontado.

— Segurem-no — disse Gardener, tirando do estojo uma seringa hipodérmica. O sorriso dissimulado, quase recatado, voltara a lhe cobrir o rosto. — Não o soltem, pelo amor de Deus!

— O senhor não precisa usar isso — disse Jack.

— Jack? — Lobo pareceu subitamente assustado. — Jack? *Jack?*

Gardener aproximou-se de Lobo e deu um empurrão em Jack. Sem dúvida o empurrão revelou bons músculos para chicotear. Jack cambaleou na direção de Morton, que gritou e se encolheu como se Jack estivesse contaminado. Um pouco tarde, Lobo começou de novo a lutar — mas os outros eram seis, e isso era demais. Talvez não fosse, é claro, quando a transformação ocorresse.

— *Jack!* — ele berrou. — *Jack! Jack!*

— Não o soltem, pelo amor de Deus... — Gardener murmurou, os lábios brutalmente repuxados, e mergulhou a agulha da injeção no braço de Lobo.

Lobo ficou rígido, atirou a cabeça para trás e gemeu.

Vou matá-los, seus filhos da puta, Jack pensou incoerentemente. Vou matá-los, matá-los, matá-los!

Lobo se debatia, tentava resistir. Gardener recuou, contemplando friamente a cena. Lobo atingiu com o joelho a grande barriga de Casey. Casey soltou uma arfada de ar, cambaleou, mas recuperou o equilíbrio. Daí a um ou dois minutos, Lobo começou primeiro a fraquejar... depois a desfalecer.

Jack ficou em pé, chorando de raiva. Tentou mergulhar entre o emaranhado de suéteres de gola alta que seguravam o amigo. Casey acertou um soco no rosto caído de Lobo e o sangue começou a lhe escorrer do nariz.

Várias mãos o seguraram. Ele lutou, e viu as expressões assustadas dos rapazes com quem trabalhava na pedreira do Campo de Fronteira.

— Quero-o dentro da Caixa — disse Gardener, quando os joelhos de Lobo finalmente vergaram. Depois virou-se lentamente para Jack. — A não ser, sr. Parker, que o senhor me diga onde nos encontramos.

Jack continuou olhando para o chão, sem nada dizer. Seus olhos ardiam, queimavam com lágrimas quentes de raiva.

—A Caixa, então — disse Gardener. — Talvez o senhor mude de opinião quando ele começar a gritar, sr. Parker.

Gardener saiu da sala em passos largos.

LOBO AINDA ESTAVA gritando na Caixa quando Jack e os outros rapazes marcharam para o culto matinal. Os olhos de Sunlight

Gardener pareceram se deter ironicamente no rosto tenso e pálido de Jack. *Talvez agora, sr. Parker?*

Lobo, trata-se de minha mãe, de minha mãe...

Lobo ainda estava gritando quando Jack e os outros garotos escalados para o Campo de Fronteira foram divididos em dois grupos e marcharam para os caminhões. Quando passou perto da Caixa, Jack teve que conter o ímpeto de tapar os ouvidos com as mãos. Aqueles ganidos, aqueles soluços que não paravam!

E, de repente, Sonny Singer estava a seu lado.

— O reverendo Gardener está na sala dele esperando sua imediata confissão, babaca — ele disse. — Ele me disse para avisar você que ele vai tirar o retardado da Caixa assim que você lhe contar o que ele quer saber.

A voz de Sonny era macia, mas havia perigo na expressão do rosto.

Lobo gritava e gania para que o deixassem sair, esmurrava com golpes furiosos as paredes de ferro da Caixa.

Lobo, oh, Lobo, ela é minha MÃE...

— Não posso contar a ele o que ele quer saber — disse Jack. Virou-se de repente para Sonny e projetou-lhe a força misteriosa que absorvera nos Territórios. Sonny recuou dois passos enormes, o rosto abatido e morbidamente assustado. Tropeçou nos próprios pés e bateu na carroceria do caminhão. Se o caminhão não estivesse ali, teria levado um belo tombo.

— Tudo bem — disse Sonny; as palavras saltaram num arquejar sem fôlego que foi quase um gemido. — Tudo bem, tudo bem, esqueça. — O rosto magro ficou de novo arrogante. — O reverendo Gardener mandou-me lhe dizer caso você dissesse não que seu amigo está gritando por você. Entendeu?

— Eu sei por quem ele está gritando.

— Subam no caminhão! — Pedersen gritou com ar severo, mal olhando para os garotos à medida que ia passando por eles... Mas,

quando passou por Sonny, fez uma careta, como se tivesse farejado alguma coisa podre.

Jack continuou ouvindo Lobo gritar mesmo depois de os caminhões já terem se distanciado bastante, apesar de os silenciosos estarem em petição de miséria e os motores roncarem como trovão. Os gritos de Lobo não iam cessar. Alguma espécie de conexão se estabelecera entre a mente de Lobo e a sua; ele pôde ouvir os gritos de Lobo mesmo depois de as equipes de trabalho terem alcançado o Campo de Fronteira. A convicção de que os gritos só perduravam em sua cabeça de nada serviu para melhorar as coisas.

Por volta da hora do almoço, Lobo ficou em silêncio. Jack teve certeza de que Gardener ordenara que o tirassem da Caixa antes que seus gritos e uivos atraíssem ouvidos indiscretos. Depois do que aconteceu a Ferd, ele não ia querer que as atenções se voltassem novamente para a Casa Sunlight.

No fim da tarde, quando as equipes de trabalho retornaram, a porta da Caixa estava aberta e a Caixa vazia. Lá em cima, no quarto dos dois, Lobo estava estendido na cama de baixo do beliche. E abriu um sorriso fraco quando Jack entrou.

— Como vai sua cabeça, Jack? O hematoma parece um pouco melhor. Lobo!

— Lobo, você está bem?

— Gritei um bocado, não foi? Não pude evitar.

— Lobo, sinto muito — disse Jack. Lobo parecia estranho, pálido demais, o corpo um tanto minguado.

Ele está morrendo, Jack pensou. Não, sua mente o corrigiu: Lobo estava morrendo desde que, fugindo de Morgan, atravessara para aquele mundo. Só que agora parecia estar morrendo mais depressa. Excessivamente pálido... Minguado... Mas...

Jack sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha.

As pernas e os braços de Lobo tinham começado a ficar cobertos de uma fina camada de pelos. Duas noites atrás, aqueles

pelos não existiam; ele tinha certeza disso.

Sentiu uma urgência de correr até a janela e tentar ver alguma coisa lá fora, contemplar a lua, certificar-se de que não se equivocara sobre o tempo que faltava para a nova lua cheia.

— Ainda não está na época da transformação, Jack — disse Lobo. Sua voz era seca, um tanto rouca. A voz de um inválido. — Mas eu comecei a me transformar naquele lugar escuro e fedorento onde eles me puseram. Lobo! Foi sim. Porque eu estava fora de mim e completamente assustado. Porque eu estava gritando e ganindo. E se um Lobo fica muito tempo ganindo e gritando, a transformação pode ocorrer por si mesma. — Lobo passou a mão no pelo de suas pernas. — Isto vai desaparecer.

— Gardener fixou um preço para soltar você — disse Jack —, mas eu não pude pagá-lo. Eu queria, mas... Lobo... minha mãe...

Sua voz ficou embargada, os olhos se encheram de lágrimas.

— Psssiu, Jacky! Lobo sabe. Aqui e agora.

Lobo tornou a abrir seu sorriso extremamente pálido e pegou a mão de Jack.

Capítulo Vinte e Quatro

Jack dá Nome aos Planetas

1

OUTRA SEMANA NA Casa Sunlight, para júbilo do Senhor. A esfera da lua aumentava.

Na segunda-feira, um sorridente Sunlight Gardener pediu que os rapazes curvassem a cabeça e dessem graças a Deus pela conversão de seu irmão Ferdinand Janklow. Ferd fizera sua opção por Jesus enquanto se recuperava no Hospital Parkland, disse

Sunlight, o sorriso radiante. Ele dera um telefonema a cobrar para os pais dizendo-lhes que queria ser uma sentinela da causa do Senhor, e eles oraram pedindo orientação ao telefone e os pais vieram buscá-lo na mesma hora.

Ferd, Jack pensou, estaria morto e enterrado sob algum campo gelado... Ou, quem sabe, não teria ido para os Territórios, onde a Polícia Estadual de Indiana jamais conseguiria penetrar.

A terça-feira foi um dia frio e chuvoso demais para o trabalho no campo. Permitiram que a maior parte dos rapazes ficasse nos quartos, lendo ou dormindo. Mas para Jack e Lobo, o período de tormentas tinha começado. Lobo foi obrigado a levar cestos e cestos de lixo do celeiro e dos galpões para a margem da estrada, e sempre sob uma chuva forte. Jack foi encarregado de lavar os banheiros. Sem dúvida Warwick e Casey, que lhe destinaram a tarefa, julgaram estar lhe dando um trabalho realmente sujo. Evidentemente eles não conheciam o banheiro dos homens da mundialmente famosa Oatley Tap.

Era mais uma semana na Casa Sunlight, digam aleluia.

Hector Bast voltou na quarta-feira, o braço direito engessado até o cotovelo, o rosto grande e flácido tão pálido que as espinhas lembravam manchas berrantes de blush.

— O médico disse que talvez eu nunca volte a recuperar inteiramente o uso de minha mão direita — disse Heck Bast. — Você e seu retardado mental pagarão muito caro por isso, Parker.

— Você quer que aconteça a mesma coisa com sua outra mão? — Jack perguntou; mas sentiu um certo medo. Não foi apenas um desejo de vingança que viu nos olhos de Heck; foi um desejo de assassinato.

— Não tenho medo dele — disse Heck. — Sonny diz que grande parte da fúria do seu amigo ficou sufocada lá dentro da Caixa. Sonny diz que ele fará qualquer coisa para não ser obrigado a voltar para lá. E quanto a você...

O punho esquerdo de Heck estalou. Ele não tinha grande agilidade na mão esquerda mas, atônito com raiva estampada no rosto de Hector Bast, Jack não viu o punho se agitar. Seus lábios se abriram num estranho sorriso sob o punho de Heck e se partiram numa ferida. Ele caiu contra a parede.

Uma porta se abriu e Billy Adams deu uma espiada.

— *Fecha já esta porta ou você vai acabar pegando as sobras!*

— Heck gritou, e Adams, que não queria nem um pouco ser atacado ou esmurrado, cumpriu a ordem sem hesitar.

Heck avançou para Jack. Ele se afastou meio grogue da parede e ergueu os punhos. Heck parou.

— Você gostaria disso, não é mesmo? — disse Heck. — Lutar com um sujeito que tem um braço na tipoia. — Um tom vermelho de cólera subiu-lhe pelo rosto.

Soaram passos no terceiro andar, encaminhando-se para as escadas. Heck encarou Jack.

— É Sonny. Vá. Saia daqui. Mas vamos ajustar as contas com você, meu amigo. Com você e com aquele imbecil. O reverendo Gardener nos deu carta branca, a não ser que você conte o que ele quer saber.

Heck sorriu.

— E, faça-me um favor, seu merda. Não conte a ele.

COM A CAIXA, eles tinham sufocado *alguma coisa* em Lobo, não havia dúvida, Jack pensou. Tinham se passado seis horas desde seu confronto no corredor com Heck Bast. A campanha para a confissão logo ia tocar, mas Lobo ainda dormia pesadamente na

cama de baixo do beliche. Lá fora, a chuva continuava a bater nas paredes da Casa Sunlight.

Não era maldade, e Jack sabia que não fora apenas a Caixa a responsável por isso. Nem mesmo apenas a Casa Sunlight. Fora todo esse mundo. Lobo estava, simplesmente, ansiando desesperadamente por seu lar. Perdera a maior parte de sua vitalidade. Raramente sorria e nunca ria. Quando Warwick gritou com ele na hora do almoço por estar comendo com os dedos, Lobo se encolheu.

Tem de ser logo, Jacky. Porque estou morrendo. Lobo está morrendo.

Heck Bast dizia que não tinha medo de Lobo, e de fato parecia não haver mais nada a temer; o apertão na mão de Heck parecia ter sido o último ato de força de que Lobo fora capaz.

A campainha tocou para a confissão.

Naquela noite, após a confissão, o jantar e a capela, quando Jack e Lobo voltaram ao quarto, encontraram as duas camas do beliche molhadas e com cheiro de urina. Jack foi até a porta, abriu-a e viu Sonny, Warwick e um grandalhão chamado Van Zandt de pé no corredor, sorrindo.

— Acho que entramos no lugar errado, babaca — disse Sonny. — Pensamos que era a porta do banheiro por causa dos pedaços de merda que sempre vemos saindo daqui.

Van Zandt quase estourou de rir com a piada.

Jack fitou-os por um bom tempo e Van Zandt parou de rir.

— Para quem está olhando, seu merda? Quer ter a porra do nariz quebrado?

Jack fechou a porta, olhou em volta, e viu Lobo dormindo no beliche molhado sem ter tirado uma só peça de roupa. A barba de Lobo estava voltando a crescer, mas seu rosto ainda estava pálido, a pele repuxada e brilhante. Era o rosto de um inválido.

Então deixe-o em paz, Jack pensou desanimado. Se ele está tão cansado, deixe-o dormir tranquilo.

Não. Você não pode deixá-lo dormir nessa cama imunda. Não pode!

Com ar abatido, Jack aproximou-se de Lobo e sacudiu-o, tirou-o do colchão molhado, fedorento, e livrou-o do uniforme. Os dois dormiram enroscados no chão.

Às quatro da manhã, a porta se abriu e Sonny e Heck entraram. Puxaram Jack e o carregaram para a sala de Sunlight Gardener no subsolo.

Gardener estava sentado com os pés apoiados na quina da mesa. Apesar da hora, estava inteiramente vestido. Atrás dele havia uma gravura de Jesus caminhando sobre o Mar da Galileia ante o olhar maravilhado dos discípulos. À direita dele, uma janela de vidro dava para o estúdio (agora às escuras) onde Casey manipulava suas maravilhas eletrônicas. Das presilhas do cinto de Gardener saía a corrente de um pesado chaveiro. As chaves, um grande punhado de chaves, jaziam na palma de sua mão. Brincava com elas enquanto falava.

— Você ainda não nos fez uma única confissão desde que entrou aqui, Jack — disse Sunlight Gardener, uma suave reprovação no tom de sua voz. — A confissão faz bem à alma. Sem confissão, não podemos ser salvos. Oh, não me refiro à confissão idólatra, pagã dos católicos. Refiro-me à confissão diante de seus irmãos e de seu Salvador.

— Se não se importa, prefiro resolver esse problema diretamente com o Salvador — disse calmamente Jack e, apesar de seu medo e desorientação, não pôde deixar de saborear a expressão de fúria que se espalhou pelo rosto de Gardener.

— Mas *eu* me importo! — Gardener gritou.

Uma dor explodiu nos rins de Jack. Ele caiu de joelhos.

— Veja como fala com o reverendo Gardener, seu imundo! — disse Sonny. — Alguns de nós o defendemos.

— Deus o abençoe por sua confiança e seu amor, Sonny — disse Gardener gravemente, e voltou de novo sua atenção para

Jack.

— Levante-se, filho.

Apoiando-se na beirada da cara mesa de jacarandá de Sunlight Gardener, Jack conseguiu se erguer.

— Qual é seu verdadeiro nome?

— Jack Parker.

Ele viu Gardener fazer um sinal quase imperceptível de cabeça e tentou se virar, mas já era tarde demais. De novo a dor explodiu em seus rins. Ele gritou e caiu de novo, batendo o hematoma que desaparecia na testa na beira da mesa.

— De onde você veio, seu mentiroso, atrevido, maldito garoto?

— Da Pensilvânia.

A dor explodiu na parte superior de sua coxa esquerda. Ele rolou em posição fetal no tapete Karastan branco, os joelhos curvados contra o peito.

— Ponham-no de pé.

Sonny e Heck obedeceram.

Gardener pôs a mão no bolso do paletó branco, tirou um isqueiro branco e acendeu-o. Uma grande chama amarela foi se aproximando lentamente do rosto de Jack. Vinte centímetros. Ele pôde sentir o cheiro penetrante do fluido. Quinze centímetros. Agora já podia sentir o calor. Sete centímetros. Mais um ou 2 centímetros e o mal-estar se converteria em dor. Os olhos de Sunlight Gardener estavam rasos de contentamento. Seus lábios tremiam no despontar de um sorriso.

— Isso mesmo! — O hálito de Heck era quente, tinha cheiro de pimenta velha. — Isso mesmo, reverendo!

— De onde nos conhecemos?

— Nunca estive antes com o senhor! — Jack arquejou.

A chama se aproximou um pouco mais. Os olhos de Jack começaram a lacrimejar; ele podia sentir a pele começando a queimar. Tentou afastar a cabeça. Sonny Singer empurrou-a para a frente.

— Onde o encontrei? — Gardener rosnou. A chama do isqueiro dançava na frente de suas pupilas negras, ameaçando se aproximar mais e mais. — É sua última chance!

Diga a ele. Pelo amor de Deus, diga a ele!

— Se nos encontramos antes, não me lembro onde foi — Jack ofegou. — Talvez na Califórnia...

O isqueiro Zippo se fechou. Jack soluçou de alívio.

— Tirem-no daqui — disse Gardener.

Sonny e Heck arrastaram-no para a porta.

— Não vai ajudá-lo em nada, pode ter certeza — disse Sunlight Gardener. Ele se virou e pareceu estar meditando sobre a gravura de Cristo caminhando sobre as águas. — Vou arrancar isso de você. Se não for hoje à noite, vai ser amanhã à noite. Se não for amanhã à noite, vai ser depois de amanhã à noite. Por que não procura facilitar as coisas para você mesmo, Jack?

Jack não respondeu. Pouco depois, sentiu lhe torcerem o braço até os ombros. Gemeu.

— *Diga a ele!* — Sonny sussurrou.

E uma parte de Jack teve vontade de contar, não por causa da dor, mas porque...

... porque a confissão faz bem à alma.

Lembrou-se do pátio lamacento, lembrou-se daquele mesmo homem num outro invólucro de pele perguntando quem era ele. Lembrou-se de ter pensado: *Vou lhe dizer tudo o que quiser saber se parar de me olhar com esses olhos monstruosos. Vou falar porque sou apenas um menino, e é isso que os meninos fazem. Eles contam, eles contam tudo...*

Então ele se lembrou da voz da mãe, uma voz dura, perguntando se ia dar o serviço a um sujeito daqueles.

— Não posso dizer o que não sei — disse ele.

Os lábios de Gardener se repartiram num sorriso pequeno e seco.

— Levem-no de volta para o quarto.

MAS UMA SEMANA na Casa Sunlight, irmãos e irmãs, e todos dirão aleluia! Só mais uma longa, longa semana.

Jack demorou-se na cozinha depois dos outros terem deixado no balcão as bandejas do desjejum e ido embora. Sabia perfeitamente bem que estava se arriscando a outro espancamento, a mais agressão... mas, naquela altura, isso lhe pareceu uma consideração sem importância. Três horas atrás, Sunlight Gardener estivera perto de lhe queimar os lábios. Ele viu isso nos olhos loucos do homem, sentiu no coração louco. Após uma coisa daquelas, o risco de um espancamento parecia um perigo realmente sem importância.

O avental de cozinheiro de Rudolph estava encardido de sujeira, cinzento como o céu de final de outono. Quando Jack o chamou num sussurro, Rudolph lhe atirou um olhar vermelho e cínico. O bafo de uísque barato era muito forte.

— É melhor ir se mandando daqui, novato. Estão de olho em você.

Conte-me algo de novo.

Jack olhou ansiosamente para a velha lavadora de pratos. Ela vibrava, assobiava, arfava, soltava vapores de dragão para os rapazes que a enchiam de louça. Eles pareciam não estar olhando para Jack e Rudolph, mas *pareciam* era a palavra certa. Boatos e cochichos circulavam com muita rapidez. Oh, sim. Na Casa Sunlight tiravam o seu dinheiro, e fábulas e intrigas pareciam se transformar na nova moeda corrente.

— Preciso sair daqui — disse Jack. — Eu e meu amigo grandão. Quanto você quer para fazer vista grossa quando nós dois atravessarmos aquela porta dos fundos?

— Mais do que você poderia me pagar mesmo que conseguisse pôr as mãos no que tinha no bolso quando entrou aqui,

camarada — disse Rudolph. As palavras eram duras, mas havia uma estranha espécie de benevolência no olhar.

Sim, é claro. Tudo estava com eles. Tudo. A palheta de violão, o dólar de prata, a bola de gude, os seis dólares... Tudo com eles. Tudo fechado num envelope e guardado em algum lugar, provavelmente na sala de Gardener lá embaixo. Mas...

— Escute, eu lhe daria uma promissória.

Rudolph sorriu.

— Vindo de alguém enterrado neste antro de ladrões e viciados, a ideia é quase engraçada — disse. — Pode jogar no lixo a porra de sua promissória, moleque.

Jack direcionou para Rudolph toda a nova força misteriosa que absorvera nos Territórios. Havia uma forma de esconder essa força, essa nova beleza, ao menos até certo ponto, mas agora ele permitiu que ela viesse à tona, e viu Rudolph dar um passo atrás, o rosto momentaneamente confuso, espantado.

— Minha promissória seria real e acho que você sabe muito bem disso — Jack falou em voz baixa — Dê-me um endereço e eu lhe enviarei o dinheiro. Quanto? Ferd Janklow disse que por dois dólares você despacha uma carta. Será que dez o fariam olhar para o outro lado enquanto vamos até lá fora?

— Nem dez, nem vinte, nem cem — Rudolph respondeu. Ele encarou Jack com uma tristeza assustadora. Foi aquele olhar mais do que qualquer outra coisa que assegurou-lhe que ele e Lobo estavam irremediavelmente encarcerados. — Olhe, eu já fiz isso antes. Às vezes por cinco dólares. Às vezes, acredite ou não, de graça. Por Ferdie Janklow por exemplo, eu teria feito de graça. Ele era um ótimo sujeito. *Aqueles filhos da puta...*

Rudolph levantou um punho vermelho, cheio de água e detergente, e sacudiu-o para os ladrilhos verdes da parede. Viu Morton, o acusado de punheteiro, olhando para ele; Rudolph atirou-lhe um olhar de fúria e o garoto olhou para o outro lado correndo.

— Então por que *não*? — Jack perguntou desesperado.

— Porque tenho medo, rapaz.

— O que você quer dizer? Na noite em que cheguei, quando Sonny começou a criar problemas pra você...

— Singer! — Rudolph sacudiu a mão num gesto de desprezo.

— Não tenho medo de Singer e não tenho medo de Bast, por mais grandalhão que ele seja. É *dele* que eu tenho medo.

— De Gardener?

— Ele é um demônio saído do inferno — disse Rudolph. Fez uma pausa e acrescentou: — Vou lhe contar uma coisa que nunca contei a ninguém. Uma sexta-feira, ele estava demorando a me dar o envelope com o pagamento e eu fui lá embaixo, ao escritório. Não costumo ir lá, não gosto de ir lá, mas naquele dia tive de ir... Eu tinha que ir me encontrar com um cara. Precisava receber logo minha grana, você entende? Eu o vi descer o corredor e entrar no escritório, por isso sabia que ia encontrá-lo lá. Desci, bati na porta e ela se abriu sozinha quando eu bati. Não estava fechada com o trinco. E sabe de uma coisa, garoto? *Ele não estava lá dentro*.

A voz de Rudolph se tornara quase um sussurro. Jack mal conseguia ouvi-lo entre os roncos e assobios da lavadora de pratos. Os olhos de Rudolph tinham se arregalado como olhos de criança contando à mãe um pesadelo.

— Achei que ele podia estar no estúdio de gravação, mas não estava. E não podia ter ido para a capela porque ela não tem porta de ligação com o escritório. No estúdio há uma porta de saída, mas ela estava trancada a cadeado *pelo lado de dentro*. Então para onde ele tinha ido? *Para onde ele tinha ido?*

Jack, que sabia muito bem, limitou-se a olhar para Rudolph.

— Acho que ele é um demônio saído do inferno e pegou um elevador para se apresentar na porra do quartel-general — disse Rudolph. — Gostaria de ajudá-lo, mas não posso. Não há dinheiro suficiente nem em Fort Knox para me fazer enfrentar o Homem Sunlight. E, agora, saia daqui. Talvez ainda não tenham dado pela sua falta.

Mas, evidentemente, já tinham dado pela falta de Jack. Quando ele atravessou a porta de vaivém, Warwick apareceu do seu lado e deu uma porrada na lombar de Jack com mãos entrelaçadas como um punho gigantesco. Quando Jack saiu tropeçando pelo refeitório deserto, Casey saiu não se sabe de onde, como um diabólico boneco de molas, e esticou a perna. Jack não conseguiu parar. Tropeçou no pé de Casey, os pés se embolaram e ele se esborrachou num amontoado de cadeiras. Levantou-se depressa, lutando para sufocar as lágrimas de raiva e vergonha.

— Não demore demais para levar a bandeja, seu merda — disse Casey. — Você pode se machucar.

Warwick deu uma risada.

— É. Agora suba. Os caminhões estão à nossa espera.

4

NAQUELA MADRUGADA, ELE foi acordado de novo às quatro horas e levado para a sala de Sunlight Gardener.

Gardener levantou os olhos da Bíblia como se estivesse espantado por vê-lo ali.

— Está pronto para confessar, Jack Parker?

— Não tenho nada...

O isqueiro de novo. A chama, a dois ou três centímetros da ponta de seu nariz.

— Confesse. Onde nos encontramos?

A chama se aproximou ainda mais um pouco.

— Estou mesmo disposto a obrigá-lo a falar, Jack. Onde foi?

Onde?

— *Em Saturno!* — Jack gritou. Foi a única coisa que lhe veio à cabeça. — *Urano! Mercúrio! Em algum lugar no cinturão de asteroides. Io! Ganimedes! Dei...*

Uma dor compacta, pesada, alucinante explodiu na altura de sua virilha quando Hector Bast pôs as mãos entre suas pernas e lhe apertou os testículos.

— Viu? — disse Heck Bast sorrindo de alegria. — Não precisava estar passando por esta se não se fizesse de engraçadinho.

Soluçando, Jack escorregou lentamente para o chão.

Sunlight Gardener inclinou-se sobre ele, um rosto paciente, quase beatífico.

— Da próxima vez é seu amigo quem estará aqui — disse num tom gentil. — E com ele eu não hesitarei. Pense nisso, Jack. Até a madrugada de amanhã.

Mas Jack decidiu que, na madrugada do dia seguinte, ele e Lobo não estariam mais lá. Se só restavam os Territórios, então que fossem para os Territórios...

... se ele e Lobo, é claro, conseguissem voltar.

Capítulo Vinte e Cinco

Jack e Lobo Descem ao Inferno

1

TINHAM DE ATRAVESSAR do térreo. Jack se preocupava mais com isso do que com a questão de saber se conseguiriam ou não efetivamente atravessar. Seria mais simples tentar a passagem a partir do quarto, mas o pequeno e miserável cubículo que ele compartilhava com Lobo ficava no terceiro andar, 12 metros acima do solo. Jack não sabia se a geografia e topografia dos Territórios

correspondiam exatamente à geografia e topografia do Estado de Indiana, mas não queria correr o risco de quebrar os pescoços dos dois.

Explicou a Lobo o que iam fazer.

— Você entendeu?

— Sim — Lobo respondeu apaticamente.

— Então repita o que eu disse, amigão.

— Depois do desjejum, vou até o banheiro que fica do outro lado da sala comunitária. Entro na primeira privada. Se ninguém der pela minha falta, você vai também. E nós dois voltaremos para os Territórios. Está certo, Jacky?

— Está.

Jack pôs a mão no ombro de Lobo e apertou-o. Lobo sorriu debilmente. Jack hesitou e disse:

— Sinto muito por ter botado você nesta fria. Foi culpa minha.

— Não, Jack — Lobo respondeu num tom gentil. — Vamos tentar fazer o que você disse. Talvez...

Um pequeno e melancólico raio de esperança pareceu cintilar brevemente nos olhos de Lobo.

— Sim — disse Jack. — Talvez.

2

JACK ESTAVA ASSUSTADO e agitado demais para querer o desjejum, mas achou que podia chamar atenção se não comesse. Então enfiou goela abaixo ovos e batatas que tinham gosto de serragem e chegou até a comer uma boa fatia de bacon.

Finalmente o tempo melhorara. Mas tinha nevado na noite anterior e as pedras do Campo de Fronteira pareciam pedaços de

lava cobertos de plástico.

As bandejas foram lavadas para a cozinha.

Os garotos tiveram permissão de voltar para a sala comunitária enquanto Sonny Singer, Hector Bast e Andy Warwick pegavam sua lista de tarefas.

Sentaram-se todos ao redor da sala, expressões apáticas. Pedersen tinha a última edição da revista que a organização de Gardener publicava, *A Luz de Jesus*. Folheava aleatoriamente as páginas, levantando de vez em quando os olhos para dar uma olhada nos rapazes.

Lobo olhou com ar interrogativo para Jack. Jack balançou afirmativamente a cabeça. Lobo se levantou e saiu da sala. Pedersen deu uma espiada, viu Lobo cruzar o corredor e entrar no banheiro estreito e comprido. Depois voltou à revista.

Jack contou até sessenta, depois se obrigou a contar de novo até sessenta. Foram os dois minutos mais longos de sua vida. Estava morrendo de medo de que Sonny e Heck entrassem na sala para ordenar que fossem todos para os caminhões. Jack tinha de entrar no banheiro antes que isso acontecesse. Mas Pedersen não era burro. Se Jack fosse logo atrás de Lobo, Pedersen poderia suspeitar de alguma coisa.

Por fim, Jack se levantou e atravessou a sala. A porta do banheiro parecia incrivelmente distante e seus pés pareciam pesados, incapazes de avançar com naturalidade; era como uma ilusão de ótica.

Pedersen levantou os olhos.

— Aonde você vai, seu merda?

— Ao banheiro — disse Jack. Sua língua estava seca. Já tinha ouvido dizer que a *boca* das pessoas ficava seca quando elas estavam com medo, mas a *língua*?

— Chegarão em um minuto — disse Pedersen, esticando a cabeça para o fim do corredor, onde a escada conduzia à capela, ao

estúdio e à sala de Gardener). — É melhor ficar aqui e mijar no Campo de Fronteira.

— Preciso cagar — disse Jack num tom de desespero.

Claro. E talvez você e seu estúpido amigo gostem de mexer no membro um do outro no começo do dia... Só para se animarem um pouco. Vá se sentar.

— Tudo bem, pode ir — disse Pedersen com voz rabugenta. — Não fique aí choramingando.

Ele voltou para a revista. Jack atravessou o corredor e entrou no banheiro.

3

LOBO tinha ocupado a privada errada. Estava bem na do meio da fileira de cabines, os enormes sapatos surrados despontando ostensivamente sob a porta. Jack entrou. Confinado com Lobo num espaço tão pequeno, teve plena consciência do forte odor animal do companheiro.

— Ok — disse Jack. — Vamos tentar.

— Jack, estou com medo.

Jack deu um riso nervoso.

— Eu também estou com medo.

— Como vamos...

— Eu não sei. Me dê suas mãos.

Aquilo parecia um bom começo.

Lobo pôs as mãos cabeludas — quase patas — nas mãos de Jack, e Jack sentiu uma estranha energia fluir para seu corpo. A energia de Lobo ainda não se perdera, afinal. Estivera simplesmente

sufocada, como a primavera às vezes corre subterraneamente sob um período de grande calor.

Jack fechou os olhos.

— *Queira voltar* — disse ele. — *Queira voltar, Lobo. Me ajude!*

— Eu quero — ele disse. — Se puder, vou ajudar!, Lobo!

— Aqui e agora.

— Aqui e agora!

Jack apertou com mais força as mãos-patas de Lobo. Podia sentir um cheiro de desinfetante. Podia ouvir um carro passando ao longe. Um telefone tocando. *Estou tomando o suco mágico*, ele pensou. *Em minha mente, estou tomando o suco mágico. Aqui e agora estou tomando o suco. Posso sentir-lhe o cheiro. É um gosto pegajoso de uvas podres. Posso senti-la. Posso sentir minha garganta reagindo...*

Quando o gosto lhe encheu a boca, o mundo oscilou, rodopiou ao redor.

— Jacky, está dando certo! — Lobo gritou.

O grito o tirou de sua concentração febril e por um instante ele tomou consciência de que aquilo era apenas um truque, como tentar dormir contando carneirinhos. O mundo ficou firme outra vez. O cheiro de desinfetante de banheiro voltou. Debilmente, ouviu uma voz preguiçosa atender ao telefone:

— Alô, quem é?

Não importa, não é um truque, não é absolutamente um truque. É magia. É magia e eu sabia fazê-la quando era pequeno e vou ser capaz de fazê-la outra vez. Foi isso que Speedy quis dizer, foi isso que aquele cego Bola de Neve quis dizer! O SUCO MÁGICO ESTÁ EM MINHA MENTE...

Ele se concentrou com toda a sua energia, com toda a sua força de vontade... E foi surpreendente a facilidade com que os dois atravessaram. Como se tivessem dado um soco em alguma coisa que parecia granito e, com o impacto, o granito tivesse se transformado em papel colorido. Como se o soco que devia quebrar

todos os nós dos dedos não tivesse encontrado qualquer resistência.

4

COM OS OLHOS bem fechados, Jack primeiro sentiu o chão se esfarelando sob seus pés... e depois desaparecendo completamente.

Oh, merda, pensou desanimado, *vamos cair de qualquer jeito*.

Mas não foi realmente um tombo, apenas um escorregão. Logo depois, ele e Lobo estavam firmemente em pé, não sobre os ladrilhos de um banheiro, mas sobre terra.

Um fedor de enxofre misturado com um cheiro de esgoto fluía em torno deles. Era um cheiro mortal, e Jack achou que indicava o fim de toda a esperança.

— Jason! O que é este *cheiro*? — Lobo gemeu. — Oh, Jason, este *cheiro*! Não posso ficar aqui, Jacky, não posso ficar...

Os olhos de Jack subitamente se arregalaram. No mesmo momento, Lobo soltou-se de suas mãos e cambaleou para a frente, os olhos ainda bem fechados. Jack reparou que a calça cáqui e a camisa xadrez da Casa Sunlight tinham sido substituídas pelo macacão que Lobo usava quando Jack o conheceu. Os óculos de John Lennon também tinham sumido. E...

E Lobo estava cambaleando para a beira de um precipício a apenas um metro de distância.

— *Lobo!* — ele gritou e segurou com os braços a cintura do amigo. — *Lobo, não!*

— Jacky, não posso ficar aqui — Lobo tornou a gemer. — É uma Cova, uma das Covas! Morgan fez esses lugares, ouvi falar

que Morgan os fez! Eu posso até sentir o cheiro dele...

— *Você está na ponta de um penhasco! Vai cair!*

Os olhos de Lobo se abriram. O queixo caiu quando ele se deparou com o abismo enfumaçado que se abria a seus pés. Nas profundezas mais nevoentas, um fogo vermelho piscava como olhos inflamados.

— Uma Cova — Lobo gemeu. — Oh, Jacky, é uma Cova! Uma fornalha vinda do Coração Negro lá embaixo. Um Coração Negro no meio do mundo. Não posso ficar aqui, Jacky! Não há lugar pior do que este!

O primeiro pensamento frio que ocorreu a Jack quando ele se viu à beira da Cova, olhando para o inferno, ou para o Coração Negro no meio do mundo, foi que a geografia dos Territórios e a geografia do estado de Indiana *não eram* idênticas. Não havia, na Casa Sunlight, qualquer lugar que correspondesse àquele abismo, àquela hedionda Cova.

Um metro para a direita, Jack pensou com súbito e intenso horror. *Era tudo o que seria necessário — apenas um metro para a direita. E se Lobo tivesse feito exatamente como eu mandei...*

Se Lobo tivesse agido exatamente como ele mandara, os dois fariam a travessia a partir da primeira privada do banheiro. E, se tivessem feito isso, aterrissariam nos Territórios bem depois da beira do abismo.

As pernas de Jack fraquejaram. Ele se agarrou de novo a Lobo, dessa vez em busca de apoio para si mesmo.

Lobo abraçou-o com ar distraído, os olhos arregalados com uma cintilação alaranjada. Sua face era uma máscara de medo e abatimento.

— É uma Cova, Jacky.

O fosso lembrou a Jack a imensa mina de molibdeno que visitara com a mãe durante umas férias no Colorado, três invernos atrás. Tinham ido esquiarem em Vail, mas um dia fez tanto frio que

resolveram fazer uma excursão de ônibus até a mina da Continental Minerals, nos arredores da pequena cidade de Sidewinder.

— Para mim, isto parece o inferno, Jack-O — dissera ela, olhando com o rosto triste e sonhador pelas janelas rodeadas de neve do ônibus. — Gostaria que acabassem com estes lugares, que fechassem todos eles. Eles trazem fogo e destruição de dentro da terra. São fossas do inferno, não há dúvida!

Densas, grossas colunas de fumaça saíam das profundezas da Cova. As paredes do abismo estavam raiadas de grossos filões de algum venenoso metal esverdeado. Parecia ter quase um quilômetro de diâmetro. Uma trilha conduzia para baixo, se espiralando no interior da circunferência. Jack podia ver alguns vultos avançando para cima e para baixo pela trilha.

Era uma espécie de prisão, assim como a Casa Sunlight era uma prisão. Aqueles seriam os prisioneiros e os carcereiros. Os prisioneiros estavam nus, atrelados aos pares a carros que lembravam riquixás — carros cheios de pedaços enormes daquele minério verde, de aparência gordurosa. Os rostos estampavam duros recortes de dor e, apesar de escurecidos pela fuligem, não ocultavam grandes feridas vermelhas.

Os guardas trabalhavam ao lado deles. Consternado, Jack viu que não eram seres humanos; em absolutamente nenhum sentido poderiam ser chamados de humanos. Os corpos eram retorcidos e tinham corcundas, as mãos eram garras, as orelhas pontudas como as do Dr. Spock no seriado *Jornada nas Estrelas*.

Ora, eles são gárgulas!, Jack pensou. *São aqueles monstros de pesadelo daquelas catedrais da França. Minha mãe tinha um livro e eu achei que íamos ter que ver todas que haviam lá, mas ela parou quando eu tive um pesadelo e molhei a cama. Será que vieram daqui? Será que alguém os viu? Alguém da Idade Média que atravessou, viu este lugar e pensou que estava tendo uma visão do inferno?*

Mas aquilo não era visão.

As gárgulas tinham chicotes e, por entre o barulho das rodas dos carros e da rocha crepitando sob a ação de alguma poderosa fonte de calor, Jack podia ouvi-los estalar, assobiar. Enquanto Jack e Lobo observavam, um par de trabalhadores fez uma pausa próximo do topo da trilha em espiral. Jack e Lobo viram suas cabeças baixas, os tendões do pescoço se relaxando de alívio, as pernas tremendo de exaustão.

A monstruosidade que tomava conta deles — uma criatura disforme com uma tanga na cintura e uma linha irregular de pelos brotando da carne esticada sobre os nós da espinha — fez o chicote estalar primeiro sobre um e depois sobre o outro, berrando com eles numa linguagem áspera e estridente que pareceu atirar farpas de dor na cabeça de Jack. Jack viu as mesmas contas de metal que decoravam o chicote de Osmond e, antes que pudesse piscar, o braço de um prisioneiro foi rasgado e a nuca de outro se transformou em farrapos.

Os homens gritaram e caíram de frente, o sangue profundamente vermelho tingindo o solo amarelo. A coisa ganiu e balbuciou, e o cinzento braço direito fez outra flexão e o chicote voltou a silvar sobre as cabeças dos escravos. Com um empurrão final, em que pareceram empregar todo o resto de suas energias, eles conseguiram puxar o carro até um platô. Um deles caiu de joelhos, exausto, e o movimento do carro atingiu-o, deixando-o estirado no chão. Depois uma das rodas lhe passou sobre as costas. Jack ouviu o som da espinha do prisioneiro quebrar. Foi como o som de um disparo de partida numa competição de corrida.

A gárgula guinchou de raiva quando o carro balançou e caiu de lado, derramando toda a carga no solo árido, arenoso e rachado do paredão da Cova. Ele se aproximou do prisioneiro em duas enormes passadas e levantou o chicote. Nesse momento, o moribundo virou a cabeça e olhou dentro dos olhos de Jack Sawyer.

Era Ferd Janklow.

Lobo também viu.

Eles tatearam um em busca do outro.
E atravessaram de novo.

5

Encontravam-se num lugar fechado e apertado, (uma das cabines do banheiro, e Jack mal podia respirar devido ao abraço esmagador de Lobo em volta do seu pescoço. E um de seus pés estava ensopado. Ele conseguira voltar com um dos pés enfiado no vaso sanitário. Que ótimo. *Coisas desse tipo jamais aconteceriam a Conan, o Bárbaro*, Jack pensou abatido.

— Jack, *não*, Jack, *não*! A Cova, era a Cova, *não*, Jack...

— Pare com isso! Pare com isso, Lobo! Já voltamos!

— Não, não, n...

Lobo parou de choramingar e abriu lentamente os olhos.

— Voltamos?

— Pode ter certeza, aqui e agora. E agora me solte, porque está quebrando minhas costelas e, além disso, meu pé mergulhou na maldita...

Com um estrondo, a porta do banheiro se escancarou. Bateu na parede de azulejos com força suficiente para estilhaçar o painel de vidro fosco no meio da porta.

A porta da cabine foi aberta com fúria. Andy Warwick deu uma espiada lá dentro e proferiu quatro palavras de rancor e desprezo:

— *Seus veados de merda!*

Ele agarrou o atordoado Lobo pela frente da camisa xadrez e o puxou para fora. O bolso da calça de Lobo prendeu na cobertura de aço inoxidável que ficava sobre o suporte de papel higiênico e arrancou a peça toda da parede. Ela saiu voando. O rolo foi se

desenrolando pelo chão do banheiro. Warwick empurrou Lobo de encontro às pias, cuja altura era exata para lhe atingir os órgãos genitais. Lobo caiu no chão, contorcendo-se de dor.

Warwick virou-se para Jack, e Sonny Singer apareceu na porta da cabine. Ele esticou o braço e também pegou Jack pela frente da camisa.

— Tudo bem, sua bicha — disse Sonny, e isso foi o máximo que conseguiu dizer. Desde que Jack e Lobo tinham sido enterrados naquele lugar, Sonny Singer não parara de pegar no pé de Jack. O odioso Singer, cujo rosto hipócrita e sinistro parecia querer ser igual ao de Sunlight Gardener, o mais rápido possível. O odioso Singer, que chamava Jack de nojento, de merdinha. Sonny Singer que, sem dúvida, fora o autor da ideia de mijarem no beliche.

Jack lançou à frente o punho direito, não executando um movimento curvo no estilo de Heck Bast, mas impulsionando-o de forma retilínea. E o punho entrou em contato com o nariz de Singer. Houve um baque audível. Jack sentiu um momento de absoluta, perfeita e sublime satisfação.

— Pronto — ele gritou, tirando o pé do vaso sanitário. Um grande sorriso lhe iluminou o rosto e ele tentou transmitir a Lobo um pensamento positivo de vitória:

Não estamos nos saindo assim tão mal, Lobo. Você quebrou a mão de um filho da puta e eu quebrei o nariz de outro.

Sonny oscilou para trás, berrando, o sangue lhe escorrendo entre os dedos.

Jack saiu da privada, os punhos em posição de ataque numa imitação razoável de John L. Sullivan.

— Eu disse para ter cuidado comigo, Sonny. Agora eu vou lhe ensinar a dizer aleluia.

— Heck! — Sonny gritou. — Andy! Casey! Alguém!

— Sonny, você parece assustado — disse Jack. — Não sei por que...

E então alguma coisa — alguma coisa parecida com um monte de tijolos — lhe desabou pela nuca, empurrando-o contra um dos espelhos das pias. Se o espelho fosse de vidro, teria se espatifado e causado grandes estragos em seu rosto. Mas todos os espelhos eram de aço polido. Não devia haver suicídios na Casa Sunlight.

Jack ainda conseguiu levantar um braço e amortecer um pouco o golpe, mas se sentia muito zozzo quando se virou e viu o sorriso de Heck Bast na sua frente. Heck o atingira com o gesso da mão direita.

Quando olhou para Heck, com uma enorme sensação de nojo, Jack percebeu outra coisa: *Era você!*

— Também me doeu — disse Heck, segurando suavemente a mão engessada —, mas valeu a pena, seu merda.

Ele deu um passo à frente.

Era você! Era você de pé ao lado de Ferd naquele outro mundo, chicoteando-o até a morte. Era você, você era a gárgula. ela era seu Duplo!

Uma ira tão abrasadora que era como vergonha envolveu o corpo de Jack. Quando Heck chegou mais perto, ele se inclinou contra a pia, agarrou fortemente a beirada com ambas as mãos e levantou os dois pés num enorme coice. Heck Bast foi atingido no peito e rodopiou até a cabine aberta. O sapato que voltara a Indiana plantado num vaso sanitário deixou uma marca molhada na suéter branca de gola alta de Heck. Heck caiu sentado no vaso com uma expressão atordoada. O gesso da mão bateu com força na louça sanitária.

Outros entravam agora no banheiro. Lobo estava tentando se levantar, o cabelo caído no rosto. Sonny começou a avançar para Lobo, a mão ainda apertando o nariz que esguichava sangue, obviamente pretendendo dar um bom chute em Lobo.

— Isso mesmo, vá em frente. Experimente encostar a mão nele, Sonny — disse Jack suavemente, e Sonny se encolheu.

Jack pegou Lobo pelo braço e ajudou-o a se levantar. E, como num sonho, viu que Lobo tinha voltado mais peludo que nunca. *Tudo isto o está submetendo a uma grande tensão. Está provocando a metamorfose antes da hora e, meu Deus, isso nunca vai acabar, nunca... nunca...*

Ele foi recuando com Lobo para os fundos do banheiro. Warwick, Casey, Pedersen, Peabody, Singer, todos avançavam. Heck saía da cabine para onde fora chutado e Jack observou mais uma coisa: eles tinham atravessado para os Territórios da quarta privada. Heck Bast estava saindo da quinta, do mesmo cubículo de onde eles voltaram. Isto é, ele e Lobo tinham se movido no outro mundo um espaço suficiente para retornar por um diferente compartimento sanitário.

— Os dois estavam fazendo sacanagem aí dentro! — Sonny gritou num tom abafado e nasal. — O retardado e o menino bonitinho! Warwick e eu os pegamos de pinto de fora!

As nádegas de Jack tocaram o azulejo frio. Não havia mais espaço para retroceder. Ele soltou Lobo que se encolheu, atordoado, e levantou os punhos.

— Vamos lá! — disse. — Quem vem primeiro?

— Acha que vai dar conta de todos nós? — Pedersen perguntou.

— Se for preciso, sim — disse Jack. — O que vão fazer, me amarrar uma cruz nas costas? Venham!

Um lampejo de mal-estar no rosto de Pedersen; uma câibra ostensiva de medo no de Casey. Eles pararam... Realmente pararam. Jack experimentou um momento de selvagem, enlouquecida esperança. Os rapazes o encaravam com o receio de quem fita um cão raivoso que podia perfeitamente ser abatido... mas que, no processo, podia morder gravemente alguém.

— Abram caminho, rapazes — disse uma voz potente, serena. Eles obedeceram de bom grado, uma sensação de alívio estampada

nos rostos. Era o reverendo Gardener. O reverendo Gardener sabia como lidar com o problema.

Ele se aproximou dos dois internos acuados. Vestia uma calça larga com listras cinzentas e uma camisa branca de seda com mangas enormes. Trazia na mão aquele estojo preto com a seringa hipodérmica.

Olhou para Jack e suspirou:

— Você sabe o que diz a Bíblia sobre o homossexualismo, Jack?

Jack arreganhou os dentes para ele.

Gardener balançou a cabeça com uma expressão de tristeza, como se não pudesse esperar outro tipo de reação dele.

— Bem, todos os rapazes fazem travessuras — disse ele. — É axiomático.

Abriu o estojo. A seringa brilhou.

— Mas acho que você e seu amigo estão fazendo coisas ainda piores que sodomia — Gardener continuou com a voz branda e pesarosa. — Indo a lugares que deviam deixar reservados aos mais velhos e aos seus superiores, quem sabe...

Sonny Singer e Hector Bast trocaram um olhar assustado, inquieto.

— Acho que um pouco desse mal... dessa perversidade... foi culpa minha. — Ele pegou a seringa e depois um pequeno frasco. Passou o estojo para Warwick e encheu a seringa — Nunca acreditei em forçar meus garotos a confessar, mas sem confissão não pode haver opção por Cristo, e sem opção por Cristo, o mal continua a crescer. Por isso, embora lamentando profundamente, acho que terminou o tempo de pedir e veio o tempo de exigir em nome de Deus. Pedersen. Peabody. Warwick. Casey. Segurem os dois!

Como cães bem treinados, os rapazes avançaram, obedecendo a seu comando. Jack ainda conseguiu esmurrar Peabody, mas logo teve as mãos agarradas e imobilizadas.

— *Deixe eu lhe dar uma lição!* — Sonny gritou em seu novo tom nasal. Foi abrindo caminho com os cotovelos entre a multidão estupefata de rapazes, os olhos cintilantes de raiva. — *Quero dar uma lição nesse cara!*

— Agora não — disse Gardener. — Talvez mais tarde. Primeiro temos de rezar por ele, não é mesmo, Sonny?

— Sim. — O brilho nos olhos de Singer tinha se tornado decididamente febril. — Vou rezar bastante pela alma dele.

Como um homem que finalmente acorda após um período muito longo de sono, Lobo resmungou e olhou em volta. Viu Jack imobilizado, viu a agulha da injeção, e afastou o braço de Pedersen que segurava Jack como se fosse o braço de uma criança. Um ronco surpreendentemente forte lhe escapou da garganta:

— *Não! Deixem meu amigo em PAZ!*

Num passo de dança, com uma fluidez graciosa que lembrava Osmond acuando o carroceiro no terreiro lamacento dos Territórios, Gardener aproximou-se de Lobo pelo lado cego. A agulha faiscou e mergulhou em seu braço. Lobo rodopiou, urrando como se tivesse sido perfurado... O que, de certa forma, fora exatamente o que lhe acontecera. Ele ergueu a mão para a seringa, mas Gardener conseguiu esquivá-la.

Alguns internos que tinham assistido a parte dos acontecimentos com a habitual pasmaceira predominante na Casa Sunlight, começaram a debandar para o corredor com fisionomias de alarme. Não queriam presenciar a fúria daquele Lobo simplório e grandalhão.

— *Deixem meu amigo em PAZ! Deixem... meu... amigo...*

— *Lobo!*

— Jack... Jacky...

Lobo fitava-o com olhos atordoados que, como estranhos caleidoscópios, oscilavam do castanho-claro ao alaranjado e a um vermelho turvo. Estendeu as mãos peludas para Jack.

Foi então que Hector Bast se colocou atrás dele e derrubou-o no chão com uma pancada na cabeça.

— *Lobo! Lobo!* — Jack olhou para Heck com olhos úmidos e furiosos. — *Se você o matou, seu filho da puta...*

— *Shhh*, sr. Jack Parker — Gardener sussurrou em seu ouvido, e Jack sentiu a agulha espetar-lhe o braço. — Agora fique quietinho. Vamos trazer um pouco de luz para sua alma. E depois, então, veremos se vai gostar de puxar um vagão carregadinho pela trilha em espiral. Não quer dizer aleluia?

Essa foi a única palavra que o acompanhou enquanto ele apagava.

Aleluia... aleluia... aleluia...

Capítulo Vinte e Seis

Lobo na Caixa

1

JACK DESPERTOU MUITO tempo antes de perceberem que estava verdadeiramente acordado, mas só gradualmente foi tomando consciência de quem era, do que acontecera e da enrascada em que se metera. Ele era, de certa forma, como um soldado que tivesse sobrevivido a um feroz e prolongado fogo de artilharia. O braço latejava no lugar onde Gardener aplicara a injeção. A cabeça

doía tanto que até seus olhos pareciam pulsar. E estava morrendo de sede.

Subiu mais um degrau na escada da autoconsciência quando a mão esquerda procurou tocar o lugar onde Gardener espetara seu braço. Mas não conseguiu fazê-lo. E não conseguiu simplesmente porque tinha os braços amarrados em torno do peito. Podia sentir o cheiro de uma lona velha, mofada — cheiro de uma barraca de escoteiro encontrada depois de muitos anos num sótão. Embora há mais de dez minutos estivesse fitando estupidamente a coisa por entre pálpebras semicerradas, só então compreendeu o que estava usando. Era uma camisa-de-força.

Ferd teria percebido isso com mais rapidez, Jack-O, ele pensou, e a lembrança de Ferd conseguiu clarear sua mente apesar da exasperante dor de cabeça. Mexeu-se um pouco e as pontadas de dor na cabeça e o latejar do braço fizeram-no gemer. Ele não pôde evitar.

— Está acordando — veio a voz de Heck Bast.

— Não, ainda não — disse Sunlight Gardener. — Dei-lhe uma dose suficiente para acalmar um crocodilo. Vai continuar apagado pelo menos até as nove da noite. Está apenas sonhando um pouco. Heck, quero que você suba e ouça as confissões dos garotos. Diga-lhes que hoje à noite não haverá culto na capela; tenho muito o que fazer. Provavelmente isto é apenas o começo de uma longa noite. Sonny, você fica comigo para me dar assistência nas contas.

— Mas parece *mesmo* que ele está acordando — Heck insistiu.

— Vá logo, Heck — disse Sunlight. — E mande Bobby Peabody ver como está Lobo.

— Ele não gosta nada de ficar lá dentro, né — disse Sonny, rindo baixo.

Ah, Lobo, eles o colocaram na Caixa, Jack pensou chorando por dentro. *Sinto muito... É minha culpa... Tudo isso é minha culpa...*

— Os destinados ao inferno raramente gostam da mecânica da salvação — Jack ouviu Sunlight Gardener dizer. — Quando os demônios dentro dele começam a morrer, saem gritando de seu corpo. Agora faça o que eu disse, Heck.

— Sim, senhor, reverendo Gardener.

Jack ouviu mas não viu Heck passando bruscamente perto dele. Ainda não se atrevia a abrir completamente os olhos.

2

SOCADO NA CAIXA feita de forma rústica, soldada, e com tranca instalada de forma caseira, como uma vítima de um enterro prematuro num caixão de ferro, Lobo uivou o dia inteiro, bateu com os punhos contra as paredes da Caixa até fazê-los sangrar, chutou com os pés a porta com tranca reforçada tipo ferrolho de forno crematório até as pontadas de dor lhe subirem pelas pernas e atingirem a virilha. Sabia muito bem que não ia sair dali batendo com os punhos ou golpeando com os pés, assim como sabia que seus gritos de nada adiantavam. Mas não pôde controlar a reação. Não havia coisa pior para um lobino do que se ver trancado.

Seus gritos atravessavam toda a Casa Sunlight e se espalhavam pelos campos ao redor. Ouvindo aqueles urros, os internos se olhavam nervosos e não diziam nada.

— Eu o vi no banheiro esta manhã. Ele parecia possesso — confidenciou Roy Owdersfelt a Morton numa voz baixa, insegura.

— Os dois estavam mesmo fazendo sacanagem, como Sonny disse? — Morton perguntou.

Outro uivo lobino brotou da Caixa de ferro, e os dois garotos se viraram instintivamente na direção do som.

— E como! — Roy respondeu com avidez. — Eu não vi exatamente porque sou baixo, mas Buster Oates estava bem na frente e disse que o grandalhão retardado tinha um pau do tamanho de uma torre de TV. Foi isso que ele disse.

— Meu Deus! — Morton exclamou respeitosamente, pensando talvez em seu próprio pau de tamanho mirim.

Lobo uivou o dia inteiro, mas parou quando o sol começou a declinar. Os garotos sentiram um ar ameaçador no silêncio que se seguiu. Trocavam olhares com frequência cada vez maior e viravam-se cada vez mais inquietos para o retângulo de ferro no centro do terreno baldio dos fundos da Casa Sunlight. A Caixa tinha 1,80 metro de altura e 90 centímetros de largura. Se não fosse o quadrado rústico cortado no lado oeste e coberto por um emaranhado de tiras de metal, seria exatamente idêntica a um ataúde de ferro. O que estava acontecendo lá dentro?, eles se perguntavam. E, mesmo durante a confissão, durante aqueles minutos em que costumavam entrar em êxtase, em que costumavam esquecer completamente o mundo ao redor, os olhos insistiam em se voltar para a única janela da sala comunitária, embora aquela janela desse para o lado da casa diametralmente oposto à Caixa.

O que está acontecendo lá dentro?

Hector Bast sabia que suas mentes não estavam em confissão e isto o exasperava, mas ele não foi capaz de chamá-los à ordem porque não entendia o que estava realmente acontecendo. Um sentimento de amedrontada expectativa se apoderara dos rapazes. Seus rostos pareciam mais pálidos que nunca; os olhos brilhavam como olhos de viciados em drogas.

O que está acontecendo lá dentro?

O que estava acontecendo era bem simples.

Lobo estava viajando com a lua.

Ele sentiu a coisa começar quando a tira de sol que penetrava pelo quadrado de ventilação foi ficando cada vez mais alta, e a luz

foi ficando avermelhada. Era cedo demais para viajar com a lua; ela ainda não estava totalmente cheia e o processo o machucaria. Contudo, a transformação seria inevitável, como sempre fora inevitável quando, na época ou fora da época, os lobinos sofriam pressões muito fortes e prolongadas. Por muito tempo, Lobo conseguira se controlar porque era a vontade de Jacky. Por Jack, tivera atitudes verdadeiramente heroicas naquele novo mundo. Jack podia suspeitar disso, mas jamais poderia ter plena compreensão do incrível esforço, da fibra que Lobo precisou reunir para se conter.

Mas agora ele estava morrendo, e estava se deixando levar pela lua. E como a lua fazia a morte parecer mais tolerável, quase sagrada e certamente necessária, Lobo foi, aliviado e feliz. Era maravilhoso não ter mais de lutar.

Sua boca ficou subitamente carregada de dentes.

3

APÓS HECK TER saído, houve uma série de sons de escritório: o suave arranhar de cadeiras pelo assoalho, o tilintar das chaves no cinto de Sunlight Gardener, uma gaveta de arquivo sendo aberta e depois fechada.

— Abelson. Duzentos e quarenta dólares e trinta e seis centavos.

Barulho de teclas sendo apertadas. Peter Abelson era um dos rapazes do Corpo do Exterior. Como todos os CEs, era esperto, persuasivo e não tinha defeitos físicos. Jack só o vira algumas vezes, mas achava Abelson muito parecido com Dondi, aquele menino desamparado de olhos grandes das histórias em quadrinhos.

— Clark. Sessenta e dois dólares e dezessete centavos.

Teclas sendo pressionadas. A máquina fez um ruído quando Sonny apertou a tecla TOTAL.

— Houve mesmo uma queda — Sonny comentou.

— Conversarei com ele, não se preocupe. Agora, por favor, não me distraia, Sonny. O sr. Sloat chega a Muncie às 10h15, e é uma longa viagem até lá. Não quero chegar atrasado.

— Desculpe, reverendo Gardener.

Gardener disse mais alguma coisa que Jack nem ouviu. O nome *Sloat*, embora tenha lhe provocado um grande choque, não deixava de corresponder a certas expectativas. Uma parte dele sempre soubera que o jogo poderia incluir um lance desse tipo. Gardener ficara desconfiado desde o início. Mas não quisera levar o problema a seu chefe e incomodá-lo com trivialidades, Jack pensou. Ou talvez não quisesse admitir que era incapaz de obrigar um garoto a abrir o bico. Mas, por fim, tinha telefonado. Para onde? Para o leste? Oeste? Jack daria tudo para saber. Morgan fora localizado em Los Angeles ou em New Hampshire?

Alô. sr. Sloat. Espero não estar incomodando o senhor, mas a polícia local me trouxe um garoto... Na realidade dois, mas é apenas o inteligente que me preocupa. Acho que já o conheço de algum lugar. Ou talvez seja meu... ah, meu outro eu quem o conhece. Ele me disse que se chama Jack Parker, mas... Como? Descrevê-lo? Pois não...

E a situação, que já ia mal, ficou pior.

Por favor não me distraia, Sonny. O sr. Sloat chega a Muncie às 10h15...

O tempo estava quase esgotado.

Eu mandei que voltasse para casa, Jack... Agora é tarde demais.

Todos os rapazes fazem travessuras. É axiomático.

Jack levantou um pouco a cabeça e olhou para o outro lado da sala. Gardener e Sonny Singer estavam sentados na escrivaninha

do escritório subterrâneo. Sonny apertava as teclas de uma máquina de somar à medida que Gardener ia lhe ditando as quantias arrecadadas, cada quantia seguida do nome de um CE, cada nome despontando primorosamente em ordem alfabética. Na frente de Sunlight Gardener havia um livro-caixa, um fichário de aço e um amontoado de envelopes. Quando Gardener pegou um desse envelopes para ler a soma rabiscada na frente, Jack observou que todos eles estampavam um desenho de duas crianças risonhas, ambas carregando uma Bíblia e de mãos dadas, seguindo uma trilha em direção a uma igreja. Embaixo estava escrito: SEREI UM RAIOS DE SOL PARA JESUS.

— Temkin. Cento e seis dólares.

O envelope voltou para o fichário juntando-se aos que já tinham sido registrados.

— Acho que ele está tirando uma parte de novo — disse Sonny.

— Deus vê a verdade, mas espera — disse Gardener num tom suave. — Victor é honesto. Agora cale a boca e vamos ver se acabamos com isto antes das seis.

Sonny apertou as teclas.

A gravura de Jesus caminhando sobre as águas fora deslocada, revelando um cofre atrás dela. O cofre estava aberto.

Jack reparou que havia outras coisas de interesse na escrivaninha de Sunlight Gardener: dois envelopes, um com a inscrição JACK PARKER e outro com a inscrição PHILIP JACK LOBO. E sua boa e velha mochila.

A terceira coisa era o molho de chaves de Sunlight Gardener.

Das chaves, os olhos de Jack moveram-se para a porta à esquerda da sala. Sem dúvida era a saída particular de Gardener. Se houvesse um jeito...

— Yellin. Sessenta e dois dólares e dezenove centavos.

Gardener suspirou, pôs o último envelope no comprido fichário de aço e fechou o livro-caixa.

— Ao que parece, Heck tinha razão. Acho que nosso bom amigo, o sr. Jack Parker, já acordou.

Levantou-se, deu a volta na escrivaninha e caminhou na direção de Jack. Seus olhos maus e turvos cintilavam. Pôs a mão no bolso e tirou o isqueiro. Vendo aquilo, Jack sentiu uma onda de pânico crescer dentro dele.

— Só que seu nome não é absolutamente Parker, é, meu garoto? Seu verdadeiro nome é Sawyer, não é? Oh, sim. Sawyer. Uma pessoa que está muito interessada em você vai chegar logo, logo. E teremos muita coisa interessante para lhe contar, não é mesmo?

Sunlight Gardener fez a tampa do isqueiro Zippo estalar. Jack viu o pavio escuro e a rodinha que o acendia.

— A confissão é boa para a alma — Gardener sussurrou e acendeu o isqueiro.

4

PAM!

— O que foi isso? — Rudolph perguntou, levantando os olhos de seus fornos. O jantar, 15 grandes pastelões de peru, estava quase pronto.

— O que foi o quê? — George Irwinson perguntou.

Na pia, onde descascava batatas, Donny Keegan proferiu seu alto e habitual relincho de riso.

— Eu não ouvi nada — disse Irwinson.

Donny riu outra vez.

Rudolph virou-se irritado para ele:

— Vai descascar essas batatas até que não sobre nada, seu idiota?

— *Hhhi-mi-rrri!*

Pam!

— Agora você ouviu, não foi?

Irwinson só balançou a cabeça.

E Rudolph ficou subitamente assustado. Aquele barulho estava vindo da Caixa, a que ele devia acreditar ser apenas a ser um depósito de secar feno. Até parece. Aquele grandalhão estava na Caixa, o retardado que, segundo voz corrente, fora apanhado naquela manhã em pederastia com o amigo, o que tinha tentado subornar Rudolph para fugir da Casa apenas um dia antes. Diziam que o grandalhão revelara um gênio perigoso antes de Bast acertá-lo... Dizia-se, ainda, que não se limitara a quebrar a mão de Bast, mas que a *espremera*, até transformá-la numa pasta. Isso era mentira, é claro, tinha que ser, mas...

PAM!

Dessa vez, Irwinson olhou em volta. E, de repente, Rudolph decidiu que precisava ir ao banheiro. E que talvez fosse até o terceiro andar para fazer suas necessidades. E não estava disposto a se demorar menos de duas ou três horas. Vem coisa feia por aí, ele pensava, coisa muito feia...

PAM-PAM!

Fodam-se os pastelões de peru.

Rudolph tirou o avental, atirou-o sobre o bacalhau que estava de molho para o jantar do dia seguinte e foi saindo da cozinha.

— Aonde você vai? — Irwinson perguntou. Sua voz saiu inesperadamente estridente. E trêmula. Donny Keegan continuou a descascar furiosamente batatas do tamanho de bolas de futebol, reduzindo-as a batatas do tamanho de bolas de golfe. O cabelo úmido de suor lhe caía no rosto.

PAM! PAM! PAM-PAM-PAM!"

Rudolph não respondeu à pergunta de Irwinson e, ao atingir a escada do segundo andar, já estava quase correndo. Os tempos andavam difíceis em Indiana, faltava trabalho e Sunlight Gardener pagava em dinheiro.

Mesmo assim, Rudolph começava a se perguntar se já não era hora de procurar um novo emprego, se não seria mais saudável sair o mais depressa possível daquele lugar.

5

PAM! A TRANCA na parte de cima da porta da Caixa quebrou ao meio. Por um instante, houve apenas uma escura fenda entre o interior da Caixa e a porta.

Silêncio por algum tempo. Então:

PAM!

A tranca da parte de baixo estalou, se torceu.

PAM!

A tranca se partiu.

E a porta da Caixa rangeu pela última vez nas grandes, feias, enferrujadas dobradiças. Depois se escancarou. Dois pés enormes, cobertos de pelo, apareceram pela porta, as solas para cima. Longas garras se enterraram no chão.

Lobo começou a sair.

6

DIANTE DOS OLHOS de Jack, a chama oscilava de um lado para o outro, de um lado para o outro, de um lado para o outro. Sunlight Gardener parecia um misto de hipnotizador de circo e velho ator de Hollywood desempenhando o papel principal num filme sobre a vida de Freud. Paul Muni, talvez. Era engraçado e, se não estivesse com tanto medo, Jack seria até capaz de rir. E quem sabe talvez até risse.

— Agora vou fazer algumas perguntas e você vai respondê-las — disse Gardener. — O sr. Morgan poderia muito bem arrancar as respostas, com muita facilidade, sem dúvida, mas prefiro não lhe dar tanto trabalho. Então... há quanto tempo se tornou capaz de Migrar?

— Não sei o que quer dizer.

— Há quanto tempo se tornou capaz de Migrar para os Territórios?

— Não sei do que está falando.

A chama chegou mais perto.

— Onde está o negro?

— Quem?

— O negro, o negro! — Gardener berrou. — Parker, Parkus, seja lá qual for o nome que ele use! Onde ele está?

— Não sei de quem está falando.

— Sonny! Andy! — Gardener gritou. — Soltem-lhe a mão esquerda. Segurem-na para mim.

Warwick se curvou sobre Jack e fez alguma coisa. Pouco depois, soltaram a mão de Jack que estava presa próxima aos rins. Ela estava dormente e formigava como se a tivessem coberto de alfinetes. Jack tentou lutar, mas foi inútil. Esticaram a mão dele.

— Agora, abram-lhe os dedos.

Singer puxou o mindinho e o anular numa direção; Warwick puxou o médio e o indicador para outro lado. Logo em seguida, Gardener aplicava a chama do Zippo na membrana do V formado entre os dedos. A dor foi intensa, subindo pelo braço esquerdo de Jack e passando depois para todo o seu corpo. Um cheiro de coisa

queimada se elevou no ar. Vinha dele mesmo. De sua própria carne. Queimando...

Após uma eternidade, Gardener fez o Zippo recuar e fechou-o com um estalido. Finas gotas de suor cobriam-lhe a testa. Ele ofegava.

— Os demônios gritam antes de saírem do corpo — disse Gardener. — Oh, sim, é isso que eles fazem. Eles gritam, não é, rapazes?

— Sim! Para a glória do Senhor! — disse Warwick.

— É preciso esmagar o mal — disse Sonny.

— Oh, sim, eu sei disso. Sem dúvida, eu sei. Conheço os segredos dos meninos e os segredos dos demônios. — Gardener deu uma risadinha e se inclinou para a frente até seu rosto ficar a 2 centímetros do rosto de Jack. O cheiro enjoativo de água-de-colônia inundou tudo. Mas, por mais terrível que fosse, Jack achou-o bem melhor do que o aroma de sua própria carne queimada. — E agora, Jack. Há quanto tempo vem Migrando? Onde está o negro? O que sua mãe sabe de tudo isso? Para quem você contou? O que o negro lhe contou? Vamos começar por aí.

— Não sei do que está falando.

Gardener arreganhou os dentes num sorriso.

— Rapazes — disse ele —, ainda teremos de trazer mais luz para a alma deste garoto. Prendam-lhe a mão esquerda e soltem a direita.

Sunlight Gardener abriu de novo o isqueiro e esperou que os dois fizessem sua parte. O polegar descansava delicadamente sobre a rodinha do pavio.

GEORGE IRWINSON E DONNY Keegan ainda estavam na cozinha.

— Há alguém lá fora — disse George num tom nervoso.

Donny não disse nada. Acabara de descascar as batatas e se aproximara dos fornos em busca de calor. Não sabia mais o que fazer. A confissão transcorria na sala comunitária e era lá que queria estar. Na confissão havia segurança e ali na cozinha ele se sentia muito, muito nervoso. Mas Rudolph ainda não o dispensara. Melhor, então, continuar por ali.

— Estou ouvindo alguém — George repetiu.

Donny limitou-se a rir:

— *Hhi-rrri-mi!*

— Meu Deus, esse seu riso me enoja — disse George. — Tenho uma revista do Capitão América escondida sob o colchão. Se der uma olhada lá fora, deixo você ler.

Donny negou com a cabeça e repetiu o relincho de riso.

George virou-se para a porta. Barulho. Ruído de arranhão. Era o que parecia. Alguém arranhando a porta. Como um cachorro que quisesse entrar. Um filhote perdido, sem casa. O problema é que dificilmente um filhote perdido e sem casa conseguiria arranhar o alto da porta, uma porta de 2 metros de altura.

George foi até a janela e deu uma espiada. Não pôde ver quase nada na escuridão. A Caixa não passava de uma sombra mais escura que as outras.

George caminhou para a porta.

JACK GRITOU COM tanta força e tão alto que achou que romperia as cordas vocais. Agora Casey, com a grande barriga saliente,

também se juntava aos outros, o que era bom para eles, visto que agora era preciso três, Casey, Warwick e Sonny Singer, para conservar totalmente imobilizado o braço de Jack, permitindo que a chama fosse aplicada com precisão.

Dessa vez, quando Gardener afastou o isqueiro, havia uma nódoa preta do lado da mão de Jack, um borrão do tamanho de uma pequena moeda coberto de bolhas.

Gardener se levantou, foi até a escrivaninha pegar o envelope com a inscrição JACK PARKER e voltou. Tirou do envelope a palheta de violão.

— O que é isto?

— Uma palheta de violão — Jack conseguiu dizer. Era imensa a agonia das queimaduras nas mãos.

— Em que se transforma nos Territórios?

— Não sei o que está querendo dizer.

— O que é isto?

— Uma bola de gude. Será que ficou cego?

— Vira um brinquedo nos Territórios?

— Não...

— É um espelho?

— ...sei...

— É um pião que desaparece quando você o gira com rapidez?

— ... do que está...

— SABE! SABE MUITO BEM, SEU VEADO DE MERDA!

— ...falando.

A mão de Gardener passou rente ao rosto de Jack.

Ele pegou o dólar de prata. Seus olhos brilhavam.

— O que é isto?

— Um talismã da minha tia Helen.— Em que se transforma nos Territórios?

— Numa caixa de flocos de milho.

Gardener exibiu o isqueiro.

- É sua última chance, garoto.
- Se transforma num vibrafone e toca *Ritmo alucinante*.
- Estiquem de novo a mão direita dele — disse Gardener.

Jack se debateu, mas por fim conseguiram imobilizar a mão dele.

9

NOS FORNOS, OS pastelões de peru tinham começado a queimar.

George Irwinson ficara parado quase cinco minutos junto da porta, tentando reunir coragem para abri-la. Os ruídos de arranhar não tinham se repetido.

— Bem, vou lhe mostrar que não temos nada a temer, cagão — disse George num tom vigoroso. — Quando se confia no Senhor, nada se tem a temer!

Com essa declaração pomposa, escancarou a porta. E uma coisa enorme, peluda e sombria despontou no umbral; das órbitas de olhos fundos saltavam labaredas vermelhas. George divisou uma pata se erguendo no vento da escuridão de outono e deu um grito de pavor. Garras de 15 centímetros brilharam na luz da cozinha, arrancaram a cabeça de George Irwinson do pescoço e a jogaram no chão. Ela foi rolando, esparramando sangue, até os pés de Donny Keegan que, enlouquecido, ria sem parar.

Lobo entrou na cozinha caindo de quatro. Passou com olhos chamejantes por Donny Keegan e correu para o corredor.

LOBO! LOBO! AQUI e *agora!*

Era a voz de Lobo em sua mente, mas parecia mais exuberante, mais profunda, mais enérgica que nunca. Atravessou-lhe a névoa de dor como uma afiada faca sueca.

Lobo está correndo com a lua, ele pensou. E o pensamento trouxe um misto de triunfo e pesar.

Sunlight Gardener estava olhando para cima, apertando os olhos. Naquele instante, o reverendo assemelhava-se bastante a um animal, um animal que farejava o perigo em algum lugar.

— Reverendo? — Sonny chamou. Sonny arquejava discretamente e as pupilas de seus olhos pareciam muito largas. *Ele está se divertindo bastante*, Jack pensou. *Se eu começar a dar o serviço, vai ficar desapontado.*

— Estou ouvindo alguma coisa — disse Gardener. — Casey. Vá dar uma escutada na cozinha e na sala comunitária.

— Agora mesmo. — Casey saiu.

Gardener olhou de novo para Jack.

— Logo vou ter de partir para Muncie — disse ele —, e quando me encontrar com o sr. Morgan, quero poder lhe transmitir imediatamente alguma informação. Então, é melhor abrir o jogo e depressa, Jack. Você só estará se poupando novas dores.

Jack o encarou, esperando que o martelo que lhe batia no coração não transparecesse no rosto nem na rápida pulsação das veias do pescoço. Se Lobo tivesse saído da Caixa...

Com uma das mãos, Gardener ergueu a palheta de violão de Speedy; com a outra, a moeda do Capitão Farren.

— O que são essas coisas?

— Quando eu atravesso, elas se transformam em testículos de tartaruga — disse Jack com um riso selvagem, histérico.

A fisionomia de Gardener se escureceu com uma raiva sangrenta.

— Amarrem de novo os braços dele — ordenou a Andy e a Sonny. — Amarrem os braços e tirem as calças deste bastardo do inferno. Vamos ver o que acontece quando esquentarmos os testículos *dele*.

11

HECK BAST ESTAVA mortalmente entediado com a confissão. Já ouvira mil vez aqueles insignificantes pecados de encomenda. *Tirei dinheiro da bolsa de minha mãe; eu fumava maconha no recreio da escola; colocávamos cola num saco de papel e cheirávamos; e fiz isso, e mais isso e aquilo.* Coisas estúpidas de criança. Nenhuma empolgação. Nada para lhe distrair a mente do contínuo latejar de dor na mão. Heck queria estar lá embaixo, ajudando a “trabalhar” aquele tal de Sawyer. E depois poderiam passar àquele grandalhão retardado que conseguira pegá-lo de surpresa e destruir-lhe a mão direita. Sim, ocupar-se do grandalhão seria um real prazer. De preferência, com um alicate de corte.

Um rapaz chamado Vernon Skarda falava sem parar.

— ...então eu e ele vimos que as chaves estavam dentro, percebe o que estou dizendo? Aí ele disse: “Vamos entrar e dirigir pelo quarteirão.” Mas eu sabia que era errado, e ele falou: “Você é um covarde.” “Não sou um covarde”, eu respondi. Foi mais ou menos assim. Aí ele provocou: “Então prove, prove!” “Não vou dar volta nenhuma de carro”, eu disse. Aí ele falou...

Oh, Meu Deus, Heck pensou. A mão estava começando realmente a incomodá-lo e todos os analgésicos tinham ficado lá em cima em seu quarto. Do outro lado da sala viu Peabody arredondar as mandíbulas num bocejo de fazer estalarem os ossos.

— Então nós dois fomos até a esquina, e aí ele se virou pra mim e disse...

A porta foi aberta de repente com tanta força que saltou das dobradiças, bateu na parede, ricocheteou, atingiu um garoto chamado Tom Cassidy e jogou-o no chão e o prendeu nessa posição. Alguma coisa saltou na sala comunitária. A princípio, Heck Bast achou que fosse o maior filho da puta de cachorro que já tinha visto em toda a sua vida. Os garotos gritaram e pularam das cadeiras. Depois congelaram, olhos incrédulos e arregalados. A besta de pelo cinza-escuro em que Lobo se transformara tinha ficado em pé, farrapos de calça cáqui e camisa xadrez ainda grudados no corpo.

Vernon Skarda olhava assombrado, o queixo caído.

Lobo deu um berro, olhos faiscando ao redor quando os rapazes tentaram recuar. Pedersen dirigiu-se para a porta. Lobo, agora tão alto que a cabeça quase roçava no teto, moveu-se com a velocidade da luz. Sacudiu um braço maior que uma viga de celeiro e suas garras abriram um canal nas costas de Pedersen. Por um instante a espinha do rapaz ficou claramente visível — uma estria saliente, sangrenta. E o sangue salpicou as paredes. Pedersen deu um grande passo vacilante na direção do corredor e se esborrachou no chão.

Lobo se virou. As chamas de seus olhos se concentraram em Heck Bast. Heck saltou da cadeira com as pernas bambas, fitando aquele horror peludo, de olhos vermelhos. Sabia muito bem quem era aquela coisa... Ou, pelo menos, quem tinha sido.

Heck daria qualquer coisa para voltar à chateação dos garotos em confissão.

JACK ESTAVA SENTADO numa cadeira, as mãos queimadas e latejantes de novo amarradas perto dos rins. Depois de apertar cruelmente a camisa-de-força, Sonny desabotoara e tirara a calça cáqui de Jack.

— Agora — disse Gardener, segurando o Zippo numa altura em que Jack pudesse ver —, agora preste atenção ao que vou dizer. Preste bastante atenção! Vou lhe fazer de novo algumas perguntas. Se não respondê-las direitinho e com toda a sinceridade, a pederastia é uma tentação com a qual você nunca mais terá que se preocupar.

Sonny Singer riu de modo selvagem. Aquele turvo brilho de excitação se estampou novamente em seus olhos. Ele fitou o rosto de Jack com uma espécie de mórbida avidez.

— Reverendo Gardener! Reverendo Gardener! — Era Casey, e Casey parecia alarmado. Jack abriu os olhos. — Alguma coisa muito estranha está acontecendo lá em cima!

— Não quero ser incomodado agora.

— Donny Keegan está rindo como um louco na cozinha! E...

— Ele disse que não quer ser incomodado agora — Sonny disse. — Você não ouviu?

Mas Casey estava assustado demais para se conter.

—... e parece que está havendo um motim na sala comunitária! Berros! Uivos! E também parece...

De repente, um urro de incrível força e vitalidade encheu a mente de Jack:

Jacky! onde você está? Lobo! Onde você está aqui e agora?

— ...que há uma matilha de cachorros ou alguma coisa solta lá em cima!

Agora Sunlight Gardener estava fitando Casey, olhos estreitos, lábios apertados.

No escritório de Gardener! No subsolo! Você já esteve aqui!

Sub o quê, Jacky?

As escadas, Lobo! Desça as ESCADAS!

Aqui e agora!

E isso foi tudo. Lobo sumiu da cabeça dele. De lá de cima veio uma pancada e um grito.

— Reverendo Gardener? — Casey perguntou. Seu rosto normalmente corado estava profundamente pálido. — Reverendo Gardener, o que é isso? O que...

— Cale a boca! — disse Gardener, e Casey se encolheu como se tivesse levado um tapa, olhos arregalados e lacrimejantes, a papada de gordura tremendo. Gardener passou correndo por ele e foi até o cofre, de onde tirou um enorme revólver que enfiou no cinto. Pela primeira vez, o reverendo parecia atemorizado, confuso.

Na sala comunitária, houve um estranho som de algo estilhaçando seguido de um berro. Os olhos de Singer, Warwick e Casey ergueram-se inquietos; eles pareciam ocupantes nervosos de um abrigo antiaéreo prestando atenção num assobio crescente na superfície.

Gardener olhou para Jack e deixou que um sorriso lhe brotasse no rosto. Mas os cantos da boca se repuxavam de forma irregular, como se estivessem presos a cordões manejados com imperícia por um péssimo diretor de marionetes.

— Ele está vindo pra cá, não é? — disse Sunlight Gardener, e balançou a cabeça como se Jack tivesse respondido. — Ele está vindo... mas acho que não vai sair.

LOBO AVANÇOU. Heck Bast ainda tentou proteger o rosto com a mão direita engessada. Mas houve um forte lampejo de dor, um som de coisa quebrando, uma nuvem de pó esbranquiçado quando Lobo abocanhou o gesso e o resto de mão que havia dentro dele. Atônito, Heck baixou os olhos com expressão estúpida para a mão engessada que não mais existia. O sangue jorrava do pulso. Encharcava a suéter branca de gola alta de um tom muito vermelho e quente.

— Por favor — Heck choramingou. — Por favor, por favor, não...

Lobo cuspiu a mão. Sua cabeça avançou com a velocidade de um bote de cobra. Heck teve a vaga impressão de um Lobo lhe rasgando a garganta; depois não sentiu mais nada.

14

QUANDO LOBO SAIU da sala comunitária, Peabody escorregou no sangue de Pedersen, caiu com um joelho no chão, se levantou e, vomitando por todo o corpo, correu o mais depressa que pôde pelo corredor do primeiro andar. Os internos corriam de um lado para o outro, gritando em pânico. O pânico de Peabody, no entanto, não era assim tão completo. Lembrava-se bem do que devia fazer em situações extremas — embora, sem dúvida, ninguém jamais tivesse imaginado uma situação como *aquela*; ele achava que o reverendo Gardener pensara mais em termos de um garoto enlouquecido ferindo os companheiros, algo assim...

Na ponta do vestíbulo por onde entravam os novos hóspedes da Casa Sunlight, havia uma pequena sala usada apenas pelos capangas de Gardener, seu “corpo de monitores”.

Peabody se trancou naquela sala, pegou o telefone e discou um número de emergência. Pouco depois, estava falando com Franky Williams.

— É Peabody, da Casa Sunlight — disse. — Venha logo pra cá com o número máximo de policiais que o senhor puder arranjar, Sargento Williams. Parece que o inferno em peso...

Lá de fora veio um grito estridente seguido por um barulho de madeira quebrando. Depois um rosnado, e o grito cessou.

— ...se soltou aqui dentro — ele concluiu.

— Que tipo de inferno? — Williams perguntou irritado. — Deixe-me falar com Gardener.

— Não sei onde está o reverendo, mas ele iria querer o senhor aqui. Há gente morta. *Garotos* mortos.

— O quê?

— Venha com muitos homens — disse Peabody. — E com muitas armas.

Outro grito. O baque de alguma coisa pesada — provavelmente a alta e velha cômoda do corredor da frente — sendo derrubada.

— Metralhadoras, se o senhor tiver.

Um ruído cristalino quando o grande lustre do corredor caiu. Peabody encolheu-se de medo. O monstro parecia estar destroçando tudo com as próprias mãos. — Porra, traga uma arma nuclear se puder — disse Peabody, começando a falar sem sentido.

— O que...

Peabody desligou antes que Williams pudesse terminar. Rastejou para baixo de uma escrivaninha e protegeu a cabeça com os braços. Depois começou a rezar fervorosamente para que tudo aquilo fosse apenas um sonho — o pesadelo mais fodido que já tivera em toda a sua vida.

LOBO IRROMPEU PELO corredor do primeiro andar que ligava a sala comunitária com o vestíbulo de entrada, parando apenas para derrubar a cômoda e puxar o lustre. Pendurou-se nele como Tarzan, até ele se soltar do teto e espalhar diamantes de cristal por toda a passadeira do corredor.

Desça as ESCADAS. Jacky está lá embaixo. Mas... para que lado ficavam as escadas?

Um rapaz que não conseguia mais suportar a tensão agonizante de ficar esperando a coisa ir embora escancarou a porta do armário onde estava escondido e disparou para as escadas. Lobo alcançou-o e atirou-o pelo corredor afora. Com um baque de osso quebrado, o rapaz bateu na porta fechada da cozinha e ficou prostrado no chão.

A cabeça de Lobo rodopiava com o intoxicante odor de sangue fresco derramado. O cabelo lhe caía em cachos ensanguentados até o queixo e o focinho. Tentou parar para pensar, mas achou difícil... muito difícil. Teria de encontrar Jacky o mais depressa possível. Antes e perder inteiramente a capacidade de raciocínio.

Voltou correndo à cozinha, caindo novamente de quatro, pois assim se movimentava mais depressa e mais à vontade. E, de repente, passando por uma porta fechada, ele se lembrou. O lugar estreito. Era como descer a um túmulo. O cheiro úmido fazendo pressão em sua garganta...

ESCADAS. Atrás daquela porta. Aqui e agora!

— *Lobo!* — ele gritou, embora os garotos, tremendo em seus esconderijos do primeiro e do segundo andares, tenham ouvido apenas um retumbante uivo de triunfo. Lobo ergueu as duas patas musculosas que antes tinham sido braços e atirou-as contra a porta. A porta explodiu de cima a baixo, vomitando lascas de madeira por todo o poço da escada. Lobo foi abrindo caminho e, sim, ali estava o lugar estreito, estreito como uma garganta; o lugar onde o Homem

Branco contara suas mentiras enquanto Jack e o Lobo Fraco ouviam sentados.

Jack estava lá embaixo agora. Lobo podia sentir o cheiro dele. Mas também podia farejar o Homem Branco... e pólvora.

Cuidado...

Oh, sim! Os Lobos sabiam ser cuidadosos. Os Lobos podiam correr, estraçalhar e matar, mas quando era preciso... sabiam ser cuidadosos.

Desceu as escadas de quatro, silencioso como fumaça, olhos vermelhos como lanternas de freio.

16

Gardener estava ficando cada vez mais nervoso; lembrava um sujeito chegando à zona de histeria. Seus olhos se moviam repentinamente, pulando do estúdio, onde Casey se mantinha numa frenética escuta eletrônica, à porta fechada que ia dar no corredor.

A maior parte dos ruídos que vinham lá de cima tinha cessado há algum tempo.

E Sonny Singer se encaminhou para a porta:

— Vou subir e ver o que...

— *Você não vai a lugar nenhum! Volte aqui!*

Sonny se encolheu como se Gardener tivesse lhe dado um bofetão.

— Qual é o problema, reverendo Gardener? — Jack perguntou. — O senhor parece um pouco nervoso.

Sonny lhe acertou um tapa.

— Olhe como fala com o reverendo, seu merda! Veja lá como fala!

— Você também parece nervoso, Sonny. Você também, Warwick. E Casey lá dentro...

— *Faço-o calar!* — Gardener gritou de repente. — *Será que são incapazes de qualquer iniciativa? Será que tenho de fazer tudo com minhas próprias mãos?*

Sonny esbofeteou Jack outra vez com muito mais força que antes. O nariz de Jack começou a sangrar, mas ele sorria. Lobo agora estava muito perto... e Lobo estava sendo cuidadoso. Jack começou a alimentar a enlouquecida esperança de que os dois saíssem dali com vida.

Casey levantou-se de repente, arrancou os fones do ouvido e moveu uma chave na mesa de som.

— Reverendo Gardener! Estão vindo sirenes dos microfones externos!

Os olhos de Gardener, agora muito arregalados, resvalaram para Casey.

— O quê? Quantas? Estão muito longe?

— Parecem muitas — disse Casey. — Ainda estão um pouco longe. Mas vêm pra cá. Pode ter certeza!

Gardener perdeu o sangue-frio naquele momento; Jack viu a coisa acontecer. O reverendo se sentou, ficou um momento indeciso, depois limpou delicadamente na boca com a lateral da mão.

Ele não está pensando no que aconteceu lá em cima; nem se as sirenes poderão ajudá-lo. Sabe que Lobo já está muito próximo. Da maneira dele, sentiu o cheiro... E não está gostando nada disso. Lobo, nós ainda podemos ter uma chance! Podemos sim!

Gardener passou o revólver para Sonny Singer.

— Não tenho tempo de conversar com a polícia nem de resolver o que pode estar acontecendo lá em cima — disse ele. — O importante é o encontro com Morgan Sloat. Vou para Muncie. Você e Andy vêm comigo, Sonny. Mantenha o revólver apontado

para nosso amigo Jack enquanto tiro o carro da garagem. Quando ouvirem a buzina, saiam.

— E Casey? — Andy Warwick perguntou.

— Sim, sim, tudo bem, Casey também — Gardener concordou de imediato e Jack pensou: *Ele está fugindo, seus babacas burros. Ele está fugindo, e é tão óbvio que é o mesmo que anunciar isso num outdoor na Sunset Strip. Mas os cérebros de vocês já estão entorpecidos demais para entender qualquer coisa. Se a comida e o papel higiênico derem pra tanto tempo, vão ficar dez anos aqui esperando aquela buzina tocar.*

Gardener se levantou. Sonny Singer, o rosto envaidecido pela responsabilidade que lhe fora conferida, sentou-se atrás de escrivaninha e apontou o revólver para Jack.

— Se aquele retardado aparecer por aqui — disse Gardener —, atire nele.

— Mas como *ele* poderia aparecer? — Sonny perguntou. — Está trancado na Caixa!

— Não importa — disse Gardener. — Ele é um demônio, os dois são demônios. Sem dúvida, é axiomático. Se o retardado der as caras, atire! Atire nos dois!

Gardener revirou o chaveiro e pegou uma chave.

— Esperem a buzina tocar — disse.

Abriu a porta e saiu. Jack apurou os ouvidos tentando ouvir as sirenes, mas nada escutou.

A porta bateu atrás de Sunlight Gardener.

Um minuto que parecia dois; dois minutos que pareciam dez; quatro que pareciam uma hora. Os três “monitores” de Gardener que ficaram com Jack lembravam crianças brincando de estátua. Sonny estava sentado empertigado atrás da escrivaninha de Sunlight Gardener — um lugar que venerava e cobiçava. O revólver apontava diretamente para o rosto de Jack. Warwick se imobilizara perto da porta do corredor. Casey voltara a se sentar na cabine profusamente iluminada e recolocara os fones nos ouvidos. Lançava um olhar vazio para o outro quadrado de vidro, para a escuridão da capela. Não via nada, apenas escutava.

— Gardener não vai levar vocês com ele — disse repentinamente Jack, surpreso com o tom da própria voz. Era calmo. Não revelava qualquer temor.

— Cale a boca, seu merda — Sonny respondeu.

—Não tente prender a respiração até ouvir o som daquela buzina — disse Jack. — Aposto que ia ficar roxo.

— Se ele falar mais alguma coisa, Andy, quebre-lhe o nariz — Sonny disse.

— Tudo bem — disse Jack. — Quebre meu nariz, Andy. Me dê um tiro, Sonny. Os tiros estão chegando, Gardener está fugindo, e vão descobrir vocês três ao lado de um cadáver numa camisa-de-força. — Fez uma pausa e arrematou: — Um cadáver numa camisa-de-força e com o nariz quebrado.

— Dê um soco nele, Andy — disse Sonny.

Andy Warwick afastou-se da porta e aproximou-se de onde Jack estava amarrado na camisa-de-força, a calça e a cueca puxadas até os tornozelos.

Jack levantou corajosamente o rosto para enfrentar Warwick.

— Tudo bem, Andy — disse ele. — Pode me dar um soco. Eu vou ficar parado. Sou um alvo muito bom.

Andy Warwick levantou o punho, depois o fez recuar para tomar impulso... e hesitou. A dúvida cintilou em seus olhos.

Havia um relógio digital na escrivaninha de Gardener. O olhar de Jack consultou-o rapidamente e logo retornou ao rosto de Warwick.

— Já se passaram quatro minutos, Andy. Quanto tempo um sujeito leva para tirar o carro de uma garagem? Principalmente se está com pressa?

Sonny Singer deu um pulo da cadeira de Sunlight Gardener, contornou a escrivaninha e partiu para cima de Jack. Seu rosto estreito e hipócrita estava furioso. Os punhos foram se levantando, como se pretendessem realmente investir contra Jack. Warwick, que era maior, o conteve. E agora já havia preocupação na fisionomia de Warwick — grande preocupação.

— Espere.

— Não sou obrigado a ouvir isso! Não sou...

— Por que não pergunta a Casey se as sirenes ainda estão muito longe? — Jack sugeriu e Warwick franziu ainda mais profundamente a testa. — Vocês foram abandonados numa fria, não se deram conta ainda? Será que vou ter de ilustrar? As coisas estão ruins aqui. Ele sabia... Ele *farejou*! Gardener está deixando vocês numa enrascada! E, pelo que se ouviu lá em cima...

Singer se desvencilhou do aperto desanimado de Warwick e deu um tapa no rosto de Jack. A cabeça foi jogada para o lado, depois voltou lentamente ao lugar.

— ...é uma enrascada e tanto — Jack concluiu.

— Cale a boca ou mato você! — Sonny sibilou.

Os números do relógio digital tinham-se alterado.

— Cinco minutos agora — Jack avisou.

— Sonny — disse Warwick com a voz tanto embargada —, vamos tirá-lo dessa coisa.

— Não! — O grito de Sonny foi furioso, amargurado e, no fim das contas, bastante assustado.

— Você sabe o que o reverendo disse — Warwick falou rapidamente. — Antes. Quando o pessoal da TV veio aqui. Ninguém

pode ver as camisas-de-força. Eles não compreenderiam. Eles...

Click! O interfone.

— Sonny! Andy! — Casey parecia em pânico. — Estão mais perto! As sirenes! Meu Deus! O que vamos fazer?

— Vamos desamarrá-lo *já!* — Só dois pequenos pontos vermelhos nas bochechas quebravam a palidez do rosto de Warwick.

— O reverendo Gardener *também* disse...

— Estou cagando pro *que* ele disse! — Warwick perdeu completamente a fibra e falou como uma criança morrendo de medo: — Vamos ser *apanhados*, Sonny! Vamos ser *apanhados*!

E Jack agora julgava que já podia ouvir as sirenes, ou talvez fosse apenas sua imaginação.

Os olhos de Sonny rolaram para Jack com horrível, desesperada indecisão. Ele levantou o cano do revólver e, por um instante, Jack acreditou que Sonny ia realmente atirar.

Mas já haviam se passado seis minutos e nenhuma buzina vinha do ente supremo anunciado que o *deus ex machina* estava de saída para Muncie.

— Você o solta — disse Sonny com ar sombrio para Andy Warwick. — Não quero nem encostar a mão nele. É um pecador. É um veado.

Sonny recuou para a escrivaninha enquanto os dedos de Andy Warwick desfaziam os nós da camisa-de-força.

— É melhor ficar de bico calado — Singer resfolegou. — É melhor ficar de bico calado, ou eu mesmo o mato.

Braço direito livre.

Braço esquerdo livre.

Os braços desabaram como se não tivessem ossos. Pontadas como de agulhas e alfinetes formigaram de cima a baixo.

Warwick desamarrou-lhe o traje odioso, a horrível lona pardacenta, os cordões de couro. Warwick fitou a camisa-de-força

em suas mãos e fez uma careta. Depois disparou pela sala e enfiou-a no cofre de Sunlight Gardener.

— Levante as calças — disse Sonny. — Acha que estamos interessados em seus colhões?

Jack remexeu na roupa, pegou o cóis da calça e conseguiu levantá-la junto com a cueca.

Click! O interfone.

— Sonny! Andy! — entrou a voz de Casey num tom de pânico. — Estou *ouvindo* alguma coisa!

— Estão entrando na casa? — Sonny quase gritou. Warwick redobrou seus esforços para enfiar a camisa-de-força no cofre. — Estão entrando pela porta da frente...?

— *Não! É na capela! Não consigo ver nada, mas estou ouvindo alguma coisa se mexer lá dentro...*

Houve uma explosão de estilhaços de vidro quando Lobo saltou da escuridão da capela e invadiu o estúdio.

18

Os gritos de Casey quando ele recuou da mesa de som em sua cadeira de rodinhas foram tremendamente amplificados.

Do lado de dentro do estúdio, houve uma breve tempestade de vidro. Lobo aterrissou de quatro no declive da mesa de som e, meio caindo, meio subindo, seus olhos atiraram um clarão vermelho. As garras compridas acionavam teclas e chaves. O grande gravador Sony começou a girar:

— COMUNISTAS! — berrou a voz de Sunlight Gardener. Fora ativada em máximo volume, afogando os gritos estridentes de Casey e Warwick dizendo atire nele, Sonny, atire nele, *atire!* E não

era só a voz de Gardener. Em segundo plano, enquanto os microfones de Casey captavam a caravana de carros de polícia se aproximando da Casa Sunlight, ouvia-se, como um fundo musical do inferno, a gorjeio de muitas sirenes.

— OH, ELES VÃO DIZER A VOCÊS QUE NÃO FAZ MAL NENHUM DAR UMA OLHADA NESSES LIVROS IMORAIS! ELES VÃO DIZER A VOCÊS QUE NÃO FAZ MAL NENHUM QUE SEJA CONTRA A LEI REZAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS! ELES VÃO DIZER A VOCÊS QUE NÃO FAZ MAL NENHUM QUE EXISTAM 16 DEPUTADOS E DOIS GOVERNADORES AMERICANOS DECLARADAMENTE HOMOSSEXUAIS! ELES VÃO DIZER A VOCÊS...

A cadeira de Casey bateu no vidro entre o estúdio e a sala de Sunlight Gardener. Sua cabeça se virou para o lado e, por uma fração de segundo, todos puderam ver os olhos agonizantes, saltando das órbitas. Então Lobo saltou da beira da mesa de som. O focinho atingiu a barriga de Casey... e mergulhou dentro dela. As mandíbulas começaram a abrir e fechar com a velocidade de um cortador elétrico de cana. O sangue jorrou e borrifou a janela quando Casey começou a entrar em convulsões.

— *Atire nele, Sonny, atire na porra dessa coisa!* — Warwick berrou.

— Acho que prefiro matar este aqui — disse Sonny virando-se para Jack. Tinha a expressão de um homem que finalmente chegara a uma grande conclusão. Balançou a cabeça, começou a sorrir.

— O DIA ESTÁ CHEGANDO, RAPAZES! OH, SIM, UM DIA GRANDIOSO! E DESSE DIA EM DIANTE, A CANALHA COMUNISTA, HUMANISTA E ATEÍSTA VAI DESCOBRIR QUE AS MONTANHAS NÃO LHE SERVIRÃO DE ABRIGO E AS ÁRVORES SECAS NÃO A PROTEGERÃO! ELA VAI, ALELUIA!, ELA VAI CAIR...

Lobo rosnava e rasgava.

Sunlight Gardener declamava sobre comunismo e humanismo, sobre maconheiros fadados ao inferno que queriam que não se voltasse a fazer orações nunca mais nas escolas públicas.

Sirenes do lado de fora; portas de carro batendo; alguém dizendo a alguém para ir com calma, o garoto parecera assustado.

— Sim, a culpa é sua. Foi você que provocou toda essa confusão.

Ele levantou a .45. O cano parecia tão grande quanto a boca do túnel de Oatley.

A parede de vidro entre o estúdio e o escritório implodiu com um estrondo muito alto. Uma forma cinza-escuro e peluda explodiu na sala, o focinho quase rasgado ao meio por um estilhaço de vidro, os pés sangrando. Deixou escapar um uivo quase humano e um pensamento atingiu com tanta força a cabeça de Jack que o fez recuar num passo inseguro.

NUNCA SE PODE FERIR O REBANHO!

— *Lobo!* — ele gritou. — Cuidado! Cuidado, ele tem um re...

Sonny puxou duas vezes o gatilho. Os estampidos foram ensurdecedores no pequeno espaço do gabinete. Os tiros não foram dirigidos a Lobo; foram dirigidos a Jack. Mas, apesar disso, acabaram atingindo Lobo porque, naquele momento, ele estava no meio de um salto entre os dois rapazes. Jack viu buracos enormes, esfiapados, sangrentos, na parte do corpo de Lobo por onde as balas saíram. As balas ricochetearam depois de atravessarem as costelas de Lobo, mas Jack não foi atingido por nenhuma delas, embora um sopro de vento tenha roçado em sua face esquerda.

— *Lobo!*

O pulo ágil e veloz de Lobo se tornou desequilibrado. O ombro direito rolou para o lado e ele se esborrachou contra a parede, respingando sangue e derrubando um retrato emoldurado de Sunlight Gardener com um pequeno barrete de comendador.

Rindo, Sonny Singer virou-se para Lobo e atirou de novo. Segurava o revólver com as duas mãos e seus ombros tremeram com o coice. A fumaça de pólvora elevou-se numa coluna densa, tóxica, quase imóvel. Lobo se debateu nas quatro patas e, de repente, conseguiu se erguer outra vez. Um dilacerante, pungente

grito de dor e raiva se sobrepôs à trovoadas de Sunlight Gardener no gravador.

Sonny atirou pela quarta vez. A bala escavou um buraco no braço esquerdo de Lobo. Jorrou sangue e cartilagens.

— JACK! JACKY, OH, JACKY, ISSO DÓI, DÓI MUITO...

Jack avançou num passo vacilante e agarrou o relógio digital de Gardener; era a única coisa que estava à mão.

— *Sonny, cuidado!* — Warwick gritou. — Olhe...

Então Lobo, o corpo agora transformado num sangrento emaranhado de pelos e pedaços de carne, se atirou contra ele. Warwick lutou com Lobo e, por um instante, os dois pareceram estar quase dançando.

— ...NUM LAGO DE FOGO ETERNO! POIS A BÍBLIA DIZ...

E quando Sonny começou a se virar, Jack lhe bateu, com toda a força, com o relógio digital na cabeça. O plástico estalou e rompeu. Os números do mostrador começaram a piscar descontroladamente.

Sonny rodopiou, tentando erguer o revólver. Jack brandiu o rádio num pequeno arco que foi atingir a boca de Sonny. Os lábios de Sonny retrocederam num grande sorriso de espelho deformante. Houve um ruído frágil de estalo quando os dentes quebraram. O dedo puxou de novo o gatilho. A bala passou entre os seus pés.

Ele cambaleou, bateu na parede, recuperou o equilíbrio e sorriu para Jack por entre o sangue dos lábios. Oscilando, levantou de novo o revólver.

— Fadado ao inferno...

Lobo arremessou Warwick. Warwick cortou o ar com a maior facilidade e atingiu Sonny nas costas no momento exato em que ele atirava. A bala saiu ricocheteando pelo gabinete e acabou se alojando num dos gravadores do estúdio de som. A estridente declamação de Sunlight Gardener cessou. Um rumor oco e grave de *feedback* começou a sair dos alto-falantes.

Rosnando, cambaleando, Lobo avançou para Sonny Singer. Sonny apontou o .45 e puxou o gatilho. Houve um estalido seco, inofensivo. O sorriso úmido de Sonny vacilou.

— Não — ele disse em voz baixa e puxou o gatilho outra vez... outra vez... outra vez. Quando Lobo avançou, ele atirou o revólver e tentou correr em volta da grande escrivaninha de Gardener. O revólver atingiu o crânio de Lobo, que numa última e já enfraquecida explosão de energia saltou pela escrivaninha atrás de Sonny, esparramando tudo o que havia sobre ela. Sonny esquivou-se para um canto, mas Lobo conseguiu lhe agarrar o braço.

— *Não!* — Sonny gritou. — *Não! Se fizer isso, vai voltar para a Caixa. Agora quem manda aqui dentro sou eu, eu... eu... euuuuuuuuuuu...!*

Lobo torceu o braço de Sonny. Houve um som de algo rasgando, o som de uma coxa de peru assado sendo arrancada por uma criança endiabrada. Subitamente, todo o braço de Singer estava na grande pata dianteira de Lobo. Sonny oscilou, o sangue brotando aos borbotões de seu ombro. Jack viu uma branca e úmida saliência de osso. Virou o rosto e vomitou violentamente.

Por um instante, tudo ao redor pareceu ondular na escuridão.

QUANDO ELE SE virou de novo, Lobo se sacudia no meio do matadouro em que o gabinete de Gardener se transformara. Seus olhos se derretiam num amarelo pálido, como velas que se apagam. Alguma coisa estava acontecendo no rosto, nos braços e pernas do amigo — ele estava se tornando outra vez o velho Lobo. E então Jack compreendeu plenamente o que aquilo significava. As velhas

lendas mentiam ao dizer que apenas balas de prata podiam destruir um lobisomem, mas, ao que parecia, sobre certas coisas elas não mentiam. A metamorfose de Lobo estava cessando porque ele ia morrer.

— *Lobo, não!* — Jack gritou, conseguindo se levantar. Deu um passo em direção ao companheiro, escorregou numa poça de sangue, caiu sobre um joelho, tornou a se levantar. — *Não!*

— Jacky...

A voz era baixa, gutural, pouco mais que um gemido... mas compreensível.

E, por mais estranho que fosse, Lobo estava tentando sorrir.

Warwick tinha aberto a porta do gabinete de Gardener. Ia recuando devagar pela escada, os olhos arregalados numa expressão de choque.

— *Vá embora!* — Jack gritou. — *Vá embora, saia daqui!*

Andy Warwick fugiu como um coelho assustado.

No interfone, uma voz — a voz de Franky Williams — interrompeu o chiado oco do gravador. Franky estava horrorizado, mas tomado por uma mórbida, doentia vibração.

— Jesus, veja isto! Parece que alguém andou fazendo muita besteira com um facão! Mande os rapazes darem uma olhada na cozinha!

— Jacky...

Lobo desmoronou como uma árvore depois de serrada.

Jack se ajoelhou e virou-o de frente. O pelo ia se dissipando das bochechas com a velocidade mágica de uma revelação fotográfica. O tom castanho-claro voltava a seus olhos. E Jack o achou terrivelmente fatigado.

— Jacky...

Lobo ergueu a mão ensanguentada e tocou o rosto do amigo.

— Atiraram... em você? Ele atirou em...

— Não — disse Jack, segurando a cabeça de Lobo. — Não, Lobo, ninguém atirou em mim.

— Eu...

Os olhos de Lobo se fecharam e, vagarosamente, tornaram a se abrir. Ele sorriu com incrível doçura e falou com cuidado, pronunciando nitidamente cada palavra, como se precisasse transmitir pelo menos aquilo antes de morrer:

— Eu... soube manter... meu rebanho... a salvo.

— Sim, você conseguiu — disse Jack, e as lágrimas começaram a cair de seus olhos. Eram lágrimas doídas. Continuava segurando a cabeça cabeluda e cansada do amigo. E chorava. — Você conseguiu, rapaz! Meu bom e velho Lobo!

— Bom... bom e velho Jacky.

— Lobo, eu vou até lá em cima... Há policiais... Pode haver uma ambulância...

— Não! — Lobo pareceu fazer um grande esforço para falar e mover a cabeça. —Vá embora... Vá embora você...

— *Não sem você, Lobo!*

Todas as luzes tinham se tornado duplas, triplas. Jack segurava a cabeça do amigo com as mãos queimadas.

— Não sem você, hã-hã, de jeito nenhum...

— Lobo... não quer viver neste mundo. — Ele sugou uma grande e trêmula arfada de ar para o peito destroçado, enorme. Tentou sorrir mais uma vez. —Cheira... Cheira muito mal.

— Lobo... escute, Lobo...

Lobo pegou suavemente as mãos do amigo e Jack pôde sentir os pelos sumindo das palmas de suas mãos. Era uma sensação terrível, fantasmagórica.

— Amo você, Jack.

— Também amo você, Lobo — disse Jack. — Aqui e agora.

Lobo sorriu.

— Estou voltando, Jacky... Eu posso sentir isso. Voltando...

Subitamente, as próprias mãos de Lobo foram ficando sem substância dentro dos punhos de Jack.

— *Lobo!*

— Voltando pra casa...

— *Lobo, não!* — Jack sentiu o coração disparar, estalar dentro do peito. Podia quebrar, oh sim, há corações partidos, ele sabia muito bem. — *Lobo, volte! Amo você!*

Havia uma sensação de leveza no corpo de Lobo, como se ele estivesse se transformando no algodão dos campos ou num lampejo de fantasia... Como um sonho de olhos abertos.

— *Adeus...*

Lobo ia ficando transparente como vidro e se extinguia... se extinguia... se extinguia...

— *Lobo!*

— Amo você, J...

Lobo se foi. Havia apenas um contorno ensanguentado no pedaço de chão onde ele caíra.

— Oh, Deus — Jack gemeu. — Oh, Deus, Deus!

Ele abraçou a si mesmo e começou a balançar de um lado para o outro no gabinete destruído, gemendo.

Capítulo Vinte e Sete

Jack Escapa Outra Vez

1

O TEMPO PASSAVA. Jack não tinha ideia se era muito ou pouco. Ficou sentado abraçando o próprio peito como se ainda estivesse na camisa-de-força, se balançando de um lado para o outro gemendo, se perguntando se era mesmo verdade que Lobo tivesse morrido.

Ele morreu. Oh, sim, ele morreu. E adivinhe quem o matou, Jack? Adivinhe?

De repente, o ruído oco do gravador adquiriu um tom agudo. Logo em seguida ouviu-se um alto zumbido de estática e tudo cessou: o rumor do feedback, as vozes lá em cima, o barulho de motores dos carros parados na frente da casa. Mas Jack mal se percebeu.

Vá embora. Lobo disse para ir embora.

Não posso. Não posso. Estou cansado e tudo o que faço dá errado. Pessoas morrem...

Pare com essa autopiedade imbecil! Pense na sua mãe, Jack.

Não! Estou cansado. Me deixe em paz.

E na rainha.

Por favor, me deixe em paz...

Por fim, ele ouviu a porta sendo aberta no alto da escada e aquilo o despertou. Não queria ser encontrado ali. Que o pegassem lá fora, nos fundos da casa, mas não naquele gabinete enfumaçado, fedorento, cheio de sangue, onde ele fora torturado e seu amigo morto.

Sem pensar no que estava fazendo, Jack pegou o envelope com a inscrição JACK PARKER. Olhou lá dentro e viu a palheta do violão, o dólar de prata, a velha carteira e o mapa rodoviário Rand McNally. Inclinou o envelope e viu a bola de gude. Enfiou tudo na mochila e colocou-a nas costas, sentindo-se como um garoto num estado de hipnose.

Passos nos degraus, abafados e cautelosos.

— Onde está o maldito interruptor?

— Cheiro engraçado. De zoológico...

— Vejam isto, rapazes...

O olho de Jack resvalou pelo fichário de metal, cheio de envelopes com a inscrição: SEREI UM RAIOS DE SOL PARA JESUS. Pegou dois.

Agora, quando pegarem você lá fora, poderão acusá-lo de roubo, além de assassinato.

Não importava. Seus movimentos eram automáticos.

O pátio dos fundos parecia completamente deserto. Jack foi até o topo da escada que, atravessando uma pequena sacada, saía do gabinete e olhou ao redor, incapaz de acreditar no que via. Da frente da casa vinham vozes, luzes piscando e ocasionais ruídos de estática e vozes rápidas nos rádios dos carros de polícia que deviam estar ligados no último volume, mas o pátio dos fundos estava vazio. Aquilo não fazia sentido. Só se estivessem confusos demais, assustados demais com o que tinham encontrado no interior da Casa Sunlight...

Então Jack ouviu uma voz abafada, menos de 6 metros à sua esquerda:

— Meu Deus! Você acredita nisto?

A cabeça de Jack se voltou rapidamente. Jogada no meio do pátio, como um grosseiro ataúde da Idade de Ferro, lá estava a Caixa. O feixe de uma lanterna movia-se dentro dela. Jack pôde ver solas de sapato para fora da Caixa e um vulto escuro agachado na entrada da Caixa, examinando a porta.

— Parece que essa coisa foi arrancada das dobradiças! — gritou o sujeito para dentro da Caixa. — Não sei como alguém conseguiu fazer isto. As dobradiças são de aço. Mas estão simplesmente... *retorcidas!*

— Pouco importam as dobradiças — respondeu a voz abafada. — Esta maldita coisa... Eles trancavam *garotos* aqui dentro, Paulie! Acho que realmente faziam isso! *Garotos!* Há iniciais gravadas nas paredes...

O feixe da lanterna se mexeu.

— ...e versículos da Bíblia...

A luz se moveu de novo.

— ...e desenhos. Pequenos desenhos. Aqueles bonequinhos palito que as crianças gostam de fazer... Meu Deus, você acha que

Williams sabia sobre isso?

— Devia saber — disse Paulie, ainda examinando as dobradiças torcidas e arrancadas da porta da Caixa.

Paulie se curvou e entrou na Caixa; o colega saiu. Sem tomar nenhum cuidado especial para se esconder, Jack atravessou a sacada, passou pelo lado da garagem e foi dar na beira da estrada. De lá teve uma visão do amontoado de carros de polícia na frente da Casa Sunlight. Uma ambulância se aproximava da fachada a toda a velocidade, as luzes piscando, a sirene tocando.

— Amava você, Lobo — Jack murmurou e enxugou os olhos com o braço. Foi seguindo na escuridão pela beira da estrada, achando que muito provavelmente seria apanhado antes de conseguir se afastar um quilômetro para oeste.

Três horas mais tarde, porém, ele ainda estava andando; ao que tudo indicava, os tiras estavam mais do que ocupados lá atrás.

2

UMA OU DUAS COLINAS à frente, havia uma grande rodovia. Jack podia ver no horizonte o intenso brilho alaranjado das lâmpadas de mercúrio; podia ouvir o zumbido dos grandes caminhões.

Parou junto a um barranco cheio de lixo e lavou o rosto e as mãos no filete de água que jorrava de um bueiro. A água estava quase paralisantemente fria, mas pelo menos ela silenciou durante algum tempo o latejar das queimaduras nas mãos. A ansiedade anterior, porém, ia retornando de modo quase incontrolável.

Jack ficou um instante parado, sob o escuro céu noturno de Indiana, atento ao rumor do tráfego pesado na rodovia.

O vento, murmurando entre as árvores, agitava o seu cabelo. A perda de Lobo pesava em seu peito, mas nem isso podia mudar como era bom demais estar livre.

Uma hora depois, um caminhão parou para o garoto pálido e cansado no acostamento com o polegar em pé. Jack subiu na cabine.

— Para onde vai, garoto? — o motorista perguntou.

Jack estava exausto e triste demais para se preocupar com a historinha. Além disso, mal se lembrava dela, embora achasse que poderia trazê-la à memória se fosse preciso.

— Para oeste — disse ele. — Até o ponto mais longe que você for.

— Vou até Midstate.

— Ótimo — disse Jack, e adormeceu quase no mesmo instante.

O grande Diamond Reo rolou pela noite fria de Indiana. Com Charlie Daniels cantando no toca-fitas, o caminhão seguia para oeste, perseguindo a luz de seus grandes faróis na direção de Illinois.

Capítulo Vinte e Oito

O Sonho de Jack

SEM DÚVIDA LOBO ia junto com ele. Lobo fora para casa, mas uma grande sombra leal viajava a seu lado em todos os caminhões, kombis e carros poeirentos que disparavam pelas estradas do Illinois. Aquele fantasma sorridente partia o coração de Jack. Às vezes ele podia ver — quase podia ver — a enorme forma cabeluda de Lobo correndo pelo acostamento, irrompendo pelos campos secos. Livre, Lobo sorria para ele com olhos alaranjados. E ao virar a cabeça Jack sentia a ausência da mão do amigo se curvando em

volta da sua. Agora que sentia a falta do amigo completamente, a lembrança de sua impaciência com Lobo o envergonhava, fazia o sangue aflorar ao seu rosto. Um número incontável de vezes pensara em abandonar Lobo. Uma vergonha, uma vergonha. Lobo fora... Jack demorou um certo tempo para concluir, mas a palavra certa era *nobre*. E aquele caráter nobre, tão deslocado neste mundo, morrera por ele.

Eu soube manter meu rebanho a salvo. Agora Jack Sawyer não era mais o rebanho. *Eu soube manter meu rebanho a salvo.* Às vezes os motoristas de caminhão ou agentes de seguros que pegavam aquele estranho e fascinante garoto na beira da estrada — embora Jack estivesse cabeludo e sujo de poeira — olhavam para o lado e viam uma lágrima cintilando em seus olhos.

Jack chorava por Lobo enquanto percorria o Illinois. De alguma forma ele soubera que não teria problemas em conseguir carona naquela região; e em geral só precisava levantar o polegar e olhar o motorista dentro dos olhos. A carona era instantânea. A maioria dos sujeitos nem sequer exigia a historinha. Tudo o que precisava fazer era dar uma explicação sumária por estar viajando sozinho. “Vou visitar um amigo em Springfield”, ou “Tenho de pegar um carro e trazê-lo para casa”. “Ótimo!”, diziam os motoristas. Será que eles tinham ouvido bem? Jack não saberia responder. Sua mente disparava por entre uma enorme pilha de imagens de Lobo. Lobo se atirando num rio para salvar as criaturas que guiava nos Territórios, Lobo cheirando e mordendo a caixa de um hambúrguer, Lobo empurrando comida por baixo da porta do depósito de lenha, Lobo explodindo no estúdio de som, sendo baleado, desaparecendo... Jack não queria ficar revendo essas coisas, mas elas não lhe saíam da cabeça e seus olhos ardiam de lágrimas.

Não muito distante de Danville, um homem baixo e cinquentão, com cabelo grisalho e a divertida mas severa expressão de quem passou duas décadas lecionando para 5ª série ficava lhe dirigindo

olhares dissimulados por detrás do volante. Por fim, conseguiu dizer:

— Não está com frio, campeão? Devia estar usando algo mais do que essa jaqueta leve.

— Um pouco — disse Jack. Sunlight Gardener achava que aquelas jaquetas de brim eram suficientemente quentes para o trabalho no campo durante o inverno. O frio, no entanto, parecia penetrar através dos poros da jaqueta.

— Tem um casaco no banco traseiro — disse o homem. — Pode pegá-lo. Não, nem tente recusar. O casaco é seu agora. Acredite em mim, eu não preciso dele.

— Mas...

— Você não tem escolha nesse assunto. O casaco agora é seu. Experimente.

Jack estendeu a mão para o banco de trás e puxou um pesado monte de tecido. A princípio parecia uma coisa sem forma, indefinível. Então surgiu um bolso enorme e um botão com colchete. Era um casaco bem grosso, cheirando a fumo de cachimbo.

— É meu velho casaco — disse o homem. — Só o conservava no carro porque não sabia o que fazer com ele. No ano passado, os garotos me deram essa coisa peluda que estou usando. Portanto, você pode ficar com esse.

Jack vestiu logo o enorme casaco sobre a jaqueta de brim.

— Puxa vida — exclamou. Era como ser abraçado por um urso com cheirinho de tabaco Borkum Riff.

— Ficou muito bem — disse o homem. — Agora, quando estiver de novo pedindo carona no meio do frio e da ventania da estrada, agradeça a Myles P. Kiger, de Ogden, no Illinois, por lhe ter salvado a pele. Sua...

Myles P. Kiger parecia que ia dizer mais alguma coisa: por um segundo a palavra ficou pairando no ar, e o homem ainda sorria; depois o sorriso se transformou num ar sem graça e Kiger voltou a

cabeça para a frente. Na luz cinzenta da manhã, Jack viu uma mancha vermelha se espalhar em seu rosto.

Sua (alguma coisa) pele?

Oh, não.

Sua bonita pele. Sua pele adorável, beijável, tocável... Jack enfiou as mãos nos bolsos e apertou bastante o casaco contra o corpo. Myles P. Kiger, de Ogden, Illinois, tinha os olhos fixos na estrada.

— Eh-eh — disse Kiger, lembrando um personagem de história em quadrinhos.

— Obrigado pelo casaco — Jack falou. — Obrigado mesmo. Vou ser grato ao senhor sempre que usá-lo.

— É claro — disse Kieger —, mas esqueça isso.

Por um segundo, seu rosto ficou extremamente parecido com o do pobre Donny Keegan da Casa Sunlight.

— Um pouco à frente há um lugar... — O tom de Kiger foi convulso, abrupto, cheio de uma falsa calma. — Se quiser, podemos almoçar lá.

— Não tenho dinheiro algum — disse Jack, uma afirmação exatamente dois dólares e 38 centavos distante da verdade.

— Não se preocupe com isso. — Kiger já tinha ligado a seta.

O carro aproximou-se de um estacionamento quase vazio, onde ventava muito. Na frente, havia uma construção cinzenta que lembrava um vagão de trem. A tabuleta de néon sobre a porta principal faiscava EMPIRE DINER. Kiger parou diante de uma das grandes janelas do restaurante e os dois saltaram. O casaco o manteria quente, Jack percebeu. Sentia o peito e os braços protegidos por uma couraça de lã. Jack começou a caminhar para a porta sob o pisca-pisca de néon, mas deu meia-volta quando percebeu que Kiger continuara ao lado do carro. O cinquentão de cabelos grisalhos, só dois ou 3 centímetros mais alto que Jack, fitava-o sobre a capota.

— Bem — disse Kiger.

— Olhe, eu gostaria de lhe devolver o casaco — Jack respondeu.

— Não, o casaco é seu. Eu só estava pensando que, para falar a verdade, não estou com fome nenhuma. E, se continuar agora minha viagem, posso chegar em casa bem mais cedo.

— É claro — disse Jack.

— Vai ser fácil pegar outra carona aqui. Pode ter certeza. Eu não iria deixá-lo na pior, num lugar qualquer da estrada.

— Tudo bem.

— Espere. Eu o convidei para o almoço, e quem convida paga. — Ele pôs a mão no bolso e passou uma nota pelo teto do carro. O vento frio jogava o seu cabelo na testa. — Pegue.

— Não, não precisa mesmo — disse Jack. — Está tudo bem. Tenho alguns dólares.

— Coma um bom bife — disse Kiger, se inclinando sobre a capota do carro, segurando a cédula como se oferecesse uma boia salva-vidas, ou quisesse pegar uma.

Jack avançou com relutância e pegou a nota dos dedos estendidos de Kiger. Eram dez dólares.

— Muito obrigado. Obrigado mesmo.

— Por que não fica também com o jornal? É bom ter alguma coisa para ler, certo? Pode ter que esperar um pouco, ou sei lá! — Kiger já abrira a porta do carro e se inclinava para pegar um pequeno tabloide jogado no banco de trás. — Eu já li. — Atirou o jornal para Jack.

Os bolsos do casaco eram tão espaçosos que o jornal coube muito bem num deles.

Myles P. Kiger parou uma fração de segundo ao lado da porta aberta do carro e estreitou os olhos.

— Se não se importa que eu diga isso, acho que você vai ter uma vida muito interessante — ele falou.

— Já é muito interessante — Jack respondeu com sinceridade.

O filé Salisbury custava 5,40 dólares e vinha acompanhado de batatas fritas. Jack sentou na ponta do balcão e abriu o jornal. A reportagem estava na página 2; na véspera, ele a tinha visto na primeira página de um jornal de Indiana. CARNIFICINA PROVOCA PRISÕES. O juiz local, Ernest Fairchild, e o sargento Frank B. Williams, da polícia de Cayuga, Indiana, tinham sido acusados de malversação de fundos públicos e aceitação de suborno no decurso das investigações sobre a morte de seis rapazes na Casa Evangélica Sunlight Gardener. Ao que tudo indicava, o popular pastor Robert “Sunlight” Gardener conseguira escapar da Casa pouco antes da chegada da polícia e, embora o mandado de sua prisão preventiva ainda não tivesse sido expedido, ele já estava sendo procurado para prestar depoimento. OUTRO JIM JONES?, dizia a legenda sob uma esplêndida foto de Gardener, braços estendidos, cabelo caindo em ondas imaculadas. Cães treinados levaram a Polícia Estadual a uma área perto de cercas eletrificadas onde havia corpos de rapazes enterrados sem qualquer cerimônia fúnebre; ao que parecia, cinco corpos, a maioria deles num estado já tão avançado de decomposição que a identificação não era mais possível. Provavelmente só conseguiriam identificar o cadáver de Ferd Janklow. Seus pais ainda teriam oportunidade de lhe proporcionar um verdadeiro funeral, o tempo todo se questionando sobre onde, exatamente, tinham errado; o tempo todo se questionando *como* o amor que devotavam a Jesus condenara o filho brilhante e rebelde.

O filé Salisbury foi servido e estava salgado e duro, mas Jack devorou-o até o último pedaço, e encharcou as batatas fritas um tanto cruas no molho grosso. Estava acabando a refeição quando um barbado motorista de caminhão com um boné da Detroit Tigers enfiado sobre o cabelo preto e comprido, um casaco que parecia confeccionado de pele de lobo e um grosso charuto na boca, parou a seu lado e perguntou:

— Precisa de uma carona para o oeste, rapaz? Vou até Decatur.

A meio caminho de Springfield, exatamente o que ele precisava.

2

NAQUELA NOITE, NUM hotel de 3 dólares que o motorista lhe indicara, Jack teve dois sonhos distintos. É possível até que mais tarde sua memória tenha selecionado apenas esses dois dentre os muitos sonhos que podem ter se desenrolado em seu sono; é possível ainda que os dois sonhos continuassem, na realidade, um único sonho longo e confuso. Ele trancara a porta, mijara na pia rachada e manchada do canto do quarto, escondera a mochila sob o travesseiro e adormecera segurando a grande bola de gude que, nos Territórios, se transformava num espelho. Havia ao longe uma música, como uma música de fundo de filme — uma vibrante melodia de *jazz*, mas num volume tão baixo que Jack mal pôde perceber que o solo era de trompete e sax tenor. *Richard*, Jack pensou entorpecido, *amanhã devo me encontrar com Richard Sloat* e, pela declinação do som, foi mergulhando em total inconsciência.

Lobo trotava em sua direção através de uma paisagem enfumaçada e cheia de ruínas. Cercas de arame farpado, às vezes se enroscando em fantásticos e irregulares montes de farpas, separavam os dois. Fossos profundos também dividiam a terra devastada. Lobo saltou com facilidade um desses fossos, mas quase caiu sobre uma das cercas de arame.

— Cuidado! — Jack gritou.

Lobo conseguiu se equilibrar antes de desabar sobre a fileira tripla de farpas. Levantou uma grande pata para mostrar a Jack que não tinha se machucado e depois, cuidadosamente, pulou a cerca.

Uma espantosa sensação de felicidade e alívio atravessou o corpo de Jack. Lobo não tinha morrido; Lobo se juntaria novamente a ele.

Lobo saltou mais uma cerca de arame farpado e continuou a correr em sua direção. Mas a distância entre Jack e Lobo parecia aumentar misteriosamente; a fumaça cinzenta que saía dos inúmeros fossos quase obscurecia a grande e peluda figura que tentava chegar até ele.

— Jason! — Lobo gritava. — Jason! Jason!

— Ainda estou aqui! — Jack respondeu.

— Não consigo chegar, Jason! Lobo não consegue chegar!

— Continue tentando — Jack berrou. — Não desista, porra!

Lobo fez uma pausa diante de um impenetrável monte de arame e, através da fumaça, Jack viu-o cair de quatro e trotar de um lado para o outro, tentando farejar um espaço aberto. De uma ponta à outra Lobo trotava, cada vez avançando uma distância maior e se tornando, a cada segundo, mais nitidamente transtornado. Finalmente Lobo tornou a ficar de pé, pousou as mãos no grosso emaranhado de arame e forçou um espaço através do qual pudesse ao menos gritar.

— Lobo não consegue! Jason, Lobo não consegue!

— Amo você, Lobo! — Jack gritou para a planície fumegante.

— JASON! — Lobo berrou. — TENHA CUIDADO! Eles estão indo atrás de você! E são MUITOS!

— Eles quem? — Jack teve vontade de gritar, mas não conseguiu. Sabia quem eram.

Então, ou todo o sentido do sonho se modificou, ou outro sonho começou. Ele estava de volta ao estúdio de gravações e ao gabinete arruinado da Casa Sunlight. Os cheiros de pólvora e carne queimada enchiam o ar. O corpo mutilado de Singer jazia estatelado

no chão e o cadáver de Casey pendia do destroçado painel de vidro. Jack sentou-se com Lobo nos braços e sabia que o amigo estava morrendo. Só que Lobo não era Lobo.

Na realidade, Jack segurava o corpo trêmulo de Richard Sloat, e era Richard quem morria. Atrás das lentes dos grossos óculos de plástico negro, os olhos de Richard se moviam sem parar, dolorosamente.

— Oh, não, oh, não — Jack sussurrava horrorizado. O braço de Richard fora esfaqueado e o peito era uma polpa de carne podre, a camisa branca manchada de sangue. Ossos fraturados despontavam esbranquiçados aqui e ali, como dentes.

— Eu não quero morrer — disse Richard, cada palavra lhe exigindo um esforço sobre-humano. Jason, você não devia... Você não devia ter...

— Você não pode morrer também — Jack suplicou —, não você também.

O tronco de Richard fraquejou nos braços de Jack e um longo som borbulhante escapou-lhe da garganta. Então os olhos de Richard encontraram os de Jack. Estavam límpidos e quietos.

— Jason.

O som deste nome, que era quase apropriado, pairou suavemente no mau cheiro do ar.

— Você me matou — Richard sussurrou, ou você *mmmmema-toouu*, pois seus lábios já não conseguiam formar perfeitamente os fonemas. Os olhos de Richard afundaram para fora de foco e seu corpo pareceu ficar bem mais pesado nos braços de Jack. Não havia mais vida naquele corpo. Chocado, Jason DeLoessian levantou a cabeça...

...E JACK SAWYER se sentou de repente na cama fria e desconhecida de uma pensão barata de Decatur, Illinois. Na escuridão amarela iluminada por lampião de rua, viu sua respiração flutuar com a exuberância de um sopro de duas bocas ao mesmo tempo. Para não gritar, teve de apertar as mãos uma contra a outra com força suficiente para rachar uma noz. Seus pulmões exalaram outra enorme pluma branca de ar.

Richard.

Lobo correndo por aquela paisagem desolada, chamando, chamando... por quem? *Jason*.

O coração do rapaz deu um salto rápido e ágil, como o coice de um cavalo derrubando uma cerca.

Capítulo Vinte e Nove

Richard no Colégio

1

ÀS ONZE HORAS da manhã seguinte, um exausto Jack Sawyer tirou a mochila das costas na margem de um extenso campo de esportes coberto de grama seca e cinzenta. À distância, dois homens com casacos em tecido xadrez e bonés de beisebol trabalhavam com ancinhos, tirando as folhas do gramado que cercava o conjunto mais distante de prédios. À esquerda de Jack,

bem atrás dos fundos em tijolo vermelho da biblioteca do Colégio Thayer, ficava o estacionamento. Defronte à fachada da escola, um grande portão conduzia a um caminho ladeado de árvores que circundavam um grande pátio cruzado por trilhas estreitas. O que mais se destacava no *campus* era a biblioteca, uma estrutura estilo Bauhaus feita de vidro, tijolo e aço.

Jack já tinha visto que um portão secundário conduzia a outra rua de acesso diante da biblioteca. A rua percorria dois terços da extensão do colégio e terminava em depósitos de lixo escondidos num beco arredondado, pouco antes do terreno se elevar para formar o platô do campo de futebol.

Jack começou a atravessar a área de esportes em direção aos fundos dos prédios que abrigavam as salas de aula. Quando os rapazes saíssem para o refeitório, ele procuraria o alojamento de Richard: Entrada 5, Pavilhão Nelson.

A grama seca de inverno estalava sob seus pés. Jack apertou o excelente casaco de Myles P. Kiger em torno do corpo — pelo menos o casaco lhe dava uma aparência decente. Ele passou entre o Thayer Hall e o dormitório do Pavilhão Spence. Seguiu na direção do grande pátio. Vozes preguiçosas, à espera do almoço, atravessavam as janelas do Pavilhão Spence.

2

JACK DEU UMA olhada no pátio e viu um homem idoso, ligeiramente curvado e com um esverdeado tom de bronze na pele. Estava de pé numa plataforma de cimento da altura de um banco de jardim. Examinava a capa de um livro pesado. O velho Thayer, Jack deduziu. Vestia uma camisa de colarinho duro, uma gravata

esvoaçante e uma capa do estilo preferido pelos diretores de colégio e reitores da Nova Inglaterra. O rosto de bronze do velho Thayer inclinava-se sobre o volume e o cocuruto da cabeça apontava para a direção dos prédios das salas de aula.

Jack virou à direita no final do caminho. Ruídos repentinos irromperam de uma alta janela à sua frente — garotos gritando um nome que soava como “Etheridge! Etheridge!”. Depois uma irrupção de gritos e berros, acompanhados pelo barulho de mobília pesada sendo arrastada por um assoalho de madeira.

— *Etheridge!*

Jack ouviu uma porta batendo atrás de si e virou a cabeça. Um rapaz alto com cabelo louro-escuro descia correndo a escada do Pavilhão Spence. Usava uma jaqueta esporte de *tweed*, uma gravata e sapatos de couro da L. L. Bean Maine. Apenas um comprido cachecol azul e amarelo, várias vezes enrolado em volta do pescoço, o protegia do frio. O rosto parecia ao mesmo tempo abatido e arrogante. Era a expressão de um veterano numa raiva superior. Jack pôs na cabeça o capuz do casaco e continuou seguindo a trilha.

— Não quero que ninguém se mova! — gritou o rapaz alto para a janela fechada. — Seus calouros, fiquem quietos aí!

Jack avançava para o pavilhão vizinho.

— Estão arrastando as cadeiras! — o rapaz alto gritou atrás dele. — Posso ouvi-los muito bem! PAREM!

Então Jack ouviu o veterano chamá-lo.

Jack se virou, o coração batendo alto.

—Vá agora mesmo para o Pavilhão Nelson, seja lá quem você for. Vá rápido, acelerado! Ou vou falar agora mesmo com o diretor.

— Sim, senhor — disse Jack e virou-se rapidamente para tomar a direção que o monitor indicara.

— *Está pelo menos sete minutos atrasado!* — Etheridge berrou para ele, e Jack levou um susto e começou a correr devagar. — Vá

rápido, acelerado, já disse! — Jack aumentou a velocidade da corrida.

Quando começou a descer (esperava que estivesse no caminho certo; pelo menos era a direção em que Etheridge parecia estar olhando), viu um enorme carro preto — uma limusine — começando a dobrar no portão principal e a subir lentamente a longa estrada que conduzia ao pátio. E achou que quem estava atrás dos vidros escuros da limusine não seria o simples pai de um estudante do segundo ano do Colégio Thayer.

O grande carro preto continuava a avançar, com uma lentidão arrogante.

Não, Jack pensou. Já estou querendo ver assombrações onde elas não existem.

Mesmo assim, não conseguiu se mexer. Viu a limusine aproximar-se dos limites do pátio e parar, o motor ainda em funcionamento. Um motorista negro, com ombros de atleta, saltou do banco da frente e abriu a porta traseira. Um velho de cabelos brancos, um desconhecido, levantou-se com esforço do banco do automóvel. Usava um casaco preto que deixava entrever a frente de uma camisa imaculadamente branca e uma cara gravata escura. O homem fez um sinal com a cabeça para o chofer e começou a subir o pátio na direção do pavilhão central. Não lançou sequer um olhar para Jack. O motorista esticou o pescoço e olhou para o céu, como se especulasse se ia cair alguma nevasca. Jack deu um passo atrás e contemplou o homem que se aproximava da escadaria do Thayer Hall. O motorista dava continuidade a um cuidadoso exame do céu. Jack retrocedeu mais um pouco até se ver protegido pela quina do pavilhão. Então virou e começou a correr.

O Pavilhão Nelson era uma construção de três andares do outro lado do pátio quadrangular. No andar térreo, duas janelas revelavam uma dúzia de veteranos desfrutando seus privilégios: lendo, esparramados em confortáveis poltronas, jogando desatentamente baralho numa mesinha de centro, olhando

preguiçosamente para o que devia ser um aparelho de TV colocado sob as janelas.

Uma porta invisível bateu com força um pouco acima e, de relance, Jack viu novamente o alto e louro formando, Etheridge, por certo voltando a seu próprio pavilhão após lidar com os crimes dos calouros.

Jack atravessou a frente do pavilhão e uma rajada de vento frio atingiu-o em cheio assim que ele chegou à esquina. Depois da esquina havia uma porta estreita e uma placa (dessa vez de madeira branca com letras negras, de tipo gótico) que dizia: ENTRADA 5. Uma fileira de janelas se estendia até a esquina seguinte.

E então, na terceira janela, alívio. Pois lá estava Richard Sloat, os óculos presos com firmeza nas orelhas, o nó da gravata impecável, as mãos apenas ligeiramente manchadas de tinta. Sentado reto numa escrivaninha, lia um grosso volume como se daquilo dependesse sua própria vida. Estava de lado para Jack, que teve tempo de avaliar o estimado e bem conhecido perfil de Richard antes de bater no vidro.

A cabeça de Richard desprendeuse do livro. Ele arregalou os olhos, desperto e assustado pelo inesperado ruído.

— Richard — disse Jack em voz baixa, e foi recompensado pela visão do rosto atônito do amigo virando-se para ele. Richard parecia quase imbecilizado de espanto.

— Abra a janela — disse Jack, articulando exageradamente as palavras para que o amigo pudesse ler os seus lábios.

Ainda movendo-se com a lentidão do susto, Richard se levantou da escrivaninha. Por meio de gestos, Jack pediu que Richard abrisse a janela. Richard pôs a mão no peitoral e, por um instante, encarou severamente o amigo. A olhadela crítica e breve trazia uma avaliação do rosto sujo, encardido de Jack, do cabelo seboso, da chegada intempestiva... *Que diabo você andou aprontando?* Finalmente, ele levantou a janela.

— Bem — disse Richard. — A maioria das pessoas usa a porta.

— Ótimo — disse Jack, quase rindo. — Quando eu for como a maioria das pessoas, provavelmente também usarei a porta. Chegue pra trás, tá?

Ainda sem entender muito bem o que estava acontecendo, Richard recuou alguns passos.

Jack se ergueu no peitoril e entrou pela janela de cabeça.

— Ufa!

— Tudo bem. Oi — disse Richard. — Acho que é até meio legal encontrá-lo de novo. Mas logo vou ter de sair para o almoço. E você podia aproveitar para tomar um banho, que tal? Todos estarão no refeitório.

Ele se interrompeu, parecendo receoso de ter falado demais.

Richard, Jack percebeu, teria de ser manejado de modo sutil.

— Será que pode me trazer um pouco de comida? Estou morrendo de fome.

— Que ótimo — disse Richard. — Primeiro você se manda e deixa todo mundo maluco, incluindo meu pai. Depois chega aqui como um assaltante e me pede para lhe roubar um pouco de comida. Claro, lógico. Muito bom. Ótimo.

— Temos muita coisa para conversar — disse Jack.

— Se — disse Richard, inclinando-se ligeiramente para a frente com as mãos nos bolsos — se prometer voltar hoje mesmo para New Hampshire, ou se me deixar telefonar para o meu pai e dizer que ele pode vir apanhá-lo, posso tentar lhe conseguir um pouco de comida.

— Estou disposto a falar sobre qualquer coisa com você, Richie. Qualquer coisa. Vamos conversar sobre voltar, claro.

Richard concordou com a cabeça.

— Afinal, por onde tem andado? — Seus olhos ardiam de curiosidade sob as grossas lentes dos óculos. Depois houve uma piscadela surpreendente. — E *como* pode justificar a maneira como

você e sua mãe estão tratando meu pai? Que merda, Jack! Eu acho mesmo que devia voltar para aquele lugar em New Hampshire.

— Eu vou voltar — disse Jack. — Prometo. Mas primeiro tenho de pegar uma coisa. Posso me sentar em algum lugar? Estou morto de cansaço.

Richard indicou a cama com a cabeça, mas de repente bateu nas costas da cadeira da escrivaninha, que estava, aliás, mais próxima de Jack.

Portas bateram no corredor. Um berreiro de vozes passou pela porta de Richard, uma multidão arrastando os pés.

— Você já leu alguma coisa sobre a Casa Sunlight? — Jack perguntou. — Eu estava lá. Dois amigos morreram naquele lugar e, escute esta, Richard, um deles era um lobisomem.

O rosto de Richard se contraiu.

— Bem, isso é uma espantosa coincidência, porque...

— Eu estava realmente na Casa Sunlight, Richard.

— Eu compreendo — disse Richard. — Tudo bem. Daqui a meia hora volto com alguma comida. Depois vou lhe contar quem mora no quarto ao lado do meu. Mas isso é uma coisa tipo Seabrook Island, certo? Diga a verdade.

— É. Acho que sim.

Jack deixou o casaco que Myles P. Kiger lhe dera cair de seus ombros e pendurou-o nas costas da cadeira.

— Espere por mim aqui — disse Richard. Ao sair do quarto, acenou vagamente para Jack.

Jack arrancou os sapatos dos pés e fechou os olhos.

A CONVERSA A QUE Richard se referia como “uma coisa tipo Seabrook Island”, e da qual Jack se lembrava tão bem quanto o amigo, ocorrera na última semana da última visita ao resort com aquele nome.

Quando Phil Sawyer era vivo, quase todo ano as duas famílias tiravam férias juntas. No verão após sua morte, Morgan Sloat e Lily Sawyer tentaram manter a tradição e foram com os filhos para um grande e velho hotel em Seabrook Island, na Carolina do Sul, onde já haviam passado alguns verões excelentes. Mas a experiência não deu certo.

Os meninos estavam acostumados à companhia um do outro. Também estavam acostumados a lugares como Seabrook Island. Richard Sloat e Jack Sawyer tinham feito verdadeiras maratonas de hotel de veraneio, e conhecido as mais belas e ensolaradas praias durante o período de infância. Mas agora a atmosfera tinha se alterado misteriosamente. Uma inesperada seriedade penetrara em suas vidas, uma espécie de mal-estar.

A morte de Phil Sawyer mudara o próprio tom do futuro. Naquele último verão em Seabrook, Jack começou a sentir que talvez não tivesse vontade de sentar na cadeira atrás da escrivaninha do pai, que queria mais na vida. Mais o quê? Ele sabia — essa era uma das poucas coisas que ele verdadeiramente sabia — que aquele poderoso desejo de “mais” estava relacionado de alguma forma aos sonhos de olhos abertos. Quando começou a ver isso em si mesmo, tomou consciência de outra coisa: seu amigo Richard era incapaz de sentir essa qualidade de “mais” e, de fato, voltava-se para um lado diametralmente oposto. Richard queria “menos”. Richard não queria nada que não pudesse respeitar.

Naqueles dias preguiçosos, tão comuns nos balneários, entre o almoço e os drinques de fim de tarde, Jack e Richard tinham ido passear sozinhos. Não foram muito longe. Limitaram-se a escalar uma colina coberta de pinheiros de onde se avistavam os fundos do hotel. Lá embaixo cintilava a água da enorme piscina retangular,

onde Lily Cavanaugh Sawyer nadava com suavidade e eficiência de uma ponta a outra e voltava. Numa das mesas à beira da piscina sentava-se o pai de Richard, enrolado num grande e vistoso roupão de banho, descansando os pés em sandálias macias, comendo um sanduíche e segurando um telefone sem fio na outra mão.

— É esse tipo de coisa que você quer? — Jack perguntou a Richard, que estava sentado no chão de pernas cruzadas e (não era de espantar) trazia um livro debaixo do braço: *A Vida de Thomas Edison*.

— O que eu quero? O que eu quero ser quando crescer, é isso? — Richard pareceu um tanto embaraçado pela pergunta. — Acho bem legal. Mas não sei se quero ou não.

— Você sabe o que você quer, Richard? Você sempre diz que quer ser químico. — disse Jack. — Por que diz isso? O que isso significa?

— Significa simplesmente que quero ser mesmo um químico. Richard sorriu.

— Você sabe o que estou dizendo, não sabe? Qual é o *sentido* para você de ser um químico? Acha que seria divertido? Acha que poderia descobrir a cura do câncer e salvar a vida de milhões de pessoas?

Richard encarou-o abertamente, os olhos ligeiramente aumentados pelos óculos que há quatro meses começara a usar.

— Não acho que vou descobrir a cura do câncer, não. E, na realidade, o que me interessa não é bem isso. O que me interessa é descobrir como as coisas funcionam. E as coisas realmente funcionam de um modo ordenado, não importa que aparência tenham, e é possível descobrir sobre elas.

— Ordem.

— Sim. Por que está sorrindo?

— Você vai pensar que estou maluco. Eu gostaria de descobrir alguma coisa que fizesse tudo isso, todos esses caras ricos jogando golfe e berrando nos telefones, parecer inteiramente absurdo.

— Mas já parece inteiramente absurdo — disse Richard, sem qualquer intenção de ser engraçado.

— Nunca achou que talvez a vida não seja feita apenas de ordem lógica? — Ele contemplou o rosto cético e inocente de Richard. — Não gostaria de experimentar uma certa dose de magia, Richard?

— Sabe, às vezes eu acho que você sonha com o caos — disse Richard, ficando um pouco vermelho. — E acho que está me gozando. Se quer magia, despreza tudo em que acredito. Na verdade você despreza a própria realidade.

— Mas talvez não exista apenas *uma* realidade.

— Em *Alice no País das Maravilhas*, claro!

Richard estava começando a ficar irritado e tratou de escapar por entre os pinheiros. Jack percebeu de imediato que a conversa provocada por suas experiências com os sonhos de olhos abertos tinha enfurecido o amigo. Em segundos, as pernas mais compridas de Jack o emparelharam com Richard.

— Eu não estava falando de gozação — disse. — Só estava curioso para saber por que você sempre diz que quer ser químico.

Richard se deteve e atirou um olhar sóbrio ao colega.

— Pare de me chatear com esse tipo de coisa — disse ele. — Isso é papo de Seabrook Island. Já é muito difícil ser uma das seis ou sete pessoas realmente sãs da América. Não preciso que meu melhor amigo saia totalmente de órbita.

Daí em diante, Richard Sloat começou a repudiar qualquer tipo de fantasia em Jack, qualificando-a imediatamente de “coisa tipo Seabrook Island”.

QUANDO RICHARD VOLTOU do refeitório, Jack, que acabara de sair do banho com o cabelo molhado grudado na cabeça, folheava casualmente os livros que havia na escrivaninha. Quando Richard atravessou a porta conduzindo uma substancial quantidade de comida coberta por um guardanapo de papel engordurado, Jack se perguntava se a conversa que viria a seguir não seria mais fácil se os livros da escrivaninha fossem *O Senhor dos Anéis* e *O Naufrágio*, em vez de *Química Orgânica* e *Enigmas Matemáticos*.

— O que tinha no almoço? — Jack perguntou.

— Você teve sorte. Frango frito. Uma das poucas coisas de nossa cozinha que não fazem você lamentar a inutilidade do sacrifício do animal servido.

Passou a Jack o guardanapo manchado. Quatro grossos e macios pedaços de frango exalavam um aroma de quase inacreditável doçura e densidade. Jack atacou-os com determinação.

— Há quanto tempo vem comendo como se grunhisse em vez de falar? — Richard empurrou os óculos pelo nariz e sentou-se na cama estreita. Sob a jaqueta de tweed, usava uma suéter com listras marrons e colarinho em forma de V, cuidadosamente enfiada por dentro da calça.

Jack teve uma sensação de mal-estar. Seria mesmo possível conversar sobre os Territórios com alguém de espírito tão quadrado? Alguém que ainda usava a suéter por dentro da calça?

— A última vez que comi — disse ele com voz suave — foi ontem, por volta do meio-dia. Estou um pouco faminto, Richard. Obrigado por ter-me trazido o frango. Está ótimo. É o melhor frango que já comi em toda a minha vida. Você é um cara incrível... Arriscando-se até ser expulso por minha causa.

— Você acha que isso é brincadeira? — Richard pôs a mão na gola da suéter, franzindo a testa. — Se alguém descobrir você aqui, é muito provável que eu seja *realmente* expulso. Portanto, não

queira bancar o engraçadinho. Temos de arranjar um meio de mandá-lo de volta a New Hampshire.

Silêncio, por um instante: um olhar de avaliação por parte de Jack, um olhar severo de Richard.

— Sei que vai querer que eu explique o que está acontecendo — disse Jack com a boca cheia de frango —, e sem dúvida isso não vai ser fácil.

— Você nem parece o mesmo, sabia disso? — Richard perguntou. — Parece... mais velho. Mas isso não é tudo. Você está mudado.

— Sei que estou mudado. Você também estaria um pouco diferente se estivesse comigo desde setembro.

Jack sorriu, fitou a carranca de Richard em suas roupas de bom menino e percebeu que jamais seria capaz de contar a Richard o que sabia do pai dele. Simplesmente não era capaz disso. Se as circunstâncias fizessem a revelação por si mesmas, tudo bem, mas ele não possuía sangue-frio suficiente para esse tipo de desmascaramento.

O amigo continuava de testa franzida, esperando com impaciência o início da história.

Talvez para adiar o momento em que teria de tentar convencer o racional Richard do inacreditável, Jack perguntou:

— O garoto do quarto ao lado está deixando a escola? Do lado de fora, vi suas malas na cama.

— Oh, sim, é muito interessante — disse Richard. — Quero dizer, é interessante em relação ao que você falou. Ele *está* indo embora; de fato, já foi. Acho que alguém deve ter vindo buscar as coisas dele. Só Deus sabe que tipo de enredo fantástico você fará do que vou dizer, mas a verdade é que o garoto do quarto ao lado era Reuel Gardener. Filho daquele pastor que dirigia a casa de onde você diz que escapou. — Richard ignorou o súbito acesso de tosse de Jack. — Em certo sentido, eu diria que Reuel era apenas um vizinho qualquer, e provavelmente ninguém aqui lamentou sua

partida. Quando publicaram a reportagem sobre as mortes na casa que o pai dele dirigia, Reuel recebeu um telegrama lhe ordenando que deixasse o Colégio Thayer.

Jack engoliu o pedaço de frango que quase o engasgara.

— Filho de Sunlight Gardener? Então o sujeito tinha um filho? E ele estava *aqui*?

— Ele chegou no início do semestre — disse Richard com ar de desinteresse. — Era isso que eu estava tentando te contar antes.

E, subitamente, o Colégio Thayer assumia um ar ameaçador que Richard não poderia entender.

— *Como* era ele?

— Um sádico — disse Richard. — Às vezes eu ouvia estranhos ruídos vindo do quarto de Reuel. E certa vez, vi um gato morto na cesta de lixo lá atrás, sem olhos nem orelhas. Quando se olhava para ele, perceberia de imediato que era o tipo de pessoa capaz de torturar um gato. E exalava um cheiro rançoso de água-de-colônia. — Por um instante, Richard ficou silencioso e profundamente pensativo; depois, perguntou: — Esteve realmente na Casa Sunlight?

— Por 30 dias. Aquilo era o inferno, ou vizinho de porta do inferno. — Jack respirou fundo, contemplando o rosto contraído mas pelo menos semiconvencido de Richard. — O que vou dizer é difícil de engolir, eu sei disso, mas o sujeito que estava comigo era um lobisomem. E se não tivesse sido morto ao tentar salvar minha vida, agora estaria aqui.

— Um lobisomem. Com cabelo nas palmas das mãos. Um ser que a cada lua cheia se transforma num monstro sedento de sangue. — Richard olhou ao redor do quarto com ar divertido.

Jack esperou que o olhar de Richard voltasse a seu rosto.

— Quer saber o que estou fazendo? Quer saber por que ando pedindo carona de uma ponta a outra do país?

— Vou começar a gritar se não me contar — Richard exclamou.

— Bem — disse Jack —, estou tentando salvar a vida de minha mãe.

Essas palavras lhe pareceram exalar uma maravilhosa claridade.

— E como pretende fazer isso? — Richard explodiu. — Sua mãe provavelmente está com câncer. Como meu pai já lhe disse, ela precisa de médicos e de tratamento... E você se manda por aí? O que pretende usar para salvar a vida de sua mãe, Jack? Magia?

As lágrimas começaram a arder nos olhos de Jack Sawyer.

— É isso aí, Richard, amigão.

Ele levantou o braço e enxugou os olhos úmidos na manga da camisa.

— Ei, calma, Jack... — disse Richard, agarrando nervosamente a gola do suéter. — Não chore, Jack, vamos lá, por favor, eu sei que é uma coisa terrível, eu não queria... foi só que...

Richard cruzou rápida e silenciosamente o quarto e tocou carinhosamente no braço e no ombro de Jack.

— Estou bem — disse Jack, abaixando camisão braço. — Não é uma fantasia louca, Richard, por mais absurda que pareça. — Ele se sentou de cabeça erguida. — Meu pai me chamava de Jack Viajante e, em Arcadia Beach, encontrei um velho que me chamou do mesmo jeito.

Jack esperava que o afeto de Richard quebrasse certas resistências ao caráter fantástico do que ele ia contar. Quando olhou para o rosto do amigo, viu que não se enganara. Richard parecia preocupado, carinhoso, interessado.

Jack deu início à história.

EM VOLTA DOS DOIS, a vida do Pavilhão Nelson seguia seu curso normal, ao mesmo tempo calmo e turbulento, como em todos os colégios internos, sempre pontuado de gritos, ruídos e risos. Passos passavam em frente à porta, mas não paravam. Do andar de cima vinham pancadas regulares de uma melodia que Jack identificou como uma gravação do Blue Oyster Cult. Começou a falar a Richard dos sonhos de olhos abertos. Dos sonhos de olhos abertos passou a Speedy Parker. Descreveu a voz lhe falando do funil rodopiante na areia. E depois explicou como tomara o “suco mágico” de Speedy e, pela primeira vez, atravessara para os Territórios.

— Mas acho que aquele suco não passava de vinho barato — disse Jack. — Mais tarde, depois que o suco acabou, descobri que não precisava dele para atravessar. Podia fazer isso por mim mesmo.

— Muito bem — disse Richard sem se comprometer.

Jack tentou descrever os Territórios com riqueza de detalhes: a trilha de carros de bois, a visão do palácio de verão, tudo o que havia lá de singular e específico. O capitão Farren, a rainha agonizante, a questão dos Duplos, Osmond. A cena na aldeia de All-Hands, a Estrada do Posto de Fronteira que era a Estrada do Oeste. Mostrou a Richard sua pequena coleção de objetos sagrados: a palheta de violão, a bola de gude, a moeda. Richard limitou-se a sacudi-los na palma da mão e devolvê-los sem comentários. Então, Jack reviveu a terrível experiência de Oatley. Richard ouviu as histórias de Oatley em absoluto silêncio, mas de olhos arregalados.

Jack teve o cuidado de omitir Morgan Sloat e Morgan de Orris de sua narrativa da cena na parada rodoviária Lewisburg da estrada federal 70, no oeste de Ohio.

Depois descreveu a impressão que teve de Lobo ao vê-lo pela primeira vez, um alegre gigante usando um macacão da OshKosh B’Gosh, e sentiu as lágrimas novamente brotando nos olhos. Richard ficou realmente espantado vendo o amigo chorar enquanto

relatava a resistência de Lobo em entrar nos carros e confessava sua impaciência com o companheiro. Lutou para não chorar mais, e focou bem por bastante tempo, o suficiente para contar a história da primeira metamorfose de Lobo. Depois começou a se emocionar de novo. Sua raiva o manteve falando livremente até chegar a Ferd Janklow. Seus olhos mais uma vez arderam.

Richard ficou muito tempo calado. Depois se levantou e tirou um lenço limpo da gaveta da escrivaninha. Jack assoou ruidosamente o nariz.

— Foi isso que aconteceu — disse Jack. — Pelo menos lhe contei quase tudo.

— O que você anda lendo? Que filmes tem assistido?

— Vá se foder — disse Jack. Levantou-se e atravessou o quarto para pegar a mochila, mas Richard deu um passo à frente e agarrou o pulso do amigo. — Não acho que você inventou tudo isso. Não acho que você inventou nada disso.

— Não acha?

— Não. Não sei o que pensar, mas tenho certeza de que não está me contando mentiras deliberadas. — Soltoou o pulso de Jack. — Acredito que estive na Casa Sunlight, acredito nisso sim. E acredito que teve um amigo chamado Lobo, que morreu lá. Sinto muito, mas não posso levar a sério a ideia dos Territórios, nem aceitar que seu amigo era um lobisomem.

— Então você acha que estou doido.

— Acho que está com problemas. Mas não vou telefonar para meu pai, nem vou mandá-lo embora. Esta noite você terá que dormir aqui, na cama. Se ouvirmos o sr. Haywood fazendo a verificação nos quartos, você se esconde embaixo da cama.

Assumindo um ligeiro ar de executivo, Richard pôs as mãos na cintura e lançou um olhar crítico ao redor.

— Você precisa descansar. Tenho certeza de que isso é parte dos seus problemas. Eles o torturaram quase até a morte naquele

lugar terrível e sua mente ficou um tanto conturbada. Agora você tem de descansar.

— Tenho mesmo — Jack admitiu.

Richard desviou os olhos.

— Daqui a pouco, vou para o basquete, mas você pode ficar escondido aqui. Mais tarde trago mais comida. O importante é que você precisa descansar, e precisa voltar para casa.

— Minha casa não fica em New Hampshire — disse Jack.

Capítulo Trinta

O Colégio Fica Estranho

1

PELA JANELA, JACK pôde ver rapazes encasacados, curvados contra o frio, andando de um lado para o outro entre a biblioteca e o resto da escola. Etheridge, o formando que falara com Jack naquela manhã, passou correndo, o cachecol esvoaçando ao vento.

Richard tirou uma jaqueta esporte de tweed do pequeno armário ao lado da cama.

— Você deve voltar para New Hampshire. Nada vai me convencer do contrário. Agora tenho de ir para o basquete, senão o instrutor Frazer vai me obrigar a dar dez voltas na pista quando voltar. Hoje temos outro instrutor, mas Frazer logo estará aqui e disse que vai castigar severamente quem faltar aos treinos. Quer pegar algumas roupas emprestadas? Tenho pelo menos uma camisa que vai dar muito bem em você. Meu pai mandou-a de Nova York, mas a loja despachou o tamanho errado.

— Me deixe ver — disse Jack. Suas roupas estavam realmente uma vergonha, duras de sujeira. Cada vez que pensava nisso, Jack se sentia como Chiqueirinho, o personagem da história em quadrinhos do Snoopy que está sempre envolvido por uma nuvem de sujeira e reprovação. Richard lhe passou uma camisa branca com botões, ainda na embalagem. — Ótimo, obrigado — disse Jack. Tirou-a da embalagem e começou a remover os alfinetes. Ia ficar quase certa.

— Tem um paletó que você também pode experimentar — disse Richard. — E este blazer aqui na ponta do armário. Experimente, está bem? E você devia usar uma de minhas gravatas. Seria muito bom para o caso de alguém entrar aqui. Diga que você é do jornal escolar do Colégio de Saint Louis e está fazendo um intercâmbio. Isso acontece duas ou três vezes por ano. Alunos do Thayer vão para o Saint Louis, e vice-versa, para trabalhar no jornal escolar do outro colégio. — Ele avançou para a porta. — Volto antes do jantar para ver se está tudo bem.

No bolso da jaqueta havia duas canetas presas a um protetor de plástico, e todos os botões estavam abotoados.

Daí a poucos minutos o Pavilhão Nelson ficou inteiramente silencioso. Da janela do quarto de Richard, Jack viu alunos sentados nas escrivaninhas do outro lado das janelas envidraçadas da biblioteca. Agora ninguém mais andava nas trilhas ou sobre a grama cinzenta. Uma campainha tocava com insistência, marcando o início do quarto tempo. Jack esticou os braços e bocejou. Uma sensação

de segurança o envolveu. Ao seu redor havia um colégio, com todos aqueles rituais familiares das campainhas, das aulas, dos treinos de basquete. Talvez ele pudesse ficar mais um dia. Talvez pudesse até a ligar para a mãe de um dos telefones do pavilhão. E, sem dúvida, conseguiria pôr o sono em dia.

Foi até o armário e encontrou o blazer pendurado no lugar indicado por Richard. A etiqueta ainda pendia de uma das mangas: Sloat o mandara de Nova York, mas Richard não chegara a usá-lo. Como a camisa, o blazer era um tamanho menor do que o de Jack, e apertava nos ombros, mas o corte era amplo e os punhos da camisa branca avançavam dois ou três centímetros além das mangas.

Jack tirou uma gravata do cabide da porta — vermelha, com um estampado de âncoras azuis. Pôs a gravata em volta do pescoço e deu um laço caprichado. Então se olhou no espelho e riu em voz alta. O efeito era realmente fantástico. Examinou detidamente o bonito blazer, a gravata moderna, a camisa branca como neve e seus jeans amarrotados. Ali estava ele. Parecia um aluno de colégio interno.

2

RICHARD SE TORNARA, Jack percebeu, um grande admirador de John McPhee, Lewis Thomas e Stephen Jay Gould. Como gostou do título, tirou *O polegar do panda* da fileira de livros da estante. Depois se esticou na cama.

Richard demorou um tempo infinito no treino de basquete. Jack começou a andar de um lado para o outro no pequeno quarto. Não

podia entender por que o amigo estava demorando tanto para voltar, e sua imaginação criava uma calamidade atrás da outra.

Depois de ter consultado o relógio pela quinta ou sexta vez, Jack reparou que não havia um só estudante nos terrenos da escola.

Não importa o que tivesse acontecido a Richard, tinha acontecido a todo o colégio.

A tarde morreu. Achava também que Richard estava morto. Talvez todo o Colégio Thayer estivesse. E ele se sentiu como o portador de uma praga, o portador da morte. A única coisa que comera naquele dia fora o frango que Richard trouxera do refeitório, mas não estava com fome. Extremamente angustiado, Jack Sawyer sentou-se na cama. Levava destruição para onde quer que fosse.

3

ENTÃO OUVIU NOVAMENTE passos no corredor.

Do andar de cima veio o *tum tum tum* abafado de um baixo, e ele reconheceu outra vez a gravação do Blue Oyster Cult. Os passos pararam diante da porta. Jack correu até lá.

Richard apareceu no umbral. Dois garotos de cabelo alourado e gravatas de laço frouxo olharam para dentro do quarto e continuaram seguindo. No corredor, o rock era bem mais audível.

— Onde você esteve a tarde toda? — Jack perguntou.

— Bem, aconteceu uma coisa estranha — disse Richard. — Todas as aulas da parte da tarde foram canceladas. O sr. Dufrey não deixou ninguém nem ir até os armários. Tivemos de ir para a quadra de basquete, e isso é que foi o mais esquisito.

— Quem é o sr. Dufrey?

Richard olhou para ele com uma expressão de bebê que tivesse caído do carrinho.

— Quem é o sr. Dufrey? É o diretor da escola. Será que não sabe absolutamente nada sobre o Colégio Thayer?

— Não, mas estou começando a ter algumas ideias — disse Jack. — O que havia de tão esquisito na quadra de basquete?

— Está lembrado que eu disse que o Instrutor Frazer mandou um amigo substituí-lo hoje na quadra? Bem, Frazer berrou que quem faltasse ao treino seria severamente punido, e eu pensei que esse amigo dele fosse um tipo de primeira linha, estilo Al Maguire. O Colégio Thayer não tem uma grande tradição atlética. Eu teria jurado que o substituto era um sujeito especial.

— Deixe-me adivinhar. O substituto parecia que nunca tinha visto uma quadra na vida.

Richard levantou o queixo e arregalou os olhos.

— Isso mesmo. — Richard dispensou a Jack um olhar de avaliação. — Não parou de fumar um só minuto. E tinha o cabelo muito comprido e seboso. Era o extremo oposto da figura de um instrutor. O tipo de homem que a maioria dos treinadores jamais gostaria de ver pela frente. Até os olhos pareciam engraçados. Aposto que ele queima fumo. — Richard apertou a gola da suéter. — E acho que não sabe nada de basquete. Nem as jogadas tradicionais ele nos fez praticar... Aquele mínimo que costumamos fazer após o aquecimento. Fizemos o que bem entendemos na quadra e ele dava gritos sem qualquer sentido. E ria. Como se garotos jogando basquete fossem a coisa mais ridícula que tivesse visto na vida. Você pode conceber um instrutor achando graça de um treino? Até o período de aquecimento foi estranho. Ele apenas disse: “Bem, comecem a fazer flexões”, e acendeu um cigarro. Nada de contagem, nada de cadência, todo mundo fazendo como bem entendesse. Depois ele disse: “Tudo bem. Agora corram um pouquinho.” Parecia estar realmente... num barato. Acho que amanhã vou me queixar ao instrutor Frazer.

— No seu lugar, eu não me queixaria. Nem a ele, nem ao diretor do colégio — disse Jack.

— Oh, entendi — Richard exclamou. — O sr. *Dufrey* é um deles. Uma daquelas pessoas dos Territórios.

— Ou trabalha para elas.

— Você não percebe que pode encaixar *qualquer coisa* nesse seu esquema? *Qualquer coisa* que dê errado? É fácil demais. Tudo pode ser explicado dessa maneira. É assim que a loucura funciona. A pessoa estabelece correlações que não existem.

— E vê coisas que não existem.

Richard sacudiu os ombros mas, apesar do descaso do gesto, o rosto estava infeliz.

— É isso.

— Espere um pouco — disse Jack. — Está lembrado que eu lhe falei daquele prédio que desabou em Angola, no estado de Nova York?

— O Rainbird Towers.

— Que memória! Acho que esse acidente aconteceu por minha culpa.

— Jack, você está...

— Louco, eu sei. Olhe, será que alguém daria o alarme se você e eu saíssemos para dar uma olhada no noticiário das sete?

— Acho que não. Agora a maioria dos garotos está estudando. Por quê?

Porque eu quero saber o que está acontecendo aqui, Jack pensou, mas não disse. *Pequenos incêndios, ligeiros tremores de terra — sinais certos de que eles estão atravessando. Atrás de mim. Atrás de nós.*

— Preciso de uma mudança de cenário, Richard, amigo — disse Jack, e seguiu Richard Sloat pelo corredor de um verde muito desbotado.

Capítulo Trinta e Um

O Colégio Desce ao Inferno

1

JACK PERCEBEU a mudança de atmosfera primeiro e reconheceu-a logo. Já a sentira antes, enquanto Richard estava fora, e, ele estava sensível a ela.

O heavy metal vibrante do “Tattoo Vampire” do Blue Oyster Cult sumiu.

A televisão da sala comunitária, que ainda há pouco cacarejava um episódio de *Guerra, Sombra e Água Fresca*, perdera a imagem e o som.

Richard virou-se para Jack, abrindo a boca para falar.

— Não estou gostando nada disso, Gridley — disse Jack antes dele. — O tambor dos nativos parou. Tudo está silencioso demais.

— Ha ha — disse Richard em voz baixa.

— Richard, posso lhe perguntar uma coisa?

— Claro.

— Você está com medo?

O rosto de Richard mostrou que ele desejava ardentemente dizer *É claro que não! O Pavilhão Nelson fica sempre muito silencioso no início da noite*. Infelizmente, Richard era absolutamente incapaz de dizer uma mentira. O bom e velho Richard. Jack sentiu uma onda de afeição.

— Sim — disse Richard. — Estou um pouco assustado.

— Posso lhe perguntar mais uma coisa?

— Acho que sim.

— Por que nós dois estamos sussurrando?

Por um bom tempo Richard contemplou-o sem nada dizer. Depois continuou a seguir o corredor esverdeado.

As portas dos outros quartos estavam abertas ou entreabertas. Jack sentiu um odor muito familiar saindo pela porta entreaberta da suíte 4, e empurrou-a com as pontas dos dedos.

— Qual deles é o maconheiro? — Jack perguntou.

— O quê? — Richard exclamou num tom vacilante.

Jack fungou.

— Está sentindo o cheiro?

Richard retrocedeu um passo e olhou dentro do quarto. Sobre a escrivaninha, dois abajures estavam acesos. Num lado havia um livro de história aberto; no outro, um número da revista *Heavy Metal*. Pôsteres decoravam as paredes: Costa del Sol, Frodo e Sam avançando pela planície desolada e fumegante de Mordor em

direção ao castelo de Sauron, Eddie Van Halen. Fones de ouvido jaziam sobre o exemplar aberto da *Heavy Metal* e ainda soltavam minúsculos rangidos de música.

— Se você pode ser expulso apenas por deixar um amigo dormir embaixo da cama, duvido que apenas usariam a palmatória se pegassem você fumando maconha, não é?

— O aluno seria expulso, é claro.

Richard olhava para o cigarro de maconha, hipnotizado. Nem quando Jack mostrou as queimaduras entre os dedos que ganhara na Casa Sunlight Richard Sloat teve uma reação de tamanho choque e perplexidade.

— O Pavilhão Nelson está vazio — disse Jack.

— Não seja ridículo! — O tom de Richard foi estridente.

— Mas está. — Jack estendeu o braço mostrando o corredor. — Só sobramos nós. E é impossível tirar trinta e tantos garotos de um dormitório sem fazer o menor ruído. Eles não saíram simplesmente pela porta, eles evaporaram.

— E foram para os Territórios, certo?

— Eu não sei — disse Jack. — Talvez ainda estejam aqui, mas numa dimensão ligeiramente diferente. Talvez estejam lá. Talvez estejam em Cleveland. Mas não estão onde nós estamos.

— Feche essa porta — disse Richard bruscamente, e como Jack não se mexeu com a devida rapidez, Richard fechou-a ele mesmo.

— Você quer apagar o...?

— Nem quero tocar nele — disse Richard. — Eu devia denunciá-los, sabe. Devia denunciar os dois ao sr. Haywood.

— E faria isso? — Jack perguntou, fascinado.

Richard pareceu um tanto envergonhado.

— Não... provavelmente não. Mas não gosto disso.

— Não se encaixa na ordem — disse Jack.

— É.

Os olhos de Richard faiscaram atrás dos óculos, com uma expressão que dizia que era exatamente isso, que ele tinha acertado na mosca, e que, se Jack não gostasse, ele que se danasse. Richard continuou a seguir o corredor.

— Quero saber o que está *acontecendo* aqui — disse ele —, e pode ter certeza que vou descobrir.

E a descoberta pode ser bem mais perigosa para sua saúde do que a maconha, Richie, Jack pensou, e foi atrás do amigo.

2

PARARAM NO VESTÍBULO, olhando para fora. Richard apontou para o pátio. Sob a última luz do crepúsculo, Jack viu um punhado de garotos agrupados em volta da estátua de bronze esverdeado do velho Thayer.

— Eles estão fumando! — Richard gritou furioso. — Bem no meio do pátio! Estão *fumando*!

Jack lembrou imediatamente do cheiro de maconha no corredor.

— Estão fumando mesmo — disse a Richard —, e não é o tipo de cigarro que se pode comprar numa máquina de cigarros.

Richard bateu furiosamente com os nós dos dedos no vidro da porta. Para Richard Sloat, Jack conjecturou, o dormitório estranhamente deserto estava esquecido, o substituto fumante e de jaqueta de couro do instrutor Frazer estava esquecido, a aparente aberração mental de Jack também estava esquecida. Aquele olhar de dignidade violada no rosto de Richard dizia: *Quando um punhado de guris se reúne num grupo desses, fumando cigarros de maconha aos pés da estátua do fundador da escola, é como se alguém*

estivesse tentando me dizer que a terra é plana, que os números primos podem ser divisíveis por dois ou alguma bobagem ainda pior.

O coração de Jack se encheu de pena do amigo, mas não deixou de admirá-lo por sua coragem em manter uma atitude que, aos olhos dos colegas, devia parecer bastante reacionária e excêntrica. Ele se questionou mais uma vez se Richard seria capaz de suportar os choques que podiam muito bem estar a caminho.

— Richard — disse ele —, aqueles garotos não são do Colégio Thayer, são?

— Deus, você *está* realmente maluco, Jack. São todos veteranos. Reconheço cada um deles. O sujeito que está usando aquele estúpido boné de couro é o Norrington. Aquele outro, de calça verde de moletom, é o Buckley. Estou vendo também o Garson... o Littlefield... O do cachecol é Etheridge.

— Tem *certeza* que é Etheridge?

— *É claro que é ele!* — Richard gritou. Ele girou o fecho da janela, levantou-a e se debruçou no ar frio.

Jack puxou Richard de volta.

— Richard, por favor, escute...

Richard não parecia disposto a lhe dar ouvidos. Inclinou-se ainda mais para a penumbra do crepúsculo.

— *Ei!*

Não, não atraia a atenção deles, Richard! Pelo amor de Deus!

— *Ei, vocês! Etheridge! Norrington! Littlefield! Que diabo está acontecendo aí?*

A conversa ruidosa e os risos do grupo cessaram. O sujeito que estava usando o cachecol de Etheridge virou-se na direção de Richard. Inclinou ligeiramente a cabeça para vê-los melhor. As luzes da biblioteca e o clarão avermelhado do crepúsculo de inverno caíram em seu rosto. As mãos de Richard subiram e taparam a boca.

A metade direita do rosto que se voltara para a janela lembrava realmente a fisionomia de Etheridge: um Etheridge mais

velho, um Etheridge que já tivesse estado em um monte de lugares que os estudantes não costumam frequentar e que já tivesse feito um monte de coisas que os estudantes não costumam fazer. A outra metade do rosto, porém, era uma pasta retorcida e repleta de cicatrizes. Uma coisa brilhante, uma espécie de olho, espreitava de uma cratera na encaroçada massa de carne sob a testa. Parecia uma bola de gude que tivesse sido empurrada até o fundo de uma polpa meio derretida de sebo. Um dente comprido se destacava no canto esquerdo da boca.

É o Duplo de Etheridge, Jack ponderou com calma e absoluta convicção. É o Duplo de Etheridge que está ali. Será que todos estes são Duplos? O Duplo de Littlefield, o Duplo de Norrington, o Duplo de Buckley e assim por diante? Não pode ser, pode?

— Sloat! — gritou a coisa-Etheridge e cambaleou dois passos na direção do Pavilhão Nelson. O clarão do lampião da rua que cortava o pátio banhou-lhe diretamente o rosto arruinado.

— Feche a janela — Richard murmurou. — Feche a janela. Eu me enganei. Ele se parece com Etheridge, mas não é. Talvez seja seu irmão mais velho, talvez alguém tenha jogado ácido ou algo do tipo no rosto do irmão de Etheridge, mas não é Etheridge então *feche a janela Jack feche agora...*Lá embaixo a coisa. Etheridge se aproximou mais um passo. E sorriu. A língua, horripilantemente comprida, pendia-lhe da boca como uma língua de sogra.

— Sloat! — ele gritou. — Entregue-nos o viajante!

Jack e Richard estremeceram e se entreolharam com rostos muito tensos.

Um ganido se elevou na noite... Pois já era noite; o crepúsculo terminara.

Richard olhou para Jack e, por um momento, seus olhos deixaram transparecer uma espécie de ira — um lampejo da expressão do pai. *Por que você tinha de aparecer aqui, Jack? Hã? Por que tinha de me meter nesta enrascada? Por que tinha de me envolver em toda esta maldita coisa tipo Seabrook Island?*

— Quer que eu vá embora? — Jack perguntou suavemente.

Por um instante aquele olhar de ira e intolerância permaneceu nos olhos dele, mas logo foi substituído pela velha generosidade de Richard.

— Não — disse ele, passando mãos distraídas pelo cabelo. — Não, você não vai a lugar nenhum. Há... há cães ferozes lá fora. Cães ferozes no pátio do Colégio Thayer, Jack! Quero dizer... Você os viu?

— Sim, eu os vi, Richie — disse Jack com suavidade enquanto Richard passava outra vez as mãos no cabelo, que antes estava muito bem penteado, e começava a emaranhá-lo. O bem-comportado e ordeiro amigo de Jack começava a lembrar um pouco o amalucado primo-inventor do Pato Donald, o Professor Pardal.

— Vamos chamar Boynton, ele é o segurança. É isso que devemos fazer — disse Richard. — Vamos chamar Boynton, ou a polícia, ou...

Na extremidade do pátio, entre as sombras ali reunidas, um novo ganido se elevou. Um uivo crescente, oscilante, que pareceu quase humano. Richard olhou para a frente, a boca tremendo como a de um velho enfermo. Depois virou-se para Jack com olhos suplicantes.

— Feche a janela, Jack, está bem? Acho que estou com febre. Devo ter pegado um resfriado.— Pode apostar, Richard — disse Jack, e fechou a janela, abafando o máximo possível o ganido.

Capítulo Trinta e Dois

“Entregue o Viajante!”

1

– AJUDE-ME AQUI, Richard — Jack resmungou.

— Não quero mudar a escrivaninha de lugar, Jack — disse Richard num tom infantil de repreensão. Agora os círculos escuros sob seus olhos estavam mais nítidos do que no vestíbulo. — Aí não é o lugar dela.

No pátio, o ganido se elevou outra vez no ar.

A cama estava na frente da porta. Agora o quarto de Richard estava inteiramente fora de ordem. Richard continuava olhando ao redor e piscando. De repente, aproximou-se da cama e puxou os cobertores. Sem uma palavra, passou um deles para Jack, em seguida pegou o seu e estendeu-o no chão. Tirou do bolso moedas e notas, colocando-as sobre a escrivaninha. Depois se esticou na cama improvisada, cobriu-se com os lados do cobertor e ficou imóvel no chão, os óculos ainda no rosto, uma expressão de silenciosa angústia no rosto.

O silêncio lá fora tornou-se denso, irreal, quebrado apenas pelo ronco distante dos grandes caminhões na estrada. O próprio Pavilhão Nelson parecia estranhamente silencioso.

— Não quero falar sobre o que há lá fora — disse Richard. — Não quero me preocupar com nada desse tipo.

— Está bem, Richard — disse Jack num tom tranquilizador. — Não vamos tocar no assunto.

— Boa noite, Jack.

— Boa noite, Richard.

Richard deu-lhe um sorriso amarelo, extremamente cansado; naquele sorriso, porém, havia afeto suficiente para aquecer e ao mesmo tempo destroçar o coração de Jack.

— Ainda estou satisfeito por você ter vindo — disse Richard —, e de manhã podemos voltar a falar sobre isso tudo. Tenho certeza de que tudo fará mais sentido. Esta minha febre já terá passado.

Richard virou para o lado direito e fechou os olhos. A despeito do chão duro, cinco minutos depois estava dormindo profundamente.

Jack continuou sentado por um longo tempo, de olhos abertos na escuridão. Às vezes via os faróis dos carros que passavam na Avenida Springfield; outras vezes, tanto os faróis dos carros quanto a luz dos lâmpões de rua pareciam desaparecer por completo,

como se todo o Colégio Thayer tivesse resvalado para fora da realidade e oscilasse no limbo esperando a hora de voltar.

O vento aumentava. Jack podia ouvi-lo roçando nas últimas folhas congeladas do pátio; podia ouvi-lo fazendo os galhos se chocarem como ossos; podia ouvi-lo assobiando um ar frio pelos espaços entre os pavilhões.

2

— AQUELE SUJEITO ESTÁ vindo — disse Jack com voz tensa. Era mais ou menos uma hora mais tarde. — O Duplo de Etheridge.

— Hã?

— Nada — disse Jack. — Volte a dormir. Você não quer ver essas coisas.

Mas Richard estava se sentando. Antes que seus olhos pudessem se fixar no vulto curvado e um tanto disforme se aproximando do Pavilhão Nelson, ele se viu arrebatado pela visão sinistra do próprio pátio. Ficou profundamente chocado, extremamente assustado.

A hera no Pavilhão de Desportes Monkson, que naquela manhã já estava minguada, mas ainda ligeiramente verde, assumira um feio, apodrecido tom amarelo.

— *Sloat! Entregue seu viajante!*

De repente, tudo o que Richard queria fazer era voltar a dormir. Dormir até que a gripe tivesse passado (acordara convicto de que ele *devia* estar doente; não apenas com um simples resfriado, mas com uma gripe severa); a gripe e a febre estavam provocando aquelas horrendas, lúgubres alucinações. Jamais devia ter se exposto à corrente de ar na janela do vestíbulo... Ou, à tarde, jamais

devia ter deixado Jack entrar pela janela do seu quarto. Foi isso que Richard pensou, e logo se sentiu profundamente envergonhado.

3

JACK DEU UMA olhada em Richard. Os olhos arregalados e a palidez do rosto do amigo sugeriam que ele estava afundando cada vez mais na Terra Mágica da Sobrecarga.

A coisa lá fora era baixa. Como um estranho troll que tivesse surgido debaixo de alguma ponte, ele permanecia de pé na grama esbranquiçada pela geada, as mãos compridas, em forma de garras, pendendo quase até os joelhos. Vestia um casaco felpudo, de aspecto militar, com o nome ETHERIDGE sobre o bolso esquerdo. O casaco estava aberto. Por baixo dele, havia uma camisa esporte amarrotada e rasgada. Uma mancha escura de sangue ou vômito se espalhava por um dos lados. Usava uma gravata azul e encardida, com várias iniciais *E* douradas bordadas no tecido. Alguns carrapichos estavam presos nela como grotescos alfinetes de gravata.

Só metade do rosto daquele novo Etheridge parecia ter movimento. Havia muita sujeira nos cabelos e folhas nas roupas.

— *Sloat! Entregue o viajante!*

Jack olhou outra vez para o grotesco Duplo de Etheridge. E foi quase hipnotizado pelos olhos dele, que de alguma forma pareciam vibrar dentro das órbitas como diapasões. Teve de lutar para se desviar daqueles olhos.

— Richard! — murmurou. — Não olhe nos olhos dele.

Richard não respondeu; contemplava a sorridente versão-troll de Etheridge com um entorpecido e lívido interesse.

Assustado, Jack empurrou o amigo com o ombro.

— Oh — disse Richard, agarrando repentinamente a mão de Jack e comprimindo-a contra a testa. — Você acha que estou muito quente? — perguntou.

Jack tirou a mão da testa de Richard, que estava um pouco quente, mas não muito.

— Bastante quente — ele mentiu.

— Eu sabia — disse Richard, com uma verdadeira sensação de alívio. — Daqui a pouco vou até a enfermaria, Jack. Acho que preciso de um antibiótico.

— *Entregue-o para nós, Sloat!*

— Vamos pôr a escrivaninha na frente da janela — disse Jack.

— *Você não está em perigo, Sloat!* — Etheridge gritou, e sorriu com ar tranquilizador, ou pelo menos a metade direita do rosto sorriu; a esquerda manteve a estupefação de um cadáver.

— Como pode ser tão parecido com Etheridge? — Richard perguntou com uma calma estranha, desconcertante. — Como pode essa voz atravessar o vidro com tanta limpidez? O que há de errado no rosto dele? — Sua voz se tomou um tanto estridente, e recuperou parte do antigo tremor quando ele fez uma última pergunta, uma pergunta que, naquele momento, parecia ser uma questão vital, ao menos para Richard Sloat: — *Onde ele conseguiu a gravata de Etheridge, Jack?*

— Não sei — disse Jack. *Estamos de volta a Seabrook Island, Richie. E acho que você vai balançar até vomitar.*

— *Entregue-o a nós, Sloat, ou iremos buscá-lo aí dentro!*

Num feroz sorriso de canibal, a coisa-Etheridge mostrou o único canino afiado.

— *Mande o viajante aqui para fora, Sloat, ele está morto! Ele já morreu e se não entregá-lo o mais depressa possível terá de suportar o cheiro quando ele começar a feder!*

— Ajude-me a arrastar esta maldita escrivaninha! — Jack sibilou.

— Tudo bem — disse Richard. — Tudo bem, ok. Empurramos a escrivaninha e depois eu torno a deitar. Talvez mais tarde dê um pulo na enfermaria. O que você acha, Jack? O que me diz disso? Não é uma boa ideia? — O rosto implorava que Jack dissesse que era uma boa ideia.

— Vamos ver. Mas vamos começar pelo princípio. A escrivaninha. Eles podem atirar pedras.

4

POUCO DEPOIS, RICHARD começou a murmurar e gemer no sono que, de novo, tomara conta dele. Isso não era nada bom; então lágrimas começaram a rolar dos cantos dos seus olhos, o que pareceu ainda pior.

— Não posso entregá-lo — Richard gemeu no tom choroso e assustado de um menino de 5 anos. Jack o contemplou, a pele gelada. — Não posso entregá-lo, eu quero meu pai, por favor, alguém me diga onde posso encontrar o meu pai. Ele entrou no armário, mas não está lá dentro. Quero falar com o meu pai, ele me dirá o que fazer, por favor...

Uma pedra quebrou a janela. Jack gritou.

A pedra bateu com força atrás da escrivaninha. Algumas lascas de vidro esvoaçaram pelas fendas à esquerda e à direita do móvel e se estilhaçaram no chão.

— *Entregue seu viajante, Sloat!*

— Não posso — Richard gemeu, contorcendo-se embaixo do cobertor.

— *Entregue-o a nós!* — gritou outra voz gargalhante, uivante.
— *Levaremos seu amigo de volta para Seabrook Island, Richard! De*

volta para Seabrook Island! Lá é o lugar dele!

Outra pedra. Jack se abaixou instintivamente, embora essa nova pedra também tenha batido atrás da escrivaninha. Cães começaram a ganir, a latir, a rosnar.

— Nada de Seabrook Island — Richard murmurava no sono.
— Onde está meu pai? Quero que ele saia daquele armário! Por favor, *por favor, nenhuma coisa tipo Seabrook Island*, POR FAVOR...

Então Jack se pôs de joelhos, sacudindo Richard com bastante força, mandando que ele acordasse, dizendo que tudo era apenas um sonho, que ele acordasse, pelo amor de Deus, *acorde!*

— Por favor-por favor-por favor. — Um coro rude e inumano de vozes se elevava do lado de fora. Como o coro dos homens-animais da *Ilha do Dr. Moreau*, de H. G. Wells.

— *Acorde, acorde, acorde!* — um segundo coro respondeu.

Cachorros uivaram.

Um monte de pedras voou, tirando mais vidro da janela, retumbando atrás da escrivaninha, fazendo-a balançar.

— PAPAÍ ESTÁ NO ARMÁRIO! — Richard gritou. — PAPAÍ, SAIA DAÍ, POR FAVOR, SAIA DAÍ, EU ESTOU COM MEDO!

— *Por favor-por favor-por favor!*

— *Acorde, acorde, acorde!*

As mãos de Richard se agitavam no ar.

Pedras voando, atingindo a escrivaninha; logo viria uma pedra suficientemente grande para perfurar a madeira do móvel ou simplesmente derrubá-lo, Jack pensou.

Lá fora, eles riam, berravam, cantavam, com as vozes hediondas de trolls. Cães — pelo que parecia, matilhas inteiras — uivavam e rosnavam.

— PAPAAAAAAAIIII...! — Richard gritou com uma voz estridente e aterrada.

Jack lhe deu um tapa.

Os olhos de Richard se abriram subitamente. Por um instante, ele contemplou o amigo sem reconhecê-lo, como se o pesadelo tivesse destruído sua sanidade. Depois respirou profundamente, o corpo tremendo. Por fim suspirou.

— Pesadelo — disse. — Acho que é efeito da febre. Foi horrível. Mas não me lembro exatamente de como ele era! — acrescentou rispidamente, como se Jack pudesse lhe perguntar isso a qualquer momento.

— Richard, temos de sair deste quarto.

— Sair deste...? — Richard olhou para Jack como se o amigo tivesse enlouquecido. — Não posso fazer isso, Jack. Estou ardendo em febre... No mínimo uns 40 graus, talvez 41. Não posso...

— Você está no máximo febril, Richard — Jack falou calmamente. — Talvez nem isso...

— Estou ardendo de febre! — Richard protestou.

— Eles estão atirando pedras, Richard.

— Alucinações não podem atirar pedras, Jack — disse Richard, como se explicasse um fato simples, mas de fundamental importância, a um deficiente mental. — Isso é uma coisa tipo Seabrook Island. Isso é...

Outro monte de pedras atravessou a janela.

— *Despache o viajante, Sloat!*

— Vamos lá, Richard — disse Jack, ajudando o amigo a ficar de pé. Conduziu-o até a porta e saiu com ele para o corredor. Agora sentia uma pena enorme de Richard. Talvez não tanta pena quanto sentira de Lobo... mas estava chegando lá.

— Não... Estou doente... Estou com febre... Não posso...

Novas pedras atingiram a escrivaninha.

Richard gritou e se agarrou a Jack como se estivesse se afogando.

Do lado de fora vinham risos selvagens, cacarejantes. Cachorros rosnavam e brigavam entre si.

Jack viu o rosto pálido de Richard ficar ainda mais lívido, viu-o oscilar e se levantou apressado. Mas não foi suficientemente rápido para ampará-lo quando ele caiu no umbral da porta de Reuel Gardener.

5

FOI APENAS UM início de desmaio e Richard logo voltou a si quando Jack beliscou as membranas entre seus polegares e indicadores. Não queria falar sobre o que havia lá fora. Na realidade, fingia nem saber sobre o que Jack estava falando.

Desceram cautelosamente o corredor em direção à escada. Jack enfiou a cabeça para olhar a sala comunitária e sussurrou:

— Richard, olhe pra isso!

Com relutância, Richard olhou lá dentro. A sala comunitária estava uma bagunça. Cadeiras tinham sido derrubadas, as almofadas do sofá rasgadas. O retrato a óleo do velho Thayer fora desfigurado: alguém desenhara um par de chifres de diabo no bonito cabelo branco, um segundo elemento acrescentara um bigode sob o nariz, e um terceiro usara uma lixa de unhas, ou coisa parecida, para rabiscar um grosseiro pênis no meio das pernas. O vidro da estante de troféus estava em pedaços.

Jack não ligou muito para o inacreditável olhar de choque e horror no rosto de Richard. Em certo sentido, elfos marchando de um lado para o outro nos corredores em pelotões luminosos ou dragões sobre o pátio seriam mais facilmente absorvidos por Richard do que aquela constante erosão dos lugares mais sagrados do Colégio Thayer que ele tanto amava. O Colégio Thayer que, sem a menor dúvida, Richard considerava um lugar nobre e sadio, um

sólido baluarte contra um mundo onde nada durava muito tempo... Nem mesmo, Jack pensou, um mundo onde pais saiam dos armários onde tinham entrado.

— Quem fez isto? — Richard perguntou furioso. — Foram aqueles monstros que fizeram isto — ele mesmo respondeu. — Foram eles.

Richard virou-se para Jack, uma grande e nebulosa suspeita começando a lhe cobrir o rosto.

— Podem ser colombianos — ele falou de repente. — Podem ser colombianos e isto pode ser uma espécie de guerra de traficantes, Jack. Você já tinha pensado nisso?

Jack teve de sufocar o ímpeto de soltar uma enorme gargalhada. Ali estava uma explicação que somente alguém como Richard Sloat seria capaz de conceber. Eram os colombianos. As guerras pelo tráfico da cocaína já tinham chegado ao Colégio Thayer, em Springfield, no Illinois. Elementar, meu caro Watson; o problema estava praticamente solucionado.

— Acho que qualquer coisa é possível — disse Jack. — Vamos dar uma olhada lá em cima.

— Mas, pelo amor de Deus, por que ir lá em cima?

— Bem... talvez possamos encontrar mais alguém — disse Jack. Ele realmente não acreditava nisso, mas pelo menos era uma resposta lógica. — Talvez haja alguém escondido por lá. Alguém normal como nós.

Richard olhou para Jack, depois olhou novamente para a desordem da sala comunitária. A expressão de dor voltou a seu rosto, uma expressão que dizia: *Eu realmente não quero olhar para isso, mas por alguma razão parece absolutamente IMPOSSÍVEL desviar os olhos; é uma coisa desagradavelmente compulsiva, como morder um limão, passar as unhas num quadro-negro ou arrastar os dentes de um garfo na porcelana da pia.*

— A droga virou uma calamidade neste país — disse Richard, num tom insólito de conferência. — Semana passada, li um artigo

sobre o aumento do número de viciados no *The New Republic*. Jack, todas aquelas pessoas lá fora podem estar dopadas! Podem estar totalmente fora de si! Podem estar...

— Vamos lá, Richard — disse Jack em voz baixa.

— Acho que não vou conseguir subir a escada — disse Richard, num débil tom de lamento. — Acho que estou com febre demais para subir escadas.

— Bem, faça o bom e velho esforço no estilo Thayer — disse Jack, e começou a conduzi-lo para o andar de cima.

6

QUANDO ALCANÇARAM o patamar do segundo andar, os sons penetraram novamente no silêncio sereno, quase irrespirável, existente no interior do Pavilhão Nelson.

Cães rosnavam e latiam. Pareciam ser não apenas dezenas ou dúzias, mas centenas deles. Os sinos da capela explodiram numa selvagem algazarra.

Os sinos faziam o pelotão de cães correrem enlouquecidos de um lado para o outro. Os animais brigavam entre si, rolavam sem parar pela grama (que estava começando a parecer maltratada, cheia de mato, inexistente em alguns pontos) e atacavam com mordidas qualquer coisa que lhes passasse na frente. Jack viu um deles investir contra um olmo. Outro se atracou com a estátua do velho Thayer. Quando a dentada, gotejando saliva, colidiu com a solidez do bronze, o sangue jorrou, se esparramando para os lados.

Jack desviou a cabeça com o estômago embrulhado.

— Vamos em frente, Richard.

Richard obedeceu com docilidade.

O SEGUNDO ANDAR era uma terrível confusão de móveis derrubados, janelas quebradas, trastes espalhados pelo chão, discos que pareciam ter sido atirados como frisbees, roupas jogadas por todos os cantos.

O terceiro andar estava enevoadado de vapor e quente e úmido como uma floresta tropical. Quando os dois se aproximaram da porta com a inscrição CHUVEIROS, o calor parecia de sauna. A névoa, que já vinha deslizando pela escada em finos anéis, tornou-se mais densa, opaca.

— Fique aqui — disse Jack. — Espere por mim.

— Tudo bem, Jack — disse Richard serenamente, elevando a voz sobre o rufar de tambor dos chuveiros. Seus óculos tinham ficado embaçados, mas ele não se preocupou em limpá-los.

Jack empurrou a porta e entrou. O calor era viscoso e o suor começou a lhe inundar o corpo e encharcar as roupas. Os azulejos do banheiro trovejavam com o barulho da água caindo. Todos os 20 chuveiros estavam abertos e os jatos d'água tinham sido dirigidos para uma pilha de equipamentos de esporte no meio do aposento. Os ralos não davam vazão para escoar toda a água e o banheiro estava alagado. Jack tirou os sapatos e circundou o banheiro, tentando desviar dos jatos dos chuveiros para se molhar o menos possível e não ser escaldado — quem fez aquilo não se preocupou em abrir as torneiras de água fria. Ele foi desligando as torneiras, uma por uma. Não havia absolutamente nenhuma razão para Jack fazer aquilo, e ele se censurou por perder tempo desse jeito quando devia estar pensando numa maneira de sair de lá — sair do Pavilhão Nelson e do terreno do Colégio Thayer — antes que o machado caísse sobre a sua cabeça.

Nenhuma razão para fazer aquilo, só que Richard talvez não fosse o único a ter necessidade de criar ordem do caos... criar ordem e mantê-la.

Quando Jack voltou ao corredor, Richard desaparecera.

— Richard?

Jack podia ouvir o coração martelando no peito. Não houve resposta.

— Richard!

O ar estava impregnado, fortemente carregado de cheiro de água-de-colônia.

— *Richard, onde você se meteu?*

A mão de Richard caiu no ombro de Jack e ele gritou.

8

— NÃO SEI POR que você gritou daquele jeito — disse Richard mais tarde. — Era apenas eu.

— Estou apenas nervoso — Jack respondeu num tom vacilante.

Estavam no terceiro andar, no quarto de um garoto com o estranhamente harmonioso nome de Albert Humbert. Richard contou que Albert Humbert, cujo apelido era Albert, o Bolha, era o aluno mais gordo da escola, e Jack pôde confirmar isso com os próprios olhos: o quarto continha uma espantosa variedade de comida. Era o covil de um garoto cujo pior pesadelo não era ser reprovado num exame de trigonometria ou ser cortado do time de basquete, mas acordar no meio da noite e não ter um Ring-Ding ou um Reese's Peanut Butter Cup. O quarto estava de pernas para o ar. Um pote de vidro, cheio de Marshmallow Fluff, se espatifara no chão, mas Jack nunca gostou muito de Marshmallow Fluff. Também ignorou os palitos de alcaçuz — Albert, o Bolha, tinha uma caixa cheia deles escondida na prateleira mais alta do armário. Num dos

lados da caixa, havia as palavras *Feliz aniversário, querido. Com todo o carinho de sua mãe.*

Algumas mães carinhosas mandam caixas de palitos de alcaçuz, e alguns pais carinhosos mandam blazers da Brooks Brothers, Jack pensou exausto, *e se há alguma diferença, só Jason sabe qual é.*

No quarto de Albert, o Bolha, encontraram comida suficiente para fazer uma curiosa refeição: Slim Jims, fatias de pepperoni, batatas chips. Agora estavam acabando com um pacote de biscoitos. Jack tinha trazido a cadeira de Albert do corredor e estava sentado perto da janela. Richard estava sentado na cama de Albert.

— Bem, sem dúvida você *está* nervoso — Richard concordou, balançando a cabeça numa recusa quando Jack lhe ofereceu o último biscoito. — Paranoico mesmo. É o resultado de ter passado os últimos meses na estrada. Ficará bom assim que voltar para sua mãe, Jack.

— Richard — disse Jack, jogando para o lado o saco de biscoitos Famous Amos vazio —, vamos parar com essa merda. Você vê o que *está* acontecendo lá fora no campus?

Richard molhou os lábios.

— Já *expliquei* isso — disse ele. — Estou com febre. Provavelmente nada disso *está* acontecendo, e se *está*, são coisas absolutamente normais que minha mente começou a distorcer, a aumentar. Essa é uma das possibilidades. A outra é... bem... que seja um bando de gente drogada.

Richard inclinou o corpo na cama de Albert, o Bolha.

— Você não fez experiências com drogas, fez, Jack? Quando estava na estrada?

A centelha de convicção e inteligência voltara subitamente a brilhar nos olhos de Richard. *Aí está uma possível explicação, uma saída possível para toda essa loucura,* seus olhos diziam. *Jack se envolveu em algum sinistro jogo de traficantes, e eles o seguiram até aqui.*

— Não — disse Jack num tom de desânimo. — Sempre achei que você era senhor absoluto da realidade à sua volta, Richard. Nunca pensei que chegaria a ver você, *você!*, usando o cérebro para distorcer os fatos.

— Jack, isto é bobagem, e você sabe muito bem disso!

— Guerra de traficantes em Springfield, Illinois? — Jack perguntou. — Quem está dizendo coisas tipo Seabrook Island agora?

E foi então que uma pedra atingiu a janela de Albert Humbert, espalhando cacos de vidro pelo chão.

Capítulo Trinta e Três

Richard na Escuridão

1

RICHARD GRITOU e levantou o braço para proteger o rosto. Vidro voava.

— *Mande-o para fora, Sloat!*

Jack se levantou. Uma fúria cega tomou conta dele.

Richard agarrou-lhe o braço.

— Jack, não! Fique longe da janela!

— Foda-se a janela! — Jack quase rosnou. — Estou cansado de falarem sobre mim como se eu fosse uma *pizza*.

Do outro lado da rua que atravessava o pátio, a coisa-Etheridge os contemplava do meio da calçada.

— Saia daqui! — Jack gritou. Uma súbita inspiração explodiu em sua mente como um clarão de sol. Ele hesitou, depois berrou: — *Ordeno que saiam daqui! Todos vocês! Ordeno que saiam daqui em nome de minha mãe, a rainha!*

A coisa-Etheridge se encolheu como se alguém tivesse levantado um chicote para seu rosto.

Depois a expressão de surpresa dolorosa se dissipou; a coisa-Etheridge começou a sorrir.

— Ela está morta, Sawyer!

Mas os olhos de Jack tinham se tornado mais argutos durante o tempo que ele passara na estrada. Sob o riso artificial de triunfo, seus olhos puderam perceber um certo mal-estar.

— A Rainha Laura está morta e sua mãe também... Ela também está morta, lá em New Hampshire... Morta e *fedendo*.

— *Vá embora!* — Jack berrou, e sentiu que a coisa-Etheridge novamente se encolhia com um ar de temor.

Pálido e atordoado, Richard se pusera à janela ao lado de Jack.

— Do que vocês estão falando? — ele perguntou olhando fixamente para a caricatura sorridente no meio do pátio. — Como Etheridge sabe que sua mãe está em New Hampshire?

— *Sloat!* — a coisa Etheridge gritou. — *Onde está sua gravata?*

Um espasmo de culpa contraiu o rosto de Richard; suas mãos oscilaram para o colarinho aberto da camisa.

— *Desta vez vamos deixar passar, se entregar o viajante, Sloat!* — urrou a coisa-Etheridge. — *Se o entregar, tudo pode voltar a ser como antes! É isso que você quer, não é?*

Richard contemplava a coisa-Etheridge e, de forma totalmente inconsciente (Jack tinha certeza disso), balançava docilmente a cabeça. Seu rosto era um farrapo amarrotado de angústia, os olhos brilhavam com lágrimas reprimidas. Ele queria que tudo voltasse a ser como era antes, é claro.

— *Você não ama este colégio, Sloat?* — a coisa-Etheridge berrou para a janela de Albert.

— Sim — Richard murmurou e engoliu um soluço. — É *claro* que amo este colégio.

— Sabe o que fazemos com pequenos *punks* que não amam este colégio? Entregue-o a nós! Será como se ele nunca tivesse vindo aqui!

Richard virou lentamente a cabeça e olhou para Jack com olhos assustadoramente vazios.

— A decisão é sua, Richie — disse Jack em voz baixa.

— Ele está transportando drogas, Richard! — gritou a coisa-Etheridge. — De quatro ou cinco espécies diferentes! Coca, haxixe, LSD! Tem vendido essas coisas para financiar a viagem para o Oeste! De onde acha que ele tirou dinheiro para comprar aquele casaco incrível com que apareceu na sua porta?

— Das drogas — disse Richard, com um grande e trêmulo alívio. — Eu sabia.

— Mas não acredita — disse Jack. — Não foram as drogas que modificaram seu colégio, Richard. E os cães...

— Mande-o sair, Sl... — a voz da coisa-Etheridge estava esmorecendo, esmorecendo.

Quando os dois olharam de novo para baixo, Etheridge desaparecera.

— Para onde você acha que foi o seu pai? — Jack perguntou suavemente. — Para onde você acha que ele foi quando não saiu do armário, Richard?

Richard virou-se lentamente. Seu rosto, geralmente tão calmo, inteligente e sereno, começou a se despedaçar. O peito começou a

oscilar irregularmente. E de repente Richard caiu nos braços de Jack, agarrando-se a ele com um desespero e um pânico cegos.

— *Alguma coisa to-to-cou em mi-mim!* — Richard gritou. Seu corpo tremia como um elástico a ponto de arrebentar. — *Alguma coisa tocou em mim, tocou em mim, alguma coisa lá dentro tocou em mim* E EU NÃ-NÃO SEI O QUE FOI!

2

COM A TESTA ardendo encostada no ombro de Jack, Richard desabafou a história que mantivera todos aqueles anos trancada no peito. Ela veio aos pedaços duros, como balas deformadas. Ao ouvi-lo, Jack lembrou-se do dia em que o pai entrou na garagem... e só voltou duas horas depois, vindo da esquina.

Aquilo tinha sido uma experiência desagradável, mas o que aconteceu a Richard fora bem pior. Explicava sua férrea resistência a qualquer elemento que parecesse fugir da realidade, sua rejeição intolerante a qualquer coisa que parecesse se *chocar* com a realidade. Explicava sua aversão a qualquer tipo de fantasia, mesmo à ficção-científica... E, Jack sabia por sua própria experiência escolar, gente como Richard Sloat normalmente comia e bebia ficção-científica, desde que fosse dos clássicos, ou seja, o básico de Heinlein, Asimov, Arthur C. Clarke, Larry Niven. Nada da besteira metafísica dos Robert Silverbergs e Barry Malzbergs, por favor. No entanto, serão capazes de ler livros nos quais acertam tudo sobre os quadrantes estelares e os logaritmos até que lhes saiam pelos ouvidos. Mas não Richard. Richard tinha tamanha repugnância à fantasia que não se aproximava de *qualquer* romance, a não ser como leitura obrigatória para um trabalho

escolar. Quando criança, ele deixava que Jack escolhesse os livros que ele lia para os trabalhos escolares de livre escolha de títulos, sem se importar com que tipo eram, mastigando-os como se fossem cereal. Encarava com indiferença todas as aventuras dos livros que Jack gostava de ler. Tornou-se um desafio para Jack Sawyer encontrar uma história — *qualquer* história — que pudesse agradar a Richard, interessá-lo, diverti-lo, envolvê-lo, como os bons romances e histórias às vezes envolviam Jack... Os bons, Jack pensou, eram quase tão gratificantes quanto os sonhos de olhos abertos, e cada um deles continha sua própria versão dos Territórios. Mas ele jamais conseguiu provocar qualquer *frissom*, qualquer arrebatamento, qualquer reação. Fosse *O Pônei Vermelho*, *Dragstrip Demon*, *O Apanhador no Campo de Centeio*, ou *Eu Sou a Lenda*, a reação de Richard era sempre a mesma: uma leitura sem entusiasmo e com a testa franzida, seguida por um trabalho sobre o livro também feito sem entusiasmo e com a testa franzida. A nota seria baixa ou, se o professor de Inglês estivesse se sentindo generoso, um B-. Os Cs de Richard em inglês eram o que o deixava de fora da lista de honra de alunos com notas mais altas. Jack chegou à última página de *O Senhor das Moscas*, de William Golding, sentindo um frio e um calor ao mesmo tempo, e um tremor que lhe percorria o corpo — ele se sentiu ao mesmo tempo empolgado e assustado, se sentindo do mesmo modo como se sentia quando a história era particularmente boa: querendo que a história nunca chegasse ao fim, que se desenrolasse indefinidamente, assim como a própria vida (só que a vida era sempre muito mais monótona e muito mais sem sentido do que as histórias). Ele sabia que Richard tinha de fazer um trabalho sobre um livro e lhe emprestou *O Senhor das Moscas*. Achou que a história não poderia deixar de empolgá-lo, que o livro de Golding conseguiria realizar o milagre, que Richard não deixaria de reagir positivamente à aventura daqueles rapazes e sua degradação para uma condição de selvageria. Mas Richard leu *O Senhor das Moscas*

com total desinteresse como fazia com todos os outros, e escreveu outro trabalho com o zelo e a frieza de um laudo de autópsia sobre uma vítima de acidente de automóvel. *O que há com você?*, Jack explodiu, exasperado. *Pelo amor de Deus, o que você tem contra uma boa história, Richard?* E Richard limitou-se a fitá-lo, estupefato, não entendendo a razão da raiva de Jack. *Bem, acho que não existe uma boa história inventada, existe?* Richard respondeu.

Jack saiu de lá naquele dia dolorosamente intrigado pela repudia de Richard pelo mundo do faz-de-conta, mas achou que agora o compreendia melhor, talvez até melhor do que queria compreender. Talvez, para Richard, cada capa de romance se parecesse um pouco com uma porta de armário; talvez cada capa de livro, mostrando pessoas que nunca eram como se fossem perfeitamente reais, lhe trouxessem à memória a manhã em que ele chegou Ao Limite, Para Sempre.

3

RICHARD VÊ o PAI entrar no armário embutido do quarto da frente e fechar a porta sanfonada atrás dele. Richard tem 5 anos... ou 6... sem dúvida, menos que 7. Espera cinco minutos, depois dez, e como o pai não sai do armário, começa a ficar um pouco assustado. Ele chama. Ele grita

(pelo cachimbo dele pela tigela ele grita)

pelo pai e, quando o pai não responde, ele grita num tom cada vez mais alto, e se aproxima cada vez mais do armário sem parar de gritar. Finalmente, depois de 15 minutos sem o pai responder ou sair, Richard empurra a porta de sanfona e entra. É a escuridão de uma caverna.

E alguma coisa acontece.

Após abrir caminho entre tweeds ásperos, algodões macios, forros de seda dos casacos, ternos e paletós esporte do pai, o cheiro de roupa, de naftalina e de ar parado começa a ser substituído por outro cheiro — um cheiro quente, chamejante. Richard começa a tatear pelo armário, gritando o nome do pai, achando que devia haver fogo ali dentro e o pai podia estar se queimando, pois o cheiro era de fogo. E de repente percebe que as tábuas de madeira desapareceram sob seus pés, que ele está num chão de terra. Estranhos insetos, com olhos na ponta de corpos compridos, saltam ao redor de seus chinelos felpudos. Papai!, ele grita. Os casacos e paletós sumiram, o assoalho sumiu, e o que Richard sente sob os pés não é uma neve branca e quebradiça, é um solo escuro, fedorento, que ao que parece aloja as tocas daqueles incômodos insetos sempre a pular. Aquele lugar não se parece em nada com Nárnia. Outros gritos respondem ao grito de Richard — gritos e um riso histérico, enlouquecido. Ondas de fumaça se deslocam ao seu redor num torvelinho e Richard dá meia-volta, cambaleia alguns passos, mãos estendidas como as mãos de um cego. Procura freneticamente os casacos, os paletós, o cheiro fraco e rançoso de naftalina...

E de repente uma mão o agarra pelo pulso.

Papai?, ele chama, mas quando olha para baixo não vê mão humana, mas uma coisa verde e escamosa, cheia de ventosas, uma coisa verde ligada a um braço comprido e elástico que se estica da escuridão em direção a um par de olhos amarelos, puxados, que olham para ele com uma expressão faminta.

Gritando, ele consegue soltar a mão e se atira cegamente no escuro... E no momento exato em que seus dedos vacilantes encontram de novo os ternos e paletós do pai, no momento exato em que volta a ouvir o bendito e racional barulho dos cabides chocalhando, aquela mão verde e cheia de ventosas passeia mais uma vez em volta de sua nuca... e desaparece.

Ele espera, tremendo, pálido como cinzas antigas num fogão a lenha, por três horas do lado de fora armário. Tem medo de voltar, medo da mão verde e dos olhos amarelos. Tem cada vez mais certeza de que o pai deve estar morto.

Mas quase no fim da quarta hora de espera o pai volta para o quarto. Não volta saindo do armário, mas cruzando a porta do corredor — a porta ATRÁS de Richard. E quando isso acontece, Richard rejeita a fantasia de uma vez por todas; Richard nega e renega a fantasia; Richard se recusa a lidar com a fantasia, a compactuar com ela, a comprometer-se com ela. Ele simplesmente chegou Ao Limite, Para Sempre. Ele dá um salto, corre para o pai, para o amado Morgan Sloat, e lhe dá um abraço tão apertado que ficará a semana inteira com os braços doloridos. Morgan o põe no colo, ri e pergunta por que ele está tão pálido. Richard sorri e diz que, provavelmente, foi alguma coisa que comeu no desjejum, mas que agora já está se sentindo melhor. E beija o rosto do pai, sente o reconfortante cheiro de suor e água-de-colônia. E na tarde daquele dia apanha todos os seus livros de história: os Pequenos Livros de Ouro, os livros pop-up, a coleção Eu Já Sei Ler, os livros do Dr. Seuss, o volume verde dos Contos de Fadas, põe todos numa caixa, leva a caixa para um canto do porão e pensa: “Eu não me importaria se agora houvesse um terremoto que abrisse uma fenda no chão e tragasse todos esses livros. Na verdade, seria um alívio, um alívio tão grande que eu ia rir o dia inteiro e a semana inteira.” O terremoto não acontece, mas Richard sente-se muito bem quando vê os livros trancados numa dupla escuridão: a escuridão da caixa e a escuridão do porão. Nunca mais os procura, assim como nunca mais volta a abrir a porta sanfonada do armário do pai. Embora às vezes sonhe que há alguma coisa embaixo da cama ou em seu pequeno armário, alguma coisa de olhos imóveis e amarelos, nunca mais pensa naquela mão verde coberta de ventosas até que coisas estranhas começam a acontecer no Colégio Thayer e, num pranto

que não lhe era habitual, ele cai nos braços de seu amigo Jack Sawyer.

Ele chegou Ao Limite, Para Sempre

4

JACK ESPERAVA QUE, com o desabafo da história e o término das lágrimas, Richard voltaria mais ou menos a seu estado normal de sólida racionalidade. Jack não se importava se Richard acreditaria na história toda ou não; se Richard pudesse apenas se fazer aceitar, ao menos em parte, essa loucura tudo, ele poderia usar sua mente formidável para ajudar Jack a encontrar uma saída... Uma saída do campus do Colégio Thayer, ao menos, e da vida de Richard antes que ele enlouquecesse de vez.

Mas as coisas não funcionaram dessa forma. Quando Jack tentou conversar com ele, quando tentou falar do dia em que seu próprio pai, Phil, entrara na garagem e não saíra, Richard recusou-se a ouvi-lo. O velho segredo do que acontecera no armário fora posto para fora, (de certa forma; Richard Sloat ainda se apegava obstinadamente à ideia de que tudo não passara de alucinação) mas Richard tinha chegado Ao Limite, Para Sempre.

Na manhã seguinte, Jack foi até o andar de baixo. Pegou todas as suas coisas e as coisas que achou que Richard ia querer: escova de dente, livros, cadernos, roupas limpas. Passariam aquele dia no quarto de Albert, o Bolha. De lá de cima poderiam vigiar o pátio e o portão. Quando a noite caísse de novo, talvez conseguissem fugir.

JACK VASCULHOU A escrivaninha de Albert e encontrou um vidro de aspirina infantil. Por um momento, contemplou em silêncio aqueles vidro, achando que aqueles comprimidinhos laranja tinham tanto a dizer sobre o tipo de criação que o sumido Albert recebera da mãe quanto a caixa de palitos de alcaçuz na prateleira do armário. Jack pegou meia dúzia de comprimidos e deu-os a Richard. Richard tomou-os quase sem se dar conta.

— Venha se deitar aqui — disse Jack.

— Não — Richard respondeu. O tom era rabugento, inquieto, tremendamente amargurado. Ele voltou à janela. — Tenho de ficar de vigia, Jack. Se esse tipo de coisa vai acontecer, alguém tem de ficar vigiando. Depois posso fazer um relatório completo para... para... a diretoria. Mais tarde.

Jack tocou ligeiramente a testa de Richard. E, embora estivesse fria, quase gelada, ele disse:

— Você piorou da febre, Richard. É melhor ficar deitado até a aspirina fazer efeito.

— Piorou? — Richard o encarou com um ar de patética gratidão. — É mesmo?

— É — Jack respondeu gravemente. — Venha se deitar.

Richard adormeceu cinco minutos depois de deitar. Jack sentou-se na poltrona de Albert, o Bolha, o assento tão fundo quanto o meio do colchão. O rosto pálido de Richard brilhava como porcelana na luz cada vez mais forte do dia.

O DIA FOI passando e, por volta das quatro horas, Jack adormeceu. Acordou no escuro, sem saber quanto tempo tinha dormido. Só sabia que não tivera qualquer sonho, e ficou agradecido. Richard começava a se mexer na cama como se fosse acordar. Sentindo uma desagradável rigidez nas costas, Jack ficou de pé e se espreguiçou. Foi até a janela, olhou para fora e ficou imóvel, olhos arregalados. Seu primeiro pensamento foi: *Não quero que Richard veja isto. Não se eu puder evitar.*

Oh, Deus, temos de sair daqui e o mais depressa possível, Jack pensou, assustado. *Mesmo se, por alguma razão, eles tiverem medo de vir diretamente para cima de nós.*

Mas ele ia realmente tirar Richard de lá? Jack tinha certeza de que eles não contavam com isso. Apostariam na sua recusa a expor o amigo a novas loucuras.

Atravesse, Jack-O. Você tem de atravessar e sabe disso. E tem de levar Richard com você, porque este lugar está indo para o inferno.

Não posso. Atravessar para os Territórios colocaria os miolos de Richard completamente fora de órbita.

Não interessa. Você tem de fazer isso. É a melhor solução, talvez a única, porque eles não devem estar contando com isso.

— Jack? — Richard estava se sentando na cama. Sem os óculos, seu rosto tinha um estranho ar de nudez. — Está tudo acabado, Jack? Foi um sonho?

Jack também se sentou na cama e pôs o braço em volta dos ombros do amigo.

— Não — disse ele, a voz baixa e tranquilizadora. — A coisa ainda não acabou, Richard.

— Acho que estou pior da febre — Richard anunciou, afastando-se de Jack. Arrastou-se até a janela, segurando a armação dos óculos delicadamente entre a ponta do polegar e do indicador da mão direita. Pôs os óculos e olhou para fora. Formas com olhos brilhantes perambulavam de um lado para o outro. Por

um bom tempo, ele ficou ali parado; depois fez uma coisa tão contrária à sua índole que Jack mal pôde acreditar no que viu. Richard tirou de novo os óculos e jogou-os no chão. Houve um pequeno estalido quando uma das lentes rachou. Então ele pisoteou os óculos, reduzindo ambas as lentes a pó.

Richard se abaixou, pegou os óculos quebrados, olhou para eles e atirou-os com total indiferença na cesta de lixo de Albert, o Bolha. Eles caíram fora da cesta. Agora havia uma espécie de obstinação no rosto de Richard, alguma coisa dizendo: *Não quero ver mais nada, então não verei mais nada. Já resolvi o problema. Já cheguei Ao Limite, Para Sempre.*

— Veja isso — ele disse num tom calmo, entorpecido. — Meus óculos caíram. Eu tinha outro par, mas eles quebraram no ginásio há duas semanas. Estou quase cego sem eles.

Jack sabia que isso não era verdade, mas estava espantado demais para dizer alguma coisa. Não pôde achar absolutamente qualquer resposta adequada para o ato radical de Richard. Pareceu demais com um último ato calculado contra a loucura.

— Acho que minha febre está cada vez pior — disse Richard. — Há mais daqueles comprimidos?

Jack abriu a gaveta da escrivaninha e, sem dizer uma palavra, deu o vidro a Richard. Richard engoliu seis ou oito e deitou novamente.

À MEDIDA QUE a noite avançava, Richard, que prometera discutir a situação dos dois, se recusava obstinadamente a fazê-lo. Não podia discutir a possibilidade de uma fuga do colégio; não podia discutir

nada daquilo, pelo menos não agora, quando sua febre voltara e ele se sentia muito, muito pior. Quem sabe não estaria com 41, 42 graus! Dizia que precisava dormir mais um pouco.

— Richard, pelo amor de Deus! — Jack berrou. — Você está amarelando comigo! Uma coisa que nunca esperei de você...

— Não seja bobo — disse Richard, caindo outra vez na cama. — Estou apenas doente, Jack. Você não pode esperar que eu converse sobre essas coisas malucas quando estou doente.

— Richard, quer que eu vá embora e o deixe sozinho?

Richard virou a cabeça e, olhando nos olhos de Jack, piscou lentamente.

— Você não fará isso — disse ele, e depois voltou a dormir.

8

POR VOLTA DAS nove horas da noite, o campus tornou a mergulhar em outro daqueles misteriosos períodos de tranquilidade, e Richard, talvez pressentindo inconscientemente que haveria menos ataques à sua sanidade, acordou e levantou-se da cama. Manchas marrons tinham aparecido nas paredes, e ele ficou olhando para elas até ver Jack se aproximar.

— Estou me sentindo bem melhor, Jack — ele foi logo dizendo —, mas será totalmente inútil conversar sobre ir embora. Está escuro e...

— Temos de sair daqui esta noite — Jack falou num tom severo. — Tudo que eles precisam fazer é esperar lá fora. Há fungos crescendo nas paredes, e não me diga que não está vendo *isso*.

Richard sorriu com uma tolerância cega que quase fez Jack ter um acesso de cólera. Amava Richard, mas podia muito bem tê-lo jogado contra a parede mais próxima cheia de fungos.

Naquele exato momento, grandes e gordos insetos brancos começaram a rastejar para o quarto de Albert, o Bolha. Vinham dos fungos que apodreciam as paredes como se os fungos os estivessem parindo. Contorceram-se furtivamente, saindo pelas manchas marrons. Pularam para o assoalho e começaram a avançar para a cama.

Jack começara a se perguntar se a visão de Richard não estaria realmente muito pior do que ele imaginava, se a miopia não aumentara bastante desde a última vez em que os dois se encontraram. Mas logo percebeu que estava enganado. Richard podia enxergar muito bem. Sem a menor dúvida, via com absoluta clareza as coisas gelatinosas que saíam das paredes. Gritou e se abraçou a Jack, o rosto contorcido de repugnância.

— *Insetos, Jack! Oh, Deus! Insetos! Insetos!*

— Vamos ficar bem, certo, Richard? — disse Jack. Segurava Richard com uma energia que jamais pensou que possuísse. — Só precisamos esperar o amanhecer, está bem? Não há problema, certo?

Os insetos enxameavam às dúzias, às centenas, formas rechonchudas, moles e esbranquiçadas como larvas superdesenvolvidas. Alguns arrebentaram quando bateram no chão; o resto continuou rastejando preguiçosamente na direção dos dois.

— *Insetos, meu Deus! Temos de sair daqui, temos de...*

— Graças a Deus, esse garoto finalmente viu a luz — Jack exclamou.

Pôs a mochila no ombro esquerdo, agarrou o cotovelo de Richard com a mão direita e foi levando o amigo para a porta. Formas brancas eram esmagadas sob seus sapatos. Agora os insetos brotavam dos fungos numa torrente contínua; um obsceno e múltiplo nascimento que ia acontecendo por todo o quarto de Albert.

Uma fileira desses insetos brancos caiu de uma fenda no teto, se contorcendo sobre o cabelo e os ombros de Jack; ele os sacudiu o mais depressa que pôde e arrastou pela porta o amigo que se debatia e não parava de gritar.

Acho que estamos indo embora, Jack pensou. Que Deus nos ajude! Acho mesmo que agora vamos.

9

ESTAVAM DE NOVO na sala comunitária. Richard, no final das contas, sabia ainda menos que Jack qual era a melhor maneira de escapar do campus do Colégio Thayer. Jack só tinha certeza de uma coisa: não ia se deixar enganar pela aparente tranquilidade que havia lá fora e sair de peito aberto por uma das portas do Pavilhão Nelson.

Olhando bem para a esquerda pela ampla janela da sala, havia um prédio baixo e octogonal de tijolo.

— O que é aquilo, Richard?

— Hã?

Richard não tirava os olhos das viscosas, vagarosas torrentes de lodo que agora pareciam cobrir o pátio escuro.

— Aquele prédio pequeno de tijolo. Nem dá para ver direito daqui.

— Oh. A Estação.

— Que estação?

— O nome não significa mais nada — disse Richard, ainda olhando inquieto para o lodo que enchia o pátio. — Como nossa enfermaria. É chamada Leiteria porque havia uma ali até mais ou

menos 1910. É a tradição, Jack. Isso é uma coisa muito importante. É uma das razões que me fazem gostar do Thayer.

Desanimado, Richard olhou de novo para o pátio cheio de lodo.

— É uma das razões de eu sempre ter gostado, pelo menos.

— A Leiteria, OK. E a Estação?

Richard começava lentamente a se deixar empolgar pelas ideias gêmeas de Thayer e tradição.

— Toda a área de Springfield era um importante entreposto ferroviário — disse ele. — Nos velhos tempos...

— De que velhos tempos você está falando, Richard?

— Oh, 1880, 1890...

Richard parou de falar. Seus olhos míopes começaram a se mover ao redor da sala comunitária — procurando mais insetos, Jack supôs. Não havia nenhum... pelo menos ainda não. Mas algumas manchas marrons já começavam a se formar nas paredes. Os insetos ainda não tinham chegado, mas estavam a caminho.

— Vamos lá, Richard — Jack incitou. — Não era preciso ninguém ficar pedindo para convencer você a soltar o verbo.

Richard sorriu brevemente. Seus olhos voltaram a Jack.

— Nas últimas décadas do século XIX, Springfield foi um dos três ou quatro maiores entrepostos ferroviários da América. Ficava geograficamente muito bem situado para os quatro pontos cardeais. — Ele levou a mão direita ao rosto e, num gesto tipicamente acadêmico, esticou o indicador para empurrar os óculos. Percebendo que eles não estavam mais lá, abaixou rapidamente a mão, parecendo um tanto sem graça. — Importantes linhas férreas saíam de Springfield para os todos os lugares. Este colégio existe porque Andrew Thayer percebeu as potencialidades do lugar. Ele ganhou uma fortuna com o comércio ferroviário. Principalmente para a costa oeste. Foi o primeiro a ver que, assim como o leste, o oeste oferecia as mais amplas possibilidades comerciais.

De repente uma luz pareceu se acender dentro da cabeça de Jack; todos os seus pensamentos foram envolvidos por um forte clarão.

— Costa oeste?

O estômago dele deu um salto. Ele ainda não era capaz de identificar a forma que aquela luz brilhante tinha revelado, mas a palavra que saltou para sua mente foi ardente e extremamente clara:

Talismã!

— Costa oeste, você disse?

— É claro que disse. — Richard olhou de um modo estranho para Jack. — Você está ficando surdo?

— Não — Jack respondeu. *Springfield foi um dos três ou quatro maiores entrepostos ferroviários da América...* — Não, estou bem.

Ele foi o primeiro a ver que o oeste oferecia as mais amplas possibilidades comerciais...

— Bem, por um instante você ficou meio esquisito.

Pode-se dizer que foi o primeiro a ver as possibilidades de levar mercadorias por estrada de ferro para os Postos de Fronteira.

Jack entendeu, realmente *entendeu*, que Springfield ainda era um ponto que tinha alguma espécie de importância, talvez ainda fosse um ponto de embarque. Talvez fosse por isso que a magia de Morgan funcionava tão bem ali.

— Havia montes de carvão, pátios de manobras, rotundas para locomotivas, galpões para vagões de carga, quilômetros de trilhos e desvio. — Richard dizia. — Cobriam toda essa área onde é agora o Colégio Thayer. Basta cavar um metro em qualquer parte do gramado para encontrar cinzas de carvão, pedaços de trilho e coisas do gênero. Mas tudo o que sobrou do entreposto foi aquela pequena construção. A Estação. Evidentemente, nunca foi uma verdadeira estação, qualquer um pode ver que é pequeno demais

para isso. Mas foi o principal escritório da estrada de ferro, o lugar onde ficavam o chefe da estação e o supervisor dos embarques.

— Você sabe muita coisa sobre isto aqui — disse Jack, falando quase automaticamente. Sua cabeça ainda estava cheia daquela nova e selvagem luz.

— É parte da tradição do Thayer — Richard disse com simplicidade.

— Para que ela é usada agora?

— Há um pequeno teatro lá dentro. Serve para as montagens do Clube de Arte Dramática, se bem que o clube não tem sido muito atuante nos últimos anos.

— Acha que está trancada?

— Por que alguém trancaria a Estação? — Richard perguntou. — Só se algum curioso estivesse interessado em roubar um ou dois cenários de uma produção de 1979 de *Os fantásticos*.

— Então podemos entrar lá?

— Acho que sim, claro. Mas por que...

Jack indicou uma porta um pouco à frente das mesas de pingue-pongue.

— E o que há ali?

— Máquinas de vender lanches. E um forno de microondas para esquentar lanches e refeições congeladas. Jack...

— Vamos.

— Jack, acho que minha febre está voltando — disse Richard com um sorriso fraco. — Talvez devêssemos ficar algum tempo aqui. Podíamos descansar durante a noite nos sofás...

— Está vendo aquelas manchas marrons nas paredes? — Jack perguntou severamente, apontando.

— Não, não sem os óculos, é claro que não!

— Pois bem, elas estão lá. E no máximo daqui a uma hora aqueles insetos brancos começarão a chegar e...

— Está bem — Richard se apressou a dizer.

AS MÁQUINAS DE VENDER LANCHES cheiravam mal.

Era como se o que havia dentro delas tivesse apodrecido. Um mofo azulado já cobria os cream crackers de queijo, os Doritos, os Jax e os Baconzitos. Filetes vagarosos de sorvete derretido escorriam pelos lados de casquinhas.

Jack levou Richard até a janela. Olhou para fora. De lá se podia ver muito bem a Estação. Atrás dela havia uma cerca de ferro e a estrada de serviço que levava para fora do campus.

— Mais alguns segundos e teremos saído daqui — Jack sussurrou. Destravou a janela e empurrou-a para cima.

Este colégio existe porque Andrew Thayer percebeu as potencialidades do lugar... você percebe as potencialidades, Jack-O?

Ele achava que sim.

— Aquelas pessoas ainda estão lá fora? — Richard perguntou, nervoso.

— Não — disse Jack, dando uma rápida olhada. Pouco importava que estivessem ou não.

Um dos três ou quatro maiores entrepostos ferroviários da América... *Uma fortuna com o comércio ferroviário... principalmente para a costa oeste... Ele foi o primeiro a ver que o oeste oferecia as mais amplas possibilidades comerciais... O oeste... Oeste...*

Uma densa e repulsiva mistura de cheiro de lixo e maresia penetrou pela janela. Jack passou uma perna pelo parapeito e puxou Richard pela mão.

— Vamos.

Richard recuou, o rosto cheio de medo e angústia.

— Jack... Eu não sei...

— Este lugar está vindo abaixo — disse Jack — e logo estará cheio de insetos. Agora vamos. Alguém vai me ver nesta janela e perderemos a chance de escapar daqui como dois camundongos.

— Não estou entendendo nada! — Richard gritou. — Não estou entendendo que diabo está acontecendo aqui!

— Cale a boca e venha comigo. Ou vou deixá-lo sozinho, Richard. Juro que vou. Amo você, mas minha mãe está morrendo. Vou deixá-lo para se defender sozinho.

Richard olhou para o rosto de Jack e, mesmo sem os óculos, viu que o amigo estava dizendo a verdade.

— Deus, estou com medo — murmurou, dando-lhe a mão.

— Bem-vindo ao clube — disse Jack e pulou. Seus pés bateram no gramado lamacento um segundo depois. Richard pulou ao lado dele.

— Vamos para a Estação — Jack sussurrou. — Até lá são uns 50 metros. Se não estiver fechada à chave, vamos entrar. Se estiver trancada, podemos nos esconder na lateral do Pavilhão Nelson virada para o Depósito. Assim que tivermos certeza de que ninguém nos viu e de que o lugar continua silencioso...

— Correremos até a cerca.

— Certo.

Ou talvez tenhamos de atravessar, Jack pensou, mas isso agora não vem ao caso.

— A estrada de serviço. Desconfio que, se conseguirmos sair dos domínios do colégio, tudo voltará a seu estado normal. Assim que avançamos uns 400 metros pela estrada, você poderá olhar para trás e ver luzes nos dormitórios e na biblioteca. Tudo como era antes, Richard.

— Seria *ótimo!* — disse Richard com uma voz de cortar o coração.

— Tudo bem. Você está pronto?

— Acho que sim.

— Vamos correr para a Estação. Pare grudado à parede deste lado. E corra abaixado, para que aqueles arbustos possam escondê-lo. Está vendo?

— Sim.

— Muito bem... Então vamos!

E dispararam do Pavilhão Nelson em direção à Estação, lado a lado.

11

AINDA NEM ESTAVAM na metade do caminho, as bocas soltando um vapor branco, os pés afundando na lama, quando os sinos da capela irromperam num horripilante amontoado de som. Um coro uivante de cães respondeu aos sinos.

Eles estavam de volta, todos aqueles pretensos monitores. Jack tateou à procura de Richard e encontrou Richard tateando à procura dele. Os dois se deram as mãos.

Richard gritou e tentou puxar o amigo para a esquerda. Sua mão apertou a de Jack até os ossos estalarem numa dor paralisante. Um lobo branco e magro, com pinta de chefe de matilha, contornou a Estação e começou a correr na direção deles. Aquele era o velho da limusine, Jack pensou. Outros lobos e cães o seguiam... E então Jack percebeu com absoluta clareza que alguns deles não eram cães; alguns deles eram rapazes semitransformados, outros, caricaturas de homens adultos — por certo, professores.

— *Sr. Dufrey!* — Richard guinchou, apontando-o com a mão. (*Puxa, para alguém que quebrou os óculos, você está vendo muito bem, Richie,* Jack pensou atordoado). — *Sr. Dufrey! Oh, Deus, é o sr. Dufrey! Sr. Dufrey! Sr. Dufrey!*

Então Jack deu sua primeira e única olhada no diretor do Colégio Thayer — um velhinho de cabelos brancos, grande nariz curvado, o corpo mirrado e peludo de um mico de realejo. Ele corria

velozmente sobre quatro patas, acompanhando os cães e os garotos. Um barrete oscilava em sua cabeça, mas não chegava a cair. Ele sorriu para Jack e Richard, e a língua comprida e amarela de nicotina pendia do meio da boca.

— *Sr. Dufrey! Oh, Deus! Oh, meu Deus! Sr. Dufrey! Sr. Du...*

Ele estava puxando Jack cada vez com mais força para a esquerda. Jack era maior, mas Richard estava fortalecido pelo pânico. Explosões faziam o ar estremecer. O fedor de lixo e maresia se tornava cada vez mais denso. Jack conseguiu ouvir um leve borbulhar da lama que saía da terra. O lobo branco que liderava o grupo ia encurtando a distância e Richard estava tentando arrastar Jack para longe deles, arrastá-lo para a cerca, e isso era bom, mas ao mesmo tempo era ruim; era ruim porque tinham de chegar à Estação, não à cerca. A Estação era o ponto-chave, era o ponto-chave porque fora um dos três ou quatro maiores entrepostos ferroviários da América, porque Andrew Thayer fora o primeiro a perceber as possibilidades do comércio com o oeste, porque Andrew Thayer percebera o potencial do lugar e agora ele, Jack Sawyer, também percebia esse mesmo potencial. Tudo isso, é claro, não passava de intuição, mas Jack começava a acreditar que, em certos assuntos, só podia confiar na intuição.

— *Afaste-se do viajante, Sloat!* — Dufrey gargarejou. — *Afaste-se do viajante, ele é bonito demais para você!*

Mas o que é um viajante?, Jack se perguntou naqueles poucos últimos segundos, enquanto Richard tentava desesperadamente desviá-lo do caminho e Jack o puxava para a frente, em direção ao pelotão de vira-latas e meninos e professores que seguiam o grande lobo branco, em direção à Estação. *Eu lhe digo o que é um viajante: um viajante é alguém que viaja. E onde um viajante começa a viajar? Ora, numa estação...*

— *Jack, ele vai morder!* — Richard gritou.

O lobo ultrapassou Dufrey e investiu na direção dos dois, as mandíbulas abertas como um grande alçapão. Atrás deles houve

um ronco muito forte de coisa rachando, como se o Pavilhão Nelson estivesse se desintegrando como uma árvore seca.

Agora era Jack quem apertava com força cada vez maior os dedos de Richard. Sinos enlouquecidos enchiam a noite, bombas explodiam pelo pátio e fogos de artifício estouravam.

— *Aguente firme!* — Jack gritou. — *Aguente firme, Richard, lá vamos nós!*

Jack ainda teve tempo de pensar: *Agora as coisas mudaram de figura; agora o rebanho é Richard, ele é meu viajante. Que Deus nos ajude.*

— *Jack, o que está acontecendo?* — Richard berrou. — *O que você está fazendo? Pare com isso!* PARE COM ISSO! PARE...

Richard ainda estava berrando, mas Jack Sawyer já não o escutava. Subitamente, de forma triunfante, aquela sensação de horror e desespero estalou como um ovo choco e seu cérebro foi inundado de uma claridade e de uma atmosfera suave, doce; um ar tão puro que se poderia sentir o cheiro do rabanete que um homem tirasse de seu jardim a um quilômetro de distância. De repente, Jack se sentiu capaz de cruzar num único salto toda a extensão do pátio... Ou voar, como aqueles homens com asas amarradas nas costas.

Oh, um ar transparente e muita luz substituíam aquele terrível fedor de lixo e maresia, aquela sensação de tatear sem saída numa escuridão sem fim. Por um momento, tudo pareceu intensamente luminoso, radiância pura. Por um momento tudo foi arco-íris, arco-íris, arco-íris.

E foi assim que, no meio de uma fuga desesperada pelo campus em decomposição do Colégio Thayer, com o som de sinos estridentes, o rosar dos cães, o uivo dos lobos, Jack Sawyer atravessou de novo para os Territórios.

E dessa vez levava consigo o filho de Morgan Sloat.

INTERLÚDIO

Sloat Neste Mundo/Orris nos Territórios (III)

POUCO DEPOIS DAS sete da manhã seguinte à travessia de Jack e Richard, Morgan Sloat aproximou-se do meio-fio defronte ao portão principal do Colégio Thayer. Estacionou o carro junto de uma placa com a inscrição RESERVADO PARA DEFICIENTES FÍSICOS. Sloat olhou-a com indiferença, pôs a mão no bolso, tirou um frasco de cocaína e cheirou um pouco. Daí a instantes, o mundo pareceu adquirir cor e vitalidade. Era uma droga maravilhosa. Ele se

perguntava se a planta cresceria nos Territórios. E também se ela seria ainda mais potente lá.

O próprio Gardener tinha despertado Sloat em sua casa de Beverly Hills às duas horas da madrugada para lhe fazer um relatório dos acontecimentos; em Springfield ainda era meia-noite. A voz de Gardener estava trêmula. Estava obviamente aterrado com a possibilidade de que a perda do rastro de Jack Sawyer desencadeasse um acesso de cólera, uma fúria cega em Morgan.

— Aquele rapaz... aquele mau, mau rapaz...

Sloat não se deixara dominar pela raiva. Na realidade, se sentira extraordinariamente calmo. Experimentou um sentimento de predestinação que suspeitava vir daquela outra parte dele — a parte que ele costumava chamar de “ego Orris” e que, a seu ver, tinha todas as características de um ego de realeza.

— Tenha calma — Sloat tranquilizou-o. — Estarei lá assim que puder. Agente firme, baby.

Desligou antes que Gardener pudesse dizer mais alguma coisa e esticou-se na cama. Cruzou as mãos sobre o estômago e fechou os olhos. Houve um momento de total ausência de peso... apenas um momento... Então ele teve uma sensação de movimento embaixo do corpo. Ouviu o estalar de chicotes de couro, o rangido de toscas molas de ferro, as pragas de um cocheiro.

E abriu os olhos como Morgan de Orris.

Como sempre, sua primeira reação foi de completo deleite: aquilo fazia as sensações da coca parecerem efeitos de aspirina infantil. Seu peito estava mais estreito, o peso do corpo era menor. Os batimentos do coração de Morgan Sloat ficavam entre 85 e 120 batidas por minuto quando ele estava furioso; os de Orris raramente chegavam a mais que 65 batimentos. A visão de Morgan Sloat fora medida como 100%, mas Morgan de Orris enxergava ainda melhor. Orris podia ver e seguir o curso de cada ranhura na parede interna da diligência; Orris podia deliciar-se com a delicada textura das cortinas de renda que esvoaçavam nas janelas. A cocaína afetara o

nariz de Sloat, entorpecendo-lhe o olfato; o nariz de Orris era de uma limpidez absoluta e ele podia farejar poeira, terra e ar com perfeita fidelidade. Era como se pudesse sentir e avaliar cada molécula.

Atrás dele ficara uma cama de casal vazia ainda marcada com a forma de seu corpanzil. Agora estava sentado num banco mais luxuoso que o banco de qualquer Rolls Royce. Agora estava correndo para oeste, para os Postos de Fronteira, para um lugar chamado Estação dos Postos de Fronteira. Ia se encontrar com um homem chamado Anders. Sabia dessas coisas, sabia exatamente onde se achava porque Orris estava sempre dentro de sua cabeça. Orris conversava com ele como o lado direito do cérebro pode conversar com o lado esquerdo racional durante os sonhos de olhos abertos, numa voz baixa, mas perfeitamente audível. Fora desse modo que Sloat conversara com Orris nas poucas ocasiões em que Orris migrara para aquele mundo que Jack às vezes chamava de Territórios Americanos. Quando um ego migrava e entrava no corpo de seu Duplo, o resultado era uma espécie de possessão benigna. Sloat já lera sobre casos mais violentos de possessão e, embora o tema não lhe despertasse grande interesse, achava que os pobres, infelizes tolos afligidos por esses problemas tinham sido possuídos por viajantes enlouquecidos de outros mundos; ou talvez tudo não passasse de loucura gerada no próprio mundo americano. Isto parecia uma hipótese bastante viável; a cabeça do pobre Orris fora quase virada pelo avesso nas primeiras duas ou três vezes em que ele se revelou concretamente na América. Orris ficara barbaramente empolgado, mas também aterrorizado.

A diligência balançou muito — nos Postos de Fronteira, um homem não pode esperar nada do estado de conservação das estradas e deve dar graças a Deus pelo simples fato de elas ainda existirem. Orris se mexeu no assento e seu pé deformado latejava de dor.

— Andem firmes, malditos — o cocheiro murmurou de cima. O chicote assobiava e estalava. — Firmes, seus filhos de putas mortas! Andem firmes!

Sloat sorriu pelo prazer de estar ali, embora não pudesse se demorar. Já sabia o que precisava saber; a voz de Orris murmurara para ele. A diligência chegaria à Estação dos Postos de Fronteira, que correspondia no outro mundo ao Colégio Thayer, bem antes do amanhecer. Talvez fosse possível pegá-los lá se eles tivessem se demorado; caso contrário, as Terras Secas os aguardavam. Morgan se sentia irritado e magoado ao pensar que Richard estava agora com o pestinha Sawyer, mas se fosse preciso um sacrifício... Bem, Orris tinha perdido o filho *dele* e sobrevivera.

A única coisa que mantivera Jack com vida durante todo esse tempo fora o irritante fato da natureza singular dele. Quando o maldito atravessava, ele surgia sempre no ponto análogo ao lugar de onde tinha saído. Sloat, porém, acabava sempre onde Orris estava, às vezes a quilômetros de distância de onde precisava chegar... como era o caso agora. Ele tivera sorte na travessia a partir da parada rodoviária, mas Sawyer tinha tido mais sorte.

— Mas toda essa sorte está no fim, meu amiguinho — disse Orris. A diligência deu outro terrível solavanco. Ele fez uma careta, mas voltou a sorrir. A situação estava até se simplificando, mesmo que o confronto final tivesse implicações mais amplas e mais profundas.

O bastante.

Fechou os olhos e cruzou os braços. Por um instante, sentiu outra físgada de dor no pé deformado... e, quando abriu os olhos, estava olhando para o teto de seu apartamento. Como sempre, sentiu os quilos extras desabarem incomodamente sobre ele, sentiu o coração ter uma reação de surpresa e começar a se acelerar.

Levantou-se e fez uma chamada para a West Coast Business Jet. Setenta minutos depois, estava deixando o aeroporto de Los Angeles. A decolagem íngreme e abrupta do jatinho da Lear

provocou a mesma sensação de sempre: como se uma tocha acesa tivesse sido amarrada ao cu dele. Às 5h50, hora local, o avião desceu em Springfield, no momento exato em que Orris estava se aproximando da Estação dos Postos de Fronteira nos Territórios. Sloat alugou um carro na Hertz e lá estava ele. Uma viagem à americana *tinha* as suas vantagens.

Saltou do carro, e quando os sinos da manhã começavam a tocar, entrou no pátio do Colégio Thayer, de onde seu filho acabara de fugir.

Tudo estava absolutamente normal naquele início de manhã no Colégio Thayer. Os sinos da capela tangiam as mesmas notas musicais de sempre, alguma coisa clássica, mas não de todo identificável, que parecia o “Te Deum”, mas não era. Muitos estudantes passaram por Sloat a caminho do refeitório ou dos treinos matinais. Estavam talvez um pouco mais silenciosos que de hábito e todos pareciam pálidos, ligeiramente atordoados, como se tivessem compartilhado um mesmo pesadelo.

O que, sem dúvida, realmente ocorrera, Sloat pensou. Parou por um momento diante do Pavilhão Nelson, fitando-o com ar pensativo. Eles simplesmente não sabiam que eles mesmos eram quase irreais, como são quase irreais as criaturas que vivem na fronteira entre dois mundos. Morgan contornou o pavilhão e viu um funcionário da manutenção coletando estilhaços de vidro que jaziam na grama como falsos brilhantes. Por trás das costas curvadas dele, Sloat podia ver o interior da sala comunitária do Pavilhão Nelson, onde um estranhamente silencioso Albert, o Bolha, fitava com olhos vazios um desenho do Pernalonga.

Sloat dirigiu-se para a Estação, seus pensamentos voltados para a primeira vez em que Orris atravessou para o mundo americano. Lembrou-se do fato com uma nostalgia que era, quando ele parou para pensar no assunto, um tanto grotesca. Afinal, ele quase morrera. Os *dois* quase morreram. Mas isso fora em meados

dos anos 50, e agora era *ele* quem estava cinquentão — isso fazia toda a diferença do mundo.

Ele estava voltando do escritório e o crepúsculo envolvia Los Angeles num clarão salpicado de tons arroxeados e nebulosamente amarelos. Naquele tempo, a poluição da cidade ainda não era visível no céu. Estava no Sunset Boulevard, contemplando o anúncio de um novo disco de Peggy Lee, quando sentiu um frio na mente. Foi como se uma fonte gelada tivesse se aberto em seu subconsciente, vertendo uma coisa estranha e desconhecida que era como... como...

(como sêmen)

... bem, ele não sabia exatamente *como* era. Exceto que a coisa logo foi se tornando quente, ganhando consistência, e ele só teve tempo de perceber que era ele, Orris, e então tudo se tornou confuso, como se houvesse uma porta secreta em sua mente, dando para um cômodo com uma estante numa das paredes e uma cômoda com espelho na outra, ambos os móveis se ajustando perfeitamente ao aposento. E, de repente, lá estava Orris ao volante de um Ford 1952 de capô redondo, Orris usando colete, um paletó marrom e uma gravata John Penske, Orris que punha a mão entre as pernas com uma leve e incômoda curiosidade, Orris que, evidentemente, nunca usara uma cueca.

Houve um momento, ele se lembrava, em que o Ford subiu na calçada, mas Morgan Sloat, um ego já então muito fraco, assumiu aquela parte da operação, e Orris ficou livre para seguir caminho, esbugalhando os olhos para todos os lados, quase enlouquecido de alegria. E o que sobrou de Morgan Sloat também ficou contente; contente como um homem fica quando mostra pela primeira vez sua nova casa a um amigo e vê que o amigo achou a casa incrível.

Orris foi até um drive-in e, após alguma confusão com o dinheiro desconhecido de Morgan, pediu um hambúrguer, batatas fritas e um milkshake de chocolate, as palavras lhe saindo facilmente da boca, saltando de seu ego subjacente como água

jorrando de uma fonte. A primeira mordida no hambúrguer foi hesitante... E então ele devorou o resto com a velocidade de Lobo comendo seu primeiro Whopper. Enfiava as batatas na boca com uma das mãos enquanto a outra tentava sintonizar o rádio. Acabou ouvindo uma canção de Perry Como, uma música de orquestra e alguns blues. Tomou o milkshake até o fim e pediu uma segunda rodada.

Na metade do segundo hambúrguer, ele — Sloat e ao mesmo tempo Orris — começou a se sentir enjoado. De repente os anéis de cebola pareciam fortes demais, temperado demais; de repente, o cheiro de descarga dos automóveis estava por toda parte. Orris sentiu uma forte coceira nos braços. Tirou bruscamente o paletó do terno de três peças (o segundo milkshake, dessa vez de café com chocolate, caiu para o lado, derramando sorvete no banco do Ford) e olhou para os braços. Bolhas feias, muito vermelhas no centro, começavam a lhe brotar por toda a pele. Ele sentiu um bolo no estômago, inclinou-se para fora da janela e, enquanto vomitava na bandeja fixada na porta, Morgan sentiu Orris se afastando, voltando para seu próprio mundo...

— Posso ajudar o senhor?

— Hummm?

Saindo do devaneio, Sloat olhou ao redor. Um rapaz alto e louro, obviamente da classe alta, estava na sua frente. Vestia um blazer de flanela impecavelmente azul, uma camisa de colarinho aberto e uma calça Levi's desbotada.

Tirou o cabelo dos olhos, que pareciam ébrios, sonhadores.

— Meu nome é Etheridge — disse. — Será que não está precisando de ajuda? O senhor parecia... perdido.

Sloat sorriu. Pensou em dizer (mas não disse): *Não, você parece perdido, meu amigo.* Estava tudo bem. O garoto Sawyer ainda estava solto, mas Sloat sabia para onde ele estava indo, e isso significava que Jacky não deixava de estar acorrentado a ele. Era uma corrente invisível, mas era uma corrente.

— Estava recordando o passado, só isso — disse ele. — Lembrando os velhos tempos. Não sou um intruso, sr. Etheridge, se é isso que o preocupa. Meu filho estuda aqui. Richard Sloat.

Por um instante, os olhos de Etheridge pareceram ainda mais ébrios, mais perplexos, mais perdidos. Depois se clarearam.

— É claro. Richard! — exclamou.

— Daqui a pouco vou falar com o diretor. Só queria dar uma olhada por aí primeiro.

— Ora, não vejo problema. — Etheridge consultou o relógio. — Tenho um compromisso. Se tem certeza de que está tudo bem...

— Tenho certeza.

Etheridge despediu-se com um gesto de cabeça, um sorriso um tanto vago e foi embora.

Sloat viu-o se distanciar e depois inspecionou a área entre o Pavilhão Nelson e o lugar onde se encontrava. Observou de novo a janela quebrada. Era correto — mais do que correto — presumir que, em algum lugar entre o Pavilhão Nelson e aquela construção octogonal de tijolo, os dois tinham migrado para os Territórios. Se quisesse, poderia segui-lo. Simplesmente entrar na Estação (não havia cadeado na porta) e desaparecer. Reaparecer onde quer que o corpo de Orris estivesse naquele momento. Não devia estar longe; talvez até, na verdade, estivesse defronte ao guardião da Estação.

Só que não fazia sentido migrar para um local que poderia estar a mais de 160 quilômetros do ponto de interesse na geografia dos Territórios e sem ter como cobrir a distância a não ser de carroça ou, pior, o que seu pai chamava de expresso canelinha.

E com toda a certeza os garotos já estariam bem longe. Tentando avançar pelas Terras Secas. Sendo assim, as próprias Terras Secas acabariam com eles. E Osmond, o Duplo de Sunlight Gardener, seria mais do que capaz de extrair todas as informações que Anders tivesse. Osmond e seu horrendo filho. Não era preciso migrar.

Só se fosse apenas para dar uma olhada. Pelo prazer, pela sensação revigorante de se transformar mais uma vez em Orris, nem que fosse apenas por alguns segundos.

E para Ter Certeza, é claro. Toda a sua vida, desde a infância, fora um permanente exercício de Ter Certeza.

Olhou mais uma vez ao redor para certificar-se de que Etheridge não estava por perto; depois abriu a porta da Estação e entrou.

O ar era viciado, escuro e extremamente nostálgico — tinha o cheiro das velhas maquiagens e cenários de lona. Por um instante, Morgan teve a louca ideia de que tinha feito algo ainda mais incrível do que migrar; sentiu-se que podia ter viajando através do tempo, recuando aos dias de estudante, quando ele e Phil Sawyer eram universitários loucos por teatro.

Então seus olhos se adaptaram à escuridão e ele viu objetos cenográficos ridículos que ele não conhecia: um busto de gesso de Palas para uma produção de *O Corvo*, uma gaiola de passarinho extravagantemente dourada, uma estante cheia de falsas capas de livros. Lembrou-se de que estava na versão do Colégio Thayer do que chamavam de “pequeno teatro”.

Ficou um instante imóvel, respirando profundamente o pó; voltou o olhar para a poeira no raio de sol que atravessava uma pequena janela. A luz tremulava e, subitamente, pareceu um tanto mortiça, como da cor de um lampião. Ele estava nos Territórios. Assim, de repente, estava nos Territórios. Teve um momento de júbilo quase delirante por causa da velocidade em que se dera a travessia. Geralmente havia uma pausa, uma sensação de estar resvalando de um lugar para outro. Essa pausa parecia ser diretamente proporcional à distância entre os corpos físicos de seus dois egos, Sloat e Orris. Certa vez, quando estava migrando do Japão, onde negociara um contrato com os irmãos Shaw para um romance terrível sobre estrelas de Hollywood ameaçadas por um enlouquecido ninja, a pausa foi tão grande que ele temeu se perder

inteiramente no vácuo, na espécie de limbo que existe entre os mundos. Mas desta vez eles estavam próximos... muito próximos! Era como aquelas poucas vezes, ele pensou

(Orris pensou)

em que um homem e uma mulher atingem o orgasmo exatamente no mesmo instante e morrem juntos no sexo.

O cheiro de tinta seca e lona foi substituído pelo leve, agradável aroma dos lampiões a óleo dos Territórios. Sobre uma mesa, o pequeno pavio de um candeeiro irradiava escuras membranas de fumaça. À esquerda havia outra mesa com restos de uma refeição coagulando em pratos de ferro. Três pratos.

Orris deu um passo à frente, arrastando um pouco o pé deformado, como sempre. Levantou um dos pratos e examinou-o à luz do lampião. *Quem terá comido neste prato? Terá sido Anders, Jason ou Richard... o garoto que também teria sido Rushton se meu filho tivesse vivido.*

Rushton morrera afogado ao nadar num lago não muito longe da Grande Casa. Durante um piquenique. Orris e a esposa tinham bebido uma boa quantidade de vinho. O sol estava muito quente. O garoto, pouco mais que um bebê, tirara uma soneca. Orris e a esposa fizeram amor e depois adormeceram sob o gostoso sol da tarde. Os gritos da criança os despertaram. Rushton tinha acordado e fora até o lago. Conseguiu nadar cachorrinho um pouco, apenas o suficiente para levá-lo até onde não dava pé antes de entrar em pânico. Orris mancou até o lago, mergulhou e deu as braçadas mais rápidas de sua vida até o local onde o filho se debatia. Fora seu pé, seu maldito pé torto, que lhe dificultara os movimentos e talvez tenha lhe custado a vida do filho. Quando conseguiu alcançar o menino, ele estava afundando. Orris conseguiu pegá-lo pelos cabelos e arrastá-lo para a margem... Mas nesse ponto Rushton já estava roxo e morto.

Margaret se suicidou menos de seis semanas mais tarde.

Sete meses depois, o jovem filho de Morgan Sloat também quase se afogou numa piscina de clube durante uma aula de natação. Foi retirado da piscina tão roxo e morto quanto Rushton... Mas o salva-vidas lhe aplicou uma respiração boca a boca e a reação de Richard foi positiva.

Deus martela Seus pregos, Orris pensou, e um profundo ronco fez-lhe virar a cabeça.

Anders, o guardião da estação, estava deitado num catre que havia num canto. Seu kilt estava levantado até o calção. Um pote de vinho, de barro, entornara a seu lado e lhe encharcara boa parte do cabelo.

Ele roncou de novo, depois gemeu como se estivesse tendo pesadelos.

Nenhum pesadelo que você possa ter será tão pavoroso quanto sua vida daqui para a frente, Orris pensou sombriamente. Deu mais um passo, o manto flutuando ao seu redor. O olhar que atirou a Anders foi impiedoso.

Sloat era capaz de planejar assassinatos, mas fora sempre Orris quem tivera de migrar para executar as sentenças. Fora Orris no corpo de Sloat quem tentara asfixiar o jovem Jack Sawyer com um travesseiro enquanto um locutor de luta-livre falava sem parar ao fundo. Fora Orris quem supervisionara o assassinato de Phil Sawyer em Utah (assim como supervisionara o assassinato do representante de Phil Sawyer nos Territórios, o príncipe plebeu Philip Sawtelle).

Sloat tinha um gosto por sangue, mas ultimamente ficara tão alérgico a ele como Orris era alérgico à comida e ao ar americanos. Fora Morgan de Orris, outrora ridicularizado como Morgan Pé-de-Martelo, quem sempre executara as façanhas planejadas por Sloat.

Meu filho morreu; o dele ainda vive. O filho de Sawtelle morreu, o de Sawyer ainda vive. Mas esses problemas podem ser remediados. Serão remediados. Nenhum Talismã cairá nas mãos de vocês, meus amiguinhos. O destino de vocês é uma versão

radioativa de Oatley; vocês dois devem ao equilíbrio das coisas uma morte. Deus martela Seus pregos.

— E se Deus não martelar, podem ter certeza de que eu o farei — ele disse em voz alta.

O homem no catre gemeu outra vez, como se tivesse ouvido. Orris deu mais um passo em sua direção, talvez pretendendo acordá-lo com um chute, e então inclinou a cabeça. Ao longe ouviu o trote de cascos de cavalos, o débil ranger e estalar de arreios, os gritos ásperos de cocheiros.

Aquele era Osmond. Ótimo. Que Osmond cuidasse do caso dali. Na realidade, ele tinha pouco interesse em interrogar um homem de ressaca; já sabia muito bem tudo o que Anders teria a dizer.

Orris mancou até a porta, abriu-a e deparou com o exuberante colorido do amanhecer nos Territórios. Era daquela direção — da direção de onde o sol se erguia no horizonte — que se aproximavam os sons da diligência de Osmond. Ele se permitiu saborear por um momento o fascinante clarão da aurora e depois virou-se para o oeste, onde o céu ainda tinha o tom avermelhado de uma contusão. A terra estava escura... exceto por onde os primeiros feixes de brilhantes raios de sol se refletiam em um par de linhas paralelas.

Rapazes, vocês estão no rumo certo da morte, Orris pensou com satisfação... E então lhe ocorreu uma ideia que lhe trouxe ainda mais satisfação: talvez a morte deles já tivesse ocorrido.

— Ótimo — disse Orris, e fechou os olhos.

Daí a um instante, Morgan Sloat agarrava a maçaneta da porta do pequeno teatro do Colégio Thayer, abria os olhos e pensava na viagem de volta para a costa oeste.

Talvez fosse hora de fazer uma pequena viagem na estrada do passado, ele pensou. Para uma cidade da Califórnia chamada Point Venuti. Talvez fosse primeiro até o leste — fazer uma visita à rainha — e depois...

— O ar marinho — ele disse para o busto de Palas — me fará muito bem.

Recuou de novo para o interior da Estação, deu outra cheirada no que havia no pequeno frasco em seu bolso (sem notar os cheiros de lona e maquiagem agora) e então, se sentindo revigorado, abriu a porta e começou a descer o pátio em direção ao carro.

QUARTA PARTE

O Talismã

Capítulo Trinta e Quatro

Anders

1

JACK PERCEBEU de repente que, embora ainda estivesse correndo, estava correndo no ar, como um personagem de desenho animado que ainda consegue andar e correr mais um pouco antes de cair num abismo de 700 metros. Ele teve tempo apenas de se dar conta de que o chão não estava mais ali, mas só caiu um ou 2 metros, ainda correndo. Ele vacilou, e talvez tivesse permanecido de

pé, mas Richard chocou-se com ele e ambos rolaram aos trambolhões.

— *Cuidado, Jack!* — Richard estava gritando. Não parecia interessado em seguir seu próprio conselho, pois conservava os olhos muito bem fechados. — *Cuidado com o lobo! Cuidado com o sr. Dufrey! Cuidado...*

— Pare com isso, Richard!

Aqueles gritos esbaforidos eram o que mais assustava Jack. Richard parecia louco, absolutamente fora de si.

— Pare com isso. Está tudo bem! Eles já foram!

— *Cuidado com Etheridge! Cuidado com os insetos! Cuidado, Jack!*

— Richard, eles já *sumiram!* Olhe à sua volta, pelo amor de Jason.

Jack ainda não tivera chance de olhar ao redor, mas sabia que tinham conseguido — o ar estava quieto e doce, a noite perfeitamente silenciosa, exceto por uma ligeira brisa agradavelmente morna.

— *Cuidado, Jack! Cuidado, Jack! Cuidado, cuidado...*

Como um eco sinistro dentro de sua cabeça, Richard ouvia os meninos-cães cantando em coro do lado de fora do Pavilhão Nelson. *Acorde, acorde, acorde! Por favor, por favor, por favor!*

— *Cuidado, Jack!* — Richard continuava berrando. Seu rosto estava afundado na terra, como um fervoroso muçulmano determinado a fazer as pazes com Alá. — CUIDADO! O LOBO! OS MONITORES! O DIRETOR DA ESCOLA! CUIDA...

Assustado pela ideia de que Richard tivesse realmente enlouquecido, Jack suspendeu a cabeça do amigo pelas costas da camisa e lhe deu um tapa.

O berreiro de Richard foi bruscamente interrompido. Ele arregalou os olhos para Jack, e Jack viu a marca do contorno de sua mão começar a aparecer na palidez do rosto do amigo, como uma tatuagem vermelha. Mas sua vergonha foi logo substituída por

uma urgente curiosidade em saber onde estavam. Havia luz; de outro modo, ele não teria sido capaz de ver aquela marca.

De dentro dele veio uma resposta parcial à pergunta, uma resposta que pelo menos até certo ponto parecia firme e indiscutível.

Os Postos de Fronteira, Jack-O. Agora você está nos Postos de Fronteira.

Mas, antes de analisar melhor a ideia, Jack tinha de tentar deixar Richard em perfeitas condições.

— Tudo bem com você, Richie?

Richard fitava Jack com uma fisionomia magoada e entorpecida de espanto.

— Você me bateu, Jack.

— Eu lhe dei um tapa. É isso o que se deve fazer com pessoas histéricas.

— Eu não estava histérico! Nunca fiquei histérico em toda a minha vi... — Richard se interrompeu e ficou de pé, olhando nervosamente ao redor. — O lobo! Temos de ter cuidado com o lobo, Jack! Se conseguirmos chegar até a cerca, ele não vai nos pegar!

Se Jack não o tivesse segurado com toda a força, Richard teria disparado pela escuridão, procurando uma cerca estilo de galinheiro que, agora, estava em outro mundo.

— O lobo já foi embora, Richard.

— Hã?

— Nós conseguimos escapar.— Do que você está falan...

— Dos Territórios, Richard! Nós estamos nos Territórios! Conseguimos atravessar! — *E você quase arrancou meu braço do ombro, seu descrente*, Jack pensou, esfregando o ombro dolorido. *Da próxima vez que tentar trazer alguém comigo, vou procurar um menino bem pequeno, alguém que ainda acredite em Papai Noel e no coelho da Páscoa.*

— Isso é ridículo — disse Richard pausadamente. — Não existe essa coisa de Territórios, Jack.

— Se não existe — disse Jack severamente —, então como você explica que o lobo branco não esteja mordendo seu rabo? Ou seu maldito diretor?

Richard olhou para Jack, abriu a boca para dizer alguma coisa, depois fechou-a de novo. Olhou em volta, dessa vez com um pouco mais de atenção (pelo menos foi a esperança de Jack). Jack fez o mesmo, desfrutando o calor e a limpidez do ar. Morgan e sua multidão de monstros grotescos podiam irromper a qualquer momento diante deles mas, por ora, era impossível não se entregar à pura alegria animal de estar de volta.

Estavam num campo. Uma relva amarela alta com pontas barbadas — não trigo, mas alguma coisa semelhante a trigo; sem dúvida, algum cereal comestível — se estendia em todas as direções pela escuridão noturna. A brisa quente a fazia dançar em ondas misteriosas, mas fascinantes. À direita, num pequeno outeiro, havia uma construção de madeira, com uma lamparina pendurada num poste diante da porta. Uma chama amarela, quase brilhante demais para ser olhada, queimava dentro do globo de vidro. Jack reparou que a construção era octogonal. Os dois tinham chegado aos Territórios pelos limites do círculo de luz do lampião. E havia alguma coisa além do círculo, alguma coisa metálica que refletia a luz em feixes cintilantes. Jack apertou os olhos para o débil clarão prateado... e então compreendeu. O que sentiu não foi bem espanto, mas uma sensação de expectativa plenamente correspondida. Era como se duas grandes peças de um quebra-cabeça, uma nos Territórios Americanos e a outra ali, tivessem se encaixado com perfeição.

A seu lado, havia trilhos de estrada de ferro. E, embora fosse impossível avaliar com precisão os pontos cardeais naquela escuridão, Jack achou que sabia para onde seguiam aqueles trilhos:

Para oeste.

— ANDE — disse Jack.

— Não quero ir até lá — disse Richard.

— Por que não?

— Está acontecendo muita coisa absurda. — Richard molhou os lábios. — Pode haver qualquer coisa naquela construção. Cães. Pessoas malucas. — Molhou novamente os lábios. — Insetos.

— Eu já lhe disse. Agora estamos nos Territórios. Toda aquela loucura já era. Está tudo bem. Porra, Richard, você não consegue sentir isso pelo *cheiro*?

— Não existe essa coisa de *Territórios* — Richard falou debilmente.

— Olhe à sua volta.

— Não — disse Richard. Sua voz foi mais baixa que nunca; era o tom de uma criança irritada e teimosa.

Jack pegou um punhado da relva com hastes barbadadas.

— Veja isto!

Richard virou a cabeça.

Jack teve de reprimir um ímpeto de sacudir o amigo.

Em vez de fazer isso, jogou a relva no chão, contou mentalmente até dez e depois começou a subir o outeiro. Baixou os olhos e viu que estava usando uma espécie de calça de couro. Richard estava vestido exatamente da mesma maneira e tinha um lenço vermelho em volta do pescoço, que parecia ter saído de uma pintura de Frederic Remington. Jack levou a mão até o pescoço e tocou um lenço do mesmo tipo. Depois passou as mãos pelo corpo e descobriu que o casaco deliciosamente quente de Myles P. Kiger se tomara muito semelhante a um poncho mexicano. *Devo estar parecendo uma propaganda de Taco Bell*, ele pensou, e sorriu.

Uma expressão de pânico absoluto cobriu o rosto de Richard quando Jack começou a subir a colina, deixando-o sozinho lá embaixo.

— Aonde você vai?

Jack olhou para Richard e voltou. Pôs as mãos nos ombros do amigo e olhou gravemente em seus olhos.

— Não podemos ficar aqui — disse. — Alguns deles devem ter-nos visto atravessar. Talvez não possam vir logo atrás de nós ou talvez possam. Eu não sei. Conheço tanto as leis que governam isto aqui como um garoto de 5 anos conhece o magnetismo; e tudo o que um garoto de 5 anos sabe do assunto é que às vezes os ímãs atraem e às vezes repelem. Ao menos por enquanto, isso é tudo que sei. Temos de sair daqui. E fim de papo.

— Tudo isto não passa de um sonho, tenho certeza.

Jack indicou com a cabeça a decrepita construção de madeira.

— Pode vir comigo ou pode ficar. Se ficar aqui, volto depois de dar uma olhada no lugar.

— Nada disto está acontecendo — disse Richard. Os olhos sem óculos estavam arregalados, surpresos, um tanto nublados. Contemplou por um instante o escuro céu dos Territórios com sua estranha e desconhecida torrente de estrelas, estremeceu e desviou os olhos. — Estou com febre. Com muita febre. Está havendo uma epidemia de gripe. Isto é um delírio. Você não passa do ator convidado do meu delírio, Jack.

— Bem, quando tiver um tempinho, mandarei alguém me inscrever na Associação dos Atores de Delírio — disse Jack. — Enquanto isso, por que não fica aqui me esperando, Richard? Se nada disto está acontecendo, você não tem por que se preocupar.

Jack recomeçou a andar, achando que seria preciso mais algumas poucas daquelas conversas tipo Alice-na-mesa-de-chá com Richard para se convencer de que ele, Jack, estava maluco também.

Estava a meio caminho do cume do outeiro quando Richard apareceu do seu lado.

— Eu ia voltar depois— disse Jack.

— Eu sei — disse Richard. — Mas achei que não faria mal algum ir junto com você. Afinal, tudo isto não passa de um sonho.

— Bem, se houver alguém lá em cima, fique de boca fechada — disse Jack. — Acho que há. Acho que vi alguém me olhando pela janela da frente.

— O que você vai fazer? — Richard perguntou.

Jack sorriu.

— Tocar de ouvido, Richie. É isso que venho fazendo desde que saí de New Hampshire. Tocando de ouvido.

3

CHEGARAM À VARANDA. Richard agarrou-se ao ombro de Jack com a força de quem está em pânico. Jack virou-se com ar fatigado; essa atitude de pânico de Richard era outra coisa que estava cansando rápido.

— O que foi?

— Isto é um sonho, não há dúvida — disse Richard —, e posso muito bem provar.

— Como?

— *Nós não estamos falando inglês, Jack! O idioma que estamos falando, e falando com perfeição, não é inglês!*

— Exato — disse Jack. — Curioso, não acha?

Começou a subir os degraus da varanda, deixando Richard de boca aberta parado atrás dele.

DAÍ A UM ou dois segundos Richard conseguiu se recompor e subir os degraus atrás de Jack. As tábuas eram frouxas, empenadas, lascadas. Hastes daquele exuberante e desconhecido cereal cresciam entre algumas fendas. Da vasta escuridão lá fora vinha o sonolento zumbir dos insetos. Não era o contínuo estalar de grilos, mas algo mais suave. Muita coisa era mais suave nos Territórios, Jack pensou.

O lampião externo estava agora atrás deles; suas sombras corriam à frente pelo chão da varanda e, depois de fazer um ângulo reto, se estendiam pela porta. Na porta havia uma tabuleta velha e desbotada. Por um instante, pareceu estar escrita em estranhas letras cirílicas, tão indecifráveis como caracteres russos. Mas de repente a inscrição ficou clara, e a palavra não surpreendeu: ESTAÇÃO.

Jack ergueu a mão para bater, depois sacudiu a cabeça. Não. Não ia bater. Aquilo não era uma residência particular; a tabuleta dizia ESTAÇÃO, e esta era uma palavra que ele associava com instalações públicas, lugares para se esperar por ônibus Greyhound e trens Amtrak, zonas de carregamento para os céus amistosos.

Simplesmente empurrou a porta. Uma acolhedora luz de lampião a óleo e uma voz indiscutivelmente hostil atingiram ao mesmo tempo a varanda.

— *Vá embora, demônio!* — veio um guincho entrecortado. — *Vá embora, eu vou de manhã. Eu juro! O trem está no galpão! Vá embora! Jurei que ia embora e vou mesmo, então agora vá VOCÊ... Vá e me deixe em paz!*

Jack franziu a testa. Richard abriu a boca. O aposento era limpo, mas muito velho. As tábuas estavam tão empenadas que as paredes pareciam onduladas. O retrato de uma diligência que parecia tão grande quanto um barco pesqueiro pendia de uma das paredes. Um balcão antigo, com a superfície quase tão empenada

quanto as paredes, se estendia pelo meio do salão, dividindo-o em dois ambientes. Na parede atrás do balcão havia um quadro negro com duas colunas: CHEGADAS DE CARRUAGENS — PARTIDAS DE CARRUAGENS. Olhando o antigo quadro-negro, Jack suspeitou que há muito tempo nenhuma informação era escrita ali; chegou a pensar que, se alguém tentasse rabiscar a giz alguma coisa sobre a lousa, mesmo suavemente, ela ia se partir e se desintegrar no chão.

Num dos lados do balcão havia a maior ampulheta que Jack já vira: era do tamanho de um garrafão de champanhe e estava cheia de areia verde.

— *Deixe-me em paz, está ouvindo? Prometi que vou embora, e vou! Por favor, Morgan! Tenha piedade! Eu prometi. E, se não acredita em mim, dê uma olhada no galpão! O trem está pronto, juro que o trem está pronto!*

A tagarelice continuou no mesmo tom. O homem corpulento e idoso estava encolhido no canto direito da sala. Jack calculou a altura do velhote em pelo menos 1,90 metro — mesmo naquela postura servil, o tamanho era indisfarçável; o teto baixo da Estação ficava a apenas uns 10 centímetros da cabeça dele. Podia ter uns 70 anos; ou uns 80, bem conservados. A barba branca como neve começava sob os olhos e lhe caía em cascata até o peito. Eram pelos finos como cabelo de bebê. Os ombros pareciam largos, mas agora estavam bastante curvados, como se tivessem sido forçados a carregar pesos enormes durante muitos e muitos anos. Profundos pés-de-galinha se irradiavam dos cantos dos olhos; rugas fundas marcavam a testa. A pele tinha um amarelado de cera. Ele usava um kilt, tipo escocês, bordado com fitas vermelho-vivo. Obviamente, estava morrendo de medo. Brandia um sólido cajado, mas sem qualquer ar de autoridade.

Jack olhou atentamente para Richard quando o velho mencionou o nome do pai dele, mas o estado de Richard não lhe permitia prestar atenção a detalhes.

— Eu não sou quem o senhor está pensando — disse Jack, avançando para o velho.

— *Vá embora!* — ele reagiu com um grito estridente. — *Não tenho nada a ver com você! Acho que o demônio pode muito bem se apresentar com um rosto simpático! Vá embora! Eu vou embora! O trem já está pronto. Vou embora de manhã cedo! Disse que faria isso e é o que eu vou fazer. Agora, saia daqui, está bem?*

A mochila se transformara num rústico bernal pendurado no ombro de Jack. Ao chegar ao balcão, ele remexeu dentro dela, afastou o espelho e um certo número de varas, o dinheiro do Territórios. Seus dedos se fecharam em volta do objeto que ele queria e o retirou do bernal. Era a moeda que o capitão Farren lhe dera há muito tempo, a moeda com a rainha numa face e o grifo na outra. Ele a jogou no balcão e a luz suave da sala iluminou o fascinante perfil de Laura DeLoessian. De novo ficou maravilhado pela semelhança daquele perfil com o perfil da mãe. *Será que elas sempre foram assim parecidas? Será que, quanto mais penso nelas, mais encontro semelhanças entre as duas? Será que as estou reunindo em minha mente, transformando-as numa única pessoa?*

Vendo Jack se aproximar do balcão, o velho se encolheu ainda mais no canto; era como se pretendesse furar a parede e escapar. As palavras começaram a lhe saltar da boca num fluxo histérico. Quando Jack jogou a moeda sobre o balcão como um bandido pedindo um drinque num filme de faroeste, o velho parou subitamente de falar. Fitou a moeda, arregalou os olhos e contorceu a boca molhada de saliva. Os olhos esbugalhados se levantaram e, pela primeira vez, viram realmente o rosto de Jack.

— Jason — ele murmurou com uma voz trêmula. O timbre fraco desapareceu. Agora a voz tremia não de medo, mas de respeito. — Jason!

— Não — disse ele. — Meu nome é...

Então parou, entendendo que a palavra que sairia naquele estranho idioma não seria Jack, mas...

— *Jason!* — o velho gritou e caiu de joelhos. — Jason, você veio! Você veio e a partir de agora tudo vai correr bem, tudo vai correr bem, oh, sim, tudo vai correr bem!

— Ei! — disse Jack. — Ei, olhe...

— *Jason! Jason veio e a rainha vai ficar boa, oh, sim! E tudo vai correr bem!*

Menos preparado para lidar com aquela chorosa adoração do que para enfrentar a aterrorizada truculência do velho zelador da Estação, Jack virou-se para Richard... mas viu que não encontraria qualquer apoio ali. Richard se esticava no chão, à esquerda da porta e, se não caíra mesmo no sono, estava fingindo muito bem.

— Oh, *merda!* — Jack gemeu.

O velho estava de joelhos, balbuciando e chorando. A situação passava rapidamente do campo do meramente ridículo ao totalmente cômico. Jack encontrou uma parte móvel no balcão e atravessou para o outro lado.

— Levante-se, meu bom e fiel servo — disse Jack. Ele se perguntava se Cristo ou Buda tiveram de enfrentar problemas daquele tipo. — Fique de pé, amigo.

— *Jason! Jason!* — o velho soluçava. O cabelo branco tapou as sandálias de Jack quando o homem se curvou para lhe beijar os pés. E não eram apenas toques de lábios, mas verdadeiros e suculentos beijos. Jack começou a rir sem controle. Conseguira escapar com Richard de Illinois e lá estava ele, numa estação em ruínas, no centro de uma grande plantação de cereal, que parecia trigo mas não era. Lá estava ele em algum lugar dos Postos de Fronteira: Richard dormindo perto da porta e aquele estranho velho beijando-lhe os pés e lhe fazendo cócegas com a barba.

— *Levante-se!* — Jack gritou, rindo. Tentou recuar, mas bateu no balcão. — *Levante-se, bom e fiel servo! Fique de pé. Vamos lá, já chega!*

— *Jason!*

Mais um beijo.

— *Agora tudo vai correr bem!*

Beijos e beijos.

E tudo vai ficar bem, Jack pensou atordoado, rindo enquanto o velho continuava beijando-lhe os pés. *Eu não sabia que liam Robert Burns aqui nos Territórios, mas acho que sim...*

Beijos e beijos.

Oh, eu realmente não aguento mais, já chega.

— *DE PÉ* — Jack berrou com toda a força dos pulmões e o velho finalmente se levantou, tremendo e chorando, incapaz de encarar os olhos de Jason. Mas seus ombros, espantosamente largos, tinham se erguido um pouco, tinham perdido aquela aparência vergada e, sem saber muito bem por que, Jack se sentiu satisfeito com isso.

5

JACK LEVOU MAIS de uma hora para conseguir conversar coerentemente com o velho. Sempre que tentava *iniciar* a conversa, Anders, que era cavalição por profissão, reencenava outra de suas louvações: Oh-Jason-meu-Jason-só-tu-podes-nos-livrar-do-mal, e Jack tinha de usar de toda a sua habilidade para acalmá-lo... Antes que Anders começasse de novo a lhe beijar os pés. No entanto, Jack gostou do homem e se solidarizou. E para se solidarizar, só teve de imaginar como se sentiria ao se deparar com Buda ou Jesus num posto de gasolina ou na fila do refeitório do colégio. Teve ainda de reconhecer outro fato duro e elementar: em parte ele não ficara assim tão surpreso com a atitude de Anders. Embora ainda se sentisse basicamente como Jack, estava começando a se sentir cada vez mais como... o outro.

Só que o outro morrerá.

Era uma verdade indiscutível. Jason morrerá e provavelmente Morgan de Orris tivera alguma coisa a ver com a morte dele. Mas caras como Jason sempre acabavam voltando, não era?

Jack considerou bem empregado o tempo que Anders levou para entabular conversa; pelo menos pôde ter certeza de que Richard não estava fingindo, que de fato caíra num sono profundo. Isso era bom, pois Anders tinha muita coisa a dizer sobre Morgan.

Outrora, Anders começou, aquele fora o último entreposto de carruagens do mundo conhecido. Era chamado de Estação dos Postos de Fronteira. Além daquele ponto, o mundo se tornava um lugar monstruoso.

— Monstruoso como? — Jack perguntou.

— Eu não sei — disse Anders, acendendo o cachimbo. Olhou para a escuridão e seu rosto assumiu um ar glacial. — Há histórias sobre as Terras Secas, mas cada uma é diferente da outra e todas começam dizendo: “Eu conheci um homem que conheceu um homem que ficou três dias perdido lá para os lados das Terras Secas e ele disse isso e aquilo.” Eu nunca ouvi uma história que começasse: “*Eu* fiquei três dias perdido lá para os lados das Terras Secas e vi isso e aquilo...” Percebe a diferença, meu senhor?

— Percebo — disse Jack pausadamente. *As Terras Secas.* Aquele simples nome fora suficiente para arrepiar os cabelos de seus braços e da nuca. — Então ninguém sabe o que são essas terras?

— Não com certeza — disse Anders. — Mas se a quarta parte de tudo o que ouvi sobre elas for verdade...

— O que você ouviu?

— Que guardam monstruosidades que fariam as coisas que trabalham nas covas de minério de Orris parecerem quase normais. Que há bolas de fogo que rolam pelas colinas e clareiras áridas, deixando compridos rastros escuros atrás delas... Dizem que os rastros são escuros à luz do dia, mas brilham à noite. E se um

homem se aproxima muito de uma dessas bolas, fica terrivelmente doente. Perde o cabelo e o corpo se enche de feridas. Depois começa a vomitar; talvez se sinta melhor, mas geralmente vomita sem parar até o estômago se romper, a garganta explodir e...

Anders ficou de pé.

— Meus senhor! Por que o senhor virou o rosto desse jeito? Viu alguma coisa lá fora? Algum fantasma nos limites do campo?

Anders se aproximou nervoso da janela e deu uma olhada.

Radiação venenosa, Jack pensou. *Ele não sabe disso, mas descreveu quase em detalhes os sintomas da radiação nuclear.*

No ano anterior, tinha estudado com o professor de ciências as bombas atômicas e as consequências da exposição à radiação nuclear. Além disso, sua mãe participava do movimento antinuclear e do movimento contra a proliferação das usinas atômicas; Jack prestava muita atenção ao que ouvia em algumas reuniões.

Sem dúvida a ideia de radiação nuclear se ajustava perfeitamente à noção de Terras Secas! E então ele percebeu outra coisa: os primeiros testes atômicos tinham sido realizados no oeste. Fora lá que o protótipo da bomba de Hiroxima fora atirado de um avião e observado de uma torre por um grupo de cientistas; fora lá que algumas regiões, habitadas apenas por bonecos e manequins, tinham sido destruídas para que o exército pudesse fazer uma avaliação mais precisa dos resultados de uma explosão nuclear e da consequente tempestade de fogo. E no final os militares tinham retornado a Utah e Nevada, nos confins dos *verdadeiros* Territórios Americanos, e passaram a fazer os testes subterrâneos. Existiam, ele sabia, muitas terras federais de circulação restrita naquelas vastidões, naqueles emaranhados de colinas, penhascos e desertos. E, sem dúvida, o que testavam ali não eram apenas bombas.

Quanta coisa dessa merda Sloat traria para os Territórios se a rainha morresse? E quanto de toda essa merda ele *já* teria trazido? Aquele entreposto de carruagens juntamente com a ponta de trilhos

que Jack vira nos limites da luz da lamparina fariam parte de algum sistema montado por Sloat?

— O senhor parece que não está bem. Nada bem, meu senhor. Está branco como uma folha de papel! Eu sei, eu juro que não está bem.

— Não é nada — Jack respondeu pausadamente. — Sente-se. Continue a história e acenda o cachimbo; ele apagou.

Anders tirou o cachimbo da boca, tornou a acendê-lo e olhou para a janela... Agora seu rosto não tinha apenas um ar glacial, estava desfigurado de medo.

— Logo saberei se as histórias são verdadeiras ou não — disse ele.

— Por quê?

— Porque amanhã, às primeiras luzes da aurora, tenho de partir para as Terras Secas. Vou atravessá-las com aquela máquina diabólica que Morgan de Orris guarda no galpão. E só Deus sabe que hediondo tipo de mercadoria a máquina vai carregar.

Jack fitou-o atentamente, o coração martelando no peito, o sangue zumbindo na cabeça.

— Até onde você vai? Até o oceano? Até o grande corpo de água?

Anders balançou lentamente a cabeça.

— Sim — disse. — Até a água. E...

Sua voz caiu, tornou-se um murmúrio sem fôlego. Os olhos resvalaram de novo para a janela escura, como se ele temesse que alguma coisa inominável pudesse estar vigiando, espreitando, ouvindo na escuridão.

— E lá Morgan se encontrará comigo. Depois a mercadoria será descarregada.

— E levada para onde? — Jack perguntou.

— Para o hotel negro — Anders respondeu numa voz trêmula e baixa.

JACK QUASE EXPLODIU numa enorme gargalhada. *Hotel Negro* — parecia título de um apavorante romance de mistério. E no entanto... no entanto... tudo começara num hotel, não é? No Alhambra, em New Hampshire, na costa do Atlântico. Haveria algum outro hotel, outra sinistra monstruosidade vitoriana na costa do Pacífico? Seria lá que aquela longa e estranha aventura iria terminar? Em algum lugar parecido com o Alhambra, em algum lugar perto de um parque de diversões arruinado? A ideia era terrivelmente fascinante; de um modo insólito, mas preciso, revelava-se de forma mais ampla uma noção de duplicatas, duplicações, Duplos...

— Por que está me olhando desse jeito, meu senhor?

Anders parecia agitado, transtornado. Jack desviou rapidamente o olhar.

— Desculpe. Eu só estava pensando.

Abriu um sorriso tranquilizador e o homem lhe devolveu um olhar hesitante.

— E queria que parasse de me chamar assim.

— Assim como, meu senhor?

— Meu senhor.

— Meu senhor?

Anders parecia confuso. Não estava fazendo eco às palavras de Jack, mas pedindo um esclarecimento. Jack teve o pressentimento de que, se insistisse no assunto, acabaria num beco sem saída de repetições.

— Esqueça — disse ele. Depois inclinou-se para a frente. — Quero que me conte tudo o que sabe. Está certo?

— Vou tentar, meu senhor — Anders respondeu.

A PRINCÍPIO, as palavras vieram devagar. Era um homem solitário, que passara a vida inteira nos Postos de Fronteira e não estava acostumado a falar muito. Agora, no entanto, um rapaz que ele considerava pelo menos régio, senão uma espécie de Deus, lhe ordenara que falasse. Pouco a pouco suas palavras começaram a ficar mais rápidas e, lá pelo fim de sua história inconclusiva, porém tremendamente curiosa, as palavras foram despejadas numa torrente contínua. Não foi difícil para Jack seguir a narrativa, apesar do sotaque do homem, que sua mente ficava traduzindo para uma espécie de zumbido de Robert Burns.

Anders conhecia Morgan porque Morgan era nada mais, nada menos que o Senhor dos Postos de Fronteira. Seu verdadeiro título, Morgan de Orris, não dava conta da real extensão de seu poder. Orris era o mais oriental aquartelamento dos Postos de Fronteira, a única parte realmente organizada daquela grande e remota área. Como Morgan administrava Orris de forma integral e com extremo rigor, governava também, devido à ausência de outros poderes, o resto dos Postos de Fronteira. Além disso, nos últimos 15 anos, os Lobos perversos tinham começado a gravitar em torno de Morgan. A princípio, isso pouco significou, porque eram poucos os Lobos corrompidos (só que a palavra que Anders usou soou quase como *hidrófobos* aos ouvidos de Jack). Mas, nos últimos anos, seu número crescera assustadoramente e, segundo o que Anders tinha ouvido dizer, desde que a rainha adoecera, mais da metade da tribo de pastores lobisomens tinha se deixado corromper. E essas não eram as únicas criaturas que obedeciam ao comando de Morgan de Orris, Anders acrescentou; havia outras, ainda piores. Dizia-se que algumas podiam enlouquecer um homem com uma simples aparição.

Jack lembrou-se de Elroy, o homem-besta da Oatley Tap, e estremeceu.

— Esta parte dos Postos de Fronteira em que estamos agora tem algum nome? — Jack perguntou.

— Meu senhor?

— Como se chama o lugar onde estamos?

— Não tem um verdadeiro nome, meu senhor, mas algumas pessoas chamam isto aqui de Ellis-Breaks.

— Ellis-Breaks — Jack repetiu. Uma imagem da geografia dos Territórios, vaga e provavelmente incorreta em muitos aspectos, finalmente começava a se desenhar em sua mente. Havia os Territórios, que correspondiam ao leste americano; os Postos de Fronteira, que correspondiam ao Meio-Oeste e às Grandes Planícies (Ellis-Breaks? Illinois? Nebraska?); e havia as Terras Secas, que correspondiam ao oeste dos Estados Unidos.

Ele contemplou Anders por tanto tempo e tão francamente que o homem começou a revelar uma certa apreensão.

— Desculpe — disse Jack. — Por favor, continue.

Seu pai, Anders explicou, fora o último condutor de diligências que fazia a “linha” da Estação dos Postos de Fronteira para o leste. Anders fora aprendiz do pai. Mas mesmo naqueles dias já havia tumultos e rebeliões no leste; o assassinato do velho rei e a curta guerra que se seguiu marcaram o início das comoções sociais. Embora a guerra tenha terminado com a coroação da boa rainha Laura, os motins continuaram. E toda a confusão parecia vir das amaldiçoadas e perversas Terras Secas. Segundo alguns, Anders acrescentou, o mal estava começando a dominar inteiramente as regiões do oeste.

— Não sei se o compreendi muito bem — disse Jack, embora no fundo achasse que sim.

— O mal veio do fim da Terra — disse Anders. — Das margens do grande corpo de água, para onde sou obrigado a ir agora.

Em outras palavras, veio do mesmo lugar que meu pai, Jack pensou. Meu pai, eu, Richard... e Morgan. O velho Bloat.

Os problemas, disse Anders, não demoraram a chegar aos Postos de Fronteira, e agora a tribo dos Lobos já fora parcialmente corrompida — até que ponto ninguém podia dizer com precisão, mas o velho disse a Jack que, a seu ver, se não fosse logo detida, a podridão atingiria toda a família lobina. As rebeliões também não tardaram a chegar aos Postos de Fronteira, e agora já tinham alcançado o leste, onde, ele tinha ouvira falar, a rainha jazia doente em seu leito, à beira da morte.

— Mas isso não é verdade, é, meu senhor? — Anders perguntou quase num tom de súplica.

Jack fitou-o dentro dos olhos.

— Acha que eu sei a resposta?

— É claro — disse Anders. — Então não é filho dela?

Por um instante, o mundo inteiro pareceu se tornar muito silencioso aos ouvidos de Jack. O doce rumor dos insetos cessou do lado de fora. Richard fez uma pausa entre duas respirações sonolentas, preguiçosas.

Até o próprio coração de Jack pareceu parar. Talvez seu coração mais do que tudo.

Então, com uma voz perfeitamente calma, ele respondeu:

— Sim... sou filho dela. E é verdade... a rainha está muito doente.

— Mas está morrendo? — Anders insistiu, os olhos agora ostensivamente suplicantes. — Ela está morrendo, meu senhor?

Jack sorriu brevemente e disse:

— Isso ainda vamos descobrir.

ANDERS EXPLICOU QUE, até os problemas começarem, Morgan de Orris não era mais que um senhor de fronteira pouco conhecido; herdara o título de ópera cômica do pai, um gordo e fedorento bobo da corte. O pai de Morgan era alvo de risadas de uma maneira que parecia inesgotável, Anders continuou, e tinha sido assim até a hora da morte.

— Foi acometido de diarreia após um dia bebendo vinho de pêssego e morreu no banheiro.

As pessoas se prepararam para fazer do filho um segundo alvo de risadas, mas a graça acabou quando começaram os enforcamentos em Orris. E quando os problemas começaram nos anos que se seguiram à morte do velho rei, Morgan começou a adquirir importância cada vez maior, despontando no cenário do reino como uma estrela de mau agouro.

Mas, ao menos a princípio, isso fez pouca diferença nos Postos de Fronteira. Aqueles grandes espaços vazios, disse Anders, em geral faziam a política parecer coisa sem importância. Só a mudança mortal na tribo dos Lobos causou uma diferença prática para eles, mas como a maioria dos corrompidos fora para o Outro Lugar, a diferença não foi muito grande (“Isso nos abalou muito pouco, meu senhor”, foi o que Jack achou ter ouvido).

Então, não muito tempo depois da notícia sobre a doença da rainha ter chegado até ali, veio uma caravana de escravos tirados das covas de minério de Morgan; esses escravos eram vigiados por Lobos desgarrados e outras criaturas ainda mais estranhas. O capataz era um homem terrível que carregava sempre um chicote. No início do trabalho, estava constantemente ali; depois desapareceu. Anders, que passara a maior parte daquelas terríveis semanas e meses escondido em sua casa, a cerca de 8 quilômetros para o sul, ficou muito satisfeito quando viu que o sujeito tinha partido. Ouvira rumores de que Morgan levava o homem do chicote para o leste, onde as manobras políticas estavam chegando ao clímax; Anders não sabia se aquilo era verdade ou não, e nem se

preocupava com isso. Achou ótimo que o homem, que às vezes se fazia acompanhar por um menino magro e de aspecto um tanto horripilante, tivesse sumido daquelas paragens.

— O nome — Jack perguntou —, qual era o nome dele?

— Não sei, meu senhor. Os Lobos o chamavam de Homem do Chicote. Os escravos o chamavam simplesmente de demônio. Eu diria que ele era as duas coisas.

— Ele se vestia de maneira elegante? Jaquetas de veludo? Sapatos com fivelas nas pontas?

Anders assentiu com a cabeça.

— Usava muito perfume?

— Oh, sim, muito!

— E o chicote tinha pequenas correias com bolotas de metal.

— Sim, meu senhor. Era um chicote do mal. Ele era muito bom com ele, oh, se era!

Era Osmond. Era Sunlight Gardener. Ele esteve aqui, supervisionando algum projeto de Morgan... Então a rainha adoeceu e Osmond foi chamado de volta ao palácio de verão, onde, pela primeira vez, travou conhecimento comigo.

— E o filho? — Jack perguntou. — Como era o filho dele?

— Magricela — disse Anders pausadamente. — Com um olho flutuante. Isso é tudo de que posso me lembrar. Ele... meu senhor, o filho do Homem do Chicote era difícil de ver. Os Lobos pareciam ter mais medo dele que do pai, embora o rapaz não carregasse chicote. Diziam que era um garoto *turvo*.

— Turvo — Jack repetiu com ar pensativo.

— Sim. Os Lobos descrevem assim alguém que é difícil de enxergar, por mais que olhemos para a pessoa. A invisibilidade é impossível, assim dizem os Lobos, mas o sujeito pode ficar *turvo* se conhecer o truque. A maioria dos Lobos consegue fazer isso, e aquele pequeno filho da puta também conseguia. Por isso eu só me lembro de que era muito magro, tinha um olho flutuante e parecia feio como um pecado sifilítico.

Anders fez uma pausa.

— Adorava machucar os bichos. Pequenos bichos. Costumava trazê-los para baixo da varanda e eu ouvia os gritos mais terríveis...

— Anders estremeceu. — Esta foi uma das razões que me fizeram ficar em casa, sabe. Não gosto de ouvir animais sentindo dor. Fico me sentindo extremamente mal.

Tudo que Anders dizia levantava um sem-número de questões na mente de Jack. Teria gostado particularmente que Anders lhe contasse tudo o que sabia sobre os Lobos. À simples menção deles, Jack experimentou uma sensação de ternura e profunda, dolorosa saudade de *seu* Lobo em particular.

Mas o tempo era curto; pela manhã, o homem começaria sua viagem para o oeste através das Terras Secas e, a qualquer momento, uma horda enlouquecida de estudantes, liderada pelo próprio Morgan, poderia irromper do Outro Lugar, conforme a expressão usada pelo velho. Além disso, Richard podia acordar. Podia querer saber quem era aquele Morgan sobre quem tanto falavam, e quem era aquele garoto *turvo* — um garoto turvo que lembrava profundamente o aluno do Colégio Thayer que ocupava o quarto vizinho ao de Richard.

— A caravana veio — Jack adiantou —, a caravana chegou até aqui e Osmond foi o cabeça, pelo menos enquanto pôde se manter afastado das devoções do culto noturno no reformatório em Indiana...

— Meu senhor? — O rosto de Anders estava de novo perplexo.

— Eles vieram e construíram... o quê?

Jack tinha certeza de que já sabia a resposta, mas queria ouvi-la dos próprios lábios de Anders.

— Ora, os trilhos! — Anders respondeu. — Os trilhos que correm para oeste através das Terras Secas. Os trilhos que terei de percorrer amanhã. — Ele estremeceu.

— Não — disse Jack. Uma quente, tremenda empolgação explodiu como um sol em seu peito. Ficou de pé. Houve novamente um estalo em sua cabeça, aquela terrível, penetrante sensação de grandes coisas se encaixando.

Anders caiu de joelhos com um forte baque ao ver o rosto de Jack se iluminar. Ouvindo o barulho, Richard se sacudiu e sentou-se sonolento no chão.

— Você não vai — disse Jack. — Quem vai somos eu e... — ele apontou para Richard — ... e ele.

— Jack? — Richard fitou-o com cara de sono, uma expressão de míope confusão. — Do que você está falando? E por que esse homem está cheirando o chão?

— Meu senhor... é claro que lhe obedecerei... mas não entendo...

— Você não vai — disse Jack. — Nós é que partiremos. Nós levaremos o trem.

— Mas, por que, meu senhor? — Anders conseguiu perguntar sem se atrever a levantar os olhos.

Jack Sawyer olhou para a escuridão.

— Porque — disse ele — acho que há alguma coisa no fim dos trilhos... No fim ou perto do fim dos trilhos... Uma coisa da qual preciso me apoderar.

INTERLÚDIO

Sloat Neste Mundo (IV)

A 10 DE DEZEMBRO, um Morgan Sloat encasacado sentou-se na pequena e desconfortável cadeira de madeira ao lado da cama de Lily Sawyer. Ele estava com frio, por isso se enrolara no pesado casaco de caxemira e enfiara profundamente as mãos nos bolsos. Sentia-se, no entanto, muito mais feliz do que sua aparência sugeria. Lily estava morrendo. Estava indo de vez para aquele lugar de onde ninguém volta, mesmo se a pessoa for uma rainha deitada numa cama do tamanho de um campo de futebol.

A cama de Lily não era tão grande, e ela não tinha a menor semelhança com uma rainha. A enfermidade subtraía grande parte de seus dotes: emagrecera-lhe o rosto e a deixara uns 20 anos mais velha. Os olhos de Sloat percorreram com ar de avaliação as salientes cordilheiras de ossos em volta dos olhos, o casco de tartaruga na testa. O corpo esquelético não passava de um estreito contorno sob os lençóis e cobertores. Sloat sabia que o Alhambra fora bem pago para deixar Lily Cavanaugh Sawyer sozinha, pois fora ele quem pagara. Até o aquecimento do quarto deixara de funcionar. Lily era a única hóspede do hotel. Além do cozinheiro e do empregado da recepção, só havia no Alhambra três empregadas portuguesas que passavam o dia inteiro limpando o vestibulo. Essas empregadas é que devem ter conservado Lily sob a pilha de cobertores. Sloat reservara a suíte do outro lado do corredor e pedira que o empregado da recepção e as criadas ficassem de olho em Lily.

— Você está com uma aparência melhor — disse Sloat, para ver se ela iria abrir os olhos. — Acho mesmo que há sinais de recuperação.

Sem mover qualquer coisa além da boca, Lily comentou:

— Não sei por que está fingindo ser humano, Sloat.

— Sou o melhor amigo que você tem — Sloat respondeu.

Nesse momento ela abriu os olhos, e eles não estavam suficientemente opacos para satisfazer Sloat.

— Saia daqui — ela murmurou. — Você é cruel demais.

— Estou tentando ajudá-la e gostaria que levasse isso em conta. Tenho todos os papéis, Lily. Tudo que você tem a fazer é assiná-los. Depois que fizer isso, você e seu filho estarão seguros pelo resto da vida. — Sloat contemplou Lily com uma expressão de alegre abatimento. — Aliás, não tenho tido muita sorte em localizar Jack. Tem falado com ele?

— Você sabe que não — disse ela. E não chorou, como Morgan esperava.

— O rapaz já devia estar aqui, você não acha?

— Por que não vai à merda? — Lily respondeu.

— Acho que *vou* usar seu banheiro, se não se importa — disse ele, se levantando. Lily fechou novamente os olhos e ignorou-o. — Espero que ele não tenha se metido em complicações — Sloat observou num tom distraído, caminhando vagarosamente ao lado da cama. — Acontecem coisas terríveis a rapazes na estrada. — Lily continuou em silêncio. — Coisas em que nem gosto de pensar.

Ele atingiu os pés da cama e continuou avançando para a porta do banheiro. Lily jazia sob os lençóis e cobertores como um lenço de papel amarrotado. Sloat entrou no banheiro.

Esfregou as mãos, fechou delicadamente a porta e abriu ambas as torneiras da pia. Depois tirou do bolso do casaco um pequeno frasco marrom de dois gramas e, do bolso interno do paletó, uma pequena caixa que continha um espelho, uma navalha de barbear e um pequeno canudinho de metal. Pôs sobre o espelho cerca de um oitavo de grama da mais pura cocaína peruana que foi capaz de encontrar. Então cortou-a ritualisticamente com a navalha, dividindo-a em duas linhas curtas. Sorveu as linhas pelo canudo, ofegou, inalou com força e prendeu a respiração por um ou dois segundos.

— Aaah!

Suas vias nasais abriram-se como túneis. Lá dentro, a mensagem começou a ser enviada ao cérebro. Sloat molhou as mãos com água e, pelo bem do próprio nariz, umedeceu as narinas com as pontas do polegar e do indicador. Por fim, pegou uma toalha e secou as mãos e o rosto.

Aquele adorável trem, ele se permitiu pensar, *aquele adorável trem. Acho que estou mais orgulhoso dele do que de meu filho.*

Morgan Sloat deleitou-se com a visão de seu precioso trem, que era a mesma coisa em ambos os mundos. Deleitou-se com a visão da primeira manifestação concreta de seu plano, há tanto tempo acalentado, de exportar tecnologia moderna para os

Territórios. Deleitou-se com a visão da chegada do trem a Point Venuti com seu utilíssimo carregamento. Point Venuti! Sloat sorriu quando o efeito da coca lhe atingiu o cérebro, trazendo a habitual mensagem de que tudo ia dar certo, tudo ia dar certo. O pequeno Jack Sawyer seria um garoto de muita sorte se conseguisse sair da pequena e estranha cidade de Point Venuti. Na verdade, considerando-se que teria de atravessar as Terras Secas, precisaria de uma imensa dose de sorte apenas para chegar lá.

Mas a droga lembrou a Sloat que, de um certo ponto de vista, era até preferível que Jack conseguisse vencer todos os perigos, conseguisse escapar de Point Venuti, conseguisse sobreviver ao hotel negro, que não era apenas um amontoado de tábuas, pregos, tijolos e pedra, mas uma coisa viva. Quem sabe ele não lograria se apoderar do talismã com suas mãos de pequeno ladrão. E se isso acontecesse...

Sim, se esse fato absolutamente espantoso viesse a ocorrer, tudo ficaria muito bem! E tanto Jack Sawyer quanto o talismã seriam partidos ao meio.

E ele, Morgan Sloat, finalmente receberia a recompensa que seu talento há tanto tempo merecia. Por um instante, pôde se ver abrindo os braços sobre vastidões cheias de estrelas, sobre mundos entrelaçados como amantes numa cama, sobre tudo o que o talismã protegia, sobre tudo o que ambicionara quando, anos atrás, comprou o Agincourt. Talvez Jack conseguisse tudo isso para ele. Serenidade. Glória.

Para comemorar essa ideia, tirou novamente o frasco do bolso e, sem se preocupar com o ritual da navalha e do espelho, simplesmente usou a colherinha ligada ao frasco para levar o salutar pozinho branco primeiro a uma narina, depois à outra. Serenidade, oh, sim!

Voltou fungando para o quarto. Lily parecia ligeiramente mais animada, mas Sloat estava agora tão bem-humorado que mesmo

aquela pequena evidência de continuidade de vida não o perturbou. Os olhos dela o seguiram singularmente fundos dentro dos círculos de ossos, e brilhando. .

— Então o tio Bloat tem um novo e odioso vício — disse Lily.

— E você está morrendo — Morgan respondeu. — O que acha melhor?

— Tome bastante dessa coisa e logo também estará morrendo.

Sem se deixar abalar pela hostilidade de Lily, Sloat voltou à pequena e instável cadeira.

— Pelo amor de Deus, Lily, fale como uma mulher madura! — ele disse. — Agora todo mundo usa coca. Você está desligada do mundo. Há anos você está desligada do mundo. Quer experimentar um pouco?

Ele tirou o frasco do bolso e sacudiu-o pela corrente ligada à pequena colher.

— Saia daqui.

Sloat agitou o frasco ainda mais perto do rosto de Lily.

Ela se sentou na cama com a agilidade de uma cobra dando o bote e cuspiu na cara dele.

— Sua puta!

Ele recuou, pegando um lenço enquanto a saliva escorria pela sua face.

— Se essa coisa é tão maravilhosa, por que teve de escapular para tomá-la no banheiro? Não responda, apenas me deixe sozinha. Não quero vê-lo de novo, Bloat. Tire sua bunda gordona daqui!

— Você vai morrer sozinha, Lily — disse ele cheio de uma alegria fria, perversa. — Vai morrer sozinha, e esta cômica cidadezinha vai lhe proporcionar um enterro de indigente. E seu filho também vai morrer, porque não conseguirá enfrentar o que está à espera dele. Ninguém voltará a ouvir falar de você nem de Jack. — Sloat sorriu. As mãos rechonchudas fecharam-se em punhos esbranquiçados e cabeludos. — Ainda se lembra de Asher Dondorf,

Lily? Nosso cliente? Ator coadjuvante do seriado *Flanagan and Flanagan*? Estive lendo uma reportagem sobre ele no *The Hollywood Reporter*. Saiu há algumas semanas. Atirou em si mesmo na sala de estar, mas a mira dele não era muito boa, porque em vez de se matar ele só destruiu o céu da boca. Entrou em coma. Ouvi dizer que o coma pode se prolongar por anos a fio, mas ele vai apodrecer por dentro. — Morgan inclinou-se sobre ela e franziu a testa. — Na minha opinião, você e o velho Asher têm muita coisa em comum.

Ela retribuiu o olhar com firmeza. Seus olhos, no entanto, pareciam querer afundar para dentro do crânio. Lembrou uma obstinada desbravadora do oeste com uma velha espingarda numa das mãos e a Bíblia na outra.

— Meu filho vai salvar minha vida — disse. — Jack vai salvar minha vida. Você não conseguirá detê-lo.

— Bem, veremos, não é? — Sloat respondeu. — Veremos...

Capítulo Trinta e Cinco

As Terras Secas

— MAS VAI CHEGAR a salvo, meu senhor? — Anders perguntou, ajoelhando-se diante de Jack com o kilt vermelho e branco estendido à sua volta como uma saia.

— Jack? — Richard chamou, e sua voz era um pequeno e lamuriento fio de som.

— Você chegaria a salvo? — Jack perguntou.

Anders virou para o lado a enorme cabeça branca e franziu a testa, como se Jack lhe tivesse pedido para decifrar uma charada.

Parecia um cachorro peludo perdido.

— Posso chegar a salvo do mesmo modo que você. Foi isso o que eu quis dizer.

— Mas, meu senhor...

— Jack? — veio de novo a voz queixosa de Richard. — Eu dormi e agora já devia ter acordado, mas ainda estou neste lugar estranho... Logo, ainda estou sonhando. Mas quero acordar, Jack, não quero ter mais este sonho. Não. Não quero.

E foi por isso que quebrou seus malditos óculos, Jack pensou consigo mesmo.

— Isto não é um sonho, Richie — ele disse em voz alta. — Teremos de nos pôr a caminho. Vamos fazer uma viagem de trem.

— Hã? — disse Richard, esfregando o rosto e sentando no chão. Se Anders parecia um grande cachorro branco de saias, Richard lembrava um bebê que tivesse acabado de acordar.

— Jason, meu senhor! — Anders exclamou. Jack achou que ele ia chorar... de alívio. — Essa é mesmo sua vontade? É mesmo sua vontade conduzir aquela máquina do diabo pelas Terras Secas?

— Sem a menor dúvida — disse Jack.

— Onde estamos? — Richard perguntou. — Tem certeza de que não estão nos seguindo?

Jack virou-se para o amigo. Richard continuava no chão amarelado e empenado. Piscava com um ar estúpido, o terror ainda o envolvendo como névoa.

— Tudo bem — disse Jack. — Vou responder às suas perguntas. Estamos num trecho dos Territórios chamado Ellis-Breaks...

— Estou com dor de cabeça — disse Richard. Ele fechou os olhos.

— E — Jack continuou — vamos conduzir o trem deste homem pelas Terras Secas até o hotel negro, ou o mais próximo dele que pudermos chegar. É isso, Richard. Acredite você ou não. E

quanto mais rápido formos, mais cedo nos afastaremos daquilo que pode estar tentando nos encontrar.

— Etheridge — Richard sussurrou. — O sr. Dufrey.

Richard observava o interior da velha estação como se esperasse que, a qualquer momento, uma horda de perseguidores irrompesse pelas paredes.

— É um tumor no cérebro, sabe — ele disse a Jack num tom de perfeita sensatez. — Por isso é que estou com essa dor de cabeça.

— Jason, meu senhor — o velho Anders estava dizendo, tão curvado que o cabelo tocava as tábuas do chão —, como o senhor é generoso. Oh, Grande Jason, como é bondoso com seu mais humilde servo! Como é clemente para aqueles que, como eu, não merecem sua abençoada presença!

Ele se arrastou para a frente e, aterrado, Jack percebeu que o homem estava prestes a retomar o louco ritual de lhe beijar repetidamente os pés.

— E um tumor já bem avançado — Richard balbuciou.

— Por favor, levante-se, Anders — disse Jack, recuando um passo. — Levante-se, vamos lá, já chega.

O velho continuou a rastejar para os pés de Jack, balbuciando seu alívio por não ser mais obrigado a suportar as duras provas das Terras Secas.

— LEVANTE-SE! — Jack berrou.

Anders ergueu a cabeça, a testa franzida.

— Sim, meu senhor.

E lentamente se pôs de pé.

— Traga seu tumor cerebral aqui, Richard — disse Jack. — Teremos de descobrir como se maneja este maldito trem!

ANDERS FORA PARA trás do balcão comprido e empenado, abriu uma gaveta e começou a remexer dentro dela.

— Acho que a coisa funciona graças ao poder de demônios, meu senhor — disse ele. — Demônios estranhos, que se movem ruidosamente. Não parecem estar vivos, mas estão. Oh, como estão!

O velho tirou da gaveta a vela mais grossa e comprida que Jack já vira. Depois, puxou de uma pequena caixa uma ripa de madeira, com uns 30 centímetros de comprimento, e aproximou uma das pontas da chama da lamparina. A ripa de madeira entrou em ignição e Anders usou-a para acender a enorme vela. Depois sacudiu o fósforo de um lado para o outro até a chama se transformar num anel de fumaça.

— Demônios? — Jack perguntou.

— Estranhas coisas quadradas. Tenho certeza que os demônios estão dentro delas. Às vezes cospem e soltam faíscas! Vou lhe mostrar, senhor Jason.

Sem dizer mais nada, caminhou depressa para a porta. O quente clarão da vela obscureceu momentaneamente as rugas do seu rosto. Jack acompanhou-o até o lado de fora, na doce vastidão nos confins dos Territórios. Lembrou-se de uma fotografia na parede do escritório de Speedy Parker, uma fotografia que irradiava uma força inexplicável. Percebeu que se encontrava perto do lugar onde a foto tinha sido tirada. Ao longe, estendia-se um contorno de montanha que não lhe era desconhecido. Do sopé da pequena colina, os campos de cereais abriam-se em todas as direções, ondulando em vagas suaves, majestosas. Coçando a testa, Richard Sloat aproximou-se de Jack num passo hesitante. O prateado dos trilhos de metal, destoando do resto da paisagem, prolongava-se infinitamente para o oeste.

— O galpão fica lá atrás, meu senhor — disse Anders em voz baixa, iniciando uma caminhada quase furtiva para o lado da estação. Jack deu mais uma olhada na montanha distante. Agora já se parecia menos com a montanha da foto de Speedy; agora era uma montanha do oeste, não do leste.

— Que história é essa de Jason-meu-senhor? — Richard cochichou em sua orelha. — Ele pensa que o conhece.

— É difícil de explicar — disse Jack.

Richard puxou o lenço do pescoço, depois agarrou o braço de Jack. O velho aperto conhecido de Jack.

— O que houve com o colégio, Jack? O que houve com os cachorros? Onde estamos?

— Apenas venha comigo. Provavelmente, você ainda está sonhando.

— Sim — disse Richard num tom do mais puro alívio. — Sim, é isso, não é? Ainda estou dormindo. Você me contou toda aquela besteira sobre os Territórios e agora estou sonhando com isso.

— Pois é — disse Jack e foi atrás de Anders. O velho segurava a enorme vela como um archote e, contornando os fundos do outeiro, dirigiu-se para outra construção octogonal, um pouco maior que a primeira. Os dois garotos o seguiam através de uma relva alta e amarela. Uma luminosidade mortiça derramava-se de um globo transparente, revelando que aquela segunda construção era aberta em duas extremidades, como se a área tivesse sido cortada ao meio. Os trilhos prateados do trem cruzavam essas aberturas. Anders chegou ao galpão e parou à espera dos garotos. Agarrado à vela chamejante, crepitante, de barba comprida e roupas estranhas, parecia uma criatura de lenda ou de conto de fadas, um bruxo, um feiticeiro.

— Essa coisa não saiu daqui desde que chegou, e que os demônios a guiem de agora em diante. — Anders fez uma careta e todas as rugas se aprofundaram. — É uma invenção do inferno. Uma coisa maldita, pode ter certeza. — Olhava para trás por cima

do ombro depois que os garotos estavam à frente dele. Jack percebeu que Anders sequer suportava a ideia de ficar no galpão ao lado do trem. — A bordo já há muita carga e o cheiro dela também veio do inferno.

Jack deu um passo à frente, obrigando Anders a segui-lo. Richard cambaleava atrás dos dois, sempre esfregando os olhos. O pequeno trem estava virado para o oeste. Uma locomotiva de aparência estranha, um vagão de carga fechado e um vagão-plataforma coberto por uma lona formavam a composição. Deste último carro vinha o cheiro de que Anders reclamara. Era um cheiro errado, não pertencente aos Territórios, metálico, gorduroso.

Richard foi imediatamente para um dos ângulos interiores do galpão, sentou-se no chão, encostou-se na parede e fechou os olhos.

— Já viu isto funcionar, meu senhor? — Anders perguntou em voz baixa.

Jack assentiu com a cabeça e seguiu os trilhos até a frente do trem. Sim, lá estavam os “demônios” de Anders. Eram baterias elétricas, exatamente como Jack desconfiara. Dezesseis baterias, encaixadas num compartimento de metal ligado às engrenagens da cabine da locomotiva. A locomotiva lembrava uma versão mais sofisticada de um carrinho-bicicleta de entregas, só que no lugar do selim e pedais havia a pequena cabine. E a cabine fez Jack lembrar-se de mais alguma coisa... uma coisa que não soube identificar de imediato.

— Os demônios falam com a vareta vertical — disse Anders atrás dele.

Jack subiu à pequena cabine. A “vareta” que Anders mencionara era uma alavanca fixada num escaninho com três entalhes. E então Jack descobriu com o que se parecia a locomotiva. O trem fora construído exatamente como um carrinho de golfe. Movido a bateria, tinha apenas três marchas: para a frente, ponto morto e marcha a ré. Possivelmente, era o único tipo de trem

que podia funcionar nos Territórios; devia ter sido construído por encomenda para Morgan Sloat.

— Os demônios nas caixas cospem faíscas e falam com a vareta. Então a vareta faz o trem andar, meu senhor.

Anders pairava ansioso ao lado da cabine, o rosto contorcido num espantoso desfile de rugas.

— Você ia partir amanhã de manhã? — Jack perguntou.

— Sim.

— Mas o trem está pronto agora?

— Sim, meu senhor.

Jack assentiu e pulou da cabine.

— Qual é a carga?

— Coisas do demônio — disse Anders de cara fechada. — Para os Lobos corruptos. A serem levadas para o hotel negro.

Se eu partisse agora, Jack pensou, ganharia um ponto de vantagem sobre Morgan Sloat. E olhou inquieto para Richard, que conseguira adormecer de novo. Se não fosse pelo cabeça-dura, hipocondríaco e racional Richard, talvez ele nunca tivesse se deparado com o trem de Sloat. E Sloat conseguiria facilmente empregar contra ele as “coisas do demônio” — certamente armas — assim que o visse se aproximar do hotel negro. Agora Jack tinha certeza de que o hotel marcaria o fim de sua jornada. E tudo aquilo parecia indicar que Richard, por mais desamparado ou irritante que parecesse naquele momento, ainda ia desempenhar um papel fundamental na busca do talismã. O filho de Sawyer e o filho de Sloat; o filho do Príncipe Philip Sawtelle e o filho de Morgan de Orris. Por um instante o mundo rodopiou em volta de Jack e ele teve a percepção nítida de que Richard seria essencial ao que teria de ser feito no hotel negro. Então Richard fungou e deixou o queixo cair. A sensação de momentânea compreensão escapuliu da mente de Jack.

— Vamos dar uma olhada nessas coisas do demônio — disse ele. Deu meia-volta e caminhou por toda a extensão do trem.

Reparou que o chão do galpão era dividido em duas partes: uma delas era uma grande massa redonda, como um enorme prato de jantar. Depois havia uma fenda e o trecho além do perímetro do círculo estendia-se até as paredes. Jack nunca tinha visto uma rotunda de locomotivas, mas sabia mais ou menos o que era: a parte circular do chão podia girar 180 graus. Normalmente, os trens viriam do leste e voltariam na mesma direção.

A lona sobre a carga fora amarrada com uma corda marrom. Era muito grossa e áspera como palha de aço. Jack conseguiu levantar uma ponta, espiou por baixo, mas viu apenas escuridão.

— Me ajude — disse ele, virando-se para Anders.

Franzindo ainda mais a testa, o homem deu um passo à frente e, com um gesto forte e ágil, soltou um dos nós. A lona afrouxou. E então, ao levantar novamente uma ponta, Jack constatou que metade do vagão-plataforma estava carregado de caixas de madeira com a inscrição: PEÇAS DE MÁQUINAS AUTOMÁTICAS. *Armas*, peças de metralhadora, ele pensou: Morgan estava armando os Lobos rebeldes.

A outra metade do espaço sob a lona estava ocupada por volumosos pacotes retangulares de uma substância de aparência pastosa, embrulhada em camadas de plástico. Jack não tinha ideia do que aquilo poderia ser, mas sem a menor dúvida não era pão Wonder Bread. Deixou cair a lona e recuou um passo. Anders puxou a corda e refez o nó.

— Vamos sair hoje à noite — disse Jack, com um ar de súbita resolução.

— Mas Jason, meu senhor... as Terras Secas... à noite... o senhor não sabe...

— Sei muito bem — disse Jack. — Sei muito bem que preciso aproveitar o fator surpresa. Morgan e aquele sujeito que os Lobos chamam de Homem do Chicote estarão à minha procura, e se eu aparecer 12 horas antes da hora prevista para a chegada do trem, Richard e eu teremos maiores chances de escapar com vida.

Anders balançou sombriamente a cabeça, de novo lembrando um cachorro muito grande se acostumando com uma novidade infeliz.

Jack voltou a olhar para Richard. Ele estava dormindo sentado e de boca aberta. Como se adivinhasse o que se passava na mente de Jack, Anders também olhou para o sonolento Richard.

— Morgan de Orris teve um filho? — Jack perguntou.

— Teve, meu senhor. O fruto do breve casamento de Morgan foi um menino chamado Rushton.

— E o que houve com Rushton? Como se eu não pudesse adivinhar.

— Morreu — Anders respondeu sucintamente. — Morgan de Orris não nasceu para ser pai.

Jack estremeceu, recordando como seu inimigo rasgara caminho pelo ar e quase matara todo o rebanho de Lobo.

— Vamos partir — disse ele. — Pode me ajudar a pôr Richard na cabine, Anders?

— Meu senhor...

Anders deixou pender a cabeça, depois tornou a erguê-la com um ar de preocupação paterna.

— A viagem até a costa oeste levará pelo menos dois dias, talvez três. O senhor tem alguma comida? Não quer compartilhar minha refeição noturna?

Impaciente para dar início à última fase de sua jornada até o talismã, Jack ainda esboçou uma negativa, mas seu estômago roncou abruptamente, avisando-o de que já se passara muito tempo desde que digerira os Ring-Dings e os biscoitos velhos Famous Amos no quarto de Albert, o Bolha.

— Bem — disse ele —, acho que perder mais meia hora não vai fazer muita diferença. Obrigado, Anders. Ajude-me a levantar Richard, está bem?

E talvez, Jack pensou, não estivesse assim tão ansioso para se lançar na travessia das Terras Secas.

Os dois puseram Richard de pé. Richard abriu os olhos como um ratinho indefeso, sorriu e caiu outra vez no sono.

— Comida — disse Jack. — Comida de verdade. Vai querer, amigão?

— Eu nunca como nos sonhos — Richard respondeu com surrealista racionalidade. Bocejou, esfregou os olhos, e pouco a pouco foi se equilibrando no chão, deixando de se apoiar em Anders e Jack. — Mas, para dizer a verdade, estou com muita fome. Este sonho parece interminável, você não acha, Jack? — Ele parecia quase orgulhoso.

— Acho — Jack respondeu.

— Me diga, é este o trem que vamos tomar? Parece de desenho animado.

— É.

— Sabe conduzi-lo, Jack? O sonho é meu, eu sei, mas...

— É mais ou menos como operar meu velho trenzinho elétrico — disse Jack. — Posso muito bem conduzi-lo. E você também, Richard.

— Não quero — disse Richard, e o tom queixoso, lamuriento, voltou de novo à sua voz. — Não quero subir neste trem. Quero voltar para o meu quarto.

— Mas antes venha conosco e coma alguma coisa — disse Jack, guiando Richard para fora do galpão. — Depois vamos iniciar nossa viagem para a Califórnia.

E assim, pouco antes dos dois penetrarem nas Terras Secas, os Territórios mostraram aos garotos uma de suas belas faces. Anders ofereceu-lhes boas e grossas fatias de pão, sem dúvida feito do cereal que crescia ao redor da Estação, pedaços de uma carne macia, gostosos e suculentos vegetais que eles não conheciam, um cheiroso suco rosado que, por alguma razão, Jack achou que fosse mamão, embora soubesse que não era. Richard comeu e bebeu

quase num estado hipnótico. O suco escorreu pelo seu queixo e foi Jack quem teve de limpá-lo.

— Califórnia — ele disse uma vez. — Eu devia ter imaginado.

Presumindo que Richard estivesse fazendo alusão à fama de loucura que aquele estado possuía, Jack não fez perguntas. Estava mais preocupado com o estrago que os dois estavam causando no possivelmente limitado estoque de comida de Anders. O velho, porém, continuava remexendo atrás do balcão, onde ele ou o pai dele tinham instalado um pequeno fogão à lenha. Sempre voltava com novos pratos: bolinhos de milho, geleia de mocotó, coisas que lembravam coxas de galinha, mas tinham um gosto... de quê? Incenso e mirra? Flores? O sabor era tão espantoso que fazia a saliva explodir na língua de Jack. Ele teve medo de começar a babar.

Os três estavam sentados numa pequena mesa, sob a luz suave e aconchegante da Estação. No fim da refeição, Anders foi buscar, quase com timidez, um jarro pesado, cheio até a metade com um vinho tinto. Sentindo como se estivesse seguindo o script de outra pessoa, Jack tomou um pequeno copo.

3

DUAS HORAS DEPOIS, começando a se sentir sonolento, Jack se perguntou se aquela refeição enorme não fora um tremendo erro. Antes de mais nada, houve a partida de Ellis-Breaks e da Estação, que não fora fácil; em segundo lugar, houve Richard, que ameaçava ficar totalmente maluco; e em terceiro, e acima de tudo, haveria as Terras Secas. Que eram mais loucas do que Richard jamais seria e que, sem dúvida, exigiriam atenção redobrada.

Após o jantar, os três voltaram ao galpão e os problemas começaram. Jack sabia que estava com medo do que ia encontrar pela frente — e, ele agora sabia, o medo era plenamente justificável. Talvez sua excitação nervosa não o tenha feito se comportar tão bem quanto seria de desejar. A primeira dificuldade surgiu quando tentou pagar o velho Anders com a moeda que o capitão Farren lhe dera. Anders reagiu como se o amado Jason tivesse lhe dado uma punhalada nas costas. Sacrilégio! Blasfêmia! Ao oferecer a moeda, Jack fez mais do que apenas insultar o velho cavalariaço; tinha metaforicamente esfregado lama na religião do homem. Seres divinos revividos de forma sobrenatural por certo não devem oferecer moedas a seus seguidores. Anders ficara suficientemente transtornado para quase esmagar a mão dando um soco na “caixa do demônio”, como ele chamava o recipiente de metal que continha as baterias, e Jack percebeu que Anders se sentira fortemente tentado a atingir outro alvo além do trem. Jack conseguira apenas uma trégua parcial: Anders não aceitava suas desculpas assim como não aceitava seu dinheiro. O velho finalmente se acalmou assim que percebeu a intensidade do arrependimento de Jack, mas só voltou a seu estado normal quando Jack comentou em voz alta que a moeda do capitão Farren podia ter outras funções, outros papéis a desempenhar para ele.

— Você não é Jason completamente — disse sombriamente o homem —, mas a moeda da rainha poderá lhe ajudar a cumprir seu destino.

Anders balançou gravemente a cabeça. Seu aceno de adeus foi nitidamente desprovido de entusiasmo.

Mas uma boa parte de toda a confusão correu por conta de Richard. O que começara como uma espécie de pânico infantil rapidamente se transformara em pleno terror. Richard se recusara a entrar na cabine. Durante muito tempo, ficou vagando pelo galpão, sem ao menos olhar para o trem, um tanto atordoado, mas aparentemente calmo. No entanto, ao perceber que Jack pretendia

de fato embarcá-lo naquela coisa, todo o seu controle desmoronou; e, estranhamente, o que mais o perturbou foi a ideia de ir para a Califórnia.

— NÃO! NÃO! NÃO POSSO! — berrou quando Jack insistiu para que subisse no trem. — QUERO VOLTAR PARA MEU QUARTO!

— Eles podem estar nos seguindo, Richard — disse Jack, cansado. — Temos de ir em frente. — Estendeu a mão e pegou Richard pelo braço. — Isto não passa de um sonho, esqueceu?

— Oh, Senhor, oh, Senhor — Anders exclamou movendo-se transtornado pelo interior do galpão. Jack percebeu que, pelo menos daquela vez, o cavaliço não estava se dirigindo a ele.

— TENHO DE VOLTAR PARA O MEU QUARTO! — Richard trovejou. Fechara e apertara os olhos com tanta força que uma ruga lhe correu de uma têmpora à outra.

Ecos de Lobo novamente. Jack tentou puxar Richard para o trem, mas o garoto resistia como uma mula.

— NÃO POSSO ENTRAR! — berrava.

— Bom, você também não pode ficar aqui — disse Jack. Fez outro inútil esforço para arrastar Richard até o trem, e dessa vez realmente conseguiu puxá-lo 30 ou 50 centímetros. — Richard — disse ele —, isso é ridículo. Quer ficar aqui sozinho? Quer que eu o deixe sozinho nos Territórios? — Richard balançou a cabeça. — Então venha comigo. Está na hora. Daqui a dois dias estaremos na Califórnia.

— Mau negócio... — Anders murmurou consigo mesmo observando os rapazes. Richard continuava balançando a cabeça, reiterando uma obstinada negativa.

— Não posso ir pra lá — ele repetiu. — Não posso subir neste trem e ir pra lá.

— Para a Califórnia?

Richard mordeu com força os lábios e fechou novamente os olhos.

— Oh, diabo — disse Jack. — Pode me ajudar, Anders?

O enorme velho lançou-lhe um olhar de desânimo, quase de aversão, depois aproximou-se de Richard e pegou-o no colo (como se Richard fosse do tamanho de um filhote de cachorro). O garoto deixou escapar um pequeno gemido infantil. Anders soltou-o no banco estofado da cabine.

— Jack! — Richard gritou, temendo que o amigo fosse deixá-lo seguir sozinho para as Terras Secas.

— Estou aqui — disse Jack, já escalando a cabine pelo outro lado. — Obrigado, Anders.

O velho cavaleiro balançou sombriamente a cabeça e retirou-se para um canto do galpão.

— Tome cuidado.

Richard começara a chorar, mas Anders olhou-o sem piedade.

Jack apertou o botão da ignição e, assim que o motor começou a funcionar, duas enormes centelhas azuis pularam da “caixa do demônio”.

— Aqui vamos nós — Jack disse e empurrou a alavanca para a frente. O trem começou a deslizar para fora do galpão. Richard choramingava e abraçava os próprios joelhos. Dizendo coisas tipo “Absurdo!” ou “Impossível!” (os esses sibilavam no ouvido de Jack), enterrou o rosto entre os joelhos. Parecia estar tentando transformar-se numa bola. Jack acenou para Anders, que devolveu o aceno. Logo estavam fora do galpão iluminado; logo estavam cobertos pela vastidão do céu escuro. A silhueta de Anders apareceu na abertura por onde o trem passara, como se ele tivesse decidido correr atrás dos dois. Por certo o trem não seria capaz de fazer mais de 50 quilômetros por hora, e naquele momento devia estar dando uns dez ou 15. Era de uma lentidão exasperante. Para oeste, Jack dizia para si mesmo. Para oeste, oeste, oeste! Anders recuou para o interior do galpão. Sua barba caía sobre o peito como uma camada de neve. O trem seguia em frente; outra centelha azul

sibilou. Jack se virou no assento acolchoado para ver o que havia na frente.

— NÃO! — Richard gritou, quase fazendo Jack cair da cabine.

— EU NÃO POSSO! NÃO POSSO IR PRA LÁ!

Ele tirara a cabeça dos joelhos, mas continuava fechando com força os olhos. Todo o seu rosto lembrava um nó cego.

— Fique quieto — disse Jack.

Os trilhos seguiam como flechas através de intermináveis campos de cereais oscilando no vento; recortes escuros de montanhas flutuavam como velhos dentes nas nuvens do oeste. Jack olhou uma última vez para trás e viu o pequeno oásis de calor e luz da Estação e do galpão. O oásis resvalava lentamente para a escuridão. Anders era um vulto alto e esguio num umbral iluminado de porta. Jack lhe deu uma aceno final e o vulto retribuiu. Depois Jack olhou ao redor e contemplou a imensidão do campo de cereal, toda aquela lírica distância se estendendo na noite. Se as Terras Secas fossem assim, sem dúvida os próximos dois dias seriam positivamente relaxantes.

Mas obviamente as Terras Secas não eram assim. Mesmo na escuridão do luar, ele podia perceber que o cereal ia se tornando ralo e mirrado — a mudança começara aproximadamente meia hora depois que o trem partiu da Estação. Agora o colorido já parecia estranho, quase artificial, não mais o bonito amarelo orgânico que ele vira antes, mas o amarelo de alguma coisa situada bem perto de uma poderosa fonte de calor — o amarelo de alguma coisa que perdera grande parte de sua força vital. Richard agora estava desse mesmo jeito. Por algum tempo, ficou respirando rapidamente, depois chorara silenciosa e abertamente como uma moça desprezada, em seguida caíra num sono agitado. “Não posso voltar pra lá”, ele murmurara dormindo ou, pelo menos, foram essas as palavras que Jack pensou ter ouvido. Dormindo, ele parecia definhar.

Todo o aspecto da paisagem começara a se alterar. Em vez da vastidão das planícies de Ellis-Breaks, o terreno apresentava agora pequenas concavidades e vales escuros, cheios de árvores negras. Havia penedos por toda parte. Lembravam crânios, ovos, dentes gigantes. O próprio solo tinha se alterado, tornando-se muito mais arenoso. Duas vezes os paredões dos vales quase se fecharam sobre os trilhos, e tudo o que Jack pôde ver de ambos os lados do trem foram penhascos avermelhados, cobertos de plantas rastejantes. De vez em quando, via algum animal correndo para se esconder, mas a luz era fraca demais, e o animal rápido demais para poder ser identificado. Jack, porém, teve a estranha sensação de que se o animal ficasse imóvel no meio da Rodeo Drive ao meio-dia em ponto, ele ainda seria incapaz de identificá-lo. Teve a leve impressão de que a cabeça possuía duas vezes o tamanho normal; a leve impressão de que o animal ficaria mais bem escondido da visão humana.

Depois de uma hora e meia, Richard começou a gemer em seu sono, e a paisagem se tornara extremamente esquisita. Na segunda vez que o trem emergiu de um dos vales claustrofóbicos, Jack foi surpreendido por uma sensação de repentina vastidão — a princípio, foi como ter voltado aos Territórios propriamente ditos, à terra dos sonhos de olhos abertos. Então, mesmo no escuro, reparou que as árvores eram esqueléticas e tortas; depois reparou no cheiro. Provavelmente a coisa fora lentamente tomando vulto em sua consciência, mas só após ter visto como as poucas árvores espalhadas pela planície tinham se enroscado como animais torturados, notou o fraco, porém inequívoco cheiro de podridão no ar. Podridão, podridão infernal. Ali os Territórios fediam (ou quase).

O odor de flores há muito apodrecidas impregnava a terra; e, como no caso de Osmond, havia sob esse cheiro um odor mais forte e denso. Se Morgan, sob qualquer uma de suas faces, tivesse causado aquilo, então se podia dizer que ele trouxera a própria morte para os Territórios.

Agora não havia mais cavidades ou vales fechados, agora a terra parecia um vasto deserto vermelho. A deformidade das árvores apenas manchava as encostas do grande deserto. Diante de Jack, as vigas prateadas dos trilhos desdobravam-se pela vastidão escura e vermelha; do seu lado, o vazio também se estendia através da noite.

A região parecia completamente desolada. Por várias horas Jack não conseguiu divisar qualquer coisa maior que pequenos e disformes animais escondendo-se nos barrancos do leito da estrada de ferro. Às vezes julgava perceber um súbito movimento deslizante pelo canto do olho. Virava a cabeça e não via nada. A princípio achou que estava sendo seguido. Depois, durante um confuso período de tempo (que não durou mais que vinte ou trinta minutos), imaginou que estava sendo perseguido pelas coisas caninas do Colégio Thayer. Para onde quer que olhasse, era como se algo tivesse acabado de se mover; tivesse, por exemplo, se esgueirado para trás de uma das árvores contorcidas ou mergulhado na areia. Durante esse intervalo de tempo, o amplo deserto das Terras Secas não parecia realmente vazio ou morto, mas repleto de formas deslizantes, furtivas. Jack empurrou para a frente a alavanca do trem (como se isso pudesse ajudar); insistia para que o trenzinho fosse mais depressa, mais depressa. Choramando, Richard continuava afundado no encosto do assento. Jack imaginou todos aqueles seres, todas aquelas coisas, nem humanas nem caninas, correndo na direção dos dois e pediu a Deus que os olhos de Richard permanecessem fechados.

— NÃO! — Richard gritou, ainda dormindo.

E então Jack quase caiu da cabine. Pôde ver Etheridge e o sr. Dufrey galopando atrás deles. Iam ganhando terreno, as línguas pendendo das bocas, os ombros oscilando na carreira. No instante seguinte percebeu que vira apenas sombras viajando ao lado do trem. Os velozes alunos e diretor do Colégio Thayer tinham apenas cintilado por alguns momentos, como velas de bolo de aniversário.

— PARA LÁ NÃO! — Richard berrou. Jack respirou fundo. Ele, eles estavam salvos. Por certo superestimavam os perigos das Terras Secas. Daí a poucas horas, o sol nasceria de novo. Jack levantou o relógio e viu que tinha partido há menos de duas horas. A boca se abriu num enorme bocejo e se arrependeu de ter exagerado na comida que Anders servira na Estação.

Aquilo lá ia ser moleza...

E quando começava a se lembrar das frases de Burns que o velho Anders tinha surpreendentemente citado, viu a primeira das bolas de fogo. Aquilo acabou de vez com sua tranquilidade.

4

UMA BOLA DE LUZ de pelo menos 3 metros de diâmetro rolou pela linha do horizonte. Foi um chiado incandescente, a princípio apontado diretamente para o trem.

— Puta merda — Jack murmurou para si mesmo, lembrando do que Anders dissera sobre as bolas de fogo. *Se um homem se aproxima muito de uma dessas bolas, fica terrivelmente doente. Perde o cabelo e o corpo se enche de feridas. Depois começa a vomitar, vomita sem parar até o estômago se romper, a garganta explodir e...*

Jack engoliu em seco. Foi como engolir um punhado de pregos.

— Por favor, Deus! — ele rogou em voz alta. A gigantesca bola de luz corria a toda a velocidade em sua direção, como se possuísse vontade própria e tivesse decidido eliminar Jack Sawyer e Richard Sloat da face da Terra. Envenenamento por radiação. O estômago de Jack se contraiu, os testículos congelaram.

Envenenamento por radiação. Vomita sem parar até o estômago se romper...

O excelente jantar que Anders lhe dera quase saiu do seu estômago.

A bola de fogo continuava a rolar diretamente para o trem, atirando centelhas e sibilando sua energia incandescente. Atrás dela se estendia uma brilhante trilha dourada, marcando fantasticamente a terra de clarões flamejantes. Quando a bola pulou sobre o terreno, ricocheteando como uma gigantesca bola de tênis e desviando-se para a esquerda, Jack teve a primeira visão realmente nítida das criaturas que ele julgava estarem seguindo o trem. A luz dourado-avermelhada da bola de fogo e os clarões que ela provocava na terra iluminaram um bando de animais de aparência disforme que estavam obviamente seguindo mesmo o trem. Eram cães, ou tinham sido cães, ou pelo menos seus ancestrais teriam sido cães. Jack lançou um olhar inquieto a Richard, certificando-se de que ele ainda estava dormindo.

As criaturas atrás do trem rastejavam no chão como serpentes. As cabeças lembravam focinhos de cachorros, mas os corpos tinham apenas rudimentares pernas traseiras e pareciam desprovidos de pelos ou caudas, ao menos pelo que Jack podia ver. Pareciam molhadas. A pele rosada brilhava como a pele de um camundongo recém-nascido. Rosnavam, odiando terem sido vistas. O que Jack tinha visto nas margens da estrada de ferro eram aqueles terríveis seres mutantes. Expostos, rastejando como répteis, eles sibilavam e rosnavam e começaram a se afastar — também tinham medo das bolas de fogo e das marcas que as bolas de fogo deixavam na terra.

Então Jack captou o odor da bola de fogo, agora voltando-se rapidamente, quase iradamente para o horizonte, incendiando em sua passagem uma fileira inteira de árvores esqueléticas. Fogo do inferno, podridão.

Outra bola de fogo chegou cruzando o horizonte e continuou a avançar para o lado esquerdo de Jack. Sentiu um aroma de ódio, de más intenções frustradas. Com o coração na boca, Jack imaginou encontrar tudo isso no estranho cheiro irradiado pela bola. Miando, a multidão de cachorros mutantes se dispersara entre as árvores retorcidas, um rumor de movimento furtivo, um *shhhh* de pesados corpos sem pernas rastejando pela poeira vermelha. Quantos desses seres haveria ali? Da base de uma árvore calcinada, que tentava esconder a copa no tronco, dois daqueles cães deformados arreganharam dentes afiados.

Então, outra bola de fogo guinou sobre o vasto horizonte, executou uma trajetória chamejante bem ao longe na frente do trem e, por um instante, Jack vislumbrou o que parecia ser um pequeno galpão em ruínas, bem abaixo de uma lombada. Na frente do galpão havia um grande vulto humanoide, macho, de olhos fixos nele. Transmitia uma sensação de truculência, pilosidade excessiva, força, malícia...

Jack tinha plena consciência de que a lentidão do pequeno trem de Anders o expunha à investida de qualquer coisa que quisesse investigá-lo um pouco mais de perto. A primeira bola de fogo dispersara as horrendas coisas caninas, mas talvez os habitantes humanos das Terras Secas podiam ser mais difíceis de dispensar. Antes que o clarão da bola diminuísse, Jack observou que o vulto diante do galpão estava acompanhando o progresso do trem, virando uma grande cabeça cabeluda na direção da cabine. Se o que ele tinha visto eram cães, como seriam as pessoas? Nos últimos reflexos da luz chamejante da bola de fogo, o ser humanoide saiu correndo pelo lado do galpão. Uma grossa cauda de réptil despontava de suas costas. Depois que a coisa sumiu, houve apenas noite outra vez; mais nada — cães, homem-animal, galpão — era visível. Jack chegou a duvidar que tivesse realmente visto tudo aquilo.

Richard se sacudiu no meio do sono, e Jack empurrou a alavanca com a mão, tentando inutilmente ganhar mais velocidade. Aos poucos o rosnar dos cães foi diminuindo. Suando, Jack levantou o punho esquerdo até a altura dos olhos e viu que só haviam passado quinze minutos desde a última vez que consultara o relógio. Ficou espantado por bocejar de novo, e de novo se arrependeu de ter comido tanto na Estação.

— NÃO! — Richard gritou. — NÃO! EU NÃO POSSO IR PRA LÁ!

Para lá?, Jack se perguntou. Onde era “lá”? Califórnia? Ou seria algum lugar ameaçador, um lugar que o autocontrole de Richard, tão imprevisível quanto um cavalo selvagem, podia acabar escapando dele?

5

JACK PASSOU a noite inteira diante da alavanca de comando. Richard dormia. Os rastros deixados pelas bolas de fogo ainda cintilavam na superfície vermelha da terra. O odor de flores mortas e podridão enchia o ar. De vez em quando, Jack ouvia o rumor dos cães mutantes ou de outras pobres criaturas vindo das raízes das árvores esqueléticas que manchavam a paisagem. As baterias soltavam centelhas azuis. O estado de Richard estava além do mero sono. Era uma espécie de inconsciência que, até certo ponto, ele mesmo provocara. Não dava mais gritos torturados. Limitava-se a afundar cada vez mais no canto da cabine e respirar debilmente, como se a respiração exigisse mais energia do que ele possuía. Jack desejava e ao mesmo tempo temia a chegada da luz do dia. Sabia que, quando o dia raiasse, conseguiria ver os animais; o que mais, porém, ele teria que ver?

Veza por outra, dava uma olhada em Richard. A pele do amigo parecia singularmente pálida; era uma sombra de cera, quase fantasmagórica.

6

A MANHÃ TROUXE um lento dissipar da escuridão. Uma faixa rosada apareceu em forma de arco na linha do horizonte oriental. Logo uma segunda tira, rosa mais clara, cresceu sobre a primeira, empurrando cada vez mais o clarão de luz para o alto do céu. Os olhos de Jack estavam quase tão vermelhos quanto a alvorada, e as pernas lhe doíam. Richard estendera-se por todo o assento da cabine, ainda respirando de um modo quase sufocado, quase relutante. Era verdade, Jack percebeu, o rosto de Richard parecia estranhamente cinzento. As pálpebras tremeram por causa de um sonho, e Jack desejou ansiosamente que o amigo não deixasse escapar outro de seus gritos. A boca de Richard se abriu, mas o que pulou l de dentro foi uma ponta de língua, não um berro estridente. Richard passou a língua pelo lábio superior, roncou, depois tornou a mergulhar em seu estranho coma.

Embora Jack estivesse louco para sentar um pouco e fechar os olhos, Jack não o perturbou. Quanto mais Jack via enquanto o sol se erguia no horizonte e revelava em detalhes o panorama das Terras Secas, mais ele desejava que Richard continuasse naquele estado de inconsciência, pelo tempo que ele conseguisse suportar as condições no desengonado trenzinho de Anders. Não estava nada ansioso para testemunhar a reao de Richard Sloat às idiossincrasias das Terras Secas. Uma dose pequena de dor, uma

certa exaustão, tudo isso era um preço mínimo a pagar pela paz temporária que o desfalecimento de Richard lhe proporcionava.

O que ele via pelas pupilas contraídas era uma paisagem onde tudo parecia seco e mirrado. Sob o luar, a região parecera um vasto deserto, embora um deserto salpicado de algumas árvores. Agora Jack percebia que o “deserto” não era nada disso. O que confundira com uma variedade avermelhada de areia não passava de um solo muito fofo, poeirento. Parecia que um homem ficaria enterrado nele até os tornozelos, se não até os joelhos. Daquele solo extremamente seco brotavam as árvores de aspecto miserável. Mesmo à luz do dia, tinham praticamente a mesma aparência noturna: formas esqueléticas e contorcidas, como se as copas tentassem se enroscar nas raízes que cresciam em espirais. A paisagem não era nada boa; sem dúvida seria péssima para o racional Richard. Vistas de lado, as árvores lembravam criaturas em grande tormento: os galhos, braços retesados de dor; os nós dos troncos, faces imobilizadas num grito. De certos ângulos, Jack podia ver com riqueza de detalhes a tortura dos rostos estampados naqueles troncos: o grande O formado pelas bocas, os olhos esbugalhados, os narizes torcidos, as longas, angustiadas rugas correndo pelas faces. Estariam rogando, suplicando, gemendo. As vozes mudas pairavam no ar como fumaça. Jack gemeu. Como tudo nas Terras Secas, aquelas árvores tinham sido envenenadas.

O terreno estendia-se por quilômetros e quilômetros de ambos os lados da via férrea, salpicado aqui e ali com um mato amarelado, corroído, brilhante como urina ou pintura nova. Se não fosse pela hedionda coloração da relva, aquelas áreas de terreno lembrariam oásis, pois estavam situadas ao lado de um pequeno lago redondo. A água era negra, com manchas de óleo flutuando na superfície. E parecia extremamente densa; como tudo o mais, também fora contaminada. Quando o trem passou próximo a um daqueles falsos oásis, Jack pensou aterrorizado que a água escura parecia uma coisa viva, um ser tão atormentado quanto as árvores que ele não

mais queria contemplar. Então, por um momento, viu alguma coisa romper a superfície do fluido denso e oleoso, uma forma grande e negra que rolou de um lado para o outro antes de mostrar uma boca enorme, voraz, mordendo o próprio ar. Uma sugestão de escamas que teriam sido iridescentes se a criatura não tivesse perdido a cor por causa da água. *Minha nossa*, Jack pensou, *aquilo era um peixe?* Parecia ter quase 7 metros de comprimento, sem dúvida grande demais para habitar o pequeno lago. Uma longa cauda rodopiou pela superfície antes que toda a enorme criatura voltasse a deslizar para o fundo da água, que deveria ter considerável profundidade.

Jack olhou de repente para o horizonte, imaginando ter visto a forma de uma cabeça espreitando lá de cima. Foi então que experimentou outro daqueles choques de súbito estranhamento, semelhante ao que lhe provocara uma foto do monstro do lago Ness. Como seria possível, por Deus, uma cabeça espreitar sobre o *horizonte?*

O horizonte, no entanto, Jack finalmente compreendeu, não era o *verdadeiro* horizonte. Durante toda a noite, com um ângulo de visão bastante limitado, ele subestimara drasticamente a amplitude das Terras Secas. Agora que o sol começava a avançar pelo céu, percebia que se encontrava num amplo vale, e que as bordas que avultavam de ambos os lados do trem não eram de fato os limites do horizonte, mas apenas os cumes escarpados de uma pequena cadeia de colinas. Alguma coisa poderia ter-lhe seguido o rastro, mantendo-se sempre oculta pelas cristas que haviam ao redor. Ele recordou o ser humanoide com cauda de crocodilo que fugira pelo lado do pequeno galpão. Poderia a criatura ter seguido Jack a noite inteira, esperando que ele caísse de sono?

O trem chacoalhava pelo sinistro vale, movendo-se com uma exasperante falta de pressa.

Jack inspecionou detidamente todo o contorno das colinas ao redor. Viu apenas o sol matutino brilhar nos penhascos quase a prumo sobre sua cabeça. Jack deu a volta em torno do próprio eixo

no interior da cabine, o medo e a tensão rejeitando completamente o cansaço. Richard atirou um braço sobre os olhos e continuou a dormir. Qualquer coisa ou pessoa podia tê-los seguido, esperando o momento exato de entrar em ação.

Do lado esquerdo, um movimento lento e furtivo o fez prender a respiração. Um movimento serpenteante, escorregadio. Jack teve uma visão de meia dúzia de homens-crocodilos rastejando pelas bordas das colinas em direção a ele. Ele protegeu os olhos com as mãos e ficou observando o ponto onde pensou tê-los visto. As rochas apresentavam a mesma coloração vermelha que o solo poeirento. Entre elas havia uma greta profunda, talvez uma trilha, ondulando entre os pequenos cumes e se bifurcando em inúmeras outras fendas. O que Jack agora observou se movendo entre dois penhascos era uma forma que nada tinha de humana. Era uma serpente: pelo menos era isso que Jack achava. A coisa entrou numa parte da trilha que Jack não conseguia ver. Um enorme e polido corpo de réptil desapareceu atrás das rochas. A pele parecia singularmente enrugada; queimada também. Pouco antes de ela desaparecer, Jack teve a impressão de ter visto buracos negros em seu lombo. Jack esticou o pescoço para o lugar onde a coisa deveria emergir e, poucos segundos depois, testemunhou o repugnante espetáculo que foi a cabeça de uma gigantesca minhoca, semi-encoberto pela grossa poeira vermelha do chão, oscilar em sua direção. Tinha olhos coloridos e embaciados, mas era a cabeça de uma minhoca.

Algum outro animal disparou por debaixo de uma rocha, a cabeça pesada e o corpo rastejante: era um dos cães mutantes. A minhoca abriu uma boca que parecia a porta de uma caixa de correspondência e abocanhou a assustada coisa-cachorro. Jack ouviu com nitidez o estalar dos ossos. O ganido do cachorro cessou. A enorme minhoca engoliu o cão como se ele fosse uma pílula. Naquele exato momento, bem à frente da monstruosa forma da minhoca, Jack percebeu um dos rastros negros deixados pelas

bolas de fogo. Enquanto Jack observava, a comprida criatura se enfiou na poeira como um navio afundando no oceano. Devia ter compreendido que os rastros das bolas de fogo lhe seriam nocivos e, sendo uma espécie de minhoca, poderia muito bem passar sob eles. Jack contemplou a feia criatura desaparecer completamente no terreno vermelho. Depois percorreu com os olhos toda a encosta coberta de uma vegetação rasteira, mirrada. Queria saber onde ela emergiria de novo.

Por fim, quando se sentiu praticamente certo de que o verme não tentaria engolir o trem, voltou a inspecionar a crista das colinas rochosas.

7

ANTES QUE RICHARD despertasse no fim da tarde, Jack viu:

- pelo menos uma inconfundível cabeça espreitando pela crista das colinas;

- duas saltitantes e fatais bolas de fogo correndo em sua direção;

- o esqueleto sem cabeça do que, a princípio, ele pensou ser um grande coelho, mas depois percebeu nauseado que se tratava de um bebê humano, o corpo reluzente estendido ao lado dos trilhos e seguido de;

- o crânio arredondado do mesmo bebê, semi-enterrado no chão.

Viu ainda:

- um bando de cães com cabeças enormes, mais deformados do que os que já tinha visto. Rastejavam pateticamente atrás do trem, babando de fome;

— três barracões de tábuas, provavelmente habitações humanas enterradas como palafitas no solo poeirento. Talvez no meio da desolação fedorenta e venenosa das Terras Secas rondasse também gente como ele, à caça de comida;

— um pequeno pássaro coriáceo, sem penas e (um verdadeiro toque dos Territórios) com uma cara barbada parecida com focinho de macaco, além de dedos se projetando com nitidez da ponta das asas;

— e, pior de tudo (sem contar o que ele *pensou* ter visto): dois animais completamente irreconhecíveis bebendo num dos lagos negros — animais com dentes compridos, olhos humanos, quarto dianteiro de porco e traseiro de gato. Os focinhos também estavam cobertos de pelo. Quando o trem passou por eles, Jack viu que os testículos do macho tinham inchado até o tamanho de travesseiros e arrastavam no chão. O que criara aquelas monstruosidades? Irradiação nuclear, Jack supôs, pois dificilmente alguma outra coisa teria o poder de deformar a tal ponto a natureza. As criaturas, possivelmente contaminadas desde o nascimento, bebiam a água envenenada e rosnavam para o trenzinho.

Um dia, nosso mundo pode ficar assim, Jack pensou. Que maravilha.

8

ALÉM DISSO, HOUVE as coisas que ele *pensou* ter visto. Começou a sentir uma quentura, uma coceira na pele. Já deixara cair no chão da cabine o sobretudo tipo poncho que substituíra o casaco de Myles P. Kiger. Antes do meio-dia, tirara também a camisa de algodão cru. Havia um gosto terrível em sua boca, uma ácida

combinação de metal enferrujado e fruto podre. O suor lhe escorria da testa para os olhos. Estava tão cansado que começou a sonhar em pé, os olhos abertos e ardendo pelo suor. Viu grandes matilhas dos cruéis cães disparando pelas colinas; viu se abrirem as nuvens avermelhadas sobre o trem e tocarem Richard e ele com diabólicos braços chamejantes, braços de demônio. Quando, por fim, seus olhos efetivamente se fecharam, viu um Morgan de Orris com quase quatro metros de altura, vestido de preto e atirando relâmpagos para todo lado, rasgando a terra em grandes fendas e crateras empoeiradas.

Richard gemia e murmurava:

— Não, não, não.

Morgan de Orris se dissipou como um farrapo de névoa e os doídos olhos de Jack se abriram.

— Jack? — Richard chamou.

Na terra vermelha à frente do trem só havia os rastros negros das bolas de fogo. Jack esfregou os olhos e olhou para Richard, que se espreguiçava languidamente.

— Ei! Como você está?

Richard se recostou no assento, pestanejando do fundo do rosto pálido.

— Desculpe eu ter perguntado — Jack falou outra vez.

— Não — disse Richard. — Estou melhor, pode crer.

Jack sentiu que, de fato, o amigo parecia um pouco menos tenso.

— Ainda sinto dor de cabeça, mas estou melhor.

— Você estava fazendo muito barulho em seu... hum... — Jack hesitou, sem saber muito bem até que ponto o amigo estava disposto a enfrentar a realidade.

— Em meu sono. Sim, acho que sim. — O rosto de Richard se contorceu um pouco, mas, ao menos daquela vez, Jack não esperou um grito. — Sei que não estou sonhando agora, Jack. E sei que não tenho um tumor cerebral.

— Sabe onde está?

— Naquele trem. No trem daquele velho. Atravessando o que ele chamou de Terras Secas.

— Bem, estou duplamente surpreso — disse Jack, sorrindo.

Richard corou sob a palidez de cera.

— O que fez você chegar a essa conclusão? — Jack perguntou, ainda sem saber muito bem se podia confiar na mudança de Richard.

— Bem, eu sabia que não estava sonhando — disse Richard, e suas faces ficaram ainda mais vermelhas. — Acho que... Acho que já está na hora de parar de lutar. Se estamos nos Territórios, então estamos nos Territórios, por mais impossível que isso pareça. — Seus olhos encontraram os de Jack, e o traço de humor que havia neles sobressaltou o amigo. — Está lembrado daquela gigantesca ampulheta que havia na Estação? — Jack assentiu com a cabeça e Richard continuou: — Bem, foi aquilo... Quando vi aquela coisa, tive certeza de que não estava inventando tudo. Porque eu sabia que não *podia* ter concebido aquilo. Não podia. Era simplesmente... impossível. Se eu tivesse de inventar um relógio primitivo, ele teria uma série de engrenagens e grandes polias. Não seria uma coisa tão simples. Foi aí que percebi que não estava criando aquilo. Portanto, tudo o mais era real também.

— Bem, como está se sentindo agora? — Jack perguntou. — Você dormiu um bom tempo.

— Ainda estou tão cansado que mal consigo manter a cabeça de pé. Acho que, de um modo geral, não estou me sentindo muito bem.

— Richard, tenho que lhe perguntar uma coisa. Há algum motivo para você ter medo de ir para a Califórnia?

Richard baixou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Já ouviu falar de um lugar chamado hotel negro? — Jack perguntou.

Richard continuou balançando negativamente a cabeça. Não estava dizendo a verdade mas, Jack reconheceu, já começava a enfrentar uma boa parte dela. Qualquer coisa a mais (pois, de repente, Jack teve certeza absoluta de que havia mais, bem mais que aquilo) teria de esperar. Talvez até chegarem realmente ao hotel negro. O Duplo de Rushton, o Duplo de Jason: sim, juntos eles chegariam ao lar e à prisão do talismã.

— Bem, tudo bem — disse Jack. — Consegue andar direito?

— Acho que sim.

— Ótimo, porque há uma coisa que quero fazer agora. E como você não está mais morrendo de um tumor cerebral, vou precisar de sua ajuda.

— O que é? — Richard perguntou, esfregando o rosto com a mão um pouco trêmula.

— Quero abrir uma ou duas daquelas caixas do vagão-plataforma para pegarmos algumas armas.

— Eu detesto, tenho aversão a armas — disse Richard. — Você também devia detestá-las. Se ninguém tivesse armas, seu pai...

— Sim, e se os porcos tivessem asas poderiam voar — disse Jack. — Tenho certeza absoluta de que alguém está vindo atrás de nós.

— Bem, talvez seja meu pai — disse Richard num tom esperançoso.

Jack resmungou e tirou a pequena alavanca de comando do primeiro encaixe. O trem começou a perder velocidade e, quando parou, Jack pôs a alavanca em ponto morto.

— Acha que consegue saltar sozinho?

— É claro — disse Richard, e logo se levantou. Mas seus joelhos se curvaram, e ele teve de sentar outra vez. O rosto parecia mais pálido que nunca, o suor brilhava na testa e no lábio. — É, talvez não.

— Vá com calma — disse Jack aproximando-se dele e colocando uma mão no cotovelo dele e outra na testa suada, quente. — Relaxe.

Richard fechou brevemente os olhos, depois encarou Jack com uma expressão de absoluta confiança.

— Tentei fazer a coisa depressa demais — disse ele. — Estou formigando por ficar muito tempo imóvel na mesma posição.

— Então vamos com calma — disse Jack, e ajudou Richard a se erguer do banco.

— Está doendo.

— Já vai passar. Preciso que me ajude, Richard.

Richard tentou dar um passo e assobiou de dor. Depois moveu a outra perna. Então, inclinou-se ligeiramente para a frente, batendo com as palmas das mãos nas coxas e na barriga das pernas. Jack viu a fisionomia de Richard se alterar, mas dessa vez não havia sido de dor: um ar de absoluta estupefação instalara-se naquele rosto.

Jack seguiu a direção dos olhos do amigo e viu um dos pássaros sem penas e cara de macaco voar na frente do trem.

— É. Há muitas coisas esquisitas aí fora — disse Jack. — Vou me sentir bem melhor se pudermos achar algumas armas embaixo daquela lona.

— O que você acha que há do outro lado das colinas? — Richard perguntou. — A mesma coisa que aqui?

— Não, acho que do outro lado há mais gente — Jack respondeu. — Se é que poderemos chamá-los de gente. Duas vezes já peguei alguém nos vigiando.

Sob a expressão de breve pânico que envolveu o rosto de Richard, Jack acrescentou:

— Não acho que seja alguém do seu colégio. Mas pode ser alguma coisa do gênero. Não estou querendo assustá-lo, rapaz, mas já vi muito mais das Terras Secas que você.

— Terras Secas — disse Richard com um ar de dúvida. Ele estreitou os olhos para o empoeirado vale vermelho com suas

escabrosas manchas de relva cor de mijo. — Oh... aquela árvore... ah...

— Eu sei — disse Jack. — O melhor que você tem a fazer é ignorá-la.

— Que coisa *diabólica* poderia provocar este tipo de devastação? — Richard perguntou. — Nada disto é natural, sabe.

— Talvez um dia a gente descubra.

Jack ajudou Richard a sair da cabine e ambos se equilibraram num estribo que cobria as rodas.

— Não pise no chão — ele advertiu Richard. — Não sabemos qual é a profundidade. Não quero ter de puxá-lo de lá.

Richard estremeceu... Mas talvez apenas por ter visto pelo canto do olho outra daquelas árvores suplicantes, torturadas. Os dois deslizaram pelo estribo do trem até o engate do primeiro vagão de carga. Dali, uma estreita escada de metal levava ao teto do vagão. Na extremidade do teto, uma segunda escada descia para o vagão-plataforma coberto com a lona.

Jack puxou a corda, tentando lembrar como Anders conseguira soltá-la com tanta facilidade.

— Acho que é aqui — disse Richard, segurando a corda como um carrasco. — Jack?

— Faça uma tentativa.

Richard não teve força suficiente para soltar o nó mas, com a ajuda de Jack, o laço afrouxou e a lona caiu sobre o amontoado de caixas. Jack ergueu a beirada da lona sobre as caixas mais próximas que diziam PEÇAS DE MÁQUINAS AUTOMÁTICAS e descobriu um conjunto de caixas menores que não vira no galpão, com a inscrição LENTES.

— Aí estão — disse ele. — Seria ótimo se tivéssemos um pé-de-cabra.

Ergueu os olhos para a beira do vale e uma árvore esquelética abriu sua enorme boca num grito mudo. Havia mais uma cabeça

espreitando lá em cima perto de uma crista? Podia ser uma daquelas enormes minhocas, deslizando na direção deles.

— ‘Vamos lá, vamos tentar abrir uma das caixas — disse Jack, e Richard se aproximou docilmente para ajudá-lo.

Após meia dúzia de fortes puxões, Jack sentiu um indício de movimento e ouviu os pregos estalando. Richard continuou a lutar com o seu lado da caixa.

— Está bom — disse Jack. Richard parecia cada vez mais pálido e menos saudável do que antes de fazer o esforço. — Vamos conseguir. Puxe mais um pouco. — Richard deu um passo para trás e quase caiu sobre uma das caixas menores. Mas conseguiu se equilibrar e voltou a puxar sob a lona frouxa.

Jack se colocou em frente à caixa alta e travou os dentes. Colocou as mãos no canto da tampa. Parou um segundo, respirou fundo e deu um arranco final, que fez os músculos tremerem. No momento em que ele sentia que ia ter que soltar, os pregos começaram a ranger de novo e a se soltar da madeira. Jack berrou pelo esforço mas conseguiu extrair a tampa.

Empilhadas lá dentro, bem lubrificadas, meia dúzia de armas de um tipo que Jack nunca vira antes: pistolas pegajosas, que lembravam borboletas, meio máquinas, meio insetos. Pegou uma delas e examinou-a detidamente, procurando descobrir como funcionava. Era uma arma automática, então precisaria de um pente de balas. Ele se abaixou e usou o cano da arma para levantar a tampa de uma das caixas menores, com a inscrição LENTES. Como esperava, havia nessa caixa um conjunto de pentes de munição bastante lubrificados e envoltos em sacos plásticos.

— É uma Uzi — disse Richard atrás dele. — Uma metralhadora israelense. É uma arma muito moderna. É o brinquedo favorito dos terroristas.

— Como sabe disso? — Jack perguntou, pegando outra arma.

— Eu vejo televisão. Como acha que eu ia saber?

Jack apanhou um pente de balas, tentou encaixá-lo ao contrário na cavidade, mas logo encontrou a posição correta. Em seguida, achou a trava, soltou o gatilho e prendeu-o de novo.

— Essas coisas são horríveis — disse Richard.

— Você vai ter de pegar uma delas, então não reclame.

Jack passou um segundo pente de munição para Richard e, após um momento de reflexão, tirou todos os outros pentes da caixa, colocou dois nos bolsos, jogou dois para Richard, que conseguiu pegá-los, e guardou os demais no bernal.

— Ugh! — Richard protestou.

— Acho que agora estamos mais seguros — disse Jack.

9

ASSIM QUE VOLTARAM à cabine, Richard desmoronou no assento: as subidas e descidas pelas duas escadas e o equilibrar-se pelo estreito estribo de metal sobre as rodas tiraram praticamente toda a sua energia. Mas ele abriu espaço para Jack sentar e com as pálpebras pesadas contemplou o amigo dando outra vez partida no trem. Jack pegou o poncho e começou a limpar a arma.

— O que está fazendo?

— Tirando a graxa. É melhor fazer a mesma coisa quando eu acabar.

Pelo resto do dia, os dois continuaram sentados na cabine do trem, suando, tentando não prestar atenção às árvores suplicantes, o cheiro de podridão da paisagem, a fome que sentiam. Jack observou que um pequeno jardim de feridas desabrochava ao redor da boca de Richard. Por fim, tirou-lhe a Uzi da mão, livrou-a da

graxa e carregou-a. Um suor salgado lhe escorria pelas fendas dos lábios.

Jack fechou os olhos. Talvez não tivesse visto as cabeças espreitando pela borda do vale, talvez não tivessem sido seguidos afinal. Ouviu as baterias chiarem, emitindo uma grande centelha azul, e sentiu Richard dar um pulo de susto. Um instante depois ele caiu no sono, sonhando com comida.

10

QUANDO RICHARD o sacudiu pelo ombro, tirando-o de um mundo onde ele comia uma gostosa pizza do tamanho de um pneu de caminhão, as sombras apenas começavam a se estender pelo vale, suavizando a agonia das árvores. Mesmo elas, apesar de vergadas, apesar das mãos contorcidas em gestos de desespero, pareciam belas sob a luz declinante. O solo muito vermelho bruxuleava, cintilava. As sombras iam se fixando no terreno, quase perceptivelmente se alongando. O terrível amarelado das manchas de relva se transformava num alaranjado suave. Um crepúsculo avermelhado cobria velozmente as rochas na borda do vale.

— Achei que você ia querer ver isso — disse Richard. Mais algumas pequenas feridas tinham lhe aparecido na boca. Ele abriu um sorriso débil. — Parece meio que especial. A variação de cores, eu quis dizer.

Jack temeu que o amigo se lançasse a uma explanação científica das oscilações do espectro solar durante o pôr-do-sol, mas Richard estava cansado ou doente demais para exercitar seus conhecimentos de física. Os dois contemplaram em silêncio o

entardecer aprofundando todas as cores, transformando o céu do oeste num esplendor arroxado.

— Você sabe o que mais este trem está carregando? — Richard perguntou.

— O que mais? — disse Jack. Na realidade, pouco se importava. Mas não podia ser nada bom. Esperava viver para contemplar outro pôr-do-sol tão rico quanto esse, tão cheio de sensações.

— Explosivo plástico. Tudo embrulhado em pacotes de mais ou menos um quilo. Uma quantidade suficiente para mandar toda uma cidade pelos ares. Se uma de nossas armas disparar acidentalmente, ou se alguém acertar uma bala naqueles sacos, sobrarão apenas um buraco no chão no lugar deste trem.

— Eu não vou atirar se você não atirar — disse Jack, e se deixou ser arrebatado pela estranheza do crepúsculo. O entardecer parecia singularmente carregado de presságios, um sonho de conquistas, e o levou a mergulhar nas lembranças de tudo o que lhe acontecera desde que deixara a Pousada dos Jardins do Alhambra. Viu a mãe tomando chá no pequeno restaurante, uma mulher que, de repente, lhe pareceu extremamente fatigada. Viu Speedy Parker sentado sob uma árvore, Lobo cuidando do rebanho, Smokey e Lori da sinistra Oatley Tap, todos os odiosos rostos da Casa Sunlight: Heck Bast, Sonny Singer e os outros. Sentia saudade de Lobo de forma particularmente aguda, pois o profundo pôr-do-sol que se desenrolava o remetia inteiramente a ele, apesar de Jack não saber explicar por quê. Teve vontade de segurar a mão de Richard. *Bem, por que não?*, ele pensou e moveu o braço até encontrar a mão um tanto encardida e pegajosa do amigo. Fechou os dedos em volta dela.

— Estou me sentindo muito mal — disse Richard. — Não é como... antes. Meu estômago está péssimo e todo o meu rosto está formigando.

— Acho que vai melhorar assim que sairmos daqui — disse Jack. *Mas que evidência tem disso, doutor?*, ele pensou consigo mesmo. *Que evidência tem de que não o está envenenando?* Ele não tinha nenhuma. Ele se consolou com a ideia recentemente inventada (ou descoberta) de que Richard era parte essencial do que ia acontecer no hotel negro. Precisaria de Richard Sloat, e não apenas porque Richard Sloat era capaz de diferenciar explosivos plásticos de sacos de fertilizantes.

Será que Richard já estivera alguma vez no hotel negro? Será que já estivera próximo do talismã? Jack deu uma olhada no rosto do amigo. A respiração era superficial e esforçada. A mão de Richard jazia quase inerte na sua, como uma fria escultura de cera.

— Não quero mais essa arma — disse Richard, tirando-a do colo. — O cheiro está me deixando enjoado.

— Tudo bem — disse Jack, pegando a arma com a outra mão. Uma árvore despontou no canto de seu olho, um gemido atormentado e mudo na face desenhada no tronco. Logo os cães mutantes começariam a sair de suas tocas. Jack ergueu os olhos para as colinas à esquerda de Richard e viu uma figura humanoide deslizar entre as rochas.

— Ei! — FALOU ELE, quase sem acreditar. Indiferente a seu choque, o fantástico pôr-do-sol continuava a embelezar o que não podia deixar de ser feio. — Ei, Richard!

— O quê? Também está se sentindo mal?

— Acho que vi alguém ali em cima. Do seu lado.

Ele se virou de novo para os penhascos, mas não viu qualquer movimento.

— Não ligo — disse Richard.

— Seria melhor ligar. Não percebe como eles estão fazendo a coisa? Querem nos alcançar quando estiver mais escuro e não pudermos vê-los.

Richard abriu o olho esquerdo e olhou indiferente ao redor.

— Não estou vendo nada.

— Nem eu, por enquanto. Mas acho que fizemos muito bem em pegar aquelas armas. Se quiser sair inteiro daqui, Richard, é melhor sentar direito e ficar atento.

— Você é tão bobo. Meu Deus.

Mas Richard acabou se sentando direito e abriu bem os olhos.

— Não vejo nada ali em cima, Jack — disse ele. — Está ficando bem escuro. Você provavelmente imaginou...

— Shh! — disse Jack. Ele pensou ter visto outro corpo deslizando entre as cristas do vale. — São dois. Será que tem mais um?

— Aposto como não há nada lá — Richard disse. — Por que alguém ia querer nos fazer mal? Não há razão...

Jack virou a cabeça e fixou os olhos nos trilhos à frente do trem. Alguma coisa moveu-se atrás de uma das árvores suplicantes. Alguma coisa maior que um cão, Jack observou.

— Oh-oh — ele falou. — Acho que há outro sujeito bem ali na frente, esperando por nós.

Por um momento, o medo o paralisou. Não pôde pensar no que fazer para proteger-se dos três atacantes. Seu estômago congelou. Tirou a Uzi do colo e fitou-a com uma expressão entorpecida, sem saber se seria realmente capaz de usá-la. Será que os eventuais salteadores das Terras Secas também tinham armas?

— Richard, sinto muito — disse ele —, mas desta vez acho que a merda vai realmente bater no ventilador, e vou precisar que

me ajude.

— O que eu posso fazer? — Richard perguntou com voz desafinada.

— Pegue sua arma — disse Jack, passando-lhe a Uzi. — E acho que devemos nos ajoelhar, ou seremos alvos muito fáceis.

Ele ficou de joelhos e Richard o imitou num movimento lento, parecendo feito debaixo d'água. De trás deles veio um grito estridente; de cima, outro.

— Eles sabem que os vimos — disse Richard. — Mas onde é que eles estão?

A pergunta foi quase imediatamente respondida. Ainda visível no tom profundamente arroxeadado do crepúsculo, um homem (ou o que parecia ser um homem) saiu de uma cavidade e começou a descer correndo a encosta em direção ao trem. Farrapos flutuavam no ar em torno dele. Gritava como um índio e erguia alguma coisa nas mãos. Parecia ser uma vara flexível e Jack ainda estava tentando descobrir sua função quando ouviu mais do que viu uma forma estreita sibilando pelo ar ao lado de sua cabeça.

— Caramba! Eles têm arco e flecha!

Richard gemeu e Jack achou que ele ia vomitar por toda a cabine.

— Vou ter de atirar — disse Jack.

Richard engoliu em seco e emitiu um som que não foi bem uma palavra.

— Oh, merda — Jack exclamou, destravando o gatilho de sua Uzi. Empinou a cabeça e viu a criatura atrás dele atirando outra flecha. Se o lançamento tivesse sido mais preciso, ele não teria oportunidade de ver mais nada. A flecha, porém, oscilou sem equilíbrio pelo lado da cabine. Jack apontou a Uzi e apertou o gatilho.

Ele não esperava o que aconteceu. Achava que a arma permaneceria imóvel em suas mãos e expeliria obedientemente algumas balas. Em vez disso, a Uzi pulou nas mãos dele como um

animal, fazendo uma série de ruídos suficientemente altos para lhe ferir os ouvidos. O cheiro da pólvora lhe queimou o nariz. O homem esfarrapado atrás do trem agitou os braços, mas num gesto de espanto, não porque tivesse sido ferido. Jack finalmente resolveu tirar o dedo do gatilho. Não tinha ideia de quantos tiros desperdiçara, nem de quantas balas ainda restavam.

— Acertou? Acertou? — Richard perguntou.

Agora o homem corria pelo lado do vale, pés enormes chapinhando no solo. Então Jack viu que não eram pés: o homem caminhava sobre enormes armações de metal, o equivalente a botas de neve nas Terras Secas. Tentava chegar a uma das árvores para se proteger.

Jack levantou a Uzi com ambas as mãos e estreitou o olho na mira. Depois apertou suavemente o gatilho. A automática deu um coice em sua mão, porém menor que da primeira vez. As balas se espalharam num vasto arco e ao menos uma delas atingiu o alvo, pois o homem caiu para o lado como se tivesse sido atropelado por um caminhão. Seus pés saltaram das botas de neve.

— Dê-me sua arma — disse Jack, e tirou a outra Uzi das mãos de Richard. Ainda ajoelhado, despejou meio pente de balas na sombria escuridão à frente do trem e torceu para ter matado a criatura que estava lá à sua espera.

Outra flecha bateu contra a locomotiva e uma terceira bateu com força na parede do vagão de carga.

Richard tremia e chorava no fundo da cabine.

— Carregue a minha — disse Jack, e enfiou um pente de munição que estava no bolso debaixo do nariz de Richard. Jack inspecionou a encosta do vale em busca do segundo atacante. Em menos de um minuto, já estaria escuro demais para ver qualquer coisa.

— Estou vendo o sujeito — Richard gritou. — Vi o sujeito... bem ali!

Ele apontou para uma sombra que se movia nervosa e silenciosamente entre as rochas, e Jack gastou o resto do segundo pente da Uzi atirando contra ela. Quando terminou, Richard pegou a arma das mãos dele e entregou-lhe a outra.

— Bons rapazes, ótimos rapazes — veio uma voz correndo do lado direito (era impossível dizer a que distância exata se encontrava). — Agora vocês param e eu também paro, está bem? Vamos acabar com este negócio. Vocês são gente boa, e quem sabe não me vendem essa arma. Desse jeito vocês podem matar muito bem, estou vendo.

— *Jack* — Richard murmurou nervoso, querendo adverti-lo.

— Jogue fora o arco e as flechas — Jack gritou, ainda agachado ao lado de Richard.

— Jack, você não pode! — Richard sussurrou.

— Estou jogando fora agora — veio a voz, ainda à frente deles. Alguma coisa leve fez barulho na escuridão. — Vocês rapazes Param e me vendem a arma, certo?

— Tudo bem — disse Jack. — Chegue mais perto para que possamos vê-lo.

— Já vou chegar — disse a voz.

Jack puxou a alavanca, fazendo o trem parar.

— Quando eu gritar — ele sussurrou para Richard —, empurre a alavanca para a frente o mais depressa que puder, está bem?

— Oh, Jesus — Richard suspirou.

Jack observou que a arma que Richard acabara de lhe passar estava engatilhada. Uma gota de suor escorreu-lhe da testa para o olho direito.

— Agora está tudo bem — disse a voz. — Os rapazes podem se sentar. Sentem-se, rapazes.

Acorde, acorde, por favor, por favor.

O trem deslizava em direção ao dono da voz.

— Ponha suas mãos na alavanca — Jack sussurrou. — Ele está vindo.

A mão trêmula de Richard, parecendo pequena e infantil demais para cumprir qualquer coisa que parecesse importante, tocou levemente a alavanca.

Jack teve uma súbita e nítida lembrança do velho Anders se ajoelhando diante dele num empenado chão de madeira e perguntando: *Mas vai chegar a salvo, meu senhor?* Ele respondera sem dar grande importância à pergunta, mal levando-a a sério. O que eram as Terras Secas para um garoto que passara dias e dias empurrando barris de cerveja para Smokey Updike?

Agora ele estava com muito mais medo de sujar as calças do que de Richard botar para fora todo o almoço em cima da versão nos Territórios do pesado casaco de Myles P. Kiger.

Um jorro de riso brotou da escuridão ao lado da cabine, e Jack se levantou de arma na mão e gritou na hora em que um vulto corpulento pendurou-se no estribo. Richard empurrou com força a alavanca e o trem arrancou.

Um braço peludo grudou-se numa das laterais da locomotiva. *Chega de brincar de velho oeste*, Jack pensou, e então o tronco inteiro do homem se lançou sobre eles. Richard deu um grito estridente e Jack quase evacuou as tripas na cueca.

Os dentes pareciam cobrir a maior parte do rosto do atacante: era uma fisionomia tão instintivamente má quanto a de uma cascavel preparando o bote. Uma gota do que Jack presumiu ser veneno caiu de um dos dentes compridos e curvos. Exceto pelo minúsculo nariz, a criatura que se lançava sobre o trem parecia muito com um homem com cabeça de cobra. Tinha uma faca nas teias de uma das mãos. Em pânico, Jack deixou escapar um tiro sem pontaria.

Então a criatura oscilou e recuou por um momento. Jack só levou uma fração de segundo para ver que a mão cheia de teias e a faca tinham desaparecido. A criatura agitou um toco sangrento de braço e deixou uma mancha vermelha na camisa de Jack. A razão de Jack convenientemente o abandonou, e ele apontou a arma

diretamente para o peito do homem-cobra e seus dedos apertaram o gatilho.

Um grande buraco vermelho abriu-se no meio do peito de pele de cascavel e os dentes pingando se fecharam. Jack manteve o gatilho comprimido. O cano da Uzi se levantou sozinho e, em um ou dois segundos de total carnificina, destruiu a cabeça da criatura. Os frangalhos do corpo rolaram para a via férrea. Então ela sumiu. Só uma grande mancha de sangue no estribo e o sangue na camisa de Jack provavam que o episódio não fora apenas um pesadelo.

— Cuidado! — Richard ainda gritou.

— Eu o acertei em cheio — Jack resfolegou.

— Onde ele está?

— Caiu — disse Jack. — Está morto.

— Você pulverizou a *mão* dele — Richard murmurou. — Como conseguiu isso?

Jack estendeu as mãos e viu o quanto elas estavam tremendo. O cheiro de pólvora as envolvia.

— Apenas imitei alguém com boa pontaria.

Ele baixou as mãos e molhou os lábios.

Doze horas mais tarde, quando o sol se levantou de novo sobre as Terras Secas, nenhum dos dois tinha dormido. Tinham passado a noite inteira rígidos como soldados, com as armas no colo e atentos aos menores ruídos. Lembrando-se da quantidade de munição que o trem carregava, de vez em quando Jack atirava uma rajada de balas na borda do vale. E por todo esse segundo dia, se havia pessoas ou monstros naquela longínqua região da Terras Secas, eles deixaram os rapazes em paz. O que talvez indicasse, Jack pensou fatigado, que sabiam da existência das armas. Ou mesmo que ali, tão perto da costa oeste, ninguém queria se meter com o trem de Morgan. Não comentou nada disso com Richard, cujos olhos estavam turvos, enevoados, e que parecia febril a maior parte do tempo.

NA NOITE DESSE dia, Jack começou a sentir cheiro de água salgada na acidez do ar.

Capítulo Trinta e Seis

Jack e Richard Vão à Guerra

1

NAQUELA NOITE, o crepúsculo foi mais amplo (a terra começara novamente a se aplainar à medida que eles se aproximavam do oceano), mas não tão espetacular. Jack parou o trem no topo de uma colina corroída pela erosão e foi outra vez até o galpão-plataforma. Ficou remexendo lá por quase uma hora, até as cores sombrias terem desbotado do céu e uma lua minguante ter-se

erguido no leste. Veio com mais seis caixas, todas com a inscrição LENTES.

— Abra essas caixas — disse a Richard. — Faça um inventário da munição. Você fica nomeado Zelador dos Cartuchos de Balas.

— Excelente — disse Richard num tom abatido. — Eu bem que desconfiava que toda a educação que estava recebendo no Colégio Thayer ia servir para alguma coisa.

Jack voltou ao vagão-plataforma e levantou a tampa de um dos caixotes com a inscrição PEÇAS DE MÁQUINAS AUTOMÁTICAS. E, enquanto estava fazendo isso, ouviu um grito áspero, rouco, vindo de algum lugar da escuridão. O grito foi seguido por um guincho de dor.

— Jack? Jack, você está aí?

— Estou aqui! — Jack gritou. Achou pouco sensato os dois ficarem gritando um para o outro como lavadeiras separadas por um muro de quintal, mas a voz de Richard sugeria que ele estava bem perto do pânico.

— Vai voltar logo?

— Já estou indo! — Jack gritou, manejando com mais força e rapidez o cano da Uzi que servia de alavanca. Estavam começando a sair das Terras Secas, mas Jack ainda não queria se arriscar a uma longa parada na via férrea. Teria sido muito mais simples se pudesse carregar a caixa de metralhadoras para a locomotiva, mas ela pesava demais.

Elas não são pesadas, são minhas Uzis, Jack pensou e riu um pouco no escuro.

— *Jack?* — A voz de Richard tinha um timbre estridente, nervoso.

— Aguenta aí, cara!

— Não me chame de cara — Richard gritou.

Os pregos chiaram, se afrouxaram na tampa do caixote, e Jack conseguiu abri-la. Ele se apossou de duas armas cheias de graxa e

estava começando a voltar quando viu outra caixa. Era aproximadamente do tamanho de uma televisão portátil. Uma dobra da lona a estava cobrindo anteriormente.

Jack foi deslizando pelo teto do vagão de carga sob a débil luz do luar, com a brisa lhe batendo no rosto. Era um vento puro, sem qualquer vestígio de podridão, sem qualquer traço de corrupção; o vento trazia apenas umidade e o inconfundível odor do sal.

— O que estava fazendo? — Richard perguntou num tom irritado. — Jack, nós *temos* armas! E *temos* munição! Por que quer voltar e pegar mais? Alguma coisa podia ter subido na cabine enquanto você estava se divertindo lá atrás!

— Precisávamos de mais armas porque essas metralhadoras têm o mau hábito de ficarem superaquecidas — disse Jack. — Precisávamos de mais munição porque talvez tenhamos de atirar bastante. *Eu* vejo tevê, sabia?

E Jack se virou para voltar ao vagão-plataforma. Queria ver o que havia naquela caixa quadrada.

Richard agarrou-o pelo braço. O pânico transformara sua mão numa verdadeira garra de águia.

— Richard, não vai acontecer nada...

— Alguma coisa pode pegar você!

— Acho que já estamos quase fora das Terras Se...

— Alguma coisa pode *me* pegar! Jack, não me deixe *sozinho*!

Richard explodiu em lágrimas. Não abaixou a cabeça nem cobriu o rosto com as mãos; ficou ali parado, o rosto contorcido pelo pranto, os olhos despejando uma torrente de choro. Jack achou-o cruelmente despido naquele momento. Aproximou-se do amigo, abraçou-o.

— Se alguma coisa pegá-lo e matá-lo, o que vai ser de mim?

— Richard soluçou. — Como eu ia conseguir sair deste lugar?

Eu não sei, Jack pensou. *Eu realmente não sei*.

E ASSIM RICHARD acompanhou Jack numa última ida ao vagão-plataforma. Isto significou ter de empurrá-lo pela escada, escorá-lo pelo teto do vagão de carga e ajudá-lo cuidadosamente a descer para o vagão-plataforma. Foi como ajudar uma velhinha deficiente a atravessar uma rua. Mentalmente, o racional Richard estava quase reabilitado; fisicamente, porém, parecia cada vez pior.

Embora filetes de óleo lubrificante escorressem entre as tábuas, a caixa quadrada tinha a inscrição FRUTAS. Não era de todo falsa, Jack descobriu quando os dois conseguiram abri-la. A caixa estava cheia de coisas que lembravam pequenos abacaxis. Do tipo explosivo.

— Pelo demônio! — Richard murmurou.

— Quem quer que *e/e* seja — Jack concordou. — Me ajude. Acho que cada um pode enfiar quatro ou cinco embaixo da camisa.

— Por que está reunindo todo esse arsenal? — Richard perguntou. — Está pretendendo enfrentar um exército?

— Ou alguma coisa do gênero.

QUANDO TORNAVA a cruzar com Jack o teto do vagão de carga, Richard olhou para o céu e sentiu-se dominado por uma onda de fraqueza. Oscilou e Jack teve de segurá-lo para ele não cair. Richard tinha se dado conta de que não conseguira identificar nem as constelações do hemisfério norte, nem as do hemisfério sul. As estrelas que haviam lá em cima eram desconhecidas... Mas *havia* padrões e, em algum lugar daquele mundo fantástico, misterioso,

talvez os marinheiros se orientassem por eles. Foi essa ideia que trouxe à mente de Richard a realidade de tudo aquilo — uma realidade decisiva, que o atingiu como um violento soco.

A voz de Jack parecia chamá-lo de muito longe:

— Ei, Richard! Por Jason! Você quase caiu!

Por fim, os dois conseguiram voltar à cabine.

Jack empurrou a alavanca para o encaixe da frente, apertou a barra do acelerador e a lanterna gigante de Morgan de Orris começou de novo a avançar. Jack contemplou o chão da cabine: quatro metralhadoras Uzi, quase vinte pilhas de pentes de munição, dez em cada pilha, e dez granadas de mão com pinos que lembravam alças de latas de cerveja.

— Se o que há aqui não for suficiente — disse Jack —, é melhor deixarmos pra lá.

— O que você está esperando, Jack?

Jack se limitou a sacudir a cabeça.

— Você deve estar achando que sou um idiota, né? — Richard perguntou.

Jack sorriu.

— Sempre achei, cara.

— Não me chame de cara!

— Cara-cara-*cara*!

Dessa vez a velha piada despertou um sorriso. Não muito, e o sorriso acabou acentuando a linha crescente de feridas nos lábios de Richard... Mas foi melhor que nada.

— Tudo bem com você se eu dormir um pouco? — Richard perguntou, abrindo espaço entre os pentes de munição e se instalando, coberto com o poncho de Jack, num canto da cabine. — Todo esse sobe e desce... Acho que devo estar mesmo doente. Estou me sentindo completamente exausto.

— Eu vou ficar bem — disse Jack. Ele parecia mesmo estar precisando de descanso. Provavelmente, daí a pouco tempo ia precisar estar descansado.

— Estou sentindo cheiro de mar — disse Richard num tom estranhamente mesclado de amor, raiva, nostalgia e medo. As pálpebras se fecharam.

Jack empurrou a barra do acelerador o mais que pôde. Tinha o pressentimento de que o desfecho — alguma espécie de desfecho — estava mais próximo que nunca.

4

OS ÚLTIMOS MISERÁVEIS e medíocres vestígios das Terras Secas desapareceram antes da lua surgir. O cereal tornara a aparecer. Parecia mais rijo que em Ellis-Breaks, mas ainda irradiava uma atmosfera pura, saudável. Jack ouviu o grito abafado de aves que pareciam gaivotas. Era um som inexpressivo, solitário, naqueles grandes campos abertos que tinham um leve cheiro de frutas e um cheiro mais penetrante de maresia.

Após a meia-noite, o trem começou a passar por fileiras de árvores. A maioria das árvores era muito verde. Seu odor de pinho, misturado ao cheiro de sal, parecia fortalecer na mente de Jack a conexão entre o lugar a que estava chegando e o lugar de onde tinha vindo. Ele e a mãe nunca passaram muitos dias no norte da Califórnia, talvez porque Bloat passasse frequentemente as férias ali, mas ele se lembrava de Lily comentando que a região de Mendocino e Sausalito lembrava muito a Nova Inglaterra, até as caixas de sal e os Cape Cods. Produtoras de cinema que precisavam de cenários da Nova Inglaterra geralmente preferia buscá-los ali. Era mais fácil do que atravessar o país inteiro, e o público nem percebia a diferença.

É assim que deveria ser. De uma forma estranha, estou voltando ao lugar que deixei para trás.

Richard: *Está pretendendo enfrentar um exército?*

Estava contente por Richard ter conseguido dormir. Assim, não teria de responder àquela pergunta. Pelo menos ainda não.

Anders: *Coisas do demônio. Para os Lobos corruptos. Para levar ao hotel negro.*

As coisas do demônio eram metralhadoras Uzi, explosivos plásticos, granadas. As coisas do demônio estavam ali. Os Lobos corrompidos não. O vagão de carga, porém, estava vazio, e Jack achou o fato terrivelmente intrigante.

Eis aí uma história para você, Richie, e estou muito contente que tenha conseguido dormir, porque assim não preciso lhe contar. Morgan sabe que estou chegando e está planejando uma festa surpresa. Só que o que vai sair do bolo serão lobisomens, não moças nuas. E eles deviam estar armados de metralhadoras Uzi e granadas de mão como decoração da festa. Bem, nós meio que sequestramos o trem dele, e estamos dez ou doze horas à frente do horário previsto. Mas se o fim da linha ficar num acampamento cheio de Lobos esperando para pegar o trem dos Territórios, o que acho que está acontecendo, vamos precisar de todo fator surpresa que pudermos ter.

Jack enxugou o suor do rosto.

Seria mais fácil parar o trem a uma boa distância de onde estivesse o pelotão de Morgan e tentar tomar de surpresa o acampamento. Seria mais fácil e mais seguro.

Mas isso deixaria os Lobos maus à solta, Richie, entende isso?

Ele fitou o arsenal no chão da cabine e se perguntou se podia realmente estar planejando um ataque-relâmpago contra a Brigada Lobina de Morgan. Alguns ataques. O velho Jack Sawyer, Rei dos Vagabundos Lavadores de Pratos, e seu Ajudante Comatoso, Richard. Jack se perguntou se enlouquecera completamente. Achava que sim, pois o que estava planejando era exatamente isso;

seria a última coisa que qualquer um deles ia esperar. E tinha passado por coisas demais, demais mesmo. Ele fora chicoteado, Lobo fora morto. Tinham destruído o colégio de Richard e a maior parte da sanidade do amigo e, pelo que podia imaginar, Morgan Sloat estava em New Hampshire, atormentando sua mãe.

Maluquice ou não, aquele era o momento da desforra.

Jack se abaixou, pegou uma das Uzis carregadas e segurou-a nos braços. O trilho continuava a se desdobrar à sua frente; o cheiro de sal ia se tornando cada vez mais forte.

5

DE MADRUGADA, JACK conseguiu dormir um pouco, apoiado na barra do acelerador. Não o teria consolado saber que aquele mecanismo se chamava alavanca do morto. Quando a manhã chegou, foi acordado por Richard.

— Tem alguma coisa aí na frente.

Antes de olhar para os trilhos, Jack deu uma boa espiada no rosto do amigo. Tivera esperanças de ver Richard menos abatido à luz do dia, mas nem mesmo os cosméticos naturais da aurora puderam lhe disfarçar o aspecto doentio. As cores da manhã tinham feito a palidez de sua pele passar de um tom cinzento a um tom amarelado... Mais nada.

— *Ei! Trem! Oi, sua porra de trem grande!*

O grito foi gutural, pouco mais que um rosnado animal. Jack olhou para a frente de novo.

Estavam se aproximando de uma pequena construção.

Do lado de fora da construção havia um Lobo, mas qualquer semelhança com o Lobo de Jack se limitava ao chamejar alaranjado

dos olhos. A cabeça daquele Lobo parecia terrivelmente achatada, como se uma grande mão tivesse aplainado a curva do crânio em cima. A face parecia projetar-se sobre mandíbulas pendentes, como um penedo oscilando na ponta de um longo declive. Mesmo o ar de satisfação e surpresa estampado naquele rosto não podia ocultar sua rude, brutal estupidez. Tranças de pelos caíam-lhe sobre as bochechas. Uma cicatriz em forma de xis marcava o meio da testa.

O Lobo estava usando uma espécie de uniforme de mercenário, (ou pelo menos o que Jack imaginava ser um uniforme de mercenário). Calças verdes e largas mergulhavam em botas escuras, mas as pontas das botas tinham sido cortadas, para permitir que os pés cabeludos e de unhas compridas do Lobo pudessem ficar à vontade.

— *Trem!* — ele continuou exclamando enquanto a locomotiva vencida os últimos 50 metros. De repente, começou a pular de um lado para o outro, sorrindo de modo selvagem. Estalava os dedos como Cab Calloway. Uma espécie de espuma lhe caía do queixo, formando coágulos sujos. — *Trem! Trem! A porra do trem AQUI E AGORA!* — Sua boca permanecia aberta num grande e alarmante arreganhar de dentes, mostrando um afiado conjunto amarelo. — *Vocês chegaram muito, muito cedo!* — Jack, o que é isso? — Richard perguntou. Em pânico, sua mão apertava o ombro de Jack, mas a voz tentava manter um tom sereno.

— É um Lobo. Uma das criaturas de Morgan.

Pronto, Jack, você disse o nome dele. Imbecil!

Mas agora Jack não tinha tempo de pensar no assunto. Estavam parados junto à casamata e, obviamente, o Lobo pretendia subir a bordo. Enquanto Jack observava, ele se moveu desajeitadamente dentro daquelas botas. No peito nu, trazia uma faca num cinto de couro, como um velho bandoleiro, mas não portava qualquer outra arma.

Jack engatilhou a Uzi para o modo de tiro único.

— Morgan? Quem é Morgan? *Qual* Morgan?

— Agora não — disse Jack.

Toda a sua atenção se voltava para um único ponto: o Lobo. Forjou um grande sorriso amarelo para tentar enganar a criatura, segurando a Uzi fora do campo de visão.

— *O trem de Anders! Tudo bem, muito bem! Aqui e agora!*

Uma alça como um grande grampo se projetava da lateral direita do motor, acima de um degrau largo como uma pequena plataforma. Sorrindo de modo cruel, a espuma escorrendo pelo queixo e obviamente insano, o Lobo segurou na alça e pulou no degrau.

— Ei! Onde está o velho? Lobo! Onde...

Jack levantou a Uzi e acertou uma bala no olho esquerdo do Lobo.

O chamejante clarão alaranjado se extinguiu como uma chama de vela sob uma rajada de vento forte. O Lobo caiu para trás do degrau como um homem dando um mergulho desajeitado. Bateu frouxamente no chão.

— Jack! — Richard puxou-o. Seu rosto parecia quase tão selvagem quanto o rosto do Lobo. Mas era uma sensação de terror, não de alegria, que o deformava. — *Você está se referindo ao meu pai? Meu pai tem alguma coisa a ver com isso?*

— Richard, você confia em mim?

— Sim, mas...

— Então deixe pra lá. *Deixe pra lá.* Agora não é hora.

— Mas...

— Pegue uma arma.

— Jack...

— Richard, *pegue uma arma!*

Richard se abaixou e pegou uma das Uzis.

— Detesto armas — ele disse outra vez.

— Sim, eu sei. Também não sinto qualquer atração por elas, Richie. Mas está na hora de acertarmos algumas contas.

AGORA, OS TRILHOS se aproximavam de uma alta paliçada. De trás dela vinham resmungos, gritos, urros, o bater rítmico de palmas, o som de sapatos batendo ritmadamente na terra nua. Havia outros sons menos identificáveis, mas todos se reuniram num único rumor aos ouvidos de Jack: eram os ruídos de uma *operação militar de treinamento*. A área entre a casamata e a paliçada tinha uns 800 metros de extensão, e Jack achou muito improvável que alguém tivesse ouvido seu tiro. O trem, sendo elétrico, era quase totalmente silencioso. O fator surpresa ainda parecia atuar a seu favor.

Os trilhos desapareciam sob um portão duplo, fechado, na frente da paliçada. Jack pôde ver os raios do sol entre as fendas das toras que formavam o portão.

— Jack, é melhor você diminuir a marcha.

Estavam agora a 150 metros do portão. E além do portão havia um berreiro de vozes:

— UFF! RUFE-RUFE! UM-DOIS, UM-DOIS!

Jack lembrou-se outra vez dos homens-animais de H.G. Wells e estremeceu.

— De jeito nenhum, cara. Vamos ter de atravessar o portão. Mal dá tempo de você soletrar seu nome.

— Jack, você está louco!

— Eu sei.

Cem metros. As baterias chiavam. Uma centelha azul pulou, sibilando. A margem da via férrea corria de ambos os lados do trem. *Agora não se pode vacilar*, Jack pensou. *Se Noël Coward tivesse escrito uma peça sobre Morgan Sloat, aposto que ia chamá-la de Blight Spirit.*

— Jack, e se este trenzinho maldito saltar dos trilhos?

— Bem, isso pode acontecer, eu acho — disse Jack.

— E se ele arrebentar o portão e os trilhos *terminarem*?

— Isso seria péssimo para nós, não é?

Cinquenta metros.

— Jack, você realmente perdeu a cabeça, não perdeu?

— Acho que sim. Engatilhe a pistola, Richard.

Richard puxou a trava.

Baques... resmungos... homens marchando... couro estalando... gritos... um riso estridente, animalesco, que fez Richard se encolher. Mas, apesar de tudo, Jack viu uma nítida determinação no rosto de Richard, que o fez sorrir com orgulho. *Ele pretende ficar ao meu lado... Velho racional Richard ou não, ele realmente pretende ficar do meu lado.*

Vinte e cinco metros.

Uivos... gritos... ordens berradas... ordens gritadas... e um denso guincho de réptil — *Gruuuu-UUUU!* — que fez o cabelo se arrepiar na nuca de Jack.

— Se sairmos inteiros dessa enrascada — disse ele —, vou lhe pagar um chili-dog no Dairy Queen.

— *Que nojo!* — Richard gritou e, por mais incrível que pudesse parecer, começou a rir. Naquele instante, até mesmo o amarelo doentio pareceu se dissipar um pouco de seu rosto.

Cinco metros. As toras de madeira davam uma aparência sólida, sim, bem sólida ao portão. Jack quase nem teve tempo de se perguntar se não estaria cometendo um grande erro.

— Se abaixe, cara!

— Não me chame de...

O trem investiu contra o portão, jogando os dois para a frente.

O PORTÃO ERA realmente bem forte e, pelo lado de dentro, possuía uma tranca dupla feita de dois troncos grandes. O trem de Morgan não era dos maiores e as baterias estavam bem fracas após a longa jornada pelas Terras Secas. Sem dúvida, a colisão o teria descarrilado, talvez matando os dois garotos no choque. Mas o portão tinha um calcanhar-de-aquiles. Novas dobradiças, feitas de acordo com modernos processos americanos, haviam sido encomendadas. Mas ainda não tinham chegado, e as velhas dobradiças de ferro se romperam quando a locomotiva atingiu o portão.

O trem penetrou no interior da paliçada a 40 quilômetros por hora, empurrando o portão destroçado na frente dele. Uma pista de obstáculos se estendia ao redor do perímetro do campo, e o portão, agindo quase como limpa-neve, começou a destruí-los à medida que ia se chocando com eles. Eles eram derrubados, rolavam pelo chão, se estilhaçavam e espalhavam lascas para todos os lados.

O trem com o portão grudado na frente também atingiu um Lobo que estava correndo em volta do pátio como punição. Seus pés desapareceram sob a base do portão em movimento e foram verdadeiramente triturados, com botas e tudo. E em meio a uivos e rosnados, a metamorfose começou. O Lobo começou a escalar o portão com as garras que tinham unhas que cresciam com rapidez até se tornarem enormes. O portão, agora, penetrara 15 metros na área interna da paliçada. Surpreendentemente, o Lobo chegou quase ao topo antes de Jack colocar a alavanca no ponto neutro. O trem parou. Então o portão caiu, levantando muito pó e esmagando de vez o infeliz Lobo com seu peso. Lá atrás, porém, embaixo do último vagão, os pelos continuaram a crescer por alguns minutos nos pés cortados do Lobo.

A situação dentro do campo era melhor do que Jack se atrevera a esperar. O dia começava cedo no pelotão, coisa habitual nas guarnições militares. A maioria das tropas parecia estar fora, entregue a um bizarro cardápio de treinos e exercícios físicos.

— *À direita!* — ele gritou para Richard.

— *Fazer o quê?* — Richard perguntou.

Jack abriu bem a boca e gritou: pelo tio Tommy Woodbine, atropelado na rua; por um carroceiro anônimo, chicoteado até a morte num pátio coberto de lama; por Ferd Janklow; por Lobo, assassinado no sórdido escritório de Sunlight Gardener; por sua mãe; mas, principalmente, ele percebeu, pela rainha Laura DeLoessian, que também era sua mãe, e pelos crimes que estavam sendo cometidos por toda parte nos Territórios. Gritou como Jason, e sua voz teve um som de trovada.

— ESMAGUE-OS! — Jack Sawyer/Jason DeLoessian berrou. E abriu fogo à esquerda.

8

DO LADO DE Jack havia uma área reservada a exercícios militares; do lado de Richard, uma comprida construção de toras. A construção de toras lembrava um depósito de munição dos filmes de Roy Rogers, e Richard achou que fosse o quartel-general da guarnição. De fato, aquele lugar pareceu mais familiar a Richard do que tudo o que ele tinha visto até agora naquele estranho mundo para onde Jack o levara. Já vira lugares daquele tipo nos noticiários da tevê. Era em acampamentos assim que a CIA treinava rebeldes para golpes de estado na América do Sul e na América Central. Só que, em geral, os campos de treinamento da CIA ficavam na Flórida, e aqueles não eram cubanos. Richard não sabia *o que* eles eram.

Algumas das criaturas lembravam pinturas medievais de demônios e duendes. Outras lembravam seres humanos degenerados — quase trogloditas. E uma das coisas que

cambaleavam nas primeiras luzes da manhã tinha uma pele escamosa e pálpebras que não paravam de pestanejar... Parecia um crocodilo andando em pé. A coisa levantou o focinho e proferiu o grito que ele e Jack tinham ouvido do lado de fora: Gruuuu-UUUU! Ele mal teve tempo de ver que a maioria daquelas criaturas infernais parecia totalmente desnorteada. Logo a Uzi de Jack trovejava ao seu redor.

Do lado de Jack, cerca de vinte Lobos estavam fazendo exercícios no campo. Como o Lobo da casamata, a maioria usava calças verdes e largas, botas com as pontas cortadas e cinturões de bandoleiro. Como o guarda, todos tinham a cabeça chata, todos pareciam estúpidos e essencialmente maus.

Tinham parado no meio de uma espasmódica série de polichinelos ao ver o trem penetrar no acampamento, arrastando o portão e o infortunado sujeito que corria no lugar errado. Ouvindo o grito de Jack, começaram a se mexer, mas já era tarde demais.

A maior parte da Brigada Lobina de Morgan, escolhida a dedo durante cinco anos de acordo com força, brutalidade, temor e fidelidade a Morgan, foi arrasada por uma barulhenta rajada da metralhadora nas mãos de Jack. Eles foram caindo e recuando, buracos se abrindo no peito, cabeças sangrando. Houve urros de raiva impotente e urros de dor... mas não muitos. A maioria simplesmente morreu.

Jack substituiu rapidamente o pente de balas. No canto esquerdo do campo, quatro Lobos tinham escapado; no centro, outros dois tinham ficado um pouco abaixo da linha de fogo. Embora feridos, ambos corriam em sua direção, as unhas crescendo nos pés entre uma nuvem de pó, o pelo brotando nos rostos, os olhos faiscando. Quando chegaram perto da locomotiva, Jack viu caninos brotando das bocas e caindo por entre os pelos que, com uma rapidez de raio, iam lhes cobrindo os queixos.

Ele puxou o gatilho da Uzi, apontando agora com pouca dificuldade o cano superaquecido e levando um grande coice da

arma. Os dois Lobos que atacavam foram atirados para trás com tanta violência que rodopiaram no ar como acrobatas de circo. Os outros quatro Lobos não pararam; corriam para o lugar onde, dois minutos atrás, estava o portão.

As estranhas criaturas saídas do quartel-general da guarnição pareciam ter finalmente descoberto que, embora os recém-chegados estivessem guiando o trem de Morgan, sua atitude não podia ser considerada de modo algum amistosa. Não houve ataque organizado, mas eles começaram a resmungar e a avançar num grupo compacto. Richard apoiou a coronha da Uzi na lateral da locomotiva e abriu fogo. Os balaços perfuraram os monstros, jogando-os para trás. Duas das coisas que lembravam bodes atiraram-se no chão de mãos e joelhos — ou cascos — e fugiram precipitadamente para o interior. Richard viu três outras criaturas rodopiarem e caírem sob a força das balas. Uma estranha e selvagem alegria apoderou-se dele.

As balas também rasgaram a barriga verde-esbranquiçada da coisa-crocodilo. Um fluido escuro — uma espécie de seiva, e não sangue — começou a escorrer pela ferida. A coisa caiu para trás, mas a cauda pareceu amortecer a queda. Num instante o monstro tornou a se levantar e deu um salto para perto de Richard. De novo a criatura proferiu seu grito rude, estridente... E dessa vez Richard percebeu que havia algo terrivelmente feminino naquele grito.

Ele apertou o gatilho da Uzi. Nada aconteceu. A munição acabara.

A coisa-crocodilo se arremessava com lenta, trôpega, mas efetiva determinação. Os olhos cintilavam de uma fúria assassina... e inteligência. Vestígios de seios balançavam no peito escamoso.

Richard se abaixou, tateou pelo chão da cabine sem tirar os olhos da coisa, e encontrou uma das granadas.

Seabrook Island, Richard pensou sonhadoramente. *Jack chama este lugar de Territórios, mas na realidade é Seabrook Island, e não há necessidade de ter medo, realmente não há; tudo*

isso não passa de um sonho, e se essa coisa apertar suas garras escamosas em volta do meu pescoço, sem dúvida vou acordar. E mesmo que não seja um sonho, Jack encontrará um meio de me salvar. Sei que encontrará, tenho certeza, porque, aqui, Jack é uma espécie de deus.

Reprimindo o pânico que começava a se apoderar de seus nervos, ele puxou o pino da granada e atirou-a suavemente contra a coisa que avançava.

— *Jack, se abaixe!*

Na mesma hora Jack se deixou cair no chão da cabine. Richard também se abaixou, mas não sem antes ter visto algo inacreditável, digno do melhor humor negro: a criatura-crocodilo segurava a granada... e tentava comê-la.

A explosão não foi o ronco seco que Richard esperava, mas um rugido alto, estridente, que ecoou como tambor em seus ouvidos, ferindo-lhe os tímpanos. Ele ouviu um som líquido, como se alguém tivesse atirado baldes de água contra o trem.

Levantou os olhos e viu que a locomotiva, o vagão de carga e o vagão-plataforma estavam cobertos de entranhas, sangue escuro e pedaços de carne da criatura-jacaré. Toda a fachada do quartel-general da guarnição fora pelos ares. Grande parte dos estilhaços estava coberta de sangue e, no meio de tudo aquilo, havia um pé cabeludo numa bota com o dedão cortado.

Ripas das toras de madeira esvoaçavam para todo lado, e duas das criaturas parecidas com bode começavam a se recompor. Richard se abaixou, encontrou um novo pente de balas e colocou-o na arma. O cano estava ficando muito quente, exatamente como Jack previra.

— *Oooopaa!* — Richard exclamou num tom baixo, e abriu fogo outra vez.

QUANDO JACK SE levantou após a explosão da granada, viu que os quatro Lobos que tinham escapado de suas duas primeiras fuzilarias começavam a atravessar o buraco onde estivera o portão. Urravam de terror. Corriam lado a lado, e Jack podia fazer uma boa pontaria. Levantou a Uzi; depois abaixou-a de novo, sabendo que os veria mais tarde, provavelmente no hotel negro; sabendo que estava se comportando como um tolo... Mas, tolo ou não, sentira-se incapaz de alvejá-los pelas costas.

Agora um alto e estridente grito afeminado começou a se elevar atrás do quartel-general.

— *Saiam daí! Saiam daí, vamos! Andem! Andem!*

Houve o estalar assobiante de um chicote.

Jack conhecia aquele som; reconhecia aquela voz. Da última vez que a ouvira, estava amarrado numa camisa-de-força. Jack a teria reconhecido em qualquer lugar.

“*Se o amigo retardado aparecer por aqui, atirem nele!*”

Bem, você conseguiu matá-lo, mas talvez agora seja a hora do acerto de contas. E pelo tom de sua voz, acho que você já sabe disso.

— *Peguem aqueles dois! O que está havendo com vocês, seus covardes? Peguem aqueles dois. Será que tenho de mostrar como fazer tudo? Sigam-nos, sigam-nos!*

Três criaturas saíram de trás do que sobrou do galpão, mas apenas uma delas era efetivamente humana: Osmond. Carregava o chicote numa das mãos e uma pistola Sten na outra. Usava uma capa vermelha, botas negras e calças de seda branca com pernas largas, esvoaçantes. A roupa estava salpicada de sangue fresco. À sua esquerda, havia uma criatura peluda, que lembrava um bode, de jeans e botinas estilo western. Esta criatura e Jack se entreolharam, compartilhando um momento de pleno reconhecimento. Tratava-se do terrível caubói que Jack encontrara

na Oatley Tap. Era Randolph Scott. Era Elroy. Sorriu para Jack; a língua comprida serpenteou como uma cobra e lambeu o lábio superior.

— *Pegue-o!* — Osmond gritou para Elroy.

Jack tentou levantar a Uzi mas, de repente, a arma pareceu pesada demais em suas mãos. Osmond era mau, a reaparição de Elroy era pior, mas a coisa que havia entre os dois era um pesadelo. Era a versão de Reuel Gardener nos Territórios; o filho de Osmond, o filho de Sunlight. Tinha mesmo um certo ar de criança — mas de uma criança desenhada por uma criança de jardim de infância com uma cruel perversão mental.

Era magricela e esbranquiçado; um de seus braços terminava num tentáculo abjeto que, de alguma forma, trouxe à mente de Jack o chicote de Osmond. Seus olhos, um deles à deriva, ficavam em níveis diferentes. Grandes chagas vermelhas lhe cobriam as bochechas.

Parte do horror dessa coisa é fruto de radiação nuclear... Por Jason, acho que o filho de Osmond deve ter chegado perto demais de uma daquelas bolas de fogo... Mas o resto... Jason... Jesus... O que era a mãe dele? Em nome de todos os mundos, O QUE ERA A MÃE DELE?

— *Peguem o impostor!* — Osmond gritava. — *Salvem o filho de Morgan, mas peguem o impostor! Peguem o falso Jason! Andem, covardes! Eles já estão sem munição!*

Ouviram-se rosnados, urros. Daí a pouco, Jack sabia, um novo contingente de Lobos, com o apoio das mais hediondas criaturas, ia brotar dos fundos do galpão, onde provavelmente tinham se escondido para se proteger da explosão, onde provavelmente se conservavam de cabeça baixa, e onde teriam ficado... se não fosse por Osmond.

— Devia ter ficado longe das estradas, frangote — Elroy rosnou e correu para o trem. Sua cauda sacolejava no ar. Reuel Gardener, ou fosse lá quem fosse Reuel no mundo dos Territórios,

deixou escapar um resmungo rouco e tentou seguir Elroy. Osmond estendeu a mão e o fez recuar; seus dedos, Jack reparou, pareceram quase deslizar para dentro da repulsiva nuca do menino-monstro.

Então Jack levantou a Uzi e despejou todo um pente de balas à queima-roupa no rosto de Elroy. Estourou a cabeça inteira da coisa-bode. Porém, mesmo sem cabeça, Elroy continuou a investir por um momento. Uma das mãos, os dedos unidos para formar uma paródia de casco fendido, lançaram-se cegamente contra a cabeça de Jack antes de cair para trás.

Jack ficou atônito. Tinha sonhado com aquele terrível confronto na Oatley Tap várias vezes, quando ele conseguiu escapar do monstro atravessando um terreno baldio cheio de mato e estilhaços de vidro. Agora lá estava a criatura, e ele tinha de alguma forma a matado. Era difícil acostumar-se à ideia. Era como se tivesse matado o bicho-papão de sua infância.

Richard estava gritando — e sua metralhadora roncou, quase ensurdecendo Jack.

— *É Reuel! Oh, Jack, oh, meu Deus, oh, Jason, é Reuel, é Reuel...*

Nas mãos de Richard, a Uzi cuspiu outra rajada de balas antes de cair em silêncio, o pente de balas esgotado. Reuel soltou-se do pai e atirou-se gemendo para o trem. A contorção de seus lábios revelou dentes compridos e amarelados, que pareciam postiços, frágeis, como os dentes de cera que as crianças usam no Dia das Bruxas.

Os últimos tiros de Richard tinham conseguido atingir-lhe o peito e o pescoço. Os buracos despontaram entre o xadrez marrom da roupa, juntamente com sangue e farrapos de pele. O sangue foi escuro e não muito abundante. Talvez Reuel já tivesse sido humano — Jack achava que essa possibilidade não podia ser descartada. Mas, sem dúvida, há muito tinha perdido qualquer traço de semelhança com um ser humano normal. Apesar de perfurá-lo, as

balas pareceram incapazes de detê-lo. A coisa que pulou cambaleante por sobre o corpo de Elroy era um demônio. Tinha um cheiro de fungo molhado.

E alguma coisa estava aquecendo a perna de Jack. A princípio, foi apenas uma sensação de calor. Depois, uma verdadeira quentura. O que era? Era como se houvesse uma chaleira quente em seu bolso. Mas ele não tinha tempo para pensar. Coisas estavam se desenrolando bem no seu nariz. Como um pesadelo colorido.

Richard deixou cair a Uzi e oscilou para trás, tampando o rosto com as mãos. Horrorizados, seus olhos contemplavam a coisa Reuel por entre as fendas dos dedos.

— *Não o deixe me pegar, Jack! Não o deixe me pegaaaaar...*

Reuel choramingou, borbulhou. As mãos bateram contra o lado da locomotiva e o som foi idêntico ao de grandes barbatanas batendo num terreno muito lodoso.

Jack observou que entre os dedos de Reuel havia grossas teias amarelas.

— *Volte!* — Osmond gritou para o filho, e o medo em sua voz era indisfarçável. — *Volte! Ele é mau, ele vai machucá-lo! Todos os garotos são maus, é axiomático! Volte, volte!*

Reuel gargarejou e guinchou entusiasmado. Subiu no estribo do trem e Richard gritou loucamente, recuando para um canto.

— NÃO O DEIXE ME PEGAAAAAR...

Mais Lobos, mais criaturas estranhas apareceram no canto do galpão.

Um dos monstros, com chifres curvos de carneiro nas laterais da cabeça e usando apenas calças remendadas, caiu e foi pisoteado pelos outros.

O calor aumentava na perna de Jack.

Reuel atirou uma perna vermelha por sobre a lateral da cabine. Reuel babava, avançando na direção dele, e a perna ia se

contorcendo, mas não era uma perna, era um tentáculo. Jack apontou a Uzi e disparou.

Metade do rosto da coisa-Reuel se desmanchou como pudim. Uma torrente de vermes começou a sair das sobras.

Mas Reuel ainda estava se aproximando.

Estendendo para Jack um braço cheio de dedos e teias.

Os gritos de Richard e os gritos de Osmond se fundiram em um só.

Como ferro em brasa, o calor queimava a perna de Jack. E, de repente, ele soube o que era, no momento exato em que as mãos de Reuel apertavam-lhe os ombros. Era a moeda que ganhara do capitão Farren, a moeda que Anders se recusara a aceitar.

Pôs a mão no bolso. A moeda parecia um pedaço de metal em sua mão. Jack fechou o punho em torno da moeda e sentiu uma força desconhecida apoderar-se dele em ondas muito fortes.

Reuel também sentiu a força. Seus triunfantes grunhidos e resmungos viraram gemidos de medo. Tentou retroceder, o único olho que lhe sobrara no rosto rolando freneticamente.

Jack tirou a moeda do bolso. Ela brilhava incandescente. Ele sentia o calor, mas ele não o queimava.

O perfil da rainha brilhava como o sol.

— *Em nome dela, sua coisa suja, abortada!* — Jack gritou. — *Desapareça da face deste mundo!*

Jack estendeu a palma da mão e estampou a moeda na testa de Reuel.

Reuel e o pai gritaram ao mesmo tempo. Osmond, num tenor beirando o soprano; Reuel, num grave sussurro de inseto. A moeda deslizou na testa de Reuel como a ponta de uma ferramenta quente numa barra de manteiga. Um repulsivo fluido escuro, da cor de chá queimado, escorreu da cabeça de Reuel para o punho de Jack. O fluido era quente. E havia minúsculos vermes nele, que se torciam e retorciam na pele de Jack. Ele sentiu mordidas no pulso. Apesar

disso, apertou com força a moeda com os dois primeiros dedos da mão direita, enfiando mais ainda a moeda na testa do monstro.

— *Desapareça da face deste mundo, ser sórdido! Em nome da rainha e em nome de seu filho, desapareça da face deste mundo!*

Reuel guinchava, gania; Osmond fazia coro. As demais criaturas tinham parado e estavam se comprimindo atrás de Osmond, os rostos cheios de terror supersticioso. Para eles, Jack parecia ter crescido; parecia estar emitindo uma luz brilhante.

Reuel se debateu e proferiu mais um grito borbulhante. A coisa negra escorrendo de sua cabeça ficou amarela. Um verme comprido, grosso e muito branco saiu do buraco que a moeda causou. Caiu no chão da cabine da locomotiva. Jack pisou nele. Ele estourou sob seus pés. Reuel caiu, formando uma pasta úmida.

Então, no pátio empoeirado do galpão elevou-se um grito tão estridente de dor e fúria que o crânio de Jack parecia que ia estourar. Richard enroscou-se em posição fetal, os braços apertados em torno da cabeça.

Osmond estava gritando. Deixara cair o chicote e a pistola-metralhadora.

— *Oh, seu imundo!* — ele gritou, sacudindo os punhos para Jack. — *Olhe o que você fez! Seu imundo menino mau! Eu odeio você, vou odiá-lo a vida inteira e além da vida inteira! Seu sujo impostor! Vou matá-lo! Morgan vai matá-lo! Oh, meu querido filho único!* SUJO! MORGAN VAI MATÁ-LO PELO QUE FEZ! MORGAN...

Os outros acompanharam o grito com um rumor sussurrante, trazendo à memória de Jack os rapazes da Casa Sunlight: *Não vão dizer aleluia?* Logo depois, no entanto, ficaram todos em silêncio, porque houve outro som.

Jack foi levado instantaneamente para a agradável tarde que passara ao lado de Lobo, os dois sentados perto do riacho, vendo o rebanho pastar e beber, Lobo falando das peculiaridades de sua família lobina. Era uma atmosfera extremamente calma... extremamente calma... até que Morgan chegou.

E agora Morgan estava voltando de novo — não meramente atravessando, mas abrindo, rasgando caminho pelo ar.

— Morgan! É...

— ... Morgan, Senhor...

— Senhor de Orris...

— Morgan... Morgan... Morgan...

O som de coisa rasgando ficava cada vez mais alto. Os Lobos prostraram-se na poeira do chão. Osmond arrastava os pés numa estranha dança, as botas negras pisando as bolas de metal que se entrelaçavam no chicote.

— Menino mau! Menino sujo! Agora vai pagar! Morgan está chegando! Morgan está chegando!

Cerca de 7 metros à direita de Osmond, o ar começou a ficar enevoadado, a bruxulear. Era como a nuvem que se forma sobre um incinerador.

Jack olhou ao redor. Viu Richard enroscado num chão repleto de metralhadoras, munições e granadas, como uma criança pequena que tivesse dormido enquanto estava brincando de guerra. Só que Richard não estava dormindo, ele sabia, e nada daquilo era brincadeira. Se Richard visse o pai atravessando por um buraco entre os mundos, Jack temia que ele fosse enlouquecer de vez.

Jack se agachou ao lado do amigo e abraçou-o com força. O som de lençol rasgando ficava cada vez mais alto e, de repente, ele ouviu a voz de Morgan num clímax de ira:

— *O que esse trem está fazendo aqui AGORA, seus imbecis?*

Ouviu Osmond gemer:

— O impostor sujo matou o meu filho!

— Aqui vamos nós, Richard — Jack murmurou e apertou os braços em torno do amigo. — Está na hora de abandonar o barco.

Fechou os olhos, se concentrou... e houve aquele breve momento de rodopiante vertigem quando os dois iniciaram a travessia de volta.

Capítulo Trinta e Sete

Richard se Lembra

1

HOUVE UMA sensação de rolar de lado e para baixo, como se houvesse uma pequena rampa entre os dois mundos. Vagamente, desaparecendo, finalmente sumindo até o nada, Jack ouviu Osmond gritar:

— *Maus! Todos os rapazes! É axiomático! Todos os rapazes! Sujos! Sujos!*

Por um momento os dois pairaram no ar. Richard gritou. Então, Jack bateu com o ombro no chão. A cabeça de Richard caiu sobre o peito. Jack não abriu os olhos, ficou imóvel, abraçado a Richard, ouvindo, cheirando.

Silêncio. Não absoluto e completo, mas enorme — apenas quebrado pelo canto de dois ou três pássaros.

O cheiro era frio e salgado. Um bom cheiro... mas não tão bom quanto o cheiro que o mundo podia ter nos Territórios. Mesmo ali (onde quer que fosse este ali), Jack sentia um leve subcheiro, como o odor de óleo velho no chão de cimento dos postos de gasolina. Cheiro de muitas pessoas acionando muitos motores, poluindo a atmosfera. Seu nariz ficara um tanto sensível e ele sentia esse cheiro mesmo ali, num lugar onde não havia um único ronco de automóveis.

— Jack? Tudo bem conosco?

— Tudo bem — disse Jack e abriu os olhos para ver se o que estava dizendo correspondia à verdade.

Seu primeiro olhar lhe trouxe uma ideia terrível: de alguma forma, em sua frenética necessidade de sair de lá, de fugir antes da chegada de Morgan, ele não saltara para os Territórios Americanos, mas para alguma dimensão futura do tempo. Aquele parecia ser o mesmo lugar, só que mais velho, já abandonado como se um século ou dois tivessem se passado. O trem ainda permanecia fixado nos trilhos, e sua aparência era a mesma. Os trilhos, que cruzavam o antigo pátio de exercícios militares, agora cheio de ervas daninhas, continuavam não se sabe para onde. Estavam velhos, cobertos de ferrugem. Os dormentes estavam carcomidos, já em avançado processo de deterioração. Um mato bem alto crescia entre eles.

Jack apertou ainda mais os braços em torno de Richard, que se contorceu debilmente e abriu os olhos.

— Onde estamos? — ele perguntou olhando ao redor.

No lugar do quartel-general do acampamento, havia uma enorme cabana de madeira, com um telhado cheio de ferrugens,

nódoas. O telhado era tudo o que os dois podiam ver claramente; o resto não passava de um amontoado de toras em ruínas, cobertas de hera e mato. Na frente da cabana havia dois mastros, que talvez tivessem sustentado uma tabuleta. Se era esse o caso, ela tinha sumido faz tempo.

— Eu não sei — disse Jack, e então, virando-se na direção da pista de corrida de obstáculos (que se transformara numa trilha cinzenta, coberta de plantas silvestres), viu reforçado seu pior temor. — Podemos ter avançado no tempo.

Para sua surpresa, Richard deu uma risada.

— É bom saber que nada vai mudar muito no futuro — disse ele, e apontou para a folha de papel fixada por um prego num dos mastros em frente à cabana de madeira. Estava um tanto desbotada, mas ainda era perfeitamente legível:

NÃO ULTRAPASSE!

Por Ordem do Xerife do Condado de Mendocino

Por ordem da Polícia do Estado da Califórnia

OS TRANSGRESSORES SERÃO PROCESSADOS!

2

— Bem, se você já *sabia* onde estávamos — disse Jack, sentindo-se ao mesmo tempo tolo e aliviado —, por que perguntou?

— Só vi agora — Richard respondeu, e qualquer impulso que Jack pudesse ter tido de caçar outra vez do amigo cessou por completo. Richard estava com uma aparência terrível: era como se tivesse desenvolvido algum estranho tipo de tuberculose que atacasse a mente em vez dos pulmões. Não se tratava apenas do choque que sua sanidade sofrera com a viagem de ida e volta aos Territórios... ele realmente parecia ter-se adaptado a isso. Mas agora ele sabia de uma outra coisa também. Não era apenas uma realidade que era radicalmente diversa de todas as suas noções minuciosamente cultivadas; a *isso* seria perfeitamente capaz de se

ajustar; era apenas uma questão de tempo. Mas descobrir que o pai era um dos vilões, Jack refletiu, não pode ser um dos momentos bacanas da vida.

— Está bem — disse Jack, tentando se mostrar animado; ele realmente se *sentia* um tanto animado. Mesmo um garoto morrendo de câncer se sentiria revitalizado ao conseguir fugir de uma monstruosidade como Reuel, Jack pensou. — Bem, vamos sacudir a poeira e seguir em frente, Richie. Temos missões a cumprir, milhas a percorrer antes de poder dormir, e você continua pavoroso.

Richard fez uma careta.

— A pessoa que lhe pôs na cabeça que você tem senso de humor devia ser eliminada da face da Terra, cara!

— *Bitez mon crank, mon ami.*

— Para onde vamos?

— Eu não sei — disse Jack —, mas vamos para algum lugar não muito longe daqui. Posso pressentir isso. É como um anzol pescando alguma coisa em minha mente.

— Point Venuti?

Jack virou a cabeça e olhou um bom tempo para Richard. Os olhos cansados de Richard, porém, nada revelaram.

— Por que fez esta pergunta, cara?

— É pra lá que vamos?

Jack abanou os ombros. *Talvez sim, talvez não.*

Os dois começaram a atravessar lentamente o terreno coberto de mato e Richard mudou de assunto.

— Tudo isso foi real? — Estavam se aproximando do enferrujado portão duplo. Uma faixa de esmaecido céu azul despontava sobre uma planície verde. — Será que nisso tudo houve *alguma coisa* real?

— Passamos dois dias num trem elétrico que dava uma média de 40 quilômetros por hora, 45, no máximo — disse Jack. — A essa velocidade, conseguimos ir de Springfield, no Illinois, ao norte da

Califórnia, perto da costa. E você *ainda* me pergunta se *alguma coisa* foi real.

— Sim... sim, mas...

Jack estendeu os braços. Os pulsos estavam abertos de cortes muito vermelhos que coçavam e doíam.

— Mordidas — disse Jack. — Dos vermes. Dos vermes que caíram da cabeça de Reuel Gardener.

Richard virou-se para o lado e vomitou fazendo muito barulho.

Jack segurou-o. Senão, ele percebeu, Richard teria simplesmente se esborrachado no chão. Estava estupefato com o quanto Richard tinha emagrecido, e com o quanto a pele estava quente debaixo da camisa de colegial.

— Desculpe. Eu não devia ter falado isso — disse Jack quando Richard pareceu um pouco melhor. — Foi um tanto tosco.

— Pois é, foi. Mas talvez fosse a única maneira de... você sabe...

— De convencê-lo?

— Sim. Talvez.

Richard fitou-o com olhos sinceros e feridos. Agora havia espinhas de uma ponta à outra de sua testa. Feridas lhe cercavam a boca.

— Jack, tenho de lhe perguntar uma coisa, e quero que me responda... com toda a sinceridade. Quero perguntar...

Oh, eu já sei o que você quer me perguntar, Richie.

— Daqui a pouco — disse Jack. — Daqui a pouco podemos chegar a todas as perguntas e tantas respostas quanto eu souber. Mas primeiro temos que resolver uma coisa.

— Que coisa?

Em vez de responder, Jack foi até o pequeno trem. Ficou um instante parado lá, contemplando a composição: a locomotiva atarracada, o vagão de carga vazio, o vagão-plataforma. Tinha realmente conseguido fazer aquela coisa atravessar para o norte da Califórnia? Achava que não. Atravessar com Lobo já fora uma

dificuldade; arrastar Richard para os Territórios a partir do campus do Colégio Thayer quase lhe arrancara o braço dos ombros, e em ambas as situações, a transferência resultara de um esforço consciente de sua parte. Ao menos pelo que conseguia lembrar, não pensara absolutamente no trem ao atravessar. Só pensara em tirar Richard do campo de treinamento paramilitar dos Lobos antes que ele se defrontasse com o pai. Tudo costumava assumir uma forma ligeiramente diferente quando ele passava de um mundo para outro — o ato de migrar parecia conter também um movimento de transmutação. Camisas podiam se transformar em gibões, jeans em calças de lã, dólares em varas. Mas aquele trem mantivera exatamente a mesma aparência. Morgan conseguira criar uma coisa que não perdia nenhuma de suas características ao se transferir de um universo para outro.

Além disso, estavam usando jeans lá, Jack-O!

Sim. E, embora Osmond conservasse o chicote na mão, carregava também uma metralhadora.

A metralhadora de Morgan. O trem de Morgan.

Um calafrio lhe percorreu a espinha. Ouviu Anders murmurando: *um mau negócio.*

Isso era mesmo. Um péssimo negócio. Anders tinha razão; eram demônios reunidos. Jack estendeu a mão para o compartimento do motor, pegou uma das Uzis, abasteceu-a de um pente de balas e voltou para onde Richard o fitava com pálido, meditativo interesse.

— Isto parece um velho campo de treinamento — disse.

— Está querendo se referir ao tipo de lugar onde mercenários eram treinados para uma Terceira Guerra Mundial?

— Sim, mais ou menos isso. Há muitos campos assim no norte da Califórnia... Funcionam a todo o vapor por algum tempo, depois as pessoas perdem o interesse por eles, vendo que a Terceira Guerra não dá indícios de começar, ou são presos por comércio

ilegal de armas ou drogas ou algo do gênero. Foi... foi meu pai quem me disse isso.

Jack ficou calado.

— O que vai fazer com essa arma, Jack?

— Vou tentar me livrar do trem. Alguma objeção?

Richard tremeu; a boca se contorceu numa careta de mal-estar.

— Não, nenhuma.

— Acha que posso fazer isso com a Uzi? Se acertar num daqueles explosivos plásticos?

— Uma bala não. Um pente inteiro, talvez.

— Vamos ver.

Jack puxou a trava. Richard o agarrou pelo braço.

— É melhor recuarmos para trás da cerca antes de fazermos a experiência.

— Tudo bem.

De trás da cerca coberta de hera, Jack apontou a Uzi para as gelatinosas embalagens de explosivo plástico. Apertou o gatilho e a arma rompeu o silêncio numa sucessão de rajadas. Por um momento, uma chama pairou misticamente na ponta do cano. O tiroteio ecoou de forma chocante no silêncio de igreja do campo deserto. Os pássaros piaram de medo e surpresa, logo voando para pontos mais tranquilos da floresta. Richard fez uma careta e tapou os ouvidos com as palmas das mãos. A lona sacolejou, se agitou no ar. Então, embora Jack ainda continuasse apertando o gatilho, a arma parou de atirar. O pente se esgotara e o trem continuava no mesmo lugar.

— Bem — disse Jack —, isso foi ótimo. Tem alguma outra id...?

O vagão-plataforma irrompeu num único clarão de fogo azul. O ronco foi ensurdecedor. Jack viu o vagão se levantar dos trilhos, como se estivesse decolando. Agarrou a nuca de Richard e fez o amigo se abaixar.

As explosões continuaram por um longo tempo. Metal assobiava, voava para todo lado. Houve uma pesada chuva metálica no telhado da cabana de madeira. Vez por outra, um pedaço maior soava como um gongo chinês, ou havia um barulho alto quando algo realmente *grande* passava pelo telhado. De repente, um projétil atravessou a cerca, pouco acima da cabeça de Jack, deixando na madeira um buraco maior que seu punho e o punho de Richard unidos. Jack decidiu que era hora de cair fora. Agarrou Richard e começou a empurrá-lo para os portões.

— *Não!* — Richard gritou. — *Os trilhos!*

— *O quê?*

— *Os tri...*

Alguna coisa passou por cima deles e os dois se abaixaram ainda mais. Deram uma cabeçada um no outro.

— *Os trilhos!* — Richard gritou, esfregando o crânio com a mão pálida. — *Não vamos para a estrada! Vamos para os trilhos!*

— *Tudo bem!*

Jack estava intrigado, mas não fez perguntas. Era preciso ir para *algum lugar*.

Como soldados cruzando uma terra de ninguém, os dois começaram a rastejar ao longo da cerca enferrujada. Richard ia ligeiramente à frente, dirigindo-os para a abertura por onde os trilhos atravessavam a cerca e saíam da área.

Jack olhou para trás. Viu o máximo que precisava ou queria ver. A maior parte do trem parecia simplesmente ter-se evaporado. Barras retorcidas de metal, algumas reconhecíveis, a maioria não, formavam um amplo círculo em volta do lugar onde talvez o maldito trenzinho voltou para os Estados Unidos, onde fora encomendado, construído e pago. Era impressionante que os dois não tivessem sido mortos por escombros que voavam. Que não tivessem sofrido o menor arranhão parecia quase inconcebível.

O pior havia passado. Estavam do lado de fora do cercado e começavam a se levantar (mas prontos para se abaixar e correr se

houvesse explosões residuais).

— Meu pai não vai gostar nada quando souber que você destruiu o trem que ele fez, Jack — disse Richard.

A voz dele estava perfeitamente calma, mas, quando Jack olhou para ele, descobriu que Richard estava chorando.

— Richard...

— Não, ele não vai gostar nada disso — disse Richard, como se respondendo a si mesmo.

3

UMA DENSA e exuberante faixa de mato da altura dos joelhos crescia no meio da via férrea. Os trilhos se afastavam do campo no sentido sul, segundo uma grosseira avaliação de Jack. Eram pura ferrugem; há muito tempo não deviam ser usados. Em certos pontos, estavam estranhamente contorcidos — ondulados.

Terremotos provocam coisas desse tipo, Jack pensou com um certo mal-estar.

Atrás deles, os explosivos plásticos continuavam a estourar. Quando Jack pensava que tudo estivesse acabado, logo havia outro longo e áspero estouro. Era, ele pensou, o barulho de um gigante pigarreando. Ou soltando gases. Virou-se mais uma vez e observou uma escura coluna de fumaça se erguendo para o céu. Apurou os ouvidos para ver se escutavam crepitar de fogo (como todos que moraram por algum tempo na costa da Califórnia, Jack tinha medo de fogo), mas nada ouviu. Ali, até os bosques pareciam típicos da Nova Inglaterra, densos e muito úmidos. Certamente era a antítese do campo cinzento ao redor de Baja, com sua atmosfera clara e extremamente seca. Os bosques pareciam agora cheios de vida; a

própria ferrovia se transformara numa trilha espremida entre árvores enormes, arbustos e muita relva (relva *venenosa*, eu aposto, Jack pensou, coçando inconscientemente as picadas nas mãos). Um desbotado céu azul desenhara entre as copas das árvores uma trilha quase idêntica à da ferrovia. Até os resíduos de carvão no meio dos trilhos estavam cobertos de musgo. O lugar parecia secreto, um lugar cheio de segredos.

Ele acelerou o passo, não apenas para tirar os dois daqueles trilhos antes que aparecessem policiais ou bombeiros, mas para garantir o silêncio de Richard. A respiração pesada do amigo o impedia de conversar... ou de fazer perguntas.

Tinham andado cerca de 3 quilômetros e Jack ainda se congratulava com o sucesso da marcha forçada quando Richard o chamou numa voz fina sussurrante:

— Ei, Jack...

Jack virou-se a tempo de ver Richard, que se atrasara um pouco, cair para a frente. Manchas marcavam a palidez de seu rosto como marcas de nascimento.

Jack o segurou, mas foi por pouco. Richard parecia não pesar mais que um saco de papel.

— Oh, meu Deus, Richard!

— Até um ou dois segundos atrás eu estava me sentindo bem — disse Richard naquela mesma voz baixa, sussurrante. Sua respiração parecia muito rápida, muito seca. Os olhos estavam semicerrados. Jack só podia ver tiras brancas e minúsculos arcos de pupilas azuis. — Agora estou um pouco... fraco. Sinto muito.

Detrás deles veio uma forte, abrupta explosão, seguida pelo som chuvoso de estilhaços de trem caindo no fino telhado da cabana de madeira. Jack deu uma espiada por cima dos ombros; depois seus olhos subiram com ansiedade os trilhos.

— Consegue se segurar em mim? Posso levá-lo algum tempo nas costas.

À imagem e semelhança de Lobo, Jack pensou.

— Consigo me segurar.

— Se não conseguir, me avise.

— Jack — Richard resmungou com um patético vestígio e sua velha irritação nervosa —, se eu não conseguisse me equilibrar, não ia dizer que conseguiria.

Jack colocou Richard de pé. Ele ficou de pé, oscilando, dando a impressão de que, se alguém soprasse no rosto dele, iria derrubá-lo. Jack se virou e se agachou, as solas dos tênis vergando nos enferrujados e velhos dormentes trilhos da estrada de ferro. Fez os braços de estribo e Richard passou os braços em volta do pescoço de Jack. Jack se levantou e começou a sacolejar entre as vigas dos trilhos num passo rápido, quase num trote. Carregar Richard no cangote parecia não ser um problema, e não apenas porque Richard tinha perdido peso. Jack arrastara barris de cerveja, carregara caixotes, colhera maçãs. Durante algum tempo quebrara pedras nos campos de Sunlight Gardener, digam aleluia. Tudo isso o fortaleceu. Mas o fortalecimento ia mais profundamente até a fibra de sua essência, não era algo simples e banal como uma atividade física provocaria. Nem era isso mero resultado de atravessar de um mundo para outro como acrobata de circo e nem resultado daquele outro mundo, por mais lindo que fosse, se impregnar nele como tinta. Jack reconhecia, mesmo que de uma forma ainda obscura, que estava fazendo mais do que tentar salvar a vida de sua mãe; na realidade, desde o início tivera a sensação de estar se lançando a uma aventura de significado maior. Estava tentando fazer um bom trabalho, e percebia agora que tais empreitadas malucas deviam sempre ser fortalecedoras. Então, Jack começou *efetivamente* a trotar.

— Se me deixar enjoado — disse Richard, a voz tremendo no ritmo dos passos do amigo —, vou acabar vomitando em sua cabeça.

— Eu sabia que podia contar com você, Richie — Jack ofegou, sorrindo.

— Estou me sentindo... absolutamente ridículo aqui em cima. Como num pula-pula humano.

— E provavelmente é isso mesmo que está parecendo, cara.

— Não me chame... de cara — Richard sussurrou, e o sorriso de Jack ficou mais largo. *Oh, Richard, seu filho da mãe, que você viva para sempre*, Jack pensou.

4

— EU CONHEÇO AQUELE homem — Richard sussurrou em cima de Jack.

A voz o assustou, como se o tivessem acordado no meio de um cochilo. Há dez minutos ele pusera Richard nas costas. Já tinham andado mais 2 quilômetros e ainda não havia indícios de qualquer espécie de civilização. Somente os trilhos e aquele cheiro de sal no ar.

Os trilhos... Será que eles vão para onde eu estou pensando?

— Que homem? — Jack perguntou.

— O homem com o chicote e a metralhadora. Eu o conheço. Já o vi muitas vezes.

— Quando? — Jack ofegou.

— Há muito tempo. Quando eu era pequeno. — Richard acrescentou com grande relutância: — Na época em que eu tive aquele... aquele sonho estranho no armário. — Fez uma pausa — Só que acho que não foi sonho, foi?

— Não, acho que não foi.

— Pois é... O homem do chicote era o pai de Reuel?

— O que você acha?

— Era — disse Richard sombriamente. — Por certo que era.

Jack parou.

— Richard, para onde vão esses trilhos?

— Você sabe para onde eles vão — disse o amigo com uma estranha, apática serenidade.

— Sim, acho que sim. Mas quero ouvir de você. — Jack fez uma pausa. — Acho que *preciso* ouvir de você. Para onde eles vão?

— Para uma cidade chamada Point Venuti — disse Richard, e pareceu estar de novo à beira das lágrimas. — Lá existe um hotel enorme. Não sei se é ou não o lugar que você está procurando, mas acho que deve ser.

— Eu também acho — disse Jack. Ajustou mais uma vez as pernas de Richard nos braços e, com uma dor crescente nas costas, seguiu os trilhos que os levariam ao lugar onde a salvação de sua mãe podia ser alcançada.

5

ENQUANTO CAMINHAVAM, Richard falava. Não entrou logo no tema do envolvimento do pai em toda aquela sujeira, mas deu início a um lento rodeio em torno do assunto.

— Eu já tinha visto aquele homem — disse Richard. — Tenho certeza absoluta. Ele ia lá em casa. Entrava sempre pelos fundos. Nunca tocava a campainha ou batia na porta. Ele meio que... arranhava a porta. Isso me dava arrepios. Me deixava tão assustado que eu tinha de me controlar para não molhar as calças. Era um sujeito alto... Oh, sei que todos os adultos são altos aos olhos das crianças, mas aquele sujeito era muito alto. Ele tinha cabelo branco. Usava óculos escuros quase o tempo todo. Às vezes, aquele tipo de óculos escuros de lentes espelhadas. Quando vi o programa sobre

ele no *Sunday Report*, sabia que já o vira em *algum lugar*. Meu pai estava no andar de cima remexendo uns papéis na noite em que exibiram aquele programa. Eu estava assistindo, e quando meu pai entrou na sala e viu o que estava passando, quase deixou cair a bebida que estava segurando. Mudou logo de canal para uma reprise de *Jornada nas Estrelas*.

“Só que o sujeito não se apresentava como Sunlight Gardener quando vinha ver meu pai. O nome dele... Eu não lembro bem. Mas era parecido com Banlon... ou Orlon...

— Osmond?

O rosto de Richard se iluminou.

— Sim, era *isso*. Nunca ouvi o primeiro nome dele. Mas ele costumava nos visitar a cada um ou dois meses. Às vezes com mais frequência. Numa determinada semana, veio quase todas as noites. Depois desapareceu por seis meses. Quando ele chegava, eu costumava me trancar no quarto. Não gostava do cheiro dele. Usava um perfume forte... água-de-colônia, eu acho, mas o cheiro era mais forte. Uma espécie de perfume barato. Mas sob aquele cheiro...

— Sob aquele cheiro, ele fedia como se estivesse há dez anos sem tomar banho.

Richard arregalou os olhos para Jack.

— Eu também o conheci como Osmond — Jack explicou. Ele já contara a história antes (pelo menos uma parte da história), mas Richard não prestara atenção. Agora parecia bem mais atento. — Me encontrei com ele na versão Territórios de New Hampshire, antes de vê-lo como Sunlight Gardener em Indiana.

— Então você já devia ter conhecido aquela... aquela *coisa*.

— Reuel? — Jack balançou a cabeça. — Na época, talvez ele estivesse nas Terras Secas, sofrendo maciças radiações de cobalto.

Jack pensou nas feridas que cobriam o rosto da criatura, pensou nos vermes. Depois olhou para seus pulsos vermelhos, muito inchados nos pontos onde foram mordidos por vermes. Estremeceu.

— Eu nunca tinha visto Reuel antes da batalha no campo — disse —, e nunca vi seu Duplo americano. Que idade você tinha quando Osmond começou a frequentar a casa de seu pai?

— Uns 4 anos. A coisa do... você sabe, do armário... ainda não tinha acontecido. Eu me lembro que depois daquilo fiquei ainda com mais medo dele.

— Depois que a coisa o tocou no armário?

— Sim.

— E isso aconteceu quando você tinha 5 anos.

— Sim.

— Quando *nós dois* tínhamos 5 anos.

— Sim... E agora pode me pôr no chão. Posso muito bem andar um pouco.

Jack abaixou-se e ele desceu. Continuaram andando em silêncio, devagar, lado a lado, cabeças baixas, sem trocarem um único olhar. Aos 5 anos, alguma coisa se espichou da escuridão e encostou em Richard. Quando eles dois tinham 6...

(*seis, Jacky tinha seis*)

Jack ouvira o pai e Morgan Sloat conversando sobre um lugar a que iam, um lugar que Jacky chamava de país dos sonhos de olhos abertos. E no fim daquele ano, alguma coisa saída da escuridão afetou a ele e a mãe. Fora nada mais, nada menos que a voz de Morgan Sloat. Morgan Sloat telefonando de Green River, em Utah. Soluçando. Ele, Phil Sawyer e Tommy Woodbine tinham saído há três dias para a caçada anual de novembro. Um amigo da universidade, Randy Glover, possuía uma confortável cabana de caça em Blessington, Utah. Glover costumava caçar com eles, mas naquele ano estava fazendo um cruzeiro pelo Caribe. Morgan ligara para dizer que Phil tinha sido alvejado. Ao que tudo indicava, por outro caçador. Ele e Tommy Woodbine tiraram o amigo dos bosques numa pequena padiola de cordas. Phil tinha recuperado a consciência na traseira do jipe de Glover e pedira que Morgan dissesse a Lily e a Jack que os amava muito. Morreu quinze minutos

depois, quando Morgan dirigia o jipe a toda a velocidade para o hospital mais próximo de Green River.

Morgan não matara Phil; havia Tommy para testemunhar que os três estavam juntos quando o tiro ecoou, se houvesse, é claro, necessidade de algum testemunho (coisa que não aconteceu).

Mas isso não era dizer que ele não podia ter contratado alguém para fazer isso, Jack pensava agora. E isso não era dizer que o tio Tommy não alimentava certas dúvidas sobre o que de fato acontecera. Nesse caso, tio Tommy talvez não tivesse sido morto só para que Jack e sua mãe doente ficassem à mercê de Morgan. Talvez ele tenha morrido porque Morgan se cansou de temer que o velho veado acabasse por sugerir a Jack que a morte do pai podia ter sido mais que um acidente. Jack sentiu um arrepio de angústia e repugnância lhe repuxar a pele.

— Aquele homem andou pela sua casa antes de nossos pais terem saído para a caçada? — Jack perguntou num tom nervoso.

— Jack, eu tinha 4 anos de idade...

— Não, você não tinha 4, tinha 6. Você tinha 4 quando Osmond começou a frequentar a sua casa, mas tinha 6 quando meu pai foi baleado em Utah. E você não costuma se esquecer de muita coisa, Richard. Ele foi à sua casa antes da morte de meu pai?

— Foi nessa época que ele passou uma semana nos visitando quase todas as noites — disse Richard, a voz quase inaudível. — Foi um pouco antes daquela última caçada.

Embora Richard não tivesse culpa nenhuma do que aconteceu, Jack foi incapaz de reprimir a amargura.

— Meu pai morre num acidente de caça em Utah, o tio Tommy morre atropelado em Los Angeles. A taxa de morte entre os amigos de seu pai é extremamente alta, Richard.

— Jack... — Richard começou com uma voz trêmula, baixa.

— O que estou querendo dizer é o seguinte: já são águas passadas, leite derramado, pode escolher o clichê que quiser. Mas quando eu apareci em seu colégio, você me chamou de maluco.

— Jack, você não enten...

— Não, acho que não. Eu estava cansado e você me deu um lugar para dormir. Ótimo. Estava com fome e você me alimentou. Excelente. Mas o que eu mais precisava era que você *acreditasse* em mim. Eu sabia que era esperar demais, mas, porra! Você *conhecia* o sujeito de quem eu estava falando! Você *sabia* que ele tinha participado da vida de seu pai! E você se limitou a dizer: “Oh, o velho Jack tem passado muito tempo naquele sol escaldante de Seabrook Island, e blábláblá!” Por Deus, Richard, achei que nossa amizade fosse mais forte.

— Você ainda não compreende.

— O quê?! Que estava com medo demais de alguma coisa tipo Seabrook Island para acreditar em mim? — A voz de Jack oscilava de fatigada indignação.

— Não. Eu tinha medo de mais do que isso.

— Ah, é? — Jack exclamou e encarou brutalmente o rosto pálido e angustiado de Richard. — O que pode ser mais do que isso para o Racional Richard?

— Eu estava com medo — disse Richard com uma voz perfeitamente calma. — com medo de que, se eu descobrisse mais coisas sobre esses segredos... sobre aquele homem Osmond, ou sobre o que estava no armário naquele dia, talvez não conseguisse mais amar do meu pai. E acho que eu tinha razão.

Richard cobriu o rosto com dedos magros, sujos, e começou a chorar.

JACK FICOU VENDENDO Richard chorar e se amaldiçoou de vinte formas diferentes. Não importa quem fosse Morgan, ele seria sempre o pai de Richard Sloat. O fantasma de Morgan se ocultava na forma das mãos de Richard, nos ossos do rosto de Richard. Será que Jack se esquecera dessas coisas? Não. Mas por um momento sua amarga decepção com o amigo obscureceu-as totalmente. E seu crescente nervosismo desempenharia um papel nisso tudo. O talismã estava muito, muito perto agora; ele sentia suas terminações nervosas como um cavalo cheirando água no deserto ou farejando um incêndio distante nas planícies. O nervosismo brotara como uma espécie de animal empinando-se em frenética agitação.

Pois é, este sujeito devia ser seu melhor amigo, Jack-O. Fique um pouco assustado se quiser, mas não precisa dar coices no velho Richard. Além disso, se ainda não reparou, o garoto está doente!

Jack estendeu a mão para Richard. Ele tentou esquivar-se. Jack insistiu. Abraçou Richard e, por algum tempo, os dois ficaram abraçados no meio dos trilhos desertos, a cabeça de Richard no ombro de Jack.

— Escute — disse Jack embaraçado —, tente não se preocupar demais com... você sabe... com tudo... pelo menos não agora, Richard. Apenas tente ir levando as mudanças, sabe?

Rapaz, isso soou bem idiota. Como dizer a um sujeito que ele está com câncer mas que não é para esquentar a cabeça porque vai passar a reprise do *Guerra nas estrelas* na tevê e ele logo vai se sentir mais animado.

— Tudo bem — disse Richard. Ele se afastou de Jack. As lágrimas tinham desenhado sulcos profundos em seu rosto encardido. Ele passou um braço sobre os olhos e tentou sorrir. — Tudo vai ficar bem e tudo vai ficar bem.

— E todas as coisas vão ficar bem — Jack fez coro. Acabaram de falar quase ao mesmo tempo, depois riram juntos e tudo ficou muito bem.

— Vamos lá — disse Richard. — Vamos em frente.

— Para onde?

— Vamos pegar seu talismã. Pelo que posso deduzir, ele deve estar em Point Venuti. É a próxima estação da linha do trem. Vamos, Jack. Vamos em frente. Mas ande devagar. Ainda não acabei de falar.

Jack olhou-o com curiosidade e os dois voltaram a caminhar. Mas sem pressa.

7

AGORA QUE AS barreiras tinham se rompido e Richard começara a se permitir lembrar das coisas, ele virou uma inesperada fonte de informações. Jack começou a se sentir como se estivesse tentando montar um quebra-cabeça sem saber que as peças mais importantes estavam perdidas. Era Richard quem possuía a maior parte dessas peças. Richard já estivera antes no acampamento militar; esta era a primeira peça. O pai dele era o dono.

— Você tem certeza de que era o mesmo lugar, Richard? — Jack perguntou num tom de dúvida.

— Tenho certeza — disse Richard. — Ele até me pareceu um tanto familiar lá do outro lado. E quando atravessamos de novo... para cá... eu tive certeza.

Jack balançou a cabeça, sem saber o que mais fazer.

— Costumávamos ficar em Point Venuti. Era lá que ficávamos antes de vir para cá. Andar nesse trem era uma verdadeira festa; quantos pais têm seu próprio trem particular?

— Não muitos — disse Jack. — Acho que Diamond Jim Brady e alguns sujeitos do mesmo tipo tinham trens particulares, mas não sei se eles eram pais ou não.

— Oh, meu pai não estava no time deles — disse Richard, rindo um pouco, e Jack pensou: *Talvez você se surpreenda, Richard.* — Íamos de Los Angeles a Point Venuti num carro alugado. Ficávamos sempre num motel. Só nós dois. — Richard fez uma pausa. Seus olhos estavam nublados de ternura e nostalgia.— Então, depois de passar um tempo lá, subíamos no trem do meu pai até o Campo Prontidão. Era apenas um trenzinho. — Ele se virou para Jack, olhos arregalados. — Como aquele em que viemos, eu acho.

— Campo Prontidão?

Richard pareceu não ouvi-lo. Estava olhando para os trilhos enferrujados. Estavam inteiros ali, Jack achou que Richard podia estar se lembrando dos trilhos dormentes retorcidos que vira um pouco atrás. Em alguns lugares, as pontas dos engates chegavam a se vergar para o alto, como cordas arrebatadas de guitarra. Jack achou que nos Territórios aqueles trilhos estariam reluzentes, em ótimo estado de conservação.

— Antigamente havia aqui uma linha de vagonetes — disse Richard. — Isso foi nos anos 1930, meu pai me contou. A Linha Vermelha do Condado de Mendocino. Só que não era do condado, era propriedade de uma empresa particular, e a empresa faliu, porque na Califórnia... você sabe...

Jack assentiu com a cabeça. Na Califórnia, todo mundo andava de carro.

— Richard, por que você nunca me falou sobre este lugar?

— Essa foi a única coisa que meu pai mandou que eu nunca lhe contasse. Você e sua família sabiam que às vezes passávamos as férias no norte da Califórnia. Até aí tudo bem, dizia meu pai. Mas ele pediu que eu jamais lhe falasse do trem, e muito menos do Campo Prontidão. Disse que, se eu contasse alguma coisa, Phil ficaria louco, pois isto era segredo.

Richard fez uma pausa.

— Disse que, se eu contasse alguma coisa, ele nunca mais me traria aqui. Achei que se tratava de um pequeno problema da sociedade dos dois. Acho que era mais do que isso.

“A linha de vagonete foi à falência por causa dos carros e das rodovias. — Ele se interrompeu com ar pensativo. — Essa era uma coisa estranha no lugar para onde você me levou, Jack. Por mais estranho que fosse, não fedia a hidrocarbonetos. Eu percebi isso.”

Jack concordou outra vez com a cabeça, permanecendo em silêncio.

— A companhia de trens finalmente vendeu toda a ferrovia, com a cláusula do direito adquirido e tudo, para uma companhia de urbanização. *Julgaram* que muita gente começaria a se mudar para o interior. Só que isso não aconteceu.

— Então seu pai a comprou.

— Sim, acho que sim. Mas não tenho certeza. Ele não gostava muito de falar sobre essa compra... nem sobre como substituiu os trilhos de vagonete por esse de trem.

Isso daria muito trabalho, Jack pensou, e depois lembrou-se das covas de mineração e do fornecimento aparentemente ilimitado que Morgan de Orris tinha de mão-de-obra escrava.

— Sei que ele os substituiu, mas só porque comprei um livro sobre estradas de ferro e descobri que havia diferentes bitolas. Vagonetes precisam de trilhos de dez bitolas. Isto aqui é uma linha feita de trilhos de 16 bitolas.

Jack se ajoelhou e, sim, pôde ver um duplo recorte muito fraco dentro dos trilhos ainda existentes: era onde ficavam os trilhos dos vagonetes.

— Ele tinha um trenzinho vermelho — disse Richard com ar sonhador. — Só uma locomotiva e dois vagões. Era movido a diesel. Costumava achar muita graça no trem e dizia que a única coisa que separava os homens dos meninos era o preço dos brinquedos. Havia uma velha estação de vagonete na colina acima de Point Venuti. Nós chegávamos lá no carro alugado, estacionávamos

diante do portão e entrávamos. Me lembro bem do cheiro da estação: cheiro de coisa velha, mas um cheiro gostoso... saturado de velha luz do sol, algo assim. O trem estava sempre ali. E meu pai dizia: “Todos a bordo para o Campo Prontidão, Richard! Tem o seu bilhete?”. Levávamos limonada... ou iced tea... e nos sentávamos em um vagão... às vezes ele trazia coisas... suprimentos... atrás... mas ficávamos sempre sentados lá na frente... e... e...

Richard engoliu em seco e esfregou os olhos.

— E eram momentos legais — ele concluiu. — Só ele e eu. Era bem legal.

Olhou ao redor, os olhos brilhando de lágrimas contidas.

— Havia uma rotunda para girar o trem no Campo Prontidão — disse ele. — Mas isso foi naquele tempo. Nos bons tempos.

Richard deixou escapar um soluço terrivelmente estrangulado.

— Richard...

Jack tentou encostar a mão nele.

Richard se esquivou e deu um passo para longe, tirando as lágrimas do rosto com as costas da mão.

— Não era tão adulto naquela época — disse ele, sorrindo. Tentando sorrir. — *Nada* era muito adulto naquela época, era, Jack?

— Não — disse Jack, percebendo agora que ele também estava chorando.

Oh, Richard. Oh, meu bom amigo.

— Não — Richard repetiu sorrindo, olhando em volta, vendo as árvores enormes e enxugando as lágrimas com as costas sujas das mãos —, nada era muito adulto naquela época. Nos bons tempos, quando éramos apenas crianças. Quando morávamos todos na Califórnia e ninguém queria sair de lá.

Ele olhou para Jack, tentando sorrir.

— Jack, me ajude. Estou me sentindo como se minha perna tivesse caído nos dentes de alguma armadilha e eu... eu...

Então Richard caiu de joelhos com o cabelo no rosto cansado e Jack se ajoelhou ao lado dele, e não consigo contar-lhe mais

nada... Só que os dois se consolaram o melhor que puderam e, como vocês devem saber de suas próprias experiências amargas, isso nunca é o suficiente.

8

— NAQUELA ÉPOCA, a cerca era nova — disse Richard, quando conseguiu continuar. Tinham andado por um tempo. Um curiango cantava num enorme galho de carvalho. O cheiro de sal no ar era mais forte. — Eu me lembro bem. E na tabuleta lia-se: CAMPO PRONTIDÃO. Havia uma pista com obstáculos, cordas para subir e cordas onde o sujeito se pendurava e se balançava sobre grandes poças d'água. Lembrava um acampamento de fuzileiros navais em um filme da Segunda Guerra Mundial. Mas os sujeitos que rondavam por lá não pareciam fuzileiros. Eram gordos e vestiam todos a mesma roupa: moletoms cinza com CAMPO PRONTIDÃO escrito no peito com letras pequenas e calças de moletom com listras vermelhas do lado. Todos pareciam estar à beira de ataques do coração ou derrames cerebrais. Talvez das duas coisas ao mesmo tempo. Às vezes dormíamos lá. Uma ou duas vezes passamos todo o fim de semana. Não na cabana de madeira; a cabana era uma espécie de alojamento do pessoal que pagava para emagrecer.

— Se é que era isso mesmo que faziam.

— Exato. Se é que era isso mesmo que faziam. Nós ficávamos numa grande tenda e dormíamos em catres. Era muito legal. — Richard sorriu com ar pensativo. — Mas você tem razão, Jack. Nem todos os sujeitos que andavam pelo campo lembravam executivos tentando entrar em forma. Os outros...

— O que havia com os outros? — Jack perguntou em voz baixa.

— Alguns deles, muitos deles, lembravam aquelas grandes criaturas peludas que vimos no outro mundo — Richard murmurou. Jack teve de fazer força para ouvir. — Os Lobos. Isto é, pareciam pessoas comuns, mas não muito. Pareciam... rudes. Sabe como é?

— Jack assentiu com a cabeça. Ele sabia.

— Eu me lembro que tinha um certo medo de olhar dentro daqueles olhos de perto. De vez em quando, havia estranhas cintilações dentro deles... Como se os cérebros estivessem pegando fogo. Alguns dos outros... — Um brilho de compreensão despontou no rosto de Richard — Alguns dos outros lembravam aquele substituto do treinador de basquete de quem lhe falei. O sujeito que usava jaqueta de couro e fumava.

— Point Venuti fica muito longe, Richard?

— Não tenho certeza. Costumávamos fazer o trajeto em duas horas e o trem ia sempre muito devagar. Alcançava o equivalente a uma velocidade de corrida, mas não muito mais que isso. A distância até o Campo Prontidão devia ser de uns 50 quilômetros. Talvez menos.

— Então devemos estar, no máximo, a 25 quilômetros de lá. Do...

(do talismã)

— Exato, é isso.

Jack ergueu a cabeça e viu o dia escurecendo. Como para comprovar que aquela situação era mais que fantástica, o sol deslizava agora atrás de uma barragem de nuvens. A temperatura parecia ter caído cinco graus e a atmosfera se tornara estranhamente melancólica. O curiango tinha silenciado.

RICHARD FOI o primeiro a ver a placa: um simples quadrado de madeira, caiado de branco e pintado com letras negras. Ficava à esquerda dos trilhos e o mato cobria todo o poste que o sustentava. Já devia estar ali há muito tempo. A mensagem, no entanto, era bem atual. Dizia: OS BONS PÁSSAROS PODEM VOAR; OS MAUS MENINOS DEVEM MORRER. ESTA É SUA ÚLTIMA CHANCE: VOLTE PARA CASA.

— Você pode ir, Richie — disse Jack suavemente. — Por mim, tudo bem. Eles vão deixá-lo ir, pode ter certeza. Esta encrenca não é sua.

— Talvez seja — disse Richard.

— Fui eu que o arrastei para isso.

— Não — disse Richard. — Meu pai me arrastou para isso. Ou o destino. Ou Deus. Ou Jason. Mas não importa, vou continuar com você.

— Muito bem — disse Jack. — Então, vamos.

Ao passarem pela placa, Jack investiu contra o poste com um golpe razoavelmente bom de kung-fu. O poste e a tabuleta caíram.

— Muito bem, cara — disse Richard, sorrindo um pouco.

— Obrigado. Mas não me chame de cara.

EMBORA TIVESSE COMEÇADO a parecer novamente pálido e cansado, Richard continuou a falar durante a hora seguinte, enquanto seguiam os trilhos na direção do aroma cada vez mais forte do Oceano Pacífico. Despejou uma torrente de reminiscências há anos reprimidas dentro dele. Embora sua fisionomia não

revelasse isso, Jack estava assombrado, estupefato... e sentia uma profunda, incontrolável pena do menino solitário, ansioso por uma mínima demonstração de afeto do pai, que Richard estava revelando para ele, sem querer ou não.

Contemplou o tom de cera no rosto do amigo, as feridas nas bochechas, na testa e em volta da boca; prestou atenção naquela voz tímida, quase sussurrante que, no entanto, não hesitava, não gaguejava quando, finalmente, tinha uma chance de contar tudo aquilo. Mais uma vez ficou feliz por Morgan Sloat não ser *seu* pai.

Richard disse a Jack que se lembrava de muita coisa ao longo daquela parte da estrada de ferro. Em certo trecho, viram um anúncio desbotado de Chesterfield Kings sobre o telhado de um celeiro visível acima das copas das árvores.

—“Vinte ótimos tipos de tabaco compõem vinte maravilhosos cigarros” — disse Richard, sorrindo. — Só que, naquele tempo, dava para ver o celeiro todo.

Ele apontou para um grande pinheiro com uma copa dupla e, 15 minutos depois, contou a Jack:

— Do outro lado desta colina, havia uma rocha que lembrava muito uma rã. Vamos ver se ela ainda está lá.

Estava, e Jack concordou que parecia mesmo uma rã. Pelo menos um pouco. Com um certo esforço de imaginação. *E talvez tenha ajudado ter 3 anos. Ou 4. Ou 7. Ou seja lá que idade ele tinha.*

Richard adorava aquela linha de trem e achava o Campo Prontidão um lugar realmente muito interessante, com sua pista para correr, seus obstáculos para saltar e cordas para subir. Mas nunca gostara de Point Venuti. Depois de um certo esforço, chegou até a lembrar o nome do motel em que ele e o pai pernoitavam durante o tempo em que ficavam na pequena cidade costeira. Motel Kingsland, disse ele... e Jack não se deixou absolutamente surpreender pelo nome.

O Motel Kingsland, Richard contou, ficava na mesma rua que o velho hotel em que seu pai sempre parecia interessado. Richard podia ver o hotel de sua janela e não gostava nada dele. Era um lugar enorme e assustador, com torreões, cumeeiras, ameias, cúpulas e torres; cata-ventos de metal de formas estranhas rodopiavam no alto das torres. Rodopiavam mesmo quando não havia vento, disse Richard. Ele se lembrava claramente das vezes em que se encostava no parapeito da janela do quarto e ficava apreciando os cata-ventos. Todos giravam sem parar, estranhas criações de metal em forma de luas minguantes, escaravelhos e ideogramas chineses. Cintilavam ao sol enquanto o oceano espumava e rugia lá embaixo.

Oh, sim, doutor, agora me lembro de tudo, Jack pensou.

— Estava vazio? — ele perguntou.

— Sim, estava à venda.

— Qual era o nome dele?

— Agincourt.

Richard fez uma pausa; depois acrescentou outro detalhe infantil, a cor que a maioria das crianças pequenas costumava deixar dentro da caixa.

— Era negro. Era feito de madeira, mas a madeira parecia pedra. Velha pedra negra. E era assim que meu pai e seus amigos o chamavam: Hotel Negro.

FOI PARCIALMENTE — mas não inteiramente — para distrair Richard que Jack perguntou:

— Seu pai comprou o hotel? Como fez com o Campo Prontidão?

Richard pensou um pouco e depois assentiu.

— Sim. Acho que sim. Após algum tempo. Da primeira vez que fui lá com ele, havia uma tabuleta, “Vende-se”, nos portões. Mas um dia, quando chegamos, ela tinha desaparecido.

— Você nunca ficou lá?

— Deus, não! — Richard tremeu. — Ele só me faria entrar lá rebocado por uma corrente. E, mesmo assim, talvez não conseguisse.

— Nunca nem entrou?

— Não! Nunca entrei e nunca vou entrar.

Oh, Richard, ninguém ensinou você a nunca dizer nunca?

— E seu pai? Ele nunca entrou?

— Não que eu saiba — disse Richard em seu melhor tom professoral. O indicador foi até a ponta do nariz, empurrando óculos que não estavam mais lá. — Seria quase capaz de apostar que ele nunca entrou no hotel. Ele tinha tanto medo do lugar quanto eu. Mas o que eu sentia era apenas medo. Para meu pai, havia mais alguma coisa. Ele estava...

— Estava o quê?

Com relutância, Richard respondeu:

— Estava obcecado pelo lugar, eu acho.

Richard fez uma pausa, os olhos vagos, tentando revirar o passado.

— Sempre que estávamos em Point Venuti, ele ia diariamente para a frente do hotel e ficava parado diante dele. Não por alguns minutos ou algo desse tipo. Ficava postado em frente ao hotel por umas três horas, às vezes mais. Em geral sozinho. Mas nem sempre. Ele tinha... amigos estranhos.

— Lobos?

— Acho que sim — disse Richard, quase num tom de raiva. — Sim, acho que alguns deles podem ter sido Lobos, ou seja lá como

você queira chamá-los. Não pareciam à vontade em suas roupas. Estavam sempre se coçando, em geral naqueles lugares em que as pessoas educadas não devem se coçar. Outros lembravam o substituto do treinador do basquete. Eram uma mistura de sujeitos rudes e maus. Alguns daqueles caras eu costumava ver no Campo Prontidão. Vou lhe dizer uma coisa, Jack: aqueles sujeitos tinham ainda mais medo do hotel do que meu pai. Eles se encolhiam quando chegavam perto.

— E Sunlight Gardener? Ele foi alguma vez lá?

— Aham — Richard disse. — Mas em Point Venuti ele lembrava mais o homem que vimos do lado de lá...

— Parecia Osmond.

— Sim. Mas essas pessoas não vinham com muita frequência. Em geral, meu pai ficava sozinho. Às vezes, ele ia até o restaurante do motel, pegava uns sanduíches e se sentava num banco da calçada, comendo e apreciando o hotel. Eu ficava na janela do saguão do Kingsland e via meu pai olhando para o hotel. Jamais gostei da cara dele nessas horas. Parecia assustado, mas também parecia... triunfante.

— Triunfante — Jack repetiu num tom meditativo.

— Às vezes ele me perguntava se eu queria ir com ele, e eu sempre respondia que não. Ele abanava a cabeça e uma vez me disse: “Vai haver tempo. Um dia você compreenderá... tudo, Rich.” Me lembro de ter pensado que jamais ia querer entender o que havia com aquele hotel negro.

— Um dia — Richard continuou —, um dia em que estava bêbado, meu pai me contou que havia alguma coisa dentro daquele lugar. Disse que a coisa estava há um bom tempo lá. Já estávamos deitados, eu me lembro. O vento parecia muito forte naquela noite. Eu escutava as ondas batendo na praia e o som rangente dos cata-ventos girando no alto das torres do Agincourt. Era um barulho assustador. Pensei naquele estranho prédio, em todos aqueles quartos, nada dentro deles...

— A não ser por fantasmas — Jack murmurou. Achou que tinha ouvido passos e virou-se bruscamente para trás. Nada, ninguém. Pelo menos até onde os trilhos podiam ser vistos, a estrada de ferro parecia deserta.

— Exato. A não ser fantasmas — Richard concordou. — Então eu perguntei: “É uma coisa valiosa, papai?”

“É a mais valiosa que existe”, disse ele.

“Então algum drogado é capaz de arrombar o hotel para roubá-la”, disse eu. Não era... como vou dizer?... não era um assunto que eu quisesse prolongar, mas também não queria que ele dormisse. Não com aquele vento soprando lá fora e os cata-ventos rangendo na noite.

“Ele riu, e eu ouvi um retinir de vidro quando ele se serviu de mais um pouco de *bourbon* da garrafa no chão.”

“Ninguém vai roubá-la, Rich”, disse ele. “Qualquer drogado que entrasse no Agincourt veria coisas que *jamaís* tinha visto antes.” Ele acabou seu trago de bebida, e percebi que ele começou a ficar sonolento. “Só um sujeito no mundo inteiro poderia encostar a mão naquela coisa, mas ele nunca conseguirá chegar perto dela, Rich. Pode ter certeza. Uma coisa que me interessa muito é que ela se mantém inalterada tanto aqui quanto lá. Ela não se transforma. Ao menos pelo que posso perceber, ela não se transforma. Gostaria muito de tê-la, mas não vou nem tentar, pelo menos por enquanto, e talvez nunca. Eu podia fazer coisas com ela, pode apostar, mas, levando tudo em conta, acho que gosto mais dela onde está.”

“Eu mesmo já estava ficando sonolento, mas acabei perguntando o que era *a coisa* que ele estava falando.”

— E o que ele disse ? — Jack perguntou com uma secura na boca.

— Chamou a coisa... — Richard hesitou, franzindo a testa — Ele chamou a coisa de “eixo de todos os mundos possíveis”. Depois riu. Depois a chamou de outra coisa. Uma coisa de que você não vai gostar.

— O que foi?

— Você vai ficar furioso.

— Vamos lá, Richard, desembuche.

— Ele a chamou... bem... ele a chamou de “a loucura de Phil Sawyer”.

Não foi raiva o que Jack sentiu, mas uma explosão de quente, estonteante agitação. Era aquilo mesmo, sem dúvida; era o talismã. O eixo de todos os mundos possíveis. Quantos mundos? Só Deus sabia. Os Territórios Americanos, os próprios Territórios, os hipotéticos Territórios dos Territórios, e assim por diante, como faixas se elevando sem cessar num mastro de barbearia. Um universo de mundos, um multidimensional macrocosmo de mundos — e em todos eles uma coisa que era sempre a mesma, uma força unificadora inegavelmente boa, mesmo estando agora aprisionada num lugar ruim: o talismã, eixo de todos os mundos possíveis. E era também a loucura de Phil Sawyer? Provavelmente sim. A loucura de Phil... A loucura de Jack... de Morgan Sloat... de Gardener... e a esperança, é claro, das duas rainhas.

— Não se trata apenas de Duplos — Jack disse em voz baixa.

Richard andava devagar, vendo os trilhos dormentes enferrujados desaparecerem sob os pés. Agora atirava olhares nervosos a Jack.

— Não se trata apenas de Duplos, porque existem mais de dois mundos. Há triplos... quádruplos... quem sabe? Morgan Sloat aqui; Morgan de Orris lá; talvez Morgan, duque de Azreel em algum outro lugar. *Mas ele nunca entrou no hotel!*

— Não sei do que você está falando — disse Richard num tom resignado. *Mas tenho certeza que vai continuar falando*, dizia aquele tom, *passando do mero absurdo à completa insanidade. Todos a bordo para Seabrook Island!*

— Ele *não pode* entrar. Isto é, o Morgan da Califórnia não pode entrar... E você sabe por quê? Porque Morgan *de Orris* não pode. E Morgan de Orris não pode porque o Morgan *da Califórnia* não pode.

Se um deles não pode entrar em *sua* versão do hotel negro, então *nenhum* pode. Está entendendo?

— Não.

Febril com a descoberta, Jack não ouviu absolutamente o que disse Richard.

— Dois Morgans ou dezenas deles. Não importa. Duas Lilys ou dezenas delas... dezenas de rainhas em dezenas de mundos, Richard, pense nisso! Isso não mexe com a sua cabeça? Dezenas de hotéis negros. Só que, em alguns mundos, podem ser um parque de diversões negro... um estacionamento de trailer negro... ou não sei mais o quê. Mas Richard...

Ele parou, pegou Richard pelos ombros e ficou olhando para ele, os olhos brilhando. Richard tentou se esquivar, mas logo ficou imóvel, fascinado pela beleza febril estampada no rosto de Jack. De repente, por um breve momento, Richard acreditou que todas as coisas podiam ser possíveis. Subitamente, por um breve momento, ele se sentiu *curado*.

— O quê? — sussurrou.

— *Algumas* coisas não estão excluídas. Algumas *pessoas* não estão excluídas. Elas possuem... por assim dizer... *uma natureza única*. É a única maneira que me ocorre para expressar isso. Elas são como *aquilo*, o talismã. De uma natureza única. Eu. Eu sou de uma natureza única. Tive um Duplo, mas ele morreu. Não apenas nos Territórios, mas em *todos* os mundos, a não ser neste aqui. Eu sei disso; eu sinto isso. Meu pai também sabia. Acho que por essa razão é que ele me chamava de Jack Viajante. Quando estou aqui, não estou lá. Quando estou lá, não estou aqui. E, Richard, *com você acontece o mesmo!*

Richard o fitava, mudo.

— Você não se lembra; esteve fora de órbita quase o tempo todo enquanto eu falava com Anders. Mas ele disse que Morgan de Orris teve um filho. Rushton. Você sabe quem era ele?

— Sim — Richard murmurou. Ainda se sentia incapaz de desviar os olhos de Jack. — Era meu Duplo.

— Isso mesmo. O menino morreu, disse Anders. O talismã é de uma natureza única. Nós somos de uma natureza única. Seu pai não é. Vi Morgan de Orris naquele outro mundo, e ele é *como* seu pai, mas *não é* seu pai. Ele não podia entrar no hotel negro, Richard. Ainda não pode. Mas ele sabia que você era de natureza única, e sabe que eu também sou. Gostaria de me ver morto. E precisa ter você do lado dele.

“Porque assim, se ele decidisse que *queria* o talismã, poderia mandar que *você* o pegasse, certo?”

Richard começou a tremer.

— Mas não importa — disse Jack gravemente. — Ele não vai precisar se preocupar com isso. Nós vamos pegá-lo, mas *ele* não conseguirá pôr as mãos nele.

— Jack, acho que não vou conseguir entrar naquele lugar — disse Richard, mas falou num suspiro baixo, sem fôlego, e Jack, que já retomara a caminhada, não o ouviu.

Richard correu para alcançá-lo.

12

A CONVERSA CESSOU. O meio-dia veio e se foi. A floresta tinha se tornado muito silenciosa e duas vezes Jack viu árvores com estranhos troncos retorcidos e um emaranhado de raízes bem perto dos trilhos. Ele não gostou muito da aparência dessas árvores. Elas pareciam familiares.

Richard, fitando os dormentes que desapareciam sob seus pés, acabou tropeçando, caindo e batendo de cabeça. Depois disso,

Jack voltou a carregá-lo nas costas.

— Olhe ali, Jack! — Richard gritou após o que pareceu ser uma eternidade.

Bem à frente, os trilhos desapareciam numa espécie de velha garagem de bondes. As portas se abriam para uma escuridão sinistra, lúgubre, e que devia estar coberta de mofo. Além da garagem (que talvez, antigamente, tivesse sido tão agradável quanto Richard dissera, mas que agora parecia absolutamente fantasmagórica aos olhos de Jack) havia uma estrada. A Rodovia 101, Jack supunha.

E, além da estrada, o oceano. Ele podia ouvir o barulho das ondas.

— Acho que já chegamos — disse num tom de voz seco.

— Quase — disse Richard. — Point Venuti fica a um ou dois quilômetros seguindo pela estrada. Deus, como eu gostaria que não tivéssemos de ir para lá, Jack... Jack? Para onde você está indo?

Jack nem virou a cabeça. Saiu do curso dos trilhos, contornou uma daquelas árvores de aspecto estranho (esta, pouco maior que um arbusto) e dirigiu-se para a estrada. Ervas e mato alto roçavam nas pernas surradas do jeans. Alguma coisa dentro da garagem — a estação ferroviária particular que Morgan Sloat utilizara outrora — movia-se aos solavancos, num serpentear obsceno, mas Jack nem mesmo olhou para ela.

Chegou à estrada, atravessou-a e caminhou até a beirada.

QUASE EM MEADOS de dezembro do ano de 1981, um menino chamado Jack Sawyer estava onde a terra e o mar se encontravam,

mãos nos bolsos do jeans, contemplando o constante Pacífico. Tinha 12 anos e era extraordinariamente belo para a sua idade. O cabelo era castanho e comprido — provavelmente comprido demais —, mas a brisa marinha o tirava de uma testa lisa e delicada. Permanecia ali, pensando na mãe que estava morrendo, e nos amigos, tanto os presentes quanto os ausentes, e em mundos dentro de mundos, todos seguindo seus respectivos cursos.

Venci a distância, ele pensou e tremeu. De costa a costa com Jack Viajante Sawyer. Seus olhos repentinamente se encheram de lágrimas. Inspirou profundamente o cheiro do sal. Lá estava ele; e o talismã estava perto.

— Jack!

Jack não atendeu logo ao chamado; seu olhar continuava preso no Pacífico, no brilho dourado do sol na crista das ondas. Lá estava ele, ele conseguira. Ele...

— *Jack!* — Richard o sacudiu pelo ombro, tirando-o de seu arrebatamento.

— Hã?

— Olhe! — Richard estava boquiaberto, apontando alguma coisa na estrada, na direção em que, provavelmente, se achava Point Venuti — Olhe ali!

Jack olhou. Compreendeu o espanto de Richard, mas o espanto não o atingiu — como não ficara surpreso quando Richard lhe dissera o nome do motel onde ele e o pai costumavam pernoitar em Point Venuti. Não, não havia razão para espanto, mas...

Mas era bom demais ver sua mãe outra vez.

A face tinha quase dez metros de altura, e era um rosto mais jovem do que Jack podia lembrar. Era Lily no auge de sua carreira. O cabelo, uma esplêndida sombra de louro metálico, estava preso num rabo-de-cavalo ao estilo de Tuesday Weld. Sua marca registrada, porém, era o sorriso despreocupado, atrevido. Nenhuma outra estrela jamais sorrisa daquele jeito — era uma invenção dela,

uma patente exclusiva. Lily olhava para trás por cima do ombro nu. Olhava para Jack... para Richard... para o azul do Pacífico.

Era sua mãe... mas, quando ele piscou, a fisionomia se transformou um pouco. A linha do queixo ficou mais redonda, as bochechas menos salientes, o cabelo mais escuro, os olhos de um azul ainda mais profundo. Agora era o rosto de Laura DeLoessian, mãe de Jason. Jack piscou outra vez, e era novamente sua mãe — sua mãe aos 28 anos, abrindo o alegre sorriso que mandava tudo para o inferno.

Era um cartaz. Em cima, havia os seguintes dizeres:

TERCEIRO FESTIVAL ANUAL DO FILME POLICIAL
POINT VENUTI, CALIFÓRNIA
CINEMA BITKER
DE 10 A 20 DE DEZEMBRO
COM A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE LILY CAVANAUGH
“RAINHA DAS PRODUÇÕES B”

— Jack, é sua *mãe* — disse Richard. A voz estava rouca de espanto. — Será que é apenas uma coincidência? Não *pode* ser, você não acha?

Jack balançou a cabeça. Não, não era uma coincidência.

A palavra em que seus olhos continuavam fixos era, naturalmente, RAINHA.

— Vamos — ele disse a Richard. — Acho que estamos quase chegando.

Os dois caminharam lado a lado pela beira da estrada, em direção à cidadezinha chamada Point Venuti.

Capítulo Trinta e Oito

O Fim da Estrada

1

ENQUANTO CAMINHAVAM, Jack examinava cuidadosamente a postura curvada e o rosto brilhante de Richard. Era como se agora apenas uma enorme força de vontade estivesse conseguindo arrastá-lo pela estrada. Mais algumas espinhas de aparência úmida tinham desabrochado em seu rosto.

— Você está bem, Richie?

— Não. Não estou me sentindo muito bem. Mas ainda consigo andar, Jack. Você não precisa me carregar.

Ele curvou a cabeça e continuou a se arrastar sombriamente. Jack viu que o amigo, que tinha tantas lembranças daquela estranha e pequena estrada de ferro e daquela estranha e pequena estação, estava sofrendo bem mais do que ele com a realidade que via ao redor: dormentes enferrujados, quebrados, ervas daninhas, trepadeiras com espinhos... e, lá no fim, uma construção em ruínas, onde toda a pintura brilhante de que Richard se lembrava tinha desbotado, uma construção onde alguma coisa resvalava desconfortável na escuridão.

Estou me sentindo como se minha perna tivesse ficado presa em alguma armadilha, Richard dissera, e Jack achou que podia entender muito bem o que o amigo sentia... mas não com a *profundidade* da compreensão de Richard. Isso era mais compreensão do que ele sabia que poderia suportar. Uma parte da infância de Richard fora arrancada dele, virada pelo avesso. A ferrovia e a estação fantasma, com suas espantosas janelas sem vidros, devem ter parecido, aos olhos de Richard, terríveis paródias de tempos passados e, ao mesmo tempo, mais pedaços do passado destruído por tudo que ele estava descobrindo ou admitindo sobre o pai. Toda a vida de Richard, assim como a de Jack, começara a se dobrar aos padrões dos Territórios, e Richard estava bem menos preparado para a transformação.

QUANTO AO QUE dissera a Richard sobre o talismã, Jack podia jurar que era verdade: o talismã sabia que eles estavam chegando.

Começara a sentir isso quando viu o cartaz brilhando com a estampa da mãe; agora a sensação era de urgência e era poderosa. Era como se um grande animal tivesse despertado a alguns quilômetros dali e seu ronronar ecoasse pela Terra... Ou como se cada lâmpada de um edifício de cem andares tivesse acabado de ser acesa, formando um clarão de luz suficientemente forte para ofuscar as estrelas... Ou como se alguém tivesse acionado o maior ímã do mundo, um ímã que lhe sugasse a fivela do cinto, as moedas dos bolsos, as obturações dos dentes e que não ficaria satisfeito até sugá-lo para seu coração. Aquele grande animal ronronando, aquela súbita e drástica iluminação, aquela ânsia magnética, tudo isso ecoava no peito de Jack. Alguma coisa ao longe, alguma coisa na direção de Point Venuti, queria Jack Sawyer, e o que ele mais sabia sobre o objeto que o atraía tão visceralmente era que o objeto era grande. Grande. Nenhuma coisinha pequena possuiria tamanho poder. Devia ser algo do tamanho de um elefante, do tamanho de uma cidade.

E Jack se questionava sobre sua capacidade de manejar uma coisa tão monumental. O talismã fora aprisionado num mágico e sinistro velho hotel; presumivelmente fora posto ali não apenas para ficar a salvo de mãos cruéis, mas porque, ao menos em parte, era difícil lidar com ele, fossem quais fossem as intenções da pessoa. Talvez, Jack ponderou, Jason fosse o único ser capaz de manipulá-lo, capaz de manobrá-lo sem causar dano a si mesmo ou ao próprio objeto. Sentindo a força e a urgência desse chamado, Jack só esperava não fraquejar diante do talismã.

— “Um dia você vai entender, Rich” — disse Richard, surpreendendo-o. Sua voz era baixa e melancólica. — Meu pai disse isso. Ele disse que eu entenderia. *“Um dia você vai entender, Rich.”*

— Sim — disse Jack, olhando preocupado para o amigo. — Como está se sentindo, Richard?

Além das feridas em volta da boca, Richard tinha agora uma feia coleção de manchas e calombos vermelhos nas têmporas e

entre as espinhas da testa. Era como se um enxame de insetos tivesse conseguido se esconder sob a superfície de sua pele. Por um instante, Jack teve um vislumbre de Richard Sloat na manhã em que escalou a janela do Pavilhão Nelson no Colégio Thayer: Richard Sloat, com seus óculos firmemente plantados na ponta do nariz e a suéter caprichosamente presa na calça. Será que aquele garoto irritantemente correto e imperturbável algum dia voltaria a se manifestar?

— Eu ainda consigo andar — disse Richard. — Mas será que foi isso o que ele quis dizer? Será *esta* a compreensão que um dia eu iria alcançar, absorver, sei lá...

— Seu rosto tem alguma coisa de diferente — disse Jack. — Quer descansar um pouco?

— Nada disso — Richard exclamou. Era como se sua voz viesse do fundo de um barril lamacento. — Posso sentir a erupção na minha pele. Ela coça. Acho que essa coisa também está enchendo as minhas costas.

— Deixe-me ver — disse Jack. Richard parou no meio da estrada, obediente como um cão. Fechou os olhos e respirou pela boca. As manchas vermelhas chamejavam na testa e nas têmporas. Jack foi para as costas dele, tirou-lhe a jaqueta e levantou a parte de trás da suja e manchada camisa azul de botões. Ali as manchas eram menores, não tão altas nem feias quanto as manchas do rosto. Estendiam-se dos ombros até a lombar, pouco maiores que pulgas.

Richard deixou escapar um grande e inconsciente suspiro de desânimo.

— Tem aqui também, mas não está tão ruim — disse Jack.

— Obrigado — disse Richard. Ele respirou fundo e levantou a cabeça. Lá em cima, o céu nublado parecia suficientemente pesado para despencar sobre a Terra. Na encosta áspera, o oceano batia ruidosamente nas rochas. — Agora só faltam dois ou três quilômetros. Eu vou conseguir.

— Posso carregá-lo de novo se você precisar — disse Jack, demonstrando sem querer sua convicção de que daí a pouco Richard precisaria ser carregado de novo.

Richard balançou negativamente a cabeça e fez uma tentativa fracassada de empurrar a camisa para dentro da calça.

— Às vezes eu acho... Às vezes eu acho que não posso...

— Vamos entrar naquele hotel, Richard — disse Jack, passando o braço pelo de Richard e quase o forçando a continuar andando. — Você e eu. Juntos. Não tenho a menor ideia do que vai acontecer quando estivermos lá dentro, mas você e eu vamos entrar. Pouco importa quem tente nos deter. Não se esqueça disso.

Richard lançou-lhe um olhar meio temeroso, meio agradecido. Agora Jack podia ver o contorno irregular de futuras erupções amontoando-se sob a pele do rosto de Richard. Ele teve outra vez consciência de uma poderosa força atuando sobre ele, forçando-o a seguir em frente do mesmo modo como ele forçava Richard.

— Você está se referindo ao meu pai — disse Richard. Ele piscou e Jack achou que o amigo estava tentando não chorar. A exaustão ampliava todas as emoções de Richard.

— Estou me referindo a tudo — disse Jack, não de todo sincero. — Vamos indo, amigo.

— Mas o que eu devo entender? Eu não...

Richard olhou em volta. Os olhos sem óculos pestanejavam muito. A maior parte do mundo, Jack se lembrou, pareceria um tanto borrada aos olhos de Richard.

— Você já está entendendo muita coisa, Richie — Jack falou.

E então, por um instante, um sorriso desconcertantemente amargo repuxou os lábios de Richard. Ele fora levado a compreender muito mais do que desejava saber, e Jack se viu desejando por um momento ter fugido sozinho do Colégio Thayer no meio da noite. Mas o momento em que podia ter preservado a inocência de Richard já fazia parte do passado, se é que realmente existira. Richard era parte indispensável da missão de Jack. Sentiu

mãos fortes apertarem seu peito: as mãos de Jason, as mãos do talismã.

— Estamos a caminho — disse ele, e Richard ajustou-se ao ritmo de seus passos.

— Lá em Point Venuti vamos encontrar meu pai, não é? — ele perguntou.

— Vou cuidar de você, Richard. Agora você é o rebanho.

— O quê?

— Ninguém vai machucá-lo, a não ser que você se coce até a morte.

Richard resmungava enquanto andava ao lado de Jack. Suas mãos resvalavam para as têmporas inflamadas, esfregando e esfregando. De vez em quando, fincava os dedos no cabelo, coçava-se como um cachorro e rosnava numa satisfação apenas parcialmente alcançada.

3

POUCO DEPOIS de Richard levantar a camisa, revelando as bolhas vermelhas nas costas, eles viram a primeira das árvores dos Territórios. Ela ficava na margem da estrada voltada para a terra, um emaranhado de galhos escuros e nós irregulares, uma casca grosseira emergindo de uma teia viscosa e avermelhada de trepadeiras. Os buracos do caule se arregalavam para os rapazes em forma de bocas ou olhos. Entre a densa rede de trepadeiras, algumas raízes pareciam sussurrar e se mover, agitando as folhas de aspecto pegajoso como se uma brisa as soprasse.

— Vamos atravessar a estrada — disse Jack, esperando que Richard não tivesse visto a árvore. Podia ouvir as densas raízes

resvalando como lâminas de borracha entre as hastes das trepadeiras.

Não é um RAPAZ? Não haverá um RAPAZ por aqui? Quem sabe um rapaz ESPECIAL?

As mãos de Richard passavam dos ombros à testa, da testa ao couro cabeludo. Nas bochechas, a segunda onda de calombos assemelhava-se às maquiagens dos filmes de terror. Ele parecia um monstro juvenil saído de um dos filmes de Lily Cavanaugh. Jack viu que nas costas das mãos de Richard os calombos vermelhos da erupção começavam a se reunir em grandes chagas vermelhas.

— Ainda aguenta caminhar, Richard? — ele perguntou.

Richard balançou a cabeça.

— É claro. Ao menos por mais algum tempo. — Estreitou os olhos para examinar a estrada. — Aquilo não é uma árvore comum, é? Nunca vi uma árvore assim, nem mesmo em livros. É uma árvore dos Territórios, não é?

— É o que parece — disse Jack.

— Isto quer dizer que os Territórios estão realmente perto, não é?

— Acho que sim.

— Então ainda vamos encontrar mais árvores desse tipo, não vamos?

— Se você sabe as respostas, por que pergunta? — Jack falou. — Oh, Jason, que bobagem estou dizendo. Desculpe, Richie. Acho que não estava querendo que você reparasse. Sim, acho que, mais adiante, encontraremos mais árvores desse tipo. Só não vamos chegar perto de nenhuma delas.

De qualquer modo, Jack pensou, “mais adiante” não era um modo preciso de descrever o ponto exato de destino dos dois: a estrada se prolongava decididamente à frente, e cada 50 metros da caminhada pareciam torná-la mais longa. Tudo parecia invadido pelos Territórios.

— Pode dar uma olhada em minhas costas? — Richard perguntou.

— É claro.

Jack levantou outra vez a camisa do amigo. Se obrigou a não dizer nada, embora tenha sentido ímpetos de gemer. Agora as costas de Richard estavam cobertas de bolhas vermelhas que pareciam irradiar calor.

— Está um pouco pior — disse por fim.

— Só podia estar. Um pouquinho, hã?

— Um pouquinho.

Não ia demorar muito para Richard ficar parecido com uma maleta de pele de jacaré. Rapaz-crocodilo, filho do Homem-elefante.

Um pouco à frente, duas árvores se entrelaçavam. Os troncos enrugados contorciam-se um à volta do outro de um modo que sugeria mais violência que amor. Ao passar por elas, Jack julgou ter visto os buracos negros das cascas fazendo caretas, jogando pragas ou beijos. E ouviu também as raízes grasnando em conjunto: UM RAPAZ! *Há um* RAPAZ por aqui! *Nosso RAPAZ está aqui!*

Embora fosse apenas o meio da tarde, a atmosfera estava escura, estranhamente granulada, como uma foto de jornal antigo. No lugar da grama que há pouco cobria a margem da estrada, surgia agora uma irreconhecível forração de mato. Sem flores e quase sem folhas, aquelas hastes lembravam cobras aninhadas e exalavam um ligeiro odor de óleo diesel. Vez por outra, o sol cintilava na escuridão da tarde como um fogo levemente alaranjado. Jack lembrou-se de uma foto que tinha visto da cidade de Gary, em Indiana. Era uma vista noturna: clarões infernais elevavam-se até um céu escuro, envenenado de poluição.

O talismã o atraía, fazia com que ele seguisse adiante, puxava-o pelas roupas com mãos de gigante. O elo de todos os mundos possíveis. Ele ia levar Richard para dentro daquele inferno, lutando com toda a energia para defender a vida dele, nem que

tivesse de arrastá-lo pelos pés. E Richard deve ter visto essa determinação no olhar de Jack, pois, sem parar de se coçar pelo corpo inteiro, continuava seguindo docilmente o amigo.

Vou conseguir, disse Jack para si mesmo, e tentou ignorar até que ponto estava apenas tentando fortalecer sua coragem. *Nem que eu tenha de atravessar uma dúzia de mundos diferentes, vou conseguir.*

4

TREZENTOS METROS à frente, um punhado das feias árvores dos Territórios se amontoavam na margem da estrada como ladrões. Ao passar do outro lado da pista, Jack deu uma olhadela no novelo das raízes e, semi-enterrado na terra onde as raízes se enroscavam, viu um pequeno esqueleto esbranquiçado, talvez de um menino de 8 ou 9 anos, ainda usando uma surrada camisa xadrez, verde e preta. Jack engoliu em seco e apertou o passo, arrastando Richard atrás de si como um cãozinho numa coleira.

5

ALGUNS MINUTOS DEPOIS, Jack Sawyer avistou Point Venuti pela primeira vez.

Capítulo Trinta e Nove

Point Venuti

1

POINT VENUTI estendia-se lá embaixo, colada às encostas de uma rocha que ia dar no oceano. Mais além, uma cadeia de penhascos erguia-se de forma compacta, mas irregular, na atmosfera escura. Os penhascos lembravam velhos elefantes, cobertos de rugas. A estrada margeava altos muros de madeira até uma esquina onde havia um comprido e cinzento prédio de metal, certamente uma

fábrica ou armazém. Depois, desfiavam-se casas em ladeira e telhados melancólicos de outros armazéns. Da perspectiva de Jack, a estrada só voltava a aparecer subindo uma pequena colina, que devia se estender para o sul, na direção de São Francisco. Ele só conseguia ver o declive, quase em degraus, dos telhados dos armazéns, algumas áreas de estacionamento, e, um pouco à direita, o frio brilho cinzento do mar. Não via gente em qualquer parte da estrada; ninguém apareceu na fileira de pequenas janelas nos fundos da fábrica. Muita poeira rodopiava pelas áreas vazias de estacionamento. Point Venuti parecia deserta, mas Jack sabia que não estava deserta. Morgan Sloat e seu bando (pelo menos a parte do bando que tinha sobrevivido ao ataque-surpresa no acampamento) estariam à espera da chegada de Jack Viajante e do Racional Richard. A vibração do talismã se irradiava para Jack, impelindo-o a seguir em frente.

— Bem, é aqui, garoto — ele exclamou e continuou avançando.

Duas novas facetas de Point Venuti entraram imediatamente em seu ângulo de visão. A primeira foi o aparecimento de cerca de 20 centímetros da traseira de uma limusine Cadillac — Jack viu a lustrosa pintura negra, o para-choque brilhante, uma parte da lanterna direita. Jack desejava com fervor que o renegado Lobo ao volante fosse um dos que morreu no Campo Prontidão. Então, olhou de novo para o oceano. A água cinzenta rugia para a costa.

Um lento movimento sobre os telhados da fábrica e do armazém lhe atraiu a atenção no meio do passo seguinte. VENHA CÁ, o talismã chamava de um modo urgente e magnético. De certa forma, Point Venuti pareceu se contrair como um punho. Sobre os telhados, e só agora visível, um monótono cata-vento escuro, com a forma da cabeça de um lobo, rodopiava de um lado para outro, sem obedecer a qualquer vento.

Quando Jack viu o oscilante cata-vento indo da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, e depois executando um círculo

completo, percebeu que estava se defrontando pela primeira vez com o hotel negro — pelo menos com uma parte do hotel. Dos telhados dos armazéns, da estrada à frente, e todo o trecho ainda oculto da cidade, erguia-se uma inequívoca atmosfera de hostilidade, palpável como um tapa no rosto. Os Territórios envolviam Point Venuti, Jack percebeu; ali, a realidade se transformava em areia fina. A cabeça de lobo rodopiava sem sentido no ar e o talismã continuava atraindo Jack. VENHA CÁ VENHA CÁ VENHA AGORA VENHA AGORA AGORA... Jack percebeu que, juntamente com sua incrível e crescente atração, o talismã cantava para ele. Sem palavras, sem música, mas cantava, a suave ondulação de uma melodia que só por ele estaria sendo ouvida.

O talismã sabia que ele acabara de ver o cata-vento do hotel.

Talvez Point Venuti fosse o mais perigoso e depravado lugar de toda a América do Norte e do Sul, Jack pensou, experimentando um súbito calafrio. Mas isso não o impediria de ir até o Hotel Agincourt. Virou-se para Richard, que agora ofegava como se estivesse há um mês fazendo exercícios físicos, e tentou não demonstrar a consternação diante do deplorável estado do amigo. Richard também não podia pará-lo; se fosse preciso, ele empurraria Richard pelos muros do amaldiçoado hotel. Viu o atormentado Richard arrastar as unhas pelo couro cabeludo e pela estranha teia de urticária na testa e nas faces.

— Vamos conseguir, Richard — disse ele. — Sei que vamos. Pouco importa que eles tentem nos assustar. Vamos conseguir.

— Nossos problemas vão ter problemas conosco — disse Richard, citando (sem dúvida conscientemente) o dr. Seuss. Ele fez uma pausa. — Não sei se vou conseguir. Essa é a verdade. Já estou morrendo em pé. — Lançou a Jack um olhar de extrema angústia. — O que está *acontecendo* comigo, Jack?

— Eu não sei, mas sei como curá-lo. — Esperava que isso fosse verdade.

— Meu pai está me fazendo isto? — Richard perguntou com infelicidade.

Passou as mãos sobre o rosto inchado. Depois tirou a camisa de dentro da calça e examinou as erupções vermelhas na barriga. Os calombos, com o formato aproximado do estado de Oklahoma, começavam na cintura, estendiam-se por ambos os lados das costas e chegavam quase até o pescoço.

— Parece um vírus, ou algo assim. Será que é meu pai passou isso para mim?

— Não acho que ele tenha feito de propósito, Richie — disse Jack. — Não sei se isto serve de consolo.

— Não serve — Richard retrucou.

— Tudo vai passar. O Expresso de Seabrook Island está chegando ao fim da linha.

Com Richard ao lado, Jack deu mais um passo à frente... e viu as lanternas do Cadillac piscarem; depois o carro se pôs em movimento e desapareceu.

Dessa vez não haveria ataque-surpresa, nenhum estupendo arrombar de portão com um trem carregado de armas e munições. Mas, mesmo que todo mundo em Point Venuti soubesse que eles estavam chegando, Jack ia continuar avançando. De repente, se sentiu como se usasse uma armadura, como se segurasse uma espada mágica. Ninguém em Point Venuti tinha o poder de feri-lo, pelo menos até que chegasse ao Hotel Agincourt. Jack seguia adiante, tendo a seu lado o Racional Richard. Tudo ia correr bem.

E, antes que tivesse dado mais três passos, os músculos em sintonia com o talismã, Jack teve uma melhor e mais precisa imagem de si mesmo, melhor do que a de um cavaleiro indo para a batalha. A imagem saía diretamente de um dos filmes de sua mãe, entregue por telegrama celestial. Era como se estivesse montado num cavalo, chapéu de aba larga na cabeça e uma arma amarrada na cintura, indo fazer uma limpeza em Deadwood Gulch. *O último*

trem para Hangtown era o nome do filme: Lily Cavanaugh, Clint Walker e Will Hutchins. Produção de 1960. Que assim fosse.

2

AO LADO DO primeiro dos prédios abandonados, quatro ou cinco árvores dos Territórios brotavam do chão duro, marrom. Talvez já estivessem há muito tempo ali, lançando seus galhos sinuosos quase até a faixa branca no meio da estrada. Talvez tivessem aparecido de repente. Jack não se lembrava de as ter visto quando contemplou pela primeira vez a misteriosa cidade. Era, no entanto, bem mais provável que ele pudesse não ter percebido as árvores, o que não aconteceria se fosse uma matilha de cães selvagens. Pôde ouvir suas raízes sussurrando pelo chão enquanto se aproximava com Richard de um dos armazéns.

(NOSSO *rapaz?* NOSSO *rapaz?*)

— Vamos passar para o outro lado da estrada — disse a Richard, pegando-lhe a mão empolada para ajudá-lo a atravessar.

Assim que atingiram a outra margem, uma das árvores dos Territórios espichou-se ostensivamente, com raízes e galhos, na direção deles. Se árvores tivessem estômago, talvez os dois ouvissem o ronco faminto. O galho retorcido e a raiz em forma de serpente chicotearam pela faixa amarela, cobrindo quase metade da distância até eles. Jack cutucou o estupefato Richard com o cotovelo; depois puxou-o pelo braço.

(MEU MEU MEU MEU RAPAZ! SIMMM!!)

Um som de algo rasgando pôde ser ouvido e, por um momento, Jack pensou que Morgan de Orris estava tentando romper outra vez o ar e atravessar de um mundo para outro,

transformando-se dessa vez em Morgan Sloat... Morgan Sloat com uma oferta final e irrecusável envolvendo uma metralhadora, um maçarico e um par de pinças incandescentes... Mas, em vez do furioso pai de Richard, a copa da árvore dos Territórios caiu no meio da estrada, quicou com um estalar de galhos se partindo e rolou para o lado como um animal morto.

— Oh, meu Deus — disse Richard. — Ela se soltou do chão para vir atrás de nós.

Isso era exatamente o que Jack estava pensando.

— Uma árvore kamikaze — disse ele. — Acho que as coisas vão começar a ficar um tanto loucas aqui em Point Venuti.

— Por causa do hotel negro?

— Sem dúvida... Mas também por causa do talismã.

Ele contemplou a estrada e, a cerca de 10 metros do sopé de uma colina, viu um grupo de árvores carnívoras.

— As vibrações ou a atmosfera ou seja lá o que for isto que nos rodeia, parece que está tudo bagunçado. Porque tudo é mau e bom, preto e branco, tudo misturado.

Jack conservava-se atento ao grupo de árvores de que, lentamente, iam se aproximando. Viu a árvore mais próxima vergar a copa para eles, como se quisesse ouvir o que estavam dizendo.

Talvez toda aquela cidade fosse uma grande Oatley, Jack pensou, e talvez ele fosse se sair bem, afinal... Mas, se houvesse um túnel à frente, a última coisa que Jack Sawyer ia fazer era entrar nele. Realmente não estava disposto a encontrar a versão de Elroy em Point Venuti.

— Estou com medo — disse Richard, atrás dele. — Jack, e se mais dessas árvores conseguirem se soltar do chão como aquela?

— Sabe — disse Jack —, eu já observei que mesmo árvores móveis não conseguem chegar muito longe. Até um pateta como você consegue correr de uma árvore.

Jack contornava a última curva da estrada, descendo a colina e ultrapassando os últimos armazéns. O talismã chamava sem

parar, tão sonoro quanto a harpa cantante do gigante Elena na história de João e o Pé de Feijão. Quando chegou ao final da curva, viu toda a Point Venuti a seus pés.

Seu lado Jason continuou a impeli-lo para a frente. Talvez Point Venuti já tivesse sido um agradável lugar de veraneio, mas isso fazia parte do passado. Agora, a cidade em si era o Túnel de Oatley, e Jack teria que atravessá-la toda. O asfalto cheio de fendas do leito da estrada mergulhou numa área de casas carbonizadas cercadas pelas árvores dos Territórios. Os trabalhadores das fábricas e armazéns agora vazios por certo teriam vivido naquelas pequenas casas de madeira. Em uma ou duas, sobravam elementos suficientes para revelar o que elas tinham sido. Cascos retorcidos de carros queimados jaziam ao redor das casas. O mato cobria grande parte dos veículos. E por entre as bases arruinadas das casas, as raízes das árvores dos Territórios lentamente se moviam.

Os quintais estavam cheios de tijolos e tábuas enegrecidos, banheiras velhas e amassadas, canos tortos. Uma cintilação branca atraiu o olhar de Jack, mas ele desviou os olhos assim que percebeu que se tratava do osso desconjuntado de um esqueleto preso numa teia de raízes. Antigamente, havia crianças andando de bicicleta naquelas ruas, donas-de-casa se reunindo nos muros para se queixarem dos baixos salários e do desemprego, homens lustrando carros nas calçadas... Tudo isto se fora. Um balanço virado, coberto de ferrugem, aparecia por entre escombros e mato.

Pequenos clarões vermelhos pareciam se acender e se apagar no céu nevoento.

Um pouco à frente dos dois quarteirões de casas queimadas e árvores famintas, um inerte farol de trânsito pendia sobre um cruzamento vazio. Do outro lado do cruzamento, o muro de um prédio chamuscado ainda exibia alguns dizeres: OH OH! É MELHOR COMPRAR MAA sobre uma figura descascando da frente de um carro saindo de uma vitrine. O fogo não atingiu nada além dali, mas Jack desejou que tivesse atingido. Point Venuti era uma cidade em

ruínas, e os vestígios de fogo eram mais agradáveis que os de podridão. O prédio com o anúncio semidestruído de tinta Maaco era o primeiro de uma fileira de lojas: Livraria The Dangerous Planet, Tea & Sympathy, Ferdy's Wholefood Healthstore, Neon Village. Jack só pôde ler alguns nomes, pois a maioria dos letreiros estava completamente corroída e amassada. Todas as lojas pareciam estar fechadas, abandonadas como as fábricas e os armazéns no alto da colina. Mesmo de onde estava, Jack pôde observar que as vitrines estavam quebradas há tanto tempo que lembravam óculos e sem lentes, olhos inertes e idiotas. Manchas de pintura decoravam as fachadas, vermelho e preto e amarelo, singularmente brilhantes e parecendo cicatrizes na sombria atmosfera cinzenta. Uma mulher despida, tão magra que seria fácil lhe contar as costelas, andava lenta e solenemente como um cata-vento entre as sarjetas imundas na frente das lojas. Acima do pequeno monte de pelos pubianos e dos seios caídos, seu rosto tinha sido pintado de laranja. Laranja também era o cabelo dela. Jack parou de andar e contemplou a mulher insana com rosto e cabelo pintados erguer os braços e girar o torso como se fizesse um movimento de Tai Chi, e então chutar com o pé esquerdo o cadáver em decomposição de um cão e ficar imóvel como uma estátua. Como símbolo de toda a decadência de Point Venuti, a louca manteve a posição. Lentamente, no entanto, o pé direito voltou ao chão e o corpo esquelético se endireitou.

Depois da mulher, depois da fileira de lojas vazias, a rua principal tornava-se residencial — pelo menos Jack supôs que, um dia, já tivesse sido residencial. Também ali cintilantes marcas de tinta salpicavam os prédios, pequenas casas de dois andares outrora muito brancas, mas agora cobertas de tons de tinta e pichações. Uma inscrição se destacava nas paredes: AGORA VOCÊS ESTÃO MORTOS. Cobria toda a parte lateral do que já fora uma hospedaria ou pensão. As palavras tinham sido escritas há muito tempo.

JASON, EU PRECISO DE VOCÊ, o talismã lhe gritava numa linguagem simultaneamente acima e abaixo das possibilidades da fala.

— Eu não consigo — Richard sussurrou ao lado dele. — Jack, eu sei que não consigo.

Após fileira de casas descascadas, de aspecto constrangedor, a estrada entrava novamente em declive, e Jack pôde avistar a traseira de duas limusines Cadillac, pretas, uma em cada lado da rua principal. Ambas estavam estacionadas de frente para a continuação da ladeira, motores funcionando. Como num truque fotográfico, o topo (a metade?, a terça parte?) absurdamente grande, absurdamente sinistro do hotel negro despontava sobre as traseiras dos Cadillacs e os telhados das casas absurdamente pequenas. Parecia flutuar acima da curva da colina.

— Não posso entrar lá — Richard repetiu.

— Nem sei se vamos conseguir passar por aquelas árvores — disse Jack. — Agente firme, Richie.

Richard deixou escapar um estranho, fanhoso ruído que Jack levou um segundo para identificar como choro. Pôs o braço no ombro do amigo.

O hotel dominava a paisagem, isto era óbvio. O hotel negro dominava Point Venuti, a atmosfera, o solo da cidade. Olhando-o de frente, Jack viu os cata-ventos rodopiando em direções contrárias, os torreões e ameias elevando-se como grandes verrugas no ar cinzento. O Agincourt parecia feito de pedra, pedra de mil anos atrás, preta como carvão. Numa das janelas superiores, uma luz subitamente faiscou. Para Jack foi como se o hotel estivesse piscando para ele, regozijando-se secretamente de, enfim, descobri-lo tão perto. Um vulto pareceu deslizar pela janela: um segundo depois, o reflexo de uma nuvem também resvalou pelo vidro.

De algum lugar lá dentro, o talismã continuava a emitir uma canção que só Jack era capaz de ouvir.

— ACHO QUE ELE cresceu — Richard sussurrou. Esquecera de se coçar desde que vira o hotel flutuando depois da última colina. Lágrimas lhe escorriam entre os calombos vermelhos da face, e Jack viu que os olhos estavam agora completamente apertados por causa da estranha urticária. Richard não precisaria mais estreitá-los para enxergar melhor. — É impossível, Jack, mas o hotel costumava ser menor. Tenho certeza disso.

— Agora nada é impossível — disse Jack, quase desnecessariamente. Eles já tinham entrado há muito tempo no reino do absurdo. O Agincourt parecia tão grande, tão dominador, que ficava absurdamente fora de escala com o resto da cidade.

A extravagância arquitetônica do hotel negro, as ameias e os cata-ventos de metal ligados à torre esguia, as cúpulas e cumeeiras que deviam torná-lo uma alegre fantasia transformavam-no, ao contrário, numa ameaçadora visão de pesadelo. Era como se a construção pertencesse a uma espécie de anti-Disneylândia, onde o Pato Donald tivesse estrangulado Huguinho, Zezinho e Luizinho e o Mickey, com a cabeça cheia de heroína, tivesse dado um tiro em Minnie.

— Estou com medo — Richard dizia.

JASON, VENHA AGORA — entoava o talismã para os ouvidos de Jack.

— Fique sempre do meu lado, e vamos entrar naquele lugar como gordura por dentro de um ganso.

JASON, VENHA AGORA!

Bem à frente, o grupo de árvores dos Territórios farfalhava cada vez mais, à medida que os dois avançavam.

Assustado, Richard recuou um passo. Talvez, Jack admitiu, sem os óculos e com os olhos cada vez mais comprimidos pela erupção, Richard estivesse agora realmente quase cego. Ele

estendeu o braço e empurrou o amigo para a frente, sentindo como a mão e o pulso de Richard tinham emagrecido.

Richard avançou cambaleando. Seu pulso esquelético queimava na mão de Jack.

— Não importa o que você esteja sentindo, não diminua o passo — disse Jack. — Só precisamos passar por elas.

— Não consigo — Richard soluçou.

— Quer que eu o carregue nas costas? Estou falando sério, Richard! Isto pode se tornar muito pior. Aposto que, se não tivéssemos eliminado boa parte das tropas inimigas no acampamento, encontraríamos guardas a cada 20 metros.

— Você não vai poder andar depressa me carregando nas costas. Eu ia atrapalhar.

E que diabo você acha que está fazendo agora?, foi o que passou pela mente de Jack.

— Fique do meu lado e ande como louco. Quando eu contar até três. Entendeu? Um... dois... três!

Ele agarrou o braço de Richard e começou a andar rapidamente para ultrapassar as árvores. Richard tropeçou, arquejou, mas conseguiu se endireitar e continuou avançando sem cair. Torvelinhos de poeira surgiam na base das árvores, um movimento de terra sendo revolvida, um agitar de coisas rastejantes que lembravam enormes escaravelhos, brilhantes como sapato de couro engraxado. Um pequeno pássaro marrom esvoaçou do mato vizinho ao grupo de árvores conspiradoras. Uma raiz do comprimento e grossura de uma tromba de elefante levantou-se do solo e pegou-o no ar.

Outra raiz serpenteou para o tornozelo esquerdo de Jack, mas não conseguiu alcançá-lo. Na casca grosseira, as bocas se abriam e gritavam.

(NOSSO QUERIDO? NOSSO QUERIDO RAPAZ?)

Jack cerrou os dentes e tentou forçar Richard Sloat a correr. As copas das estranhas árvores tinham começado a se sacudir, a

vergar. Ninhos inteiros e famílias de raízes rastejavam para a linha branca da estrada, movendo-se como se tivessem vontade própria. Richard fraquejou, depois retardou o passo quando se virou para olhar atrás de Jack para as árvores que se esticavam.

— Corra! — Jack gritou e puxou Richard pelo braço. Os caroços vermelhos lembravam pedras incandescentes, ardendo sob a pele. Ele empurrou o amigo com toda a sua força ao ver as raízes sinuosas avançarem com determinação cada vez maior na direção deles.

Jack pôs o braço na cintura de Richard no momento exato em que uma longa raiz assobiou no ar e se enroscou no braço dele.

— Meu Deus! — Richard gritou. — Jason! Ela me pegou! Ela me pegou!

Horrorizado, Jack viu a ponta da raiz, uma cega cabeça de verme, erguer-se e encará-lo. Ela se contorceu quase languidamente no ar e de novo se enroscou no pulso de Richard. Outras raízes cruzavam a estrada para pegá-los.

Jack puxou violentamente Richard e conseguiu avançar mais uns 15 centímetros. A raiz que se enroscara no pulso de Richard começou a se retesar. Jack travou os braços em torno da cintura de Richard e puxou-o impiedosamente. Richard deixou escapar um grito sobrenatural e instável. Por um instante, Jack teve medo de que o ombro do amigo tivesse se deslocado, mas uma poderosa voz dentro dele dizia *PUXE!* Ele firmou os pés no chão e puxou com mais força ainda.

Os dois quase caíram num ninho serpenteante de raízes quando o rebento no pulso de Richard se rompeu. Jack só se manteve de pé porque conseguiu jogar o corpo na direção contrária freneticamente, e se inclinou para a frente para manter também Richard fora da estrada. Assim, conseguiram passar pelas últimas árvores assim que ouviram o som de rasgar e arrancar que tinham

ouvido antes. E dessa vez Jack não precisou mandar o amigo a correr.

A árvore mais próxima se soltou rugindo do solo e caiu com um baque de tremer o chão apenas um metro atrás de Richard. As outras caíram na superfície da estrada depois da primeira, agitando as raízes como cabelos arrepiados.

— Você me salvou a vida — disse Richard. Estava outra vez chorando, mais de fraqueza, exaustão e choque do que de medo.

— De agora em diante, meu amigo, vou carregá-lo nas costas — disse Jack num tom ofegante. Depois se curvou para ajudar Richard a subir em suas costas.

4

— EU DEVIA TER lhe contado — Richard murmurou. Seu rosto queimava contra o pescoço de Jack, a boca contra a orelha de Jack. — Eu não quero que você me odeie, mas não vou culpá-lo se isso acontecer, não vou mesmo. Sei que devia ter lhe contado.

Richard não parecia pesar mais que a sua pele. Era como se nada tivesse sobrado em suas entranhas.

— Ter me contado o quê?

Jack acomodou melhor o amigo no meio das costas e teve outra vez a incômoda sensação de que Richard se transformara num saco de pele vazio.

— Do homem que vinha visitar meu pai... e do Campo Prontidão... e do armário...

O corpo aparentemente oco de Richard tremeu contra as costas de Jack.

— Devia ter contado tudo a você. Mas eu não conseguia sequer contar *a mim mesmo*.

A respiração de Richard, quente como sua pele, soprava nervosamente na orelha de Jack.

Jack pensou: *O talismã está provocando isso nele*. Um instante depois, se corrigiu: *Não! O hotel negro está provocando isso nele*.

As duas limusines que estavam estacionadas na colina seguinte tinham desaparecido durante a luta contra as árvores dos Territórios, mas o hotel continuava lá, tornando-se maior a cada passo de Jack. A mulher nua e esquelética, outra das vítimas do hotel, ainda executava sua lenta e enlouquecida dança na frente das fachadas arruinadas das lojas. Os pequenos clarões vermelhos continuavam a dançar, a cintilar na lúgubre atmosfera. Não era hora alguma, nem manhã, nem tarde, nem noite — eram as Terras Secas do tempo. O Hotel Agincourt parecia feito de pedra, embora Jack soubesse que não era. A madeira parecia ter se calcificado, endurecido, ter escurecido de dentro para fora. Os cata-ventos de metal, em forma de lobos, corvos, cobras ou em estranhas formas circulares que Jack não conseguia identificar, giravam ao sabor de ventos contraditórios. Várias janelas piscavam um aviso para Jack; mas isso podia muito bem ser apenas reflexo dos clarões vermelhos. Ele ainda não conseguia ver o fundo da colina e o andar térreo do Agincourt. E não seria capaz de vê-los antes de ultrapassar a livraria, a casa de chá e as demais lojas que tinham escapado ao fogo. Onde estaria Morgan Sloat?

E, aliás, onde estava todo o sinistro comitê de recepção? Jack apertou com mais força as finas perninhas de Richard, ouvindo o talismã chamá-lo de novo, e sentiu um ser mais forte crescer dentro dele.

— Não me odeie por eu não ter lhe contado... — disse Richard, a voz falhando no final.

JASON, VENHA JÁ VENHA JÁ!

Jack agarrou as pernas finas de Richard e desceu a área incendiada, onde tantas casas tinham, outrora, sido cheias de vida. As árvores dos Territórios que usavam aqueles quarteirões devastados como uma espécie de refeitório agitavam-se, sussurravam entre si, mas estavam muito distantes para preocupar Jack.

A mulher no meio da rua vazia e suja girou sobre os tornozelos ao tomar consciência do avanço dos rapazes pela colina. Estava no meio de um complexo exercício, mas qualquer vestígio de Tai Chi Chuan a deixou quando ela deixou os braços e uma perna esticada penderem e ficou imóvel ao lado de um cachorro morto, observando Jack descer a colina em sua direção. Por um instante, a mulher pareceu ser apenas uma miragem, demasiado alucinatória para ser real, uma mulher esquelética com cabelo desgrenhado e o rosto da mesma cor laranja. De repente ela disparou desajeitada para o outro lado da rua e entrou numa das lojas sem nome. Jack sorriu, sem saber muito bem o que estava fazendo. O sentimento de triunfo e de alguma coisa que ele só conseguia descrever como virtude blindada o pegou de surpresa.

— Tem mesmo certeza de que vai conseguir? — Richard ofegou.

— Agora estou me sentindo capaz de tudo — Jack respondeu.

Seria capaz de carregar Richard nas costas até Illinois se o grande e cantante objeto aprisionado no hotel assim lhe ordenasse. Jack experimentou de novo uma sensação de absoluta determinação e pensou: *A atmosfera está escura porque todos aqueles mundos estão amontoados aqui, sobrepostos como uma tripla exposição num filme.*

SENTIU AS PESSOAS de Point Venuti antes de as ter visto. Elas não iam atacá-lo — Jack teve absoluta certeza disso desde que viu a mulher demente fugir para o interior de uma das lojas. Elas o estavam observando. Debaixo de varandas, por detrás de basculantes, dos fundos de quartos e salas vazias, elas o espreitavam, mas não podia dizer se eram expressões de medo, raiva ou frustração.

Richard tinha adormecido ou desmaiado em suas costas e respirava soltando pequenas mas fortes rajadas de ar quente.

Jack contornou o corpo do cachorro morto e olhou para o lado, para o buraco onde devia ficar a vitrine da Livraria Dangerous Planet. A princípio, viu apenas um amontoado de agulhas hipodérmicas usadas cobrindo o chão, em cima e ao lado de livros espalhados. Nas paredes, as altas prateleiras estavam vazias como bocejos. Então um movimento nos fundos da loja atraiu o olhar dele e duas pálidas figuras despontaram da escuridão. Ambas tinham barbas e longos corpos nus, em que os tendões se projetavam como cordas. Os brancos de quatro olhos enlouquecidos lampejaram. Um dos homens nus tinha apenas uma das mãos e estava sorrindo. A ereção de seu membro ondulava diante de Jack, um pau grosso e esbranquiçado. Aquela imagem não parecia real, ele disse a si mesmo. Onde estava a outra mão do homem? Jack olhou de novo e viu apenas um emaranhado de braços e pernas extremamente magros.

Jack não olhou para as vitrines de nenhuma das outras lojas, mas sentiu que vários olhos acompanharam sua passagem.

Logo ultrapassava as pequenas casas de dois andares. AGORA VOCÊS ESTÃO MORTOS era a inscrição numa parede lateral. Não olharia para as janelas, ele prometeu a si mesmo. Não devia olhar.

Rostos alaranjados, com cabelos também alaranjados, se agitavam numa das vitrines do andar de baixo.

— Bebê — uma mulher murmurou na casa ao lado. — O doce bebê Jason.

Dessa vez ele olhou. *Agora vocês estão mortos.* A mulher estava do outro lado de uma janela quebrada, remexendo nas correntes que tinham sido inseridas em seus mamilos, exibindo um sorriso enviesado. Jack fitou seus olhos vagos. A mulher deixou cair as mãos e se afastou hesitante da vitrine. As correntes lhe caíram entre os seios.

Olhos vigiavam Jack do fundo de aposentos escuros, entre vigas de madeira, por janelinhas de pequenos espaços sob as varandas.

O hotel erguia-se à sua frente, mas não mais diretamente à frente. A estrada devia ter se curvado num ângulo delicado, pois agora o Agincourt se deslocara decididamente para a esquerda. E ele continuava tão imponente quanto antes? O lado Jason dele, ou o próprio Jason, se inflamou dentro de Jack e viu que o hotel negro, embora realmente muito grande, não era de forma alguma uma montanha de pedra.

VENHA EU PRECISO DE VOCÊ AGORA, cantava o talismã. VOCÊ TEM RAZÃO ELE NÃO É TÃO GRANDE COMO QUER QUE VOCÊ ACREDITE.

No topo da última colina Jack parou e olhou para baixo. Lá estavam eles, todos eles. E lá estava o hotel negro, todo *e/e*. A rua principal descia até a praia, areia branca interrompida por grandes erupções de rocha que se estendiam como dentes pontiagudos e descoloridos. O Agincourt se elevava numa curta distância à esquerda, flanqueado do lado do oceano por um maciço quebra-mar de pedra. Na frente dele, enfileiradas, havia uma dúzia de compridas limusines pretas, algumas empoeiradas, outras polidas como espelhos. Os motores estavam em funcionamento. Nuvens de fumaça, nuvens baixas mais brancas que o ar, fluíam dos canos de descarga dos automóveis. Homens de ternos pretos no estilo de agentes do FBI faziam patrulha ao longo da cerca do hotel. As mãos

sobre os olhos espreitavam o horizonte. Quando Jack viu dois clarões vermelhos de luz irrompendo do rosto de um dos homens, ocultou-se ao lado de uma das pequenas casas, e logo percebeu que os homens estavam usando binóculos.

Por um ou dois segundos, ele deve ter parecido um farol na crista de uma colina. Percebendo que uma momentânea falta de cuidado quase tinha levado à sua captura, Jack respirou fundo e descansou o ombro nas paredes encardidas e descascadas da casa. Depois acomodou melhor o amigo nas costas.

Agora sabia que teria de se aproximar do hotel negro pelo lado do mar, o que significava ter de cruzar a praia sem ser visto.

Ao empinar o corpo, espiou pelo lado da casa e olhou colina abaixo. O pequeno exército de Morgan Sloat continuava instalado nas limusines ou, disperso como um bando de formigas, amontoava-se diante da alta cerca negra. Por um momento louco, Jack reviveu com total precisão sua primeira vista do palácio de verão da rainha. Naquele dia também vira um amontoado de gente se movendo, aparentemente ao acaso, de um lado para outro. Como estariam as coisas lá agora? Naquele dia, que parecia agora pertencer a um tempo muito distante, quase pré-histórico, a multidão e todo o cenário na frente do palácio transmitiam uma inegável aura de paz e ordem. Isso teria desaparecido agora, Jack sabia. Agora Osmond dirigiria os acontecimentos diante da tenda real, e as pessoas suficientemente corajosas para entrar no pavilhão entrariam correndo, olhando para o outro lado. E a rainha?, Jack se questionava. Ele não podia deixar de recordar aquele rosto chocantemente familiar estirado na brancura dos lençóis da cama.

E então o coração de Jack quase congelou, e a visão do pavilhão real e da rainha doente se transformaram num borrão em sua memória. Sunlight Gardener entrou em sua linha de visão, segurando um megafone. O vento do mar jogou uma mecha de cabelo branco nas lentes dos óculos dele. Por um instante Jack teve certeza de estar sentindo cheiro de água-de-colônia e podridão

vegetal. Parou de respirar talvez por cinco segundos, e limitou-se a ficar ao lado do muro descascado e rachado, olhando para baixo. Gardener começou a gritar ordens para os homens de terno preto, executou uma pirueta, apontou para alguma coisa fora do alcance da visão de Jack e fez uma nítida careta de desaprovação.

Jack voltou a respirar.

— Bem, Richard, temos uma interessante situação aqui — disse ele. — Temos um hotel que acho que pode dobrar de tamanho sempre que quiser e temos também, ali embaixo, o sujeito mais louco do mundo.

Richard, que Jack achou que estava dormindo, surpreendeu-o com um murmúrio indecifrável.

— O quê?

— Vamos em frente — Richard sussurrou debilmente. — Ande, cara...

Jack acabou rindo. Um segundo depois, descia cautelosamente a colina pelos fundos das casas, atravessando um alto matagal que se estendia até a praia.

Capítulo Quarenta

Speedy na Praia

1

NO SOPÉ DA colina, Jack começou a rastejar pela relva, carregando Richard como outrora carregava sua mochila. Quando chegou à beira do alto mato amarelo que margeava a estrada, se esticou para a frente apoiado na barriga e olhou. Diretamente à sua frente, do outro lado da estrada, começava a praia. Grandes rochas corroídas pela ação do tempo brotavam da areia cinzenta; uma

água também cinzenta espumava pela beira-mar. Jack olhou para a esquerda, em direção à estrada. Um pouco depois do hotel, no lado da estrada voltado para a terra, erguia-se uma comprida e arruinada estrutura que lembrava uma fatia de bolo de casamento. Sobre ela, uma tabuleta de madeira com um grande buraco no meio dizia: KINGS LA TEL. Era o Motel Kingsland, Jack lembrou, onde Morgan Sloat costumava pernoitar com o filho durante suas obsessivas inspeções ao hotel negro. A cintilação branca da roupa de Sunlight Gardener perambulava estrada acima. Ele repreendia ostensivamente vários homens de terno preto e apontava para a colina. *Ele não sabe que eu já estou aqui embaixo*, Jack percebeu ao ver um dos homens caminhar pela estrada e examinar as encostas da colina. Gardener fez outro gesto abrupto, autoritário, e a limusine estacionada no fim da rua principal saiu de perto do hotel e começou a acompanhar um dos homens de terno preto. O homem desabotoou o paletó assim que atingiu determinado ponto da calçada e tirou uma pistola de um coldre pendurado no ombro.

Os motoristas das limusines viravam as cabeças e inspecionavam a crista da colina. Jack abençoou sua sorte — se tivesse se atrasado na descida, um Lobo renegado, com um enorme revólver encerraria a busca de Jack pela coisa cantante do hotel.

Jack só conseguia ver os dois últimos andares do hotel e os objetos giratórios que faziam parte das extravagâncias arquitetônicas do telhado. Por causa do seu ângulo de visão (uma perspectiva de minhoca), o quebra-mar que cortava a praia do lado direito do hotel negro parecia atingir seis ou sete metros de altura, marchando ao longo da areia e depois mergulhando na água.

VENHA JÁ VENHA JÁ, chamava o talismã em palavras que não eram palavras, mas expressões quase físicas de urgência.

O homem com o revólver estava agora fora de vista, mas os motoristas ainda o observavam enquanto ele subia a colina. Sunlight Gardener ergueu o megafone e rugiu:

— Arranquem esse garoto daí! Quero que ele seja arrancado daí!

Voltou o megafone para outro homem de terno preto e depois empinou o binóculo na direção do leito da estrada.

— Você, cabeça de porco! Atravesse a rua... *e me traga aquele menino mau*, oh, sim, o pior dos piores de todos os meninos maus! *O pior!...*

Sua voz se extinguiu quando o homem, apontando a pistola, chegou à calçada oposta.

Era sua melhor chance, Jack percebeu. Ninguém estava olhando de frente para a beira da praia.

— Agente firme — ele sussurrou para Richard, que não se moveu. — É hora de dançar.

Jack não suspendeu muito o corpo, mas sabia que as costas de Richard podiam ser vistas acima da relva e do mato amarelo. Curvando-se, ele pulou do mato e pôs o pé na estrada.

Em poucos segundos, Jack Sawyer achatava o estômago contra a areia áspera. Tentava avançar apenas com a ajuda dos pés. Uma das mãos de Richard apertou-lhe o ombro. Jack foi rastejando pela areia até ter ultrapassado o primeiro rochedo; depois ficou imóvel e apoiou a cabeça com as mãos. Em suas costas, Richard parecia leve como uma folha e respirava ofegante. A água, a uns 7 metros dali, batia na areia. Jack podia ouvir Sunlight Gardener praguejando contra imbecis e incompetentes, a voz enlouquecida descendo pela colina até a rua principal. O talismã estimulava-o a avançar, a avançar sempre...

Richard caiu de suas costas.

— Você está bem?

Richard ergueu a mão fina. Tocou a testa com os dedos, a face com o polegar.

— Acho que sim. Está vendo meu pai?

Jack balançou a cabeça.

— Ainda não.

— Mas ele está aqui.

— Acho que sim. Tem de estar.

O Kingsland, Jack pensou, visualizando a fachada em ruínas, a tabuleta de madeira com um grande buraco no meio. Morgan Sloat deveria estar no motel, onde há seis ou sete anos costumava pernoitar. Jack imediatamente sentiu, bem perto dele, a presença colérica de Morgan, como se saber onde Sloat estava o tivesse atraído para perto de si.

— Bem, não se preocupe com ele. — A voz de Richard estava por um fio. — Isto é, não se preocupe que eu vá me preocupar com ele. Acho que ele morreu, Jack.

Jack olhou para o amigo com uma nítida ansiedade: será que Richard estaria realmente perdendo a razão? Sem dúvida, estava febril. Na colina, Sunlight Gardener berrava pelo megafone.

— Você acha...

E então Jack ouviu outra voz, sussurrada sob o irado comando de Gardener. Era uma voz um tanto familiar. Antes de conseguir realmente identificá-la, Jack reconheceu-lhe o timbre, a cadência. E estranhamente percebeu que o som específico daquela voz o deixava mais relaxado antes mesmo que reconhecesse quem era o dono dela. Era como se agora pudesse deixar de se atormentar, de se irritar, de tentar adivinhar tudo o que ainda teria pela frente.

— Jack Sawyer — a voz repetiu. — Estou aqui, filho.

Era a voz de Speedy Parker.

— Acho mesmo — disse Richard, e fechou outra vez os olhos inchados, parecendo um cadáver levado pelas marés.

Acho mesmo que meu pai morreu, Richard quisera dizer, mas a mente de Jack estava longe dos devaneios do amigo.

— Aqui, Jacky — Speedy chamou outra vez, e o rapaz viu que o som brotava do conjunto de rochas mais alto, três penedos se erguendo na vertical a um ou 2 metros da beira-mar. Uma linha escura, a marca da maré alta, atravessava as rochas a um quarto da sua altura.

— Speedy — Jack sussurrou.

— Sim, sou eu — veio a resposta. — Venha aqui sem ser visto por esses zumbis, está bem? E traga também seu amigo.

Agora Richard jazia na areia, a mão cobrindo o rosto.

— Venha, Richie — Jack murmurou na orelha dele. — Temos de andar um pouquinho. Speedy está aqui!

— Speedy? — Richard perguntou num sussurro tão baixo que Jack mal conseguiu ouvir.

— Um amigo. Está vendo aquelas rochas? — Ele levantou a cabeça de Richard pela nuca. — Está atrás delas. E vai nos ajudar, Richie. Neste momento, precisamos de um pouco de ajuda.

— Não estou vendo nada — Richard se queixou. — E me sinto tão *cansado*...

— Suba de novo nas minhas costas.

Ele se virou e quase se deitou na areia. Os braços de Richard alcançaram-lhe os ombros e se uniram com dificuldade.

Jack olhou pela beirada da rocha. Na estrada da praia, Sunlight Gardener passava a mão no cabelo e caminhava a passos largos para a porta da frente do Motel Kingsland. O hotel negro erguia-se de uma maneira incrível. O talismã abria sua garganta e chamava por Jack Sawyer. Gardener hesitou fora da porta do motel, passou as mãos no cabelo, balançou a cabeça, rodopiou e começou a caminhar velozmente pela longa fila de limusines. O megafone se ergueu:

— RELATÓRIOS A CADA 15 MINUTOS! — berrou ele. — HOMENS DE FRENTE, ME AVISEM SE VIREM UM INSETO SE MOVER! ESTOU FALANDO SÉRIO! MUITO SÉRIO!

Gardener saiu andando para o outro lado; todos se viraram para ele. Estava na hora. Jack pulou de seu abrigo de rocha e, curvando-se o mais que pôde com Richard no cangote, correu pela praia. Seus pés chutavam conchas na areia dura. Os três altos penedos, aparentemente tão perto quando ele respondera a Speedy, pareciam, agora, estar a quase um quilômetro de distância.

A distância não diminuía. Era como se as rochas recuassem à medida que ele corria. Jack esperava ouvir o estampido de um tiro. Será que sentiria a bala primeiro ou ia escutar a detonação antes da bala atingi-lo? Por fim, as três rochas foram ficando cada vez maiores a seus olhos, e lá estava ele, caindo sobre o peito e resvalando para trás do paredão de pedra.

— Speedy! — disse ele, quase rindo apesar de tudo. Mas a visão de Speedy, sentado ao lado de um pequeno cobertor colorido, inclinado contra o pilar de rocha, sufocou o riso em sua garganta. E sufocou, também, pelo menos metade de suas esperanças.

2

POIS SPEEDY PARKER parecia pior que Richard. Muito pior. Seu rosto esburacado, cheio de fendas, inclinou-se debilmente para Jack, e o rapaz pensou que Speedy estivesse confirmando sua desesperança. Speedy usava apenas um velho short marrom. Toda a sua pele parecia terrivelmente adoecida, como se estivesse com lepra.

— Sossegue, Jack Viajante — Speedy murmurou num tom áspero, rachado. — Tenho muita coisa a lhe dizer, por isso abra bem os ouvidos.

— Como você está? — Jack perguntou. — Quero dizer... meu Deus, Speedy... Há alguma coisa que eu possa fazer por você?

Jack pousou suavemente Richard na areia.

— Abra bem os ouvidos, como falei. Não se preocupe com Speedy. Não estou muito bem desse jeito que você está me vendo agora, mas posso ficar bem de novo se você fizer as coisas direitinho. O pai de seu amigo pôs este sofrimento em mim... E, ao

que parece, até no próprio filho. O velho Bloat não quer o filho naquele hotel, não mesmo. Mas você tem de levá-lo até lá, filho. Não existe outro meio. Você tem de fazer isso.

A imagem de Speedy parecia se intensificar e se esmaecer enquanto falava. Desde a morte de Lobo, Jack nunca tivera tanta vontade de gritar e chorar. Seus olhos ardiam.

— Eu sei, Speedy — disse ele. — Percebi isso.

— Você é um bom garoto — disse o velho. Ele inclinou a cabeça para trás e fitou Jack atentamente. — A missão é sua, sem dúvida. A jornada deixou marcas em você, eu vejo. A missão é sua. E você vai cumpri-la.

— Como está minha mãe, Speedy? — Jack perguntou. — Por favor, me diga. Ela ainda está viva, não está?

— Assim que for possível, você mesmo poderá falar com ela e ver se ela está bem — Speedy respondeu. — Mas, primeiro, você tem que ir lá pegar, Jack. Porque se você *não* o pegar, ela morrerá. E Laura, a rainha, também morrerá.

Speedy repuxou o corpo, se contorceu para esticar as costas.

— Deixe eu lhe dizer uma coisa — ele continuou. — Quase todo mundo na corte já perdeu as esperanças. Já a dão como morta. — O rosto de Speedy expressou uma grande amargura. — Todos têm medo de Morgan. Porque sabem que Morgan os esfolará vivos se não jurarem fidelidade a ele agora. Enquanto Laura ainda tem algum sopro de vida dentro dela. Mas nos confins dos Territórios, serpentes como Osmond e seu bando estão dizendo às pessoas que ela já morreu. E, se ela morrer, Jack Viajante, se ela morrer...

Speedy aproximou o rosto maltratado dos olhos do garoto.

— Então, teremos horrores em ambos os mundos. Um horror terrível. E você pode ligar para sua mãe. Mas primeiro precisa pegá-lo. É preciso. Não há outra saída.

Jack não precisou perguntar o que ele queria dizer.

— Estou feliz por ver que você entendeu, filho.

Speedy fechou os olhos e encostou a cabeça na rocha. Daí a um segundo, porém, seus olhos voltaram a se abrir, lentamente.

— Destinos. É por isso que estão acontecendo essas coisas. Mais destinos, mais vidas do que você é capaz de imaginar. Já ouviu o nome Rushton? Acho que em algum ponto de sua jornada deve ter ouvido falar dele.

Jack assentiu com a cabeça.

— Todos esses destinos explicam por que sua mãe o levou para o Hotel Alhambra, Jack Viajante. Eu estava à sua espera. Sabia que você ia chegar. O talismã o trouxe até aqui, rapaz. Jason. Você também já ouviu este nome, imagino.

— Sou *eu* — disse Jack.

— Então, pegue o talismã. Eu lhe trouxe uma coisinha. Ela vai ajudá-lo.

Speedy puxou o cobertor que, Jack logo percebeu, era de borracha, e portanto não era um cobertor. Jack pegou a trouxa de borracha da mão escura do velho.

— Mas como vou conseguir entrar no hotel? — ele perguntou.
— Não posso pular a cerca, e não posso chegar nadando até lá com Richard.

— Sobre essa coisa.

Os olhos de Speedy tinham se fechado outra vez. Jack desdobrou o objeto. Era uma balsa inflável com forma de cavalo sem pernas.

— Não a está reconhecendo? — A voz de Speedy, por mais rouca que fosse, transmitia uma nostálgica leveza. — Um dia nós a pegamos. E conversamos sobre os nomes.

Então Jack lembrou. Lembrou de um dia que parecia cheio de listras brancas e pretas no interior de um galpão redondo. Lembrou do carrossel e do cavalo que ajudara Speedy a fixar. *Suspenda a velha Dama Prateada por baixo da cauda. Sei que é um pouco de abuso, mas tenho de colocá-la no lugar certo. Acho que ela não vai*

se importar se você me ajudar. Agora isso também assumia um significado maior. Outro pedaço do quebra-cabeça se encaixava.

— Dama Prateada — disse ele.

Speedy piscou e de novo Jack teve a estranha sensação de que tudo em sua vida conspirara para levá-lo exatamente àquele ponto.

— Seu amigo está bem?

Pareceu quase um desvio de assunto.

— Acho que sim.

Jack olhou nervoso para Richard, que virara de lado e respirava superficialmente, os olhos fechados.

— Então, já que acha que sim, sobre logo a velha Dama Prateada. Você tem de fazer este rapaz entrar com você de qualquer jeito. Ele também faz parte da coisa.

A pele de Speedy parecia estar ficando cada vez pior. Aos poucos, ia assumindo um desagradável tom de velhas cinzas de carvão. Antes de começar a soprar, Jack perguntou:

— Posso fazer alguma coisa por você, Speedy?

— Claro! Vá até a drogaria de Point Venuti e traga um vidro de unguento Lydia Pinkham. — Speedy sacudiu a cabeça. — Você sabe como ajudar Speedy Parker, rapaz. Pegue o talismã. Essa é toda a ajuda que eu preciso.

Jack começou a soprar.

POUCO TEMPO DEPOIS ele fechava o buraco localizado ao lado do rabo da balsa inflável em formato de cavalo com costas

anormalmente largas. Tinha pouco mais de 1,20 metro de comprimento.

— Não sei se vou conseguir colocar Richard nesta coisa — disse ele, não se lamentando, mas apenas pensando em voz alta.

— Ele vai conseguir seguir ordens, Jack Viajante. Só fique sentado atrás dele e o ajude a se segurar. É só disso que ele precisa.

E na verdade, Richard tinha se apoiado em uma das pedras e estava respirando suave e regularmente pela boca aberta. Jack não sabia se estava adormecido ou acordado.

— Tudo bem — disse Jack. — Existe um píer ou alguma coisa parecida atrás daquele hotel?

— Melhor que um píer, Jacky. Assim que ultrapassar o quebra-mar, você vai ver grandes estacas. Os alicerces do hotel avançam até a água. Há uma escada numa dessas estacas. Suba a escada com Richard e vocês se verão num enorme convés. Há grandes janelas ali. Daquele tipo que são que nem portas, sabe? Abra uma dessas portas e sairá na sala de jantar. — Speedy conseguiu abrir um sorriso. — Assim que chegar à sala de jantar, acho que será capaz de sentir o cheiro do talismã. E não tenha medo dele, filho. Ele está à sua espera. Virá para as suas mãos como um bom cachorrinho.

— Mas o que vai impedir que todos aqueles sujeitos corram atrás de mim?

— Ora, *eles* não podem entrar no hotel negro.

A indignação com a burrice de Jack ficou impressa em cada ruga do rosto de Speedy.

— Eu sei disso. Mas quero dizer na água. Por que eles não podem vir atrás de mim num bote ou alguma coisa do gênero?

Speedy deu um sorriso doloroso, mas sincero.

— Acho que você vai ver por quê, Jack Viajante. O velho Bloat e sua turma vão ficar longe da água, he, he! Não se preocupe com

isso. Apenas lembre-se do que eu lhe disse e comece a viagem, está bem?

— Já estou indo — Jack respondeu e começou a contornar as rochas para dar uma espiada na estrada da praia e no hotel. Tinha conseguido atravessar a estrada e a areia até o esconderijo de Speedy sem ser visto, certamente também ia conseguir arrastar Richard por alguns metros até a beira-mar e colocá-lo na balsa. E, com alguma sorte, também poderia chegar até as estacas sem ser notado. Gardener e os homens com binóculos estavam concentrados na cidade e nas encostas da colina.

Ao lado de uma das altas colunas de rocha, Jack conseguiu ver o que se passava. As limusines ainda continuavam diante do hotel. Jack esticou a cabeça alguns centímetros para contemplar o leito da estrada. Um homem de terno preto cruzava a porta do arruinado Motel Kingsland — ele estava tentando, Jack percebeu, não olhar para o hotel negro.

Um apito começou a soar, alto e estridente como um grito de mulher.

— Ande logo! — Speedy murmurou roucamente.

Jack empinou a cabeça e, no alto da grama que crescia atrás das casas em ruínas, viu um homem de terno preto soprando o apito e apontando diretamente em sua direção. O cabelo do homem caía até os ombros — com aquele cabelo, com o terno preto e os óculos escuros, lembrava o Anjo da Morte.

— ENCONTRADO! ENCONTRADO! — Gardener berrava. — ATIREM NELE! MIL DÓLARES PARA O IRMÃO QUE ME TROUXER SUAS BOLAS!

Jack recuou para a segurança das rochas. Meio segundo depois, uma bala ricocheteou no meio de um penedo, pouco antes do som da detonação chegar a seus ouvidos. *Agora eu sei*, Jack pensou enquanto agarrava o braço de Richard e o puxava para a balsa. *Primeiro você é derrubado, depois é que ouve o disparo.*

— Você tem que ir já! — disse Speedy num jorro sem fôlego. — Em trinta segundos começará o tiroteio. Procure se proteger

atrás do quebra-mar o mais que puder, e depois avance para as pilastras do hotel. Pegue o talismã, Jack!

Jack atirou um olhar nervoso a Speedy quando, a poucos centímetros de seu frágil abrigo, uma segunda bala atingiu a areia. Logo depois empurrou Richard para a parte da frente da balsa e viu, com alguma satisfação, que Richard tivera suficiente presença de espírito para se agarrar com firmeza na crina de borracha da cabeça do cavalo. Speedy levantou a mão direita num gesto simultâneo de bênção e adeus. De joelhos, Jack deu um empurrão na balsa que a colocou quase na água. Ouviu mais um sopro estridente de apito. Depois se levantou bruscamente e começou a correr. Ainda estava correndo quando a balsa atingiu a água, e ficou molhado até a cintura quando subiu nela.

Jack levou lentamente a balsa pelo quebra-mar. Quando atingiu a sua extremidade, virou para o mar aberto e começou a remar vigorosamente.

4

DEPOIS DISSO, Jack se concentrou em remar, tirando com firmeza da cabeça quaisquer considerações sobre o que ele faria se os homens de Morgan tivessem matado Speedy. Tinha de chegar às pilastras do hotel, e era só nisso que devia se concentrar. Uma bala atingiu a água, causando uma pequena erupção de gotas, cerca de 2 metros à sua esquerda. Ouviu outra bala retinir e ricochetear no quebra-mar. Jack remou para a frente com toda a sua energia.

Algun tempo, ele não sabia quanto, escoou vagorosamente. Por fim ele rolou pela lateral da balsa e nadou para a parte de trás, para que pudesse empurrar a balsa com mais força para mais perto

do destino. Uma corrente quase imperceptível levou-o para mais perto de sua meta. Por fim, as pilastras começaram a surgir: altas, ásperas colunas de madeira, da grossura de postes telefônicos. Jack empinou a cabeça e viu o imenso hotel se elevando sobre o amplo convés escuro, quase caindo sobre ele. Olhou para trás e para a direita, mas Speedy não se movera. Ou estava enganado? Os braços de Speedy pareciam diferentes. Talvez...

Houve uma agitação, um movimento no longo declive de relva atrás da fileira de casas em ruínas. Jack levantou os olhos e viu quatro homens de terno preto correndo pela praia. Uma onda bateu contra a balsa, quase tirando-a debaixo de sua mão. Richard gemeu. Dois homens apontaram para ele. Suas bocas se moveram.

Outra onda bem alta atingiu a balsa, ameaçando empurrá-la de volta à praia.

Onda, Jack pensou, que onda?

Olhou nervosamente ao redor quando a balsa tornou a sacolejar. O enorme dorso cinzento de alguma coisa, sem dúvida demasiado grande para ser um mero peixe, estava desaparecendo sob a superfície do mar. Um tubarão? Jack teve a desagradável percepção de suas duas pernas se agitando atrás dele na água. Afundou a cabeça na água, temendo ver um comprido estômago em forma de charuto com dentes indo em sua direção.

Não foi essa a forma que viu, não exatamente, mas o que ele viu o estarreceu.

A água, que agora parecia ser muito profunda, estava repleta como um aquário, só que não continha qualquer peixe de tamanho ou aparência normais. Naquele aquário só nadavam monstruosidades. Sob as pernas de Jack, movia-se um zoológico marinho de animais enormes e horrendos. Deviam estar sob a balsa desde que a profundidade da água aumentou o bastante para acomodá-los. Os animais se moviam por toda a parte. A coisa que tinha assustado os Lobos deslizava a 3 metros sob a superfície, comprido como um trem de carga. De repente, começou a vir em

direção à superfície. A película que lhe cobria os olhos pestanejou. Longos bigodes escorriam de sua boca cavernosa — aquela boca parecia uma porta de elevador, Jack pensou. A criatura deslizou por ele, deslocando Jack para mais perto do hotel com a força da água que deslocava. Depois seu focinho gotejante veio à tona. Tinha um perfil peludo, semelhante ao Homem de Neandertal.

O velho Bloat e sua turma vão ficar longe da água, Speedy dissera e rira.

A força que lacrara o talismã no hotel negro colocara aquelas criaturas nas águas ao largo de Point Venuti para manter à distância as pessoas erradas, e Speedy sabia disso. Os grandes corpos das criaturas cutucavam delicadamente a balsa empurrando-a para cada vez mais perto das pilastras, mas as ondas que elas faziam só permitiam que Jack tivesse uma visão muito fragmentada do que estava acontecendo na costa.

Quando subiu na crista de uma onda, ele viu Sunlight Gardener de pé ao lado de uma cerca preta. Com o cabelo flutuando ao vento, Gardener apontava uma comprida e pesada espingarda de caça em sua direção. A balsa mergulhou, uma bala passou à distância com um ruído de colibri; o estampido foi ouvido em seguida. Quando Gardener atirou outra vez, uma coisa parecida com peixe, de 3 metros de comprimento e uma barbatana dorsal que lembrava uma vela de barco, pulou da água e aparou a bala. Num instante a criatura rodopiava no ar e cortava novamente a água. Jack viu um grande buraco estraçalhando seu lombo. Da vez seguinte que chegou à crista de uma onda, Gardener estava correndo pela praia na direção do Motel Kingsland. O peixe gigantesco continuava a empurrar diagonalmente a balsa na direção das pilastras.

HAVERIA UMA ESCADA, Speedy dissera, e assim que Jack se aproximou do amplo convés, ele começou a procurar na penumbra. As grossas pilastras, incrustadas de algas e musgos, formavam quatro fileiras. Se a escada tivesse sido instalada na época em que o convés foi construído, podia estar agora completamente inutilizada. Além disso, seria difícil descobrir uma escada de madeira, coberta de algas e musgos. As grandes e ásperas pilastras eram agora muito mais grossas do que tinham sido originalmente. Jack colocou os antebraços por cima da borda da balsa e usou o grosso rabo de borracha para se puxar para dentro. Depois, tremendo, desabotoou a camisa encharcada (a camisa de botão, um tamanho abaixo do seu, que Richard lhe dera do outro lado das Terras Secas) e jogou-a no fundo da balsa. Seus sapatos tinham caído na água. Ele retirou as meias molhadas e atirou-as sobre a camisa. Richard estava sentado na proa da balsa, de joelhos e inclinado para a frente, os olhos e a boca fechados.

— Temos de procurar uma escada — disse Jack.

Richard concordou num movimento de cabeça quase imperceptível.

— Acha que vai conseguir subir uma escada, Richie?

— Talvez — Richard murmurou.

— Bem, ela deve estar por aqui. Provavelmente ligada a uma dessas pilastras.

Jack remou com as duas mãos, levando a balsa para o meio de duas pilastras na primeira fileira de colunas. O chamado do talismã era incessante; parecia quase suficientemente forte para sugá-lo da balsa e depositá-lo no convés. Estavam à deriva entre a primeira e a segunda fileiras de pilastras, já sob o pesado e escuro chão do convés. Mesmo ali embaixo, pequenos clarões vermelhos surgiam de vez em quando, contorciam-se no ar, piscavam. Jack contou: quatro filas de pilastras, cinco pilastras em cada fila. Vinte

lugares onde a escada poderia estar. Com a escuridão sob o convés e a interminável bifurcação dos corredores pelas pilastras, aquele trecho de água lembrava um fosso de catacumbas.

— Não atiraram em nós — disse Richard com absoluta naturalidade. No mesmo tom, poderia te dito: “Não tinha mais pão na padaria.”

— Tivemos alguma ajuda — disse Jack e contemplou Richard, curvado sobre os joelhos. Richard jamais conseguiria subir uma escada, a não ser que recebesse um choque elétrico.

— Vamos bater numa dessas pilastras — disse Jack. — Estique o braço e empurre, está bem?

— O quê?

— Ajude a balsa a desviar da pilastra — Jack explicou. — Vamos lá, Richard. Preciso de sua ajuda.

O pedido pareceu funcionar. Richard abriu o olho esquerdo e apoiou a mão direita na beira da balsa. Quando a pilastra se aproximou, ele esticou a mão esquerda para desviar a balsa. Então, alguma coisa na coluna de madeira deu um pequeno estalo. Era como se lábios molhados se abrissem.

Richard gemeu, encolheu a mão.

— O que foi? — Jack perguntou, mas o amigo nem precisou responder: os dois viram criaturas parecidas com lesmas grudando na estaca. Os estranhos animais estavam de bocas e olhos fechados. Agitados, eles começaram a mudar de posição na pilastra, batendo de dentes. Jack colocou as mãos na água e conduziu a balsa ao redor da pilastra.

— Oh, meu Deus! — Richard exclamou. Aquelas boquinhinhas sem lábios tinham uma enorme quantidade de dentes. — Eu não posso...

— Você tem de aguentar, Richard — disse Jack. — Não ouviu o que Speedy falou lá embaixo na praia? Talvez agora ele já tenha morrido, Richard, e se isto for verdade, ele morreu para que tivesse certeza que eu saberia que você tinha que entrar no hotel.

Richard tinha fechado novamente os olhos.

— E não importa quantas lesmas desse tipo vamos ter de matar para subir a escada. Eu e você temos de fazer isso. É assim, e ponto final!

— Vá a merda — Richard gemeu. — Você não precisa falar assim comigo. Já estou farto desse seu ar superior. Sei que vou subir a escada, não importa onde ela esteja. Só não sei se vou aguentar. Então vá para o inferno. — Richard falara com os olhos fechados, mas, de repente, num ímpeto de força de vontade, conseguiu arregalá-las: — Loucura!

— Eu preciso de você — disse Jack.

— Loucura. Vou subir essa escada, seu babaca.

— Nesse caso, é melhor eu encontrá-la — Jack disse. Fez a balsa se aproximar da fileira seguinte de pilastras e a viu.

6

A ESCADA PENDIA ENTRE as duas filas mais internas de pilastras. Sua ponta ondulava a pouco mais de um metro da superfície da água. Um retângulo escuro no alto da escada indicava um alçapão se abrindo para o convés. Na escuridão, havia apenas o espectro quase invisível dos degraus.

— Estamos no caminho certo, Richie — disse Jack. Cuidadosamente, fez a balsa passar pela pilastra seguinte, tomando cuidado para não esbarrar nela. As centenas de criaturas parecidas com lesmas que se agarravam à pilastra mostraram os dentes. Em segundos, a cabeça de cavalo na frente da balsa deslizava sob a ponta da escada. Jack esticou a mão e agarrou um degrau. — Tudo bem — disse ele. Primeiro amarrou no degrau uma manga da

camisa encharcada; a outra manga foi amarrada na dura cauda de borracha da balsa. Pelo menos a balsa não sairia dali, se é que conseguissem sair do hotel.

Subitamente, Jack sentiu uma secura na boca. O talismã entoava sua canção, chamava-o. Ele ficou de pé na balsa e se pendurou na escada.

— Você primeiro — disse a Richard. — Não vai ser fácil, mas vou ajudá-lo.

— Não preciso de sua ajuda — Richard resmungou, mas, ao ficar de pé, perdeu o equilíbrio e quase atirou os dois dentro d'água.

— Agora, calma.

— Não me mande ter calma.

Richard estendeu ambos os braços e conseguiu se equilibrar. Com a boca bem apertada, parecia ter medo até de respirar. Deu um passo à frente.

— Bom.

— Babaca.

Richard moveu o pé esquerdo, levantou o braço direito, levou à frente o pé direito. Contraindo febrilmente um dos olhos, conseguiu tocar a ponta da escada com as mãos.

— Está vendo?

— Certo — disse Jack, fazendo suas mãos recuarem de palmas abertas, dedos estendidos, sugerindo que não insultaria Richard com uma oferta de ajuda física.

Richard agarrou-se na escada, mas seus pés deslizaram irresistivelmente para a frente, levando a balsa com eles. Num segundo, estava suspenso quase só sobre a água. Só a camisa de Jack impediu a balsa de escapulir inteiramente dos pés de Richard.

— Ajude-me!

— Recue o pé.

Richard obedeceu e recuperou o equilíbrio, a respiração muito ofegante.

— Deixe eu lhe dar uma mão, está bem?

— Está bem.

Jack engatinhou pela balsa até estar em frente a Richard. Ficou de pé com muito cuidado. Richard agarrou o degrau com ambas as mãos, tremendo. Jack o segurou pela cintura esquelética.

— Vou ajudá-lo a subir. Procure não chutar com o pé. Só se eleve o bastante para pôr o joelho no primeiro degrau. Coloque as mãos no de cima.

Richard abriu um dos olhos e seguiu as instruções.

— Está pronto?

— Estou.

A balsa resvalou para a frente, mas Jack empurrou Richard tão alto que ele conseguiu facilmente encaixar o joelho direito no primeiro degrau. Depois, agarrou os lados da escada e empregou toda a energia de seus braços e pernas para estabilizar a balsa. Richard estava resmungando, fazendo força para colocar o outro joelho no degrau. Um segundo depois, a proeza foi cumprida. Mais dois segundos e Richard Sloot conseguiu ficar de pé na escada.

— Não consigo subir mais nada — disse ele. — Acho que vou cair. Estou me sentindo muito mal, Jack.

— Tente avançar ao menos mais um degrau, por favor. Por favor. Depois vou poder ajudá-lo.

Debilmente, Richard arrastou as mãos por mais um degrau. Olhando para o convés, Jack viu que a escada devia ter uns dez metros de comprimento.

— Agora mexa os pés. Por favor, Richard.

Vagarosamente, Richard conseguiu erguer um pé, depois outro, até o segundo degrau.

Jack pôs as mãos ao lado dos tornozelos de Richard e se ergueu. A balsa oscilou num semicírculo, mas Jack levantou os joelhos e firmou ambas as pernas no degrau mais baixo. Segura pela camisa esticada de Jack, a balsa se sacudia como um cãozinho numa coleira.

A um terço do caminho para o alto da escada, Jack teve de pôr um braço em torno da cintura de Richard para impedi-lo de cair na escuridão da água.

Por fim, o quadrado retangular do alçapão na madeira negra pairou bem acima da cabeça de Jack. Ele puxou Richard em sua direção, e a cabeça já inconsciente lhe caiu sobre o peito. Jack abraçou Richard e a escada com a mão esquerda; com a direita, tentava abrir o alçapão. E se o alçapão estivesse pregado? Mas ele se escancarou com facilidade e bateu com força no chão do convés. Jack firmou o braço esquerdo sob as axilas de Richard e conseguiu fazê-lo passar pelo buraco do convés.

INTERLÚDIO

Sloat Neste Mundo (V)

O MOTEL KINGSLAND ficara vazio por quase seis anos, e tinha o cheiro mofado de jornal amarelo dos prédios que ficam vazios por muito tempo. Esse cheiro, a princípio, perturbara Sloat. Sua avó materna morrera em casa, quando ele ainda era garoto (até o último suspiro, foram quatro anos de agonia), e o cheiro de sua morte fora semelhante àquele. Não queria esse tipo de cheiro, esse tipo de lembrança, no momento em que seu maior triunfo estava tão perto.

Agora, porém, aquilo não mais importava. Nem mesmo as terríveis perdas que sofrera com a prematura chegada de Jack ao Campo Prontidão importavam. As primeiras sensações de abatimento e fúria tinham se convertido num frenesi de agitação nervosa. Cabeça baixa, lábios torcidos, olhos brilhantes, ele andava de um lado para o outro no quarto onde, nos velhos tempos, costumava pernoitar com Richard. Às vezes entrelaçava as mãos atrás das costas, às vezes batia com um punho na palma de uma das mãos, às vezes acariciava a cabeça calva. Em geral, no entanto, limitava-se a perambular como fazia na universidade, as mãos firmemente fechadas em punhos, as unhas escavando dolorosamente as palmas. Seu estômago se mantinha alternadamente azedo e vertiginosamente vazio.

As coisas estavam chegando a um clímax.

Não, não. Ideia correta, frase errada.

As coisas estavam se *ajustando*.

A esta hora, Richard já está morto. Meu filho está morto. Tem de estar. Sobreviveu por um triz às Terras Secas, mas nunca sobreviverá ao Agincourt. Está morto. Seria inútil acalentar falsas esperanças. Jack Sawyer o matou, e por isso vou lhe arrancar os olhos da cara a sangue-frio.

— Mas eu também o matei — Morgan sussurrou, parando por um instante.

Subitamente, lembrou-se do próprio pai.

Gordon Sloat fora um austero ministro luterano em Ohio. Morgan tinha passado toda a infância e a adolescência tentando fugir daquele homem ríspido, assustador. Um dia, conseguiu escapar para Yale. Entregou-se de corpo e alma aos estudos por uma razão muito simples, mas que sua mente consciente fora incapaz de admitir: Yale era um lugar onde o pai, com seu jeito rude e caipira, jamais se atreveria a entrar. Se o pai tentasse colocar um pé no campus de Yale, *alguma coisa* lhe aconteceria. Exatamente o que podia ser esta *alguma coisa*, o estudante Sloat não saberia

dizer... Mas tinha de ser algo muito semelhante, ele desconfiava, ao que acontecera com a Bruxa Má quando Dorothy atirou um balde d'água sobre ela. E esta suspeita parecia ter sua lógica, tanto que o pai *já* pôs os pés no campus da universidade. Desde o primeiro dia de Morgan em Yale, o poder de Gordon Sloat sobre o filho começou a declinar. Só este fato já parecia fazer toda a sua luta, todo o seu esforço, terem valido a pena.

Mas agora, com os punhos cerrados e as unhas escavando a maciez das palmas das mãos, a voz do pai lhe vinha à cabeça: *De que serve um homem conquistar o mundo inteiro se para isso tiver de perder o próprio filho?*

Por um instante, aquele cheiro úmido e amarelo, o cheiro de motel vazio, cheiro da avó, cheiro da morte, encheu-lhe as narinas, como se quisesse sufocá-lo. Morgan Sloat/Morgan de Orris teve medo.

De que serve um homem...

Pois estava escrito no Livro da boa lavoura que um homem não deve levar o broto de sua semente ao lugar do sacrifício, pois...

De que serve...

Este homem ficará amaldiçoado, amaldiçoado, amaldiçoado.

... um homem conquistar o mundo inteiro se para isso tiver de perder o próprio filho?

Paredes fedorentas. Cheiro seco de cocô de rato velho se transformando em pó nos espaços escuros atrás das paredes. Loucos. Havia loucos nas ruas.

De que serve um homem?

Morto. Seu filho único morto nos Territórios, seu filho único morto neste mundo.

De que serve um homem?

Seu filho está morto, Morgan. Tem de estar. Morto na água, ou morto sob os alicerces do hotel e flutuando de um lado para o outro ou então morto — com certeza! — sobre o convés. Não podia suportar. Não...

De que serve...

E, de repente, lhe ocorreu a resposta.

— *Serve à posse do mundo inteiro!* — Morgan gritou no quarto em ruínas. Começou a rir e andar novamente de um lado para o outro. — Se um homem conquista o *mundo*, por Jason, isto é mais do que suficiente!

Rindo, começou a andar cada vez mais rápido, e, pouco depois, o sangue gotejava dos seus punhos cerrados.

Daí a dez minutos, um carro parou na frente do velho motel. Morgan foi até a janela e viu Sunlight Gardener saltar do Cadillac.

Segundos depois, ele martelava a porta com ambos os punhos, como um menino de 3 anos fazendo birra e batendo no chão. Morgan percebeu que o homem estava colérico, e se perguntou se aquilo era bom ou ruim.

— Morgan! — Gardener berrou. — Abra a porta, meu senhor! Trago notícias! Notícias!

Acho que já vi tudo o que você tem a me contar pelo meu binóculo. Martele mais um pouco essa porta, Gardener, enquanto eu coloco minhas ideias em ordem com relação a isso. É bom você estar enfurecido ou é ruim?

Bom, Morgan concluiu. Em Indiana, no momento crucial, Gardener fugira com medo no sem cuidar de Jack de uma vez por todas. Agora, todo aquele selvagem sofrimento o tornou outra vez confiável. Se Morgan precisasse de um piloto kamikaze, Sunlight Gardener seria o primeiro a correr para os aviões.

— Abra a porta, meu senhor! Trago notícias! No...

Morgan abriu a porta. Embora ele mesmo estivesse bastante nervoso, presenteou Gardener com uma fisionomia de quase divina serenidade.

— Calma — disse. — Tenha calma, Gard. Olhe as coronárias.

— Eles foram para o hotel... pela praia... Atiramos enquanto estavam na praia... os imbecis erraram... na água, eu pensei...

vamos pegá-los na água... Então vieram as criaturas das profundezas... Eu o tinha na mira... Eu tinha aquele garoto mau BEM NA MINHA MIRA... e então... as criaturas... elas... elas...

— Vá devagar — Morgan pediu num tom suave. Fechou a porta e tirou uma garrafa do bolso do paletó. Passou a garrafa a Gardener, que torceu a rolha e tomou dois gigantescos goles. Morgan esperou. Seu rosto parecia benevolente, sereno, mas uma veia pulsava no centro de sua testa e as mãos se abriam e fechavam, se abriam e fechavam.

Tinham ido para o hotel, é claro. Morgan vira a ridícula balsa com cabeça e cauda de cavalo balançando no mar até lá.

— Meu filho — ele disse a Gardener. — O que seus homens disseram? Ele estava vivo ou morto quando Jack o colocou na balsa?

Gardener balançou indeciso a cabeça — mas seus olhos revelaram em que ele acreditava.

— Ninguém tem certeza, meu senhor. Alguns dizem que o viram se mexer. Outros dizem que não.

Não importa. Se ainda não estivesse morto naquele momento, agora já está. Seria suficiente que ele respirasse uma vez o ar daquele hotel para seus pulmões explodirem.

O rosto de Gardener ficou ruborizado pelo uísque e os olhos lacrimejaram. Ele não devolveu a garrafa, ficou de pé segurando-a. Por Sloat, tudo bem. Naquele momento Sloat não queria uísque nem cocaína. Estava num estado que os doidões dos anos 1960 chamavam de naturalmente chapado.

— Comece tudo de novo — disse Morgan. — E desta vez seja coerente.

A única coisa que Gardener tinha a contar e que Morgan não tinha captado do primeiro jorro de palavras dele era a presença daquele velho negro na da praia, mas Sloat podia quase ter adivinhado isso. Contudo, deixou Gardener continuar. A voz de Gardener era reconfortante, a raiva dele era revigorante.

Enquanto Gardener falava, Morgan avaliou suas opções uma última vez, tirando o filho da equação com um breve latejar de pesar.

De que serve um homem conquistar o mundo inteiro? A posse do mundo serve. A posse do mundo é o bastante... Ou, nesse caso, mundos. De início dois, e mais quando e se a coisa engrenasse. Se quisesse, poderia governar todos eles. Poderia ser uma espécie de Deus do Universo.

O talismã. O talismã é...

A chave?

Não; oh, não.

Não uma chave, mas uma porta; uma porta trancada entre ele e seu destino. Ele não queria abrir essa porta, mas destruí-la, destruí-la completamente, radicalmente, eternamente, para que ela nunca mais pudesse ser fechada, muito menos trancada.

Quando o talismã fosse despedaçado, todos aqueles mundos seriam *seus* mundos.

— Gard! — ele chamou, e recomeçou a andar de um lado para o outro.

Gardener virou-se para Morgan com ar curioso.

— De que serve um homem? — Morgan gorjeou num tom frenético.

— Senhor? Eu não compreendo...

Morgan se postou diante de Gardener, os olhos febris, cintilantes. O rosto se contorceu. Converteu-se no rosto de Morgan de Orris. Converteu-se outra vez no rosto de Morgan Sloat.

— Serve ao homem conquistar o *mundo* — Morgan disse, pondo as mãos nos ombros de Osmond. Um segundo depois, quando o soltou, Osmond era novamente Gardener. — Serve ao homem conquistar o *mundo*, e o mundo é o bastante.

— Meu senhor, o senhor não está compreendendo — disse Gardener, olhando para Morgan como se ele estivesse louco. — Acho que eles *entraram*. Onde A COISA está. Tentamos atirar nos

dois, mas as criaturas... as criaturas das profundezas... vieram à tona e os protegeram, assim como o *Livro da boa lavoura* disse que ia acontecer... E se eles estão mesmo lá *dentro*... — O tom da voz de Gardener foi se elevando. Os olhos de Osmond se agitaram num misto de cólera e abatimento.

— Estou entendendo— Morgan disse com voz serena. Sua fisionomia e sua voz estavam novamente calmas, mas os punhos não paravam, o sangue escorria para o tapete mofado. — Sim, rapaz, entendi tudo, entendi perfeitamente, claramente bem. Eles entraram, e meu filho jamais vai sair de lá. Você perdeu o seu garoto, Gard, e agora eu perdi o meu.

— *Sawyer!* — Gardener rosnou. — Jack *Sawyer!* Jason! Aquele...

Por quase cinco minutos, Gardener se entregou a uma horrível torrente de palavrões. Amaldiçoou Jack em dois idiomas; a voz tremia, estalava de dor e fúria insanas. Morgan ficou imóvel, esperando que ele extravasasse aquilo tudo.

Quando Gardener parou, ofegante, e tomou outro gole de uísque, Morgan falou:

— Certo! Ousadia dupla! Agora, Gard... está me ouvindo?

— Sim, meu senhor.

Os olhos de Gardener/Osmond brilhavam com amarga atenção.

— Meu filho jamais vai sair do hotel negro, e acho que Sawyer também não. Temos uma boa chance de que ele ainda não seja suficientemente *Jason* para conseguir lidar com o que existe lá dentro. A COISA provavelmente vai matá-lo, enlouquecê-lo ou enviá-lo para cem mundos distantes daqui. Mas *talvez* ele consiga sair, Gard. Sim, *talvez*.

— Ele é o pior dos piores filhos da puta que já pisaram na Terra — Gardener sussurrou. Sua mão apertou a garrafa... apertou... apertou... e os dedos começaram a amassar a parte externa de metal.

— Você disse que aquele velho negro está lá embaixo, na praia?

— Está.

— Parker — disse Morgan, e no mesmo momento Osmond fez eco:

— Parkus.

— Morto? — Morgan perguntou sem muito interesse.

— Não sei. Acho que sim. Quer que eu mande alguns homens para pegá-lo?

— Não! — Morgan respondeu com aspereza. — Não... Mas vamos nos aproximar de onde ele está, não vamos, Gard?

— Vamos?

Morgan começou a sorrir.

— Sim. Você... eu... todos nós. Porque, se Jack sair do hotel, vai até lá primeiro. Ele não vai deixar o velho companheiro na praia, vai?

Então Gardener também começou a sorrir.

— Não — disse ele. — Não.

Pela primeira vez, Morgan tomou consciência da dor latejante em suas mãos. Abriu-as e contemplou pensativo o sangue que escorria dos ferimentos profundos em forma de semicírculo nas palmas. Seu sorriso, porém, não desapareceu. Ao contrário, tornou-se mais largo.

Gardener estava olhando solenemente para ele. Morgan sentiu-se envolvido por uma grande sensação de força. Levou a mão ensanguentada até o pescoço e fechou-a em torno da chave que atirava raios.

— A vantagem é que o homem fica com o *mundo* — ele murmurou. — Digam *aleluia*.

Seus lábios se arreganharam ainda mais. O sorriso se transformou num trejeito amarelado de um lobo astuto: um lobo velho, mas ainda obstinado e poderoso.

— Vamos, Gard — disse ele. — Vamos até a praia.

Capítulo Quarenta e Um

O Hotel Negro

1

RICHARD SLOAT NÃO estava morto, mas quando Jack o pegou nos braços, viu que o amigo perdera totalmente a consciência.

Quem é o rebanho agora?, Lobo perguntou na cabeça dele.
Tenha cuidado, Jacky! Lobo! Tenha...

VENHA PARA MIM! VENHA AGORA!, cantava o talismã numa voz poderosa e muda. VENHA PARA MIM, TRAGA O REBANHO E TUDO FICARÁ BEM

E TUDO FICARÁ BEM E...

— ... e tudo ficará bem — Jack resmungou.

Ele começou a andar e ficou a centímetros de pisar bem no buraco do alçapão, como um garoto participando de alguma bizarra dupla execução por enforcamento. *Balançando com um amigo*, Jack pensou um tanto fora de si. O coração martelava nas suas orelhas, e por um instante ele achou que ia vomitar na água escura que batia nas pilastras. Conseguiu então se controlar e fechou o alçapão com o pé. Agora havia apenas o som dos cata-ventos — misteriosas formas de metal rodopiando sem cessar no céu.

Jack virou-se para o Agincourt.

Estava num amplo terraço, semelhante a uma varanda elevada. Outrora, pessoas elegantes dos anos 20 e 30 teriam desfilado por ali, tomando coquetéis à sombra dos guarda-sóis, bebendo gim com limão ou *sidecars*, talvez lendo o último romance de Edgar Wallace ou Ellery Queen, talvez só olhando para a Ilha Los Cavernes, apenas uma mancha no horizonte, mesmo em dia claro — uma mancha azulada, estendida sobre a água como lombo de baleia. Os homens estariam vestidos de branco, as mulheres em tons pastéis.

Antigamente, talvez.

Agora as tábuas estavam empenadas, esburacadas, lascadas. A cor original do terraço não era mais reconhecível. Ele se tornara negro, negro como o resto do hotel; o lugar tinha a cor que ele imaginava que devia ter o tumor maligno nos pulmões da mãe.

A 7 metros dali estavam as portas de vidro de que Speedy falara. Era por elas que os hóspedes circulavam naqueles bons tempos. Agora pareciam olhos fechados, viscosos, com estranhas pinceladas de branco.

Numa dessas portas estava escrito:

É SUA ÚLTIMA CHANCE DE VOLTAR PARA CASA

Barulho das ondas. Barulhos de ferragens nos ângulos dos telhados. Cheiro de maresia e de velhos drinques derramados, drinques há muito tempo derramados por gente bonita que agora estava decomposta, morta. Cheiro do próprio hotel. Olhou de novo para a porta de vidro e, sem qualquer surpresa, viu que a mensagem se alterara:

ELA JÁ ESTÁ MORTA JACK POR QUE TODO ESSE TRABALHO?

(agora quem é o rebanho?)

— Você, Richie — disse ele —, mas você não está sozinho.

Nos braços de Jack, Richard deixou escapar uma espécie de ronco de protesto.

— Vamos em frente — disse Jack, e começou a andar. — Faltam 1500 metros. Aproximadamente.

2

AS PORTAS DE vidro pareciam se *alargar* à medida que Jack se aproximava do Agincourt. Era como se o hotel negro o contemplasse com surpresa cega, porém desdenhosa.

Você acha mesmo, garotinho, que conseguirá entrar aqui e escapar com vida? Acha que há tanto de Jason em você?

Clarões vermelhos, como os que ele vira no ar, cintilavam, corriam por entre as portas viscosas. Por um instante eles assumiram formas. Jack os contemplava, intrigado, enquanto eles se transformaram em pequenos demônios de fogo. Deslizaram até as maçanetas das portas num movimento convergente. As maçanetas começaram a brilhar como vigas de ferro numa forja.

Vá em frente, garotinho. Encoste a mão numa delas. Tente.

Um dia, quando tinha 6 anos, Jack pôs a mão num forno de fogão elétrico e girou até o fim o botão de temperatura. Fora simples curiosidade de sentir a rapidez do forno esquentando. Pouco depois, teve de tirar a mão, já com bolhas se formando, com um grito de dor. Phil Sawyer foi até lá correndo, deu uma olhada e perguntou quando ele tinha começado a sentir aquela estranha compulsão de se queimar.

Jack continuava com Richard nos braços, olhando para as maçanetas incandescentes.

Vá em frente, garotinho. Lembra como o fogão queimava? Você achava que teria tempo o suficiente de tirar a mão. “Diabo”, você pensou, “a coisa não começa nem a ficar vermelha antes de um minuto” Mas queimou imediatamente, não foi? Que sensação você acha que isso aqui vai causar, Jack?

Novos clarões vermelhos patinaram pelo vidro até as maçanetas das portas duplas. As maçanetas começaram a assumir aquele aspecto delicado vermelho com bordas brancas de metal que está a poucos graus de amolecer e começar a pingar. Se encostasse a mão numa delas, ela afundaria em sua carne, queimando o tecido, fazendo o sangue ferver. A dor seria como nunca tinha sentido.

Esperou por um momento com Richard nos braços, torcendo para que o talismã o chamasse ou para que o “lado Jason” viesse à tona. Mas foi a voz da mãe que ecoou em sua cabeça.

Será que alguém ou alguma coisa tem sempre de empurrá-lo, Jack-O? Vamos lá, garotão. Você iniciou isso sozinho; pode seguir em frente se quiser. Aquele outro cara tem que fazer tudo por você?

— Tudo bem, mamãe — disse Jack. Ele sorria suavemente, mas a voz tremia de medo. — Essa é pra você. Só espero que alguém tenha se lembrado de trazer lidocaína.

Estendeu o braço e agarrou uma das maçanetas incandescentes.

Só que não estava incandescente; tudo não passara de uma ilusão. A maçaneta estava morna, só isso. Quando Jack a girou, o brilho vermelho desapareceu de todas as maçanetas. E quando abriu a porta de vidro, o talismã cantou outra vez, fazendo todo o seu corpo se arrepiar:

MUITO BEM! JASON! ATÉ MIM! VENHA ATÉ MIM!

Com Richard nos braços, Jack entrou na sala de jantar do hotel negro.

3

AO TRANSPOR a soleira da porta, sentiu uma força inanimada, como uma mão morta, tentar empurrá-lo para trás. Jack lutou contra ela e pouco depois a sensação de ser repellido cessou.

A sala não era particularmente escura, mas as portas pintadas conferiam-lhe uma brancura monocromática da qual Jack não gostou. Sentiu-se no meio de um nevoeiro, cego. Ali havia cheiros amarelos de decomposição, entre paredes onde o reboco estava lentamente se transformando em massa pegajosa; cheiros de tempos vazios e escuridão amarga. Mas havia mais ali, Jack sabia e teve medo.

Porque o lugar não estava vazio.

Não sabia exatamente de que maneira seriam as coisas lá dentro, mas sabia que Sloat jamais se atrevera a entrar ali, e achava que ninguém mais se atreveria. O ar era muito denso, pesava em seus pulmões, como se repleto de um veneno de efeito lento. Sentiu galerias, corredores, portas e passagens secretas; paredes querendo enclausurá-lo como as paredes de uma grande cripta mortuária. Havia loucura ali dentro, e morte ambulante,e

irracionalidade ininteligível. Talvez Jack não tivesse palavras para expressar essas coisas, mas as sentia mesmo assim.

Sabia o tipo de sentimentos que eram. Assim como sabia que nem todos os talismãs do cosmo seriam capazes de protegê-lo daqueles perigos. Participava de um insólito ritual cuja conclusão, ele sentia, não era nem um pouco pré-determinada.

E só podia contar consigo mesmo.

Alguma coisa fez cócegas em sua nuca. Jack passou a mão lá e moveu o corpo para o lado. Richard gemeu roucamente em seus braços.

Era uma grande aranha negra pendurada numa teia. Jack olhou para o alto e viu que a teia se enroscava numa das pás de um ventilador de teto parado, um sujo emaranhado de fios entre pás de madeira. O corpo da aranha parecia muito inchado. Jack conseguia ver os olhos dela. Não se lembrava de jamais ter visto os *olhos* de uma aranha antes. Começou a contornar a aranha em direção a um conjunto de mesas. A aranha se virou na ponta do fio, seguindo-o.

— *Ladrão de merda* — ela guinchou, bruscamente.

Jack gritou e apertou Richard de encontro ao peito com a elétrica energia gerada pelo pânico. O grito ecoou por todos os cantos do elevado teto da sala. De algum lugar dos fundos do aposento veio um clangor metálico e cavernoso. Alguma coisa riu.

— *Ladrão de merda, LADRÃO de merda!* — a aranha guinchou, mas, de repente, voltou correndo para o centro de sua teia.

Com o coração martelando no peito, Jack atravessou a sala e pôs Richard sobre uma das mesas. O garoto gemeu outra vez, um gemido fraco. Jack podia sentir os calombos sob as roupas de Richard.

— Vou ter de deixá-lo um minuto aqui, amigão — disse Jack.

Das sombras do teto:

— *Vou cuidar... muito bem... de você, seu ladrão... ladrão de merda...*

Houve um breve, malévolo zumbido de riso.

Havia uma pilha de toalhas de mesa sob a mesa onde Jack pusera Richard. As duas ou três de cima estavam pegajosas de umidade, mas no meio da pilha ele encontrou uma que não estava tão estragada. Jack abriu-a, e cobriu Richard até o pescoço. Depois se afastou.

A voz da aranha continuava sussurrando por entre as pás do ventilador, numa escuridão que fedia a moscas em decomposição e vespas enroladas em seda. — *Vou cuidar de você, ladrão de merda...*

Jack levantou a cabeça, mas não conseguiu mais ver a aranha. Podia imaginar aqueles olhinhos frios, mas era só imaginação. Uma aterradora, nauseante imagem lhe ocorreu: aquela aranha rastejando pelo rosto de Richard, abrindo caminho entre os lábios do amigo, forçando a entrada para a boca, guinchando o tempo todo *ladrão de merda, ladrão de merda, ladrão de merda...*

Pensou em puxar a toalha de mesa até a boca de Richard, mas descobriu que não conseguia transformar o amigo em alguma coisa que se assemelharia bastante a um cadáver. Seria quase como um convite.

Voltou para perto de Richard e ficou imóvel, indeciso, sabendo que sua indecisão servia ao jogo das forças que queriam impedi-lo de se aproximar do talismã.

Pôs a mão no bolso e tirou de lá uma grande bola de gude esverdeada. No outro mundo, era um espelho mágico. Jack não tinha qualquer razão para acreditar que a bola contivesse algum poder especial contra as forças do mal, mas era um objeto dos Territórios... e, Terras Secas à parte, os Territórios eram um lugar essencialmente bom. E uma bondade essencial, Jack ponderava, devia ter algum poder contra o mal.

Encaixou a bola de gude na mão de Richard. A mão de Richard se fechou, depois afrouxou um pouco quando Jack a soltou.

De algum lugar acima, a aranha despejava seu riso obsceno.

Jack curvou-se sobre Richard, tentando ignorar o cheiro de doença que o amigo transmitia, um odor muito parecido com o cheiro daquele lugar, e murmurou:

— Prenda isto em sua mão, Richie. Segure com força, cara.

— Não... cara — Richard sussurrou, e fechou debilmente a mão em torno da bola.

— Obrigado, Richie — disse Jack. Ele beijou suavemente a face de Richard e começou a atravessar a sala em direção às portas duplas fechadas na extremidade do aposento. *É como o Alhambra, pensou. De um lado, a sala de jantar vai dar nos jardins; do outro, num terraço sobre a água. Portas duplas em ambas as saídas, abrindo-se para o resto do hotel.*

Ao atravessar a sala, sentiu aquela mão morta puxando-o outra vez. Era o hotel o repelindo, tentando tirá-lo de seu interior.

Não ligue, Jack pensou, e continuou avançando.

A força pareceu se extinguir quase imediatamente.

Temos outros meios, as portas duplas sussurraram quando ele se aproximou. De novo Jack ouviu o sinistro clangor de metal.

Você está preocupado com Sloat, as portas murmuraram; só que agora a voz não parecia vir apenas das portas — agora a voz que Jack estava ouvindo parecia vir do hotel inteiro. *Você está preocupado com Sloat, lobos degenerados, coisas que parecem cabras e técnicos de basquete que não são técnicos de basquete de verdade. Está preocupado com armas, explosivos plásticos e chaves mágicas. Nós aqui não nos preocupamos com nada disso, pequenino. Não significam nada para nós. Morgan Sloat não passa de uma barata tonta. Tem apenas vinte anos de vida pela frente e isso é menos do que o intervalo entre cada inspiração de ar para nós. Aqui, no Hotel Negro, só nos preocupamos com o talismã — o eixo de todos os mundos possíveis. Você chegou como um ladrão para nos despojar do que é nosso, mas vamos lhe dar o aviso mais uma vez: temos outros meios de lidar com ladrões de merda como*

você. Se insistir, vai descobrir quais são — vai descobrir por conta própria.

4

JACK ABRIU PRIMEIRO uma das portas duplas, depois a outra. Os rodízios rangeram incomodamente ao girar pelos caminhos que não eram percorridos há anos.

Do outro lado das portas havia um corredor escuro. *Vai dar no saguão*, Jack pensou. *E depois, se este for mesmo idêntico ao Alhambra, terei de subir um lance de escadas.*

No segundo andar, encontraria o grande salão de festas. E no grande salão de festas, encontraria a coisa que viera buscar.

Jack olhou para trás, viu que Richard não tinha se mexido, e entrou no corredor. Depois fechou as portas atrás de si.

Começou a avançar lentamente, os tênis velhos e encardidos rangendo no tapete rasgado.

Um pouco mais adiante, Jack se deparou com outro conjunto de portas duplas, com pássaros pintados nelas.

Bem ali perto havia várias salas de reunião. A Sala do Estado de Ouro ficava em frente à Sala da Corrida ao Ouro. Cinco passos depois na direção das portas duplas com os pássaros pintados havia a Sala Mendocino (e talhado no meio da porta de mogno: SUA MÃE MORREU GRITANDO!). Bem no fim do corredor — inacreditavelmente longe! — havia uma luminosidade mortiça. O saguão.

Tlam!

Jack girou nos calcanhares rapidamente e, pouco à frente de um dos pontiagudos portais na garganta de pedra do corredor,

captou um vestígio de movimento...

(pedras?) (pontiagudos portais?)

Jack piscou nervosamente. O corredor fora revestido por escuros painéis de mogno que começavam a apodrecer por causa da maresia. Nada de pedra. E as portas que davam na Sala do Estado de Ouro, na Sala da Corrida ao Ouro e na Sala Mendocino eram portas comuns, retângulos simples, nada pontiagudos. Por um instante, porém, ele julgou ver umbrais semelhantes a arcos de velhas catedrais. Preenchendo os umbrais havia portões de ferro — o tipo de portão que é erguido ou abaixado por roldanas. Pesados portões de ferro com pontas afiadas embaixo. E quando o portão era abaixado para bloquear a entrada, as grades se ajustavam em buracos no chão.

Nada de arcos de pedra, Jack-O. Veja com seus próprios olhos. Apenas umbrais. Você viu portões de ferro assim na Torre de Londres, naquela viagem que fez com sua mãe e o tio Tommy, há três anos. Você está apenas se apavorando um pouco, só isso...

Mas a sensação que Jack experimentou na boca do estômago foi inconfundível.

Eles estavam lá sim. Eu atravessei. Só por um segundo, estive nos Territórios.

Tlam!

Jack virou rapidamente a cabeça para o outro lado, o suor lhe escorrendo pelas faces e pela testa, o cabelo começando a se arrepiar na nuca.

Ele viu de novo — uma cintilação metálica nas sombras de uma daquelas salas. Viu pedras enormes, pretas como pecados mortais, as superfícies ásperas cobertas de um musgo esverdeado. Asquerosos insetos albinos de aparência mole enxameavam pelos poros da argamassa apodrecida entre as pedras. Apoios vazios de candelabros de parede enfileiravam-se a intervalos de cinco ou seis metros. As tochas que aquelas bases tinham suportado estavam há muito tempo apagadas.

Tlam!

Dessa vez ele nem piscou. O mundo ondulava diante de seus olhos, agitava-se como um objeto visto através de água corrente. As paredes eram de novo de mogno escuro em vez de blocos de pedra. As portas eram *portas* e não gigantescos portões de ferro. Os dois mundos, separados por uma membrana fina como uma meia de mulher, tinham agora começado a se sobrepor.

E, Jack percebeu confusamente, seu lado Jason começara a se mesclar a seu lado Jack. Uma espécie de terceiro ser, que era um amálgama dos dois, ia gradualmente emergindo.

Não sei exatamente como esta combinação poderia ser classificada, mas espero que seja poderosa — porque existem coisas atrás daquelas portas... atrás de todas elas.

Jack começou de novo a se esgueirar pelo corredor em direção ao saguão.

Tlam!

Desta vez o mundo não oscilou; portas sólidas continuaram sendo portas sólidas e não houve qualquer movimento.

Atrás delas, porém. Atrás delas...

Agora Jack ouviu alguma coisa atrás das portas duplas... E no céu de uma desbotada pintura marinha sobre uma das portas havia os dizeres: BAR DAS GARÇAS. Era o barulho de uma máquina grande e enferrujada sendo posta em movimento. Jack deu um passo

(Jason deu um passo)

para a porta que se abria

(para aquele grande portão de ferro que se suspendia)

enfiando a mão

(na bolsa)

no bolso

(que trazia no cinto do gibão)

do jeans e fechando-a em torno da palheta de violão que Speedy há muito tempo lhe dera.

(e fechando-a em torno do dente de tubarão)

Ficou atento para ver o que ia sair do Bar das Garças, e as paredes do hotel sussurraram obscuramente: *Temos muitos meios de lidar com ladrões de merda como você. Devia ter saído enquanto ainda havia tempo...*

...porque agora, garotinho, seu tempo está esgotado.

5

TLAM... PAM!

Tlam... PAM!

Tlam... PAM!

O barulho era forte, rude, metálico. Havia alguma coisa implacável e inumana nele que assustava Jack mais do que qualquer som humano.

O barulho se movia, se arrastava, avançava sempre no mesmo ritmo lento e idiota.

Tlam... PAM!

Tlam... PAM!

Houve uma longa pausa. Jack esperou, encolhido contra a parede a alguns metros da porta do bar, os nervos tão tensos que pareciam zumbir. Por um longo tempo, não aconteceu absolutamente nada. Jack começou a ter esperanças de que a fonte de ruído tivesse caído em algum alçapão interdimensional, voltando para o mundo de onde tinha vindo. Devido à incômoda imobilidade e à postura contraída, percebeu que as costas doíam. Ele relaxou o corpo.

Então, houve um som de estilhaços e um enorme punho de armadura, os nós dos dedos com pregos, rompeu o descascado céu

azul da porta. Jack recuou de novo para a parede e se encolheu, boquiaberto.

E, sem controlar, atravessou para os Territórios.

6

DO OUTRO LADO do enorme portão de ferro havia um vulto numa armadura escura, enferrujada. O elmo, de forma cilíndrica, tinha uma abertura muito pequena na altura dos olhos, não mais que dois centímetros de largura. Em cima do elmo havia uma suja pluma vermelha. Insetos esbranquiçados se contorciam nela. Eram muito parecidos, Jason percebeu, com os vermes que brotaram das paredes do quarto de Albert, o Bolha, e depois de todo o Colégio Thayer. O elmo terminava numa espiral de malha que, como uma estola de senhora, caía até a ferrugem dos ombros do cavaleiro. Os braços e antebraços estavam protegidos com pesadas placas de aço. As placas se uniam nos cotovelos por meio de estranhas dobradiças. O aço parecia incrustado de velhas camadas de sujeira, e quando o cavaleiro se movia, as arestas dos cotovelos rangiam como o choro estridente, impertinente, de uma criança contrariada.

Os punhos blindados estavam cheios de ferrões.

Jason continuou encolhido na parede de pedra, contemplando o vulto, incapaz de desviar um segundo os olhos. A boca tinha uma secura de febre e as pálpebras pareciam ondular ritmadamente, no mesmo compasso acelerado das pulsações do coração.

A mão direita do cavaleiro segurava *le martel de fer*, um martelo de batalha com uma enferrujada cabeça de ferro de 15 quilos, mortalmente silenciosa.

O portão de ferro; lembre-se de que o portão de ferro está entre você e essa coisa...

Mas então, embora sem o auxílio de qualquer mão humana, a roldana passou a girar; a corrente de ferro, cada elo do comprimento do antebraço de Jack, começou a ser enrolada ao redor de um cilindro e o portão começou a se erguer.

7

O PUNHO DA ARMADURA foi puxado da porta, deixando um buraco estilhaçado que transformou o romântico aspecto pastoril da porta numa imagem surrealista e sinistra. Parecia agora que algum caçador apocalíptico, desapontado pelo dia de caçada, deu uma saraivada de tiros para aquele céu num ataque de raiva. Então, a cabeça do martelo de batalha explodiu contra a porta, esmagando uma das duas garças que lutava para levantar voo. Jack pôs a mão na frente dos olhos para se proteger de farpas. O *martel de fer* foi puxado para trás. Houve outra breve pausa, quase longa o suficiente para Jack pensar em correr de novo. Então, o punho investiu contra a porta de novo. Ele girou para um lado e depois para o outro, alargando o buraco, depois o puxou de volta. Um segundo depois, o martelo rompeu uma pintura de vegetação e um grande pedaço do lado direito da porta caiu no carpete.

Jack pôde ver agora o enorme vulto da armadura nas sombras do Bar das Garças. A armadura não era a mesma usada pelo ser que se defrontara com Jason no castelo negro. A outra tinha um elmo quase cilíndrico e uma pluma vermelha em cima; o novo vulto usava um elmo que lembrava a cabeça de um pássaro esculpido em ferro. Na altura das orelhas, de ambos os lados do capacete, havia

chifres. Jack viu um peitoril, uma saia de placas de ferro, malha de ferro por baixo disso. O martelo era o mesmo em ambos os mundos e, em ambos os mundos, os cavaleiros-Duplos o empregaram simultaneamente como se com desdém: Quem precisaria de um martelo de batalha para enfrentar um oponente tão indefeso quanto este?

Corra, Jack! Corra!

Isso mesmo, o hotel murmurou. *Corra! É isso que ladrões de merda devem fazer! Corra! Corra!*

Mas ele não ia correr. Podia morrer, mas não ia fugir. Porque aquela voz maliciosa, sussurrante, não deixava de ter razão. Correr era exatamente o que ladrões de merda faziam.

Mas eu não sou ladrão, Jack pensou com raiva. *Essa coisa pode me matar, mas não vou correr. Porque não sou ladrão.*

— *Não vou correr!* — Jack gritou para o rosto polido e vazio do pássaro de ferro. — *Não sou ladrão! Está ouvindo? Vim buscar aquilo que me pertence e NÃO SOU LADRÃO!*

Uma mistura de grito e gemido saiu dos buracos de respiração no elmo em forma de cabeça de pássaro. O cavaleiro ergueu os punhos com cravos e farpas, depois os deixou cair... Eles se soltaram do corpo, um na porta da direita, outro na porta da esquerda. O mundo pastoral pintado nelas foi destruído. As dobradiças se romperam... E quando as portas caíram na direção dele, Jack viu a garça pintada que tinha sobrado sair voando como um pássaro numa cena de desenho animado de Walt Disney. Os olhos da garça brilhavam e revelavam enorme terror.

A armadura avançou em sua direção como um robô assassino, os pés se elevando e caindo com estardalhaço. Teria mais de 2 metros de altura. Ao atravessar o umbral, os chifres do elmo tiraram pedaços da esquadria superior. Aqueles chifres pareciam aspas.

Corra!, uma voz lamurienta gritou na mente de Jack.

Corra, ladrão, foi o eco do hotel.

Não, Jack respondeu. Ele olhou para o cavaleiro que avançava e sua mão apertou com força a palheta de violão guardada no bolso. Punhos cobertos de pontas subiram até o visor do elmo em forma de cabeça de pássaro. O elmo foi levantado. Jack ficou boquiaberto.

O interior do elmo estava vazio.

Então, punhos cheios de pinos tentavam alcançar Jack.

8

AS MÃOS COBERTAS de pontas se ergueram e seguraram em cada lado do capacete cilíndrico. Começaram lentamente a erguê-lo, mostrando o rosto lívido e magro de um homem que parecia ter pelo menos 300 anos de idade. Um dos lados da cabeça fora despedaçado. Lascas de osso lembrando cascas quebradas de ovos perfuravam a pele, e a ferida exibia uma espécie de massa escura, que Jason acreditou ser cérebro apodrecido. A cabeça não respirava, mas os olhos vermelhos que contemplavam Jason faiscavam e estavam terrivelmente ávidos. Ele sorria. Jason reparou que os dentes eram afiados como agulhas, capazes de rasgá-lo em pedacinhos.

Cambaleante, a coisa avançou, barulhenta. Mas aquele não era o único som.

Ele se virou para a esquerda, para o principal vestíbulo

(saguão)

do castelo

(do hotel)

e viu um segundo cavaleiro, este usando um capacete achatado, com um formato de bacia, conhecido como “O Grande Elmo”. E atrás dele havia um terceiro... e depois um quarto. Eles se

aproximavam lentamente pelo corredor, movendo armaduras de antigos e leais guerreiros que, agora, alojavam uma espécie de vampiro.

Então as mãos o agarraram pelos ombros. Os pinos rombudos das luvas penetraram seus ombros e braços. Sangue quente fluiu e a face lívida e enrugada se repuxou ainda mais num hediondo e ávido sorriso. As juntas dos cotovelos estalaram quando o espectro de cavaleiro o puxou em sua direção.

9

JACK BERROU DE dor — os curtos pinos das mãos dele estavam entrando, entrando em seu corpo, e ele compreendeu de uma vez por todas que aquilo era real, que daí a poucos momentos a coisa ia matá-lo.

Ele foi puxado para a escuridão vazia e devoradora dentro do capacete...

Mas estava mesmo vazio?

Jack teve uma difusa, vaga impressão de ver um duplo clarão vermelho na escuridão... alguma coisa semelhante a olhos. E à medida que as mãos o puxavam, ele ia sentindo um frio crescente, como se todos os invernos que já existiram tivessem se juntado, transformando-se num único inverno. E aquele rio de ar glacial escoava agora do elmo vazio.

Essa coisa vai realmente me matar e minha mãe vai morrer, Richard vai morrer, Sloat sairá vitorioso, vai me matar, vai me...

(estrašalhar me abrir o corpo com os dentes)

vai me congelar de frio...

JACK!, gritou a voz de Speedy.

(Jason!, gritou a voz de Parkus.)

A palheta, rapaz! Use a palheta! Antes que seja tarde demais!

PELO AMOR DE JASON, USE A PALHETA ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS!

A mão de Jack apertou a palheta. Estava quente como a moeda ficara, e o frio entorpecedor foi substituído por uma súbita sensação de triunfo avassalador. Ele tirou a palheta do bolso, gritando de dor quando os músculos vergaram contra os pinos que os perfuravam, mas sem perder aquele sentimento de triunfo — aquela fascinante sensação de *calor* dos Territórios, aquela nítida sensação de *arco-íris*.

A palheta, pois ela era uma palheta de novo, estava em seus dedos, um pesado e forte triângulo de marfim, trabalhado e incrustado com insólitos desenhos. E, nesse momento, Jack

(e Jason)

viu aqueles desenhos se transformarem num rosto: o rosto de Laura DeLoessian.

(o rosto de Lily Cavanaugh Sawyer.)

— *EM NOME DELA, sua coisa imunda, abortada!* — eles gritaram em conjunto, mas foi um único grito: o grito daquela natureza única, Jack/Jason. — *Desapareça da face deste mundo! Em nome da rainha e em nome de seu filho, desapareça da face deste mundo!*

Jason enfiou a palheta de violão no rosto branco, esquelético, da velha coisa-vampiro dentro da armadura; no mesmo instante ele resvalou sem piscar para Jack e viu a palheta mergulhar no glacial vazio negro. Houve outro momento como Jason quando viu os olhos vermelhos da coisa-vampiro se esbugalharem com um ar de

descrença quando a ponta da palheta se enterrou no meio da testa profundamente enrugada. Um momento depois, já bastante embaçados, os olhos explodiram e um fluido negro, fumegante, escorreu para a mão e para o pulso dele. Estava cheio de pequenos vermes que mordiam.

11

JACK FOI JOGADO para trás e bateu com a cabeça na parede. Apesar disso, e da profunda e latejante dor nos ombros e no alto dos braços, continuou segurando a palheta.

A armadura sacolejou como um espantalho feito de lata. Jack teve tempo de ver a coisa *inchando* e levantou a mão para proteger os olhos.

A armadura se autodestruíu. Não espalhou estilhaços para todos os lados, simplesmente caiu em pedaços. Jack pensou que, se estivesse vendo aquela cena num filme em vez de estar participando dela ao vivo, no sombrio corredor de um hotel fedorento, com o sangue escorrendo pelas axilas, teria achado graça. O polido elmo de aço, tão semelhante a uma cabeça de pássaro, caiu no chão com um baque surdo. A placa da garganta, destinada a impedir que uma espada ou uma lança inimiga atravessassem a goela do cavaleiro, caiu para dentro da couraça da armadura com um pesado retinir de anel de ferro. As proteções dos braços soltaram-se como apoios curvos para livros. Os revestimentos das pernas se despedaçaram. Por dois segundos, os pedaços de metal despencaram no tapete mofado. Depois, sobrou apenas uma pilha de alguma coisa que lembrava restos de ferro velho.

Jack se apoiou na parede, os olhos arregalados, como se esperasse que, a qualquer momento, a armadura se recompusesse. Na verdade, esperava que algo assim acontecesse. Mas quando nada aconteceu, ele se virou para a esquerda, em direção ao saguão... e deparou-se com mais três cavaleiros de armadura, avançando lentamente em sua direção. Um deles conduzia um estandarte esfarrapado, amarelado, com um símbolo que Jack reconheceu: ele já o vira flutuando nas bandeiras carregadas pelos soldados de Morgan de Orris enquanto esperava a diligência preta passar em disparada pela estrada dos Postos de Fronteira na direção do pavilhão da Rainha Laura. O emblema de Morgan. Mas aquelas não eram as criaturas de Morgan, ele entendeu de forma vaga; carregavam o estandarte como uma espécie de piada mórbida com o amedrontado intrometido que queria roubar a única razão de existência deles.— Já basta — Jack sussurrou asperamente. A palheta tremeu entre seus dedos. Alguma coisa tinha acontecido com ela; tinha sido danificada quando ele a usou para destruir a armadura que saíra do Bar das Garças. O marfim, antes da cor de sorvete de creme, ficara nitidamente amarelo. Pequenas rachaduras atravessavam-no de lado a lado.

As ferragens das armaduras rangiam com passo firme em sua direção. Um dos cavaleiros puxou uma longa espada que terminava numa ponta dupla, de aparência cruel.

— Já basta — Jack gemeu. — Oh, Deus, por favor, já chega. Estou cansado, não consigo, por favor, já chega, já chega...

Jack Viajante, velho Jack Viajante...

— *Speedy, eu não consigo!* — ele gritou. Lágrimas atravessaram a sujeira em seu rosto. Os cavaleiros se aproximavam com a inevitabilidade de peças de aço numa linha de montagem. Um vento ártico assobiava pelas fendas frias e negras das couraças.

... você veio à Califórnia buscá-la.

— Por favor, Speedy, já chega!

Os cavaleiros avançavam — metal frio e negro, corpos de autômatos, ranger de ferrugem, telas de proteção manchadas, salpicadas de musgo e mofo.

Você tem de se esforçar ao máximo, Jack Viajante, Speedy sussurrou, exausto. Então a voz dele se extinguiu e Jack ficou sozinho, para viver ou morrer por conta própria.

Capítulo Quarenta e Dois

Jack e o Talismã

1

VOCÊ COMETEU UM erro, disse uma voz fantasmagórica dentro da cabeça de Jack Sawyer. Ele permanecia imóvel diante do Bar das Garças, vendo novos cavaleiros de armadura avançarem devagar. Um olho se arregalou em sua mente e viu um homem furioso, um homem que não passava de um menino crescido, caminhando na direção da câmera por uma pequena rua

empoeirada do velho oeste. O homem afivelou primeiro um cinturão e depois o outro, de forma que se cruzassem sobre sua barriga. *Você cometeu um erro. Você devia ter matado os dois irmãos Ellis!*

2

DE TODOS OS filmes em que a mãe trabalhara, o preferido de Jack sempre foi *O Último Trem para Hangtown*, rodado em 1960 e exibido em 1961. Era uma produção da Warner Brothers e os principais papéis (como em muitos dos filmes de baixo orçamento feitos pela Warner nesse período) foram desempenhados por atores da meia dúzia de séries de TV que a empresa mantinha em produção constante. Jack Kelly, de *Maverick*, participava de *O último trem* como o “jogador bom caráter”, e Andrew Duggan, do seriado *Bourbon Street Beat*, figurava como o “diabólico barão do gado”. Clint Walker, que fazia um personagem chamado Cheyenne Bodie na TV, aparecia como Rafe Ellis (o xerife aposentado que pela última vez teria de voltar a usar os revólveres). Inger Stevens fora chamada para o papel da dançarina do salão com braços aconchegantes e coração de ouro, mas a srta. Stevens teve uma forte bronquite e Lily Cavanaugh foi convocada para substituí-la. Era do tipo de papel que, mesmo em estado de coma, Lily teria sido capaz de executá-lo de forma competente. Certa vez, quando os pais achavam que ele já tinha dormido e conversavam à vontade na sala, Jack ouviu a mãe dizer uma coisa bastante interessante quando passava descalço pelo corredor para ir ao banheiro. Uma coisa interessante e suficientemente chocante para ser lembrada a vida inteira.

— Todas as mulheres que representei sabiam foder, mas nenhuma delas sabia peidar — Lily dissera a Phil. Will Hutchins, que fora astro de *outro* programa da Warner (chamado *Sugarfoot*), também estava no filme. *O último trem para Hangtown* era a fita predileta de Jack justamente por causa do personagem interpretado por Hutchins. Foi este personagem — chamado Andy Ellis — que penetrou em sua mente cansada, enquanto os cavaleiros de armadura marchavam em sua direção pelo corredor escuro.

Andy Ellis fora o irmão-covarde-que-perde-a-cabeça-no-último-rolô. Após fugir e se acovardar durante todo o filme, ele acaba se defrontando com os capangas do mal de Duggan depois que o capanga-chefe (interpretado pelo sinistro, atarracado e estrábico Jack Elam, que interpretava chefes de quadrilha em inúmeros faroestes da Warner, tanto no cinema quanto na TV) matou pelas costas seu irmão Rafe.

Hutchins começava a descer a rua empoeirada, da largura da tela, as mãos colocando os cinturões do irmão com dedos desajeitados.

— Vamos lá! Vamos lá! — gritava. — Estou pronto para você! Você cometeu um erro! Você devia ter matado *os dois* irmãos Ellis!

Will Hutchins nunca fora um astro de primeira grandeza, mas naquela cena, pelo menos aos olhos de Jack, atingira um momento de grande autenticidade e real brilhantismo. Havia uma sensação de que o homem caminhava para a morte e que, apesar de saber disso, *pretendia ir em frente mesmo assim*. E mesmo assustado, ele não revelava a menor relutância ao caminhar pela rua; avançava decidido, sem a menor dúvida sobre o que devia fazer, mesmo se enrolando para lidar com os cinturões das armas.

As armaduras avançavam, encurtando cada vez mais a distância, oscilando de um lado para o outro como robôs de brinquedo. *Deviam ter chaves para dar corda nas costas*, Jack pensou.

Ele se virou para enfrentá-los, a palheta amarelada suspensa entre o polegar e o indicador da mão direita, como se ele fosse tocar uma canção.

Os cavaleiros pareceram hesitar, talvez sentindo sua bravura. O próprio hotel pareceu hesitar de repente, ou abrir os olhos diante de um perigo que se mostrava maior do que parecera à primeira vista. As tábuas do chão rangeram, em algum lugar várias portas se fecharam uma atrás da outra e, nos telhados, os ornamentos de metal pararam de girar por um instante.

Então as armaduras retomaram o passo. Agora marchavam num movimento sincronizado, ritmado pelo clangor das chapas de metal, dobradiças e argolas de encaixe. Os elmos, os revestimentos dos braços e das pernas pareciam cintilar. Um deles carregava uma bola de ferro cheia de pontas afiadas presa a um cabo de madeira; um trazia um *martel de fer*; o do meio segurava a perigosa espada de ponta dupla.

E, de repente, Jack começou a avançar na direção deles. Seus olhos se iluminaram; ele segurava a palheta de violão à sua frente. O rosto se inundava com aquele brilho radiante de Jason. Ele

deslizou

momentaneamente para os

Territórios e se *transformou* em Jason; lá, o dente de tubarão, que no outro mundo era uma palheta de violão, pareceu se inflamar. Quando chegou perto dos três cavaleiros, um deles tirou o capacete, revelando outro daqueles velhos e pálidos rostos — dessa vez um rosto coberto de papadas, e o pescoço tinha dobras que lembravam cera derretendo. A coisa atirou o capacete na direção dele. Jason se esquivou facilmente

e

tornou a deslizar

para seu eu-Jack quando o elmo atingiu a parede atrás dele. De pé na sua frente havia um cavaleiro sem cabeça.

Acha que pode me assustar?, ele pensou com desprezo. *Já conheço esse truque. Ele não me assusta, você não me assusta e eu vou pegá-lo, só isso.*

Dessa vez ele não apenas sentiu o hotel *ouvindo*; dessa vez o hotel pareceu recuar ao seu redor, como o tecido de um órgão digestivo poderia se distanciar de um pedaço contaminado de carne. No andar superior, nos cinco quartos onde os cinco Cavaleiros Guardiães tinham morrido, cinco janelas se escancararam como tiros de revólver. Jack deu um passo à frente para a coleção de armaduras.

De algum lugar acima, com sua límpida, doce e triunfante voz, o talismã entoava:

JASON! ATÉ MIM!

— *Venham!* — Jack gritou para as armaduras e começou a rir. Foi um riso incontrollável. Jamais em sua vida uma risada pareceu tão potente, tão forte, tão boa como agora; era como água brotando de uma fonte ou correndo num rio profundo. — *Venham, estou pronto para vocês! Não sei de que porra de Távola Redonda vocês saíram, mas deviam ter ficado lá! Vocês cometeram um erro!*

Rindo mais do que nunca, mas tão decidido quanto Wotan no rock das Valquírias, Jack pulou para o oscilante vulto sem cabeça à sua frente.

— *Vocês deviam ter matado os dois irmãos Ellis!* — ele gritou, e quando a palheta de violão de Speedy entrou na zona de ar congelado onde a cabeça do cavaleiro devia estar, toda a coleção de armaduras se desfez em pedaços.

EM SEU QUARTO do Alhambra, Lily Cavanaugh Sawyer levantou subitamente os olhos do livro que estava lendo. Pensou ter ouvido alguém — não, não apenas alguém, *Jack!* — gritando do fundo do corredor deserto, talvez mesmo do saguão. Ficou atenta, olhos arregalados, lábios franzidos, coração aos pulos... mas não era nada. Jack-O ainda não voltara, o câncer continuava a mordê-la e ainda faltava uma hora e meia para ela tomar outro daqueles enormes comprimidos marrons que aliviavam um pouco a dor.

Com frequência cada vez maior, começara a pensar em tomar todos os comprimidos de uma vez. Isso faria mais do que simplesmente aliviar um pouco a dor; acabaria para sempre com ela. *Dizem que não há cura para o câncer, mas não acredite nessa baboseira, sr. C. Tente engolir duas dúzias desses comprimidos. O que me diz disso? Quer tentar?*

O que a impedia de tomar todos os comprimidos de uma vez só era Jack. Queria tanto vê-lo de novo que estava agora imaginando sua voz... uma voz que não se limitava à bobagem de chamá-la pelo nome, mas chegava a citar um trecho de um dos seus velhos filmes.

— Você está ficando louca, Lily — ela gemeu e, com os dedos magros, trêmulos, acendeu um Herbert Tarrytoon. Deu duas tragadas e o apagou. Mais uma tragada e a tosse recomeçaria, uma tosse que pareceria rasgá-la por dentro. — Louca, Lily.

Pegou novamente o livro, mas não conseguiu ler, pois as lágrimas lhe caíam pelo rosto e as entranhas doíam, doíam, oh, como doíam, e ela queria tomar o vidro inteiro dos comprimidos marrons, mas primeiro queria rever o filho, seu filho querido, com a testa bonita e os olhos brilhantes.

Volte para casa, Jack-O, ela pensou. Por favor, volte logo pra casa ou, da próxima vez que quiser falar comigo, terá que ir a uma sessão espírita. Por favor, Jack, por favor, volte pra casa.

Fechou os olhos e procurou dormir.

O CAVALEIRO COM os a bola cheia de pontas balançou mais um pouco, exibindo espaços vazios dentro da armadura, e depois também explodiu. O cavaleiro que restava levantou seu martelo de batalha... e, então, simplesmente se desintegrou num monte de ferragens. Jack ficou um instante entre os destroços, ainda rindo. Depois parou quando olhou para a palheta de violão de Speedy.

Estava de um tom amarelo velho e profundo agora; a superfície polida exibia uma teia de rachaduras.

Não importa, Jack Viajante. Vá em frente. Talvez ainda haja mais uma dessas latas velhas andando por aí. Se encontrá-la, vai acabar com ela, não vai?

— Se for preciso, sim — Jack murmurou em voz alta.

Chutou um revestimento de perna, um elmo, uma proteção para o peito. Atravessou a passos largos o corredor, o tapete fazendo barulho sob o tênis. Alcançou o saguão e olhou rapidamente ao redor.

JACK! VENHA ATÉ MIM! JASON! VENHA ATÉ MIM!, o talismã entoava.

Jack começou a subir a escadaria. A meio caminho do topo, olhou para cima e viu o último cavaleiro, imóvel, à espera dele. Era uma figura gigantesca, com mais de 3 metros de altura; a armadura e a pluma eram negras, e um maligno clarão vermelho atravessava a viseira do elmo.

Um punho protegido com malha suspendia uma enorme clava.

Por um instante, Jack congelou no meio da escada. Depois, começou a subi-la de novo.

GUARDARAM O PIOR para o fim, Jack pensou, e enquanto avançava na direção do cavaleiro negro

deslizou

de novo

para seu lado Jason. Aquele último cavaleiro também usava uma armadura negra, mas de um tipo diferente. A viseira estava levantada e exibia um rosto quase totalmente coberto por velhas feridas. Jason as reconheceu. O sujeito se aproximara demais de uma daquelas bolas de fogo que rolavam pelas Terras Secas.

Outros vultos passavam a seu lado na escada, vultos que ele não podia ver muito bem, enquanto seus dedos seguiam um amplo corrimão que não era de mogno das Índias Ocidentais, mas de madeira crua dos Territórios. Vultos de gibão, vultos de túnicas de seda, mulheres de vestidos esvoaçantes com capuzes muito brancos atirados para trás de cabelos esplendidamente penteados. Aquelas pessoas eram bonitas, mas amaldiçoadas — como, talvez, os fantasmas sempre parecem ser aos olhos dos vivos. Afinal, por que outra razão a ideia de fantasmas inspiraria tamanho terror?

JASON! VENHA ATÉ MIM!, o talismã cantava, e por um instante toda aquela fragmentada realidade pareceu desmoronar de vez. Jack não atravessou, mas pareceu *cair* através de mundos como um homem colidindo contra o assoalho apodrecido de uma antiga torre de madeira, um andar após outro. Não sentiu medo. O pensamento de que talvez nunca mais pudesse retornar, de que talvez continuasse eternamente caindo por uma corrente de realidades para sempre, ou de que ficaria perdido, como num grande bosque, lhe ocorreu, mas ele logo o afugentou. Tudo isso estava acontecendo a Jason

(e a Jack)

num piscar de olhos; em menos tempo do que seu pé levaria para ir de um degrau a outro na escadaria. Ele ia voltar; era de uma natureza única e não acreditava que uma pessoa assim pudesse se

perder num limbo, pois tinha um lugar em todos os mundos. *Mas eu não existo simultaneamente em todos eles*, Jason

(Jack)

pensou. Isso é o que importa, essa é a diferença; estou atravessando para cada um deles, talvez depressa demais para vê-los e deixando um rastro de som como um aplauso ou um estrondo supersônico quando o ar se fecha no lugar onde, por um milionésimo de segundo, eu ocupei espaço.

Em muitos desses mundos, o hotel negro era uma ruína negra — estes eram mundos, ele pensou sombriamente, onde o grande mal que agora fazia seu pêndulo oscilar entre a Califórnia e os Territórios já tinha se manifestado. Num deles, o mar que rugia e se emaranhava na costa tinha um mórbido tom esverdeado; o céu lembrava uma gangrena. Em outro, havia uma criatura voando do tamanho de uma velha carruagem, as asas empinadas na direção da terra como asas de falcão. A criatura agarrou um bicho que parecia um carneiro e depois voou para o alto, carregando no bico os quartos ensanguentados do animal.

Flap...flap...flap. Os mundos passavam pelos olhos de Jack como cartas embaralhadas por um jogador num navio.

Lá estava de novo o hotel, e havia meia dúzia de versões diferentes do cavaleiro negro acima dele, mas a intenção de cada um deles era a mesma e as diferenças eram tão secundárias quanto os detalhes em modelos de carros de fabricantes concorrentes. Jack viu uma tenda negra impregnada do cheiro seco de lona podre. A tenda estava rasgada em muitos pontos de modo que o sol brilhava através dela em raios empoeirados, entrecortados. Naquele mundo, Jack/Jason estava em uma espécie de escada de corda, e o cavaleiro negro se achava dentro de um cesto de madeira como um ninho de corvo. Jack continuava a cruzar mundos e mundos, mundos e mundos...

Aqui, todo o oceano estava em chamas; ali, o hotel era muito parecido com o hotel de Point Venuti, só que meio submerso no

oceano. Por um instante, ele pareceu estar num elevador, o cavaleiro de pé lá em cima, espiando pelo buraco do poço. Depois se viu numa rampa, cujo patamar era guardado por uma enorme serpente, o corpo comprido e musculoso revestido de brilhantes escamas negras.

E quando vou chegar ao fim disso tudo? Quando vou parar de cair através de andares e vou cair na escuridão?

JACK! JASON!, o talismã chamava, e chamava em todos os mundos. VENHA ATÉ MIM!

Jack foi para o talismã. E foi como voltar para casa.

6

ELE ESTAVA CERTO, logo pôde ver. Subira um único degrau. Mas a realidade se solidificara outra vez. O cavaleiro negro, o seu cavaleiro negro, o cavaleiro negro de Jack Sawyer, continuava bloqueando o patamar. Ele ergueu a clava.

Jack teve medo, mas continuou subindo, a palheta de Speedy estendida à sua frente.

— Não pretendo me meter com você — disse ele. — É melhor sair do meu cam...

A figura de negro brandiu a clava. Ela caiu com uma força estupenda. Jack se esquivou. A clava bateu no degrau onde ele se encontrava e abriu um buraco na madeira.

O vulto puxou a clava. Jack subiu rapidamente mais dois degraus, a palheta de Speedy sempre estendida entre o polegar e o indicador... E, de repente, ela simplesmente se desintegrou, caindo como um chuveiro amarelado de fragmentos de marfim. Os

fragmentos salpicaram os tênis de Jack. Ele os fitou com ar estúpido.

Barulho do riso de um morto.

A clava, minúsculas lascas de madeira e farrapos do velho e úmido tapete da escada ainda grudados nela, ergueu-se nos dois punhos encouraçados do cavaleiro. O clarão incandescente do espectro cruzou a viseira do capacete. Parecia um talho sangrento no rosto de Jack, numa linha horizontal acima do nariz.

De novo aquele riso abafado — não ouvido com os ouvidos, pois ele sabia que aquela armadura estava vazia como todas as outras, não passava de uma couraça de aço para um espírito errante, mas ouvido dentro de sua cabeça. *Você perdeu, rapaz. Achou mesmo que aquela coisinha em sua mão ia fazê-lo passar por mim?*

A clava assobiou de novo, dessa vez em diagonal. Jack tirou os olhos daquele clarão vermelho bem a tempo de se abaixar. Sentiu a ponta da clava atravessar a camada superior de seu cabelo longo um segundo antes de cortar um pedaço de mais de um metro do corrimão e atirá-lo longe.

Houve um estalo seco de metal quando o cavaleiro se inclinou para ele, o capacete inclinado em uma hedionda e sarcástica paródia de cortesia. Então a clava recuou e de novo se ergueu para outro daqueles formidáveis golpes.

Jack, você não precisou do suco mágico para atravessar, e você também não precisa de palheta mágica para derrubar essa lata velha!

A clava veio explodindo pelo ar — *wwwuuuuuuuuuuuu!* Jack deu um salto para trás, encolhendo a barriga; os músculos em seus ombros gritaram ao se contraírem ao redor das perfurações que os pinos das luvas do outro cavaleiro tinham feito.

A clava passou a menos de três centímetros da pele de seu peito e arrancou toda uma fileira de grossos balaústres de mogno como se fossem palitos. Jack cambaleou no vazio, se sentindo

como Buster Keaton e se sentindo absurdo. Agarrou-se nos pedaços destruídos do corrimão à esquerda e só conseguiu que farpas se cravassem embaixo de duas de suas unhas. A dor foi tão excruciante que por um momento ele achou que seus globos oculares iam explodir. Então conseguiu se segurar com a mão direita e conseguiu se afastar do vazio abaixo.

Toda a magia está em você, Jack! Ainda não entendeu isso?

Jack ficou parado mais um instante, ofegante; depois tomou recomeçou a subir a escada, encarando o rosto vazio de ferro.

— É melhor sair daí, Sir Gawain.

O cavaleiro tornou a inclinar o capacete para o lado, um gesto estranhamente cortês. *Desculpe, meu jovem, mas será que realmente ouvi sua voz?* Então, sacudiu outra vez a clava.

Talvez cego pelo medo, Jack não tinha reparado até aquele momento como era vagaroso o movimento da clava, com que clareza ela executava a trajetória de cada golpe. Talvez as juntas do cavaleiro estivessem enferrujadas. De qualquer modo, era bem fácil mergulhar pelo meio daquele círculo feito pelo movimento da clava agora que via com clareza.

Ficou na ponta dos pés, esticou os braços e pegou o capacete negro com as duas mãos. O metal estava nauseantemente quente, como uma pele dura e febril.

— Saia da face deste mundo — disse ele num tom baixo e calmo, quase íntimo. — Em nome *dela*, eu lhe ordeno.

A luz vermelha no capacete se apagou como vela dentro de uma abóbora no Dia das Bruxas. De repente o peso do elmo — pelo menos 8 quilos — estava todo nas mãos de Jack, pois não havia mais nada que o sustentasse; a couraça de ferragens sob o capacete tinha desmoronado.

— Você devia ter matado os *dois* irmãos Ellis — Jack disse e atirou o elmo vazio no patamar. Ele atingiu o chão com estrondo e rolou como um brinquedo. O hotel pareceu se encolher.

Jack virou-se para o amplo corredor do segundo andar. Ali estava claro: havia luz, limpidez, como no dia em que vira os homens voadores no céu. O corredor terminava em outro conjunto de portas duplas e as portas estavam fechadas, mas vinha luz suficiente por cima e por baixo delas, assim como pelas fendas verticais onde elas se juntavam. Era sinal de que a luz que havia lá dentro devia ser muito brilhante.

Ele queria desesperadamente ver aquela luz, ver a fonte daquela luz; viera de longe, cruzando a mais amarga escuridão, para encontrar-se com ela.

As portas eram pesadas e tinham delicadas incrustações em forma de arabescos. Sobre elas, em letras douradas um pouco lascadas, mas ainda perfeitamente legíveis, estava escrito: SALÃO DE BAILE DOS TERRITÓRIOS.

— Ei, mamãe — disse Jack Sawyer com uma voz suave, fascinada, enquanto caminhava para aquele brilho. A felicidade enchia-lhe o coração: aquela sensação era arco-íris, arco-íris, arco-íris. — Ei, mamãe, acho que cheguei, acho mesmo que cheguei.

Suavemente, com respeito e temor, Jack agarrou uma maçaneta em cada mão e as forçou para baixo. Ele abriu as portas, e enquanto fazia isso, um brilhante feixe de pura luz banhou-lhe o rosto erguido, fascinado.

POR ACASO SUNLIGHT Gardener inspecionava a praia no momento exato em que Jack despachava o último dos cinco Cavaleiros Guardiães. Ouviu um estrondo abafado, como se uma pequena carga de dinamite tivesse explodido em alguma parte do

hotel. No mesmo instante uma luz brilhante faiscou por todas as janelas do segundo andar do Agincourt. Todos os cata-ventos de lata em formatos de luas, estrelas, planetoides e estranhas setas retorcidas pararam ao mesmo tempo.

Gardener estava paramentado como algum tipo de membro imbecil da SWAT de Los Angeles. Vestia um colete à prova de balas sobre a camisa branca e transportava, num dos ombros, um rádio dentro de uma bolsa de lona. A antena grossa e curta oscilava de um lado para o outro quando ele se movia. De seu outro ombro, pendia um Weatherbee 360. Era um rifle de caça quase tão grande quanto uma metralhadora antiaérea, que teria feito o próprio Robert Ruark babar de inveja. Gardener o comprara há seis anos, após as circunstâncias terem-no convencido de que devia se livrar de seu velho rifle de caça. O estojo de pele genuína de zebra do Weatherbee estava na mala de um Cadillac preto, ao lado do corpo do filho.

— Morgan!

Morgan não se virou. Estava de pé atrás de um escarpado conjunto de rochas que se abriam na areia como dentes negros. Seis ou 7 metros além dessas rochas e apenas a um metro da maré alta, jazia Speedy Parker, também conhecido como Parkus. Como Parkus, ele tinha ordenado que Morgan de Orris fosse marcado. Havia lívidas cicatrizes na parte interna das grandes coxas brancas daquele Morgan, marcas pelas quais um traidor é conhecido nos Territórios. Fora só pela intercessão da rainha Laura em pessoa que aquelas cicatrizes não tinham se espalhado pelas faces em vez da parte interna das coxas, onde ficavam quase sempre ocultas pelas roupas. Morgan — ambos os Morgans — não se mostrou mais simpático à rainha por essa intercessão... mas o ódio por Parkus, que conseguira desmascarar aquela primeira trama, crescera muito.

Agora Parkus/Parker jazia de bruços na praia, a cabeça cheia de feridas inflamadas. O sangue lhe jorrava sem parar dos ouvidos.

Morgan queria acreditar que Parker ainda estava vivo, ainda sofria, mas o último movimento perceptível de suas costas fora pouco depois que ele e Gardener chegaram àquelas rochas, cerca de cinco minutos atrás.

Quando Gardener gritou, Morgan não se virou porque estava embevecido com o exame do velho inimigo, agora abatido. Quem disse que a vingança não gratificava estava redondamente enganado.

— *Morgan!* — Gardener tornou a sibilar.

Dessa vez Morgan se virou e franziu a testa:

— O que há?

— Olhe! O telhado do hotel!

Morgan viu que todos os cata-ventos e velhas formas de lata que rodopiavam exatamente à mesma velocidade quer o vento estivesse absolutamente calmo ou uivasse num furacão tinham parado de se mover. Nesse instante, a terra tremeu ligeiramente, mas logo voltou a se aquietar. Foi como se um monstro subterrâneo de enorme tamanho tivesse se sacudido em sua hibernação. Se não fosse pelo arregalar dos olhos injetados de Gardener, Morgan teria sido capaz de acreditar que imaginara tudo aquilo. *Aposto que já se arrependeu amargamente de ter fugido de Indiana, Gard,* Morgan pensou. *Não há terremotos em Indiana, certo?*

Uma luz silenciosa brilhou de novo em todas as janelas do Agincourt.

— O que isto significa, Morgan? — Gardener perguntou asperamente. Sua fúria insana pela perda do filho tinha pela primeira vez se transformado em medo pela sua própria segurança, Morgan viu. Isso era ruim, mas se fosse preciso, Gardener poderia ser incitado a recuperar seu frenesi de cólera. Só que Morgan odiava ter que desperdiçar energia com nada que não se referisse diretamente ao problema de livrar o mundo, *todos os mundos*, de Jack Sawyer, que começara a atormentá-lo como uma peste

passageira, mas que acabara se transformando no mais monstruoso problema de sua vida.

O rádio de Gardener começou a zumbir.

— Líder Quatro do Esquadrão Vermelho para Sunlight! Responda, Sunlight!

— Sunlight na escuta, Líder Quatro do Esquadrão Vermelho — Gardener falou. — O que há?

Em rápida sucessão, Gardener recebeu quatro nervosos, afobados relatórios que eram exatamente idênticos. Não havia qualquer informação de que ele e Morgan não tivessem visto e sentido: faiscar de luzes, cata-ventos parados, alguma coisa que parecera um abalo sísmico ou mesmo um pequeno terremoto. Ainda assim, Gardener recebia com delirante excitação cada detalhe dos informes, fazendo perguntas abruptas, gritando *Câmbio desligo* ao término de cada transmissão, interrompendo frequentemente o interlocutor dizendo: *Mensagem não recebida, repita!*, ou *Câmbio!* Sloat achava que ele estava agindo como um ator em filme-catástrofe.

Mas se fazia bem a ele, por Sloat, tudo bem. Isso o poupava de ter de responder à pergunta de Gardener... E agora que pensou nisso, achava que era possível que o próprio Gardener *não quisesse* ter sua pergunta respondida, e que talvez por isso é que se lançara naquele inútil envolvimento com o rádio.

Os Guardiões estavam mortos ou fora de ação. Era por isso que os cata-ventos tinham parado de rodopiar; era isso que os flashes de luz indicavam. Jack não tinha o talismã... pelo menos ainda não. Se já o tivesse nas mãos, as coisas em Point Venuti iam *realmente* tremer, ranger, rolar. E Sloat agora acreditava que Jack *conseguiria* pegá-lo... Que o garoto sempre estivera *destinado* a pegá-lo. Isto, porém, não o assustava.

Sua mão se ergueu e tocou a chave em volta do pescoço.

Gardener tinha usado todos os seus *câmbio, desligo e entendido*. Tornou a pôr o aparelho no ombro e contemplou Morgan

com olhos arregalados, assustados. Antes que ele pudesse dizer uma palavra, Morgan pôs as mãos em seus ombros. Se fosse capaz de sentir amor por mais alguém além de seu pobre filho morto, sentia amor (de uma forma distorcida) por aquele homem. Já tinham caminhado um longo tempo juntos, tanto como Morgan de Orris e Osmond quanto como Morgan Sloat e Robert “Sunlight” Gardener.

Fora com um rifle muito semelhante ao que agora lhe pendia do ombro que Gardener, em Utah, dera um tiro mortal em Phil Sawyer.

— Escute, Gard — ele disse calmamente. — Nós vamos vencer.

— Tem certeza disso? — Gardener sussurrou. — Acho que ele matou os Guardiões, Morgan. Sei que isso parece loucura, mas é realmente o que eu penso.

Gardener se interrompeu, a boca um tanto trêmula, os lábios brilhando com uma fina membrana de saliva.

— Vamos vencer — Morgan repetiu naquele mesmo tom calmo, e falou com sinceridade. Um sentimento de predestinação se apoderara dele. Tinha esperado muitos anos por aquilo; sua determinação fora verdadeira; permanecia verdadeira agora. Jack sairia do hotel com o talismã nos braços. Era uma coisa de imenso poder... mas era frágil.

Olhou para o rifle Weatherbee, capaz de derrubar um rinoceronte. Depois tocou a chave que atirava raios.

— Estamos bem equipados para enfrentá-lo quando ele sair de lá — disse Morgan, e acrescentou: — Em ambos os mundos. Pelo menos, se você conservar a fibra, Gard. Se ficar ao meu lado.

Os lábios trêmulos se firmaram um pouco.

— Morgan, é claro que eu...

— Lembre-se de quem matou seu filho — Morgan falou em voz baixa.

No mesmo instante em que Jack Sawyer encostara a moeda incandescente na testa de uma monstruosidade dos Territórios,

Reuel Gardener, que sofria de pequenos ataques epilépticos relativamente sem gravidade desde os 6 anos de idade (a mesma idade em que o filho de Osmond começara a dar sinais da chamada Doença das Terras Secas), teve um violento ataque na traseira do Cadillac que um Lobo guiava pela rodovia I-70, de Illinois para a Califórnia.

Roxo e sufocado, Reuel morrera nos braços de Sunlight Gardener.

Os olhos de Gardener começaram a se projetar das órbitas.

— Não esqueça — Morgan repetiu suavemente.

— Garoto mau — Gardener sussurrou. — Como todos os garotos. É axiomático. Principalmente no caso desse garoto.

— Exatamente! — Morgan concordou. — Guarde essa ideia! Podemos detê-lo, mas quero ter certeza absoluta de que ele só possa sair do hotel por terra seca.

Levou Gardener até a rocha onde estivera contemplando Parker. Moscas inchadas e albinas começavam a cobrir o corpo do negro morto. Aquilo parecia uma bela pintura aos olhos de Morgan. Se houvesse um jornal de classificados para moscas, Morgan anunciaria com muito prazer a locação de Parker. Onde cabe uma cabem todas. Elas depositariam ovos nas dobras de sua carne em processo de putrefação. E o homem que mandara marcar as coxas de seu Duplo se transformaria numa asquerosa fonte produtora de larvas. Era uma imagem muito bonita.

Ele apontou para o terraço.

— A balsa está lá embaixo — disse. — Parece um cavalo, só Deus sabe por quê. Está nas sombras, eu sei. Mas você sempre atirou muito bem. Se conseguir vê-la, Gard, perfure-a com uma ou duas balas. Afunde aquela porra.

Gardener tirou o rifle do ombro e pôs o olho na mira. Por um longo tempo o cano da arma deslizou minuciosamente de um lado para o outro.

— Já estou vendo a balsa — Gardener murmurou com alegria na voz e apertou o gatilho. O estampido do tiro ecoou pela água numa trajetória ondulada, que acabou no nada. O cano do rifle se ergueu, depois se abaixou. Gardener atirou mais uma vez. E mais outra.

— Acertei — disse Gardener, abaixando a arma. Recuperara sua coragem; sentia-se de novo pronto para encarar tudo. Sorria como tinha sorrindo ao ver cumprida aquela pequena missão em Utah. — Agora é só uma borracha vazia flutuando na água. Quer dar uma olhada na mira?

Estendeu o rifle para Sloat.

— Não — disse Sloat. — Se você diz que acertou, acertou. Agora ele tem de voltar por terra, e sabemos que direção vai tomar. Acho que nos trará o que há tanto nos atrapalha.

Gardener virou-se para ele com os olhos brilhando.

— É melhor irmos até lá — disse Morgan, apontando para o velho calçadão de madeira. Ficava bem ao lado da cerca onde ele passara tantas horas contemplando o hotel e pensando no que havia no salão de baile.

— Está b...

Foi então que a terra começou a rugir e ondular sob os pés deles. Aquela criatura subterrânea tinha despertado; estava sacudindo o corpo e rosnando.

Nesse mesmo instante uma ofuscante luminosidade branca encheu cada janela do Agincourt: a luz de mil sóis. As janelas explodiram ao mesmo tempo. Vidro voou para todos os lados em rajadas de diamante.

— LEMBRE DO SEU FILHO E VENHA COMIGO! — Sloat trovejou. Aquele sentimento de predestinação estava cada vez mais claro dentro dele, claro e indestrutível. *Estava predestinado a vencer, afinal.*

Os dois começaram a subir a areia ondulante da praia na direção do calçadão.

FASCINADO, JACK AVANÇOU devagar pelo chão de madeira do salão de baile. Olhava para cima e os olhos brilhavam. Seu rosto estava banhado por uma clara radiância que era de todas as cores: cores da aurora, cores do pôr-do-sol, cores do *arco-íris*. O talismã pendia no ar bem acima dele, girando lentamente.

Era um globo de cristal com menos de um metro de circunferência. O halo do círculo de luz tinha um brilho tão intenso que seria impossível dizer exatamente qual era o seu tamanho. Graciosas linhas curvas pareciam entalhar sua superfície, como linhas de latitude e longitude... *E por que não?*, Jack pensou, ainda deslumbrado de espanto e respeitoso temor. *É o mundo — TODOS os mundos — em microcosmo. Mais ainda, é o eixo de todos os mundos possíveis.*

Cantando; rodopiando; *brilhando*.

Ele permaneceu embaixo do globo, deixando-se inundar pelo seu calor e por uma nítida sensação de força benigna. Estava em um sonho, sentindo aquela força fluir para dentro dele como límpida chuva de primavera que desperta o poder oculto em bilhões de minúsculas sementes. Sentiu uma alegria selvagem atravessar como um foguete a mente consciente. Jack Sawyer levantou ambas as mãos acima do rosto, rindo, tanto em resposta àquela alegria quanto numa imitação de seu crescimento

— *Venha até mim, então!* — ele gritou,

e deslizou
(*para? através?*)
até

Jason.

— *Venha até mim, então!* — ele tornou a gritar no suavemente cristalino, levemente escorregadio idioma dos Territórios. Gritava e

ria, e lágrimas escorriam pelo seu rosto. Compreendeu que a busca começara com o outro rapaz, e com o outro rapaz devia ser concluída. Por isso se deixou levar

e deslizou de volta
até

Jack Sawyer.

Sobre sua cabeça, o talismã oscilava no ar, girando lentamente, emitindo luz, calor e um sentimento de verdadeira bondade, de *pureza*.

— *Venha até mim!*

O globo de luz começou a descer pelo ar.

9

ASSIM, APÓS MUITAS semanas de duras aventuras, de escuridão e desespero; após encontros e desencontros com amigos; após dias de trabalho exaustivo, noites ao relento em úmidos montes de feno; após se defrontar com os demônios de lugares escuros (embora menos escuros que a sombra que habitou as fendas de sua própria alma), após tudo isso, foi assim que o talismã chegou a Jack Sawyer:

Ele o viu descer e, embora não tivesse sentido qualquer impulso de fugir, teve uma arrasadora sensação de mundos em perigo, mundos em oscilação. Seria seu eu-Jason um ser verdadeiro? O filho da rainha Laura fora morto; era um fantasma cujo nome era invocado pelas pessoas dos Territórios. Jack, porém, logo concluiu que era sim. A jornada que fizera em busca do

talismã, uma busca originalmente destinada a Jason, revivera, por algum tempo, o filho da rainha Laura. Jack realmente *tinha* tido um Duplo, pelo menos de algum tipo. Se Jason era um fantasma, assim como os cavaleiros tinham sido fantasmas, poderia muito bem desaparecer para sempre quando aquele radiante e rodopiante globo tocasse a ponta de seus dedos estendidos. Jack o estaria matando outra vez.

Não se preocupe, Jack, uma voz sussurrou. Era uma voz calorosa e cristalina.

Lá vinha ele, um globo, um mundo, *todos* os mundos — era esplendor e calor, era bondade, era o retorno da pureza. E, como sempre aconteceu com a pureza e como sempre acontecerá, era terrivelmente frágil.

Enquanto ele descia, mundos giravam sobre a cabeça dele. Ele não se sentia atravessando camadas de realidade agora, mas vendo todo um cosmo de realidades, umas se sobrepondo às outras, unidas como uma camisa de

(realidade)

malha.

Você está esticando as mãos para pegar um universo de mundos, um cosmo de bondade, Jack, dizia-lhe a voz do pai. *Não o deixe cair, filho. Pelo amor de Jason, não o deixe cair.*

Mundos superpostos a mundos e mundos, alguns magníficos, outros infernais, todos brevemente iluminados pela cálida luminosidade branca daquela estrela que era um globo de cristal adornado com um delicado entalhe de linhas. O globo descia lentamente pelo ar para os dedos trêmulos e estendidos de Jack Sawyer.

— *Venha até mim!* — ele gritava, como o talismã havia cantado para ele. — *Agora, venha até mim!*

Estava a um metro de suas mãos, inundando-as de um calor suave, curativo, depois a 60 centímetros, depois a 30. O globo hesitou por um instante, rodopiando lentamente, seu eixo

ligeiramente inclinado. Jack pôde ver o brilhante, oscilante contorno de continentes, oceanos e calotas polares em sua superfície. O globo hesitou... E então vagarosamente resvalou para as mãos estendidas do garoto.

Capítulo Quarenta e Três

Notícias de Toda Parte

1

LILY CAVANAUGH, que depois de ter imaginado a voz de Jack vindo de alguma parte do hotel caíra num sono agitado, sentou-se bruscamente na cama. Pela primeira vez, num período de semanas, um colorido intenso substituiu o amarelado tom de cera de seu rosto. Os olhos brilharam com uma selvagem esperança.

— Jason? — ela ofegou, e depois franziu a testa; esse não era o nome do filho. Mas no sonho do qual, num sobressalto, acabara de despertar, tinha um filho com esse nome, e nesse sonho fora outra pessoa. Era o efeito do remédio, é claro. A droga tinha embaralhado extremamente os seus sonhos.

— Jack? — ela chamou outra vez. — Jack, onde você *está*?

Nenhuma resposta... mas ela o *sentia*, tinha certeza absoluta de que ele estava vivo. Pela primeira vez num longo período (seis meses, talvez), ela se sentiu realmente bem.

— Jack-O — ela disse, e pegou o maço de cigarros. Contemplou-o por um momento e depois atirou o maço longe. Os cigarros caíram na lareira, em cima de toda a merda que ela pretendia queimar no fim do dia. — Acho que parei de fumar pela segunda e última vez na vida, Jack-O. Agente firme, garoto. Sua mãe ama você.

E, aparentemente sem qualquer motivo, ela percebeu que seus lábios se abriam num grande, absurdo sorriso.

2

DONNY KEEGAN, que trabalhava na cozinha da Casa Sunlight quando Lobo escapou da caixa, conseguira sobreviver àquela terrível noite; George Irwinson, o rapaz que trabalhava ao lado dele, não teve tanta sorte. Agora Donny estava num orfanato mais convencional em Muncie, Indiana. Ao contrário de alguns garotos da Casa Sunlight, Donny era um verdadeiro órfão; Gardener precisara de alguns órfãos para satisfazer as exigências do Estado.

Agora, passando um pano de chão num corredor escuro, Donny olhou para o alto de repente, arregalando os olhos

embaçados. Lá fora, nuvens que cuspiam neve nos esgotados campos daquele frio de dezembro se abriram de repente no oeste, deixando escapar um estranho feixe de raios de sol, terrível mas fascinante em sua isolada beleza.

— *Você tem razão, eu realmente o amo!* — Donny gritou num tom de triunfo. Era para Ferd Janklow que Donny estava gritando, embora Donny, que tinha vento demais na cabeça para que o cérebro pudesse funcionar direito, já tivesse esquecido o nome dele. — *Ele é muito bonito e* EU REALMENTE *o amo!*

Donny relinchou seu riso meio idiota, só que, naquele momento, até o *riso* dele foi quase bonito. Alguns companheiros do orfanato espreitaram pelas portas dos quartos e olharam para Donny com curiosidade. Seu rosto estava banhado pela luz do límpido e efêmero feixe de sol, e um dos garotos cochicharia para um amigo íntimo naquela noite que, por um instante, Donny Keegan ficara igualzinho a Jesus.

O momento passou; as nuvens taparam aquele estranho espaço aberto no céu, e à noite a neve aumentou, dando início à primeira grande tempestade de inverno daquele ano. Donny percebeu — por um breve instante ele realmente percebeu — o que aquela sensação de amor e triunfo significava. O momento passou rapidamente, do modo como passam os sonhos ao despertar, mas ele nunca esqueceria o que sentiu, aquele quase vertiginoso sentimento de graça, uma realização completa e sem restrições. Era um sentimento de clareza e doçura, de perfeito amor. Um sentimento de êxtase pela chegada mais uma vez da pureza.

O JUIZ FAIRCHILD, que mandara Jack e Lobo para a Casa Sunlight, não era mais juiz. Assim que seu apelo final fosse negado, ele seria posto no xadrez. Parecia não haver qualquer dúvida que a cadeia era o lugar onde ele iria terminar, e que ele passaria dias bem desagradáveis lá. Talvez nunca mais saísse de lá. Era um homem velho e tinha a saúde abalada. Se não tivessem encontrado os malditos *corpos*...

Tentara enfrentar aquela situação com o máximo de sangue frio, mas agora, em seu escritório, em casa, limpando as unhas com a comprida lâmina do canivete que trazia no bolso, uma grande e negra onda de depressão se abateu sobre ele. De repente afastou o canivete das unhas, contemplou-o pensativamente e depois enfiou a ponta da lâmina na narina direita. Conservou-a algum tempo ali e murmurou:

— Oh, merda. Por que não?

Impulsionou o punho para cima, fazendo os 15 centímetros de lâmina executarem uma trajetória curta e letal, perfurando primeiro toda a cavidade do nariz, depois o cérebro.

4

SMOKEY UPDIKE ESTAVA sentado num compartimento da Oatley Tap, remexendo em faturas e pressionando as teclas de sua calculadora Texas Instruments, assim como fazia no dia em que conheceu Jack. Escurecera há pouco, e Lori estava servindo os primeiros fregueses da noite. A *jukebox* tocava “I’d Rather Have a Bottle in Front of Me (Than a Frontal Lobotomy)”.

Em um momento, tudo estava normal. Um segundo depois, Smokey se sentou ereto, e o pequeno gorro de papel escorregou

para trás. Ele apertou a camiseta branca do lado esquerdo do peito, onde uma violenta pontada de dor acabara de atingi-lo como se lhe tivessem enfiado a ponta de um punhal. *Deus martela Seus pregos*, Lobo teria dito.

Nesse mesmo instante a grelha explodiu com enorme estrondo. Atingiu um letreiro da Busch e o arrancou do teto. Ele se espatifou no chão. Quase de imediato, um forte cheiro de gás inundou a área atrás do balcão. Lori gritou.

A rotação da *jukebox* começou a acelerar: 45 rotações por minuto, 78, 150, 400! O lamento tragicômico da cantora se transformou numa balbúrdia de esquilos irracionais em um trenó em disparada. Em seguida, a tampa da *jukebox* também explodiu. Estilhaços coloridos de vidro voaram por toda parte.

Smokey baixou os olhos para a calculadora e viu uma única palavra piscando sem cessar na janelinha vermelha:

TALISMÃ — TALISMÃ — TALISMÃ — TALISMÃ

Então seus olhos explodiram.

— *Lori, desligue o gás!* — um dos fregueses gritou. Ele pulou do banco e virou-se para Smokey. — Smokey, diga a ela... — O homem gritou de medo quando viu sangue jorrando dos buracos onde, antes, ficavam os olhos de Smokey Updike.

Daí a pouco, toda a Oatley Tap voava pelos ares e, antes que os bombeiros chegassem vindo de Dogtown e Elmira, a maior parte do centro da cidade estava em chamas.

Não foi uma grande perda, crianças, digam amém.

NO COLÉGIO THAYER, onde agora a normalidade reinava como sempre tinha reinado (excluindo aquele breve interlúdio de que o pessoal do campus só se recordava como uma série de sonhos vagos, apesar de parecidos), as últimas aulas do dia mal tinham começado. O que era neve em Indiana não passava de garoa em Illinois. Os alunos se sentavam sonhadores e pensativos nas salas de aula.

De repente os sinos da capela começaram a repicar. Cabeças se empinaram. Olhos se arregalaram. Por todo o Colégio Thayer, os sonhos já quase esquecidos de repente pareceram se renovar.

6

Etheridge assistia a uma aula de matemática avançada e alisava ritmadamente a ereção intensa enquanto olhava distraído para os logaritmos com os quais o velho sr. Hunkins enchia o quadro-negro. Pensava na engraçadinha garçonete de um bar da cidade com quem ia se encontrar no fim do dia. Ela usava cinta-liga em vez de meia-calça, e estava sempre mais do que disposta a ficar de meias 7/8 quando eles trepavam. De repente Etheridge olhou ao redor para as janelas, esquecido do tesão, esquecido da garçonete de pernas compridas e meias macias — subitamente, sem qualquer razão aparente, Sloat entrara em sua cabeça. O afetado Richard Sloat, que deveria ser classificado como bicha, mas que por algum motivo não tinha sido. Pensou em Sloat e se perguntou se tudo andaria bem com ele. Por algum motivo ele pensou que Sloat, que tinha sumido do colégio sem permissão há quatro dias e que, desde então, não fora mais visto, estivesse enfrentando sérios problemas.

Na sala da diretoria, o sr. Dufrey estava discutindo a expulsão de um garoto chamado George Hatfield por motivo de cola com seu furioso (e rico) pai quando os sinos começaram a tocar fora de hora. Quando pararam, o sr. Dufrey se viu de quatro no chão, com o cabelo grisalho caído sobre os olhos, a língua pendendo dos lábios. O velho Hatfield estava de pé ao lado da porta (na realidade, encolhido contra ela), olhos arregalados, boca aberta, a cólera transformada num misto de espanto e de medo. O sr. Dufrey estivera andando de quatro pelo tapete, latindo como um cão.

Albert, o Bolha, iniciava um lanche quando os sinos começaram a tocar. Olhou para a janela por um momento e franziu a testa do modo como uma pessoa faz quando tenta se lembrar de alguma coisa que está na ponta da língua. Abanou os ombros e tornou a se concentrar em abrir um saco de nachos (a mãe acabara de lhe mandar uma caixa enorme). De repente, arregalou os olhos. Achou (apenas por um momento, mas um momento foi o suficiente) que o saco estava cheia de vermes esbranquiçados, rechonchudos, viscosos.

Perdeu de imediato os sentidos.

Depois de acordar e conseguir reunir coragem suficiente para espiar dentro do saco, viu que tudo não passara de alucinação. É claro! O que mais poderia ser? Mesmo assim, foi uma alucinação que, no futuro, passaria a exercer um estranho poder sobre ele. Sempre que abria um saco de biscoitos, uma barra de chocolate, um Slim Jim ou um pacote de Big Jerk, via aqueles insetos na mente. Na primavera, Albert já pesava menos 17 quilos. Logo começou a participar da equipe de tênis do colégio e perdeu a virgindade. Albert estava delirante de alegria. Pela primeira vez na vida, percebia que era capaz de sobreviver ao amor de sua mãe.

TODOS OLHARAM EM volta quando os sinos começaram a tocar. Alguns riram, outros franziram a testa, alguns explodiram em lágrimas. Uma dupla de cães uivou em algum lugar, e isso era bastante estranho, pois não era permitida a entrada de cães nos terrenos do colégio.

A canção que os sinos tocaram não estava na lista de canções no computador; o irritado zelador da capela depois se deu conta disso. Um aluno brincalhão sugeriu no jornal estudantil daquela semana que algum mau elemento programara a canção pensando nas férias de Natal.

A canção fora "Happy Days Are Here Again".

EMBORA JÁ SE considerasse velha demais para engravidar, a mãe do Lobo de Jack Sawyer ficara sem menstruar desde a época da transformação doze meses antes. Três meses atrás, ela dera à luz trigêmeos: duas fêmeas e um macho. O trabalho de parto fora difícil, e o pressentimento de que um de seus filhos mais velhos estava prestes a morrer apoderou-se dela. Aquele filho, ela sabia, tinha ido para o Outro Lugar proteger o rebanho, e morreria nesse Outro Lugar. Ela nunca mais ia vê-lo e isto era terrível, mais difícil de suportar do que as dores do parto.

Agora, porém, enquanto dormia com os bebês sob a lua cheia, todos bem distantes do rebanho por alguns dias, ela se virou de lado com um sorriso no rosto, puxou o mais novo contra o peito e começou a lambê-lo. Ainda dormindo, o bebê lobino pôs os braços

em volta da peluda nuca da mãe e apertou o rosto contra o seio macio. Os dois sorriram. No estranho sonho da mãe, um pensamento humano irrompeu: *Deus martela muito bem Seus pregos*. E o luar daquele mundo fascinante, onde todos os cheiros eram bons, brilhou sobre os dois, tranquilamente adormecidos nos braços um do outro ao lado das irmãs.

9

NA CIDADE DE Goslin, Ohio (não longe de Amanda, e cerca de 50 quilômetros ao sul de Columbus), um homem chamado Buddy Parkins estava limpando fezes de galinha no galinheiro. Começava a escurecer. Com um lenço amarrado no nariz e na boca, tentava se proteger da nuvem branca de fezes que se elevava com o movimento da pá. O ar cheirava a amônia. O mau cheiro já lhe dera dor de cabeça. Sentia também uma dor nas costas, pois era alto e o galinheiro, não.

Levando tudo em conta, Parkins achava que, no geral, o trabalho no sítio era uma boa merda.

Tinha três filhos, mas todos pareciam estar ocupados quando o galinheiro precisava ser limpo. Felizmente o trabalho já estava no fim e...

O garoto! Meu Deus! Aquele garoto!

Ele se lembrou de repente do garoto que dissera se chamar Lewis Farren. Lembrou-se com absoluta nitidez e uma espécie de amor. O garoto que contara que estava indo para a casa da tia, Helen Vaughan, na cidade de Buckeye Lake; o garoto que se virara para Buddy quando Buddy lhe perguntou se estava fugindo de casa e, ao se virar, tinha revelado um rosto cheio de autêntica bondade e

inesperada, surpreendente beleza — uma beleza que fizera Buddy pensar nos arco-íris que surgem no fim das tempestades, nos crepúsculos dos dias em que o trabalho era doce, agradável e era benfeito.

Um tanto ofegante, ele aprumou o corpo e bateu com a cabeça numa trave do galinheiro com força suficiente para encher os olhos d'água. Mesmo assim, porém, continuou sorrindo.

Oh, meu Deus, aquele garoto está LÁ, ele está LÁ, Buddy Parkins pensou e, embora não soubesse onde era “lá”, foi bruscamente dominado por uma agradável mas violenta sensação de arriscada aventura. Nunca, desde que lera *A Ilha do Tesouro* aos 12 anos e, aos 14, pegara pela primeira vez o seio de uma garota, sentira-se tão empolgado, tão entusiasmado, tão alegre. Começou a rir. Deixou cair a pá, e enquanto as galinhas o fitavam com um estúpido ar de assombro, Buddy Parkins começou a dançar no galinheiro, rindo atrás do lenço e estalando os dedos.

— Ele está lá! — Parkins gritou para as galinhas, rindo. — Grande garoto, ele está lá, ele conseguiu chegar, ele conseguiu chegar e *pegar o que queria!*

Mais tarde, ele quase chegou a pensar (quase, mas não inteiramente) que ficara doidão com o cheiro de merda de galinha. Isso *não era* tudo, porra, *não era*. Tinha tido uma espécie de revelação, mas não conseguia mais lembrar exatamente qual tinha sido... Achava que tinha lido acontecido uma coisa parecida com o que aconteceu ao poeta britânico de que seu professor de inglês na escola secundária gostava de falar: o sujeito tomara uma boa dose de ópio e começara a escrever um poema sobre um bordel chinês... mas quando passou o efeito da droga, foi incapaz de terminá-lo.

Foi mais ou menos isso, ele pensou, mas de certa forma sabia que estava enganado. Embora não conseguisse lembrar exatamente o que provocara aquela alegria, Parkins, como Donny Keegan, nunca mais ia esquecer o modo como a alegria chegara, deliciosamente espontânea. Nunca mais ia esquecer a sensação

doce, violenta, de ter tido algum ponto de contato com alguma grande aventura, de ter vislumbrado, por um momento, uma bonita e branca luz que era, na verdade, de todas as cores do arco-íris.

10

HÁ UMA VELHA canção de Bobby Darin que diz: *“E o chão cuspiu algumas raízes/usando botas e camisas de brim/ Levem-nas embora... Levem-nas embora.*

Era uma canção com a qual as crianças nos arredores de Cayuga, Indiana, poderiam se identificar com entusiasmo se não tivesse sido esquecida bem antes de seu tempo. A Casa Sunlight estava vazia há pouco mais de uma semana e já conquistara, entre os garotos do lugar, a reputação de mal-assombrada. Considerando-se os restos de corpos que tinham sido encontrados perto do paredão de rocha nos fundos do campo, isso não era de surpreender. A tabuleta de À VENDA posta pelo corretor local parecia ter sido enfiada na grama há um ano, não apenas há nove dias. Mesmo em tão curto espaço de tempo, o corretor já baixara o preço uma vez e estava pensando em reduzi-lo de novo.

Mas isso não seria necessário. Quando a primeira nevasca começou a cair dos céus carregados de Cayuga (e quando Jack Sawyer tocou o talismã a três mil quilômetros dali), os tanques de gás atrás da cozinha explodiram. Um funcionário da Eastern Indiana Gas and Electric viera na semana anterior e retirara todo o gás daqueles tanques. O homem juraria de pés juntos que se poderia entrar nos tanques e acender um cigarro lá dentro sem correr qualquer perigo, mas mesmo assim, eles explodiram. Explodiram no momento exato em que as janelas da Oatley Tap explodiam em

direção à rua (levando com elas alguns fregueses que usavam botas e camisas de brim — as macas dos bombeiros de Elmira levou-os embora).

Quase numa fração de segundo, a Casa Sunlight ardeu até os alicerces.

Vamos dizer aleluia?

11

EM TODOS OS mundos, alguma coisa se deslocou e se acomodou numa posição ligeiramente diferente, como um grande animal. Mas em Point Venuti o animal estava na terra; fora despertado e estava rugindo. Segundo o Instituto de Sismologia de Cal Tech, só voltaria a dormir 79 segundos depois.

O terremoto tinha começado.

Capítulo Quarenta e Quatro

O Terremoto

1

JACK LEVOU ALGUM tempo para perceber que o Agincourt estava desmoronando ao seu redor, e não era de admirar. Ele se deixara arrebatado pelo fascínio do talismã. Em certo sentido, não se encontrava absolutamente no Agincourt, nem em Point Venuti nem no Condado de Mendocino, nem na Califórnia, nem nos Territórios Americanos, nem naqueles outros Territórios; mas *estava* neles,

neles e num número infinito de outros mundos, e tudo ao mesmo tempo. Jack também não estava em um único lugar em todos aqueles mundos; estava em toda parte, pois ele *era* aqueles mundos. Ao que parecia, o talismã era muito mais do que seu pai imaginara. Não apenas o eixo de todos os mundos possíveis, mas os próprios mundos: os mundos e os espaços entre eles.

O transcendentalismo que havia ali seria suficiente para enlouquecer um eremita tibetano. Jack Sawyer estava em toda parte; Jack Sawyer era tudo. Num mundo a 50 mil mundos de distância da Terra, uma haste de grama morreu numa planície seca, no centro de um continente que corresponderia à África; Jack morreu com essa haste de grama. Em outro mundo, dragões copulavam no centro de uma nuvem acima do planeta, e o hálito febril de seu êxtase misturava-se ao ar frio e fazia chover e provocava enchentes no solo lá embaixo. Jack era o dragão-macho; Jack era o dragão-fêmea; Jack era o esperma; Jack era o óvulo. Mais distante, no éter de um milhão de universos de distância, três partículas de poeira flutuavam próximas umas das outras no espaço interestelar. Jack era a poeira e era o espaço. Galáxias se desdobravam em volta de sua cabeça como compridos rolos de papel. O acaso as repuxava nos mais diversos padrões, transformando-as em macrocósmicas partituras de piano onde tudo cabia, do *ragtime* aos dobres de finados. Deliciados, os dentes de Jack mordiam uma laranja; a casca infeliz de Jack gritava quando os dentes a dilaceraram. Ele era um trilhão de grãos de poeira sob um bilhão de camas. Era um filhote de canguru sonhando com a vida quando ficava na bolsa da mãe, sendo transportado por uma planície arroxeadada, cheia de coelhos e cervos. Era um pedaço de presunto numa mercearia do Peru e ovos sob uma das galinhas do galinheiro que Buddy Parkins estava limpando em Ohio. Era a bosta de galinha em pó no nariz de Parkins; era o calafrio que logo faria Parkins espirrar; era o espirro e os germes que havia no espirro; era os átomos que havia nos germes; era os taxions nos átomos

viajando para trás no tempo, aproximando-se da grande explosão no início da criação.

Seu coração pulou dentro do peito e mil sóis explodiram em supernovas.

Viu uma quantidade infinita de pardais numa quantidade infinita de mundos e sentiu a fraqueza e a força de cada um deles.

Morreu no fogo infernal das covas de minérios dos Territórios.

Viveu como um vírus de gripe na gravata de Etheridge.

Correu no vento até os lugares mais distantes.

Ele era...

Oh, ele era...

Ele era Deus. Deus ou alguma coisa tão próxima de Deus que praticamente não fazia diferença.

Não! Jack gritou, apavorado. *Não, eu não quero ser Deus! Por favor! Por favor, eu não quero ser Deus,* EU SÓ QUERO SALVAR A VIDA DE MINHA MÃE!

E de repente a infinitude foi se fechando como cartas de baralho na mão de um jogador que viu que perdeu o jogo. Aos olhos de Jack, ela se comprimiu num ofuscante raio de luz cintilando no salão de baile dos Territórios, onde apenas alguns segundos tinham se passado. Ele ainda segurava o talismã nas mãos.

2

LÁ FORA O CHÃO tinha começado a sacolejar. A maré, que vinha se elevando, refez sua trajetória e começou a recuar, expondo uma areia bronzeada como as pernas de uma corista. Debatendo-se pela areia subitamente descoberta ficaram estranhos peixes, alguns quase limitados a um coágulo gelatinoso com olhos.

Os penhascos atrás de Point Venuti deveriam ser rochas sedimentares, mas qualquer geólogo teria percebido à primeira vista que aquelas rochas eram para a classificação sedimentar como o novo-rico para os Quatrocentos Metropolitanos de Nova York. O terreno montanhoso da cidade não passava de lama com uma ereção, e agora ele se rachava e partia em mil direções diferentes. Por um momento as colinas permaneceram de pé, as fendas se abrindo e fechando como bocas ofegantes; de repente, começaram a desmoronar, deslizando sobre a cidade. Chuvas de terra caíram em todas as direções. Por entre a terra rolavam pedras do tamanho das fábricas de pneus de Toledo.

A Brigada Lobina de Morgan fora quase toda dizimada pelo ataque-relâmpago de Jack e Richard no Campo Prontidão. Agora o contingente se reduzira ainda mais, pois muitos Lobos fugiam ganindo e gritando em supersticioso terror. Alguns conseguiam voltar para seu próprio mundo. Alguns deles conseguiram escapar, mas a maioria foi tragada pelo cataclismo geológico que estava acontecendo ali. Uma cadeia de catástrofes semelhantes se estendia por todos os mundos, como se obedecessem às medidas cuidadosas de um agrimensor e aos circuitos de um motor central. Um grupo de três Lobos vestindo jaquetas de motoqueiros com os dizeres *Fresno Demons* entrou num carro — um velho e pontiagudo Lincoln Mark IV — e conseguiu avançar uma quadra e meia com Harry James berrando no rádio. De repente, um enorme pedaço de rocha caiu do céu e transformou o carro em ferro velho.

Muitos Lobos simplesmente corriam gritando pelas ruas, iniciando suas transformações. A mulher nua com as correntes nos seios caminhava serenamente pelo meio deles. Com a mesma serenidade, ia arrancando grandes mechas do próprio cabelo. Passou uma dessas mechas para um dos Lobos. As raízes sanguinolentas ondulavam como plantas marinhas enquanto ela bailava no mesmo lugar sobre o solo instável.

— Aqui! — ela gritou, sorrindo serenamente. — Um buquê! Para você!

O Lobo, nada sereno, arrancou-lhe a cabeça com um único movimento das mandíbulas e continuou a correr, a correr, a correr.

3

JACK EXAMINAVA O QUE tinha capturado, tão sem fôlego quanto uma criança que vê uma criatura selvagem se aproximar para comer na palma de sua mão.

O globo brilhava entre seus dedos, aumentando e diminuindo de tamanho, crescendo e encolhendo.

No ritmo das batidas do meu coração, ele pensou.

O globo parecia de vidro, mas emitia uma leve sensação submissa em suas mãos. Apertou-o suavemente; o globo cedeu um pouco. A coloração convergiu para o centro em fascinantes ondulações de luz. Junto à sua mão esquerda, o globo adquiria um tom azul-escuro; junto à direita, uma coloração vermelha, bastante carregada. Ele sorriu... mas logo o sorriso se apagou.

Talvez você esteja matando um bilhão de pessoas fazendo isso. Pode estar provocando incêndios, inundações, só Deus sabe. Lembre-se daquela construção que desabou na cidade de Angola depois que...

Não, Jack, o talismã sussurrou, e então ele compreendeu por que o cristal cedera à suave pressão de seus dedos. O talismã era uma coisa viva; é claro que era. Não, Jack. Tudo vai ficar bem... tudo vai ficar bem... E todas as coisas vão ficar bem. Apenas acredite; seja verdadeiro; resista; não vacile agora. Paz dentro de si. Oh, uma imensa paz.

Arco-íris, arco-íris, arco-íris, Jack pensou; e se perguntou se conseguiria abrir mão dessa quinquilharia maravilhosa.

4

ATERORIZADO NA PRAIA, Gardener tinha caído de barriga no chão. Enfiou os dedos na areia solta. Seu gemido foi um miado de gato.

Morgan se aproximou dele com um passo de bêbado e tirou-lhe o rádio do ombro.

— *Fiquem em áreas abertas!* — ele rugiu para o aparelho, e então percebeu que se esquecera de apertar o botão de transmissão. Apertou-o em seguida. — FIQUEM EM ÁREAS ABERTAS! SE TENTAREM ESCAPAR DA CIDADE, AS PORRAS DOS ROCHEDOS VÃO CAIR EM CIMA DE SUAS CABEÇAS! VENHAM PARA CÁ! VENHAM PARA PERTO DE MIM! ISTO NÃO PASSA DE UM MALDITO PUNHADO DE EFEITOS ESPECIAIS! VENHAM PARA CÁ! FORMEM UM ANEL EM TORNO DA PRAIA! AQUELES QUE OBEDECEREM SERÃO RECOMPENSADOS! OS QUE DESOBEDECEREM MORRERÃO NAS COVAS E NAS TERRAS SECAS! VENHAM PARA CÁ! AQUI É ABERTO! VENHAM PARA CÁ ONDE NADA PODE CAIR EM CIMA DE VOCÊS! VENHAM PRA CÁ, PORRA!

Ele atirou o rádio para o lado. O aparelho rachou. Escaravelhos com longas antenas começaram a enxamear às dúzias.

Morgan se abaixou e puxou o aterrado, uivante Gardener.

— De pé, bonito — ordenou.

MESMO EM SUA inconsciência, Richard gritou quando a mesa em que estava deitado o derrubou no chão. Jack ouviu o grito, e isso o tirou da fascinada contemplação do talismã.

Tomou súbita consciência de que o Agincourt rangia como um navio no meio de uma tempestade. Quando olhou em volta, viu tábuas estalando, expondo empoeiradas vigas de madeira. As vigas oscilavam de um lado para o outro, como fios numa tecelagem. Insetos albinos fugiam em bando da luz cristalina do talismã.

— *Já estou indo, Richard!* — ele gritou e começou a cruzar o salão de baile. Um tremor o fez cair segurando a esfera brilhante no alto, sabendo que ela era frágil... quebraria se levasse algum golpe mais forte. E só Deus sabia o que poderia acontecer. Jack apoiou-se num joelho, mas foi de novo atirado para trás, batendo com o traseiro no chão. Bem depressa, conseguiu ficar de pé.

De lá de baixo, Richard gritou outra vez.

— *Richard! Estou indo!*

Do teto veio um som parecido com o leve toque de sinos. Ele olhou para cima e viu um grande lustre executando um movimento de pêndulo, cada vez mais rápido, para um lado, para o outro. Eram os pingentes de cristal que produziam aquele som. Pouco depois de Jack ter erguido a cabeça, a corrente se rompeu e o lustre atingiu as tábuas do chão como uma bomba carregada de cristais de diamante em vez de explosivo. Estilhaços de vidro voaram para todos os lados.

Ele se virou e saiu da sala em passadas largas e ruidosas. Parecia um comico burlesco representando um marinheiro bêbado.

Começou a seguir o corredor, sendo jogado contra as paredes à medida que o chão rachava e oscilava num movimento de gangorra. Cada vez que batia numa parede, estendia os braços para proteger o talismã, braços que lembravam uma pinça em cuja ponta cintilava um pedaço incandescente de carvão branco.

Você nunca conseguirá descer as escadas.

Vou conseguir. Vou conseguir.

Chegou ao patamar onde se defrontara com o cavaleiro negro. O mundo oscilava de um jeito novo. Cambaleando, Jack viu o elmo rolando freneticamente pela escadaria.

Jack continuou a olhar para baixo. Os degraus formavam enormes e tortuosas ondas que davam vontade de vomitar. Um dos degraus estalou, se abriu, exibindo um esfiapado buraco negro.

— *Jack!*

— *Estou indo, Richard!*

Você não vai conseguir descer essas escadas de jeito nenhum. De jeito nenhum, querido.

Vou conseguir. Vou conseguir.

Segurando nas mãos o globo frágil e precioso, Jack começou a descer o lance de degraus que parecia um tapete voador no meio de um tornado.

Os degraus oscilaram numa onda mais forte e ele foi arremessado para o mesmo buraco onde o elmo do cavaleiro negro acabara de cair. Jack gritou e oscilou para trás em direção ao buraco, segurando o talismã contra o peito com a mão direita e sacudindo a esquerda atrás de si em busca de apoio. Apoio que não existia. Seus calcanhares atingiram a beira da fenda e se inclinaram para trás, para o limbo.

TINHAM SE PASSADO cinquenta segundos desde o início do terremoto. Só cinquenta segundos. Mas, como dizem os sobreviventes dos terremotos, o tempo dos relógios perde todo o

significado durante o cataclismo. Três dias após o terremoto de 1953 em Los Angeles, um repórter de tevê perguntou a um sobrevivente que estivera perto do epicentro quanto tempo a terra tremeu.

— Ela ainda está tremendo — respondeu calmamente o homem.

Sessenta e dois segundos após o início do terremoto, quase toda a região montanhosa de Point Venuti se transformara numa estranha planície movediça. Ela caía sobre a cidade numa série de estalos lamacentos. Só sobrou uma crista de rocha ligeiramente mais resistente, que apontava para o Agincourt como um dedo acusador. Atrás de uma colina afundada, uma chaminé encardida indicava o céu como um pênis em ereção.

7

NA PRAIA, MORGAN Sloat e Sunlight Gardener continuavam abraçados, cambaleando, um suportando o peso do outro. Pareciam dançar o hula-hula. Gardener tinha tirado do ombro o rifle Weatherbee. Alguns Lobos, os olhos alternadamente saltando das órbitas num paroxismo de medo e lampejando com raiva quase incontrolável, tinham se juntado a eles. Outros Lobos se aproximavam. Todos estavam metamorfoseados ou em processo de metamorfose. As roupas caíam em farrapos por seus corpos. Morgan viu um deles mergulhar de cabeça no chão e começar a morder a areia, como se o próprio solo fosse um inimigo que tivesse de ser exterminado. Morgan contemplou com desprezo toda aquela loucura.

Uma van com as palavras CRIANÇA REBELDE escritas do lado em letras psicodélicas cruzou a Praça Point Venuti, onde antigamente as crianças passeavam com os pais, pedindo sorvetes e flâmulas com a gravura do Hotel Agincourt. A van oscilou pelo asfalto, pulou por cima de uma calçada e depois, abrindo caminho entre os destroços da cidade, roncou para a praia. Uma última fenda abriu-se na terra e o CRIANÇA REBELDE, que tinha atropelado Tommy Woobdine, desapareceu para sempre, mergulhando de nariz na enorme cavidade. Uma coluna de chamas se elevou no ar quando o tanque de gasolina explodiu. Vendo aquilo, Sloat lembrou-se vagamente das pregações do pai sobre o Fogo Pentecostal. Então a fenda se fechou.

— Aguarde firme! — ele gritou para Gardener. — Acho que o hotel vai cair em cima dele e esmagá-lo, mas se ele conseguir sair, atire sem hesitar, com terremoto ou sem terremoto.

— Saberemos se A COISA quebrar? — Gardener perguntou num tom estridente.

Morgan Sloat sorriu como um javali no meio de um bambuzal.

— Vamos saber — disse. — O sol se tornará negro.

Setenta e quatro segundos.

8

A MÃO ESQUERDA de Jack agarrou-se com força aos restos do corrimão. O talismã brilhava intensamente contra seu peito, as linhas de longitude e latitude reluzindo como filamentos de uma lâmpada elétrica. Seus calcanhares se inclinaram e as solas dos sapatos começaram a escorregar.

Estou caindo! Speedy! Estou...

Setenta e nove segundos.

Parou.

De repente, o terremoto parou.

Só que Jack, como aquele sobrevivente do terremoto de 1953, ainda sentia tudo tremer, pelo menos numa parte de seu cérebro. Naquele pedaço de cérebro, a terra continuaria a se sacudir para sempre, como uma gelatina de piquenique.

Ele conseguiu se afastar da beira do buraco e cambaleou para o meio da escada retorcida. Por um instante, ficou imóvel, a respiração ofegante, o rosto inundado de suor, a brilhante estrela redonda do talismã apertada contra o peito. Ficou imóvel e atento ao silêncio.

Em algum lugar, alguma coisa pesada (talvez uma escrivaninha ou um guarda-roupa) que estivera oscilando a ponto de perder o equilíbrio, caía agora com um forte eco.

— *Jack! Por favor! Acho que estou morrendo!* — Richard gemia, a voz indefesa soando como a súplica de uma criança à beira da morte.

— *Richard! Estou indo!*

Jack começou a abrir caminho pela escada, agora toda revirada, vergada, instável. Inúmeros degraus tinham desaparecido, e ele teve de pular sobre os espaços abertos. Num determinado ponto, faltavam quatro degraus, e ele deu um salto, apertando com uma das mãos o talismã contra o peito e deslizando com a outra pelas rachaduras do corrimão.

As coisas ainda caíam. Vidro se estilhaçava e tilintava. Em algum lugar, a descarga de uma privada não parava.

O balcão de madeira crua do saguão tinha sido partido ao meio. As portas duplas, no entanto, estavam entreabertas, e um brilhante feixe de sol passava entre elas. O velho e úmido tapete parecia ferver e fumegar em protesto contra aquela luz.

As nuvens se abriram, Jack pensou. O sol está brilhando lá fora. E depois: Vamos cruzar todas as portas, Richie. Eu e você. De

cabeça erguida e peito estufado.

O corredor que passava pelo Bar das Garças e desembocava na sala de jantar lembrou-lhe alguns cenários daqueles velhos episódios da série *Além da imaginação*, onde tudo parecia torto, fora de esquadro. Aqui o chão se inclinava para a esquerda, ali para a direita, mais adiante parecia duas corcovas de um camelo. Ele atravessava as sombras do corredor com o talismã iluminando os seus passos como a maior lanterna do mundo.

Abriu caminho para a sala de jantar e viu Richard no chão, enrolado num emaranhado de toalhas de mesa. O sangue escorria-lhe pelo nariz. Chegando mais perto, viu que alguns daqueles grandes calombos vermelhos tinham se aberto e vermes brancos saíam das feridas e rastejavam vagorosamente nas bochechas de Richard. Enquanto Jack contemplava a cena, um inseto brotou do nariz de Richard.

Richard gritou, um grito fraco, borbulhante, angustiado, e agarrou o inseto. Foi o grito de alguém na agonia da morte.

A camisa de Richard se retorcia com as coisas que o atormentavam.

Jack cambaleou até ele pelo chão empenado... e a aranha desceu da escuridão, destilando seu veneno no meio do aposento.

— *Ladrão de merda* — ela balbuciou no silvo sussurrante de um inseto. — *Oh seu ladrão de merda, devolva-o, devolva-o, devolva-o!*

Sem pensar, Jack ergueu o talismã. Ele faiscou um límpido fogo esbranquiçado, fogo de arco-íris, e a aranha murchou e seu corpo ficou negro. Um segundo depois, não passava de um minúsculo ponto de carvão oscilando como um pêndulo, lentamente, até sua última parada no ar.

Jack não teve tempo nem de abrir a boca diante daquele espanto. Richard estava morrendo.

Jack o alcançou, caiu de joelhos a seu lado e tirou a toalha de mesa de cima dele como se a toalha fosse um lençol.

— Finalmente consegui, cara — ele sussurrou, procurando não olhar para os vermes que saíam da carne de Richard. Ele ergueu o talismã, pensou um pouco e depois colocou-o na testa de Richard. Richard gritou com sofrimento e tentou se esquivar. Jack pôs um braço no peito esquelético de Richard e o imobilizou, o que não foi difícil de fazer. Um mau cheiro inundou o aposento quando os vermes foram carbonizados sob o talismã.

E agora? Tem mais, mas o quê?

Jack olhou ao redor da sala e, por acaso, seus olhos se fixaram na bola de gude esverdeada que ficara com Richard — a bola de gude que era um espelho mágico no outro mundo. Enquanto ele olhava, a bola rolou 2 metros por vontade própria e depois parou. Rolou, sim. Rolou porque era uma bola de gude e as bolas de gude costumam rolar. Bolas de gude são redondas. Redondas como o talismã.

Uma luz surgiu em sua mente rodopiante.

Segurando Richard, Jack rolou lentamente o talismã por toda a extensão do corpo do amigo. Após ter atingido o peito, Richard parou de se debater. Jack achou que provavelmente ele desmaiara, mas um rápido olhar mostrou que não era bem assim. Richard o estava fitando com um início de assombro...

... e as bolotas em seu rosto desapareceram! Os grandes calombos vermelhos estavam sumindo!

— Richard! — ele gritou, rindo como um idiota. — Ei, Richard, dê uma olhada nisso! Bwana fez mágica!

Com a palma da mão, rolou vagarosamente o talismã pela barriga de Richard. O talismã brilhava intensamente, entoando uma clara, silenciosa melodia de saúde, de cura. Passou-o pela virilha de Richard. Jack juntou as perninhas finas do amigo e, pelo sulco que se formou entre elas, fez o globo rolar até os tornozelos. O talismã emitia tons fortes, profundos. Azul... vermelho... amarelo... o verde dos gramados de junho.

Depois ficou branco outra vez.

— Jack — Richard murmurou. — Foi isso que viemos buscar?

— Foi.

— É bonito — disse Richard. Ele hesitou um pouco. — Posso pegá-lo?

Jack teve um súbito ímpeto de egoísmo e mesquinhez. Por um instante, apertou com força o talismã. *Não! Você pode quebrá-lo! Além disso, ele é meu! Atravessei o país inteiro para buscá-lo! Lutei contra cavaleiros! Você não tem o direito de pegá-lo! Ele é meu! Meu! M...*

Em suas mãos o talismã irradiou subitamente um terrível calafrio, e por um momento, um momento mais assustador para Jack do que todos os terremotos que já aconteceram ou poderão acontecer em todos os mundos que existem, adquiriu uma escuridão gótica. Toda a luz foi extinta. Em seu exuberante, vivo, revoluto interior, ele viu o hotel negro. Nas ameias, nas torres e torreões, nos telhados de cúpulas que desabrochavam como verrugas recheadas de coisas malignas, os símbolos cabalísticos rodopiavam: lobo, corvo, uma distorcida estrela de aparência genital.

Será que você quer ser o novo Agincourt?, o talismã sussurrou. *Mesmo um garoto pode ser um hotel... se ele quiser.*

A voz de sua mãe soou clara em sua mente: *Se não quer compartilhá-lo, Jack-O, se não consegue se fazer se arriscar por seu amigo, então é melhor ficar onde está. Se não consegue se fazer compartilhar o prêmio —, correr o risco de compartilhar o prêmio —, nem se preocupe em voltar para casa. Crianças ouvem a vida inteira essa merda, mas quando chega a hora de decidir, nunca é a mesma coisa, né? Se não é capaz de compartilhá-lo, deixe-me morrer, cara, porque não quero viver a esse preço.*

De repente o peso do talismã pareceu imenso, o peso de corpos sem vida. Mas de alguma forma Jack o ergueu e o pousou nas mãos de Richard. As mãos dele estavam esbranquiçadas, esqueléticas... mas Richard segurou-o com facilidade, e Jack

percebeu que a sensação de peso fora apenas sua imaginação, fruto de um distorcido e doentio ímpeto de egoísmo. Quando o talismã voltou a emitir a esplêndida luz branca, Jack sentiu toda a sua própria escuridão interior se dissipar. Ocorreu-lhe vagamente que só podemos expressar a propriedade de uma coisa em termos da liberdade com que somos capazes de abrir mão dela... E depois esse pensamento passou.

Richard sorriu, e o sorriso embelezou-lhe o rosto. Jack já vira Richard sorrir muitas vezes, mas havia uma paz naquele sorriso que lhe era desconhecida; uma paz que ultrapassava sua compreensão. Na luz branca, curativa, do talismã ele viu que o rosto de Richard, embora ainda arruinado, pálido e abatido, estava ficando curado. Richard apertava o talismã contra o peito como se o talismã fosse um bebê, e sorria para Jack com olhos brilhantes.

— Se *isto* for o Expresso de Seabrook Island — disse ele —, estou disposto a comprar uma passagem. Se conseguirmos sair dessa.

— Está se sentindo melhor?

O sorriso de Richard brilhou como a luz do talismã.

— Um milhão de *mundos* melhor — disse ele. — Agora ajude-me a levantar, Jack.

Jack se aproximou para puxá-lo pelo ombro. Richard estendeu-lhe o talismã.

— É melhor pegar isto primeiro — disse. — Ainda estou fraco, e ele está querendo voltar para as suas mãos. Sinto isso.

Jack pegou o talismã e ajudou o amigo a se levantar. Richard pôs o braço em volta do seu pescoço.

— Você está pronto... *cara*?

— Sim — disse Richard. — Pronto. Mas por algum motivo acho que a rota pelo mar já era. Acho que ouvi o terraço desabar durante o terremoto.

— Vamos sair pela porta da frente — disse Jack. — Mesmo se Deus tivesse colocado uma ponte sobre o oceano das janelas dos

fundos até a praia, eu sairia pela porta da frente. Não estamos fugindo deste lugar, Richie. Estamos saindo como hóspedes que pagaram a conta. E acho que paguei muito. O que você acha?

Richard estendeu a mãozinha magra, a palma virada para cima. Marcas vermelhas ainda brilhavam nela.

— Acho que devemos ir com tudo — disse ele. — Toca aqui, Jacky.

Jack bateu sua palma na de Richard e então os dois começaram a percorrer o corredor, Richard com um braço no ombro do amigo.

No meio do corredor, Richard contemplou o amontoado de ferragens das armaduras.

— Que diabo?

— Latas de café — Jack respondeu sorrindo. — Maxwell House.

— Jack, que diabos você...

— Não importa, Richard.

Jack estava sorrindo, e ainda se sentia bem, mas fios de tensão começavam a cruzar de novo seu corpo. O terremoto terminara... mas ainda não completamente. Morgan estaria à espera deles. E Gardener também.

Não importa. Que as coisas sejam como têm que ser.

Atingiram o saguão e Richard olhou com ar curioso em volta. Viu a escadaria, o balcão de recepção quebrado, os troféus e quadros caídos das paredes. A cabeça empalhada de um urso negro tinha o nariz num dos escaninhos de correspondência, como se ali dentro houvesse alguma coisa de cheiro gostoso... talvez mel.

— Uau! — Richard exclamou. — O lugar veio quase todo abaixo.

Jack atravessou com Richard até as portas duplas e observou a satisfação do amigo ao se deparar com uma rajada de sol.

— Está realmente pronto para isso, Richard?

— Estou.

— Seu pai está lá fora.

— Não, não está. Ele está morto. O que está lá fora é seu... como é que se diz? Seu Duplo.

— Oh.

Richard reafirmou o que dissera com um movimento de cabeça. Apesar da proximidade do talismã, estava começando a parecer novamente exausto.

— Sim.

— Talvez tenhamos de travar uma pequena batalha.

— Bem, vou fazer o que puder.

— Amo você, Richard.

Richard abriu um sorriso fraco.

— Amo você também, Jack. Agora vamos em frente, antes que eu perca a coragem.

9

SLOAT REALMENTE ACREDITAVA que tinha tudo sob controle: não só a situação, mas a si próprio. Continuou acreditando nisso até que viu o filho, obviamente fraco, obviamente doente, mas ainda bem vivo, sair do hotel negro com o braço em volta do pescoço de Jack Sawyer e a cabeça inclinada em seu ombro.

Sloat também acreditara que tinha os sentimentos sobre o filho de Phil Sawyer sob estrito controle: foram seus prévios acessos de cólera que o fizeram perder Jack, primeiro no pavilhão da rainha, depois no Meio-Oeste. Deus, aquele garoto tinha cruzado Ohio sem um arranhão — e Ohio ficava apenas a um piscar de olhos de Orris, o quartel-general daquele outro Morgan. Mas sua fúria o levava a um comportamento descontrolado, e por isso o rapaz conseguira

escapar. Ele conseguiria suprimir sua raiva, mas agora ela se inflamou com liberdade malévola e desenfreada. Era como se alguém tivesse esguichado querosene numa chama amortecida.

O filho dele, ainda vivo. E seu amado filho, a quem pretendia legar o reinado sobre mundos e universos, vinha apoiado no ombro de Sawyer.

E não era só isso. Nas mãos de Sawyer, brilhando e faiscando como uma estrela que tivesse caído na Terra, estava o talismã. Mesmo do lugar onde se encontrava, Sloot podia senti-lo: era como se o campo gravitacional do planeta tivesse se tornado mais forte, puxando-o para baixo, acelerando as batidas de seu coração; era como se o tempo estivesse disparando, secando-lhe a carne, enfraquecendo-lhe os olhos.

— *Isso dói!* — Gardener gritou ao lado dele.

A maioria dos Lobos que tinham resistido ao terremoto e ido até Morgan estava agora se afastando, as mãos cobrindo os rostos. Alguns vomitavam sem cessar.

Morgan teve um momento de medo vertiginoso... e então a raiva, a empolgação e a loucura que alimentava seus sonhos cada vez mais grandiosos de domínio do universo, tudo isso fez explodir sua fina teia de autocontrole.

Ele levantou os polegares e enfiou-os profundamente nas orelhas, tão profundamente que sentiu dor. Em seguida pôs a língua para fora e sacudiu os dedos para o sr. Jack Filho da Puta Imundo e Futuro Morto Sawyer. Daí a pouco, os dentes superiores desceram como uma tranca de portão e cortaram a ponta oscilante da língua. Sloot nem reparou. Agarrou Gardener pelo colete.

O rosto de Gardener estava pálido de medo.

— Eles saíram, ele pegou A COISA, Morgan... meu senhor... Devíamos sair correndo, *temos* de sair correndo...

— ATIRE NELE! — Morgan gritou no rosto de Gardener. O sangue da língua cortada fluía num jato fino. — ATIRE NELE, SEU ETÍOPE

FILHO DA PUTA, ELE MATOU SEU GAROTO! ATIRE NELE E NA PORRA DAQUELE TALISMÃ! ATIRE NO MEIO DOS BRAÇOS DELE E QUEBRE-O!

Sloat começou a pular diante de Gardener, o rosto se contorcendo nas mais terríveis caretas, os polegares nos ouvidos de novo, os dedos balançando ao lado da cabeça, a língua amputada entrando e saindo de sua boca como uma daquelas línguas-de-sogra de festas de Ano Novo. Parecia uma criança assassina: hilariante e ao mesmo tempo terrível.

— ELE MATOU SEU FILHO! VINGUE O SEU FILHO! ATIRE NELE! ATIRE! VOCÊ ATIROU NO PAI DELE, AGORA ATIRE NELE!

— Reuel — disse Gardener pensativamente. — Sim. Ele matou Reuel. Ele é o pior filho da puta que já respirou sobre a Terra. *Todos os garotos. Axiomático. Mas ele... ele...*

Gardener virou-se para o hotel e apoiou no ombro o rifle Weatherbee. Jack e Richard chegavam ao último degrau da retorcida escadaria da frente e começavam a descer a ampla calçada, que fora plana alguns minutos atrás e tinha agora um pavimento cheio de ondulações. Na mira do rifle, os dois rapazes eram do tamanho de trailers de acampamento.

— ATIRE NELE! — Morgan berrou. Mostrou de novo a língua ensanguentada e fez um som horrendamente triunfante de menino de berçário: — *Yadda-yadda-yadda-yah!*

Os pés, protegidos por encardidos sapatos Gucci, saltavam no chão. Um deles aterrissou na ponta decepada da língua e enterrou-a profundamente na areia.

— ATIRE NELE! ATIRE NELE! — Morgan urrava.

O cano do Weatherbee fez um círculo no ar com a mesma precisão de quando Gardener se preparava para alvejar o cavalo de borracha. De repente, a arma ficou imóvel.

Jack apertava o talismã contra o peito. A cruz da mira estava sobre a faiscante luz circular. A bala atravessaria em cheio o talismã, despedaçando-o, e o sol ficaria negro...

Mas antes disso, Gardener pensou, verei o peito do pior de todos os garotos voar pelos ares.

— Ele já é carne morta — Gardener murmurou e começou a fazer uma leve pressão sobre o gatilho do rifle.

10

RICHARD LEVANTOU A CABEÇA com grande esforço e seus olhos foram atingidos por um reflexo de luz do sol.

Dois homens. Um com a cabeça ligeiramente inclinada, outro que parecia dançar. De novo aquele reflexo de sol, e Richard compreendeu. Ele compreendeu... e Jack estava olhando para o lugar errado. Jack estava olhando para as rochas onde Speedy jazia.

— *Jack, cuidado!* — Richard gritou.

Jack olhou em volta, surpreso.

— O que...

Aconteceu depressa. Jack praticamente não se deu conta. Richard viu e compreendeu, mas jamais conseguiria explicar muito bem o que houve. O sol faiscou outra vez na mira do rifle. Dessa vez o raio de luz refletida atingiu o talismã. E o amuleto fez o raio ricochetear diretamente para o atirador. Isto foi o que, mais tarde, Richard contou a Jack, mas isso era como dizer uma coisa óbvia, como dizer que o Empire State Building tem alguns andares de altura.

O talismã não apenas refletiu o raio de sol; de certa forma, ele o *reforçou*. Devolveu uma densa tira de luz, como um raio da morte em um filme de guerras espaciais. Só durou um segundo, mas ficou impresso por quase uma hora nas retinas de Richard: primeiro

branco, depois verde, depois azul e, finalmente, quase ao se apagar, amarelo-claro, um amarelado fraco de luz do sol.

11

— ELE JÁ É carne morta — Gardener murmurou, e então a mira se inundou de fogo. As grossas lentes de vidro se estilhaçaram. Vidro fumegante e derretido foi lançado no olho direito de Gardener. As balas no rifle explodiram, rasgando a coroa ao meio. Um dos estilhaços de metal amputou quase toda a face direita de Gardener. Outros ganchos e pontas de aço rodopiaram ao redor de Sloat, mas, por incrível que possa parecer, deixaram-no intacto. Só restavam três Lobos na praia. Dois deles fugiram a toda a velocidade. O terceiro caiu morto, deitado de costas, os olhos arregalados para o céu. O gatilho do Weatherbee estava solidamente plantado entre os olhos dele.

— O quê? — Morgan berrou. Sua boca sanguinolenta se abriu.
— O quê? O quê?

Gardener parecia estranhamente com o Coiote nos desenhos do Papa-Léguas quando um dos dispositivos da empresa Acme dava o tiro pela culatra.

Ele jogou para o lado o resto da arma e Sloat viu que todos os dedos da mão esquerda de Gard tinham sido arrancados.

Com a mão direita, Gardener puxou a camisa num movimento de afeminada delicadeza. Havia uma bainha de punhal presa na parte interna da cintura da calça, uma estreita proteção de couro finamente adornada. Dali, Gardener tirou uma peça de marfim com detalhes em cromo. Ele apertou um botão, e uma lâmina fina de 15 centímetros saltou.

— Maus — ele sussurrou. — Maus! — Sua voz começou a se elevar. — Todos os garotos! *Maus! É axiomático! É* AXIOMÁTICO!

Ele começou a subir a praia na direção da calçada defronte ao Agincourt, onde estavam Richard e Jack. Sua voz continuou a crescer até se transformar num guincho estridente, febril:

— MAUS! DIABÓLICOS! MAUS! DIABÓÓÓLICOS! MAAUS!
DIABÓÓÓÓÓÓÓÓ...

Morgan ficou um momento parado, depois pegou a chave que trazia em volta do pescoço. Ao agarrá-la, pareceu também se apoderar de seus próprios pensamentos confusos e repletos de pânico.

Ele vai procurar o velho negro. E é lá que vou pegá-lo.

— DIABÓÓÓÓÓÓÓÓ... — Gardener guinchava, correndo e espichando na frente do corpo o punhal homicida.

Morgan se virou e desceu a praia. Estava vagamente consciente de que os Lobos, todos eles, tinham fugido. Mas não fazia mal.

Ele cuidaria de Jack Sawyer — e do talismã — sozinho.

Capítulo Quarenta e Cinco

No Qual Muitas Coisas São Resolvidas na Praia

1

FORA DE SI, Sunlight Gardener corria desesperado na direção de Jack. O sangue escorria do seu rosto mutilado. Ele era agora o centro de uma devastada loucura. Sob brilhante camada de luz do sol talvez pela primeira vez em décadas, Point Venuti era uma ruína de prédios destruídos, encanamentos furados, fragmentos de

— Atravesse! — Richard disse em voz alta...

e Jack

resvalou

como fizera no interior do hotel negro.

E então se viu de pé na frente de Osmond sob a brilhante luz do sol dos Territórios. A maior parte de suas certezas subitamente o abandonou. Tudo era igual, mas tudo era diferente. Mesmo sem olhar, Jack sabia que atrás dele havia alguma coisa muito pior que o Agincourt. Nunca vira o exterior do castelo em que o hotel se transformava nos Territórios, mas de repente *soube* que uma língua serpenteava por entre as grandes portas da frente... e que Osmond pretendia empurrá-lo, juntamente com Richard, na direção dela.

Osmond usava um tapa-olho sobre o olho direito e uma luva manchada na mão esquerda. As complicadas correias do chicote voaram do seu ombro.

— Oh, sim! — ele exclamou entre um sussurro e um assobio.

— *Este* garoto. O garoto do capitão Farren.

Numa atitude de proteção, Jack puxou o talismã contra a barriga. O emaranhado do chicote resvalou pelo chão, tão sensível aos mínimos movimentos da mão e do punho de Osmond quanto rédeas de cavalo nas mãos de um jóquei.

— De que serve um garoto conquistar uma bugiganga de vidro se ele perde o mundo? — O chicote pareceu se levantar sozinho do chão. — NADA! ABSOLUTAMENTE NADA!

O verdadeiro cheiro de Osmond, aquele de podridão e sujeira e oculta putrefação inundou o ar. O rosto magro e enlouquecido se encrespou como se um relâmpago tivesse explodido sob ele. Osmond sorriu ostensivamente, um sorriso vazio, e ergueu o ondulante chicote acima no ombro.

— Pênis de bode — disse Osmond, quase com amor. As correias do chicote se aproximaram cantando de Jack. Jack recuou um passo, não muito grande. Fora tomado de intenso pânico.

A mão de Richard agarrou-se a seu ombro quando ele atravessou de novo, e o terrível barulho do chicote, quase um barulho de riso, instantaneamente se dissipou no ar.

Faca! Jack ouviu Speedy dizer.

Lutando contra seus instintos, Jack avançou para o espaço onde o chicote estivera, não para trás como seus nervos queriam que fizesse. A mão de Richard caiu de seu ombro e a voz de Speedy continuou gritando e se perdeu no ar. Com a mão esquerda, Jack apertou contra a barriga o talismã cintilante e esticou a direita. Seus dedos se fecharam magicamente num pulso muito magro.

Sunlight Gardener deu uma risada.

— Jack! — Richard gritou atrás dele.

Ele estava de novo em Point Venuti, sob uma camada de luz cada vez mais clara e purificadora. A faca na mão de Sunlight Gardener se movia em sua direção. O rosto arruinado de Gardener estava a centímetros do seu. Um cheiro de lixo e cadáveres de animais atropelados na estrada os envolveu.

— Não serve de absolutamente nada — disse Gardener. — Não vai dizer aleluia?

Ele empurrou a bela faca letal, mas Jack conseguiu contê-la.

— JACK! — Richard gritou outra vez.

Sunlight Gardener fitou-o com um ar de pássaro arisco. E continuou a investir com a faca.

Você não sabe o que Sunlight fez?, disse a voz de Speedy. *Você ainda não sabe?*

Jack encarou diretamente o olho dançante e enlouquecido de Gardener. Sim.

Richard deu um passo à frente e chutou a canela de Gardener. Depois esmurrou-o na têmpora com um soco fraco.

— Você matou meu pai — Jack disse.

O olho que sobrara a Gardener voltou a cintilar.

— Você matou meu garoto, seu pior dos bastardos.

— Morgan Sloat mandou que você matasse meu pai e você obedeceu.

Gardener avançou cinco centímetros com a faca. Um nódulo de cartilagem amarela e uma bolha de sangue escorreram do buraco de seu olho direito.

Jack gritou; com horror, com raiva, com a memória de todos os sentimentos de desamparo e abandono que se seguiram à morte do pai. Descobriu que tinha empurrado a mão de Gardener que segurava a faca de volta para longe de si. Tornou a gritar. A mão esquerda sem dedos de Gardener golpeava o braço esquerdo de Jack. Jack estava quase conseguindo torcer o pulso de Gardener quando sentiu aquela gotejante pasta de carne se insinuar entre seu peito e seu braço. Richard continuava a desferir pequenos golpes contra Gardener, mas Gardener ia aproximando a mão sem dedos do talismã.

O rosto de Gardener inclinou-se sobre o de Jack.

— *Aléluia* — ele murmurou.

Jack contorceu o corpo inteiro, usando mais força do que julgava possuir. E conseguiu abaixar a mão de Gardener que segurava a faca. A mão sem dedos voou para sua lateral. Jack *espremeu* o pulso da mão que tinha a faca. Tendões salientes latejaram naquele aperto. Então a faca caiu, tão inofensiva quanto a pasta sem dedos que batia repetidamente nas costelas de Jack. Ele investiu com o corpo todo contra o peito de Gardener e o mandou para longe.

Depois estendeu o talismã na direção de Gardener. Richard trovejou:

— *O que você está fazendo?*

Jack sabia que estava certo, certo, certo. Deu um passo na direção de Gardener, cujos olhos ainda brilhavam de fúria, embora com menos ênfase, e empurrou o talismã em sua direção. Gardener arreganhou os dentes, e outra bolha de sangue inundou a órbita vazia, e se sacudiu freneticamente diante do talismã. Depois se

abaixou para pegar a faca. Jack correu e encostou a superfície quente e cheia de linhas na pele de Gardener. Tal Reuel, tal Sunlight. Gardener deu um salto para trás.

Gardener ganiu como um animal ferido, perdido. Onde o talismã encostara, a pele primeiro escureceu, depois se transformou num fluido lentamente deslizante, emergindo do crânio. Jack recuou um passo. Gardener caiu de joelhos. Toda a pele de sua cabeça ficou como cera. Daí a meio segundo, só um crânio reluzente brotava do colarinho da camisa rasgada.

Agora você está resolvido, Jack pensou. E já vai tarde!

2

— TUDO BEM — DISSE Jack. Ele se sentia cheio de louca confiança. — Vamos pegá-lo, Richie. Vamos...

Olhou para Richard e viu que o amigo estava outra vez à beira de perder os sentidos. Oscilava na areia, os olhos semicerrados, a fisionomia dopada.

— Pensando melhor, talvez fosse melhor você ficar aqui sentado — disse Jack.

Richard balançou a cabeça.

— Eu vou, Jack. Seabrook Island. Até o fim da linha...

— Vou ter de matá-lo — disse Jack. — Isto é, se eu puder.

Richard balançou a cabeça com teimosa e obstinada persistência.

— Não é meu pai. Eu lhe disse. Meu pai morreu. Se me abandonar aqui, irei rastejando. Rastejando pela nojeira que *aquele* sujeito deixou atrás dele, se eu precisar.

Jack olhou para as rochas. Não podia ver Morgan, mas era praticamente certo que ele estava lá. E se Speedy ainda estivesse vivo, talvez naquele exato momento Morgan estivesse tomando providências para remediar a situação.

Jack tentou sorrir, mas não conseguiu.

— Pense nos germes que você pode pegar.

Ele hesitou um momento, depois passou o talismã relutantemente para Richard.

— Vou carregar você, mas você terá de carregar isto. Não o deixe cair, Richard. Se você o largar...

O que era mesmo que Speedy tinha dito?

— Se você o deixar cair, tudo estará perdido.

— Não vou deixá-lo cair.

Jack pôs o talismã nas mãos de Richard, e de novo a fisionomia de Richard pareceu melhorar com o toque... Mas não muito. Seu rosto estava terrivelmente pálido. Lavado pela luz do talismã, parecia um rosto de criança morta captado pelo flash de um fotógrafo da polícia.

É o hotel. Ele está sendo envenenado pelo hotel.

Mas não era o hotel; não inteiramente. Era Morgan. *Morgan* o estava envenenando.

Jack se virou, descobrindo que odiava afastar os olhos um só segundo do talismã. Vergou as costas e fez um estribo com as mãos.

Richard subiu. Segurava o talismã com uma das mãos e enroscou a outra em volta do pescoço de Jack. Ele agarrou as coxas de Richard.

Ele não pesa mais que um cacto. Ele tem seu próprio câncer. Sempre teve. Morgan Sloat é diabolicamente radioativo e Richard está morrendo por causa da contaminação.

Consciente da luz e do calor do talismã sobre si, Jack começou a correr em direção às rochas atrás das quais se achava Speedy.

CARREGANDO RICHARD, ELE correu ao redor do lado esquerdo do bloco de rochas, ainda cheio daquela louca autoconfiança... E que era louca a autoconfiança foi algo que foi jogado na cara dele com uma subtaneidade rude. Uma perna gorducha, vestindo uma calça de lã marrom-clara (logo abaixo da batinha Jack teve um rápido vislumbre de uma meia também marrom), saiu de trás do último penedo como uma barreira de pedágio.

Merda!, a mente de Jack gritou. *Ele estava à sua espera! Seu idiota!*

Richard gritou. Jack tentou parar mas não conseguiu.

Morgan o derrubou com tanta facilidade quanto um garoto levado no recreio da escola. Após Smokey Updike, Osmond, Gardener, Elroy e uma estranha mistura de jacaré com tanque de guerra, só o que foi preciso para derrubá-lo foi o obeso e hipertenso Morgan Sloat agachado detrás de uma pedra, observando e esperando que um garoto superconfiante chamado Jack Sawyer viesse correndo para perto dele.

— *Eiii!* — Richard gritou quando Jack caiu para a frente. Jack viu de relance à esquerda sua sombra combinada com a sombra do amigo, que parecia ter tantos braços quanto um ídolo hindu. Sentiu o peso psíquico do talismã se deslocando... e depois quase caindo.

— CUIDADO COM ELE, RICHARD! — Jack gritou.

Richard caiu por cima da cabeça de Jack, os olhos arregalados, assustados. Os tendões de seu pescoço retiniram como cordas de piano. Suspendeu o talismã ao cair. A boca se repuxou nos cantos e deixou escapar um rosnado de desespero. Ele bateu no chão de cabeça, como a ogiva de um foguete defeituoso. A areia ali, para onde Speedy fora, não era propriamente areia, mas uma dura camada de conchas e pequenas pedras. Richard caiu sobre um pedregulho que fora deslocado pelo terremoto. O tombo provocou um baque compacto, sonoro. Por um instante Richard

pareceu uma avestruz com a cabeça enterrada na areia. As nádegas, cobertas por encardidas calças de algodão, oscilavam de um lado para o outro. Em outras circunstâncias, circunstâncias não acompanhadas daquele tremendo baque sonoro, por exemplo, teria sido uma pose cômica, digna de um instantâneo Kodak: “O Racional Richard Perde a Cabeça na Praia.” Mas, daquele jeito, não tinha graça nenhuma. As mãos de Richard se abriram lentamente... e o talismã rolou um metro pelo suave declive da praia e parou, refletindo céu e nuvens, não na superfície, mas na cálida luminosidade interior.

— *Richard!* — Jack berrou outra vez.

Morgan estava em algum lugar atrás dele, mas Jack momentaneamente o esquecera. Toda a sua autoconfiança sumiu; deixara-o no instante em que aquela perna, vestida numa calça de lã marrom, surgira na sua frente como barreira de pedágio. Enganado como um menino no pátio da escola maternal, e Richard... Richard estava...

— *Rich...*

Richard rolou para o lado e Jack viu que o pobre e cansado rosto dele estava coberto de sangue. Um pedaço de pele da cabeça estava pendurado até quase o olho com formato triangular que lembrava uma vela esfiapada de barco. Jack podia ver os cabelos presos ali que tocavam a bochecha de Richard como grama da cor de areia... E onde antes havia aquele pedaço de pele, ele podia ver o brilho nu do crânio de Richard Sloat.

A voz de Richard estalou como um grito:

— Quebrou? *Jack, ele quebrou quando eu caí?*

— Está tudo bem, Richie... O talismã...

Os olhos vermelhos de Richard saltaram das órbitas para alguma coisa atrás dele.

— *Jack! Jack, cuida...!*

Alguma coisa que pareceu um tijolo de couro (um dos sapatos Gucci de Morgan Sloat) mergulhou entre as pernas e sobre os

testículos de Jack. Foi uma pancada precisa, e Jack despencou para a frente, experimentando a maior dor de sua vida, uma dor física como jamais imaginara sentir. Não foi sequer capaz de gritar.

—*Ele* está bem — disse Morgan Sloat —, mas acho que *você* não, Jacky. Nem
um

pouco. E agora o homem que avançava lentamente para Jack (lentamente porque saboreava a situação) era um sujeito a quem ele nunca fora devidamente apresentado. Por uma fração de segundos, sua face esbranquiçada despontara na janela de uma grande carruagem negra, uma face com olhos escuros que, de certa forma, pressentiam sua presença. Aquela mesma fisionomia surgira, alterada, na planície em que ele e Lobo conversavam de maravilhas como irmãos de cria sob a grande lua cheia. Era a lembrança daquela fisionomia que deixara uma sombra nos olhos de Anders.

Mas, até agora, eu nunca tinha realmente visto Morgan de Orris, Jack pensou.

E ele ainda *era* Jack. Vestindo calças de algodão, rústicas e encardidas (de um tipo que talvez só se encontrasse num trabalhador braçal asiático) e sandálias com tiras de couro cru, mas não Jason — Jack. Seus testículos eram um grande grito congelado de dor.

A 10 metros de distância estava o talismã, atirando seu fulgurante clarão por uma praia de areia escura. Richard não estava lá, mas só um pouco mais tarde este fato despertaria a atenção da mente consciente de Jack.

Morgan usava uma capa azul-escura, presa no pescoço por um prendedor de prata. A calça era da mesma lã leve que a calça de Sloat, só que agora enfiada em botas negras.

Este Morgan mancava ligeiramente ao andar. O pé esquerdo deformado deixava pequenas marcas na areia. O prendedor de

prata pendia frouxo enquanto ele andava, e Jack percebeu que a coisa de prata nada tinha a ver com a capa, era segura por um cordão preto e sem adornos. Aquilo era uma espécie de pingente. No primeiro instante, Jack achou que fosse um minúsculo taco de golfe, o tipo de coisa que uma mulher poderia tirar da pulseira de amuletos e usar em volta do pescoço, um mero enfeite. Mas, quando Sloat chegou mais perto, Jack viu que o enfeite era muito fino. E não terminava numa ponta de taco de golfe, mas numa agulha.

Lembrava um para-raios.

— Não, você não parece nada bem, rapaz — disse Morgan de Orris.

Morgan foi até onde Jack estava caído, gemendo, segurando os testículos, as pernas puxadas. Ele se inclinou, as mãos plantadas acima dos joelhos, e observou Jack como um homem examinando o animal que seu carro atropelou. Um animal sem grande importância, como um esquilo ou marmota.

— Você não está *nada* bem.

Morgan se abaixou mais ainda.

— Você tem me causado muitos problemas — disse Morgan de Orris, curvando-se cada vez mais. — Você já me causou muitos prejuízos. Mas, no fim das contas...

— Acho que estou morrendo — Jack murmurou.

— Ainda não. Oh, sei que parece que está, mas acredite em mim, você ainda não está morrendo. Mais ou menos em 5 minutos você saberá o que é *realmente* estar morrendo.

— Não... É sério... Estou destroçado... por dentro — Jack gemeu. — Chegue mais perto... Eu quero contar... pedir... suplicar...

Os olhos escuros de Morgan cintilaram no rosto pálido. Talvez fosse a ideia de Jack suplicando. Ele se inclinou até seu rosto quase tocar o de Jack. As pernas de Jack estavam contraídas em resposta à dor.

Nesse momento ele as empurrou com força para cima. Por um instante pareceu que uma lâmina enferrujada lhe rasgasse dos órgãos genitais até o estômago. Mas o som de suas sandálias atingindo o rosto de Morgan, rachando-lhe os lábios e esmagando-lhe o nariz compensou toda a dor.

Morgan de Orris oscilou para trás, gritando de dor e susto, a capa flutuando como as asas de um grande morcego.

Jack ficou de pé. Por um instante, viu o castelo negro — era muito maior que o Agincourt; parecia cobrir acres de terra. Depois, passou correndo pelo inconsciente (*ou morto!*) Parkus. Jack investiu para o talismã, que brilhava pacificamente na areia, e ao correr tornou a atravessar

para os Territórios Americanos.

— *Seu filho da puta!* — Morgan Sloat berrou. — *Seu filho de uma puta, meu rosto, meu rosto, você machucou o meu rosto!*

Houve um chiado e um cheiro de ozônio. Um brilhante feixe de luz azul e branca passou bem à direita de Jack, derretendo a areia como se ela fosse vidro.

E então Jack pegou o talismã — *pegou-o de novo!* A dilacerante, tremenda dor nos testículos começou de imediato a diminuir. Jack virou-se para Morgan com o globo de vidro erguido nas mãos.

Morgan Sloat estava sangrando pelo lábio e segurava uma das mãos contra a bochecha. Jack tinha esperança de ter quebrado alguns dentes de Sloat com o golpe. Na outra mão, estendida como um curioso eco da postura de Jack, estava a coisinha que parecia uma chave e que acabara de fazer um raio explodir na areia ao lado de Jack.

Jack esquivou-se para o lado, os braços esticados à frente e o talismã mudando de cores por dentro como uma máquina de arco-íris. O talismã parecia compreender que Sloat estava perto, pois o grande globo cheio de linhas dera início a uma espécie de zumbido abafado que Jack sentia — mais do que ouvia — como um

formigamento nas mãos. O centro do talismã emitia um claro feixe de luz. Sloat esquivou-se dessa luz e apontou a chave para a cabeça de Jack.

Depois limpou um pouco de sangue do lábio inferior.

— Você me machucou, seu merdinha imundo — disse ele. — Não pense que essa bola de vidro pode protegê-lo. A vida dela vai ser ainda mais curta que a sua.

— Então por que você tem medo dela? — disse o garoto, erguendo o talismã na direção de Sloat.

Sloat se esquivou, como se o talismã também pudesse disparar raios. *Ele não sabe o que o talismã pode fazer*, Jack percebeu; *ele simplesmente não sabe nada sobre o talismã; só sabe que o quer.*

— Solte-o agora — Sloat disse. — Largue esse negócio, moleque. Ou arranco o topo da sua cabeça agora. Largue isso.

— Você está com medo — disse Jack. — Agora que o talismã está bem na sua frente, você está com medo de pegá-lo.

— Eu não preciso pegá-lo — disse Sloat. — Seu maldito fingido. Largue-o. Vamos ver você mesmo quebrá-lo, Jacky.

— Venha apanhá-lo, Bloat — disse Jack, sentindo uma rajada de cólera atravessar o seu corpo. *Jacky*. Ele *detestava* ouvir o modo carinhoso da mãe chamá-lo nos lábios de Sloat. — Eu não sou o hotel negro, Bloat. Sou apenas uma criança. Será que não pode tirar uma bola de vidro das mãos de uma criança?

Estava claro para ele que, enquanto o talismã se conservasse nas mãos de Jack, Sloat ficaria num impasse. Uma centelha muito azul, vibrante como uma das centelhas dos “demônios” de Anders, acendeu e apagou no centro do talismã. Outra centelha seguiu-se à primeira. Jack continuava sentindo aquele poderoso zumbido que emanava do núcleo do globo de vidro. Ele fora destinado a pegar o talismã — ele era quem *devia pegá-lo*. O talismã, Jack agora achava, soubera de sua existência desde seu nascimento, e desde

então tinha esperado que ele viesse libertá-lo. O talismã precisava de Jack Sawyer e de ninguém mais.

— Venha tentar pegá-lo — Jack falou num tom de zombaria.

Sloat estendeu a chave em sua direção, rosnando. Sangue escorreu pelo seu queixo. Por um instante, Sloat pareceu desnortado, perplexo, enraivecido e frustrado como um touro num cercado, e Jack sorriu para ele. Depois olhou para o lado, onde Richard estava caído na areia, e o sorriso desapareceu do seu rosto. A face de Richard estava literalmente coberta de sangue, o cabelo preto melado.

— Seu filho da... — ele começou, mas fora um erro desviar o olhar. Uma sibilante rajada azul e amarela espocou na praia bem a seu lado.

Jack virou-se para Sloat, que atirava outro raio na direção de seus pés. Jack recuou num passo de dança e o raio destruidor transformou a areia num líquido amarelado, que quase imediatamente se solidificou numa lisa e brilhante superfície de vidro.

— Seu filho vai morrer — disse Jack.

— Sua mãe vai morrer — Sloat respondeu furioso. — Largue essa maldita coisa antes que eu lhe corte a cabeça. Já. Largue isso.

— Por que não vai trepar com uma doninha?

Morgan Sloat abriu a boca e guinchou, revelando uma fileira de dentes quadrados e salpicados de sangue.

— Vou trepar com seu *cadáver*!

A ponta da chave tremeu na direção da cabeça de Jack, depois tremeu para outro lado. Com os olhos chamejando, Sloat foi erguendo a mão e apontou a chave para o céu. Um longo e fino feixe de relâmpagos pareceu brotar do punho de Sloat, alargando-se à medida que ascendia. O céu escureceu. O talismã e o rosto de Morgan Sloat brilharam na súbita escuridão, mas o rosto de Sloat cintilava porque o talismã o inundava de luz. Jack percebeu que seu rosto também devia estar ofuscantemente iluminado pelo talismã. E

assim que brandiu o brilhante talismã em direção a Sloat, tentando só Deus sabe o quê — fazê-lo largar a chave, enraivecê-lo, esfregar-lhe no nariz o fato de que ele estava sem saída —, Jack compreendeu que as possibilidades de resistência de Morgan Sloat ainda não tinham chegado ao fim. Grandes flocos de neve caíram do céu escuro. Sloat desapareceu atrás de uma densa cortina de neve. Jack ouviu seu riso grotesco.

4

ELA LUTOU para se levantar de sua cama de inválida e foi até a janela. Contemplou a praia sem vida de dezembro, iluminada por uma única lâmpada do calçadão. Subitamente, uma gaivota pousou no parapeito da janela. Um pedaço de marisco pendia-lhe do bico e, nesse momento, ela se lembrou de Sloat. A gaivota era parecida com Sloat.

Primeiro Lily se encolheu, depois voltou à posição. Sentiu um absurdo acesso de raiva. Uma gaivota não poderia ser parecida com Sloat, e uma gaivota não podia invadir seu território... Aquilo não era *correto*. Ela bateu no vidro frio. O pássaro bateu rapidamente as asas, mas não levantou voo. E então ela ouviu um pensamento vindo da mente fria, ouviu-o tão claramente quanto uma emissão de rádio:

— *Jack está morrendo, Lily... Jack está morreeeeeeeeennn...*

A ave inclinou a cabeça. Bateu no vidro tão intencionalmente quanto o corvo de Poe.

— *Morreeeeeeeeennnnn...*

— *NÃO!* — ela gritou para o bicho. — *VÁ À MERDA, SLOAT!*

Ela não apenas deu uma batida no vidro dessa vez, mas deu um soco e arrebentou o vidro. A gaivota andou para trás, guinchando, quase caindo. Um ar muito frio entrou pelo buraco feito na janela.

O sangue pingava da mão de Lily. Não, não apenas pingava. O sangue *escorria*. Ela se cortara fundo em dois lugares. Tirou alguns cacos de vidro da carne na lateral da palma da mão e depois limpou-a no corpete da camisola.

— NÃO ESPERAVA ISSO, NÃO É, BABACA? — ela gritou para o pássaro, que agora esvoaçava em círculos sobre o jardim. Depois explodiu em lágrimas. — *Deixe-o em paz! Deixe-o em paz!* DEIXE MEU FILHO EM PAZ!

Estava toda coberta de sangue. O ar frio soprava pela fenda que ela abrira no vidro. Lá fora os primeiros flocos de neve começaram a cair sobre a luz esbranquiçada da lâmpada de rua.

5

— CUIDADO, JACKY.

Baixo. À esquerda.

Jack virou-se para aquele lado, segurando o talismã como um holofote. Ele mostrou um feixe de luz cheio de neve caindo.

Nada mais. Escuridão... neve... o som do oceano.

— Lado errado, Jacky.

Ele se virou para a direita, os pés derrapando na neve. Mais perto. Chegara mais perto.

Jack levantava o talismã.

— Venha pegá-lo, Bloat!

— Você não tem nenhuma chance, Jack. Posso acertar você quando bem entender.

Atrás dele... e ainda mais perto. Mas, quando Jack levantou a luz cintilante do talismã naquela direção, não havia nada de Sloat. A neve batia no seu rosto. Ele inalou o frio e começou a tossir.

Sloat deu uma risadinha bem na sua frente.

Jack se encolheu e quase tropeçou em Speedy.

— Uh-uh, Jacky!

À sua esquerda, brotou uma mão da escuridão e lhe puxou a orelha. Ele se virou, o coração martelando no peito, os olhos esbugalhados. Escorregou. Caiu apoiado num joelho.

Em algum lugar perto dali, Richard deixou escapar um gemido denso, rangente.

Lá no alto, uma artilharia de trovões soou na escuridão que Sloat provocara.

—Atire-o em mim! — Sloat zombou. Surgira de repente no meio do escuro e da tempestade. Estalava os dedos da mão direita, balançava a pequena chave com a esquerda. Os gestos tinham uma estranha cadência de dança. Lembrava um velho maestro de orquestra latina; Xavier Cugat, talvez. —Atire-o em mim, por que não? Tiro ao alvo, Jack! Tiro aos pombos! Com o velho tio Morgan! O que me diz disso, Jack? Quer tentar? Atire a bola e ganhe uma boneca Kewpie!

E Jack percebeu que tinha puxado o talismã de encontro ao ombro direito, aparentemente pretendendo fazer exatamente aquilo. *Ele está querendo assustá-lo. Está tentando deixá-lo em pânico, tentando fazê-lo largar o talismã...*

Sloat se dissipou na escuridão. A neve continuava caindo em redemoinhos.

Jack rodopiava com os nervos à flor da pele, mas não conseguia ver Sloat em lugar nenhum. *Talvez ele tenha ido embora. Talvez...*

— Qual é o problema, Jacky?

Não, ele ainda estava lá. Em algum lugar. À esquerda.

— Eu morri de rir quando seu querido papai morreu, Jacky. Ri na cara dele. Quando o motor finalmente parou eu senti...

A voz tremeu. Sumiu por um momento. Voltou. À direita. Jack virou-se para a direita, não entendendo o que acontecia, os nervos cada vez mais tensos.

— ... meu coração bateu como as asas de um pássaro. Ele voou *assim*, Jacky.

E uma rocha saiu da escuridão, apontada não para Jack, mas para o globo de vidro. Jack se esquivou. Captou um olhar embaçado de Sloat. E ele sumiu de novo.

Uma pausa...Mas logo Sloat estava de volta; e tinha mudado o disco.

— Fodi sua mãe, Jacky — a voz provocava atrás dele. Uma mão gorda e quente puxou-lhe o traseiro da calça.

Jack rodopiou, dessa vez quase caindo sobre Richard. Lágrimas (quentes, dolorosas, humilhadas) começaram a correr de seus olhos. Jack as odiava, mas lá estavam elas, e nada no mundo poderia negá-las. O vento gritava como um dragão num túnel de vento. *A magia está em você*, Speedy dissera, mas onde estava agora a magia? Onde, oh, onde, onde?

— *Pare de falar na minha mãe!*

— Eu a fodi muito — Sloat acrescentou com uma torpe alegria. De novo à direita. Um vulto gordo, dançante na escuridão.

— Eu a fodi porque ela *convidou*, Jacky!

Atrás dele! *Bem perto!*

Jack rodopiou. Suspendeu o talismã. O globo emitiu uma branca camada de luz. Sloat resvalou para trás e Jack viu de relance uma careta de dor e ira. Aquela luz tocara Sloat e o machucara.

Não importa o que ele está dizendo. É tudo mentira e você sabe disso. Mas como ele consegue fazer isso? É como Edgar

Bergen. Não... É como os índios no escuro, se aproximando das carroças. Como ele consegue fazer isso?

— Chamuscou meus bigodes um pouco dessa vez, Jacky — disse Sloat com uma risada sórdida. Parecia um pouco sem fôlego, mas não muito. Ainda não o bastante. Jack ofegava como um cachorro num dia quente de verão, os olhos frenéticos procurando o vulto de Sloat na escuridão da tempestade. — Mas não vou usar isso contra você, Jacky. Agora vejamos... Do que a gente estava falando? Oh, sim. Sua mãe...

Um pequeno gorjeio... um som sufocado... E então uma pedra veio assobiando no escuro e atingiu a têmpora de Jack. Ele girou nos calcanhares, mas Sloat tinha sumido de novo, desaparecendo com agilidade na neve.

— Ela enroscava aquelas pernas compridas em torno de mim até eu *uivar* que não aguentava mais! — Sloat declarou atrás de Jacky, à direita. — AHHHHHH!

Não o deixe atingi-lo não o deixe enfurecer você não...

Mas ele não conseguia se controlar. Era de sua *mãe* que aquele homem nojento estava falando; de sua *mãe*.

— *Pare com isso! Cale essa boca!*

Sloat estava agora na frente dele, tão perto que Jack devia ter conseguido vê-lo claramente apesar do redemoinho de neve. No entanto, viu apenas uma cintilação, como um rosto à noite sob a água. Outra pedra zumbiu e atingiu-lhe a cabeça por trás. Ele cambaleou para a frente e quase caiu em cima de Richard — Richard que ia desaparecendo velozmente sob um manto de neve.

Viu estrelas... e entendeu o que estava acontecendo.

Sloat está atravessando! Atravessando... se deslocando... atravessando de volta!

Jack deu uma volta num círculo instável, como um homem enfrentando cem inimigos em vez de um. Um fogo de relâmpago brotou da escuridão num estreito raio verde e azul. Ela avançou com

o talismã, esperando ricochetear o raio para Sloat. Tarde demais. O raio se extinguiu.

Por que não consigo ver Sloat lá? Lá nos Territórios?

A resposta lhe ocorreu como uma luz ofuscante... e como se respondesse, o talismã emitiu um esplêndido feixe de luz branca, que cortou a claridade da neve como o farol de uma locomotiva.

Eu não o vejo lá, não reajo a ele lá porque eu NÃO ESTOU lá! Jason se foi... e eu sou de natureza única! Sloat está atravessando para uma praia onde não há ninguém a não ser Morgan de Orris e um homem morto ou moribundo chamado Parkus. Richard também não está lá porque o filho de Morgan de Orris, Rushton, morreu há muito tempo e Richard também é de natureza única! Quando atravessei antes, o talismã estava lá... mas Richard não! Morgan está atravessando... se deslocando... voltando... tentando me apavorar...

— *Hu-hu! Ei, Jacky!*

À esquerda.

— *Aqui!*

À direita.

Mas Jack não estava mais prestando atenção ao local. Fitava o talismã, esperando o sinal. O sinal mais importante de toda a sua vida.

Atrás. Dessa vez ele viria por trás.

O talismã faiscou, um forte lampejo na neve.

Jack rodopiou... e quando rodopiou, atravessou para os Territórios, para um brilhante dia de sol. Lá estava Morgan de Orris, enorme e horrendo. No primeiro instante, ele não percebeu que Jack descobrira o truque. Mancava velozmente para um lugar que ficaria atrás de Jack nos Territórios Americanos. Em seu rosto havia um sorriso malicioso de menino travesso. A capa esvoaçava, ondulava atrás dele. A perna esquerda mancava, e Jack viu que a areia estava coberta de marcas arrastadas. Morgan estivera correndo ao seu redor num círculo alucinado, atormentando-o com

mentiras obscenas sobre a mãe, atirando pedras e saltando de um lado para o outro.

Jack gritou com toda a força dos pulmões:

— ESTOU VENDO VOCÊ!

Morgan encarou-o com uma atordoada expressão de choque, a mão enroscada na chave de prata.

— ESTOU VENDO VOCÊ! — Jack gritou outra vez. — Não quer dar mais uma voltinha, Bloat?

Morgan de Orris apontou a chave para ele. A fisionomia de choque e perplexidade se transformara instantaneamente no ar de astúcia que lhe era mais característico. Foi a expressão de um sujeito esperto, avaliando com rapidez todas as possibilidades de uma situação. Os olhos se contraíram. Naquele instante, vendo a chave e os olhos de Morgan de Orris fixando-se nele como miras de revólver, Jack quase tornou a atravessar para os Territórios Americanos, e isso o teria matado. Mas uma fração de segundo antes que a prudência ou o pânico o fizessem por reflexo pular em frente a um caminhão em movimento, a mesma percepção que o fizera perceber que Morgan estava atravessando sem cessar os mundos tornou a vir em seu socorro: Jack aprendeu a estratégia do adversário. Ficou parado, de novo esperando aquele quase místico sinal. Prendeu a respiração. Se Morgan fosse uma lâmina menos orgulhosa de seu gume, talvez tivesse conseguido realizar o que, naquele momento, constituía o seu maior desejo: assassinar Jack Sawyer.

Em vez disso, como Jack achou que aconteceria, a imagem de Morgan partiu abruptamente dos Territórios. Jack respirou fundo. O corpo de Speedy (corpo de *Parkus*, Jack percebeu) jazia imóvel bem perto dali. O sinal veio. Jack respirou fundo mais uma vez e *atravessou*.

Uma nova tira de vidro marcava a areia da praia em Point Venuti, refletindo agora o feixe de luz branca que emanava do talismã.

— Errou uma, é? — Morgan Sloat sussurrou da escuridão.

A neve batia no rosto de Jack, um vento frio lhe congelava os membros, a garganta, a testa. À distância equivalente a um carro, o rosto de Sloat pairava na frente dele, a testa repuxada nas rugas familiares, a boca ensanguentada aberta. No meio da nevasca, estendia a chave na direção de Jack, e uma linha de flocos finos de neve aderiram à manga do seu paletó marrom. Jack viu um rastro negro de sangue verter do nariz absurdamente pequeno de Sloat. Os olhos de Sloat, injetados de dor, brilharam na escuridão do ar.

6

RICHARD SLOAT ABRIU confusamente os olhos. Sentia frio em cada centímetro do corpo. A princípio, sem qualquer tipo de emoção, achou que estava morto. Caíra em algum lugar, provavelmente naqueles degraus íngremes e traiçoeiros que havia no fundo da tribuna de honra do Colégio Thayer. Estava frio, morto, e nada mais podia lhe acontecer. Experimentou um segundo de vertiginoso alívio.

A cabeça lhe proporcionou uma súbita pontada de dor, e ele sentiu um sangue quente descer pela mão fria. Essas duas sensações deixavam claro que, fosse lá o que estivesse acontecendo, Richard Llewellyn Sloat ainda não estava morto. Era apenas uma criatura ferida em sofrimento. Toda a parte de cima de sua cabeça parecia ter sido cortada. Não tinha uma ideia exata de onde estava. Estava frio. Seus olhos se concentraram um tempo suficientemente longo para informá-lo de que estava deitado na neve. O inverno chegara. Mais neve caiu nele, vinda do céu. Então

ouviu a voz do pai e tudo o que estava acontecendo lhe veio à memória.

Richard manteve a mão no alto da cabeça, mas inclinou o queixo muito lentamente para olhar na direção da voz do pai.

Jack Sawyer estava segurando o talismã — essa foi a coisa seguinte que sua mente percebeu. O talismã não tinha quebrado. Sentiu que voltava uma parte do alívio que experimentou ao achar que estava morto. Mesmo sem os óculos, Richard pôde observar que Jack tinha um olhar resoluto, *convicto*, que o comoveu profundamente. Jack parecia... um herói. Era isso. Um herói sujo, descabelado, absurdamente jovem, errado para o papel em quase cada detalhe, mas indiscutivelmente um herói.

Jack agora era apenas Jack, Richard percebeu. Aquela extraordinária qualidade *extra*, como um astro de cinema condescendendo a andar por aí como um menino malvestido de 12 anos, tinha desaparecido. E isto fazia seu heroísmo ainda mais impressionante aos olhos de Richard.

O sorriso do pai era ávido, voraz. Mas aquele não era seu pai. Há muito tempo, o pai fora destruído. Destruído pela inveja que sentia de Phil Sawyer, pela ânsia das ambições que acalentou.

— Podemos ficar a vida inteira nisso — dizia Jack. — Nunca vou lhe dar o talismã e você nunca vai conseguir destruí-lo com esse seu artefato. Desista.

A ponta da chave nas mãos de Sloat moveu-se lentamente de um lado para o outro. Depois, em conjunto com a face gananciosa de Morgan Sloat, a chave apontou diretamente para Richard.

— Primeiro vou fazer Richard em pedaços — disse ele. — Está realmente disposto a ver seu companheiro Richard virar bacon? Hã? Está disposto? E é claro que eu não vou hesitar em conceder o mesmo benefício à peste que está ao lado dele.

Jack e Sloat trocaram rápidos olhares. Richard percebeu que o pai não estava brincando. Ele o mataria se Jack não entregasse o talismã. E depois mataria o velho negro, Speedy.

— Não entregue o talismã — ele conseguiu murmurar. — Ele que se dane, Jack. Mande-o se foder.

Jack quase desconcertou Richard ao piscar um olho para ele.

—Deixe cair o talismã — ele ouviu o pai dizer.

E Richard observou com horror que Jack começava a abrir as palmas das mãos para soltar o talismã.

7

— JACK, NÃO!

Jack nem olhou para Richard. *Só se possui verdadeiramente uma coisa quando se é capaz de abrir mão dela*, sua mente martelava. *Só se possui verdadeiramente uma coisa quando se é capaz de abrir mão dela. De que adianta tentar possuí-la? Não vale para nada. E não se aprende isso na escola, se aprende na estrada, se aprende de Ferd Janklow, de Lobo, de Richard caindo de cabeça nas rochas como um Titan II que não decolou direito.*

Era aprender essas coisas ou vai morrer num mundo de onde quase toda a luz foi extinta.

— Já chega de mortes — ele disse na escuridão cheia de neve daquela tarde na praia da Califórnia. Devia se sentir extremamente exausto. Os últimos quatro dias tinham sido cheios de horrores, e agora, no fim, tinha aberto mão do globo como um jogador de futebol americano amador. Tinha jogado-o para longe. Porém, foi a segura voz de Anders que ouviu, Anders que se ajoelhara diante de Jack/Jason com o kilt estendido ao redor do corpo e a cabeça baixa; Anders dizendo: *Tudo vai ficar bem, tudo vai ficar bem e todas as coisas vão ficar bem.*

O talismã brilhava na praia, a neve escorrendo em gotas pela sua superfície curva, e cada gota era um arco-íris. Foi nesse momento que Jack percebeu como era assombrosamente correto *abrir mão da coisa que era requerida*.

— Já chega de *matanças*. Quebre o talismã se conseguir — disse ele. — Tenho muita pena de você.

Foi essa última frase que destruiu Morgan Sloat. Se tivesse lhe sobrado um fiapo de pensamento racional, ele teria desenterrado uma pedra da neve e esmagado o talismã... Pois ele *podia* ter sido esmagado, em sua simples e desprotegida vulnerabilidade.

Em vez disso, ele virou a chave na direção do globo.

Ao fazer isso, sua mente encheu-se de lembranças boas e odiosas de Jerry Bledsoe e da mulher de Jerry Bledsoe. Jerry Bledsoe, que ele matara, e Nita Bledsoe, que deveria ter sido Lily Cavanaugh... Lily, que o tinha estapeado com tanta força que seu nariz sangrou na única vez em que, bêbado, ele tentara tocar nela.

O raio zumbiu — um fogo verde e azulado atirado da ponta retorcida da pequenina chave. O raio atingiu o talismã, bateu nele, espalhou-se sobre ele, transformou-o num sol ardente. Por um instante, todas as cores estiveram ali... Por um instante, todos os *mundos* estiveram ali. Depois sumiu.

O talismã engoliu o raio da chave de Morgan.

Engoliu-o inteiro.

A escuridão voltou. Os pés de Jack derraparam na neve e ele caiu com um baque surdo sobre as pernas de Speedy Parker. Speedy resmungou e se contorceu.

Durante um período de dois segundos, tudo ficou estático... e então, bruscamente, saltou do talismã uma torrente de fogo. Os olhos de Jack se arregalaram apesar do pensamento frenético e torturante.

(isso vai cegá-lo, Jack! Isso vai cegá-lo!)

A geografia alterada de Point Venuti estava iluminada como se o Deus de Todos os Universos tivesse se inclinado para tirar uma foto. Jack viu o Agincourt, vergado e semidestruído; viu as colinas que tinham se transformado em estranhas planícies; viu Richard deitado de costas; viu Speedy deitado de bruços com o rosto virado. Speedy estava sorrindo.

Então Morgan Sloat foi impelido para trás e envolvido no campo de fogo de sua própria chave, fogo que tinha sido absorvido pelo talismã como os flashes de luz da mira telescópica de Sunlight Gardener tinham sido absorvidos. O fogo lhe foi devolvido multiplicado por mil.

Um buraco se abriu entre os mundos, um buraco do tamanho do Túnel de Oatley. Jack viu o elegante terno marrom de Sloat ardendo em chamas e uma esquelética mão, sebosa, ainda agarrando a chave, passar por aquele buraco. Os olhos de Sloat ferviam nas órbitas, mas estavam grandes... estavam *conscientes*.

E enquanto Sloat passava, Jack o viu se transformar. Viu a capa aparecer como as asas de um morcego que tivesse mergulhado através da chama de uma tocha, viu as botas queimando, o cabelo queimando. Viu a chave se tornar uma espécie de miniatura de para-raios.

Viu... *a luz do sol!*

A LUZ RETORNOU NUMA torrente. Cego por alguns momentos, Jack rolou pela neve da praia procurando esquivar-se dela. Em seus ouvidos, ouvidos bem dentro da cabeça, ouviu o grito agonizante de

Morgan Sloat, que estava sendo impelido, através de todos os mundos que existiam, para o esquecimento.

— Jack?

Richard estava sentado zozzo na areia, segurando a cabeça.

— Jack, o que aconteceu? Acho que caí da arquibancada do estádio.

Speedy se contorceu na neve, fez uma espécie de flexão com os joelhos no chão e olhou para Jack. Seus olhos estavam exaustos... mas o rosto ficara livre das manchas.

— Bom trabalho, Jack — ele disse e sorriu. — Bom...

Ele caiu parcialmente para a frente, ofegante.

Arco-íris, Jack pensou atordoado. Levantou-se e caiu outra vez. Uma neve muito fria fustigava o seu rosto e começava a escorrer como choro.

Ele conseguiu ficar de joelhos e depois se levantar. O campo de sua visão estava cheio de manchas... mas ele viu, na neve, a enorme faixa queimada onde Morgan estivera. Ela se estendia como uma lágrima.

— *Arco-íris!* — Jack Sawyer gritou e, rindo e chorando, levantou as mãos para o céu. — *Arco-íris! Arco-íris!*

Ainda chorando, aproximou-se do talismã e o pegou.

Depois levou-o para Richard Sloat, que fora Rushton, e para Speedy Parker, que era o que era.

Ele os curou.

Arco-íris, arco-íris, arco-íris!

Capítulo Quarenta e Seis

Outra Jornada

1

ELE OS CUROU, mas nunca seria capaz de lembrar exatamente como isso aconteceu. Os detalhes lhe escaparam. Por algum tempo, o talismã chamejou e zumbiu em suas mãos. Jack teve a impressão de que eles foram *inundados* pelo fogo do talismã até brilharem numa camada de luz. Era só isso que conseguia recordar.

Quando tudo acabou, a esplêndida luz do talismã foi diminuindo... diminuindo... até se extinguir.

Pensando na mãe, Jack deixou escapar um grito rouco de dor.

Cambaleando, Speedy caminhou para ele pela neve que se derretia e pôs o braço em volta de seus ombros.

— Vai voltar, Jack Viajante.

Speedy sorria, mas parecia estar duas vezes mais cansado que Jack. Speedy fora curado... mas ainda não estava bem. *Este mundo o está matando*, Jack pensou sombriamente. *Pelo menos, está matando a parte dele que é Speedy Parker. O talismã o curou... mas ele ainda está morrendo.*

— Você fez muita coisa pelo talismã — Speedy continuou — e pode ter certeza que ele vai fazer por você. Não se preocupe. Venha aqui, Jack. Venha até onde seu amigo está deitado.

Jack obedeceu. Richard dormia na neve que ia derretendo. Aquela terrível camada solta de pele desaparecera da sua cabeça, mas agora uma comprida tira branca de couro cabeludo brilhava em seu crânio, uma listra careca, onde jamais cresceria cabelo.

— Pegue a mão dele.

— Por quê? Para quê?

— Vamos atravessar.

Jack olhou inquisitivamente para Speedy, mas ele não deu qualquer explicação. Limitou-se a balançar a cabeça, como se dissesse: *Sim, foi isso mesmo que você ouviu.*

Bem, Jack pensou, *eu confiei nele até agora...*

Estendeu o braço e pegou a mão de Richard. Speedy segurou a outra mão de Jack.

Sem grande esforço, os três atravessaram.

FOI COMO JACK intuía: o vulto de pé a seu lado, ali naquela areia negra que fora marcada em toda parte pelas pegadas coxas de Morgan de Orris, parecia robusto, saudável, vigoroso.

Jack contemplou com espanto e um certo mal-estar aquele estranho que lembrava um pouco o irmão mais novo de Speedy Parker.

— Speedy... Isto é, sr. Parkus... o que o senhor...

— Vocês precisam descansar — disse Parkus. — Você em primeiro lugar; esse jovem escudeiro ainda mais. Ele chegou mais perto de morrer do que qualquer um pode imaginar... E acho que ele não é do tipo capaz de admitir com facilidade as coisas, nem para si mesmo.

— É — disse Jack. — O senhor tem toda a razão.

— Ele descansará melhor ali — Parkus disse a Jack e começou a subir a praia, afastando-se do castelo, carregando Richard. Jack foi tropeçando atrás deles, mas aos poucos a distância aumentou. Jack ficou rapidamente sem fôlego, as pernas bambas. Sua cabeça doía numa reação instintiva à batalha final. Ressaca de choque, ele supôs.

— Ora... onde...

Isso foi tudo o que conseguiu balbuciar. Apertou o talismã contra o peito. Agora o talismã estava sem brilho, a superfície cheia de fuligem, opaca, desinteressante.

— Só mais um pouco — disse Parkus. — Você e seu amigo não querem descansar onde *e/e* estava, certo?

Absolutamente exausto, Jack concordou com a cabeça.

Parkus olhou para trás por cima do ombro; depois encarou Jack com uma fisionomia triste.

— O fedor do mal ainda está lá atrás — disse ele —, e é um cheiro do seu mundo, Jack.

— Para mim, os cheiros são parecidos demais para me consolar.

Parkus recomeçou a andar, levando Richard nos braços.

3

PAROU 40 METROS adiante. Ali a areia tinha um tom ligeiramente mais claro — não branco, mas um cinza suave. Parkus pousou Richard suavemente na praia. Jack se escarrapachou ao lado dele. A areia estava quente, abençoadamente quente. Não havia nenhuma neve.

Parkus sentou-se com as pernas cruzadas.

— Agora você vai dormir um pouco — disse ele. — Talvez só acorde amanhã. Ninguém vai molestá-lo, pode ter certeza. Dê uma olhada.

Com um gesto, Parkus indicou o lugar onde ficava Point Venuti nos Territórios Americanos. Jack viu primeiro o castelo negro parcialmente destruído e muito chamuscado, como se lá dentro tivesse havido uma tremenda explosão. Agora o castelo parecia quase banal. Sua ameaça se dissipara, os perigos nele escondidos estavam extintos. Só restavam pedras empilhadas em montes das mais diversas formas.

Olhando à frente, Jack constatou que o terremoto não fora tão violento nos Territórios, e houvera menos o que destruir. Viu choupanas derrubadas, convertidas num amontoado de tábuas; viu carroças destroçadas que talvez fossem Cadillacs nos Territórios Americanos; aqui e ali via um corpo peludo caído.

— Aqueles que estavam na praia e sobreviveram já foram embora — disse Parkus. — Sabem o que aconteceu, sabem que

Orris morreu e não o incomodarão mais. O mal que havia aqui desapareceu de vez. Sabe disso? Pode *sentir* isso?

— Sim — Jack sussurrou. — Mas... sr. Parkus... o senhor não...

— Se não vou embora? Sim. Em breve. Você e seu amigo poderão tirar uma boa soneca, mas antes precisamos conversar. Não vai demorar muito, por isso procure descolar a cabeça do peito, pelo menos por uns minutos.

Com algum esforço, Jack levantou a cabeça e abriu os olhos quase de todo. Parkus assentiu.

— Quando acordar, vá em direção ao leste. Mas não atravesse! Continue algum tempo nos Territórios. Haverá muita movimentação lá do seu lado: turmas de socorro, equipes de jornalistas, só Jason sabe mais o quê. Pelo menos a neve se derreterá antes que alguém perceba que ela caiu, exceto por algumas pessoas que serão classificadas como malucas...

— Por que você tem de ir embora?

— Ainda tenho de caminhar um pouco, Jack. Ainda há muito trabalho a ser feito aqui. As notícias da morte de Morgan já devem estar correndo para o leste. E correndo depressa. Já estou atrás dessas notícias e tenho de me manter à frente delas se puder. Tenho de voltar para os Postos de Fronteira e atingir o leste... antes que um bando de caras maus comecem a ir para outros lugares.

Ele fitou o oceano, os olhos opacos, frios como uma pedra.

— Quando a conta vem, as pessoas têm de pagar. Morgan se foi, mas ainda há uma dívida a ser resgatada.

— Você é uma espécie de policial aqui, certo?

Parkus assentiu com a cabeça.

— Sou mais ou menos o que vocês chamariam Presidente do Supremo Tribunal e Chefe dos Executores, as duas funções juntas. Aqui nos Territórios, é claro. — Ele pôs a mão forte e quente na cabeça de Jack. — Em seu mundo, sou apenas aquele sujeito que anda sem destino de um lugar para outro, arranja alguns trabalhos

aqui e ali, e toca alguma coisa na guitarra. Às vezes, pode crer, prefiro estar na pele dele.

Parkus tornou a sorrir e, por um instante, voltou a *ser* Speedy.

— E de vez em quando, Jacky, você verá esse sujeito. É, de tempos em tempos, em um lugar ou outro. Num shopping center, talvez, ou num parque.

Parkus piscou o olho.

— Mas Speedy não está bem — disse Jack. — Não sei o que há com ele, mas é uma coisa que o talismã não pode resolver.

— Speedy está *velho* — disse Parkus. — Tem a minha idade, mas seu mundo o tornou mais velho do que eu. Ainda assim, ele tem alguns anos pela frente. Talvez mais do que alguns. Não precisa se assustar, Jack.

— Tem certeza? — Jack perguntou.

Parkus sorriu.

— Sim, senhor.

Jack devolveu um sorriso cansado.

— Caminhe com o seu amigo para o leste. Ande até completar uns 8 ou 10 quilômetros. Ultrapasse aquelas colinas e estará em segurança. O caminho não é difícil. Procure uma grande árvore, a maior árvore que já tiver visto. Vá até essa velha árvore, Jack, pegue a mão de Richard e atravesse. Vocês sairão perto de uma gigantesca sequoia com um túnel escavado na base dela para a estrada passar. A estrada é a rodovia 17, e vocês estarão nos arredores de uma pequena cidade do norte da Califórnia chamada Storeyville. Entrem na cidade. Há um posto de gasolina Mobil junto ao sinal luminoso.

— E depois?

Parkus abanou os ombros.

— Não sei, não tenho certeza. Talvez encontrem alguém conhecido...

— Mas como vamos conseguir chegar...

— Psssiu! — disse Parkus, e pôs a mão na cabeça de Jack exatamente como sua mãe fazia quando ele era

(bicho-papão sai de cima do telhado, deixa o menino, e toda essa besteira para dormir sossegado, Jacky!, para ficar tudo bem, tudo bem, tudo)

muito pequeno. — Já chega de perguntas. Agora vai ficar tudo bem com você e com Richard, eu acho.

Jack se deitou. Aninhou o globo escuro na curva de um dos braços. Suas pálpebras pareciam ter adquirido o peso de um bloco de cimento.

— Você tem sido bravo e leal, Jack — disse Parkus com um ar calmo e grave. — Gostaria que fosse meu filho... E o saúdo por sua coragem. E pela sua fé. Há pessoas em muitos mundos que têm para com você uma dívida de gratidão. E acho que, de um modo ou de outro, a maioria delas tem plena consciência disso.

Jack conseguiu sorrir.

— Fique aqui um pouco — ele conseguiu dizer.

— Tudo bem — disse Parkus. — Até você dormir. Não tenha medo, Jack. Nada vai machucá-lo aqui.

— Minha mãe costumava dizer...

Mas, antes que pudesse terminar a frase, o sono tomou conta dele.

E, DE ALGUM modo misterioso, o sono continuou a dominá-lo no dia seguinte, quando ele já estava tecnicamente acordado; uma parte de sua mente funcionaria quase todo aquele dia de forma lenta e sonhadora. Ele e Richard, que estava igualmente lento e

hesitante, se achavam de pé sob a mais alta árvore do mundo. Em volta deles, pontos de luz cobriam o chão da floresta. Dez homens adultos, de mãos dadas, não conseguiriam circundar o tronco. A árvore se elevava, compacta e solitária: numa floresta de árvores altas, ela era um leviatã, um nítido exemplo da exuberância dos Territórios.

Não tenha medo, Parkus dissera, no momento em que ameaçava desaparecer lentamente no ar como o gato da Alice. Jack inclinou a cabeça para fitar a copa da árvore. Ainda não tinha consciência disso, mas estava emocionalmente exausto. A imensidão da árvore só lhe causou um breve lampejo de admiração. Jack pousou a mão na surpreendente suavidade da casca. *Eu matei o homem que matou meu pai*, disse para si mesmo. Sua outra mão apertava contra o peito o globo escuro, aparentemente sem vida, do talismã. Richard levantava os olhos para a gigantesca copa da árvore. Era como se os dois estivessem embaixo de um arranha-céu. Morgan estava morto, Gardener também, e nesse momento a neve já devia ter derretido na areia da praia. Nem toda a neve, porém, sumira. Dentro de sua cabeça, Jack ainda sentia uma praia cheia de neve. Certa vez, pensara (mil anos pareciam ter passado desde então) que, quando conseguisse realmente pôr as mãos no talismã, ficaria tão inundado de triunfo, vibração e respeitoso temor que começaria a chiar como uma chaleira. Naquele momento, porém, não sentia mais que um débil vestígio de todas essas emoções. Nevava em sua cabeça, e a mente não conseguia enxergar mais nada além das instruções de Parkus. Percebeu que a enorme árvore o estava prendendo naquele lugar.

— Pegue minha mão — ele disse a Richard.

— Mas como vamos chegar em casa? — Richard perguntou.

— Não tenha medo — disse ele, e fechou a mão em volta da de Richard. Jack Sawyer não se deixaria atrasar por uma árvore. Jack Sawyer estivera nas Terras Secas, conquistara o hotel negro; Jack Sawyer era *bravo e leal*.

Jack era um menino de 12 anos cansado, com neve caindo no cérebro, mas rompeu quaisquer barreiras que pudessem prendê-lo aos Territórios e atravessou sem esforço para seu próprio mundo. Richard foi junto com ele.

5

A FLORESTA TINHA se contraído; era agora uma floresta americana. As copas dos galhos que se moviam eram nitidamente mais baixas, as árvores consideravelmente menores que na floresta dos Territórios para onde Parkus os conduzira. Jack teve apenas uma vaga consciência da alteração da escala das coisas antes de ver as duas pistas planas e negras na sua frente. Mas a realidade do século XX deu-lhe quase imediatamente um chute nas canelas, pois, assim que viu a estrada, ouviu o som de um pequeno motor. Instintivamente puxou a camisa de Richard e o fez recuar antes que um pequeno Renault branco passasse zumbindo por eles. O carro entrou no túnel aberto no tronco da sequoia (que tinha pouco mais que a metade do tamanho de sua parceira nos Territórios). Mas pelo menos duas crianças e um dos adultos que iam no Renault não estavam olhando para as sequoias que vieram desde New Hampshire (Viva Livre ou Morra!) para ver. A mulher e as duas crianças pequenas no banco traseiro tinham se virado boquiabertas para Jack e Richard. As bocas eram pequenas cavernas escuras, muito arreganhadas. Tinham acabado de ver dois garotos aparecerem como fantasmas no acostamento, surgirem milagrosa e instantaneamente do nada, como o capitão Kirk e o dr. Spock saindo da coluna de transferência da *Enterprise*.

— Você consegue andar um pouco?

— É claro — disse Richard.

Jack pôs o pé no asfalto da rodovia 17 e, pouco depois, atravessava o enorme buraco cavado na árvore.

Talvez estivesse sonhando tudo aquilo, ele pensou. Talvez ainda estivesse na praia dos Territórios, Richard desacordado ao seu lado, ambos sob o olhar carinhoso de Parkus. *Minha mãe costumava dizer... Minha mãe costumava dizer...*

6

COMO SE ATRAVESSASSE uma densa neblina (embora o dia naquela parte do norte da Califórnia estivesse ensolarado e seco), Jack Sawyer tirou Richard Sloat da floresta de sequoias e desceu com ele uma ladeira entre as secas campinas de dezembro.

... que a pessoa mais importante em qualquer filme geralmente é o câmara...

Seu corpo precisava de mais sono. Sua mente precisava de umas férias.

... que o vermute é a ruína de um bom martíni...

Richard o acompanhava em silêncio, remoendo pensamentos. Ele era muito mais lento e, de vez em quando, Jack tinha de parar na margem da estrada para que o amigo o alcançasse. Uma pequena cidade, provavelmente Storeyville, era visível a menos de um quilômetro. Pequenos prédios brancos enfileiravam-se de ambos os lados da estrada. ANTIGUIDADES, dizia a tabuleta sobre um deles. Depois dos prédios, um sinal de trânsito piscava sobre um cruzamento vazio. Jack pôde ver o canto da placa MOBIL em frente ao posto de gasolina. Richard arrastava-se penosamente, a cabeça tão baixa que o queixo quase encostava no peito. Quando Richard

se emparelhou com ele, Jack percebeu que o amigo estava chorando.

Pôs o braço em volta do ombro de Richard.

— Quero lhe dizer uma coisa.

— O que é?

Embora coberto de lágrimas, o pequeno rosto de Richard tinha um ar de desafio.

— Amo você — disse Jack.

Os olhos de Richard voltaram-se bruscamente para a superfície da estrada. Jack conservou o braço sobre os ombros do amigo. Daí a pouco, Richard levantou a cabeça, encarou Jack e assentiu. A expressão de Richard trouxe à memória de Jack alguma coisa que Lily Cavanaugh Sawyer tinha-lhe dito uma ou duas vezes: *Jack-O, há momentos em que não precisamos falar um monte de coisas.*

— Estamos a caminho de casa, Richie — disse Jack. Ele esperou que o amigo enxugasse os olhos. — Acho que alguém deve estar nos esperando no posto de gasolina.

— Hitler, talvez? — Richard apertou os olhos com os punhos, mas logo recuperou o controle e caminhou decidido ao lado de Jack para Storeyville.

HAVIA UM CADILLAC estacionado no lado da sombra do posto de gasolina, um El Dorado com uma antena de tevê em forma de bumerangue na traseira. Era grande como um trailer e escuro como a morte.

— Oh, Jack, que *grande* merda — Richard gemeu e se agarrou ao ombro de Jack. Seus olhos estavam arregalados, a boca tremia.

Jack sentiu a adrenalina fustigar outra vez seu sistema nervoso. Mas foi mais uma sensação de cansaço que de medo. Já passara por muita coisa, muita coisa.

Agarrando com força o escuro e feio globo de vidro em que o talismã se transformara, Jack começou a descer a colina em direção ao posto.

— *Jack!* — Richard gritou fracamente atrás dele. — *Que diabo você está fazendo? É um DELES! É o mesmo tipo de carro que havia no Colégio Thayer! O mesmo tipo de carro que havia em Point Venuti!*

— Parkus nos mandou ir até o posto — disse Jack.

— Você está doido, cara — Richard sussurrou.

— Sei que parece uma loucura, mas acho que vai ficar tudo bem. Você vai ver. E não me chame de cara.

A porta do Cadillac se abriu e surgiu uma perna extremamente musculosa, vestindo jeans desbotado. O mal-estar se converteu em franco terror quando Jack viu a ponta da bota do motorista cortada na frente para dar espaço a dedos enormes e cabeludos.

A seu lado, Richard gritou como um rato silvestre.

Era um Lobo sim. Jack teve certeza disso antes mesmo que o sujeito se virasse. O Lobo tinha mais de 2 metros de altura. Seu cabelo era comprido, revoltado e não muito limpo. Os cachos emaranhados chegavam ao colarinho. E havia manchas esverdeadas na roupa. Quando o enorme vulto se virou, Jack viu um cintilar de olhos alaranjados. E de repente o terror se transformou em alegria.

Jack disparou em direção ao sujeito, ignorando o empregado do posto que saíra para ver o que estava acontecendo e o olhar curioso de alguns passantes. O cabelo lhe caía esvoaçando da testa, os tênis gastos batiam com força no chão, um sorriso

atordoado se abria no rosto, os olhos brilhavam como o próprio talismã tinha brilhado.

Um macacão: OshKosh, meu deus. Óculos redondos sem aro tipo John Lennon. E um enorme sorriso de boas-vindas.

— *Lobo!* — Jack Sawyer gritou. — *Lobo, você está vivo! Lobo, você está vivo!*

Quando estava a um metro e meio de Lobo, deu um salto. E Lobo pegou-o com ágil facilidade, sorrindo de prazer.

— Jack Sawyer! Lobo! Veja só! Exatamente como Parkus disse! Estou aqui nesse maldito lugar que cheira como merda num pântano, e você também está aqui! Jack e seu amigo! Lobo! Incrível! Maravilhoso! Lobo!

Foi o *cheiro* de Lobo que disse a Jack que aquele não era o *seu* Lobo, assim como foi o cheiro que disse que aquele Lobo devia ser parente do outro, e certamente parente bem próximo.

— Conheci seu irmão de cria — disse Jack, ainda nos braços fortes, peludos, do Lobo. Agora, olhando em seu rosto, podia ver que aquele Lobo era mais velho e mais esperto. Mas, ainda assim, amável.

— Meu irmão Lobo — disse o Lobo, e pôs Jack no chão. Estendeu um dos braços e tocou o talismã com a ponta de um dedo. Seu rosto estava cheio de cautelosa admiração. Quando ele encostou a ponta do dedo, uma faísca cintilou e depois, como um cometa muito luminoso, mergulhou para as profundezas do globo.

O Lobo respirou profundamente, encarou Jack e sorriu. Jack devolveu o sorriso.

Richard agora se aproximava, contemplando os dois com espanto e prudência.

— Nos Territórios não há só Lobos degenerados... — Jack começou.

— Há *muitos* Lobos bons — Lobo interrompeu.

Ele estendeu a mão para Richard. Richard hesitou um segundo e depois a apertou. A expressão de sua boca quando a

mão foi engolida fez Jack acreditar que Richard esperava o tipo de tratamento que Lobo tinha dado a Heck Bast há muito tempo.

— Este é o irmão de cria do *meu* Lobo — disse orgulhosamente Jack.

Ele pigarreou, não sabendo muito bem como expressar seus sentimentos pelo irmão dessa criatura. Será que Lobos entendiam condolências? Seria parte do ritual deles?

— Eu amava seu irmão — disse Jack. — Ele me salvou a vida. Exceto por Richard, acho que foi o meu melhor amigo. Lamento muito a morte dele.

— Agora ele está na lua — disse o irmão de Lobo. — Ele voltará. Como a lua, Jack Sawyer, tudo desaparece. E, como a lua, tudo volta a aparecer. Vamos lá. Quero sair deste lugar fedorento.

Richard parecia confuso, mas Jack compreendeu e mais do que se solidarizou; o posto de gasolina parecia cercado de um quente e oleoso aroma de hidrocarbonetos. Era como uma névoa marrom transparente ao redor do posto.

O Lobo foi até o Cadillac e abriu a porta traseira como um motorista, o que Jack, aliás, supunha que ele fosse.

— Jack?

Richard parecia assustado.

— Está tudo bem.

— Mas para onde...

— Para minha mãe, eu acho — disse Jack. — Vamos atravessar o país inteiro até Arcádia Beach, em New Hampshire. Viajando de primeira classe. Vamos lá, Richie.

Eles caminharam para o carro. No grande banco traseiro, havia um amassado e velho estojo de guitarra. Jack sentiu o coração saltar dentro do peito.

— Speedy!

Ele se virou para o irmão de cria de Lobo.

— Speedy vai conosco?

— Não conheço ninguém chamado Speedy — disse o Lobo. — Tive um tio chamado Speedy, mas ele morreu, ficou muito velho. Lobo! Não conseguiu acompanhar o rebanho.

Jack apontou o estojo de guitarra.

— De onde veio isso?

O Lobo sorriu, mostrando uma fileira de dentes grandes.

— De Parkus — disse ele. — E também lhe deixou outra coisa, quase ia me esquecendo.

Tirou do bolso traseiro do macacão um postal muito velho. No postal havia um carrossel cheio de cavalos que Jack conhecia: Ella Speedy e a Dama Prateada figuravam entre eles. Em torno do carrossel, porém, havia senhoras de saias armadas, garotos de calções, homens de chapéu-coco e grandes bigodes curvados na ponta. O cartão estava sebooso de tão velho.

Jack virou o cartão e leu primeiro as palavras impressas: CARROSSEL DE ARCADIA BEACH, 4 DE JULHO DE 1894.

Tinha sido Speedy — e não Parkus — quem tinha rabiscado três frases no espaço da mensagem. A caligrafia trêmula, irregular fora escrita com um lápis de ponta rombuda.

Você conseguiu fazer maravilhas, Jack. Abra o estojo e use o que precisar. Guarde o resto ou jogue fora.

Jack guardou o postal no bolso, entrou na traseira do Cadillac e acomodou-se no luxuoso assento. Um dos trincos do velho estojo da guitarra estava quebrado. Ele abriu os outros três.

— Meu Deus! — Richard murmurou, entrando depois de Jack.

O estojo de guitarra estava apinhado de notas de 20 dólares.

O LOBO LEVOU-OS para casa, e embora Jack fosse ficando cada vez mais confuso sobre os inúmeros acontecimentos daquele outono, cada momento da viagem ficaria gravado em sua memória pelo resto da vida. Ele e Richard sentaram-se na parte de trás do El Dorado e o Lobo conduziu-os dia e noite na direção do leste. O Lobo conhecia as estradas e levou-os em segurança. Às vezes, punha fitas do Creedence Clearwater Revival no toca-fitas —*Run Through the Jungle* era a música preferida dele —, sempre num volume que parecia dilacerar os tímpanos. Depois passava longos períodos de tempo ouvindo as variações do vento enquanto mexia no botão que controlava o quebra-vento. Aquilo parecia deixá-lo inteiramente fascinado.

Leste, leste, leste. Toda a manhã na direção do nascente, na direção da misteriosa penumbra azul-escura de cada alvorada, ouvindo primeiro John Fogerty e depois o vento, John Fogerty e depois o vento de novo.

Comeram no Stuckey's. Comeram no Burger King. Pararam no KFC. Neste restaurante, Jack e Richard jantaram; o Lobo pediu um balde tamanho família e devorou todos os 21 pedaços de frango. Pelo som, comeu também a maioria dos ossos. Jack lembrou-se de Lobo com o saco de pipocas. Onde tinha sido? Em Muncie. Nos arredores de Muncie, no Town Line Sixplex. Pouco antes de começarem a serem jogados na Casa Sunlight. Ele sorriu... e sentiu uma espécie de flecha penetrar em seu coração. Olhou pela janela para Richard não ver o brilho das lágrimas.

Na segunda noite, pararam em Julesburg, Colorado. Lobo tirou da mala uma churrasqueira portátil e promoveu um enorme piquenique. Comeram à luz das estrelas, num campo nevado, enrolados em pesados cobertores comprados com o dinheiro do estojo de guitarra. Uma chuva de meteoros faiscou no céu e Lobo dançou na neve como uma criança.

— Adoro esse sujeito — disse Richard com ar pensativo.

— É, eu também. Você devia ter conhecido o irmão dele.

— Gostaria mesmo.

Richard começou a recolher os restos da refeição. O que ele disse em seguida deixou Jack bastante confuso.

— Estou esquecendo muita coisa, Jack.

— O que está querendo dizer?

— O que eu disse. A cada quilômetro me lembro um pouco menos do que aconteceu. Tudo está ficando embaçado em minha mente. E acho... acho que é isso mesmo que quero que aconteça. Olhe, você tem certeza de que sua mãe está bem?

Jack já tentara falar com a mãe ao telefone três vezes. Não houve resposta. Mas ele não ficou muito preocupado com isso. As coisas estavam bem. Pelo menos era o que esperava. Quando chegasse a Arcadia Beach, ela estaria à sua espera. Doente, mas ainda viva. Pelo menos, era o que esperava.

— Sim.

— Então por que ela não atende ao telefone?

— Sloat deve ter feito alguma coisa com os telefones — disse Jack. — Ele fez algum arranjo com a recepção do Alhambra também, aposto. Ela ainda está bem. Doente, mas bem. Ainda está lá. Eu sinto isso.

— E se o poder de cura do talismã fizer efeito... — Richard fez uma careta, depois arriscou. — Você ainda... quero dizer, você acha que ela me deixaria... você sabe, ficar com vocês?

— Não — disse Jack, ajudando Richard a recolher os restos do jantar. — Provavelmente, vai querer mandá-lo para um orfanato. Ou colocá-lo na cadeia. Não seja tolo, Richard, é claro que pode ficar conosco.

— Bem... depois de tudo o que meu pai fez...

— Foi seu pai, Richie — disse Jack com naturalidade. — Não você.

— Mas será que você e sua mãe não vão ficar sempre me lembrando do que aconteceu? Você sabe... avivando a minha memória?

— Não se você quiser esquecer.

— Eu quero, Jack. Quero mesmo.

O Lobo se aproximava.

— Estão prontos, garotos? Lobo!

— Tudo pronto — disse Jack. — Escute, Lobo, que tal ouvir um pouco daquela fita do Scott Hamilton que comprei em Cheyenne?

— Tudo bem, Jack. E depois, que tal um pouco de Creedence?

— *Run Through the Jungle*, certo?

— É uma boa canção, Jack! Pesada! *Lobo!* Uma música *pesada* mesmo!

— É isso aí, Lobo. — Ele revirou os olhos para Richard. Richard revirou os dele e sorriu.

No dia seguinte, rolaram por Nebraska e Iowa; um dia depois, passaram pelos destroços da Casa Sunlight. Jack achou que o Lobo seguira aquele caminho de propósito, que talvez quisesse ver o lugar onde o irmão morrera. O Lobo colocou a fita do Creedence no volume máximo, mas Jack ainda achou que podia ouvi-lo soluçar.

O tempo passava — ondas de tempo fluindo no ar. Jack parecia estar quase flutuando. Havia uma sensação de leveza, triunfo, adeus... E um sentimento de dever lealmente cumprido.

Por volta do pôr-do-sol do quinto dia, chegaram à divisa da Nova Inglaterra.

Capítulo Quarenta e Sete

O Fim da Jornada

1

TODA A LONGA VIAGEM da Califórnia à Nova Inglaterra pareceu, depois que chegou naquele ponto, ter transcorrido numa longa mas única tarde e noite. Uma tarde que durou dias, uma noite que pareceu durar a vida toda, um período cheio de crepúsculos, música e emoções. *Pelo amor de Deus, Jack pensou, eu estou completamente perdido.* Pensou isso quando, pela segunda vez em

que ele achou que meia hora tinha se passado, Jack olhou para o pequeno relógio do painel do carro e constatou que tinham corrido três horas num piscar de olhos. Ainda era o mesmo dia? *Run Through the Jungle* trovejava no ar; o Lobo balançava a cabeça no compasso da música, sorrindo sempre, encontrando infalivelmente as melhores estradas. Na janela de trás, o céu se abria em grandes faixas de luz crepuscular: tons azuis, roxos e aquele vermelho particularmente profundo do pôr-do-sol. Jack seria capaz de lembrar cada detalhe daquela longa, longa jornada; cada palavra, cada refeição, cada nuance da música, Zoot Sims, John Fogerty ou apenas Lobo se deliciando com os ruídos do ar. A verdadeira extensão do tempo, porém, convergia em sua mente como uma ponta de diamante. Ele adormecia no confortável assento traseiro e abria os olhos na luz ou na escuridão, na luz do sol ou das estrelas. Entre as coisas de que se lembrava com particular nitidez, assim que entraram na Nova Inglaterra e o talismã voltou a brilhar, assinalando o retorno do tempo normal — ou talvez o retorno do próprio tempo para Jack Sawyer, estavam os rostos de pessoas espreitando para o banco traseiro do El Dorado (pessoas em áreas de estacionamento; um marinheiro e uma moça de rosto enorme num conversível, parados no sinal de trânsito de uma cidadezinha ensolarada de Iowa; um garoto de Ohio, muito magro, usando acessórios de bicicleta estilo “O Vencedor”). Talvez quisessem saber se Mick Jagger ou Frank Sinatra decidiram fazer uma visita a eles. Nada disso, é só a gente, pessoal. O sono continuava a levá-lo embora. Certa vez, acordou (Colorado? Illinois?) sob a forte bateria do rock, Lobo estalando os dedos enquanto o carro rodava suavemente na direção de um magnífico horizonte alaranjado, roxo, azul, e viu que Richard tinha comprado um livro e lia com o auxílio da pequena luzinha lateral do Cadillac. O livro era *O romance da ciência*. Richard estaria sempre a par da hora exata. Jack levantou os olhos e deixou a música e as cores da tarde transportarem-no de novo. Eles tinham *conseguido*, tinham feito *tudo*... Tudo excluindo o

que ainda precisavam fazer numa pequena e quase deserta cidadezinha balneária de New Hampshire.

Cinco dias ou apenas um longo e sonhador crepúsculo? “Run Through the Jungle.” O sax-tenor de Zoot Sims dizendo: *Aqui está uma história para você, você gosta dela?* Richard era seu irmão, seu irmão.

A noção de tempo voltou durante o mágico crepúsculo do quinto dia, quando o talismã retornou à vida. *Oatley*, Jack pensou no sexto dia, *eu podia ter mostrado a Richard o túnel de Oatley e o que sobrou da Oatley Tap. Eu podia ter mostrado a Lobo de que modo se chega lá...*

Mas Jack não queria ver Oatley de novo, não havia satisfação ou prazer nisso. E agora estava consciente de como estavam próximos, do quanto tinham viajado enquanto ele flutuava pelo tempo. Já em Connecticut, Lobo os conduzia para a grande e ampla artéria da rodovia 95. Arcadia Beach estava apenas a duas divisas de distância, no alto da costa recortada da Nova Inglaterra. De agora em diante, Jack contaria os quilômetros, e os minutos também.

2

ÀS CINCO E QUINZE do fim de tarde de 21 de dezembro, cerca de três meses após Jack Sawyer ter ido com a cara e a coragem (e com todas as suas esperanças) para oeste, um Cadillac El Dorado preto manobrou no acesso de cascalho da Pousada dos Jardins do Alhambra, na pequena cidade de Arcadia Beach, em New Hampshire. No oeste, o crepúsculo era uma exuberante despedida com tons vermelhos e alaranjados desbotando em amarelo... em

azul... em roxo. Nos jardins, as árvores estalavam os galhos secos sob um áspero vento de inverno. Até menos de uma semana, havia entre elas uma árvore que pegava e comia pequenos animais: esquilos, pássaros, o gato de pelo brilhante e sempre esfomeado do empregado da recepção. Aquela pequena árvore morrera subitamente. As outras coisas que cresciam no jardim, embora esqueléticas agora, ainda abrigavam a dormente vida vegetal de inverno.

Os pneus com aro metálico do El Dorado sacolejavam e estalavam no cascalho. De dentro do carro, abafado atrás do vidro polarizado, vinha o som de Creedence Clearwater Revival. *As pessoas que conhecem minha magia*, John Fogerty cantava, *encheram a terra de fumaça*.

O Cadillac parou defronte a grandes portas duplas. Atrás delas só havia escuridão. Os faróis se apagaram e o enorme carro ficou na sombra, o cano de descarga ainda soltando uma fumaça branca, a luz alaranjada das lanternas ainda brilhando.

Ali, no fim do dia; ali, no pôr-do-sol, com o glorioso céu do oeste inflamado de cores.

Ali.

Ali e agora.

3

A TRASEIRA DO CADILLAC estava iluminada por uma luminosidade fraca, trêmula. O talismã tremeluziu, mas seu brilho era débil, pouco maior que o brilho de um vaga-lume moribundo.

Richard virou-se lentamente para Jack. Seu rosto estava pálido e assustado. Ele agarrava Carl Sagan com ambas as mãos,

torcendo o livro como uma lavadeira torceria um lençol.

O talismã de Richard, Jack pensou e sorriu.

— Jack, você quer...

— Não — disse Jack. — Espere até eu chamar.

Jack abriu a porta traseira, começou a sair do carro, depois olhou para Richard. Ele continuava encolhido no assento, torcendo o livro. Parecia angustiado.

Sem pensar, Jack tornou a entrar e deu um beijo no rosto de Richard. Ele pôs o braço em torno do pescoço do amigo e abraçou-o febrilmente. Depois deixou Jack sair. Nenhum dos dois disse nada.

4

JACK DIRIGIU-SE para os degraus que levavam ao saguão do hotel. De repente, porém, virou à direita e caminhou até a beira da estrada do jardim. Ali havia uma grade de ferro. A grade debruçava-se sobre uma rocha cheia de arestas e fendas que descia até a praia. Adiante, à direita, erguendo-se contra o céu que escurecia, achava-se a montanha-russa do Arcadia Funworld.

Jack levantou o rosto para o leste. O vento que assolava a simetria dos jardins tirava-lhe o cabelo da testa, soprava-o para trás.

Ele ergueu o globo, como se estivesse fazendo uma oferenda ao mar.

5

A 21 DE DEZEMBRO de 1981, um rapaz chamado Jack Sawyer estava perto do lugar onde a terra e o mar se encontram, as mãos segurando um objeto de algum valor, os olhos fixos na calma e cada vez mais escura superfície do Atlântico. Naquele dia, completou 13 anos, embora não soubesse disso, e estava extraordinariamente belo. O cabelo castanho era comprido, talvez comprido demais, mas a brisa marinha o tirava da testa bonita, límpida. Estava pensando na mãe e na suíte que compartilhara com ela naquele hotel. Será que ela ia acender uma luz lá em cima? Jack suspeitava que sim.

Jack se virou, os olhos faiscando de modo selvagem à luz do talismã.

6

A MÃO TRÊMULA e esquelética de Lily tateou pela parede à procura do interruptor. Encontrou-o e acendeu a luz. Qualquer um que a visse naquele momento talvez teria vontade de virar o rosto. Há mais ou menos uma semana, o câncer começara a disparar dentro dela, como se sentisse que alguma coisa estava a caminho para estragar sua farra. Lily Cavanaugh já não pesava mais que 40 quilos. Sua pele, esticada como pergaminho sobre o crânio, adquirira um tom amarelo. Os círculos marrons debaixo dos olhos tinham se tornado absolutamente negros; os olhos fitavam de dentro das órbitas com uma inteligência exausta e febril. O busto tinha desaparecido. A carne dos braços também. Em suas nádegas e na parte posterior de suas coxas, começavam a surgir escaras.

E não era só isso. Na semana anterior, pegara uma pneumonia.

Em sua debilidade, ela era, é claro, uma candidata privilegiada àquela ou a qualquer outra complicação respiratória. Podia ter sido atingida pela doença mesmo nas melhores circunstâncias... o que, definitivamente, não era o caso. Há muito os aquecedores do Alhambra tinham parado de zumbir e tilintar no meio da noite. Lily não sabia exatamente há quanto tempo; para ela, o tempo se tornara tão impreciso, tão obscuro quanto para Jack no El Dorado. Só lembrava que o calor fugira na noite em que dera um soco na janela e fizera esvoaçar a gaivota que parecia Sloat.

Desde aquela noite, o Alhambra se tornara um congelador deserto. Uma cripta onde ela logo iria morrer.

Se Sloat era responsável pelo que tinha acontecido ao Alhambra, sem dúvida trabalhara muito bem. Todos tinham sumido. *Todos*. Nos corredores não havia mais criadas arrastando seus rangentes carrinhos de limpeza. O homem da manutenção não passava mais assobiando. O sujeito de olhar hipócrita não estava mais no balcão de recepção. Por certo Sloat tinha subornado todos eles; todos tinham ido embora.

Quatro dias atrás, quando Lily não pôde encontrar no quarto comida suficiente para satisfazer seu apetite de passarinho, levantara-se da cama e conseguira caminhar lentamente até o elevador. Levara uma cadeira naquela expedição, que usou alternadamente para sentar, a cabeça caindo de cansaço, e como andador. Demorou quarenta minutos para atravessar os 12 metros de corredor até a porta do elevador.

Apertou várias vezes o botão, mas o elevador não veio. Os botões nem mesmo acenderam.

— Puta merda — Lily murmurou asperamente e arrastou-se por mais seis metros até a escadaria.

— *Ei!* — ela gritou, vergando o corpo nas costas da cadeira para enfrentar um acesso de tosse.

Talvez não tenham ouvido o grito, ela pensou, mas sem dúvida me ouviram colocar pra fora os restos dos meus pulmões.

Só que não veio ninguém.

Ela gritou de novo, gritou mais duas vezes, teve outro acesso de tosse e depois começou a recuar pelo corredor que parecia tão interminável quanto uma longa reta de estrada no Nebraska em um dia de sol. Não se atreveria a descer aqueles degraus. Sabia que jamais ia conseguir subi-los de novo. Além disso, não encontraria ninguém lá embaixo; nem no saguão, nem no Lombo do Cordeiro, nem na cafeteria, nem *em lugar algum*. E os telefones estavam cortados. Pelo menos o telefone do quarto *dela* estava cortado e ela não ouvia mais um único tilintar naquele velho mausoléu. Não valia a pena descer. Era má ideia. Não queria morrer congelada no saguão.

— Jack-O — ela murmurou. — onde diabos você...

Então Lily começou a tossir de novo e caiu de fraqueza no meio do ataque, puxando a feia cadeira por cima dela. Ficou estendida no chão frio por quase uma hora. Provavelmente foi aí que a pneumonia penetrou no frágil pedaço de carne em que se transformara seu corpo. *Olá, grande C! Eu sou o novo morador do pedaço! Pode me chamar de grande P! Vamos ver que chega primeiro?*

De alguma forma ela conseguiu voltar ao quarto, e desde então passou a subsistir numa espiral de febre cada vez mais profunda, ouvindo a respiração ficar sempre mais alta até a mente febril começar a imaginar os pulmões como dois aquários orgânicos onde um certo número de correntes submersas chacoalhavam. Lily, porém, aguentou; aguentou porque parte de sua mente insistia em dizer com louca, frenética certeza que Jack estava a caminho, que Jack estava voltando.

O INÍCIO DO COMA final foi como uma cavidade na areia — uma cavidade que passa a girar como um redemoinho. O som de correntes submersas em seu peito transformou-se numa longa e seca exalação: *Hahhhhhhh...*

Então alguma coisa tirou-a daquela espiral cada vez mais funda e obrigou-a a tatear pela parede, no frio e na escuridão, em busca do interruptor de luz.

Ela saiu da cama. Não tinha mais forças para fazer isso; um médico teria achado graça da ideia. Contudo, ela conseguiu. Caiu duas vezes sobre o colchão, mas conseguiu ficar de pé, a boca contorcida num esgar de esforço. Tateou em direção a uma cadeira, encontrou-a, e começou a oscilar pelo quarto até a janela.

Lily Cavanaugh, rainha das Produções B, tinha desaparecido. Aquilo era um horror ambulante, comido pelo câncer, queimando de febre.

Ela chegou à janela e olhou para fora.

Viu uma forma humana lá embaixo... E um globo brilhante.

Jack! Ela tentou gritar. Mas nada escapou de sua boca além de um murmúrio rouco. Levantou uma das mãos, tentando acenar. A fraqueza.

(Haahhhhhh...)

caiu sobre ela. Lily agarrou-se ao parapeito.

— *Jack!*

Subitamente o globo de luz faiscou intensamente, iluminando o vulto que o segurava. *Era* Jack, era o rosto de Jack, oh, graças a Deus, era Jack. Jack tinha voltado para casa.

O vulto começou a correr.

Jack!

Os olhos fundos e agonizantes se tornaram ainda mais brilhantes. Lágrimas correram pelo rosto amarelo e tenso.

— *MAMÃE!*

Jack atravessou correndo o saguão e viu que a antiquada mesa da telefonista havia estava fundida e enegrecida, como se tivesse sido atingida por uma descarga elétrica, mas deixou isso de lado. Ele tinha visto a mãe e seu aspecto era *terrível*; fora como contemplar a silhueta de um espantalho na janela.

— *Mamãe!*

Jack arremessou-se pelas escadas, subindo primeiro dois degraus de cada vez, depois três. O talismã ensaiou uma explosão de luz avermelhada e depois ficou escuro em suas mãos.

— *Mamãe!*

Disparou pelo corredor, os pés voando, e agora, por fim, ouvia a voz dela: não foi um grito estridente, nem uma risada gutural, foi o gemido rangente de uma criatura à beira da morte.

— Jacky?

— *Mamãe!*

Ele irrompeu em direção ao quarto.

LÁ EMBAIXO, NO carro, um nervoso Richard Sloat olhou pelo vidro polarizado da janela. O que ele estava fazendo ali, o que *Jack* estava fazendo ali? Os olhos de Richard doíam. Teve de fazer força para enxergar as janelas no meio da noite escura. Quando Richard se curvou para o lado e levantou os olhos, uma ofuscante luz branca irrompeu de várias janelas, cobrindo momentaneamente toda a

fachada do hotel de uma camada deslumbrante, quase palpável, de luz. Richard pôs a cabeça entre os joelhos e gemeu.

10

ELA ESTAVA CAÍDA no chão, embaixo da janela — ele finalmente a viu lá. A cama amarrotada, de aparência um tanto poeirenta, estava vazia; todo o quarto, desarrumado como um quarto de criança, parecia vazio... O estômago de Jack tinha se congelado e as palavras recuavam em sua garganta. Então o talismã enviou outra de suas grandes camadas de luz. Por um instante tudo dentro do quarto adquiriu uma brancura ofuscante.

— *Jacky?* — Lily gemeu mais uma vez.

— MAMÃE! — ele berrou, vendo-a amassada no chão como um embrulho de doce. Ralo e grudado à cabeça, o cabelo de Lily caía sobre o tapete sujo do quarto. As mãos lembravam garras descarnadas de um pequeno animal.

— Oh, Deus, mamãe, oh, poxa, minha nossa — Jack balbuciou e, de alguma forma, conseguiu atravessar o quarto sem dar um único passo. Num instante que lhe pareceu tão bidimensional quanto a imagem de um negativo fotográfico, ele *flutuou, nadou* pelo desarrumado e congelado quarto da mãe. O cabelo formava uma poça no tapete sombrio, as mãos se fechavam ressaltando os nós afilados dos dedos.

Jack inalou o penetrante odor de doença, de morte iminente. Jack não era médico e ignorava as coisas que andavam tão erradas no corpo de Lily. Mas sabia de uma coisa: ela estava morrendo, a vida de Lily estava se escoando por fendas invisíveis, o tempo que lhe restava era muito pouco. Ela sussurrou duas vezes o nome do

filho, e isso foi praticamente tudo o que o resto de vida que ainda havia dentro dela permitiu. Já começando a chorar, Jack pôs a mão na cabeça inconsciente da mãe e pousou o talismã no chão ao lado dela.

O cabelo de Lily parecia cheio de areia e a cabeça ardia de febre.

— Oh, mamãe, mamãe — Jack disse, e pôs as mãos sob ela. Ainda não pudera lhe ver o rosto. Do outro lado da fina camisola, a cintura estava quente como a porta de um forno. Na palma da outra mão de Jack, o ombro esquerdo pulsava com um calor igual. Ela não mais possuía camadas confortáveis de carne sobre os ossos. Por um sinistro segundo de tempo, a mãe pareceu uma criança pequena e suja, abandonada doente num quarto. Lágrimas incontroláveis começaram a correr dos olhos de Jack. Ele a ergueu, e foi como suspender uma trouxa de roupas. Jack gemeu. Os braços de Lily penderam frouxamente, desgraciosamente.

(Richard)

Richard também estivera... não tão mal assim, nem mesmo quando, descendo uma colina na contaminada Point Venuti, a erupção cobriu-lhe as costas de cima a baixo. Na realidade, só havia espinhas e uma vermelhidão naquele momento, embora ele também estivesse ardendo em febre. Mas Jack percebeu com horror irracional que Richard tivera muito mais vida, muito mais *substância* do que a mãe possuía agora. Ainda assim, ela havia chamado seu nome.

(e Richard quase morrera)

Ela o chamara pelo nome. Jack se apegava a isso. Ela conseguira *chegar até a janela*. E o *chamara pelo nome*. Era impossível, inconcebível, imoral imaginar que ela pudesse morrer. Um de seus braços pendia diante de Jack como um caniço pronto a ser cortado ao meio por uma segadeira. A aliança lhe caíra do dedo. Ele estava chorando sem parar, sem respirar, sem perceber.

— Tudo bem, mamãe — disse ele. — Tudo bem, agora está tudo bem, tudo bem, tudo bem.

Do corpo inerte veio uma vibração que podia ser de concordância.

Ele a levou cuidadosamente para a cama, e ela rolou sem resistência para o lado. Jack pôs o joelho na cama e inclinou-se sobre a mãe. O cabelo ralo caiu para longe do rosto dela.

11

CERTA VEZ, POR um vergonhoso momento no início de sua jornada, ele vira a mãe como uma velha — uma velha acabada e exausta numa casa de chá. Assim que a reconheceu, a ilusão se dissipou e Lily Cavanaugh Sawyer recuperou seu antigo eu. Pois a verdadeira Lily Cavanaugh parecia incapaz de envelhecer: seria eternamente uma bela loura com um sorriso breve e um ar atrevido no rosto. Fora esta Lily Cavanaugh que proporcionara novas forças ao coração do filho sorrindo-lhe de um cartaz de rua.

A mulher na cama lembrava muito pouco a atriz do cartaz. As lágrimas de Jack cegaram-no por um momento.

— Oh, não, não, não — ele lastimou e estendeu a palma da mão sobre a face amarela de Lily. Ela parecia estar sem forças até para mover os dedos. Jack pegou-lhe a mão seca, dura, descarnada.

— Por favor, por favor, por favor, não... — Ele não conseguia nem se permitir dizer.

E então Jack percebeu o esforço que aquela mulher mirrada tinha feito. Ela estava procurando por ele, ele percebeu num grande e vertiginoso ímpeto de compreensão. Sua mãe soubera que ele

estava chegando. Confiara em sua volta e, de um modo que devia estar relacionado com o próprio efeito do talismã, pressentira o momento exato de seu retorno.

— Estou aqui, mamãe — ele sussurrou. Um bolo úmido lhe transbordava do nariz. Sem cerimônia, ele o esfregou na manga do casaco.

E de repente Jack viu que estava tremendo da cabeça aos pés.

— Ele veio comigo — disse. Experimentou um momento de absoluto e radiante orgulho, de completa gratificação. — Eu trouxe o talismã.

Colocou suavemente a mão vergada da mãe sobre o cobertor.

Ao lado da cadeira, onde Jack o tinha colocado de forma igualmente suave, o talismã continuava a brilhar. Mas sua luminosidade parecia débil, hesitante, enevoadada. Ele tinha curado Richard fazendo o globo rolar por toda a extensão de seu corpo; fizera o mesmo com Speedy. Mas agora seria de forma diferente. Sabia disso, mas não tinha a menor ideia do que fazer. A não ser que fosse uma questão de saber e não querer acreditar.

Não podia quebrar o talismã, nem mesmo para salvar a vida da mãe; disso tinha *certeza*.

O interior do talismã foi lentamente se inundando de uma brancura enevoadada. As pulsações foram se fundindo e se tornaram uma luz mais firme e uniforme. Então Jack colocou as mãos sobre o globo e ele emitiu uma ofuscante camada de luz, *arco-íris!*, que pareceu quase falar. ENFIM!

Jack atravessou o quarto em direção à cama, o talismã derramando luz do chão à parede, da parede ao teto, iluminando exuberantemente, de forma ofuscante, a cama.

Assim que ele chegou à cama da mãe, a textura do talismã pareceu se alterar sutilmente sob seus dedos. A dureza vítrea *transformou-se* de alguma forma, tornou-se menos escorregadia,

mais porosa. As pontas dos dedos pareceram quase mergulhar no talismã. A névoa que havia dentro dele ferveu e ficou escura.

Nesse momento, Jack experimentou uma forte (na realidade, apaixonada) sensação que, muito tempo atrás, quando atravessou pela primeira vez para uma tímida caminhada nos Territórios, lhe pareceria inteiramente absurda. Ele sabia que, de alguma forma imprevisível, o talismã, o objeto que custara tanto sangue e provocara tanta confusão, ia se modificar. Ia se alterar para sempre, e ele ia perdê-lo. O talismã não ia *mais ser seu*. A superfície do globo estava ficando embaçada, e toda aquela bonita superfície cheia de linhas começava a amolecer. O que agora suas mãos tocavam não parecia vidro, mas plástico em processo de aquecimento.

Mais que depressa, Jack colocou o talismã nas mãos da mãe. O próprio talismã saberia o que fazer; afinal, estava destinado àquele momento. Fora criado, em alguma forja fantástica, para responder às exigências daquele momento específico e de nenhum outro.

Ele não tinha a menor ideia do que devia esperar. Uma explosão de luz? Um cheiro de remédio? O big bang da criação?

Nada aconteceu. A mãe continuou imóvel e ostensivamente morrendo.

— Oh, por favor — Jack deixou escapar. — Por favor, mamãe, por favor...

E então a respiração congelou em seu peito. Uma ranhura, uma das linhas verticais do talismã, tinha se aberto silenciosamente. Uma camada tangível de luz vazou do interior do globo e se concentrou como poça nas mãos de sua mãe. Do interior embaçado do globo macio em processo de esvaziamento uma quantidade cada vez maior de luz continuava a escapar pela fenda.

Do lado de fora do hotel, veio um súbito e alto chilreio de pássaros comemorando a existência.

MAS JACK ESTAVA apenas vagamente consciente desse canto. Sem respirar, inclinou-se para a frente e contemplou o talismã fluir para a cama da mãe. Um brilho enevoadado jorrava do globo. Faíscas e centelhas de luz o inflamavam. Os olhos de Lily se apertaram.

— Oh, mamãe — ele sussurrou. — Oh...

Uma luz cinza e dourada fluiu pela abertura do talismã e subiu nevoentemente pelos braços de Lily. O seu rosto amarelo e enrugado se franziu muito ligeiramente.

Jack inspirou inconscientemente.

(O quê?)

(Música?)

A nuvem cinza e dourada do coração do talismã ia se estendendo sobre o corpo de sua mãe, cobrindo-a de uma membrana transparente mas ligeiramente opaca que se movia com suavidade. Jack contemplou aquele tecido fluido deslizar pelo lastimável peito da mãe, chegando até as pernas descarnadas. Da ranhura aberta no talismã, além da nuvem cinza e dourada, escapava um aroma muito agradável, um aroma ao mesmo tempo doce e selvagem, de flores e terra, um cheiro bom, penetrante; cheiro de nascimento, Jack pensou, embora nunca tivesse assistido a um verdadeiro nascimento. Jack sorveu aquele cheiro e, no meio de sua admiração, foi presenteado com a ideia de que ele, Jack-O Sawyer, estava nascendo naquele exato instante. E então imaginou, com um choque quase imperceptível de reconhecimento, que a abertura no talismã era como uma vagina. (Jack, é claro, nunca vira uma vagina, e não tinha mais que uma noção muito rudimentar de sua estrutura.) Olhou diretamente para a ranhura aberta no distendido e frouxo talismã.

Pouco depois, tomou consciência do incrível alarido, de certa forma misturado com uma débil melodia, dos pássaros do lado de fora das janelas escuras.

(Música? O que...)

Uma pequena bola colorida cheia de luz disparou pelo campo de sua visão. A bola faiscou na ranhura, depois continuou a girar sob a nevoenta superfície do talismã, mergulhando cada vez mais para o mutante e gasoso interior do globo. Jack piscou. Tinha parecido... Outra bola seguiu a primeira, e dessa vez ele teve tempo de observar que naquela minúscula esfera havia manchas azuis, marrons e verdes, contornos de continentes e minúsculas cadeias de montanhas. Ocorreu a Jack que naquele mundo em miniatura haveria outro atônito Jack Sawyer contemplando outra esfera ainda menor, e naquela esfera ainda menor haveria outro Jack-O, do tamanho de um grão de poeira, contemplando outro pequeno mundo, dessa vez do tamanho de um átomo. Outro mundo se seguiu aos dois primeiros, girando, ondulando entre os nublados movimentos do talismã.

A mãe dele moveu a mão direita e gemeu.

Jack começou a chorar copiosamente. Ela ia viver. Agora ele sabia disso. Tudo funcionara como Speedy dissera. O talismã estava forçando a vida a retomar ao corpo da mãe dominado pela enfermidade, exausto. O talismã estava matando o mal que a destruíra. Ele se inclinou para a frente, por um momento quase cedendo à imagem de si mesmo beijando o talismã, uma imagem que tomara conta de sua mente. Os aromas de jasmim, hibisco e terra revolvida lhe encheram as narinas. Uma lágrima rolou pela ponta de seu nariz e brilhou como uma joia entre os feixes de luz do talismã. Jack viu um cinturão de estrelas passar flutuando pela fenda e um esplêndido sol amarelo nadar pelo vasto espaço negro. O talismã, o quarto, o mundo lá fora pareciam se encher de música. Um rosto de mulher, o rosto de uma estranha, atravessou a abertura. Depois rostos de crianças e rostos de outras mulheres... As lágrimas rolaram com mais intensidade pelo rosto de Jack quando ele viu o rosto da mãe flutuando no talismã: feições ternas, confiantes, atrevidas de uma rainha de mais de 50 filmes sem

grandes pretensões. E quando viu seu próprio rosto flutuando entre todos os mundos e vidas que brotavam do talismã, achou que ia explodir de êxtase. Ele se *expandiu*. Inspirava luz. E por fim tomou consciência dos ruídos à sua volta quando viu os olhos da mãe ficarem abertos por pelo menos dois abençoados segundos.

(tão vivos como os pássaros, tão vivos como os mundos contidos no talismã, Jack ouviu sons de trombones e trompetes, gritos de saxofone; vozes combinadas de rãs e tartarugas e pombas cantando: *As pessoas que conhecem minha magia encheram a terra de fumaça*; Jack ouviu vozes de lobos fazendo *wolfmusic* para a lua. A água bateu no casco de um navio e uma barbatana de peixe bateu na superfície de um lago. Um arco-íris bateu no chão e um garoto viajante bateu uma gota de cuspe na palma da mão para saber o caminho a seguir. Um bebê que apanhou fez uma careta e abriu o berreiro. E Jack ouviu o vozerio de uma orquestra cantando com seu coração inteiro. E o quarto se encheu da espiral de fumaça de uma voz solitária subindo de tom, subindo, subindo de tom por toda aquela invasão de som. Caminhões engrenaram marchas e apitos tocaram nas fábricas e em algum lugar um pneu explodiu, uma bombinha estourou e um amante sussurrou *outra vez* e um garoto gritou e a voz subiu de tom, subiu de tom e, por um momento, Jack não percebeu que não estava conseguindo ver; mas depois conseguia enxergar de novo).

Os olhos de Lily se arregalaram. Encararam o rosto de Jack com uma sobressaltada expressão de “onde estou”. Era a expressão de um recém-nascido que acabou de chegar ao mundo. Então Lily estremeceu, iniciou uma respiração ofegante...

... e um rio de mundos, de universos e galáxias inclinadas brotou do talismã. Brotou numa torrente de cores de arco-íris. E o rio correu para a boca e para o nariz dela... E se instalou, cintilante, na palidez do corpo dela como gotas de orvalho e deixou-se absorver pelos poros. Por um instante a mãe de Jack ficou envolvida de radiância...

... por um momento sua mãe foi o talismã.

Toda a enfermidade fugiu de seu rosto. Não aconteceu à maneira de uma passagem de tempo num filme. Aconteceu *imediatamente*. Aconteceu *instantaneamente*. Num momento, ela estava doente; no momento seguinte, estava boa. Um corado tom de saúde lhe floresceu nas faces. O cabelo ralo, espigado, tornou-se bruscamente cheio, macio, exuberante, de um escuro tom de mel.

Jack a encarava enquanto ela olhava nos olhos dele.

— *Oh... oh... meu DEUS...* — Lily sussurrou.

A radiância de arco-íris começava a se desbotar — mas a saúde ficou.

— Mamãe?

Jack inclinou-se para a frente. Alguma coisa se amassou como celofane sob seus dedos. Era a delicada casca do talismã. Ele o pousou na mesa-de-cabeceira. Empurrou vários vidros de remédio para fazer isso. Alguns caíram no chão, mas não fazia mal. A mãe não precisaria mais de remédios. Jack depositou o que restara do talismã com delicadeza e reverência, suspeitando — ou melhor, *sabendo* — que mesmo aquela sobra logo desapareceria.

A mãe sorriu. Foi um sorriso lindo, completo um tanto surpreso: *Alô, mundo, eu estou aqui de novo! O que você acha disso?*

— Jack, você voltou para casa — ela disse por fim, e esfregou os olhos para ter certeza de que não se tratava de uma miragem.

— É claro — disse Jack. Ele tentou sorrir. E foi um bom um sorriso apesar das lágrimas que não paravam de cair pelo seu rosto. — É claro que voltei.

— Estou me sentindo... muito melhor, Jack-O.

— É mesmo? — Ele sorriu, esfregou os olhos molhados com as palmas das mãos. — Isso é ótimo, mamãe.

Os olhos dela estavam radiantes.

— Me abrace, Jacky.

No quarto andar de um deserto hotel de veraneio da minúscula costa de New Hampshire, um garoto de 13 anos chamado Jack Sawyer inclinou-se para a frente, fechou os olhos e, sorrindo, deu um forte abraço na mãe. Sua vida comum de escola, amigos, jogos e música, uma vida onde havia escolas a se frequentar e lençóis entre os quais deslizar à noite, a vida comum de um garoto de 13 anos (se é que a vida de um garoto dessa idade, com todo o colorido de seu alvoroço, pode ser considerada comum) tinha sido devolvida a ele, ele percebeu. Isso também era obra do talismã. Quando Jack se lembrou de virar a cabeça e procurá-lo, o talismã sumira.

EPÍLOGO

Num quarto branco e tumultuado, cheio de mulheres ansiosas, Laura DeLoessian, Rainha dos Territórios, abriu os olhos.

CONCLUSÃO

Assim termina esta crônica. Por ser estritamente a história de um *garoto*, deve parar aqui; a história não poderia ir à frente sem se tornar a história de um *homem*. Quando se escreve um romance sobre gente grande, sabe-se exatamente onde parar: isto é, em um casamento; mas quando se escreve sobre crianças e adolescentes, deve-se parar onde se achar melhor.

A maioria dos personagens que fizeram parte deste livro ainda vive, e são prósperos e felizes. Algum dia talvez valha a pena retomar a história e ver o que... aconteceu a eles; portanto, é melhor não revelar qualquer detalhe de suas vidas presentes.

(Mark Twain, *Tom Sawyer*)



Revista Suprassuma - Edição 1

Postay, Andrezza

9786557825990

168 páginas

[Compre agora e leia](#)

Suprassuma é a revista de ficção especulativa da Editora Suma, digital e colaborativa. Nessa edição de estreia, oito autores nacionais contam histórias inéditas sobre suas perspectivas de uma "primeira vez".

A revista Suprassuma nasce da necessidade e do desejo de ouvir as vozes da literatura fantástica no Brasil, criando o portal para um universo compartilhado. Dentro dele, criaturas desconhecidas, mundos inexplorados e histórias únicas que ninguém mais poderia contar. Essa primeira edição traz oito dessas histórias, selecionadas dentre as mais de oitocentas que foram submetidas no primeiro

editado e editado com muito carinho pela Suma junto aos autores.

Em *O destino não é endereço*, de Jana Bianchi, uma mulher capaz de atravessar umbrais para qualquer lugar no mundo resgata perseguidos políticos da ditadura.

Em *Não vai ser a primeira, nem a última*, de Fernanda Castro, uma mulher engravida de um demônio em um mundo onde crianças híbridas são tratadas como aberrações.

Em *Um ajuste de ponteiros*, de Moacir Fio, duas irmãs em uma família de viajantes no tempo enfrentam os desafios dessa convivência.

Em *Orvalho flamejante*, de Giu Yukari Murakami, uma família imigrante portadora do dom do fogo busca um recomeço no Norte do Brasil.

Em *Vertente*, de Andrezza Postay, uma mulher faz um retorno à infância, à casa dos avós e um passeio pelas vertentes da memória.

Em *Ith*, de Ariel Ayres, um novato recebe a missão de apertar o botão que explodirá um planetinha.

Em *Ressurreição*, de Fabiane Guimarães (autora convidada), a medicina 5.0 traz

promessas de imortalidade... para aqueles que podem pagar por ela.

Em *Dias de pouco pão e zero sonho*, de Saskia Sá, uma mulher entra em uma loja de antiguidades mágicas e se sente atraída por um colar que mudará seu destino.

[Compre agora e leia](#)



A guerra dos tronos

Martin, George R. R.

9788554513566

600 páginas

[Compre agora e leia](#)

***A guerra dos tronos* é o primeiro livro da série best-seller internacional *As Crônicas de Gelo e Fogo*, que deu origem à adaptação de sucesso da HBO, *Game of Thrones*.**

O verão pode durar décadas. O inverno, toda uma vida. E a guerra dos tronos começou. Como Guardião do Norte, lorde Eddard Stark não fica feliz quando o rei Robert o proclama a nova Mão do Rei. Sua honra o obriga a aceitar o cargo e deixar seu posto em Winterfell para rumar para a corte, onde os homens fazem o que lhes convém, não o que devem... e onde um inimigo morto é algo a ser admirado.

Longe de casa e com a família dividida, Eddard se vê cada vez mais enredado nas intrigas mortais de Porto Real, sem saber que perigos ainda maiores espreitam a distância.

Nas florestas ao norte de Winterfell, forças sobrenaturais se espalham por trás da Muralha que protege a região. E, nas Cidades Livres, o jovem Rei Dragão exilado na Rebelião de Robert planeja sua vingança e deseja recuperar sua herança de família: o Trono de Ferro de Westeros.

"A guerra dos tronos é a maior obra de fantasia desde que Bilbo encontrou o Anel." — SF Reviews

[Compre agora e leia](#)

Carlos Ruiz Zafón

A SOMBRA DO VENTO

A SÉRIE
COM MAIS DE
50 MILHÕES DE
CÓPIAS VENDIDAS
NO MUNDO

"Quem gosta de romances emocionantes, trágicos e surprecedentes deveria correr à livraria mais próxima e pegar A sombra do vento." *The Washington Post*

SUMA

A sombra do vento

Zafón, Carlos Ruiz

9788543809526

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

O primeiro livro da série O Cemitério dos Livros Esquecidos.

Barcelona, 1945. Daniel Sempere acorda na noite de seu aniversário de onze anos e percebe que já não se lembra do rosto da falecida mãe. Para consolá-lo, o pai leva o menino pela primeira vez ao Cemitério dos Livros Esquecidos.

É lá que Daniel descobre *A sombra do vento*, romance escrito por Julián Carax, que logo se torna seu autor favorito, sua obsessão. No

entanto, quando começa a buscar outras obras do escritor, Daniel descobre que alguém anda destruindo sistematicamente todos os exemplares de todos os livros que Carax já publicou, e que o que tem nas mãos pode muito bem ser o último volume sobrevivente.

Junto com seu amigo Fermín, Daniel percorre a cidade, adentrando as ruelas e os segredos mais obscuros de Barcelona. Anos se passam e sua investigação inocente se transforma em uma trama de mistério, magia, loucura e assassinato. E o destino de seu autor favorito de repente parece intimamente conectado ao dele.

[Compre agora e leia](#)

DEPOIS STEPHEN KING

APENAS
OS MORTOS
NÃO TÊM
SEGREDOS.

SUM



Depois

King, Stephen

9786557821688

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um livro que demonstra todo o talento de Stephen King, *Depois* é assustador e emocionante, e fala dos desafios de crescer e aprender a distinguir o certo do errado. Uma história poderosa, perturbadora e inesquecível sobre o preço de encarar o mal, não importa sob qual forma ele se esconda.

James Conklin não é uma criança comum: ele vê gente morta. Com que frequência? Jamie não sabe bem; afinal, os mortos em geral se parecem muito com os vivos. Exceto pelo fato de que eles ficam para sempre nas roupas em que morreram, e são incapazes de mentir. Sua mãe implora para que ele mantenha essa

habilidade em segredo, o que não é problema na maior parte do tempo. Pelo menos até Liz Dutton, a companheira de sua mãe e detetive do Departamento de Polícia de Nova York, aparecer na saída da escola e anunciar que precisa de ajuda.

É assim que Jamie embarca em uma corrida para desvendar o último segredo de um falecido terrorista, e começa a jornada mais assustadora de sua vida.

"Stephen King já está tão consagrado como o mestre do terror sobrenatural que às vezes esquecemos que o talento dele também cobre todas as outras áreas." - *New York Times Book Review*

[Compre agora e leia](#)

"Raphael Montes
cria uma seleção de histórias
macabras digna dos melhores
contos dos irmãos Grimm,
sem deixar nada a dever a
Stephen King."

FERNANDA TORRES

O VILAREJO

por RAPHAEL MONTES

SUMA
de livros

O Vilarejo

Montes, Raphael

9788581053059

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ilustrações coloridas dão vida a romance com elementos de horror gótico e suspense. Do criador da série original Netflix "Bom dia, Verônica".

Em 1589, o padre e demonologista Peter Binsfeld fez a ligação de cada um dos pecados capitais a um demônio, supostamente responsável por invocar o mal nas pessoas. É a partir daí que Raphael Montes cria sete histórias situadas em um vilarejo isolado, apresentando a lenta degradação dos moradores do lugar, e

pouco a pouco o próprio vilarejo vai sendo dizimado, maculado pela neve e pela fome. As histórias podem ser lidas em qualquer ordem, sem prejuízo de sua compreensão, mas se relacionam de maneira complexa, de modo que ao término da leitura as narrativas convergem para uma única e surpreendente conclusão.

[Compre agora e leia](#)